**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC - Colômbia.**

**Nelson Domingo Dueñas - Pinto
Dissertação de mestrado
FAU-USP
São Paulo – 2009**

Apresentação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

Autor

Nelson Domingo Dueñas - Pinto

NUSP 5739393

Título

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC- Colômbia.**

Área de Concentração

Paisagem e Ambiente

São Paulo, agosto de 2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E MAIL: nelsonduenas@usp.br
ndduenasp@unal.edu.co

D852i Dueñas-Pinto, Nelson Domingo
Itinerário de uma transformação paisagística urbana. O Parque
Terceiro Milênio e a estrutura ecológica urbana na cidade de
Bogotá DC - Colômbia / Nelson Domingo Dueñas-Pinto. --São
Paulo, 2009.
230 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e
Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Paulo Renato Mesquita Pellegrino

1.Meio Ambiente Urbano – Bogotá DC 2.Ecossistemas urbanos
3.Paisagem urbana 4.Renovação urbana 5.Parque Terceiro Milênio –
Bogotá I.Título

CDU 504(862.35-21)

Dedico

A minha mãe (*in memoriam*) e São Judas, por serem a minha companhia espiritual
Delmita, por ser a irmã e mãe adotiva cheia de carinho
A mim pai, de quem eu herdei parte do seu incrível talento
A minha tribo: Nancy, David, Daniel e Valentina, a razão de tudo

AGRADECIMENTOS

No Brasil

A Universidade de São Paulo, pela grande oportunidade de realizar os estudos
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação, pela compreensão
Comissão de Cooperação Internacional-Reitoria, por abrir as portas do conhecimento

Prof. Dr. Paulo Pellegrino, quem sempre acredito em mim,
e por mudar minha visão do paisagismo
Prof. Dr. Jorge Oseki (in memorian), por defender o espaço do cidadão
Prof. Dr. Vladimir Bartolini, pelo olhar abrangente da paisagem
Prof. Dra. Maria de Assunção Franco, pelo convite ao estudo ambiental
Dr. Deisemara Nascimento da Silva, por seu incondicional apoio
Cristina Lafasse e Ivani Sokoloff, por sua compreensão e ajuda

Vera e filhas, por acolher minha família como a dela
Marta, Edivaldo Zago e família, pela educação de meus filhos
Cassia Saluotto, Celso e filhos, por serem a segunda família de meus filhos
Adriano Bueno e família, por seu apoio nos momentos difíceis
Estevam Otero, pela amizade e ajuda
Beatriz, Chucho e filhos, por sua companhia e amizade

Na Colômbia

Universidad Nacional de Colombia, pelo apoio em minha formação profissional
Facultad de Artes, por ser meu mundo acadêmico
Instituto de Estudios Ambientales- IDEA, pela iniciação na pesquisa ambiental

Fernando Montenegro, Vicerrector (pro-reitor) da sede Bogotá, por acreditar em mim
Jaime Franky, Decano Faculdade de Artes, pelo respaldo incondicional
Luis Alfonso Pérez, Director Escuela de Arquitectura y Urbanismo, pelo apoio

Misael e Carmenza, porque são os melhores avôs do mundo
Orlando, por ser o irmão e parceiro que todos querem ter
Katherine, pelo carinho e compreensão
Rafael e Silvia, por ser impossível avançar na vida sem vocês
John Barreto, por sua oportuna e incondicional ajuda

Beatriz Martinez, por ser a melhor amiga e companheira incondicional
Pilar Aguilar, por seu apoio incondicional e sabedoria na pesquisa ambiental
Oscar Salamanca, por seus oportunos conselhos
Manuel Martinez, por sua invaluable ajuda
José Muñoz, pela amizade e conselhos
Jimmy Guzmán, por sua paciência e amizade
José Luis Clavijo, por sua valiosa informação

Dr. Carlos Barrios, por cuidar sempre da saúde de minha família
Dr. Orlando Ramos, pela cirurgia bem sucedida
Dra. Bertha Camero e Dra. Yolanda Lugo, pelos cuidados na minha recuperação

Epígrafe

*“[...] no hay batalla entre la civilización y la barbarie,
sino una falsa erudición y la naturaleza”.*

José Martí, 1891

RESUMO

A partir do ano 2000 cunhou-se no discurso do Ordenamento Territorial de Bogotá D.C. o conceito de “Estrutura Ecológica”, o qual foi interpretado como uma categoria fundamental no ordenamento espacial do território, com uma função específica: manter e conduzir a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais do território. Os “parques urbanos” de grande escala – que até antes desse ano eram visualizados como peças isoladas na superfície urbana, destinadas à recreação dos cidadãos – incorporaram-se como um sistema essencial no ordenamento do território por meio deste conceito de Estrutura Ecológica; em consequência, a noção de “parque urbano” de grande escala ou metropolitano adquiriu um compromisso ambiental, que até os dias de hoje não tinha sido plenamente reconhecido.

Neste contexto enquadra-se o Parque Metropolitano Terceiro Milênio, o qual foi concebido como uma obra de renovação urbana no setor de maior deterioramento físico, social e ambiental do centro da cidade, e foi estabelecido sobre o curso e ponto de confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, corpos de água de grande importância desde a fundação da cidade.

Devido ao propósito com o qual foi concebido o projeto e a sua estratégica localização como parte integrante da Estrutura Ecológica de Bogotá, o Parque Terceiro Milênio foi uma grande oportunidade de contribuir para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, a recuperação do sistema hídrico natural, a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos e a transformação da paisagem do centro de Bogotá. A simultaneidade de propósitos que convergiram na concepção, formulação e materialização deste Parque é exatamente o ponto de partida que motivou a pesquisa presente nesta dissertação.

O Parque Terceiro Milênio reúne condições que o tornam uma oportunidade para a reflexão sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental – representado no conceito de Estrutura Ecológica – e a formulação e materialização de um projeto concreto.

É assim que a metodologia privilegia: uma análise do ideário presente nos documentos de formulação do projeto, para o qual se desenvolve uma leitura crítica do conceito de Estrutura Ecológica; uma avaliação em perspectiva histórica e em diferentes escalas, da forma como a cidade ocupou seu território; um exame dos estudos e desenhos dos três projetos que configuraram o ideário do Parque e sua relação com a Estrutura Ecológica; e uma análise integral da relação entre o parque e sua bacia hidrográfica.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu estabelecer, entre outros aspectos, a existência de uma fratura entre o discurso ambiental e o projeto executado, sendo pertinente à academia e à administração distrital lançarem um olhar mais amplo – qualitativa e quantitativa – sobre o sistema hídrico da cidade e, finalmente, sendo necessário implementar novas metodologias e elementos de análise que ressarçam as deficiências que se apresentaram na formulação e construção de projetos urbanos pertencentes à estrutura ecológica, como foi o caso do Parque Terceiro Milênio.

PALAVRAS - CHAVE:

Parque Terceiro Milênio, Estrutura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor Ecológico, Ecossistema, Sistema Hídrico, Paisagem, Renovação Urbana, Bogotá D.C.

ABSTRACT

Since 2000 the concept of “Ecologic Structure” has been incorporated as part of the territorial reorganization of Bogota D.C., and is being interpreted as a fundamental category in the spatial reorganization of the territory, with a specific function: sustain and drive the biodiversity and the territory’s essential ecological processes. The large scale urban parks – which until that year were visualized as separated pieces in the urban landscape providing recreation to inhabitants- were incorporated as an essential system in the territory’s order thru the concept of Ecological Structure; as such, the metropolitan urban park or large scale park acquired an environmental compromise that until then was not recognized.

Under this context, the Third Millennium Metropolitan Park (2000-2005) was conceived as a piece of urban renovation in the area of the city presenting the most physical, social and environmental detriment in the downtown core and it was located where the rivers *San Francisco* and *San Agustín* meet. It should be noted that these two Rivers have been water bodies of great importance since the foundation of the city.

Given the purpose of the project and its strategic location as an integral part of the Ecological Structure of Bogota, the Third Millennium Park was visualized as a great opportunity to contribute to the improvement of the city’s ecosystem, the recovery of the natural hydrological system, the re-naturalization of the network of ecological corridors and the transformation of the downtown’s landscape. The way of these diverse purposes came together during the conception, proposal and implementation of this park is precisely the starting point for this investigation.

The Third Millennium Park meets the conditions that turn it into an opportunity to reflect about the linkages and potential contradictions that exist between the environmental speech – represented by the concept of ecological structure- and the proposal and implementation of a concrete project.

This is how the methodology benefits an analysis of the thoughts and ideas contained in the proposal documents of the project. For this reason the following actions are being conducted: a critical analysis of the Ecological Structure concept; an evaluation of how the city occupied its territory from a historical and scale perspective; research of the designs and studies of the three projects that conformed the conceptualization of the park and its relationship with the Ecological Structure; and a thorough analysis of the relationship between the park and the watershed.

This research established among other aspects that there is a disconnect between the environmental speech and the implemented project, that it is pertinent that the scholars and the municipal administration perform a more comprehensive analysis –quantitative and qualitative- about the hydrological system of the city, and lastly, that it is necessary implementing new methodologies and analysis elements to correct the deficiencies that were found in the proposal and construction of urban projects belonging to the ecological structure, as it was the case with the Third Millennium Park.

KEYWORDS:

Third Millennium Park, Urban Ecological Structure, Urban Park, Ecologic Corridor Ecosystem, Hydrological System, Landscape, Urban Renovation, Bogotá, D.C.

RESUMEN

A partir del año 2000 se acuñó en el discurso del Ordenamiento territorial de Bogotá D.C. el concepto de “Estructura Ecológica”, el cual se interpretó como una categoría fundamental en el ordenamiento espacial del territorio, con una función específica: sostener y conducir la biodiversidad y los procesos ecológicos esenciales del territorio. Los “parques urbanos” de gran escala, -que hasta antes de ese año, se visualizaban como piezas aisladas en la superficie urbana, destinadas a la recreación de los ciudadanos- se incorporaron como un sistema esencial en el ordenamiento del territorio a través de este concepto de Estructura Ecológica; en consecuencia, la noción de “parque urbano” de gran escala o metropolitano, adquirió un compromiso ambiental, que hasta el momento no había sido plenamente reconocido.

En este contexto se enmarca el Parque Metropolitano Tercer Milenio (2000-2005), el cual fue concebido como una obra de renovación urbana en el sector de mayor deterioro físico, social y ambiental del centro de la ciudad y se localizó sobre el cauce y punto de confluencia de los ríos *San Francisco* y *San Agustín*, cuerpos de agua de gran importancia desde la fundación de la ciudad.

Debido al propósito con el cual fue concebido el proyecto y a su estratégica localización como parte integrante de la Estructura Ecológica de Bogotá, el Parque Tercer Milenio era una gran oportunidad para contribuir al mejoramiento de las condiciones del ecosistema de la ciudad, la recuperación del sistema hídrico natural, la re-naturalización de la red de Corredores Ecológicos y la transformación del paisaje del centro de Bogotá. La simultaneidad de propósitos que se dieron cita en la concepción, formulación y materialización de este Parque, es precisamente el punto de partida que motiva la presente investigación.

El Parque Tercer Milenio reúne condiciones que lo convierten en una oportunidad para la reflexión sobre los vínculos y las posibles contradicciones que existen entre el discurso ambiental –representado en el concepto de Estructura ecológica- y la formulación y materialización de un proyecto concreto.

Es así como la metodología privilegia un análisis del ideario presente en los documentos de formulación del proyecto, para lo cual se adelanta una lectura crítica del concepto de Estructura Ecológica; una evaluación en perspectiva histórica y en diferentes escalas, de la manera como la ciudad ocupó su territorio; un examen de los estudios y diseños de los tres proyectos que configuraron el ideario del Parque y su relación con la Estructura Ecológica; y un análisis integral de la relación entre el parque y su cuenca hidrográfica.

El desarrollo de la investigación permitió establecer entre otros aspectos, que existe una fractura entre el discurso ambiental y el proyecto ejecutado, que es pertinente que la academia y la administración distrital realicen una mirada más amplia -cualitativa y cuantitativa- sobre el sistema hídrico de la ciudad, y por último, que es necesario implementar nuevas metodologías y elementos de análisis que subsanen las deficiencias que se presentaron en la formulación y construcción de proyectos urbanos pertenecientes a la estructura ecológica, como lo fue el caso del Parque Tercer Milenio.

PALABRAS CLAVES:

Parque Tercer Milenio, Estructura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor ecológico, Ecosistema, Sistema hídrico, Paisaje, Renovación urbana, Bogotá, D.C.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.	30
Figura 2.	Estrutura Ecológica Urbana (EEU).	32
Figura 3.	Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.	34
Figura 4.	Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.	35
Figura 5.	O conceito de Estrutura Ecológica no POT.	36
Figura 6.	Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.	37
Figura 7.	Unidades geográficas.	40
Figura 8.	A EEU proposta confrontada com a cidade construída.	41
Figura 9.	EEU – Os Parques Urbanos.	43
Figura 10.	Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.	45
Figura 11.	Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.	46
Figura 12.	Mar de Humboldt – “ <i>Salto de Tequendama</i> ”.	47
Figura 13.	Território e Lagoas Sagradas da Cultura <i>Muisca</i> .	49
Figura 14.	Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.	51
Figura 15.	Bacias hidrográficas de Bogotá.	52
Figura 16.	Relação da cidade com seus corpos de água. Colônia.	54
Figura 17.	Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.	57
Figura 18.	<i>Cerros Orientales</i> . Desmatamento.	58
Figura 19.	As praças tornam-se parques.	60
Figura 20.	Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.	61
Figura 21.	Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.	63
Figura 22.	Parques recreativos para Bogotá.	66
Figura 23.	Primeiros planos urbanos para Bogotá. <i>Eixamples</i> .	69
Figura 24.	Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.	71
Figura 25.	A cidade imaginada.	75
Figura 26.	“Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.	77
Figura 27.	1970. Parques <i>Distritales</i> .	79
Figura 28.	A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.	80
Figura 29.	A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.	83
Figura 30.	Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.	88

Figura 31.	Eixos estruturais do Centro da Cidade.	88
Figura 32.	Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).	90
Figura 33.	Dados simplificados do censo. 1999.	92
Figura 34.	Vista aérea do Parque Terceiro Milênio. (B&M).	96
Figura 35.	Planta geral do projeto. Zoneamento geral.	97
Figura 36.	Desenhos de Análise do projeto.	99
Figura 37.	Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).	101
Figura 38.	Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira e Pabón (P&P).	105
Figura 39.	Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.	106
Figura 40.	Desenhos da análise do projeto.	108
Figura 41.	Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto Construído. (EHM).	112
Figura 42.	Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).	114
Figura 43.	Planta geral do Projeto Construído.	115
Figura 44.	Desenhos de análise do projeto.	116
Figura 45.	Percurso fotográfico do Parque.	117
Figura 46.	Plano <i>Maestro</i> Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.	118
Figura 47.	Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.	120
Figura 48.	Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.	124
Figura 49.	Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.	126
Figura 50.	Presença de equipamentos religiosos no setor.	128
Figura 51.	Alamedas, zona rural.	129
Figura 52.	Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).	131
Figura 53.	Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.	132
Figura 54.	As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.	132
Figura 55.	Prédios de abastecimento e indústria.	134
Figura 56.	Equipamentos de cultura e educação.	137
Figura 57.	Canalização do rio <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i> .	140
Figura 58.	Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.	142
Figura 59.	Construção de Avenidas arborizadas.	145
Figura 60.	O “ <i>Bogotazo</i> ” construções e infraestrutura afetada.	146
Figura 61.	Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.	147

Figura 62.	Evolução e ocupação da Praça de <i>San Victorino</i> .	149
Figura 63.	Transformação da moradia e controle da propriedade.	151
Figura 64.	A “ <i>Calle del Cartucho</i> ” e prédio “ <i>El Castillo</i> ”.	153
Figura 65.	Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.	155
Figura 66.	Perda de equipamentos no setor de <i>San Victorino</i> .	156
Figura 67.	Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.	157
Figura 68.	Dinâmicas de ocupação do setor de <i>San Victorino</i> .	158
Figura 69.	Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio.	Folha anexa

ABREVIATURAS

Av.: Avenida
 B.: Bairro
 B&M: Bueno e Montenegro
 C.: Canal
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAN: *Centro Administrativo Nacional*
 CAR: *Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca*
 DAMA: *Departamento Administrativo del Medio Ambiente*
 DAPD: *Departamento Administrativo de Planeación Distrital*
 DC: *Distrito Capital*
 DTS: *Documento Técnico Soporte*
 EAAB: *Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá*
 EEP: Estrutura Ecológica Urbana
 EHM: Esquerre, Hernández e Mazzanti
 ERU: *Empresa de Renovación Urbana*
 FONADE: *Fondo Financiero de Proyectos de Desarrollo*
 I.: Igreja
 IDU: *Instituto de Desarrollo Urbano*
 M&L: Montenegro e Lizarralde
 P&P: Pereira e Pabón
 PMEP: Plano *Maestro* de Espaço Público
 PMTM: Plano *Maestro* Terceiro Milênio
 POT: *Plano de Ordenamento Territorial*
 POUPTM: Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio
 PTM: Parque Terceiro Milênio
 PZCB: Plano Zonal do Centro de Bogotá
 Q.: *Quebrada*. Riacho.
 R. : Rio
 SCA: *Sociedad Colombiana de Arquitectos*

GLOSSARIO

Calle: Rua (nome genérico, as ruas)
Calle: Rua sentido leste – oeste
Carrera: Rua sentido norte – sul
Cerros Orientales/Morros Orientais
Espacio Público /Espaço Livre
Estructura Ecológica Principal/ Estrutura Ecológica Urbana
Plan Maestro /Plano Diretor
 San/ São

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCER MILENIO.	27
1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)	29
1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU	43
2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.	47
2.1 Cenário natural da cidade	48
2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural	56
2.3 A cidade enterra seus corpos de água	62
2.4 Ventos de modernização da cidade	73
2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade	79
3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.	87
3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro	87
3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.	89
3.2.1 Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio (PMTM)	89
3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)	100
3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.	111
3.3 Análise comparativa dos projetos	119
4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.	123
4.1 A bacia dos rios <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i>	124
4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor	128
4.3 De rios de água a rios de carros	136
4.4 Perda de equipamentos e liderança	145
4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental	152
4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio	159
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Vista do Parque Terceiro Milênio – Foto: pelo autor.

Nos últimos dez anos, Bogotá D.C., capital da República da Colômbia, apresentou significativas transformações sociais, físicas e espaciais, as quais receberam vários reconhecimentos internacionais. Entre eles, está o prêmio Leão de Ouro, outorgado à cidade em 2006 na X Bienal de Arquitetura de Veneza. Os organizadores deste evento reconheceram Bogotá por seus visíveis avanços sociais, culturais e tecnológicos, que a consolidaram como uma das metrópoles com maior projeção no mundo.

Além da importância deste prêmio, talvez o maior reconhecimento que a cidade já recebeu, está radcada no fato de se tornar em um referente obrigatório para outras cidades do Terceiro Mundo; o anterior, devido a sua capacidade de gerar programas inovadores, que não somente ajudaram a resolver problemas de infraestrutura urbana, serviços e espaço livre, mas a transformar positivamente a paisagem da cidade. Além dos resultados visíveis, o mérito destes programas centra-se essencialmente em sua capacidade de enfrentar complexas situações sociais, físicas e econômicas, típicas das cidades sul-americanas em desenvolvimento.

O Parque Terceiro Milênio (2000-2005) fez parte do conjunto de programas, planos e obras que se realizaram durante este período de transformação da cidade, e seu desenho mereceu um reconhecimento nacional na *XX Bienal de Arquitectura Colombiana* de 2006: os desenhistas do parque receberam o Prêmio Karl Brunner na categoria de Desenho Urbano e Paisagismo, pois o parque foi o segundo indicado na menção, “[...] uma iniciativa que visava à recuperação integral urbana, paisagística, ambiental e social de um setor estrategicamente situado na cidade de Bogotá”.¹

Precisamente esta afirmação, que se reiterou continuamente durante a concepção, desenho e materialização do Parque Terceiro Milênio, constitui um dos pontos de partida da reflexão que propõe o presente trabalho de pesquisa. Outro ponto de partida foi a filiação do projeto Parque Terceiro Milênio ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana que, como será visto no desenvolvimento deste documento, foi um conceito ambiental que se cunhou no discurso de planejamento da cidade, a partir da formulação do Plano de Ordenamento Territorial adotado em 2000.

Assim, o Parque Terceiro Milênio reúne condições que o transformam em uma boa oportunidade para refletir sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental e a formulação e materialização de um projeto concreto; a estas condições agrega-se a vigência atual do projeto, pois é objeto de inquestionável reconhecimento profissional tanto local como nacionalmente, e pertence ao grupo de significativas transformações físicas e sociais que teve a cidade durante os últimos anos.

Com estas premissas, a pesquisa concretiza-se em quatro diretrizes, cada qual com um propósito próprio: o primeiro, determinar os elementos de reflexão e juízo sobre o Projeto, a partir da revisão do discurso ambiental que constituiu a base teórica do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no Plano de Ordenamento Territorial de Bogotá; o segundo, realizar uma leitura em perspectiva histórica da ocupação espacial urbana da savana e suas implicações no meio natural; o terceiro, verificar a coerência entre o discurso ambiental da cidade e a concepção, formulação e materialização do Parque Terceiro Milênio; e o quarto, realizar um resumo histórico da relação entre o setor de *San Victorino*, o Parque e a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, visando a revelar os possíveis elementos que

¹ Protocolo do jurado, onde também se menciona que, “[...] para o jurado, este tipo de projetos é uma nova manifestação da produção profissional; a intervenção do Distrito, por meio do investimento no espaço público de escala metropolitana, complementada com a infraestrutura viária e de transporte, assim como de um programa de recuperação do espaço público, o primeiro passo para que o espaço privado entre em um processo de transformação e revitalização urbana integral, equilibrada e com participação do setor público, o setor privado e as comunidades.” SCA-Acta do jurado qualificador. Bogotá, 5 de maio de 2006

poderiam enriquecer a reflexão ambiental e propor alternativas que poderiam dar maior alcance ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana na materialização de projetos urbanos e paisagísticos, como no caso dos parques metropolitanos; sem dúvida nenhuma, estes projetos poderiam contribuir positivamente para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, para a recuperação do sistema hídrico natural e para a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos do centro da cidade.

Para a análise do ideário, concepção e formulação do projeto, realizou-se uma leitura crítica dos estudos prévios a sua construção, que incluíam o Plano Zonal do Centro de Bogotá (1986), o Plano Maestro Terceiro Milênio (1998), as Bases do Concurso Arquitetônico de Ideias (1999), a Memória do projeto ganhador, e do Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (2000), que teve, entre suas principais tarefas, o desenho arquitetônico e paisagístico do parque.

Para a análise espacial, estabeleceu-se como estratégia metodológica uma leitura dialética que vai do geral ao particular e vice-versa, por meio de três escalas de análise: a savana-cidade, o centro tradicional e o setor de *San Victorino*, lugar onde está situado o Parque Terceiro Milênio. Em cada uma destas escalas tomou-se como unidade básica de análise a bacia ou sub-bacia hidrográfica. No nível da savana, a bacia do *R. Bogotá*, no nível da cidade, as bacias dos rios *Torça*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, e no nível do centro tradicional, a bacia média dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Com esses objetivos e estratégias metodológicas de pesquisa, o trabalho que se apresenta a seguir divide-se em quatro capítulos. **O primeiro** aborda a construção do conceito de Estrutura Ecológica e sua incorporação como parte fundamental do Plano de Ordenamento Territorial da cidade (Bogotá 2000-2010) e, além disso, indica a maneira como o projeto Parque Terceiro Milênio vincula-se a esta Estrutura como parque metropolitano, essencial na conformação de corredores biológicos prestadores de bens e serviços ambientais. **O segundo** capítulo visa a ilustrar como foi o processo de ocupação da savana da cidade de Bogotá, desde a conquista até os dias de hoje; com este propósito, foram registradas cronologicamente as transformações das manchas, os corredores verdes e de água que fazem parte do sistema natural da cidade, e foram comentadas as implicações que este processo tem no equilíbrio ambiental da cidade.

O terceiro capítulo tem como prioridade estabelecer a relação entre o conceito de Estrutura Ecológica Urbana e os conteúdos dos estudos elaborados dentro do processo de formulação, desenho e construção do Parque Terceiro Milênio. Para tal fim, realiza-se a

análise dos documentos e planos dos três projetos que foram elaborados antes da construção final do Parque e mostram-se os resultados da verificação *in situ* do projeto construído, realizadas pelo autor, durante os últimos três anos. Finalmente, **o quarto** capítulo procura dar uma visão integral da bacia onde se localiza o Parque Terceiro Milênio, com ênfase no processo de ocupação da mesma e a relação entre a área de *San Victorino* e seu entorno; este olhar aborda as transformações físicas, sociais e ambientais mais significativas do setor nos últimos dois séculos.

Pela natureza desta pesquisa e por tratar um projeto localizado em uma cidade que é em alguns aspectos semelhante, mas em outros distante da gênese e realidade das cidades brasileiras, o documento inclui material importante de referência – especialmente em notas de rodapé, fotografias e mapas – com o propósito de aproximar o leitor do contexto histórico e atual da cidade de Bogotá. No mesmo sentido, como a maioria dos textos que se relacionam com o tema tratado estão escritos em castelhano, o autor tomou a liberdade de traduzir a maior parte dos textos citados para o português, com a intenção de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo do presente trabalho.

Assim, este trabalho aspira não somente a ser uma contribuição para refletir sobre o tema ambiental de inquestionável importância, mas também ser uma oportunidade por meio da qual possa se estabelecer uma ponte de comunicação e aprendizagem compartilhada entre os cenários acadêmicos brasileiro e colombiano.

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO.

Antecedentes

Antes de começar com a matéria enunciada no título desta seção, é necessário esclarecer ao leitor o âmbito normativo, institucional e conceitual que permitiu que na atualidade fosse possível afirmar que em Bogotá existe um parque urbano, integrado ao modelo de ordenamento territorial da cidade, por meio do que tem sido denominado Estrutura Ecológica Urbana.

No final da década de 1950², a Colômbia começou um processo de incorporação do tema ambiental no âmbito normativo e institucional, com a criação, nos próprios anos 1950, da primeira Corporação Autônoma Regional³, a conformação do Instituto Nacional dos Recursos Naturais - *INDERENA*⁴ em 1968, e a publicação do Código Nacional de Recursos Naturais Renováveis de Proteção ao Meio Ambiente⁵, influenciado principalmente pelas iniciativas gestadas no âmbito internacional, como o informe encomendado pelo Clube de Roma ao MIT em 1968⁶, e a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em 1972⁷.

Devido a estas ações, o governo do país deu prioridade à institucionalização e regulação do tema ambiental. Porém, durante os anos seguintes, apresentaram-se várias deficiências com relação à gestão dos recursos naturais⁸, que somente seriam superadas na década de 1990⁹, quando se consolidaram algumas iniciativas promovidas pelo Estado, que

² Antes da década de 1950, existiram disposições legais relativas à proteção de água, das florestas e das terras. Por exemplo, a Lei 119 de 1919 tratava da conservação das águas aproveitáveis e os blocos próximos a seus leitos. Porém, somente na década de 1970 o tema institucionalizou-se e adquiriu conceitualização no nível normativo.

³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110 de 1954. “*Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca*”. Bogotá, 1954.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 3ª. de 1961. “*Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la sabana de Bogotá y de los valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR*”. Bogotá, 1961.

⁴ Esse Instituto foi liquidado pela Lei 99 de 1993, e suas funções foram transferidas às Corporações Autônomas Regionais que são entes corporativos de caráter público, integrados por várias entidades territoriais [*Departamentos* (estados), *distritos*, *municipios* e *territórios indígenas*] que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica. Disponível em: <<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

⁵ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2811 de 1974. “*Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente*”. Bogotá, 1974. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 23 de 1973: “*Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones*”.

⁶ Massachusetts Institute of Technology (MIT). *The Limits to Growth*. 1972

⁷ Declaração de Estocolmo de 1972.

⁸ As competências em matéria de gestão do meio ambiente estavam dispersas em várias instituições, dando lugar à duplicidade de funções entre entidades. As ações do Instituto Nacional de Recursos Naturais, *INDERENA*, eram de caráter policial, de controle e vigilância, mas não de planejamento ou ordenamento; e ainda não era suficientemente explícita, no nível normativo, a associação entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

⁹ Nessa época, vale a pena assinalar que no âmbito internacional tinham sido produzidos eventos relevantes com relação ao tema ambiental, como o informe da Comissão Brundtland, “Nosso futuro comum”, que enfatizou a relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, adotando-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

visavam a reforçar a regulação normativa do tema ambiental, efetuar uma reorganização institucional, e oferecer diretrizes ambientais para o planejamento e o ordenamento territorial tanto Nacional como *Distrital*¹⁰.

A primeira das iniciativas foi a publicação da nova Carta Política da Colômbia em 1991, na qual o tema ambiental foi incluído em um capítulo independente, relacionado aos direitos coletivos do povo colombiano; a Constituição consagrou o direito de todas as pessoas de aproveitar um ambiente saudável, e a obrigação do Estado – entre outros –, de proteger a diversidade e integridade do ambiente, conservar as áreas de especial importância ecológica, e prevenir e controlar os fatores de deterioramento ambiental¹¹.

Com o anterior, a Nação abriu um caminho¹² no qual foram de grande importância a reorganização e redefinição das competências das entidades relacionadas com a gestão ambiental, que hoje em dia conformam o Sistema Nacional Ambiental Colombiano – SINA, liderado pelo Ministério do Meio Ambiente, entidade encarregada de promover e facilitar o desenvolvimento sustentável do território e a criação de políticas, planos, programas e projetos sobre o uso sustentável dos recursos naturais renováveis, como a água, o solo e a paisagem¹³.

A Constituição de 1991 também facilitou a expedição de uma lei de Ordenamento Territorial¹⁴ que tinha como propósito o estabelecimento dos mecanismos que permitiram aos municípios promover o ordenamento do seu território, o uso equitativo e racional do solo, e a preservação e defesa do patrimônio ecológico e cultural localizado no âmbito territorial do mesmo¹⁵.

A efetivação desta lei foi feita por meio da implementação de Esquemas¹⁶ e Planos de Ordenamento Territorial nos municípios, que compreendem:

¹⁰ A Constituição Política de 1991 muda o *status* de Bogotá de *Distrito Especial* para *Distrito Capital*. “*Santa Fe de Bogotá* capital da república e do estado de *Cundinamarca*, organiza-se como *Distrito Capital*”. (Artigo 322 da Constituição Política).

¹¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “*De los Derechos Colectivos y del Ambiente*”. Colômbia: 1991.

¹² Neste caminho, o país foi permeável ao cenário internacional, acolhendo os resultados da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992) e respectivos protocolos como o da Agenda 21 e da Declaração do Rio sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

¹³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 99 de 1993. Artigos 1, 2 Título 1. “*Por la cual es creado el Ministerio del Medio Ambiente*”. Bogotá, 1993. No ano de 2002 ao Ministério foram concedidas novas funções e também se modificou seu nome: “*Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial*”. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 790 de 2002. “*Facultades extraordinárias al Presidente de la República*”. Bogotá, 2002.

¹⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. “*Por la cual se modifica la 9ª de 1989 y la ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, 1997.

¹⁵ A Lei 388 de 1997, de Ordenamento Territorial, utilizou duas noções relacionadas com o conceito e recuperação da estrutura ecológica: a primeira referente às áreas de reserva para a proteção do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais e proteção da paisagem; a segunda, relacionada com o solo de proteção, que tem restrição de urbanização, pois pode oferecer serviços ambientais, ou constitui uma área de ameaça ou risco para a construção de assentamentos humanos, ou tem características e valores geográficos, ambientais ou paisagísticos importante para o território.

¹⁶ A Lei 388 estabelece fazer o ordenamento territorial de acordo com o tamanho das cidades assim: **Esquema** para cidades com menos de 100 mil habitantes. **Plano** para cidades com mais de 100 mil habitantes.

[...] o conjunto de ações político-administrativas e de planejamento físico acordadas, que visam a regularizar a utilização, transformação e ocupação do espaço, de acordo como as estratégias de desenvolvimento socioeconômico, em equilíbrio com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais.¹⁷

1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)

Dimensão ambiental no ordenamento territorial da cidade

O Plano de Ordenamento Territorial (POT) do *Distrito Capital*¹⁸ expedido em 2000 procurou manter a coerência com os princípios ambientais constitucionais¹⁹, as recomendações do Ministério do Meio Ambiente e as políticas e diretrizes da lei de Ordenamento Territorial. Motivo pelo qual os estudos técnicos, a conceitualização e a formulação do Plano tinham como eixo central a construção de um modelo, cuja gestão, em teoria, permitiria superar os problemas relacionados à dinâmica de assentamentos humanos e o desequilíbrio entre o suporte natural e as atividades humanas, assim como oferecer as ferramentas para conseguir a equidade, competitividade e sustentabilidade do *Distrito Capital*²⁰.

O modelo mencionado está conformado por três estruturas inter-relacionadas, contidas no que poderia ser denominado um enfoque sistêmico, no qual o componente ambiental ocupa um lugar relevante. Sendo assim, o modelo está constituído pela Estrutura Socioeconômica Espacial, a Estrutura Funcional e de Serviços, e a Estrutura Ecológica Urbana, essa última dando suporte fundamental para as duas primeiras (Figura 1).

¹⁷ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. Artigo 5. “Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones”. Bogotá, 1997.

Nota: A fim de evitar a repetição excessiva do termo “Tradução nossa”, fica o leitor alertado de que todas as traduções nesse trabalho são do autor da dissertação, excetuando-se: a) as citações de obras traduzidas para o português; e b) os próprios textos originalmente publicados nessa língua.

¹⁸ O Plano de Ordenamento Territorial POT define-se como o conjunto de objetivos, diretrizes, políticas, estratégias, metas, programas, atuações e normas adotadas para orientar e administrar o desenvolvimento físico do território e o uso do solo. Artigo 9º. Lei 388 de 1997 pela qual se modificou a Lei 9ª de 1989 e a Lei 3ª de 1991 e são dadas outras disposições. No caso de Bogotá, o POT foi adotado mediante Decreto *Distrital* 619 de 2000, revisado mediante o Decreto *Distrital* 469 de 2003. O Decreto *Distrital* 190 de 2004 compilou os dois anteriores.

¹⁹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “De los Derechos Colectivos y del Ambiente.” Bogotá, 1991.

²⁰ POT, Documento Técnico Suporte, DAPD. página 9. Vale a pena salientar neste ponto que o discurso político das administrações distritais e as premissas que justificam as ações de ordenamento territorial na cidade nos últimos anos têm se justificado invariavelmente em discursos que incluem as premissas “sustentabilidade, equidade, competitividade”; de tal forma que a pertinência e legitimidade de uma decisão política e a avaliação dos resultados deve estar baseada na utilização de um vocabulário consequente com essas três premissas.

A Estrutura Socioeconômica e Espacial compreende:

[...] o centro e a rede de centralidade que concentram atividades econômicas e de serviços, e que estão dispostas sobre o território do *Distrito Capital* para garantir o equilíbrio urbano e rural na prestação de serviços, a coesão social, a integração da cidade em diferentes escalas, e o desenvolvimento econômico.²¹

A Estrutura Funcional e de Serviços:

[...] está conformada pelos sistemas gerais de serviços públicos, de mobilidade e de equipamentos, cuja finalidade é garantir que o centro e as centralidades – que conformam a Estrutura Socioeconômica Espacial – e as áreas residenciais realizem adequadamente suas respectivas funções.²²

Figura 1 – Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

O modelo proposto no POT para a cidade de Bogotá está sustentado por três estruturas básicas: (P1) a E. Socioeconômica e Espacial, (P2) a E. Funcional e de Serviços, e (P3) a Estrutura Ecológica Urbana. Fonte: POT Bogotá Decreto 619 de 2000. (P4) Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) define-se como:

²¹ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 3.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

[...] a rede de espaços e corredores que sustentam e conduzem a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais pelo território, em suas diferentes formas e intensidades de ocupação, dotando ao mesmo de serviços ambientais para o seu desenvolvimento sustentável.²³

A EEU está constituída por uma

[...] rede de corredores ambientais integrados à estrutura ecológica regional, cujos componentes básicos são: o sistema de áreas protegidas, os parques urbanos, os corredores ecológicos e a área de controle especial do rio Bogotá²⁴ (Figura 2).

A referida estrutura é de fundamental importância no modelo de ordenamento devido a seus valores paisagísticos, ecológicos e culturais, e comporta-se como fornecedor de bens e serviços ambientais, constituindo o substrato básico do ordenamento dos usos, das atividades e dos serviços urbanos.

O uso do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no país, como elemento fundamental do modelo de ordenamento do território, remonta a tempos atrás, quando alguns acadêmicos, pesquisadores e profissionais que fazem parte de entidades ambientais começaram a construir o conceito que se apresentou como uma oportunidade de estabelecer uma conexão entre o conhecimento científico dos processos do ecossistema e as práticas de ordenamento territorial²⁵, que permitiram visualizar alternativas de equilíbrio entre as atividades humanas e o suporte natural do território.

²³ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁴ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 1.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁵ Neste sentido, o conceito encontra-se no que tem se denominado urbanismo ecológico, que “controverte as ferramentas convencionais do urbanismo, incorporando noções de capacidade de carga e de suporte de um território, risco, limite ecológico, interações, processos etc.”. Cf. MALDONADO, 2001, p. 6. Com relação ao uso do termo “ecológico” vale a pena citar a explicação dos professores Oseki e Pellegrino: “[...] distinção importante entre dois níveis: o da ecologia e o do ecologismo (ou entre o ecólogo e o ecologista). No primeiro caso, trata-se de uma postura científica, quer se trate de ecologia natural, quer social, e no segundo, de uma prática, de um projeto político de transformação cultural, social e econômica da sociedade moderna [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496)

Figura 2 – Estrutura Ecológica Urbana (EEU).

Da proposta da EEU formulada no POT, o presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Neste sentido destacaram-se os aportes do professor van der Hammen (1975 - 2000), que definiu a estrutura ecológica como um sistema com base na “[...] ecologia, geomorfologia, hidrografia e vegetação original ou o que ainda resta dela numa região”²⁶, e conformado pelo “[...] *geosistema* (que compreende o subsolo e os processos ecológicos), o *pedosistema*, (que faz referência à relação entre o solo e clima, e o *biosistema* (que inclui a totalidade da flora e fauna e dos processos biológicos)”²⁷. (Figura 3).

O professor van der Hammen realizou inúmeras investigações sobre a evolução e

²⁶ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

²⁷ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

vegetação na Savana de Bogotá. A partir deste enfoque sistêmico²⁸, van der Hammen propôs neste trabalho uma estratégia para a recuperação ambiental e florestal desta área, que tinha sofrido um processo de degradação²⁹ desde o período colonial, caracterizado pela modificação da vegetação nativa, do solo e do ciclo hidrológico dos ecossistemas de *páramo*³⁰, *subpáramo*³¹, *bosque alto andino* ou *bosque de encenillo*³² e *bosques de áreas inundáveis*³³. Este processo de degradação, em particular, relacionado como o aspecto hídrico, será tratado mais detalhadamente na seção 2.

A proposta de van der Hammen consistia na recuperação de largas franjas de vegetação nas margens dos rios, os riachos e as zonas úmidas (segundo o Convênio Internacional de *Ramsar*) e a localização de cercas vivas com espécies nativas que fariam uma conexão entre os morros e o *R. Bogotá*, de modo que, formando um tipo de rede vegetal nativa sobre o território – que teria um crescimento natural sem a intervenção do homem – asseguraria-se a recuperação ambiental da Savana e a bacia do *R. Bogotá*.

Os processos ecológicos e as realidades ambientais excedem os limites territoriais estabelecidos administrativa ou politicamente e, por sua natureza, o conceito de EEU desenvolvido por van der Hammen supera a área da Savana de Bogotá, compreendendo também uma proposta de ordenamento que inclui o estado todo de Cundinamarca.

²⁸ A noção de sistema resulta muito mais inclusiva do que a noção de estrutura, pois contribui a entender desde a complexidade, a relação entre os fenômenos naturais e a sociedade. Neste sentido Bertalanffy (1950) é um referencial indispensável sobre o tema de análise sistêmica.

²⁹ Esse fenômeno local, estudado e trabalhado por van der Hammen e Ernesto Ghul, que é reflexo de um desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, não se distingue muito da situação planetária de hoje em dia: “No momento, presenciam-se fenômenos globais inquietantes de desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, tais como: Rupturas de processos bioquímicos e ecológicos antigos, por causa do desmatamento (agrícola e industrial) e de outras práticas rurais e urbanas predadoras de recursos naturais limitados. [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496).

³⁰ “O *páramo* é uma formação vegetal predominantemente *herbácea*, conformada por *grámíneas macollosas* e permeada por *arbustillos* anões individuais e em grupos e por plantas *arrosetadas e caulirrósulas*. A mais característica delas é o *Fraillejón (Espeletia)*. A faixa dos *páramos* encontra-se aproximadamente entre 3.300 – 3.500 manm até 4000 – 4200 m de altitude, máxima altura na região de Bogotá (*Cerro Nevado del Páramo de Sumapaz*), com temperaturas médias entre 4º e 9º e precipitações entre 700 e 2.000 mm.” : (PERÉZ, 2000, passim)

³¹ “O *subpáramo* é uma franja estreita e irregular localizada entre o *bosque alto andino* e o *páramo propriamente dito*, entre 3.300 e 3.600 manm, aproximadamente. Caracteriza-se por *matorrales arbustivos* mais ou menos abertos e está permeada por pequenas árvores do *bosque alto andino inferior*. Trata-se, de fato, de uma franja de transição entre o *bosque* e o *páramo*. Tem sido, porém, classificado como *subpiso*, pois apresenta alguns elementos característicos faltantes na flora do *bosque andino*.”. (PERÉZ, 2000, passim).

³² “Trata-se de um *bosque* de fisionomia muito distinta à do andino baixo, somente com um estrato de árvores pequenas e com alturas entre 3 e 10 m, onde predominam os elementos da família das *Compuestas* [...] Os musgos são abundantes e formam, junto com a *hojarasca*, grossas camadas no solo do bosque, de 20 a 50 cm de espessura, de grande importância no ecossistema e na regulação de água (SALAMANCA, 1984). Encontra-se aproximadamente entre 2.750 – 2.800 até 3.300 – 3.500 manm. Este tipo de *bosque* corresponde, em termos gerais, ao “*bosque úmido e muito úmido montano*” segundo a classificação de Holdridge, com temperaturas médias anuais de 9 a 12º C”. (PERÉZ, 2000, passim.)

³³ “É o *bosque* característico dos atuais vales *aluviales* do *R. Bogotá* e seus tributários, que são especialmente importantes na parte mais baixa do sul da savana, onde se juntam o *R. Bogotá* com vários de seus principais afluentes (*Basillas, Tunjuelo, Soacha e Fucha*) e ali, por este motivo, encontra-se a maioria das zonas úmidas da savana”. (PERÉZ, 2000, passim)

Figura 3 – Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.

Van der Hammen identifica como elementos fundamentais da estrutura ecológica da Savana de Bogotá: 1. os *Cerros Orientales*; 2. os corredores; e 3. o vale aluvial do *R. Bogotá*. Ele propõe a implementação de uma rede verde partindo do sistema hídrico como estratégia de recuperação ambiental da Savana. Fonte: VAN DER HAMMEN, 1998.

Aos aportes de van der Hammen foram agregados outros estudos da Savana de Bogotá, como alguns realizados pela Corporação Autônoma Regional de *Cundinamarca* - *CAR*³⁴ e as entidades universitárias e do *Distrito Capital*. Destes estudos, destacam-se os feitos por Pérez (1975 - 2000), que definiu a EEU como um sistema conformado a partir de quatro elementos: a estrutura *morfopedalógica*³⁵, a biota³⁶, a estrutura hídrica³⁷, e a estrutura antrópica que se traduz no conjunto de atividades e usos desenvolvidos pelo homem no território.

Para responder à problemática de degradação da EEU na Savana, Pérez (2000), propõe uma série de estratégias, procurando recuperar o ecossistema deteriorado, e garantir o equilíbrio entre as atividades humanas, os processos hidrológicos e a conservação dos solos e da biodiversidade. De sua proposta destacam-se a recuperação da cobertura vegetal nos morros, a detenção da construção de assentamentos humanos nos vales aluviais, a criação de corredores de conexão entre os vales aluviais e os morros, a recuperação dos solos erodidos e do sistema de zonas úmidas, a regulação da exploração de águas

³⁴ A divisão político-administrativa da Colômbia está estabelecida por *Departamentos*, equivalentes no Brasil aos Estados. Em nosso caso, Bogotá está localizada no estado de *Cundinamarca*.

³⁵ Constituída por uma área montanhosa e uma área plana, levemente inclinada.

³⁶ Conformada por *bosque andino*, vegetação de *páramo*, vegetação *xerofítica* no sul da savana e vegetação de zona úmida, à base de *juncos*, *cortaderas* e *alisos* nas áreas úmidas.

³⁷ Corresponde à vazão de água da bacia e está conformada por 15 bacias hidrográficas, com suas respectivas microbacias, 27 zonas úmidas naturais e 9 represas de regulação.

subterrâneas, e o planejamento regional dos recursos hidráulicos (PEREZ, 2000, p. 37).

Embora o POT de Bogotá fosse expedido no ano de 2000, (Figura 4), conceitualmente contou com esses aportes que vinham sendo construídos no ambiente acadêmico e institucional, e concebeu o conceito de EEU, espacialmente, como uma rede, conformada, como exposto anteriormente, pelas áreas protegidas, os corredores ecológicos, os parques urbanos e a área de proteção do *R. Bogotá*, e ao mesmo tempo, como um sistema, que na escala distrital está integrado à estrutura socioeconômica espacial e à estrutura funcional e de serviços, e em uma escala maior – integrado por meio dos morros, do *R. Bogotá* e do maciço de *Sumapaz* – à estrutura ecológica regional, sem a qual seria impensável a sustentabilidade de uma cidade como Bogotá, pois essa estrutura fornece serviços ambientais, paisagísticos e culturais³⁸. (Figura 5).

Figura 4 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.

(P1) Para o estado de Cundinamarca e a Savana de Bogotá, a EEU proposta está conformada principalmente pela rede de *parámos* e *bosques* andinos. (P2 Savana do Bogotá). No caso da cidade de Bogotá (P3), agregam-se aos *Cerros Orientales* a rede de corredores ecológicos (Corpos de água) e o vale aluvial do *R. Bogotá*. Fonte: POT *Alcaldia de Bogotá* (Prefeitura de Bogotá).

É necessário salientar que o conceito e ações propostas sobre a EEU e o POT, assim como os estudos feitos anteriormente, têm como principal objetivo ser uma ferramenta que, por meio de um enfoque sistêmico, garanta a sustentabilidade ambiental e a restauração da composição biótica e dos processos ecológicos, estabelecendo um vínculo entre o saber

³⁸ Dos 426.870 ha da Savana de Bogotá, 42.230 ha correspondem a áreas protegidas, 196.000 ha são usados na produção agropecuária e 30.000 ha em áreas urbanas. Contém cinco represas e uma rede de canais de irrigação de 7.500 ha.. *Directrices de la CAR para preservar el medio ambiente y fomentar un desarrollo sostenible en la Sabana de Bogotá*. Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca CAR 2007.

científico, o conhecimento dos ecossistemas e as práticas de ordenamento dos usos e atividades humanas no território.

Figura 5 – O conceito de Estrutura Ecológica no POT.

A EEU está conformada pela rede de (P1) Elementos naturais: 1. *Cerros Orientales*; 2. Corredores ecológicos; e 3. Vale *aluvial* do *R. Bogotá*. Também pela rede (P2) Verde artificial: Parques metropolitanos e Rede viária principal – a sobreposição destas redes configura a (P3) Estrutura Ecológica Urbana da cidade. [Elaborado pelo autor].

Com certeza, para alcançar os objetivos propostos no POT, é preciso conhecer, compreender e atuar na restauração dos processos ecológicos da Savana, nos quais o ciclo de água tem uma importância relevante. Como dito anteriormente – e será tratado mais detalhadamente na seção 2 – o ecossistema original da Savana foi intensamente modificado desde o período colonial até a atualidade: as bacias dos rios foram progressivamente ocupadas por assentamentos humanos, as construções e infraestruturas de serviços, e seus leitos, foram contaminados, desviados e canalizados subterraneamente ou a céu aberto. As zonas úmidas também sofreram uma intensa degradação por obras de urbanização, disposição de águas negras, lixo, colmatagem e gramados, e a vegetação nativa foi trocada por vegetação exótica ou desapareceu. De modo que um dos elementos do ecossistema, como o sistema hídrico, foi modificado drasticamente com a constante impermeabilização da Savana, a construção de redes de esgotos, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, e a contaminação dos corpos de água, principalmente nos últimos cem anos. (Figura 6).

Figura 6 – Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.

(P1) Estrutura Ecológica Original. (P1) A estrutura ecológica estava conformada originalmente por: as manchas de vegetação dos cerros orientais (1), os corredores verdes (2) sobre os corpos de água; e o vale aluvial do *R. Bogotá* (3). (P2). Situação atual (P2). Com o processo acelerado de antropização da Savana a partir do século XX, perderam-se os corredores hídricos (hídricos) que juntavam os cerros orientais com o vale do *R. Bogotá*, motivo pelo qual se perdeu uma parte importante do equilíbrio do ecossistema. (P3) A proposta do POT busca a recuperação da parte do ecossistema perdido. [Planos elaborados pelo autor].

O resultado deste processo não se distingue do que se realiza em outras latitudes do planeta (PELLICER, 1998; HOUGH, 1998). Primeiramente, um aumento substancial dos coeficientes de vazão nas bacias, por meio da

[...] diminuição do tempo de concentração da água e o aumento do nível dos fluxos de vazão hidrogramas de enchente, fenômeno que ademais produz o incremento do nível de inundação da cidade, que está acentuado especialmente em certas áreas, dependendo da morfologia da superfície urbanizada, das características morfológicas do terreno, do tipo de vegetação das sub-bacias que têm sido ocupadas e impermeabilizadas, e da capacidade e distribuição do sistema de esgoto ou drenagem artificial.³⁹

Em segundo lugar, a modificação dos processos relacionados ao sistema hídrico incide na qualidade de água: a precipitação arrasta partículas da atmosfera poluída, a vazão superficial é poluída pela lavagem de ruas, os corpos de água são afetados pelo despejo das

³⁹ A redução do tempo correspondente à metade do que era originalmente, o que repercute negativamente nas bacias naturais nas quais a cidade encontra-se inscrita. (PELLICER, 1998, p. 117)

águas residuais, e os solos contaminados degradam os aquíferos subterrâneos⁴⁰.

Frente a essa situação, necessariamente surge uma pergunta: como se faz efetivo o conceito da EEU, em uma cidade que alterou e eliminou a vegetação original, que impermeabilizou a maioria da superfície ocupada, e que alterou substancialmente seu sistema hídrico?

Para tentar responder a essa pergunta, ao fazer uma leitura do POT, encontramos que as políticas sobre o meio ambiente enunciam, entre outros aspectos:

[...] a otimização [...] no dimensionamento e operação dos sistemas de saneamento básico levando-os a uma condição de economia e eficiência ambiental; a orientação espacial e qualitativa do desenvolvimento das redes e os equipamentos urbanos, sob critérios ambientais [...]; a consolidação funcional e física da Estrutura Ecológica Urbana; e a proteção, conservação, restauração e melhora do potencial ecológico, paisagístico e de lazer oferecido por importantes ecossistemas estratégicos urbanos [...]⁴¹. Frente ao sistema hídrico, enuncia o POT, que as áreas de recarga de aquíferos, os leitos de cheias, nascentes de riachos, várzeas de rios e canais, zonas úmidas, lagos e lagoas devem ser recuperadas e conservadas.⁴²

Instrumentos e conceitos complementares ao POT

Com essa referência, posterior à expedição do POT, o *Distrito Capital* tem desenvolvido ferramentas que pretendem efetivar no território o modelo de ordenamento proposto em 2000, com seus respectivos objetivos, estruturas e subsistemas; nesta linha estão inclusos os Planos *Maestros*⁴³ (Planos diretores) dos quais pode se destacar o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre)⁴⁴, pois tem uma estreita relação com a EEU.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 157. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴² REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 190 de 2004. Artigos 76 e 77. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴³ O artigo 45 do POT define-os: “Os planos *maestros* constituem o instrumento de planejamento fundamental no marco da estratégia de ordenamento da cidade-região; permitem definir as necessidades de geração de solo urbanizado de acordo com as previsões de crescimento populacional e de localização das atividades econômicas, para programar os projetos de investimento setorial a curto, médio e longo prazo”. Assim mesmo no artigo 46, estabelecem-se os Planos *Maestros* Prioritários: de Mobilidade, de Serviços Públicos, de Equipamentos, e de Espaço *Público*. POT Decreto 190. 2004

⁴⁴ O Plano *Maestro* de Espaço *Público* tem como objeto: “[...] Concretizar as políticas, estratégias, programas, projetos e metas relacionadas com o espaço *público* do *Distrito Capital*, e estabelecer as normas gerais que permitam conseguir uma regulação sistemática com relação a sua geração, manutenção, recuperação e aproveitamento econômico, e apropriação social” [e estabelece] “1. Contribuir à consolidação da estrutura urbana através do desenvolvimento de uma rede de espaços públicos, que garanta o equilíbrio entre densidades populacionais, atividades urbanas e condições meio ambientais, de forma que se integrem os elementos do espaço *público* construído com os da EEU”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) apresenta uma proposta que no nível operativo vincula os conceitos de unidade paisagística⁴⁵ e unidade geográfica⁴⁶. A referência destes dois conceitos no documento técnico de suporte do Plano apresenta-se de forma marginal; no caso das unidades paisagísticas limita-se a indicar que

[...] a paisagem visual da cidade está dominada pela silhueta dos morros orientais, e pelos focos visuais criados pelos cursos de água e suas várzeas que relacionam os morros com o *R. Bogotá*⁴⁷; e no caso das unidades geográficas o documento indica que sua disposição espacial corresponde às várzeas de água.⁴⁸

A Figura 7 permite avaliar a distância entre o conceito e a efetivação espacial do mesmo: embora o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre) tenha como propósito a incorporação de um critério ambiental como parâmetro de ordenamento, sem ter em conta as sub-bacias como elementos ordenadores de espaço, enquanto o perímetro das unidades geográficas é determinado como o critério tradicional da divisão administrativa no país, onde o limite entre duas áreas é determinado com o leito dos rios. Em consideração do autor deste trabalho, do ponto de vista ambiental seria mais lógico que o cause dos rios fosse considerado como estrutura espacial central da unidade e não como limite físico da mesma.

Os outros planos maestros do *Distrito Capital* contêm diretrizes relacionadas com a restrição ou proibição da ocupação de áreas que por sua capacidade de prestação de serviços ambientais devem ser protegidas ou que por suas características morfológicas, solos ou possibilidade de enchentes são fatores inapropriados para a construção de assentamentos humanos⁴⁹. Porém, esses planos ainda devem fazer uma contribuição ao desenvolvimento de estratégias para a consolidação de uma rede que articule os parques

Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005.

⁴⁵ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005. Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005. Tomo 2, p. 62. As cinco unidades de paisagem estabelecidas são: 1. De Cordilheira, 2. De borda de Cordilheira, 3. Urbano de traçados contínuos, 4. Urbano descontínuo de periferia, 5. De borda hídrica.

⁴⁶ Unidades geográficas: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusaca. Fonte: *Documento Técnico de Soporte de PMEP*. Parte I numeral 3.2.1. p. 64-69.

⁴⁷ ALCALDÍA, op. cit.

⁴⁸ Denomina-se vazão superficial a água procedente da chuva que circula pela superfície e concentra-se nos cursos. A vazão superficial é função das características topográficas, geológicas, climáticas e de vegetação da bacia e está intimamente ligada à relação entre águas superficiais e subterrâneas da bacia.

⁴⁹ Neste ponto, alguns estudiosos do tema como Camargo (2007) afirmam que em Bogotá DC, apesar dos significativos esforços em matéria ambiental, tem surgido um grande erro de gestão, por terem confundido “proibição de ocupação”, com “proteção do ecossistema”: “Proibir equivale a distanciar todos aqueles usos que teriam que pedir permissão e deixar o espaço livre para aqueles que nunca o pedem. Uma verdadeira conservação implica equipar, promover e administrar uma área de jeito que a sociedade a aproprie com um significado e com usos de acordo com o reconhecimento e conservação do valor ambiental coletivo”. (CAMARGO, 2007)

urbanos (metropolitanos, urbanos e zonais), os corredores ambientais, e a incorporação das sub-bacias como elemento ordenador do território em termos ambientais: Por exemplo, em 2006, quase 50% dos parques metropolitanos e zonais não tinham um plano diretivo ou maestro⁵⁰; esta falência incide diretamente no desconhecimento do compromisso que deveriam ter os investimentos, desenhos e construção, no fortalecimento da EEU; no caso dos corredores ecológicos viários (avenidas arborizadas), naquela época ainda não tinham sido desenvolvidas estratégias específicas de intervenção.

Figura 7 – Unidades geográficas.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) estabelece para a cidade sete unidades geográficas (P1), assim definidas pelo espaço compreendido entre os rios principais: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusacá. Ao colocar o rio como centro das unidades geográficas (P2), seriam as principais bacias hídricas da cidade as que definiriam as unidades geográficas. Dessa forma, o sistema hídrico incrementa seu protagonismo no ordenamento e ecossistema da cidade. 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha 4. Tunjuelito. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

Uma revisão a outros instrumentos de ordenamento e de gestão dos recursos naturais no *Distrito Capital* permite evidenciar que esses têm visado principalmente à proteção dos *Cerros Orientales*⁵¹, das rondas dos rios e canais que fluem a céu aberto⁵², ao

⁵⁰ Segundo um informe sobre o estado dos recursos naturais no *Distrito* expelido pela *Contraloría* em 2006, 47.44% dos parques metropolitanos e zonais estabelecidos no POT nessa época não tinham um Plano Maestro. Informe Contraloría, 2006 p. 152.

⁵¹ Posteriores ao POT estão os seguintes estudos: Plano de ordenamento e manejo dos *Cerros Orientales* - POMCO 2004. Resolução 0463 de 2005. Plano de manejo da reserva florestal e protetora do *Bosque Oriental* de Bogotá, abril de 2006.

⁵² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 456 de 2008. *Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones*. Bogotá, 2008.

tratamento das águas contaminadas do *R. Bogotá*⁵³, e ao melhoramento na eficiência de operação de sistemas de saneamento básico⁵⁴. Porém, ainda falta ser percorrido um longo caminho, pois precisam ser revisadas as estratégias e concretizadas ações que realmente permitam a consolidação de um sistema e uma rede de conexão com os morros, o *R. Bogotá* e a estrutura ecológica regional – por meio dos corredores ecológicos propostos pelo POT – que contribuam positivamente aos processos ecológicos como o ciclo de água por meio de soluções criativas dentro da gestão inovadora das interfaces urbano-naturais⁵⁵, diminuindo a distância entre o conceito de EEU e a cidade construída. (Figura 8).

Figura 8 – A EEU proposta confrontada com a cidade construída.

A EEU da cidade de Bogotá segundo o POT (P1). Estado da rede hídrica principal (P2). O maior desafio que se apresenta para concretizar a ideia de Estrutura Ecológica Urbana é a recuperação dos corredores ecológicos tendo em conta que os rios da mesma, durante o processo de urbanização da Savana, foram canalizados e enterrados. Foto 1: (*R. San Francisco*), em outros casos canalizados com muros de concreto. Foto 2: e/ou controlados com taludes artificiais como no caso do *R. Bogotá*. Foto 3: Fonte: P-1. *Alcaldía de Bogotá POT*, P-2. Autor. Foto 3: *Villegas Ed.* [Fotos 1 e 2 do autor].

Neste sentido, é essencial incluir o conceito de bacia hidrográfica como unidade de análise e instrumento decisivo no ordenamento do território e aprofundar a reflexão e funcionamento da ideia da EEU no *Distrito Capital*. Para conseguir esse objetivo, é preciso

⁵³ POT em seu artigo 66 contempla o empreendimento de programas no marco do “*Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital*”, a saber: Programa de descontaminação do *R. Bogotá*, estudo de modelagem técnico-econômica e guia técnica para o controle ecoeficiente de água em arquitetura e urbanismo, e o programa de uso eficiente de água no setor produtivo. POT. Decreto 190 de 2004. Art. 66. *Plan de ordenamiento y control de la cuenca (POMCA)* del río Bogotá. Resolución CAR 3194 de 2006.

⁵⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2884 de 2007 “*Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA*”. Bogotá, 2007.

⁵⁵ Parafraseando Pellicer (1998). Se você estiver parafraseando um trecho específico, então tem que dar número de página. Se estiver parafraseando a ideia geral, então como está é suficiente.

recuperar a essência dos aportes de autores como van der Hammen e Pérez e ter em conta um par de conceitos que podem ajudar a enriquecer nossa compreensão e gestão sobre a EEU em Bogotá.

Em primeiro lugar, o conceito de paisagem, entendido como expressão sensível [perceptível] da mediação sociedade-natureza⁵⁶, mas também como produto concreto destas relações (BERQUE, 1998)⁵⁷. Esse enfoque implica uma complexa abordagem conceitual enquanto a paisagem é ao mesmo tempo a configuração, ou seja, o processo de construção de uma representação, e também conformação, isto é, processo de construção de sua materialidade (MAGNOLI, 1984)⁵⁸. Os processos da mediação entre a natureza e a sociedade podem ser estudados por intermédio dos padrões culturais⁵⁹ com os quais uma sociedade interpreta, interatua e intervém sobre os elementos naturais ao longo da história; por outro lado, a materialidade da paisagem pode ser estudada por intermédio da identificação dos padrões, a função e as transformações (mudanças) sucessivas na história (FORMAN, 1997)⁶⁰.

Em segundo lugar, o conceito de infraestrutura verde, que se assemelha a EEU em Bogotá, pois compreende “[...] o conjunto de espaços abertos ou áreas verdes que juntam o meio urbano com o campo vizinho” (PELLEGRINO, 2006) e constitui uma alternativa de aplicação dos conceitos da ecologia da paisagem nas áreas intensamente transformadas por processos urbanos. Esse conceito e sua aplicação, como no caso da EEU em Bogotá, oferecem a oportunidade de ir além das práticas do urbanismo convencional, ao incorporar o entendimento de funções relacionadas com a circulação, a acessibilidade, a permanência, a contemplação e a recreação das pessoas nas áreas verdes, assim como as funções de conexão de fragmentos de vegetação, o direcionamento de água com segurança (respeitando o ciclo de água, prevendo assim as enchentes e contaminação do solo e dos

⁵⁶ O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. Meinig (1978) diz que as paisagens mostram-se diferentes em função de quem as observa, dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar. MEINIG. In: **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982, p. 107.

⁵⁷ “A expressão sensível de uma *mediância*. Esta, por sua vez, revela o sentido da relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto maneiras de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) os espaços produzidos (isto é, as cidades e os campos historicamente formados)”. (BERQUE apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 488)

⁵⁸ Citado por SANDEVILLE, E. “Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos”. SANDEVILLE, E. In: **Paisagem Ambiente: Ensaio No. 21**, FAUUSP São Paulo, 2006 p. 92.

⁵⁹ Os padrões culturais variam com o tempo, “Considerando um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. SANTOS M. apud NEVES Ezia Socorro Cit. em: **Paisagem Ambiente e sociedade: Ensaio IV**. FAUUSP São Paulo, p. 108. SANTOS, Milton apud NEVES Ezia Socorro. **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, p. 108.

⁶⁰ FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997. (apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002)

corpos de água), o melhoramento de condições microclimáticas, a incorporação de atividades residenciais, educativas, laborais e de lazer, a conservação dos valores e a memória ambiental e estética de uma comunidade⁶¹.

Nesta ordem de ideias, é importante reconhecer a oportunidade que representam os parques urbanos (metropolitanos) - como elementos integrais da rede de EEU, ligados aos corredores ecológicos e às sub-bacias, enquanto contribuem para a consolidação de uma infraestrutura verde na cidade, considerando de maneira integrada os usos urbanos. (Figura 9). Os significados culturais, o melhoramento das condições de microclima, a circulação, a recreação e o equilíbrio com os elementos do ecossistema como o sistema hídrico.

Figura 9 – EEU – Os Parques Urbanos - Metropolitanos.

Todos os parques metropolitanos e a maioria dos parques setoriais estão localizados no centro e sul da cidade, que corresponde à área da população de estratos médio e baixo. O parque Metropolitano *Simón Bolívar* é o maior em extensão (113 ha) e o parque de *La Independencia* é o mais antigo (1910). Fonte: P-1 e Foto 1: autor; Foto 2: Sociedade de *Mejoras* e Ornato, Bogotá 1538-1938. Bogotá, 1938.

1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU

Como foi indicado nas páginas anteriores, os parques urbanos e os corredores ecológicos são considerados elementos que fazem parte da rede da EEU (Figura 10)⁶²: os parques, por serem áreas verdes de uso coletivo que possuem funções sociais, de lazer e de equilíbrio ambiental, e os corredores ecológicos por meio da várzea dos rios e das vias urbanas, cumprem uma função de conexão ecológica no interior do *Distrito Capital* e com a

⁶¹ PELLEGRINO, 2006, p. 59-60.

⁶² De acordo com o POT: “Os Parques *Distritales* correspondem àqueles espaços verdes de uso coletivo que atuam como reguladores do equilíbrio ambiental, são elementos representativos do patrimônio natural e garantem o espaço livre destinado ao entretenimento, contemplação e lazer para todos os habitantes da cidade. Organizam-se hierarquicamente e em forma de rede para garantir a cobertura da cidade toda, e envolvem funcionalmente os principais elementos da estrutura ecológica principal para melhorar as condições ambientais no território urbano todo”. POT Decreto 190 de 2004, Artigo 243.

região⁶³.

Os parques urbanos no Distrito Capital estão classificados seguindo o modelo, sob critérios de tamanho e uso, de forma que podem ser identificadas cinco categorias⁶⁴ vão da escala regional à escala de bairro. Em cada uma destacam-se as funções sociais, culturais, paisagísticas e ecológicas que têm essas porções do território.

De maneira consistente com o modelo planejado, os parques que têm uma importante função ambiental, social e paisagística, como os denominados metropolitanos em teoria⁶⁵, deveriam estar ligados aos corredores ecológicos viários ou das várzeas dos rios, garantindo dessa maneira a continuidade dos processos ecológicos. O Parque Terceiro Milênio pertence, segundo o modelo de ordenamento, à categoria de parques metropolitanos e, por conseguinte, os critérios de sua gestão, concepção e projeto deveriam ter coerência com esse modelo. Porém, sua localização deve ter conduzido os profissionais e gestores que fizeram sua implementação à necessidade de criar uma alternativa entre o modelo e a realidade da cidade construída.

O parque encontra-se localizado no centro da cidade, no ponto intermediário entre os *Cerros Orientales* – reserva ambiental da cidade⁶⁶ –, (Figura 11), e no começo do percurso a céu aberto – canal artificial – do R. *San Francisco* (*Carrera 24*), em uma área caracterizada por uma profunda degradação urbana, paisagística e social, onde confluem as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, que foram enterrados durante os processos de urbanização que datam de quase um século atrás; essas condições, sem dúvida alguma, devem ter imposto um desafio no que se refere à consolidação da EEU no centro da cidade e a concepção e desenho do parque, como peça fundamental desta estrutura.

⁶³ Os Corredores Ecológicos estão definidos assim: “São áreas verdes lineais que seguem as margens urbanas e os principais componentes da rede hídrica e rede viária arterial como parte do controle ambiental das mesmas e para incrementar a conexão ecológica entre os demais elementos da EEU, desde os *Cerros Orientales* até a Área de Controle Especial do rio Bogotá e entre as áreas rurais e as urbanas”. POT Decreto 190 de 2004 Artigo 98.

⁶⁴ Como anteriormente indicado, três destas categorias estão classificadas segundo o POT como parte da EEU, onde predomina nelas uma função ecológica, e as outras duas categorias (parques de vizinhança e de *bolsillo*) estão classificadas como parte do sistema de *espacio público*, já que nestas predominam os usos de recreação passiva ou ativa em nível local.

⁶⁵ Definidos pelo POT, como áreas livres que cobrem uma superfície superior a 10 hectares, destinados ao desenvolvimento de usos recreativos ativos e/ou passivos e à geração de valores paisagísticos e ambientais, cuja área de influência abarca o território da cidade toda. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 243. Numeral 2. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁶⁶ “Os *Cerros*, segundo o POT conjuntamente com o rio Bogotá e os solos rurais do D.C. conformam um contínuo ambiental e protegido ao redor da cidade, cuja finalidade principal é evitar os processos de conurbação com os municípios vizinhos” ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 469 de 2003. Artigo 16. *Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C.* Bogotá, 23 dic. 2003.

Figura 10 – Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.

Os parques urbanos incluem além destas, outras duas categorias de parques de menor escala que não estão incluídas na EEU segundo o POT, mas fazem parte do Sistema de Espaço Público (livre). Art. 243 Dec. 190 2004. São eles: os parques de vizinhança – áreas livres, destinadas à recreação, reunião e integração da comunidade, que cobrem as necessidades dos bairros; e os parques *de bolsillo*, áreas livres com uma modalidade de parque de escala de vizinhança, que têm uma área inferior a 1.000 m², destinada fundamentalmente à recreação de crianças e pessoas da terceira idade. O presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Para poder entender o que significou esse desafio, é preciso, antes de tudo, aprofundar-se em uma compreensão da cidade e desta área sob o conceito de paisagem e infraestrutura verde, em perspectiva histórica, tendo em conta principalmente a bacia

hidrográfica como unidade de análise; em segundo lugar, analisar quais foram os critérios ambientais e paisagísticos com os quais foi concebido e desenhado o Parque Terceiro Milênio, a fim de identificar as dificuldades ou desafios que ainda deveriam ser assumidos; em terceiro lugar, fazer um delineamento das ferramentas de reflexão e estratégias que poderiam contribuir para uma maior aplicação do conceito da EEU no Parque Terceiro Milênio. O conteúdo das páginas seguintes procurará cobrir esses temas, com a intenção de oferecer algumas reflexões que poderiam ser úteis na academia e na gestão do modelo de ordenamento territorial do *Distrito Capital*.

Figura 11 – Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.

P-1. Centro de Bogotá: 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *Bolívar* (Centro Histórico). 3. Centro Internacional. 4. Cidade Universitária. 5. *Ciudadela* da saúde. 6. R. *Fucha*. P-2. Setor *San Victorino*. 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *San Victorino*. 3. Parque dos *Mártires*. Fonte: Google Earth.

2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.

“¡Tierra buena!! Tierra buena! / ¡Tierra que pon fin a nuestra pena! /
 ¡Tierra de oro, tierra abastecida, / tierra para hacer perpetua casa, /
 tierra con abundancia de comida / tierra de grandes pueblos, tierra rasa, /
 tierra donde se ve gente vestida, / tierra de bendición, clara y serna, /
 tierra que pone fin a nuestra pena!”
 Juan de Castellanos

A cidade de Bogotá está localizada na Cordilheira Oriental da Colômbia sobre um altiplano que teve como origem um antigo mar “A Savana de Bogotá originou-se a partir de um grande lago conhecido como “*Mar de Humboldt*”⁶⁷, que data de aproximadamente 40.000 anos”. Segundo a mitologia *Muisca*⁶⁸, foi *Bochica*⁶⁹ quem, com uma varinha, drenou o lago no lugar conhecido como “*Salto de Tequendama*”⁷⁰. (Figura 12). Dando origem ao cenário natural atual.

Figura 12 – *Mar de Humboldt* – “*Salto de Tequendama*”.

Quando chegaram os espanhóis, a Savana “era um conjunto de grande lagos e pequenos pântanos que avançavam em direção ao *R. Bogotá* e uma dezena de rios que recolhiam também mais de sessenta pequenos rios e riachos que vinham dos morros da capital”. *Contraloría de Bogotá*, 2001. O *Salto de Tequendama* é uma cachoeira natural (com 157m de altitude) formada pelo *R. Bogotá* na parte baixa da Savana de Bogotá. Foto 1: Fredy Gómez. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

⁶⁷ No começo do período *Cuaternario*, “O rico Planalto de Bogotá estava coberto por águas, que formavam um grande lago, de mais de 25.000 km quadrados de extensão”. (VAN DER HAMMEN & GONZÁLEZ, 1963).

⁶⁸ Assim chamaram os espanhóis aos aborígenes da Savana, ao distorcer a voz indígena “muexca” (homem) por mosca - abundam como moscas - que depois transformou-se em *Muisca*. Estes pertenciam ao grupo linguístico dos *Chibchas*, grupo com influência na área compreendida entre Centro América e o norte do Peru. (IRIARTE, 1988, p. 19)

⁶⁹ *Bochica*, *Nenquetebe* o *Zuhé*, deus da mitologia *Muisca*, encarregado de regular a chuva. Atribui-se a ele a origem do *Salto del Tequendama*.

⁷⁰ A versão do cronista Lucas Fernández é a seguinte: “Do *Bochica* referem em particular muitos benefícios que fez pra eles, como por exemplo, as inundações do rio *Funza* (Bogotá) onde intervir a arte de *Huythaca*, se alagou a Savana ou pampa de Bogotá [...] até que chegou o *Bochica* e com uma bengala ferindo numa serrania, abriu caminho às águas... e se formou o *Salto de Tequendama*”.

FERNANDEZ, Lucas apud RODRIGUES, Camilo et al. *El agua, en la Historia de Bogotá*. Bogotá: EAAB-VILLEGAS Ed., tomo I, 2003, p. 49.

2.1 Cenário natural da cidade

A Savana de Bogotá e seus primeiros moradores

Os conquistadores encontraram um cenário perfeito para se acomodar na Savana de Bogotá: terras planas e cultivadas, água em abundância (rios, lagos e zonas úmidas), riqueza em comida, sal, ouro e esmeraldas, e uma população organizada social e economicamente, em termos sociopolíticos, por meio de aldeias hierarquizadas e centralizadas, em quatro confederações *Bacata* (Bogotá), *Hunza* (Tunja), *Tundama* (Duitama) e *Sugamuxi* (Sogamoso⁷¹). Em termos econômicos, a partir dos povos vinculados ao comércio do sal - *Teusa*, *Nemocón* e *Zipaquirá* - e em termos agrícolas e religiosos, a partir dos corpos de água.

Os povoados *Muisca* estavam localizados perto dos rios e dos lugares alagadiços, com fins de aproveitamento agrícola⁷²; o sucesso das safras foi associado com a ação de água, e em consequência esta adquiriu um caráter sagrado, como provedora de vida e fertilidade. Assim, diversos eventos e rituais da vida dos nativos tinham como elemento central a deusa da água *Sie* ou *Sai*; o nascimento, a puberdade da mulher, a cerimônia de “[...] correr a terra, a consagração do *Jeque*⁷³ e a morte do *Cacique* tinham rituais relacionados com a água”⁷⁴. (Figura 13).

É preciso descrever brevemente dois desses eventos, para ilustrar o significado que tinha a água entre os *Muisca*: o primeiro tinha relação com o nascimento dos filhos; “Quando – as mulheres – vão a parir, fogem se conseguem das pessoas e vão se esconder perto de um rio, para em parindo [sic] entrar nele e se lavar junto com o seu parto”⁷⁵, depois de dar a luz, consagravam o recém-nascido à deusa *Sie* por meio de um ritual. O segundo era feito quando os *Caciques* comemoravam uma festa em homenagem à água: os homens realizavam um percurso, partindo da lagoa de *Ubaque*⁷⁶. Ao finalizar o percurso, todos os

⁷¹ A confederação de Bogotá era a mais poderosa e maior do território *Muisca* à chegada dos espanhóis, mas parece que este domínio se conseguiu poucos anos antes da conquista do *Cacique Suguanmachica* (1470-1490), que começou a expandir seu território por meio de campanhas bélicas contra *Fusagasugá*, *Guatavita*, *Ubaque* e *Tunja*. (ZAMBRANO, 1998)

⁷² Eidt, R. comprovou na Savana a existência de *camellones* que J. J. Parsons encontrou como antigos “*campos de cultivos*” nas serranias aluviais e alagadiças do rio *San Jorge* (Cultura *Sinú*). (GUHL, 1981)

⁷³ A estrutura social dos *Muisca* estava conformada por: os *Zipas* que ocupavam a parte superior da pirâmide social, seguidos pelos *Caciques*, que estavam encarregados de governar as confederações; depois estão os sacerdotes *Jeques* representantes da classe religiosa; depois os guerreiros e por último os artesãos, costureiros, trabalhadores das minas e do campo. Disponível em: <http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm>. Último acesso em: 21 fev. 2009.

⁷⁴ (EAAB, 2003, tomo I, p. 40)

⁷⁵ SIMÓN, Pedro apud PATINO, 1993, passim.

⁷⁶ “Saíam do vale de *Ubaque* e toda aquela terra, com as pessoas da Savana Grande de Bogotá, começavam estação desde a lagoa de *Ubaque*. Os habitantes de *Guatavita* e todos os demais daqueles vales, e os que vinham da jurisdição de *Tunja*,

Caciques, capitães e demais indígenas reuniam-se na lagoa de *Guatavita*⁷⁷ para continuar as festividades durante três dias.

Figura 13 – Território e Lagoas Sagradas da Cultura Muisca.

O território *Muisca* (Linha vermelha) abarcou boa parte do altiplano *Cundi-boyacense* (Cor verde) do qual faz parte a bacia alta do *R. Bogotá* (cor verde escura). Em preto, a área ocupada por Bogotá. No setor leste da Savana (*Cerros Orientales*) destaca-se a constelação de Lagoas Sagradas: 1. *Ubaque*; 2. *El Verjón (Teusacá)*; 3. *Siecha*; 4. *Guasca*; e 5. *Guatavita*. A lagoa de *Iguaque* (6), gênese da vida *Muisca*, está localizada na área central do altiplano. [Plano 1 elaborado pelo autor, baseado em Plano de Botiva Contreras].

Os cinco lugares sagrados onde os *Muisca*s consagravam-se a suas divindades aquáticas são: as lagoas de *Guatavita*, *Guasca*, *Siecha*, *Teusacá* e *Ubaque*⁷⁸. Segundo a mitologia *Muisca*, a criação dos homens estava associada à lagoa de Iguaque. Foi ali onde tinha saído à madre *Bachué* com um menino que, quando adulto, teve com ela centenas de filhos, que povoaram o mundo⁷⁹.

Entre os *Muisca*s, a água não teve somente um valor como recurso indispensável para a agricultura e como deidade vinculada a diversos rituais, mas como elemento com propriedades terapêuticas. As noções *Muisca*s sobre a água como elemento sagrado, e como líquido com propriedades terapêuticas⁸⁰, perderam importância com a chegada dos

vassallos de *Ramiriquí*, a começavam desde a lagoa grande de *Guatavita*". SIMÓN, Pedro apud Triana (EAAB, 2003, tomo I, p. 41)

⁷⁷ Situada a 75 km de Bogotá, numa altitude de 2.688 msnm, faz parte do grupo de lagoas *sagradas* "Algumas pequenas lagoas regadas na mesa recordam a existência do antigo mar. Tais são as de *Guatavita* e *Guasca* ou *Siecha*, rodeadas de *derrumbes* quase desprovidos de vegetação. Estas foram antes águas sagradas, e os *Caciques* e os *sacerdotes*, seguidos pela multidão dos adoradores, a passeio nelas em balsas, para honrar os gênios e lhes oferecer presentes." (RECLUS, 1958, passim).

⁷⁸ RESTREPO, Vicente. *Los Chibchas antes de la conquista Española*. Bogotá: Imprenta La Luz, 1895. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 38.

⁷⁹ LONDOÑO, 2008.

⁸⁰ EAAB, 2003, tomo I, p. 52.

espanhóis, que tinham uma relação com a água determinada em boa parte por uma visão utilitária, como poderá ser observado posteriormente.

Sob as características antes descritas e os padrões culturais dos *Muiscas* com relação à água – quando chegaram os espanhóis – a Savana ainda era uma área pantanosa; além dos corredores de vegetação que acompanhavam os leitos dos rios, desenvolviam-se manchas de um bosque leve⁸¹ e manchas de água conformadas por pântanos e extensos lagos, que modificavam seu tamanho segundo a época do ano e período de chuvas: março-abril-maio e setembro-outubro-novembro, e períodos secos: dezembro-janeiro-fevereiro e junho-julho-agosto, e estavam geralmente cobertos por uma abundante vegetação nativa⁸².

A estes corredores e manchas de água e vegetação somavam-se manchas e superfícies, produto da antropização da paisagem⁸³, constituídas pelas confederações de *Sugamuxi*, *Hunza*, e *Bacata* (Bogotá), essa última confederação que possivelmente contaria com aldeias como *Suba*, *Tuna*, *Tibabuyes*, *Usaquén*, *Teusaquillo*, *Cota*, *Engativá*, *Bacata* (*Funza*), *Fontibón*, *Techo*, *Bosa* e *Soacha*⁸⁴, com *Bohíos*⁸⁵ e *Camellones*⁸⁶, de campos de cultivo, e uma população aproximada de 500 mil habitantes⁸⁷. Os corredores de água partiam da mancha verde que ocupava os morros circundantes, onde se desenvolvia um bosque andino, denso, alto vigoroso e concluíam no grande corredor do *R. Bogotá*, que percorria de norte a sul pela linha média da Savana de Bogotá. (Figura 14).

Como foi dito na seção anterior, a Savana de Bogotá tem 15 bacias que drenam seu território; sobre o extremo sudeste da Savana, na porção que ocupa atualmente a cidade de Bogotá, distinguem-se quatro bacias, (Figura 15). A primeira, localizada na zona norte, que corresponde a *Torca*, onde estão os riachos de *Bárbara* o *Trujillo*, *Delicias del Carmen*, *El Cóndor*, *El Cedro*, *San Cristobal*, *La Cita*, *La Floresta* e *Torca*. A segunda, correspondente ao *Salitre*, onde nascem os riachos do *Arzobispo*, *Las Delicias*, *La Vieja*, *Los Rosales*, *Los*

⁸¹ “A Savana mesma era um lago, depois um pântano e não tem sido capaz de sustentar um bosque desenvolvido alto e vigoroso”. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸² Vegetação de: *Sauces*, (*Sambucus nigra* L) *Cortaderas*, (*Gynerium sagittatum*), *Plegadera* (*Lachemilla aphanoides*), *retama*, (*Citissus* Sp) *Espadilla* (*Gladiolus*), *Juncos* (*Schenoplectus Californicus*), *Buchón de agua* (*Eichhornia crassipes*), *Totora* (*Typha latifolia*), *Cebolleta de pantano* (*Allium neopolitanum*), *Poleo* (*Satureia brownei* Sw) e *Cola de caballo* (*Equisetum bogotense* Kunth).

⁸³ Segundo Ghul, o espaço disponível para assentamentos humanos permanentes teve que ser limitado. “Ainda que os espanhóis (Jenny 1948) encontraram a Savana de Bogotá carente de árvores, há razões fundadas para acreditar que a vegetação de prados é antropogénica e não devida a fatores ecológicos e que a vegetação primitiva e original foi predominantemente *boscosa*”⁸³. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸⁴ Aldeias em sua maioria localizadas sobre a superfície que hoje ocupa Bogotá, e seus municípios anexos como *Soacha*, *Funza*, *Cota* e *Chía*; com os que se dão atualmente fenômenos de conurbação.

⁸⁵ *Bohío*: *Cabana de madeira coberta de canas, ramas ou palha*. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁸⁶ “O vocábulo ‘*camellón*’ deriva de ‘*camello*’, que significa lombo de terra que fica entre sulco e sulco do arado.” (CARRASQUILLA, 1989, p. 206)

⁸⁷ RECHEL-DOLMATOFF, 1984, p 97.

Molinos, La Carrera (R. Negro), Usaquén (Q. La Perdida). A terceira, *Fucha*, correspondente à parte sul dos *Cerros Orientales*, desde o páramo da *Cruz Verde* até *Monserate*, área na qual, entre outros, nascem os rios *San Cristóbal* e *San Francisco*, que recebe os afluentes de riachos como o de *San Bruno, La Cabaña, La Osa, Plazuela, Laureles, San Blas* e *Ramajal* e o *R. San Agustín*, que nasce no morro de *Guadalupe*. A quarta, correspondente a *Tunjuelo*, cuja nascente está na lagoa dos *Tunjos*. Duas bacias unem-se aos anteriores: o sistema conformado pelo *H. La Conejera* situado ao noroeste da cidade, que corresponde à vazão proveniente do *Cerro de Suba*; e o sistema correspondente ao vale do *R. Teusacá* cuja nascente está no *Páramo del Verjón* e dirige-se ao nordeste para o Vale de *Sopó*⁸⁸.

Vegetação potencial da bacia alta do <i>R. Bogotá</i> (Savana de Bogotá)	
<i>Páramo</i>	Limite <i>Bosque Andino</i> e de páramo, Zona Baixa de páramo, <i>Paramerización</i>
<i>Bosque Andino</i> alto	<i>Bosque encenillo</i> (<i>Weinmannia tomentosa</i>).
<i>Bosque Andino</i> baixo	<i>Bosque Corono</i> (<i>xylosma spiculiferum</i>), <i>Espino</i> (<i>Duranta mutisii</i>) e <i>Raque</i> (<i>Vallea stipularis</i>), <i>Bosque</i> da Planície de <i>Palo Blanco</i> (<i>Rosedendrom donell smithii</i>), <i>Raque</i> e <i>Arrayán</i> (<i>Myrcianthes leucoxyla</i>), <i>Bosque</i> de <i>Mano de Oso</i> (<i>Oreopanax floribundum</i>) e <i>Gomo</i> (<i>Cordia</i>), <i>Bosque Roble</i> (<i>Tabebuia rósea</i>).
Vegetação Zonas secas	Moita <i>Tuna</i> (<i>Opuntia ficus</i>) e <i>Hayuelo</i> (<i>Dodonea viscosa</i> , Moita ou <i>Bosque</i> baixo de <i>Espino</i> e <i>Condalia</i> .
<i>Bosque</i> Z. Inundáveis	<i>Bosque</i> Inundável de <i>Aliso</i> (<i>Alnus glutinosa</i>), Moita Inundável de <i>Laurel</i> <i>Laurus nobilis</i>
Vegetação Z. Úmidas	Comunidades de <i>Juncos</i> , <i>Enea</i> etc. Comunidades flutuantes de <i>Buchón</i> (<i>Eichhornia crassipes</i>), Comunidades de vegetação submersas.

Figura 14 – Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.

A mancha verde dos *Cerros Orientales* estava constituída por vegetação de *Paramo*, *Bosque Andino* Alto e Baixo. Os corredores verdes eram constituídos por vegetação de zonas secas, bosques inundáveis e vegetação de zonas úmidas. Infelizmente restaram apenas pequenos redutos da vegetação original. O presente quadro complementa-se com a figura 3.

⁸⁸ A identificação das bacias tem sido realizada a partir dos documentos: “*Cerros de Bogotá*” VILLEGAS Ed. p. 99, e anotações obtidas de cartografia por parte do autor do presente trabalho.

Figura 15 – Bacias hidrográficas de Bogotá.

A cidade tem quatro bacias principais (P-1): 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha e 4. Tunjuelito. Dentro da bacia do Fucha (P-2) situa-se a sub-bacia do R. San Francisco (cor verde escura) 1. R. San Francisco, 2. R. Fucha. Sobre a bacia do R. San Francisco localiza-se a zona histórica da cidade e o Parque Terceiro Milênio-PTM (P-3): 1. Q. San Diego, 2. R. San Francisco, 3. R. San Agustín, 4. R. San Cristóbal. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

Os novos ocupantes da Savana. Fundação e colônia.

Jiménez de Quesada fundou em 1.538 a cidade de *Santafé de Bogotá*, junto aos *Cerros Orientales* e do lado do riacho de *San Bruno* – afluente do R. San Francisco – na área de *Teusaquillo*, lugar de lazer dos *Zipas*⁸⁹, fornecida com abundante água, lenha e terras férteis, conforme as prescrições de fundação de povoados⁹⁰. Os *Cerros Orientales* foram aproveitados como barreira natural de proteção frente aos ventos predominantes, como ponto de vigilância para se prevenir frente aos possíveis ataques dos inimigos⁹¹ e como fonte de extração de madeiras, material indispensável para a construção das edificações e a produção de energia calórica.

⁸⁹ O soberano mais importante foi o *Zipa*, que morava em *Bacatá* (*Funza*); era venerado por seus súditos, possuía grandes riquezas, joias e usufruía de casas de recreio sendo a de *Teusaquillo* a mais importante. (IRIARTE, 1988 p. 31)

⁹⁰ Estas orientações seriam recolhidas e formalizadas pela “*Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias...*”. Apesar de que as *Ordenanzas* de fundação de povoados de Felipe II foram expelidas em 1573, consideram-se também aplicáveis ao caso *bogotano*, pois apesar da diferença de 35 anos entre a fundação de Bogotá (1538) e a expedição das leis, seus lineamentos em matéria de traçado e aproveitamento dos recursos naturais vinham sendo aplicados nas fundações espanholas. (MILAGROS, 1985)

⁹¹ “O que maravilhou aos conquistadores do território *Muisca*, segundo as crônicas a respeito, foi a Savana, não os morros. De fato os primeiros acampamentos espanhóis se levantaram na Savana e somente foi sua preocupante vulnerabilidade o que os levou a trocar de lugar. Assim, a primeira valoração que os espanhóis deram aos *Cerros Orientales* deveu-se à possibilidade de aproveitar suas características topográficas para se proteger.” (VILLEGAS Ed, 2000, p. 125)

Enquanto o assentamento dos povoados indígenas estava localizado nas áreas próximas aos vales de inundação, onde podia ter um aproveitamento agrícola por meio de sistemas de drenagem e camellones, na fundação espanhola escolheu-se um lugar no qual houvesse proximidade aos corpos de água, mas distante das zonas de inundação. O traçado da cidade teve como suporte uma estrutura em xadrez (quadrícula de 100x100 *jardas*⁹²) na qual o espaço central correspondia à Praça Maior, ao redor desta construíam-se as edificações do poder religioso, político e econômico⁹³. O novo assentamento estava localizado entre os rios *San Francisco* e *San Agustín*, que tinham a função de delimitar naturalmente e também de dar água à população recém-assentada.

Como foi mencionado anteriormente, para os espanhóis, os rios tiveram um valor meramente utilitário. As ordenanças de fundação de populações prescreviam o seguinte em relação à proximidade da cidade com os corpos de água: “Procurem ter água por perto, e que possa ser levada ao povo e *heredades*⁹⁴, derivando-a, se for possível, para melhor aproveitamento da mesma”⁹⁵. (Figura 16).

Conforme as ordenanças, as partes altas dos rios foram aproveitadas para a movimentação de moinhos e os primeiros precários aquedutos da cidade: no fim do século XVII, a cidade contava com a água da pila da Praça Maior, que recebia água dos rios *San Agustín* e *Fucha*, “o chafariz de *San Agustín* derivado da *Q. La Peña*, o chafariz de *San Juanito*, alimentado pelo *R. Arzobispo* e também era abastecido por este mesmo rio o chafariz de *Las Nieves*”⁹⁶. Nesta metade do século XVIII, construiu-se o aqueduto que recebeu o nome de Água Nova⁹⁷, que tomou suas águas da sub-bacia alta do *R. San Francisco*.

Nas partes baixas, apesar de acordos da Real Audiência⁹⁸ para evitar o deterioramento da água⁹⁹, os rios foram convertidos em cloacas, depósito de lixo e fezes.

⁹² *Jarda*, medida *anglosajona* equivalente a 0.9 metros. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁹³ “A Praça tem tido na história de Ocidente um claro valor comunitário: tem sido, e ainda é em muitos casos, o lugar para o encontro da comunidade ou de alguns setores especializados dela. [...] A praça é um âmbito público, geralmente descoberto, expressão da escala urbana [...]”. A praça é a herança que deixou na América o traçado da cidade romana: o plano da cidade baseia-se no cruzamento ortogonal de dois eixos: o *Cardo* e o *Decumanu*, em cujo cruzamento define-se um ponto central da cidade. A partir de sua disposição define-se o restante da traça que contém um sistema de espaços públicos, onde os foros conformavam um sistema em que se incorporavam numerosas praças e espaços abertos com prédios monumentais. Em ditos espaços abertos desenvolvia-se a vida pública do cidadão em todas as suas manifestações. (PERGOLIS, 2002, p. 14 e 26)

⁹⁴ *Heredades. Carrasquilla*.

⁹⁵ Livro IV, Título VII, lei primeira. Recompilação de leis dos *Reynos das Índias*. Boix Editor. Madrid, 1841, p. 102. A primeira recompilação das leis foi publicada em 1680. (EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60)

⁹⁶ EAAB, 2003, tomo I, p. 89.

⁹⁷ O aqueduto dos *Laureles* passou a ser chamado de Água Velha.

⁹⁸ A Real Audiência de *Santafé* de Bogotá foi inaugurada no dia 7 de abril de 1550 para concentrar o poder de governar o território e a administração da justiça real no âmbito de sua jurisdição, e substituiu a autoridade do governador pela de um corpo colegiado composto por seus magistrados. A Audiência governou como tal até 1563. (MAYORGA, 2002)

vegetação era um material indispensável para a construção e a produção de energia calórica. Em meados do século XVI estabeleceu-se um serviço obrigatório de *Mita de Leña*¹⁰², que foi posteriormente abolido e trocado pelo serviço de *leñateros* independentes.

Os padrões culturais de relação utilitária entre os novos povoadores com os corpos de água e o recurso florestal determinaram de maneira significativa as características particulares da paisagem durante os três séculos seguintes.

No fim do século XVIII, embora na paisagem fossem predominantes as manchas da vegetação dos depredados *Cerros Orientales*, os corpos de água e os corredores conformados pelas quatro bacias. As duas várzeas dos rios *San Francisco* e *San Agustín* encontravam-se já flanqueadas por uma mancha urbana medianamente homogênea e compacta¹⁰³ que somente estava interrompida pelo percurso destes rios, expandindo-se e diluindo-se na Savana de Bogotá. A *Q. San Deigo* ou *Burburata* ao norte, e a *Q. San Juanito* ao sul atuaram como novos limites naturais. Além dessa mancha na cidade, que se diluía com seus hortos sobre a Savana, localizavam-se as áreas de caráter rural, primeiro os *Ejidos* e *Dehesas*¹⁰⁴, depois os povos de índios¹⁰⁵ de *Suba*, *Usaquén*, *Tunjuelo*, *Fontibón*, *Soacha*, os quais estavam sob o domínio da Coroa Espanhola.

Na paisagem do fim do século XVIII, sobre a Savana de Bogotá evidenciavam-se alguns corredores de mobilidade sobre o território. Estes melhoraram com a construção de *camellones* destinados a facilitar o transporte de pessoas e mercadorias de e para as cidades e povoados do Novo Reino. Sua execução teve como finalidade mitigar¹⁰⁶ o efeito das inundações durante os períodos de chuva: ao norte, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usaquén-Zipaquirá-Tunja*, que posteriormente complementou-se com o *Camellón del Norte* (hoje, Autopista Norte), traçado com cinco varas de largura (4 m) e em linha reta de *San*

¹⁰² Serviço obrigatório exigido às comunidades indígenas, para aportar à cidade, uma cota determinada em cargas de lenha. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 139-140)

¹⁰³ É importante esclarecer dois fatores que faziam que esta mancha não fosse em termos absolutos compacta e homogênea: Por um lado, a tipologia das moradias coloniais corresponde à de casa de pátio, a qual continha no seu interior pequenos hortos ou jardins de caráter doméstico, e por outro lado, ademais havia numerosos hortos que aumentavam sua frequência, conforme a cidade diluía-se na Savana.

¹⁰⁴ O *Ejido* e a *Dehesa*, “[...] campos sem cultivar adjacentes com os lotes da cidade, utilizados para recreação dos vizinhos e como terra de gramados [...]”. (AGUILERA, 1977, p. 37)

Em sua sessão de 12 de janeiro de 1571, o *cabildo* estipulou os limites para a *dehesa* e o *ejido* de Bogotá. (CARRASQUILLA, 1989, p. 21)

¹⁰⁵ O processo de colonização marcou como estratégia para a ocupação e controle do território a fundação de “povoados de brancos” (espanhóis) e “povoados de índios”. A ordenança 36 das leis *de índias* diz: “E que sejam povoados de índios e naturais a quem se possa pregar o evangelho, pois este é o principal fim para que mandassem fazer os novos descobrimentos e povoados”. (GUZMAN, 1987, p. 24)

¹⁰⁶ Apesar dos esforços técnicos, nos períodos de inverno, o *Camellón* do Norte e o *Camellón* de Ocidente convertiam-se em lodaçais durante o período de chuvas.

Diego (Bogotá) até a Ponte do *Común*¹⁰⁷ (*Chía*); no oeste, consolidou-se o caminho *Bogotá-Fontibón-Honda*¹⁰⁸ (hoje, *Av. Jiménez* ou *Calle 13*); no sul, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usme- Llanos Orientales* (hoje, *Av. Caracas*); no noroeste, os caminhos *Bogotá-Suba* e *Bogotá-Engativá*; finalmente, no sudoeste, o caminho *Bogotá-Soacha – Fusagasugá* (hoje, Autopista Sul).

O *Camellón* do Norte tornou-se a primeira obra de infraestrutura que alterou o sistema hídrico da cidade ao subdividir uma zona úmida e impedir a continuidade dos corpos de água que desciam dos morros. Para sua construção – parcialmente concluída em 1807 – foi necessário elevar o terreno para encher os sulcos deixados pelos corpos de água que atravessavam o caminho¹⁰⁹. Em um plano de 1805, evidencia-se o traçado do *Camellón* do Norte, atravessando sobre 15 corpos de água que compreendiam vários rios, riachos e as zonas úmidas de *Torca* e *Guaymaral*¹¹⁰.

2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural

Os rios são poluídos. Cidade nuclear. Independência e república.

O início do século XIX marcou o fim da colônia; em 1810 deu-se a independência do país, que foi confirmada em 1819. Este fato não marcou nenhuma transformação no que se refere ao tema central deste documento, enquanto a mancha urbana continuou crescendo com a mesma inércia da colônia e a atitude frente ao entorno natural manteve as mesmas práticas negativas que tanto dano causaram ao ecossistema original. (Figura 17).

Como mencionado anteriormente, durante os séculos XVI ao XVIII, executaram-se obras para a construção de caminhos e *camellones*, entre os quais se destacou o *Camellón* do Norte; porém, devido ao fato de que os *camellones* foram construídos sobre áreas de inundação, os povoadores espanhóis e seus descendentes *criollos*¹¹¹ foram obrigados a

¹⁰⁷ Esta foi a única obra de infraestrutura de transporte herdada do período colonial. Atualmente seu traçado corresponde ao da *Carrera 13* e *Autopista Norte*.

¹⁰⁸ Este caminho foi adequado como *camellón* durante o século XVI, cuja construção foi motivada por enchentes do *R. Bogotá*. “Estava o rio tão crescido por esses dias que chegava até *Techo*, junto ao que tem *Juana de Aranda* por estância. Era tão grande a enchente que não havia caminho livre por onde passar, e para ir desta cidade (*Santafé de Bogotá*) a *Techo*, havia tanta água e tantos pântanos [...]”. Era necessário atravessar para o ocidente com ajuda de balsas. (FREILE, 1926, p. 114)

¹⁰⁹ CARRASQUILLA, 1989, p. 206.

¹¹⁰ “Plano em que se manifesta o caminho que passa por *Usaquén* e novamente projetado em *Derechura* (linha reta)”. Arquivo General da Nação. Bogotá: 1805.

¹¹¹ “*Criollo* (do português *crioulo*, e este de criar) é um termo que historicamente foi utilizado no passado colonial sob a metrópole espanhola para designar ao habitante nascido na América de descendência exclusivamente de padres espanhóis ou de origem espanhola. Em meados do século XVIII controlavam boa parte do comércio e da propriedade agrária, pelo que tinham um grande poder econômico e uma grande consideração social, mas estavam deslocados dos principais cargos políticos

enfrentar as impetuosas águas dos rios que inevitavelmente reclamavam seu vale original de inundação durante os períodos de chuvas. Era assim que o *Camellón* do Norte inundava-se nas épocas de inverno, razão pela qual durante a segunda década do século XIX, ele tinha sido abandonado pelas *recuas*¹¹² e os ginetes¹¹³. Por outro lado, as enchentes dos rios produziam grandes estragos, entre os quais se incluíam a morte de alguns animais domésticos, a destruição ou danos ocasionados nas pontes e a inundação das ruas e edificações da cidade¹¹⁴. Vale a pena salientar neste ponto que, para a condução das águas de chuva, criou-se na cidade, em 1890, o Ramo das Águas Sujas e dispuseram-se alguns mandatos com relação ao controle das águas de chuva¹¹⁵.

Figura 17 – Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.

Para a época da Independência (1810), a cidade contava com 21.000 habitantes e ocupava uma área de 241 ha (Densidade 87.1 hab./ha). Seu crescimento era lento e compacto (P-1). A cidade mantém como eixos principais os caminhos coloniais (P-2) 1. Do sal - Tunja, 2. “*Camellón* do Norte”, 3. Suba, 4. Engativá, 5. Fontibón, 6. Soacha, 7. Usme. Destes três destacam-se: o caminho a Tunja, *Calle Real* (1) chegando à Praça Maior e duas alamedas que têm como ponto de convergência a Praça de San Victorino. A alameda velha, “*Camellón* do Norte” (2) e a alameda nova, caminho a Fontibon, (3) plano (P-3). Plano 1: Carlos Francisco Cabrer, 1797. Plano 3: Julio C. Vergara e Vergara, 1921. [Plano 2 feito pelo autor].

a favor dos nascidos na Espanha. Qualificava-se também de *criollo* o indivíduo nascido de *criollos*”. Disponível em: <www.wikipedia.com>. Último acesso em: 17 mar. 2009.

¹¹² Recua, “*Grupo de cabalaria ou gado que vão juntos*”. (EL PEQUEÑO..., 2001)

¹¹³ O Pacificador, Pablo Morillo deixou constância do estado do caminho em 1816-17 “O lodoso do terreno não tem permitido acabar esta obra que está traçada sobre o terreno”. (MARTÍNEZ, 1976, p. 150)

¹¹⁴ Em abril de 1710, o rio *San Agustín* teve uma enchente como produto de uma forte granizada, que inundou as ruas e as edificações e estragou duas pontes (p 92). Em outubro de 1814, uma avenida do rio *San Agustín* inundou várias edificações, destruiu a ponte de Lesmes localizado na XX, com XX e produziu outros estragos (p 127). Em 1870, o rio *San Agustín* teve uma grande enchente que levantou pedras sobre as pontes que o atravessavam (p. 179). Em 1872, produziu-se uma gigantesca enchente de todos os rios que sulcavam a cidade, todas as pontes da cidade foram arrasadas, à exceção da ponte do San Francisco e de San Victorino, e a ocasião serviu para que os cadáveres dos réus, na Colônia, se jogassem em suas águas, já que se consideravam indignos de sepultura eclesiástica. (EAAB, 2003, tomo I, p. 181)

¹¹⁵ *Concejo* (Câmara) Municipal. Acordo 18 e 21 de 1890. (EAAB, 2003, tomo I, p. 245)

Com relação à mancha de vegetação sobre os *Cerros Orientales*, é preciso dizer que, em meados do século XIX, tinha diminuído significativamente a tal ponto que o nível da água dos rios que enchiam os aquedutos da cidade estava notavelmente reduzido. (Figura18). De fato, um artigo da Gazeta Médica de 1865 indicava:

Bogotá se ressentia já pela escassez de águas vivas¹¹⁶ que vêm da cordilheira a formar o que chamamos os rios *San Francisco*, *Manzanares* (*San Agustín*) e *Fucha*, cujos leitos dão a conhecer a quantidade de água que corria neles em outros tempos, e que hoje em dia tem sido reduzida a uma porção insignificante e insuficiente para arrastar os imensos depósitos de infecção coletados em suas margens [...] Esta diminuição da quantidade de água dos córregos e dos rios se relaciona com os desmatamentos praticados para fornecer lenha e carvão, único combustível que se consome entre nós.¹¹⁷

Figura 18 – Cerros Orientales. Desmatamento.

Depois da independência a cidade manteve os mesmos vícios herdados da colônia. Continua com a invasão das rondas dos rios e o secado de suas águas (Foto1). Os morros estavam desmatados e as águas negras eram transportadas por pequenos canais a céu aberto situados na parte central das ruas, como se observa no *Daguerrotipo “La Calle del Observatorio”*, do Barón Jean Baptiste, 1842 (Foto 2) e na foto da “*Calle de San Carlos*” atribuída a Demetrio Paredes, 1985 (Foto 3).

Assim, ao comparar a paisagem de finais do século XVIII com a paisagem de finais do século XIX apresentam-se poucas diferenças no que diz respeito à relação da cidade com o sistema hídrico superficial. Porém, vale a pena salientar algumas diferenças: por um lado a

¹¹⁶ Abundante água que flui de forma natural.

¹¹⁷ ZERDÁ, L. apud EAAB, 2003, tomo I, p. 167.

homogeneização das superfícies relacionadas com as sub-bacias dos riachos de *San Diego* e *San Juanito*, os quais no plano da cidade de 1885¹¹⁸ aparecem praticamente cobertas pela mancha da cidade (especialmente a *Q. San Diego*), a superação dos limites da cidade para o oeste, superando o limite gerado pela confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín* e o surgimento de uma incipiente mancha urbana no setor de *Chapinero*, e seu corredor viário que determinaram o posterior crescimento de Bogotá ao norte.

À diminuição da cobertura vegetal sobre os *Cerros Orientales*, a ocupação da cidade sobre os corpos hídricos e a construção de caminhos e *camellones* somaram-se um par de elementos associados às manchas e corredores vegetais, que modificaram a paisagem no final do século XIX, a plantação de Eucaliptos e a transformação de praças como parques urbanos; os primeiros associados aos limites das propriedades e os segundos associados a um projeto político da República.

Os corpos de água murcham-se. Cidade bipolar. Meados do século XIX.

Mesmo que não tenha se estabelecido com precisão a chegada das primeiras sementes de Eucalipto à cidade, alguns registros mencionam que em 1893 plantaram-se os primeiros Eucaliptos no povoado vizinho de *Soacha*¹¹⁹. Três opções de semear foram utilizadas para a localização dos Eucaliptos nas fazendas: a primeira, conformando os limites das propriedades; a segunda, conformando portões e caminhos de acesso às fazendas simulando alamedas; a terceira, como manchas de bosques de árvores destinados à indústria madeireira. A plantação de Eucalipto marcou o início de uma significativa modificação da paisagem da cidade e a Savana de Bogotá, além de secar os solos sobre os quais foram colocados.

Com relação ao segundo elemento, a partir da segunda metade do século XIX se inicia o processo de transformação das praças coloniais por “Parques-jardim”¹²⁰: (Figura 19), nestes parques semearam-se jardins divididos por caminhos em uma rigorosa distribuição geométrica, cujo centro tinha por remate uma escultura ou elemento emblemático e seus limites configuravam-se a partir de um gradil de ferro. Essa transformação evidenciava uma intenção política do governo de finais do século XIX, que consistia em reforçar o sentido

¹¹⁸ Anônimo. Plano de Bogotá feito em 1885. In: MEJÍA, Germán et al. **Histórico de Bogotá 1791-2007**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá: 2007, p. 38.

¹¹⁹ “Segundo Pérez Arbeláez em 1893, Don Pepe Urdaneta plantou o primeiro Eucalipto da Savana de Bogotá no seu sítio em Soacha; outras fontes (Ernesto Guhl) dizem que o Eucalipto foi importado de Nova York pelo presidente Murillo Toro e plantado pelos habitantes da Savana em seus sítios e nos *Cerros Orientales*. Seja como for, esta não foi uma boa ideia, porque uma variedade de Eucalipto (*Eucaliptus Globulus*) resseca o solo em que habita, e parece ser uma das causas da desertificação paulatina que sofre a Savana”. MOLINA, L.F., op.cit., 1995.

¹²⁰ O projeto “Obras de Ornato para a Praça de Bolívar”, elaborado por Jorge Brunch em 1862, é testemunha desta nova visão sobre os espaços públicos da Bogotá de meados do século XIX. (LEÓN, 2008).

patriótico e o respeito pelas instituições, por meio do qual “os novos parques foram convertidos em instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis”¹²¹.

Figura 19 – As praças tornam-se parques.

As praças coloniais de Bogotá sofreram uma transformação significativa no final do século XIX e começo do século XX, época na qual se incorpora o conceito de parque urbano. A Praça Maior (Praça de *Bolívar*) era um espaço com solo duro e sem árvores (Imagem 1). Em 1861 suprimiu-se o mercado semanal e constrói-se um parque com árvores e zonas verdes (Foto 2). Em 1883 são agregadas quatro fontes (Foto 3). Em 1959 recupera-se sua aparência original, projeto do arquiteto Fernando Martínez Sanabria (Foto 4). Imagem 1. Aquarela Edward Mark (Detalhe), 1846. Foto 2: 1916. Foto 3: Luis Trejos, 1916. [Desenhos e Foto 4 do autor].

As terras pertencentes às fazendas de *El Salitre*, *La Chamicera*, *Chapinero*, e *La Merced* durante o século XIX, as quais estavam destinadas principalmente aos usos de lazer, pecuário e agrícola, com cultivos de “*pan coger*”¹²², contribuíram para que boa parte da savana se mantivesse como uma extensa superfície verde com áreas de pântanos e “*cercas vivas*”¹²³, sem a penetração da mancha urbana. Esta situação pode ser atribuída ao fato de que a propriedade da terra estava concentrada em poucas mãos que as mantinham congeladas¹²⁴.

A exceção a esta condição foi marcada pela vila de *Chapinero*, localizado a 5.8 km de Bogotá, mancha que começou com um incipiente processo de ocupação urbana para a segunda metade do século XIX, devido principalmente à construção de uma capela católica (1875) que atraía peregrinos de Bogotá e à localização de 30 a 40 casas e Vilas de

¹²¹ Estas intenções estiveram enquadradas num projeto político que passou à história do país como o da *Regeneración*. “A *regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do *Estado Nacional*. Ideologicamente ela deu início para que os princípios do *conservatismo* (partido político de direita) fossem impostos desde o poder do estado” (MEJÍA, 1999. p. 208).

¹²² Cultivos em pequena escala, que têm como objetivo suprir o sustento diário de seus cultivadores.

¹²³ Corresponde ao plantio de árvores utilizadas para delimitar as propriedades.

¹²⁴ Carrasquilla (1989) indicou que pelo menos 2.900 *fanegadas* (quadrado de 80 m. de lado, 6.400 m²) de terreno da zona do nordeste (da superfície que hoje ocupa Bogotá) estavam congeladas para efeitos de urbanização.

Recreio¹²⁵, assim como de numerosas habitações *pajizas*¹²⁶. (Figura 20). Uma guia de Bogotá descreveu o assentamento de *Chapinero* como lugar de lazer assim: “A pureza do ar e das águas, a beleza de seus campos, a cercania à cidade e a facilidade dos banhos atraem durante o ano as famílias de todas as classes sociais”¹²⁷.

O crescimento de *Chapinero* foi estimulado pela construção da linha do bonde de mulas em 1885 e posteriormente o bonde elétrico em 1910, que facilitou a comunicação com o centro de Bogotá, além da subdivisão por sucessão dos prédios que faziam parte da fazenda de *Chapinero*, durante a primeira metade do século XX.

Quanto à relação entre os corpos de água e a vila de *Chapinero*, o novo assentamento requeria o abastecimento de fontes de água, o que implicou a construção de um novo aqueduto¹²⁸. No aspecto paisagístico, o crescimento da mancha urbana durante os primeiros anos do século XX gerou processos semelhantes aos que teve Bogotá com relação aos percursos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Figura 20 – Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.

Em 1894 a cidade contava com 95.000 habitantes. Nesta época mantinha a mesma inércia de crescimento herdada da colônia, a novidade mais importante foi o surgimento da aldeia de *Chapinero*, ao norte da cidade sobre o caminho a *Tunja*, que posteriormente tornaria-se o bairro de recreio preferido pelas elites *bogotanas*, (P-2). Assentamento que foi favorecido pela construção do bonde em 1884 (Foto 1), a construção da igreja católica (*Lourdes*) em 1890 e das Vilas de recreio (Foto 2). Plano 1: W. A. e J. M., 1908. Plano 2: (detalhe) da *Oficina de Longitudes*, 1913.

¹²⁵ *Vila de Recreio*.

¹²⁶ Moradia precária construída com materiais vegetais.

¹²⁷ “*Almanaque y guía ilustrada*”. 1881. (MARTÍNEZ, 1976, p. 151)

¹²⁸ Uma reforma do *Ramo de las Águas* de 1886 declarou como propriedade do distrito de Bogotá os riachos de “*La Vieja*” e “*Chapinero*”. O contrato para a construção do aqueduto com canos de ferro para a cidade em 1886 contemplou a construção de redes para esta zona; em 1912 abriu-se um concurso para o esgoto de *Chapinero* e em 1913 incorporou-se a Q. *La Vieja* a este aqueduto.

Na década de 1860, os *Ejidos* da cidade ofereceram-se em um leilão como parte de uma ação política de *desamortización* de bens de mãos mortas, empreendidas pelo general Mosquera¹²⁹. Essa ação abriu o caminho a um processo de subdivisão, venda e sucessão de terras, que concluíram com a urbanização dos lotes correspondentes às antigas fazendas imediatas ao centro urbano. Dessa forma dava-se início a um lento, porém progressivo, processo de ocupação das várzeas dos rios e zonas úmidas da periferia da cidade.

O sistema hídrico, apesar dos corredores de mobilidade que começaram a marcar descontinuidades nos leitos dos rios e a relativa homogeneização de algumas superfícies das sub-bacias – devido à mancha urbana no fim do século XIX e começo do XX – é em parte a razão para que a porção restante da Savana de Bogotá, objeto deste estudo, mantivesse relativamente estável seu sistema hídrico. Porém, as infraestruturas correspondentes ao bonde de mulas, e posteriormente bonde elétrico, e a construção das linhas do Trem do Ocidente¹³⁰ (1889), Trem do Norte¹³¹ (1898) e o Trem do Sul (1903) contribuíram entre outros fatores¹³² para acelerar o processo de expansão da mancha urbana da cidade.

2.3 A cidade enterra seus corpos de água

Canalizam-se e enterram-se os principais rios. Cidade lineal. Início do século XX.

Nos primeiros anos do século XX, ainda quando a população urbana tinha crescido aproximadamente 5 vezes em comparação à população de 1800, a cidade mantinha seu processo de expansão dentro da estrutura herdada da colônia. Porém, devido a seus problemas de salubridade e de mobilidade, foram manifestados os primeiros esforços normativos para regular o desenvolvimento urbano da cidade¹³³.

¹²⁹ Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) foi um militar, político, reformador e diplomata colombiano, e que foi Presidente da Nova Granada (1845-1849) e dos Estados Unidos de Colombia (1861-1864 e 1866-1867). “Por meio do Decreto de *desamortización* de bens de mãos mortas, expropriou os bens que pertenciam a comunidades religiosas que não podiam ser colocados à venda. As comunidades que se opuseram a este decreto foram abolidas [...]. As terras expropriadas passaram às mãos do Estado, que as vendeu ao melhor comprador. Desse modo, a lei não favoreceu aos camponeses sem terras já que os bens expropriados foram adquiridos por ricos comerciantes e latifundiários. Disponível em: <<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>>. Último acesso em: 19 dez. 2008.

¹³⁰ Em 1908 o Trem da Savana (do oeste) conectou a cidade com o porto (fluvial) de Girardot sobre o rio Magdalena. (IRIARTE, 1988, p. 147)

¹³¹ Essas datas correspondem à conexão férrea de Bogotá com outros povoados da Savana: com Facativá em 1889, com Zipaquirá em 1898 e com Sibate em 1903.

¹³² Outro fator de influência neste processo deve ter sido a subdivisão, sucessão e venda das fazendas, assim como a venda da área correspondente aos antigos *Ejidos* da cidade.

¹³³ “A primeira delas foi o Acordo 10 de 1902, que regulamentou as construções, a abertura de ruas e a urbanização de terrenos. Seguiu-lhe o Acordo 6 de 1914, que regulamentou especificamente as urbanizações, ou seja, a adequação de

Em 1912, a “fronteira natural” ao oeste da cidade estava definida pelas zonas úmidas e pelas áreas de inundação da Savana. Essa foi uma das razões pelas quais a cidade manteve seu crescimento na parte baixa da encosta dos *Cerros Orientales* no sentido norte-sul. Nesta época, a mancha urbana tinha incorporado novos rios e riachos: ao norte, Q. *San Diego*, R. *Arzobispo*, Q. *Las Delicias* e Q. *La Vieja*; ao sul, a Q. *San Juanito* e Q. *La Calera*. (Figura 21). Os rios *San Francisco* e *San Agustín* apresentavam um alto grau de deterioramento e contaminação, e por esta razão, iniciaram-se as obras de canalização dos mesmos, aspecto que será tratado mais detalhadamente na seção 4.

Além das manchas verdes, fazendas e parques urbanos comemorativos de finais do século XIX, em 1910, por motivo da celebração do centenário da independência também se planejaram novos espaços verdes para a cidade, como a construção do Parque de *La Independencia*, localizado no leste do Parque do *Centenario*¹³⁴, que foi cenário de exibição de uma exposição cujo propósito era mostrar os novos avanços tecnológicos que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida em Bogotá e também fazer um chamado à industrialização da cidade.

Figura 21 – Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.

Em 1912 a cidade contava com 121.257 habitantes e ocupava uma área de 530 ha (densidade 228.7 hab./ha). Ao consolidar-se *Chapinero* como polo de crescimento, apareceram novos bairros no eixo de conexão com o centro, (P-1), esta configuração de “cidade lineal” afetou os corpos de água que desciam dos Morros. Destacam-se as manchas das zonas úmidas (P-2): 1. *Torca*, 2. *Guaymaral* 3. *La Conejera*, 4. *Juan Amarillo*, 5. *Jaboque*, 6. *Santa María del Lago* 7. *Capellánía* 8. *La Vaca*, 9. *El burro* e 10. *Tibanica*, com suas áreas de inundação. As manchas e corredores verdes (P-3) mantêm-se na margem dos rios e zonas úmidas e na cidade como alamedas, os Morros mantêm seu alto nível de desmatamento. Plano 1: Gregorio Hernández, 1913. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

terrenos para a construção. O Acordo 15 de 1917 criou a Junta de Obras Públicas Municipais, encarregada de regular a aplicação das normas”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹³⁴ Para maior informação consultar MARTINEZ; DUENAS et al., 2006, p. 6-29.

Em 1923, a cidade contava com 143.994 habitantes¹³⁵, a mancha urbana homogênea e compacta tinha se estendido para o leste sobre a linha do bonde e da ferrovia, finalizando no setor de *Paiba*, nas imediações da Estação da Savana¹³⁶. A esta mancha somava-se outra no oeste da cidade e sobre o caminho a Fontibón (*Calle 13*) e a *Calle 10*, correspondente ao bairro obreiro *Ricaurte*, que limitava no costado sul com o *R. San Francisco*.

É preciso esclarecer que nesta época a cidade estabeleceu como “unidade” de crescimento o bairro – obreiro ou residencial – que mantinha o traçado em xadrez herdado da cidade colonial, com seu respectivo centro definido por um parque ou praça, elementos que conferiam identidade, e ao redor deste estabeleciam-se equipamentos religiosos, educativos, de saúde e assim por diante.

No sul do centro histórico, segundo um plano de 1932, aparecem novas manchas urbanas, correspondentes aos bairros, *San Javier*, *La María*, *San Cristóbal*, *20 de Julio* e *Sur América*. No sudoeste, atravessando a linha do bonde do leste, observava-se a adesão dos bairros populares, *Restrepo*, *Santander*, *Libertador*, *Bravo Pérez* e *Santa Lucía*. Ao norte, a mancha da cidade estendeu-se muito mais do que no sul, gerando uma configuração lineal, associada às linhas do bonde elétrico e o Trem do Norte, corredores aos quais se aderiram manchas urbanas entre as que se destacaram os bairros *Quesada*, *Sucre* e *Chapinero*. Sobre o corredor viário da *Calle 68* que se projetava para o noroeste da cidade, também se observavam assentamentos projetados, como o bairro *Colombia*, *Gutt*, *Las Granjas*, *La Paz*, *7 de Agosto* e *Uribe Uribe*.

Vale a pena esclarecer neste ponto que as manchas urbanas que apareceram nas primeiras décadas do século XX podem ser atribuídas ao crescimento populacional, os processos de subdivisão e venda das antigas fazendas e vilas de recreio – fator que estimulou os processos de urbanização empreendidos pela empresa privada, que ofertava cômodas moradias para as elites no norte da cidade – à promoção de projetos de residências para obreiros, em primeira instância orientadas pelas organizações de beneficência¹³⁷ e posteriormente como parte das políticas da administração estatal e da cidade¹³⁸, e finalmente às possibilidades que ofereciam os sistemas de transporte público

¹³⁵ Censo da população da República da Colômbia realizado no dia 14 de outubro de 1918.

¹³⁶ Estação de trem, localizada sobre a *Av. Centenario (Calle 13)* com *Carrera 20*, inaugurada em 1917. Construção de estilo neoclássico, desenhada pelo engenheiro William Lidstone. (CORPORACIÓN...; ESCOBAR et. al., 2004, p. 304)

¹³⁷ Projetos de moradia de obreiros promovidos pelas organizações de Beneficência. SALDARRIAGA, A. Inédito

¹³⁸ O primeiro pronunciamento do Estado colombiano com relação ao problema da moradia foi a lei 46 de 1918 pela qual se dá uma medida de salubridade pública e se provê a existência de habitações higiênicas para a classe proletária. SALDARRIAGA, A. *Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX*. In: **Vivienda social**. Bogotá: CEJA, 2003, p. 27.

motorizado, que ingressaram à cidade na década de 1930 e contribuíram durante as seguintes décadas para a expansão tentacular e atomizada da mancha urbana no noroeste e sul da cidade¹³⁹.

Apesar da relação da mancha urbana com os corpos de água, o traçado dos bairros atuais e projetados durante a década de 1920 adotaram os rios como limites, sem dar soluções de transição entre as margens dos cursos de água e as edificações, como se no futuro o destino da malha urbana fosse completar sua homogeneidade do outro lado do percurso, passando indiferente sobre o corpo de água. Assim o evidenciaram os traçados de vários bairros projetados da cidade em 1932: ao norte, o bairro *El Retiro* com a *Q. De La Carrera*, o bairro *Rionegro* com o rio de mesmo nome, os bairros *Quinta Camacho*, *La Concepción*, *Colombia* e *Las granjas* com a *Q. La Vieja*, os bairros *Rosario*, *La Paz* e *San Fernando* com o *R. Salitre*, os bairros *Santa Teresita*, *Palermo* e *La Constructora* com o *R. Arzobispo* e o bairro *Teusaquillo* com a *Q. Tequenusa*; no centro-oeste, o bairro *Puente Aranda* com o *R. San Francisco*; finalmente os bairros projetados ao sul da cidade, *Girardot* com a *Q. San Juanito*, o bairro *Santa Ana* com a *Q. Teñidero* e o bairro *Restrepo* com o *R. San Cristóbal (R.Fucha)*

Certamente – igual ao período colonial e republicano – a mancha da cidade em malha americana continuou desconhecendo os leitos dos corpos de água que depois ficariam cobertos pela mancha urbana (vias e edificações) com o passar do tempo. A única exceção a esta condição foi constituída por alguns parques urbanos que incorporaram a água como objeto de lazer e contemplação, mas que igualmente estavam condenados a desaparecer com o passar dos anos: esse foi o caso dos parques de *San Diego*¹⁴⁰, *Luna Park*¹⁴¹ e *Lago Gaitán*¹⁴². (Figura 22).

¹³⁹ A partir da década de 1930, começaram a se formar cooperativas de transporte público de ônibus. Se bem que nesta época a extensão e cobertura das rotas não superavam a dos bondes. Na década de 1940 a diferença começava a se fazer visível: o crescimento do número de ônibus passou de 200 a 1522 unidades, entre 1931 e 1949, em comparação ao número de bondes, que decresceram de 73 a 65 unidades nas mesmas datas. (MARTINEZ; DUEÑAS, 2006, p. 6-29)

¹⁴⁰ O Parque de *San Diego* (1883) localizado na *Carrera 7a* com *Calle 26*, antes de se converter no emblemático parque do *Centenario* (1886), tinha um pequeno lago associado à várzea da *Q. de la Burburata*, que se perdeu com a realização das obras.

¹⁴¹ “Aproximadamente em 1923, Nicolás Liévano (*Compañía de Desarrollo Urbano*) construiu o parque de atrações *Luna Park*. Represou o rio *Fucha* com uma comporta situada na atual *Carrera 21*, com o que conseguiu um estupendo lago de águas cristalinas que chegava até a atual *Avenida Caracas*”. Foi o principal espaço de recreação para os habitantes do sul da cidade. Infelizmente, “A empresa fechou em 1942 e o lago foi recheado com os escombros dos distúrbios de 9 de abril de 1948”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

¹⁴² O Parque *Gaitán* (1922), localizado na *Calle 77* com *Carrera 15*, continha um pequeno lago e espaços verdes, e por um tempo foi centro de recreação do norte da cidade. Infelizmente, foi fechado e depois urbanizado na década de 1950. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

Na paisagem no oeste da cidade mantinham-se as manchas das zonas úmidas¹⁴³, e as áreas inundáveis nas quais se destacavam as de *Guaymaral, Torca, La Conejera, Capellanía, Santa María del Lago, Jaboque, Juan Amarillo, de Córdoba, Del Burro, De la Vaca, de Techo e Tibanica*. Assim como os lagos *Los lagartos*, ao norte, e *La Florida*, no oeste.

Figura 22 – Parques recreativos para Bogotá.

Em 1920, Bogotá contava com 230.000 habitantes. Surgem novos bairros no noroeste e sul da cidade (P-1). Há assentamentos que não obedecem a um plano urbano, razão pela qual a imagem é de uma “cidade fragmentada”. Como espaços de lazer aparecem: em 1922, o parque Lago *Gaitán* (Foto 1) e, em 1923, o parque *Luna Park* (Foto 2), o primeiro ao norte e o segundo no sul da cidade. Infelizmente esses dois parques foram fechados e urbanizados. Plano 1, Bogotá. 1932. *Secretaria de Obras Públicas*, 1932. Fotos 1 e 2: *Fundación Misión Colombia*.

As manchas verdes dentro do casco urbano estavam constituídas pelos parques antes mencionados e outras manchas menores semelhantes ao tamanho de quarteirões correspondentes aos parques *Lourdes, Ricaurte, Sucre (Calle 42 com Carrera 8a); Mártires e España*. Igualmente ainda se mantinha a presença de áreas verdes no interior dos quarteirões, correspondentes aos quintais das residências ou prédios institucionais, que desapareceram nas décadas seguintes durante os processos de subdivisão de lotes e de maior densidade populacional dos quarteirões¹⁴⁴.

¹⁴³ “As áreas úmidas são ecossistemas de grande valor natural e cultural, constituídos por um corpo de água permanente ou estacional de pouca profundidade, uma franja ao redor que pode se cobrir por inundações periódicas (*Ronda hidráulica*) e uma franja de terreno não inundável, chamada Zona de Manejo e Preservação Ambiental”. (DEPARTAMENTO....2004.)

¹⁴⁴ “Estes espaços, quintais e lotes onde abundavam as árvores e cultivos que supriam a carência total de parques e jardins públicos na cidade converteram-se logo em espaços construídos”, [mas infelizmente] “Se tornou comum que os donos das grandes casas, os habitantes mais opulentos da capital, dividissem a planta baixa em pequenos locais ou quartos denominados “*lojas*”, que alugavam como habitação às classes mais populares”. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 167-169)

Com uma maior extensão também se destacavam como manchas verdes os parques emblemáticos do *Centenario* e de *La Independencia* no setor de *San Diego*¹⁴⁵. A área restante, no oeste da cidade, correspondia às propriedades que faziam parte de antigas fazendas e os lotes de alguns equipamentos institucionais, entre os quais se destacavam o *Sagrado Corazón*, a Escola Militar em *San Diego* e o Cemitério Central¹⁴⁶.

Além das manchas descritas, ao oeste e ao norte da cidade a Savana dilatava-se até o *R. Bogotá* com as antigas fazendas e cultivos de cereais. O pensador e humanista colombiano Luis López de Mesa¹⁴⁷ registrou os seguintes versos sobre o aspecto da Savana de Bogotá, em uma de suas viagens no Trem da Savana:

En frente de mí se mostraba la llanura de un verde reposante en su amplitud de cuarenta kilómetros, hasta arriscarse en los cerros de Facatativá, de donde salta la vista a vuelo de pájaro a través de la invisible llanura del Magdalena sobre las cumbres más altas de la cordillera central, como el Nevado del Tolima, cuya pirámide esplendente preside el panorama remoto [...] La gran llanura, nuestra amada planicie, dilatada enfrente de nosotros el verde amarillento de sus pastos y el verde oscuro de sus arboledas, hacia el ocaso, por leguas y leguas de distancia, hasta morir, suavemente vagarosa, contra la falda azulina de la lejana cordillera.

Com relação à mancha verde dos Cerros Orientales, é preciso dizer que continuou o processo de desmatamento durante a segunda década do século XX. Frente ao problema da diminuição do caudal das águas do *R. San Francisco*, alguns estudiosos advertiam sobre a importância de evitar a erosão dos solos dos morros (TRIANA, 1914), e recomendavam a utilização de vegetação nas margens dos rios para evitar a dessecação de seus leitos:

De fato, as plantas que cobrem uma superfície úmida não somente a protegem do contato dos ventos diminuindo assim a evaporação, mas também que comunicam pelas raízes as condições porosas de uma esponja, para armazenar água durante o tempo chuvoso com o fim de soltá-la

¹⁴⁵ Este espaço é de singular e significativo interesse para a cidade. Coincidente com sua inauguração realizou-se a “*Exposición agrícola e industrial*” (1910) para a qual se construíram vários quiosques (a música, japonês e a luz) e vários pavilhões (indústria, belas artes, máquinas e egípcio). (MEJÍA, G. 2004, p. 514)

¹⁴⁶ A construção do Cemitério Central (católico) iniciou-se em 1827, em um lote localizado sobre o caminho a *Engativa*, com planos elaborados pelo engenheiro Esquiaqui, e modificado anos depois por Rafael Alvares Bastida. Ao final de 1836 começou a operar. (CORPORACIÓN...; ESCOVAR, 2004, p. 355)

¹⁴⁷ LÓPEZ DE MESA, 1929, p. 237.

devagar durante o tempo seco, por esta razão os córregos formados sob o frescor de uma vegetação exuberante são mais persistentes do que os que correm por terrenos desflorestados.¹⁴⁸

Porém, em 1918¹⁴⁹, empreenderam-se atividades de reflorestamento que pretendiam recuperar a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*; infelizmente esta ação não foi bem sucedida, pois se plantaram espécies exóticas – Pinheiros e Eucaliptos – que causaram um efeito negativo sobre os solos escarpados dos morros¹⁵⁰.

Quanto ao abastecimento de água, os bairros que surgiram na década de 1920 e 30 em vários casos careceram de um planejamento adequado, e foram evidentes as necessidades de abastecimento de água, sistemas de esgoto e impermeabilização das superfícies para garantir a circulação do transporte automotor. Assim, no ano de 1931, a cidade projetava obras de pavimentação “*macadamización*”¹⁵¹, conserto de ruas, e aproximadamente 50.000m de esgotos para aqueles bairros que a *Camara Municipal*¹⁵² denominou “os bairros extremos da cidade”¹⁵³.

Como foi exposto anteriormente, durante as décadas de 1920 e 30, a mancha urbana apresentava uma estrutura tentacular e atomizada estendendo-se ao sul e ao noroeste da cidade, e aumentava a preocupação da administração para planejar o crescimento futuro. Assim, a prefeitura empreendeu iniciativas de planejamento das quais se destacavam as propostas do Plano Bogotá Futuro¹⁵⁴ em 1923, e as iniciativas do arquiteto urbanista Karl Brunner que foi contratado em 1933 para assumir a direção do recém-criado Departamento de Urbanismo de Bogotá¹⁵⁵. (Figura 23).

¹⁴⁸ A propósito destas recomendações, Triana propunha a plantação de espécies nativas como o *Arboloco* (*polymnia pyramidalis*) e outras espécies de tipo arbustivo. (TRIANA, 1914, p. 5-14)

¹⁴⁹ “Em 8 de abril de 1918 começou na fazenda de *San Francisco*, na vazia do *San Cristóbal*, aos trabalhos de arborização [...] como o Aqueduto não tinham viveiros preparados e as únicas árvores que se conseguiam eram Eucaliptos, ao princípio a plantio se fez unicamente com este tipo de árvore, mas em atenção às opiniões emitidas por alguns expertos, entre outros pelo Mr. Daw, no ano passado se tem dado preferência aos Pinhos (*podocarpaceae*)”. (EAAB, 2003, tomo 1, p. 422)

¹⁵⁰ GHUL, E. apud EAAB, 2003, tomo 1, p. 423)

¹⁵¹ Sistema de melhoramento de vias adotado pela cidade, “construção de uma superfície de rodado de um caminho usando 3 camadas de materiais (pedras) de diferentes tamanhos, colocando a mais grossa embaixo e a mais fina por cima, e depois compactando com *rodos* e tráfego [...]”. Segundo Guillermo Noffal. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?macadam>>. Último acesso em: 21 jan. 2009.

¹⁵² *Concejo. Camara Municipal*: órgão legislativo do Município.

¹⁵³ Os Bairros Unidos de *Chapinero*: *Rosario, La Paz, Uribe-Uribe, La Sallé, Urbanización San Felipe, Gaitán, La Constructora, Quesada, La Perseverancia, Nordeste, La Serpentina* (atualmente *bairro Restrepo*), *Chiquinquirá, Ricaurte e Seminario*. Alcaldía de Bogotá. “*Las necesidades de los barrios extremos*”. In: Registro Municipal. Bogotá, 1931.

¹⁵⁴ Os primeiros planos da cidade (*Bogotá Futuro* e o de Karl Brunner) enquadram-se na linha de planos de *ensanche* do urbanismo europeu do século XIX. “Neles se pretendeu estabelecer, por meio de desenhos da cidade ou de seus fragmentos, os parâmetros ordenadores de uma cidade harmoniosa em cada um de seus componentes”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹⁵⁵ Foi criado como dependência da *Secretaria de Obras Públicas Municipales*, segundo o Acordo 28 de 1933, que em seu artigo 2 prevê: “O *Departamento de Urbanismo* estará encarregado do planejamento da cidade futura, do estudo da legislação que regulamente as urbanizações e facilite a abertura e melhoria das vias urbanas e em geral de todos os problemas de urbanismo relacionados com o desenvolvimento da cidade”. (LEMUS, 2006, p.64)

Figura 23 – Primeiros planos urbanos para Bogotá. Exíamples.

Em 1923 a Oficina de Obras Públicas elabora o plano “Bogotá Futuro” (P-1) sendo este o primeiro esforço de planejamento e regulação da cidade. Porém, foi o urbanista austríaco Karl Brunner que, a partir de 1933, realizou uma série de propostas para a cidade (P-2), projetando novos eixamples (cor vermelha); ampliação da rede viária, incorporando o conceito de avenida parque, *Av. Caracas* (Foto 2) e a construção de parques urbanos como o “Paseio Bolívar”. (Foto 3). Plano 1: Engenheiro Enrique Uribe Ramírez. Plano 2: “Obras em Bogotá” MAMBO 1989. Foto 1, Foto 2: Museu de desenvolvimento urbano.

As ideias urbanas de Brunner

[...] se identificaram com as de seus maestros do urbanismo da primeira modernidade europeia, que conceberam a cidade como uma entidade estética ordenada, ambientalmente agradável e apta para a vida do ser humano, com uma forte participação estatal em sua construção e com um sentido social ao mesmo tempo aristocrático e democrático.¹⁵⁶

Neste sentido, a concepção urbanística de Brunner previa três níveis em relação à adequação de superfícies públicas, destinadas a fazer parte integral da estrutura urbana: as vias arborizadas – bulevares – as praças e os parques florestais, que procuravam a vinculação com os espaços (zonas) verdes já existentes na cidade¹⁵⁷.

Vale a pena citar alguns projetos enquadrados nesta concepção urbanística. No projeto da Avenida *Caracas*, Brunner vinculou os critérios necessários para o manejo de uma via de alta capacidade (40 metros de perfil) com o conceito de bulevar conformado por faixas e um canteiro central gramado e arborizado. A proposta também incluía a integração (por

¹⁵⁶ CORTES, Fernando. Karl Brunner. La construcción de la ciudad como espacio público. In: SALDARRIAGA, 2000 p.100.

¹⁵⁷ HOFFER, 2003, passim.

meio de franjas verdes) da *Av. Caracas* e do corredor do *R. Arzobispo* à altura da *Calle 39*¹⁵⁸. Quanto aos parques florestais, pode se salientar o estímulo que Brunner deu à materialização dos projetos do Parque Nacional¹⁵⁹ e o Passeio *Bolívar*¹⁶⁰, conectados à mancha verde dos *Cerros Orientales*.

Infelizmente, da gestão de Brunner, poucas obras permanecem na cidade atualmente. Porém, Brunner teve um aporte significativo ao abrir um caminho para o reconhecimento da importância da rede verde conformada por manchas e corredores no interior das superfícies urbanizadas, vinculados em alguns casos aos corpos de água, como no caso do *R. Arzobispo* já mencionado, e o *R. San Cristobal* para o qual se propôs uma vinculação ao tecido verde da cidade.

Centro homogêneo. Cidade fragmentada. Meados do século XX.

A paisagem da cidade em 1953 evidenciou o resultado do progressivo avanço da urbanização da Savana de Bogotá durante as primeiras décadas do século XX. A mancha urbana estendeu-se para o oeste de maneira homogênea e compacta – especialmente no norte e centro – e de maneira dispersa, no sul da cidade. Esta configuração dava como resultado um formato de “meia-lua” cujos limites extremos eram, no oeste, a *Av. Cundinamarca (Av. Carrera 30)* e no leste, a mancha verde dos *Cerros Orientales*, que lentamente começava a se recuperar da ação predadora do homem durante os quatro séculos anteriores. Além do limite da *Av. Carrera 30*, estendia-se o corredor da *Av. de las Américas*¹⁶¹ (via parque) que conectava a cidade com o recém-construído Aeroporto de *Techo*¹⁶². Naturalmente, já começavam a aparecer as manchas urbanas associadas ao traçado como o bairro *Puente Aranda*. Além disso, apareceram outras manchas urbanas

¹⁵⁸ HOFFER, 2003, passim.

¹⁵⁹ Projetos como o *Parque Nacional* existiam com anterioridade à chegada de Karl Brunner, porém, o mérito do arquiteto austríaco reside no fato de ter respaldado firmemente sua materialização.

¹⁶⁰ No assentamento subnormal sobre os *Cerros Orientales*, em 1925 inicia-se o estudo para o saneamento do setor. Em 1936 Karl Brunner apresenta a proposta do *Passeio Bolívar*. “Contemplo a conformação de um grande Parque Florestal Urbano, prolongação do Parque Nacional, com instalações adequadas de recreação popular [...] Como elemento articulador propunha a conformação de um Passeio Urbano definido como uma grande *Terraza Mirador* sobre o espetáculo da cidade e a Savana”. CORTES, Fernando. “*Karl Brunner: La construcción de la ciudad como espacio público*”. Catálogo exposición, Museo de Arte Moderno de Bogotá. Bogotá, 1989 p. 8.

¹⁶¹ Construída em 1948 com uma largura média “entre *paramentos* (distância entre fachadas) de 114 m. com comprimento de 6,5 km desde a *Calle 26* com 34 até o aeroporto de *Techo*. O caráter da avenida é “*Park way*” implementando bosques irregulares, e arborização de acordo com princípios de “*Jardim Inglesa*” com árvores e arbustos *sabaneros*”. (RITTER, 1946, p. 30)

¹⁶² “Primeiro aeroporto da cidade de Bogotá construído em 1930, situado no setor de *Techo* [...] Sua ubiquação e instalações físicas não eram as mais adequadas, tendo em conta o crescimento do transporte aéreo [...] As inundações frequentes da plataforma constituíram outro grande problema, ademais de que o largo da pista era insuficiente e o edifício Terminal era demasiado estreito para receber a quantidade de passageiros”. Disponível em: <[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)>. Último acesso em: 5 nov. 2008.

sobre o traçado da *Calle 68* no noroeste da cidade, como os bairros *San Fernando* e *Las Férias*, consolidando este eixo como novo polo de crescimento da cidade.

Na década de 1950, o sistema hídrico da cidade estava substancialmente modificado, tinha sido encanado e enterrado e, sobre os mesmos, construíram-se novas avenidas. A saber, no centro, sobre a *Q. San Juanito*, a *Calle 4ª*; sobre o *R. San Agustín*, a *Calle 6ª*; sobre o *R. San Francisco*, a *Av. Jiménez*; e sobre a *Q. San Diego*, a *Calle 26*. Ao norte, sobre a *Q. Las Delicias*, a *Calle 62*, *Q. La vieja*, *calles 68 e 70*. Ao sul, o *R. San Cristóbal (Fucha)* tinha sido incorporado à mancha da cidade. Nesta mesma época canalizaram-se a céu aberto os rios *San Francisco (Calle 6ª)*, a partir da *Av. Caracas* e o *R. Arzobispo (Calle 39)*, a partir da *Carrera 7ª*. Com estas obras hidráulicas, seguramente, iniciou-se o processo de “manejo técnico” dos rios desconhecendo seu papel como elementos importantes do ecossistema do centro da cidade. (Figura 24).

Figura 24 – Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.

Em 1951 a cidade tinha 715.250 habitantes e ocupava uma área de 2.700 ha (densidade 264.9 hab./ha, a maior da cidade). Mantinha-se seu crescimento desordenado e aumentaram-se os desenvolvimentos ilegais (favelas) ao noroeste e sul da cidade (P-1). As zonas úmidas mantêm suas áreas, mas perderam boa parte de suas zonas de inundação (P-2). Na Savana (P-3) diminuem-se os corredores verdes dos rios, riachos e margens das zonas úmidas; os Morros continuam desmatados e na cidade incrementam-se os corredores viários das avenidas arborizadas. Plano 1: “*Bogotá e seus ao redores*”, IGAC, 1954. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Como foi dito anteriormente, o leito do *R. San Francisco* foi encanado e enterrado (1927) até a *Av. Caracas*. A partir deste ponto foi canalizado a céu aberto e também se mudou seu percurso obrigando-o a continuar pela *Calle 6ª* (atualmente *Av. Comuneros*) até o ponto identificado desde a colônia como *Puente Aranda*, até finalmente continuar seu descenso pelo leito natural.

O *R. Arzobispo* estava flanqueado pela traça urbana correndo por um canal a céu aberto até a *Calle 24*, continuava no seu curso natural, conformava pântanos que variavam de extensão, segundo a época do ano, inundando os lotes da Cidade Universitária – que a partir deste ponto recebe o nome de *El Salitre* – cujas águas a jusante estavam margeadas pela mancha urbana associada aos novos bairros (*San Fernando e 12 de Octubre*) que apareceram sobre a *Calle 68*, de tal forma que seu destino seria se ocultar sob a homogeneização das superfícies urbanas. Por sua vez, o *R. San Cristobal (R. Fucha)* no sul da cidade ainda corria pelo percurso natural. Finalmente, as bacias dos rios *Torca, Juan Amarillo e Tunjuelo*, ainda não tinham sido cobertas pela mancha urbana.

Nas manchas verdes da cidade continuou prevalecendo a associação aos *Cerros Orientales* (em processo de recuperação)¹⁶³ com a qual se conectava a cidade, entre outros elementos pontuais, por meio do Parque Nacional, o Passeio *Bolívar*. Também se destacavam na periferia ocidental a *Av. de las Américas*, a Cidade Universitária, a área imediata ao estádio *El Campín*, *El Bosque Popular* (jardim botânico) e o Batalhão *Caldas*; no sul, o Hospital *San Juan de Dios* e a Escola de Polícia; ao norte, o Parque *Gaitán*, a Escola Militar e o *Cantón* Militar Norte. No setor privado, o Hipódromo de *San Isidro* ou *Techo* (1954), a *Quinta Mutis* e o Clube de *Los Lagartos* (1950), este último ao norte da cidade, que dali em diante protegeria o lago de mesmo nome, estava destinado às elites sociais da cidade.

O Clube de *Los Lagartos*¹⁶⁴ evidenciou um padrão que se replicaria durante as décadas seguintes: as áreas de manchas verdes no norte da cidade passavam ao domínio de mãos privadas, tornando-se áreas de acesso restrito, destinadas exclusivamente ao aproveitamento das elites sociais da cidade. Em contraposição, no sul, nas imediações dos rios *Fucha* e *Tunjuelo* em algumas áreas dos *Cerros Orientales* – onde existia exploração de pedreiras – os elementos naturais estiveram associados à marginalidade e à miséria: durante as décadas seguintes do século XX, os camponeses provenientes de outras zonas do país, deslocados pela violência, ocuparam as áreas de risco pelo deslizamento, remoção em massa e inundação, estreitando-se dessa forma, com o passar dos anos, o vínculo entre marginalidade urbana e riscos naturais.

¹⁶³ “A municipalidade de 1916 e 1917 realizou todas as compras [...] e ordenou que todos os terrenos adquiridos foram entregues à Empresa de Aqueduto para que os cuidara, administrara e arborizara [...] cobrindo estes uma extensão aproximada de 7.000 *fanegadas* (4.480 ha), dividiram-se em três porções para seu manejo: a bacia do *San Cristóbal*, a do *San Francisco*, e a do *Arzobispo*”. PORTOCARRERO, Alberto, ata 361 de 28/02/20 EAAB. In: EAAB, 2003, tomo I, p. 421.

¹⁶⁴ “Sob a iniciativa de um grupo de amigos engenheiros, em 1936 se inicia o “Clube *Los Lagartos*”, com a compra de terrenos próximos à cidade de Bogotá, na antiga *heredad* chamada *Muriel*, onde se encontravam as fontes de águas termais, se tornou um lugar de recreio para a elite da cidade, seu desenvolvimento principal se deu entre 1947-1950 com as construções executadas pela firma *Cuellar Serrano Gómez*”. (CUELLAR..., 1948, p. 7)

2.4 Ventos de modernização da cidade

O “*bogotazo*” e os projetos de modernização da cidade. Cidade Imaginada.

No fim da década de 1940, o país e a cidade assistiram ao recrudescimento da onda de violência política motivada pelo radicalismo bipartidário que foi gerada várias décadas antes. Em 9 de abril de 1948, foi assassinado o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitán, e após sua morte desataram-se numerosos feitos violentos que, entre outras coisas, deixaram seu rastro em Bogotá ao ser incendiadas e destruídas várias edificações do centro. Este cenário de destruição resultou favorável para a administração da cidade. De fato, as autoridades municipais aproveitaram a oportunidade para executar um plano urbanístico para o qual contrataram o arquiteto e urbanista Le Corbusier, que elaborou o Plano *Piloto* de Bogotá¹⁶⁵ e os arquitetos e urbanistas Wiener e Sert para a elaboração do Plano *Regulador* de Bogotá¹⁶⁶.

Este trabalho precisa fazer algumas considerações com relação ao Plano *Piloto* de Le Corbusier, pois este apresentou uma interessante proposta sobre o sistema hídrico, que somente seria retomada a partir de outros antecedentes¹⁶⁷ com a formulação do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no POT de Bogotá, no ano 2000. O Plano *Piloto* de Le Corbusier organizava Bogotá a partir dos corpos de água, em três unidades: a primeira, denominada de “cidade sul”, destinada aos bairros obreiros, localizada entre o *R. Tunjuelito* e o *R. Fucha*; a segunda, denominada “cidade centro”, de gestão e negócios entre o *R. Fucha* e o *R. Arzobispo*; a terceira, chamada “cidade norte”, destinada aos bairros das elites econômicas, localizada entre o *R. Arzobispo* e o *R. Negro*.

No sentido leste-oeste, o plano estabeleceu duas zonas: a área urbana entre os *Cerros Orientales* e a *Av. Carrera 30*, e a área rural e núcleo industrial entre a *Av. Carrera 30* e o limite ocidental da cidade. O plano ademais propôs áreas verdes de transição entre a zona urbana e zona rural, e áreas verdes de proteção nos *Cerros Orientales* e no limite ocidental da cidade. E assim também estabeleceu uma área de proteção para o *R. Bogotá*, e com a margem oeste da cidade, propôs uma franja verde de 500 metros de largo paralela à

¹⁶⁵ Plano dado a conhecer por Le Corbusier em 1950 e adotado pela cidade por meio do Decreto 185 de 1951.

¹⁶⁶ O Plano *Regulador*, elaborado pelos arquitetos e urbanistas Wiener e Sert, corresponde a uma segunda fase do Plano para Bogotá. A primeira fase foi o Plano *Piloto* realizado por Le Corbusier. (HERNÁNDEZ, 2004, p.100)

¹⁶⁷ Como se indicou na seção 1, a inclusão do conceito de EEU no POT de Bogotá surgiu a partir das reflexões que tinham sido gestadas com anterioridade no âmbito institucional e acadêmico, destacando-se especialmente os aportes do professor van der Hammen.

Av. Carrera 30, conformando uma rede de espaços verdes que se integram à cidade com o seu entorno natural.

Na proposta do arquiteto franco-suíço destacaram-se os seguintes aspectos: a inclusão de um olhar regional do território, a prioridade de conservar os *Cerros Orientales* e os corpos de água com o propósito de proteger o sistema hídrico da cidade e a Savana de Bogotá; a intenção de aproveitar os corpos de água para a conformação de uma rede verde que integrara o território todo, desde os *Cerros Orientales* até o *R. Bogotá*; e, finalmente, a proposta de franjas verdes no limite urbano e do município, que integrariam transversalmente os corpos de água; para o centro da cidade, a proposta de Le Corbusier aproveitava os rios *Fucha* e *Arzobispo* como elementos ambientais onde se localizariam os equipamentos de educação, saúde e lazer.

Ditadura militar e visão técnica da cidade. Controla-se e altera-se o sistema hídrico original.

Como se indicou antes, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo. A população rural colombiana foi a mais afetada por esta situação, de tal modo que se gerou um processo migratório do campo à cidade, conformado por camponeses que estavam à procura de segurança e novas oportunidades. Frente a essa evidente instabilidade e à perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo general Rojas Pinilla, que exerceu as funções de presidente, sob um regime militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957.

O General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade, promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança na cidade¹⁶⁸. Entre estes projetos, é preciso salientar, primeiramente, a criação de um eixo urbano institucional e de negócios sobre a *Calle 26*, com um comprimento de 12.5 km, finalizando no oeste com o Aeroporto Internacional *El Dorado* e como ponto de articulação com o centro tradicional, o setor de *San Diego*, e agrupou as funções administrativas que anteriormente localizavam-se

¹⁶⁸ SUARES, A. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006, passim.

no centro tradicional no CAN¹⁶⁹. Em segundo lugar, a construção do *Paseo Los Libertadores (Autopista Norte)*, eixo e portão norte da cidade, com um comprimento de 22 km, sobre o antigo traçado do *Camellón* do Norte, que teve como ponto de partida o Monumento aos *Héroes* (*Av. Caracas* com *Calle 80*) e como ponto final a Ponte do *Común* (ponte colonial) perto do Município de *Chía*. (Figura 25). Em terceiro lugar, a criação do *Distrito Especial de Bogotá*¹⁷⁰, que integrou Bogotá a seis (6) de seus municípios vizinhos¹⁷¹: *Usaquén*, *Suba*, *Engativá*¹⁷², *Fontibón*, *Bosa* e *Usme*¹⁷³ em 1954¹⁷⁴. Por esta mesma época cria-se a Empresa de Aqueduto e *Alcantarillado* (esgoto) de Bogotá¹⁷⁵, que seria a encarregada do manejo do sistema hídrico da cidade e dos municípios recém-anexados.

Figura 25 – A cidade imaginada.

Em 1949, a prefeitura contratou o urbanista Le Corbusier para elaborar um “Plano *Piloto*”, plano que foi aprovado em 1951 (P-1). Destaca-se a criação de uma rede verde aproveitando o sistema hídrico da Savana. Em 1953, anexam-se à cidade os 6 municípios vizinhos: 1. *Usaquén*, 2. *Suba*, 3. *Engativá* 4. *Fontibón*, 5. *Bosa* e 6. *Usme* (P-2). Com esta nova dimensão territorial e frente à pressão de crescimento da cidade, em 1958 elabora-se o “Plano *Distrital*” (P-3), o qual mantém parte da rede verde proposta por Le Corbusier e projeta a criação de “Parques *Distritales*”. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

¹⁶⁹ Obra prioritária do General Rojas Pinilla foi a de trasladar a presidência e os ministérios à periferia oeste da cidade, ao denominado Centro Administrativo Nacional (CAN). No final da ditadura tinha sido construída a estrutura de vários prédios. Na atualidade funcionam vários ministérios e outras dependências do estado.

¹⁷⁰ Decreto da *Concejo* (Câmara) de Bogotá 3640 de 1954. “*Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá*”.

¹⁷¹ Ordenança número 7 de 1954, da *Asamblea de Cundinamarca*. “*Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá*”.

¹⁷² Foi nos terrenos do município de *Engativá* que se construiu o *Aeropuerto El Dorado*.

¹⁷³ A incorporação de *Usme* ao *Distrito Especial* objetivava ter controle sobre a importante reserva ambiental do *Páramo de Sumapaz*, localizado no sul da cidade.

¹⁷⁴ Esta integração teve dois propósitos: de um lado, dotar de solo suficiente à cidade, para satisfazer a demanda de terras urbanizáveis destinadas aos grupos migratórios que ingressavam nesses anos a Bogotá. De outro, gerar as condições jurisdicionais apropriadas, para tomar decisões políticas sobre uma porção maior de território e assim realizar as obras que se esperava deram impulso ao desenvolvimento econômico da capital.

¹⁷⁵ O Acordo 105 de 1955, no artigo primeiro “*Crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB*”.

A administração distrital estabeleceu como prioridade de governo o investimento nas áreas periféricas da cidade, com o que se iniciaram programas de enfoque eminentemente técnico para a higienização e a dotação de infraestrutura na zona rural da Savana de Bogotá, sobre os três eixos fundamentais: a construção de equipamentos básicos, a execução do plano viário que tinha sido estabelecido no Plano *Distrital* de 1958, e a canalização de rios¹⁷⁶. Esta última ação tinha como propósito controlar as inundações nos períodos de chuva, cujas linhas de ação foram estabelecidos no Plano Maestro de Esgoto de 1962.

Este Plano definiu ações técnicas para o manejo das chuvas e as águas negras da cidade, e para o controle do *R. Bogotá*, a fim de evitar enchentes especialmente nas principais vias da cidade. Para tal fim executaram-se duas fases de desenvolvimento: a primeira fase, de desenho, que se estendeu até o ano 1966, e a segunda etapa, de execução de obras, que foi finalizada no ano 1986¹⁷⁷. Esta segunda fase compreendeu 3 etapas: a primeira teve início em 1967 e término em 1969, a segunda teve início neste mesmo ano e término em 1971 e a terceira, que começando neste último ano, terminou em 1986. (Figura 26).

Durante estas três etapas realizaram-se numerosas obras de canais e interceptores na cidade toda e especialmente na bacia do *R. San Francisco*¹⁷⁸. O olhar técnico do manejo de água levou inclusive a considerar a retificação do curso do *R. Bogotá*, procurando reduzir seu comprimento quase à metade. Um estudo de 1966 propôs: “o comprimento do rio se reduzirá de 100 km a 59.5 km entre a Ponte do *Común* e *Alicachín*”¹⁷⁹. Para a sorte da cidade este projeto não foi realizado.

O propósito inicial de canalização, interceptores e saneamento do sistema cumpriu-se, porém sua execução apresentou um par de aspectos negativos no que se refere à relação da cidade com os corpos de água. Por um lado, optou-se por uma solução técnica com um sistema combinado de esgoto (águas de chuva e águas negras). Por outro, a

¹⁷⁶ A partir do *Plano Maestro de Esgoto de 1962*, elaborado pelas firmas *Camp Dresser e McKee de Boston* e a *Compañía de Ingeniería Sanitaria Btá*, iniciou-se a canalização dos principais corpos de água na parte média das bacias. EAAB; RODRIGUEZ, 2003, tomo II, p. 195.

¹⁷⁷ EAAB, 2003, tomo II, p. 196.

¹⁷⁸ Em sua primeira etapa compreendeu o “Canal do *R. San Francisco* e interceptor esquerdo desde a *Calle 45*, até o interceptor da *Av. Boyacá*; interceptor direito de *Comuneros* em seção retangular até *Puente Aranda*, interceptor de *Boyacá* para águas negras em seção retangular, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*”. Em sua segunda etapa, “compreendeu o Canal de *Boyacá*, e interceptor direito, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*. Canal de *San Francisco*, desde a ferrovia, até o *R. Fucha* e interceptor direito de *San Francisco*, desde a Cidade Universitária até a *Av. Boyacá*: Canal de *Comuneros* e interceptores direito e esquerdo, desde *Puente Aranda* até o *R. San Francisco*. Colector de *las Américas*, desde *Puente Aranda* ao *R. Fucha* e Colector *El Ejido*, desde a *Calle 20* até o *R. San Francisco*.” (EAAB, 2003, tomo II, p. 198-201)

¹⁷⁹ O estudo de 1966 sobre a água de chuva propôs sobre o *R. Bogotá*: “Se deverá endireitar o Rio Bogotá no futuro imediato entre *Alicachín* e o *R. Juan Amarillo*, com base num nível controlado de *Alicachín* a nível 2.568”. (EAAB, 2003, tomo II, p. 205)

dessecação das superfícies que antes se inundavam teve como consequência o estímulo do crescimento da mancha urbana sobre a periferia, ao se incorporar terras no mercado imobiliário, sem prever as graves implicações ambientais no futuro¹⁸⁰, ou seja, a modificação do sistema hídrico e seus consequentes efeitos sobre o ecossistema¹⁸¹. O sistema de drenagem da Savana de Bogotá passou a ser conformado de três bacias naturais a oito bacias criadas artificialmente pelas obras técnicas¹⁸².

Figura 26 – “Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.

Em 1962, a EAAB empreende um ambicioso plano de “modernização” do sistema de aqueduto e esgoto da cidade. Para o aqueduto construíram-se novas represas (P-1) (Chingaza, 1985, Chuza 1985, San Rafael, 1996) e uma rede de distribuição que cobre toda a cidade. Quanto ao esgoto canalizam-se e controlam os rios, alterando-se o todo o sistema hídrico da cidade (P-2). Etapa 1: cor vermelha. Etapa 2: cor ocre. Etapa 3: cor verde escuro. Realiza-se a canalização dos rios *San Francisco* (Foto 1) e *Fucha* (Foto 2) e a construção de “jarillones” no *R. Bogotá*. [Planos: 1 e 2 elaborados pelo autor].

Como complemento a estas atividades, o sistema hídrico também foi afetado pela construção de infraestruturas como a do Aeroporto *El Dorado*, cuja instalação exigia o controle da área de inundação do *R. Bogotá* por meio de taludes artificiais em terra (*jarillones*)¹⁸³. Com as respectivas obras de controle do *R. Bogotá*, abriu-se o caminho para que se executassem nas décadas seguintes obras similares na parte baixa dos rios *Salitre*, *Fucha* e especialmente no *R. Tunjuelito*.

¹⁸⁰ É preciso lembrar que no começo da década de 1960 apenas começava a se gestar no país o pensamento ambiental, que estava dedicado especialmente à proteção dos recursos naturais.

¹⁸¹ Em 1967, o leito do *R. San Francisco* foi canalizado entre a *Av. Caracas* e a *Carrera 37*, e bifurcado na *Carrera 37*: o braço original com rumo norte, se encanou e enterrou, sendo destinado ao transporte de águas negras da zona oeste da cidade; e o novo braço com rumo sul, conectou-se com o *R. Fucha* na *Avenida 68*.

¹⁸² As oito bacias são: antigas (*Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*); novas (*Torca*, *Conejera*, *Jaboque*, *Tintal*, e *Soacha*). (EAAB, 2003, tomo II, p. 210)

¹⁸³ Talude em terra, para a contenção de águas. Dique longitudinal.

Planejamento local: “Plano *Distrital* de 1958”. Cidade horizontal.

Depois dos aportes de Le Corbusier, os esforços de planejamento da cidade concentraram-se no zoneamento, na projeção de vias e na incorporação de terras para a urbanização, e em numerosas oportunidades considerou-se a importância da integração dos corpos de água, as manchas verdes e a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*. Porém, na prática, as operações da administração distrital terminaram ignorando o sistema hídrico.

Com a adesão dos 6 municípios ao Distrito Capital, criaram-se novas determinantes e novos desafios para o crescimento da cidade e, portanto, considerou-se que o Plano *Piloto* de Le Corbusier requeria ser refeito. Por estas razões, em 1958, a administração distrital promoveu um novo Plano cuja proposta manteve parte do traçado viário e o zoneamento do Plano *Piloto* proposto por Le Corbusier, mas com uma ampliação do perímetro urbano, incluindo parte da área dos municípios recém-adicionados. O plano manteve a proposta de proteger os *Cerros Orientales* e os corpos de água, com a criação de uma rede verde formada pela várzea dos rios¹⁸⁴, e propôs a implementação de um programa de Parques *Distritales* na zona norte, centro e sul da cidade.

Com as diretrizes do Plano *Distrital* de 1958, a cidade começou na década seguinte o processo de construção dos Parques *Distritales*, que foram concebidos principalmente com propósitos de lazer e recreação, e ocuparam áreas da cidade que oscilavam entre 50 ha e 60 ha: (Figura 27), no sul, localizaram-se os parques *Timiza* (1968) e *El Tunal* (1970), e no leste, os parques *El Salitre* (1973) e *La Florida* (1974)¹⁸⁵. Posteriormente, nos anos 1980, realizou-se a construção do parque *Simón Bolívar*, que se adicionou como mancha verde ao parque *El Salitre*. Paradoxalmente, com exceção do parque de *La Florida*, nenhum destes parques esteve associado ao sistema hídrico da cidade.

Nesta época, as manchas verdes no norte da cidade correspondiam aos clubes privados das elites sociais – Clube *Los Lagartos*, Clube *Country*, *El Carmel Club* e *Los Arrayanes*, entre outros – e os recentemente construídos Parques Cemitérios como os Jardins: *La Paz*, *La Inmaculada* e do *Recuerdo*.

¹⁸⁴ Com relação ao centro da cidade, vale a pena dizer que, contrário à proposta de Le Corbusier, o plano não conservou o leito do *R. San Agustín*, e o condenou a desaparecer, enterrando-o sob a *Calle 6a*.

¹⁸⁵ O Parque *La Florida* está localizado no costado oeste do Rio Bogotá (Município de *Funza*) e ainda está fora do perímetro da cidade; desde a década de 1970 foi incorporado ao sistema de parques e zonas úmidas do *Distrito*.

Figura 27 – 1970. Parques Distritales.

Para suprir a necessidade de recreação da população, que em apenas 22 anos tinha se multiplicado 4 vezes. Em 1973 ascendia a 2.861.913 habitantes e ocupavam uma área de 22.299 ha (densidade 128.3 hab./ha) (P-1) e atendendo à proposta do “Plano Distrital” de 1958, na década de 1960 a cidade empreende a construção de vários “Parques Distritales”, na zona sul e centro da cidade (P-2): em 1968, o P. Timiza, com 29.98 ha, (Foto 1); em 1970, o P. Tunal, com 62.66 ha, (Foto 2); em 1973, o P. El Salitre, com 46.78 ha, (Foto 3); e em 1974, o P. La Florida, com 72.473 há. (Foto 4) Plano 1, IGAC, 1970.

2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade

O fim dos rios e zonas úmidas. Cidade construída. Final do século XX.

Durante as décadas seguintes houve o aumento das migrações do campo e das cidades menores às cidades de maior tamanho e atividade econômica, fenômeno que se estendeu durante os seguintes decênios e que ainda aumentou dramaticamente, a partir da década de 1980¹⁸⁶, devido à depressão da atividade agrícola e ao deslocamento forçado de camponeses que ficaram no meio do fogo cruzado entre o exército nacional e a guerrilha. Bogotá foi uma das cidades do país com maior recepção de população deslocada pela violência, que se localizou, como mencionado anteriormente, nas periferias do sudeste e sudoeste da cidade, sobre zonas de risco por remoção em massa e enchentes. Desse modo aumentou a pressão que a mancha da cidade exercia sobre o sistema hídrico da Savana de Bogotá, mais ainda se for levado em consideração que a cidade em apenas quatro décadas multiplicou 8 vezes sua população, ao passar de 715.362 habitantes em 1951 a 5.484.244

¹⁸⁶ O número de habitantes na cidade passou de 715.250 em 1951 para 4.441.470 em 1985.

habitantes em 1993. Nas décadas de 1980 e 1990, a mancha urbana aparecia de maneira homogênea e compacta estendendo-se praticamente até as imediações do *R. Bogotá*, franja na qual se fragmenta em alguns setores devido à presença de algumas áreas agrícolas e zonas de inundação que ainda não tem cedido perante o implacável crescimento urbano.

O crescimento da mancha urbana nas últimas décadas tem sido determinado em primeira instância pela iniciativa privada que realiza empreendimentos de adensamento de moradias e escritórios na zona centro e norte da cidade; em segundo lugar, pelas entidades oficiais que financiam novos programas de moradia popular; em terceiro lugar, pelos assentamentos subnormais (favelas), promovidos pelo setor informal e ilegal nas zonas periféricas e marginais da cidade¹⁸⁷. (Figura 28).

Figura 28 – A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.

Em 1993, a cidade contava com 5.484.244 habitantes e cobria uma área de 26.654 ha (Densidade 205.8hab./ha), crescia rápida e horizontalmente, urbanizando a maioria do território da Savana (P-1). Modifica-se o sistema hídrico da Savana (P-2) ao canalizarem-se os rios e ao continuar o processo de secado das zonas úmidas colocando em risco sua existência. Em consequência, os corredores verdes dos rios e zonas úmidas perderam presença na cidade e a paisagem é dominada pelas vias arborizadas (P-3), os Morros recuperam parte de sua cobertura vegetal. Plano 1: “*Alcaldías Menores*” IGAC, 1991. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Por sua parte as manchas de água têm sido significativamente reduzidas pelo avanço da mancha urbana: dos 19 mil ha de zonas úmidas que tinha a cidade nos primeiros anos do século XX, atualmente somente sobrevivem 800 ha. No fim da década de 1990, as zonas úmidas tinham perdido grandes porções de seus antigos espelhos de água e avançavam a

¹⁸⁷ É para se destacar nesta dinâmica de assentamento o caso de Cidade Bolívar – no sul da cidade – que em apenas 15 anos contava com aproximadamente um milhão de habitantes morando em condições precárias.

processos de terraplanagem, parcelamento e urbanização¹⁸⁸. Como produto disso tudo, alterou-se o habitat natural de répteis (lagartixas), mamíferos (morcegos) e aves (*garças*), e modificou-se o albergue estacional de aves migratórias¹⁸⁹.

No que se refere ao manejo das águas servidas, como mencionado anteriormente, a cidade desde a década de 1960 manteve um sistema de esgoto combinado em boa parte da cidade, fato que apresenta graves problemas nos períodos de chuva. Por tal motivo nos últimos anos têm se iniciado programas que visam a separar o sistema de esgoto de águas negras do sistema de águas de chuva, especialmente na área de novos desenvolvimentos, no oeste da cidade¹⁹⁰.

Esta visão técnica, orientada por grupos de engenheiros especializados, conseguiu seus objetivos funcionais, mas prejudicou substancialmente o sistema hídrico natural da Savana de Bogotá; fator que somado à perda das zonas úmidas e da ronda dos rios colocou em risco a estabilidade de todo o sistema natural, patrimônio ambiental da cidade e da Savana.

Com relação aos corredores verdes para melhorar o fluxo veicular, infelizmente empreenderam-se obras para a ampliação das avenidas, suprimiram-se os separadores centrais e retirou-se a arborização das calçadas. Exemplo deste padrão foi a construção, no fim dos anos 1980, da *Troncal de la Caracas*¹⁹¹, que ao perder a maioria de suas árvores terminou alterando negativamente a paisagem do centro da cidade.

Crise geral e anos de mudança. Final do século XX.

No fim do século XX a cidade apresentava um sistema hídrico altamente modificado: na parte baixa dos *Cerros Orientales* foi enterrada e encanada a maioria dos rios, razão pela qual a população não reconhece a existência dos mesmos; na parte média da bacia, foram canalizados todos os rios e as áreas úmidas têm diminuído consideravelmente em tamanho; finalmente, na área que corresponde ao vale aluvial do *R. Bogotá* e *Tunjuelito*, o curso dos

¹⁸⁸ Em 1999 as zonas úmidas contavam com as seguintes áreas: *Torca* 24 ha, *Guaymaral* 49 ha, *La conejera* 60 ha, *Juan Amarillo* 220 ha, *Córdoba* 40 ha, *Jaboque* 80 ha, *Santa María del Lago*, *Capellania* 18 ha, *Meandro del Say*, *El Burro* 26 ha, *La Vaca*, *Techo*, *Tibanica* 23 ha. DAMA. “*Historia de los Humedales de Bogotá*”. Alcaldía Mayor de Bogotá, 2000 p. 78-102.

¹⁸⁹ DEPARTAMENTO..., 2000, p. 12.

¹⁹⁰ Em 1952, propõe-se para o projeto de esgoto de Bogotá: “As águas pluviais podem continuar correndo por canais abertos, que são muito mais econômicos, mas construindo de imediato os dispositivos de separação para os líquidos cloacais e as águas pluviais”. (FORERO, 1952, p. 19-20)

¹⁹¹ Frente à crítica situação do transporte público em Bogotá, a administração municipal propõe como solução o modelo de transporte da cidade de Curitiba, Brasil (faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus). Com esta referência bem sucedida, inicia-se a construção de um sistema semelhante sobre a *Av. Caracas*, mas infelizmente este não contou com a mesma sorte que teve em Curitiba e resultou em um dos piores e mais custosos investimentos feitos pela cidade.

rios é controlado com taludes artificiais de terra, “*jarillones*”¹⁹², alterando a dinâmica natural de inundação do vale em época de chuva. Outro fato para se destacar corresponde ao esgotamento do solo urbano da cidade, razão pela qual nos últimos anos teve início um processo de renovação e adensamento nos setores centrais da cidade.

As ações de encanar, canalizar e controlar os corpos de água tiveram como resultado uma paisagem dominada por três franjas. A primeira corresponde à cidade que “enterrou” seus rios, que se estende desde a *Av. Circunvalación (Carrera 1)* até a *Av. Carrera 30*. (Figura 29). Esta franja cresceu de maneira lineal paralela aos *Cerros Orientales*, em um processo que implicou a canalização dos rios e posteriormente a homogeneização das superfícies, produto da construção de vias e edificações, processo que se iniciou nos anos 1920 com o *R. San Francisco* e que foi finalizado na década de 1960¹⁹³. Esta franja interrompeu a continuidade dos corpos de água e os corredores verdes que desciam dos *Cerros Orientales* e dentro da mesma destacam-se: as manchas verdes que correspondem a uns poucos corpos de água, a *Q. de Los Molinos*, *Q. Arzobispo* e o *R. San Cristóbal*; os parques de escala de zonas e de bairro; e a arborização localizada sobre as vias principais, como uma herança das avenidas arborizadas dos anos 40. Corresponde a esta franja a mancha urbana da cidade histórica, a zona financeira e comercial tradicional e os novos desenvolvimentos no norte e sul de Bogotá.

A segunda franja corresponde à área compreendida entre a *Av. Carrera 30* e *Av. Boyacá*: a cidade que canalizou seus rios com muros de concreto, a partir da década de 1950, integrou o traçado viário de maneira paralela aos costados do percurso canalizado, diminuindo a área verde da ronda. Nesta franja prevalecem as manchas verdes dos Parques *Distritales*, a Cidade Universitária, os Quartéis Militares, os Clubes Privados e os Parques Cemitérios. Como corredores verdes viários destacam-se as avenidas construídas a partir da segunda metade do século XX, entre as quais se sobressaem a *Av. de Las Américas*, a *Av. El Dorado*, a *Av. 68* e a *Av. Boyacá*. A mancha urbana está conformada prioritariamente pelos novos bairros residenciais¹⁹⁴ e as zonas industriais.

¹⁹² Em complemento às obras de canalização de rios, dá-se início à construção de “*jarillones*” na parte baixa dos principais rios, principalmente na ronda do Rio Bogotá e *Tunjuelito*.

¹⁹³ Sob o irracional crescimento da cidade ficaram enterrados os corpos de água sob Ruas e Avenidas. Ao norte: a *Q. Tequenusa (Calle 34 e Park Way)*, a *Q. de Chapinero (Calle 62)*, a *Q. de La Vieja (Calle 70 A)*, a *Q. de La Cabrera e El Chicó (Calle 88)*, a *Q. Los Molinos (Calle 106)* a *Q. de Lucé (Diagonal 109)*, *(Calle 116)*, a *Q. de Trujillo (Calle 127)* e a *Q. de Los Cedros (Calle 134)*. No centro: a *Q. San Diego (Calle 26)*, o *R. San Francisco (Av. Jiménez)*, a *Q. San Agustín (Calle 7)*, a *Q. San Juanito (Calle 3)* e a *Q. La Calera ou (Calle 1)*. No sul: a *Q. de Los Molinos (Calle 8 sur)* e a *Q. Del Cable ou Santa Catalina (Calle 11 sur)*.

¹⁹⁴ Ao norte, na bacia do *R. Salitre* os bairros *Niza* e *Córdoba*. No centro, no canal *San Francisco*, o bairro *Modelia* (na década de 1990 *Ciudad Salitre*); no canal do *Fucha*, os bairros *La Guaca*, *Torremolinos*, *Milenta*, *Carvajal* e *Marsella*. Ao sul, no *R. Tunjuelito*, os bairros *Tejar*, *Nuevo Muzú*, *Madelena*, *Villa del Río* e *Timiza*.

Figura 29 – A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.

Pelo manejo que deu a cidade a seu sistema hídrico configuraram-se três zonas (P-1): 1. A cidade que **enterrou** seus rios; 2. A cidade que **canalizou** os rios; e 3. A cidade que **controlou** seus rios. O manejo inadequado de seu recurso hídrico tem gerado à cidade múltiplos problemas (P-2): deslizamentos nos morros e ladeiras (Foto 1: *Soacha*), inundações no centro e periferia da cidade (Foto 2: *Carrera 7-Calle 73*), e a necessidade urgente de construir plantas de tratamento para despoluir os rios (Foto 3: planta *El Salitre*). [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor]

A terceira franja corresponde à cidade que controlou seus rios, com taludes artificiais em terra (jarillones) que visam a evitar enchentes sobre as áreas urbanas, e que modificaram o vale de inundação do *R. Bogotá*, alterando o principal elemento do sistema hídrico. As obras de controle foram promovidas pela necessidade de adequar infraestruturas para a cidade como no caso do Aeroporto *El Dorado*. Esta franja desenvolveu-se a partir da década de 1970, produto dos novos programas de moradia com o ânimo de suprir as necessidades das classes menos favorecidas no sul e para a classe média no centro e norte da cidade¹⁹⁵. Por efeito dos processos de urbanização e de controle sobre o sistema hídrico, as zonas úmidas localizadas dentro desta franja entraram em um acelerado processo de deterioramento, diminuindo consideravelmente seu espelho d'água (800 ha). A mancha verde está dominada pelos Parques de vizinhança, pelas vias arborizadas e pelas poucas superfícies que ainda não foram urbanizadas.

A urbanização e impermeabilização da Savana de Bogotá e a alteração do sistema hídrico provocam atualmente numerosos conflitos ambientais no interior da cidade, pois as rondas dos rios e as zonas úmidas atuavam como zonas de inundação natural, regulando o

¹⁹⁵ Ao norte: no *H. de La Conejera*, os conjuntos residenciais *COMPARTIR* e *Ciudadela CAFAM*; no noroeste. *H. Juan Amarillo* (*R. Salitre*) os conjuntos residenciais *Bachue*, *Bochica*, *Quirigua*, *Bolívia* e *Ciudadela COLSUBSIDIO*. No centro, no *H. Jaboque*, o conjunto residencial *Villas de Granada*; no canal de *San Francisco* o conjunto residencial *Los Hayuelos* e em cercanias ao *Rio Bogotá* as cidadelas habitacionais *El Tintal*, *El Recreo* e *El Porvenir*.

sistema hídrico, e retendo a água em época de chuva. Com a canalização e controle dos corpos de água, rompeu-se esta dinâmica hídrica da Savana. Como resultado desta ação, em época de chuvas intensas, aumenta-se o risco de enchentes por remoção em massa nas áreas de ladeiras devido à acumulação de grandes quantidades de água¹⁹⁶. Ao ser ocupada a zona inundável dos rios Bogotá e *Tunjuelito* pela cidade, projetou-se um sistema de drenagem para a evacuação de águas servidas e de chuva durante o ano todo, mas em época de chuvas intensas cresce o risco de inundação¹⁹⁷. Finalmente, o deficiente manejo das águas servidas que são misturadas com a água de chuva tem feito que o *R. Bogotá* seja um dos mais contaminados do mundo. É por causa desta última razão e dentro da mesma linha de solução eminentemente técnica que o POT inclui como solução a construção de três plantas de purificação na desembocadura dos rios *Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*¹⁹⁸.

Assim, a construção de infraestrutura para dominar e controlar o sistema hídrico torna insustentável o ecossistema da cidade. Perdeu-se, assim, a oportunidade de manter os corredores ecológicos que permitiram a conectividade dos *Cerros Orientales* com a Savana de Bogotá e o *R. Bogotá*.

Porém, frente a estas situações infelizes, sobressai-se, em um sentido positivo, a recuperação de boa parte da cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*, que mudou a cor ocre do desflorestamento pelo verde do reflorestamento. Dessa forma, recuperou-se parte da imagem original desta paisagem, que tanto impressionou aos viajantes e visitantes do passado. Outro fato para se destacar foi a construção, nos anos 1980, do parque *Simón Bolívar*, com o qual a cidade ganhou um de seus maiores pulmões verdes e um espaço de lazer para os *bogotanos*.

Com relação às manchas verdes restantes da cidade, podem se destacar as áreas que ficaram como propriedade das elites sociais, como o Clube de *Los Lagartos* e o *Country Club*, as manchas correspondentes aos Parques *Distritales* cuja construção foi estimulada pela administração *Distrital* durante a década de 1960, e os Parques Cemitérios. Vale destacar que a maioria destas manchas espalha-se em fragmentos dentro da mancha urbana, sem estar associadas a corredores verdes ou corredores hídricos. Neste sentido,

¹⁹⁶ Situação gerada como produto do estreito diâmetro dos canos que substituem os rios.

¹⁹⁷ Em 2 de abril de 2009: a bacia alta do rio *San Cristóbal*, tributário do *R. Fucha*, registra uma precipitação de 73 milímetros e um fluxo de água de 26 metros cúbicos por segundo, inundando os bairros localizados no setor de *Fontibón*. Em 3 de novembro de 2007: Granizada histórica, inundações no centro da cidade. 14 de maio de 1996: inundações no bairro *San Benito* situado sobre o *R. Tunjuelo*. 19 de maio de 1994: avalanches na *Q. Chiguaza*, que arrastaram o material da *Cantera El Zuque*, destruindo várias casas, com um resultado de 6 mortos, 60 casas destruídas e 822 danificados. Novembro de 1979: o Rio Bogotá transborda perto da foz do *R. Fucha*, afetando principalmente o bairro *Patio Bonito*. Disponível em: <<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

¹⁹⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artículo 121. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

estão longe de conformar uma verdadeira rede de espaços verdes tal como o propõe o modelo de ordenamento do POT, descrito na seção 1.

Frente a este panorama, inevitavelmente surge uma pergunta sobre o vínculo a se estabelecer entre um ideário de cidade e a configuração da paisagem atual: como cumprir o ideário representado no conceito de Estrutura Ecológica Urbana em uma cidade que alterou seu sistema hídrico todo – ao encanar, canalizar e controlar seus rios –, que desconheceu suas zonas úmidas ao longo de quatro séculos, e que estimulou o crescimento da mancha urbana, ignorando a importância de manter uma rede de espaços verdes dentro da cidade?

Se a intenção é procurar resposta para esta pergunta, entre outros possíveis elementos¹⁹⁹, os projetos de Parques Urbanos Metropolitanos deveriam aparecer sem dúvida alguma como uma oportunidade para a recuperação de uma rede verde, especialmente nas zonas onde estão cobertos sob o solo urbano os leitos dos rios. Neste sentido, o Parque Terceiro Milênio deveria ter se apresentado como uma excelente oportunidade para fazer realidade o sonho planejado pelo ideário do Plano de Ordenamento Territorial (POT), tendo em conta sua localização estratégica sobre a franja da cidade que enterrou seus rios, que carece de áreas verdes, e sobre a confluência das bacias dos rios *San Agustín* e *San Francisco*, e a possibilidade que oferecia a recuperação de uma zona altamente degradada no centro histórico de Bogotá.

Assim, a seção seguinte (seção 3) procurará se aprofundar na concepção, desenvolvimento e materialização deste projeto para revelar os elementos que primaram no vínculo entre um ideário positivo da cidade e as realidades e padrões culturais com as que se enfrentou o projeto.

¹⁹⁹ Recuperação de Corredores Ecológicos, aumento de áreas permeáveis, Corredores Viários.

3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.

Como mencionado na seção 2, a partir de 1954, a administração *Distrital* concentrou a maioria de seus recursos na construção de infraestrutura na periferia da cidade (vias, equipamentos e serviços públicos), estimulando o crescimento urbano e incrementando desta maneira a pressão da mancha urbana sobre a área rural da cidade (Savana), atitude com a qual se diminuiu o investimento Estatal no centro da cidade deixando nas mãos do setor privado a iniciativa de adiantar projetos de renovação deste importante setor da cidade.

3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro

Plano Zonal do Centro de Bogotá. (PZCB) 1986.

Somente após a década de 1980, a administração *Distrital* voltou o seu olhar ao centro: Em 1986, a Prefeitura de Bogotá, com o apoio do Fundo Nacional de Projetos de Desenvolvimento *FONADE*, contratou uma equipe de profissionais²⁰⁰, para que realizassem um estudo de recuperação do centro, denominado “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. A área de trabalho correspondeu ao setor denominado como Centro Tradicional²⁰¹ com uma área de 1.750 ha (Figura 30).

O diagnóstico da área demonstrou problemas como a exclusão de moradores, a concentração excessiva do setor terciário, a deterioração do meio ambiente urbano, a geração de grandes vazios urbanos, a irracionalidade do sistema de transporte, a ineficiência da administração pública, a deterioração da imagem do centro e a diminuição de investimentos privados. Foram propostas como soluções a este problema: o fortalecimento da atividade residencial, a descentralização de atividades, a conservação do patrimônio, a recuperação do espaço livre, a racionalização dos sistemas de transporte, a reorganização da administração da zona, o fortalecimento da participação e o estímulo do investimento por parte do setor privado. Finalmente foi criada uma política geral de ação constituída pela definição de um plano, seus princípios básicos, estratégias de intervenção, instrumentos de gestão, e a realização do plano, junto com os projetos de intervenção no espaço livre.

²⁰⁰ Constituído pelos arquitetos Liliana Bonilla, Carolina Barco, Fernando Jiménez, Nicolás Rueda e José Salazar.

²⁰¹ Área da cidade consolidada até o ano 1950. Inclui o Centro Histórico. Está delimitada ao Leste pela *Av. Circunvalación (Carrera 1ª)*, ao Oeste pela *Av. Norte Quito Sur (Carrera 30)*, ao Norte pela *Calle 45* e ao Sul pela *Calle 1ª*.

Figura 30 – Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.

O plano (P-1) definiu como **Centro Tradicional** (cor rosa) a área compreendida pela *Av. Circunvalación*, a *Calle 1ª*, a *Av. Carrera 30* (*Av. NQS*) e a *Calle 4ª*, com uma área de 1750 ha. Como **Centro Histórico** (cor azul) a área correspondente à *Carrera 1ª*, *Calle 4ª*, *Carrera 10ª* e *Av. Jiménez* (*Calle 13*) com uma área de 39,5 ha. Na cor verde resalta-se o Parque Tercero Milênio. O Plano cataloga os usos do setor de *San Victorino* (P-2), predominando a atividade comercial (cor vermelha), institucional (cor azul), hospedagens e semelhantes (cor laranja), escritórios (cor verde) e, em menor escala, moradias (cor amarela). Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 28.

A partir deste estudo foram estabelecidos dois eixos urbanos em formato de cruz, com ponto de intersecção na Praça de *Bolívar* (Praça Maior); estes eixos funcionam como elementos físicos, espaciais e funcionais estruturantes do centro da cidade no sentido norte-sul, o eixo institucional, e no sentido oeste-leste, o eixo tradicional (Figura 31).

Figura 31 – Eixos estruturais do Centro da Cidade.

Definidos pelos caminhos herdados da colônia: em sentido norte-sul, o caminho a *Tunja* (cor vermelha); no sentido leste-oeste o caminho a *Honda* (cor azul). O primeiro deu origem ao Eixo Institucional de 2.9 km e o segundo ao Eixo Tradicional de 2.8 km, planos (P1 a P4). No plano (P5) pode-se ver que o Eixo Institucional integra: (1) o parque de *La Independencia*, (2) o largo de *Las Nieves*, (3) o parque *Santander*, (4) a Praça de *Bolívar*, (5) o largo de *San Agustín*, (6) e a Praça de *Las Cruces*. E o eixo Tradicional integra: (7) a Praça *España*, (8) o parque de *Los Mártires*, (4) a Praça de *Bolívar* e (9) e a Praça do *Egipto*. Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 9 e 54.

Esta estrutura espacial urbana foi retomada literalmente por todas as análises posteriores feitas na área e os projetos de intervenção do centro, omitindo a inclusão de programas de recuperação do sistema natural original, especialmente nos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por considerar que esta era uma causa perdida e sem nenhum valor importante para o Centro Tradicional da cidade. Com este estudo começou um lento, porém firme, processo de recuperação do Espaço livre²⁰², a construção e arborização das calçadas no centro de Bogotá, processo que liderou a Corporação *La Candelaria*²⁰³, e que teve como propósito preservar o patrimônio arquitetônico e urbano do centro histórico e a sua área de influência.

3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.

A análise que se desenvolverá nas páginas seguintes está baseada na revisão de documentos e particularmente do discurso que apresentaram os estudos, planos e projetos associados ao componente ambiental do Parque Terceiro Milênio (PTM), devido ao fato de que estes refletem o ideário e o enfoque que guiou as ações que posteriormente concretizariam-se no Parque.

3.2.1 Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM)

No fim da década de 1990, no marco dos eixos prioritários do Plano de Desenvolvimento²⁰⁴ e especialmente do programa de Renovação Urbana²⁰⁵, a administração *Distrital* interessou-se pela procura de alternativas que lhe deram saída à situação crítica do centro de Bogotá. Além disso, o prefeito Peñalosa (1998-2001), desde o início do seu

²⁰² “[...] constituem o espaço público (livre) da cidade as áreas requeridas para a circulação, tanto para pedestres como veicular, as áreas para a recreação pública ativa ou passiva, para segurança e tranquilidade dos cidadãos, as franjas de retiro das edificações sobre as vias, fontes de água, parques, zonas verdes e semelhantes, as necessárias para a instalação e manutenção dos serviços públicos básicos”. Acordo 6 de 1990, em concordância com o artigo 5º da Lei 9 de 1989 e o artigo 674 do Código Civil.

²⁰³ A Corporação Bairro *La Candelaria* foi criada por meio do Acordo 10 de 1980, como estabelecimento público pertencente à *Alcaldía Mayor*, com *personería jurídica*, autonomia administrativa e patrimônio independente, com o objetivo de promover e financiar as obras de conservação, restauração e construção, compra de imóveis e lugares que sejam de **interesse histórico, arquitetônico** ou **ambiental**. Disponível em: <www.contraloriabogota.gov.co>. Último acesso em: 23 set. 2008.

²⁰⁴ É o Instrumento de planejamento através do qual se organiza, regulariza e orienta o cumprimento do programa de Governo de maneira acordada entre a Comunidade e a Administração local, em concordância com os lineamentos estaduais e nacionais. Constitui-se em uma ferramenta para a ação das instâncias públicas e privadas do município, no qual se estabelece o que a administração quer fazer durante o seu período de governo. *GOBERNACION de Cundinamarca. Guía para la elaboración de un plan de desarrollo municipal. Departamento Administrativo de Planeación*. Bogotá, 2001.

²⁰⁵ No Programa de Governo da Prefeitura 1998-2001, a “Renovação Urbana” foi um tema fundamental do componente “Urbanismo e Serviços”, o qual tinha como propósito o crescimento da cidade harmonizando os processos de urbanização no que se refere à recuperação e adensamento de setores em deterioramento.

período de governo, manifestou a vontade de empreender programas para a geração de espaços verdes para a cidade²⁰⁶, procurando não somente cumprir com as metas traçadas pelo seu programa de governo, mas principalmente deixar a marca da sua gestão na história da cidade.

É assim que em 1998 a administração *Distrital* contratou o consórcio Montenegro & Lizarralde (M&L) para que adiantasse o Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), cujo propósito principal era a renovação da *Pieza Urbana*²⁰⁷, conformada pelo setor comercial de *San Victorino*, e os bairros *San Bernardo* e *Santa Inés*, com uma área de 32.5 ha, que estava em um estado avançado de deterioramento físico, social, ambiental e paisagístico. (Figura 32).

Figura 32 – Plano Maestro Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).

Estabeleceu-se como área de estudo (P-1) a *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a Av. Jiménez, a Carrera 10ª, a Calle 5ª e a Av. Caracas, com uma área de 33,5 ha. Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) definida pela Calle 17, a Carrera 4ª, a Calle 3ª e a Carrera 19, área 268 ha. A *pieza urbana* (P-2) subdividiu-se em quatro zonas de acordo com sua morfologia, estado das construções e seu uso do solo: (1) B. La Capuchina (*San Victorino* setor comercial) área de conservação parcial e intenso uso comercial, área 7,3 ha, (2) área de renovação e uso comercial e moradia, área 9,5 ha, (3) B. Santa Inés; área de maior deterioramento, uso de comércio e moradia informal 16,7 ha, e (4) B. San Bernardo, área de renovação e uso misturado (comércio e moradia), área 3,7 ha. Fonte: IDU/M&L. [Planos do autor].

²⁰⁶ Alguns dias após sua posse (06 jan. 1998), o prefeito Enrique Peñalosa enviou a todos os chefes de entidades distritais um memorando com o título de "Parques a trabalhar". Nele, o prefeito previu a realização do "Parque Central de Colômbia", localizado na área compreendida pela Av. Jiménez, a Calle 1ª e as Carreras 15 e 9ª. Tratava-se de uma grande extensão de área verde arborizada "como os jardins de Luxemburgo ou Versalhes", com equipamentos de caráter Nacional e Distrital, centros comerciais e zonas de moradia.

²⁰⁷ O consórcio Montenegro & Lizarralde utilizou este conceito para definir a área específica de estudo. Posteriormente o POT incluiu este conceito como [...] grandes territórios que integram a área urbana, os quais se diferenciam entre si pela intensidade e distribuição dos usos sobre seu tecido, as formas em que estes manifestam-se e a dinâmica que geram em relação com sua composição geográfica. As *Piezas Urbanas* são: a. O Centro Metropolitano. (O Centro Tradicional, Cidade Central, Eixo Oeste, Nodo de Equipamentos) b. Os Tecidos Residenciais Norte e Sul. c. Cidade Norte e Cidade Sul. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. POT. Decreto 619 de 2000. Artigo 62. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Bogotá, 2000.

San Victorino no marco do PMTM²⁰⁸ ocupa uma área de 7,5 ha, está conformado pelo bairro *La Capuchina* e o setor que recebe propriamente o nome de *San Victorino*²⁰⁹. O bairro *La Capuchina* conta com “comércio de materiais de construção, elétricos, roupa de trabalho, couros e plásticos”, e *San Victorino*, – setor comercial – caracteriza-se por uma intensa atividade de comércio por atacado e varejo de material escolar, material para casa, vestuário e mercadorias variadas de manufatura local ou contrabandeadas. O PMTM tinha previsto para esta área o fortalecimento da atividade comercial não somente para contribuir para a recuperação do setor, mas para garantir a sustentabilidade econômica do projeto.

O Bairro *San Bernardo*, mesmo que na atualidade tenha uma importante atividade comercial, mantém principalmente o uso residencial, e é um dos poucos que conserva boa parte da estrutura, usos e funções do bairro original, contando com equipamentos como uma igreja, uma escola e um pequeno parque. A exceção a esta condição é a franja norte do bairro, próxima à *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, a qual se caracteriza pelo comércio informal, a venda de alucinógenos e a presença de cortiços. O Plano previu para esta área o fortalecimento da atitude residencial.

O Bairro *San Inés*, ao final da década de 1990, enfrentava graves problemas físicos e sociais, entre os quais se destacavam o altíssimo nível de deterioramento físico, invasão do espaço livre, a perda de controle sobre a propriedade, as condições extremas de pobreza e marginalidade social, e o mais alto índice de criminalidade da cidade²¹⁰. No setor situa-se o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e o Colégio *Distrital Santa Inés*. Além disso, é também a localização da emblemática “*Calle del cartucho*” (*Calle 9ª*), centro de operações dos atores mais perigosos da cidade (criminosos, traficantes de droga e armas), presença da população mais vulnerável (catadores de lixo, viciados e indigentes) e lugar de localização do prédio “*El Castillo*” (construção republicana de dois andares) símbolo e centro de ação dos criminosos.

A estas condições somava-se o deterioramento ambiental da zona e, em consideração do autor deste trabalho, a ocupação e urbanização das sub-bacias dos rios

²⁰⁸ IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2.

²⁰⁹ “[...] em 1598 criou-se a paróquia de *San Victorino*, a partir da existência da (Paróquia) *Las Nieves*, que funcionava desde 1585. Dividida pela rua que vai desde a Ponte de *San Francisco* encostada ao convento, o rio abaixo até o campo”. (CORPORACION..., 2004, p. 234) Ao final do século XIX as paróquias transformaram-se em departamentos de polícia e posteriormente em bairros. Atualmente reconhece-se como *San Victorino* ao setor vizinho à praça do mesmo nome. O bairro de *San Victorino* encontra-se no setor noroeste da praça.

²¹⁰ “No caso da zona de influência do Projeto Terceiro Milênio, os índices de criminalidade são os maiores da cidade, 8.72. Taxa de homicídios a cada 1.000 habitantes”, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1. A taxa média para Bogotá é de 0.58. IDU - *Econometría S.A.* “*Evaluación de impactos socio económicos y ambientales del Parque Tercer Milenio*”. Bogotá, 1999.

San Francisco e San Agustín, dos quais somente ficavam alguns rastros na morfologia urbana, que paradoxalmente correspondia à zona de maior deterioramento físico e social (Figura 33). Visando à recuperação física, social e ambiental desta área, o plano propôs a construção do PTM, com uma extensão de 20 ha.

Figura 33 – Dados simplificados do censo. 1999.

Dados da composição física e social do setor e o grau de vulnerabilidade da população residente. Fonte: “Evaluación de impactos socioeconómicos y ambientales del Proyecto Tercer Milenio”. *Econometría* 1999. Referenciam-se os espaços de maior significado no setor do projeto (P-1). Praças: (1) San Victorino, (2) de Bolívar – Praça maior; (3) Parque de Los Mártires; (4) a “Calle del Cartucho” – calle 9ª. Bairros: Capuchina – zona comercial San Victorino – (cor vermelha), Santa Inés (cor verde) e San Bernardo (cor amarela). [Elaborado pelo autor].

Para cumprir os propósitos do plano, o programa de trabalho incluiu uma fase de diagnóstico, outra de formulação e finalmente um esboço do que poderia ser o desenho do PTM. A seguir, serão mencionadas as considerações mais representativas sobre estas fases, tendo em conta os propósitos deste trabalho.

O diagnóstico compreendeu a realização de uma análise urbana que incluiu: estado dos elementos tipo-morfológicos, a estrutura urbana, o papel do setor no contexto da cidade, as qualidades das edificações existentes e seu potencial para responder às demandas da cidade. Também identificou os elementos que incidiam no estado crítico de degradação do setor:

Alta presença de indigentes e moradores da rua gerando problemas de insegurança, saúde pública, [...] alta invasão do espaço público por comerciantes informais. Ausência de árvores, parques e áreas verdes na zona [...] déficit hídrico na atmosfera e no solo que afeta as plantas proporcionando uma diminuição na cobertura vegetal. Sistema de esgoto combinado

de águas servidas e águas pluviais. [...] Poluição atmosférica presente por fontes fixas de oficinas e queima de lixo; e por fontes móveis de veículos particulares e de serviço público²¹¹ [...] alta contaminação por barulho nas vias de maior afluência como a *Caracas*, a *Av. Jiménez* e a *Carrera 10* como produto do alto trânsito de veículos e por sua forte atividade comercial. [...] Contaminação visual pela alta presença de anúncios publicitários, flâmulas, painéis informativos, pôsteres, cartazes etc. como também pela multiplicidade de cabos de redes de energia e comunicações. [...] Permanente deterioro das construções existentes produto de transformações inadequadas ou improvisadas e por falta de manutenção nas mesmas.²¹²

Este diagnóstico ambiental não se diferencia muito do realizado dez anos antes, no PZCB e nos trabalhos das Agendas Locais de Bogotá²¹³, os quais, apesar de terem identificado elementos importantes, não incluíram uma análise do estado das sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, nem ao menos do equilíbrio hidrológico como processo essencial do ecossistema. O anterior poderia ser explicado pelo fato de que o enfoque do estudo esteve determinado pelo interesse de implementar uma operação de Renovação Urbana, com ênfase principalmente na revitalização dos elementos urbanos construídos, desconhecendo a importância do suporte ecossistêmico.

Na fase de formulação da proposta, uma das metas do plano foi a

Construção de uma imagem espacial pública para a peça comercial de *San Victorino* que, relacionada com a singularidade produzida pelo desenvolvimento histórico, poderia ser reconhecida como um espaço contemporâneo único e competitivo, parte essencial do centro da capital.²¹⁴

Neste sentido, a proposta estaria comprometida com um ideário político, o qual tinha como propósito tornar o centro de Bogotá em destino turístico nacional e internacional e melhorar suas condições de competitividade que estimulariam o investimento privado para o melhoramento do setor.

²¹¹ A poluição por automóveis produz-se por dois fatores, por seu volume de trânsito de veículos na zona e pelo baixo da média de velocidade, o que causa um notável aumento na emissão de gases poluentes. (INSTITUTO..., 1998, p.17)

²¹² INSTITUTO..., 1998, p.18.

²¹³ É um Instrumento de Planejamento Ambiental, com o qual se busca caracterizar a situação ambiental do município para planejar com visão estratégica e acordada com todos os atores o desenvolvimento sustentável local. Em Bogotá as primeiras Agendas Ambientais Locais foram adotadas em 1994, e em abril de 2009 foram atualizadas.

Disponível em: <http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

²¹⁴ INSTITUTO..., 1998, p.31.

Para tornar possível esta meta, o plano fixou como um de seus objetivos organizar e racionalizar o sistema de circulação para pedestres²¹⁵ e veicular do centro, procurando uma maior e melhor mobilidade e conectividade com seus setores vizinhos. Ademais, como indicado anteriormente, seria realizada a construção do PTM e de um Complexo Comercial. A proposta de um parque de 20 ha encontrou sua justificativa no discurso ambiental de moda nestes anos – “mais verde para a cidade” –, e a proposta de uma área (centro) comercial de grande tamanho teve seu suporte no discurso do ideário político que estimulou este tipo de investimentos dentro do lema de “competitividade da cidade”.

O Plano apresentou quatro sistemas para a configuração e consolidação do sistema de espaço livre: o sistema ambiental, o sistema de espaços livres, o sistema de circulação de pedestres e o sistema de circulação veicular. Na apresentação do sistema ambiental, o diagnóstico evidenciou o fato de que *San Victorino* contava com poucas referências naturais próximas, mas que seria possível a conformação do sistema, graças à execução dos projetos *do Av. Jiménez* e o Parque Terceiro Milênio²¹⁶.

O projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²¹⁷ “Propôs reconstruir o tecido ambiental do *R. San Francisco* e potencializar os valores arquitetônicos e urbanos da zona que foram construídos historicamente com essa relação”²¹⁸. Em palavras do arquiteto Rogelio Salmona, autor do projeto, esta intervenção urbana pretendia “recuperar a memória” do curso do *R. San Francisco*. Embora esta proposta parecesse interessante no discurso, o projeto feito não teve nada a ver com o previsto no papel: nunca se definiu o conceito de “tecido ambiental” de modo que a expressão reduziu-se ao retórico e na execução do projeto, em troca de uma restauração ambiental, instalou-se um extenso espelho d’água de 1.600 metros de comprimento ao longo da *Av. Jiménez*, entre a *Carrera 4ª* e a *Carrera 10ª*.

O projeto PMTM apresentou-se no Plano como “uma operação estrutural que procurava substituir a *pieza urbana* mais deteriorada do centro e propor uma recuperação ambiental como digno acompanhamento do centro histórico”²¹⁹.

²¹⁵ Priorizar o uso para pedestres em *San Victorino* fortalecendo o sistema para pedestres no centro da cidade: por meio da relação da área comercial ao Eixo Ambiental *Av. Jiménez* e as zonas para pedestres do eixo governamental. (INSTITUTO..., 1998, p. 31)

²¹⁶ “Devido a *San Victorino* localizar-se no centro da cidade, o sistema ambiental conta com poucas referências naturais vizinhas; porém, a recuperação do centro, com os projetos do espaço público com ênfase na recuperação ambiental, permite uma percepção favorável neste aspecto sistêmico. Sem dúvida os dois grandes elementos do sistema ambiental que o constituem são os projetos em execução do parque do Terceiro Milênio e do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*.” (INSTITUTO..., 1998, p. 43)

²¹⁷ É preciso lembrar que o *R. San Francisco* foi encanado e enterrado sob a *Av. Jiménez*, entre 1927 e 1938.

²¹⁸ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

²¹⁹ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

Sem dúvida, o projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez* contribuiu à recuperação de espaço para pedestres e a revalorização de algumas edificações do centro; porém, a partir de sua execução acunharam-se expressões como “tecido ambiental”, “recuperação da memória”, “recuperação ambiental” que, apesar de seu sugestivo significado, fizeram pouco bem ao ambiente da cidade. Assim, na concepção e formulação da operação urbana e do projeto PTM, o discurso oficial, por exemplo, de termos como “recuperação ambiental”, disfarçou a omissão de uma análise séria dos processos do ecossistema e sua relação com a recuperação das sub-bacias ocupadas pela cidade.

Apesar desta grave falência, não se pode desconhecer que o estudo realizado por M&L aportou elementos importantes na compreensão da problemática urbana do setor e informação privilegiada para que a administração *Distrital* pudesse traçar sua estratégia de gestão do projeto PTM. Além disso, o plano apresentou uma proposta coerente com o ideário político – renovação urbana destinada ao estímulo da competitividade – para a intervenção no espaço livre e de reordenação do espaço privado²²⁰, dimensionou o alcance físico e espacial das operações, simulou cenários de investimento e viabilidade técnica e econômica da operação imobiliária e gerou estratégias para o desenho do plano de investimento social, componente fundamental do projeto, tendo em conta a complexa e vulnerável população instalada na área.

Como terceira fase²²¹ projetou-se um desenho do parque e sua borda, (Figura 34), como primeira aproximação à imagem física e espacial que iria adquirir o setor. Pela envergadura da operação, a proposta considerou quatro zonas de intervenção, cada uma com características urbanas particulares determinadas pelo seu nível de deterioramento físico e ambiental e pelo controle do espaço livre e da propriedade privada. Do mesmo modo traçaram-se estratégias de gestão para cada uma das zonas.

²²⁰ “Para poder concretizar a transcendental operação urbana, traçaram-se duas estratégias: a primeira, a recuperação e controle do espaço urbano, processo que se inicia com a recolocação das vendas populares presentes na Praça San Victorino e a posterior construção da nova Praça; a segunda, uma intervenção direta sobre os bens imóveis, os quais se quantificaram e classificaram em patrimoniais, conserváveis e renováveis. Dessa forma, determinou-se o Plano de Gestão do projeto, estabeleceu-se a responsabilidade pública e privada de investimento no construído e determinou-se a prioridade de compra de prédios requeridos para a operação urbana”. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2. p.17- folio55.

²²¹ Para o desenho preliminar do Parque Terceiro Milênio foram contratados os Arquitetos Edgar Bueno e Fernando Montenegro. Parceria Bueno e Montenegro (B&M).

Figura 34 – Vista aérea do Parque Tercero Milênio. (B&M).

Vista desde o sudoeste, em primeiro plano o Parque com sua extensa fonte no sentido norte sul, ao centro a Praça Cívica enquadrada por prédios comerciais, e ao norte a praça remodelada de *San Victorino*. Em segundo plano o centro da cidade e no fundo os *Cerros Orientales*. Fonte: IDU/B&M.

Zona 1. Esta zona é a de maior atividade econômica, contém imóveis de mediana altitude (3 a 8 andares) – alguns com valor patrimonial –, e faz parte do entorno tradicional e histórico da Praça de *San Victorino*²²²; por esta razão o plano propõe manter as estruturas e morfologias existentes, adiantar um programa de restauração e renovação dos imóveis e uma recuperação do espaço livre. No nível morfológico, propôs-se o recorte de um quarteirão sobre a *Carrera 12*, para permitir o prolongamento da Praça de *San Victorino* e comunicá-la com os prédios comerciais propostos, gerando uma continuidade espacial e de usos entre as duas zonas. (Figura 35).

Zona 2. Esta zona caracterizava-se por uma atividade misturada (comércio e moradia) e por uma morfologia produto do traçado tradicional como tabuleiro de xadrez. Para esta zona propuseram-se vários prédios comerciais e um prédio cultural no centro, assemelhando a tipologia dos centros cívicos preconizados pelo urbanismo moderno: grandes prédios flutuando sobre uma imensa plataforma dura impermeável, modificando de modo abrupto a estrutura do espaço livre tradicional de ruas e praças da cidade; nesta

²²² “A história da praça inicia-se com a invocação a *San Victorino* da igreja que se pensava construir neste lugar, [...] A Praça *San Victorino* era o lugar onde se tomava o caminho de oeste que chegava ao porto fluvial de *Honda*, sobre o rio *Magdalena*, através da qual se chegava ao mar, por conseguinte era a porta de acesso à cidade” CORPORACION LA CANDELARIA. “*Atlas histórico de Bogotá 1538-1910*”. Bogotá, 2004, p. 234. Em 1910 instala-se a estátua do prócer Antonio Nariño e recebe o nome de Praça *Antonio Nariño*. Em 1948 retira-se a escultura, pavimenta-se a superfície toda e a habilitam como estacionamento. Em 1960 é ocupada por vendedores informais. Em 1999 recupera-se e remodela-se este importante espaço da cidade e é identificado de novo como Praça de *San Victorino*.

proposta, o pedestre perde sua escala espacial, pois a área livre é três vezes maior do que a da Plaza de Bolívar, primeiro centro cívico e cultural da cidade e do país.

Figura 35 – Planta geral do projeto. Zoneamento geral.

A intervenção proposta inclui toda a peça urbana (P-1), propõem-se grandes zonas verdes, arborização, uma fonte artificial e o canal alusivo à memória do *R. San Francisco*, este último não se incluiu na planta geral. Estabelece quatro zonas (P-2): ao norte, a zona (1) sobre a Praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe uma grande praça conformada por três grandes prédios comerciais; a zona (3), o parque “*versallesco*” com grandes superfícies duras, e ao sul a zona (4), prédios de moradia em forma de claustro. Fonte: IDU/B&M. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 3. É a zona com maior deterioramento físico, social e ambiental, na qual se localizou o PTM, componente central da operação urbana toda. Como suporte de desenho, optou-se por uma quadrícula ortogonal, semelhante à trama urbana existente de *Calles* e *Carreras*, estabelecendo uma integração e continuidade espacial urbana com o seu entorno. A esta quadrícula foi sobreposta uma gigantesca elipse que abarca a totalidade do Parque, a qual definiria o espaço central monumental, de caráter intimista. Complementário a estas duas geometrias de suporte, incluíram-se dois eixos fundamentais de desenho.

Sobre uma imensa esplanada traçaram-se os caminhos para pedestres em suas diferentes hierarquias, os quais se ressaltam com linhas de árvores de grande porte. Tendo em conta o enfoque do presente trabalho, esta proposta de arborização foi interessante em termos compositivos e de segurança, de maneira semelhante ao caso brasileiro ou europeu: “Os grandes parques se tornam transparentes no Brasil e na França para evitar a

delinquência e outros atos de vandalismo, atividades que apreciam na sombra das árvores e arbustos”²²³.

Porém, a proposta foi simplista e insuficiente em termos ambientais, pelo que evidenciou uma obsessão pela geometria e não propôs, por exemplo, massas de árvores que poderiam configurar espaços com características próprias e independentes dos traçados geométricos e os caminhos. O desenvolvimento de plantas arbustivas agrupadas, ao invés de grama ou esplanadas de concreto com caixas para plantação de árvores, favorece os processos *sucessivos* e a atração da vida silvestre²²⁴. “Uma paisagem multifuncional e auto-sustentável proporciona benefícios sociais, econômicos e meio ambientais e ajuda a rebater a ideia generalizada de monofuncionalidade dos parques”²²⁵.

Além das linhas de árvores, propõe-se paralelo ao eixo norte-sul da elipse um grande corpo longitudinal de água composto por quatro fontes artificiais sucessivas²²⁶ que são complementadas com largos caminhos e com *Palmas de Cera* (*Ceroxylon quindiuense*), árvore nacional da Colômbia. Com estes elementos configurava-se uma perspectiva monumental sobre o espaço central do Parque conformado um grande “passeio senhorial”. Porém, mesmo que a presença do corpo de água teve valor como proposta de desenho, esta opção apresentou uma possível renaturalização dos elementos da sub-bacia.

Zona 4. Com a intenção de construir um marco urbano para o Parque, propõe-se o desenvolvimento dos quarteirões adjacentes, com a presença de prédios de uso misturado com alturas máximas de 10 andares, e comércio no nível do aterro. O uso de moradias nos andares superiores das edificações apresentou-se como estratégia para atrair a população para morar no centro da cidade.

Como o evidenciam as linhas anteriores, em termos ambientais o desenho proposto para o PTM, embora apresentasse aportes para a recuperação física e da paisagem urbana da área a ser intervinda, não apresentou maior aporte para a recuperação ambiental da sub-bacia. (Figura 36). Por outro lado, em termos físicos e sociais, vale a pena notar que a proposta, ao estar apoiada no discurso ambiental corrente nesta década, justificava o fato de

²²³ SERPA, O autor toma a expressão “apreciam a sombra cúmplice das árvores e arbustos” (LEMONIER apud SERPA, 2004, p.141p. 32).

²²⁴ É claro que o desenvolvimento destes grupos de vegetação implica implementar medidas de segurança para evitar situações de roubos ou assaltos aos visitantes, como iluminação durante a noite e desenho que assegure o controle visual dos transeuntes. (HOUGH, 1998, p.112)

²²⁵ (HOUGH, 1998, p. 125)

²²⁶ A primeira circular, a segunda retangular, a terceira em cruz e a última retangular.

subtrair a curto prazo 18 quarteirões em avançado estado de deterioramento físico e o traslado de 6.248 residentes em precárias condições de habitação do bairro *Santa Inês*²²⁷.

Figura 36 – Desenhos de Análise do projeto.

Toma-se como suporte do desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se superpõe uma grande elipse (espaço do Parque) e enfatiza-se o eixo central (norte-sul) com uma longa fonte (1). Na zona central projetam-se quatro grandes prédios comerciais, no costado sudoeste do parque projeta-se uma pequena unidade cultural e de serviços (2). No setor dos prédios comerciais propõe-se uma extensa e árida plataforma dura para pedestres – praça cívica – e no parque uma rede de caminhos (3). O parque configura-se com uma grande esplanada verde (4), com arborização que ressalta o traçado dos caminhos (5), o conjunto do Parque completa-se com uma fonte artificial, que lembra “memória” do *R. San Francisco*. [Desenhos elaborados pelo autor].

Não se pode desconhecer que para cumprir com o objetivo traçado pela construção do PTM, a administração colocaria todo o seu esforço, recursos humanos, técnicos e econômicos, e também se proporia a adiantar um complexo e completo processo de assistência social à população residente e flutuante (arrendatários, inquilinos, habitantes da rua e catadores de lixo etc.), assim como uma operação organizada de compra e controle dos 603 lotes (18 quarteirões). Porém, existe no PMTM uma ambiguidade, pois o discurso ambiental e de recuperação urbanística e paisagística serviu como pretexto para legitimar a ideia de que era necessário adiantar drásticos processos de expulsão de população de escassos recursos situada em lugares estratégicos da cidade, com o fim de recuperar zonas beneficiando a competitividade e a recuperação ambiental.

Esta condição não se distingue muito do que explica Serpa (2004, p. 154): “[...] uma política estranha de requalificação do espaço urbano, porque por um lado cria novos

²²⁷ Incluindo moradores e habitantes de rua. Censo *Econometría*. Em 1999 contratou-se um estudo *econométrico* para identificar e quantificar os efeitos socioeconômicos e ambientais das ações a cargo do projeto, como também o cálculo de sua rentabilidade econômica e social.

parques, que são realmente interessantes em termos de concepção, porém, por outro lado, expulsa os habitantes dos bairros onde esses parques são implantados”²²⁸.

3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)

A elaboração do PMTM permitiu esclarecer os propósitos, as estratégias e a viabilidade da realização do projeto de renovação urbana. Porém, a administração ainda tinha que concretizar os desenhos do PTM e, além disso, achar um mecanismo que permitisse a visibilidade do projeto, de modo que o ideário político fosse incorporado no âmbito profissional e pela opinião pública²²⁹. Assim, em 1999, a prefeitura de Bogotá contratou à Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA) a realização de um Concurso de Ideias para o desenho do PTM, dirigido aos profissionais do país todo²³⁰.

O edital do concurso teve como referência obrigatória as premissas do Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas (1998-2001), do PMTM e sua proposta de desenho do Parque. Igualmente incluiu os lineamentos e conceitos do modelo de ordenamento do POT, o qual naquela época encontrava-se em seu processo de aprovação por parte da entidade ambiental competente²³¹.

O documento apresentou nos dois primeiros capítulos os antecedentes históricos gerais, a descrição atual da área a ser intervinda, algumas referências ao POT e ao PMTM, a apresentação institucional do projeto de renovação da *pieza urbana* e dos instrumentos de gestão que seriam utilizados para sua realização. A partir do terceiro capítulo, apresentaram-se os componentes particulares do concurso arquitetônico – o objeto, o alcance e os elementos fundamentais: urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Depois foram mencionados os critérios do projeto e o resumo das normas urbanísticas gerais.

A apresentação institucional do projeto evidenciou a premissa da proposta do ano 1998, M&L: o *slogan* visava a gerar um grande impacto no centro histórico e tradicional, com a intenção de estimular o investimento público e privado em programas de moradia, comércio e cultura, para fazer de Bogotá uma cidade mais competitiva e atrativa para o

²²⁸ SERPA, 2004, p. 154. O autor retoma a entrevista realizada ao paisagista Gilles Clement, um dos conceptores (sic) do Parque André-Citroën, no contexto de uma investigação de pós-doutorado realizada no laboratório de Espaço e Cultura da Universidade de Paris IV.

²²⁹ “Facilitar a Promoção e Apropriação social do projeto. A espacialidade proposta será o primeiro elemento para que a cidade e os habitantes o incorporem como uma realidade coletiva que interesse a todos os cidadãos. As ideias do concurso devem propor aos cidadãos a imagem deste novo território, permitir sua identificação como símbolo urbano e constituir uma oferta de espaço público com o qual os usuários possam contar”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 2.3.4.1.)

²³⁰ “Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do Parque Terceiro Milênio em *Santafé* de Bogotá”. (SOCIEDADE..., 1999)

²³¹ “De acordo com a Lei 388 de 1997 de Ordenamento Territorial, [...] O processo de elaboração do POT tem três fases ou processos: (1) **Formulação**, (2) **Conciliação Organização** interinstitucional e consulta com os cidadãos e (3) **Aprovação**”.

investimento e o turismo nacional e internacional²³². A conformação de espaços públicos de caráter emblemático apresentou-se como a alternativa que permitira lograr estes propósitos, além de garantir o acesso da população toda em condições de equidade à “recreação, lazer e divertimento”²³³.

As bases do concurso também mencionaram a intenção de melhorar as condições ambientais do setor por meio de “uma área importante verde”²³⁴, mas paradoxalmente em seu edital omitiu todo tipo de compromisso com a recuperação dos elementos naturais do lugar, especialmente dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²³⁵. (Figura 37)

Figura 37 – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).

As propostas de desenho do Parque (P-1) deveriam apresentar uma solução integral à área toda da *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 5ª* e a *Av. Caracas*. Além disso, deveriam resolver a articulação do projeto com o seu entorno imediato (cor rosa). A proposta ganhadora (Pereira & Pabón) subdividiu a *pieza urbana* (P-2) em quatro zonas: (1) área de conservação parcial, onde se mantém a morfologia e uso existente; (2) área de renovação total, com usos de comércio e moradia; (3) área de renovação total, de uso exclusivo para o Parque; e (4) área de renovação total, com uso principal de moradia. [Planos elaborados pelo autor, sobre planos de FONADE “*Preinversión*”, Bogotá, 1988].

Carente de um compromisso de recuperação dos processos essenciais do ecossistema, associados às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, o concurso de

²³² “O projeto deve contribuir a melhorar as condições de competitividade de Bogotá para o terceiro milênio e fazê-la atrativa para novos investimentos e atividades futuras. Se propõe apostar ali por maiores atividades residenciais, lúdicas e culturais, e dotar o centro de espaços públicos ou recreativos, a escala da urbe moderna, para os tempos contemporâneos [...]”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³³ “A construção e dotação de espaços públicos de caráter representativo corresponde à política da Administração de prover à cidade de lugares de encontro e espargimento, onde o cidadão tenha, sem distinção de sua capacidade econômica ou de qualquer outro fator de segregação, igualdade de oportunidades de recreação, descanso e entretenimento”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁴ “Um dos objetivos é o de melhorar as qualidades ambientais desta peça estratégica, propondo uma área importante verde que permita compensar os efeitos e condições de ocupação urbana característica do setor [...] Busca melhorar a qualidade de vida dos habitantes do setor e ao mesmo tempo, como equipamento metropolitano, a de todos os habitantes da urbe”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁵ O documento pedia aos participantes que propusessem soluções em três escalas: “a do Parque e a volumetria de suas margens; a da área de influência e a de articulação do Parque com o setor e o centro com a cidade em geral.”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1) Na definição das escalas de intervenção não apareceu uma referência às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como elementos que ajudaram a definir as escalas e relações que deveria guardar o Parque em termos espaciais.

ideias assinou ao Parque essencialmente um significado e valor emblemático, com a clara intenção de reforçar sua importância e pertinência, fazendo sentir à população que o que estava em jogo com a realização do projeto era a dignidade nacional, e que, portanto, era urgente que todos os cidadãos respaldassem esta nobre e louvável iniciativa:

O centro de Bogotá e do país é tão importante como a bandeira ou o escudo da Colômbia. Por tal motivo, a recuperação deste setor que, pelas atividades e serviços que presta ao restante da cidade e ao país, deve alcançar uma conotação de símbolo nacional [...]” (Bases do concurso, 1999, apresentação)

Este enfoque faz inevitável pensar no papel que cumpriram os parques *bogotanos* em um período da história da Colômbia que passou à memória do povo como a época de “*La Regeneración*”: como se mencionou na seção anterior, no final do século XIX, os projetos dos parques *bogotanos* converteriam-se nas vitrines de um projeto político que pretendia a consolidação e controle do Estado Nacional²³⁶, e que buscava enfrentar a situação de pobreza, violência e crise interna na qual se afundava o país.

É preciso lembrar – guardando a devida distância de tempo, escala e contextos históricos – que na Europa surgiu a ideia do parque público urbano no século XIX, como uma alternativa que reunia um conjunto de qualidades que ajudariam a resolver os males da cidade industrializada, de tal forma que as teorias higienistas legitimariam as funções sanitárias do parque urbano, onde “[...] os benefícios sanitários da natureza se juntaram à virtude pacificadora, associada rapidamente a uma ideia de controle social”²³⁷. No caso *bogotano*, não se trata de um mundo industrializado, mas de uma cidade pré-moderna de apenas 100.000 habitantes, capital de uma República, que tratava de superar a instabilidade política e os fenômenos de violência e pobreza que aconteceram depois da independência em 1810, e que concebeu ao parque urbano a chance de cultivar valores “pacificadores” fundamentais ao orgulho nacional e o culto aos heróis e mártires da independência.

Chama a atenção que no caso *bogotano*, com um século de diferença, propuseram-se soluções com discursos políticos semelhantes, desconhecendo-se que a escala e conflitos da cidade são diferentes e mais complexos. O PTM como projeto político de finais do século XX guarda semelhança com os empreendidos na época de *La Regeneración*, mas

²³⁶ “A *Regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu início a que os princípios do *conservatismo* fossem impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

²³⁷ SERPA, 2004, p. 160.

agora, mediado pelo discurso contemporâneo dos símbolos nacionais, a promoção da competitividade, a procura da igualdade e da sustentabilidade ambiental, foram reforçados com um enfoque quase messiânico: o concurso arquitetônico de ideias tinha o papel da semente no processo de salvação e redenção do centro da cidade e de todos os seus moradores:

Esta é uma ocasião única, e oportuna, para obter na área central da cidade as condições para se inserir ao futuro adequadamente, e para atuar como centro de integração social no mundo contemporâneo. [...]

Não fazê-lo seria condenar a cidade central à decadência, ao anacronismo e ao abandono, ao mesmo tempo em que os equipamentos contemporâneos vão se fazendo na periferia, onde se deslocam os atrativos, ao mesmo tempo em que o centro nem sequer se conserva [...] (Bases do concurso, 1999, numeral 3.1)

Com este ideário, nas bases do concurso pediu-se aos participantes toda sua dedicação e sabedoria para apresentar as mais criativas soluções, que deram resposta a aspectos transcendentais como a “[...] criação de um fato urbano de tal significado e atrativo que se converteria em referente geral da Bogotá metropolitana do século XXI”²³⁸.

Na procura de uma solução integral no setor de *San Victorino* e o centro da cidade, as bases do concurso enfatizaram a necessidade de que as propostas abordassem simultaneamente três aspectos básicos: o urbanístico, o arquitetônico e o paisagístico.

No urbanístico, insistiu-se na importância de conservar a “memória” e ressaltar a importância do lugar na história da cidade²³⁹, assim como na urgência de dispor grandes áreas para o estacionamento de veículos, devido a que toda a operação imobiliária tinha como eixo central a construção de um complexo comercial²⁴⁰ na parte média da *pieza*

²³⁸ Correspondente a este objetivo, o documento do concurso apresentava como objetivos: “Gerar um impacto social cultural e urbano que potencialize a reabilitação da cidade central toda, propor a vocação e o caráter do Parque, assim como sua representação simbólica e cultural para a cidade e o país em geral; definir os usos e possíveis atividades no Parque e na borda de influência imediata [...], que garantam a permanência, o atrativo, o caráter e a sustentabilidade do Parque [...] a utilização dos prédios que seja necessário, ou se proponha conservar; localizar esculturas, símbolos, fontes, sinais, árvores e outros elementos organizadores do espaço cívico proposto; considerar a trama urbana e os espaços públicos pré-existentes ou propostos que articulem o Parque e sua área de influência com o restante da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1)

²³⁹ “O Parque como Marco Urbano: Se deverá incorporar ao desenvolvimento do Parque a memória urbana e o significado histórico que tem tido e tem neste setor para os cidadãos de fora e dentro da cidade. O parque deverá ser um motivo de orgulho e reconhecimento para os cidadãos e lugar obrigado de visita, tanto para os *bogotanos* como para os habitantes de fora da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴⁰ “Deve se considerar que na zona norte da borda do parque se colocará um setor comercial e de serviços de aproximadamente seis hectares, complementares à zona consolidada existente, a qual, segundo os cálculos, deverá prover estacionamentos para 5.000 veículos”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

urbana. Com relação ao aspecto arquitetônico, insistiu-se na necessidade de propor um desenvolvimento imobiliário sobre a *Carrera 10ª* com características semelhantes à solução proposta por B&M, com a intenção de incluir esta zona como parte da estratégia de financiamento do Parque²⁴¹.

Finalmente, apesar de que o concurso do desenho correspondia a um Parque Metropolitano, que por sua natureza deveria fazer parte da Estrutura Ecológica Urbana (EEU) da cidade, o aspecto ambiental e paisagístico foi referido dentro das bases com poucas linhas e de maneira superficial. Aos competidores pediu-se exclusivamente:

Propor a ideia básica do parque com suas áreas, solos, caminhos, fontes, prédios e demais elementos concebidos, assim como as massas, alturas, alamedas ou alinhamentos arborizados, sem necessidade de descrever as espécies, nem fazer um projeto paisagístico detalhado.²⁴²

O tema dos corpos de água – rios *San Francisco* e *San Agustín* – também se tratou de maneira trivial a tal ponto que até o *R. San Agustín* nem sequer foi mencionado dentro das Bases do Concurso. O manejo de água reduziu-se a um artigo de recuperação da “memória urbana” e não se incorporou como um elemento vital do sistema hídrico do centro da cidade. Aos contestantes foi solicitado simplesmente “[...] ter em conta o leito do antigo *R. San Francisco*” sem proporcionar maiores precisões ou parâmetros a respeito.

Os critérios de avaliação e qualificação dos projetos foram consequentes com os objetivos traçados. Neste sentido, não incluíram aspectos ambientais e paisagísticos, e concederam prioridade unicamente à proposta de usos, de articulação urbana e de gestão da proposta. O jurado do concurso outorgou o primeiro prêmio à proposta dos arquitetos Juan Guillermo Pereira e María Camila Pabón (P&P), (Figura 38), a qual compreendia uma operação urbana integral, coincidente com as quatro zonas de intervenção que propuseram B&M:

De acordo com o jurado, o projeto ganhador criava uma nova paisagem através da técnica apropriada na criação de parques, cujo segredo está no trabalho paciente sobre as articulações em diferentes níveis, sobre as massas de árvores, sobre a água, sobre o tecido entre o anterior e o

²⁴¹ “[...] considerar a inclusão de novos prédios representativos de caráter institucional que lhe forneçam sustentabilidade à conservação do patrimônio urbanístico e arquitetônico da borda oriental do Parque”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴² SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2.

institucionais, que prestam serviços complementares ao Parque. Para conservar a estrutura espacial e funcional da *Calle 10ª*, propõe-se a construção de novos prédios com formato de barra, paralelos à *Calle 10ª*, que confinados com os prédios patrimoniais recompõem o espaço cênico da via. A composição geral do Parque apóia-se sobre a quadrícula tradicional, típica da morfologia da cidade colonial, à qual foram sobrepostos eixos diagonais, que respondem – segundo os projetistas – às tensões próprias do lugar²⁴⁵.

Figura 39 – Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.

O projeto que incluiu a *pieza urbana* toda (P1) propõe: manter os prédios patrimoniais, extensas zonas verdes, linhas de arborização e uma longa fonte artificial. Destaca-se a plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* que permite a continuidade espacial entre o parque e o centro histórico. Estabelece quatro zonas (P2): ao norte, zona (1) sobre a praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe-se a uma renovação total e prédios comerciais respeitando a morfologia existente; a zona (3), o parque, uma extensa esplanada com três eixos principais, (a) *Calle 11*, caminho de jardins temáticos, (b) caminho ao museu urbano e (c) alameda *Carrera 12*, e no sul, a zona (4) grandes prédios de moradia com formato de barra. Fonte: Revista Escala no. 186-187. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 4. Propõe-se para esta zona a modificação de todos os quarteirões, a construção de um plano de moradia, com tipologia em barra, com espaços verdes interiores, com comércio no nível do térreo e moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁶. Para integrar o PTM com este novo desenvolvimento de moradia projeta-se um “parque lineal” no costado sul da *Calle 6ª*, parque que na verdade correspondeu a uma calçada arborizada.

Como havia plena liberdade de propor o conteúdo do programa do Parque, o projeto ofereceu uma série de elementos, os quais foram aproveitados como estratégia de composição do mesmo e de sua integração com o setor: especialmente a criação de uma

²⁴⁵ Um eixo que integra a Praça de *San Victorino* com a esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*, e um eixo curvo que associado ao anterior conforma o espaço monumental mais importante do Parque; outro eixo diagonal conecta a esquina da *Av. Caracas* e *Av. Jiménez* com o Parque e o bairro *San Bernardo*; a partir deste eixo, estabelece-se um novo plano visual que integra o Parque com os *Cerros Orientales* da cidade.

²⁴⁶ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

plataforma para pedestres no nível das calçadas sobre a *Carrera 10ª* entre as *Calles 8ª e 11*, conectando espacial e funcionalmente o PTM com o Centro Histórico (Praça de *Bolívar*); o fluxo veicular da *Carrera 10ª* se resolve com uma via subterrânea que passa sob a plataforma para pedestres.

Sobre a *Av. Caracas* propõe-se uma solução menos afortunada, ao resolver a integração a partir do traçado geométrico da arborização proposta, a qual proporciona uma aparente homogeneidade ao espaço, mas na verdade este se fragmenta sob a copa das árvores, sem resolver a conectividade urbana.

Como mencionado anteriormente, a *pieza urbana* compõe-se por quatro zonas claramente estabelecidas. Para conseguir uma integração entre estas, o projeto propõe três elementos estratégicos: o primeiro é um grande espaço verde com formato de banana que conecta a Praça de *San Victorino* com a Praça *Caracas*²⁴⁷. Este espaço de caráter monumental domina toda a composição do Parque e contém duas Praças: Central e de Esculturas, acolhe o passo das *Calles 10ª e 11*, ressalta quatro prédios patrimoniais e um longo corpo de água conformado por quatro fontes artificiais que supostamente lembram o velho leito do *R. San Francisco*. Este espaço enquadra-se com árvores de grande porte, plantados sobre os caminhos dos eixos principais.

Um segundo elemento é o caminho diagonal que comunica o grande espaço verde com formato de banana a três praças triangulares do Parque: a Praça Central, a Praça de Esculturas, e a Praça de Eventos localizada na *Carrera 12* com *Calle 7ª*. O terceiro elemento esta constituído pelo caminho traçado sobre a *Carrera 11*, que comunica a Praça de *San Victorino* com a *Calle 6ª*. Este eixo contém uma biblioteca acondicionada em um prédio patrimonial, três jardins temáticos – flores, verde e árido – o parque infantil com brinquedos mecânicos e a área para esportes com quatro quadras múltiplas. (Figura 40).

Em relação aos elementos naturais, o projeto ganhador propõe como base uma extensa planície verde, que cobriu o espaço todo do Parque, a qual era rebaixada pela quadrícula de caminhos estreitos, pelos eixos diagonais e pelas pequenas praças propostas. Com a intenção de romper com esta paisagem contínua, propôs-se ao costado leste do eixo central que comunica a Praça Central e a Praça de Eventos, um largo talude triangular conformado por três seções trapezoidais, o qual cumpria com várias funções: gerar um lugar calmo e estratégico para o lazer e aproveitamento do Parque, estabelecer um controle espacial entre as áreas leste e oeste do Parque, cumprir a função de corta-ventos e

²⁴⁷ Praça proposta na esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*.

comportar-se como uma sacada urbana, desde onde se teria uma vista panorâmica do Parque, seu entorno e especialmente os *Cerros Orientales* da cidade.

Figura 40 – Desenhos da análise do projeto.

Semelhante à proposta de B&M, estes tomam como suporte de desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se traçam eixos diagonais que relacionam pontos importantes do setor (1). Sobre a Praça de *San Victorino*, subtrai-se um quarteirão para permitir a conexão desta com o Parque, na zona central projetaram-se prédios de comércio em formato de claustro, e no Parque propõem-se pequenas unidades (museus e serviços) sobre os três eixos principais (2). Como sistema para pedestres propõe-se uma rede simples de caminhos, com praças no cruzamento dos caminhos mais importantes (3). O parque beneficia-se com uma importante esplanada verde que inclui um talude central (4). A rede de caminhos destaca-se com as linhas de árvores (5). Para rememorar o leito do *R. San Francisco* projeta-se uma longa fonte de cinco trechos. [Desenhos elaborados pelo autor].

A vegetação dispôs-se basicamente de duas formas: de um lado, fileiras de árvores que acompanhavam os caminhos e enquadravam os espaços, com a clara intenção de ressaltar a trama tradicional urbana de *Calles* e *Carreras* de árvores; de outro, a configuração de massas “quadriculadas” de árvores com a finalidade de criar barreiras naturais que controlaram visual e acusticamente as interferências produzidas pela *Av. Caracas*, uma das vias mais congestionadas da cidade.

Para a recuperação da “memória” do leito do *R. San Francisco* propõe-se, paralelo ao eixo diagonal que comunica a Praça de *San Victorino* e a Praça *Caracas*, um longo corpo de água formado por quatro fontes artificiais de água, as quais fazem parte do espaço verde dominante da composição do Parque.

É claro que o projeto recebeu o primeiro lugar, por sua resposta frente às exigências das bases do concurso, nas quais se insistia em reconhecer as estruturas urbanas existentes, em propiciar a conectividade urbana e em manter o patrimônio arquitetônico. Também é evidente que como as diretrizes das bases do concurso não incluíram referências com relação à recuperação dos elementos naturais do setor, nem do sistema hidrológico, a

proposta ganhadora ignorou os critérios e as estratégias de desenho ambiental. Porém, sob o olhar deste trabalho, observaram-se os seguintes aspectos positivos na proposta ganhadora:

O projeto propunha manter a maior quantidade de espaços livres no Parque e no setor, com uma superfície verde permeável equivalente a 70% da área do Parque e com poucas áreas impermeáveis, conformadas pela rede de caminhos – os quais tinham dimensões semelhantes ou menores ao largo das ruas existentes no setor –, e o conjunto de praças, cujas dimensões eram inferiores às da *Praça de San Victorino*, principal espaço público da *pieza urbana*. O modelado da topografia configurava um talude central o qual operaria como sacada urbana, desde onde se tinha domínio do Parque, do seu entorno e dos *Cerros Orientales*, elemento dominante da paisagem da cidade.

A instalação de uma plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* dava continuidade e conectividade urbana entre o Parque e o centro histórico da cidade, conseguindo com isto que a população usuária do centro participasse e aproveitasse de maneira direta os espaços e as atividades que o Parque poderia lhes oferecer.

O grande espaço verde com formato de “banana” era um elemento de integração de todos os componentes destacados da *pieza urbana*: a Praça de *San Victorino*, a Praça Central, a Praça de *Esculturas*, o Colégio *Santa Inés* e a Praça *Caracas*, os quais se conectariam por dois caminhos para pedestres, que percorreriam o espaço, tendo como elemento de composição central a grande fonte artificial, “[...] figura verde, acompanhada de um plano de água lineal, memória do passo do rio [...]”²⁴⁸.

A partir desta mesma leitura, neste trabalho identificam-se aspectos fracos no projeto ganhador: ao se tomar como base de desenho o traçado tradicional das *Calles* e *Carreras* existentes, o projeto apresenta uma solução espacial que reproduz de maneira simplista o tecido da cidade, onde o construído é trocado pelo vazio. É assim que o projeto é concebido como uma grande operação de subtração dos quarteirões, onde as ruas tornam-se caminhos e os quarteirões espaços verdes. Esta solução aparentemente respeitosa do passado, como o referem os autores, não aportava elementos paisagísticos significativos para o novo Parque, pois esta atitude fazia com que todos os percursos fossem semelhantes, lineais e com as mesmas perspectivas sem nenhum valor cênico.

Chama a atenção que a única parte onde não se manteve o traçado urbano foi na zona correspondente aos quarteirões irregulares, bem no lugar por onde passava o *R. San*

²⁴⁸ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 65.

Francisco. No projeto há uma obsessão marcada por endireitar tudo, por traçar grandes eixos conectores de espaços ou pontos de interesse, como intencionalmente notam os autores:

O urbanismo de *Sixto V*, que estabelece pontos de tensão entre a cidade, e percursos lineais que os comunica, fazem aparecer [no projeto] uma segunda estrutura superposta, rica em diagonais que responde ao fato de que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta [...] ²⁴⁹

É com esta mesma atitude que se traça a rígida fonte de água, com a intenção de recuperar a “memória” do leito do *R. San Francisco*.

Em estreita relação com os conceitos anteriormente expostos, a proposta de arborização reafirmou esta obsessão por ressaltar a traça urbana e os novos eixos diagonais, pois a colocação da vegetação fez-se a partir de uma rígida geometria na qual as linhas de árvores enquadravam os espaços, as fileiras de vegetação acompanhavam os caminhos e nos casos em que se propunham massas de árvores fez-se sob uma severa geometria semelhante à utilizada na plantação mecanizada para a produção agro-florestal.

A proposta, fiel às bases do concurso, não apresentou nenhuma alternativa de recuperação dos elementos naturais perdidos – rios *San Francisco* e *San Agustín* – os quais tiveram grande importância para a cidade. A referência ao *R. San Francisco* fez-se com um longo espelho d’água composto por quatro bacias artificiais, que pouco tinham a ver com o percurso original do rio e muito menos com a função biológica que poderiam cumprir dentro do ecossistema da cidade. Finalmente – semelhante às bases do concurso – não se fez nenhuma referência ou alegoria ao *R. San Agustín*.

Apesar destas falências, o processo do concurso arquitetônico de ideias cumpriu com a estratégia central da administração *Distrital*: dimensionar o custo político e social da obra a empreender – aproveitando a oportunidade como um instrumento de publicidade da operação imobiliária da *Pieza Urbana* Terceiro Milênio – por meio de um evento de caráter nacional, que convocou todos os arquitetos do país aproveitando o ente mais importante do grêmio, a Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA).

A estratégia de utilizar o concurso como um instrumento de publicidade ou promoção evidencia que o PTM, no fundo, foi um projeto político, que em sua concepção retomou a

²⁴⁹ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67..

experiência do modelo francês, usado na construção de parques nos últimos anos do século XX: “Concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque urbano está ligado, sobretudo, a uma vontade política [...] Trata-se principalmente, de uma vontade política de representação no (e através do) tempo”²⁵⁰.

3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.

Com o PMTM, a convocatória do Concurso de Ideias e a eleição de um projeto ganhador, a administração *Distrital* conseguiu concretizar numerosos aspectos relacionados com a materialização deste megaprojeto portador de um ideário político. Porém, ainda era necessário dotar o projeto de um elemento adicional que permitira finalmente a execução amparada em um marco legal e normativo. Foi assim que a Prefeitura contratou o “Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio” (*POUPTM*), cujo documento técnico foi encarregado à União temporal, EHM Arquitectos, conformada por Rafael Esguerra, Carlos Hernández e Giancarlo Mazzanti. (Figura 41). O estudo teve como objetivo “estabelecer um diagnóstico sobre a situação atual, os potenciais, e as restrições do setor utilizando uma base técnica que permitisse analisar as características dos componentes ambientais, paisagísticos, espaciais, funcionais e físicos da área”²⁵¹. Para os propósitos desse trabalho, requer-se aprofundar nos elementos que primaram na concepção do POUPTM, pois esses evidenciam as prioridades e parâmetros que se estabeleceram para a execução do projeto.

O Documento técnico do POUPTM incluiu uma aproximação à escala metropolitana, para “[...] visualizar as transformações ambientais e geográficas, a conectividade e acessibilidade ao setor”, uma aproximação ao centro da cidade e a área de influência do Parque²⁵². O Documento Determinou os usos, densidades e níveis de intervenção e o procedimento para a definição das normas do setor, os instrumentos de gestão urbana e planejamento, e a atuação urbanística de acordo com os lineamentos da Lei 388 de 1997, Lei de Ordenamento Territorial.

Com relação ao tema legal, o Documento Técnico do POUPTM teve em conta as definições e lineamentos do “Decreto 880 de 1988”²⁵³, o qual lhe atribui o tratamento de

²⁵⁰ SERPA, Angelo, 2004, p. 139-140.

²⁵¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6.

²⁵² INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 4.

²⁵³ O estudo de Montenegro & Lizarralde deu origem ao Decreto 880 de 1998. “*Por el cual se adopta el programa de Renovación Urbana para la recuperación del sector comprendido por los barrios San Bernardo y Santa Inés y su área de*

Renovação Urbana²⁵⁴ ao bairro de *San Bernardo* e sua área de influência; do Decreto 334 de 2000, “com o qual se modifica e se complementa o Decreto 880 de 1998 com relação aos conteúdos do Programa de Renovação Urbana para o Setor de *San Bernardo*”²⁵⁵; e o Decreto 619 do Plano de Ordenamento Urbano (POT), cuja aprovação e divulgação realizaram-se no ano 2000. O POUPTM, em relação à escala urbana, incorporou os objetivos estabelecidos pelo POT para o ordenamento da cidade central²⁵⁶.

Figura 41 – Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).

Em primeiro plano o Parque com suas alamedas, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o traçado do novo desenvolvimento urbanístico, conjunto de prédios comerciais (sem construir). [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de EHM, sobre a vista aérea de B&M].

Embora fossem expostos os aspectos relacionados com a norma específica do setor e a operação de renovação urbana²⁵⁷, no que diz respeito à dimensão ambiental, é preciso dizer que em sua introdução, o Documento Técnico do POUPTM deixou em um lugar

influencia y se establecen normas específicas para algunos de los sectores dentro del área de Renovación Urbana". Bogotá, outubro de 1998.

²⁵⁴ O decreto 880/98 definiu a Renovação Urbana como o “processo de intervenção sobre a política de uso do solo, por meio deste procura-se transformar ou adequar um assentamento urbano existente e adaptá-lo a novas necessidades urbanas com o fim de dinamizar zonas deterioradas ou em processo de deterioramento”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe Final)

²⁵⁵ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe final.

²⁵⁶ São objetivos do ordenamento da cidade central (entre outros): “[...] Melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. 5. Proteger e conservar os elementos da Estrutura Ecológica Urbana dando trato especial aos *Cerros Orientales*. 6. Incentivar a conservação das zonas e imóveis patrimoniais [...]”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Plano de Ordenamento Territorial (POT). Decreto 619 de 2000. Art. 121. *Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital, Bogotá, 2000.*

²⁵⁷ O Plano recomendou o seguinte: “A norma específica para o setor de intervenção estará delimitada por meio de três atos administrativos que são: a *Ficha (explica)* regulamentaria: para os setores com tratamento de renovação em sua modalidade de reativação. O Plano Parcial: para os setores com tratamento de renovação na modalidade de re-desenvolvimento e o Plano *Maestro* para Parques e Plano *Maestro* para Equipamentos: na área específica do parque.”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 56, Informe Final)

marginal a dimensão ecossistêmica, apesar da presença do conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no POT. Somente fez uma breve alusão a este conceito, transcrevendo os objetivos do ordenamento da cidade central estipulados pelo POT:

[...] melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. E proteger e conservar os elementos da EEU dando tratamento especial aos *Cerros Orientales*.²⁵⁸

Vale a pena notar também que paradoxalmente nestas poucas linhas não se consideraram as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como parte fundamental da EEU no centro da cidade.

Apesar desta omissão na introdução, a descrição da área de estudo do documento Técnico do POUPTM incluiu alguns enunciados sobre o “Sistema Ambiental Geográfico e de Paisagem”, sem assumir um compromisso tangível com o ideário que deu vida ao conceito de EEU na formulação do POT: (Figura 42), no estudo mencionaram-se alguns antecedentes e o estado da paisagem, dos componentes hidrológicos, topográficos e bióticos, enfatizando na vegetação existente e predominante na área. A descrição de cada um dos componentes retomou os elementos enunciados pelos estudos que lhe antecederam (Plano Zonal do Centro de Bogotá, Agendas Locais Ambientais, Plano *Maestro* Terceiro Milênio e bases do Concurso Arquitetônico de Ideais entre outros). As recomendações para o melhoramento da qualidade ambiental retomaram a retórica das bases do CAI e do PMTM, sem formular uma proposta encaminhada a concretizar ações específicas para a recuperação do sistema hídrico e hidrológico original²⁵⁹.

²⁵⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Documento Técnico de Soporte al POT*. Numeral 5.2.1.2.3. Bogotá, 1999.

²⁵⁹ “A recuperação da memória dos rios executa-se por meio da incorporação do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, que continua até o interior da zona. É um componente essencial para a recuperação do espaço público de *San Victorino* e para o Parque Terceiro Milênio. [...] Do mesmo modo a *Calle Séptima* por onde passava o leito do rio *San Agustín* incorpora-se também como Eixo Ambiental, aportando um melhoramento das condições para a circulação de pedestres e de bicicletas e com um critério claro de arborização para articular a rede verde [...] Como uma solução para compensar a artificialização (enterro) dos rios, é importante considerar a conexão entre os cerros e seus rios por meio da incorporação das principais avenidas por meio de eixos ambientais e suporte da malha verde, de forma que todas estas funcionem dentro de uma rede verde viária [...] se recomenda a penetração da paisagem dos morros na trama urbana por meio de seus principais eixos (antigos leitos) *Av. Jiménez* e *Calle Séptima*, entre os que se recomenda incluir também a *Avenida de Los Comuneros* e a *Avenida 1ª*, de jeito que estes eixos verdes desçam e penetrem na área para chegar ao Parque e continuem pela rede verde viária. Estes corredores poderão atrair novas espécies de fauna associada, buscando melhorar a qualidade sonoro-auditiva, não somente pela absorção, desvio e reflexão do barulho, mas pela substituição por outro som mais prazeroso ou mais tolerável ao ter-se reduzido a energia original”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p.39-40, Informe final) O documento do Plano não fez nenhuma recomendação técnica para conseguir estes louváveis objetivos, já que a atividade pela qual tinha sido contratada a União EHM Arquitectos, consistia somente em efetuar recomendações gerais, de modo que as propostas como, por exemplo, a de um “eixo ambiental” sobre a *Carrera 7ª*, ou sobre a *Avenida 1ª* jamais se realizaram.

Figura 42 – Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto construído. (EHM).

A área de estudo do Plano (P-1) estava definida pela zona (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 1ª* e a *Av. Caracas*, com uma área de 68,3 ha, Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) estava conformada pela *Calle 19*, a *Carrera 4ª*, a *Calle 6ª* sul e a *Carrea 19* área 310 ha. A área do Parque (P-2) subdividiu-se em duas zonas: (1) Cor verde escuro, pertence ao espaço de articulação entre a área comercial de *San Victorino* e o Parque. (2) cor verde claro, corresponde à área do Parque propriamente dito. Fonte: IDU/EHM. [Desenhos elaborados pelo autor].

Na metodologia do POUPTM, incluíram-se três fases: a primeira foi referente a uma “Análise e diagnóstico no nível do setor”, a segunda, a uma “Definição das alternativas de organização”, e a terceira, ao “Desenvolvimento do cenário de organização e desenvolvimento do projeto arquitetônico”²⁶⁰. É nesta última fase que se incluiu o projeto “Estabelecer as diretrizes do desenho do parque e seu desenvolvimento”²⁶¹. Neste cenário foi determinada a função e o conteúdo do programa, e foram elaborados os planos gerais de construção do Parque.

Projeto construído

Para a zona de 18.5 ha²⁶², (Figura 43), correspondente ao PTM, o POUPTM, retomou vários critérios do projeto ganhador do concurso arquitetônico de ideias:

[...] a integração com o seu contexto urbano: relação com o *cardo*²⁶³ Institucional, a relação com (os bairros) *La Candelaria*, *La Capuchina*, *El Voto Nacional* e *La Estanzuela* [...] a construção do Parque por etapas²⁶⁴, a recuperação da ‘memória’ dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por meio da criação de espelhos d’água, a evocação de seus leitos pelo tipo de

²⁶⁰ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6-8, Informe final.

²⁶¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 8, Informe final.

²⁶² A área inicial era de 20 ha, mas ao suprimirem-se dois quarteirões ao norte do Parque a área diminuiu a 18.5 ha.

²⁶³ **Cardo**: rua sentido norte-sul usado no planejamento urbano das cidades do império romano. A rua sentido leste-oeste se denomina *Decumanos*.

²⁶⁴ “O qual se verificou de acordo ao Plano de compra de prédios da Empresa de Renovação Urbana”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60, Informe final)

arborização associada²⁶⁵, a criação de grandes espaços representativos de encontro abertos à paisagem dos morros; o manejo do Parque por meio de sistemas operativos (solos e topografia), de tensões e fluxos (mobilidade), e de acontecimentos (programa de usos) [e finalmente a] evocação da memória de suas ruas e espaços, e identificação de seus espaços com seus antigos nomes” (Toponímia).²⁶⁶

Figura 43 – Planta geral do Projeto Construído.

Diferente dos projetos de B&M e P&P, a proposta somente inclui a área do Parque (P1). Mantêm-se os prédios de Medicina Legal e o Colégio *Santa Inés*, projetam-se sete taludes perimetrais para isolar os espaços interiores com o seu entorno, além de organizar a rede de caminhos inferiores e superiores do mesmo. Como complemento ao Parque (2) a administração *Distrital* elabora os Planos *Maestros* de *Santa Inés*, ao norte (1), e *San Bernardo*, ao sul (3), com os quais se estabelece as normas de ocupação e uso destes dois importantes setores vizinhos do Parque. [Desenhos elaborados pelo autor].

As linhas anteriores evidenciam que com relação ao tema ambiental, persistiu a retórica da “evocação” e “recuperação de memória” dos rios, cujo reflexo no desenho seria o espelho artificial d’água e a arborização associada.

A composição geral apoiou-se sobre a antiga quadrícula tradicional de *Calles* e *Carreras*, sobre a qual se destacaram três eixos. O principal eixo correspondeu à prolongação da *Carrera 12* (Alameda Terceiro Milênio), cumprindo a função urbana de integrar de norte a sul a Praça de *Nariño* com o Parque do Bairro *San Bernardo*. O segundo eixo correspondeu à *calle 9ª* (Alameda *Calle Novena*), a qual teve a função urbana de articular o setor de *San Victorino* com o PTM e a de conectar o Parque com o Centro Histórico da cidade. O terceiro eixo correspondeu à *calle 7ª* – Alameda *Calle Sétima* –, integrando a escultura urbana “*Pórtico*”, do escultor Ramírez Villamizar, localizada sobre a *Av. Caracas*, ao Colégio *Santa Inés*, à Alameda Terceiro Milênio e à zona sul de brinquedos para as crianças. (Figura 44).

²⁶⁵ *Cedros*, (*cedrela montana*) *Sangreagos* (*croton*), *Gaques* (*clusia*) e *Pinos Romerones* (*podocarpus montanus*).

²⁶⁶ (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60-61, Informe final)

Figura 44 – Desenhos de análise do projeto.

O projeto toma como suporte de composição a malha tradicional urbana, semelhante aos projetos anteriores, a qual é modificada com dois eixos diagonais no sul do Parque (1); propõe pequenas unidades culturais e de serviços espalhadas pelo Parque todo (2); o sistema para pedestres está constituído por amplas alamedas perimetrais e interiores, destacando-se a Alameda Terceiro Milênio – eixo central norte-sul – (3); as zonas verdes são sacrificadas pela alta presença de zonas duras – alamedas – (4); análogo às propostas anteriores a arborização dispõe-se em linhas que marcam os caminhos (5); sobre o eixo central e os caminhos diagonais projetam-se cinco fontes e outra maior na zona do “jardim botânico”. [Desenhos elaborados pelo autor].

Com relação aos elementos naturais, no desenho paisagístico, apresentou-se como novidade a utilização de taludes artificiais na periferia do Parque, os quais foram dispostos com a intenção de configurar microespaços, conformar barreiras corta-vento, gerar isolamento visual e acústico como o entorno imediato. Adicionalmente projetaram-se esplanadas verdes acondicionadas com espaços para as crianças brincarem.

Com a intenção de consolidar uma rede de alamedas com chãos duros na periferia e no interior do Parque, sacrificou-se uma parte significativa da superfície permeável, de forma que esta se limitou somente a 36% da área total. Propuseram-se linhas de árvores de grande porte na periferia e nas alamedas principais do Parque, e não se realizou nenhuma proposta de massas de árvores de diferentes espécies nativas que favorecessem os processos *sucessivos* e a atração de fauna.

Manteve-se a atitude de propor pequenas bacias artificiais de água, às quais lhes designaram uma função exclusivamente decorativa, sem incorporar estratégias de manejo das águas pluviais, nem muito menos considerar a possibilidade de recuperação das dinâmicas das sub-bacias.

Incluiu-se um Jardim Botânico, que resultou ser mais uma ilusão alegórica do que deveria corresponder a um elemento desta natureza. Por tal motivo, em consideração do autor deste trabalho, na verdade, todo o Parque deveria ter sido concebido como uma

grande reserva de vegetação nativa, que contribuísse à recuperação de processos ecológicos.

Com relação à proposta de mobilidade para pedestres, projetou-se um anel perimetral de circulação com alamedas nos quatro extremos do Parque: *Carrera 10ª*, *Calle 6ª*, *Av. Caracas* e *Calle 9ª*. No interior do Parque construiu-se uma Alameda Central, (Alameda Terceiro Milênio) de 32 metros de largo e 400 metros de comprimento, a qual, paradoxalmente, não incluiu árvores. Esta alameda foi complementada com outras alamedas menores (*Calle 7ª* e *Calle 8ª*), e uma rede de caminhos estreitos²⁶⁷. O tamanho e quantidade das alamedas e caminhos obrigou a ter uma quantidade significativa de superfícies duras que ocupam 61% do Parque, gerando assim uma imagem de paisagem árida. A esta paisagem opõe-se o valor cênico dos taludes sulcados por caminhos sinuosos localizados nas zonas baixas e superiores dos mesmos. (Figura 45).

Figura 45 – Percurso fotográfico do Parque.

Destacam-se os seguintes elementos: (1) a Alameda Terceiro Milênio com sua exagerada dimensão e sua evidente falta de arborização; (2) os taludes perimetrais, com os caminhos “traçados” pelos usuários em suas crestas; (3) a esplanada verde com brinquedos para crianças, com pouca utilização; (4) as fontes artificiais como “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*; (5) o Jardim Botânico, nome exagerado para este desolado espaço; (6) o módulo cultural e de serviços (*lan house*) com baixa frequência de uso. [Fotos do autor].

A rede de ciclovias instalou-se sobre a rede principal de alamedas, beneficiando-se da arborização e do mobiliário proposto. Finalmente, a *Calle 9ª* e a *Carrera 13* foram mantidas como vias veiculares, mas de trânsito restrito. A função destas duas ruas é manter a conectividade do Parque e do prédio de Medicina Legal com o setor. Para os carros

²⁶⁷ Programa ratificado no Decreto Distrital 346 de 2003: “Por el cual se adopta el Plan Maestro Parque Tercer Milenio”.

projetou-se uma zona de estacionamentos subterrânea para 168 veículos, sob a alameda central, com entrada e saída pela *Calle 6ª* (*Av. Comuneros*).

Com relação às edificações, foram mantidas como prédios do Colégio *Santa Inés* devido a seu valor cultural e patrimonial e o prédio de Medicina Legal, em virtude da importância do serviço que presta à cidade. Exclusivamente para o Parque se propuseram pequenas unidades de serviços assim dispostas: sobre a Alameda Terceiro Milênio, dois palcos para a realização de espetáculos culturais e um Centro Cultural (*lan house*). Dois restaurantes, um no Jardim Botânico e outro frente ao Instituto de Medicina Legal, e três unidades de serviços nas Zonas de brinquedos para crianças. O total da área ocupada pelas construções é de 4% do Parque.

Para legalizar o processo todo de construção do parque, a prefeitura contratou o arquiteto Camilo Santamaría para o estudo “Plano Maestro Parque Terceiro Milênio”, com o qual se determinaram os usos e a ocupação do parque e se legalizou ante o *Departamento Administrativo de Planeacion Distrital -DAP*. (Figura 46)

Figura 46 – Plano Maestro Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.

Com este Instrumento Legal determina-se o uso e ocupação do Parque Terceiro Milênio. Estabelece-se o zoneamento, plano P1: (1) Alameda Terceiro Milênio, (2) Esplanada, (3) Brinquedos crianças Norte, (4) Brinquedos crianças Sul, (5), Praça e acesso Norte, (6) Alameda *Calle Sétima*, (8) Zona de esportes, (9) Jardim Botânico. Além disso, determina-se a quantidade e uso dos prédios, plano P-2: (1) dois prédios de Medicina Legal – existente – (2) Colégio *Santa Inés* – existente – (3) uma Cantina para estudantes – sem construir –, (4) um Restaurante Jardim Botânico – fechado – (5) dois Cenários Culturais – palcos –, (6) três Unidades de Serviços (7) Centro Cultural (*lan house*). Fonte: Decreto 346 /2003.

3.3 Análise comparativa dos projetos

A análise das propostas elaboradas para o Parque por Bueno & Montenegro – Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), de Pereira & Pabón – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI) e de Esguerra, Hernández & Mazzanti (Projeto Construído) permite entrever elementos que vale a pena comparar.

Com respeito aos eixos de composição, evidenciou-se que a proposta de B&M teve ênfase na solução simétrica, ao passo que a solução do concurso ganhador constituiu em uma proposta dinâmica produto da superposição de eixos diagonais – que correspondem às tensões e relações do lugar – sobre uma retícula, que representa a referência direta ao traçado urbano do setor. Finalmente, o projeto construído, propõe uma solução híbrida: sobre uma estrutura ortogonal, própria do traçado urbano, superpôs um percurso irregular, localizado na parte interna do Parque.

Em relação à proposta de praças, o projeto B&M optou pela alternativa da praça monumental na que se perde a escala humana. A proposta ganhadora do concurso de ideias apresentou a alternativa de praças triangulares que se geravam a partir do cruzamento dos eixos diagonais com a malha ortogonal. O projeto construído não maneja o conceito de praça, pois trocou o referido conceito pelo de “alameda”²⁶⁸, entendida como a materialização de um eixo de composição por uma extensa superfície pavimentada com caixas para plantio de árvores.

Finalmente, com relação à proposta de áreas edificadas, o projeto de B&M propôs uma edificação comercial no centro do Parque e um conjunto de equipamentos na parte sudeste do mesmo. O projeto ganhador do concurso arquitetônico propôs um conjunto lineal de prédios comerciais e institucionais na zona norte do Parque, a manutenção das edificações com valor patrimonial, e a instalação de uma rede de pequenos equipamentos. O projeto construído dentro do seu processo de desenho reduziu a área de ocupação do Parque de 20 ha a 18.5 ha, manteve os prédios de Medicina Legal e do Colégio *San Inés* e dispôs uma série de pequenos equipamentos distribuídos pelo parque todo, especialmente sobre a Alameda Terceiro Milênio e *Calle Sétima*.

Com relação aos elementos naturais, o projeto de B&M propôs uma esplanada verde, com uma grande fonte de água; o projeto ganhador do concurso, uma planície verde com

²⁶⁸ Nos parâmetros gerais do desenho do Parque incluiu-se o conceito de **praça**; porém, durante o processo de desenho o referido conceito foi trocado pelo de **alameda**, como pode ser constatado no Decreto 246 de 2003.

talude central e uma longa fonte de água; e o projeto construído, taludes perimetrais sobre um plano verde e três conjuntos de pequenos espelhos d'água. As três propostas utilizaram o mesmo conceito de arborização: fileiras de árvores marcando os caminhos e as alamedas.

Infelizmente, embora não se possam ignorar os grandes esforços de gestão adiantados pela administração Distrital e os profissionais contratados para lograr a materialização do projeto do PTM, o elemento natural nas três propostas teve importância devido ao seu valor cênico e decorativo. (Figura 47). Mas não como ferramenta que verdadeiramente contribuísse à conformação de uma EEU. Como colombianos e como *bogotanos* eles não podem contar com uma tradição que outorgue valor aos rios como elementos verdadeiramente importantes dentro da cidade; a evidência desta condição encontra-se precisamente em uma Bogotá que por quase quatro séculos dedicou-se a “enterrar seus rios”.

Figura 47 – Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.

Imagem do estado do setor antes da intervenção urbana (I-1): aprecia-se o alto nível de ocupação do setor. Montagem do Parque no setor (I-2): evidencia-se a magnitude da operação urbana que significou a construção do Parque (P-2). Fonte: (I-1) IDU/SCA “*Bases del Concurso*” anexo 12. (I-2). [Montagem do autor: imagem Google sobre imagem das Bases de Concurso].

Com o anterior, a cidade perdeu uma valiosa oportunidade de tornar realidade o ideário proposto pelo conceito de EEU na franja da cidade que enterrou seus rios e no setor que correspondeu à confluência dos *R. San Francisco* e *San Agustín*. Esta atitude é semelhante à que se apresentou com os outros projetos que se localizaram sobre o antigo leito do *R. San Francisco*: o projeto de recuperação da Praça de *San Victorino* e o projeto do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²⁶⁹ na qual, como se explicou antes, instalou-se um extenso,

²⁶⁹ Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, Extensão 2,8 km “Para sua realização foi necessário recuperar e articular importantes espaços públicos compreendidos entre a estação do *Funicular (Carrera 2ª Este com Calle 21)* e a Estação da Savana (*Calle 13 com*

estreito e superficial espelho d'água de 1.600 metros de comprimento ao longo da Av. Jiménez.

Com estas ações evidencia-se que os projetos de recuperação do sistema hídrico reduzem-se exclusivamente ao plano retórico, sem chegar a uma concretização do ideário da EEU. Esta atitude tem se replicado em outras áreas da cidade onde, por exemplo, a recuperação de zonas úmidas, como a de *Juan Amarillo*, tem se materializado na construção de alamedas perimetrais, que embora sejam uma alternativa para a geração de espaço livre (superfícies impermeáveis com árvores em canteiros não contribuem ao processo de restituição do sistema hídrico da cidade).

Frente à ausência de uma proposta que concretizasse o ideário da EEU, ficava ainda a oportunidade de que o projeto pudesse ser uma alternativa de renovação urbana de uma peça da cidade que se encontrava em avançado estado de deterioramento urbano e “decomposição” social de modo a contribuir à conformação de um “centro de integração social no mundo contemporâneo”²⁷⁰, que atraísse o investimento do setor privado, motivando o retorno da população para que ocupasse de maneira estável a zona centro da cidade, como bem o apregoam as iniciativas empreendidas pela prefeitura atual.

Porém, após quatro anos de sua construção, nas visitas de campo realizadas no desenvolvimento do presente trabalho, ainda não se evidencia uma transformação do entorno construído do Parque, também não se evidencia uma afluência massiva de pessoas ao mesmo e, ao contrário, ainda o setor mantém uma conotação negativa na percepção dos cidadãos. Frente a este panorama, surgem inevitavelmente alguns questionamentos: É possível que o Parque, não esteja contribuindo a um processo de renovação urbana no centro da cidade? Quais deveriam ser os elementos a serem levados em conta para que não se produzisse uma situação com estas características? Seria possível que o projeto na verdade tivesse se convertido em um exercício de limpeza social oficial em uma zona de alta degradação urbana, gerando um vazio dentro da cidade?

A seção 4 procurará responder a estes questionamentos, partindo da premissa de que é preciso revelar quais foram os processos e fenômenos urbanos e paisagísticos que deram lugar ao que atualmente é este setor da cidade, sendo que eles deveriam marcar a

Carrera 18). O conjunto cria um entorno que recupera integralmente parte do *Centro Histórico*, resalta o patrimônio arquitetônico e urbanístico situado ao longo do Eixo e gera as condições necessárias para reanimá-lo em termos ambientais. O Eixo inclui um amplo passeio para pedestres e um corredor para o uso exclusivo do serviço de transporte público *Transmilenio* [...]. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>>. Último acesso em: 07 mar. 2009. O tramo construído mede 1.6 km compreendido entre a *Carrera 2ª* e a *Carrera 10ª*, e teve um custo final de 7.056 milhões de pesos / 2.8 milhões US\$ (custo inicial estimado 6.000 milhões de pesos / 2.4 milhões US\$). Fonte: IDU.

²⁷⁰ SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1.

referência ou o ponto de partida em que se baseiam a tomada de decisões para a recuperação da EEU.

Nota: Para maior informação deste processo, consultar anexo.

4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.

Na seção 1 apresentaram-se alguns aspectos que deram lugar à formação do discurso ambiental no país, explicou-se a origem e inclusão do Conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no modelo do Plano de Ordenamento Territorial (POT) de Bogotá, mencionaram-se alguns elementos ou ferramentas – que na consideração do autor poderiam aportar à materialização efetiva do conceito de EEU em Bogotá – e, finalmente, enfatizou-se a importância de estudar os fenômenos de transformação da paisagem local em perspectiva histórica, a fim de encontrar elementos que permitissem não somente compreender quais os fenômenos que deram lugar às condições ambientais atuais, mas de obter experiências e aproveitar oportunidades que contribuam para a revitalização de valores sociais, urbanos, ecológicos e paisagísticos de um lugar. Na seção 2, realizou-se um recorte histórico que permitiu verificar como o ecossistema original no qual a cidade encontra-se hoje foi intensamente modificado desde o período Colonial até a atualidade, produto do manejo inadequado dos recursos naturais, de modo que o sistema hídrico foi alterado drasticamente com a impermeabilização do solo, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, a contaminação dos corpos de água, a construção de redes combinadas de esgotos como resultado do acelerado crescimento da cidade, especialmente durante a segunda metade do século XX. Na seção 3, evidenciou-se a distância entre o discurso ambiental das propostas e como a concepção do Parque terminou sendo o reflexo de um projeto ou ideário político.

Com estes antecedentes, a presente seção tem o propósito de fazer uma aproximação ao estudo do caso, revelando os elementos sociais, urbanos e ambientais que desde o período Colonial, configuraram a paisagem da área onde hoje está localizado o Parque Terceiro Milênio (PTM), e especialmente, indagar pelo processo de ocupação da sub-bacia do *R. San Francisco* neste setor da cidade. Esta análise visa a aportar um enfoque alternativo, diferente do enfoque que se deu durante a concepção e execução do PTM. Para tal efeito, o autor deste trabalho parte da convicção de que é indispensável estudar qual foi a dinâmica de transformação social, urbana e ambiental da bacia do *R. San Francisco*, que permita ter um novo olhar que deixe ao futuro tomar decisões de acordo com as condições físicas, sociais e ambientais do setor.

Para efeito da respectiva análise toma-se como recorte o espaço conformado pelas bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, espaço que corresponde ao lugar de fundação

e localização do Centro Histórico da cidade, e especialmente do lugar de confluência dos dois rios, setor no qual se construiu entre 2000 e 2005 o PTM. (Figura 48).

Figura 48 – Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.

Toma-se como área de estudo a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín* na zona centro da cidade (P1), delimitada por (1) *Cerros Orientales*, (2) *Calle 16*, (3) *Carrera 18*, (4) *Calle 4ª*, com uma área de 352 ha. San Victorino faz parte do centro tradicional (P2) e consolida-se como bairro em 1840 e é vizinho do Centro Histórico da cidade (P3). P2 Crescimento histórico: azul escuro 1539-1600; azul 1600-1840; lilás 1840-1890; vermelho escuro 1890-1900; vermelho 1900-1920; roxo 1920-1940; amarelo 1940-1950. Centro Histórico. Centro Histórico (P3). [P1- Imagem Google editado pelo autor. P2 e P3 Editados pelo autor/IDEA-UN].

4.1 A bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*

Dimensão espacial e ambiental da bacia

Durante o período colonial, a Paróquia²⁷¹ de *San Victorino*²⁷² – lugar onde na atualidade localiza-se o PTM – estava situada na parte baixa e na periferia da cidade, próxima à confluência dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²⁷³. Estes rios cumpriam o papel de limites naturais da cidade, marcando uma interrupção da traça como tabuleiro de xadrez da cidade colonial.

Como se explicou na seção 2, na fundação e consolidação da cidade colonial primou uma visão utilitária dos corpos de água e do recurso florestal e, além disso, uma percepção negativa das zonas baixas inundáveis as quais eram vistas como foco de animais

²⁷¹ Para efeitos de administração religiosa, *Santafé* dividiu-se em 4 Paróquias desde o século XVI, “as quais foram o único modo para uma organização espacial até o século XVIII”. (MEJÍA, 1999, p. 300)

²⁷² A Paróquia recebeu seu nome em honra a *San Victorino* “*Abogado contra los hielos que suelen hacer daño a los panes recién sembrados*”. (IBÁÑEZ, 1989, tomo I, p. 92)

²⁷³ Estes rios antes da conquista recebiam o nome indígena de *Vicachá* e *Manzanares*. Os nomes dos lugares naturais, designados pelos indígenas, foram trocados pelos espanhóis como ferramenta de dominação do território.

venenosos. Esta condição repercutiu de duas maneiras na Paróquia de *San Victorino*. (Figura 49). Em primeiro lugar, os habitantes da Paróquia não se beneficiaram com as águas dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, devido ao consumo e poluição nas partes altas da cidade que provocaram a diminuição do leito e uma abundante presença de desperdícios no leito dos mesmos. Em segundo lugar, no limite ocidental da Paróquia, na altura do atual bairro *Santa Inés*, (*Carrera 10ª*) havia um barranco profundo, que se formou pelas enchentes do *R. San Francisco*²⁷⁴. Nesse barranco os habitantes da Paróquia descartavam os restos dos animais mortos e o lixo. Estas duas situações determinaram o fato de que o setor de *San Victorino* fosse pouco apetecido para a localização das classes ricas (brancos), de forma que até meados do século XIX, *San Victorino* foi um subúrbio da Paróquia de *La Catedral*²⁷⁵, que acolheu aos indígenas e mestiços que habitavam *Santafé*²⁷⁶. Neste sentido, pode-se dizer que *San Victorino* nasceu sob o símbolo da marginalidade que originou por meio de uma condição ambiental preexistente²⁷⁷: o desprezo por um rio que se desbordava durante certos períodos do ano²⁷⁸, cujo caudal era incapaz de surtir com águas limpas aos habitantes, e de uns solos, submetidos ao risco de possíveis enchentes, e aos imaginários perigos da natureza, representados principalmente por animais venenosos dos quais advertiram as ordenanças de fundação de povoados.

De acordo com a condição de seus habitantes, e o fato de estarem em um vale inundável, as terras da Paróquia caracterizaram-se por conformar uma mancha verde de terras destinadas em sua maioria à atividade agrícola de “*pan coger*”²⁷⁹; esta mancha verde somente era interrompida por algumas edificações e caminhos.

No sul da Paróquia também se situaram algumas propriedades rurais dos espanhóis: a Vila de *Segovia* ou a Horta de *Jaimes*²⁸⁰, – cujas terras começavam frente à Praça do

²⁷⁴ VILLEGAS Ed., 2000, p. 130.

²⁷⁵ ZAMBRANO, Fabio; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. *Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo*. Inédito, 2007. p. 41.

²⁷⁶ Em 1688 havia em *Santafé* 3.000 brancos e 10.000 indígenas [...] os setores mais densamente povoados por indígenas foram *Pueblo Viejo* (leste e sul) *Las Nieves*, *Santa Bárbara* e *San Victorino*. [...] Em 1780 os indígenas puros passavam escassamente 10%, enquanto os mestiços eram 45% da população *santafereña*. Finalizando o século, os indígenas não passavam de 4%. (IRIARTE, 1988, p. 68)

²⁷⁷ Setor de classes pobres da cidade, assentamento de indígenas – *San Victorino*, *Las Nieves*, *Santa Bárbara*, *Pueblo Viejo*. (IRIARTE, 1988, p.68)

²⁷⁸ Bogotá tem dois períodos de chuva no ano, o primeiro em março, abril e maio, e o segundo em setembro, outubro e novembro.

²⁷⁹ Vale a pena esclarecer que também havia comercialização de alguns produtos agrícolas, consistente na venda de legumes na “*Plaza de las Yervas*” (*Parque Santander*). A Praça, que durante o período republicano adquiriu o nome de *Plaza de Santander*, durante o período colonial era a Praça de mercado permanente da cidade. Os legumes que se vendiam na referida praça vinham da *Parroquia de San Victorino* e da de *Las Nieves* localizadas ao norte da cidade, onde também se situou um povoado indígena. (MEJÍA, 1999, passim.)

²⁸⁰ A *Huerta de Jaimes* localizou-se onde hoje se encontra a igreja de *Corazón de Jesús (Voto Nacional)*. *Apostillas*. Eduardo Posada apud CARRASQUILLA, Juan *Quintas y estancias de Santafé y Bogotá* Banco Popular, Bogotá 1989, p. 74.

mesmo nome –, e uma porção da fazenda de *La Estanzuela* que conformava o limite sul da Horta de *Jaimes* e estendia-se ao oeste até a *Calle 6*²⁸¹.

Figura 49 – Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.

No final do século XIX a divisão política da cidade estava determinada pelas Paróquias *Catedral* (vermelho), *San Pablo* (roxo), *San Victorino* (amarelo), *Santa Bárbara* (azul), *Las Cruces* (rosa), *Egipto* (verde), *Las Aguas* (marrom), *Las Nieves* (verde escuro). No início do século XX a divisão política se estabelece por bairros. O bairro de *Santa Inés* (10) encontrava-se rodeado pelos bairros de: (1) *San Victorino* (2) *La Capuchina* (3) *Veracruz* (4) *La Catedral* (5) *Centro Administrativo* (6) *Santa Bárbara* (7) *San Bernardo* (8) *La Estanzuela* (9) *Voto Nacional*. Por tradição, a Praça *Antonio Nariño* ou de *San Victorino* (A) opera como centro do setor, razão pela qual a população identifica a área de confluência de seis bairros (oval vermelho) como *San Victorino*. Fonte: P1. *Atlas Histórico de Bogotá 1538-1910*. A Candelaria, Bogotá 2004, p. 29. P-2.

Elementos urbanos: *San Victorino* conventual e portão da cidade

Do século XVI ao XVIII configuraram-se elementos urbanos significativos que começaram a conferir uma identidade a *San Victorino* em relação às demais paróquias da cidade. O primeiro deles é o fato de que a paróquia comportava-se como portão de entrada à cidade, pois ali terminava o caminho de Oeste, *Calle 13* (*Av. Jiménez*). Este caminho tinha um importante papel na escala regional, já que conectava a cidade com o porto fluvial de *Honda*, localizado sobre o *Río Magdalena*, a 135 km de distância de Bogotá²⁸². O anterior concedeu uma particularidade à Praçinha da Paróquia de *San Victorino*, como porto terrestre de viajantes e como importante ponto de venda de materiais de construção e de mel em atacado²⁸³.

²⁸¹ No leste divisa com o que atualmente é a *Av. Caracas* e no oeste chegava até embaixo da atual *Carrera 20*. (CARRASQUILLA, 1989, p. 63)

²⁸² Bem o descreve o historiador Jorge Orlando Melo: “Durante todo o século [XIX], o eixo do sistema, a peça fundamental esteve constituída pelo rio *Magdalena*. Por onde se introduziam, desde os portos atlânticos de *Cartagena*, *Santa Marta* e posteriormente *Barranquilla* (*Sabanilla*), os bens importados; dele saíam para o mercado mundial os produtos agrícolas de exportação”. (MELO, 1984, p. 153)

²⁸³ Esta importante função manteve-se até finais do século XIX. (MEJÍA, 1999, p. 178)

Outros elementos urbanos destacáveis neste período, por terem configurado a paisagem outorgando identidade ao setor, foram a igreja e convento de *Santa Inés*²⁸⁴ (consagração em 1645)²⁸⁵; a igreja e convento de *La Capuchina* ou de *San José*, (consagração em 1791), que marcou o limite ocidental da cidade na atual Carrera 13 (Av. Jiménez) com Calle 14 (Av. Caracas); a igreja da *Concepción* e de *San Juan de Dios*; e finalmente, a igreja de *San Victorino* (Calle 13 com Carrera 12). Esta última erigiu-se em 1598²⁸⁶, e teve grande significação como símbolo máximo da Paróquia, uma vez que ali se concentrou a missão religiosa da “administração de almas” realizada sob a tutela do catolicismo.

San Victorino assomou-se ao século XIX, contando com cinco prédios religiosos e conventuais, separados apenas por poucas ruas. (Figura 50). Durante o período Colonial, as igrejas constituíram um elemento de relevante importância na paisagem urbana não somente pelo seu significado religioso, mas pelo fato de se destacar no perfil urbano com relação às demais edificações, as quais, salvo casos excepcionais, alcançavam dois andares de altura. Assim, “[...] a urbe aparecia como um espaço sagrado, protegido das influências externas como as geadas, os raios e as secas [...]”²⁸⁷, uma cidade morando tranquilamente sob o amparo das torres das igrejas, dos objetos e iconografia religiosa que albergavam no seu interior.

Neste ponto pode-se afirmar que durante o período colonial a paisagem de *San Victorino* caracterizou-se basicamente por quatro elementos: a conotação marginal derivada da utilização e percepção dos elementos naturais, o caráter rural associado principalmente à agricultura de “*pan coger*”, os elementos próprios de um porto terrestre e portão da cidade, e finalmente a presença protetora das igrejas no perfil da cidade. No que diz respeito à dimensão social, vale a pena ressaltar que em virtude de um inadequado uso e percepção do entorno natural, *San Victorino* nasceu como lugar de assentamento das classes pobres, conformadas por indígenas e mestiços, fato que seguramente é indicativo de um paradoxo na relação entre homem e natureza.

²⁸⁴ Mesmo que a Igreja de *Santa Inés* não pertença à área desta paróquia, menciona-se aqui por sua importância na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino*.

²⁸⁵ Localizado no costado ocidental da Carrera 10, entre Calles 9ª e 10ª. Em 1638 aprovou-se a criação do convento da *Segunda Orden Dominicana*.

²⁸⁶ A construção original com teto de palha data de 1578; em 1598 colocou-se telhado de barro. (MEJÍA, 1999, p. 159)

²⁸⁷ MEJÍA, 1999, passim.

Figura 50 – Presença de equipamentos religiosos no setor.

Durante muito tempo a paisagem da cidade foi denominada pelas torres da igreja – em um mesmo quarteirão localizavam-se várias igrejas –, o setor de *San Victorino* apresentou esta mesma lógica (P1). Conventos e igrejas (1) *Santa Inés*, 1645 (2) *Nuestra Señora de la Concepción*, 1538 (3) *San Juan de Dios*, 1723 (4) *San Victorino*, 1568 (5) *La Capuchina*, 1778. Foto 1: Igreja de Santa Inés, 1945. Foto 2: Igreja *La Capuchina*, 1910. Fonte: P1 Elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1 e 5: Sociedad de Mejoras y Ornato.

4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor

A Herança da colônia e as inovações tecnológicas na cidade

É preciso destacar três elementos que incidiram na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino* durante o século XIX: o crescimento populacional, a construção da Alameda Nova e as melhorias tecnológicas em matéria de transporte.

Até finais do século XVIII, *San Victorino* era uma Paróquia relativamente despovoada em comparação com a Paróquia de *La Catedral*. Porém, durante o século XIX, deu-se um significativo crescimento populacional que provocou que o setor se consolidasse como núcleo residencial²⁸⁸: o número de habitantes em *San Victorino* passou de aproximadamente 2.000 em 1.793 para 14.000 em 1912, e mesmo mantendo-se como a Paróquia com menor quantidade de população de Bogotá²⁸⁹, sua população praticamente multiplicou-se sete vezes durante o século XIX.

No fim do século XVIII, provavelmente frente à pressão dos ventos libertadores, o Vice-rei Ezpeleta²⁹⁰ empreendeu algumas obras materiais na *Nueva Granada* e *Santafé*, entre as quais, vale a pena destacar para o caso de nosso interesse, a obra das *Alameda*

²⁸⁸ MEJÍA, 1999, p. 300.

²⁸⁹ E Censo da cidade de Bogotá. 1912. *San Victorino* ocupava nesta data somente 17% da superfície total da cidade, com um total de 52 quarteirões. (MARTÍNEZ, 1976, p. 90)

²⁹⁰ Vice-rei que governou *Nueva Granada* entre 1789-1796.

*Nueva e Vieja*²⁹¹. (Figura 51). Estas “alamedas” não possuíam álamos, mas sim vegetação própria do clima do planalto: Sauces (*Salix humboldtiana*) e Alisos (*Alnus jorullensis*), alternados com jardins em alguns trechos. Na opinião do autor do presente trabalho, à primeira vista, a adequação da Alameda, pareceria evidenciar um interesse do governo da cidade, por conceder relevância ao papel dos elementos naturais na paisagem. Porém, paradoxalmente as ações não se concentraram nos corredores naturais da cidade, ou seja, nos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, mas na arborização de uma via da cidade. Por outro lado, com relação à incidência que teve a Alameda na configuração da paisagem de *San Victorino*, não se pode desconhecer que a construção da mesma fortaleceu a Pracinha de *San Victorino*, como ponto vital e estratégico da estrutura urbana herdada do período colonial, reforçando a imagem de portão de ingresso da cidade, de ponto de chegada dos ônibus e carruagens de aluguel e de passeio público para os moradores de Bogotá.

Figura 51 – Alamedas, zona rural.

P1. Em 1900 o setor contava com: (1) A alameda velha (*Carrera 13*), 1791. (2) A alameda nova (*Calle 13*) 1791. No limite ocidental encontravam-se as quintas de: (3) *San Fason*, (4) *La Estanzuela*, (5) *Santa Catalina* e (6) *San José del Fucha*. Foto 1: Imagem da *Av. San Diego*, antiga alameda velha, 1906. Foto 2: Passeio *Av. Colón*, antiga alameda nova, 1930, em primeiro plano as estátuas dos reis da Espanha, ao fundo os morros desflorestados. Foto 3: Passeio parque do *Centenario*, 1895. P1 elaborado pelo autor; fonte: *Quintas y estancias de Bogotá*. Foto 1 e 2: *Recuerdos de Bogota*. Foto 3: Henri Duperly.

²⁹¹ Para finais do século XVIII construíram-se várias alamedas: “[...] o progressista vice-rei se interessou em adornar a capital, tirando seu aspecto mesquinho. Ele fez plantar árvores frondosas, desde a praça de *San Victorino* até o campo aberto de *San Diego* [...] e que então se chamou **alameda velha**, em contraposição à **alameda nova**, também construída pelo vice-rei, desde o desprendimento da calçada ocidental, para *Puente Aranda* [...] o governo sem atender ao Dicionário chamou alamedas (lugares plantados com álamos) a estes passeios, os quais somente eram adornados por árvores próprias do nosso clima, ou seja, *sauces*, *robles*, *cerezos* e *alisos*.” IBÁÑEZ, 1989, tomo II, p. 111.

Com relação às melhorias tecnológicas em matéria de transporte, destacou-se em primeiro lugar a “*macamadización*” do caminho de ocidente; posteriormente, a construção da ferrovia do Trem do Ocidente cuja estação, chamada “*De La Sabana*”²⁹², localizou-se na *Calle 13* entre *Carreras 17* e *18* (1892); e, por último, o Trem do Norte, com sua estação “*Del Norte*” (1894), na *Carrera 14* com *Calle 19*. Com estas melhorias tecnológicas, aumentou o volume de mercadorias e o movimento de pessoas que entravam e saíam da Pracinha *Plazuela de San Victorino*²⁹³. A condição de *San Victorino* como porto seco incidiu na construção de hotéis e pousadas para viajantes²⁹⁴, locais comerciais para a compra e venda de produtos, e estâncias para cavalos e carruagens. Foi precisamente ao redor destas atividades que o setor se consolidou como um cenário com deferentes atores urbanos. O subúrbio colonial, habitado por poucos moradores indígenas e mestiços, transformou-se em um lugar dinâmico, de população flutuante conformada por viajantes, comerciantes e outras pessoas cujas atividades de subsistência suportavam-se na vocação do setor.

Com a construção da ferrovia e a consolidação de atividades urbanas, *San Victorino* deixou de ser periferia da cidade para se tornar parte importante do casco urbano e centro de intercâmbio cultural, social e econômico²⁹⁵. (Figura 52). A partir das últimas décadas do século XIX a Praça de *San Victorino* e a *Calle 11* começaram a se consolidar na paisagem como um espaço e eixo de caráter comercial: uma guia de Bogotá de 1893 afirmava: “[...] as ruas que atravessam de leste a oeste, desde a *Carrera 5ª* (pela casa da moeda) até as praças de *Los Mártires* (Horto de *Jaimes*) e de *Nariño* (*San Victorino*), [ali] fica compreendido todo o mais importante do comércio e dos industriais em geral”²⁹⁶. A afluência de pessoas e a vocação de porto seco da cidade é uma característica urbana que se mantém ainda hoje nas proximidades da praça, conformando um elemento decisivo na paisagem, apesar de todas as transformações da cidade durante o século XX.

Somando-se às melhorias de transporte já mencionadas, no fim do século XIX, também se iniciou a construção das linhas do bonde de mulas, duas destas relacionadas com o setor de *San Victorino*.

²⁹² Projeto do engenheiro inglês William Lidstone, com a colaboração do arquiteto Colombiano Mario Sanz de Santamaría. Terminou-se de construir em 1917 e foi reformado em 1955. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 304)

²⁹³ Tomado de: MEJÍA, 1999, p. 187.

²⁹⁴ Um guia bastante completo dos hotéis mais destacados da zona encontra-se no guia descritivo que acompanhou o plano topográfico de Pedro Clavijo de 1891, reformado em 1894. *Archivo General de la Nación*.

²⁹⁵ Vale a pena esclarecer neste ponto que as atividades de venda de materiais de construção e de mel que usualmente concentravam-se nesta Praça de *San Victorino* trasladaram-se em 1883 a outra, localizada no oeste da *Plaza de los Mártires*, chamada *Plaza de las Maderas*, hoje *Plaza España* em 1902. (MEJÍA, 1999, p. 187)

²⁹⁶ Como produto desta atividade comercial surgiu a *Pasaje Navas Azuero* em 1891, o *Pasaje Rivas* em 1894, localizado na *Carrera 10ª* com *Calle 11*, o qual, segundo um anúncio publicitário, tinha na primeira planta locais “próprios para armazéns e lojas de licores” e na segunda planta “departamentos para aluguel adequados para estudantes”. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 393)

Figura 52 – Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).

P1. Rotas do bonde (linha verde) (1) *Carrera 7*, (2) *Carrera 13*, (3) *Calle 15*, (4) *Carrera 18*, (5) *Calle 10*, (6) *Carrera 11* e (7) *Carrera 10*. Destaca-se a Praça de Mercado (8), ponto central do circuito onde confluem três trechos do bonde. Perto de *San Victorino* localizaram-se as rotas (linha preta) e as estações do Trem do Norte e da Savana (10). Foto 10: Antiga Estação da Savana, 1895. Foto 10 B: Nova Estação da Savana, 1918. Foto 9: Estação do Trem do norte, 1905. Foto 11: Rota do bonde em San Francisco (*Carrera 7*). P1 elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 9: Bogotá litográfico Arco. 1978 p. 298. Foto 10 A: História de Bogotá. Foto 10 B: Sánchez Santamaría Ignacio Índex, 1929. Foto 11: Sady Gonzales.

Os rios *San Francisco* e *San Agustín*: cicatriz urbana e marginalidade

O processo de adensamento e urbanização de *San Victorino* no século XIX foi indiferente à presença dos rios *San Francisco* e *San Agustín*: a morfologia urbana caracterizada pelo tabuleiro de xadrez e o quarteirão como unidade básica de agrupação de edificações incorporou os leitos dos rios, como uma espécie de cicatriz de aparência amorfa, que ia na contramão da formalidade da traça, sem nenhuma solução de continuidade ou transição. (Figura 53). Assim, atravessavam sobre o *R. San Francisco* 19 pontes e sobre o *R. San Agustín* outras 9 pontes, a fim de facilitar a continuidade das ruas, e as edificações simplesmente limitavam-se a oferecer seus quintais posteriores ao leito, ignorando a presença dos corpos de água, que continuavam sendo um foco de sujeira, uma cloaca urbana. (Figura 54).

Figura 53 – Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.

A cidade ideal das “*Leyes de indias*” – quadrícula perfeita que se distribui de maneira homogênea no território – choca-se com o cenário natural de morros, rios e com as rotas dos caminhos coloniais, o qual alterou substancialmente a morfologia original da cidade. P1: Reconstrução da fundação de Bogotá, 1539, arquiteto Carlos Martínez. P2: Detalhe, Plano Geométrico de Bogotá Capital del Nuevo Reino de Granada, 1816, Domingo Esquiagui.

Figura 54 – As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.

Desde a colônia até o começo do século XX as pontes foram importantes referentes urbanos da cidade chegando a superar a cifra de quarenta (P1). Destacam-se sobre o *R. San Francisco* as pontes: (8) *San Francisco* 1551, sobre o caminho a *Tunja* (9) *Cundinamarca*, 1858, (10) *Nuevo*, (11) *Filadelfia*, (12) *Los Micos*, (13) *San Victorino*, 1791, por onde ingressavam os viajantes e mercadorias à cidade, (14) *Acevedo Gómez*, 1882, (15) *Los Mártires*, 1870, (16) *Núñez*, 1886, (17) *Arrubla* (18) *Caldas* e (19) *Uribe*, 1892, lugar de confluência com o *R. San Agustín*. Foto 8: *P. San Francisco*. Foto 11: *P. Filadelfia*. Foto 16: *P. Núñez*. Foto 19: *P. Uribe*. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 8: *Papel Periódico Ilustrado* 1885. Foto 11: *Historia de Bogotá*. Tomo 5, p. 86. Fotos 16 e 19: *Sociedad de mejoras y ornato*.

San Victorino como espaço inclusivo

Antes se viu como foi possível que uma condição ambiental, manifesta desde o período colonial, se encontrasse na base da segregação espacial e a marginalidade social que caracterizou a paróquia de *San Victorino* em seus inícios; também se tem observado

que durante o século XIX, ocorreu uma situação paradoxal, a qual configurou a paisagem do setor em dois sentidos: de um lado um *San Victorino* “portão da cidade”, consolidado como setor comercial e residencial, e beneficiado pela circulação de duas linhas do bonde e a localização das duas estações do trem; por outro, um *San Victorino* “marginal”, caracterizado pela presença de população de escassos recursos nas margens poluídas do *R. San Francisco*. Neste ponto é preciso explicar que à *San Victorino* “marginal” somou-se um novo elemento urbano no fim do século XIX, o qual terminou por configurar um fenômeno de deterioramento urbano, paisagístico e social da área: em 1864 abre-se a primeira “galeria” da Praça de Mercado da cidade (*La Concepción*), localizada na *Carrera 10* entre *Calles 10 e 11*, no solar do convento de *La Concepción*²⁹⁷. (Figura 55). A construção da Praça teve como propósito trocar as funções que anteriormente realizavam-se no mercado semanal de produtos agropecuários da Praça de *Bolívar* e da Praça de *Las Yervas*²⁹⁸ (Parque *Santander*).

Desse modo, o bairro *Santa Inês* intensificou o uso comercial e constituiu-se em um novo polo de atração para a cidade toda. Porém, a Praça de Mercado de *La Concepción* não foi a exceção a um fenômeno bastante arraigado nos centros de abastecimento das cidades colombianas: a incorporação de numerosa mão-de-obra não qualificada e de escassos recursos econômicos, para assegurar o funcionamento de todas as atividades relacionadas com o mercado: assim, a Praça abriu suas portas à população pobre da cidade, a qual estava conformada por um enorme grupo de comerciantes e ajudantes, entre os quais contavam camelôs, “*lichigueros*”²⁹⁹, “*coterios*”³⁰⁰ *serviçais, cuidadores, faxineiros*, entre outros. A atividade do mercado, além de tudo, incentivou o transporte improvisado de mercadorias em “*zorras*”³⁰¹, a localização de comedores improvisados “*chuzos*”³⁰² em duvidosas condições de higiene, a aparição de cortiços³⁰³ (o que implica adensamento e precárias condições higiênicas) e finalmente, a afluência de “*rebuscadores*”³⁰⁴, que fariam

²⁹⁷ EL COLOMBIANO (jornal). “Praça de mercado”, n. 104, p. 136, janeiro 22 de 1864. “O projeto de colocar o mercado da Praça Principal se havia formulado muitos lustros (5 anos) antes, mas a empresa encarregada de construir o mercado coberto tomou mais tempo do que esperavam tanto os construtores como o escritório de construção municipal. Efetivamente em 1848, a câmara provincial de Bogotá concedeu o privilégio a Juan Manuel Arrubla para construir na cidade um mercado coberto”. (apud MEJÍA, 1999, p. 185)

²⁹⁸ A praça das *Yervas* continuou suas atividades de mercado semanal até 1877, ano em que se transformou a *plazuela* em parque. (VERGARA y VERGARA apud MEJÍA, 1999, p. 186)

²⁹⁹ Vendedor improvisado de frutas e vegetais em varejo.

³⁰⁰ Carregadores de mercadorias.

³⁰¹ Carros precários, compostos por um tabuleiro em madeira, que repousa sobre duas rodas e é puxado por um cavalo, ou pessoa.

³⁰² Anti-higiênico local de venda de comida popular.

³⁰³ Na linguagem coloquial, *inquilinato*: Moradias habitadas por várias famílias ou pessoas, na maioria dos casos alugada.

³⁰⁴ Habitantes pobres que têm que procurar sua comida e pousada diária. Pioneiros dos vendedores ambulantes.

parte fundamental da história e da configuração da paisagem do setor durante as décadas seguintes e até a atualidade.

Figura 55 – Prédios de abastecimento e indústria.

San Victorino foi por muito tempo o setor que concentrou o maior número de prédios de abastecimento da cidade (P1), onde se localizavam: (1) Praça de Mercado, (2) Praça de Carnes, (3) Açougue, (4) Matadouro Municipal. Como também importantes indústrias: (5) Fábrica de Cerveja, (6) Fábrica de Chocolates *Chavez y Equitativa*, (7) Fábrica de Fósforos, (8) Fábrica de Cigarros e (9) Fábrica de Luz Elétrica. Foto 1: Praça de Mercado. Foto 2: Praça de carnes. Foto 3: Matadouro municipal. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1, 2 e 3: *Atlas histórico de Bogotá*.

Permanência, mudanças e referentes urbanos

Até esse ponto pode-se observar que durante o século XIX aconteceram várias modificações na configuração da paisagem de *San Victorino*, caracterizadas por uma mudança do rural ao urbano, processo no qual se trocaram os hortos por zonas urbanizadas e apareceram novos elementos dominantes na paisagem, ou referentes urbanos, entre os quais a Sociedade Filarmônica³⁰⁵, a Praça de Mercado³⁰⁶, as estações do Trem (*Sabana-Norte*) e as linhas do bonde. Porém, além destes elementos de primeira hierarquia, é preciso mencionar outros dois elementos em transformação. O primeiro, a desapareição do centro de “administração das almas” – igreja de *San Victorino* – localizado na Praça do mesmo nome: a igreja paroquial (erigida em 1598) foi destruída por um incêndio em 1827 e o centro paroquial teve que ser trasladado à igreja de *La Capuchina*³⁰⁷, que se localizava no costado ocidental da *Carrera 13* com *Calle 14*.

³⁰⁵ Em 1849 com planos de Tomás Reed começa a construção da sede de *La Sociedad Filarmónica*, em um lote situado no costado norte da praça de *San Victorino*. Infelizmente em 1857 dissolveu-se a sociedade e pararam as obras. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 199)

³⁰⁶ A praça original foi substituída em 1925-1927 pela nova Praça *Central de Mercado*, que funcionou até 1953. Perto desta funcionava a praça de *Las Carnes* e o *Matadero Municipal*. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 371)

³⁰⁷ MEJÍA, 1999, p. 158.

O segundo, relacionado com a Praça Horto de *Jaimes*: neste horto foram fuzilados importantes próceres da independência por ordem do pacificador Pablo Morillo em 1816³⁰⁸, razão pela qual, em honra àqueles que foram assassinados, a Praça recebeu o nome de Praça dos *Mártires* em 1850³⁰⁹. A referida praça foi reformada de modo análogo a outras praças da cidade naquela época, as quais, como se explicou na seção 2, tornaram-se parques emblemáticos, portadores da mensagem do projeto político da *Regeneración*³¹⁰. Sobre o costado ocidental da Praça iniciou-se em 1881 a construção da igreja do *Voto Nacional*, cujas obras culminaram em 1902³¹¹ e na qual até hoje o país consagra-se – a cada ano – ao “Coração de Jesus”. Parque e igreja configuraram um núcleo emblemático, não somente para a cidade, mas para o país, conjugando um significado político e um arraigado sentido religioso representado em uma crença popular do povo católico colombiano³¹².

Últimos anos do século XIX

No fim do século XIX, a paisagem cada vez mais urbanizada começou a eliminar lenta, mas progressivamente, os elementos naturais (rios, hortos e áreas rurais) que em outros tempos foram dominantes no cenário de *San Victorino*. Este processo caracterizou-se pelo começo de impermeabilização de superfícies e as primeiras obras de canalização e enterro dos corpos de água.

Em 1869 com a intenção de evitar as inundações produzidas pelo *R. San Francisco* executou-se o projeto de canalização e desvio de suas águas, na altura da *Calle 2 (Quinta de Bolívar)*, as quais foram transportadas pelo canal da *Calle 22*³¹³; esta obra acelerou o deterioramento ambiental do rio, pois se retirou a água limpa sendo trocada pela função de transporte das águas servidas da cidade. Posteriormente, na década de 1880 iniciou-se a

³⁰⁸ O general chamado também o “pacificador” implantou um período de violência e terror entre 1915-1920.

³⁰⁹ “O lugar ficou famoso pelos fuzilamentos que ali foram realizados, após a entrada de Pablo Morillo à cidade em 1916 [...]”. As obras começaram em 1851 e foi inaugurado em 1880. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 238-239)

³¹⁰ Os novos parques tornaram-se instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis. Estas intenções estavam enquadradas em um projeto político que passou à história do país como o de “*La Regeneración*”. “A regeneração marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu começo aos princípios do *Conservatismo* que foram impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

³¹¹ No mesmo lugar da capela do *Sagrado Corazón de Jesús* (1860), em 1902 coloca-se a primeira pedra da igreja do *Voto Nacional*. Foi construída com capital da Nação. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 79 e 121)

³¹² Vale a pena notar que as igrejas tiveram uma presença significativa no setor de *San Victorino* durante o século XIX; como pode se observar nas figuras 2 e 3. Do lado destes estabelecimentos surgiram, como é natural, atividades relacionadas com a vocação missionária de cada comunidade religiosa: a igreja da *Capuchina* tinha ao lado o *Colegio de la Merced* e no quarteirão da igreja de *San Juan de Dios* encontrava-se o *Hospital de Caridad*.

³¹³ IRIARTE, 1988, passim.

canalização do *R. San Francisco*, primeiro tramo entre as *Carreras 7ª* e *8ª*³¹⁴, a qual continuou durante as décadas seguintes ficando canalizado até seu encontro com o *R. San Agustín*. Desse modo a cidade resolveu o “incômodo problema” de uma cicatriz indesejável, higienizando e homogeneizando a área, com um coletor de águas. O mesmo aconteceu com o *R. San Agustín*.

Como manchas rurais, herdadas do período colonial, conservaram-se no setor de *San Victorino* três *fanegadas* da Horta de *Jaimes*³¹⁵ as quais ficaram em mãos do Instituto Nacional de Agricultura Superior³¹⁶, e uma porção da Fazenda de *La Estanzuela*, a qual, mesmo começando um processo de subdivisão da propriedade durante a primeira metade do século XIX, permaneceu com um aspecto predominantemente rural devido à vontade de um latifundiário³¹⁷. Assim, graças ao empenho estatal de estimular a formação técnica agropecuária e à iniciativa privada de um tropeiro dono de uma significativa porção de terras em Bogotá, *San Victorino* guardou por um longo tempo um resquício da paisagem rural, delimitando a borda ocidental da cidade.

4.3 De rios de água a rios de carros

Surgimento da ilha urbana e do arquipélago social

Durante os primeiros anos do século XX, construíram-se duas edificações que constituíram elementos essenciais na consolidação do bairro como polo de atração de atividades. A primeira edificação construída nesses anos foi a Escola de Medicina da *Universidad Nacional*³¹⁸, construída entre 1916-1931. A segunda construção foi o Colégio *Santa Inés* colocado em serviço em 1938, prédio que junto ao de Medicina Legal³¹⁹ são os únicos que hoje fazem parte do PTM. (Figura 56).

³¹⁴ DEL CASTILLO, 2003, p. 47.

³¹⁵ Fanegada (640m²). A horta, além disso, tinha uma casa de um andar com 27 quartos, jardim e aligibe, segundo Escritura de compra e venda (em leilão público), N° 845 de 10 de julho de 1881. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁶ O qual, em palavras do historiador Carrasquilla, “tratou de ser como a continuação da *Expedición Botánica*, e foi o precursor das instalações de *Tibaitatá*”. O Decreto 514 expedido em 1879 “ordenou o estabelecimento de uma quinta de aclimação e experimentos e o ensino da agricultura na capital ou em suas imediações com as seções de plantas lenhosas, arbustos e árvores frutíferas, botânica agrícola, hortaliças, floricultura, sericultura, viticultura, arvicultura em geral, química agrícola, mecânica aplicada, agronomia, botânica, zoologia, geologia, zootecnia, agricultura, veterinária, engenharia rural, cujas matérias podiam abarcar vários anos de estudos. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁷ Especialmente Seu Pepe Sierra, que se negava à urbanização nas terras de sua propriedade. Foram seus descendentes os encarregados de iniciar o processo de urbanização de suas terras.

³¹⁸ O desenho e construção esteve a cargo do arquiteto francês Gastón Lelarge que, nas palavras da arquiteta Silvia Arango (historiadora e teórica de Arquitetura), foi “sem dúvida nenhuma o arquiteto mais importante da geração dos mil dias”, que esteve encarregado de prédios de grande importância para a cidade, como o prédio da *Gobernación de Cundinamarca*, o *Palacio Liévano*, o *Palacio Echeverry* e concluiu as obras do *Capitolio Nacional*. (ARANGO, 1989, p.135)

³¹⁹ Prédio de Medicina Legal, desenho do arquiteto italiano Bruno Violi, construído entre 1943-48.

A Escola de Medicina, apesar de sua função educativa, teve um final semelhante ao da Praça de Mercado na segunda metade do século XIX, já que se constituiu em um referente para a cidade, mas ao mesmo tempo em um detonador de atividades informais. A Escola de Medicina foi o primeiro centro de formação de médicos em Bogotá, atividade que acompanhava a prestação de serviços de saúde e, em consequência, a localização de outros serviços e práticas não convencionais de saúde em uma área próxima: lojas de *superchería*, *curandeiros*, bruxos, *sacamuelas*, enfermeiros e médicos ilegais instalaram-se em um bairro como alternativa “de saúde” viável para as classes menos favorecidas ou para os incautos ávidos de curas mágicas para uma ou outra doença, que preferiam não fazer uso dos serviços médicos prestados pela instituição.

Figura 56 – Equipamentos de cultura e educação.

No começo do século XX o setor contava com importantes prédios culturais e educativos (P1). Destacam-se: (1) *Colegio Americano para Señoritas*, (2) *Colegio Nuestra Señora del Pilar*, (3) *Sociedad Filarmónica*, (4) *Escuela de veterinaria e Escuela de agricultura*, (5) *Escuela Normal de Institutoras*, (6) *Facultad de Medicina*, da Universidad Nacional, naquela época o prédio mais importante de saúde e educação da cidade, (7) *Colegio del Sagrado Corazón de María*, (8) *Escuela Santa Inés*, (9) *Escuela de Ciencias Naturales – Instituto Nacional de Agronomía*, (10) *Instituto Técnico Central*. Foto 3: *Sociedad Filarmónica*, desde a praça de San Victorino, 1848. Foto 6: *Facultad de Medicina*, fachada principal, 1916. Foto 10: *Instituto Técnico Central* 1921. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3: El neogranadino. Foto 6: Sociedad de Mejoras y Ornato. Foto 9: Díaz N. en *Arquitectura y Estado*, Ed. UN, 1991.

Algumas destas práticas mantiveram-se no setor – até antes da construção do Parque Terceiro Milênio – especialmente as do serviço de curandeiros, os quais incluem em sua oferta de produtos poções elaboradas com gordura humana para as dores musculares. Outra atividade que surgiu de maneira não planejada, perto desse centro de saúde, foram os serviços funerários, a venda de caixões mortuários, arranjos florais, velas e lápides para sepulturas.

Este fenômeno de serviços de saúde “alternativos” e de serviços funerários não conseguiu proporções em *San Victorino*, mas vale a pena notar que se evidenciou com

bastante força em um setor sul do bairro, no eixo conformado pela *Calle 1ª*, onde se localizou o Hospital de *La Hortúa*³²⁰ em 1926.

Consolidação e formação de complexas dinâmicas socioespaciais

Na década de 1930 podemos confirmar por meio de um artigo da época, a continuidade do caráter de *San Victorino* como porto seco da cidade, os comerciantes, os viajantes, os hotéis e lugares associados com a vida do mesmo:

A praça de *San Victorino* é o porto de Bogotá. Ali tudo se disfarça com a atmosfera das coisas portuárias. As pessoas, como de viagem umas, como guardas de aduana outras, têm o ar das pessoas da navegação [...] os caminhões chegam com pencas humanas dos quatro pontos cardeais e são deixados na Praça. As pensões³²¹ de nomes de personalidades abrem suas bocas para tragar-se aquela humanidade forânea os que não entram a pagar o aluguel da cama por vinte *centavos*, entram à grande roda dos tresnoitados.³²²

Esta condição estimulou as atividades da vida noturna, nos cafés, cantinas e salões de dança, situados nas imediações da Pracinha de *San Victorino* e na *Calle 10* onde, segundo um artigo de 1938, residia na zona mais ampla dos notívagos em Bogotá³²³. Esta zona dos notívagos, naturalmente, deu lugar à localização de prostíbulos e de lugares para a compra e consumo de alucinógenos, última situação que já era motivo de preocupação para a cidade na década de 1930³²⁴

³²⁰ O hospital *San Juan de Dios*, (*Calle 11* com *Carrera 9*) funcionou no setor entre 1739-1926. Foi trasladado em 1926 para sua nova sede desenhada pelo arquiteto Pablo de la Cruz nos terrenos do moinho da *Hortua* no sul da cidade. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 267-271)

³²¹ Na linguagem coloquial, "*Hoteluchos*": Hotéis populares de baixa qualidade e péssimo serviço.

³²² BRUJES, 1938, p. 21.

³²³ *Loterios, limpiabotas, matarifes e mozos de cordel, tenderos de mala economía carreteros y negociantes quebrados prenden todas las noches en aquellas tiendas de nombres novelescos [...] Hasta que los primeros camiones cargados de víveres hacen su aparición por el occidente anunciando que llega el nuevo día. La Plaza de mercado que desde cerca preside silenciosa las "tenidas" de la calle 10, da entonces a sus porteros y borrachos los tuños alcohólicos, con el aroma de sus cebollas sus frutas y sus cilantros [...]".* BRUJES, 1938, p. 22.

³²⁴ Um artigo do jornal *El Tiempo* "informou em 1933 que na capital havia aproximadamente 260 viciados em morfina e heroína e referia-se de forma patética àqueles que, tendo sido distinguidos profissionais, funcionários e artesãos, arrastavam sua miséria pelas ruas da cidade". (IRIARTE, 1988, p. 223)

Com o posicionamento da cidade dentro da incipiente rede de centros de produção agrícola e industrial do país³²⁵, o setor de *San Victorino* – por sua estreita relação com a Estação de *La Sabana* – consolidou-se como o centro de recepção da população (hotéis e residências), entreposto de mercadorias variadas (lojas de víveres), de materiais para a construção (depósitos de materiais) e de produção industrial, todos esses usos misturados como o uso residencial³²⁶. Assim originou-se uma zona industrial predominante na cidade, na área adjacente ao caminho a *Fontibón*³²⁷.

San Victorino, durante a primeira metade do século XX, poderia ser observado como um setor que para efeitos administrativos estava conformado pelos bairros *La Capuchina*, *Santa Inés* e *San Bernardo*³²⁸, mas que como território, mantinha uma rica e imbricada rede de relações funcionais e espaciais que incluía aos bairros vizinhos³²⁹, cobrindo uma área na que apareceu uma diversidade de usos e conviviam diferentes grupos sociais.

Construção e ampliação de avenidas: fragmentação e isolamento

Durante a primeira metade do século XX, em *San Victorino* adiantaram-se cinco obras que procuravam facilitar o trânsito dos veículos motorizados, mas que por sua vez geraram um isolamento do setor, modificaram a paisagem, concluíram com a ocupação dos antigos leitos de água e eliminaram alguns referentes urbanos que outorgavam identidade ao setor, de forma que o deixaram reduzido a uma ilha urbana carente de elementos emblemáticos e aberta à segregação social e à marginalidade.

A primeira destas obras foi a canalização do *R. San Francisco*, que tinha sido iniciada anos antes nas partes altas da cidade. (Figura 57). Segundo uma entrevista realizada com Germán Zea, prefeito de Bogotá (1938-1941), durante as duas primeiras décadas do século XX,

³²⁵ Produto da construção das linhas do trem e devido ao benefício econômico gerado pela bonança cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

³²⁶ A segunda planta das edificações estava destinada para o uso residencial, e as primeiras plantas para o comércio, a indústria nos quintais traseiros.

³²⁷ A zona industrial consolidou-se no oeste da cidade, ao aproveitar a infraestrutura de transporte existente: estação do trem e o caminho a *Honda* (Av. *Colon*). (ACEBEDO, 2006, p. 74)

³²⁸ O setor toma seu nome da praça de *San Victorino* apesar de que este bairro – *San Victorino* – não faz parte da *pieza urbana* onde se constrói o *Parque Tercer Milenio*.

³²⁹ O setor de *San Victorino* tinha ascendência sobre os bairros vizinhos de *San Victorino*, *Veracruz*, *Catedral*, *Santa Bárbara*, *Eduardo Santos*, *Estanzuela* e *Voto Nacional*.

“[...] a canalização do *R. San Francisco* já tinha chegado até a *Calle Real* (*Carrera 7ª*), sob a sétima o rio descia descoberto e era atravessado por várias pontes em quase todas as ruas transversais. [...]”

Agora, você pergunta se não se pensou em construir um parque, um passeio ao redor de *San Francisco*, como ocorre em todas as grandes cidades. Em primeiro lugar porque o leito do rio era mínimo, e em segundo lugar porque Bogotá não tinha forma de se locomover. O conjunto da cidade assemelhava-se ao de Roma na Idade Média, um lugar feito para cavalos onde não podia se pensar nem por um momento, em grandes sistemas massivos de locomoção. A Avenida *Jiménez*, solucionou um problema maiúsculo. Hoje em dia a cidade toda passa por aí, como também pela *Caracas*.³³⁰

Figura 57 – Canalização do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade dá início à canalização e enterro de seus rios, alterando seu sistema hídrico (P1). O processo inicia-se com o *R. San Francisco*: (1) durante a colônia desviavam-se suas águas limpas pela *Calle 22*, ficando assim condenado a servir como esgotos do centro da cidade. Os trabalhos foram feitos por trechos dando origem à *Av. Jiménez*: (2) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *San Francisco*), 1911, (3) *Quinta de Bolívar-Carrera 7ª*, 1927 (4) *Carrera 8ª-Praça de San Victorino*, (5) *Praça de San Victorino-Calle 6ª*, (6) *Av. Caracas-Carrera 18* (atual *Av. Comuneros*), 1954. Processo semelhante realizou-se no *R. San Agustín*: (7) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *Ayacucho*), 1911, (8) *Carrera 3ª-Carrera 7ª*, (9) *Carrera 8ª – Av. Caracas* (10) praça do bairro *Egipto-Carrera 3ª*. Fotos 3A, 3B e 4: obras de canalização e enterro do *R. San Francisco*, 1926. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3A: *El agua en la historia de Bogotá 1538-1937*, p. 360-361. Fotos 3 B e 4: José Ortega e Antonio Ferro. *La Gruta Simbólica*, 1952.

A entrevista dada por Germán Zea resulta ilustrativa do arraigado desdém que sentiam os cidadãos e o governo da cidade pelos corpos de água: neste caso, o *R. San Francisco*, o qual para essa época já está bastante contaminado e tinha diminuído seu leito, produto em parte pela presença na parte alta do rio de moinhos e indústrias que se

³³⁰ “Lembro principalmente da ponte de *Filadelfia*. Depois o curso cruzava desde *San Victorino* para o sul”. afirmou o prefeito Germán Zea em entrevista a Juan Mosca (1987, p. 30).

beneficiavam do mesmo desde a época da colônia, e representava um obstáculo para a fluidez do transporte motorizado e a modernização da cidade.

Na década de 1920 continuou-se com a construção do coletor do antigo *R. San Francisco*, chegando até a *Carrera 14 (Av. Caracas)* em 1927-1928³³¹. Esta obra permitiu que entre 1938 e 1942³³², se realizasse a prolongação da *Av. Jiménez*, desde a *Carrera 7ª* até *San Victorino*, para o qual foi necessário comprar e demolir várias propriedades do setor³³³.

Aproveitando os trabalhos anteriores executa-se a segunda obra, a construção da *Av. Jiménez*, entre as *Carreras 2ª e 14 (Av. Caracas)*, que pretendia imitar no seu desenho o conceito do *boulevard parisienne* de Haussman. Esta atitude sem dúvida nenhuma manifesta a penetração e adaptação no âmbito colombiano, dos conceitos do urbanismo europeu. Para ilustrar esta afirmação, vale a pena citar a poética descrição de López de Mesa³³⁴, que em 1929 escreveu suas percepções sobre o avanço das obras da *Av. Jiménez*:

*Me ha sorprendido hoy lo mucho que va cambiando Bogotá [...]. ¿Sabe usted, señor, que me agradó la perspectiva que ofrece la Avenida Colón? Será un buen paseo. La he visto algunas veces en las horas de la tarde, y al contemplar la larga fila central de los faroles de grandes bombas, que, recta y hermosa, avanza hacia el occidente, iluminándose de pronto en la penumbra del crepúsculo me pareció que corrían presurosos, a evitar la muerte del sol con su bella claridad ambarina.*³³⁵

A terceira obra correspondeu à construção da *Av. Caracas*. O arquiteto Austríaco Karl Brunner concebeu este projeto, sob o conceito de par viário – entre as *Calles 8ª e 19* – com o propósito de conservar importantes prédios e espaços urbanos da cidade como a Escola de Medicina e o parque de *Los Mártires*, no setor de *San Victorino*; e de avenida arborizada, entre as *Calles 19 e 46*³³⁶. (Figura 58). Porém, a obra executou-se sob as diretrizes do

³³¹ CORPORACIÓN..., 2006, p. 522.

³³² CORPORACIÓN..., 2006, p. 521.

³³³ Germán Zea também comentou a respeito “Quando eu entrei na prefeitura, a *Avenida Jiménez* ia desde a *Quinta de Bolívar* até a *Calle Real*. Descendo deviam ser compradas várias propriedades, eu consegui fazê-lo. Prolonguei a Avenida entre a *Séptima* e *San Victorino*.”. (MOSCA, 1987, p. 30)

³³⁴ Cientista e humanista colombiano (1884-1967).

³³⁵ LOPEZ de MESA, 1929, p. 241.

³³⁶ A concepção urbanística de Brunner previa três níveis com relação à adequação de superfícies públicas para o lazer e seu papel como elementos do tecido urbano: os parques florestais, os bulevares e as praças. “Com o projeto da *Avenida Caracas* em Bogotá, Brunner vinculou uma linha de conexão de alta capacidade com um bulevar representativo. Ao ser uma das vias de comunicação mais importantes no sentido Norte-Sul da cidade, junto com a *Carrera Séptima*, a *Caracas* impulsionou a construção no norte, como os novos bairros de *Campín* e *Palermo*, e conectou-os com o centro da cidade. Para o traçado da

plano Soto- Bateman³³⁷, o qual deixou atrás a proposta de Brunner e propôs a extensão em linha reta, com calçadas de duplo sentido com um perfil de 40m de largura. No que se refere ao setor de *San Victorino*, esta operação precisou da mutilação do prédio da Escola de Medicina da *Universidad Nacional* em 1947³³⁸, e do recorte do Parque de *Los Mártires*, elemento que junto com a igreja do *Voto Nacional* perdeu definitivamente sua ascendência simbólica e importância como espaço público sobre o território e os moradores de *San Victorino*.

Figura 58 – Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.

Sobre os rios canalizados (P1) construíram-se novas avenidas (cor vermelho), sobre o *R. San Francisco* (1) a *Av. Jiménez*, a *Carrea 13* e a *Av. Comuneros*. Sobre o *R. San Agustín* (2) a *Calle 7a* e a *Calle 6a*. Nesta mesma época ampliam-se novas avenidas (cor laranja) a *Carrera 10* (3) e a *Av. Caracas* (4). Com estas obras o setor de *San Victorino* perde, com a primeira, a igreja de *Santa Inés* (3A) e com a segunda, a *Facultad de Medicina* (3B). Constrói-se a *Av. Colon* (5) sobre a alameda nova. Com estas obras transformou-se sustancialmente a paisagem do centro da cidade. Foto 1: construção da *Av. Jiménez*, 1927. Foto 4A: ampliação da *Calle 14* (*Av. Caracas*), 1947. Foto 4B: demolição da *Facultad de Medicina*, 1948. Foto 5: construção da *Av. Colon*, 1938. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 1: Juan Mosca. Foto 4A: *Museo de Desarrollo Urbano*. Foto 4B: fotografia aérea IGAC. Foto 5: *Sociedad de Mejoras y Ornato*.

A quarta obra foi a ampliação da *Carrera Décima* em 1947. Até esta data, as obras da *Carrera 10* (iniciadas anos antes, na zona norte) detinham-se neste setor do centro da cidade na altura da igreja de *Santa Inés*. Sobre a execução desta obra, é preciso notar –

mesma, o plano de desenvolvimento somente previa uma série de correções locais e de pequenas aberturas para sua prolongação nos bairros obreiros do sul". HOFFER, 2003, *passim*.

³³⁷ O Arquiteto e urbanista austríaco Karl Brunner, contemplou para o traçado da *Av. Caracas* no setor de *San Victorino* a permanência do prédio da *Escuela de Medicina*, e propôs como solução a criação de um binário entre as *Calles 19* e *8*, utilizando a *Carrera 15* no sentido norte-sul e a *Carrera 13* no sentido sul-norte. Infelizmente, o projeto aprovado dos engenheiros Soto-Bateman prolongava em linha reta a atual *Av. Caracas*, que obrigou a demolir parcialmente o prédio da *Escuela de Medicina* e cortar uma parte do parque de *Los Mártires*. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001 *Folio 172*. Plano 1.

³³⁸ *Escuela de Medicina*, arquiteto Gastón Lelarge. Iniciou-se sua construção em 1916 em terrenos da quinta de *Segovia*, na frente do parque de *Los Mártires*. Em meados do século XX, com as obras da *Av. Caracas*, foi mutilado. Na atualidade é ocupado pelos escritórios de recrutamento do *Ejército Nacional*. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 169)

levando em conta os propósitos do presente trabalho – que seu desenvolvimento conduziu à demolição parcial da Praça de Mercado (1953) e total da Igreja de *Santa Inés* em 1957³³⁹:

[...] a praça de mercado de *Santa Inés (Concepción)* se trasladou à Praça *España* e ao Colégio Agustín Nieto Caballero; o vazio deixado por sua demolição não foi renovado e sim gerou um maior deterioramento, embora a intensa atividade persistisse e até aumentasse.³⁴⁰

Com relação à igreja de *Santa Inés*, o historiador Alfredo Iriarte (1932-2002) mencionou: “[...] a bela igreja de *Santa Inés* foi arrasada para que por cima dos escombros passasse a *carrera décima* [...]”³⁴¹. Esta frase evidencia não somente a lembrança de um prédio simbólico vítima do extermínio, mas a perda de um referente urbano de relevante significado para a cidade desde o período colonial.

A este resultado, em termos paisagísticos, somou-se outro em termos sociais: o projeto da *Carrera 10* não somente tinha como propósito facilitar a circulação veicular da cidade no sentido norte-sul / sul-norte, mas como mantém Niño (1999): “Sanear a zona e deslocar a zona de prostituição, de bandidagem e de sujeira que caracterizavam o lugar”³⁴². Este fato oferece dois elementos importantes de reflexão. O primeiro, a confirmação do estado de deterioramento social presente na área de *San Victorino*, desde as primeiras décadas do século XX, “[...] o submundo que começa às onze da noite detrás do ultimo casal de cineastas, e acaba às cinco da manhã, quando as primeiras beatas transpassam o umbral das igrejas [...]”³⁴³. O segundo, a evidência de que a administração da cidade havia empreendido programas de desmarginalização e higienização do setor, tomando como pretexto a execução de obras físicas, neste caso, a construção de uma avenida de primeira categoria para a cidade. O anterior permite apreciar um enfoque particular de administração da cidade durante esses anos, a qual costumava pensar que os problemas de marginalidade seriam resolvidos com ações de renovação urbana baseadas na construção de infraestrutura, deixando em segundo plano ações de incorporação, compreensão e trabalho

³³⁹ Fontes confirmam a existência da igreja na década de 1950. Fotografia aérea: Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Colômbia. 1952.

³⁴⁰ *Sociedad Colombiana de Arquitectos*. Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do *Parque Tercer Milenio* em *Santafé de Bogotá*. (SOCIEDADE..., 1999)

³⁴¹ IRIARTE, 1988, p. 47.

³⁴² SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1.

³⁴³ BRUJES, 1938, p. 22.

social com as comunidades que habitavam os setores objeto da renovação³⁴⁴. Esta ação conseguiu parcialmente seu objetivo, porque ainda que se tenham recuperado alguns setores, persistiram a prostituição e malandragem.

A quinta obra no setor de *San Victorino* consistiu na canalização do *R. San Agustín* e a construção da *Avenida 6ª* na década de 1950, a qual surgiu como uma alternativa de comunicação entre o centro histórico e os bairros recém-construídos no setor sudoeste da cidade. A várzea do *R. San Agustín* era estreita, na altura do setor de *San Victorino*, razão pela qual se descartou a construção de uma grande avenida semelhante à *Av. Jiménez*. A solução que se adotou foi a construção de um binário aproveitando as ruas existentes (*Calles 6ª e 7ª*). Esta obra facilitou a conexão entre o setor de *San Victorino*, de intensa atividade comercial com o bairro de *San Bernardo* caracterizado por uma vida residencial tranquila. As novas vias e o serviço de transporte público incidiram em uma mudança do uso do solo deste último bairro: uma zona que era de um uso predominantemente residencial começou a incorporar atividades comerciais progressivamente.

Em termos ambientais, com a canalização e a construção das Avenidas *Jiménez* e *Sexta*, não somente o setor residencial começou a transformar seus usos, mas além de tudo, a cidade enterrou no seu centro histórico os últimos elementos de sua estrutura ecológica original: os rios *San Francisco* e *San Agustín* ficaram no esquecimento e deixaram de ter relevância na paisagem permanecendo somente a marca do seu antigo leito na configuração morfológica do setor, onde os corpos de água e as superfícies permeáveis foram trocadas pelas calçadas e o asfalto das calçadas. Em termos paisagísticos é preciso dizer que com estas duas obras de canalização e quatro obras viárias antes mencionadas, *San Victorino* ficou conectado à cidade, mas ao mesmo tempo fragmentado e isolado pelas amplas avenidas e seu intenso fluxo veicular: ao norte a *Av. Jiménez*, no leste a *Carrera 10*, no oeste a *Av. Caracas* e no sul a *Av. Sexta*. Com a construção destas vias arborizadas, (Figura 59) desarticulou-se a rede de relações funcionais e espaciais do território de *San Victorino* (Desse modo, iniciou-se um processo de constrangimento e isolamento espacial do setor, o qual gerou com o tempo a configuração de um “arquipélago urbano” no qual *San Victorino* operava como uma ilha urbana, em pleno centro da cidade.

³⁴⁴ Na seção 2 mencionou-se como a administração da cidade empreendeu durante os anos 20 e 30 do século XX ações de desmarginalização, higienização e homogeneização de setores deteriorados da cidade, com a execução de projetos de “saneamento” como no *Paseo Bolívar* para o qual se procedeu à construção de um novo bairro (*Centenario*) para reacomodar seus moradores.

Figura 59 – Construção de Avenidas arborizadas.

Com o surgimento do carro como meio de transporte as velhas ruas coloniais tornam-se insuficientes. Por esta razão a cidade inicia nos anos 1930 um programa de ampliação de vias, para o qual se constroem avenidas arborizadas (P1), tomando como referência a experiência europeia e norte-americana. No setor de *San Victorino* constrói-se: (1) a *Carrera 10*, (2) a *Av. Caracas*, (3) a *Av. Colon* e anos depois (4) a *Av. Los Comuneros*. Foto 1: *Carrera 10*, 1955. Foto 2: *Av. Caracas*, 1938. Foto 4: *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, 1964. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 4: Saúl Orduz MDU. Foto 2: Fernando Garabito.

Com relação à dimensão social, *San Victorino*, como se mencionou anteriormente, começou a se assemelhar a uma ilha urbana conformada por residentes, comerciantes e moradores de rua. Sempre sob o estigma de espaço segregado, fragmentado e os grupos sociais altamente marginalizados, que paradoxalmente situaram-se sobre a marca deixada pelo *R. San Francisco*: especialmente na franja onde hoje se encontra o Parque Terceiro Milênio, lugar onde se manifestou o maior deterioramento físico, social e ambiental da cidade. Ali se estabeleceu um lugar central de encontro dos moradores de rua, na famosa “*Calle del Cartucho*”³⁴⁵, a qual teve como prédio simbólico “*El Castillo*”³⁴⁶, lugar do qual se “administrava” o submundo do setor. A marginalidade, presente desde o período colonial, manifestou-se com uma faceta distinta, de acordo com o vertiginoso e conflituoso desenvolvimento da área nos últimos cinquenta anos.

4.4 Perda de equipamentos e liderança

Conformação de um arquipélago urbano

Como se explicou na seção 2, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo, que se manifestou especialmente no campo; por este

³⁴⁵ “*El cartucho*” nome que recebeu a *Carrera 12 A* entre *Calles 9ª* e *10*, por ser lugar de venda da flor de cartucho. A partir dos anos 1970 apresentou um deterioramento físico e social contínuo até se tornar o lugar mais perigoso do setor de *San Victorino* e da cidade. Curiosamente sob esta rua passa o *R. San Francisco*.

³⁴⁶ “*El Castillo*” prédio localizado na *Carrera 13* com *Calle 9ª*. Nos anos 1980 foi invadido e tornou-se o centro de operações da delinquência que controlava o setor de *San Victorino*, convertendo-se em símbolo de poder.

motivo, produziu-se uma migração massiva de camponeses à cidade, os quais chegaram a esta procurando por segurança e por novas oportunidades de trabalho. (Figura 60).

Figura 60 – O “Bogotazo”: construções e infraestrutura afetada.

Com os atos violentos de 9 de abril de 1948 o setor de *San Victorino* foi seriamente afetado (P1). Isto acelerou o processo de fechamento e traslado da *Plaza de Mercado* (laranja), a demolição da igreja de *Santa Inés* (azul) para dar lugar à nova *Carrera 10* (1) e o desmonte (retiro) da rede do Bonde (linha verde) símbolo do transporte público da cidade. Com estas nefastas decisões o setor de *San Victorino* perde liderança? e visibilidade na cidade. Foto 1: Praça de Mercado Central, 1929. Foto 2: Ataque ao bonde, 1948. Foto 3: estragos na *Carrera 7ª*, 1948. Foto 4: o Bonde em chamas, 1948. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Ministerio de Obras Publicas, 1949*. Foto 1: Ignacio Sánchez Santamaría. Fotos 2 e 4: José Vicente Ricaurte. Foto 3: Luis Gaitán.

Frente à evidente instabilidade e perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo General Rojas Pinilla, que terminou exercendo as funções de presidente sob a figura de ditadura militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957. Como se mencionou na seção 2, o General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança à cidade. Entre estes projetos é necessário destacar alguns que incidiram no processo de deterioramento de *San Victorino*.

Porém, antes de explicar estes projetos e sua relação com o setor, é necessário mencionar que devido aos danos causados ao sistema de bonde em 9 de abril de 1948 e a deficiências na administração e no manejo dos recursos econômicos, a empresa do *Tranvía* (bonde) *Municipal* deixou de prestar o serviço de bonde em 1952, substituindo o referido serviço pelo de ônibus e *trolly bus*. Com esta decisão, desapareceu o circuito conformado pelo bonde no setor de *San Victorino*, que percorria a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª* e 11, o qual não somente fornecia vitalidade à zona, mas permitia a conexão desta zona com a

cidade. Uma vez desaparecido o circuito, também desapareceu a importância que tinham a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª e 11*, em termos paisagísticos e urbanos; desprovidas de sua importância, acelera-se seu processo de deterioramento físico e social.

Retomando os projetos executados durante a ditadura do General Rojas, que incidiram no deterioramento do setor, é preciso destacar os seguintes: com a construção da *Calle 26* (*Av. El dorado*), o Passeio de *Los Libertadores* e a adição dos Municípios vizinhos de Bogotá, iniciou-se um acelerado processo de crescimento não planejado sobre a Savana, caracterizado por uma intensa ocupação da área rural, a qual se estendeu principalmente ao oeste da cidade nos primeiros anos, e posteriormente, ao norte da mesma³⁴⁷. (Figura 61).

Figura 61 – Urbanizações Ilegais e obras de infraestrutura.

Com a construção de infraestrutura – equipamentos e avenidas – no ocidente de Bogotá, incorporaram-se áreas rurais no processo de urbanização da cidade dando origem, em muitos casos, à proliferação de assentamentos ilegais na periferia da cidade. P1: *Croquis* sobre parcelamentos Clandestinos, 1950. Foto1: Aeroporto *El Dorado*, 1956, Arquitetos Cuellar Serrano Gómez. Foto 2: perspectiva do *Ministério de Obras Públicas* (CAN) Arquitetos Skidmore Owens & Merrill. Fonte: P1 Joaquín Martínez – Registro Municipal, Tomo XX, 1950. Foto 1: Germán Téllez. Foto 2: *Revista Proa*, 1955.

Durante este período de investimento na periferia, sobre a Autopista Norte e a *Calle 26*, o setor imobiliário (empresa privada) e a administração *Distrital* esqueceram-se do centro tradicional da cidade de modo que durante as décadas seguintes acelerou-se o deterioramento físico e social desta porção da cidade. *San Victorino* não foi a exceção nesse processo de deterioramento, o qual esteve acompanhado de alguns fatos que agravaram as condições de marginalidade social e geração de uma ilha urbana: a publicação de um decreto para que os vendedores ambulantes localizados nas ruas e calçadas de *San*

³⁴⁷ A localização do *Centro Administrativo Nacional* e o Aeroporto Internacional *EL Dorado* sobre o eixo leste-oeste (*Calle 26*) “abrieron la compuerta a la expansión de la ciudad en esta dirección, algo que se evitaba en el Plan Regulador por considerar estas áreas poco aptas para desarrollos urbanísticos. La Autopista Norte abrió otro frente urbanizador importante, que tardaría varias décadas en poblarse.”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 114)

Victorino se concentrassem no largo do mesmo nome³⁴⁸; o traslado de comerciantes de atacado de víveres à Central de Atacados de *Corabastos* (1972); finalmente, o traslado de prestadores do serviço de transporte terrestre intermunicipal e nacional ao Terminal de Transportes (rodoviário) localizado no oeste da cidade (1984).

O decreto que o prefeito Jorge Gaitán Cortes expediu em 1864, visava à recuperação da imagem e o espaço livre do centro; porém, contrário a seus nobres propósitos, terminou por legitimar que a praça, as calçadas e as ruas, se tornassem objeto de aproveitamento econômico, sob práticas “irregulares” que se consolidaram no transcurso das décadas seguintes³⁴⁹: vendedores ambulantes³⁵⁰ (Figura 62), que tomaram posse e defenderam como próprias porções de uma rua, uma calçada ou da praça; vendedores de atacado proprietários ou inquilinos de locais comerciais e bodegas nos prédios da zona, que contrataram numerosas pessoas para ofertar os produtos nas ruas; máfias e *jibaros*³⁵¹ que se dedicaram ao comércio de alucinógenos encobertos pelos vendedores ambulantes aproveitando o aumento do consumo, produto da bonança trazida pelo tráfico de maconha dos anos 1970; catadores de papel e papelão que desenvolveram centros improvisados de coleta na área vizinha à praça; e habitantes da rua que tornaram esta zona sua residência permanente³⁵². Assim, contrário ao previsto pelo Prefeito, a cidade ao invés de ganhar, perdeu espaço livre, e a Praça de *San Victorino*, em vez de conservar suas características, dilapidou sua importância como referente urbano rico em significados desde os tempos da colônia.

Outro fenômeno que se apresentou na área e que gerou condições de marginalidade foi o correspondente às condições sociais que ficaram como produto do abandono de infraestrutura e o traslado das atividades do comércio em atacado e do serviço de transporte intermunicipal a outros setores da cidade.

Nos anos 1970, numerosos comerciantes de atacado de víveres que se concentravam no setor de *San Victorino*, se trasladaram à Central Atacadista de *Corabastos*³⁵³, em 1972; o referido traslado provavelmente esteve motivado pelas condições

³⁴⁸ Decreto 227 de 1964 “pelo qual se regulamenta a profissão de vendedores ambulantes de que trata o capítulo 12 do título 9 do livro 2 do *Código de Policía del Distrito Especial de Bogotá*”.

³⁴⁹ Este espaço público somente seria recuperado 38 anos depois, com o traslado dos vendedores e a execução de obras de reforma da Praça de *San Victorino*. Com esta obra começa o processo de recuperação do espaço público do setor.

³⁵⁰ Sem dúvida nenhuma, o fenômeno de vendedores ambulantes é uma manifestação de um problema social cuja origem tem raiz nas condições de desemprego, da desigualdade na distribuição da riqueza e no acesso a bens e serviços básicos. Porém, não é pretensão deste documento demonizar a existência dos vendedores ambulantes, mas chamar a atenção sobre os impactos negativos resultantes da legitimação do aproveitamento econômico do espaço público.

³⁵¹ “*Jibaro*”: administrador das vendas de narcóticos. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.187)

³⁵² Palavras de Niño: “a partir de entonces, se formó un improvisado centro de recolección de papeles y cartones, de recogedores de toda la ciudad, a la vez que se convirtió en refugio de indigentes, de miseria y drogadicción”. (SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1)

³⁵³ SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.2.

favoráveis de trabalho – segurança, acessibilidade, asseio e outras – que lhes ofereciam as novas instalações da Central de Abastecimento, mas ao mesmo tempo provocou que *San Victorino* perdesse identidade como o centro de comércio em atacado de víveres da cidade, e que ficasse somente com os resíduos do que uma vez foi. Assim, o cenário do setor começou a se caracterizar por prédios abandonados (antes utilizados para as atividades comerciais) e pessoas sem emprego (que antes se dedicavam a trabalhos associados com o comércio de víveres).

Figura 62 – Evolução e ocupação da Praça de *San Victorino*.

Semelhante a outras praças da cidade, a praça de *San Victorino* sofreu importantes modificações: (1) Espaço colonial original com chafariz, portão de chegada à cidade. O *R. San Francisco* passa por sua margem. (2) Em 1910 aumenta-se o espaço, enterra-se o *R. San Francisco* e constrói-se um parque. Toma o nome de Praça *Antonio Nariño*. (3) Em 1948 pavimenta-se o parque e habilita-se o espaço como estacionamento para carros. (4) Em 1964 o prefeito Gaitán Cortes autoriza a ocupação da praça pelos vendedores informais, perdendo-se assim um dos espaços tradicionais e representativos da cidade. Foto 1: *San Victorino*, praça com chafariz, 1900. Foto 2: *San Victorino*, praça/parque, 1920. Foto 3: vista aérea, Plaza *Antonio Nariño* (estacionamento), 1947. Foto 4: vista aérea, *San Victorino*, espaço invadido pelos vendedores informais, 1998. Desenhos elaborados pelo autor. Fonte: Foto 1: Henry Duperly. Foto 2: *Sociedad de Mejoras y Ornato*. Foto 3: em Montenegro & Liarralde. Foto 4: *El Tiempo*. 1998.

Por outro lado, no começo dos anos 1980 habilitou-se o primeiro terminal “moderno”³⁵⁴ de transporte que teve Bogotá; esse terminal foi inaugurado em 1894, no setor que hoje em dia se conhece como Cidade *Salitre*. Várias empresas de transporte que prestavam o serviço nas proximidades a *San Victorino* trasladaram-se ao novo terminal. Sem dúvida alguma, a cidade beneficiou-se significativamente com a construção desta moderna

³⁵⁴ Naquela época, o transporte intermunicipal de passageiros estava organizado de forma precária sobre “portos secos”, onde o serviço de chegada e saída dos passageiros dava-se em locais improvisados.

Rodoviária, pois esta obra permitiu superar a informalidade³⁵⁵ e racionalizar a prestação do serviço de transporte de passageiros. Porém, os bairros *San Victorino* e *La Estanzuela*, perderam seu caráter como porto seco, e adicionalmente sua capacidade de ofertar fontes de trabalho às pessoas que prestavam a assistência técnica e logística ao serviço de transporte de passageiros e que em sua maioria moravam no bairro *Santa Inés*. De certo modo, pode-se afirmar que com a migração das atividades e as pessoas associadas ao serviço de transporte incrementou-se o desemprego e aumentou-se a insegurança no setor.

San Victorino: ilha e marginalidade urbana

Frente ao novo panorama, a administração *Distrital* não tomou nenhuma medida de prevenção ao deterioramento, nem considerou programas de inclusão social para aquelas pessoas que perderam sua fonte de ocupação e subsistência.

A construção destas importantes obras de infraestrutura – *Corabastos* e Terminal de transporte – não incluiu planos de redensolvimento dos espaços vazios deixados na cidade e, muito menos, a implementação de programas para reincorporar ao mercado, gerar trabalho à população de escassos recursos – mão-de-obra não qualificada que dependia para o seu sustento da presença destes serviços no centro da cidade. Esse fato trouxe nefastas consequências para o setor de *San Victorino*, as quais se manifestaram, em muitos casos, na troca de usos e no aumento da população de escassos recursos ou em condição de indigência: depois da emigração dos comerciantes de atacado, as bodegas desocupadas foram destinadas principalmente para o armazenamento de materiais recicláveis como papel, metais e desperdícios de construções. As pessoas que perderam sua antiga ocupação e, em geral, a população de escassos recursos da cidade, ocupou-se do recolhimento, transporte e venda destes materiais. Desse modo, o espaço urbano e seus atores passaram de uma condição de “formalidade” (mercado em atacado de víveres) para uma de “informalidade” (reciclagem de materiais).

Neste cenário de informalidade, acelerou-se o processo de deterioramento do espaço livre: as ruas e as calçadas foram invadidas pelo crescente número de “carros de *balineras*” (*zorras*) e de materiais que não faziam parte da lista dos “*negociables*”, de modo que o espaço livre tornou-se uma zona de acumulação de desperdícios. Nas calçadas começaram a proliferar improvisados pontos de venda de comidas preparadas em churrasqueiras com

³⁵⁵ A cidade passa do sistema arcaico de agências de transporte de passageiros – “rua e bodega” dispersas pelo centro da cidade – ao moderno e funcional sistema de terminal de transporte.

carvão, cuja fumaça e cinzas multiplicaram-se ano após ano. Assim, progressivamente foi-se poluindo o ar das ruas e modificou-se negativamente a paisagem do bairro.

Por outro lado, também estes fatos marcaram o início de uma nova dinâmica com relação à propriedade privada: (Figura 63), no setor, começou a se apresentar uma maior concentração da população marginal que subsistia do “rebusque” ou do recolhimento de materiais, a qual não contava com ingressos suficientes para pagar um espaço para dormir. Os arrendatários de propriedades, ao ver uma oportunidade de negócio, incrementaram a prática de especulação com os imóveis por meio da sublocação de quartos, nos quais se alojavam famílias inteiras. Desse modo, o bairro de arrendatários passou a ser um bairro de cortiço, aumentou o índice de ocupação, com grupos de famílias morando em condições de adensamento precário.

Figura 63 – Transformação da moradia e controle da propriedade.

A maioria dos prédios do setor apresenta a mesma evolução: (1) Moradia original em formato de claustro com quintal anterior e posterior. Ocupado por uma família, proprietária. (2) Subdivide-se a moradia em duas propriedades. Mantém-se o quintal anterior e posterior, ocupado por duas ou mais famílias, proprietárias ou arrendatárias. (3) Subdividem-se os locais, constroem-se mais quartos, perde-se o quintal posterior. Cada quarto ocupado por uma família, torna-se cortiço (invasores). Perde-se o controle sobre a propriedade. (4) Acondicionam-se mais quartos, perde-se o quintal anterior. Os quartos são ocupados por várias pessoas, não necessariamente conhecidas entre si (cobra-se por noite). Gera-se uma situação de condições precárias e promiscuidade absoluta. Comércio (vermelho) moradia e outros (amarelo) serviços (azul). [Desenhos elaborados pelo autor].

Os “arrendatários”³⁵⁶ com a finalidade de obter um maior aproveitamento econômico das edificações colocaram ano após ano mais famílias nas habitações das deterioradas residências, com o qual se incrementaram as condições precárias dos moradores e ao mesmo tempo aprofundaram-se as fraturas de convivência típicas deste modo de habitar, surgindo fenômenos de violência no interior do grupo de residentes, descompromimento no

³⁵⁶ “Arrendatarios”, neste caso, refere-se aos novos possuidores – não proprietários – dos imóveis.

pagamento e agressões por parte dos arrendatários que finalmente foram expulsos pelo grupo de inquilinos³⁵⁷.

Assim ocorre um fenômeno que pode ser denominado como perda do controle da propriedade privada, o que gerou uma atmosfera propícia para a deteriorização física das edificações, e a decomposição social caracterizada pelas relações de conflito na convivência e os fenômenos de violência.

Nos anos 1970, surgiu um fenômeno que foi determinante no posterior deterioramento social e físico de *San Victorino*. Durante essa década apresentou-se o auge do comércio de drogas no país todo³⁵⁸ e *San Victorino*, como os demais setores do centro da cidade, foram esquecidos pela administração *Distrital*. Estes dois fatos – unidos à vulnerabilidade da população que habitava o bairro – constituíram um campo de ação propício para os comerciantes de alucinógenos, que paradoxalmente começaram a exercer suas atividades ilícitas a somente dois quarteirões do Palácio Presidencial, a Prefeitura Maior (*Alcaldía Mayor*), e a Praça de *Bolívar*, primeiro centro cívico da cidade e do país.

A ausência do Estado, o aumento da venda de alucinógenos e dos fenômenos de violência no meio da população vulnerável foi decisivo no processo de decomposição física e social do setor. Além disso, marcaram a configuração de um imaginário negativo na população *bogotana*: *San Victorino* passou de sinônimo de porto urbano e atraente de atividades para sinônimo de degradação social, drogas e crime em todas as suas manifestações.

4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental

Consolidação da Barreira urbana. Tempo de crise.

Sob essas condições, *San Victorino* começou a se configurar na paisagem como uma espécie de “barreira urbana”, um reino do “*basuco*”³⁵⁹, do saqueio e do vandalismo, ao que a cidade e as instituições do Estado viraram-se de costas. (Figura 64). A “*Calle del Cartucho*” terminou por se constituir no centro simbólico e espacial desta barreira, com o avançado

³⁵⁷ María Paula Navas descreve esta dramática situação muito bem: “*Hay jefes, líderes o administradores por donde usted mire, y cuando dejan de mandar llega otro inmediatamente a ocupar el puesto. El más hábil. Así hubo no sé cuantos propietarios que perdieron definitivamente la posesión de sus predios. Hubo tantos dueños que los pobres ricos no pudieron regresar al punto en que abandonaron sus casas*”. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.51)

³⁵⁸ Nos anos 1970 intensificou-se no país a produção e tráfico de maconha, fato conhecido como “*Bonanza marimbera*”. Este evento permeou a maioria das estruturas sociais e econômicas do país, e no caso de *San Victorino* transformou-o no centro de venda e consumo de alucinógenos, afetando sua população e entorno físico significativamente.

³⁵⁹ *Basuco*: resíduos da base de coca muito popular pelo intenso efeito e baixo custo, NAVAS-ALARCON, M., op., cit. p.185.

estado de decomposição social, o dramático deterioramento do espaço livre, a perda total do controle sobre a propriedade privada e a destruição física das edificações: as paredes das casas começaram a ser derruídas por seus habitantes para utilizar o material na preparação de “*crack*”³⁶⁰: “Começam a levar partes das casas [...] se levam as cornijas, as molduras e até a tapeçaria das paredes”. A polícia negou-se a intervir para evitar o saqueio que acontecia a três quarteirões de sua estação. “Em um mês a casa da família Liévano desapareceu. Levaram a fachada, as portas e as grades [...] ficou somente o lote”. O lote e o testemunho de como Bogotá – igual a outras cidades do país – abandonou seu centro e, com ele, parte de sua memória³⁶¹.

Figura 64 – A “Calle del Cartucho” e prédio “El Castillo”.

Sobre as ruas ondulantes que lembram o velho curso do R. San Francisco (P1), gera-se o maior deterioramento físico e social do setor. É neste lugar onde se consolidam dois dos símbolos dos moradores informais da área: (1) “Calle del Cartucho”, (2) “El Castillo”, em cinza área de influência direta. Foto 1: “Calle del Cartucho”, rua invadida. Foto 1: “Calle del Cartucho” moradores de rua. Foto 2: demolição de prédios. Foto 2: demolição do “El Castillo” prédio simbólico dos invasores, centro de delinquência. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano.

Pode-se dizer que nessa época a única presença do Estado na zona manifestou-se por meio do Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e a Estação de Polícia³⁶² localizada na Av. Caracas com Calle 6ª, e o Centro de Recrutamento do Exército instalado no que restou do prédio da antiga Escola de Medicina. O primeiro estabelecimento, que seguramente foi significativo para a cidade, pois presta um importante serviço de recepção de cadáveres, mas negativo para San Victorino, já que no setor próximo do mesmo estabeleceram-se as mais miseráveis condições de vida e morte: um lugar onde a vida não

³⁶⁰ “Crak”: Base de coca misturada com pó de cimento ou tijolo.

³⁶¹ LEÓN, F. *El tiempo*, (jornal) 28-03-1999 p. 2E.

³⁶² É a Estação de Polícia mais importante do centro da cidade. Foi construída nos anos 1960.

tem o menor significado para seus moradores e onde os funcionários do Instituto, e dolentes dos mortos valentemente enfrentam-se todos os dias neste aterrador panorama. Com relação aos dois últimos, chama a atenção que, sendo parte do aparato de segurança da cidade e do país, foram incapazes de manter o controle do Estado sobre a zona em uma atitude passiva e de suspeitosa complacência com todos os atos delitivos que aconteciam em *San Victorino* e que sem dúvida afetaram a credibilidade da população nas forças de segurança e convivência de sociedade *bogotana*.

Intentos falidos de recuperação

Como se indicou na seção 3, em 1986, frente ao processo de abandono e deterioração que sofreu o centro da cidade, e a situação de conflito na qual se viu *San Victorino*, especialmente na zona chamada “*El Cartucho*”, a administração *Distrital* voltou seu olhar ao centro por intermédio da contratação de um estudo técnico que se denominou “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. Com este plano, a administração *Distrital* assumiu como prioridade os programas de recuperação do espaço livre e a racionalização do transporte de passageiros no Centro Tradicional. Infelizmente, apesar destas nobres intenções, o referido plano jamais se materializou.

Com essa mesma preocupação na década de 1980, traçaram-se novos desenhos e realizaram-se as obras de um projeto destinado a melhorar as condições de mobilidade sobre a *Av. Caracas*. (Figura 65). O projeto denominado “*Troncal de la Caracas*” consistiu na destinação de faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus, com áreas delimitadas para o carregamento e descarregamento de passageiros, imitando o modelo de Curitiba em Brasil. Como esta iniciativa implicava suprimir o separador central e o retiro das árvores, em sua maioria *Urapanes* (*Fraxinus chinensis*)³⁶³, razão pela qual o centro da cidade e especialmente o setor de *San Victorino* perdeu o único corredor viário verde ao modificar negativamente a principal avenida arborizada, herdada dos planos de modernização empreendidos pela cidade em meados do século XX.

Posteriormente propuseram-se projetos específicos de recuperação do setor, como o proposto pelo prefeito Jaime Castro com o “Plano de recuperação dos bairros de *San*

³⁶³ Em 1945 executa-se em Bogotá um ambicioso programa de arborização, liderado pelo japonês Hochino, que propôs como espécie única para plantar a árvore de origem *Urapan*, (*fraxinus chinensis*). Esta espécie adaptou-se às condições do clima da cidade e pelo grande aporte, folhagem e rápido crescimento foi por muito tempo o preferido pelos *bogotanos* até que perderam sua importância devido aos danos causados pelas raízes às vias e construções. No final dos anos 1980 uma praga os atacou obrigando a retirada da maioria destes.

Victorino e Santa Inés 1992-1995”, que consistia basicamente em resolver a mobilidade no deflagrado e deteriorado setor da “*Calle del Cartucho*” e a dificuldade de acesso às instalações de Medicina Legal para o qual se propunha ampliar o perfil de todas as vias do setor, a construção de novas vias, um novo parque e a troca de usos (comércio e institucional) em vários quarteirões. Igual aos projetos anteriores, este também não foi executado.

Figura 65 – Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.

No final dos anos 1980 a prefeitura de Bogotá, tomando como referência o sistema de transporte de Curitiba no Brasil, começa a construção da “*Troncal de la Caracas*” (P2). Infelizmente esta obra afetou a paisagem do centro da cidade ao tirar a maioria das árvores do canteiro central e calçadas (P1) para dar lugar às novas faixas de circulação veicular. Desse modo perdem as “*Avenidas arborizadas*”, que por muito tempo foram orgulho da cidade. Preocupados pelo alto nível de deterioração física e social no setor de *San Victorino*, a prefeitura em 1993 apresenta uma proposta de intervenção (P3), a qual incluiu a abertura de novas vias no setor da “*Calle del Cartucho*”, *Carrera 12A*, *Calle 7A* e a construção de um pequeno parque. Esta proposta não foi realizada. [Desenhos elaborados pelo autor].

Dinâmica de ocupação do setor. Perda de equipamentos e superposição de atores.

No final do século XX a paisagem do setor de *San Victorino* estava substancialmente alterada devido à perda do comércio em atacado, da indústria e de seus principais equipamentos como a Faculdade de Medicina, a Praça de Mercado, as igrejas de *San Victorino* e *Santa Inés*. A esta situação somou-se o espaço livre afetado pela mutilação da Praça de *Los Mártires*, a invasão da praça de *San Victorino* por vendedores informais, a supressão das rotas do transporte público do bonde (*Calle 10ª*, *Carreras 10ª* e *Carrera 11*) e a ampliação das principais vias, operação pela qual se retiraram as árvores que estavam sobre os corredores viários. (Figura 66).

Figura 66 – Perda de equipamentos no setor de *San Victorino*.

Em meados do século XX *San Victorino* contava com importantes equipamentos urbanos e transporte (P1). Pela ampliação de avenidas e traslado de equipamentos que nunca foram substituídos, no final do século XX o setor perdeu presença e liderança na cidade (P2). Abastecimento (laranja), igrejas (vermelho), educação (azul), culturais (azul claro), indústria (roxo), segurança-militar (verde escuro), praças e parques (verde). Rota do bonde (Linha verde). [Planos P1 e P2 elaborados pelo autor].

Outro elemento que incidiu na transformação da paisagem foi a constante e sistemática mudança de uso da propriedade privada: o uso comercial foi trocado pelo uso residencial, com o qual os habitantes habituais do setor tiveram de se trasladar obrigatoriamente para novas urbanizações localizadas na periferia da cidade. Dessa forma, o caráter que se dava a *San Victorino*, a moradia tradicional foi se transformando pela presença de perigosos cortiços, ocupados sob práticas “primitivas”: em um quarto dormem no chão³⁶⁴ várias pessoas em condições precárias de higiene e moradia.

Apesar de suas condições precárias de moradia, como se mencionou anteriormente, a população vulnerável que ocupava *San Victorino* aportava ao setor uma intensa dinâmica durante as 24 horas do dia e durante os 365 dias do ano. Com a construção do Parque Terceiro Milênio, como se indicou na seção 3, trocou-se o uso de moradia pela recreação, e expulsou-se esta população vulnerável. Esta ação, na opinião do autor deste trabalho, definitivamente foi contra dos interesses de manter e atrair população que habitasse o centro da cidade (Figura 67).

Os atores presentes no setor e no entorno adjacente a *San Victorino* estão conformados principalmente por dois grupos plenamente diferenciados: o primeiro grupo que pode se denominar “formal ou autônomo”, conformado pelos empregados das entidades públicas de nível nacional e distrital (Presidência, Congresso, Ministérios, Banco Central, Prefeitura maior, Secretarias, Corporações Culturais e sociais), os empregados de entidades

³⁶⁴ As pessoas dormem, (de dia ou à noite), não moram nestes espaços. Paga-se para dormir quatro reais. NAVAS-ALARCON, op. cit., p.102

culturais (Bibliotecas, Museus e outros), os integrantes das instituições religiosas (Arcebispo, Catedral principal, Igrejas paroquiais) e, por último, os proprietários e empregados do setor privado da área financeira (bancos e corporações), do setor de gestão e serviços (profissionais de todas as áreas, especialmente de justiça), do setor comercial (lojas de atacado e varejo, livrarias, restaurantes e cafeterias).

Figura 67 – Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.

No final da década de 1980, o setor de *San Victorino* apresenta uma alta mistura de usos, destacando a presença de comércio no costado norte e moradia no costado sul (P1). Para a construção do parque suprime-se a área de moradia, a qual é substituída por recreação. Assim, o setor fica sem moradores que aproveitem os espaços novos que o parque oferece. Planos P1 FONADE “*Preinversión*”, Bogotá 1988, p. 28. [P2 elaborados pelo autor; fonte: *Bases del Concurso*].

O segundo grupo, que pode ser denominado “informal ou dependente”, está conformado por vendedores ambulantes (roupa, cachivaches – bujigangas –, confeitaria, comida, bebidas e livros “piratas”), catadores de lixo (papel, vidro, metal, plástico) e rebuscadores (ajudantes, *mandaderos*).

Por sua natureza, estes dois grupos de habitantes apresentam diferentes formas de utilização e ocupação do setor, gerando ritmos ambivalentes: o setor formal, trabalha e beneficia-se do centro da cidade durante o período diurno, e o abandona à noite para se refugiar nos setores residenciais da periferia; porém, o informal vive e aproveita o centro durante as 24 horas do dia em jornadas de trabalho e períodos de descanso sem horário fixo (esmola-se por comida e dorme-se em qualquer horário). Dessa forma gera-se uma presença constante do “mundo da informalidade”, que é o mundo que realmente “habita” e dá dinamismo ao centro da cidade. (Figura 68).

Figura 68 – Dinâmicas de ocupação do setor de *San Victorino*.

Antes da construção do parque reconheciam-se na área dois ritmos de ocupação (P1). Por um lado, o setor formal ou autônomo (vermelho) que utilizava o centro como espaço de trabalho durante o dia e que o abandonava à noite. Por outro, o setor informal ou dependente (azul) que habita no setor com a mesma intensidade de dia e à noite, mantendo uma estreita relação com seu entorno. Com a construção do Parque Terceiro Milênio (P2) perde-se a presença do setor informal e como o setor formal não reconhece como próprio o antigo setor de *San Victorino*, é em parte razão pela qual o parque (3) apresenta uma baixa frequência de uso, criando-se desse modo um vazio urbano. Foto 1: Praça de *San Victorino*. Foto 2: atividade cotidiana do setor-setor informal. Desenhos elaborados pelo autor. Foto 1: autor. Foto 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano

Estas características replicaram-se no interior da peça urbana de *San Victorino*. Em 1999 *San Victorino* contava com 22.138 habitantes³⁶⁵, e suas características configuravam como um “arquipélago urbano” e “barreira urbana”. No interior deste arquipélago conviviam a cidade formal e a cidade informal; o setor norte e sua periferia alojaram o setor formal, e o núcleo de *San Victorino* – conformado pelo bairro *Santa Inés* – acolheu ao setor informal pertencente à população mais vulnerável, com as correspondentes condições de avançado deterioramento físico e social.

Com a construção do PTM, alterou-se a superposição e convivência do setor formal e informal, ao estimular a permanência da população do setor formal e expulsar a população pertencente ao setor informal; assim modificaram-se os ritmos de funcionamento do setor de *San Victorino*. Como se indicou antes, a relação que guarda a população formal com *San Victorino* é de caráter exclusivamente laboral, de tal sorte que não se desenvolveram vínculos afetivos, simbólicos ou um sentido de pertencimento ao lugar. Como o Projeto Parque Terceiro Milênio expulsou a população que realmente guardava um vínculo ou um

³⁶⁵ . IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.8. p. 12-folio 622.

sentido de pertencimento com o lugar e não atraiu nova população residente, a área do Projeto terminou se tornando um “vazio urbano”. Este fato se evidencia na baixa frequência de uso do Parque e nas poucas ou inexistentes alterações ou melhoras nas construções e lotes que configuram seu entorno.

4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio

As páginas anteriores procuraram mostrar a evolução histórica de *San Victorino* com o fim de determinar e explicar a origem dos elementos que configuraram suas atuais condições ambientais, urbanas, sociais e paisagísticas. Em consideração do autor, a compreensão destes elementos históricos e a consequente situação atual do setor criavam importantes retos às operações de renovação urbana empreendidas pelo *Distrito* a partir de 1999: *San Victorino*, e especificamente o bairro *Santa Inés*, configuraram-se como uma “barreira” urbana, na qual sobre uma cidade formal dão-se as dinâmicas de uma cidade informal, a qual reforça as condições de isolamento, amparadas nas redes do comércio ilegal de alucinógenos e a complacência da força pública. Esta população da cidade formal não tem desenvolvido um sentido de apego com o setor, pois sua relação com o mesmo é exclusivamente de caráter de trabalho, e as atividades da vida familiar, lazer e de descanso acontecem em outros lugares da cidade.

De outro lado está a população informal, a mais vulnerável devido a sua principal atividade que corresponde à luta diária para conseguir o sustento, ou seja, o que popularmente se conhece como “*rebusque*”. Dentro desta população configuram-se grupos característicos, de acordo com o tipo de atividade que realizam: recicladores (de papel, metal, vidro, madeira, entre outros), compradores de materiais recicláveis, consumidores de alucinógenos, dispensadores de alucinógenos (*jíbaros*), vendedores de comida, administradores de cortiços. As atividades desta população mantêm-se vivas durante o dia todo, não somente pela reciclagem de materiais, mas pelo comércio de alucinógenos, que fornece inclusive aos consumidores pertencentes às classes acomodadas da cidade.

Com relação à imagem do setor frente à cidade, o comércio de alucinógenos, a perda de controle sobre a propriedade, a alienação do espaço livre, as condições precárias de moradia e os consequentes fenômenos de violência são os elementos que terminam por configurar uma realidade com a qual *San Victorino* torna-se símbolo da miséria, do indesejável.

Este panorama, paradoxalmente produz-se somente a dois quarteirões dos símbolos políticos, sociais e religiosos do país: a Praça de *Bolívar*, o Palácio presidencial, o Capitólio Nacional e a Catedral de Bogotá. Além disso, nas proximidades do antigo leito do *R. San Francisco*, de forma que no espaço urbano sobrevive a antiga aliança entre marginalidade e água, agora, sob condições distintas às da colônia: encanou-se o rio, impermeabilizaram-se e homogeneizaram-se as superfícies, desapareceram os símbolos religiosos e emblemáticos, antigos residentes e comerciantes migraram e o setor ficou sitiado pelas grandes avenidas da cidade. Sob estas condições, conformou-se uma “barreira” urbana caracterizada pela alienação do espaço livre, a intensa presença de agentes delitivos e a perda total do controle da propriedade privada.

O discurso e conceito da EEU do POT de Bogotá, assim como os objetivos de equidade (ver seções 1 e 2), tiveram que significar uma oportunidade com a qual, pela via de três ações – recuperação da Estrutura Ecológica Urbana, geração de novos marcos na paisagem e criação de alternativas para reter população e atrair habitantes – conseguiu-se superar os desafios que exigia esta “barreira” urbana.

Com a construção do projeto Parque Terceiro Milênio, sem dúvida, recuperou-se o espaço livre e a propriedade privada por meio de uma complexa gestão imobiliária. Porém, apesar destes significativos resultados, é necessário dizer que o projeto não contribuiu para um processo de renovação no centro da cidade: com relação à dimensão social, não se criaram alternativas de moradia e equipamentos para estimular a atração de habitantes e provocou-se a expulsão e dispersão da população mais vulnerável do setor. No que se refere à dimensão paisagística, as decisões de desenho aumentaram o isolamento gerado pelas amplas avenidas, pois não se propuseram elementos que contribuíssem à conectividade urbana para pedestres (moradores e visitantes do setor), e também não se propuseram novos equipamentos que revitalizassem o setor e que devolvessem ao bairro os referentes, o significado e a importância que teve para a cidade durante muitos séculos. Esta característica evidencia-se no fato de que hoje em dia o parque tem pouca frequência de uso, não apresenta modificações importantes no seu entorno e requer constantes medidas de segurança e vigilância para sua utilização. (Figura 69) – Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio (Folha anexa).

Finalmente, o projeto não contribuiu à recuperação dos leitos dos corpos de água, nem aportou elementos importantes para a recuperação dos elementos naturais que ajudariam a configurar a Estrutura Ecológica Urbana. O parque desconheceu a função

hidrológica da bacia e impermeabilizou a maior parte do solo recuperado, perdendo-se a oportunidade de melhorar as condições ambientais para o setor e a cidade, por não contribuir à continuidade do corredor ecológico do *R. San Francisco* que, como já foi mencionado, é fundamental para a conectividade dos três componentes mais importantes da EEU de Bogotá (*Cerros Orientales- Savana - R. Bogotá*).

Todos esses elementos permitem concluir que o parque foi na verdade um exercício de limpeza social, em uma zona de alta degradação social e paisagística com a qual a ilha “barreira” urbana tornou-se um “vazio urbano”, no qual a população que poderia aproveitá-lo – setor formal – não aproveita e a população que quer utilizá-lo – setor informal – não pode, porque as autoridades temem que o parque seja invadido.

Fonte Fotos Figura 13.

1. L. Ubaque (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
2. El Verjon (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
3. L. Siecha (<http://www.montecilloenguatavita.com/turismo>)
4. L. Guasca (http://farm4.static.flickr.com/3077/2288841621_d604f30f39.jpg?v=0)
5. L. Guatavita (<http://img151.imageshack.us/img151/8389/guatavita019eu.jpg>)
6. L. Iguaque <http://www.parquesnacionales.gov.co>

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu evidenciar a importância e o papel que tem cumprido o conceito de EEU no ordenamento espacial do território, e também permitiu concluir que é decisivo revisar o conteúdo, processos e programas dos projetos vinculados à EEU.

A seção 2 permitiu verificar como o crescimento acelerado e descontrolado da cidade nos últimos cinquenta anos colocou em risco a estabilidade ambiental do território, pois afetou substancialmente os processos do ecossistema, por meio da alteração do sistema hídrico, da fragmentação da rede de corredores ecológicos e da impermeabilização da savana. Neste sentido, atualmente o conceito de EEU não somente é de inquestionável pertinência – como alternativa à restauração do equilíbrio ambiental – mas os projetos específicos (por exemplo, os parques metropolitanos), têm um indiscutível compromisso, o qual está associado à recuperação do sistema hídrico e aos corredores ecológicos, assim como à geração de superfícies permeáveis e de excelentes condições paisagísticas no meio urbano.

Neste contexto, surge o projeto Parque Terceiro Milênio, o qual, além de ser peça central de um ambicioso programa de renovação urbana – formulado para a recuperação integral do setor de *San Victorino* no centro de Bogotá –, era uma oportunidade para melhorar as condições ambientais e paisagísticas do centro da cidade. Porém, por meio deste trabalho de investigação, foi possível estabelecer que embora o projeto Parque Terceiro Milênio permitisse resgatar o espaço público, a recuperação da propriedade privada, a recolocação da população e a reabilitação parcial dos residentes ilegais, o projeto não aportou elementos importantes para a restauração ecológica do sistema hídrico, a conformação de corredores ecológicos, a recuperação integral urbana e para o melhoramento ambiental, paisagístico e social do setor.

Este trabalho permitiu concluir que existe uma contradição entre o discurso ambiental e os projetos pertencentes à EEU. Vejamos por quê:

A EEU e a cidade construída

O suporte principal para restabelecer a estrutura ecológica original e atual da cidade requer a recuperação do seu sistema hídrico, conformado pelos principais rios, canais, zonas úmidas, áreas de recarga de aquíferos e vale aluvial do rio Bogotá. A análise sobre como a

cidade tem ocupado a savana permite estabelecer que o sistema hídrico da cidade está profundamente alterado, o que exige estratégias inovadoras para cumprir com os objetivos e metas associadas ao conceito de EEU. É precisamente neste ponto que o trabalho de investigação permitir estabelecer a atual presença de deficiências, indicando a existência da distância entre o conceito e a sua materialização na cidade.

O sistema hídrico tem como eixos principais os rios *Torca*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, rios que têm sofrido um progressivo e constante deterioramento de seus leitos e bacias. Na parte baixa foram “controlados” com taludes naturais, na parte média foram canalizados e, em alguns casos, seu percurso foi modificado. A situação mais crítica apresenta-se na parte alta, onde foram encanados e enterrados sob as novas ruas e avenidas, afetando toda a rede de rios e riachos afluentes de suas bacias. É precisamente nesta última zona onde a EEU formulada no POT apresenta maior debilidade, pois não incluiu políticas e ações claras para a recuperação e renaturalização desta zona. Neste sentido, o propósito de restabelecer a unidade biológica (postulado por van der Hammen, e integrado ao POT), é impossível de realizar.

Outra dificuldade de materialização que apresenta a EEU é a de limitar a dimensão do sistema hídrico às linhas (percursos) dos rios, ignorando a noção de bacia hidrográfica na área urbana da cidade. O anterior deve-se em parte à ausência do conceito de “ciclo da água” que é superficialmente mencionado; inquestionavelmente este conceito precisa de uma maior discussão e incorporação às metodologias e aos instrumentos de planejamento da cidade, uma vez que não somente permite uma aproximação e ações adequadas sobre o sistema hídrico, mas também permite materializar o conceito de corredor ecológico.

Por outro lado, em relação aos parques metropolitanos, é muito visível que nenhum está integrado ao sistema hídrico da cidade; pelo contrário, tais parques operam como entes autônomos sem articulação como os demais componentes da EEU.

Finalmente, o POT estabelece como conector transversal do sistema todo da EEU a rede de corredores viários, mas como se observou na análise, entre a *Carrera 30* e os *Cerros Orientales*, onde se localiza grande parte da população e serviços da cidade, as avenidas arborizadas têm sucumbido ante a satisfação da mobilidade veicular que cada dia demanda mais espaço. Foi assim que se asfaltaram os canteiros centrais, suprimiram-se os jardins laterais e retiraram-se as árvores, de modo que o corredor viário foi despojado do seu papel como conector transversal da EEU.

É lógico que para materializar o conceito de estrutura ecológica é necessário que todos os projetos associados a esta tenham como referência obrigatória as bacias hidrográficas e incorporem o conceito de infraestrutura verde, de forma que o ecossistema e o ciclo da água sejam base fundamental na concepção e realização dos mesmos. Além disso, é decisivo revisar a concepção das unidades geográficas e incluir o conceito de unidades de paisagem para que, com um olhar mais ambiental que administrativo, sejam parte ativa do planejamento do território.

A EEU no centro da cidade

A observação do centro tradicional de Bogotá permite-nos identificar que dentro desta zona – cujo limite norte é o *R. Arzobispo* e o limite sul é o *R. San Cristobal* – os corpos de água foram sepultados sob prédios e novas ruas e avenidas. Além disso, os projetos de intervenção neste setor da cidade não incluíram estratégias ou ações para a recuperação e para a renaturalização do sistema hídrico: este é o caso dos projetos Eixo Ambiental da *Av. Jiménez*, o Parque de *San Victorino* e o PTM, os quais apesar de se localizarem sobre o percurso do rio *San Francisco*, não tiveram em conta um compromisso com o sistema hídrico.

É preciso mencionar que não se trata simplesmente de reclamar pela renaturalização dos corpos de água, mas de chamar a atenção sobre o fato de que os projetos mencionados não apresentam nenhum compromisso ou proposta concreta frente ao sistema hídrico – drenagem – do centro da cidade.

O Parque Terceiro Milênio

A análise que foi realizada neste trabalho de pesquisa evidencia a contradição que se apresenta entre o discurso ambiental e as práticas ambientais da cidade; pelo anterior, não é de estranhar que o projeto do PTM não tenha proposto alternativas concretas para resolver a descontinuidade dos rios, nem programas para um manejo sustentável de seus escassos recursos hídricos, nem estratégias para restaurar a fragmentada rede de corredores ecológicos, reduzindo o problema a soluções técnicas simplistas no desenho e construção do mesmo.

Propuseram-se espelhos de água artificiais com a intenção de recuperar a “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, em lugar de apresentar alternativas para naturalizar os rios. Também se desconheceu a possibilidade de incluir estratégias que permitissem o uso sustentável dos recursos hídricos superficiais da bacia. Deu-se preferência à criação do solo impermeável, e o plano de arborização privilegiou a plantação de linhas de árvores, desconhecendo a importância de gerar massas de árvores, ainda mais quando o centro da cidade carece destas.

Dessa forma, como o parque não aportou elementos significativos para a restauração ambiental do setor, nem para uma integração com o seu entorno natural, é de se esperar que houvesse um aporte à relação com o seu entorno urbano e social. Porém, depois de quatro anos de sua inauguração, é evidente a baixa frequência de uso do parque, apesar dos esforços por parte da administração para que a população utilize suas instalações. O anterior evidencia-se na desolação das áreas de brinquedos para crianças, dos equipamentos e demais serviços, como por exemplo, os estacionamentos subterrâneos. Este nível de abandono é contraditório em um setor da cidade que diariamente está ocupada por mais de um milhão e meio de habitantes e onde a demanda de estacionamentos de veículos é a maior da cidade.

Esta situação contraditória pode ser explicada pelo fato de que os estudos de formulação e desenho do parque careceram de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

Como se indicou na seção 4, nos últimos cinquenta anos, o setor apresentou uma transformação, produto do abandono a que foi submetido pela administração Distrital. Com a construção da *Av. Caracas* e a ampliação da *Carrera 10ª*, o setor perdeu seus equipamentos mais importantes – a igreja de *Santa Inés*, a *Escuela de Medicina*, Praça de Mercado –, os quais deram identidade e reconhecimento ao setor na cidade durante mais de cem anos. Com a perda das rotas do bonde, o setor ficou fora dos circuitos do transporte público, deixando de ser um passo obrigatório dos habitantes da cidade. A partir do “*Bogotazo*” (1948) geraram-se várias migrações, pelas quais se transformou pouco a pouco o controle da propriedade privada, e o setor passou de um bairro de proprietários a um de arrendatários, tornando-se depois um bairro de invasores. Finalmente, com a autorização do prefeito Gaitán Cortés para que a praça de *San Victorino* fosse ocupada por vendedores ambulantes, estimulou-se e “legalizou-se” a invasão do espaço público do setor.

Produtos destes eventos, em termos sociais consolidaram-se dois grupos de habitantes – os do “setor formal” e os do “setor informal” – cada um dos quais operando com ritmos e hábitos diferentes de ocupação do território: os integrantes do primeiro, na sua maioria, trabalham no centro e moram na periferia; os integrantes do segundo, bastante numerosos e com uma significativa presença no setor, se “*rebuscan* e moram” no centro. Como os primeiros não utilizam o centro como espaço de recreação e lazer, e os segundos, com a realização do projeto, foram expulsos, o Parque não tem atualmente uma população que demande seu uso.

Sem dúvida nenhuma, a carência de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*, e o desconhecimento da importância que tinham os habitantes do “setor informal” em *San Victorino*, contribuíram para que o parque se tornasse um vazio urbano sem maior importância e significado para os usuários e moradores do centro da cidade.

Comentários Finais

Uma das premissas utilizadas pela administração distrital para a promoção do projeto era que com a construção do parque melhorariam as condições físicas, ambientais e sociais do setor, com o qual se iniciaria um processo de renovação urbana que transformaria o entorno imediato do Parque, ao se incentivar a realização de projetos imobiliários, financiados pelo setor privado.

A realidade mostra o contrário. Até hoje não tem se iniciado nenhum processo de investimento público ou privado no entorno do Parque, e o que se percebe é um perfil urbano com condições precárias, distante do prometido no discurso que sustentou a concepção e promoção do projeto.

A ideia de reabilitação de população vulnerável não cumpriu com as metas traçadas: o resultado foi uma atomização ou dispersão desta população pela cidade, criando novos focos de conflito urbano. O paradoxo radica-se no fato de que a cidade suprimiu um cenário de conflito social, mas terminou criando outros.

Sem dúvida nenhuma, com projetos como Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, a Praça de *San Victorino* e o Parque Terceiro Milênio, a cidade desperdiçou a oportunidade de contribuir efetivamente para o melhoramento das condições de seu ecossistema, a recuperação do sistema hídrico natural e a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos de seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEBEDO, Luis. **Las industrias en el proceso de expansión de Bogotá hacia occidente**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 150p.

AGUILERA, Javier. Teoría Urbanística en la Colonización Española de América. Las ordenanzas de Nueva Población. In: **Ciudad y Territorio** – Revista de Ciencia Urbana. Madrid: n. 1, p. 9-24, 1977.

ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. **Decreto 3640 del Consejo de Bogotá, de 17 de diciembre de 1954**. Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá. Diario Oficial. Bogotá, 21 de enero de 1955.

_____. **Acuerdo 105, de diciembre de 1955**. Por el cual se crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB. Bogotá, 1955.

_____. **Agendas locales ambientales**. Localidad 17. La Candelaria. Localidad 3 Santafé. Bogotá, 1994.

_____. **Decreto 619, de 28 de julio de 2000**. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Registro Distrital 2197. Bogotá, 28 jul. 2000.

_____. **Construcción del espacio público - tres parques de Bogotá: Nacional, El Tunal, Simón Bolívar**. Mapas. Bogotá: Instituto Distrital de Cultura y Turismo, Instituto Distrital para la Recreación y el deporte, 2003. 193 p.

_____. **Decreto Distrital 469, de 23 de diciembre de 2003**. Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C. Registro Distrital 3013. Bogotá, 23 dic. 2003.

_____. **Decreto Distrital 190, 22 de junio de 2004**. Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003. Registro Distrital 3122. Bogotá D.C., 22 jun. 2004.

_____. **Panorama Turístico de 12 Localidades**. Bogotá, 2004.

_____. **Decreto 215, de 7 de julio de 2005**. Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones. Registro Distrital 3356. Bogotá, 07 jul. 2005.

_____. **Decreto No. 456, de 23 de diciembre de 2008**. Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones. Bogotá, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 285p.

ALIATA, Fernando; SILVESTRE Graciela. **El paisaje como cifra de armonía**: relaciones entre cultura y naturaleza a través de la mirada paisajística. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001. 205p.

ANGEL SAMPER, Marcela. Red de Alamedas de Bogotá, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 12-32, 2004.

ARANGO, Silvia. **Historia de la arquitectura en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1989. 291p.

ARANTES NETO, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder) 190p.

ARANTES, Otilia. **A cidade de pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 192p.

BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. In: **Revista POS-USP**. São Paulo, n. 70, p. 88-97, 2006.

BRUJÉS, Antonio. Bogotá de noche. In: **Revista Estampa**. Bogotá, 31 dic., p. 21-23, 1938.

CAMARGO, Germán. **Estado y perspectivas de los ecosistemas urbanos de Bogotá-Prioridades**. 2008-2011. Bogotá: DAMA, ca. 2006.

CARRASQUILLA, Juan. **Quintas y estancias de Santafé y Bogotá**. Bogotá: Banco Popular, 1989. 227p.

CASAGRANDE DE PAULA, Zuleide. **A cidade e os jardins - Jardim América**, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Ed. Unesp, 2008. 266p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 196 p.

CENTRO DE ESTUDIOS HISTORICOS DE OBRAS PÚBLICAS Y URBANISMO . **La ciudad hispanoamericana – El sueño de un orden**. Madrid : CEHOPU,1989. 302p.

CHIESA, Paulo. A arte de bem viver a paisagem em seu tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o Ensino de Arquitetura no Brasil. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 121-134, 2006.

COMIN V., Heliana; RIBEIRO, Helena (org.). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CONGRESO DE LA REPUBLICA DE COLOMBIA. **Constitución Política de Colombia de 1991**. Bogotá, 6 de julio de 1991.

_____. **Ley 99, 22 de diciembre de 1993**. Por la cual se crea Ministerio del Medio Ambiente, se reordena el Sector Público encargado de la gestión y conservación del medio ambiente y los recursos naturales renovables, se organiza el Sistema Nacional Ambiental, SINA, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial N. 41146. Bogotá, 22 dic. 1993.

CORPORACIÓN LA CANDELARIA; ESCOVAR, Alberto. MARIÑO, Margarita; **histórico de Bogotá 1538-1910**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2004. 565p.

_____; ESCOVAR, Alberto et. al. **Atlas histórico de Bogotá 1910-1948**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2006. 596p.

_____; MEJIA, Germán; CUELLAR, Marcela. **Atlas histórico de Bogotá - Cartografía 1791-2007**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2007.158p.

CORTES, Fernando. **Karl Brunner**: La construcción de la ciudad como espacio público. Bogotá: Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1989. 36p. Catálogo exposición.

CORTES, Marco. **La anexión de los municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 224p.

COTRIM, Marcio. Inclusión. Espacios de Uso Público: Parque de la Juventud-Carandiru, São Paulo, SP – Brasil. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 208, año 42, p. 34-41, 2007.

CUELLAR SERRANO GOMEZ. Club los Lagartos, Bogotá. In: **Revista PROA**. Bogotá, n. 12, p. 7-16, 1948.

CULLEN, G. **Paisaje urbano**. Traducción: Jose María Aymamí. Madrid: H. Blume, 1978. 200p.

DA SILVA, Maria. Conceitos e Desenho no Planejamento da Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n. 5, p. 81-90, 1994.

DE OLIVEIRA, Sergio. Paisagismo e as Centralidades Urbanas. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 20, p. 61-83, 2005.

DEL CASTILLO, Juan Carlos. **Bogotá: el tránsito a la ciudad moderna 1920-1950**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2003. 120p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE MEDIO AMBIENTE – DAMA. **Plan Maestro de Gestión Ambiental para Bogotá D.C. 2001-2009**. Bogotá: DAPD, 2001.

_____. MARTÍNEZ Juber; VILLARRAGA, Edelmira; REY, Luz Stella; RIVEROS, Fredy. **Historia de los Humedales de Bogotá**. Bogotá: DAMA, 2000. 107p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEACIÓN DISTRITAL - DAPD. **Documento Técnico de Soporte al POT**. Bogotá: DAPD 1999, 462 p.

_____. **Guía para la elaboración del plan de desarrollo municipal**. Bogotá: DAPD, 2001. 13p.

_____. **Documento técnico, Plan Maestro de Espacio Público**. PMEP/DAPD. Bogotá: D.C. DAPD 2004. 219 p.

DOS SANTOS, Emmanuel. Planejamento e paisagem. In: **Revista eletrônica da área paisagem e ambiente**. São Paulo: FAU-USP, set. 2004.

EL PEQUEÑO LAROUSSE ILUSTRADO 2002. Barcelona: Spes Editorial S.L., 2001.

EMPRESA DE ACUEDUCTO Y ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ-EAAB - **Experiencia de recuperación integral del sistema hídrico en la ciudad de Bogotá. DC**. Bogotá: 2002

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1538-1937**. Tomo I. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 540p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1938-1985**. Tomo II. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 269p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1985-2003**. Tomo III. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 316p.

_____. Alamedas y Parques Lineales: Recuperación Integral del Sistema Hídrico: Zonas de manejo y Preservación Ambiental, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 33-51, 2004.

ESGUERRA, Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI, Giancarlo et. al. Parque Tercer Milenio. In: **Revista Escala**. Bogotá, n. 208, p. 27-33, 2007.

FARIELLO, Francisco. **La Arquitectura de los Jardines: De la Antigüedad al Siglo XX**. Tradução: Jorge Sainz. Madrid, España: Librería Mairera y Celeste Ediciones, 2000. 374p.

FELIPPE, Ana Paula. Análise da paisagem como premissa para a elaboração de plano diretor. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 16, p. 135-161, 2002.

FONADE. **Preinversión**. Plan zonal del centro de Bogotá. Bogotá: Fonade, 1988.

FORERO, Jorge. El proyecto de alcantarillado para Bogotá. In: **Anales de Ingeniería**. Bogotá: vol. II, n. 634, Segundo semestre de 1952.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção. **Planejamento ambiental**. Para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, Edifurb, 2001. 296p.

_____. **Desenho ambiental**. uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006. 224p.

FREILE, Juan Rodríguez. **El Carnero**. Bogotá: Ed. Colombia, 1926. 362p.

GOBERNACION DE CUNDINAMARCA. Ordenanza número 7 de 1954, Consejo Administrativo de Cundinamarca. **Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá**.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suelly Rolnik. 3a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. 56p.

GUHL, Ernesto. **La Sabana de Bogotá sus alrededores y vegetación**. Bogotá: CAR, 1981. 123 p.

GUZMAN, Ángela. **Poblamiento y urbanismo colonial en Santander**. Bogotá: U. Nacional, 1987. 236p.

HERNÁNDEZ, Carlos. **Las ideas modernas del Plan para Bogotá en 1950**. Bogotá: Ed. Alcaldía Mayor de Bogotá – IDCT, 2004. 210p.

HOFER, Andrés. **Karl Brunner y el Urbanismo Europeo en América Latina**. Tradução: Luisa Ungar; Olga Martín. Bogotá: Ed. Ancora, 2003. 235p.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**. Tradução: Susana Rodríguez Alemparte. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1998. 315p.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec Ltda, 1996. 211p.

IBAÑEZ, Pedro M. **Crónicas de Bogotá**. Tomo I. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 475p.

_____. **Crónicas de Bogotá**. Tomo II. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 498p.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO – IDU - **Proyecto Parque Tercer Milenio Documento Final**. Bogotá: jun. 2001.

_____; Montenegro & Lizarralde. **Plan Maestro Tercer Milenio**. Bogotá: 1998. 219p.

_____; Sociedad Colombiana de Arquitectos. **Concurso de arquitectura en la modalidad de ideas para la elaboración del proyecto arquitectónico y diseño paisajístico del Parque Tercer Milenio**. Santa Fe de Bogotá: 21 sept. 1999. 26p.

_____; Econometría S.A. **Evaluación de impactos socio-económicos y Ambientales del Parque Tercer Milenio**. Bogotá: 1999.

_____; EHM. ESGUERRA Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI Giancarlo. **Plan de Ordenamiento Urbano Parque Tercer Milenio**. POUPTM. Cuarto informe, Bogotá: 2000. 65p.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMBIENTALES - IDEA. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; GUZMÁN, Jimmy. Universidad Nacional de Colombia. **Cartografía básica de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; AGUILAR, Pilar. Universidad Nacional de Colombia. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 3 Santafé**. Bogotá: jul. 1993. 63p.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 14 Los Mártires**. Bogotá: jul. 1993. 66p.

_____. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005.

IRIARTE, Alfredo. **Breve historia de Bogotá**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1988. 263p.

JARDÍN BOTÁNICO. **Arborización urbana**: Manual verde. Especies seleccionadas para la arborización de Santa Fe de Bogotá. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2000.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: Ed. RIMA, 2004. 159p.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 132p.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 159p.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2000. 150p.

LEITE, Maria Angela. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. In: **Paisagem e Ambiente**: Ensaios. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. IV, p. 45-66, 1992.

_____. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: **Paisagem e Ambiente**: Ensaios. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 18, p. 59-703, 2004.

LEMUS, Víctor. **Planificación y control urbanístico en Bogotá**: desarrollo histórico y jurídico. Bogotá: U. del Rosario, . 2006.

LEÓN, Juanita. El Cartucho: De la Opulencia a la Indigencia. In. **El Tiempo**. Bogota, 28 mar. 1999.
LEÓN, Natalia. Bogotá: de paso por la capital. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 224, 2008.

LONDOÑO, Eduardo. **Los Muiscas**. Una reseña etnohistórica, con base en las primeras descripciones. Museo del Oro. Bogotá: Disponível em: <<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>>. Último acesso em: 25 nov. 2008.

LOPEZ de MESA, Luis. Bogotá contemporánea. In: **Universidad Segunda época**. Bogotá: 2 mar. 1929.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2007. 191p.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la Ciudad**. Tradução: Enrique Luis Revol. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1966. 207p.

_____. **La Administración del paisaje**. Tradução: Rodrigo Cortés. Bogotá: Ed. Norma, 1992. 229p.

MACEDO, Silvio. Paisagismo e Paisagem – Introduzindo Questões. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 5, p. 41-57, 1994.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/QUAPA, 1999. 144p.

_____. Produção da paisagem urbana contemporânea brasileira no final do século 20. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 14, p. 143-170, 2001.

_____. SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2002. 208p.

MAGNOLI, Miranda. Ambiente, espaço, paisagem. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 237-244, 2006.

_____. Em busca de “Outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 141-174, 2006.

_____. Espaço livre-objeto de trabalho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 175-198, 2006.

_____. O jardim na cidade e um fragmento do sonho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 215-222, 2006.

_____. O Parque no desenho urbano. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 199-214, 2006.

MALDONADO, María Mercedes. La Estructura Ecológica Principal: del Plan de Ordenamiento al Plan de Desarrollo del Distrito Capital. In: **Foro Nacional Ambiental Fundación Alejandro Ángel Escobar**. FESCOL. Bogotá: ago. 2001. 55p.

MARIANO, Cássia. **Preservação e Paisagismo em São Paulo**: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196p.

MARTINEZ, Beatriz; DUEÑAS, Nelson, et. al. La movilidad y el transporte en la construcción de imagen de ciudad: el sector de San Diego en Bogotá. In: **Revista ARTEFACTO**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 11, p. 6-29, 2006.

MARTÍNEZ, Carlos. **Bogotá sinopsis sobre su evolución urbana**. Bogotá: Ed. Escala, 1976. 165p.

MARTINEZ, Maria Eugenia (ed.). **El centro historico**: objeto de estudio e intervención. Bogotá: Editorial Pontificia Universida Javeriana, 2004. 204p.

MAYORGA, Fernando. La Real Audiencia. Órgano colegiado de justicia en el período hispánico. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 148, , 2002.

MEJÍA, Germán. **Los años del cambio**. Historia urbana de Bogotá. 1810-1920. Bogotá: Ed. Ceja, 1999. 498p.

MELO, Orlando. La evolución económica de Colombia, 1830-1900. In: **Nueva Historia de Colombia**. Bogotá: Ed. Procultura S. A., tomo II, p. 133-207, 1984.

MILAGROS, María. **Las Ordenanzas de 1573, sus antecedentes y consecuencias**. Madrid: Ed. Universidad Complutense de Madrid, 1985.

MINISTERIO DE OBRAS PÚBLICAS Y TRANSPORTE. Facultad de Artes. Universidad Nacional de Colombia. **Plan Maestro Parque Simón Bolívar**. Dir. Arturo Robledo. Bogotá: ESCALA 1981. p.135

MOLINA, Gonzalo. **Guía de árboles**. Bogotá: DAMA, 1997.

MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I). La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: Edición Centro de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. 223p.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana**. Tradução: Reinald Bernet. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1984. 477p.

MOSCA, Juan. **Bogotá ayer, hoy y mañana**. Bogotá: Ed. Villegas, 1987. 154p.

MURILO, Marx. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 151p.

NAVAS-ALARCON, Maria Paula. **El banquete de las moscas**: historias de gente como uno atrapada en El Cartucho. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006. 190p.

ONO, Haroyoshi. Recuperação e revitalização do Parque Flamengo. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 15, p. 127-141, 2002.

OSEKI, J.; PELLEGRINO, P. R. Paisagem, sociedade e ambiente. In: **Curso de gestão ambiental**. PHILIPPI JR, Arlindo, et AL (Ed). São Paulo: Coleção Ambiental, 2002, p. 485-523.

_____. ESTEVAM, Adriano. A fluvialidade em rios paulistas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, 2006, p. 77-94.

PATÍÑO, Víctor Manuel. **Historia de la cultura material en la América Equinoccial**. Tomo VII. Vida Erótica y Costumbres Higiénicas. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 372p.

PELLEGRINO, Paulo. A paisagem possível. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p. 71-78, 1989.

_____.; MACEDO, Silvio. Ética e estética: O destino do Litoral. **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p.117-124, 1989.

_____. Pode-se planejar a paisagem? In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 13, p. 159-179, 2000.

_____. GUEDES, Paula; PIRILLO, Fernanda; FERNANDES, Sávio. A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, p. 57-76, 2006.

PELLICER, F. El ciclo del agua e a reconversión del paisaje periurbana en las ciudades de la rede C-6. In: MONCLUS, F. (Ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I)**. A ciudad dispersa. Sub-urbanización y nuevas periferias. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998. 223p.

PEREIRA, Juan Camilo; PABON, Maria Camila. Concurso de ideas: Parque Tercer Milenio, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 186-187, p. 65-68, 2000.

PEREZ, Alfonso. **Estructura Ecológica Urbana de la Sabana de Bogotá**. Sociedad Geográfica de Colombia. Academia de Ciencias Geográficas CAR. Bogotá: 2000, 37p. Disponível em: www.sogeocol.edu.co. Acesso em: Modelo de data: 15 mar. 2008.

PERGOLIS, Juan Carlos. **La Plaza: el centro de la Ciudad**. Bogotá: Universidad Católica de Colombia; Universidad Nacional de Colombia; Ed. Stoa Libris Ediciones, 2002. 223p.

PLATA, Eduardo. **Flora de los Andes. Cien especies del Altiplano Cundi-Boyacense**. CAR. Bogotá: Ed. Villegas Ed., 1984. 247p.

PRECIADO, Jair; LEAL, Robert; ALMANZA, Cecilia. **Historia ambiental de Bogotá siglo XXI**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2005. 368p.

RAPOSO MAGALHÃES, Manuela. **A arquitectura paisagista**. Morfologia e complexidade. Lisboa: Ed. Estampa, 2001. 525p.

RECHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Colombia indígena-periodo prehispánico. In: **Manual de historia de Colombia**. Bogotá: Procultura, tomo I, p. 31-115, 1984.

RECLUS, Eliseo. **Geografía de Colombia Bogotá**. Bogotá: Ed. ABC, 1958. 146p.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110, de 22 de octubre de 1954. **Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca**. Bogotá, 1954.

_____. Ley 3, de 19 de enero de 1961. **Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la Sabana de Bogotá y de dos valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR**. Bogotá, 1961.

_____. Ley 23, de 19 de diciembre de 1973. **Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones**. Bogotá, 1973.

_____. Decreto 2811, de 18 de diciembre de 1974. **Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente**. Bogotá, 1974.

_____. Ley 388, de 18 de julio de 1997. **Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones.** Diario Oficial N. 43091. Bogotá, 1997.

_____. Ley 790, de 27 de diciembre de 2002. **Facultades extraordinarias al Presidente de la República.** Bogotá, 2002. Diario Oficial Año CXXXVIII. N. 45.046. Bogotá, 27 dic. 2002

_____. Decreto 2884, 31 de julio de 2007. **Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA.** Diario Oficial N. 46706. Bogotá, 2007.

RITTER, Herbert. La Avenida Las Américas. In: **Revista PROA.** Bogotá, n. 1, 1946.

RODRÍGUEZ G., Gabriel Felipe. La exposición nacional del IV centenario de Bogotá: El mapa de la modernidad. In: **TEXTOS 12**, publicación de la Maestría e Historia del Arte y la Arquitectura, Escuela Interdisciplinar de Postgrados, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: CIDAR, Facultad de Artes, p. 12-75, 2005.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 120p.

SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá siglo XX.** Urbanismo, arquitectura y vida urbana. Bogotá, Colombia: Departamento Administrativo de Planeación Distrital, 2000. 359p.

_____. Alberto. Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX. In: **Vivienda social.** Bogotá: CEJA, 2003.

SALMONA, Rogelio; KOPEC, Luis; DEVALDENEBRO, Francisco. Movilidad Urbana. Eje Ambiental Avenida Jiménez, Colombia. In: **ESCALA.** Bogotá, Colombia, n. 176, año 30, p. 49-52, 1997

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

_____. Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos. In: _____. São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 81-99, 2006.

SANTANA, Ethel; TANGARI, Vera Regina. Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro, Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 384p.

SASSI, Maria Teresa; NASELLI, Cesar A. El paisaje hacia el tercer Milenio. In: **Colección Cuadernos Escala.** Bogotá, Colombia: n. 19, dic. 1991. 39p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público - Jardins no Brasil.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1997.

_____. **Prelúdio da metrópole:** arquitetura e urbanismo em São Paulo na Passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 184p.

SERPA, Ângelo. Paisagem em movimento: o parque Andre-Citröen em Paris. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 19, p. 137-162, 2004.

SILVA, Armando. **Bogotá imaginada**. Bogotá, Colombia: Distribuidora y Editora Aguilar; Altea; Taurus; Alfaguara S.A., 2004. 344p.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Série Espaços de Arte Brasileira). 128 p.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS, SCA; NIÑO, Carlos. **Bases del Concurso Arquitectónico de Ideas**. Bogota: SCA/IDU 21 sept. 1999.

SUARES, Adriana. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006. 229p.

TANGARINI, Vera Regina; SCHLEE, Monica Bahia (org). **Águas urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2007. (Coleção PROARQ). 368p.

TRIANA, Miguel. **La arborización y las aguas**. Bogotá: Ed. El Liberal, ago. 1914.

VAN DER HAMMEN, Thomas. **Plan ambiental de la Cuenca Alta del río Bogotá**: análisis y orientaciones para el ordenamiento territorial. Santafe Bogotá: Ed. CAR, 1998. 142 p

_____. **Estructura Ecológica Regional**. CAR-Gobernación de Cundinamarca – Bogotá: U. Externado de Colombia e SOS, 2000.

_____. **Estructura ecológica principal de Colombia**: primera aproximación. Bogotá: Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales, 2003.

VARGAS Heliana Comin; RIBEIRO Helena (org.) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp (2001), 2004. 153p.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Fapesp, 2001. 373p.

VILLEGAS EDITORES. **Cerros de Bogotá**. Bogotá: Villegas Editores, 2000. 285p.

ZAMBRANO, Fabio. (Ed.) CINEP. **Colombia. País de regiones**. Tomo 2. Colciencias. Bogotá: 1998.

_____.; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. **Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo**. 2007. Inédito.

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>

http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm

<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>

<http://www.contraloriabogota.gov.co>

[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)

<http://www.etimologias.dechile.net/?macadam>

<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>

<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>

<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>

http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616

<http://www.wikipedia.com>

DEPOIMENTOS ORAIS (entrevistas não transcritas)

Arquiteta, Verónica Perfetti: consultora Plano *Maestro* Terceiro Milênio.

Arquiteto, Camilo Santamaría: consultor de Plano *Maestro* Parque Terceiro Milênio.

Engenheiro, Álvaro Jiménez: coordenador pelo IDU na construção do projeto.

Arquiteto, José Luis Clavijo: *Residente de obra*.

Arquiteto, Leopoldo Ramirez: *Oficina de Renovación Urbana*.

Seguranza do parque.

Visitantes do parque.

ANEXO

NOTA: La construcción del proyecto *Parque Tercer Milenio* implicó la creación de una compleja estrategia denominada plan de “*Gestión Social del Proyecto*” la cual incluyo varias acciones: la coordinación institucional y el desarrollo de dos actividades fundamentales: el primero, comprendió el proceso de compra y englobe de predios; y el segundo, la asistencia a la población asentada en el área. Además en 1999 fue creada de la Empresa de Renovación Urbana adscrita al Instituto de Desarrollo Urbano – IDU; Empresa que terminaría coordinando todo el proceso de construcción del Parque.

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC - Colômbia.**

**Nelson Domingo Dueñas - Pinto
Dissertação de mestrado
FAU-USP
São Paulo – 2009**

Apresentação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

Autor

Nelson Domingo Dueñas - Pinto

NUSP 5739393

Título

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC- Colômbia.**

Área de Concentração

Paisagem e Ambiente

São Paulo, agosto de 2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E MAIL: nelsonduenas@usp.br
ndduenasp@unal.edu.co

D852i Dueñas-Pinto, Nelson Domingo
Itinerário de uma transformação paisagística urbana. O Parque
Terceiro Milênio e a estrutura ecológica urbana na cidade de
Bogotá DC - Colômbia / Nelson Domingo Dueñas-Pinto. --São
Paulo, 2009.
230 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e
Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Paulo Renato Mesquita Pellegrino

1.Meio Ambiente Urbano – Bogotá DC 2.Ecossistemas urbanos
3.Paisagem urbana 4.Renovação urbana 5.Parque Terceiro Milênio –
Bogotá I.Título

CDU 504(862.35-21)

Dedico

A minha mãe (*in memoriam*) e São Judas, por serem a minha companhia espiritual
Delmita, por ser a irmã e mãe adotiva cheia de carinho
A mim pai, de quem eu herdei parte do seu incrível talento
A minha tribo: Nancy, David, Daniel e Valentina, a razão de tudo

AGRADECIMENTOS

No Brasil

A Universidade de São Paulo, pela grande oportunidade de realizar os estudos
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação, pela compreensão
Comissão de Cooperação Internacional-Reitoria, por abrir as portas do conhecimento

Prof. Dr. Paulo Pellegrino, quem sempre acredito em mim,
e por mudar minha visão do paisagismo
Prof. Dr. Jorge Oseki (in memorian), por defender o espaço do cidadão
Prof. Dr. Vladimir Bartalini, pelo olhar abrangente da paisagem
Prof. Dra. Maria de Assunção Franco, pelo convite ao estudo ambiental
Dr. Deisemara Nascimento da Silva, por seu incondicional apoio
Cristina Lafasse e Ivani Sokoloff, por sua compreensão e ajuda

Vera e filhas, por acolher minha família como a dela
Marta, Edivaldo Zago e família, pela educação de meus filhos
Cassia Saluotto, Celso e filhos, por serem a segunda família de meus filhos
Adriano Bueno e família, por seu apoio nos momentos difíceis
Estevam Otero, pela amizade e ajuda
Beatriz, Chucho e filhos, por sua companhia e amizade

Na Colômbia

Universidad Nacional de Colombia, pelo apoio em minha formação profissional
Facultad de Artes, por ser meu mundo acadêmico
Instituto de Estudios Ambientales- IDEA, pela iniciação na pesquisa ambiental
Fernando Montenegro, Vicerrector (pro-reitor) da sede Bogotá, por acreditar em mim
Jaime Franky, Decano Faculdade de Artes, pelo respaldo incondicional
Luis Alfonso Pérez, Director Escuela de Arquitectura y Urbanismo, pelo apoio

Misael e Carmenza, porque são os melhores avôs do mundo
Orlando, por ser o irmão e parceiro que todos querem ter
Katherine, pelo carinho e compreensão
Rafael e Silvia, por ser impossível avançar na vida sem vocês
John Barreto, por sua oportuna e incondicional ajuda

Beatriz Martinez, por ser a melhor amiga e companheira incondicional
Pilar Aguilar, por seu apoio incondicional e sabedoria na pesquisa ambiental
Oscar Salamanca, por seus oportunos conselhos
Manuel Martinez, por sua invaluable ajuda
José Muñoz, pela amizade e conselhos
Jimmy Guzmán, por sua paciência e amizade
José Luis Clavijo, por sua valiosa informação

Dr. Carlos Barrios, por cuidar sempre da saúde de minha família
Dr. Orlando Ramos, pela cirurgia bem sucedida
Dra. Bertha Camero e Dra. Yolanda Lugo, pelos cuidados na minha recuperação

Epígrafe

*“[...] no hay batalla entre la civilización y la barbarie,
sino una falsa erudición y la naturaleza”.*

José Martí, 1891

RESUMO

A partir do ano 2000 cunhou-se no discurso do Ordenamento Territorial de Bogotá D.C. o conceito de “Estrutura Ecológica”, o qual foi interpretado como uma categoria fundamental no ordenamento espacial do território, com uma função específica: manter e conduzir a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais do território. Os “parques urbanos” de grande escala – que até antes desse ano eram visualizados como peças isoladas na superfície urbana, destinadas à recreação dos cidadãos – incorporaram-se como um sistema essencial no ordenamento do território por meio deste conceito de Estrutura Ecológica; em consequência, a noção de “parque urbano” de grande escala ou metropolitano adquiriu um compromisso ambiental, que até os dias de hoje não tinha sido plenamente reconhecido.

Neste contexto enquadra-se o Parque Metropolitano Terceiro Milênio, o qual foi concebido como uma obra de renovação urbana no setor de maior deterioramento físico, social e ambiental do centro da cidade, e foi estabelecido sobre o curso e ponto de confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, corpos de água de grande importância desde a fundação da cidade.

Devido ao propósito com o qual foi concebido o projeto e a sua estratégica localização como parte integrante da Estrutura Ecológica de Bogotá, o Parque Terceiro Milênio foi uma grande oportunidade de contribuir para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, a recuperação do sistema hídrico natural, a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos e a transformação da paisagem do centro de Bogotá. A simultaneidade de propósitos que convergiram na concepção, formulação e materialização deste Parque é exatamente o ponto de partida que motivou a pesquisa presente nesta dissertação.

O Parque Terceiro Milênio reúne condições que o tornam uma oportunidade para a reflexão sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental – representado no conceito de Estrutura Ecológica – e a formulação e materialização de um projeto concreto.

É assim que a metodologia privilegia: uma análise do ideário presente nos documentos de formulação do projeto, para o qual se desenvolve uma leitura crítica do conceito de Estrutura Ecológica; uma avaliação em perspectiva histórica e em diferentes escalas, da forma como a cidade ocupou seu território; um exame dos estudos e desenhos dos três projetos que configuraram o ideário do Parque e sua relação com a Estrutura Ecológica; e uma análise integral da relação entre o parque e sua bacia hidrográfica.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu estabelecer, entre outros aspectos, a existência de uma fratura entre o discurso ambiental e o projeto executado, sendo pertinente à academia e à administração distrital lançarem um olhar mais amplo – qualitativa e quantitativa – sobre o sistema hídrico da cidade e, finalmente, sendo necessário implementar novas metodologias e elementos de análise que ressarçam as deficiências que se apresentaram na formulação e construção de projetos urbanos pertencentes à estrutura ecológica, como foi o caso do Parque Terceiro Milênio.

PALAVRAS - CHAVE:

Parque Terceiro Milênio, Estrutura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor Ecológico, Ecossistema, Sistema Hídrico, Paisagem, Renovação Urbana, Bogotá D.C.

ABSTRACT

Since 2000 the concept of “Ecologic Structure” has been incorporated as part of the territorial reorganization of Bogota D.C., and is being interpreted as a fundamental category in the spatial reorganization of the territory, with a specific function: sustain and drive the biodiversity and the territory’s essential ecological processes. The large scale urban parks – which until that year were visualized as separated pieces in the urban landscape providing recreation to inhabitants- were incorporated as an essential system in the territory’s order thru the concept of Ecological Structure; as such, the metropolitan urban park or large scale park acquired an environmental compromise that until then was not recognized.

Under this context, the Third Millennium Metropolitan Park (2000-2005) was conceived as a piece of urban renovation in the area of the city presenting the most physical, social and environmental detriment in the downtown core and it was located where the rivers *San Francisco* and *San Agustín* meet. It should be noted that these two Rivers have been water bodies of great importance since the foundation of the city.

Given the purpose of the project and its strategic location as an integral part of the Ecological Structure of Bogota, the Third Millennium Park was visualized as a great opportunity to contribute to the improvement of the city’s ecosystem, the recovery of the natural hydrological system, the re-naturalization of the network of ecological corridors and the transformation of the downtown’s landscape. The way of these diverse purposes came together during the conception, proposal and implementation of this park is precisely the starting point for this investigation.

The Third Millennium Park meets the conditions that turn it into an opportunity to reflect about the linkages and potential contradictions that exist between the environmental speech – represented by the concept of ecological structure- and the proposal and implementation of a concrete project.

This is how the methodology benefits an analysis of the thoughts and ideas contained in the proposal documents of the project. For this reason the following actions are being conducted: a critical analysis of the Ecological Structure concept; an evaluation of how the city occupied its territory from a historical and scale perspective; research of the designs and studies of the three projects that conformed the conceptualization of the park and its relationship with the Ecological Structure; and a thorough analysis of the relationship between the park and the watershed.

This research established among other aspects that there is a disconnect between the environmental speech and the implemented project, that it is pertinent that the scholars and the municipal administration perform a more comprehensive analysis –quantitative and qualitative- about the hydrological system of the city, and lastly, that it is necessary implementing new methodologies and analysis elements to correct the deficiencies that were found in the proposal and construction of urban projects belonging to the ecological structure, as it was the case with the Third Millennium Park.

KEYWORDS:

Third Millennium Park, Urban Ecological Structure, Urban Park, Ecologic Corridor Ecosystem, Hydrological System, Landscape, Urban Renovation, Bogotá, D.C.

RESUMEN

A partir del año 2000 se acuñó en el discurso del Ordenamiento territorial de Bogotá D.C. el concepto de “Estructura Ecológica”, el cual se interpretó como una categoría fundamental en el ordenamiento espacial del territorio, con una función específica: sostener y conducir la biodiversidad y los procesos ecológicos esenciales del territorio. Los “parques urbanos” de gran escala, -que hasta antes de ese año, se visualizaban como piezas aisladas en la superficie urbana, destinadas a la recreación de los ciudadanos- se incorporaron como un sistema esencial en el ordenamiento del territorio a través de este concepto de Estructura Ecológica; en consecuencia, la noción de “parque urbano” de gran escala o metropolitano, adquirió un compromiso ambiental, que hasta el momento no había sido plenamente reconocido.

En este contexto se enmarca el Parque Metropolitano Tercer Milenio (2000-2005), el cual fue concebido como una obra de renovación urbana en el sector de mayor deterioro físico, social y ambiental del centro de la ciudad y se localizó sobre el cauce y punto de confluencia de los ríos *San Francisco* y *San Agustín*, cuerpos de agua de gran importancia desde la fundación de la ciudad.

Debido al propósito con el cual fue concebido el proyecto y a su estratégica localización como parte integrante de la Estructura Ecológica de Bogotá, el Parque Tercer Milenio era una gran oportunidad para contribuir al mejoramiento de las condiciones del ecosistema de la ciudad, la recuperación del sistema hídrico natural, la re-naturalización de la red de Corredores Ecológicos y la transformación del paisaje del centro de Bogotá. La simultaneidad de propósitos que se dieron cita en la concepción, formulación y materialización de este Parque, es precisamente el punto de partida que motiva la presente investigación.

El Parque Tercer Milenio reúne condiciones que lo convierten en una oportunidad para la reflexión sobre los vínculos y las posibles contradicciones que existen entre el discurso ambiental –representado en el concepto de Estructura ecológica- y la formulación y materialización de un proyecto concreto.

Es así como la metodología privilegia un análisis del ideario presente en los documentos de formulación del proyecto, para lo cual se adelanta una lectura crítica del concepto de Estructura Ecológica; una evaluación en perspectiva histórica y en diferentes escalas, de la manera como la ciudad ocupó su territorio; un examen de los estudios y diseños de los tres proyectos que configuraron el ideario del Parque y su relación con la Estructura Ecológica; y un análisis integral de la relación entre el parque y su cuenca hidrográfica.

El desarrollo de la investigación permitió establecer entre otros aspectos, que existe una fractura entre el discurso ambiental y el proyecto ejecutado, que es pertinente que la academia y la administración distrital realicen una mirada más amplia -cualitativa y cuantitativa- sobre el sistema hídrico de la ciudad, y por último, que es necesario implementar nuevas metodologías y elementos de análisis que subsanen las deficiencias que se presentaron en la formulación y construcción de proyectos urbanos pertenecientes a la estructura ecológica, como lo fue el caso del Parque Tercer Milenio.

PALABRAS CLAVES:

Parque Tercer Milenio, Estructura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor ecológico, Ecosistema, Sistema hídrico, Paisaje, Renovación urbana, Bogotá, D.C.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.	30
Figura 2.	Estrutura Ecológica Urbana (EEU).	32
Figura 3.	Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.	34
Figura 4.	Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.	35
Figura 5.	O conceito de Estrutura Ecológica no POT.	36
Figura 6.	Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.	37
Figura 7.	Unidades geográficas.	40
Figura 8.	A EEU proposta confrontada com a cidade construída.	41
Figura 9.	EEU – Os Parques Urbanos.	43
Figura 10.	Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.	45
Figura 11.	Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.	46
Figura 12.	Mar de Humboldt – “ <i>Salto de Tequendama</i> ”.	47
Figura 13.	Território e Lagoas Sagradas da Cultura <i>Muisca</i> .	49
Figura 14.	Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.	51
Figura 15.	Bacias hidrográficas de Bogotá.	52
Figura 16.	Relação da cidade com seus corpos de água. Colônia.	54
Figura 17.	Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.	57
Figura 18.	<i>Cerros Orientales</i> . Desmatamento.	58
Figura 19.	As praças tornam-se parques.	60
Figura 20.	Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.	61
Figura 21.	Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.	63
Figura 22.	Parques recreativos para Bogotá.	66
Figura 23.	Primeiros planos urbanos para Bogotá. <i>Eixamples</i> .	69
Figura 24.	Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.	71
Figura 25.	A cidade imaginada.	75
Figura 26.	“Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.	77
Figura 27.	1970. Parques <i>Distritales</i> .	79
Figura 28.	A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.	80
Figura 29.	A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.	83
Figura 30.	Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.	88

Figura 31.	Eixos estruturais do Centro da Cidade.	88
Figura 32.	Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).	90
Figura 33.	Dados simplificados do censo. 1999.	92
Figura 34.	Vista aérea do Parque Terceiro Milênio. (B&M).	96
Figura 35.	Planta geral do projeto. Zoneamento geral.	97
Figura 36.	Desenhos de Análise do projeto.	99
Figura 37.	Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).	101
Figura 38.	Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira e Pabón (P&P).	105
Figura 39.	Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.	106
Figura 40.	Desenhos da análise do projeto.	108
Figura 41.	Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto Construído. (EHM).	112
Figura 42.	Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).	114
Figura 43.	Planta geral do Projeto Construído.	115
Figura 44.	Desenhos de análise do projeto.	116
Figura 45.	Percurso fotográfico do Parque.	117
Figura 46.	Plano <i>Maestro</i> Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.	118
Figura 47.	Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.	120
Figura 48.	Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.	124
Figura 49.	Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.	126
Figura 50.	Presença de equipamentos religiosos no setor.	128
Figura 51.	Alamedas, zona rural.	129
Figura 52.	Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).	131
Figura 53.	Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.	132
Figura 54.	As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.	132
Figura 55.	Prédios de abastecimento e indústria.	134
Figura 56.	Equipamentos de cultura e educação.	137
Figura 57.	Canalização do rio <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i> .	140
Figura 58.	Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.	142
Figura 59.	Construção de Avenidas arborizadas.	145
Figura 60.	O “ <i>Bogotazo</i> ” construções e infraestrutura afetada.	146
Figura 61.	Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.	147

Figura 62.	Evolução e ocupação da Praça de <i>San Victorino</i> .	149
Figura 63.	Transformação da moradia e controle da propriedade.	151
Figura 64.	A “ <i>Calle del Cartucho</i> ” e prédio “ <i>El Castillo</i> ”.	153
Figura 65.	Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.	155
Figura 66.	Perda de equipamentos no setor de <i>San Victorino</i> .	156
Figura 67.	Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.	157
Figura 68.	Dinâmicas de ocupação do setor de <i>San Victorino</i> .	158
Figura 69.	Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio.	Folha anexa

ABREVIATURAS

Av.: Avenida
 B.: Bairro
 B&M: Bueno e Montenegro
 C.: Canal
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAN: *Centro Administrativo Nacional*
 CAR: *Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca*
 DAMA: *Departamento Administrativo del Medio Ambiente*
 DAPD: *Departamento Administrativo de Planeación Distrital*
 DC: *Distrito Capital*
 DTS: *Documento Técnico Soporte*
 EAAB: *Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá*
 EEP: Estrutura Ecológica Urbana
 EHM: Esquerre, Hernández e Mazzanti
 ERU: *Empresa de Renovación Urbana*
 FONADE: *Fondo Financiero de Proyectos de Desarrollo*
 I.: Igreja
 IDU: *Instituto de Desarrollo Urbano*
 M&L: Montenegro e Lizarralde
 P&P: Pereira e Pabón
 PMEP: Plano *Maestro* de Espaço Público
 PMTM: Plano *Maestro* Terceiro Milênio
 POT: *Plano de Ordenamiento Territorial*
 POUPTM: Plano de Ordenamiento Urbano do Parque Terceiro Milênio
 PTM: Parque Terceiro Milênio
 PZCB: Plano Zonal do Centro de Bogotá
 Q.: *Quebrada*. Riacho.
 R. : Rio
 SCA: *Sociedad Colombiana de Arquitectos*

GLOSSARIO

Calle: Rua (nome genérico, as ruas)
Calle: Rua sentido leste – oeste
Carrera: Rua sentido norte – sul
Cerros Orientales/Morros Orientais
Espacio Público /Espaço Livre
Estructura Ecológica Principal/ Estrutura Ecológica Urbana
Plan Maestro /Plano Diretor
 San/ São

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCER MILENIO.	27
1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)	29
1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU	43
2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.	47
2.1 Cenário natural da cidade	48
2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural	56
2.3 A cidade enterra seus corpos de água	62
2.4 Ventos de modernização da cidade	73
2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade	79
3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.	87
3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro	87
3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.	89
3.2.1 Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio (PMTM)	89
3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)	100
3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.	111
3.3 Análise comparativa dos projetos	119
4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.	123
4.1 A bacia dos rios <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i>	124
4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor	128
4.3 De rios de água a rios de carros	136
4.4 Perda de equipamentos e liderança	145
4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental	152
4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio	159
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Vista do Parque Terceiro Milênio – Foto: pelo autor.

Nos últimos dez anos, Bogotá D.C., capital da República da Colômbia, apresentou significativas transformações sociais, físicas e espaciais, as quais receberam vários reconhecimentos internacionais. Entre eles, está o prêmio Leão de Ouro, outorgado à cidade em 2006 na X Bienal de Arquitetura de Veneza. Os organizadores deste evento reconheceram Bogotá por seus visíveis avanços sociais, culturais e tecnológicos, que a consolidaram como uma das metrópoles com maior projeção no mundo.

Além da importância deste prêmio, talvez o maior reconhecimento que a cidade já recebeu, está radcada no fato de se tornar em um referente obrigatório para outras cidades do Terceiro Mundo; o anterior, devido a sua capacidade de gerar programas inovadores, que não somente ajudaram a resolver problemas de infraestrutura urbana, serviços e espaço livre, mas a transformar positivamente a paisagem da cidade. Além dos resultados visíveis, o mérito destes programas centra-se essencialmente em sua capacidade de enfrentar complexas situações sociais, físicas e econômicas, típicas das cidades sul-americanas em desenvolvimento.

O Parque Terceiro Milênio (2000-2005) fez parte do conjunto de programas, planos e obras que se realizaram durante este período de transformação da cidade, e seu desenho mereceu um reconhecimento nacional na *XX Bienal de Arquitectura Colombiana* de 2006: os desenhistas do parque receberam o Prêmio Karl Brunner na categoria de Desenho Urbano e Paisagismo, pois o parque foi o segundo indicado na menção, “[...] uma iniciativa que visava à recuperação integral urbana, paisagística, ambiental e social de um setor estrategicamente situado na cidade de Bogotá”.¹

Precisamente esta afirmação, que se reiterou continuamente durante a concepção, desenho e materialização do Parque Terceiro Milênio, constitui um dos pontos de partida da reflexão que propõe o presente trabalho de pesquisa. Outro ponto de partida foi a filiação do projeto Parque Terceiro Milênio ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana que, como será visto no desenvolvimento deste documento, foi um conceito ambiental que se cunhou no discurso de planejamento da cidade, a partir da formulação do Plano de Ordenamento Territorial adotado em 2000.

Assim, o Parque Terceiro Milênio reúne condições que o transformam em uma boa oportunidade para refletir sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental e a formulação e materialização de um projeto concreto; a estas condições agrega-se a vigência atual do projeto, pois é objeto de inquestionável reconhecimento profissional tanto local como nacionalmente, e pertence ao grupo de significativas transformações físicas e sociais que teve a cidade durante os últimos anos.

Com estas premissas, a pesquisa concretiza-se em quatro diretrizes, cada qual com um propósito próprio: o primeiro, determinar os elementos de reflexão e juízo sobre o Projeto, a partir da revisão do discurso ambiental que constituiu a base teórica do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no Plano de Ordenamento Territorial de Bogotá; o segundo, realizar uma leitura em perspectiva histórica da ocupação espacial urbana da savana e suas implicações no meio natural; o terceiro, verificar a coerência entre o discurso ambiental da cidade e a concepção, formulação e materialização do Parque Terceiro Milênio; e o quarto, realizar um resumo histórico da relação entre o setor de *San Victorino*, o Parque e a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, visando a revelar os possíveis elementos que

¹ Protocolo do jurado, onde também se menciona que, “[...] para o jurado, este tipo de projetos é uma nova manifestação da produção profissional; a intervenção do Distrito, por meio do investimento no espaço público de escala metropolitana, complementada com a infraestrutura viária e de transporte, assim como de um programa de recuperação do espaço público, o primeiro passo para que o espaço privado entre em um processo de transformação e revitalização urbana integral, equilibrada e com participação do setor público, o setor privado e as comunidades.” SCA-Acta do jurado qualificador. Bogotá, 5 de maio de 2006

poderiam enriquecer a reflexão ambiental e propor alternativas que poderiam dar maior alcance ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana na materialização de projetos urbanos e paisagísticos, como no caso dos parques metropolitanos; sem dúvida nenhuma, estes projetos poderiam contribuir positivamente para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, para a recuperação do sistema hídrico natural e para a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos do centro da cidade.

Para a análise do ideário, concepção e formulação do projeto, realizou-se uma leitura crítica dos estudos prévios a sua construção, que incluíam o Plano Zonal do Centro de Bogotá (1986), o Plano Maestro Terceiro Milênio (1998), as Bases do Concurso Arquitetônico de Ideias (1999), a Memória do projeto ganhador, e do Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (2000), que teve, entre suas principais tarefas, o desenho arquitetônico e paisagístico do parque.

Para a análise espacial, estabeleceu-se como estratégia metodológica uma leitura dialética que vai do geral ao particular e vice-versa, por meio de três escalas de análise: a savana-cidade, o centro tradicional e o setor de *San Victorino*, lugar onde está situado o Parque Terceiro Milênio. Em cada uma destas escalas tomou-se como unidade básica de análise a bacia ou sub-bacia hidrográfica. No nível da savana, a bacia do *R. Bogotá*, no nível da cidade, as bacias dos rios *Torça*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, e no nível do centro tradicional, a bacia média dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Com esses objetivos e estratégias metodológicas de pesquisa, o trabalho que se apresenta a seguir divide-se em quatro capítulos. **O primeiro** aborda a construção do conceito de Estrutura Ecológica e sua incorporação como parte fundamental do Plano de Ordenamento Territorial da cidade (Bogotá 2000-2010) e, além disso, indica a maneira como o projeto Parque Terceiro Milênio vincula-se a esta Estrutura como parque metropolitano, essencial na conformação de corredores biológicos prestadores de bens e serviços ambientais. **O segundo** capítulo visa a ilustrar como foi o processo de ocupação da savana da cidade de Bogotá, desde a conquista até os dias de hoje; com este propósito, foram registradas cronologicamente as transformações das manchas, os corredores verdes e de água que fazem parte do sistema natural da cidade, e foram comentadas as implicações que este processo tem no equilíbrio ambiental da cidade.

O terceiro capítulo tem como prioridade estabelecer a relação entre o conceito de Estrutura Ecológica Urbana e os conteúdos dos estudos elaborados dentro do processo de formulação, desenho e construção do Parque Terceiro Milênio. Para tal fim, realiza-se a

análise dos documentos e planos dos três projetos que foram elaborados antes da construção final do Parque e mostram-se os resultados da verificação *in situ* do projeto construído, realizadas pelo autor, durante os últimos três anos. Finalmente, **o quarto** capítulo procura dar uma visão integral da bacia onde se localiza o Parque Terceiro Milênio, com ênfase no processo de ocupação da mesma e a relação entre a área de *San Victorino* e seu entorno; este olhar aborda as transformações físicas, sociais e ambientais mais significativas do setor nos últimos dois séculos.

Pela natureza desta pesquisa e por tratar um projeto localizado em uma cidade que é em alguns aspectos semelhante, mas em outros distante da gênese e realidade das cidades brasileiras, o documento inclui material importante de referência – especialmente em notas de rodapé, fotografias e mapas – com o propósito de aproximar o leitor do contexto histórico e atual da cidade de Bogotá. No mesmo sentido, como a maioria dos textos que se relacionam com o tema tratado estão escritos em castelhano, o autor tomou a liberdade de traduzir a maior parte dos textos citados para o português, com a intenção de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo do presente trabalho.

Assim, este trabalho aspira não somente a ser uma contribuição para refletir sobre o tema ambiental de inquestionável importância, mas também ser uma oportunidade por meio da qual possa se estabelecer uma ponte de comunicação e aprendizagem compartilhada entre os cenários acadêmicos brasileiro e colombiano.

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO.

Antecedentes

Antes de começar com a matéria enunciada no título desta seção, é necessário esclarecer ao leitor o âmbito normativo, institucional e conceitual que permitiu que na atualidade fosse possível afirmar que em Bogotá existe um parque urbano, integrado ao modelo de ordenamento territorial da cidade, por meio do que tem sido denominado Estrutura Ecológica Urbana.

No final da década de 1950², a Colômbia começou um processo de incorporação do tema ambiental no âmbito normativo e institucional, com a criação, nos próprios anos 1950, da primeira Corporação Autônoma Regional³, a conformação do Instituto Nacional dos Recursos Naturais - *INDERENA*⁴ em 1968, e a publicação do Código Nacional de Recursos Naturais Renováveis de Proteção ao Meio Ambiente⁵, influenciado principalmente pelas iniciativas gestadas no âmbito internacional, como o informe encomendado pelo Clube de Roma ao MIT em 1968⁶, e a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em 1972⁷.

Devido a estas ações, o governo do país deu prioridade à institucionalização e regulação do tema ambiental. Porém, durante os anos seguintes, apresentaram-se várias deficiências com relação à gestão dos recursos naturais⁸, que somente seriam superadas na década de 1990⁹, quando se consolidaram algumas iniciativas promovidas pelo Estado, que

² Antes da década de 1950, existiram disposições legais relativas à proteção de água, das florestas e das terras. Por exemplo, a Lei 119 de 1919 tratava da conservação das águas aproveitáveis e os blocos próximos a seus leitos. Porém, somente na década de 1970 o tema institucionalizou-se e adquiriu conceitualização no nível normativo.

³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110 de 1954. “*Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca*”. Bogotá, 1954.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 3ª. de 1961. “*Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la sabana de Bogotá y de los valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR*”. Bogotá, 1961.

⁴ Esse Instituto foi liquidado pela Lei 99 de 1993, e suas funções foram transferidas às Corporações Autônomas Regionais que são entes corporativos de caráter público, integrados por várias entidades territoriais [*Departamentos* (estados), *distritos*, *municipios* e *territórios indígenas*] que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica. Disponível em: <<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

⁵ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2811 de 1974. “*Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente*”. Bogotá, 1974. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 23 de 1973: “*Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones*”.

⁶ Massachusetts Institute of Technology (MIT). *The Limits to Growth*. 1972

⁷ Declaração de Estocolmo de 1972.

⁸ As competências em matéria de gestão do meio ambiente estavam dispersas em várias instituições, dando lugar à duplicidade de funções entre entidades. As ações do Instituto Nacional de Recursos Naturais, *INDERENA*, eram de caráter policial, de controle e vigilância, mas não de planejamento ou ordenamento; e ainda não era suficientemente explícita, no nível normativo, a associação entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

⁹ Nessa época, vale a pena assinalar que no âmbito internacional tinham sido produzidos eventos relevantes com relação ao tema ambiental, como o informe da Comissão Brundtland, “Nosso futuro comum”, que enfatizou a relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, adotando-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

visavam a reforçar a regulação normativa do tema ambiental, efetuar uma reorganização institucional, e oferecer diretrizes ambientais para o planejamento e o ordenamento territorial tanto Nacional como *Distrital*¹⁰.

A primeira das iniciativas foi a publicação da nova Carta Política da Colômbia em 1991, na qual o tema ambiental foi incluído em um capítulo independente, relacionado aos direitos coletivos do povo colombiano; a Constituição consagrou o direito de todas as pessoas de aproveitar um ambiente saudável, e a obrigação do Estado – entre outros –, de proteger a diversidade e integridade do ambiente, conservar as áreas de especial importância ecológica, e prevenir e controlar os fatores de deterioramento ambiental¹¹.

Com o anterior, a Nação abriu um caminho¹² no qual foram de grande importância a reorganização e redefinição das competências das entidades relacionadas com a gestão ambiental, que hoje em dia conformam o Sistema Nacional Ambiental Colombiano – SINA, liderado pelo Ministério do Meio Ambiente, entidade encarregada de promover e facilitar o desenvolvimento sustentável do território e a criação de políticas, planos, programas e projetos sobre o uso sustentável dos recursos naturais renováveis, como a água, o solo e a paisagem¹³.

A Constituição de 1991 também facilitou a expedição de uma lei de Ordenamento Territorial¹⁴ que tinha como propósito o estabelecimento dos mecanismos que permitiram aos municípios promover o ordenamento do seu território, o uso equitativo e racional do solo, e a preservação e defesa do patrimônio ecológico e cultural localizado no âmbito territorial do mesmo¹⁵.

A efetivação desta lei foi feita por meio da implementação de Esquemas¹⁶ e Planos de Ordenamento Territorial nos municípios, que compreendem:

¹⁰ A Constituição Política de 1991 muda o *status* de Bogotá de *Distrito Especial* para *Distrito Capital*. “*Santa Fe de Bogotá* capital da república e do estado de *Cundinamarca*, organiza-se como *Distrito Capital*”. (Artigo 322 da Constituição Política).

¹¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “*De los Derechos Colectivos y del Ambiente*”. Colômbia: 1991.

¹² Neste caminho, o país foi permeável ao cenário internacional, acolhendo os resultados da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992) e respectivos protocolos como o da Agenda 21 e da Declaração do Rio sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

¹³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 99 de 1993. Artigos 1, 2 Título 1. “*Por la cual es creado el Ministerio del Medio Ambiente*”. Bogotá, 1993. No ano de 2002 ao Ministério foram concedidas novas funções e também se modificou seu nome: “*Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial*”. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 790 de 2002. “*Facultades extraordinárias al Presidente de la República*”. Bogotá, 2002.

¹⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. “*Por la cual se modifica la 9ª de 1989 y la ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, 1997.

¹⁵ A Lei 388 de 1997, de Ordenamento Territorial, utilizou duas noções relacionadas com o conceito e recuperação da estrutura ecológica: a primeira referente às áreas de reserva para a proteção do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais e proteção da paisagem; a segunda, relacionada com o solo de proteção, que tem restrição de urbanização, pois pode oferecer serviços ambientais, ou constitui uma área de ameaça ou risco para a construção de assentamentos humanos, ou tem características e valores geográficos, ambientais ou paisagísticos importante para o território.

¹⁶ A Lei 388 estabelece fazer o ordenamento territorial de acordo com o tamanho das cidades assim: **Esquema** para cidades com menos de 100 mil habitantes. **Plano** para cidades com mais de 100 mil habitantes.

[...] o conjunto de ações político-administrativas e de planejamento físico acordadas, que visam a regularizar a utilização, transformação e ocupação do espaço, de acordo como as estratégias de desenvolvimento socioeconômico, em equilíbrio com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais.¹⁷

1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)

Dimensão ambiental no ordenamento territorial da cidade

O Plano de Ordenamento Territorial (POT) do *Distrito Capital*¹⁸ expedido em 2000 procurou manter a coerência com os princípios ambientais constitucionais¹⁹, as recomendações do Ministério do Meio Ambiente e as políticas e diretrizes da lei de Ordenamento Territorial. Motivo pelo qual os estudos técnicos, a conceitualização e a formulação do Plano tinham como eixo central a construção de um modelo, cuja gestão, em teoria, permitiria superar os problemas relacionados à dinâmica de assentamentos humanos e o desequilíbrio entre o suporte natural e as atividades humanas, assim como oferecer as ferramentas para conseguir a equidade, competitividade e sustentabilidade do *Distrito Capital*²⁰.

O modelo mencionado está conformado por três estruturas inter-relacionadas, contidas no que poderia ser denominado um enfoque sistêmico, no qual o componente ambiental ocupa um lugar relevante. Sendo assim, o modelo está constituído pela Estrutura Socioeconômica Espacial, a Estrutura Funcional e de Serviços, e a Estrutura Ecológica Urbana, essa última dando suporte fundamental para as duas primeiras (Figura 1).

¹⁷ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. Artigo 5. “Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones”. Bogotá, 1997.

Nota: A fim de evitar a repetição excessiva do termo “Tradução nossa”, fica o leitor alertado de que todas as traduções nesse trabalho são do autor da dissertação, excetuando-se: a) as citações de obras traduzidas para o português; e b) os próprios textos originalmente publicados nessa língua.

¹⁸ O Plano de Ordenamento Territorial POT define-se como o conjunto de objetivos, diretrizes, políticas, estratégias, metas, programas, atuações e normas adotadas para orientar e administrar o desenvolvimento físico do território e o uso do solo. Artigo 9º. Lei 388 de 1997 pela qual se modificou a Lei 9ª de 1989 e a Lei 3ª de 1991 e são dadas outras disposições. No caso de Bogotá, o POT foi adotado mediante Decreto *Distrital* 619 de 2000, revisado mediante o Decreto *Distrital* 469 de 2003. O Decreto *Distrital* 190 de 2004 compilou os dois anteriores.

¹⁹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “De los Derechos Colectivos y del Ambiente.” Bogotá, 1991.

²⁰ POT, Documento Técnico Suporte, DAPD. página 9. Vale a pena salientar neste ponto que o discurso político das administrações distritais e as premissas que justificam as ações de ordenamento territorial na cidade nos últimos anos têm se justificado invariavelmente em discursos que incluem as premissas “sustentabilidade, equidade, competitividade”; de tal forma que a pertinência e legitimidade de uma decisão política e a avaliação dos resultados deve estar baseada na utilização de um vocabulário consequente com essas três premissas.

A Estrutura Socioeconômica e Espacial compreende:

[...] o centro e a rede de centralidade que concentram atividades econômicas e de serviços, e que estão dispostas sobre o território do *Distrito Capital* para garantir o equilíbrio urbano e rural na prestação de serviços, a coesão social, a integração da cidade em diferentes escalas, e o desenvolvimento econômico.²¹

A Estrutura Funcional e de Serviços:

[...] está conformada pelos sistemas gerais de serviços públicos, de mobilidade e de equipamentos, cuja finalidade é garantir que o centro e as centralidades – que conformam a Estrutura Socioeconômica Espacial – e as áreas residenciais realizem adequadamente suas respectivas funções.²²

Figura 1 – Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

O modelo proposto no POT para a cidade de Bogotá está sustentado por três estruturas básicas: (P1) a E. Socioeconômica e Espacial, (P2) a E. Funcional e de Serviços, e (P3) a Estrutura Ecológica Urbana. Fonte: POT Bogotá Decreto 619 de 2000. (P4) Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) define-se como:

²¹ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 3.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

[...] a rede de espaços e corredores que sustentam e conduzem a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais pelo território, em suas diferentes formas e intensidades de ocupação, dotando ao mesmo de serviços ambientais para o seu desenvolvimento sustentável.²³

A EEU está constituída por uma

[...] rede de corredores ambientais integrados à estrutura ecológica regional, cujos componentes básicos são: o sistema de áreas protegidas, os parques urbanos, os corredores ecológicos e a área de controle especial do rio Bogotá²⁴ (Figura 2).

A referida estrutura é de fundamental importância no modelo de ordenamento devido a seus valores paisagísticos, ecológicos e culturais, e comporta-se como fornecedor de bens e serviços ambientais, constituindo o substrato básico do ordenamento dos usos, das atividades e dos serviços urbanos.

O uso do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no país, como elemento fundamental do modelo de ordenamento do território, remonta a tempos atrás, quando alguns acadêmicos, pesquisadores e profissionais que fazem parte de entidades ambientais começaram a construir o conceito que se apresentou como uma oportunidade de estabelecer uma conexão entre o conhecimento científico dos processos do ecossistema e as práticas de ordenamento territorial²⁵, que permitiram visualizar alternativas de equilíbrio entre as atividades humanas e o suporte natural do território.

²³ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁴ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 1.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁵ Neste sentido, o conceito encontra-se no que tem se denominado urbanismo ecológico, que “controverte as ferramentas convencionais do urbanismo, incorporando noções de capacidade de carga e de suporte de um território, risco, limite ecológico, interações, processos etc.”. Cf. MALDONADO, 2001, p. 6. Com relação ao uso do termo “ecológico” vale a pena citar a explicação dos professores Oseki e Pellegrino: “[...] distinção importante entre dois níveis: o da ecologia e o do ecologismo (ou entre o ecólogo e o ecologista). No primeiro caso, trata-se de uma postura científica, quer se trate de ecologia natural, quer social, e no segundo, de uma prática, de um projeto político de transformação cultural, social e econômica da sociedade moderna [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496)

Figura 2 – Estrutura Ecológica Urbana (EEU).

Da proposta da EEU formulada no POT, o presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Neste sentido destacaram-se os aportes do professor van der Hammen (1975 - 2000), que definiu a estrutura ecológica como um sistema com base na “[...] ecologia, geomorfologia, hidrografia e vegetação original ou o que ainda resta dela numa região”²⁶, e conformado pelo “[...] *geosistema* (que compreende o subsolo e os processos ecológicos), o *pedosistema*, (que faz referência à relação entre o solo e clima, e o *biosistema* (que inclui a totalidade da flora e fauna e dos processos biológicos)”²⁷. (Figura 3).

O professor van der Hammen realizou inúmeras investigações sobre a evolução e

²⁶ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

²⁷ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

vegetação na Savana de Bogotá. A partir deste enfoque sistêmico²⁸, van der Hammen propôs neste trabalho uma estratégia para a recuperação ambiental e florestal desta área, que tinha sofrido um processo de degradação²⁹ desde o período colonial, caracterizado pela modificação da vegetação nativa, do solo e do ciclo hidrológico dos ecossistemas de *páramo*³⁰, *subpáramo*³¹, *bosque alto andino* ou *bosque de encenillo*³² e *bosques de áreas inundáveis*³³. Este processo de degradação, em particular, relacionado como o aspecto hídrico, será tratado mais detalhadamente na seção 2.

A proposta de van der Hammen consistia na recuperação de largas franjas de vegetação nas margens dos rios, os riachos e as zonas úmidas (segundo o Convênio Internacional de *Ramsar*) e a localização de cercas vivas com espécies nativas que fariam uma conexão entre os morros e o *R. Bogotá*, de modo que, formando um tipo de rede vegetal nativa sobre o território – que teria um crescimento natural sem a intervenção do homem – asseguraria-se a recuperação ambiental da Savana e a bacia do *R. Bogotá*.

Os processos ecológicos e as realidades ambientais excedem os limites territoriais estabelecidos administrativa ou politicamente e, por sua natureza, o conceito de EEU desenvolvido por van der Hammen supera a área da Savana de Bogotá, compreendendo também uma proposta de ordenamento que inclui o estado todo de Cundinamarca.

²⁸ A noção de sistema resulta muito mais inclusiva do que a noção de estrutura, pois contribui a entender desde a complexidade, a relação entre os fenômenos naturais e a sociedade. Neste sentido Bertalanffy (1950) é um referencial indispensável sobre o tema de análise sistêmica.

²⁹ Esse fenômeno local, estudado e trabalhado por van der Hammen e Ernesto Ghul, que é reflexo de um desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, não se distingue muito da situação planetária de hoje em dia: “No momento, presenciam-se fenômenos globais inquietantes de desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, tais como: Rupturas de processos bioquímicos e ecológicos antigos, por causa do desmatamento (agrícola e industrial) e de outras práticas rurais e urbanas predadoras de recursos naturais limitados. [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496).

³⁰ “O *páramo* é uma formação vegetal predominantemente *herbácea*, conformada por *grámíneas macollosas* e permeada por *arbustillos* anões individuais e em grupos e por plantas *arrosetadas e caulirrósulas*. A mais característica delas é o *Fraillejón (Espeletia)*. A faixa dos *páramos* encontra-se aproximadamente entre 3.300 – 3.500 manm até 4000 – 4200 m de altitude, máxima altura na região de Bogotá (*Cerro Nevado del Páramo de Sumapaz*), com temperaturas médias entre 4º e 9º e precipitações entre 700 e 2.000 mm.” : (PERÉZ, 2000, passim)

³¹ “O *subpáramo* é uma franja estreita e irregular localizada entre o *bosque alto andino* e o *páramo propriamente dito*, entre 3.300 e 3.600 manm, aproximadamente. Caracteriza-se por *matorrales arbustivos* mais ou menos abertos e está permeada por pequenas árvores do *bosque alto andino inferior*. Trata-se, de fato, de uma franja de transição entre o *bosque* e o *páramo*. Tem sido, porém, classificado como *subpiso*, pois apresenta alguns elementos característicos faltantes na flora do *bosque andino*.”. (PERÉZ, 2000, passim).

³² “Trata-se de um *bosque* de fisionomia muito distinta à do andino baixo, somente com um estrato de árvores pequenas e com alturas entre 3 e 10 m, onde predominam os elementos da família das *Compuestas* [...] Os musgos são abundantes e formam, junto com a *hojarasca*, grossas camadas no solo do bosque, de 20 a 50 cm de espessura, de grande importância no ecossistema e na regulação de água (SALAMANCA, 1984). Encontra-se aproximadamente entre 2.750 – 2.800 até 3.300 – 3.500 manm. Este tipo de *bosque* corresponde, em termos gerais, ao “*bosque úmido e muito úmido montano*” segundo a classificação de Holdridge, com temperaturas médias anuais de 9 a 12º C”. (PERÉZ, 2000, passim.)

³³ “É o *bosque* característico dos atuais vales *aluviales* do *R. Bogotá* e seus tributários, que são especialmente importantes na parte mais baixa do sul da savana, onde se juntam o *R. Bogotá* com vários de seus principais afluentes (*Basillas, Tunjuelo, Soacha e Fucha*) e ali, por este motivo, encontra-se a maioria das zonas úmidas da savana”. (PERÉZ, 2000, passim)

Figura 3 – Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.

Van der Hammen identifica como elementos fundamentais da estrutura ecológica da Savana de Bogotá: 1. os *Cerros Orientales*; 2. os corredores; e 3. o vale aluvial do *R. Bogotá*. Ele propõe a implementação de uma rede verde partindo do sistema hídrico como estratégia de recuperação ambiental da Savana. Fonte: VAN DER HAMMEN, 1998.

Aos aportes de van der Hammen foram agregados outros estudos da Savana de Bogotá, como alguns realizados pela Corporação Autônoma Regional de *Cundinamarca* - *CAR*³⁴ e as entidades universitárias e do *Distrito Capital*. Destes estudos, destacam-se os feitos por Pérez (1975 - 2000), que definiu a EEU como um sistema conformado a partir de quatro elementos: a estrutura *morfopedalógica*³⁵, a biota³⁶, a estrutura hídrica³⁷, e a estrutura antrópica que se traduz no conjunto de atividades e usos desenvolvidos pelo homem no território.

Para responder à problemática de degradação da EEU na Savana, Pérez (2000), propõe uma série de estratégias, procurando recuperar o ecossistema deteriorado, e garantir o equilíbrio entre as atividades humanas, os processos hidrológicos e a conservação dos solos e da biodiversidade. De sua proposta destacam-se a recuperação da cobertura vegetal nos morros, a detenção da construção de assentamentos humanos nos vales aluviais, a criação de corredores de conexão entre os vales aluviais e os morros, a recuperação dos solos erodidos e do sistema de zonas úmidas, a regulação da exploração de águas

³⁴ A divisão político-administrativa da Colômbia está estabelecida por *Departamentos*, equivalentes no Brasil aos Estados. Em nosso caso, Bogotá está localizada no estado de *Cundinamarca*.

³⁵ Constituída por uma área montanhosa e uma área plana, levemente inclinada.

³⁶ Conformada por *bosque andino*, vegetação de *páramo*, vegetação *xerofítica* no sul da savana e vegetação de zona úmida, à base de *juncos*, *cortaderas* e *alisos* nas áreas úmidas.

³⁷ Corresponde à vazão de água da bacia e está conformada por 15 bacias hidrográficas, com suas respectivas microbacias, 27 zonas úmidas naturais e 9 represas de regulação.

subterrâneas, e o planejamento regional dos recursos hidráulicos (PEREZ, 2000, p. 37).

Embora o POT de Bogotá fosse expedido no ano de 2000, (Figura 4), conceitualmente contou com esses aportes que vinham sendo construídos no ambiente acadêmico e institucional, e concebeu o conceito de EEU, espacialmente, como uma rede, conformada, como exposto anteriormente, pelas áreas protegidas, os corredores ecológicos, os parques urbanos e a área de proteção do *R. Bogotá*, e ao mesmo tempo, como um sistema, que na escala distrital está integrado à estrutura socioeconômica espacial e à estrutura funcional e de serviços, e em uma escala maior – integrado por meio dos morros, do *R. Bogotá* e do maciço de *Sumapaz* – à estrutura ecológica regional, sem a qual seria impensável a sustentabilidade de uma cidade como Bogotá, pois essa estrutura fornece serviços ambientais, paisagísticos e culturais³⁸. (Figura 5).

Figura 4 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.

(P1) Para o estado de Cundinamarca e a Savana de Bogotá, a EEU proposta está conformada principalmente pela rede de *parámos* e *bosques* andinos. (P2 Savana do Bogotá). No caso da cidade de Bogotá (P3), agregam-se aos *Cerros Orientales* a rede de corredores ecológicos (Corpos de água) e o vale aluvial do *R. Bogotá*. Fonte: POT *Alcaldia de Bogotá* (Prefeitura de Bogotá).

É necessário salientar que o conceito e ações propostas sobre a EEU e o POT, assim como os estudos feitos anteriormente, têm como principal objetivo ser uma ferramenta que, por meio de um enfoque sistêmico, garanta a sustentabilidade ambiental e a restauração da composição biótica e dos processos ecológicos, estabelecendo um vínculo entre o saber

³⁸ Dos 426.870 ha da Savana de Bogotá, 42.230 ha correspondem a áreas protegidas, 196.000 ha são usados na produção agropecuária e 30.000 ha em áreas urbanas. Contém cinco represas e uma rede de canais de irrigação de 7.500 ha.. *Directrices de la CAR para preservar el medio ambiente y fomentar un desarrollo sostenible en la Sabana de Bogotá*. Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca CAR 2007.

científico, o conhecimento dos ecossistemas e as práticas de ordenamento dos usos e atividades humanas no território.

Figura 5 – O conceito de Estrutura Ecológica no POT.

A EEU está conformada pela rede de (P1) Elementos naturais: 1. *Cerros Orientales*; 2. Corredores ecológicos; e 3. Vale *aluvial* do *R. Bogotá*. Também pela rede (P2) Verde artificial: Parques metropolitanos e Rede viária principal – a sobreposição destas redes configura a (P3) Estrutura Ecológica Urbana da cidade. [Elaborado pelo autor].

Com certeza, para alcançar os objetivos propostos no POT, é preciso conhecer, compreender e atuar na restauração dos processos ecológicos da Savana, nos quais o ciclo de água tem uma importância relevante. Como dito anteriormente – e será tratado mais detalhadamente na seção 2 – o ecossistema original da Savana foi intensamente modificado desde o período colonial até a atualidade: as bacias dos rios foram progressivamente ocupadas por assentamentos humanos, as construções e infraestruturas de serviços, e seus leitos, foram contaminados, desviados e canalizados subterraneamente ou a céu aberto. As zonas úmidas também sofreram uma intensa degradação por obras de urbanização, disposição de águas negras, lixo, colmatagem e gramados, e a vegetação nativa foi trocada por vegetação exótica ou desapareceu. De modo que um dos elementos do ecossistema, como o sistema hídrico, foi modificado drasticamente com a constante impermeabilização da Savana, a construção de redes de esgotos, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, e a contaminação dos corpos de água, principalmente nos últimos cem anos. (Figura 6).

Figura 6 – Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.

(P1) Estrutura Ecológica Original. (P1) A estrutura ecológica estava conformada originalmente por: as manchas de vegetação dos cerros orientais (1), os corredores verdes (2) sobre os corpos de água; e o vale aluvial do *R. Bogotá* (3). (P2). Situação atual (P2). Com o processo acelerado de antropização da Savana a partir do século XX, perderam-se os corredores hídricos (hídricos) que juntavam os cerros orientais com o vale do *R. Bogotá*, motivo pelo qual se perdeu uma parte importante do equilíbrio do ecossistema. (P3) A proposta do POT busca a recuperação da parte do ecossistema perdido. [Planos elaborados pelo autor].

O resultado deste processo não se distingue do que se realiza em outras latitudes do planeta (PELLICER, 1998; HOUGH, 1998). Primeiramente, um aumento substancial dos coeficientes de vazão nas bacias, por meio da

[...] diminuição do tempo de concentração da água e o aumento do nível dos fluxos de vazão hidrogramas de enchente, fenômeno que ademais produz o incremento do nível de inundação da cidade, que está acentuado especialmente em certas áreas, dependendo da morfologia da superfície urbanizada, das características morfológicas do terreno, do tipo de vegetação das sub-bacias que têm sido ocupadas e impermeabilizadas, e da capacidade e distribuição do sistema de esgoto ou drenagem artificial.³⁹

Em segundo lugar, a modificação dos processos relacionados ao sistema hídrico incide na qualidade de água: a precipitação arrasta partículas da atmosfera poluída, a vazão superficial é poluída pela lavagem de ruas, os corpos de água são afetados pelo despejo das

³⁹ A redução do tempo correspondente à metade do que era originalmente, o que repercute negativamente nas bacias naturais nas quais a cidade encontra-se inscrita. (PELLICER, 1998, p. 117)

águas residuais, e os solos contaminados degradam os aquíferos subterrâneos⁴⁰.

Frente a essa situação, necessariamente surge uma pergunta: como se faz efetivo o conceito da EEU, em uma cidade que alterou e eliminou a vegetação original, que impermeabilizou a maioria da superfície ocupada, e que alterou substancialmente seu sistema hídrico?

Para tentar responder a essa pergunta, ao fazer uma leitura do POT, encontramos que as políticas sobre o meio ambiente enunciam, entre outros aspectos:

[...] a otimização [...] no dimensionamento e operação dos sistemas de saneamento básico levando-os a uma condição de economia e eficiência ambiental; a orientação espacial e qualitativa do desenvolvimento das redes e os equipamentos urbanos, sob critérios ambientais [...]; a consolidação funcional e física da Estrutura Ecológica Urbana; e a proteção, conservação, restauração e melhora do potencial ecológico, paisagístico e de lazer oferecido por importantes ecossistemas estratégicos urbanos [...]⁴¹. Frente ao sistema hídrico, enuncia o POT, que as áreas de recarga de aquíferos, os leitos de cheias, nascentes de riachos, várzeas de rios e canais, zonas úmidas, lagos e lagoas devem ser recuperadas e conservadas.⁴²

Instrumentos e conceitos complementares ao POT

Com essa referência, posterior à expedição do POT, o *Distrito Capital* tem desenvolvido ferramentas que pretendem efetivar no território o modelo de ordenamento proposto em 2000, com seus respectivos objetivos, estruturas e subsistemas; nesta linha estão inclusos os Planos *Maestros*⁴³ (Planos diretores) dos quais pode se destacar o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre)⁴⁴, pois tem uma estreita relação com a EEU.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 157. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴² REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 190 de 2004. Artigos 76 e 77. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴³ O artigo 45 do POT define-os: “Os planos *maestros* constituem o instrumento de planejamento fundamental no marco da estratégia de ordenamento da cidade-região; permitem definir as necessidades de geração de solo urbanizado de acordo com as previsões de crescimento populacional e de localização das atividades econômicas, para programar os projetos de investimento setorial a curto, médio e longo prazo”. Assim mesmo no artigo 46, estabelecem-se os Planos *Maestros* Prioritários: de Mobilidade, de Serviços Públicos, de Equipamentos, e de Espaço *Público*. POT Decreto 190. 2004

⁴⁴ O Plano *Maestro* de Espaço *Público* tem como objeto: “[...] Concretizar as políticas, estratégias, programas, projetos e metas relacionadas com o espaço *público* do *Distrito Capital*, e estabelecer as normas gerais que permitam conseguir uma regulação sistemática com relação a sua geração, manutenção, recuperação e aproveitamento econômico, e apropriação social” [e estabelece] “1. Contribuir à consolidação da estrutura urbana através do desenvolvimento de uma rede de espaços públicos, que garanta o equilíbrio entre densidades populacionais, atividades urbanas e condições meio ambientais, de forma que se integrem os elementos do espaço *público* construído com os da EEU”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) apresenta uma proposta que no nível operativo vincula os conceitos de unidade paisagística⁴⁵ e unidade geográfica⁴⁶. A referência destes dois conceitos no documento técnico de suporte do Plano apresenta-se de forma marginal; no caso das unidades paisagísticas limita-se a indicar que

[...] a paisagem visual da cidade está dominada pela silhueta dos morros orientais, e pelos focos visuais criados pelos cursos de água e suas várzeas que relacionam os morros com o *R. Bogotá*⁴⁷; e no caso das unidades geográficas o documento indica que sua disposição espacial corresponde às várzeas de água.⁴⁸

A Figura 7 permite avaliar a distância entre o conceito e a efetivação espacial do mesmo: embora o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre) tenha como propósito a incorporação de um critério ambiental como parâmetro de ordenamento, sem ter em conta as sub-bacias como elementos ordenadores de espaço, enquanto o perímetro das unidades geográficas é determinado como o critério tradicional da divisão administrativa no país, onde o limite entre duas áreas é determinado com o leito dos rios. Em consideração do autor deste trabalho, do ponto de vista ambiental seria mais lógico que o cause dos rios fosse considerado como estrutura espacial central da unidade e não como limite físico da mesma.

Os outros planos maestros do *Distrito Capital* contêm diretrizes relacionadas com a restrição ou proibição da ocupação de áreas que por sua capacidade de prestação de serviços ambientais devem ser protegidas ou que por suas características morfológicas, solos ou possibilidade de enchentes são fatores inapropriados para a construção de assentamentos humanos⁴⁹. Porém, esses planos ainda devem fazer uma contribuição ao desenvolvimento de estratégias para a consolidação de uma rede que articule os parques

Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005.

⁴⁵ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005. Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005. Tomo 2, p. 62. As cinco unidades de paisagem estabelecidas são: 1. De Cordilheira, 2. De borda de Cordilheira, 3. Urbano de traçados contínuos, 4. Urbano descontínuo de periferia, 5. De borda hídrica.

⁴⁶ Unidades geográficas: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusaca. Fonte: *Documento Técnico de Soporte de PMEP*. Parte I numeral 3.2.1. p. 64-69.

⁴⁷ ALCALDÍA, op. cit.

⁴⁸ Denomina-se vazão superficial a água procedente da chuva que circula pela superfície e concentra-se nos cursos. A vazão superficial é função das características topográficas, geológicas, climáticas e de vegetação da bacia e está intimamente ligada à relação entre águas superficiais e subterrâneas da bacia.

⁴⁹ Neste ponto, alguns estudiosos do tema como Camargo (2007) afirmam que em Bogotá DC, apesar dos significativos esforços em matéria ambiental, tem surgido um grande erro de gestão, por terem confundido “proibição de ocupação”, com “proteção do ecossistema”: “Proibir equivale a distanciar todos aqueles usos que teriam que pedir permissão e deixar o espaço livre para aqueles que nunca o pedem. Uma verdadeira conservação implica equipar, promover e administrar uma área de jeito que a sociedade a aproprie com um significado e com usos de acordo com o reconhecimento e conservação do valor ambiental coletivo”. (CAMARGO, 2007)

urbanos (metropolitanos, urbanos e zonais), os corredores ambientais, e a incorporação das sub-bacias como elemento ordenador do território em termos ambientais: Por exemplo, em 2006, quase 50% dos parques metropolitanos e zonais não tinham um plano diretivo ou maestro⁵⁰; esta falência incide diretamente no desconhecimento do compromisso que deveriam ter os investimentos, desenhos e construção, no fortalecimento da EEU; no caso dos corredores ecológicos viários (avenidas arborizadas), naquela época ainda não tinham sido desenvolvidas estratégias específicas de intervenção.

Figura 7 – Unidades geográficas.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) estabelece para a cidade sete unidades geográficas (P1), assim definidas pelo espaço compreendido entre os rios principais: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusacá. Ao colocar o rio como centro das unidades geográficas (P2), seriam as principais bacias hídricas da cidade as que definiriam as unidades geográficas. Dessa forma, o sistema hídrico incrementa seu protagonismo no ordenamento e ecossistema da cidade. 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha 4. Tunjuelito. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

Uma revisão a outros instrumentos de ordenamento e de gestão dos recursos naturais no *Distrito Capital* permite evidenciar que esses têm visado principalmente à proteção dos *Cerros Orientales*⁵¹, das rondas dos rios e canais que fluem a céu aberto⁵², ao

⁵⁰ Segundo um informe sobre o estado dos recursos naturais no *Distrito* expelido pela *Contraloría* em 2006, 47.44% dos parques metropolitanos e zonais estabelecidos no POT nessa época não tinham um Plano Maestro. Informe Contraloría, 2006 p. 152.

⁵¹ Posteriores ao POT estão os seguintes estudos: Plano de ordenamento e manejo dos *Cerros Orientales* - POMCO 2004. Resolução 0463 de 2005. Plano de manejo da reserva florestal e protetora do *Bosque Oriental* de Bogotá, abril de 2006.

⁵² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 456 de 2008. *Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones*. Bogotá, 2008.

tratamento das águas contaminadas do *R. Bogotá*⁵³, e ao melhoramento na eficiência de operação de sistemas de saneamento básico⁵⁴. Porém, ainda falta ser percorrido um longo caminho, pois precisam ser revisadas as estratégias e concretizadas ações que realmente permitam a consolidação de um sistema e uma rede de conexão com os morros, o *R. Bogotá* e a estrutura ecológica regional – por meio dos corredores ecológicos propostos pelo POT – que contribuam positivamente aos processos ecológicos como o ciclo de água por meio de soluções criativas dentro da gestão inovadora das interfaces urbano-naturais⁵⁵, diminuindo a distância entre o conceito de EEU e a cidade construída. (Figura 8).

Figura 8 – A EEU proposta confrontada com a cidade construída.

A EEU da cidade de Bogotá segundo o POT (P1). Estado da rede hídrica principal (P2). O maior desafio que se apresenta para concretizar a ideia de Estrutura Ecológica Urbana é a recuperação dos corredores ecológicos tendo em conta que os rios da mesma, durante o processo de urbanização da Savana, foram canalizados e enterrados. Foto 1: (*R. San Francisco*), em outros casos canalizados com muros de concreto. Foto 2: e/ou controlados com taludes artificiais como no caso do *R. Bogotá*. Foto 3: Fonte: P-1. *Alcaldía de Bogotá POT*, P-2. Autor. Foto 3: *Villegas Ed.* [Fotos 1 e 2 do autor].

Neste sentido, é essencial incluir o conceito de bacia hidrográfica como unidade de análise e instrumento decisivo no ordenamento do território e aprofundar a reflexão e funcionamento da ideia da EEU no *Distrito Capital*. Para conseguir esse objetivo, é preciso

⁵³ POT em seu artigo 66 contempla o empreendimento de programas no marco do “*Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital*”, a saber: Programa de descontaminação do *R. Bogotá*, estudo de modelagem técnico-econômica e guia técnica para o controle ecoeficiente de água em arquitetura e urbanismo, e o programa de uso eficiente de água no setor produtivo. POT. Decreto 190 de 2004. Art. 66. *Plan de ordenamiento y control de la cuenca (POMCA)* del río Bogotá. Resolución CAR 3194 de 2006.

⁵⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2884 de 2007 “*Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA*”. Bogotá, 2007.

⁵⁵ Parafraseando Pellicer (1998). Se você estiver parafraseando um trecho específico, então tem que dar número de página. Se estiver parafraseando a ideia geral, então como está é suficiente.

recuperar a essência dos aportes de autores como van der Hammen e Pérez e ter em conta um par de conceitos que podem ajudar a enriquecer nossa compreensão e gestão sobre a EEU em Bogotá.

Em primeiro lugar, o conceito de paisagem, entendido como expressão sensível [perceptível] da mediação sociedade-natureza⁵⁶, mas também como produto concreto destas relações (BERQUE, 1998)⁵⁷. Esse enfoque implica uma complexa abordagem conceitual enquanto a paisagem é ao mesmo tempo a configuração, ou seja, o processo de construção de uma representação, e também conformação, isto é, processo de construção de sua materialidade (MAGNOLI, 1984)⁵⁸. Os processos da mediação entre a natureza e a sociedade podem ser estudados por intermédio dos padrões culturais⁵⁹ com os quais uma sociedade interpreta, interatua e intervém sobre os elementos naturais ao longo da história; por outro lado, a materialidade da paisagem pode ser estudada por intermédio da identificação dos padrões, a função e as transformações (mudanças) sucessivas na história (FORMAN, 1997)⁶⁰.

Em segundo lugar, o conceito de infraestrutura verde, que se assemelha a EEU em Bogotá, pois compreende “[...] o conjunto de espaços abertos ou áreas verdes que juntam o meio urbano com o campo vizinho” (PELLEGRINO, 2006) e constitui uma alternativa de aplicação dos conceitos da ecologia da paisagem nas áreas intensamente transformadas por processos urbanos. Esse conceito e sua aplicação, como no caso da EEU em Bogotá, oferecem a oportunidade de ir além das práticas do urbanismo convencional, ao incorporar o entendimento de funções relacionadas com a circulação, a acessibilidade, a permanência, a contemplação e a recreação das pessoas nas áreas verdes, assim como as funções de conexão de fragmentos de vegetação, o direcionamento de água com segurança (respeitando o ciclo de água, prevendo assim as enchentes e contaminação do solo e dos

⁵⁶ O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. Meinig (1978) diz que as paisagens mostram-se diferentes em função de quem as observa, dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar. MEINING. In: **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982, p. 107.

⁵⁷ “A expressão sensível de uma *mediância*. Esta, por sua vez, revela o sentido da relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto maneiras de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) os espaços produzidos (isto é, as cidades e os campos historicamente formados)”. (BERQUE apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 488)

⁵⁸ Citado por SANDEVILLE, E. “Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos”. SANDEVILLE, E. In: **Paisagem Ambiente: Ensaio No. 21**, FAUUSP São Paulo, 2006 p. 92.

⁵⁹ Os padrões culturais variam com o tempo, “Considerando um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. SANTOS M. apud NEVES Ezia Socorro Cit. em: **Paisagem Ambiente e sociedade: Ensaio IV**. FAUUSP São Paulo, p. 108. SANTOS, Milton apud NEVES Ezia Socorro. **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, p. 108.

⁶⁰ FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997. (apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002)

corpos de água), o melhoramento de condições microclimáticas, a incorporação de atividades residenciais, educativas, laborais e de lazer, a conservação dos valores e a memória ambiental e estética de uma comunidade⁶¹.

Nesta ordem de ideias, é importante reconhecer a oportunidade que representam os parques urbanos (metropolitanos) - como elementos integrais da rede de EEU, ligados aos corredores ecológicos e às sub-bacias, enquanto contribuem para a consolidação de uma infraestrutura verde na cidade, considerando de maneira integrada os usos urbanos. (Figura 9). Os significados culturais, o melhoramento das condições de microclima, a circulação, a recreação e o equilíbrio com os elementos do ecossistema como o sistema hídrico.

Figura 9 – EEU – Os Parques Urbanos - Metropolitanos.

Todos os parques metropolitanos e a maioria dos parques setoriais estão localizados no centro e sul da cidade, que corresponde à área da população de estratos médio e baixo. O parque Metropolitano *Simón Bolívar* é o maior em extensão (113 ha) e o parque de *La Independencia* é o mais antigo (1910). Fonte: P-1 e Foto 1: autor; Foto 2: Sociedade de *Mejoras* e Ornato, Bogotá 1538-1938. Bogotá, 1938.

1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU

Como foi indicado nas páginas anteriores, os parques urbanos e os corredores ecológicos são considerados elementos que fazem parte da rede da EEU (Figura 10)⁶²: os parques, por serem áreas verdes de uso coletivo que possuem funções sociais, de lazer e de equilíbrio ambiental, e os corredores ecológicos por meio da várzea dos rios e das vias urbanas, cumprem uma função de conexão ecológica no interior do *Distrito Capital* e com a

⁶¹ PELLEGRINO, 2006, p. 59-60.

⁶² De acordo com o POT: “Os Parques *Distritales* correspondem àqueles espaços verdes de uso coletivo que atuam como reguladores do equilíbrio ambiental, são elementos representativos do patrimônio natural e garantem o espaço livre destinado ao entretenimento, contemplação e lazer para todos os habitantes da cidade. Organizam-se hierarquicamente e em forma de rede para garantir a cobertura da cidade toda, e envolvem funcionalmente os principais elementos da estrutura ecológica principal para melhorar as condições ambientais no território urbano todo”. POT Decreto 190 de 2004, Artigo 243.

região⁶³.

Os parques urbanos no Distrito Capital estão classificados seguindo o modelo, sob critérios de tamanho e uso, de forma que podem ser identificadas cinco categorias⁶⁴ vão da escala regional à escala de bairro. Em cada uma destacam-se as funções sociais, culturais, paisagísticas e ecológicas que têm essas porções do território.

De maneira consistente com o modelo planejado, os parques que têm uma importante função ambiental, social e paisagística, como os denominados metropolitanos em teoria⁶⁵, deveriam estar ligados aos corredores ecológicos viários ou das várzeas dos rios, garantindo dessa maneira a continuidade dos processos ecológicos. O Parque Terceiro Milênio pertence, segundo o modelo de ordenamento, à categoria de parques metropolitanos e, por conseguinte, os critérios de sua gestão, concepção e projeto deveriam ter coerência com esse modelo. Porém, sua localização deve ter conduzido os profissionais e gestores que fizeram sua implementação à necessidade de criar uma alternativa entre o modelo e a realidade da cidade construída.

O parque encontra-se localizado no centro da cidade, no ponto intermediário entre os *Cerros Orientales* – reserva ambiental da cidade⁶⁶ –, (Figura 11), e no começo do percurso a céu aberto – canal artificial – do R. *San Francisco* (*Carrera 24*), em uma área caracterizada por uma profunda degradação urbana, paisagística e social, onde confluem as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, que foram enterrados durante os processos de urbanização que datam de quase um século atrás; essas condições, sem dúvida alguma, devem ter imposto um desafio no que se refere à consolidação da EEU no centro da cidade e a concepção e desenho do parque, como peça fundamental desta estrutura.

⁶³ Os Corredores Ecológicos estão definidos assim: “São áreas verdes lineais que seguem as margens urbanas e os principais componentes da rede hídrica e rede viária arterial como parte do controle ambiental das mesmas e para incrementar a conexão ecológica entre os demais elementos da EEU, desde os *Cerros Orientales* até a Área de Controle Especial do rio Bogotá e entre as áreas rurais e as urbanas”. POT Decreto 190 de 2004 Artigo 98.

⁶⁴ Como anteriormente indicado, três destas categorias estão classificadas segundo o POT como parte da EEU, onde predomina nelas uma função ecológica, e as outras duas categorias (parques de vizinhança e de *bolsillo*) estão classificadas como parte do sistema de *espacio público*, já que nestas predominam os usos de recreação passiva ou ativa em nível local.

⁶⁵ Definidos pelo POT, como áreas livres que cobrem uma superfície superior a 10 hectares, destinados ao desenvolvimento de usos recreativos ativos e/ou passivos e à geração de valores paisagísticos e ambientais, cuja área de influência abarca o território da cidade toda. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 243. Numeral 2. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁶⁶ “Os *Cerros*, segundo o POT conjuntamente com o rio Bogotá e os solos rurais do D.C. conformam um contínuo ambiental e protegido ao redor da cidade, cuja finalidade principal é evitar os processos de conurbação com os municípios vizinhos” ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 469 de 2003. Artigo 16. *Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C.* Bogotá, 23 dic. 2003.

Figura 10 – Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.

Os parques urbanos incluem além destas, outras duas categorias de parques de menor escala que não estão incluídas na EEU segundo o POT, mas fazem parte do Sistema de Espaço Público (livre). Art. 243 Dec. 190 2004. São eles: os parques de vizinhança – áreas livres, destinadas à recreação, reunião e integração da comunidade, que cobrem as necessidades dos bairros; e os parques *de bolsillo*, áreas livres com uma modalidade de parque de escala de vizinhança, que têm uma área inferior a 1.000 m², destinada fundamentalmente à recreação de crianças e pessoas da terceira idade. O presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Para poder entender o que significou esse desafio, é preciso, antes de tudo, aprofundar-se em uma compreensão da cidade e desta área sob o conceito de paisagem e infraestrutura verde, em perspectiva histórica, tendo em conta principalmente a bacia

hidrográfica como unidade de análise; em segundo lugar, analisar quais foram os critérios ambientais e paisagísticos com os quais foi concebido e desenhado o Parque Terceiro Milênio, a fim de identificar as dificuldades ou desafios que ainda deveriam ser assumidos; em terceiro lugar, fazer um delineamento das ferramentas de reflexão e estratégias que poderiam contribuir para uma maior aplicação do conceito da EEU no Parque Terceiro Milênio. O conteúdo das páginas seguintes procurará cobrir esses temas, com a intenção de oferecer algumas reflexões que poderiam ser úteis na academia e na gestão do modelo de ordenamento territorial do *Distrito Capital*.

Figura 11 – Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.

P-1. Centro de Bogotá: 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *Bolívar* (Centro Histórico). 3. Centro Internacional. 4. Cidade Universitária. 5. *Ciudadela* da saúde. 6. R. *Fucha*. P-2. Setor *San Victorino*. 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *San Victorino*. 3. Parque dos *Mártires*. Fonte: Google Earth.

2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.

“¡Tierra buena!! Tierra buena! / ¡Tierra que pon fin a nuestra pena! /
 ¡Tierra de oro, tierra abastecida, / tierra para hacer perpetua casa, /
 tierra con abundancia de comida / tierra de grandes pueblos, tierra rasa, /
 tierra donde se ve gente vestida, / tierra de bendición, clara y serna, /
 tierra que pone fin a nuestra pena!”
 Juan de Castellanos

A cidade de Bogotá está localizada na Cordilheira Oriental da Colômbia sobre um altiplano que teve como origem um antigo mar “A Savana de Bogotá originou-se a partir de um grande lago conhecido como “*Mar de Humboldt*”⁶⁷, que data de aproximadamente 40.000 anos”. Segundo a mitologia *Muisca*⁶⁸, foi *Bochica*⁶⁹ quem, com uma varinha, drenou o lago no lugar conhecido como “*Salto de Tequendama*”⁷⁰. (Figura 12). Dando origem ao cenário natural atual.

Figura 12 – *Mar de Humboldt* – “*Salto de Tequendama*”.

Quando chegaram os espanhóis, a Savana “era um conjunto de grande lagos e pequenos pântanos que avançavam em direção ao *R. Bogotá* e uma dezena de rios que recolhiam também mais de sessenta pequenos rios e riachos que vinham dos morros da capital”. *Contraloría de Bogotá*, 2001. O *Salto de Tequendama* é uma cachoeira natural (com 157m de altitude) formada pelo *R. Bogotá* na parte baixa da Savana de Bogotá. Foto 1: Fredy Gómez. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

⁶⁷ No começo do período *Cuaternario*, “O rico Planalto de Bogotá estava coberto por águas, que formavam um grande lago, de mais de 25.000 km quadrados de extensão”. (VAN DER HAMMEN & GONZÁLEZ, 1963).

⁶⁸ Assim chamaram os espanhóis aos aborígenes da Savana, ao distorcer a voz indígena “muexca” (homem) por mosca - abundam como moscas - que depois transformou-se em *Muisca*. Estes pertenciam ao grupo linguístico dos *Chibchas*, grupo com influência na área compreendida entre Centro América e o norte do Peru. (IRIARTE, 1988, p. 19)

⁶⁹ *Bochica*, *Nenquetebe* o *Zuhé*, deus da mitologia *Muisca*, encarregado de regular a chuva. Atribui-se a ele a origem do *Salto del Tequendama*.

⁷⁰ A versão do cronista Lucas Fernández é a seguinte: “Do *Bochica* referem em particular muitos benefícios que fez pra eles, como por exemplo, as inundações do rio *Funza* (Bogotá) onde intervir a arte de *Huythaca*, se alagou a Savana ou pampa de Bogotá [...] até que chegou o *Bochica* e com uma bengala ferindo numa serrania, abriu caminho às águas... e se formou o *Salto de Tequendama*”.

FERNANDEZ, Lucas apud RODRIGUES, Camilo et al. *El agua, en la Historia de Bogotá*. Bogotá: EAAB-VILLEGAS Ed., tomo I, 2003, p. 49.

2.1 Cenário natural da cidade

A Savana de Bogotá e seus primeiros moradores

Os conquistadores encontraram um cenário perfeito para se acomodar na Savana de Bogotá: terras planas e cultivadas, água em abundância (rios, lagos e zonas úmidas), riqueza em comida, sal, ouro e esmeraldas, e uma população organizada social e economicamente, em termos sociopolíticos, por meio de aldeias hierarquizadas e centralizadas, em quatro confederações *Bacata* (Bogotá), *Hunza* (Tunja), *Tundama* (Duitama) e *Sugamuxi* (Sogamoso⁷¹). Em termos econômicos, a partir dos povos vinculados ao comércio do sal - *Teusa*, *Nemocón* e *Zipaquirá* - e em termos agrícolas e religiosos, a partir dos corpos de água.

Os povoados *Muisca* estavam localizados perto dos rios e dos lugares alagadiços, com fins de aproveitamento agrícola⁷²; o sucesso das safras foi associado com a ação de água, e em consequência esta adquiriu um caráter sagrado, como provedora de vida e fertilidade. Assim, diversos eventos e rituais da vida dos nativos tinham como elemento central a deusa da água *Sie* ou *Sai*; o nascimento, a puberdade da mulher, a cerimônia de “[...] correr a terra, a consagração do *Jeque*⁷³ e a morte do *Cacique* tinham rituais relacionados com a água”⁷⁴. (Figura 13).

É preciso descrever brevemente dois desses eventos, para ilustrar o significado que tinha a água entre os *Muisca*: o primeiro tinha relação com o nascimento dos filhos; “Quando – as mulheres – vão a parir, fogem se conseguem das pessoas e vão se esconder perto de um rio, para em parindo [sic] entrar nele e se lavar junto com o seu parto”⁷⁵, depois de dar a luz, consagravam o recém-nascido à deusa *Sie* por meio de um ritual. O segundo era feito quando os *Caciques* comemoravam uma festa em homenagem à água: os homens realizavam um percurso, partindo da lagoa de *Ubaque*⁷⁶. Ao finalizar o percurso, todos os

⁷¹ A confederação de Bogotá era a mais poderosa e maior do território *Muisca* à chegada dos espanhóis, mas parece que este domínio se conseguiu poucos anos antes da conquista do *Cacique Suguanmachica* (1470-1490), que começou a expandir seu território por meio de campanhas bélicas contra *Fusagasugá*, *Guatavita*, *Ubaque* e *Tunja*. (ZAMBRANO, 1998)

⁷² Eidt, R. comprovou na Savana a existência de *camellones* que J. J. Parsons encontrou como antigos “*campos de cultivos*” nas serranias aluviais e alagadiças do rio *San Jorge* (Cultura *Sinú*). (GUHL, 1981)

⁷³ A estrutura social dos *Muisca* estava conformada por: os *Zipas* que ocupavam a parte superior da pirâmide social, seguidos pelos *Caciques*, que estavam encarregados de governar as confederações; depois estão os sacerdotes *Jeques* representantes da classe religiosa; depois os guerreiros e por último os artesãos, costureiros, trabalhadores das minas e do campo. Disponível em: <http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm>. Último acesso em: 21 fev. 2009.

⁷⁴ (EAAB, 2003, tomo I, p. 40)

⁷⁵ SIMÓN, Pedro apud PATINO, 1993, passim.

⁷⁶ “Saíam do vale de *Ubaque* e toda aquela terra, com as pessoas da Savana Grande de Bogotá, começavam estação desde a lagoa de *Ubaque*. Os habitantes de *Guatavita* e todos os demais daqueles vales, e os que vinham da jurisdição de *Tunja*,

Caciques, capitães e demais indígenas reuniam-se na lagoa de *Guatavita*⁷⁷ para continuar as festividades durante três dias.

Figura 13 – Território e Lagoas Sagradas da Cultura Muisca.

O território *Muisca* (Linha vermelha) abarcou boa parte do altiplano *Cundi-boyacense* (Cor verde) do qual faz parte a bacia alta do *R. Bogotá* (cor verde escura). Em preto, a área ocupada por Bogotá. No setor leste da Savana (*Cerros Orientales*) destaca-se a constelação de Lagoas Sagradas: 1. *Ubaque*; 2. *El Verjón (Teusacá)*; 3. *Siecha*; 4. *Guasca*; e 5. *Guatavita*. A lagoa de *Iguaque* (6), gênese da vida *Muisca*, está localizada na área central do altiplano. [Plano 1 elaborado pelo autor, baseado em Plano de Botiva Contreras].

Os cinco lugares sagrados onde os *Muisca*s consagravam-se a suas divindades aquáticas são: as lagoas de *Guatavita*, *Guasca*, *Siecha*, *Teusacá* e *Ubaque*⁷⁸. Segundo a mitologia *Muisca*, a criação dos homens estava associada à lagoa de Iguaque. Foi ali onde tinha saído à madre *Bachué* com um menino que, quando adulto, teve com ela centenas de filhos, que povoaram o mundo⁷⁹.

Entre os *Muisca*s, a água não teve somente um valor como recurso indispensável para a agricultura e como deidade vinculada a diversos rituais, mas como elemento com propriedades terapêuticas. As noções *Muisca*s sobre a água como elemento sagrado, e como líquido com propriedades terapêuticas⁸⁰, perderam importância com a chegada dos

vassallos de *Ramiriquí*, a começavam desde a lagoa grande de *Guatavita*". SIMÓN, Pedro apud Triana (EAAB, 2003, tomo I, p. 41)

⁷⁷ Situada a 75 km de Bogotá, numa altitude de 2.688 manm, faz parte do grupo de lagoas *sagradas* "Algumas pequenas lagoas regadas na mesa recordam a existência do antigo mar. Tais são as de *Guatavita* e *Guasca* ou *Siecha*, rodeadas de *derrumbes* quase desprovidos de vegetação. Estas foram antes águas sagradas, e os *Caciques* e os *sacerdotes*, seguidos pela multidão dos adoradores, a passeio nelas em balsas, para honrar os gênios e lhes oferecer presentes." (RECLUS, 1958, passim).

⁷⁸ RESTREPO, Vicente. *Los Chibchas antes de la conquista Española*. Bogotá: Imprenta La Luz, 1895. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 38.

⁷⁹ LONDOÑO, 2008.

⁸⁰ EAAB, 2003, tomo I, p. 52.

espanhóis, que tinham uma relação com a água determinada em boa parte por uma visão utilitária, como poderá ser observado posteriormente.

Sob as características antes descritas e os padrões culturais dos *Muiscas* com relação à água – quando chegaram os espanhóis – a Savana ainda era uma área pantanosa; além dos corredores de vegetação que acompanhavam os leitos dos rios, desenvolviam-se manchas de um bosque leve⁸¹ e manchas de água conformadas por pântanos e extensos lagos, que modificavam seu tamanho segundo a época do ano e período de chuvas: março-abril-maio e setembro-outubro-novembro, e períodos secos: dezembro-janeiro-fevereiro e junho-julho-agosto, e estavam geralmente cobertos por uma abundante vegetação nativa⁸².

A estes corredores e manchas de água e vegetação somavam-se manchas e superfícies, produto da antropização da paisagem⁸³, constituídas pelas confederações de *Sugamuxi*, *Hunza*, e *Bacata* (Bogotá), essa última confederação que possivelmente contaria com aldeias como *Suba*, *Tuna*, *Tibabuyes*, *Usaquén*, *Teusaquillo*, *Cota*, *Engativá*, *Bacata* (*Funza*), *Fontibón*, *Techo*, *Bosa* e *Soacha*⁸⁴, com *Bohíos*⁸⁵ e *Camellones*⁸⁶, de campos de cultivo, e uma população aproximada de 500 mil habitantes⁸⁷. Os corredores de água partiam da mancha verde que ocupava os morros circundantes, onde se desenvolvia um bosque andino, denso, alto vigoroso e concluíam no grande corredor do *R. Bogotá*, que percorria de norte a sul pela linha média da Savana de Bogotá. (Figura 14).

Como foi dito na seção anterior, a Savana de Bogotá tem 15 bacias que drenam seu território; sobre o extremo sudeste da Savana, na porção que ocupa atualmente a cidade de Bogotá, distinguem-se quatro bacias, (Figura 15). A primeira, localizada na zona norte, que corresponde a *Torca*, onde estão os riachos de *Bárbara* o *Trujillo*, *Delicias del Carmen*, *El Cóndor*, *El Cedro*, *San Cristobal*, *La Cita*, *La Floresta* e *Torca*. A segunda, correspondente ao *Salitre*, onde nascem os riachos do *Arzobispo*, *Las Delicias*, *La Vieja*, *Los Rosales*, *Los*

⁸¹ “A Savana mesma era um lago, depois um pântano e não tem sido capaz de sustentar um bosque desenvolvido alto e vigoroso”. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸² Vegetação de: *Sauces*, (*Sambucus nigra* L) *Cortaderas*, (*Gynerium sagittatum*), *Plegadera* (*Lachemilla aphanoides*), *retama*, (*Citissus* Sp) *Espadilla* (*Gladiolus*), *Juncos* (*Schenoplectus Californicus*), *Buchón de agua* (*Eichhornia crassipes*), *Totorá* (*Typha latifolia*), *Cebolleta de pantano* (*Allium neopolitanum*), *Poleo* (*Satureia brownei* Sw) e *Cola de caballo* (*Equisetum bogotense* Kunth).

⁸³ Segundo Ghul, o espaço disponível para assentamentos humanos permanentes teve que ser limitado. “Ainda que os espanhóis (Jenny 1948) encontraram a Savana de Bogotá carente de árvores, há razões fundadas para acreditar que a vegetação de prados é antropogénica e não devida a fatores ecológicos e que a vegetação primitiva e original foi predominantemente *boscosa*”⁸³. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸⁴ Aldeias em sua maioria localizadas sobre a superfície que hoje ocupa Bogotá, e seus municípios anexos como *Soacha*, *Funza*, *Cota* e *Chía*; com os que se dão atualmente fenômenos de conurbação.

⁸⁵ *Bohío*: *Cabana de madeira coberta de canas, ramas ou palha*. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁸⁶ “O vocábulo ‘*camellón*’ deriva de ‘*camello*’, que significa lombo de terra que fica entre sulco e sulco do arado.” (CARRASQUILLA, 1989, p. 206)

⁸⁷ RECHEL-DOLMATOFF, 1984, p 97.

Molinos, La Carrera (R. Negro), Usaquén (Q. La Perdida). A terceira, *Fucha*, correspondente à parte sul dos *Cerros Orientales*, desde o páramo da *Cruz Verde* até *Monserate*, área na qual, entre outros, nascem os rios *San Cristóbal* e *San Francisco*, que recebe os afluentes de riachos como o de *San Bruno, La Cabaña, La Osa, Plazuela, Laureles, San Blas* e *Ramajal* e o *R. San Agustín*, que nasce no morro de *Guadalupe*. A quarta, correspondente a *Tunjuelo*, cuja nascente está na lagoa dos *Tunjos*. Duas bacias unem-se aos anteriores: o sistema conformado pelo *H. La Conejera* situado ao noroeste da cidade, que corresponde à vazão proveniente do *Cerro de Suba*; e o sistema correspondente ao vale do *R. Teusacá* cuja nascente está no *Páramo del Verjón* e dirige-se ao nordeste para o Vale de *Sopó*⁸⁸.

Vegetação potencial da bacia alta do <i>R. Bogotá</i> (Savana de Bogotá)	
<i>Páramo</i>	Limite <i>Bosque Andino</i> e de páramo, Zona Baixa de páramo, <i>Paramerización</i>
<i>Bosque Andino</i> alto	<i>Bosque encenillo</i> (<i>Weinmannia tomentosa</i>).
<i>Bosque Andino</i> baixo	<i>Bosque Corono</i> (<i>xylosma spiculiferum</i>), <i>Espino</i> (<i>Duranta mutisii</i>) e <i>Raque</i> (<i>Vallea stipularis</i>), <i>Bosque</i> da Planície de <i>Palo Blanco</i> (<i>Rosedendrom donell smithii</i>), <i>Raque</i> e <i>Arrayán</i> (<i>Myrcianthes leucoxylla</i>), <i>Bosque</i> de <i>Mano de Oso</i> (<i>Oreopanax floribundum</i>) e <i>Gomo</i> (<i>Cordia</i>), <i>Bosque Roble</i> (<i>Tabebuia rósea</i>).
Vegetação Zonas secas	Moita <i>Tuna</i> (<i>Opuntia ficus</i>) e <i>Hayuelo</i> (<i>Dodonea viscosa</i> , Moita ou <i>Bosque</i> baixo de <i>Espino</i> e <i>Condalia</i> .
<i>Bosque</i> Z. Inundáveis	<i>Bosque</i> Inundável de <i>Aliso</i> (<i>Alnus glutinosa</i>), Moita Inundável de <i>Laurel</i> <i>Laurus nobilis</i>
Vegetação Z. Úmidas	Comunidades de <i>Juncos</i> , <i>Enea</i> etc. Comunidades flutuantes de <i>Buchón</i> (<i>Eichhornia crassipes</i>), Comunidades de vegetação submersas.

Figura 14 – Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.

A mancha verde dos *Cerros Orientales* estava constituída por vegetação de *Paramo*, *Bosque Andino* Alto e Baixo. Os corredores verdes eram constituídos por vegetação de zonas secas, bosques inundáveis e vegetação de zonas úmidas. Infelizmente restaram apenas pequenos redutos da vegetação original. O presente quadro complementa-se com a figura 3.

⁸⁸ A identificação das bacias tem sido realizada a partir dos documentos: “*Cerros de Bogotá*” VILLEGAS Ed. p. 99, e anotações obtidas de cartografia por parte do autor do presente trabalho.

Figura 15 – Bacias hidrográficas de Bogotá.

A cidade tem quatro bacias principais (P-1): 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha e 4. Tunjuelito. Dentro da bacia do Fucha (P-2) situa-se a sub-bacia do R. San Francisco (cor verde escura) 1. R. San Francisco, 2. R. Fucha. Sobre a bacia do R. San Francisco localiza-se a zona histórica da cidade e o Parque Terceiro Milênio-PTM (P-3): 1. Q. San Diego, 2. R. San Francisco, 3. R. San Agustín, 4. R. San Cristóbal. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

Os novos ocupantes da Savana. Fundação e colônia.

Jiménez de Quesada fundou em 1.538 a cidade de *Santafé de Bogotá*, junto aos *Cerros Orientales* e do lado do riacho de *San Bruno* – afluente do R. San Francisco – na área de *Teusaquillo*, lugar de lazer dos *Zipas*⁸⁹, fornecida com abundante água, lenha e terras férteis, conforme as prescrições de fundação de povoados⁹⁰. Os *Cerros Orientales* foram aproveitados como barreira natural de proteção frente aos ventos predominantes, como ponto de vigilância para se prevenir frente aos possíveis ataques dos inimigos⁹¹ e como fonte de extração de madeiras, material indispensável para a construção das edificações e a produção de energia calórica.

⁸⁹ O soberano mais importante foi o *Zipa*, que morava em *Bacatá* (*Funza*); era venerado por seus súditos, possuía grandes riquezas, joias e usufruía de casas de recreio sendo a de *Teusaquillo* a mais importante. (IRIARTE, 1988 p. 31)

⁹⁰ Estas orientações seriam recolhidas e formalizadas pela “*Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias...*”. Apesar de que as *Ordenanzas* de fundação de povoados de Felipe II foram expelidas em 1573, consideram-se também aplicáveis ao caso *bogotano*, pois apesar da diferença de 35 anos entre a fundação de Bogotá (1538) e a expedição das leis, seus lineamentos em matéria de traçado e aproveitamento dos recursos naturais vinham sendo aplicados nas fundações espanholas. (MILAGROS, 1985)

⁹¹ “O que maravilhou aos conquistadores do território *Muisca*, segundo as crônicas a respeito, foi a Savana, não os morros. De fato os primeiros acampamentos espanhóis se levantaram na Savana e somente foi sua preocupante vulnerabilidade o que os levou a trocar de lugar. Assim, a primeira valoração que os espanhóis deram aos *Cerros Orientales* deveu-se à possibilidade de aproveitar suas características topográficas para se proteger.” (VILLEGAS Ed, 2000, p. 125)

Enquanto o assentamento dos povoados indígenas estava localizado nas áreas próximas aos vales de inundação, onde podia ter um aproveitamento agrícola por meio de sistemas de drenagem e camellones, na fundação espanhola escolheu-se um lugar no qual houvesse proximidade aos corpos de água, mas distante das zonas de inundação. O traçado da cidade teve como suporte uma estrutura em xadrez (quadrícula de 100x100 *jardas*⁹²) na qual o espaço central correspondia à Praça Maior, ao redor desta construíam-se as edificações do poder religioso, político e econômico⁹³. O novo assentamento estava localizado entre os rios *San Francisco* e *San Agustín*, que tinham a função de delimitar naturalmente e também de dar água à população recém-assentada.

Como foi mencionado anteriormente, para os espanhóis, os rios tiveram um valor meramente utilitário. As ordenanças de fundação de populações prescreviam o seguinte em relação à proximidade da cidade com os corpos de água: “Procurem ter água por perto, e que possa ser levada ao povo e *heredades*⁹⁴, derivando-a, se for possível, para melhor aproveitamento da mesma”⁹⁵. (Figura 16).

Conforme as ordenanças, as partes altas dos rios foram aproveitadas para a movimentação de moinhos e os primeiros precários aquedutos da cidade: no fim do século XVII, a cidade contava com a água da pila da Praça Maior, que recebia água dos rios *San Agustín* e *Fucha*, “o chafariz de *San Agustín* derivado da *Q. La Peña*, o chafariz de *San Juanito*, alimentado pelo *R. Arzobispo* e também era abastecido por este mesmo rio o chafariz de *Las Nieves*”⁹⁶. Nesta metade do século XVIII, construiu-se o aqueduto que recebeu o nome de Água Nova⁹⁷, que tomou suas águas da sub-bacia alta do *R. San Francisco*.

Nas partes baixas, apesar de acordos da Real Audiência⁹⁸ para evitar o deterioramento da água⁹⁹, os rios foram convertidos em cloacas, depósito de lixo e fezes.

⁹² *Jarda*, medida *anglosajona* equivalente a 0.9 metros. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁹³ “A Praça tem tido na história de Ocidente um claro valor comunitário: tem sido, e ainda é em muitos casos, o lugar para o encontro da comunidade ou de alguns setores especializados dela. [...] A praça é um âmbito público, geralmente descoberto, expressão da escala urbana [...]”. A praça é a herança que deixou na América o traçado da cidade romana: o plano da cidade baseia-se no cruzamento ortogonal de dois eixos: o *Cardo* e o *Decumanu*, em cujo cruzamento define-se um ponto central da cidade. A partir de sua disposição define-se o restante da traça que contém um sistema de espaços públicos, onde os foros conformavam um sistema em que se incorporavam numerosas praças e espaços abertos com prédios monumentais. Em ditos espaços abertos desenvolvia-se a vida pública do cidadão em todas as suas manifestações. (PERGOLIS, 2002, p. 14 e 26)

⁹⁴ *Heredades. Carrasquilla*.

⁹⁵ Livro IV, Título VII, lei primeira. Recompilação de leis dos *Reynos das Índias*. Boix Editor. Madrid, 1841, p. 102. A primeira recompilação das leis foi publicada em 1680. (EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60)

⁹⁶ EAAB, 2003, tomo I, p. 89.

⁹⁷ O aqueduto dos *Laureles* passou a ser chamado de Água Velha.

⁹⁸ A Real Audiência de *Santafé* de Bogotá foi inaugurada no dia 7 de abril de 1550 para concentrar o poder de governar o território e a administração da justiça real no âmbito de sua jurisdição, e substituiu a autoridade do governador pela de um corpo colegiado composto por seus magistrados. A Audiência governou como tal até 1563. (MAYORGA, 2002)

Com o crescimento da cidade, as edificações foram se ajustando e se acomodando ao formato do percurso do rio, sem uma solução diferente à de oferecer a este suas empenas cegas, ficando somente um talude em deficientes condições de higiene como espaço de transição entre a edificação e o leito ou fluxo da água do rio. Por outro lado, as terras próximas aos pântanos e às zonas úmidas não foram ocupadas pelos espanhóis devido ao fato de que, em período de chuvas, inundariam a cidade e também eram consideradas foco de animais venenosos. Sobre este último aspecto, as prescrições de fundação de povoados estipulavam: “Ordenamos que o terreno e cercanias [...] não tenham por perto lagoas nem pântanos onde se criem animais venenosos”¹⁰⁰.

Figura 16 – Relação da cidade com seus corpos de água. Colômbia.

No final do Século XVIII a cidade tinha superado a barreira natural de seus corpos de água (rios *San Francisco* e *San Agustín*) (P-1). Os corpos de água sofrem a ocupação de suas rondas (Imagem 1) e a diminuição do volume de água, produto do alto desmatamento dos *Cerros Orientales* (Imagem 2). Plano 1: “Vista da parte ocidental da cidade de *Santafé*”, de Joseph Aparicio Morata, 1772. Imagem 1: Óleo “Vista do R. *San Francisco*”, de Luis Núñez Borda, 1910. Imagem 2: Pintura “Savana de Bogotá”, de Roberto Pizarro, 1915.

Os espanhóis tinham a mesma percepção negativa sobre os bosques que ocupavam os morros, considerando-os uma fonte de pestilência e doenças¹⁰¹. Este bosque foi desaparecendo progressivamente devido à extração da vegetação, pois a lenha desta

⁹⁹ A primeira norma de proteção dos corpos de água em Bogotá foi o Acordo 8 de março de 1557 no qual se ordenava, entre outras coisas, que “em dito rio [*San Francisco*] não lavem, nem joguem, nem deixem jogar nenhum tipo de imundícias, antes o proibam e mandem as penas que acharem melhor [...]”. (EAAB, 2003, tomo I, p. 65)

¹⁰⁰ Livro IV, Título VII, lei primeira. “*Recopilación de Leyes de los Reynos de las Indias*”. Madrid: Boix Editor, 1841, p. 102. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60.

¹⁰¹ “Juan de Castellanos, em 1520, considerou que o bosque nativo era um criadouro de pestilências e encarregou várias quadrilhas de destruí-lo; em 1575, o governo espanhol empreendeu uma perseguição contra os *Nogales* (*juglandaceae Juglans*), por ser a árvore que os indígenas adoravam”. (MOLINA, 1997, passim)

vegetação era um material indispensável para a construção e a produção de energia calórica. Em meados do século XVI estabeleceu-se um serviço obrigatório de *Mita de Leña*¹⁰², que foi posteriormente abolido e trocado pelo serviço de *leñateros* independentes.

Os padrões culturais de relação utilitária entre os novos povoadores com os corpos de água e o recurso florestal determinaram de maneira significativa as características particulares da paisagem durante os três séculos seguintes.

No fim do século XVIII, embora na paisagem fossem predominantes as manchas da vegetação dos depredados *Cerros Orientales*, os corpos de água e os corredores conformados pelas quatro bacias. As duas várzeas dos rios *San Francisco* e *San Agustín* encontravam-se já flanqueadas por uma mancha urbana medianamente homogênea e compacta¹⁰³ que somente estava interrompida pelo percurso destes rios, expandindo-se e diluindo-se na Savana de Bogotá. A *Q. San Deigo* ou *Burburata* ao norte, e a *Q. San Juanito* ao sul atuaram como novos limites naturais. Além dessa mancha na cidade, que se diluía com seus hortos sobre a Savana, localizavam-se as áreas de caráter rural, primeiro os *Ejidos* e *Dehesas*¹⁰⁴, depois os povos de índios¹⁰⁵ de *Suba*, *Usaquén*, *Tunjuelo*, *Fontibón*, *Soacha*, os quais estavam sob o domínio da Coroa Espanhola.

Na paisagem do fim do século XVIII, sobre a Savana de Bogotá evidenciavam-se alguns corredores de mobilidade sobre o território. Estes melhoraram com a construção de *camellones* destinados a facilitar o transporte de pessoas e mercadorias de e para as cidades e povoados do Novo Reino. Sua execução teve como finalidade mitigar¹⁰⁶ o efeito das inundações durante os períodos de chuva: ao norte, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usaquén-Zipaquirá-Tunja*, que posteriormente complementou-se com o *Camellón del Norte* (hoje, Autopista Norte), traçado com cinco varas de largura (4 m) e em linha reta de *San*

¹⁰² Serviço obrigatório exigido às comunidades indígenas, para aportar à cidade, uma cota determinada em cargas de lenha. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 139-140)

¹⁰³ É importante esclarecer dois fatores que faziam que esta mancha não fosse em termos absolutos compacta e homogênea: Por um lado, a tipologia das moradias coloniais corresponde à de casa de pátio, a qual continha no seu interior pequenos hortos ou jardins de caráter doméstico, e por outro lado, ademais havia numerosos hortos que aumentavam sua frequência, conforme a cidade diluía-se na Savana.

¹⁰⁴ O *Ejido* e a *Dehesa*, “[...] campos sem cultivar adjacentes com os lotes da cidade, utilizados para recreação dos vizinhos e como terra de gramados [...]”. (AGUILERA, 1977, p. 37)

Em sua sessão de 12 de janeiro de 1571, o *cabildo* estipulou os limites para a *dehesa* e o *ejido* de Bogotá. (CARRASQUILLA, 1989, p. 21)

¹⁰⁵ O processo de colonização marcou como estratégia para a ocupação e controle do território a fundação de “povoados de brancos” (espanhóis) e “povoados de índios”. A ordenança 36 das leis *de índias* diz: “E que sejam povoados de índios e naturais a quem se possa pregar o evangelho, pois este é o principal fim para que mandassem fazer os novos descobrimentos e povoados”. (GUZMAN, 1987, p. 24)

¹⁰⁶ Apesar dos esforços técnicos, nos períodos de inverno, o *Camellón* do Norte e o *Camellón* de Ocidente convertiam-se em lodaçais durante o período de chuvas.

Diego (Bogotá) até a Ponte do *Común*¹⁰⁷ (*Chía*); no oeste, consolidou-se o caminho *Bogotá-Fontibón-Honda*¹⁰⁸ (hoje, *Av. Jiménez* ou *Calle 13*); no sul, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usme- Llanos Orientales* (hoje, *Av. Caracas*); no noroeste, os caminhos *Bogotá-Suba* e *Bogotá-Engativá*; finalmente, no sudoeste, o caminho *Bogotá-Soacha – Fusagasugá* (hoje, Autopista Sul).

O *Camellón* do Norte tornou-se a primeira obra de infraestrutura que alterou o sistema hídrico da cidade ao subdividir uma zona úmida e impedir a continuidade dos corpos de água que desciam dos morros. Para sua construção – parcialmente concluída em 1807 – foi necessário elevar o terreno para encher os sulcos deixados pelos corpos de água que atravessavam o caminho¹⁰⁹. Em um plano de 1805, evidencia-se o traçado do *Camellón* do Norte, atravessando sobre 15 corpos de água que compreendiam vários rios, riachos e as zonas úmidas de *Torca* e *Guaymaral*¹¹⁰.

2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural

Os rios são poluídos. Cidade nuclear. Independência e república.

O início do século XIX marcou o fim da colônia; em 1810 deu-se a independência do país, que foi confirmada em 1819. Este fato não marcou nenhuma transformação no que se refere ao tema central deste documento, enquanto a mancha urbana continuou crescendo com a mesma inércia da colônia e a atitude frente ao entorno natural manteve as mesmas práticas negativas que tanto dano causaram ao ecossistema original. (Figura 17).

Como mencionado anteriormente, durante os séculos XVI ao XVIII, executaram-se obras para a construção de caminhos e *camellones*, entre os quais se destacou o *Camellón* do Norte; porém, devido ao fato de que os *camellones* foram construídos sobre áreas de inundação, os povoadores espanhóis e seus descendentes *criollos*¹¹¹ foram obrigados a

¹⁰⁷ Esta foi a única obra de infraestrutura de transporte herdada do período colonial. Atualmente seu traçado corresponde ao da *Carrera 13* e *Autopista Norte*.

¹⁰⁸ Este caminho foi adequado como *camellón* durante o século XVI, cuja construção foi motivada por enchentes do *R. Bogotá*. “Estava o rio tão crescido por esses dias que chegava até *Techo*, junto ao que tem *Juana de Aranda* por estância. Era tão grande a enchente que não havia caminho livre por onde passar, e para ir desta cidade (*Santafé de Bogotá*) a *Techo*, havia tanta água e tantos pântanos [...]”. Era necessário atravessar para o ocidente com ajuda de balsas. (FREILE, 1926, p. 114)

¹⁰⁹ CARRASQUILLA, 1989, p. 206.

¹¹⁰ “Plano em que se manifesta o caminho que passa por *Usaquén* e novamente projetado em *Derechura* (linha reta)”. Arquivo General da Nação. Bogotá: 1805.

¹¹¹ “*Criollo* (do português *crioulo*, e este de criar) é um termo que historicamente foi utilizado no passado colonial sob a metrópole espanhola para designar ao habitante nascido na América de descendência exclusivamente de padres espanhóis ou de origem espanhola. Em meados do século XVIII controlavam boa parte do comércio e da propriedade agrária, pelo que tinham um grande poder econômico e uma grande consideração social, mas estavam deslocados dos principais cargos políticos

enfrentar as impetuosas águas dos rios que inevitavelmente reclamavam seu vale original de inundação durante os períodos de chuvas. Era assim que o *Camellón* do Norte inundava-se nas épocas de inverno, razão pela qual durante a segunda década do século XIX, ele tinha sido abandonado pelas *recuas*¹¹² e os ginetes¹¹³. Por outro lado, as enchentes dos rios produziam grandes estragos, entre os quais se incluíam a morte de alguns animais domésticos, a destruição ou danos ocasionados nas pontes e a inundação das ruas e edificações da cidade¹¹⁴. Vale a pena salientar neste ponto que, para a condução das águas de chuva, criou-se na cidade, em 1890, o Ramo das Águas Sujas e dispuseram-se alguns mandatos com relação ao controle das águas de chuva¹¹⁵.

Figura 17 – Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.

Para a época da Independência (1810), a cidade contava com 21.000 habitantes e ocupava uma área de 241 ha (Densidade 87.1 hab./ha). Seu crescimento era lento e compacto (P-1). A cidade mantém como eixos principais os caminhos coloniais (P-2) 1. Do sal - Tunja, 2. “*Camellón* do Norte”, 3. Suba, 4. Engativá, 5. Fontibón, 6. Soacha, 7. Usme. Destes três destacam-se: o caminho a Tunja, *Calle Real* (1) chegando à Praça Maior e duas alamedas que têm como ponto de convergência a Praça de San Victorino. A alameda velha, “*Camellón* do Norte” (2) e a alameda nova, caminho a Fontibon, (3) plano (P-3). Plano 1: Carlos Francisco Cabrer, 1797. Plano 3: Julio C. Vergara e Vergara, 1921. [Plano 2 feito pelo autor].

a favor dos nascidos na Espanha. Qualificava-se também de *criollo* o indivíduo nascido de *criollos*”. Disponível em: <www.wikipedia.com>. Último acesso em: 17 mar. 2009.

¹¹² Recua, “*Grupo de cabalaria ou gado que vão juntos*”. (EL PEQUEÑO..., 2001)

¹¹³ O Pacificador, Pablo Morillo deixou constância do estado do caminho em 1816-17 “O *lodoso* do terreno não tem permitido acabar esta obra que está traçada sobre o terreno”. (MARTÍNEZ, 1976, p. 150)

¹¹⁴ Em abril de 1710, o rio *San Agustín* teve uma enchente como produto de uma forte granizada, que inundou as ruas e as edificações e estragou duas pontes (p 92). Em outubro de 1814, uma avenida do rio *San Agustín* inundou várias edificações, destruiu a ponte de *Lesmes* localizado na XX, com XX e produziu outros estragos (p 127). Em 1870, o rio *San Agustín* teve uma grande enchente que levantou pedras sobre as pontes que o atravessavam (p. 179). Em 1872, produziu-se uma gigantesca enchente de todos os rios que sulcavam a cidade, todas as pontes da cidade foram arrasadas, à exceção da ponte do *San Francisco* e de *San Victorino*, e a ocasião serviu para que os cadáveres dos réus, na Colônia, se jogassem em suas águas, já que se consideravam indignos de sepultura eclesiástica. (EAAB, 2003, tomo I, p. 181)

¹¹⁵ *Concejo* (Câmara) Municipal. Acordo 18 e 21 de 1890. (EAAB, 2003, tomo I, p. 245)

Com relação à mancha de vegetação sobre os *Cerros Orientales*, é preciso dizer que, em meados do século XIX, tinha diminuído significativamente a tal ponto que o nível da água dos rios que enchiam os aquedutos da cidade estava notavelmente reduzido. (Figura18). De fato, um artigo da Gazeta Médica de 1865 indicava:

Bogotá se ressentia já pela escassez de águas vivas¹¹⁶ que vêm da cordilheira a formar o que chamamos os rios *San Francisco*, *Manzanares* (*San Agustín*) e *Fucha*, cujos leitos dão a conhecer a quantidade de água que corria neles em outros tempos, e que hoje em dia tem sido reduzida a uma porção insignificante e insuficiente para arrastar os imensos depósitos de infecção coletados em suas margens [...] Esta diminuição da quantidade de água dos córregos e dos rios se relaciona com os desmatamentos praticados para fornecer lenha e carvão, único combustível que se consome entre nós.¹¹⁷

Figura 18 – Cerros Orientales. Desmatamento.

Depois da independência a cidade manteve os mesmos vícios herdados da colônia. Continua com a invasão das rondas dos rios e o secado de suas águas (Foto1). Os morros estavam desmatados e as águas negras eram transportadas por pequenos canais a céu aberto situados na parte central das ruas, como se observa no *Daguerrotipo “La Calle del Observatorio”*, do Barón Jean Baptiste, 1842 (Foto 2) e na foto da “*Calle de San Carlos*” atribuída a Demetrio Paredes, 1985 (Foto 3).

Assim, ao comparar a paisagem de finais do século XVIII com a paisagem de finais do século XIX apresentam-se poucas diferenças no que diz respeito à relação da cidade com o sistema hídrico superficial. Porém, vale a pena salientar algumas diferenças: por um lado a

¹¹⁶ Abundante água que flui de forma natural.

¹¹⁷ ZERDÁ, L. apud EAAB, 2003, tomo I, p. 167.

homogeneização das superfícies relacionadas com as sub-bacias dos riachos de *San Diego* e *San Juanito*, os quais no plano da cidade de 1885¹¹⁸ aparecem praticamente cobertas pela mancha da cidade (especialmente a *Q. San Diego*), a superação dos limites da cidade para o oeste, superando o limite gerado pela confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín* e o surgimento de uma incipiente mancha urbana no setor de *Chapinero*, e seu corredor viário que determinaram o posterior crescimento de Bogotá ao norte.

À diminuição da cobertura vegetal sobre os *Cerros Orientales*, a ocupação da cidade sobre os corpos hídricos e a construção de caminhos e *camellones* somaram-se um par de elementos associados às manchas e corredores vegetais, que modificaram a paisagem no final do século XIX, a plantação de Eucaliptos e a transformação de praças como parques urbanos; os primeiros associados aos limites das propriedades e os segundos associados a um projeto político da República.

Os corpos de água murcham-se. Cidade bipolar. Meados do século XIX.

Mesmo que não tenha se estabelecido com precisão a chegada das primeiras sementes de Eucalipto à cidade, alguns registros mencionam que em 1893 plantaram-se os primeiros Eucaliptos no povoado vizinho de *Soacha*¹¹⁹. Três opções de semear foram utilizadas para a localização dos Eucaliptos nas fazendas: a primeira, conformando os limites das propriedades; a segunda, conformando portões e caminhos de acesso às fazendas simulando alamedas; a terceira, como manchas de bosques de árvores destinados à indústria madeireira. A plantação de Eucalipto marcou o início de uma significativa modificação da paisagem da cidade e a Savana de Bogotá, além de secar os solos sobre os quais foram colocados.

Com relação ao segundo elemento, a partir da segunda metade do século XIX se inicia o processo de transformação das praças coloniais por “Parques-jardim”¹²⁰: (Figura 19), nestes parques semearam-se jardins divididos por caminhos em uma rigorosa distribuição geométrica, cujo centro tinha por remate uma escultura ou elemento emblemático e seus limites configuravam-se a partir de um gradil de ferro. Essa transformação evidenciava uma intenção política do governo de finais do século XIX, que consistia em reforçar o sentido

¹¹⁸ Anônimo. Plano de Bogotá feito em 1885. In: MEJÍA, Germán et al. **Histórico de Bogotá 1791-2007**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá: 2007, p. 38.

¹¹⁹ “Segundo Pérez Arbeláez em 1893, Don Pepe Urdaneta plantou o primeiro Eucalipto da Savana de Bogotá no seu sítio em Soacha; outras fontes (Ernesto Guhl) dizem que o Eucalipto foi importado de Nova York pelo presidente Murillo Toro e plantado pelos habitantes da Savana em seus sítios e nos *Cerros Orientales*. Seja como for, esta não foi uma boa ideia, porque uma variedade de Eucalipto (*Eucaliptus Globulus*) resseca o solo em que habita, e parece ser uma das causas da desertificação paulatina que sofre a Savana”. MOLINA, L.F., op.cit., 1995.

¹²⁰ O projeto “Obras de Ornato para a Praça de Bolívar”, elaborado por Jorge Brunch em 1862, é testemunha desta nova visão sobre os espaços públicos da Bogotá de meados do século XIX. (LEÓN, 2008).

patriótico e o respeito pelas instituições, por meio do qual “os novos parques foram convertidos em instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis”¹²¹.

Figura 19 – As praças tornam-se parques.

As praças coloniais de Bogotá sofreram uma transformação significativa no final do século XIX e começo do século XX, época na qual se incorpora o conceito de parque urbano. A Praça Maior (Praça de *Bolívar*) era um espaço com solo duro e sem árvores (Imagem 1). Em 1861 suprimiu-se o mercado semanal e constrói-se um parque com árvores e zonas verdes (Foto 2). Em 1883 são agregadas quatro fontes (Foto 3). Em 1959 recupera-se sua aparência original, projeto do arquiteto Fernando Martínez Sanabria (Foto 4). Imagem 1. Aquarela Edward Mark (Detalhe), 1846. Foto 2: 1916. Foto 3: Luis Trejos, 1916. [Desenhos e Foto 4 do autor].

As terras pertencentes às fazendas de *El Salitre*, *La Chamicera*, *Chapinero*, e *La Merced* durante o século XIX, as quais estavam destinadas principalmente aos usos de lazer, pecuário e agrícola, com cultivos de “*pan coger*”¹²², contribuíram para que boa parte da savana se mantivesse como uma extensa superfície verde com áreas de pântanos e “*cercas vivas*”¹²³, sem a penetração da mancha urbana. Esta situação pode ser atribuída ao fato de que a propriedade da terra estava concentrada em poucas mãos que as mantinham congeladas¹²⁴.

A exceção a esta condição foi marcada pela vila de *Chapinero*, localizado a 5.8 km de Bogotá, mancha que começou com um incipiente processo de ocupação urbana para a segunda metade do século XIX, devido principalmente à construção de uma capela católica (1875) que atraía peregrinos de Bogotá e à localização de 30 a 40 casas e Vilas de

¹²¹ Estas intenções estiveram enquadradas num projeto político que passou à história do país como o da *Regeneración*. “A *regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do *Estado Nacional*. Ideologicamente ela deu início para que os princípios do *conservatismo* (partido político de direita) fossem impostos desde o poder do estado” (MEJÍA, 1999. p. 208).

¹²² Cultivos em pequena escala, que têm como objetivo suprir o sustento diário de seus cultivadores.

¹²³ Corresponde ao plantio de árvores utilizadas para delimitar as propriedades.

¹²⁴ Carrasquilla (1989) indicou que pelo menos 2.900 *fanegadas* (quadrado de 80 m. de lado, 6.400 m²) de terreno da zona do nordeste (da superfície que hoje ocupa Bogotá) estavam congeladas para efeitos de urbanização.

Recreio¹²⁵, assim como de numerosas habitações *pajizas*¹²⁶. (Figura 20). Uma guia de Bogotá descreveu o assentamento de *Chapinero* como lugar de lazer assim: “A pureza do ar e das águas, a beleza de seus campos, a cercania à cidade e a facilidade dos banhos atraem durante o ano as famílias de todas as classes sociais”¹²⁷.

O crescimento de *Chapinero* foi estimulado pela construção da linha do bonde de mulas em 1885 e posteriormente o bonde elétrico em 1910, que facilitou a comunicação com o centro de Bogotá, além da subdivisão por sucessão dos prédios que faziam parte da fazenda de *Chapinero*, durante a primeira metade do século XX.

Quanto à relação entre os corpos de água e a vila de *Chapinero*, o novo assentamento requeria o abastecimento de fontes de água, o que implicou a construção de um novo aqueduto¹²⁸. No aspecto paisagístico, o crescimento da mancha urbana durante os primeiros anos do século XX gerou processos semelhantes aos que teve Bogotá com relação aos percursos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Figura 20 – Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.

Em 1894 a cidade contava com 95.000 habitantes. Nesta época mantinha a mesma inércia de crescimento herdada da colônia, a novidade mais importante foi o surgimento da aldeia de *Chapinero*, ao norte da cidade sobre o caminho a *Tunja*, que posteriormente tornaria-se o bairro de recreio preferido pelas elites *bogotanas*, (P-2). Assentamento que foi favorecido pela construção do bonde em 1884 (Foto 1), a construção da igreja católica (*Lourdes*) em 1890 e das Vilas de recreio (Foto 2). Plano 1: W. A. e J. M., 1908. Plano 2: (detalhe) da *Oficina de Longitudes*, 1913.

¹²⁵ *Vila de Recreio*.

¹²⁶ Moradia precária construída com materiais vegetais.

¹²⁷ “*Almanaque y guía ilustrada*”. 1881. (MARTÍNEZ, 1976, p. 151)

¹²⁸ Uma reforma do *Ramo de las Águas* de 1886 declarou como propriedade do distrito de Bogotá os riachos de “*La Vieja*” e “*Chapinero*”. O contrato para a construção do aqueduto com canos de ferro para a cidade em 1886 contemplou a construção de redes para esta zona; em 1912 abriu-se um concurso para o esgoto de *Chapinero* e em 1913 incorporou-se a Q. *La Vieja* a este aqueduto.

Na década de 1860, os *Ejidos* da cidade ofereceram-se em um leilão como parte de uma ação política de *desamortización* de bens de mãos mortas, empreendidas pelo general Mosquera¹²⁹. Essa ação abriu o caminho a um processo de subdivisão, venda e sucessão de terras, que concluíram com a urbanização dos lotes correspondentes às antigas fazendas imediatas ao centro urbano. Dessa forma dava-se início a um lento, porém progressivo, processo de ocupação das várzeas dos rios e zonas úmidas da periferia da cidade.

O sistema hídrico, apesar dos corredores de mobilidade que começaram a marcar descontinuidades nos leitos dos rios e a relativa homogeneização de algumas superfícies das sub-bacias – devido à mancha urbana no fim do século XIX e começo do XX – é em parte a razão para que a porção restante da Savana de Bogotá, objeto deste estudo, mantivesse relativamente estável seu sistema hídrico. Porém, as infraestruturas correspondentes ao bonde de mulas, e posteriormente bonde elétrico, e a construção das linhas do Trem do Ocidente¹³⁰ (1889), Trem do Norte¹³¹ (1898) e o Trem do Sul (1903) contribuíram entre outros fatores¹³² para acelerar o processo de expansão da mancha urbana da cidade.

2.3 A cidade enterra seus corpos de água

Canalizam-se e enterram-se os principais rios. Cidade lineal. Início do século XX.

Nos primeiros anos do século XX, ainda quando a população urbana tinha crescido aproximadamente 5 vezes em comparação à população de 1800, a cidade mantinha seu processo de expansão dentro da estrutura herdada da colônia. Porém, devido a seus problemas de salubridade e de mobilidade, foram manifestados os primeiros esforços normativos para regular o desenvolvimento urbano da cidade¹³³.

¹²⁹ Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) foi um militar, político, reformador e diplomata colombiano, e que foi Presidente da Nova Granada (1845-1849) e dos Estados Unidos de Colombia (1861-1864 e 1866-1867). "Por meio do Decreto de *desamortización* de bens de mãos mortas, expropriou os bens que pertenciam a comunidades religiosas que não podiam ser colocados à venda. As comunidades que se opuseram a este decreto foram abolidas [...]. As terras expropriadas passaram às mãos do Estado, que as vendeu ao melhor comprador. Desse modo, a lei não favoreceu aos camponeses sem terras já que os bens expropriados foram adquiridos por ricos comerciantes e latifundiários. Disponível em: <<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>>. Último acesso em: 19 dez. 2008.

¹³⁰ Em 1908 o Trem da Savana (do oeste) conectou a cidade com o porto (fluvial) de Girardot sobre o rio Magdalena. (IRIARTE, 1988, p. 147)

¹³¹ Essas datas correspondem à conexão férrea de Bogotá com outros povoados da Savana: com Facativita em 1889, com Zipaquirá em 1898 e com Sibate em 1903.

¹³² Outro fator de influência neste processo deve ter sido a subdivisão, sucessão e venda das fazendas, assim como a venda da área correspondente aos antigos *Ejidos* da cidade.

¹³³ "A primeira delas foi o Acordo 10 de 1902, que regulamentou as construções, a abertura de ruas e a urbanização de terrenos. Seguiu-lhe o Acordo 6 de 1914, que regulamentou especificamente as urbanizações, ou seja, a adequação de

Em 1912, a “fronteira natural” ao oeste da cidade estava definida pelas zonas úmidas e pelas áreas de inundação da Savana. Essa foi uma das razões pelas quais a cidade manteve seu crescimento na parte baixa da encosta dos *Cerros Orientales* no sentido norte-sul. Nesta época, a mancha urbana tinha incorporado novos rios e riachos: ao norte, Q. *San Diego*, R. *Arzobispo*, Q. *Las Delicias* e Q. *La Vieja*; ao sul, a Q. *San Juanito* e Q. *La Calera*. (Figura 21). Os rios *San Francisco* e *San Agustín* apresentavam um alto grau de deterioramento e contaminação, e por esta razão, iniciaram-se as obras de canalização dos mesmos, aspecto que será tratado mais detalhadamente na seção 4.

Além das manchas verdes, fazendas e parques urbanos comemorativos de finais do século XIX, em 1910, por motivo da celebração do centenário da independência também se planejaram novos espaços verdes para a cidade, como a construção do Parque de *La Independencia*, localizado no leste do Parque do *Centenario*¹³⁴, que foi cenário de exibição de uma exposição cujo propósito era mostrar os novos avanços tecnológicos que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida em Bogotá e também fazer um chamado à industrialização da cidade.

Figura 21 – Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.

Em 1912 a cidade contava com 121.257 habitantes e ocupava uma área de 530 ha (densidade 228.7 hab./ha). Ao consolidar-se *Chapinero* como polo de crescimento, apareceram novos bairros no eixo de conexão com o centro, (P-1), esta configuração de “cidade lineal” afetou os corpos de água que desciam dos Morros. Destacam-se as manchas das zonas úmidas (P-2): 1. *Torca*, 2. *Guaymaral* 3. *La Conejera*, 4. *Juan Amarillo*, 5. *Jaboque*, 6. *Santa María del Lago* 7. *Capellánía* 8. *La Vaca*, 9. *El burro* e 10. *Tibanica*, com suas áreas de inundação. As manchas e corredores verdes (P-3) mantêm-se na margem dos rios e zonas úmidas e na cidade como alamedas, os Morros mantêm seu alto nível de desmatamento. Plano 1: Gregorio Hernández, 1913. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

terrenos para a construção. O Acordo 15 de 1917 criou a Junta de Obras Públicas Municipais, encarregada de regular a aplicação das normas”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹³⁴ Para maior informação consultar MARTINEZ; DUENAS et al., 2006, p. 6-29.

Em 1923, a cidade contava com 143.994 habitantes¹³⁵, a mancha urbana homogênea e compacta tinha se estendido para o leste sobre a linha do bonde e da ferrovia, finalizando no setor de *Paiba*, nas imediações da Estação da Savana¹³⁶. A esta mancha somava-se outra no oeste da cidade e sobre o caminho a Fontibón (*Calle 13*) e a *Calle 10*, correspondente ao bairro obreiro *Ricaurte*, que limitava no costado sul com o *R. San Francisco*.

É preciso esclarecer que nesta época a cidade estabeleceu como “unidade” de crescimento o bairro – obreiro ou residencial – que mantinha o traçado em xadrez herdado da cidade colonial, com seu respectivo centro definido por um parque ou praça, elementos que conferiam identidade, e ao redor deste estabeleciam-se equipamentos religiosos, educativos, de saúde e assim por diante.

No sul do centro histórico, segundo um plano de 1932, aparecem novas manchas urbanas, correspondentes aos bairros, *San Javier*, *La María*, *San Cristóbal*, *20 de Julio* e *Sur América*. No sudoeste, atravessando a linha do bonde do leste, observava-se a adesão dos bairros populares, *Restrepo*, *Santander*, *Libertador*, *Bravo Pérez* e *Santa Lucía*. Ao norte, a mancha da cidade estendeu-se muito mais do que no sul, gerando uma configuração lineal, associada às linhas do bonde elétrico e o Trem do Norte, corredores aos quais se aderiram manchas urbanas entre as que se destacaram os bairros *Quesada*, *Sucre* e *Chapinero*. Sobre o corredor viário da *Calle 68* que se projetava para o noroeste da cidade, também se observavam assentamentos projetados, como o bairro *Colombia*, *Gutt*, *Las Granjas*, *La Paz*, *7 de Agosto* e *Uribe Uribe*.

Vale a pena esclarecer neste ponto que as manchas urbanas que apareceram nas primeiras décadas do século XX podem ser atribuídas ao crescimento populacional, os processos de subdivisão e venda das antigas fazendas e vilas de recreio – fator que estimulou os processos de urbanização empreendidos pela empresa privada, que ofertava cômodas moradias para as elites no norte da cidade – à promoção de projetos de residências para obreiros, em primeira instância orientadas pelas organizações de beneficência¹³⁷ e posteriormente como parte das políticas da administração estatal e da cidade¹³⁸, e finalmente às possibilidades que ofereciam os sistemas de transporte público

¹³⁵ Censo da população da República da Colômbia realizado no dia 14 de outubro de 1918.

¹³⁶ Estação de trem, localizada sobre a *Av. Centenario (Calle 13)* com *Carrera 20*, inaugurada em 1917. Construção de estilo neoclássico, desenhada pelo engenheiro William Lidstone. (CORPORACIÓN...; ESCOBAR et. al., 2004, p. 304)

¹³⁷ Projetos de moradia de obreiros promovidos pelas organizações de Beneficência. SALDARRIAGA, A. Inédito

¹³⁸ O primeiro pronunciamento do Estado colombiano com relação ao problema da moradia foi a lei 46 de 1918 pela qual se dá uma medida de salubridade pública e se provê a existência de habitações higiênicas para a classe proletária. SALDARRIAGA, A. *Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX*. In: **Vivienda social**. Bogotá: CEJA, 2003, p. 27.

motorizado, que ingressaram à cidade na década de 1930 e contribuíram durante as seguintes décadas para a expansão tentacular e atomizada da mancha urbana no noroeste e sul da cidade¹³⁹.

Apesar da relação da mancha urbana com os corpos de água, o traçado dos bairros atuais e projetados durante a década de 1920 adotaram os rios como limites, sem dar soluções de transição entre as margens dos cursos de água e as edificações, como se no futuro o destino da malha urbana fosse completar sua homogeneidade do outro lado do percurso, passando indiferente sobre o corpo de água. Assim o evidenciaram os traçados de vários bairros projetados da cidade em 1932: ao norte, o bairro *El Retiro* com a *Q. De La Carrera*, o bairro *Rionegro* com o rio de mesmo nome, os bairros *Quinta Camacho*, *La Concepción*, *Colombia* e *Las granjas* com a *Q. La Vieja*, os bairros *Rosario*, *La Paz* e *San Fernando* com o *R. Salitre*, os bairros *Santa Teresita*, *Palermo* e *La Constructora* com o *R. Arzobispo* e o bairro *Teusaquillo* com a *Q. Tequenusa*; no centro-oeste, o bairro *Puente Aranda* com o *R. San Francisco*; finalmente os bairros projetados ao sul da cidade, *Girardot* com a *Q. San Juanito*, o bairro *Santa Ana* com a *Q. Teñidero* e o bairro *Restrepo* com o *R. San Cristóbal (R.Fucha)*

Certamente – igual ao período colonial e republicano – a mancha da cidade em malha americana continuou desconhecendo os leitos dos corpos de água que depois ficariam cobertos pela mancha urbana (vias e edificações) com o passar do tempo. A única exceção a esta condição foi constituída por alguns parques urbanos que incorporaram a água como objeto de lazer e contemplação, mas que igualmente estavam condenados a desaparecer com o passar dos anos: esse foi o caso dos parques de *San Diego*¹⁴⁰, *Luna Park*¹⁴¹ e *Lago Gaitán*¹⁴². (Figura 22).

¹³⁹ A partir da década de 1930, começaram a se formar cooperativas de transporte público de ônibus. Se bem que nesta época a extensão e cobertura das rotas não superavam a dos bondes. Na década de 1940 a diferença começava a se fazer visível: o crescimento do número de ônibus passou de 200 a 1522 unidades, entre 1931 e 1949, em comparação ao número de bondes, que decresceram de 73 a 65 unidades nas mesmas datas. (MARTINEZ; DUEÑAS, 2006, p. 6-29)

¹⁴⁰ O Parque de *San Diego* (1883) localizado na *Carrera 7a* com *Calle 26*, antes de se converter no emblemático parque do *Centenario* (1886), tinha um pequeno lago associado à várzea da *Q. de la Burburata*, que se perdeu com a realização das obras.

¹⁴¹ “Aproximadamente em 1923, Nicolás Liévano (*Compañía de Desarrollo Urbano*) construiu o parque de atrações *Luna Park*. Represou o rio *Fucha* com uma comporta situada na atual *Carrera 21*, com o que conseguiu um estupendo lago de águas cristalinas que chegava até a atual *Avenida Caracas*”. Foi o principal espaço de recreação para os habitantes do sul da cidade. Infelizmente, “A empresa fechou em 1942 e o lago foi recheado com os escombros dos distúrbios de 9 de abril de 1948”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

¹⁴² O Parque *Gaitán* (1922), localizado na *Calle 77* com *Carrera 15*, continha um pequeno lago e espaços verdes, e por um tempo foi centro de recreação do norte da cidade. Infelizmente, foi fechado e depois urbanizado na década de 1950. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

Na paisagem no oeste da cidade mantinham-se as manchas das zonas úmidas¹⁴³, e as áreas inundáveis nas quais se destacavam as de *Guaymaral, Torca, La Conejera, Capellanía, Santa María del Lago, Jaboque, Juan Amarillo, de Córdoba, Del Burro, De la Vaca, de Techo e Tibanica*. Assim como os lagos *Los lagartos*, ao norte, e *La Florida*, no oeste.

Figura 22 – Parques recreativos para Bogotá.

Em 1920, Bogotá contava com 230.000 habitantes. Surgem novos bairros no noroeste e sul da cidade (P-1). Há assentamentos que não obedecem a um plano urbano, razão pela qual a imagem é de uma “cidade fragmentada”. Como espaços de lazer aparecem: em 1922, o parque Lago *Gaitán* (Foto 1) e, em 1923, o parque *Luna Park* (Foto 2), o primeiro ao norte e o segundo no sul da cidade. Infelizmente esses dois parques foram fechados e urbanizados. Plano 1, Bogotá. 1932. *Secretaria de Obras Públicas*, 1932. Fotos 1 e 2: *Fundación Misión Colombia*.

As manchas verdes dentro do casco urbano estavam constituídas pelos parques antes mencionados e outras manchas menores semelhantes ao tamanho de quarteirões correspondentes aos parques *Lourdes, Ricaurte, Sucre* (*Calle 42 com Carrera 8a*); *Mártires e España*. Igualmente ainda se mantinha a presença de áreas verdes no interior dos quarteirões, correspondentes aos quintais das residências ou prédios institucionais, que desapareceram nas décadas seguintes durante os processos de subdivisão de lotes e de maior densidade populacional dos quarteirões¹⁴⁴.

¹⁴³ “As áreas úmidas são ecossistemas de grande valor natural e cultural, constituídos por um corpo de água permanente ou estacional de pouca profundidade, uma franja ao redor que pode se cobrir por inundações periódicas (*Ronda hidráulica*) e uma franja de terreno não inundável, chamada Zona de Manejo e Preservação Ambiental”. (DEPARTAMENTO....2004.)

¹⁴⁴ “Estes espaços, quintais e lotes onde abundavam as árvores e cultivos que supriam a carência total de parques e jardins públicos na cidade converteram-se logo em espaços construídos”, [mas infelizmente] “Se tornou comum que os donos das grandes casas, os habitantes mais opulentos da capital, dividissem a planta baixa em pequenos locais ou quartos denominados “*lojas*”, que alugavam como habitação às classes mais populares”. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 167-169)

Com uma maior extensão também se destacavam como manchas verdes os parques emblemáticos do *Centenario* e de *La Independencia* no setor de *San Diego*¹⁴⁵. A área restante, no oeste da cidade, correspondia às propriedades que faziam parte de antigas fazendas e os lotes de alguns equipamentos institucionais, entre os quais se destacavam o *Sagrado Corazón*, a Escola Militar em *San Diego* e o Cemitério Central¹⁴⁶.

Além das manchas descritas, ao oeste e ao norte da cidade a Savana dilatava-se até o *R. Bogotá* com as antigas fazendas e cultivos de cereais. O pensador e humanista colombiano Luis López de Mesa¹⁴⁷ registrou os seguintes versos sobre o aspecto da Savana de Bogotá, em uma de suas viagens no Trem da Savana:

En frente de mí se mostraba la llanura de un verde reposante en su amplitud de cuarenta kilómetros, hasta arriscarse en los cerros de Facatativá, de donde salta la vista a vuelo de pájaro a través de la invisible llanura del Magdalena sobre las cumbres más altas de la cordillera central, como el Nevado del Tolima, cuya pirámide esplendente preside el panorama remoto [...] La gran llanura, nuestra amada planicie, dilataba enfrente de nosotros el verde amarillento de sus pastos y el verde oscuro de sus arboledas, hacia el ocaso, por leguas y leguas de distancia, hasta morir, suavemente vagarosa, contra la falda azulina de la lejana cordillera.

Com relação à mancha verde dos Cerros Orientales, é preciso dizer que continuou o processo de desmatamento durante a segunda década do século XX. Frente ao problema da diminuição do caudal das águas do *R. San Francisco*, alguns estudiosos advertiam sobre a importância de evitar a erosão dos solos dos morros (TRIANA, 1914), e recomendavam a utilização de vegetação nas margens dos rios para evitar a dessecação de seus leitos:

De fato, as plantas que cobrem uma superfície úmida não somente a protegem do contato dos ventos diminuindo assim a evaporação, mas também que comunicam pelas raízes as condições porosas de uma esponja, para armazenar água durante o tempo chuvoso com o fim de soltá-la

¹⁴⁵ Este espaço é de singular e significativo interesse para a cidade. Coincidente com sua inauguração realizou-se a “*Exposición agrícola e industrial*” (1910) para a qual se construíram vários quiosques (a música, japonês e a luz) e vários pavilhões (indústria, belas artes, máquinas e egípcio). (MEJÍA, G. 2004, p. 514)

¹⁴⁶ A construção do Cemitério Central (católico) iniciou-se em 1827, em um lote localizado sobre o caminho a *Engativa*, com planos elaborados pelo engenheiro Esquiaqui, e modificado anos depois por Rafael Alvares Bastida. Ao final de 1836 começou a operar. (CORPORACIÓN...; ESCOVAR, 2004, p. 355)

¹⁴⁷ LÓPEZ DE MESA, 1929, p. 237.

devagar durante o tempo seco, por esta razão os córregos formados sob o frescor de uma vegetação exuberante são mais persistentes do que os que correm por terrenos desflorestados.¹⁴⁸

Porém, em 1918¹⁴⁹, empreenderam-se atividades de reflorestamento que pretendiam recuperar a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*; infelizmente esta ação não foi bem sucedida, pois se plantaram espécies exóticas – Pinheiros e Eucaliptos – que causaram um efeito negativo sobre os solos escarpados dos morros¹⁵⁰.

Quanto ao abastecimento de água, os bairros que surgiram na década de 1920 e 30 em vários casos careceram de um planejamento adequado, e foram evidentes as necessidades de abastecimento de água, sistemas de esgoto e impermeabilização das superfícies para garantir a circulação do transporte automotor. Assim, no ano de 1931, a cidade projetava obras de pavimentação “*macadamización*”¹⁵¹, conserto de ruas, e aproximadamente 50.000m de esgotos para aqueles bairros que a *Camara Municipal*¹⁵² denominou “os bairros extremos da cidade”¹⁵³.

Como foi exposto anteriormente, durante as décadas de 1920 e 30, a mancha urbana apresentava uma estrutura tentacular e atomizada estendendo-se ao sul e ao noroeste da cidade, e aumentava a preocupação da administração para planejar o crescimento futuro. Assim, a prefeitura empreendeu iniciativas de planejamento das quais se destacavam as propostas do Plano Bogotá Futuro¹⁵⁴ em 1923, e as iniciativas do arquiteto urbanista Karl Brunner que foi contratado em 1933 para assumir a direção do recém-criado Departamento de Urbanismo de Bogotá¹⁵⁵. (Figura 23).

¹⁴⁸ A propósito destas recomendações, Triana propunha a plantação de espécies nativas como o *Arboloco* (*polymnia pyramidalis*) e outras espécies de tipo arbustivo. (TRIANA, 1914, p. 5-14)

¹⁴⁹ “Em 8 de abril de 1918 começou na fazenda de *San Francisco*, na vazia do *San Cristóbal*, aos trabalhos de arborização [...] como o Aqueduto não tinham viveiros preparados e as únicas árvores que se conseguiam eram Eucaliptos, ao princípio a plantio se fez unicamente com este tipo de árvore, mas em atenção às opiniões emitidas por alguns expertos, entre outros pelo Mr. Daw, no ano passado se tem dado preferência aos Pinhos (*podocarpaceae*)”. (EAAB, 2003, tomo 1, p. 422)

¹⁵⁰ GHUL, E. apud EAAB, 2003, tomo 1, p. 423)

¹⁵¹ Sistema de melhoramento de vias adotado pela cidade, “construção de uma superfície de rodado de um caminho usando 3 camadas de materiais (pedras) de diferentes tamanhos, colocando a mais grossa embaixo e a mais fina por cima, e depois compactando com *rodos* e tráfego [...]”. Segundo Guillermo Noffal. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?macadam>>. Último acesso em: 21 jan. 2009.

¹⁵² *Concejo. Camara Municipal*: órgão legislativo do Município.

¹⁵³ Os Bairros Unidos de *Chapinero: Rosario, La Paz, Uribe-Uribe, La Sallé, Urbanización San Felipe, Gaitán, La Constructora, Quesada. La Perseverancia, Nordeste, La Serpentina* (atualmente bairro *Restrepo*), *Chiquinquirá, Ricaurte e Seminario*. Alcaldía de Bogotá. “*Las necesidades de los barrios extremos*”. In: Registro Municipal. Bogotá, 1931.

¹⁵⁴ Os primeiros planos da cidade (*Bogotá Futuro* e o de Karl Brunner) enquadram-se na linha de planos de *ensanche* do urbanismo europeu do século XIX. “Neles se pretendeu estabelecer, por meio de desenhos da cidade ou de seus fragmentos, os parâmetros ordenadores de uma cidade harmoniosa em cada um de seus componentes”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹⁵⁵ Foi criado como dependência da *Secretaria de Obras Públicas Municipales*, segundo o Acordo 28 de 1933, que em seu artigo 2 prevê: “O *Departamento de Urbanismo* estará encarregado do planejamento da cidade futura, do estudo da legislação que regulamente as urbanizações e facilite a abertura e melhoria das vias urbanas e em geral de todos os problemas de urbanismo relacionados com o desenvolvimento da cidade”. (LEMUS, 2006, p.64)

Figura 23 – Primeiros planos urbanos para Bogotá. Exíamples.

Em 1923 a Oficina de Obras Públicas elabora o plano “Bogotá Futuro” (P-1) sendo este o primeiro esforço de planejamento e regulação da cidade. Porém, foi o urbanista austríaco Karl Brunner que, a partir de 1933, realizou uma série de propostas para a cidade (P-2), projetando novos eixamples (cor vermelha); ampliação da rede viária, incorporando o conceito de avenida parque, *Av. Caracas* (Foto 2) e a construção de parques urbanos como o “Paseio Bolívar”. (Foto 3). Plano 1: Engenheiro Enrique Uribe Ramírez. Plano 2: “Obras em Bogotá” MAMBO 1989. Foto 1, Foto 2: Museu de desenvolvimento urbano.

As ideias urbanas de Brunner

[...] se identificaram com as de seus maestros do urbanismo da primeira modernidade europeia, que conceberam a cidade como uma entidade estética ordenada, ambientalmente agradável e apta para a vida do ser humano, com uma forte participação estatal em sua construção e com um sentido social ao mesmo tempo aristocrático e democrático.¹⁵⁶

Neste sentido, a concepção urbanística de Brunner previa três níveis em relação à adequação de superfícies públicas, destinadas a fazer parte integral da estrutura urbana: as vias arborizadas – bulevares – as praças e os parques florestais, que procuravam a vinculação com os espaços (zonas) verdes já existentes na cidade¹⁵⁷.

Vale a pena citar alguns projetos enquadrados nesta concepção urbanística. No projeto da Avenida *Caracas*, Brunner vinculou os critérios necessários para o manejo de uma via de alta capacidade (40 metros de perfil) com o conceito de bulevar conformado por faixas e um canteiro central gramado e arborizado. A proposta também incluía a integração (por

¹⁵⁶ CORTES, Fernando. Karl Brunner. La construcción de la ciudad como espacio público. In: SALDARRIAGA, 2000 p.100.

¹⁵⁷ HOFFER, 2003, passim.

meio de franjas verdes) da *Av. Caracas* e do corredor do *R. Arzobispo* à altura da *Calle 39*¹⁵⁸. Quanto aos parques florestais, pode se salientar o estímulo que Brunner deu à materialização dos projetos do Parque Nacional¹⁵⁹ e o Passeio *Bolívar*¹⁶⁰, conectados à mancha verde dos *Cerros Orientales*.

Infelizmente, da gestão de Brunner, poucas obras permanecem na cidade atualmente. Porém, Brunner teve um aporte significativo ao abrir um caminho para o reconhecimento da importância da rede verde conformada por manchas e corredores no interior das superfícies urbanizadas, vinculados em alguns casos aos corpos de água, como no caso do *R. Arzobispo* já mencionado, e o *R. San Cristobal* para o qual se propôs uma vinculação ao tecido verde da cidade.

Centro homogêneo. Cidade fragmentada. Meados do século XX.

A paisagem da cidade em 1953 evidenciou o resultado do progressivo avanço da urbanização da Savana de Bogotá durante as primeiras décadas do século XX. A mancha urbana estendeu-se para o oeste de maneira homogênea e compacta – especialmente no norte e centro – e de maneira dispersa, no sul da cidade. Esta configuração dava como resultado um formato de “meia-lua” cujos limites extremos eram, no oeste, a *Av. Cundinamarca (Av. Carrera 30)* e no leste, a mancha verde dos *Cerros Orientales*, que lentamente começava a se recuperar da ação predadora do homem durante os quatro séculos anteriores. Além do limite da *Av. Carrera 30*, estendia-se o corredor da *Av. de las Américas*¹⁶¹ (via parque) que conectava a cidade com o recém-construído Aeroporto de *Techo*¹⁶². Naturalmente, já começavam a aparecer as manchas urbanas associadas ao traçado como o bairro *Puente Aranda*. Além disso, apareceram outras manchas urbanas

¹⁵⁸ HOFFER, 2003, passim.

¹⁵⁹ Projetos como o *Parque Nacional* existiam com anterioridade à chegada de Karl Brunner, porém, o mérito do arquiteto austríaco reside no fato de ter respaldado firmemente sua materialização.

¹⁶⁰ No assentamento subnormal sobre os *Cerros Orientales*, em 1925 inicia-se o estudo para o saneamento do setor. Em 1936 Karl Brunner apresenta a proposta do *Passeio Bolívar*. “Contemplo a conformação de um grande Parque Florestal Urbano, prolongação do Parque Nacional, com instalações adequadas de recreação popular [...] Como elemento articulador propunha a conformação de um Passeio Urbano definido como uma grande *Terraza Mirador* sobre o espetáculo da cidade e a Savana”. CORTES, Fernando. “*Karl Brunner: La construcción de la ciudad como espacio público*”. Catálogo exposición, Museo de Arte Moderno de Bogotá. Bogotá, 1989 p. 8.

¹⁶¹ Construída em 1948 com uma largura média “entre *paramentos* (distância entre fachadas) de 114 m. com comprimento de 6,5 km desde a *Calle 26* com 34 até o aeroporto de *Techo*. O caráter da avenida é “*Park way*” implementando bosques irregulares, e arborização de acordo com princípios de “*Jardim Inglesa*” com árvores e arbustos *sabaneros*”. (RITTER, 1946, p. 30)

¹⁶² “Primeiro aeroporto da cidade de Bogotá construído em 1930, situado no setor de *Techo* [...] Sua ubiquação e instalações físicas não eram as mais adequadas, tendo em conta o crescimento do transporte aéreo [...] As inundações frequentes da plataforma constituíram outro grande problema, ademais de que o largo da pista era insuficiente e o edifício Terminal era demasiado estreito para receber a quantidade de passageiros”. Disponível em: <[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)>. Último acesso em: 5 nov. 2008.

sobre o traçado da *Calle 68* no noroeste da cidade, como os bairros *San Fernando* e *Las Férias*, consolidando este eixo como novo polo de crescimento da cidade.

Na década de 1950, o sistema hídrico da cidade estava substancialmente modificado, tinha sido encanado e enterrado e, sobre os mesmos, construíram-se novas avenidas. A saber, no centro, sobre a *Q. San Juanito*, a *Calle 4ª*; sobre o *R. San Agustín*, a *Calle 6ª*; sobre o *R. San Francisco*, a *Av. Jiménez*; e sobre a *Q. San Diego*, a *Calle 26*. Ao norte, sobre a *Q. Las Delicias*, a *Calle 62*, *Q. La vieja*, *calles 68 e 70*. Ao sul, o *R. San Cristóbal (Fucha)* tinha sido incorporado à mancha da cidade. Nesta mesma época canalizaram-se a céu aberto os rios *San Francisco (Calle 6ª)*, a partir da *Av. Caracas* e o *R. Arzobispo (Calle 39)*, a partir da *Carrera 7ª*. Com estas obras hidráulicas, seguramente, iniciou-se o processo de “manejo técnico” dos rios desconhecendo seu papel como elementos importantes do ecossistema do centro da cidade. (Figura 24).

Figura 24 – Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.

Em 1951 a cidade tinha 715.250 habitantes e ocupava uma área de 2.700 ha (densidade 264.9 hab./ha, a maior da cidade). Mantinha-se seu crescimento desordenado e aumentaram-se os desenvolvimentos ilegais (favelas) ao noroeste e sul da cidade (P-1). As zonas úmidas mantêm suas áreas, mas perderam boa parte de suas zonas de inundação (P-2). Na Savana (P-3) diminuem-se os corredores verdes dos rios, riachos e margens das zonas úmidas; os Morros continuam desmatados e na cidade incrementam-se os corredores viários das avenidas arborizadas. Plano 1: “*Bogotá e seus ao redores*”, IGAC, 1954. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Como foi dito anteriormente, o leito do *R. San Francisco* foi encanado e enterrado (1927) até a *Av. Caracas*. A partir deste ponto foi canalizado a céu aberto e também se mudou seu percurso obrigando-o a continuar pela *Calle 6ª* (atualmente *Av. Comuneros*) até o ponto identificado desde a colônia como *Puente Aranda*, até finalmente continuar seu descenso pelo leito natural.

O *R. Arzobispo* estava flanqueado pela traça urbana correndo por um canal a céu aberto até a *Calle 24*, continuava no seu curso natural, conformava pântanos que variavam de extensão, segundo a época do ano, inundando os lotes da Cidade Universitária – que a partir deste ponto recebe o nome de *El Salitre* – cujas águas a jusante estavam margeadas pela mancha urbana associada aos novos bairros (*San Fernando e 12 de Octubre*) que apareceram sobre a *Calle 68*, de tal forma que seu destino seria se ocultar sob a homogeneização das superfícies urbanas. Por sua vez, o *R. San Cristobal (R. Fucha)* no sul da cidade ainda corria pelo percurso natural. Finalmente, as bacias dos rios *Torca, Juan Amarillo e Tunjuelo*, ainda não tinham sido cobertas pela mancha urbana.

Nas manchas verdes da cidade continuou prevalecendo a associação aos *Cerros Orientales* (em processo de recuperação)¹⁶³ com a qual se conectava a cidade, entre outros elementos pontuais, por meio do Parque Nacional, o Passeio *Bolívar*. Também se destacavam na periferia ocidental a *Av. de las Américas*, a Cidade Universitária, a área imediata ao estádio *El Campín*, *El Bosque Popular* (jardim botânico) e o Batalhão *Caldas*; no sul, o Hospital *San Juan de Dios* e a Escola de Polícia; ao norte, o Parque *Gaitán*, a Escola Militar e o *Cantón* Militar Norte. No setor privado, o Hipódromo de *San Isidro* ou *Techo* (1954), a *Quinta Mutis* e o Clube de *Los Lagartos* (1950), este último ao norte da cidade, que dali em diante protegeria o lago de mesmo nome, estava destinado às elites sociais da cidade.

O Clube de *Los Lagartos*¹⁶⁴ evidenciou um padrão que se replicaria durante as décadas seguintes: as áreas de manchas verdes no norte da cidade passavam ao domínio de mãos privadas, tornando-se áreas de acesso restrito, destinadas exclusivamente ao aproveitamento das elites sociais da cidade. Em contraposição, no sul, nas imediações dos rios *Fucha* e *Tunjuelo* em algumas áreas dos *Cerros Orientales* – onde existia exploração de pedreiras – os elementos naturais estiveram associados à marginalidade e à miséria: durante as décadas seguintes do século XX, os camponeses provenientes de outras zonas do país, deslocados pela violência, ocuparam as áreas de risco pelo deslizamento, remoção em massa e inundação, estreitando-se dessa forma, com o passar dos anos, o vínculo entre marginalidade urbana e riscos naturais.

¹⁶³ “A municipalidade de 1916 e 1917 realizou todas as compras [...] e ordenou que todos os terrenos adquiridos foram entregues à Empresa de Aqueduto para que os cuidara, administrara e arborizara [...] cobrindo estes uma extensão aproximada de 7.000 *fanegadas* (4.480 ha), dividiram-se em três porções para seu manejo: a bacia do *San Cristóbal*, a do *San Francisco*, e a do *Arzobispo*”. PORTOCARRERO, Alberto, ata 361 de 28/02/20 EAAB. In: EAAB, 2003, tomo I, p. 421.

¹⁶⁴ “Sob a iniciativa de um grupo de amigos engenheiros, em 1936 se inicia o “Clube *Los Lagartos*”, com a compra de terrenos próximos à cidade de Bogotá, na antiga *heredad* chamada *Muriel*, onde se encontravam as fontes de águas termais, se tornou um lugar de recreio para a elite da cidade, seu desenvolvimento principal se deu entre 1947-1950 com as construções executadas pela firma *Cuellar Serrano Gómez*”. (CUELLAR..., 1948, p. 7)

2.4 Ventos de modernização da cidade

O “*bogotazo*” e os projetos de modernização da cidade. Cidade Imaginada.

No fim da década de 1940, o país e a cidade assistiram ao recrudescimento da onda de violência política motivada pelo radicalismo bipartidário que foi gerada várias décadas antes. Em 9 de abril de 1948, foi assassinado o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitán, e após sua morte desataram-se numerosos feitos violentos que, entre outras coisas, deixaram seu rastro em Bogotá ao ser incendiadas e destruídas várias edificações do centro. Este cenário de destruição resultou favorável para a administração da cidade. De fato, as autoridades municipais aproveitaram a oportunidade para executar um plano urbanístico para o qual contrataram o arquiteto e urbanista Le Corbusier, que elaborou o Plano *Piloto* de Bogotá¹⁶⁵ e os arquitetos e urbanistas Wiener e Sert para a elaboração do Plano *Regulador* de Bogotá¹⁶⁶.

Este trabalho precisa fazer algumas considerações com relação ao Plano *Piloto* de Le Corbusier, pois este apresentou uma interessante proposta sobre o sistema hídrico, que somente seria retomada a partir de outros antecedentes¹⁶⁷ com a formulação do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no POT de Bogotá, no ano 2000. O Plano *Piloto* de Le Corbusier organizava Bogotá a partir dos corpos de água, em três unidades: a primeira, denominada de “cidade sul”, destinada aos bairros obreiros, localizada entre o *R. Tunjuelito* e o *R. Fucha*; a segunda, denominada “cidade centro”, de gestão e negócios entre o *R. Fucha* e o *R. Arzobispo*; a terceira, chamada “cidade norte”, destinada aos bairros das elites econômicas, localizada entre o *R. Arzobispo* e o *R. Negro*.

No sentido leste-oeste, o plano estabeleceu duas zonas: a área urbana entre os *Cerros Orientales* e a *Av. Carrera 30*, e a área rural e núcleo industrial entre a *Av. Carrera 30* e o limite ocidental da cidade. O plano ademais propôs áreas verdes de transição entre a zona urbana e zona rural, e áreas verdes de proteção nos *Cerros Orientales* e no limite ocidental da cidade. E assim também estabeleceu uma área de proteção para o *R. Bogotá*, e com a margem oeste da cidade, propôs uma franja verde de 500 metros de largo paralela à

¹⁶⁵ Plano dado a conhecer por Le Corbusier em 1950 e adotado pela cidade por meio do Decreto 185 de 1951.

¹⁶⁶ O Plano *Regulador*, elaborado pelos arquitetos e urbanistas Wiener e Sert, corresponde a uma segunda fase do Plano para Bogotá. A primeira fase foi o Plano *Piloto* realizado por Le Corbusier. (HERNÁNDEZ, 2004, p.100)

¹⁶⁷ Como se indicou na seção 1, a inclusão do conceito de EEU no POT de Bogotá surgiu a partir das reflexões que tinham sido gestadas com anterioridade no âmbito institucional e acadêmico, destacando-se especialmente os aportes do professor van der Hammen.

Av. Carrera 30, conformando uma rede de espaços verdes que se integram à cidade com o seu entorno natural.

Na proposta do arquiteto franco-suíço destacaram-se os seguintes aspectos: a inclusão de um olhar regional do território, a prioridade de conservar os *Cerros Orientales* e os corpos de água com o propósito de proteger o sistema hídrico da cidade e a Savana de Bogotá; a intenção de aproveitar os corpos de água para a conformação de uma rede verde que integrara o território todo, desde os *Cerros Orientales* até o *R. Bogotá*; e, finalmente, a proposta de franjas verdes no limite urbano e do município, que integrariam transversalmente os corpos de água; para o centro da cidade, a proposta de Le Corbusier aproveitava os rios *Fucha* e *Arzobispo* como elementos ambientais onde se localizariam os equipamentos de educação, saúde e lazer.

Ditadura militar e visão técnica da cidade. Controla-se e altera-se o sistema hídrico original.

Como se indicou antes, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo. A população rural colombiana foi a mais afetada por esta situação, de tal modo que se gerou um processo migratório do campo à cidade, conformado por camponeses que estavam à procura de segurança e novas oportunidades. Frente a essa evidente instabilidade e à perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo general Rojas Pinilla, que exerceu as funções de presidente, sob um regime militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957.

O General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade, promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança na cidade¹⁶⁸. Entre estes projetos, é preciso salientar, primeiramente, a criação de um eixo urbano institucional e de negócios sobre a *Calle 26*, com um comprimento de 12.5 km, finalizando no oeste com o Aeroporto Internacional *El Dorado* e como ponto de articulação com o centro tradicional, o setor de *San Diego*, e agrupou as funções administrativas que anteriormente localizavam-se

¹⁶⁸ SUARES, A. *La ciudad de los elegidos*. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006, passim.

no centro tradicional no CAN¹⁶⁹. Em segundo lugar, a construção do *Paseo Los Libertadores (Autopista Norte)*, eixo e portão norte da cidade, com um comprimento de 22 km, sobre o antigo traçado do *Camellón* do Norte, que teve como ponto de partida o Monumento aos *Héroes* (*Av. Caracas* com *Calle 80*) e como ponto final a Ponte do *Común* (ponte colonial) perto do Município de *Chía*. (Figura 25). Em terceiro lugar, a criação do *Distrito Especial de Bogotá*¹⁷⁰, que integrou Bogotá a seis (6) de seus municípios vizinhos¹⁷¹: *Usaquén*, *Suba*, *Engativá*¹⁷², *Fontibón*, *Bosa* e *Usme*¹⁷³ em 1954¹⁷⁴. Por esta mesma época cria-se a Empresa de Aqueduto e *Alcantarillado* (esgoto) de Bogotá¹⁷⁵, que seria a encarregada do manejo do sistema hídrico da cidade e dos municípios recém-anexados.

Figura 25 – A cidade imaginada.

Em 1949, a prefeitura contratou o urbanista Le Corbusier para elaborar um “Plano *Piloto*”, plano que foi aprovado em 1951 (P-1). Destaca-se a criação de uma rede verde aproveitando o sistema hídrico da Savana. Em 1953, anexam-se à cidade os 6 municípios vizinhos: 1. *Usaquén*, 2. *Suba*, 3. *Engativá* 4. *Fontibón*, 5. *Bosa* e 6. *Usme* (P-2). Com esta nova dimensão territorial e frente à pressão de crescimento da cidade, em 1958 elabora-se o “Plano *Distrital*” (P-3), o qual mantém parte da rede verde proposta por Le Corbusier e projeta a criação de “Parques *Distritales*”. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

¹⁶⁹ Obra prioritária do General Rojas Pinilla foi a de trasladar a presidência e os ministérios à periferia oeste da cidade, ao denominado Centro Administrativo Nacional (CAN). No final da ditadura tinha sido construída a estrutura de vários prédios. Na atualidade funcionam vários ministérios e outras dependências do estado.

¹⁷⁰ Decreto da *Concejo* (Câmara) de Bogotá 3640 de 1954. “Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá”.

¹⁷¹ Ordenança número 7 de 1954, da *Asamblea de Cundinamarca*. “Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá”.

¹⁷² Foi nos terrenos do município de *Engativá* que se construiu o *Aeropuerto El Dorado*.

¹⁷³ A incorporação de *Usme* ao *Distrito Especial* objetivava ter controle sobre a importante reserva ambiental do *Páramo de Sumapaz*, localizado no sul da cidade.

¹⁷⁴ Esta integração teve dois propósitos: de um lado, dotar de solo suficiente à cidade, para satisfazer a demanda de terras urbanizáveis destinadas aos grupos migratórios que ingressavam nesses anos a Bogotá. De outro, gerar as condições jurisdicionais apropriadas, para tomar decisões políticas sobre uma porção maior de território e assim realizar as obras que se esperava deram impulso ao desenvolvimento econômico da capital.

¹⁷⁵ O Acordo 105 de 1955, no artigo primeiro “*Crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB*”.

A administração distrital estabeleceu como prioridade de governo o investimento nas áreas periféricas da cidade, com o que se iniciaram programas de enfoque eminentemente técnico para a higienização e a dotação de infraestrutura na zona rural da Savana de Bogotá, sobre os três eixos fundamentais: a construção de equipamentos básicos, a execução do plano viário que tinha sido estabelecido no Plano *Distrital* de 1958, e a canalização de rios¹⁷⁶. Esta última ação tinha como propósito controlar as inundações nos períodos de chuva, cujas linhas de ação foram estabelecidos no Plano Maestro de Esgoto de 1962.

Este Plano definiu ações técnicas para o manejo das chuvas e as águas negras da cidade, e para o controle do *R. Bogotá*, a fim de evitar enchentes especialmente nas principais vias da cidade. Para tal fim executaram-se duas fases de desenvolvimento: a primeira fase, de desenho, que se estendeu até o ano 1966, e a segunda etapa, de execução de obras, que foi finalizada no ano 1986¹⁷⁷. Esta segunda fase compreendeu 3 etapas: a primeira teve início em 1967 e término em 1969, a segunda teve início neste mesmo ano e término em 1971 e a terceira, que começando neste último ano, terminou em 1986. (Figura 26).

Durante estas três etapas realizaram-se numerosas obras de canais e interceptores na cidade toda e especialmente na bacia do *R. San Francisco*¹⁷⁸. O olhar técnico do manejo de água levou inclusive a considerar a retificação do curso do *R. Bogotá*, procurando reduzir seu comprimento quase à metade. Um estudo de 1966 propôs: “o comprimento do rio se reduzirá de 100 km a 59.5 km entre a Ponte do *Común* e *Alicachín*”¹⁷⁹. Para a sorte da cidade este projeto não foi realizado.

O propósito inicial de canalização, interceptores e saneamento do sistema cumpriu-se, porém sua execução apresentou um par de aspectos negativos no que se refere à relação da cidade com os corpos de água. Por um lado, optou-se por uma solução técnica com um sistema combinado de esgoto (águas de chuva e águas negras). Por outro, a

¹⁷⁶ A partir do *Plano Maestro de Esgoto de 1962*, elaborado pelas firmas *Camp Dresser e McKee de Boston* e a *Compañía de Ingeniería Sanitaria Btá*, iniciou-se a canalização dos principais corpos de água na parte média das bacias. EAAB; RODRIGUEZ, 2003, tomo II, p. 195.

¹⁷⁷ EAAB, 2003, tomo II, p. 196.

¹⁷⁸ Em sua primeira etapa compreendeu o “Canal do *R. San Francisco* e interceptor esquerdo desde a *Calle 45*, até o interceptor da *Av. Boyacá*; interceptor direito de *Comuneros* em seção retangular até *Puente Aranda*, interceptor de *Boyacá* para águas negras em seção retangular, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*”. Em sua segunda etapa, “compreendeu o Canal de *Boyacá*, e interceptor direito, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*. Canal de *San Francisco*, desde a ferrovia, até o *R. Fucha* e interceptor direito de *San Francisco*, desde a Cidade Universitária até a *Av. Boyacá*: Canal de *Comuneros* e interceptores direito e esquerdo, desde *Puente Aranda* até o *R. San Francisco*. Colector de *las Américas*, desde *Puente Aranda* ao *R. Fucha* e Colector *El Ejido*, desde a *Calle 20* até o *R. San Francisco*.” (EAAB, 2003, tomo II, p. 198-201)

¹⁷⁹ O estudo de 1966 sobre a água de chuva propôs sobre o *R. Bogotá*: “Se deverá endireitar o Rio Bogotá no futuro imediato entre *Alicachín* e o *R. Juan Amarillo*, com base num nível controlado de *Alicachín* a nível 2.568”. (EAAB, 2003, tomo II, p. 205)

dessecação das superfícies que antes se inundavam teve como consequência o estímulo do crescimento da mancha urbana sobre a periferia, ao se incorporar terras no mercado imobiliário, sem prever as graves implicações ambientais no futuro¹⁸⁰, ou seja, a modificação do sistema hídrico e seus consequentes efeitos sobre o ecossistema¹⁸¹. O sistema de drenagem da Savana de Bogotá passou a ser conformado de três bacias naturais a oito bacias criadas artificialmente pelas obras técnicas¹⁸².

Figura 26 – “Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.

Em 1962, a EAAB empreende um ambicioso plano de “modernização” do sistema de aqueduto e esgoto da cidade. Para o aqueduto construíram-se novas represas (P-1) (Chingaza, 1985, Chuza 1985, San Rafael, 1996) e uma rede de distribuição que cobre toda a cidade. Quanto ao esgoto canalizam-se e controlam os rios, alterando-se o todo o sistema hídrico da cidade (P-2). Etapa 1: cor vermelha. Etapa 2: cor ocre. Etapa 3: cor verde escuro. Realiza-se a canalização dos rios *San Francisco* (Foto 1) e *Fucha* (Foto 2) e a construção de “jarillones” no *R. Bogotá*. [Planos: 1 e 2 elaborados pelo autor].

Como complemento a estas atividades, o sistema hídrico também foi afetado pela construção de infraestruturas como a do Aeroporto *El Dorado*, cuja instalação exigia o controle da área de inundação do *R. Bogotá* por meio de taludes artificiais em terra (*jarillones*)¹⁸³. Com as respectivas obras de controle do *R. Bogotá*, abriu-se o caminho para que se executassem nas décadas seguintes obras similares na parte baixa dos rios *Salitre*, *Fucha* e especialmente no *R. Tunjuelito*.

¹⁸⁰ É preciso lembrar que no começo da década de 1960 apenas começava a se gestar no país o pensamento ambiental, que estava dedicado especialmente à proteção dos recursos naturais.

¹⁸¹ Em 1967, o leito do *R. San Francisco* foi canalizado entre a *Av. Caracas* e a *Carrera 37*, e bifurcado na *Carrera 37*: o braço original com rumo norte, se encanou e enterrou, sendo destinado ao transporte de águas negras da zona oeste da cidade; e o novo braço com rumo sul, conectou-se com o *R. Fucha* na *Avenida 68*.

¹⁸² As oito bacias são: antigas (*Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*); novas (*Torca*, *Conejera*, *Jaboque*, *Tintal*, e *Soacha*). (EAAB, 2003, tomo II, p. 210)

¹⁸³ Talude em terra, para a contenção de águas. Dique longitudinal.

Planejamento local: “Plano *Distrital* de 1958”. Cidade horizontal.

Depois dos aportes de Le Corbusier, os esforços de planejamento da cidade concentraram-se no zoneamento, na projeção de vias e na incorporação de terras para a urbanização, e em numerosas oportunidades considerou-se a importância da integração dos corpos de água, as manchas verdes e a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*. Porém, na prática, as operações da administração distrital terminaram ignorando o sistema hídrico.

Com a adesão dos 6 municípios ao Distrito Capital, criaram-se novas determinantes e novos desafios para o crescimento da cidade e, portanto, considerou-se que o Plano *Piloto* de Le Corbusier requeria ser refeito. Por estas razões, em 1958, a administração distrital promoveu um novo Plano cuja proposta manteve parte do traçado viário e o zoneamento do Plano *Piloto* proposto por Le Corbusier, mas com uma ampliação do perímetro urbano, incluindo parte da área dos municípios recém-adicionados. O plano manteve a proposta de proteger os *Cerros Orientales* e os corpos de água, com a criação de uma rede verde formada pela várzea dos rios¹⁸⁴, e propôs a implementação de um programa de Parques *Distritales* na zona norte, centro e sul da cidade.

Com as diretrizes do Plano *Distrital* de 1958, a cidade começou na década seguinte o processo de construção dos Parques *Distritales*, que foram concebidos principalmente com propósitos de lazer e recreação, e ocuparam áreas da cidade que oscilavam entre 50 ha e 60 ha: (Figura 27), no sul, localizaram-se os parques *Timiza* (1968) e *El Tunal* (1970), e no leste, os parques *El Salitre* (1973) e *La Florida* (1974)¹⁸⁵. Posteriormente, nos anos 1980, realizou-se a construção do parque *Simón Bolívar*, que se adicionou como mancha verde ao parque *El Salitre*. Paradoxalmente, com exceção do parque de *La Florida*, nenhum destes parques esteve associado ao sistema hídrico da cidade.

Nesta época, as manchas verdes no norte da cidade correspondiam aos clubes privados das elites sociais – Clube *Los Lagartos*, Clube *Country*, *El Carmel Club* e *Los Arrayanes*, entre outros – e os recentemente construídos Parques Cemitérios como os Jardins: *La Paz*, *La Inmaculada* e do *Recuerdo*.

¹⁸⁴ Com relação ao centro da cidade, vale a pena dizer que, contrário à proposta de Le Corbusier, o plano não conservou o leito do *R. San Agustín*, e o condenou a desaparecer, enterrando-o sob a *Calle 6a*.

¹⁸⁵ O Parque *La Florida* está localizado no costado oeste do Rio Bogotá (Município de *Funza*) e ainda está fora do perímetro da cidade; desde a década de 1970 foi incorporado ao sistema de parques e zonas úmidas do *Distrito*.

Figura 27 – 1970. Parques Distritales.

Para suprir a necessidade de recreação da população, que em apenas 22 anos tinha se multiplicado 4 vezes. Em 1973 ascendia a 2.861.913 habitantes e ocupavam uma área de 22.299 ha (densidade 128.3 hab./ha) (P-1) e atendendo à proposta do “Plano Distrital” de 1958, na década de 1960 a cidade empreende a construção de vários “Parques Distritales”, na zona sul e centro da cidade (P-2): em 1968, o *P. Timiza*, com 29.98 ha, (Foto 1); em 1970, o *P. Tunal*, com 62.66 ha, (Foto 2); em 1973, o *P. El Salitre*, com 46.78 ha, (Foto 3); e em 1974, o *P. La Florida*, com 72.473 há. (Foto 4) Plano 1, IGAC, 1970.

2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade

O fim dos rios e zonas úmidas. Cidade construída. Final do século XX.

Durante as décadas seguintes houve o aumento das migrações do campo e das cidades menores às cidades de maior tamanho e atividade econômica, fenômeno que se estendeu durante os seguintes decênios e que ainda aumentou dramaticamente, a partir da década de 1980¹⁸⁶, devido à depressão da atividade agrícola e ao deslocamento forçado de camponeses que ficaram no meio do fogo cruzado entre o exército nacional e a guerrilha. Bogotá foi uma das cidades do país com maior recepção de população deslocada pela violência, que se localizou, como mencionado anteriormente, nas periferias do sudeste e sudoeste da cidade, sobre zonas de risco por remoção em massa e enchentes. Desse modo aumentou a pressão que a mancha da cidade exercia sobre o sistema hídrico da Savana de Bogotá, mais ainda se for levado em consideração que a cidade em apenas quatro décadas multiplicou 8 vezes sua população, ao passar de 715.362 habitantes em 1951 a 5.484.244

¹⁸⁶ O número de habitantes na cidade passou de 715.250 em 1951 para 4.441.470 em 1985.

habitantes em 1993. Nas décadas de 1980 e 1990, a mancha urbana aparecia de maneira homogênea e compacta estendendo-se praticamente até as imediações do *R. Bogotá*, franja na qual se fragmenta em alguns setores devido à presença de algumas áreas agrícolas e zonas de inundação que ainda não tem cedido perante o implacável crescimento urbano.

O crescimento da mancha urbana nas últimas décadas tem sido determinado em primeira instância pela iniciativa privada que realiza empreendimentos de adensamento de moradias e escritórios na zona centro e norte da cidade; em segundo lugar, pelas entidades oficiais que financiam novos programas de moradia popular; em terceiro lugar, pelos assentamentos subnormais (favelas), promovidos pelo setor informal e ilegal nas zonas periféricas e marginais da cidade¹⁸⁷. (Figura 28).

Figura 28 – A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.

Em 1993, a cidade contava com 5.484.244 habitantes e cobria uma área de 26.654 ha (Densidade 205.8hab./ha), crescia rápida e horizontalmente, urbanizando a maioria do território da Savana (P-1). Modifica-se o sistema hídrico da Savana (P-2) ao canalizarem-se os rios e ao continuar o processo de secado das zonas úmidas colocando em risco sua existência. Em consequência, os corredores verdes dos rios e zonas úmidas perderam presença na cidade e a paisagem é dominada pelas vias arborizadas (P-3), os Morros recuperam parte de sua cobertura vegetal. Plano 1: “*Alcaldías Menores*” IGAC, 1991. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Por sua parte as manchas de água têm sido significativamente reduzidas pelo avanço da mancha urbana: dos 19 mil ha de zonas úmidas que tinha a cidade nos primeiros anos do século XX, atualmente somente sobrevivem 800 ha. No fim da década de 1990, as zonas úmidas tinham perdido grandes porções de seus antigos espelhos de água e avançavam a

¹⁸⁷ É para se destacar nesta dinâmica de assentamento o caso de Cidade *Bolívar* – no sul da cidade – que em apenas 15 anos contava com aproximadamente um milhão de habitantes morando em condições precárias.

processos de terraplanagem, parcelamento e urbanização¹⁸⁸. Como produto disso tudo, alterou-se o habitat natural de répteis (lagartixas), mamíferos (morcegos) e aves (*garças*), e modificou-se o albergue estacional de aves migratórias¹⁸⁹.

No que se refere ao manejo das águas servidas, como mencionado anteriormente, a cidade desde a década de 1960 manteve um sistema de esgoto combinado em boa parte da cidade, fato que apresenta graves problemas nos períodos de chuva. Por tal motivo nos últimos anos têm se iniciado programas que visam a separar o sistema de esgoto de águas negras do sistema de águas de chuva, especialmente na área de novos desenvolvimentos, no oeste da cidade¹⁹⁰.

Esta visão técnica, orientada por grupos de engenheiros especializados, conseguiu seus objetivos funcionais, mas prejudicou substancialmente o sistema hídrico natural da Savana de Bogotá; fator que somado à perda das zonas úmidas e da ronda dos rios colocou em risco a estabilidade de todo o sistema natural, patrimônio ambiental da cidade e da Savana.

Com relação aos corredores verdes para melhorar o fluxo veicular, infelizmente empreenderam-se obras para a ampliação das avenidas, suprimiram-se os separadores centrais e retirou-se a arborização das calçadas. Exemplo deste padrão foi a construção, no fim dos anos 1980, da *Troncal de la Caracas*¹⁹¹, que ao perder a maioria de suas árvores terminou alterando negativamente a paisagem do centro da cidade.

Crise geral e anos de mudança. Final do século XX.

No fim do século XX a cidade apresentava um sistema hídrico altamente modificado: na parte baixa dos *Cerros Orientales* foi enterrada e encanada a maioria dos rios, razão pela qual a população não reconhece a existência dos mesmos; na parte média da bacia, foram canalizados todos os rios e as áreas úmidas têm diminuído consideravelmente em tamanho; finalmente, na área que corresponde ao vale aluvial do *R. Bogotá* e *Tunjuelito*, o curso dos

¹⁸⁸ Em 1999 as zonas úmidas contavam com as seguintes áreas: *Torca* 24 ha, *Guaymaral* 49 ha, *La conejera* 60 ha, *Juan Amarillo* 220 ha, *Córdoba* 40 ha, *Jaboque* 80 ha, *Santa María del Lago*, *Capellania* 18 ha, *Meandro del Say*, *El Burro* 26 ha, *La Vaca*, *Techo*, *Tibanica* 23 ha. DAMA. “*Historia de los Humedales de Bogotá*”. Alcaldía Mayor de Bogotá, 2000 p. 78-102.

¹⁸⁹ DEPARTAMENTO..., 2000, p. 12.

¹⁹⁰ Em 1952, propõe-se para o projeto de esgoto de Bogotá: “As águas pluviais podem continuar correndo por canais abertos, que são muito mais econômicos, mas construindo de imediato os dispositivos de separação para os líquidos cloacais e as águas pluviais”. (FORERO, 1952, p. 19-20)

¹⁹¹ Frente à crítica situação do transporte público em Bogotá, a administração municipal propõe como solução o modelo de transporte da cidade de Curitiba, Brasil (faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus). Com esta referência bem sucedida, inicia-se a construção de um sistema semelhante sobre a *Av. Caracas*, mas infelizmente este não contou com a mesma sorte que teve em Curitiba e resultou em um dos piores e mais custosos investimentos feitos pela cidade.

rios é controlado com taludes artificiais de terra, “*jarillones*”¹⁹², alterando a dinâmica natural de inundação do vale em época de chuva. Outro fato para se destacar corresponde ao esgotamento do solo urbano da cidade, razão pela qual nos últimos anos teve início um processo de renovação e adensamento nos setores centrais da cidade.

As ações de encanar, canalizar e controlar os corpos de água tiveram como resultado uma paisagem dominada por três franjas. A primeira corresponde à cidade que “enterrou” seus rios, que se estende desde a *Av. Circunvalación (Carrera 1)* até a *Av. Carrera 30*. (Figura 29). Esta franja cresceu de maneira lineal paralela aos *Cerros Orientales*, em um processo que implicou a canalização dos rios e posteriormente a homogeneização das superfícies, produto da construção de vias e edificações, processo que se iniciou nos anos 1920 com o *R. San Francisco* e que foi finalizado na década de 1960¹⁹³. Esta franja interrompeu a continuidade dos corpos de água e os corredores verdes que desciam dos *Cerros Orientales* e dentro da mesma destacam-se: as manchas verdes que correspondem a uns poucos corpos de água, a *Q. de Los Molinos*, *Q. Arzobispo* e o *R. San Cristóbal*; os parques de escala de zonas e de bairro; e a arborização localizada sobre as vias principais, como uma herança das avenidas arborizadas dos anos 40. Corresponde a esta franja a mancha urbana da cidade histórica, a zona financeira e comercial tradicional e os novos desenvolvimentos no norte e sul de Bogotá.

A segunda franja corresponde à área compreendida entre a *Av. Carrera 30* e *Av. Boyacá*: a cidade que canalizou seus rios com muros de concreto, a partir da década de 1950, integrou o traçado viário de maneira paralela aos costados do percurso canalizado, diminuindo a área verde da ronda. Nesta franja prevalecem as manchas verdes dos Parques *Distritales*, a Cidade Universitária, os Quartéis Militares, os Clubes Privados e os Parques Cemitérios. Como corredores verdes viários destacam-se as avenidas construídas a partir da segunda metade do século XX, entre as quais se sobressaem a *Av. de Las Américas*, a *Av. El Dorado*, a *Av. 68* e a *Av. Boyacá*. A mancha urbana está conformada prioritariamente pelos novos bairros residenciais¹⁹⁴ e as zonas industriais.

¹⁹² Em complemento às obras de canalização de rios, dá-se início à construção de “*jarillones*” na parte baixa dos principais rios, principalmente na ronda do Rio Bogotá e *Tunjuelito*.

¹⁹³ Sob o irracional crescimento da cidade ficaram enterrados os corpos de água sob Ruas e Avenidas. Ao norte: a *Q. Tequenusa (Calle 34 e Park Way)*, a *Q. de Chapinero (Calle 62)*, a *Q. de La Vieja (Calle 70 A)*, a *Q. de La Cabrera e El Chicó (Calle 88)*, a *Q. Los Molinos (Calle 106)* a *Q. de Lucé (Diagonal 109)*, *(Calle 116)*, a *Q. de Trujillo (Calle 127)* e a *Q. de Los Cedros (Calle 134)*. No centro: a *Q. San Diego (Calle 26)*, o *R. San Francisco (Av. Jiménez)*, a *Q. San Agustín (Calle 7)*, a *Q. San Juanito (Calle 3)* e a *Q. La Calera ou (Calle 1)*. No sul: a *Q. de Los Molinos (Calle 8 sur)* e a *Q. Del Cable ou Santa Catalina (Calle 11 sur)*.

¹⁹⁴ Ao norte, na bacia do *R. Salitre* os bairros *Niza* e *Córdoba*. No centro, no canal *San Francisco*, o bairro *Modelia* (na década de 1990 *Ciudad Salitre*); no canal do *Fucha*, os bairros *La Guaca*, *Torremolinos*, *Milenta*, *Carvajal* e *Marsella*. Ao sul, no *R. Tunjuelito*, os bairros *Tejar*, *Nuevo Muzú*, *Madelena*, *Villa del Río* e *Timiza*.

Figura 29 – A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.

Pelo manejo que deu a cidade a seu sistema hídrico configuraram-se três zonas (P-1): 1. A cidade que **enterrou** seus rios; 2. A cidade que **canalizou** os rios; e 3. A cidade que **controlou** seus rios. O manejo inadequado de seu recurso hídrico tem gerado à cidade múltiplos problemas (P-2): deslizamentos nos morros e ladeiras (Foto 1: *Soacha*), inundações no centro e periferia da cidade (Foto 2: *Carrera 7-Calle 73*), e a necessidade urgente de construir plantas de tratamento para despoluir os rios (Foto 3: planta *El Salitre*). [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor]

A terceira franja corresponde à cidade que controlou seus rios, com taludes artificiais em terra (jarillones) que visam a evitar enchentes sobre as áreas urbanas, e que modificaram o vale de inundação do *R. Bogotá*, alterando o principal elemento do sistema hídrico. As obras de controle foram promovidas pela necessidade de adequar infraestruturas para a cidade como no caso do Aeroporto *El Dorado*. Esta franja desenvolveu-se a partir da década de 1970, produto dos novos programas de moradia com o ânimo de suprir as necessidades das classes menos favorecidas no sul e para a classe média no centro e norte da cidade¹⁹⁵. Por efeito dos processos de urbanização e de controle sobre o sistema hídrico, as zonas úmidas localizadas dentro desta franja entraram em um acelerado processo de deterioramento, diminuindo consideravelmente seu espelho d'água (800 ha). A mancha verde está dominada pelos Parques de vizinhança, pelas vias arborizadas e pelas poucas superfícies que ainda não foram urbanizadas.

A urbanização e impermeabilização da Savana de Bogotá e a alteração do sistema hídrico provocam atualmente numerosos conflitos ambientais no interior da cidade, pois as rondas dos rios e as zonas úmidas atuavam como zonas de inundação natural, regulando o

¹⁹⁵ Ao norte: no *H. de La Conejera*, os conjuntos residenciais *COMPARTIR* e *Ciudadela CAFAM*; no noroeste. *H. Juan Amarillo* (*R. Salitre*) os conjuntos residenciais *Bachue*, *Bochica*, *Quirigua*, *Bolívia* e *Ciudadela COLSUBSIDIO*. No centro, no *H. Jaboque*, o conjunto residencial *Villas de Granada*; no canal de *San Francisco* o conjunto residencial *Los Hayuelos* e em cercanias ao *Rio Bogotá* as cidadelas habitacionais *El Tintal*, *El Recreo* e *El Porvenir*.

sistema hídrico, e retendo a água em época de chuva. Com a canalização e controle dos corpos de água, rompeu-se esta dinâmica hídrica da Savana. Como resultado desta ação, em época de chuvas intensas, aumenta-se o risco de enchentes por remoção em massa nas áreas de ladeiras devido à acumulação de grandes quantidades de água¹⁹⁶. Ao ser ocupada a zona inundável dos rios Bogotá e *Tunjuelito* pela cidade, projetou-se um sistema de drenagem para a evacuação de águas servidas e de chuva durante o ano todo, mas em época de chuvas intensas cresce o risco de inundação¹⁹⁷. Finalmente, o deficiente manejo das águas servidas que são misturadas com a água de chuva tem feito que o *R. Bogotá* seja um dos mais contaminados do mundo. É por causa desta última razão e dentro da mesma linha de solução eminentemente técnica que o POT inclui como solução a construção de três plantas de purificação na desembocadura dos rios *Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*¹⁹⁸.

Assim, a construção de infraestrutura para dominar e controlar o sistema hídrico torna insustentável o ecossistema da cidade. Perdeu-se, assim, a oportunidade de manter os corredores ecológicos que permitiram a conectividade dos *Cerros Orientales* com a Savana de Bogotá e o *R. Bogotá*.

Porém, frente a estas situações infelizes, sobressai-se, em um sentido positivo, a recuperação de boa parte da cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*, que mudou a cor ocre do desflorestamento pelo verde do reflorestamento. Dessa forma, recuperou-se parte da imagem original desta paisagem, que tanto impressionou aos viajantes e visitantes do passado. Outro fato para se destacar foi a construção, nos anos 1980, do parque *Simón Bolívar*, com o qual a cidade ganhou um de seus maiores pulmões verdes e um espaço de lazer para os *bogotanos*.

Com relação às manchas verdes restantes da cidade, podem se destacar as áreas que ficaram como propriedade das elites sociais, como o Clube de *Los Lagartos* e o *Country Club*, as manchas correspondentes aos Parques *Distritales* cuja construção foi estimulada pela administração *Distrital* durante a década de 1960, e os Parques Cemitérios. Vale destacar que a maioria destas manchas espalha-se em fragmentos dentro da mancha urbana, sem estar associadas a corredores verdes ou corredores hídricos. Neste sentido,

¹⁹⁶ Situação gerada como produto do estreito diâmetro dos canos que substituem os rios.

¹⁹⁷ Em 2 de abril de 2009: a bacia alta do rio *San Cristóbal*, tributário do *R. Fucha*, registra uma precipitação de 73 milímetros e um fluxo de água de 26 metros cúbicos por segundo, inundando os bairros localizados no setor de *Fontibón*. Em 3 de novembro de 2007: Granizada histórica, inundações no centro da cidade. 14 de maio de 1996: inundações no bairro *San Benito* situado sobre o *R. Tunjuelo*. 19 de maio de 1994: avalanches na *Q. Chiguaza*, que arrastaram o material da *Cantera El Zuque*, destruindo várias casas, com um resultado de 6 mortos, 60 casas destruídas e 822 danificados. Novembro de 1979: o Rio Bogotá transborda perto da foz do *R. Fucha*, afetando principalmente o bairro *Patio Bonito*. Disponível em: <<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

¹⁹⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artículo 121. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

estão longe de conformar uma verdadeira rede de espaços verdes tal como o propõe o modelo de ordenamento do POT, descrito na seção 1.

Frente a este panorama, inevitavelmente surge uma pergunta sobre o vínculo a se estabelecer entre um ideário de cidade e a configuração da paisagem atual: como cumprir o ideário representado no conceito de Estrutura Ecológica Urbana em uma cidade que alterou seu sistema hídrico todo – ao encanar, canalizar e controlar seus rios –, que desconheceu suas zonas úmidas ao longo de quatro séculos, e que estimulou o crescimento da mancha urbana, ignorando a importância de manter uma rede de espaços verdes dentro da cidade?

Se a intenção é procurar resposta para esta pergunta, entre outros possíveis elementos¹⁹⁹, os projetos de Parques Urbanos Metropolitanos deveriam aparecer sem dúvida alguma como uma oportunidade para a recuperação de uma rede verde, especialmente nas zonas onde estão cobertos sob o solo urbano os leitos dos rios. Neste sentido, o Parque Terceiro Milênio deveria ter se apresentado como uma excelente oportunidade para fazer realidade o sonho planejado pelo ideário do Plano de Ordenamento Territorial (POT), tendo em conta sua localização estratégica sobre a franja da cidade que enterrou seus rios, que carece de áreas verdes, e sobre a confluência das bacias dos rios *San Agustín* e *San Francisco*, e a possibilidade que oferecia a recuperação de uma zona altamente degradada no centro histórico de Bogotá.

Assim, a seção seguinte (seção 3) procurará se aprofundar na concepção, desenvolvimento e materialização deste projeto para revelar os elementos que primaram no vínculo entre um ideário positivo da cidade e as realidades e padrões culturais com as que se enfrentou o projeto.

¹⁹⁹ Recuperação de Corredores Ecológicos, aumento de áreas permeáveis, Corredores Viários.

3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.

Como mencionado na seção 2, a partir de 1954, a administração *Distrital* concentrou a maioria de seus recursos na construção de infraestrutura na periferia da cidade (vias, equipamentos e serviços públicos), estimulando o crescimento urbano e incrementando desta maneira a pressão da mancha urbana sobre a área rural da cidade (Savana), atitude com a qual se diminuiu o investimento Estatal no centro da cidade deixando nas mãos do setor privado a iniciativa de adiantar projetos de renovação deste importante setor da cidade.

3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro

Plano Zonal do Centro de Bogotá. (PZCB) 1986.

Somente após a década de 1980, a administração *Distrital* voltou o seu olhar ao centro: Em 1986, a Prefeitura de Bogotá, com o apoio do Fundo Nacional de Projetos de Desenvolvimento *FONADE*, contratou uma equipe de profissionais²⁰⁰, para que realizassem um estudo de recuperação do centro, denominado “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. A área de trabalho correspondeu ao setor denominado como Centro Tradicional²⁰¹ com uma área de 1.750 ha (Figura 30).

O diagnóstico da área demonstrou problemas como a exclusão de moradores, a concentração excessiva do setor terciário, a deterioração do meio ambiente urbano, a geração de grandes vazios urbanos, a irracionalidade do sistema de transporte, a ineficiência da administração pública, a deterioração da imagem do centro e a diminuição de investimentos privados. Foram propostas como soluções a este problema: o fortalecimento da atividade residencial, a descentralização de atividades, a conservação do patrimônio, a recuperação do espaço livre, a racionalização dos sistemas de transporte, a reorganização da administração da zona, o fortalecimento da participação e o estímulo do investimento por parte do setor privado. Finalmente foi criada uma política geral de ação constituída pela definição de um plano, seus princípios básicos, estratégias de intervenção, instrumentos de gestão, e a realização do plano, junto com os projetos de intervenção no espaço livre.

²⁰⁰ Constituído pelos arquitetos Liliana Bonilla, Carolina Barco, Fernando Jiménez, Nicolás Rueda e José Salazar.

²⁰¹ Área da cidade consolidada até o ano 1950. Inclui o Centro Histórico. Está delimitada ao Leste pela *Av. Circunvalación (Carrera 1ª)*, ao Oeste pela *Av. Norte Quito Sur (Carrera 30)*, ao Norte pela *Calle 45* e ao Sul pela *Calle 1ª*.

Figura 30 – Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.

O plano (P-1) definiu como **Centro Tradicional** (cor rosa) a área compreendida pela *Av. Circunvalación*, a *Calle 1ª*, a *Av. Carrera 30* (*Av. NQS*) e a *Calle 4ª*, com uma área de 1750 ha. Como **Centro Histórico** (cor azul) a área correspondente à *Carrera 1ª*, *Calle 4ª*, *Carrera 10ª* e *Av. Jiménez* (*Calle 13*) com uma área de 39,5 ha. Na cor verde resalta-se o Parque Tercero Milênio. O Plano cataloga os usos do setor de *San Victorino* (P-2), predominando a atividade comercial (cor vermelha), institucional (cor azul), hospedagens e semelhantes (cor laranja), escritórios (cor verde) e, em menor escala, moradias (cor amarela). Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 28.

A partir deste estudo foram estabelecidos dois eixos urbanos em formato de cruz, com ponto de intersecção na Praça de *Bolívar* (Praça Maior); estes eixos funcionam como elementos físicos, espaciais e funcionais estruturantes do centro da cidade no sentido norte-sul, o eixo institucional, e no sentido oeste-leste, o eixo tradicional (Figura 31).

Figura 31 – Eixos estruturais do Centro da Cidade.

Definidos pelos caminhos herdados da colônia: em sentido norte-sul, o caminho a *Tunja* (cor vermelha); no sentido leste-oeste o caminho a *Honda* (cor azul). O primeiro deu origem ao Eixo Institucional de 2.9 km e o segundo ao Eixo Tradicional de 2.8 km, planos (P1 a P4). No plano (P5) pode-se ver que o Eixo Institucional integra: (1) o parque de *La Independencia*, (2) o largo de *Las Nieves*, (3) o parque *Santander*, (4) a Praça de *Bolívar*, (5) o largo de *San Agustín*, (6) e a Praça de *Las Cruces*. E o eixo Tradicional integra: (7) a Praça *España*, (8) o parque de *Los Mártires*, (4) a Praça de *Bolívar* e (9) e a Praça do *Egipto*. Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 9 e 54.

Esta estrutura espacial urbana foi retomada literalmente por todas as análises posteriores feitas na área e os projetos de intervenção do centro, omitindo a inclusão de programas de recuperação do sistema natural original, especialmente nos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por considerar que esta era uma causa perdida e sem nenhum valor importante para o Centro Tradicional da cidade. Com este estudo começou um lento, porém firme, processo de recuperação do Espaço livre²⁰², a construção e arborização das calçadas no centro de Bogotá, processo que liderou a Corporação *La Candelaria*²⁰³, e que teve como propósito preservar o patrimônio arquitetônico e urbano do centro histórico e a sua área de influência.

3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.

A análise que se desenvolverá nas páginas seguintes está baseada na revisão de documentos e particularmente do discurso que apresentaram os estudos, planos e projetos associados ao componente ambiental do Parque Terceiro Milênio (PTM), devido ao fato de que estes refletem o ideário e o enfoque que guiou as ações que posteriormente concretizariam-se no Parque.

3.2.1 Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM)

No fim da década de 1990, no marco dos eixos prioritários do Plano de Desenvolvimento²⁰⁴ e especialmente do programa de Renovação Urbana²⁰⁵, a administração *Distrital* interessou-se pela procura de alternativas que lhe deram saída à situação crítica do centro de Bogotá. Além disso, o prefeito Peñalosa (1998-2001), desde o início do seu

²⁰² “[...] constituem o espaço público (livre) da cidade as áreas requeridas para a circulação, tanto para pedestres como veicular, as áreas para a recreação pública ativa ou passiva, para segurança e tranquilidade dos cidadãos, as franjas de retiro das edificações sobre as vias, fontes de água, parques, zonas verdes e semelhantes, as necessárias para a instalação e manutenção dos serviços públicos básicos”. Acordo 6 de 1990, em concordância com o artigo 5º da Lei 9 de 1989 e o artigo 674 do Código Civil.

²⁰³ A Corporação Bairro *La Candelaria* foi criada por meio do Acordo 10 de 1980, como estabelecimento público pertencente à *Alcaldía Mayor*, com *personería jurídica*, autonomia administrativa e patrimônio independente, com o objetivo de promover e financiar as obras de conservação, restauração e construção, compra de imóveis e lugares que sejam de **interesse histórico, arquitetônico** ou **ambiental**. Disponível em: <www.contraloriabogota.gov.co>. Último acesso em: 23 set. 2008.

²⁰⁴ É o Instrumento de planejamento através do qual se organiza, regulariza e orienta o cumprimento do programa de Governo de maneira acordada entre a Comunidade e a Administração local, em concordância com os lineamentos estaduais e nacionais. Constitui-se em uma ferramenta para a ação das instâncias públicas e privadas do município, no qual se estabelece o que a administração quer fazer durante o seu período de governo. *GOBERNACION de Cundinamarca. Guía para la elaboración de un plan de desarrollo municipal. Departamento Administrativo de Planeación*. Bogotá, 2001.

²⁰⁵ No Programa de Governo da Prefeitura 1998-2001, a “Renovação Urbana” foi um tema fundamental do componente “Urbanismo e Serviços”, o qual tinha como propósito o crescimento da cidade harmonizando os processos de urbanização no que se refere à recuperação e adensamento de setores em deterioramento.

período de governo, manifestou a vontade de empreender programas para a geração de espaços verdes para a cidade²⁰⁶, procurando não somente cumprir com as metas traçadas pelo seu programa de governo, mas principalmente deixar a marca da sua gestão na história da cidade.

É assim que em 1998 a administração *Distrital* contratou o consórcio Montenegro & Lizarralde (M&L) para que adiantasse o Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), cujo propósito principal era a renovação da *Pieza Urbana*²⁰⁷, conformada pelo setor comercial de *San Victorino*, e os bairros *San Bernardo* e *Santa Inés*, com uma área de 32.5 ha, que estava em um estado avançado de deterioramento físico, social, ambiental e paisagístico. (Figura 32).

Figura 32 – Plano Maestro Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).

Estabeleceu-se como área de estudo (P-1) a *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a Av. Jiménez, a Carrera 10ª, a Calle 5ª e a Av. Caracas, com uma área de 33,5 ha. Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) definida pela Calle 17, a Carrera 4ª, a Calle 3ª e a Carrera 19, área 268 ha. A *pieza urbana* (P-2) subdividiu-se em quatro zonas de acordo com sua morfologia, estado das construções e seu uso do solo: (1) B. La Capuchina (*San Victorino* setor comercial) área de conservação parcial e intenso uso comercial, área 7,3 ha, (2) área de renovação e uso comercial e moradia, área 9,5 ha, (3) B. Santa Inés; área de maior deterioramento, uso de comércio e moradia informal 16,7 ha, e (4) B. San Bernardo, área de renovação e uso misturado (comércio e moradia), área 3,7 ha. Fonte: IDU/M&L. [Planos do autor].

²⁰⁶ Alguns dias após sua posse (06 jan. 1998), o prefeito Enrique Peñalosa enviou a todos os chefes de entidades distritais um memorando com o título de "Parques a trabalhar". Nele, o prefeito previu a realização do "Parque Central de Colômbia", localizado na área compreendida pela Av. Jiménez, a Calle 1ª e as Carreras 15 e 9ª. Tratava-se de uma grande extensão de área verde arborizada "como os jardins de Luxemburgo ou Versalhes", com equipamentos de caráter Nacional e Distrital, centros comerciais e zonas de moradia.

²⁰⁷ O consórcio Montenegro & Lizarralde utilizou este conceito para definir a área específica de estudo. Posteriormente o POT incluiu este conceito como [...] grandes territórios que integram a área urbana, os quais se diferenciam entre si pela intensidade e distribuição dos usos sobre seu tecido, as formas em que estes manifestam-se e a dinâmica que geram em relação com sua composição geográfica. As *Piezas Urbanas* são: a. O Centro Metropolitano. (O Centro Tradicional, Cidade Central, Eixo Oeste, Nodo de Equipamentos) b. Os Tecidos Residenciais Norte e Sul. c. Cidade Norte e Cidade Sul. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. POT. Decreto 619 de 2000. Artigo 62. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Bogotá, 2000.

San Victorino no marco do PMTM²⁰⁸ ocupa uma área de 7,5 ha, está conformado pelo bairro *La Capuchina* e o setor que recebe propriamente o nome de *San Victorino*²⁰⁹. O bairro *La Capuchina* conta com “comércio de materiais de construção, elétricos, roupa de trabalho, couros e plásticos”, e *San Victorino*, – setor comercial – caracteriza-se por uma intensa atividade de comércio por atacado e varejo de material escolar, material para casa, vestuário e mercadorias variadas de manufatura local ou contrabandeadas. O PMTM tinha previsto para esta área o fortalecimento da atividade comercial não somente para contribuir para a recuperação do setor, mas para garantir a sustentabilidade econômica do projeto.

O Bairro *San Bernardo*, mesmo que na atualidade tenha uma importante atividade comercial, mantém principalmente o uso residencial, e é um dos poucos que conserva boa parte da estrutura, usos e funções do bairro original, contando com equipamentos como uma igreja, uma escola e um pequeno parque. A exceção a esta condição é a franja norte do bairro, próxima à *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, a qual se caracteriza pelo comércio informal, a venda de alucinógenos e a presença de cortiços. O Plano previu para esta área o fortalecimento da atitude residencial.

O Bairro *San Inés*, ao final da década de 1990, enfrentava graves problemas físicos e sociais, entre os quais se destacavam o altíssimo nível de deterioramento físico, invasão do espaço livre, a perda de controle sobre a propriedade, as condições extremas de pobreza e marginalidade social, e o mais alto índice de criminalidade da cidade²¹⁰. No setor situa-se o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e o Colégio *Distrital Santa Inés*. Além disso, é também a localização da emblemática “*Calle del cartucho*” (*Calle 9ª*), centro de operações dos atores mais perigosos da cidade (criminosos, traficantes de droga e armas), presença da população mais vulnerável (catadores de lixo, viciados e indigentes) e lugar de localização do prédio “*El Castillo*” (construção republicana de dois andares) símbolo e centro de ação dos criminosos.

A estas condições somava-se o deterioramento ambiental da zona e, em consideração do autor deste trabalho, a ocupação e urbanização das sub-bacias dos rios

²⁰⁸ IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2.

²⁰⁹ “[...] em 1598 criou-se a paróquia de *San Victorino*, a partir da existência da (Paróquia) *Las Nieves*, que funcionava desde 1585. Dividida pela rua que vai desde a Ponte de *San Francisco* encostada ao convento, o rio abaixo até o campo”. (CORPORACION..., 2004, p. 234) Ao final do século XIX as paróquias transformaram-se em departamentos de polícia e posteriormente em bairros. Atualmente reconhece-se como *San Victorino* ao setor vizinho à praça do mesmo nome. O bairro de *San Victorino* encontra-se no setor noroeste da praça.

²¹⁰ “No caso da zona de influência do Projeto Terceiro Milênio, os índices de criminalidade são os maiores da cidade, 8.72. Taxa de homicídios a cada 1.000 habitantes”, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1. A taxa média para Bogotá é de 0.58. IDU - *Econometría S.A. “Evaluación de impactos socio económicos y ambientales del Parque Tercer Milenio”*. Bogotá, 1999.

San Francisco e San Agustín, dos quais somente ficavam alguns rastros na morfologia urbana, que paradoxalmente correspondia à zona de maior deterioramento físico e social (Figura 33). Visando à recuperação física, social e ambiental desta área, o plano propôs a construção do PTM, com uma extensão de 20 ha.

Figura 33 – Dados simplificados do censo. 1999.

Dados da composição física e social do setor e o grau de vulnerabilidade da população residente. Fonte: “Evaluación de impactos socioeconómicos y ambientales del Proyecto Tercer Milenio”. *Econometría* 1999. Referenciam-se os espaços de maior significado no setor do projeto (P-1). Praças: (1) San Victorino, (2) de Bolívar – Praça maior; (3) Parque de Los Mártires; (4) a “Calle del Cartucho” – calle 9ª. Bairros: Capuchina – zona comercial San Victorino – (cor vermelha), Santa Inés (cor verde) e San Bernardo (cor amarela). [Elaborado pelo autor].

Para cumprir os propósitos do plano, o programa de trabalho incluiu uma fase de diagnóstico, outra de formulação e finalmente um esboço do que poderia ser o desenho do PTM. A seguir, serão mencionadas as considerações mais representativas sobre estas fases, tendo em conta os propósitos deste trabalho.

O diagnóstico compreendeu a realização de uma análise urbana que incluiu: estado dos elementos tipo-morfológicos, a estrutura urbana, o papel do setor no contexto da cidade, as qualidades das edificações existentes e seu potencial para responder às demandas da cidade. Também identificou os elementos que incidiam no estado crítico de degradação do setor:

Alta presença de indigentes e moradores da rua gerando problemas de insegurança, saúde pública, [...] alta invasão do espaço público por comerciantes informais. Ausência de árvores, parques e áreas verdes na zona [...] déficit hídrico na atmosfera e no solo que afeta as plantas proporcionando uma diminuição na cobertura vegetal. Sistema de esgoto combinado

de águas servidas e águas pluviais. [...] Poluição atmosférica presente por fontes fixas de oficinas e queima de lixo; e por fontes móveis de veículos particulares e de serviço público²¹¹ [...] alta contaminação por barulho nas vias de maior afluência como a *Caracas*, a *Av. Jiménez* e a *Carrera 10* como produto do alto trânsito de veículos e por sua forte atividade comercial. [...] Contaminação visual pela alta presença de anúncios publicitários, flâmulas, painéis informativos, pôsteres, cartazes etc. como também pela multiplicidade de cabos de redes de energia e comunicações. [...] Permanente deterioro das construções existentes produto de transformações inadequadas ou improvisadas e por falta de manutenção nas mesmas.²¹²

Este diagnóstico ambiental não se diferencia muito do realizado dez anos antes, no PZCB e nos trabalhos das Agendas Locais de Bogotá²¹³, os quais, apesar de terem identificado elementos importantes, não incluíram uma análise do estado das sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, nem ao menos do equilíbrio hidrológico como processo essencial do ecossistema. O anterior poderia ser explicado pelo fato de que o enfoque do estudo esteve determinado pelo interesse de implementar uma operação de Renovação Urbana, com ênfase principalmente na revitalização dos elementos urbanos construídos, desconhecendo a importância do suporte ecossistêmico.

Na fase de formulação da proposta, uma das metas do plano foi a

Construção de uma imagem espacial pública para a peça comercial de *San Victorino* que, relacionada com a singularidade produzida pelo desenvolvimento histórico, poderia ser reconhecida como um espaço contemporâneo único e competitivo, parte essencial do centro da capital.²¹⁴

Neste sentido, a proposta estaria comprometida com um ideário político, o qual tinha como propósito tornar o centro de Bogotá em destino turístico nacional e internacional e melhorar suas condições de competitividade que estimulariam o investimento privado para o melhoramento do setor.

²¹¹ A poluição por automóveis produz-se por dois fatores, por seu volume de trânsito de veículos na zona e pelo baixo da média de velocidade, o que causa um notável aumento na emissão de gases poluentes. (INSTITUTO..., 1998, p.17)

²¹² INSTITUTO..., 1998, p.18.

²¹³ É um Instrumento de Planejamento Ambiental, com o qual se busca caracterizar a situação ambiental do município para planejar com visão estratégica e acordada com todos os atores o desenvolvimento sustentável local. Em Bogotá as primeiras Agendas Ambientais Locais foram adotadas em 1994, e em abril de 2009 foram atualizadas.

Disponível em: <http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

²¹⁴ INSTITUTO..., 1998, p.31.

Para tornar possível esta meta, o plano fixou como um de seus objetivos organizar e racionalizar o sistema de circulação para pedestres²¹⁵ e veicular do centro, procurando uma maior e melhor mobilidade e conectividade com seus setores vizinhos. Ademais, como indicado anteriormente, seria realizada a construção do PTM e de um Complexo Comercial. A proposta de um parque de 20 ha encontrou sua justificativa no discurso ambiental de moda nestes anos – “mais verde para a cidade” –, e a proposta de uma área (centro) comercial de grande tamanho teve seu suporte no discurso do ideário político que estimulou este tipo de investimentos dentro do lema de “competitividade da cidade”.

O Plano apresentou quatro sistemas para a configuração e consolidação do sistema de espaço livre: o sistema ambiental, o sistema de espaços livres, o sistema de circulação de pedestres e o sistema de circulação veicular. Na apresentação do sistema ambiental, o diagnóstico evidenciou o fato de que *San Victorino* contava com poucas referências naturais próximas, mas que seria possível a conformação do sistema, graças à execução dos projetos *do Av. Jiménez* e o Parque Terceiro Milênio²¹⁶.

O projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²¹⁷ “Propôs reconstruir o tecido ambiental do *R. San Francisco* e potencializar os valores arquitetônicos e urbanos da zona que foram construídos historicamente com essa relação”²¹⁸. Em palavras do arquiteto Rogelio Salmona, autor do projeto, esta intervenção urbana pretendia “recuperar a memória” do curso do *R. San Francisco*. Embora esta proposta parecesse interessante no discurso, o projeto feito não teve nada a ver com o previsto no papel: nunca se definiu o conceito de “tecido ambiental” de modo que a expressão reduziu-se ao retórico e na execução do projeto, em troca de uma restauração ambiental, instalou-se um extenso espelho d’água de 1.600 metros de comprimento ao longo da *Av. Jiménez*, entre a *Carrera 4ª* e a *Carrera 10ª*.

O projeto PMTM apresentou-se no Plano como “uma operação estrutural que procurava substituir a *pieza urbana* mais deteriorada do centro e propor uma recuperação ambiental como digno acompanhamento do centro histórico”²¹⁹.

²¹⁵ Priorizar o uso para pedestres em *San Victorino* fortalecendo o sistema para pedestres no centro da cidade: por meio da relação da área comercial ao Eixo Ambiental *Av. Jiménez* e as zonas para pedestres do eixo governamental. (INSTITUTO..., 1998, p. 31)

²¹⁶ “Devido a *San Victorino* localizar-se no centro da cidade, o sistema ambiental conta com poucas referências naturais vizinhas; porém, a recuperação do centro, com os projetos do espaço público com ênfase na recuperação ambiental, permite uma percepção favorável neste aspecto sistêmico. Sem dúvida os dois grandes elementos do sistema ambiental que o constituem são os projetos em execução do parque do Terceiro Milênio e do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*.” (INSTITUTO..., 1998, p. 43)

²¹⁷ É preciso lembrar que o *R. San Francisco* foi encanado e enterrado sob a *Av. Jiménez*, entre 1927 e 1938.

²¹⁸ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

²¹⁹ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

Sem dúvida, o projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez* contribuiu à recuperação de espaço para pedestres e a revalorização de algumas edificações do centro; porém, a partir de sua execução acunharam-se expressões como “tecido ambiental”, “recuperação da memória”, “recuperação ambiental” que, apesar de seu sugestivo significado, fizeram pouco bem ao ambiente da cidade. Assim, na concepção e formulação da operação urbana e do projeto PTM, o discurso oficial, por exemplo, de termos como “recuperação ambiental”, disfarçou a omissão de uma análise séria dos processos do ecossistema e sua relação com a recuperação das sub-bacias ocupadas pela cidade.

Apesar desta grave falência, não se pode desconhecer que o estudo realizado por M&L aportou elementos importantes na compreensão da problemática urbana do setor e informação privilegiada para que a administração *Distrital* pudesse traçar sua estratégia de gestão do projeto PTM. Além disso, o plano apresentou uma proposta coerente com o ideário político – renovação urbana destinada ao estímulo da competitividade – para a intervenção no espaço livre e de reordenação do espaço privado²²⁰, dimensionou o alcance físico e espacial das operações, simulou cenários de investimento e viabilidade técnica e econômica da operação imobiliária e gerou estratégias para o desenho do plano de investimento social, componente fundamental do projeto, tendo em conta a complexa e vulnerável população instalada na área.

Como terceira fase²²¹ projetou-se um desenho do parque e sua borda, (Figura 34), como primeira aproximação à imagem física e espacial que iria adquirir o setor. Pela envergadura da operação, a proposta considerou quatro zonas de intervenção, cada uma com características urbanas particulares determinadas pelo seu nível de deterioramento físico e ambiental e pelo controle do espaço livre e da propriedade privada. Do mesmo modo traçaram-se estratégias de gestão para cada uma das zonas.

²²⁰ “Para poder concretizar a transcendental operação urbana, traçaram-se duas estratégias: a primeira, a recuperação e controle do espaço urbano, processo que se inicia com a recolocação das vendas populares presentes na Praça San Victorino e a posterior construção da nova Praça; a segunda, uma intervenção direta sobre os bens imóveis, os quais se quantificaram e classificaram em patrimoniais, conserváveis e renováveis. Dessa forma, determinou-se o Plano de Gestão do projeto, estabeleceu-se a responsabilidade pública e privada de investimento no construído e determinou-se a prioridade de compra de prédios requeridos para a operação urbana”. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2. p.17- folio55.

²²¹ Para o desenho preliminar do Parque Terceiro Milênio foram contratados os Arquitetos Edgar Bueno e Fernando Montenegro. Parceria Bueno e Montenegro (B&M).

Figura 34 – Vista aérea do Parque Tercero Milênio. (B&M).

Vista desde o sudoeste, em primeiro plano o Parque com sua extensa fonte no sentido norte sul, ao centro a Praça Cívica enquadrada por prédios comerciais, e ao norte a praça remodelada de *San Victorino*. Em segundo plano o centro da cidade e no fundo os *Cerros Orientales*. Fonte: IDU/B&M.

Zona 1. Esta zona é a de maior atividade econômica, contém imóveis de mediana altitude (3 a 8 andares) – alguns com valor patrimonial –, e faz parte do entorno tradicional e histórico da Praça de *San Victorino*²²²; por esta razão o plano propõe manter as estruturas e morfologias existentes, adiantar um programa de restauração e renovação dos imóveis e uma recuperação do espaço livre. No nível morfológico, propôs-se o recorte de um quarteirão sobre a *Carrera 12*, para permitir o prolongamento da Praça de *San Victorino* e comunicá-la com os prédios comerciais propostos, gerando uma continuidade espacial e de usos entre as duas zonas. (Figura 35).

Zona 2. Esta zona caracterizava-se por uma atividade misturada (comércio e moradia) e por uma morfologia produto do traçado tradicional como tabuleiro de xadrez. Para esta zona propuseram-se vários prédios comerciais e um prédio cultural no centro, assemelhando a tipologia dos centros cívicos preconizados pelo urbanismo moderno: grandes prédios flutuando sobre uma imensa plataforma dura impermeável, modificando de modo abrupto a estrutura do espaço livre tradicional de ruas e praças da cidade; nesta

²²² “A história da praça inicia-se com a invocação a *San Victorino* da igreja que se pensava construir neste lugar, [...] A Praça *San Victorino* era o lugar onde se tomava o caminho de oeste que chegava ao porto fluvial de *Honda*, sobre o rio *Magdalena*, através da qual se chegava ao mar, por conseguinte era a porta de acesso à cidade” CORPORACION LA CANDELARIA. “*Atlas histórico de Bogotá 1538-1910*”. Bogotá, 2004, p. 234. Em 1910 instala-se a estátua do prócer Antonio Nariño e recebe o nome de Praça *Antonio Nariño*. Em 1948 retira-se a escultura, pavimenta-se a superfície toda e a habilitam como estacionamento. Em 1960 é ocupada por vendedores informais. Em 1999 recupera-se e remodela-se este importante espaço da cidade e é identificado de novo como Praça de *San Victorino*.

proposta, o pedestre perde sua escala espacial, pois a área livre é três vezes maior do que a da Plaza de Bolívar, primeiro centro cívico e cultural da cidade e do país.

Figura 35 – Planta geral do projeto. Zoneamento geral.

A intervenção proposta inclui toda a peça urbana (P-1), propõem-se grandes zonas verdes, arborização, uma fonte artificial e o canal alusivo à memória do *R. San Francisco*, este último não se incluiu na planta geral. Estabelece quatro zonas (P-2): ao norte, a zona (1) sobre a Praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe uma grande praça conformada por três grandes prédios comerciais; a zona (3), o parque “*versallesco*” com grandes superfícies duras, e ao sul a zona (4), prédios de moradia em forma de claustro. Fonte: IDU/B&M. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 3. É a zona com maior deterioramento físico, social e ambiental, na qual se localizou o PTM, componente central da operação urbana toda. Como suporte de desenho, optou-se por uma quadrícula ortogonal, semelhante à trama urbana existente de *Calles* e *Carreras*, estabelecendo uma integração e continuidade espacial urbana com o seu entorno. A esta quadrícula foi sobreposta uma gigantesca elipse que abarca a totalidade do Parque, a qual definiria o espaço central monumental, de caráter intimista. Complementário a estas duas geometrias de suporte, incluíram-se dois eixos fundamentais de desenho.

Sobre uma imensa esplanada traçaram-se os caminhos para pedestres em suas diferentes hierarquias, os quais se ressaltam com linhas de árvores de grande porte. Tendo em conta o enfoque do presente trabalho, esta proposta de arborização foi interessante em termos compositivos e de segurança, de maneira semelhante ao caso brasileiro ou europeu: “Os grandes parques se tornam transparentes no Brasil e na França para evitar a

delinquência e outros atos de vandalismo, atividades que apreciam na sombra das árvores e arbustos”²²³.

Porém, a proposta foi simplista e insuficiente em termos ambientais, pelo que evidenciou uma obsessão pela geometria e não propôs, por exemplo, massas de árvores que poderiam configurar espaços com características próprias e independentes dos traçados geométricos e os caminhos. O desenvolvimento de plantas arbustivas agrupadas, ao invés de grama ou esplanadas de concreto com caixas para plantação de árvores, favorece os processos *sucessivos* e a atração da vida silvestre²²⁴. “Uma paisagem multifuncional e auto-sustentável proporciona benefícios sociais, econômicos e meio ambientais e ajuda a rebater a ideia generalizada de monofuncionalidade dos parques”²²⁵.

Além das linhas de árvores, propõe-se paralelo ao eixo norte-sul da elipse um grande corpo longitudinal de água composto por quatro fontes artificiais sucessivas²²⁶ que são complementadas com largos caminhos e com *Palmas de Cera* (*Ceroxylon quindiuense*), árvore nacional da Colômbia. Com estes elementos configurava-se uma perspectiva monumental sobre o espaço central do Parque conformado um grande “passeio senhorial”. Porém, mesmo que a presença do corpo de água teve valor como proposta de desenho, esta opção apresentou uma possível renaturalização dos elementos da sub-bacia.

Zona 4. Com a intenção de construir um marco urbano para o Parque, propõe-se o desenvolvimento dos quarteirões adjacentes, com a presença de prédios de uso misturado com alturas máximas de 10 andares, e comércio no nível do aterro. O uso de moradias nos andares superiores das edificações apresentou-se como estratégia para atrair a população para morar no centro da cidade.

Como o evidenciam as linhas anteriores, em termos ambientais o desenho proposto para o PTM, embora apresentasse aportes para a recuperação física e da paisagem urbana da área a ser intervinda, não apresentou maior aporte para a recuperação ambiental da sub-bacia. (Figura 36). Por outro lado, em termos físicos e sociais, vale a pena notar que a proposta, ao estar apoiada no discurso ambiental corrente nesta década, justificava o fato de

²²³ SERPA, O autor toma a expressão “apreciam a sombra cúmplice das árvores e arbustos” (LEMONIER apud SERPA, 2004, p.141p. 32).

²²⁴ É claro que o desenvolvimento destes grupos de vegetação implica implementar medidas de segurança para evitar situações de roubos ou assaltos aos visitantes, como iluminação durante a noite e desenho que assegure o controle visual dos transeuntes. (HOUGH, 1998, p.112)

²²⁵ (HOUGH, 1998, p. 125)

²²⁶ A primeira circular, a segunda retangular, a terceira em cruz e a última retangular.

subtrair a curto prazo 18 quarteirões em avançado estado de deterioramento físico e o traslado de 6.248 residentes em precárias condições de habitação do bairro *Santa Inês*²²⁷.

Figura 36 – Desenhos de Análise do projeto.

Toma-se como suporte do desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se superpõe uma grande elipse (espaço do Parque) e enfatiza-se o eixo central (norte-sul) com uma longa fonte (1). Na zona central projetam-se quatro grandes prédios comerciais, no costado sudoeste do parque projeta-se uma pequena unidade cultural e de serviços (2). No setor dos prédios comerciais propõe-se uma extensa e árida plataforma dura para pedestres – praça cívica – e no parque uma rede de caminhos (3). O parque configura-se com uma grande esplanada verde (4), com arborização que ressalta o traçado dos caminhos (5), o conjunto do Parque completa-se com uma fonte artificial, que lembra “memória” do *R. San Francisco*. [Desenhos elaborados pelo autor].

Não se pode desconhecer que para cumprir com o objetivo traçado pela construção do PTM, a administração colocaria todo o seu esforço, recursos humanos, técnicos e econômicos, e também se proporia a adiantar um complexo e completo processo de assistência social à população residente e flutuante (arrendatários, inquilinos, habitantes da rua e catadores de lixo etc.), assim como uma operação organizada de compra e controle dos 603 lotes (18 quarteirões). Porém, existe no PMTM uma ambiguidade, pois o discurso ambiental e de recuperação urbanística e paisagística serviu como pretexto para legitimar a ideia de que era necessário adiantar drásticos processos de expulsão de população de escassos recursos situada em lugares estratégicos da cidade, com o fim de recuperar zonas beneficiando a competitividade e a recuperação ambiental.

Esta condição não se distingue muito do que explica Serpa (2004, p. 154): “[...] uma política estranha de requalificação do espaço urbano, porque por um lado cria novos

²²⁷ Incluindo moradores e habitantes de rua. Censo *Econometría*. Em 1999 contratou-se um estudo *econométrico* para identificar e quantificar os efeitos socioeconômicos e ambientais das ações a cargo do projeto, como também o cálculo de sua rentabilidade econômica e social.

parques, que são realmente interessantes em termos de concepção, porém, por outro lado, expulsa os habitantes dos bairros onde esses parques são implantados”²²⁸.

3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)

A elaboração do PMTM permitiu esclarecer os propósitos, as estratégias e a viabilidade da realização do projeto de renovação urbana. Porém, a administração ainda tinha que concretizar os desenhos do PTM e, além disso, achar um mecanismo que permitisse a visibilidade do projeto, de modo que o ideário político fosse incorporado no âmbito profissional e pela opinião pública²²⁹. Assim, em 1999, a prefeitura de Bogotá contratou à Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA) a realização de um Concurso de Ideias para o desenho do PTM, dirigido aos profissionais do país todo²³⁰.

O edital do concurso teve como referência obrigatória as premissas do Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas (1998-2001), do PMTM e sua proposta de desenho do Parque. Igualmente incluiu os lineamentos e conceitos do modelo de ordenamento do POT, o qual naquela época encontrava-se em seu processo de aprovação por parte da entidade ambiental competente²³¹.

O documento apresentou nos dois primeiros capítulos os antecedentes históricos gerais, a descrição atual da área a ser intervinda, algumas referências ao POT e ao PMTM, a apresentação institucional do projeto de renovação da *pieza urbana* e dos instrumentos de gestão que seriam utilizados para sua realização. A partir do terceiro capítulo, apresentaram-se os componentes particulares do concurso arquitetônico – o objeto, o alcance e os elementos fundamentais: urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Depois foram mencionados os critérios do projeto e o resumo das normas urbanísticas gerais.

A apresentação institucional do projeto evidenciou a premissa da proposta do ano 1998, M&L: o *slogan* visava a gerar um grande impacto no centro histórico e tradicional, com a intenção de estimular o investimento público e privado em programas de moradia, comércio e cultura, para fazer de Bogotá uma cidade mais competitiva e atrativa para o

²²⁸ SERPA, 2004, p. 154. O autor retoma a entrevista realizada ao paisagista Gilles Clement, um dos conceptores (sic) do Parque André-Citroën, no contexto de uma investigação de pós-doutorado realizada no laboratório de Espaço e Cultura da Universidade de Paris IV.

²²⁹ “Facilitar a Promoção e Apropriação social do projeto. A espacialidade proposta será o primeiro elemento para que a cidade e os habitantes o incorporem como uma realidade coletiva que interesse a todos os cidadãos. As ideias do concurso devem propor aos cidadãos a imagem deste novo território, permitir sua identificação como símbolo urbano e constituir uma oferta de espaço público com o qual os usuários possam contar”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 2.3.4.1.)

²³⁰ “Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do Parque Terceiro Milênio em *Santafé* de Bogotá”. (SOCIEDADE..., 1999)

²³¹ “De acordo com a Lei 388 de 1997 de Ordenamento Territorial, [...] O processo de elaboração do POT tem três fases ou processos: (1) **Formulação**, (2) **Conciliação Organização** interinstitucional e consulta com os cidadãos e (3) **Aprovação**”.

investimento e o turismo nacional e internacional²³². A conformação de espaços públicos de caráter emblemático apresentou-se como a alternativa que permitira lograr estes propósitos, além de garantir o acesso da população toda em condições de equidade à “recreação, lazer e divertimento”²³³.

As bases do concurso também mencionaram a intenção de melhorar as condições ambientais do setor por meio de “uma área importante verde”²³⁴, mas paradoxalmente em seu edital omitiu todo tipo de compromisso com a recuperação dos elementos naturais do lugar, especialmente dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²³⁵. (Figura 37)

Figura 37 – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).

As propostas de desenho do Parque (P-1) deveriam apresentar uma solução integral à área toda da *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 5ª* e a *Av. Caracas*. Além disso, deveriam resolver a articulação do projeto com o seu entorno imediato (cor rosa). A proposta ganhadora (Pereira & Pabón) subdividiu a *pieza urbana* (P-2) em quatro zonas: (1) área de conservação parcial, onde se mantém a morfologia e uso existente; (2) área de renovação total, com usos de comércio e moradia; (3) área de renovação total, de uso exclusivo para o Parque; e (4) área de renovação total, com uso principal de moradia. [Planos elaborados pelo autor, sobre planos de FONADE “*Preinversión*”, Bogotá, 1988].

Carente de um compromisso de recuperação dos processos essenciais do ecossistema, associados às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, o concurso de

²³² “O projeto deve contribuir a melhorar as condições de competitividade de Bogotá para o terceiro milênio e fazê-la atrativa para novos investimentos e atividades futuras. Se propõe apostar ali por maiores atividades residenciais, lúdicas e culturais, e dotar o centro de espaços públicos ou recreativos, a escala da urbe moderna, para os tempos contemporâneos [...]”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³³ “A construção e dotação de espaços públicos de caráter representativo corresponde à política da Administração de prover à cidade de lugares de encontro e espargimento, onde o cidadão tenha, sem distinção de sua capacidade econômica ou de qualquer outro fator de segregação, igualdade de oportunidades de recreação, descanso e entretenimento”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁴ “Um dos objetivos é o de melhorar as qualidades ambientais desta peça estratégica, propondo uma área importante verde que permita compensar os efeitos e condições de ocupação urbana característica do setor [...] Busca melhorar a qualidade de vida dos habitantes do setor e ao mesmo tempo, como equipamento metropolitano, a de todos os habitantes da urbe”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁵ O documento pedia aos participantes que propusessem soluções em três escalas: “a do Parque e a volumetria de suas margens; a da área de influência e a de articulação do Parque com o setor e o centro com a cidade em geral.”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1) Na definição das escalas de intervenção não apareceu uma referência às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como elementos que ajudaram a definir as escalas e relações que deveria guardar o Parque em termos espaciais.

ideias assinou ao Parque essencialmente um significado e valor emblemático, com a clara intenção de reforçar sua importância e pertinência, fazendo sentir à população que o que estava em jogo com a realização do projeto era a dignidade nacional, e que, portanto, era urgente que todos os cidadãos respaldassem esta nobre e louvável iniciativa:

O centro de Bogotá e do país é tão importante como a bandeira ou o escudo da Colômbia. Por tal motivo, a recuperação deste setor que, pelas atividades e serviços que presta ao restante da cidade e ao país, deve alcançar uma conotação de símbolo nacional [...]” (Bases do concurso, 1999, apresentação)

Este enfoque faz inevitável pensar no papel que cumpriram os parques *bogotanos* em um período da história da Colômbia que passou à memória do povo como a época de “*La Regeneración*”: como se mencionou na seção anterior, no final do século XIX, os projetos dos parques *bogotanos* converteriam-se nas vitrines de um projeto político que pretendia a consolidação e controle do Estado Nacional²³⁶, e que buscava enfrentar a situação de pobreza, violência e crise interna na qual se afundava o país.

É preciso lembrar – guardando a devida distância de tempo, escala e contextos históricos – que na Europa surgiu a ideia do parque público urbano no século XIX, como uma alternativa que reunia um conjunto de qualidades que ajudariam a resolver os males da cidade industrializada, de tal forma que as teorias higienistas legitimariam as funções sanitárias do parque urbano, onde “[...] os benefícios sanitários da natureza se juntaram à virtude pacificadora, associada rapidamente a uma ideia de controle social”²³⁷. No caso *bogotano*, não se trata de um mundo industrializado, mas de uma cidade pré-moderna de apenas 100.000 habitantes, capital de uma República, que tratava de superar a instabilidade política e os fenômenos de violência e pobreza que aconteceram depois da independência em 1810, e que concebeu ao parque urbano a chance de cultivar valores “pacificadores” fundamentais ao orgulho nacional e o culto aos heróis e mártires da independência.

Chama a atenção que no caso *bogotano*, com um século de diferença, propuseram-se soluções com discursos políticos semelhantes, desconhecendo-se que a escala e conflitos da cidade são diferentes e mais complexos. O PTM como projeto político de finais do século XX guarda semelhança com os empreendidos na época de *La Regeneración*, mas

²³⁶ “A *Regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu início a que os princípios do *conservatismo* fossem impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

²³⁷ SERPA, 2004, p. 160.

agora, mediado pelo discurso contemporâneo dos símbolos nacionais, a promoção da competitividade, a procura da igualdade e da sustentabilidade ambiental, foram reforçados com um enfoque quase messiânico: o concurso arquitetônico de ideias tinha o papel da semente no processo de salvação e redenção do centro da cidade e de todos os seus moradores:

Esta é uma ocasião única, e oportuna, para obter na área central da cidade as condições para se inserir ao futuro adequadamente, e para atuar como centro de integração social no mundo contemporâneo. [...]

Não fazê-lo seria condenar a cidade central à decadência, ao anacronismo e ao abandono, ao mesmo tempo em que os equipamentos contemporâneos vão se fazendo na periferia, onde se deslocam os atrativos, ao mesmo tempo em que o centro nem sequer se conserva [...] (Bases do concurso, 1999, numeral 3.1)

Com este ideário, nas bases do concurso pediu-se aos participantes toda sua dedicação e sabedoria para apresentar as mais criativas soluções, que deram resposta a aspectos transcendentais como a “[...] criação de um fato urbano de tal significado e atrativo que se converteria em referente geral da Bogotá metropolitana do século XXI”²³⁸.

Na procura de uma solução integral no setor de *San Victorino* e o centro da cidade, as bases do concurso enfatizaram a necessidade de que as propostas abordassem simultaneamente três aspectos básicos: o urbanístico, o arquitetônico e o paisagístico.

No urbanístico, insistiu-se na importância de conservar a “memória” e ressaltar a importância do lugar na história da cidade²³⁹, assim como na urgência de dispor grandes áreas para o estacionamento de veículos, devido a que toda a operação imobiliária tinha como eixo central a construção de um complexo comercial²⁴⁰ na parte média da *pieza*

²³⁸ Correspondente a este objetivo, o documento do concurso apresentava como objetivos: “Gerar um impacto social cultural e urbano que potencialize a reabilitação da cidade central toda, propor a vocação e o caráter do Parque, assim como sua representação simbólica e cultural para a cidade e o país em geral; definir os usos e possíveis atividades no Parque e na borda de influência imediata [...], que garantam a permanência, o atrativo, o caráter e a sustentabilidade do Parque [...] a utilização dos prédios que seja necessário, ou se proponha conservar; localizar esculturas, símbolos, fontes, sinais, árvores e outros elementos organizadores do espaço cívico proposto; considerar a trama urbana e os espaços públicos pré-existentes ou propostos que articulem o Parque e sua área de influência com o restante da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1)

²³⁹ “O Parque como Marco Urbano: Se deverá incorporar ao desenvolvimento do Parque a memória urbana e o significado histórico que tem tido e tem neste setor para os cidadãos de fora e dentro da cidade. O parque deverá ser um motivo de orgulho e reconhecimento para os cidadãos e lugar obrigado de visita, tanto para os *bogotanos* como para os habitantes de fora da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴⁰ “Deve se considerar que na zona norte da borda do parque se colocará um setor comercial e de serviços de aproximadamente seis hectares, complementares à zona consolidada existente, a qual, segundo os cálculos, deverá prover estacionamentos para 5.000 veículos”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

urbana. Com relação ao aspecto arquitetônico, insistiu-se na necessidade de propor um desenvolvimento imobiliário sobre a *Carrera 10ª* com características semelhantes à solução proposta por B&M, com a intenção de incluir esta zona como parte da estratégia de financiamento do Parque²⁴¹.

Finalmente, apesar de que o concurso do desenho correspondia a um Parque Metropolitano, que por sua natureza deveria fazer parte da Estrutura Ecológica Urbana (EEU) da cidade, o aspecto ambiental e paisagístico foi referido dentro das bases com poucas linhas e de maneira superficial. Aos competidores pediu-se exclusivamente:

Propor a ideia básica do parque com suas áreas, solos, caminhos, fontes, prédios e demais elementos concebidos, assim como as massas, alturas, alamedas ou alinhamentos arborizados, sem necessidade de descrever as espécies, nem fazer um projeto paisagístico detalhado.²⁴²

O tema dos corpos de água – rios *San Francisco* e *San Agustín* – também se tratou de maneira trivial a tal ponto que até o *R. San Agustín* nem sequer foi mencionado dentro das Bases do Concurso. O manejo de água reduziu-se a um artigo de recuperação da “memória urbana” e não se incorporou como um elemento vital do sistema hídrico do centro da cidade. Aos contestantes foi solicitado simplesmente “[...] ter em conta o leito do antigo *R. San Francisco*” sem proporcionar maiores precisões ou parâmetros a respeito.

Os critérios de avaliação e qualificação dos projetos foram consequentes com os objetivos traçados. Neste sentido, não incluíram aspectos ambientais e paisagísticos, e concederam prioridade unicamente à proposta de usos, de articulação urbana e de gestão da proposta. O jurado do concurso outorgou o primeiro prêmio à proposta dos arquitetos Juan Guillermo Pereira e María Camila Pabón (P&P), (Figura 38), a qual compreendia uma operação urbana integral, coincidente com as quatro zonas de intervenção que propuseram B&M:

De acordo com o jurado, o projeto ganhador criava uma nova paisagem através da técnica apropriada na criação de parques, cujo segredo está no trabalho paciente sobre as articulações em diferentes níveis, sobre as massas de árvores, sobre a água, sobre o tecido entre o anterior e o

²⁴¹ “[...] considerar a inclusão de novos prédios representativos de caráter institucional que lhe forneçam sustentabilidade à conservação do patrimônio urbanístico e arquitetônico da borda oriental do Parque”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴² SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2.

construído. O jurado também considerou para selecionar o projeto, a importância que este lhe deu à vinculação direta do parque com os seus limites imediatos.²⁴³

Figura 38 Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitectónico. Arquitetos Pereira & Pabón (P&P). O Parque em primeiro plano com suas praças, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o conjunto de prédios comerciais e de moradia. [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de P&P, sobre a vista aérea de B&M].

Zona 1. A solução propôs manter a estrutura morfológica nos quarteirões existentes em virtude do seu valor patrimonial e sua tradição como setor comercial. Para integrar a Praça *San Victorino* com o Parque, propõe-se subtrair um quarteirão mantendo um prédio patrimonial, que seria reciclado como prédio institucional. (Figura 39).

Zona 2. Para esta zona a proposta incluiu uma renovação total dos quarteirões os quais mantêm a morfologia urbana e recuperam a tipologia de quarteirão com quintal no interior (claustro); estabelecem-se como usos, o comércio no nível da rua e as moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁴. Para dar a continuidade entre a Praça *San Victorino* e o Parque, subtraem-se dois quarteirões e mantêm-se os prédios patrimoniais, os quais são reutilizados como equipamentos institucionais.

Zona 3. Esta área corresponde ao PTM, e tem um tamanho maior ao proposto no projeto de B&M, pois integra ao Parque quatro quarteirões do costado norte. Propõe-se a conservação de todos os prédios patrimoniais, os quais são reciclados como prédios

²⁴³ Carta do jurado qualificador dirigida aos participantes do Concurso de Ideias Parque Terceiro Milênio, novembro de 1999. In: IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1., p. 55-Folho 094.

²⁴⁴ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

institucionais, que prestam serviços complementares ao Parque. Para conservar a estrutura espacial e funcional da *Calle 10ª*, propõe-se a construção de novos prédios com formato de barra, paralelos à *Calle 10ª*, que confinados com os prédios patrimoniais recompõem o espaço cênico da via. A composição geral do Parque apóia-se sobre a quadrícula tradicional, típica da morfologia da cidade colonial, à qual foram sobrepostos eixos diagonais, que respondem – segundo os projetistas – às tensões próprias do lugar²⁴⁵.

Figura 39 – Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.

O projeto que incluiu a *pieza urbana* toda (P1) propõe: manter os prédios patrimoniais, extensas zonas verdes, linhas de arborização e uma longa fonte artificial. Destaca-se a plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* que permite a continuidade espacial entre o parque e o centro histórico. Estabelece quatro zonas (P2): ao norte, zona (1) sobre a praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe-se a uma renovação total e prédios comerciais respeitando a morfologia existente; a zona (3), o parque, uma extensa esplanada com três eixos principais, (a) *Calle 11*, caminho de jardins temáticos, (b) caminho ao museu urbano e (c) alameda *Carrera 12*, e no sul, a zona (4) grandes prédios de moradia com formato de barra. Fonte: Revista Escala no. 186-187. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 4. Propõe-se para esta zona a modificação de todos os quarteirões, a construção de um plano de moradia, com tipologia em barra, com espaços verdes interiores, com comércio no nível do térreo e moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁶. Para integrar o PTM com este novo desenvolvimento de moradia projeta-se um “parque lineal” no costado sul da *Calle 6ª*, parque que na verdade correspondeu a uma calçada arborizada.

Como havia plena liberdade de propor o conteúdo do programa do Parque, o projeto ofereceu uma série de elementos, os quais foram aproveitados como estratégia de composição do mesmo e de sua integração com o setor: especialmente a criação de uma

²⁴⁵ Um eixo que integra a Praça de *San Victorino* com a esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*, e um eixo curvo que associado ao anterior conforma o espaço monumental mais importante do Parque; outro eixo diagonal conecta a esquina da *Av. Caracas* e *Av. Jiménez* com o Parque e o bairro *San Bernardo*; a partir deste eixo, estabelece-se um novo plano visual que integra o Parque com os *Cerros Orientales* da cidade.

²⁴⁶ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

plataforma para pedestres no nível das calçadas sobre a *Carrera 10ª* entre as *Calles 8ª e 11*, conectando espacial e funcionalmente o PTM com o Centro Histórico (Praça de *Bolívar*); o fluxo veicular da *Carrera 10ª* se resolve com uma via subterrânea que passa sob a plataforma para pedestres.

Sobre a *Av. Caracas* propõe-se uma solução menos afortunada, ao resolver a integração a partir do traçado geométrico da arborização proposta, a qual proporciona uma aparente homogeneidade ao espaço, mas na verdade este se fragmenta sob a copa das árvores, sem resolver a conectividade urbana.

Como mencionado anteriormente, a *pieza urbana* compõe-se por quatro zonas claramente estabelecidas. Para conseguir uma integração entre estas, o projeto propõe três elementos estratégicos: o primeiro é um grande espaço verde com formato de banana que conecta a Praça de *San Victorino* com a Praça *Caracas*²⁴⁷. Este espaço de caráter monumental domina toda a composição do Parque e contém duas Praças: Central e de Esculturas, acolhe o passo das *Calles 10ª e 11*, ressalta quatro prédios patrimoniais e um longo corpo de água conformado por quatro fontes artificiais que supostamente lembram o velho leito do *R. San Francisco*. Este espaço enquadra-se com árvores de grande porte, plantados sobre os caminhos dos eixos principais.

Um segundo elemento é o caminho diagonal que comunica o grande espaço verde com formato de banana a três praças triangulares do Parque: a Praça Central, a Praça de Esculturas, e a Praça de Eventos localizada na *Carrera 12* com *Calle 7ª*. O terceiro elemento esta constituído pelo caminho traçado sobre a *Carrera 11*, que comunica a Praça de *San Victorino* com a *Calle 6ª*. Este eixo contém uma biblioteca acondicionada em um prédio patrimonial, três jardins temáticos – flores, verde e árido – o parque infantil com brinquedos mecânicos e a área para esportes com quatro quadras múltiplas. (Figura 40).

Em relação aos elementos naturais, o projeto ganhador propõe como base uma extensa planície verde, que cobriu o espaço todo do Parque, a qual era rebaixada pela quadrícula de caminhos estreitos, pelos eixos diagonais e pelas pequenas praças propostas. Com a intenção de romper com esta paisagem contínua, propôs-se ao costado leste do eixo central que comunica a Praça Central e a Praça de Eventos, um largo talude triangular conformado por três seções trapezoidais, o qual cumpria com várias funções: gerar um lugar calmo e estratégico para o lazer e aproveitamento do Parque, estabelecer um controle espacial entre as áreas leste e oeste do Parque, cumprir a função de corta-ventos e

²⁴⁷ Praça proposta na esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*.

comportar-se como uma sacada urbana, desde onde se teria uma vista panorâmica do Parque, seu entorno e especialmente os *Cerros Orientales* da cidade.

Figura 40 – Desenhos da análise do projeto.

Semelhante à proposta de B&M, estes tomam como suporte de desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se traçam eixos diagonais que relacionam pontos importantes do setor (1). Sobre a Praça de *San Victorino*, subtrai-se um quarteirão para permitir a conexão desta com o Parque, na zona central projetaram-se prédios de comércio em formato de claustro, e no Parque propõem-se pequenas unidades (museus e serviços) sobre os três eixos principais (2). Como sistema para pedestres propõe-se uma rede simples de caminhos, com praças no cruzamento dos caminhos mais importantes (3). O parque beneficia-se com uma importante esplanada verde que inclui um talude central (4). A rede de caminhos destaca-se com as linhas de árvores (5). Para rememorar o leito do *R. San Francisco* projeta-se uma longa fonte de cinco trechos. [Desenhos elaborados pelo autor].

A vegetação dispôs-se basicamente de duas formas: de um lado, fileiras de árvores que acompanhavam os caminhos e enquadravam os espaços, com a clara intenção de ressaltar a trama tradicional urbana de *Calles* e *Carreras* de árvores; de outro, a configuração de massas “quadriculadas” de árvores com a finalidade de criar barreiras naturais que controlaram visual e acusticamente as interferências produzidas pela *Av. Caracas*, uma das vias mais congestionadas da cidade.

Para a recuperação da “memória” do leito do *R. San Francisco* propõe-se, paralelo ao eixo diagonal que comunica a Praça de *San Victorino* e a Praça *Caracas*, um longo corpo de água formado por quatro fontes artificiais de água, as quais fazem parte do espaço verde dominante da composição do Parque.

É claro que o projeto recebeu o primeiro lugar, por sua resposta frente às exigências das bases do concurso, nas quais se insistia em reconhecer as estruturas urbanas existentes, em propiciar a conectividade urbana e em manter o patrimônio arquitetônico. Também é evidente que como as diretrizes das bases do concurso não incluíram referências com relação à recuperação dos elementos naturais do setor, nem do sistema hidrológico, a

proposta ganhadora ignorou os critérios e as estratégias de desenho ambiental. Porém, sob o olhar deste trabalho, observaram-se os seguintes aspectos positivos na proposta ganhadora:

O projeto propunha manter a maior quantidade de espaços livres no Parque e no setor, com uma superfície verde permeável equivalente a 70% da área do Parque e com poucas áreas impermeáveis, conformadas pela rede de caminhos – os quais tinham dimensões semelhantes ou menores ao largo das ruas existentes no setor –, e o conjunto de praças, cujas dimensões eram inferiores às da *Praça de San Victorino*, principal espaço público da *pieza urbana*. O modelado da topografia configurava um talude central o qual operaria como sacada urbana, desde onde se tinha domínio do Parque, do seu entorno e dos *Cerros Orientales*, elemento dominante da paisagem da cidade.

A instalação de uma plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* dava continuidade e conectividade urbana entre o Parque e o centro histórico da cidade, conseguindo com isto que a população usuária do centro participasse e aproveitasse de maneira direta os espaços e as atividades que o Parque poderia lhes oferecer.

O grande espaço verde com formato de “banana” era um elemento de integração de todos os componentes destacados da *pieza urbana*: a Praça de *San Victorino*, a Praça Central, a Praça de *Esculturas*, o Colégio *Santa Inés* e a Praça *Caracas*, os quais se conectariam por dois caminhos para pedestres, que percorreriam o espaço, tendo como elemento de composição central a grande fonte artificial, “[...] figura verde, acompanhada de um plano de água lineal, memória do passo do rio [...]”²⁴⁸.

A partir desta mesma leitura, neste trabalho identificam-se aspectos fracos no projeto ganhador: ao se tomar como base de desenho o traçado tradicional das *Calles* e *Carreras* existentes, o projeto apresenta uma solução espacial que reproduz de maneira simplista o tecido da cidade, onde o construído é trocado pelo vazio. É assim que o projeto é concebido como uma grande operação de subtração dos quarteirões, onde as ruas tornam-se caminhos e os quarteirões espaços verdes. Esta solução aparentemente respeitosa do passado, como o referem os autores, não aportava elementos paisagísticos significativos para o novo Parque, pois esta atitude fazia com que todos os percursos fossem semelhantes, lineais e com as mesmas perspectivas sem nenhum valor cênico.

Chama a atenção que a única parte onde não se manteve o traçado urbano foi na zona correspondente aos quarteirões irregulares, bem no lugar por onde passava o *R. San*

²⁴⁸ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 65.

Francisco. No projeto há uma obsessão marcada por endireitar tudo, por traçar grandes eixos conectores de espaços ou pontos de interesse, como intencionalmente notam os autores:

O urbanismo de *Sixto V*, que estabelece pontos de tensão entre a cidade, e percursos lineais que os comunica, fazem aparecer [no projeto] uma segunda estrutura superposta, rica em diagonais que responde ao fato de que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta [...] ²⁴⁹

É com esta mesma atitude que se traça a rígida fonte de água, com a intenção de recuperar a “memória” do leito do *R. San Francisco*.

Em estreita relação com os conceitos anteriormente expostos, a proposta de arborização reafirmou esta obsessão por ressaltar a traça urbana e os novos eixos diagonais, pois a colocação da vegetação fez-se a partir de uma rígida geometria na qual as linhas de árvores enquadravam os espaços, as fileiras de vegetação acompanhavam os caminhos e nos casos em que se propunham massas de árvores fez-se sob uma severa geometria semelhante à utilizada na plantação mecanizada para a produção agro-florestal.

A proposta, fiel às bases do concurso, não apresentou nenhuma alternativa de recuperação dos elementos naturais perdidos – rios *San Francisco* e *San Agustín* – os quais tiveram grande importância para a cidade. A referência ao *R. San Francisco* fez-se com um longo espelho d’água composto por quatro bacias artificiais, que pouco tinham a ver com o percurso original do rio e muito menos com a função biológica que poderiam cumprir dentro do ecossistema da cidade. Finalmente – semelhante às bases do concurso – não se fez nenhuma referência ou alegoria ao *R. San Agustín*.

Apesar destas falências, o processo do concurso arquitetônico de ideias cumpriu com a estratégia central da administração *Distrital*: dimensionar o custo político e social da obra a empreender – aproveitando a oportunidade como um instrumento de publicidade da operação imobiliária da *Pieza Urbana* Terceiro Milênio – por meio de um evento de caráter nacional, que convocou todos os arquitetos do país aproveitando o ente mais importante do grêmio, a Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA).

A estratégia de utilizar o concurso como um instrumento de publicidade ou promoção evidencia que o PTM, no fundo, foi um projeto político, que em sua concepção retomou a

²⁴⁹ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67..

experiência do modelo francês, usado na construção de parques nos últimos anos do século XX: “Concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque urbano está ligado, sobretudo, a uma vontade política [...] Trata-se principalmente, de uma vontade política de representação no (e através do) tempo”²⁵⁰.

3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.

Com o PMTM, a convocatória do Concurso de Ideias e a eleição de um projeto ganhador, a administração *Distrital* conseguiu concretizar numerosos aspectos relacionados com a materialização deste megaprojeto portador de um ideário político. Porém, ainda era necessário dotar o projeto de um elemento adicional que permitira finalmente a execução amparada em um marco legal e normativo. Foi assim que a Prefeitura contratou o “Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio” (*POUPTM*), cujo documento técnico foi encarregado à União temporal, EHM Arquitectos, conformada por Rafael Esguerra, Carlos Hernández e Giancarlo Mazzanti. (Figura 41). O estudo teve como objetivo “estabelecer um diagnóstico sobre a situação atual, os potenciais, e as restrições do setor utilizando uma base técnica que permitisse analisar as características dos componentes ambientais, paisagísticos, espaciais, funcionais e físicos da área”²⁵¹. Para os propósitos desse trabalho, requer-se aprofundar nos elementos que primaram na concepção do POUPTM, pois esses evidenciam as prioridades e parâmetros que se estabeleceram para a execução do projeto.

O Documento técnico do POUPTM incluiu uma aproximação à escala metropolitana, para “[...] visualizar as transformações ambientais e geográficas, a conectividade e acessibilidade ao setor”, uma aproximação ao centro da cidade e a área de influência do Parque²⁵². O Documento Determinou os usos, densidades e níveis de intervenção e o procedimento para a definição das normas do setor, os instrumentos de gestão urbana e planejamento, e a atuação urbanística de acordo com os lineamentos da Lei 388 de 1997, Lei de Ordenamento Territorial.

Com relação ao tema legal, o Documento Técnico do POUPTM teve em conta as definições e lineamentos do “Decreto 880 de 1988”²⁵³, o qual lhe atribui o tratamento de

²⁵⁰ SERPA, Angelo, 2004, p. 139-140.

²⁵¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6.

²⁵² INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 4.

²⁵³ O estudo de Montenegro & Lizarralde deu origem ao Decreto 880 de 1998. “*Por el cual se adopta el programa de Renovación Urbana para la recuperación del sector comprendido por los barrios San Bernardo y Santa Inés y su área de*

Renovação Urbana²⁵⁴ ao bairro de *San Bernardo* e sua área de influência; do Decreto 334 de 2000, “com o qual se modifica e se complementa o Decreto 880 de 1998 com relação aos conteúdos do Programa de Renovação Urbana para o Setor de *San Bernardo*”²⁵⁵; e o Decreto 619 do Plano de Ordenamento Urbano (POT), cuja aprovação e divulgação realizaram-se no ano 2000. O POUPTM, em relação à escala urbana, incorporou os objetivos estabelecidos pelo POT para o ordenamento da cidade central²⁵⁶.

Figura 41 – Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).

Em primeiro plano o Parque com suas alamedas, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o traçado do novo desenvolvimento urbanístico, conjunto de prédios comerciais (sem construir). [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de EHM, sobre a vista aérea de B&M].

Embora fossem expostos os aspectos relacionados com a norma específica do setor e a operação de renovação urbana²⁵⁷, no que diz respeito à dimensão ambiental, é preciso dizer que em sua introdução, o Documento Técnico do POUPTM deixou em um lugar

influencia y se establecen normas específicas para algunos de los sectores dentro del área de Renovación Urbana". Bogotá, outubro de 1998.

²⁵⁴ O decreto 880/98 definiu a Renovação Urbana como o “processo de intervenção sobre a política de uso do solo, por meio deste procura-se transformar ou adequar um assentamento urbano existente e adaptá-lo a novas necessidades urbanas com o fim de dinamizar zonas deterioradas ou em processo de deterioramento”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe Final)

²⁵⁵ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe final.

²⁵⁶ São objetivos do ordenamento da cidade central (entre outros): “[...] Melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. 5. Proteger e conservar os elementos da Estrutura Ecológica Urbana dando trato especial aos *Cerros Orientales*. 6. Incentivar a conservação das zonas e imóveis patrimoniais [...]”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Plano de Ordenamento Territorial (POT). Decreto 619 de 2000. Art. 121. *Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital, Bogotá, 2000.*

²⁵⁷ O Plano recomendou o seguinte: “A norma específica para o setor de intervenção estará delimitada por meio de três atos administrativos que são: a *Ficha (explica)* regulamentaria: para os setores com tratamento de renovação em sua modalidade de reativação. O Plano Parcial: para os setores com tratamento de renovação na modalidade de re-desenvolvimento e o Plano *Maestro* para Parques e Plano *Maestro* para Equipamentos: na área específica do parque.”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 56, Informe Final)

marginal a dimensão ecossistêmica, apesar da presença do conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no POT. Somente fez uma breve alusão a este conceito, transcrevendo os objetivos do ordenamento da cidade central estipulados pelo POT:

[...] melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. E proteger e conservar os elementos da EEU dando tratamento especial aos *Cerros Orientales*.²⁵⁸

Vale a pena notar também que paradoxalmente nestas poucas linhas não se consideraram as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como parte fundamental da EEU no centro da cidade.

Apesar desta omissão na introdução, a descrição da área de estudo do documento Técnico do POUPTM incluiu alguns enunciados sobre o “Sistema Ambiental Geográfico e de Paisagem”, sem assumir um compromisso tangível com o ideário que deu vida ao conceito de EEU na formulação do POT: (Figura 42), no estudo mencionaram-se alguns antecedentes e o estado da paisagem, dos componentes hidrológicos, topográficos e bióticos, enfatizando na vegetação existente e predominante na área. A descrição de cada um dos componentes retomou os elementos enunciados pelos estudos que lhe antecederam (Plano Zonal do Centro de Bogotá, Agendas Locais Ambientais, Plano *Maestro* Terceiro Milênio e bases do Concurso Arquitetônico de Ideais entre outros). As recomendações para o melhoramento da qualidade ambiental retomaram a retórica das bases do CAI e do PMTM, sem formular uma proposta encaminhada a concretizar ações específicas para a recuperação do sistema hídrico e hidrológico original²⁵⁹.

²⁵⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Documento Técnico de Soporte al POT*. Numeral 5.2.1.2.3. Bogotá, 1999.

²⁵⁹ “A recuperação da memória dos rios executa-se por meio da incorporação do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, que continua até o interior da zona. É um componente essencial para a recuperação do espaço público de *San Victorino* e para o Parque Terceiro Milênio. [...] Do mesmo modo a *Calle Séptima* por onde passava o leito do rio *San Agustín* incorpora-se também como Eixo Ambiental, aportando um melhoramento das condições para a circulação de pedestres e de bicicletas e com um critério claro de arborização para articular a rede verde [...] Como uma solução para compensar a artificialização (enterro) dos rios, é importante considerar a conexão entre os cerros e seus rios por meio da incorporação das principais avenidas por meio de eixos ambientais e suporte da malha verde, de forma que todas estas funcionem dentro de uma rede verde viária [...] se recomenda a penetração da paisagem dos morros na trama urbana por meio de seus principais eixos (antigos leitos) *Av. Jiménez* e *Calle Séptima*, entre os que se recomenda incluir também a *Avenida de Los Comuneros* e a *Avenida 1ª*, de jeito que estes eixos verdes desçam e penetrem na área para chegar ao Parque e continuem pela rede verde viária. Estes corredores poderão atrair novas espécies de fauna associada, buscando melhorar a qualidade sonoro-auditiva, não somente pela absorção, desvio e reflexão do barulho, mas pela substituição por outro som mais prazeroso ou mais tolerável ao ter-se reduzido a energia original”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p.39-40, Informe final) O documento do Plano não fez nenhuma recomendação técnica para conseguir estes louváveis objetivos, já que a atividade pela qual tinha sido contratada a União EHM Arquitectos, consistia somente em efetuar recomendações gerais, de modo que as propostas como, por exemplo, a de um “eixo ambiental” sobre a *Carrera 7ª*, ou sobre a *Avenida 1ª* jamais se realizaram.

Figura 42 – Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto construído. (EHM).

A área de estudo do Plano (P-1) estava definida pela zona (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 1ª* e a *Av. Caracas*, com uma área de 68,3 ha, Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) estava conformada pela *Calle 19*, a *Carrera 4ª*, a *Calle 6ª* sul e a *Carrea 19* área 310 ha. A área do Parque (P-2) subdividiu-se em duas zonas: (1) Cor verde escuro, pertence ao espaço de articulação entre a área comercial de *San Victorino* e o Parque. (2) cor verde claro, corresponde à área do Parque propriamente dito. Fonte: IDU/EHM. [Desenhos elaborados pelo autor].

Na metodologia do POUPTM, incluíram-se três fases: a primeira foi referente a uma “Análise e diagnóstico no nível do setor”, a segunda, a uma “Definição das alternativas de organização”, e a terceira, ao “Desenvolvimento do cenário de organização e desenvolvimento do projeto arquitetônico”²⁶⁰. É nesta última fase que se incluiu o projeto “Estabelecer as diretrizes do desenho do parque e seu desenvolvimento”²⁶¹. Neste cenário foi determinada a função e o conteúdo do programa, e foram elaborados os planos gerais de construção do Parque.

Projeto construído

Para a zona de 18.5 ha²⁶², (Figura 43), correspondente ao PTM, o POUPTM, retomou vários critérios do projeto ganhador do concurso arquitetônico de ideias:

[...] a integração com o seu contexto urbano: relação com o *cardo*²⁶³ Institucional, a relação com (os bairros) *La Candelaria*, *La Capuchina*, *El Voto Nacional* e *La Estanzuela* [...] a construção do Parque por etapas²⁶⁴, a recuperação da ‘memória’ dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por meio da criação de espelhos d’água, a evocação de seus leitos pelo tipo de

²⁶⁰ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6-8, Informe final.

²⁶¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 8, Informe final.

²⁶² A área inicial era de 20 ha, mas ao suprimirem-se dois quarteirões ao norte do Parque a área diminuiu a 18.5 ha.

²⁶³ **Cardo**: rua sentido norte-sul usado no planejamento urbano das cidades do império romano. A rua sentido leste-oeste se denomina *Decumanos*.

²⁶⁴ “O qual se verificou de acordo ao Plano de compra de prédios da Empresa de Renovação Urbana”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60, Informe final)

arborização associada²⁶⁵, a criação de grandes espaços representativos de encontro abertos à paisagem dos morros; o manejo do Parque por meio de sistemas operativos (solos e topografia), de tensões e fluxos (mobilidade), e de acontecimentos (programa de usos) [e finalmente a] evocação da memória de suas ruas e espaços, e identificação de seus espaços com seus antigos nomes” (Toponímia).²⁶⁶

Figura 43 – Planta geral do Projeto Construído.

Diferente dos projetos de B&M e P&P, a proposta somente inclui a área do Parque (P1). Mantêm-se os prédios de Medicina Legal e o Colégio *Santa Inés*, projetam-se sete taludes perimetrais para isolar os espaços interiores com o seu entorno, além de organizar a rede de caminhos inferiores e superiores do mesmo. Como complemento ao Parque (2) a administração *Distrital* elabora os Planos *Maestros* de *Santa Inés*, ao norte (1), e *San Bernardo*, ao sul (3), com os quais se estabelece as normas de ocupação e uso destes dois importantes setores vizinhos do Parque. [Desenhos elaborados pelo autor].

As linhas anteriores evidenciam que com relação ao tema ambiental, persistiu a retórica da “evocação” e “recuperação de memória” dos rios, cujo reflexo no desenho seria o espelho artificial d’água e a arborização associada.

A composição geral apoiou-se sobre a antiga quadrícula tradicional de *Calles* e *Carreras*, sobre a qual se destacaram três eixos. O principal eixo correspondeu à prolongação da *Carrera 12* (Alameda Terceiro Milênio), cumprindo a função urbana de integrar de norte a sul a Praça de *Nariño* com o Parque do Bairro *San Bernardo*. O segundo eixo correspondeu à *calle 9ª* (Alameda *Calle Novena*), a qual teve a função urbana de articular o setor de *San Victorino* com o PTM e a de conectar o Parque com o Centro Histórico da cidade. O terceiro eixo correspondeu à *calle 7ª* – Alameda *Calle Sétima* –, integrando a escultura urbana “*Pórtico*”, do escultor Ramírez Villamizar, localizada sobre a *Av. Caracas*, ao Colégio *Santa Inés*, à Alameda Terceiro Milênio e à zona sul de brinquedos para as crianças. (Figura 44).

²⁶⁵ *Cedros*, (*cedrela montana*) *Sangregaos* (*croton*), *Gaques* (*clusia*) e *Pinos Romerones* (*podocarpus montanus*).

²⁶⁶ (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60-61, Informe final)

Figura 44 – Desenhos de análise do projeto.

O projeto toma como suporte de composição a malha tradicional urbana, semelhante aos projetos anteriores, a qual é modificada com dois eixos diagonais no sul do Parque (1); propõe pequenas unidades culturais e de serviços espalhadas pelo Parque todo (2); o sistema para pedestres está constituído por amplas alamedas perimetrais e interiores, destacando-se a Alameda Terceiro Milênio – eixo central norte-sul – (3); as zonas verdes são sacrificadas pela alta presença de zonas duras – alamedas – (4); análogo às propostas anteriores a arborização dispõe-se em linhas que marcam os caminhos (5); sobre o eixo central e os caminhos diagonais projetam-se cinco fontes e outra maior na zona do “jardim botânico”. [Desenhos elaborados pelo autor].

Com relação aos elementos naturais, no desenho paisagístico, apresentou-se como novidade a utilização de taludes artificiais na periferia do Parque, os quais foram dispostos com a intenção de configurar microespaços, conformar barreiras corta-vento, gerar isolamento visual e acústico como o entorno imediato. Adicionalmente projetaram-se esplanadas verdes acondicionadas com espaços para as crianças brincarem.

Com a intenção de consolidar uma rede de alamedas com chãos duros na periferia e no interior do Parque, sacrificou-se uma parte significativa da superfície permeável, de forma que esta se limitou somente a 36% da área total. Propuseram-se linhas de árvores de grande porte na periferia e nas alamedas principais do Parque, e não se realizou nenhuma proposta de massas de árvores de diferentes espécies nativas que favorecessem os processos *sucessivos* e a atração de fauna.

Manteve-se a atitude de propor pequenas bacias artificiais de água, às quais lhes designaram uma função exclusivamente decorativa, sem incorporar estratégias de manejo das águas pluviais, nem muito menos considerar a possibilidade de recuperação das dinâmicas das sub-bacias.

Incluiu-se um Jardim Botânico, que resultou ser mais uma ilusão alegórica do que deveria corresponder a um elemento desta natureza. Por tal motivo, em consideração do autor deste trabalho, na verdade, todo o Parque deveria ter sido concebido como uma

grande reserva de vegetação nativa, que contribuísse à recuperação de processos ecológicos.

Com relação à proposta de mobilidade para pedestres, projetou-se um anel perimetral de circulação com alamedas nos quatro extremos do Parque: *Carrera 10ª*, *Calle 6ª*, *Av. Caracas* e *Calle 9ª*. No interior do Parque construiu-se uma Alameda Central, (Alameda Terceiro Milênio) de 32 metros de largo e 400 metros de comprimento, a qual, paradoxalmente, não incluiu árvores. Esta alameda foi complementada com outras alamedas menores (*Calle 7ª* e *Calle 8ª*), e uma rede de caminhos estreitos²⁶⁷. O tamanho e quantidade das alamedas e caminhos obrigou a ter uma quantidade significativa de superfícies duras que ocupam 61% do Parque, gerando assim uma imagem de paisagem árida. A esta paisagem opõe-se o valor cênico dos taludes sulcados por caminhos sinuosos localizados nas zonas baixas e superiores dos mesmos. (Figura 45).

Figura 45 – Percurso fotográfico do Parque.

Destacam-se os seguintes elementos: (1) a Alameda Terceiro Milênio com sua exagerada dimensão e sua evidente falta de arborização; (2) os taludes perimetrais, com os caminhos “traçados” pelos usuários em suas crestas; (3) a esplanada verde com brinquedos para crianças, com pouca utilização; (4) as fontes artificiais como “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*; (5) o Jardim Botânico, nome exagerado para este desolado espaço; (6) o módulo cultural e de serviços (*lan house*) com baixa frequência de uso. [Fotos do autor].

A rede de ciclovias instalou-se sobre a rede principal de alamedas, beneficiando-se da arborização e do mobiliário proposto. Finalmente, a *Calle 9ª* e a *Carrera 13* foram mantidas como vias veiculares, mas de trânsito restrito. A função destas duas ruas é manter a conectividade do Parque e do prédio de Medicina Legal com o setor. Para os carros

²⁶⁷ Programa ratificado no Decreto Distrital 346 de 2003: “Por el cual se adopta el Plan Maestro Parque Tercer Milenio”.

projetou-se uma zona de estacionamentos subterrânea para 168 veículos, sob a alameda central, com entrada e saída pela *Calle 6ª (Av. Comuneros)*.

Com relação às edificações, foram mantidas como prédios do Colégio *Santa Inés* devido a seu valor cultural e patrimonial e o prédio de Medicina Legal, em virtude da importância do serviço que presta à cidade. Exclusivamente para o Parque se propuseram pequenas unidades de serviços assim dispostas: sobre a Alameda Terceiro Milênio, dois palcos para a realização de espetáculos culturais e um Centro Cultural (*lan house*). Dois restaurantes, um no Jardim Botânico e outro frente ao Instituto de Medicina Legal, e três unidades de serviços nas Zonas de brinquedos para crianças. O total da área ocupada pelas construções é de 4% do Parque.

Para legalizar o processo todo de construção do parque, a prefeitura contratou o arquiteto Camilo Santamaría para o estudo “Plano Maestro Parque Terceiro Milênio”, com o qual se determinaram os usos e a ocupação do parque e se legalizou ante o *Departamento Administrativo de Planeacion Distrital -DAP*. (Figura 46)

Figura 46 – Plano Maestro Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.

Com este Instrumento Legal determina-se o uso e ocupação do Parque Terceiro Milênio. Estabelece-se o zoneamento, plano P1: (1) Alameda Terceiro Milênio, (2) Esplanada, (3) Brinquedos crianças Norte, (4) Brinquedos crianças Sul, (5), Praça e acesso Norte, (6) Alameda *Calle Sétima*, (8) Zona de esportes, (9) Jardim Botânico. Além disso, determina-se a quantidade e uso dos prédios, plano P-2: (1) dois prédios de Medicina Legal – existente – (2) Colégio *Santa Inés* – existente – (3) uma Cantina para estudantes – sem construir –, (4) um Restaurante Jardim Botânico – fechado – (5) dois Cenários Culturais – palcos –, (6) três Unidades de Serviços (7) Centro Cultural (*lan house*). Fonte: Decreto 346 /2003.

3.3 Análise comparativa dos projetos

A análise das propostas elaboradas para o Parque por Bueno & Montenegro – Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), de Pereira & Pabón – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI) e de Esguerra, Hernández & Mazzanti (Projeto Construído) permite entrever elementos que vale a pena comparar.

Com respeito aos eixos de composição, evidenciou-se que a proposta de B&M teve ênfase na solução simétrica, ao passo que a solução do concurso ganhador constituiu em uma proposta dinâmica produto da superposição de eixos diagonais – que correspondem às tensões e relações do lugar – sobre uma retícula, que representa a referência direta ao traçado urbano do setor. Finalmente, o projeto construído, propõe uma solução híbrida: sobre uma estrutura ortogonal, própria do traçado urbano, superpõe um percurso irregular, localizado na parte interna do Parque.

Em relação à proposta de praças, o projeto B&M optou pela alternativa da praça monumental na que se perde a escala humana. A proposta ganhadora do concurso de ideias apresentou a alternativa de praças triangulares que se geravam a partir do cruzamento dos eixos diagonais com a malha ortogonal. O projeto construído não maneja o conceito de praça, pois trocou o referido conceito pelo de “alameda”²⁶⁸, entendida como a materialização de um eixo de composição por uma extensa superfície pavimentada com caixas para plantio de árvores.

Finalmente, com relação à proposta de áreas edificadas, o projeto de B&M propõe uma edificação comercial no centro do Parque e um conjunto de equipamentos na parte sudeste do mesmo. O projeto ganhador do concurso arquitetônico propõe um conjunto lineal de prédios comerciais e institucionais na zona norte do Parque, a manutenção das edificações com valor patrimonial, e a instalação de uma rede de pequenos equipamentos. O projeto construído dentro do seu processo de desenho reduziu a área de ocupação do Parque de 20 ha a 18.5 ha, manteve os prédios de Medicina Legal e do Colégio *San Inés* e dispôs uma série de pequenos equipamentos distribuídos pelo parque todo, especialmente sobre a Alameda Terceiro Milênio e *Calle Sétima*.

Com relação aos elementos naturais, o projeto de B&M propõe uma esplanada verde, com uma grande fonte de água; o projeto ganhador do concurso, uma planície verde com

²⁶⁸ Nos parâmetros gerais do desenho do Parque incluiu-se o conceito de **praça**; porém, durante o processo de desenho o referido conceito foi trocado pelo de **alameda**, como pode ser constatado no Decreto 246 de 2003.

talude central e uma longa fonte de água; e o projeto construído, taludes perimetrais sobre um plano verde e três conjuntos de pequenos espelhos d'água. As três propostas utilizaram o mesmo conceito de arborização: fileiras de árvores marcando os caminhos e as alamedas.

Infelizmente, embora não se possam ignorar os grandes esforços de gestão adiantados pela administração Distrital e os profissionais contratados para lograr a materialização do projeto do PTM, o elemento natural nas três propostas teve importância devido ao seu valor cênico e decorativo. (Figura 47). Mas não como ferramenta que verdadeiramente contribuísse à conformação de uma EEU. Como colombianos e como *bogotanos* eles não podem contar com uma tradição que outorgue valor aos rios como elementos verdadeiramente importantes dentro da cidade; a evidência desta condição encontra-se precisamente em uma Bogotá que por quase quatro séculos dedicou-se a “enterrar seus rios”.

Figura 47 – Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.

Imagem do estado do setor antes da intervenção urbana (I-1): aprecia-se o alto nível de ocupação do setor. Montagem do Parque no setor (I-2): evidencia-se a magnitude da operação urbana que significou a construção do Parque (P-2). Fonte: (I-1) IDU/SCA “*Bases del Concurso*” anexo 12. (I-2). [Montagem do autor: imagem Google sobre imagem das Bases de Concurso].

Com o anterior, a cidade perdeu uma valiosa oportunidade de tornar realidade o ideário proposto pelo conceito de EEU na franja da cidade que enterrou seus rios e no setor que correspondeu à confluência dos *R. San Francisco* e *San Agustín*. Esta atitude é semelhante à que se apresentou com os outros projetos que se localizaram sobre o antigo leito do *R. San Francisco*: o projeto de recuperação da Praça de *San Victorino* e o projeto do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²⁶⁹ na qual, como se explicou antes, instalou-se um extenso,

²⁶⁹ Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, Extensão 2,8 km “Para sua realização foi necessário recuperar e articular importantes espaços públicos compreendidos entre a estação do *Funicular (Carrera 2ª Este com Calle 21)* e a Estação da Savana (*Calle 13 com*

estreito e superficial espelho d'água de 1.600 metros de comprimento ao longo da Av. Jiménez.

Com estas ações evidencia-se que os projetos de recuperação do sistema hídrico reduzem-se exclusivamente ao plano retórico, sem chegar a uma concretização do ideário da EEU. Esta atitude tem se replicado em outras áreas da cidade onde, por exemplo, a recuperação de zonas úmidas, como a de *Juan Amarillo*, tem se materializado na construção de alamedas perimetrais, que embora sejam uma alternativa para a geração de espaço livre (superfícies impermeáveis com árvores em canteiros não contribuem ao processo de restituição do sistema hídrico da cidade).

Frente à ausência de uma proposta que concretizasse o ideário da EEU, ficava ainda a oportunidade de que o projeto pudesse ser uma alternativa de renovação urbana de uma peça da cidade que se encontrava em avançado estado de deterioramento urbano e “decomposição” social de modo a contribuir à conformação de um “centro de integração social no mundo contemporâneo”²⁷⁰, que atraísse o investimento do setor privado, motivando o retorno da população para que ocupasse de maneira estável a zona centro da cidade, como bem o apregoam as iniciativas empreendidas pela prefeitura atual.

Porém, após quatro anos de sua construção, nas visitas de campo realizadas no desenvolvimento do presente trabalho, ainda não se evidencia uma transformação do entorno construído do Parque, também não se evidencia uma afluência massiva de pessoas ao mesmo e, ao contrário, ainda o setor mantém uma conotação negativa na percepção dos cidadãos. Frente a este panorama, surgem inevitavelmente alguns questionamentos: É possível que o Parque, não esteja contribuindo a um processo de renovação urbana no centro da cidade? Quais deveriam ser os elementos a serem levados em conta para que não se produzisse uma situação com estas características? Seria possível que o projeto na verdade tivesse se convertido em um exercício de limpeza social oficial em uma zona de alta degradação urbana, gerando um vazio dentro da cidade?

A seção 4 procurará responder a estes questionamentos, partindo da premissa de que é preciso revelar quais foram os processos e fenômenos urbanos e paisagísticos que deram lugar ao que atualmente é este setor da cidade, sendo que eles deveriam marcar a

Carrera 18). O conjunto cria um entorno que recupera integralmente parte do *Centro Histórico*, resalta o patrimônio arquitetônico e urbanístico situado ao longo do Eixo e gera as condições necessárias para reanimá-lo em termos ambientais. O Eixo inclui um amplo passeio para pedestres e um corredor para o uso exclusivo do serviço de transporte público *Transmilenio* [...]. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>>. Último acesso em: 07 mar. 2009. O tramo construído mede 1.6 km compreendido entre a *Carrera 2ª* e a *Carrera 10ª*, e teve um custo final de 7.056 milhões de pesos / 2.8 milhões US\$ (custo inicial estimado 6.000 milhões de pesos / 2.4 milhões US\$). Fonte: IDU.

²⁷⁰ SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1.

referência ou o ponto de partida em que se baseiam a tomada de decisões para a recuperação da EEU.

Nota: Para maior informação deste processo, consultar anexo.

4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.

Na seção 1 apresentaram-se alguns aspectos que deram lugar à formação do discurso ambiental no país, explicou-se a origem e inclusão do Conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no modelo do Plano de Ordenamento Territorial (POT) de Bogotá, mencionaram-se alguns elementos ou ferramentas – que na consideração do autor poderiam aportar à materialização efetiva do conceito de EEU em Bogotá – e, finalmente, enfatizou-se a importância de estudar os fenômenos de transformação da paisagem local em perspectiva histórica, a fim de encontrar elementos que permitissem não somente compreender quais os fenômenos que deram lugar às condições ambientais atuais, mas de obter experiências e aproveitar oportunidades que contribuam para a revitalização de valores sociais, urbanos, ecológicos e paisagísticos de um lugar. Na seção 2, realizou-se um recorte histórico que permitiu verificar como o ecossistema original no qual a cidade encontra-se hoje foi intensamente modificado desde o período Colonial até a atualidade, produto do manejo inadequado dos recursos naturais, de modo que o sistema hídrico foi alterado drasticamente com a impermeabilização do solo, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, a contaminação dos corpos de água, a construção de redes combinadas de esgotos como resultado do acelerado crescimento da cidade, especialmente durante a segunda metade do século XX. Na seção 3, evidenciou-se a distância entre o discurso ambiental das propostas e como a concepção do Parque terminou sendo o reflexo de um projeto ou ideário político.

Com estes antecedentes, a presente seção tem o propósito de fazer uma aproximação ao estudo do caso, revelando os elementos sociais, urbanos e ambientais que desde o período Colonial, configuraram a paisagem da área onde hoje está localizado o Parque Terceiro Milênio (PTM), e especialmente, indagar pelo processo de ocupação da sub-bacia do *R. San Francisco* neste setor da cidade. Esta análise visa a aportar um enfoque alternativo, diferente do enfoque que se deu durante a concepção e execução do PTM. Para tal efeito, o autor deste trabalho parte da convicção de que é indispensável estudar qual foi a dinâmica de transformação social, urbana e ambiental da bacia do *R. San Francisco*, que permita ter um novo olhar que deixe ao futuro tomar decisões de acordo com as condições físicas, sociais e ambientais do setor.

Para efeito da respectiva análise toma-se como recorte o espaço conformado pelas bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, espaço que corresponde ao lugar de fundação

e localização do Centro Histórico da cidade, e especialmente do lugar de confluência dos dois rios, setor no qual se construiu entre 2000 e 2005 o PTM. (Figura 48).

Figura 48 – Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.

Toma-se como área de estudo a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín* na zona centro da cidade (P1), delimitada por (1) *Cerros Orientales*, (2) *Calle 16*, (3) *Carrera 18*, (4) *Calle 4ª*, com uma área de 352 ha. San Victorino faz parte do centro tradicional (P2) e consolida-se como bairro em 1840 e é vizinho do Centro Histórico da cidade (P3). P2 Crescimento histórico: azul escuro 1539-1600; azul 1600-1840; lilás 1840-1890; vermelho escuro 1890-1900; vermelho 1900-1920; roxo 1920-1940; amarelo 1940-1950. Centro Histórico. Centro Histórico (P3). [P1- Imagem Google editado pelo autor. P2 e P3 Editados pelo autor/IDEA-UN].

4.1 A bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*

Dimensão espacial e ambiental da bacia

Durante o período colonial, a Paróquia²⁷¹ de *San Victorino*²⁷² – lugar onde na atualidade localiza-se o PTM – estava situada na parte baixa e na periferia da cidade, próxima à confluência dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²⁷³. Estes rios cumpriam o papel de limites naturais da cidade, marcando uma interrupção da traça como tabuleiro de xadrez da cidade colonial.

Como se explicou na seção 2, na fundação e consolidação da cidade colonial primou uma visão utilitária dos corpos de água e do recurso florestal e, além disso, uma percepção negativa das zonas baixas inundáveis as quais eram vistas como foco de animais

²⁷¹ Para efeitos de administração religiosa, *Santafé* dividiu-se em 4 Paróquias desde o século XVI, “as quais foram o único modo para uma organização espacial até o século XVIII”. (MEJÍA, 1999, p. 300)

²⁷² A Paróquia recebeu seu nome em honra a *San Victorino* “*Abogado contra los hielos que suelen hacer daño a los panes recién sembrados*”. (IBÁÑEZ, 1989, tomo I, p. 92)

²⁷³ Estes rios antes da conquista recebiam o nome indígena de *Vicachá* e *Manzanares*. Os nomes dos lugares naturais, designados pelos indígenas, foram trocados pelos espanhóis como ferramenta de dominação do território.

venenosos. Esta condição repercutiu de duas maneiras na Paróquia de *San Victorino*. (Figura 49). Em primeiro lugar, os habitantes da Paróquia não se beneficiaram com as águas dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, devido ao consumo e poluição nas partes altas da cidade que provocaram a diminuição do leito e uma abundante presença de desperdícios no leito dos mesmos. Em segundo lugar, no limite ocidental da Paróquia, na altura do atual bairro *Santa Inés*, (*Carrera 10ª*) havia um barranco profundo, que se formou pelas enchentes do *R. San Francisco*²⁷⁴. Nesse barranco os habitantes da Paróquia descartavam os restos dos animais mortos e o lixo. Estas duas situações determinaram o fato de que o setor de *San Victorino* fosse pouco apetecido para a localização das classes ricas (brancos), de forma que até meados do século XIX, *San Victorino* foi um subúrbio da Paróquia de *La Catedral*²⁷⁵, que acolheu aos indígenas e mestiços que habitavam *Santafé*²⁷⁶. Neste sentido, pode-se dizer que *San Victorino* nasceu sob o símbolo da marginalidade que originou por meio de uma condição ambiental preexistente²⁷⁷: o desprezo por um rio que se desbordava durante certos períodos do ano²⁷⁸, cujo caudal era incapaz de surtir com águas limpas aos habitantes, e de uns solos, submetidos ao risco de possíveis enchentes, e aos imaginários perigos da natureza, representados principalmente por animais venenosos dos quais advertiram as ordenanças de fundação de povoados.

De acordo com a condição de seus habitantes, e o fato de estarem em um vale inundável, as terras da Paróquia caracterizaram-se por conformar uma mancha verde de terras destinadas em sua maioria à atividade agrícola de “*pan coger*”²⁷⁹; esta mancha verde somente era interrompida por algumas edificações e caminhos.

No sul da Paróquia também se situaram algumas propriedades rurais dos espanhóis: a Vila de *Segovia* ou a Horta de *Jaimes*²⁸⁰, – cujas terras começavam frente à Praça do

²⁷⁴ VILLEGAS Ed., 2000, p. 130.

²⁷⁵ ZAMBRANO, Fabio; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. *Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo*. Inédito, 2007. p. 41.

²⁷⁶ Em 1688 havia em *Santafé* 3.000 brancos e 10.000 indígenas [...] os setores mais densamente povoados por indígenas foram *Pueblo Viejo* (leste e sul) *Las Nieves*, *Santa Bárbara* e *San Victorino*. [...] Em 1780 os indígenas puros passavam escassamente 10%, enquanto os mestiços eram 45% da população *santafereña*. Finalizando o século, os indígenas não passavam de 4%. (IRIARTE, 1988, p. 68)

²⁷⁷ Setor de classes pobres da cidade, assentamento de indígenas – *San Victorino*, *Las Nieves*, *Santa Bárbara*, *Pueblo Viejo*. (IRIARTE, 1988, p.68)

²⁷⁸ Bogotá tem dois períodos de chuva no ano, o primeiro em março, abril e maio, e o segundo em setembro, outubro e novembro.

²⁷⁹ Vale a pena esclarecer que também havia comercialização de alguns produtos agrícolas, consistente na venda de legumes na “*Plaza de las Yervas*” (*Parque Santander*). A Praça, que durante o período republicano adquiriu o nome de *Plaza de Santander*, durante o período colonial era a Praça de mercado permanente da cidade. Os legumes que se vendiam na referida praça vinham da *Parroquia de San Victorino* e da de *Las Nieves* localizadas ao norte da cidade, onde também se situou um povoado indígena. (MEJÍA, 1999, passim.)

²⁸⁰ A *Huerta de Jaimes* localizou-se onde hoje se encontra a igreja de *Corazón de Jesús (Voto Nacional)*. *Apostillas*. Eduardo Posada apud CARRASQUILLA, Juan *Quintas y estancias de Santafé y Bogotá* Banco Popular, Bogotá 1989, p. 74.

mesmo nome –, e uma porção da fazenda de *La Estanzuela* que conformava o limite sul da Horta de *Jaimes* e estendia-se ao oeste até a *Calle 6*²⁸¹.

Figura 49 – Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.

No final do século XIX a divisão política da cidade estava determinada pelas Paróquias *Catedral* (vermelho), *San Pablo* (roxo), *San Victorino* (amarelo), *Santa Bárbara* (azul), *Las Cruces* (rosa), *Egipto* (verde), *Las Aguas* (marrom), *Las Nieves* (verde escuro). No início do século XX a divisão política se estabelece por bairros. O bairro de *Santa Inés* (10) encontrava-se rodeado pelos bairros de: (1) *San Victorino* (2) *La Capuchina* (3) *Veracruz* (4) *La Catedral* (5) *Centro Administrativo* (6) *Santa Bárbara* (7) *San Bernardo* (8) *La Estanzuela* (9) *Voto Nacional*. Por tradição, a Praça *Antonio Nariño* ou de *San Victorino* (A) opera como centro do setor, razão pela qual a população identifica a área de confluência de seis bairros (oval vermelho) como *San Victorino*. Fonte: P1. *Atlas Histórico de Bogotá 1538-1910*. A Candelaria, Bogotá 2004, p. 29. P-2.

Elementos urbanos: *San Victorino* conventual e portão da cidade

Do século XVI ao XVIII configuraram-se elementos urbanos significativos que começaram a conferir uma identidade a *San Victorino* em relação às demais paróquias da cidade. O primeiro deles é o fato de que a paróquia comportava-se como portão de entrada à cidade, pois ali terminava o caminho de Oeste, *Calle 13* (*Av. Jiménez*). Este caminho tinha um importante papel na escala regional, já que conectava a cidade com o porto fluvial de *Honda*, localizado sobre o *Río Magdalena*, a 135 km de distância de Bogotá²⁸². O anterior concedeu uma particularidade à Praçinha da Paróquia de *San Victorino*, como porto terrestre de viajantes e como importante ponto de venda de materiais de construção e de mel em atacado²⁸³.

²⁸¹ No leste divisa com o que atualmente é a *Av. Caracas* e no oeste chegava até embaixo da atual *Carrera 20*. (CARRASQUILLA, 1989, p. 63)

²⁸² Bem o descreve o historiador Jorge Orlando Melo: "Durante todo o século [XIX], o eixo do sistema, a peça fundamental esteve constituída pelo rio *Magdalena*. Por onde se introduziam, desde os portos atlânticos de *Cartagena*, *Santa Marta* e posteriormente *Barranquilla* (*Sabanilla*), os bens importados; dele saíam para o mercado mundial os produtos agrícolas de exportação". (MELO, 1984, p. 153)

²⁸³ Esta importante função manteve-se até finais do século XIX. (MEJÍA, 1999, p. 178)

Outros elementos urbanos destacáveis neste período, por terem configurado a paisagem outorgando identidade ao setor, foram a igreja e convento de *Santa Inés*²⁸⁴ (consagração em 1645)²⁸⁵; a igreja e convento de *La Capuchina* ou de *San José*, (consagração em 1791), que marcou o limite ocidental da cidade na atual Carrera 13 (Av. Jiménez) com Calle 14 (Av. Caracas); a igreja da *Concepción* e de *San Juan de Dios*; e finalmente, a igreja de *San Victorino* (Calle 13 com Carrera 12). Esta última erigiu-se em 1598²⁸⁶, e teve grande significação como símbolo máximo da Paróquia, uma vez que ali se concentrou a missão religiosa da “administração de almas” realizada sob a tutela do catolicismo.

San Victorino assomou-se ao século XIX, contando com cinco prédios religiosos e conventuais, separados apenas por poucas ruas. (Figura 50). Durante o período Colonial, as igrejas constituíram um elemento de relevante importância na paisagem urbana não somente pelo seu significado religioso, mas pelo fato de se destacar no perfil urbano com relação às demais edificações, as quais, salvo casos excepcionais, alcançavam dois andares de altura. Assim, “[...] a urbe aparecia como um espaço sagrado, protegido das influências externas como as geadas, os raios e as secas [...]”²⁸⁷, uma cidade morando tranquilamente sob o amparo das torres das igrejas, dos objetos e iconografia religiosa que albergavam no seu interior.

Neste ponto pode-se afirmar que durante o período colonial a paisagem de *San Victorino* caracterizou-se basicamente por quatro elementos: a conotação marginal derivada da utilização e percepção dos elementos naturais, o caráter rural associado principalmente à agricultura de “*pan coger*”, os elementos próprios de um porto terrestre e portão da cidade, e finalmente a presença protetora das igrejas no perfil da cidade. No que diz respeito à dimensão social, vale a pena ressaltar que em virtude de um inadequado uso e percepção do entorno natural, *San Victorino* nasceu como lugar de assentamento das classes pobres, conformadas por indígenas e mestiços, fato que seguramente é indicativo de um paradoxo na relação entre homem e natureza.

²⁸⁴ Mesmo que a Igreja de *Santa Inés* não pertença à área desta paróquia, menciona-se aqui por sua importância na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino*.

²⁸⁵ Localizado no costado ocidental da Carrera 10, entre Calles 9ª e 10ª. Em 1638 aprovou-se a criação do convento da *Segunda Orden Dominicana*.

²⁸⁶ A construção original com teto de palha data de 1578; em 1598 colocou-se telhado de barro. (MEJÍA, 1999, p. 159)

²⁸⁷ MEJÍA, 1999, passim.

Figura 50 – Presença de equipamentos religiosos no setor.

Durante muito tempo a paisagem da cidade foi denominada pelas torres da igreja – em um mesmo quarteirão localizavam-se várias igrejas –, o setor de *San Victorino* apresentou esta mesma lógica (P1). Conventos e igrejas (1) *Santa Inés*, 1645 (2) *Nuestra Señora de la Concepción*, 1538 (3) *San Juan de Dios*, 1723 (4) *San Victorino*, 1568 (5) *La Capuchina*, 1778. Foto 1: Igreja de Santa Inés, 1945. Foto 2: Igreja *La Capuchina*, 1910. Fonte: P1 Elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1 e 5: Sociedad de Mejoras y Ornato.

4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor

A Herança da colônia e as inovações tecnológicas na cidade

É preciso destacar três elementos que incidiram na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino* durante o século XIX: o crescimento populacional, a construção da Alameda Nova e as melhorias tecnológicas em matéria de transporte.

Até finais do século XVIII, *San Victorino* era uma Paróquia relativamente despovoadas em comparação com a Paróquia de *La Catedral*. Porém, durante o século XIX, deu-se um significativo crescimento populacional que provocou que o setor se consolidasse como núcleo residencial²⁸⁸: o número de habitantes em *San Victorino* passou de aproximadamente 2.000 em 1.793 para 14.000 em 1912, e mesmo mantendo-se como a Paróquia com menor quantidade de população de Bogotá²⁸⁹, sua população praticamente multiplicou-se sete vezes durante o século XIX.

No fim do século XVIII, provavelmente frente à pressão dos ventos libertadores, o Vice-rei Ezpeleta²⁹⁰ empreendeu algumas obras materiais na *Nueva Granada* e *Santafé*, entre as quais, vale a pena destacar para o caso de nosso interesse, a obra das *Alameda*

²⁸⁸ MEJÍA, 1999, p. 300.

²⁸⁹ E Censo da cidade de Bogotá. 1912. *San Victorino* ocupava nesta data somente 17% da superfície total da cidade, com um total de 52 quarteirões. (MARTÍNEZ, 1976, p. 90)

²⁹⁰ Vice-rei que governou *Nueva Granada* entre 1789-1796.

*Nueva e Vieja*²⁹¹. (Figura 51). Estas “alamedas” não possuíam álamos, mas sim vegetação própria do clima do planalto: Sauces (*Salix humboldtiana*) e Alisos (*Alnus jorullensis*), alternados com jardins em alguns trechos. Na opinião do autor do presente trabalho, à primeira vista, a adequação da Alameda, pareceria evidenciar um interesse do governo da cidade, por conceder relevância ao papel dos elementos naturais na paisagem. Porém, paradoxalmente as ações não se concentraram nos corredores naturais da cidade, ou seja, nos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, mas na arborização de uma via da cidade. Por outro lado, com relação à incidência que teve a Alameda na configuração da paisagem de *San Victorino*, não se pode desconhecer que a construção da mesma fortaleceu a Pracinha de *San Victorino*, como ponto vital e estratégico da estrutura urbana herdada do período colonial, reforçando a imagem de portão de ingresso da cidade, de ponto de chegada dos ônibus e carruagens de aluguel e de passeio público para os moradores de Bogotá.

Figura 51 – Alamedas, zona rural.

P1. Em 1900 o setor contava com: (1) A alameda velha (*Carrera 13*), 1791. (2) A alameda nova (*Calle 13*) 1791. No limite ocidental encontravam-se as quintas de: (3) *San Fason*, (4) *La Estanzuela*, (5) *Santa Catalina* e (6) *San José del Fucha*. Foto 1: Imagem da *Av. San Diego*, antiga alameda velha, 1906. Foto 2: Passeio *Av. Colón*, antiga alameda nova, 1930, em primeiro plano as estátuas dos reis da Espanha, ao fundo os morros desflorestados. Foto 3: Passeio parque do *Centenario*, 1895. P1 elaborado pelo autor; fonte: *Quintas y estancias de Bogotá*. Foto 1 e 2: *Recuerdos de Bogota*. Foto 3: Henri Duperly.

²⁹¹ Para finais do século XVIII construíram-se várias alamedas: “[...] o progressista vice-rei se interessou em adornar a capital, tirando seu aspecto mesquinho. Ele fez plantar árvores frondosas, desde a praça de *San Victorino* até o campo aberto de *San Diego* [...] e que então se chamou **alameda velha**, em contraposição à **alameda nova**, também construída pelo vice-rei, desde o desprendimento da calçada ocidental, para *Puente Aranda* [...] o governo sem atender ao Dicionário chamou alamedas (lugares plantados com álamos) a estes passeios, os quais somente eram adornados por árvores próprias do nosso clima, ou seja, *sauces*, *robles*, *cerezos* e *alisos*.” IBÁÑEZ, 1989, tomo II, p. 111.

Com relação às melhorias tecnológicas em matéria de transporte, destacou-se em primeiro lugar a “*macamadización*” do caminho de ocidente; posteriormente, a construção da ferrovia do Trem do Ocidente cuja estação, chamada “*De La Sabana*”²⁹², localizou-se na *Calle 13* entre *Carreras 17* e *18* (1892); e, por último, o Trem do Norte, com sua estação “*Del Norte*” (1894), na *Carrera 14* com *Calle 19*. Com estas melhorias tecnológicas, aumentou o volume de mercadorias e o movimento de pessoas que entravam e saíam da Pracinha *Plazuela de San Victorino*²⁹³. A condição de *San Victorino* como porto seco incidiu na construção de hotéis e pousadas para viajantes²⁹⁴, locais comerciais para a compra e venda de produtos, e estâncias para cavalos e carruagens. Foi precisamente ao redor destas atividades que o setor se consolidou como um cenário com deferentes atores urbanos. O subúrbio colonial, habitado por poucos moradores indígenas e mestiços, transformou-se em um lugar dinâmico, de população flutuante conformada por viajantes, comerciantes e outras pessoas cujas atividades de subsistência suportavam-se na vocação do setor.

Com a construção da ferrovia e a consolidação de atividades urbanas, *San Victorino* deixou de ser periferia da cidade para se tornar parte importante do casco urbano e centro de intercâmbio cultural, social e econômico²⁹⁵. (Figura 52). A partir das últimas décadas do século XIX a Praça de *San Victorino* e a *Calle 11* começaram a se consolidar na paisagem como um espaço e eixo de caráter comercial: uma guia de Bogotá de 1893 afirmava: “[...] as ruas que atravessam de leste a oeste, desde a *Carrera 5ª* (pela casa da moeda) até as praças de *Los Mártires* (Horto de *Jaimes*) e de *Nariño* (*San Victorino*), [ali] fica compreendido todo o mais importante do comércio e dos industriais em geral”²⁹⁶. A afluência de pessoas e a vocação de porto seco da cidade é uma característica urbana que se mantém ainda hoje nas proximidades da praça, conformando um elemento decisivo na paisagem, apesar de todas as transformações da cidade durante o século XX.

Somando-se às melhorias de transporte já mencionadas, no fim do século XIX, também se iniciou a construção das linhas do bonde de mulas, duas destas relacionadas com o setor de *San Victorino*.

²⁹² Projeto do engenheiro inglês William Lidstone, com a colaboração do arquiteto Colombiano Mario Sanz de Santamaría. Terminou-se de construir em 1917 e foi reformado em 1955. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 304)

²⁹³ Tomado de: MEJÍA, 1999, p. 187.

²⁹⁴ Um guia bastante completo dos hotéis mais destacados da zona encontra-se no guia descritivo que acompanhou o plano topográfico de Pedro Clavijo de 1891, reformado em 1894. *Archivo General de la Nación*.

²⁹⁵ Vale a pena esclarecer neste ponto que as atividades de venda de materiais de construção e de mel que usualmente concentravam-se nesta Praça de *San Victorino* trasladaram-se em 1883 a outra, localizada no oeste da *Plaza de los Mártires*, chamada *Plaza de las Maderas*, hoje *Plaza España* em 1902. (MEJÍA, 1999, p. 187)

²⁹⁶ Como produto desta atividade comercial surgiu a *Pasaje Navas Azuero* em 1891, o *Pasaje Rivas* em 1894, localizado na *Carrera 10ª* com *Calle 11*, o qual, segundo um anúncio publicitário, tinha na primeira planta locais “próprios para armazéns e lojas de licores” e na segunda planta “departamentos para aluguel adequados para estudantes”. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 393)

Figura 52 – Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).

P1. Rotas do bonde (linha verde) (1) *Carrera 7*, (2) *Carrera 13*, (3) *Calle 15*, (4) *Carrera 18*, (5) *Calle 10*, (6) *Carrera 11* e (7) *Carrera 10*. Destaca-se a Praça de Mercado (8), ponto central do circuito onde confluem três trechos do bonde. Perto de *San Victorino* localizaram-se as rotas (linha preta) e as estações do Trem do Norte e da Savana (10). Foto 10: Antiga Estação da Savana, 1895. Foto 10 B: Nova Estação da Savana, 1918. Foto 9: Estação do Trem do norte, 1905. Foto 11: Rota do bonde em San Francisco (*Carrera 7*). P1 elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 9: Bogotá litográfico Arco. 1978 p. 298. Foto 10 A: História de Bogotá. Foto 10 B: Sánchez Santamaría Ignacio Índex, 1929. Foto 11: Sady Gonzales.

Os rios *San Francisco* e *San Agustín*: cicatriz urbana e marginalidade

O processo de adensamento e urbanização de *San Victorino* no século XIX foi indiferente à presença dos rios *San Francisco* e *San Agustín*: a morfologia urbana caracterizada pelo tabuleiro de xadrez e o quarteirão como unidade básica de agrupação de edificações incorporou os leitos dos rios, como uma espécie de cicatriz de aparência amorfa, que ia na contramão da formalidade da traça, sem nenhuma solução de continuidade ou transição. (Figura 53). Assim, atravessavam sobre o *R. San Francisco* 19 pontes e sobre o *R. San Agustín* outras 9 pontes, a fim de facilitar a continuidade das ruas, e as edificações simplesmente limitavam-se a oferecer seus quintais posteriores ao leito, ignorando a presença dos corpos de água, que continuavam sendo um foco de sujeira, uma cloaca urbana. (Figura 54).

Figura 53 – Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.

A cidade ideal das “*Leyes de indias*” – quadrícula perfeita que se distribui de maneira homogênea no território – choca-se com o cenário natural de morros, rios e com as rotas dos caminhos coloniais, o qual alterou substancialmente a morfologia original da cidade. P1: Reconstrução da fundação de Bogotá, 1539, arquiteto Carlos Martínez. P2: Detalhe, Plano Geométrico de Bogotá Capital del Nuevo Reino de Granada, 1816, Domingo Esquiagui.

Figura 54 – As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.

Desde a colônia até o começo do século XX as pontes foram importantes referentes urbanos da cidade chegando a superar a cifra de quarenta (P1). Destacam-se sobre o *R. San Francisco* as pontes: (8) *San Francisco* 1551, sobre o caminho a *Tunja* (9) *Cundinamarca*, 1858, (10) *Nuevo*, (11) *Filadelfia*, (12) *Los Micos*, (13) *San Victorino*, 1791, por onde ingressavam os viajantes e mercadorias à cidade, (14) *Acevedo Gómez*, 1882, (15) *Los Mártires*, 1870, (16) *Núñez*, 1886, (17) *Arrubla* (18) *Caldas* e (19) *Uribe*, 1892, lugar de confluência com o *R. San Agustín*. Foto 8: *P. San Francisco*. Foto 11: *P. Filadelfia*. Foto 16: *P. Núñez*. Foto 19: *P. Uribe*. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 8: *Papel Periódico Ilustrado* 1885. Foto 11: *Historia de Bogotá*. Tomo 5, p. 86. Fotos 16 e 19: *Sociedad de mejoras y ornato*.

San Victorino como espaço inclusivo

Antes se viu como foi possível que uma condição ambiental, manifesta desde o período colonial, se encontrasse na base da segregação espacial e a marginalidade social que caracterizou a paróquia de *San Victorino* em seus inícios; também se tem observado

que durante o século XIX, ocorreu uma situação paradoxal, a qual configurou a paisagem do setor em dois sentidos: de um lado um *San Victorino* “portão da cidade”, consolidado como setor comercial e residencial, e beneficiado pela circulação de duas linhas do bonde e a localização das duas estações do trem; por outro, um *San Victorino* “marginal”, caracterizado pela presença de população de escassos recursos nas margens poluídas do *R. San Francisco*. Neste ponto é preciso explicar que à *San Victorino* “marginal” somou-se um novo elemento urbano no fim do século XIX, o qual terminou por configurar um fenômeno de deterioramento urbano, paisagístico e social da área: em 1864 abre-se a primeira “galeria” da Praça de Mercado da cidade (*La Concepción*), localizada na *Carrera 10* entre *Calles 10 e 11*, no solar do convento de *La Concepción*²⁹⁷. (Figura 55). A construção da Praça teve como propósito trocar as funções que anteriormente realizavam-se no mercado semanal de produtos agropecuários da Praça de *Bolívar* e da Praça de *Las Yervas*²⁹⁸ (Parque *Santander*).

Desse modo, o bairro *Santa Inês* intensificou o uso comercial e constituiu-se em um novo polo de atração para a cidade toda. Porém, a Praça de Mercado de *La Concepción* não foi a exceção a um fenômeno bastante arraigado nos centros de abastecimento das cidades colombianas: a incorporação de numerosa mão-de-obra não qualificada e de escassos recursos econômicos, para assegurar o funcionamento de todas as atividades relacionadas com o mercado: assim, a Praça abriu suas portas à população pobre da cidade, a qual estava conformada por um enorme grupo de comerciantes e ajudantes, entre os quais contavam camelôs, “*lichigueros*”²⁹⁹, “*coterios*”³⁰⁰ *serviçais, cuidadores, faxineiros*, entre outros. A atividade do mercado, além de tudo, incentivou o transporte improvisado de mercadorias em “*zorras*”³⁰¹, a localização de comedores improvisados “*chuzos*”³⁰² em duvidosas condições de higiene, a aparição de cortiços³⁰³ (o que implica adensamento e precárias condições higiênicas) e finalmente, a afluência de “*rebuscadores*”³⁰⁴, que fariam

²⁹⁷ EL COLOMBIANO (jornal). “Praça de mercado”, n. 104, p. 136, janeiro 22 de 1864. “O projeto de colocar o mercado da Praça Principal se havia formulado muitos lustros (5 anos) antes, mas a empresa encarregada de construir o mercado coberto tomou mais tempo do que esperavam tanto os construtores como o escritório de construção municipal. Efetivamente em 1848, a câmara provincial de Bogotá concedeu o privilégio a Juan Manuel Arrubla para construir na cidade um mercado coberto”. (apud MEJÍA, 1999, p. 185)

²⁹⁸ A praça das *Yervas* continuou suas atividades de mercado semanal até 1877, ano em que se transformou a *plazuela* em parque. (VERGARA y VERGARA apud MEJÍA, 1999, p. 186)

²⁹⁹ Vendedor improvisado de frutas e vegetais em varejo.

³⁰⁰ Carregadores de mercadorias.

³⁰¹ Carros precários, compostos por um tabuleiro em madeira, que repousa sobre duas rodas e é puxado por um cavalo, ou pessoa.

³⁰² Anti-higiênico local de venda de comida popular.

³⁰³ Na linguagem coloquial, *inquilinato*: Moradias habitadas por várias famílias ou pessoas, na maioria dos casos alugada.

³⁰⁴ Habitantes pobres que têm que procurar sua comida e pousada diária. Pioneiros dos vendedores ambulantes.

parte fundamental da história e da configuração da paisagem do setor durante as décadas seguintes e até a atualidade.

Figura 55 – Prédios de abastecimento e indústria.

San Victorino foi por muito tempo o setor que concentrou o maior número de prédios de abastecimento da cidade (P1), onde se localizavam: (1) Praça de Mercado, (2) Praça de Carnes, (3) Açougue, (4) Matadouro Municipal. Como também importantes indústrias: (5) Fábrica de Cerveja, (6) Fábrica de Chocolates *Chavez y Equitativa*, (7) Fábrica de Fósforos, (8) Fábrica de Cigarros e (9) Fábrica de Luz Elétrica. Foto 1: Praça de Mercado. Foto 2: Praça de carnes. Foto 3: Matadouro municipal. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1, 2 e 3: *Atlas histórico de Bogotá*.

Permanência, mudanças e referentes urbanos

Até esse ponto pode-se observar que durante o século XIX aconteceram várias modificações na configuração da paisagem de *San Victorino*, caracterizadas por uma mudança do rural ao urbano, processo no qual se trocaram os hortos por zonas urbanizadas e apareceram novos elementos dominantes na paisagem, ou referentes urbanos, entre os quais a Sociedade Filarmônica³⁰⁵, a Praça de Mercado³⁰⁶, as estações do Trem (*Sabana-Norte*) e as linhas do bonde. Porém, além destes elementos de primeira hierarquia, é preciso mencionar outros dois elementos em transformação. O primeiro, a desapareição do centro de “administração das almas” – igreja de *San Victorino* – localizado na Praça do mesmo nome: a igreja paroquial (erigida em 1598) foi destruída por um incêndio em 1827 e o centro paroquial teve que ser trasladado à igreja de *La Capuchina*³⁰⁷, que se localizava no costado ocidental da *Carrera 13* com *Calle 14*.

³⁰⁵ Em 1849 com planos de Tomás Reed começa a construção da sede de *La Sociedad Filarmónica*, em um lote situado no costado norte da praça de *San Victorino*. Infelizmente em 1857 dissolveu-se a sociedade e pararam as obras. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 199)

³⁰⁶ A praça original foi substituída em 1925-1927 pela nova Praça *Central de Mercado*, que funcionou até 1953. Perto desta funcionava a praça de *Las Carnes* e o *Matadero Municipal*. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 371)

³⁰⁷ MEJÍA, 1999, p. 158.

O segundo, relacionado com a Praça Horto de *Jaimes*: neste horto foram fuzilados importantes próceres da independência por ordem do pacificador Pablo Morillo em 1816³⁰⁸, razão pela qual, em honra àqueles que foram assassinados, a Praça recebeu o nome de Praça dos *Mártires* em 1850³⁰⁹. A referida praça foi reformada de modo análogo a outras praças da cidade naquela época, as quais, como se explicou na seção 2, tornaram-se parques emblemáticos, portadores da mensagem do projeto político da *Regeneración*³¹⁰. Sobre o costado ocidental da Praça iniciou-se em 1881 a construção da igreja do *Voto Nacional*, cujas obras culminaram em 1902³¹¹ e na qual até hoje o país consagra-se – a cada ano – ao “Coração de Jesus”. Parque e igreja configuraram um núcleo emblemático, não somente para a cidade, mas para o país, conjugando um significado político e um arraigado sentido religioso representado em uma crença popular do povo católico colombiano³¹².

Últimos anos do século XIX

No fim do século XIX, a paisagem cada vez mais urbanizada começou a eliminar lenta, mas progressivamente, os elementos naturais (rios, hortos e áreas rurais) que em outros tempos foram dominantes no cenário de *San Victorino*. Este processo caracterizou-se pelo começo de impermeabilização de superfícies e as primeiras obras de canalização e enterro dos corpos de água.

Em 1869 com a intenção de evitar as inundações produzidas pelo *R. San Francisco* executou-se o projeto de canalização e desvio de suas águas, na altura da *Calle 2 (Quinta de Bolívar)*, as quais foram transportadas pelo canal da *Calle 22*³¹³; esta obra acelerou o deterioramento ambiental do rio, pois se retirou a água limpa sendo trocada pela função de transporte das águas servidas da cidade. Posteriormente, na década de 1880 iniciou-se a

³⁰⁸ O general chamado também o “pacificador” implantou um período de violência e terror entre 1915-1920.

³⁰⁹ “O lugar ficou famoso pelos fuzilamentos que ali foram realizados, após a entrada de Pablo Morillo à cidade em 1916 [...]”. As obras começaram em 1851 e foi inaugurado em 1880. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 238-239)

³¹⁰ Os novos parques tornaram-se instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis. Estas intenções estavam enquadradas em um projeto político que passou à história do país como o de “*La Regeneración*”. “A regeneração marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu começo aos princípios do *Conservatismo* que foram impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

³¹¹ No mesmo lugar da capela do *Sagrado Corazón de Jesús* (1860), em 1902 coloca-se a primeira pedra da igreja do *Voto Nacional*. Foi construída com capital da Nação. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 79 e 121)

³¹² Vale a pena notar que as igrejas tiveram uma presença significativa no setor de *San Victorino* durante o século XIX; como pode se observar nas figuras 2 e 3. Do lado destes estabelecimentos surgiram, como é natural, atividades relacionadas com a vocação missionária de cada comunidade religiosa: a igreja da *Capuchina* tinha ao lado o *Colegio de la Merced* e no quarteirão da igreja de *San Juan de Dios* encontrava-se o *Hospital de Caridad*.

³¹³ IRIARTE, 1988, passim.

canalização do *R. San Francisco*, primeiro tramo entre as *Carreras 7ª* e *8ª*³¹⁴, a qual continuou durante as décadas seguintes ficando canalizado até seu encontro com o *R. San Agustín*. Desse modo a cidade resolveu o “incômodo problema” de uma cicatriz indesejável, higienizando e homogeneizando a área, com um coletor de águas. O mesmo aconteceu com o *R. San Agustín*.

Como manchas rurais, herdadas do período colonial, conservaram-se no setor de *San Victorino* três *fanegadas* da Horta de *Jaimes*³¹⁵ as quais ficaram em mãos do Instituto Nacional de Agricultura Superior³¹⁶, e uma porção da Fazenda de *La Estanzuela*, a qual, mesmo começando um processo de subdivisão da propriedade durante a primeira metade do século XIX, permaneceu com um aspecto predominantemente rural devido à vontade de um latifundiário³¹⁷. Assim, graças ao empenho estatal de estimular a formação técnica agropecuária e à iniciativa privada de um tropeiro dono de uma significativa porção de terras em Bogotá, *San Victorino* guardou por um longo tempo um resquício da paisagem rural, delimitando a borda ocidental da cidade.

4.3 De rios de água a rios de carros

Surgimento da ilha urbana e do arquipélago social

Durante os primeiros anos do século XX, construíram-se duas edificações que constituíram elementos essenciais na consolidação do bairro como polo de atração de atividades. A primeira edificação construída nesses anos foi a Escola de Medicina da *Universidad Nacional*³¹⁸, construída entre 1916-1931. A segunda construção foi o Colégio *Santa Inés* colocado em serviço em 1938, prédio que junto ao de Medicina Legal³¹⁹ são os únicos que hoje fazem parte do PTM. (Figura 56).

³¹⁴ DEL CASTILLO, 2003, p. 47.

³¹⁵ Fanegada (640m²). A horta, além disso, tinha uma casa de um andar com 27 quartos, jardim e algebe, segundo Escritura de compra e venda (em leilão público), N° 845 de 10 de julho de 1881. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁶ O qual, em palavras do historiador Carrasquilla, “tratou de ser como a continuação da *Expedición Botánica*, e foi o precursor das instalações de *Tibaitatá*”. O Decreto 514 expedido em 1879 “ordenou o estabelecimento de uma quinta de aclimação e experimentos e o ensino da agricultura na capital ou em suas imediações com as seções de plantas lenhosas, arbustos e árvores frutíferas, botânica agrícola, hortaliças, floricultura, sericultura, viticultura, arvicultura em geral, química agrícola, mecânica aplicada, agronomia, botânica, zoologia, geologia, zootecnia, agricultura, veterinária, engenharia rural, cujas matérias podiam abarcar vários anos de estudos. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁷ Especialmente Seu Pepe Sierra, que se negava à urbanização nas terras de sua propriedade. Foram seus descendentes os encarregados de iniciar o processo de urbanização de suas terras.

³¹⁸ O desenho e construção esteve a cargo do arquiteto francês Gastón Lelarge que, nas palavras da arquiteta Silvia Arango (historiadora e teórica de Arquitetura), foi “sem dúvida nenhuma o arquiteto mais importante da geração dos mil dias”, que esteve encarregado de prédios de grande importância para a cidade, como o prédio da *Gobernación de Cundinamarca*, o *Palacio Liévano*, o *Palacio Echeverry* e concluiu as obras do *Capitolio Nacional*. (ARANGO, 1989, p.135)

³¹⁹ Prédio de Medicina Legal, desenho do arquiteto italiano Bruno Violi, construído entre 1943-48.

A Escola de Medicina, apesar de sua função educativa, teve um final semelhante ao da Praça de Mercado na segunda metade do século XIX, já que se constituiu em um referente para a cidade, mas ao mesmo tempo em um detonador de atividades informais. A Escola de Medicina foi o primeiro centro de formação de médicos em Bogotá, atividade que acompanhava a prestação de serviços de saúde e, em consequência, a localização de outros serviços e práticas não convencionais de saúde em uma área próxima: lojas de *superchería*, *curandeiros*, bruxos, *sacamuelas*, enfermeiros e médicos ilegais instalaram-se em um bairro como alternativa “de saúde” viável para as classes menos favorecidas ou para os incautos ávidos de curas mágicas para uma ou outra doença, que preferiam não fazer uso dos serviços médicos prestados pela instituição.

Figura 56 – Equipamentos de cultura e educação.

No começo do século XX o setor contava com importantes prédios culturais e educativos (P1). Destacam-se: (1) *Colegio Americano para Señoritas*, (2) *Colegio Nuestra Señora del Pilar*, (3) *Sociedad Filarmónica*, (4) *Escuela de veterinaria e Escuela de agricultura*, (5) *Escuela Normal de Institutoras*, (6) *Facultad de Medicina*, da Universidad Nacional, naquela época o prédio mais importante de saúde e educação da cidade, (7) *Colegio del Sagrado Corazón de María*, (8) *Escuela Santa Inés*, (9) *Escuela de Ciencias Naturales – Instituto Nacional de Agronomía*, (10) *Instituto Técnico Central*. Foto 3: *Sociedad Filarmónica*, desde a praça de San Victorino, 1848. Foto 6: *Facultad de Medicina*, fachada principal, 1916. Foto 10: *Instituto Técnico Central* 1921. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3: El neogranadino. Foto 6: Sociedad de Mejoras y Ornato. Foto 9: Díaz N. en *Arquitectura y Estado*, Ed. UN, 1991.

Algumas destas práticas mantiveram-se no setor – até antes da construção do Parque Terceiro Milênio – especialmente as do serviço de curandeiros, os quais incluem em sua oferta de produtos poções elaboradas com gordura humana para as dores musculares. Outra atividade que surgiu de maneira não planejada, perto desse centro de saúde, foram os serviços funerários, a venda de caixões mortuários, arranjos florais, velas e lápides para sepulturas.

Este fenômeno de serviços de saúde “alternativos” e de serviços funerários não conseguiu proporções em *San Victorino*, mas vale a pena notar que se evidenciou com

bastante força em um setor sul do bairro, no eixo conformado pela *Calle 1ª*, onde se localizou o Hospital de *La Hortúa*³²⁰ em 1926.

Consolidação e formação de complexas dinâmicas socioespaciais

Na década de 1930 podemos confirmar por meio de um artigo da época, a continuidade do caráter de *San Victorino* como porto seco da cidade, os comerciantes, os viajantes, os hotéis e lugares associados com a vida do mesmo:

A praça de *San Victorino* é o porto de Bogotá. Ali tudo se disfarça com a atmosfera das coisas portuárias. As pessoas, como de viagem umas, como guardas de aduana outras, têm o ar das pessoas da navegação [...] os caminhões chegam com pencas humanas dos quatro pontos cardeais e são deixados na Praça. As pensões³²¹ de nomes de personalidades abrem suas bocas para tragar-se aquela humanidade forânea os que não entram a pagar o aluguel da cama por vinte *centavos*, entram à grande roda dos tresnoitados.³²²

Esta condição estimulou as atividades da vida noturna, nos cafés, cantinas e salões de dança, situados nas imediações da Pracinha de *San Victorino* e na *Calle 10* onde, segundo um artigo de 1938, residia na zona mais ampla dos notívagos em Bogotá³²³. Esta zona dos notívagos, naturalmente, deu lugar à localização de prostíbulos e de lugares para a compra e consumo de alucinógenos, última situação que já era motivo de preocupação para a cidade na década de 1930³²⁴

³²⁰ O hospital *San Juan de Dios*, (*Calle 11* com *Carrera 9*) funcionou no setor entre 1739-1926. Foi trasladado em 1926 para sua nova sede desenhada pelo arquiteto Pablo de la Cruz nos terrenos do moinho da *Hortúa* no sul da cidade. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 267-271)

³²¹ Na linguagem coloquial, "*Hoteluchos*": Hotéis populares de baixa qualidade e péssimo serviço.

³²² BRUJES, 1938, p. 21.

³²³ *Loterios, limpiabotas, matarifes e mozos de cordel, tenderos de mala economía carreteros y negociantes quebrados prenden todas las noches en aquellas tiendas de nombres novelescos [...] Hasta que los primeros camiones cargados de víveres hacen su aparición por el occidente anunciando que llega el nuevo día. La Plaza de mercado que desde cerca preside silenciosa las "tenidas" de la calle 10, da entonces a sus porteros y borrachos los tuños alcohólicos, con el aroma de sus cebollas sus frutas y sus cilantros [...]".* BRUJES, 1938, p. 22.

³²⁴ Um artigo do jornal *El Tiempo* "informou em 1933 que na capital havia aproximadamente 260 viciados em morfina e heroína e referia-se de forma patética àqueles que, tendo sido distinguidos profissionais, funcionários e artesãos, arrastavam sua miséria pelas ruas da cidade". (IRIARTE, 1988, p. 223)

Com o posicionamento da cidade dentro da incipiente rede de centros de produção agrícola e industrial do país³²⁵, o setor de *San Victorino* – por sua estreita relação com a Estação de *La Sabana* – consolidou-se como o centro de recepção da população (hotéis e residências), entreposto de mercadorias variadas (lojas de víveres), de materiais para a construção (depósitos de materiais) e de produção industrial, todos esses usos misturados como o uso residencial³²⁶. Assim originou-se uma zona industrial predominante na cidade, na área adjacente ao caminho a *Fontibón*³²⁷.

San Victorino, durante a primeira metade do século XX, poderia ser observado como um setor que para efeitos administrativos estava conformado pelos bairros *La Capuchina*, *Santa Inés* e *San Bernardo*³²⁸, mas que como território, mantinha uma rica e imbricada rede de relações funcionais e espaciais que incluía aos bairros vizinhos³²⁹, cobrindo uma área na que apareceu uma diversidade de usos e conviviam diferentes grupos sociais.

Construção e ampliação de avenidas: fragmentação e isolamento

Durante a primeira metade do século XX, em *San Victorino* adiantaram-se cinco obras que procuravam facilitar o trânsito dos veículos motorizados, mas que por sua vez geraram um isolamento do setor, modificaram a paisagem, concluíram com a ocupação dos antigos leitos de água e eliminaram alguns referentes urbanos que outorgavam identidade ao setor, de forma que o deixaram reduzido a uma ilha urbana carente de elementos emblemáticos e aberta à segregação social e à marginalidade.

A primeira destas obras foi a canalização do *R. San Francisco*, que tinha sido iniciada anos antes nas partes altas da cidade. (Figura 57). Segundo uma entrevista realizada com Germán Zea, prefeito de Bogotá (1938-1941), durante as duas primeiras décadas do século XX,

³²⁵ Produto da construção das linhas do trem e devido ao benefício econômico gerado pela bonança cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

³²⁶ A segunda planta das edificações estava destinada para o uso residencial, e as primeiras plantas para o comércio, a indústria nos quintais traseiros.

³²⁷ A zona industrial consolidou-se no oeste da cidade, ao aproveitar a infraestrutura de transporte existente: estação do trem e o caminho a *Honda* (Av. *Colon*). (ACEBEDO, 2006, p. 74)

³²⁸ O setor toma seu nome da praça de *San Victorino* apesar de que este bairro – *San Victorino* – não faz parte da *pieza urbana* onde se constrói o *Parque Tercer Milenio*.

³²⁹ O setor de *San Victorino* tinha ascendência sobre os bairros vizinhos de *San Victorino*, *Veracruz*, *Catedral*, *Santa Bárbara*, *Eduardo Santos*, *Estanzuela* e *Voto Nacional*.

“[...] a canalização do *R. San Francisco* já tinha chegado até a *Calle Real* (*Carrera 7ª*), sob a sétima o rio descia descoberto e era atravessado por várias pontes em quase todas as ruas transversais. [...]”

Agora, você pergunta se não se pensou em construir um parque, um passeio ao redor de *San Francisco*, como ocorre em todas as grandes cidades. Em primeiro lugar porque o leito do rio era mínimo, e em segundo lugar porque Bogotá não tinha forma de se locomover. O conjunto da cidade assemelhava-se ao de Roma na Idade Média, um lugar feito para cavalos onde não podia se pensar nem por um momento, em grandes sistemas massivos de locomoção. A Avenida *Jiménez*, solucionou um problema maiúsculo. Hoje em dia a cidade toda passa por aí, como também pela *Caracas*.³³⁰

Figura 57 – Canalização do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade dá início à canalização e enterro de seus rios, alterando seu sistema hídrico (P1). O processo inicia-se com o *R. San Francisco*: (1) durante a colônia desviavam-se suas águas limpas pela *Calle 22*, ficando assim condenado a servir como esgotos do centro da cidade. Os trabalhos foram feitos por trechos dando origem à *Av. Jiménez*: (2) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *San Francisco*), 1911, (3) *Quinta de Bolívar-Carrera 7ª*, 1927 (4) *Carrera 8ª-Praça de San Victorino*, (5) *Praça de San Victorino-Calle 6ª*, (6) *Av. Caracas-Carrera 18* (atual *Av. Comuneros*), 1954. Processo semelhante realizou-se no *R. San Agustín*: (7) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *Ayacucho*), 1911, (8) *Carrera 3ª-Carrera 7ª*, (9) *Carrera 8ª – Av. Caracas* (10) praça do bairro *Egipto-Carrera 3ª*. Fotos 3A, 3B e 4: obras de canalização e enterro do *R. San Francisco*, 1926. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3A: *El agua en la historia de Bogotá 1538-1937*, p. 360-361. Fotos 3 B e 4: José Ortega e Antonio Ferro. *La Gruta Simbólica*, 1952.

A entrevista dada por Germán Zea resulta ilustrativa do arraigado desdém que sentiam os cidadãos e o governo da cidade pelos corpos de água: neste caso, o *R. San Francisco*, o qual para essa época já está bastante contaminado e tinha diminuído seu leito, produto em parte pela presença na parte alta do rio de moinhos e indústrias que se

³³⁰ “Lembro principalmente da ponte de *Filadelfia*. Depois o curso cruzava desde *San Victorino* para o sul”. afirmou o prefeito Germán Zea em entrevista a Juan Mosca (1987, p. 30).

beneficiavam do mesmo desde a época da colônia, e representava um obstáculo para a fluidez do transporte motorizado e a modernização da cidade.

Na década de 1920 continuou-se com a construção do coletor do antigo *R. San Francisco*, chegando até a *Carrera 14 (Av. Caracas)* em 1927-1928³³¹. Esta obra permitiu que entre 1938 e 1942³³², se realizasse a prolongação da *Av. Jiménez*, desde a *Carrera 7ª* até *San Victorino*, para o qual foi necessário comprar e demolir várias propriedades do setor³³³.

Aproveitando os trabalhos anteriores executa-se a segunda obra, a construção da *Av. Jiménez*, entre as *Carreras 2ª e 14 (Av. Caracas)*, que pretendia imitar no seu desenho o conceito do *boulevard parisienne* de Haussman. Esta atitude sem dúvida nenhuma manifesta a penetração e adaptação no âmbito colombiano, dos conceitos do urbanismo europeu. Para ilustrar esta afirmação, vale a pena citar a poética descrição de López de Mesa³³⁴, que em 1929 escreveu suas percepções sobre o avanço das obras da *Av. Jiménez*:

*Me ha sorprendido hoy lo mucho que va cambiando Bogotá [...]. ¿Sabe usted, señor, que me agradó la perspectiva que ofrece la Avenida Colón? Será un buen paseo. La he visto algunas veces en las horas de la tarde, y al contemplar la larga fila central de los faroles de grandes bombas, que, recta y hermosa, avanza hacia el occidente, iluminándose de pronto en la penumbra del crepúsculo me pareció que corrían presurosos, a evitar la muerte del sol con su bella claridad ambarina.*³³⁵

A terceira obra correspondeu à construção da *Av. Caracas*. O arquiteto Austríaco Karl Brunner concebeu este projeto, sob o conceito de par viário – entre as *Calles 8ª e 19* – com o propósito de conservar importantes prédios e espaços urbanos da cidade como a Escola de Medicina e o parque de *Los Mártires*, no setor de *San Victorino*; e de avenida arborizada, entre as *Calles 19 e 46*³³⁶. (Figura 58). Porém, a obra executou-se sob as diretrizes do

³³¹ CORPORACIÓN..., 2006, p. 522.

³³² CORPORACIÓN..., 2006, p. 521.

³³³ Germán Zea também comentou a respeito “Quando eu entrei na prefeitura, a *Avenida Jiménez* ia desde a *Quinta de Bolívar* até a *Calle Real*. Descendo deviam ser compradas várias propriedades, eu consegui fazê-lo. Prolonguei a Avenida entre a *Séptima* e *San Victorino*.”. (MOSCA, 1987, p. 30)

³³⁴ Cientista e humanista colombiano (1884-1967).

³³⁵ LOPEZ de MESA, 1929, p. 241.

³³⁶ A concepção urbanística de Brunner previa três níveis com relação à adequação de superfícies públicas para o lazer e seu papel como elementos do tecido urbano: os parques florestais, os bulevares e as praças. “Com o projeto da *Avenida Caracas* em Bogotá, Brunner vinculou uma linha de conexão de alta capacidade com um bulevar representativo. Ao ser uma das vias de comunicação mais importantes no sentido Norte-Sul da cidade, junto com a *Carrera Séptima*, a *Caracas* impulsionou a construção no norte, como os novos bairros de *Campín* e *Palermo*, e conectou-os com o centro da cidade. Para o traçado da

plano Soto- Bateman³³⁷, o qual deixou atrás a proposta de Brunner e propôs a extensão em linha reta, com calçadas de duplo sentido com um perfil de 40m de largura. No que se refere ao setor de *San Victorino*, esta operação precisou da mutilação do prédio da Escola de Medicina da *Universidad Nacional* em 1947³³⁸, e do recorte do Parque de *Los Mártires*, elemento que junto com a igreja do *Voto Nacional* perdeu definitivamente sua ascendência simbólica e importância como espaço público sobre o território e os moradores de *San Victorino*.

Figura 58 – Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.

Sobre os rios canalizados (P1) construíram-se novas avenidas (cor vermelho), sobre o *R. San Francisco* (1) a *Av. Jiménez*, a *Carrea 13* e a *Av. Comuneros*. Sobre o *R. San Agustín* (2) a *Calle 7a* e a *Calle 6a*. Nesta mesma época ampliam-se novas avenidas (cor laranja) a *Carrera 10* (3) e a *Av. Caracas* (4). Com estas obras o setor de *San Victorino* perde, com a primeira, a igreja de *Santa Inés* (3A) e com a segunda, a *Facultad de Medicina* (3B). Constrói-se a *Av. Colon* (5) sobre a alameda nova. Com estas obras transformou-se sustancialmente a paisagem do centro da cidade. Foto 1: construção da *Av. Jiménez*, 1927. Foto 4A: ampliação da *Calle 14* (*Av. Caracas*), 1947. Foto 4B: demolição da *Facultad de Medicina*, 1948. Foto 5: construção da *Av. Colon*, 1938. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 1: Juan Mosca. Foto 4A: *Museo de Desarrollo Urbano*. Foto 4B: fotografia aérea IGAC. Foto 5: *Sociedad de Mejoras y Ornato*.

A quarta obra foi a ampliação da *Carrera Décima* em 1947. Até esta data, as obras da *Carrera 10* (iniciadas anos antes, na zona norte) detinham-se neste setor do centro da cidade na altura da igreja de *Santa Inés*. Sobre a execução desta obra, é preciso notar –

mesma, o plano de desenvolvimento somente previa uma série de correções locais e de pequenas aberturas para sua prolongação nos bairros obreiros do sul". HOFFER, 2003, *passim*.

³³⁷ O Arquiteto e urbanista austríaco Karl Brunner, contemplou para o traçado da *Av. Caracas* no setor de *San Victorino* a permanência do prédio da *Escuela de Medicina*, e propôs como solução a criação de um binário entre as *Calles 19* e *8*, utilizando a *Carrera 15* no sentido norte-sul e a *Carrera 13* no sentido sul-norte. Infelizmente, o projeto aprovado dos engenheiros Soto-Bateman prolongava em linha reta a atual *Av. Caracas*, que obrigou a demolir parcialmente o prédio da *Escuela de Medicina* e cortar uma parte do parque de *Los Mártires*. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001 *Folio 172*. Plano 1.

³³⁸ *Escuela de Medicina*, arquiteto Gastón Lelarge. Iniciou-se sua construção em 1916 em terrenos da quinta de *Segovia*, na frente do parque de *Los Mártires*. Em meados do século XX, com as obras da *Av. Caracas*, foi mutilado. Na atualidade é ocupado pelos escritórios de recrutamento do *Ejército Nacional*. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 169)

levando em conta os propósitos do presente trabalho – que seu desenvolvimento conduziu à demolição parcial da Praça de Mercado (1953) e total da Igreja de *Santa Inés* em 1957³³⁹:

[...] a praça de mercado de *Santa Inés (Concepción)* se trasladou à Praça *España* e ao Colégio Agustín Nieto Caballero; o vazio deixado por sua demolição não foi renovado e sim gerou um maior deterioramento, embora a intensa atividade persistisse e até aumentasse.³⁴⁰

Com relação à igreja de *Santa Inés*, o historiador Alfredo Iriarte (1932-2002) mencionou: “[...] a bela igreja de *Santa Inés* foi arrasada para que por cima dos escombros passasse a *carrera décima* [...]”³⁴¹. Esta frase evidencia não somente a lembrança de um prédio simbólico vítima do extermínio, mas a perda de um referente urbano de relevante significado para a cidade desde o período colonial.

A este resultado, em termos paisagísticos, somou-se outro em termos sociais: o projeto da *Carrera 10* não somente tinha como propósito facilitar a circulação veicular da cidade no sentido norte-sul / sul-norte, mas como mantém Niño (1999): “Sanear a zona e deslocar a zona de prostituição, de bandidagem e de sujeira que caracterizavam o lugar”³⁴². Este fato oferece dois elementos importantes de reflexão. O primeiro, a confirmação do estado de deterioramento social presente na área de *San Victorino*, desde as primeiras décadas do século XX, “[...] o submundo que começa às onze da noite detrás do ultimo casal de cineastas, e acaba às cinco da manhã, quando as primeiras beatas transpassam o umbral das igrejas [...]”³⁴³. O segundo, a evidência de que a administração da cidade havia empreendido programas de desmarginalização e higienização do setor, tomando como pretexto a execução de obras físicas, neste caso, a construção de uma avenida de primeira categoria para a cidade. O anterior permite apreciar um enfoque particular de administração da cidade durante esses anos, a qual costumava pensar que os problemas de marginalidade seriam resolvidos com ações de renovação urbana baseadas na construção de infraestrutura, deixando em segundo plano ações de incorporação, compreensão e trabalho

³³⁹ Fontes confirmam a existência da igreja na década de 1950. Fotografia aérea: Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Colômbia. 1952.

³⁴⁰ *Sociedad Colombiana de Arquitectos*. Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do *Parque Tercer Milenio* em *Santafé de Bogotá*. (SOCIEDADE..., 1999)

³⁴¹ IRIARTE, 1988, p. 47.

³⁴² SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1.

³⁴³ BRUJES, 1938, p. 22.

social com as comunidades que habitavam os setores objeto da renovação³⁴⁴. Esta ação conseguiu parcialmente seu objetivo, porque ainda que se tenham recuperado alguns setores, persistiram a prostituição e malandragem.

A quinta obra no setor de *San Victorino* consistiu na canalização do *R. San Agustín* e a construção da *Avenida 6ª* na década de 1950, a qual surgiu como uma alternativa de comunicação entre o centro histórico e os bairros recém-construídos no setor sudoeste da cidade. A várzea do *R. San Agustín* era estreita, na altura do setor de *San Victorino*, razão pela qual se descartou a construção de uma grande avenida semelhante à *Av. Jiménez*. A solução que se adotou foi a construção de um binário aproveitando as ruas existentes (*Calles 6ª e 7ª*). Esta obra facilitou a conexão entre o setor de *San Victorino*, de intensa atividade comercial com o bairro de *San Bernardo* caracterizado por uma vida residencial tranquila. As novas vias e o serviço de transporte público incidiram em uma mudança do uso do solo deste último bairro: uma zona que era de um uso predominantemente residencial começou a incorporar atividades comerciais progressivamente.

Em termos ambientais, com a canalização e a construção das Avenidas *Jiménez* e *Sexta*, não somente o setor residencial começou a transformar seus usos, mas além de tudo, a cidade enterrou no seu centro histórico os últimos elementos de sua estrutura ecológica original: os rios *San Francisco* e *San Agustín* ficaram no esquecimento e deixaram de ter relevância na paisagem permanecendo somente a marca do seu antigo leito na configuração morfológica do setor, onde os corpos de água e as superfícies permeáveis foram trocadas pelas calçadas e o asfalto das calçadas. Em termos paisagísticos é preciso dizer que com estas duas obras de canalização e quatro obras viárias antes mencionadas, *San Victorino* ficou conectado à cidade, mas ao mesmo tempo fragmentado e isolado pelas amplas avenidas e seu intenso fluxo veicular: ao norte a *Av. Jiménez*, no leste a *Carrera 10*, no oeste a *Av. Caracas* e no sul a *Av. Sexta*. Com a construção destas vias arborizadas, (Figura 59) desarticulou-se a rede de relações funcionais e espaciais do território de *San Victorino* (Desse modo, iniciou-se um processo de constrangimento e isolamento espacial do setor, o qual gerou com o tempo a configuração de um “arquipélago urbano” no qual *San Victorino* operava como uma ilha urbana, em pleno centro da cidade.

³⁴⁴ Na seção 2 mencionou-se como a administração da cidade empreendeu durante os anos 20 e 30 do século XX ações de desmarginalização, higienização e homogeneização de setores deteriorados da cidade, com a execução de projetos de “saneamento” como no *Paseo Bolívar* para o qual se procedeu à construção de um novo bairro (*Centenario*) para reacomodar seus moradores.

Figura 59 – Construção de Avenidas arborizadas.

Com o surgimento do carro como meio de transporte as velhas ruas coloniais tornam-se insuficientes. Por esta razão a cidade inicia nos anos 1930 um programa de ampliação de vias, para o qual se constroem avenidas arborizadas (P1), tomando como referência a experiência europeia e norte-americana. No setor de *San Victorino* constrói-se: (1) a *Carrera 10*, (2) a *Av. Caracas*, (3) a *Av. Colon* e anos depois (4) a *Av. Los Comunerros*. Foto 1: *Carrera 10*, 1955. Foto 2: *Av. Caracas*, 1938. Foto 4: *Av. Comunerros (Calle 6ª)*, 1964. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 4: Saúl Orduz MDU. Foto 2: Fernando Garabito.

Com relação à dimensão social, *San Victorino*, como se mencionou anteriormente, começou a se assemelhar a uma ilha urbana conformada por residentes, comerciantes e moradores de rua. Sempre sob o estigma de espaço segregado, fragmentado e os grupos sociais altamente marginalizados, que paradoxalmente situaram-se sobre a marca deixada pelo *R. San Francisco*: especialmente na franja onde hoje se encontra o Parque Terceiro Milênio, lugar onde se manifestou o maior deterioramento físico, social e ambiental da cidade. Ali se estabeleceu um lugar central de encontro dos moradores de rua, na famosa “*Calle del Cartucho*”³⁴⁵, a qual teve como prédio simbólico “*El Castillo*”³⁴⁶, lugar do qual se “administrava” o submundo do setor. A marginalidade, presente desde o período colonial, manifestou-se com uma faceta distinta, de acordo com o vertiginoso e conflituoso desenvolvimento da área nos últimos cinquenta anos.

4.4 Perda de equipamentos e liderança

Conformação de um arquipélago urbano

Como se explicou na seção 2, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo, que se manifestou especialmente no campo; por este

³⁴⁵ “*El cartucho*” nome que recebeu a *Carrera 12 A* entre *Calles 9ª* e *10*, por ser lugar de venda da flor de cartucho. A partir dos anos 1970 apresentou um deterioramento físico e social contínuo até se tornar o lugar mais perigoso do setor de *San Victorino* e da cidade. Curiosamente sob esta rua passa o *R. San Francisco*.

³⁴⁶ “*El Castillo*” prédio localizado na *Carrera 13* com *Calle 9ª*. Nos anos 1980 foi invadido e tornou-se o centro de operações da delinquência que controlava o setor de *San Victorino*, convertendo-se em símbolo de poder.

motivo, produziu-se uma migração massiva de camponeses à cidade, os quais chegaram a esta procurando por segurança e por novas oportunidades de trabalho. (Figura 60).

Figura 60 – O “Bogotazo”: construções e infraestrutura afetada.

Com os atos violentos de 9 de abril de 1948 o setor de *San Victorino* foi seriamente afetado (P1). Isto acelerou o processo de fechamento e traslado da *Plaza de Mercado* (laranja), a demolição da igreja de *Santa Inés* (azul) para dar lugar à nova *Carrera 10* (1) e o desmonte (retiro) da rede do Bonde (linha verde) símbolo do transporte público da cidade. Com estas nefastas decisões o setor de *San Victorino* perde liderança? e visibilidade na cidade. Foto 1: Praça de Mercado Central, 1929. Foto 2: Ataque ao bonde, 1948. Foto 3: estragos na *Carrera 7ª*, 1948. Foto 4: o Bonde em chamas, 1948. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Ministerio de Obras Publicas, 1949*. Foto 1: Ignacio Sánchez Santamaría. Fotos 2 e 4: José Vicente Ricaurte. Foto 3: Luis Gaitán.

Frente à evidente instabilidade e perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo General Rojas Pinilla, que terminou exercendo as funções de presidente sob a figura de ditadura militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957. Como se mencionou na seção 2, o General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança à cidade. Entre estes projetos é necessário destacar alguns que incidiram no processo de deterioramento de *San Victorino*.

Porém, antes de explicar estes projetos e sua relação com o setor, é necessário mencionar que devido aos danos causados ao sistema de bonde em 9 de abril de 1948 e a deficiências na administração e no manejo dos recursos econômicos, a empresa do *Tranvía* (bonde) *Municipal* deixou de prestar o serviço de bonde em 1952, substituindo o referido serviço pelo de ônibus e *trolly bus*. Com esta decisão, desapareceu o circuito conformado pelo bonde no setor de *San Victorino*, que percorria a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª* e 11, o qual não somente fornecia vitalidade à zona, mas permitia a conexão desta zona com a

cidade. Uma vez desaparecido o circuito, também desapareceu a importância que tinham a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª e 11*, em termos paisagísticos e urbanos; desprovidas de sua importância, acelera-se seu processo de deterioramento físico e social.

Retomando os projetos executados durante a ditadura do General Rojas, que incidiram no deterioramento do setor, é preciso destacar os seguintes: com a construção da *Calle 26* (*Av. El dorado*), o Passeio de *Los Libertadores* e a adição dos Municípios vizinhos de Bogotá, iniciou-se um acelerado processo de crescimento não planejado sobre a Savana, caracterizado por uma intensa ocupação da área rural, a qual se estendeu principalmente ao oeste da cidade nos primeiros anos, e posteriormente, ao norte da mesma³⁴⁷. (Figura 61).

Figura 61 – Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.

Com a construção de infraestrutura – equipamentos e avenidas – no ocidente de Bogotá, incorporaram-se áreas rurais no processo de urbanização da cidade dando origem, em muitos casos, à proliferação de assentamentos ilegais na periferia da cidade. P1: *Croquis* sobre parcelamentos Clandestinos, 1950. Foto1: Aeroporto *El Dorado*, 1956, Arquitetos Cuellar Serrano Gómez. Foto 2: perspectiva do *Ministério de Obras Públicas* (CAN) Arquitetos Skidmore Owens & Merrill. Fonte: P1 Joaquín Martínez – Registro Municipal, Tomo XX, 1950. Foto 1: Germán Téllez. Foto 2: *Revista Proa*, 1955.

Durante este período de investimento na periferia, sobre a Autopista Norte e a *Calle 26*, o setor imobiliário (empresa privada) e a administração *Distrital* esqueceram-se do centro tradicional da cidade de modo que durante as décadas seguintes acelerou-se o deterioramento físico e social desta porção da cidade. *San Victorino* não foi a exceção nesse processo de deterioramento, o qual esteve acompanhado de alguns fatos que agravaram as condições de marginalidade social e geração de uma ilha urbana: a publicação de um decreto para que os vendedores ambulantes localizados nas ruas e calçadas de *San*

³⁴⁷ A localização do *Centro Administrativo Nacional* e o Aeroporto Internacional *EL Dorado* sobre o eixo leste-oeste (*Calle 26*) “abrieron la compuerta a la expansión de la ciudad en esta dirección, algo que se evitaba en el Plan Regulador por considerar estas áreas poco aptas para desarrollos urbanísticos. La Autopista Norte abrió otro frente urbanizador importante, que tardaría varias décadas en poblarse.”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 114)

Victorino se concentrassem no largo do mesmo nome³⁴⁸; o traslado de comerciantes de atacado de víveres à Central de Atacados de *Corabastos* (1972); finalmente, o traslado de prestadores do serviço de transporte terrestre intermunicipal e nacional ao Terminal de Transportes (rodoviário) localizado no oeste da cidade (1984).

O decreto que o prefeito Jorge Gaitán Cortes expediu em 1864, visava à recuperação da imagem e o espaço livre do centro; porém, contrário a seus nobres propósitos, terminou por legitimar que a praça, as calçadas e as ruas, se tornassem objeto de aproveitamento econômico, sob práticas “irregulares” que se consolidaram no transcurso das décadas seguintes³⁴⁹: vendedores ambulantes³⁵⁰ (Figura 62), que tomaram posse e defenderam como próprias porções de uma rua, uma calçada ou da praça; vendedores de atacado proprietários ou inquilinos de locais comerciais e bodegas nos prédios da zona, que contrataram numerosas pessoas para ofertar os produtos nas ruas; máfias e *jibaros*³⁵¹ que se dedicaram ao comércio de alucinógenos encobertos pelos vendedores ambulantes aproveitando o aumento do consumo, produto da bonança trazida pelo tráfico de maconha dos anos 1970; catadores de papel e papelão que desenvolveram centros improvisados de coleta na área vizinha à praça; e habitantes da rua que tornaram esta zona sua residência permanente³⁵². Assim, contrário ao previsto pelo Prefeito, a cidade ao invés de ganhar, perdeu espaço livre, e a Praça de *San Victorino*, em vez de conservar suas características, dilapidou sua importância como referente urbano rico em significados desde os tempos da colônia.

Outro fenômeno que se apresentou na área e que gerou condições de marginalidade foi o correspondente às condições sociais que ficaram como produto do abandono de infraestrutura e o traslado das atividades do comércio em atacado e do serviço de transporte intermunicipal a outros setores da cidade.

Nos anos 1970, numerosos comerciantes de atacado de víveres que se concentravam no setor de *San Victorino*, se trasladaram à Central Atacadista de *Corabastos*³⁵³, em 1972; o referido traslado provavelmente esteve motivado pelas condições

³⁴⁸ Decreto 227 de 1964 “pelo qual se regulamenta a profissão de vendedores ambulantes de que trata o capítulo 12 do título 9 do livro 2 do *Código de Policía del Distrito Especial de Bogotá*”.

³⁴⁹ Este espaço público somente seria recuperado 38 anos depois, com o traslado dos vendedores e a execução de obras de reforma da Praça de *San Victorino*. Com esta obra começa o processo de recuperação do espaço público do setor.

³⁵⁰ Sem dúvida nenhuma, o fenômeno de vendedores ambulantes é uma manifestação de um problema social cuja origem tem raiz nas condições de desemprego, da desigualdade na distribuição da riqueza e no acesso a bens e serviços básicos. Porém, não é pretensão deste documento demonizar a existência dos vendedores ambulantes, mas chamar a atenção sobre os impactos negativos resultantes da legitimação do aproveitamento econômico do espaço público.

³⁵¹ “*Jibaro*”: administrador das vendas de narcóticos. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.187)

³⁵² Palavras de Niño: “a partir de entonces, se formó un improvisado centro de recolección de papeles y cartones, de recogedores de toda la ciudad, a la vez que se convirtió en refugio de indigentes, de miseria y drogadicción”. (SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1)

³⁵³ SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.2.

favoráveis de trabalho – segurança, acessibilidade, asseio e outras – que lhes ofereciam as novas instalações da Central de Abastecimento, mas ao mesmo tempo provocou que *San Victorino* perdesse identidade como o centro de comércio em atacado de víveres da cidade, e que ficasse somente com os resíduos do que uma vez foi. Assim, o cenário do setor começou a se caracterizar por prédios abandonados (antes utilizados para as atividades comerciais) e pessoas sem emprego (que antes se dedicavam a trabalhos associados com o comércio de víveres).

Figura 62 – Evolução e ocupação da Praça de *San Victorino*.

Semelhante a outras praças da cidade, a praça de *San Victorino* sofreu importantes modificações: (1) Espaço colonial original com chafariz, portão de chegada à cidade. O *R. San Francisco* passa por sua margem. (2) Em 1910 aumenta-se o espaço, enterra-se o *R. San Francisco* e constrói-se um parque. Toma o nome de Praça *Antonio Nariño*. (3) Em 1948 pavimenta-se o parque e habilita-se o espaço como estacionamento para carros. (4) Em 1964 o prefeito Gaitán Cortes autoriza a ocupação da praça pelos vendedores informais, perdendo-se assim um dos espaços tradicionais e representativos da cidade. Foto 1: *San Victorino*, praça com chafariz, 1900. Foto 2: *San Victorino*, praça/parque, 1920. Foto 3: vista aérea, Plaza *Antonio Nariño* (estacionamento), 1947. Foto 4: vista aérea, *San Victorino*, espaço invadido pelos vendedores informais, 1998. Desenhos elaborados pelo autor. Fonte: Foto 1: Henry Duperly. Foto 2: *Sociedad de Mejoras y Ornato*. Foto 3: em Montenegro & Liarralde. Foto 4: *El Tiempo*. 1998.

Por outro lado, no começo dos anos 1980 habilitou-se o primeiro terminal “moderno”³⁵⁴ de transporte que teve Bogotá; esse terminal foi inaugurado em 1894, no setor que hoje em dia se conhece como Cidade *Salitre*. Várias empresas de transporte que prestavam o serviço nas proximidades a *San Victorino* trasladaram-se ao novo terminal. Sem dúvida alguma, a cidade beneficiou-se significativamente com a construção desta moderna

³⁵⁴ Naquela época, o transporte intermunicipal de passageiros estava organizado de forma precária sobre “portos secos”, onde o serviço de chegada e saída dos passageiros dava-se em locais improvisados.

Rodoviária, pois esta obra permitiu superar a informalidade³⁵⁵ e racionalizar a prestação do serviço de transporte de passageiros. Porém, os bairros *San Victorino* e *La Estanzuela*, perderam seu caráter como porto seco, e adicionalmente sua capacidade de ofertar fontes de trabalho às pessoas que prestavam a assistência técnica e logística ao serviço de transporte de passageiros e que em sua maioria moravam no bairro *Santa Inés*. De certo modo, pode-se afirmar que com a migração das atividades e as pessoas associadas ao serviço de transporte incrementou-se o desemprego e aumentou-se a insegurança no setor.

San Victorino: ilha e marginalidade urbana

Frente ao novo panorama, a administração *Distrital* não tomou nenhuma medida de prevenção ao deterioramento, nem considerou programas de inclusão social para aquelas pessoas que perderam sua fonte de ocupação e subsistência.

A construção destas importantes obras de infraestrutura – *Corabastos* e Terminal de transporte – não incluiu planos de redensolvimento dos espaços vazios deixados na cidade e, muito menos, a implementação de programas para reincorporar ao mercado, gerar trabalho à população de escassos recursos – mão-de-obra não qualificada que dependia para o seu sustento da presença destes serviços no centro da cidade. Esse fato trouxe nefastas consequências para o setor de *San Victorino*, as quais se manifestaram, em muitos casos, na troca de usos e no aumento da população de escassos recursos ou em condição de indigência: depois da emigração dos comerciantes de atacado, as bodegas desocupadas foram destinadas principalmente para o armazenamento de materiais recicláveis como papel, metais e desperdícios de construções. As pessoas que perderam sua antiga ocupação e, em geral, a população de escassos recursos da cidade, ocupou-se do recolhimento, transporte e venda destes materiais. Desse modo, o espaço urbano e seus atores passaram de uma condição de “formalidade” (mercado em atacado de víveres) para uma de “informalidade” (reciclagem de materiais).

Neste cenário de informalidade, acelerou-se o processo de deterioramento do espaço livre: as ruas e as calçadas foram invadidas pelo crescente número de “carros de *balineras*” (*zorras*) e de materiais que não faziam parte da lista dos “*negociables*”, de modo que o espaço livre tornou-se uma zona de acumulação de desperdícios. Nas calçadas começaram a proliferar improvisados pontos de venda de comidas preparadas em churrasqueiras com

³⁵⁵ A cidade passa do sistema arcaico de agências de transporte de passageiros – “rua e bodega” dispersas pelo centro da cidade – ao moderno e funcional sistema de terminal de transporte.

carvão, cuja fumaça e cinzas multiplicaram-se ano após ano. Assim, progressivamente foi-se poluindo o ar das ruas e modificou-se negativamente a paisagem do bairro.

Por outro lado, também estes fatos marcaram o início de uma nova dinâmica com relação à propriedade privada: (Figura 63), no setor, começou a se apresentar uma maior concentração da população marginal que subsistia do “rebusque” ou do recolhimento de materiais, a qual não contava com ingressos suficientes para pagar um espaço para dormir. Os arrendatários de propriedades, ao ver uma oportunidade de negócio, incrementaram a prática de especulação com os imóveis por meio da sublocação de quartos, nos quais se alojavam famílias inteiras. Desse modo, o bairro de arrendatários passou a ser um bairro de cortiço, aumentou o índice de ocupação, com grupos de famílias morando em condições de adensamento precário.

Figura 63 – Transformação da moradia e controle da propriedade.

A maioria dos prédios do setor apresenta a mesma evolução: (1) Moradia original em formato de claustro com quintal anterior e posterior. Ocupado por uma família, proprietária. (2) Subdivide-se a moradia em duas propriedades. Mantém-se o quintal anterior e posterior, ocupado por duas ou mais famílias, proprietárias ou arrendatárias. (3) Subdividem-se os locais, constroem-se mais quartos, perde-se o quintal posterior. Cada quarto ocupado por uma família, torna-se cortiço (invasores). Perde-se o controle sobre a propriedade. (4) Acondicionam-se mais quartos, perde-se o quintal anterior. Os quartos são ocupados por várias pessoas, não necessariamente conhecidas entre si (cobra-se por noite). Gera-se uma situação de condições precárias e promiscuidade absoluta. Comércio (vermelho) moradia e outros (amarelo) serviços (azul). [Desenhos elaborados pelo autor].

Os “arrendatários”³⁵⁶ com a finalidade de obter um maior aproveitamento econômico das edificações colocaram ano após ano mais famílias nas habitações das deterioradas residências, com o qual se incrementaram as condições precárias dos moradores e ao mesmo tempo aprofundaram-se as fraturas de convivência típicas deste modo de habitar, surgindo fenômenos de violência no interior do grupo de residentes, descompromimento no

³⁵⁶ “Arrendatarios”, neste caso, refere-se aos novos possuidores – não proprietários – dos imóveis.

pagamento e agressões por parte dos arrendatários que finalmente foram expulsos pelo grupo de inquilinos³⁵⁷.

Assim ocorre um fenômeno que pode ser denominado como perda do controle da propriedade privada, o que gerou uma atmosfera propícia para a deteriorização física das edificações, e a decomposição social caracterizada pelas relações de conflito na convivência e os fenômenos de violência.

Nos anos 1970, surgiu um fenômeno que foi determinante no posterior deterioramento social e físico de *San Victorino*. Durante essa década apresentou-se o auge do comércio de drogas no país todo³⁵⁸ e *San Victorino*, como os demais setores do centro da cidade, foram esquecidos pela administração *Distrital*. Estes dois fatos – unidos à vulnerabilidade da população que habitava o bairro – constituíram um campo de ação propício para os comerciantes de alucinógenos, que paradoxalmente começaram a exercer suas atividades ilícitas a somente dois quarteirões do Palácio Presidencial, a Prefeitura Maior (*Alcaldía Mayor*), e a Praça de *Bolívar*, primeiro centro cívico da cidade e do país.

A ausência do Estado, o aumento da venda de alucinógenos e dos fenômenos de violência no meio da população vulnerável foi decisivo no processo de decomposição física e social do setor. Além disso, marcaram a configuração de um imaginário negativo na população *bogotana*: *San Victorino* passou de sinônimo de porto urbano e atraente de atividades para sinônimo de degradação social, drogas e crime em todas as suas manifestações.

4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental

Consolidação da Barreira urbana. Tempo de crise.

Sob essas condições, *San Victorino* começou a se configurar na paisagem como uma espécie de “barreira urbana”, um reino do “*basuco*”³⁵⁹, do saqueio e do vandalismo, ao que a cidade e as instituições do Estado viraram-se de costas. (Figura 64). A “*Calle del Cartucho*” terminou por se constituir no centro simbólico e espacial desta barreira, com o avançado

³⁵⁷ María Paula Navas descreve esta dramática situação muito bem: “*Hay jefes, líderes o administradores por donde usted mire, y cuando dejan de mandar llega otro inmediatamente a ocupar el puesto. El más hábil. Así hubo no sé cuantos propietarios que perdieron definitivamente la posesión de sus predios. Hubo tantos dueños que los pobres ricos no pudieron regresar al punto en que abandonaron sus casas*”. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.51)

³⁵⁸ Nos anos 1970 intensificou-se no país a produção e tráfico de maconha, fato conhecido como “*Bonanza marimbera*”. Este evento permeou a maioria das estruturas sociais e econômicas do país, e no caso de *San Victorino* transformou-o no centro de venda e consumo de alucinógenos, afetando sua população e entorno físico significativamente.

³⁵⁹ *Basuco*: resíduos da base de coca muito popular pelo intenso efeito e baixo custo, NAVAS-ALARCON, M., op., cit. p.185.

estado de decomposição social, o dramático deterioramento do espaço livre, a perda total do controle sobre a propriedade privada e a destruição física das edificações: as paredes das casas começaram a ser derruídas por seus habitantes para utilizar o material na preparação de “*crack*”³⁶⁰: “Começam a levar partes das casas [...] se levam as cornijas, as molduras e até a tapeçaria das paredes”. A polícia negou-se a intervir para evitar o saqueio que acontecia a três quarteirões de sua estação. “Em um mês a casa da família Liévano desapareceu. Levaram a fachada, as portas e as grades [...] ficou somente o lote”. O lote e o testemunho de como Bogotá – igual a outras cidades do país – abandonou seu centro e, com ele, parte de sua memória³⁶¹.

Figura 64 – A “Calle del Cartucho” e prédio “El Castillo”.

Sobre as ruas ondulantes que lembram o velho curso do R. San Francisco (P1), gera-se o maior deterioramento físico e social do setor. É neste lugar onde se consolidam dois dos símbolos dos moradores informais da área: (1) “Calle del Cartucho”, (2) “El Castillo”, em cinza área de influência direta. Foto 1: “Calle del Cartucho”, rua invadida. Foto 1: “Calle del Cartucho” moradores de rua. Foto 2: demolição de prédios. Foto 2: demolição do “El Castillo” prédio simbólico dos invasores, centro de delinquência. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano.

Pode-se dizer que nessa época a única presença do Estado na zona manifestou-se por meio do Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e a Estação de Polícia³⁶² localizada na Av. Caracas com Calle 6ª, e o Centro de Recrutamento do Exército instalado no que restou do prédio da antiga Escola de Medicina. O primeiro estabelecimento, que seguramente foi significativo para a cidade, pois presta um importante serviço de recepção de cadáveres, mas negativo para San Victorino, já que no setor próximo do mesmo estabeleceram-se as mais miseráveis condições de vida e morte: um lugar onde a vida não

³⁶⁰ “Crak”: Base de coca misturada com pó de cimento ou tijolo.

³⁶¹ LEÓN, F. *El tiempo*, (jornal) 28-03-1999 p. 2E.

³⁶² É a Estação de Polícia mais importante do centro da cidade. Foi construída nos anos 1960.

tem o menor significado para seus moradores e onde os funcionários do Instituto, e dolentes dos mortos valentemente enfrentam-se todos os dias neste aterrador panorama. Com relação aos dois últimos, chama a atenção que, sendo parte do aparato de segurança da cidade e do país, foram incapazes de manter o controle do Estado sobre a zona em uma atitude passiva e de suspeitosa complacência com todos os atos delitivos que aconteciam em *San Victorino* e que sem dúvida afetaram a credibilidade da população nas forças de segurança e convivência de sociedade *bogotana*.

Intentos falidos de recuperação

Como se indicou na seção 3, em 1986, frente ao processo de abandono e deterioração que sofreu o centro da cidade, e a situação de conflito na qual se viu *San Victorino*, especialmente na zona chamada “*El Cartucho*”, a administração *Distrital* voltou seu olhar ao centro por intermédio da contratação de um estudo técnico que se denominou “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. Com este plano, a administração *Distrital* assumiu como prioridade os programas de recuperação do espaço livre e a racionalização do transporte de passageiros no Centro Tradicional. Infelizmente, apesar destas nobres intenções, o referido plano jamais se materializou.

Com essa mesma preocupação na década de 1980, traçaram-se novos desenhos e realizaram-se as obras de um projeto destinado a melhorar as condições de mobilidade sobre a *Av. Caracas*. (Figura 65). O projeto denominado “*Troncal de la Caracas*” consistiu na destinação de faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus, com áreas delimitadas para o carregamento e descarregamento de passageiros, imitando o modelo de Curitiba em Brasil. Como esta iniciativa implicava suprimir o separador central e o retiro das árvores, em sua maioria *Urapanes* (*Fraxinus chinensis*)³⁶³, razão pela qual o centro da cidade e especialmente o setor de *San Victorino* perdeu o único corredor viário verde ao modificar negativamente a principal avenida arborizada, herdada dos planos de modernização empreendidos pela cidade em meados do século XX.

Posteriormente propuseram-se projetos específicos de recuperação do setor, como o proposto pelo prefeito Jaime Castro com o “Plano de recuperação dos bairros de *San*

³⁶³ Em 1945 executa-se em Bogotá um ambicioso programa de arborização, liderado pelo japonês Hochino, que propôs como espécie única para plantar a árvore de origem *Urapan*, (*fraxinus chinensis*). Esta espécie adaptou-se às condições do clima da cidade e pelo grande aporte, folhagem e rápido crescimento foi por muito tempo o preferido pelos *bogotanos* até que perderam sua importância devido aos danos causados pelas raízes às vias e construções. No final dos anos 1980 uma praga os atacou obrigando a retirada da maioria destes.

Victorino e Santa Inés 1992-1995”, que consistia basicamente em resolver a mobilidade no deflagrado e deteriorado setor da “*Calle del Cartucho*” e a dificuldade de acesso às instalações de Medicina Legal para o qual se propunha ampliar o perfil de todas as vias do setor, a construção de novas vias, um novo parque e a troca de usos (comércio e institucional) em vários quarteirões. Igual aos projetos anteriores, este também não foi executado.

Figura 65 – Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.

No final dos anos 1980 a prefeitura de Bogotá, tomando como referência o sistema de transporte de Curitiba no Brasil, começa a construção da “*Troncal de la Caracas*” (P2). Infelizmente esta obra afetou a paisagem do centro da cidade ao tirar a maioria das árvores do canteiro central e calçadas (P1) para dar lugar às novas faixas de circulação veicular. Desse modo perdem as “*Avenidas arborizadas*”, que por muito tempo foram orgulho da cidade. Preocupados pelo alto nível de deterioração física e social no setor de *San Victorino*, a prefeitura em 1993 apresenta uma proposta de intervenção (P3), a qual incluiu a abertura de novas vias no setor da “*Calle del Cartucho*”, *Carrera 12A*, *Calle 7A* e a construção de um pequeno parque. Esta proposta não foi realizada. [Desenhos elaborados pelo autor].

Dinâmica de ocupação do setor. Perda de equipamentos e superposição de atores.

No final do século XX a paisagem do setor de *San Victorino* estava substancialmente alterada devido à perda do comércio em atacado, da indústria e de seus principais equipamentos como a Faculdade de Medicina, a Praça de Mercado, as igrejas de *San Victorino* e *Santa Inés*. A esta situação somou-se o espaço livre afetado pela mutilação da Praça de *Los Mártires*, a invasão da praça de *San Victorino* por vendedores informais, a supressão das rotas do transporte público do bonde (*Calle 10ª*, *Carreras 10ª* e *Carrera 11*) e a ampliação das principais vias, operação pela qual se retiraram as árvores que estavam sobre os corredores viários. (Figura 66).

Figura 66 – Perda de equipamentos no setor de *San Victorino*.

Em meados do século XX *San Victorino* contava com importantes equipamentos urbanos e transporte (P1). Pela ampliação de avenidas e traslado de equipamentos que nunca foram substituídos, no final do século XX o setor perdeu presença e liderança na cidade (P2). Abastecimento (laranja), igrejas (vermelho), educação (azul), culturais (azul claro), indústria (roxo), segurança-militar (verde escuro), praças e parques (verde). Rota do bonde (Linha verde). [Planos P1 e P2 elaborados pelo autor].

Outro elemento que incidiu na transformação da paisagem foi a constante e sistemática mudança de uso da propriedade privada: o uso comercial foi trocado pelo uso residencial, com o qual os habitantes habituais do setor tiveram de se trasladar obrigatoriamente para novas urbanizações localizadas na periferia da cidade. Dessa forma, o caráter que se dava a *San Victorino*, a moradia tradicional foi se transformando pela presença de perigosos cortiços, ocupados sob práticas “primitivas”: em um quarto dormem no chão³⁶⁴ várias pessoas em condições precárias de higiene e moradia.

Apesar de suas condições precárias de moradia, como se mencionou anteriormente, a população vulnerável que ocupava *San Victorino* aportava ao setor uma intensa dinâmica durante as 24 horas do dia e durante os 365 dias do ano. Com a construção do Parque Terceiro Milênio, como se indicou na seção 3, trocou-se o uso de moradia pela recreação, e expulsou-se esta população vulnerável. Esta ação, na opinião do autor deste trabalho, definitivamente foi contra dos interesses de manter e atrair população que habitasse o centro da cidade (Figura 67).

Os atores presentes no setor e no entorno adjacente a *San Victorino* estão conformados principalmente por dois grupos plenamente diferenciados: o primeiro grupo que pode se denominar “formal ou autônomo”, conformado pelos empregados das entidades públicas de nível nacional e distrital (Presidência, Congresso, Ministérios, Banco Central, Prefeitura maior, Secretarias, Corporações Culturais e sociais), os empregados de entidades

³⁶⁴ As pessoas dormem, (de dia ou à noite), não moram nestes espaços. Paga-se para dormir quatro reais. NAVAS-ALARCON, op. cit., p.102

culturais (Bibliotecas, Museus e outros), os integrantes das instituições religiosas (Arcebispo, Catedral principal, Igrejas paroquiais) e, por último, os proprietários e empregados do setor privado da área financeira (bancos e corporações), do setor de gestão e serviços (profissionais de todas as áreas, especialmente de justiça), do setor comercial (lojas de atacado e varejo, livrarias, restaurantes e cafeterias).

Figura 67 – Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.

No final da década de 1980, o setor de *San Victorino* apresenta uma alta mistura de usos, destacando a presença de comércio no costado norte e moradia no costado sul (P1). Para a construção do parque suprime-se a área de moradia, a qual é substituída por recreação. Assim, o setor fica sem moradores que aproveitem os espaços novos que o parque oferece. Planos P1 FONADE “*Preinversión*”, Bogotá 1988, p. 28. [P2 elaborados pelo autor; fonte: *Bases del Concurso*].

O segundo grupo, que pode ser denominado “informal ou dependente”, está conformado por vendedores ambulantes (roupa, cachivaches – bujigangas –, confeitaria, comida, bebidas e livros “piratas”), catadores de lixo (papel, vidro, metal, plástico) e rebuscadores (ajudantes, *mandaderos*).

Por sua natureza, estes dois grupos de habitantes apresentam diferentes formas de utilização e ocupação do setor, gerando ritmos ambivalentes: o setor formal, trabalha e beneficia-se do centro da cidade durante o período diurno, e o abandona à noite para se refugiar nos setores residenciais da periferia; porém, o informal vive e aproveita o centro durante as 24 horas do dia em jornadas de trabalho e períodos de descanso sem horário fixo (esmola-se por comida e dorme-se em qualquer horário). Dessa forma gera-se uma presença constante do “mundo da informalidade”, que é o mundo que realmente “habita” e dá dinamismo ao centro da cidade. (Figura 68).

Figura 68 – Dinâmicas de ocupação do setor de *San Victorino*.

Antes da construção do parque reconheciam-se na área dois ritmos de ocupação (P1). Por um lado, o setor formal ou autônomo (vermelho) que utilizava o centro como espaço de trabalho durante o dia e que o abandonava à noite. Por outro, o setor informal ou dependente (azul) que habita no setor com a mesma intensidade de dia e à noite, mantendo uma estreita relação com seu entorno. Com a construção do Parque Terceiro Milênio (P2) perde-se a presença do setor informal e como o setor formal não reconhece como próprio o antigo setor de *San Victorino*, é em parte razão pela qual o parque (3) apresenta uma baixa frequência de uso, criando-se desse modo um vazio urbano. Foto 1: Praça de *San Victorino*. Foto 2: atividade cotidiana do setor-setor informal. Desenhos elaborados pelo autor. Foto 1: autor. Foto 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano

Estas características replicaram-se no interior da peça urbana de *San Victorino*. Em 1999 *San Victorino* contava com 22.138 habitantes³⁶⁵, e suas características configuravam como um “arquipélago urbano” e “barreira urbana”. No interior deste arquipélago conviviam a cidade formal e a cidade informal; o setor norte e sua periferia alojaram o setor formal, e o núcleo de *San Victorino* – conformado pelo bairro *Santa Inés* – acolheu ao setor informal pertencente à população mais vulnerável, com as correspondentes condições de avançado deterioramento físico e social.

Com a construção do PTM, alterou-se a superposição e convivência do setor formal e informal, ao estimular a permanência da população do setor formal e expulsar a população pertencente ao setor informal; assim modificaram-se os ritmos de funcionamento do setor de *San Victorino*. Como se indicou antes, a relação que guarda a população formal com *San Victorino* é de caráter exclusivamente laboral, de tal sorte que não se desenvolveram vínculos afetivos, simbólicos ou um sentido de pertencimento ao lugar. Como o Projeto Parque Terceiro Milênio expulsou a população que realmente guardava um vínculo ou um

³⁶⁵ . IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.8. p. 12-folio 622.

sentido de pertencimento com o lugar e não atraiu nova população residente, a área do Projeto terminou se tornando um “vazío urbano”. Este fato se evidencia na baixa frequência de uso do Parque e nas poucas ou inexistentes alterações ou melhoras nas construções e lotes que configuram seu entorno.

4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio

As páginas anteriores procuraram mostrar a evolução histórica de *San Victorino* com o fim de determinar e explicar a origem dos elementos que configuraram suas atuais condições ambientais, urbanas, sociais e paisagísticas. Em consideração do autor, a compreensão destes elementos históricos e a consequente situação atual do setor criavam importantes retos às operações de renovação urbana empreendidas pelo *Distrito* a partir de 1999: *San Victorino*, e especificamente o bairro *Santa Inés*, configuraram-se como uma “barreira” urbana, na qual sobre uma cidade formal dão-se as dinâmicas de uma cidade informal, a qual reforça as condições de isolamento, amparadas nas redes do comércio ilegal de alucinógenos e a complacência da força pública. Esta população da cidade formal não tem desenvolvido um sentido de apego com o setor, pois sua relação com o mesmo é exclusivamente de caráter de trabalho, e as atividades da vida familiar, lazer e de descanso acontecem em outros lugares da cidade.

De outro lado está a população informal, a mais vulnerável devido a sua principal atividade que corresponde à luta diária para conseguir o sustento, ou seja, o que popularmente se conhece como “*rebusque*”. Dentro desta população configuram-se grupos característicos, de acordo com o tipo de atividade que realizam: recicladores (de papel, metal, vidro, madeira, entre outros), compradores de materiais recicláveis, consumidores de alucinógenos, dispensadores de alucinógenos (*jíbaros*), vendedores de comida, administradores de cortiços. As atividades desta população mantêm-se vivas durante o dia todo, não somente pela reciclagem de materiais, mas pelo comércio de alucinógenos, que fornece inclusive aos consumidores pertencentes às classes acomodadas da cidade.

Com relação à imagem do setor frente à cidade, o comércio de alucinógenos, a perda de controle sobre a propriedade, a alienação do espaço livre, as condições precárias de moradia e os consequentes fenômenos de violência são os elementos que terminam por configurar uma realidade com a qual *San Victorino* torna-se símbolo da miséria, do indesejável.

Este panorama, paradoxalmente produz-se somente a dois quarteirões dos símbolos políticos, sociais e religiosos do país: a Praça de *Bolívar*, o Palácio presidencial, o Capitólio Nacional e a Catedral de Bogotá. Além disso, nas proximidades do antigo leito do *R. San Francisco*, de forma que no espaço urbano sobrevive a antiga aliança entre marginalidade e água, agora, sob condições distintas às da colônia: encanou-se o rio, impermeabilizaram-se e homogeneizaram-se as superfícies, desapareceram os símbolos religiosos e emblemáticos, antigos residentes e comerciantes migraram e o setor ficou sitiado pelas grandes avenidas da cidade. Sob estas condições, conformou-se uma “barreira” urbana caracterizada pela alienação do espaço livre, a intensa presença de agentes delitivos e a perda total do controle da propriedade privada.

O discurso e conceito da EEU do POT de Bogotá, assim como os objetivos de equidade (ver seções 1 e 2), tiveram que significar uma oportunidade com a qual, pela via de três ações – recuperação da Estrutura Ecológica Urbana, geração de novos marcos na paisagem e criação de alternativas para reter população e atrair habitantes – conseguiu-se superar os desafios que exigia esta “barreira” urbana.

Com a construção do projeto Parque Terceiro Milênio, sem dúvida, recuperou-se o espaço livre e a propriedade privada por meio de uma complexa gestão imobiliária. Porém, apesar destes significativos resultados, é necessário dizer que o projeto não contribuiu para um processo de renovação no centro da cidade: com relação à dimensão social, não se criaram alternativas de moradia e equipamentos para estimular a atração de habitantes e provocou-se a expulsão e dispersão da população mais vulnerável do setor. No que se refere à dimensão paisagística, as decisões de desenho aumentaram o isolamento gerado pelas amplas avenidas, pois não se propuseram elementos que contribuíssem à conectividade urbana para pedestres (moradores e visitantes do setor), e também não se propuseram novos equipamentos que revitalizassem o setor e que devolvessem ao bairro os referentes, o significado e a importância que teve para a cidade durante muitos séculos. Esta característica evidencia-se no fato de que hoje em dia o parque tem pouca frequência de uso, não apresenta modificações importantes no seu entorno e requer constantes medidas de segurança e vigilância para sua utilização. (Figura 69) – Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio (Folha anexa).

Finalmente, o projeto não contribuiu à recuperação dos leitos dos corpos de água, nem aportou elementos importantes para a recuperação dos elementos naturais que ajudariam a configurar a Estrutura Ecológica Urbana. O parque desconheceu a função

hidrológica da bacia e impermeabilizou a maior parte do solo recuperado, perdendo-se a oportunidade de melhorar as condições ambientais para o setor e a cidade, por não contribuir à continuidade do corredor ecológico do *R. San Francisco* que, como já foi mencionado, é fundamental para a conectividade dos três componentes mais importantes da EEU de Bogotá (*Cerros Orientales- Savana - R. Bogotá*).

Todos esses elementos permitem concluir que o parque foi na verdade um exercício de limpeza social, em uma zona de alta degradação social e paisagística com a qual a ilha “barreira” urbana tornou-se um “vazio urbano”, no qual a população que poderia aproveitá-lo – setor formal – não aproveita e a população que quer utilizá-lo – setor informal – não pode, porque as autoridades temem que o parque seja invadido.

Fonte Fotos Figura 13.

1. L. Ubaque (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
2. El Verjon (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
3. L. Siecha (<http://www.montecilloenguatavita.com/turismo>)
4. L. Guasca (http://farm4.static.flickr.com/3077/2288841621_d604f30f39.jpg?v=0)
5. L. Guatavita (<http://img151.imageshack.us/img151/8389/guatavita019eu.jpg>)
6. L. Iguaque <http://www.parquesnacionales.gov.co>

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu evidenciar a importância e o papel que tem cumprido o conceito de EEU no ordenamento espacial do território, e também permitiu concluir que é decisivo revisar o conteúdo, processos e programas dos projetos vinculados à EEU.

A seção 2 permitiu verificar como o crescimento acelerado e descontrolado da cidade nos últimos cinquenta anos colocou em risco a estabilidade ambiental do território, pois afetou substancialmente os processos do ecossistema, por meio da alteração do sistema hídrico, da fragmentação da rede de corredores ecológicos e da impermeabilização da savana. Neste sentido, atualmente o conceito de EEU não somente é de inquestionável pertinência – como alternativa à restauração do equilíbrio ambiental – mas os projetos específicos (por exemplo, os parques metropolitanos), têm um indiscutível compromisso, o qual está associado à recuperação do sistema hídrico e aos corredores ecológicos, assim como à geração de superfícies permeáveis e de excelentes condições paisagísticas no meio urbano.

Neste contexto, surge o projeto Parque Terceiro Milênio, o qual, além de ser peça central de um ambicioso programa de renovação urbana – formulado para a recuperação integral do setor de *San Victorino* no centro de Bogotá –, era uma oportunidade para melhorar as condições ambientais e paisagísticas do centro da cidade. Porém, por meio deste trabalho de investigação, foi possível estabelecer que embora o projeto Parque Terceiro Milênio permitisse resgatar o espaço público, a recuperação da propriedade privada, a recolocação da população e a reabilitação parcial dos residentes ilegais, o projeto não aportou elementos importantes para a restauração ecológica do sistema hídrico, a conformação de corredores ecológicos, a recuperação integral urbana e para o melhoramento ambiental, paisagístico e social do setor.

Este trabalho permitiu concluir que existe uma contradição entre o discurso ambiental e os projetos pertencentes à EEU. Vejamos por quê:

A EEU e a cidade construída

O suporte principal para restabelecer a estrutura ecológica original e atual da cidade requer a recuperação do seu sistema hídrico, conformado pelos principais rios, canais, zonas úmidas, áreas de recarga de aquíferos e vale aluvial do rio Bogotá. A análise sobre como a

cidade tem ocupado a savana permite estabelecer que o sistema hídrico da cidade está profundamente alterado, o que exige estratégias inovadoras para cumprir com os objetivos e metas associadas ao conceito de EEU. É precisamente neste ponto que o trabalho de investigação permitir estabelecer a atual presença de deficiências, indicando a existência da distância entre o conceito e a sua materialização na cidade.

O sistema hídrico tem como eixos principais os rios *Torca*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, rios que têm sofrido um progressivo e constante deterioramento de seus leitos e bacias. Na parte baixa foram “controlados” com taludes naturais, na parte média foram canalizados e, em alguns casos, seu percurso foi modificado. A situação mais crítica apresenta-se na parte alta, onde foram encanados e enterrados sob as novas ruas e avenidas, afetando toda a rede de rios e riachos afluentes de suas bacias. É precisamente nesta última zona onde a EEU formulada no POT apresenta maior debilidade, pois não incluiu políticas e ações claras para a recuperação e renaturalização desta zona. Neste sentido, o propósito de restabelecer a unidade biológica (postulado por van der Hammen, e integrado ao POT), é impossível de realizar.

Outra dificuldade de materialização que apresenta a EEU é a de limitar a dimensão do sistema hídrico às linhas (percursos) dos rios, ignorando a noção de bacia hidrográfica na área urbana da cidade. O anterior deve-se em parte à ausência do conceito de “ciclo da água” que é superficialmente mencionado; inquestionavelmente este conceito precisa de uma maior discussão e incorporação às metodologias e aos instrumentos de planejamento da cidade, uma vez que não somente permite uma aproximação e ações adequadas sobre o sistema hídrico, mas também permite materializar o conceito de corredor ecológico.

Por outro lado, em relação aos parques metropolitanos, é muito visível que nenhum está integrado ao sistema hídrico da cidade; pelo contrário, tais parques operam como entes autônomos sem articulação como os demais componentes da EEU.

Finalmente, o POT estabelece como conector transversal do sistema todo da EEU a rede de corredores viários, mas como se observou na análise, entre a *Carrera 30* e os *Cerros Orientales*, onde se localiza grande parte da população e serviços da cidade, as avenidas arborizadas têm sucumbido ante a satisfação da mobilidade veicular que cada dia demanda mais espaço. Foi assim que se asfaltaram os canteiros centrais, suprimiram-se os jardins laterais e retiraram-se as árvores, de modo que o corredor viário foi despojado do seu papel como conector transversal da EEU.

É lógico que para materializar o conceito de estrutura ecológica é necessário que todos os projetos associados a esta tenham como referência obrigatória as bacias hidrográficas e incorporem o conceito de infraestrutura verde, de forma que o ecossistema e o ciclo da água sejam base fundamental na concepção e realização dos mesmos. Além disso, é decisivo revisar a concepção das unidades geográficas e incluir o conceito de unidades de paisagem para que, com um olhar mais ambiental que administrativo, sejam parte ativa do planejamento do território.

A EEU no centro da cidade

A observação do centro tradicional de Bogotá permite-nos identificar que dentro desta zona – cujo limite norte é o *R. Arzobispo* e o limite sul é o *R. San Cristobal* – os corpos de água foram sepultados sob prédios e novas ruas e avenidas. Além disso, os projetos de intervenção neste setor da cidade não incluíram estratégias ou ações para a recuperação e para a renaturalização do sistema hídrico: este é o caso dos projetos Eixo Ambiental da *Av. Jiménez*, o Parque de *San Victorino* e o PTM, os quais apesar de se localizarem sobre o percurso do rio *San Francisco*, não tiveram em conta um compromisso com o sistema hídrico.

É preciso mencionar que não se trata simplesmente de reclamar pela renaturalização dos corpos de água, mas de chamar a atenção sobre o fato de que os projetos mencionados não apresentam nenhum compromisso ou proposta concreta frente ao sistema hídrico – drenagem – do centro da cidade.

O Parque Terceiro Milênio

A análise que foi realizada neste trabalho de pesquisa evidencia a contradição que se apresenta entre o discurso ambiental e as práticas ambientais da cidade; pelo anterior, não é de estranhar que o projeto do PTM não tenha proposto alternativas concretas para resolver a descontinuidade dos rios, nem programas para um manejo sustentável de seus escassos recursos hídricos, nem estratégias para restaurar a fragmentada rede de corredores ecológicos, reduzindo o problema a soluções técnicas simplistas no desenho e construção do mesmo.

Propuseram-se espelhos de água artificiais com a intenção de recuperar a “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, em lugar de apresentar alternativas para naturalizar os rios. Também se desconheceu a possibilidade de incluir estratégias que permitissem o uso sustentável dos recursos hídricos superficiais da bacia. Deu-se preferência à criação do solo impermeável, e o plano de arborização privilegiou a plantação de linhas de árvores, desconhecendo a importância de gerar massas de árvores, ainda mais quando o centro da cidade carece destas.

Dessa forma, como o parque não aportou elementos significativos para a restauração ambiental do setor, nem para uma integração com o seu entorno natural, é de se esperar que houvesse um aporte à relação com o seu entorno urbano e social. Porém, depois de quatro anos de sua inauguração, é evidente a baixa frequência de uso do parque, apesar dos esforços por parte da administração para que a população utilize suas instalações. O anterior evidencia-se na desolação das áreas de brinquedos para crianças, dos equipamentos e demais serviços, como por exemplo, os estacionamentos subterrâneos. Este nível de abandono é contraditório em um setor da cidade que diariamente está ocupada por mais de um milhão e meio de habitantes e onde a demanda de estacionamentos de veículos é a maior da cidade.

Esta situação contraditória pode ser explicada pelo fato de que os estudos de formulação e desenho do parque careceram de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

Como se indicou na seção 4, nos últimos cinquenta anos, o setor apresentou uma transformação, produto do abandono a que foi submetido pela administração Distrital. Com a construção da *Av. Caracas* e a ampliação da *Carrera 10ª*, o setor perdeu seus equipamentos mais importantes – a igreja de *Santa Inés*, a *Escuela de Medicina*, Praça de Mercado –, os quais deram identidade e reconhecimento ao setor na cidade durante mais de cem anos. Com a perda das rotas do bonde, o setor ficou fora dos circuitos do transporte público, deixando de ser um passo obrigatório dos habitantes da cidade. A partir do “*Bogotazo*” (1948) geraram-se várias migrações, pelas quais se transformou pouco a pouco o controle da propriedade privada, e o setor passou de um bairro de proprietários a um de arrendatários, tornando-se depois um bairro de invasores. Finalmente, com a autorização do prefeito Gaitán Cortés para que a praça de *San Victorino* fosse ocupada por vendedores ambulantes, estimulou-se e “legalizou-se” a invasão do espaço público do setor.

Produtos destes eventos, em termos sociais consolidaram-se dois grupos de habitantes – os do “setor formal” e os do “setor informal” – cada um dos quais operando com ritmos e hábitos diferentes de ocupação do território: os integrantes do primeiro, na sua maioria, trabalham no centro e moram na periferia; os integrantes do segundo, bastante numerosos e com uma significativa presença no setor, se “*rebuscan* e moram” no centro. Como os primeiros não utilizam o centro como espaço de recreação e lazer, e os segundos, com a realização do projeto, foram expulsos, o Parque não tem atualmente uma população que demande seu uso.

Sem dúvida nenhuma, a carência de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*, e o desconhecimento da importância que tinham os habitantes do “setor informal” em *San Victorino*, contribuíram para que o parque se tornasse um vazio urbano sem maior importância e significado para os usuários e moradores do centro da cidade.

Comentários Finais

Uma das premissas utilizadas pela administração distrital para a promoção do projeto era que com a construção do parque melhorariam as condições físicas, ambientais e sociais do setor, com o qual se iniciaria um processo de renovação urbana que transformaria o entorno imediato do Parque, ao se incentivar a realização de projetos imobiliários, financiados pelo setor privado.

A realidade mostra o contrário. Até hoje não tem se iniciado nenhum processo de investimento público ou privado no entorno do Parque, e o que se percebe é um perfil urbano com condições precárias, distante do prometido no discurso que sustentou a concepção e promoção do projeto.

A ideia de reabilitação de população vulnerável não cumpriu com as metas traçadas: o resultado foi uma atomização ou dispersão desta população pela cidade, criando novos focos de conflito urbano. O paradoxo radica-se no fato de que a cidade suprimiu um cenário de conflito social, mas terminou criando outros.

Sem dúvida nenhuma, com projetos como Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, a Praça de *San Victorino* e o Parque Terceiro Milênio, a cidade desperdiçou a oportunidade de contribuir efetivamente para o melhoramento das condições de seu ecossistema, a recuperação do sistema hídrico natural e a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos de seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEBEDO, Luis. **Las industrias en el proceso de expansión de Bogotá hacia occidente**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 150p.

AGUILERA, Javier. Teoría Urbanística en la Colonización Española de América. Las ordenanzas de Nueva Población. In: **Ciudad y Territorio** – Revista de Ciencia Urbana. Madrid: n. 1, p. 9-24, 1977.

ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. **Decreto 3640 del Consejo de Bogotá, de 17 de diciembre de 1954**. Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá. Diario Oficial. Bogotá, 21 de enero de 1955.

_____. **Acuerdo 105, de diciembre de 1955**. Por el cual se crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB. Bogotá, 1955.

_____. **Agendas locales ambientales**. Localidad 17. La Candelaria. Localidad 3 Santafé. Bogotá, 1994.

_____. **Decreto 619, de 28 de julio de 2000**. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Registro Distrital 2197. Bogotá, 28 jul. 2000.

_____. **Construcción del espacio público - tres parques de Bogotá: Nacional, El Tunal, Simón Bolívar**. Mapas. Bogotá: Instituto Distrital de Cultura y Turismo, Instituto Distrital para la Recreación y el deporte, 2003. 193 p.

_____. **Decreto Distrital 469, de 23 de diciembre de 2003**. Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C. Registro Distrital 3013. Bogotá, 23 dic. 2003.

_____. **Decreto Distrital 190, 22 de junio de 2004**. Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003. Registro Distrital 3122. Bogotá D.C., 22 jun. 2004.

_____. **Panorama Turístico de 12 Localidades**. Bogotá, 2004.

_____. **Decreto 215, de 7 de julio de 2005**. Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones. Registro Distrital 3356. Bogotá, 07 jul. 2005.

_____. **Decreto No. 456, de 23 de diciembre de 2008**. Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones. Bogotá, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 285p.

ALIATA, Fernando; SILVESTRE Graciela. **El paisaje como cifra de armonía**: relaciones entre cultura y naturaleza a través de la mirada paisajística. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001. 205p.

ANGEL SAMPER, Marcela. Red de Alamedas de Bogotá, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 12-32, 2004.

ARANGO, Silvia. **Historia de la arquitectura en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1989. 291p.

ARANTES NETO, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder) 190p.

ARANTES, Otilia. **A cidade de pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 192p.

BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. In: **Revista POS-USP**. São Paulo, n. 70, p. 88-97, 2006.

BRUJÉS, Antonio. Bogotá de noche. In: **Revista Estampa**. Bogotá, 31 dic., p. 21-23, 1938.

CAMARGO, Germán. **Estado y perspectivas de los ecosistemas urbanos de Bogotá-Prioridades**. 2008-2011. Bogotá: DAMA, ca. 2006.

CARRASQUILLA, Juan. **Quintas y estancias de Santafé y Bogotá**. Bogotá: Banco Popular, 1989. 227p.

CASAGRANDE DE PAULA, Zuleide. **A cidade e os jardins - Jardim América**, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Ed. Unesp, 2008. 266p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 196 p.

CENTRO DE ESTUDIOS HISTORICOS DE OBRAS PÚBLICAS Y URBANISMO . **La ciudad hispanoamericana – El sueño de un orden**. Madrid : CEHOPU, 1989. 302p.

CHIESA, Paulo. A arte de bem viver a paisagem em seu tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o Ensino de Arquitetura no Brasil. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 121-134, 2006.

COMIN V., Heliana; RIBEIRO, Helena (org.). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CONGRESO DE LA REPUBLICA DE COLOMBIA. **Constitución Política de Colombia de 1991**. Bogotá, 6 de julio de 1991.

_____. **Ley 99, 22 de diciembre de 1993**. Por la cual se crea Ministerio del Medio Ambiente, se reordena el Sector Público encargado de la gestión y conservación del medio ambiente y los recursos naturales renovables, se organiza el Sistema Nacional Ambiental, SINA, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial N. 41146. Bogotá, 22 dic. 1993.

CORPORACIÓN LA CANDELARIA; ESCOVAR, Alberto. MARIÑO, Margarita; **histórico de Bogotá 1538-1910**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2004. 565p.

_____; ESCOVAR, Alberto et. al. **Atlas histórico de Bogotá 1910-1948**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2006. 596p.

_____; MEJIA, Germán; CUELLAR, Marcela. **Atlas histórico de Bogotá - Cartografía 1791-2007**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2007. 158p.

CORTES, Fernando. **Karl Brunner**: La construcción de la ciudad como espacio público. Bogotá: Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1989. 36p. Catálogo exposición.

CORTES, Marco. **La anexión de los municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 224p.

COTRIM, Marcio. Inclusión. Espacios de Uso Público: Parque de la Juventud-Carandiru, São Paulo, SP – Brasil. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 208, año 42, p. 34-41, 2007.

CUELLAR SERRANO GOMEZ. Club los Lagartos, Bogotá. In: **Revista PROA**. Bogotá, n. 12, p. 7-16, 1948.

CULLEN, G. **Paisaje urbano**. Traducción: Jose María Aymamí. Madrid: H. Blume, 1978. 200p.

DA SILVA, Maria. Conceitos e Desenho no Planejamento da Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n. 5, p. 81-90, 1994.

DE OLIVEIRA, Sergio. Paisagismo e as Centralidades Urbanas. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 20, p. 61-83, 2005.

DEL CASTILLO, Juan Carlos. **Bogotá: el tránsito a la ciudad moderna 1920-1950**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2003. 120p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE MEDIO AMBIENTE – DAMA. **Plan Maestro de Gestión Ambiental para Bogotá D.C. 2001-2009**. Bogotá: DAPD, 2001.

_____. MARTÍNEZ Juber; VILLARRAGA, Edelmira; REY, Luz Stella; RIVEROS, Fredy. **Historia de los Humedales de Bogotá**. Bogotá: DAMA, 2000. 107p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEACIÓN DISTRITAL - DAPD. **Documento Técnico de Soporte al POT**. Bogotá: DAPD 1999, 462 p.

_____. **Guía para la elaboración del plan de desarrollo municipal**. Bogotá: DAPD, 2001. 13p.

_____. **Documento técnico, Plan Maestro de Espacio Público**. PMEP/DAPD. Bogotá: D.C. DAPD 2004. 219 p.

DOS SANTOS, Emmanuel. Planejamento e paisagem. In: **Revista eletrônica da área paisagem e ambiente**. São Paulo: FAU-USP, set. 2004.

EL PEQUEÑO LAROUSSE ILUSTRADO 2002. Barcelona: Spes Editorial S.L., 2001.

EMPRESA DE ACUEDUCTO Y ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ-EAAB - **Experiencia de recuperación integral del sistema hídrico en la ciudad de Bogotá. DC**. Bogotá: 2002

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1538-1937**. Tomo I. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 540p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1938-1985**. Tomo II. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 269p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1985-2003**. Tomo III. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 316p.

_____. Alamedas y Parques Lineales: Recuperación Integral del Sistema Hídrico: Zonas de manejo y Preservación Ambiental, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 33-51, 2004.

ESGUERRA, Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI, Giancarlo et. al. Parque Tercer Milenio. In: **Revista Escala**. Bogotá, n. 208, p. 27-33, 2007.

FARIELLO, Francisco. **La Arquitectura de los Jardines: De la Antigüedad al Siglo XX**. Tradução: Jorge Sainz. Madrid, España: Librería Mairera y Celeste Ediciones, 2000. 374p.

FELIPPE, Ana Paula. Análise da paisagem como premissa para a elaboração de plano diretor. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 16, p. 135-161, 2002.

FONADE. **Preinversión**. Plan zonal del centro de Bogotá. Bogotá: Fonade, 1988.

FORERO, Jorge. El proyecto de alcantarillado para Bogotá. In: **Anales de Ingeniería**. Bogotá: vol. II, n. 634, Segundo semestre de 1952.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção. **Planejamento ambiental**. Para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, Edifurb, 2001. 296p.

_____. **Desenho ambiental**. uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006. 224p.

FREILE, Juan Rodríguez. **El Carnero**. Bogotá: Ed. Colombia, 1926. 362p.

GOBERNACION DE CUNDINAMARCA. Ordenanza número 7 de 1954, Consejo Administrativo de Cundinamarca. **Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá**.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suelly Rolnik. 3a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. 56p.

GUHL, Ernesto. **La Sabana de Bogotá sus alrededores y vegetación**. Bogotá: CAR, 1981. 123 p.

GUZMAN, Ángela. **Poblamiento y urbanismo colonial en Santander**. Bogotá: U. Nacional, 1987. 236p.

HERNÁNDEZ, Carlos. **Las ideas modernas del Plan para Bogotá en 1950**. Bogotá: Ed. Alcaldía Mayor de Bogotá – IDCT, 2004. 210p.

HOFER, Andrés. **Karl Brunner y el Urbanismo Europeo en América Latina**. Tradução: Luisa Ungar; Olga Martín. Bogotá: Ed. Ancora, 2003. 235p.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**. Tradução: Susana Rodríguez Alemparte. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1998. 315p.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec Ltda, 1996. 211p.

IBAÑEZ, Pedro M. **Crónicas de Bogotá**. Tomo I. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 475p.

_____. **Crónicas de Bogotá**. Tomo II. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 498p.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO – IDU - **Proyecto Parque Tercer Milenio Documento Final**. Bogotá: jun. 2001.

_____; Montenegro & Lizarralde. **Plan Maestro Tercer Milenio**. Bogotá: 1998. 219p.

_____; Sociedad Colombiana de Arquitectos. **Concurso de arquitectura en la modalidad de ideas para la elaboración del proyecto arquitectónico y diseño paisajístico del Parque Tercer Milenio**. Santa Fe de Bogotá: 21 sept. 1999. 26p.

_____; Econometría S.A. **Evaluación de impactos socio-económicos y Ambientales del Parque Tercer Milenio**. Bogotá: 1999.

_____; EHM. ESGUERRA Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI Giancarlo. **Plan de Ordenamiento Urbano Parque Tercer Milenio**. POUPTM. Cuarto informe, Bogotá: 2000. 65p.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMBIENTALES - IDEA. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; GUZMÁN, Jimmy. Universidad Nacional de Colombia. **Cartografía básica de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; AGUILAR, Pilar. Universidad Nacional de Colombia. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 3 Santafé**. Bogotá: jul. 1993. 63p.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 14 Los Mártires**. Bogotá: jul. 1993. 66p.

_____. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005.

IRIARTE, Alfredo. **Breve historia de Bogotá**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1988. 263p.

JARDÍN BOTÁNICO. **Arborización urbana: Manual verde**. Especies seleccionadas para la arborización de Santa Fe de Bogotá. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2000.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: Ed. RIMA, 2004. 159p.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 132p.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 159p.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2000. 150p.

LEITE, Maria Angela. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. IV, p. 45-66, 1992.

_____. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 18, p. 59-703, 2004.

LEMUS, Víctor. **Planificación y control urbanístico en Bogotá: desarrollo histórico y jurídico**. Bogotá: U. del Rosario, . 2006.

LEÓN, Juanita. El Cartucho: De la Opulencia a la Indigencia. In. **El Tiempo**. Bogotá, 28 mar. 1999.
LEÓN, Natalia. Bogotá: de paso por la capital. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 224, 2008.

LONDOÑO, Eduardo. **Los Muiscas**. Una reseña etnohistórica, con base en las primeras descripciones. Museo del Oro. Bogotá: Disponível em: <<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>>. Último acesso em: 25 nov. 2008.

LOPEZ de MESA, Luis. Bogotá contemporánea. In: **Universidad Segunda época**. Bogotá: 2 mar. 1929.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2007. 191p.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la Ciudad**. Tradução: Enrique Luis Revol. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1966. 207p.

_____. **La Administración del paisaje**. Tradução: Rodrigo Cortés. Bogotá: Ed. Norma, 1992. 229p.

MACEDO, Silvio. Paisagismo e Paisagem – Introduzindo Questões. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 5, p. 41-57, 1994.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/QUAPA, 1999. 144p.

_____. Produção da paisagem urbana contemporânea brasileira no final do século 20. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 14, p. 143-170, 2001.

_____. SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2002. 208p.

MAGNOLI, Miranda. Ambiente, espaço, paisagem. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 237-244, 2006.

_____. Em busca de “Outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 141-174, 2006.

_____. Espaço livre-objeto de trabalho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 175-198, 2006.

_____. O jardim na cidade e um fragmento do sonho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 215-222, 2006.

_____. O Parque no desenho urbano. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 199-214, 2006.

MALDONADO, María Mercedes. La Estructura Ecológica Principal: del Plan de Ordenamiento al Plan de Desarrollo del Distrito Capital. In: **Foro Nacional Ambiental Fundación Alejandro Ángel Escobar**. FESCOL. Bogotá: ago. 2001. 55p.

MARIANO, Cássia. **Preservação e Paisagismo em São Paulo**: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196p.

MARTINEZ, Beatriz; DUEÑAS, Nelson, et. al. La movilidad y el transporte en la construcción de imagen de ciudad: el sector de San Diego en Bogotá. In: **Revista ARTEFACTO**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 11, p. 6-29, 2006.

MARTÍNEZ, Carlos. **Bogotá sinopsis sobre su evolución urbana**. Bogotá: Ed. Escala, 1976. 165p.

MARTINEZ, Maria Eugenia (ed.). **El centro historico**: objeto de estudio e intervención. Bogotá: Editorial Pontificia Universida Javeriana, 2004. 204p.

MAYORGA, Fernando. La Real Audiencia. Órgano colegiado de justicia en el período hispánico. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 148, , 2002.

MEJÍA, Germán. **Los años del cambio**. Historia urbana de Bogotá. 1810-1920. Bogotá: Ed. Ceja, 1999. 498p.

MELO, Orlando. La evolución económica de Colombia, 1830-1900. In: **Nueva Historia de Colombia**. Bogotá: Ed. Procultura S. A., tomo II, p. 133-207, 1984.

MILAGROS, María. **Las Ordenanzas de 1573, sus antecedentes y consecuencias**. Madrid: Ed. Universidad Complutense de Madrid, 1985.

MINISTERIO DE OBRAS PÚBLICAS Y TRANSPORTE. Facultad de Artes. Universidad Nacional de Colombia. **Plan Maestro Parque Simón Bolívar**. Dir. Arturo Robledo. Bogotá: ESCALA 1981. p.135

MOLINA, Gonzalo. **Guía de árboles**. Bogotá: DAMA, 1997.

MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I). La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: Edición Centro de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. 223p.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana**. Tradução: Reinald Bernet. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1984. 477p.

MOSCA, Juan. **Bogotá ayer, hoy y mañana**. Bogotá: Ed. Villegas, 1987. 154p.

MURILO, Marx. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 151p.

NAVAS-ALARCON, Maria Paula. **El banquete de las moscas**: historias de gente como uno atrapada en El Cartucho. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006. 190p.

ONO, Haroyoshi. Recuperação e revitalização do Parque Flamengo. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 15, p. 127-141, 2002.

OSEKI, J.; PELLEGRINO, P. R. Paisagem, sociedade e ambiente. In: **Curso de gestão ambiental**. PHILIPPI JR, Arlindo, et AL (Ed). São Paulo: Coleção Ambiental, 2002, p. 485-523.

_____. ESTEVAM, Adriano. A fluvialidade em rios paulistas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, 2006, p. 77-94.

PATÍÑO, Víctor Manuel. **Historia de la cultura material en la América Equinoccial**. Tomo VII. Vida Erótica y Costumbres Higiénicas. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 372p.

PELLEGRINO, Paulo. A paisagem possível. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**s. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p. 71-78, 1989.

_____.; MACEDO, Silvio. Ética e estética: O destino do Litoral. **Paisagem e Ambiente: Ensaio**s. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p.117-124, 1989.

_____. Pode-se planejar a paisagem? In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 13, p. 159-179, 2000.

_____. GUEDES, Paula; PIRILLO, Fernanda; FERNANDES, Sávio. A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, p. 57-76, 2006.

PELLICER, F. El ciclo del agua e a reconversión del paisaje periurbana en las ciudades de la rede C-6. In: MONCLUS, F. (Ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I)**. A ciudad dispersa. Sub-urbanización y nuevas periferias. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998. 223p.

PEREIRA, Juan Camilo; PABON, Maria Camila. Concurso de ideas: Parque Tercer Milenio, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 186-187, p. 65-68, 2000.

PEREZ, Alfonso. **Estructura Ecológica Urbana de la Sabana de Bogotá**. Sociedad Geográfica de Colombia. Academia de Ciencias Geográficas CAR. Bogotá: 2000, 37p. Disponível em: www.sogeocol.edu.co. Acesso em: Modelo de data: 15 mar. 2008.

PERGOLIS, Juan Carlos. **La Plaza: el centro de la Ciudad**. Bogotá: Universidad Católica de Colombia; Universidad Nacional de Colombia; Ed. Stoa Libris Ediciones, 2002. 223p.

PLATA, Eduardo. **Flora de los Andes. Cien especies del Altiplano Cundi-Boyacense**. CAR. Bogotá: Ed. Villegas Ed., 1984. 247p.

PRECIADO, Jair; LEAL, Robert; ALMANZA, Cecilia. **Historia ambiental de Bogotá siglo XXI**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2005. 368p.

RAPOSO MAGALHÃES, Manuela. **A arquitectura paisagista**. Morfologia e complexidade. Lisboa: Ed. Estampa, 2001. 525p.

RECHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Colombia indígena-periodo prehispánico. In: **Manual de historia de Colombia**. Bogotá: Procultura, tomo I, p. 31-115, 1984.

RECLUS, Eliseo. **Geografía de Colombia Bogotá**. Bogotá: Ed. ABC, 1958. 146p.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110, de 22 de octubre de 1954. **Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca**. Bogotá, 1954.

_____. Ley 3, de 19 de enero de 1961. **Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la Sabana de Bogotá y de dos valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR**. Bogotá, 1961.

_____. Ley 23, de 19 de diciembre de 1973. **Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones**. Bogotá, 1973.

_____. Decreto 2811, de 18 de diciembre de 1974. **Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente**. Bogotá, 1974.

_____. Ley 388, de 18 de julio de 1997. **Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones.** Diario Oficial N. 43091. Bogotá, 1997.

_____. Ley 790, de 27 de diciembre de 2002. **Facultades extraordinarias al Presidente de la República.** Bogotá, 2002. Diario Oficial Año CXXXVIII. N. 45.046. Bogotá, 27 dic. 2002

_____. Decreto 2884, 31 de julio de 2007. **Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA.** Diario Oficial N. 46706. Bogotá, 2007.

RITTER, Herbert. La Avenida Las Américas. In: **Revista PROA.** Bogotá, n. 1, 1946.

RODRÍGUEZ G., Gabriel Felipe. La exposición nacional del IV centenario de Bogotá: El mapa de la modernidad. In: **TEXTOS 12**, publicación de la Maestría e Historia del Arte y la Arquitectura, Escuela Interdisciplinar de Postgrados, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: CIDAR, Facultad de Artes, p. 12-75, 2005.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 120p.

SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá siglo XX.** Urbanismo, arquitectura y vida urbana. Bogotá, Colombia: Departamento Administrativo de Planeación Distrital, 2000. 359p.

_____. Alberto. Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX. In: **Vivienda social.** Bogotá: CEJA, 2003.

SALMONA, Rogelio; KOPEC, Luis; DEVALDENEBRO, Francisco. Movilidad Urbana. Eje Ambiental Avenida Jiménez, Colombia. In: **ESCALA.** Bogotá, Colombia, n. 176, año 30, p. 49-52, 1997

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

_____. Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos. In: _____. São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 81-99, 2006.

SANTANA, Ethel; TANGARI, Vera Regina. Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro, Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 384p.

SASSI, Maria Teresa; NASELLI, Cesar A. El paisaje hacia el tercer Milenio. In: **Colección Cuadernos Escala.** Bogotá, Colombia: n. 19, dic. 1991. 39p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público - Jardins no Brasil.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1997.

_____. **Prelúdio da metrópole:** arquitetura e urbanismo em São Paulo na Passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 184p.

SERPA, Ângelo. Paisagem em movimento: o parque Andre-Citröen em Paris. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 19, p. 137-162, 2004.

SILVA, Armando. **Bogotá imaginada**. Bogotá, Colombia: Distribuidora y Editora Aguilar; Altea; Taurus; Alfaguara S.A., 2004. 344p.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Série Espaços de Arte Brasileira). 128 p.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS, SCA; NIÑO, Carlos. **Bases del Concurso Arquitectónico de Ideas**. Bogota: SCA/IDU 21 sept. 1999.

SUARES, Adriana. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006. 229p.

TANGARINI, Vera Regina; SCHLEE, Monica Bahia (org). **Águas urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2007. (Coleção PROARQ). 368p.

TRIANA, Miguel. **La arborización y las aguas**. Bogotá: Ed. El Liberal, ago. 1914.

VAN DER HAMMEN, Thomas. **Plan ambiental de la Cuenca Alta del río Bogotá**: análisis y orientaciones para el ordenamiento territorial. Santafe Bogotá: Ed. CAR, 1998. 142 p

_____. **Estructura Ecológica Regional**. CAR-Gobernación de Cundinamarca – Bogotá: U. Externado de Colombia e SOS, 2000.

_____. **Estructura ecológica principal de Colombia**: primera aproximación. Bogotá: Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales, 2003.

VARGAS Heliana Comin; RIBEIRO Helena (org.) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp (2001), 2004. 153p.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Fapesp, 2001. 373p.

VILLEGAS EDITORES. **Cerros de Bogotá**. Bogotá: Villegas Editores, 2000. 285p.

ZAMBRANO, Fabio. (Ed.) CINEP. **Colombia. País de regiones**. Tomo 2. Colciencias. Bogotá: 1998.

_____.; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. **Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo**. 2007. Inédito.

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>

http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm

<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>

<http://www.contraloriabogota.gov.co>

[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)

<http://www.etimologias.dechile.net/?macadam>

<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>

<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>

<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>

http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616

<http://www.wikipedia.com>

DEPOIMENTOS ORAIS (entrevistas não transcritas)

Arquiteta, Verónica Perfetti: consultora Plano *Maestro* Terceiro Milênio.

Arquiteto, Camilo Santamaría: consultor de Plano *Maestro* Parque Terceiro Milênio.

Engenheiro, Álvaro Jiménez: coordenador pelo IDU na construção do projeto.

Arquiteto, José Luis Clavijo: *Residente de obra*.

Arquiteto, Leopoldo Ramirez: *Oficina de Renovación Urbana*.

Seguranza do parque.

Visitantes do parque.

ANEXO

NOTA: La construcción del proyecto *Parque Tercer Milenio* implicó la creación de una compleja estrategia denominada plan de “*Gestión Social del Proyecto*” la cual incluyo varias acciones: la coordinación institucional y el desarrollo de dos actividades fundamentales: el primero, comprendió el proceso de compra y englobe de predios; y el segundo, la asistencia a la población asentada en el área. Además en 1999 fue creada de la Empresa de Renovación Urbana adscrita al Instituto de Desarrollo Urbano – IDU; Empresa que terminaría coordinando todo el proceso de construcción del Parque.

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC - Colômbia.**

**Nelson Domingo Dueñas - Pinto
Dissertação de mestrado
FAU-USP
São Paulo – 2009**

Apresentação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

Autor

Nelson Domingo Dueñas - Pinto

NUSP 5739393

Título

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC- Colômbia.**

Área de Concentração

Paisagem e Ambiente

São Paulo, agosto de 2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E MAIL: nelsonduenas@usp.br
ndduenasp@unal.edu.co

D852i Dueñas-Pinto, Nelson Domingo
Itinerário de uma transformação paisagística urbana. O Parque
Terceiro Milênio e a estrutura ecológica urbana na cidade de
Bogotá DC - Colômbia / Nelson Domingo Dueñas-Pinto. --São
Paulo, 2009.
230 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e
Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Paulo Renato Mesquita Pellegrino

1.Meio Ambiente Urbano – Bogotá DC 2.Ecossistemas urbanos
3.Paisagem urbana 4.Renovação urbana 5.Parque Terceiro Milênio –
Bogotá I.Título

CDU 504(862.35-21)

Dedico

A minha mãe (*in memoriam*) e São Judas, por serem a minha companhia espiritual
Delmita, por ser a irmã e mãe adotiva cheia de carinho
A mim pai, de quem eu herdei parte do seu incrível talento
A minha tribo: Nancy, David, Daniel e Valentina, a razão de tudo

AGRADECIMENTOS

No Brasil

A Universidade de São Paulo, pela grande oportunidade de realizar os estudos
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação, pela compreensão
Comissão de Cooperação Internacional-Reitoria, por abrir as portas do conhecimento

Prof. Dr. Paulo Pellegrino, quem sempre acredito em mim,
e por mudar minha visão do paisagismo
Prof. Dr. Jorge Oseki (in memorian), por defender o espaço do cidadão
Prof. Dr. Vladimir Bartolini, pelo olhar abrangente da paisagem
Prof. Dra. Maria de Assunção Franco, pelo convite ao estudo ambiental
Dr. Deisemara Nascimento da Silva, por seu incondicional apoio
Cristina Lafasse e Ivani Sokoloff, por sua compreensão e ajuda

Vera e filhas, por acolher minha família como a dela
Marta, Edivaldo Zago e família, pela educação de meus filhos
Cassia Saluotto, Celso e filhos, por serem a segunda família de meus filhos
Adriano Bueno e família, por seu apoio nos momentos difíceis
Estevam Otero, pela amizade e ajuda
Beatriz, Chucho e filhos, por sua companhia e amizade

Na Colômbia

Universidad Nacional de Colombia, pelo apoio em minha formação profissional
Facultad de Artes, por ser meu mundo acadêmico
Instituto de Estudios Ambientales- IDEA, pela iniciação na pesquisa ambiental

Fernando Montenegro, Vicerrector (pro-reitor) da sede Bogotá, por acreditar em mim
Jaime Franky, Decano Faculdade de Artes, pelo respaldo incondicional
Luis Alfonso Pérez, Director Escuela de Arquitectura y Urbanismo, pelo apoio

Misael e Carmenza, porque são os melhores avôs do mundo
Orlando, por ser o irmão e parceiro que todos querem ter
Katherine, pelo carinho e compreensão
Rafael e Silvia, por ser impossível avançar na vida sem vocês
John Barreto, por sua oportuna e incondicional ajuda

Beatriz Martinez, por ser a melhor amiga e companheira incondicional
Pilar Aguilar, por seu apoio incondicional e sabedoria na pesquisa ambiental
Oscar Salamanca, por seus oportunos conselhos
Manuel Martinez, por sua invaluable ajuda
José Muñoz, pela amizade e conselhos
Jimmy Guzmán, por sua paciência e amizade
José Luis Clavijo, por sua valiosa informação

Dr. Carlos Barrios, por cuidar sempre da saúde de minha família
Dr. Orlando Ramos, pela cirurgia bem sucedida
Dra. Bertha Camero e Dra. Yolanda Lugo, pelos cuidados na minha recuperação

Epígrafe

*“[...] no hay batalla entre la civilización y la barbarie,
sino una falsa erudición y la naturaleza”.*

José Martí, 1891

RESUMO

A partir do ano 2000 cunhou-se no discurso do Ordenamento Territorial de Bogotá D.C. o conceito de “Estrutura Ecológica”, o qual foi interpretado como uma categoria fundamental no ordenamento espacial do território, com uma função específica: manter e conduzir a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais do território. Os “parques urbanos” de grande escala – que até antes desse ano eram visualizados como peças isoladas na superfície urbana, destinadas à recreação dos cidadãos – incorporaram-se como um sistema essencial no ordenamento do território por meio deste conceito de Estrutura Ecológica; em consequência, a noção de “parque urbano” de grande escala ou metropolitano adquiriu um compromisso ambiental, que até os dias de hoje não tinha sido plenamente reconhecido.

Neste contexto enquadra-se o Parque Metropolitano Terceiro Milênio, o qual foi concebido como uma obra de renovação urbana no setor de maior deterioramento físico, social e ambiental do centro da cidade, e foi estabelecido sobre o curso e ponto de confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, corpos de água de grande importância desde a fundação da cidade.

Devido ao propósito com o qual foi concebido o projeto e a sua estratégica localização como parte integrante da Estrutura Ecológica de Bogotá, o Parque Terceiro Milênio foi uma grande oportunidade de contribuir para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, a recuperação do sistema hídrico natural, a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos e a transformação da paisagem do centro de Bogotá. A simultaneidade de propósitos que convergiram na concepção, formulação e materialização deste Parque é exatamente o ponto de partida que motivou a pesquisa presente nesta dissertação.

O Parque Terceiro Milênio reúne condições que o tornam uma oportunidade para a reflexão sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental – representado no conceito de Estrutura Ecológica – e a formulação e materialização de um projeto concreto.

É assim que a metodologia privilegia: uma análise do ideário presente nos documentos de formulação do projeto, para o qual se desenvolve uma leitura crítica do conceito de Estrutura Ecológica; uma avaliação em perspectiva histórica e em diferentes escalas, da forma como a cidade ocupou seu território; um exame dos estudos e desenhos dos três projetos que configuraram o ideário do Parque e sua relação com a Estrutura Ecológica; e uma análise integral da relação entre o parque e sua bacia hidrográfica.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu estabelecer, entre outros aspectos, a existência de uma fratura entre o discurso ambiental e o projeto executado, sendo pertinente à academia e à administração distrital lançarem um olhar mais amplo – qualitativa e quantitativa – sobre o sistema hídrico da cidade e, finalmente, sendo necessário implementar novas metodologias e elementos de análise que ressarçam as deficiências que se apresentaram na formulação e construção de projetos urbanos pertencentes à estrutura ecológica, como foi o caso do Parque Terceiro Milênio.

PALAVRAS - CHAVE:

Parque Terceiro Milênio, Estrutura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor Ecológico, Ecossistema, Sistema Hídrico, Paisagem, Renovação Urbana, Bogotá D.C.

ABSTRACT

Since 2000 the concept of “Ecologic Structure” has been incorporated as part of the territorial reorganization of Bogota D.C., and is being interpreted as a fundamental category in the spatial reorganization of the territory, with a specific function: sustain and drive the biodiversity and the territory’s essential ecological processes. The large scale urban parks – which until that year were visualized as separated pieces in the urban landscape providing recreation to inhabitants- were incorporated as an essential system in the territory’s order thru the concept of Ecological Structure; as such, the metropolitan urban park or large scale park acquired an environmental compromise that until then was not recognized.

Under this context, the Third Millennium Metropolitan Park (2000-2005) was conceived as a piece of urban renovation in the area of the city presenting the most physical, social and environmental detriment in the downtown core and it was located where the rivers *San Francisco* and *San Agustín* meet. It should be noted that these two Rivers have been water bodies of great importance since the foundation of the city.

Given the purpose of the project and its strategic location as an integral part of the Ecological Structure of Bogota, the Third Millennium Park was visualized as a great opportunity to contribute to the improvement of the city’s ecosystem, the recovery of the natural hydrological system, the re-naturalization of the network of ecological corridors and the transformation of the downtown’s landscape. The way of these diverse purposes came together during the conception, proposal and implementation of this park is precisely the starting point for this investigation.

The Third Millennium Park meets the conditions that turn it into an opportunity to reflect about the linkages and potential contradictions that exist between the environmental speech – represented by the concept of ecological structure- and the proposal and implementation of a concrete project.

This is how the methodology benefits an analysis of the thoughts and ideas contained in the proposal documents of the project. For this reason the following actions are being conducted: a critical analysis of the Ecological Structure concept; an evaluation of how the city occupied its territory from a historical and scale perspective; research of the designs and studies of the three projects that conformed the conceptualization of the park and its relationship with the Ecological Structure; and a thorough analysis of the relationship between the park and the watershed.

This research established among other aspects that there is a disconnect between the environmental speech and the implemented project, that it is pertinent that the scholars and the municipal administration perform a more comprehensive analysis –quantitative and qualitative- about the hydrological system of the city, and lastly, that it is necessary implementing new methodologies and analysis elements to correct the deficiencies that were found in the proposal and construction of urban projects belonging to the ecological structure, as it was the case with the Third Millennium Park.

KEYWORDS:

Third Millennium Park, Urban Ecological Structure, Urban Park, Ecologic Corridor Ecosystem, Hydrological System, Landscape, Urban Renovation, Bogotá, D.C.

RESUMEN

A partir del año 2000 se acuñó en el discurso del Ordenamiento territorial de Bogotá D.C. el concepto de “Estructura Ecológica”, el cual se interpretó como una categoría fundamental en el ordenamiento espacial del territorio, con una función específica: sostener y conducir la biodiversidad y los procesos ecológicos esenciales del territorio. Los “parques urbanos” de gran escala, -que hasta antes de ese año, se visualizaban como piezas aisladas en la superficie urbana, destinadas a la recreación de los ciudadanos- se incorporaron como un sistema esencial en el ordenamiento del territorio a través de este concepto de Estructura Ecológica; en consecuencia, la noción de “parque urbano” de gran escala o metropolitano, adquirió un compromiso ambiental, que hasta el momento no había sido plenamente reconocido.

En este contexto se enmarca el Parque Metropolitano Tercer Milenio (2000-2005), el cual fue concebido como una obra de renovación urbana en el sector de mayor deterioro físico, social y ambiental del centro de la ciudad y se localizó sobre el cauce y punto de confluencia de los ríos *San Francisco* y *San Agustín*, cuerpos de agua de gran importancia desde la fundación de la ciudad.

Debido al propósito con el cual fue concebido el proyecto y a su estratégica localización como parte integrante de la Estructura Ecológica de Bogotá, el Parque Tercer Milenio era una gran oportunidad para contribuir al mejoramiento de las condiciones del ecosistema de la ciudad, la recuperación del sistema hídrico natural, la re-naturalización de la red de Corredores Ecológicos y la transformación del paisaje del centro de Bogotá. La simultaneidad de propósitos que se dieron cita en la concepción, formulación y materialización de este Parque, es precisamente el punto de partida que motiva la presente investigación.

El Parque Tercer Milenio reúne condiciones que lo convierten en una oportunidad para la reflexión sobre los vínculos y las posibles contradicciones que existen entre el discurso ambiental –representado en el concepto de Estructura ecológica- y la formulación y materialización de un proyecto concreto.

Es así como la metodología privilegia un análisis del ideario presente en los documentos de formulación del proyecto, para lo cual se adelanta una lectura crítica del concepto de Estructura Ecológica; una evaluación en perspectiva histórica y en diferentes escalas, de la manera como la ciudad ocupó su territorio; un examen de los estudios y diseños de los tres proyectos que configuraron el ideario del Parque y su relación con la Estructura Ecológica; y un análisis integral de la relación entre el parque y su cuenca hidrográfica.

El desarrollo de la investigación permitió establecer entre otros aspectos, que existe una fractura entre el discurso ambiental y el proyecto ejecutado, que es pertinente que la academia y la administración distrital realicen una mirada más amplia -cualitativa y cuantitativa- sobre el sistema hídrico de la ciudad, y por último, que es necesario implementar nuevas metodologías y elementos de análisis que subsanen las deficiencias que se presentaron en la formulación y construcción de proyectos urbanos pertenecientes a la estructura ecológica, como lo fue el caso del Parque Tercer Milenio.

PALABRAS CLAVES:

Parque Tercer Milenio, Estructura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor ecológico, Ecosistema, Sistema hídrico, Paisaje, Renovación urbana, Bogotá, D.C.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.	30
Figura 2.	Estrutura Ecológica Urbana (EEU).	32
Figura 3.	Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.	34
Figura 4.	Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.	35
Figura 5.	O conceito de Estrutura Ecológica no POT.	36
Figura 6.	Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.	37
Figura 7.	Unidades geográficas.	40
Figura 8.	A EEU proposta confrontada com a cidade construída.	41
Figura 9.	EEU – Os Parques Urbanos.	43
Figura 10.	Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.	45
Figura 11.	Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.	46
Figura 12.	Mar de Humboldt – “ <i>Salto de Tequendama</i> ”.	47
Figura 13.	Território e Lagoas Sagradas da Cultura <i>Muisca</i> .	49
Figura 14.	Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.	51
Figura 15.	Bacias hidrográficas de Bogotá.	52
Figura 16.	Relação da cidade com seus corpos de água. Colônia.	54
Figura 17.	Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.	57
Figura 18.	<i>Cerros Orientales</i> . Desmatamento.	58
Figura 19.	As praças tornam-se parques.	60
Figura 20.	Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.	61
Figura 21.	Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.	63
Figura 22.	Parques recreativos para Bogotá.	66
Figura 23.	Primeiros planos urbanos para Bogotá. <i>Eixamples</i> .	69
Figura 24.	Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.	71
Figura 25.	A cidade imaginada.	75
Figura 26.	“Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.	77
Figura 27.	1970. Parques <i>Distritales</i> .	79
Figura 28.	A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.	80
Figura 29.	A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.	83
Figura 30.	Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.	88

Figura 31.	Eixos estruturais do Centro da Cidade.	88
Figura 32.	Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).	90
Figura 33.	Dados simplificados do censo. 1999.	92
Figura 34.	Vista aérea do Parque Terceiro Milênio. (B&M).	96
Figura 35.	Planta geral do projeto. Zoneamento geral.	97
Figura 36.	Desenhos de Análise do projeto.	99
Figura 37.	Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).	101
Figura 38.	Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira e Pabón (P&P).	105
Figura 39.	Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.	106
Figura 40.	Desenhos da análise do projeto.	108
Figura 41.	Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto Construído. (EHM).	112
Figura 42.	Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).	114
Figura 43.	Planta geral do Projeto Construído.	115
Figura 44.	Desenhos de análise do projeto.	116
Figura 45.	Percorso fotográfico do Parque.	117
Figura 46.	Plano <i>Maestro</i> Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.	118
Figura 47.	Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.	120
Figura 48.	Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.	124
Figura 49.	Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.	126
Figura 50.	Presença de equipamentos religiosos no setor.	128
Figura 51.	Alamedas, zona rural.	129
Figura 52.	Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).	131
Figura 53.	Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.	132
Figura 54.	As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.	132
Figura 55.	Prédios de abastecimento e indústria.	134
Figura 56.	Equipamentos de cultura e educação.	137
Figura 57.	Canalização do rio <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i> .	140
Figura 58.	Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.	142
Figura 59.	Construção de Avenidas arborizadas.	145
Figura 60.	O “ <i>Bogotazo</i> ” construções e infraestrutura afetada.	146
Figura 61.	Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.	147

Figura 62.	Evolução e ocupação da Praça de <i>San Victorino</i> .	149
Figura 63.	Transformação da moradia e controle da propriedade.	151
Figura 64.	A “ <i>Calle del Cartucho</i> ” e prédio “ <i>El Castillo</i> ”.	153
Figura 65.	Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.	155
Figura 66.	Perda de equipamentos no setor de <i>San Victorino</i> .	156
Figura 67.	Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.	157
Figura 68.	Dinâmicas de ocupação do setor de <i>San Victorino</i> .	158
Figura 69.	Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio.	Folha anexa

ABREVIATURAS

Av.: Avenida
 B.: Bairro
 B&M: Bueno e Montenegro
 C.: Canal
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAN: *Centro Administrativo Nacional*
 CAR: *Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca*
 DAMA: *Departamento Administrativo del Medio Ambiente*
 DAPD: *Departamento Administrativo de Planeación Distrital*
 DC: *Distrito Capital*
 DTS: *Documento Técnico Soporte*
 EAAB: *Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá*
 EEP: Estrutura Ecológica Urbana
 EHM: Esquerre, Hernández e Mazzanti
 ERU: *Empresa de Renovación Urbana*
 FONADE: *Fondo Financiero de Proyectos de Desarrollo*
 I.: Igreja
 IDU: *Instituto de Desarrollo Urbano*
 M&L: Montenegro e Lizarralde
 P&P: Pereira e Pabón
 PMEP: Plano *Maestro* de Espaço Público
 PMTM: Plano *Maestro* Terceiro Milênio
 POT: *Plano de Ordenamiento Territorial*
 POUPTM: Plano de Ordenamiento Urbano do Parque Terceiro Milênio
 PTM: Parque Terceiro Milênio
 PZCB: Plano Zonal do Centro de Bogotá
 Q.: *Quebrada*. Riacho.
 R. : Rio
 SCA: *Sociedad Colombiana de Arquitectos*

GLOSSARIO

Calle: Rua (nome genérico, as ruas)
Calle: Rua sentido leste – oeste
Carrera: Rua sentido norte – sul
Cerros Orientales/Morros Orientais
Espacio Público /Espaço Livre
Estructura Ecológica Principal/ Estrutura Ecológica Urbana
Plan Maestro /Plano Diretor
 San/ São

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCER MILENIO.	27
1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)	29
1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU	43
2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.	47
2.1 Cenário natural da cidade	48
2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural	56
2.3 A cidade enterra seus corpos de água	62
2.4 Ventos de modernização da cidade	73
2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade	79
3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.	87
3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro	87
3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.	89
3.2.1 Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio (PMTM)	89
3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)	100
3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.	111
3.3 Análise comparativa dos projetos	119
4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.	123
4.1 A bacia dos rios <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i>	124
4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor	128
4.3 De rios de água a rios de carros	136
4.4 Perda de equipamentos e liderança	145
4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental	152
4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio	159
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Vista do Parque Terceiro Milênio – Foto: pelo autor.

Nos últimos dez anos, Bogotá D.C., capital da República da Colômbia, apresentou significativas transformações sociais, físicas e espaciais, as quais receberam vários reconhecimentos internacionais. Entre eles, está o prêmio Leão de Ouro, outorgado à cidade em 2006 na X Bienal de Arquitetura de Veneza. Os organizadores deste evento reconheceram Bogotá por seus visíveis avanços sociais, culturais e tecnológicos, que a consolidaram como uma das metrópoles com maior projeção no mundo.

Além da importância deste prêmio, talvez o maior reconhecimento que a cidade já recebeu, está radcada no fato de se tornar em um referente obrigatório para outras cidades do Terceiro Mundo; o anterior, devido a sua capacidade de gerar programas inovadores, que não somente ajudaram a resolver problemas de infraestrutura urbana, serviços e espaço livre, mas a transformar positivamente a paisagem da cidade. Além dos resultados visíveis, o mérito destes programas centra-se essencialmente em sua capacidade de enfrentar complexas situações sociais, físicas e econômicas, típicas das cidades sul-americanas em desenvolvimento.

O Parque Terceiro Milênio (2000-2005) fez parte do conjunto de programas, planos e obras que se realizaram durante este período de transformação da cidade, e seu desenho mereceu um reconhecimento nacional na *XX Bienal de Arquitectura Colombiana* de 2006: os desenhistas do parque receberam o Prêmio Karl Brunner na categoria de Desenho Urbano e Paisagismo, pois o parque foi o segundo indicado na menção, “[...] uma iniciativa que visava à recuperação integral urbana, paisagística, ambiental e social de um setor estrategicamente situado na cidade de Bogotá”.¹

Precisamente esta afirmação, que se reiterou continuamente durante a concepção, desenho e materialização do Parque Terceiro Milênio, constitui um dos pontos de partida da reflexão que propõe o presente trabalho de pesquisa. Outro ponto de partida foi a filiação do projeto Parque Terceiro Milênio ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana que, como será visto no desenvolvimento deste documento, foi um conceito ambiental que se cunhou no discurso de planejamento da cidade, a partir da formulação do Plano de Ordenamento Territorial adotado em 2000.

Assim, o Parque Terceiro Milênio reúne condições que o transformam em uma boa oportunidade para refletir sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental e a formulação e materialização de um projeto concreto; a estas condições agrega-se a vigência atual do projeto, pois é objeto de inquestionável reconhecimento profissional tanto local como nacionalmente, e pertence ao grupo de significativas transformações físicas e sociais que teve a cidade durante os últimos anos.

Com estas premissas, a pesquisa concretiza-se em quatro diretrizes, cada qual com um propósito próprio: o primeiro, determinar os elementos de reflexão e juízo sobre o Projeto, a partir da revisão do discurso ambiental que constituiu a base teórica do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no Plano de Ordenamento Territorial de Bogotá; o segundo, realizar uma leitura em perspectiva histórica da ocupação espacial urbana da savana e suas implicações no meio natural; o terceiro, verificar a coerência entre o discurso ambiental da cidade e a concepção, formulação e materialização do Parque Terceiro Milênio; e o quarto, realizar um resumo histórico da relação entre o setor de *San Victorino*, o Parque e a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, visando a revelar os possíveis elementos que

¹ Protocolo do jurado, onde também se menciona que, “[...] para o jurado, este tipo de projetos é uma nova manifestação da produção profissional; a intervenção do Distrito, por meio do investimento no espaço público de escala metropolitana, complementada com a infraestrutura viária e de transporte, assim como de um programa de recuperação do espaço público, o primeiro passo para que o espaço privado entre em um processo de transformação e revitalização urbana integral, equilibrada e com participação do setor público, o setor privado e as comunidades.” SCA-Acta do jurado qualificador. Bogotá, 5 de maio de 2006

poderiam enriquecer a reflexão ambiental e propor alternativas que poderiam dar maior alcance ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana na materialização de projetos urbanos e paisagísticos, como no caso dos parques metropolitanos; sem dúvida nenhuma, estes projetos poderiam contribuir positivamente para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, para a recuperação do sistema hídrico natural e para a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos do centro da cidade.

Para a análise do ideário, concepção e formulação do projeto, realizou-se uma leitura crítica dos estudos prévios a sua construção, que incluíam o Plano Zonal do Centro de Bogotá (1986), o Plano Maestro Terceiro Milênio (1998), as Bases do Concurso Arquitetônico de Ideias (1999), a Memória do projeto ganhador, e do Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (2000), que teve, entre suas principais tarefas, o desenho arquitetônico e paisagístico do parque.

Para a análise espacial, estabeleceu-se como estratégia metodológica uma leitura dialética que vai do geral ao particular e vice-versa, por meio de três escalas de análise: a savana-cidade, o centro tradicional e o setor de *San Victorino*, lugar onde está situado o Parque Terceiro Milênio. Em cada uma destas escalas tomou-se como unidade básica de análise a bacia ou sub-bacia hidrográfica. No nível da savana, a bacia do *R. Bogotá*, no nível da cidade, as bacias dos rios *Torça*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, e no nível do centro tradicional, a bacia média dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Com esses objetivos e estratégias metodológicas de pesquisa, o trabalho que se apresenta a seguir divide-se em quatro capítulos. **O primeiro** aborda a construção do conceito de Estrutura Ecológica e sua incorporação como parte fundamental do Plano de Ordenamento Territorial da cidade (Bogotá 2000-2010) e, além disso, indica a maneira como o projeto Parque Terceiro Milênio vincula-se a esta Estrutura como parque metropolitano, essencial na conformação de corredores biológicos prestadores de bens e serviços ambientais. **O segundo** capítulo visa a ilustrar como foi o processo de ocupação da savana da cidade de Bogotá, desde a conquista até os dias de hoje; com este propósito, foram registradas cronologicamente as transformações das manchas, os corredores verdes e de água que fazem parte do sistema natural da cidade, e foram comentadas as implicações que este processo tem no equilíbrio ambiental da cidade.

O terceiro capítulo tem como prioridade estabelecer a relação entre o conceito de Estrutura Ecológica Urbana e os conteúdos dos estudos elaborados dentro do processo de formulação, desenho e construção do Parque Terceiro Milênio. Para tal fim, realiza-se a

análise dos documentos e planos dos três projetos que foram elaborados antes da construção final do Parque e mostram-se os resultados da verificação *in situ* do projeto construído, realizadas pelo autor, durante os últimos três anos. Finalmente, **o quarto** capítulo procura dar uma visão integral da bacia onde se localiza o Parque Terceiro Milênio, com ênfase no processo de ocupação da mesma e a relação entre a área de *San Victorino* e seu entorno; este olhar aborda as transformações físicas, sociais e ambientais mais significativas do setor nos últimos dois séculos.

Pela natureza desta pesquisa e por tratar um projeto localizado em uma cidade que é em alguns aspectos semelhante, mas em outros distante da gênese e realidade das cidades brasileiras, o documento inclui material importante de referência – especialmente em notas de rodapé, fotografias e mapas – com o propósito de aproximar o leitor do contexto histórico e atual da cidade de Bogotá. No mesmo sentido, como a maioria dos textos que se relacionam com o tema tratado estão escritos em castelhano, o autor tomou a liberdade de traduzir a maior parte dos textos citados para o português, com a intenção de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo do presente trabalho.

Assim, este trabalho aspira não somente a ser uma contribuição para refletir sobre o tema ambiental de inquestionável importância, mas também ser uma oportunidade por meio da qual possa se estabelecer uma ponte de comunicação e aprendizagem compartilhada entre os cenários acadêmicos brasileiro e colombiano.

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO.

Antecedentes

Antes de começar com a matéria enunciada no título desta seção, é necessário esclarecer ao leitor o âmbito normativo, institucional e conceitual que permitiu que na atualidade fosse possível afirmar que em Bogotá existe um parque urbano, integrado ao modelo de ordenamento territorial da cidade, por meio do que tem sido denominado Estrutura Ecológica Urbana.

No final da década de 1950², a Colômbia começou um processo de incorporação do tema ambiental no âmbito normativo e institucional, com a criação, nos próprios anos 1950, da primeira Corporação Autônoma Regional³, a conformação do Instituto Nacional dos Recursos Naturais - *INDERENA*⁴ em 1968, e a publicação do Código Nacional de Recursos Naturais Renováveis de Proteção ao Meio Ambiente⁵, influenciado principalmente pelas iniciativas gestadas no âmbito internacional, como o informe encomendado pelo Clube de Roma ao MIT em 1968⁶, e a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em 1972⁷.

Devido a estas ações, o governo do país deu prioridade à institucionalização e regulação do tema ambiental. Porém, durante os anos seguintes, apresentaram-se várias deficiências com relação à gestão dos recursos naturais⁸, que somente seriam superadas na década de 1990⁹, quando se consolidaram algumas iniciativas promovidas pelo Estado, que

² Antes da década de 1950, existiram disposições legais relativas à proteção de água, das florestas e das terras. Por exemplo, a Lei 119 de 1919 tratava da conservação das águas aproveitáveis e os blocos próximos a seus leitos. Porém, somente na década de 1970 o tema institucionalizou-se e adquiriu conceitualização no nível normativo.

³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110 de 1954. “*Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca*”. Bogotá, 1954.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 3ª. de 1961. “*Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la sabana de Bogotá y de los valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR*”. Bogotá, 1961.

⁴ Esse Instituto foi liquidado pela Lei 99 de 1993, e suas funções foram transferidas às Corporações Autônomas Regionais que são entes corporativos de caráter público, integrados por várias entidades territoriais [*Departamentos* (estados), *distritos*, *municipios* e *territórios indígenas*] que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica. Disponível em: <<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

⁵ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2811 de 1974. “*Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente*”. Bogotá, 1974. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 23 de 1973: “*Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones*”.

⁶ Massachusetts Institute of Technology (MIT). *The Limits to Growth*. 1972

⁷ Declaração de Estocolmo de 1972.

⁸ As competências em matéria de gestão do meio ambiente estavam dispersas em várias instituições, dando lugar à duplicidade de funções entre entidades. As ações do Instituto Nacional de Recursos Naturais, *INDERENA*, eram de caráter policial, de controle e vigilância, mas não de planejamento ou ordenamento; e ainda não era suficientemente explícita, no nível normativo, a associação entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

⁹ Nessa época, vale a pena assinalar que no âmbito internacional tinham sido produzidos eventos relevantes com relação ao tema ambiental, como o informe da Comissão Brundtland, “Nosso futuro comum”, que enfatizou a relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, adotando-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

visavam a reforçar a regulação normativa do tema ambiental, efetuar uma reorganização institucional, e oferecer diretrizes ambientais para o planejamento e o ordenamento territorial tanto Nacional como *Distrital*¹⁰.

A primeira das iniciativas foi a publicação da nova Carta Política da Colômbia em 1991, na qual o tema ambiental foi incluído em um capítulo independente, relacionado aos direitos coletivos do povo colombiano; a Constituição consagrou o direito de todas as pessoas de aproveitar um ambiente saudável, e a obrigação do Estado – entre outros –, de proteger a diversidade e integridade do ambiente, conservar as áreas de especial importância ecológica, e prevenir e controlar os fatores de deterioramento ambiental¹¹.

Com o anterior, a Nação abriu um caminho¹² no qual foram de grande importância a reorganização e redefinição das competências das entidades relacionadas com a gestão ambiental, que hoje em dia conformam o Sistema Nacional Ambiental Colombiano – SINA, liderado pelo Ministério do Meio Ambiente, entidade encarregada de promover e facilitar o desenvolvimento sustentável do território e a criação de políticas, planos, programas e projetos sobre o uso sustentável dos recursos naturais renováveis, como a água, o solo e a paisagem¹³.

A Constituição de 1991 também facilitou a expedição de uma lei de Ordenamento Territorial¹⁴ que tinha como propósito o estabelecimento dos mecanismos que permitiram aos municípios promover o ordenamento do seu território, o uso equitativo e racional do solo, e a preservação e defesa do patrimônio ecológico e cultural localizado no âmbito territorial do mesmo¹⁵.

A efetivação desta lei foi feita por meio da implementação de Esquemas¹⁶ e Planos de Ordenamento Territorial nos municípios, que compreendem:

¹⁰ A Constituição Política de 1991 muda o *status* de Bogotá de *Distrito Especial* para *Distrito Capital*. “*Santa Fe de Bogotá* capital da república e do estado de *Cundinamarca*, organiza-se como *Distrito Capital*”. (Artigo 322 da Constituição Política).

¹¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “*De los Derechos Colectivos y del Ambiente*”. Colômbia: 1991.

¹² Neste caminho, o país foi permeável ao cenário internacional, acolhendo os resultados da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992) e respectivos protocolos como o da Agenda 21 e da Declaração do Rio sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

¹³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 99 de 1993. Artigos 1, 2 Título 1. “*Por la cual es creado el Ministerio del Medio Ambiente*”. Bogotá, 1993. No ano de 2002 ao Ministério foram concedidas novas funções e também se modificou seu nome: “*Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial*”. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 790 de 2002. “*Facultades extraordinárias al Presidente de la República*”. Bogotá, 2002.

¹⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. “*Por la cual se modifica la 9ª de 1989 y la ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, 1997.

¹⁵ A Lei 388 de 1997, de Ordenamento Territorial, utilizou duas noções relacionadas com o conceito e recuperação da estrutura ecológica: a primeira referente às áreas de reserva para a proteção do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais e proteção da paisagem; a segunda, relacionada com o solo de proteção, que tem restrição de urbanização, pois pode oferecer serviços ambientais, ou constitui uma área de ameaça ou risco para a construção de assentamentos humanos, ou tem características e valores geográficos, ambientais ou paisagísticos importante para o território.

¹⁶ A Lei 388 estabelece fazer o ordenamento territorial de acordo com o tamanho das cidades assim: **Esquema** para cidades com menos de 100 mil habitantes. **Plano** para cidades com mais de 100 mil habitantes.

[...] o conjunto de ações político-administrativas e de planejamento físico acordadas, que visam a regularizar a utilização, transformação e ocupação do espaço, de acordo como as estratégias de desenvolvimento socioeconômico, em equilíbrio com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais.¹⁷

1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)

Dimensão ambiental no ordenamento territorial da cidade

O Plano de Ordenamento Territorial (POT) do *Distrito Capital*¹⁸ expedido em 2000 procurou manter a coerência com os princípios ambientais constitucionais¹⁹, as recomendações do Ministério do Meio Ambiente e as políticas e diretrizes da lei de Ordenamento Territorial. Motivo pelo qual os estudos técnicos, a conceitualização e a formulação do Plano tinham como eixo central a construção de um modelo, cuja gestão, em teoria, permitiria superar os problemas relacionados à dinâmica de assentamentos humanos e o desequilíbrio entre o suporte natural e as atividades humanas, assim como oferecer as ferramentas para conseguir a equidade, competitividade e sustentabilidade do *Distrito Capital*²⁰.

O modelo mencionado está conformado por três estruturas inter-relacionadas, contidas no que poderia ser denominado um enfoque sistêmico, no qual o componente ambiental ocupa um lugar relevante. Sendo assim, o modelo está constituído pela Estrutura Socioeconômica Espacial, a Estrutura Funcional e de Serviços, e a Estrutura Ecológica Urbana, essa última dando suporte fundamental para as duas primeiras (Figura 1).

¹⁷ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. Artigo 5. “Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones”. Bogotá, 1997.

Nota: A fim de evitar a repetição excessiva do termo “Tradução nossa”, fica o leitor alertado de que todas as traduções nesse trabalho são do autor da dissertação, excetuando-se: a) as citações de obras traduzidas para o português; e b) os próprios textos originalmente publicados nessa língua.

¹⁸ O Plano de Ordenamento Territorial POT define-se como o conjunto de objetivos, diretrizes, políticas, estratégias, metas, programas, atuações e normas adotadas para orientar e administrar o desenvolvimento físico do território e o uso do solo. Artigo 9º. Lei 388 de 1997 pela qual se modificou a Lei 9ª de 1989 e a Lei 3ª de 1991 e são dadas outras disposições. No caso de Bogotá, o POT foi adotado mediante Decreto *Distrital* 619 de 2000, revisado mediante o Decreto *Distrital* 469 de 2003. O Decreto *Distrital* 190 de 2004 compilou os dois anteriores.

¹⁹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “De los Derechos Colectivos y del Ambiente.” Bogotá, 1991.

²⁰ POT, Documento Técnico Suporte, DAPD. página 9. Vale a pena salientar neste ponto que o discurso político das administrações distritais e as premissas que justificam as ações de ordenamento territorial na cidade nos últimos anos têm se justificado invariavelmente em discursos que incluem as premissas “sustentabilidade, equidade, competitividade”; de tal forma que a pertinência e legitimidade de uma decisão política e a avaliação dos resultados deve estar baseada na utilização de um vocabulário consequente com essas três premissas.

A Estrutura Socioeconômica e Espacial compreende:

[...] o centro e a rede de centralidade que concentram atividades econômicas e de serviços, e que estão dispostas sobre o território do *Distrito Capital* para garantir o equilíbrio urbano e rural na prestação de serviços, a coesão social, a integração da cidade em diferentes escalas, e o desenvolvimento econômico.²¹

A Estrutura Funcional e de Serviços:

[...] está conformada pelos sistemas gerais de serviços públicos, de mobilidade e de equipamentos, cuja finalidade é garantir que o centro e as centralidades – que conformam a Estrutura Socioeconômica Espacial – e as áreas residenciais realizem adequadamente suas respectivas funções.²²

Figura 1 – Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

O modelo proposto no POT para a cidade de Bogotá está sustentado por três estruturas básicas: (P1) a E. Socioeconômica e Espacial, (P2) a E. Funcional e de Serviços, e (P3) a Estrutura Ecológica Urbana. Fonte: POT Bogotá Decreto 619 de 2000. (P4) Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) define-se como:

²¹ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 3.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

[...] a rede de espaços e corredores que sustentam e conduzem a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais pelo território, em suas diferentes formas e intensidades de ocupação, dotando ao mesmo de serviços ambientais para o seu desenvolvimento sustentável.²³

A EEU está constituída por uma

[...] rede de corredores ambientais integrados à estrutura ecológica regional, cujos componentes básicos são: o sistema de áreas protegidas, os parques urbanos, os corredores ecológicos e a área de controle especial do rio Bogotá²⁴ (Figura 2).

A referida estrutura é de fundamental importância no modelo de ordenamento devido a seus valores paisagísticos, ecológicos e culturais, e comporta-se como fornecedor de bens e serviços ambientais, constituindo o substrato básico do ordenamento dos usos, das atividades e dos serviços urbanos.

O uso do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no país, como elemento fundamental do modelo de ordenamento do território, remonta a tempos atrás, quando alguns acadêmicos, pesquisadores e profissionais que fazem parte de entidades ambientais começaram a construir o conceito que se apresentou como uma oportunidade de estabelecer uma conexão entre o conhecimento científico dos processos do ecossistema e as práticas de ordenamento territorial²⁵, que permitiram visualizar alternativas de equilíbrio entre as atividades humanas e o suporte natural do território.

²³ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁴ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 1.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁵ Neste sentido, o conceito encontra-se no que tem se denominado urbanismo ecológico, que “controverte as ferramentas convencionais do urbanismo, incorporando noções de capacidade de carga e de suporte de um território, risco, limite ecológico, interações, processos etc.”. Cf. MALDONADO, 2001, p. 6. Com relação ao uso do termo “ecológico” vale a pena citar a explicação dos professores Oseki e Pellegrino: “[...] distinção importante entre dois níveis: o da ecologia e o do ecologismo (ou entre o ecólogo e o ecologista). No primeiro caso, trata-se de uma postura científica, quer se trate de ecologia natural, quer social, e no segundo, de uma prática, de um projeto político de transformação cultural, social e econômica da sociedade moderna [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496)

Figura 2 – Estrutura Ecológica Urbana (EEU).

Da proposta da EEU formulada no POT, o presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Neste sentido destacaram-se os aportes do professor van der Hammen (1975 - 2000), que definiu a estrutura ecológica como um sistema com base na “[...] ecologia, geomorfologia, hidrografia e vegetação original ou o que ainda resta dela numa região”²⁶, e conformado pelo “[...] *geosistema* (que compreende o subsolo e os processos ecológicos), o *pedosistema*, (que faz referência à relação entre o solo e clima, e o *biosistema* (que inclui a totalidade da flora e fauna e dos processos biológicos)”²⁷. (Figura 3).

O professor van der Hammen realizou inúmeras investigações sobre a evolução e

²⁶ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

²⁷ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

vegetação na Savana de Bogotá. A partir deste enfoque sistêmico²⁸, van der Hammen propôs neste trabalho uma estratégia para a recuperação ambiental e florestal desta área, que tinha sofrido um processo de degradação²⁹ desde o período colonial, caracterizado pela modificação da vegetação nativa, do solo e do ciclo hidrológico dos ecossistemas de *páramo*³⁰, *subpáramo*³¹, *bosque alto andino* ou *bosque de encenillo*³² e *bosques de áreas inundáveis*³³. Este processo de degradação, em particular, relacionado como o aspecto hídrico, será tratado mais detalhadamente na seção 2.

A proposta de van der Hammen consistia na recuperação de largas franjas de vegetação nas margens dos rios, os riachos e as zonas úmidas (segundo o Convênio Internacional de *Ramsar*) e a localização de cercas vivas com espécies nativas que fariam uma conexão entre os morros e o *R. Bogotá*, de modo que, formando um tipo de rede vegetal nativa sobre o território – que teria um crescimento natural sem a intervenção do homem – asseguraria-se a recuperação ambiental da Savana e a bacia do *R. Bogotá*.

Os processos ecológicos e as realidades ambientais excedem os limites territoriais estabelecidos administrativa ou politicamente e, por sua natureza, o conceito de EEU desenvolvido por van der Hammen supera a área da Savana de Bogotá, compreendendo também uma proposta de ordenamento que inclui o estado todo de Cundinamarca.

²⁸ A noção de sistema resulta muito mais inclusiva do que a noção de estrutura, pois contribui a entender desde a complexidade, a relação entre os fenômenos naturais e a sociedade. Neste sentido Bertalanffy (1950) é um referencial indispensável sobre o tema de análise sistêmica.

²⁹ Esse fenômeno local, estudado e trabalhado por van der Hammen e Ernesto Ghul, que é reflexo de um desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, não se distingue muito da situação planetária de hoje em dia: “No momento, presenciam-se fenômenos globais inquietantes de desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, tais como: Rupturas de processos bioquímicos e ecológicos antigos, por causa do desmatamento (agrícola e industrial) e de outras práticas rurais e urbanas predadoras de recursos naturais limitados. [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496).

³⁰ “O *páramo* é uma formação vegetal predominantemente *herbácea*, conformada por *grámíneas macollosas* e permeada por *arbustillos* anões individuais e em grupos e por plantas *arrosetadas e caulirrósulas*. A mais característica delas é o *Fraillejón (Espeletia)*. A faixa dos *páramos* encontra-se aproximadamente entre 3.300 – 3.500 manm até 4000 – 4200 m de altitude, máxima altura na região de Bogotá (*Cerro Nevado del Páramo de Sumapaz*), com temperaturas médias entre 4º e 9º e precipitações entre 700 e 2.000 mm.” : (PERÉZ, 2000, passim)

³¹ “O *subpáramo* é uma franja estreita e irregular localizada entre o *bosque alto andino* e o *páramo propriamente dito*, entre 3.300 e 3.600 manm, aproximadamente. Caracteriza-se por *matorrales arbustivos* mais ou menos abertos e está permeada por pequenas árvores do *bosque alto andino inferior*. Trata-se, de fato, de uma franja de transição entre o *bosque* e o *páramo*. Tem sido, porém, classificado como *subpiso*, pois apresenta alguns elementos característicos faltantes na flora do *bosque andino*.”. (PERÉZ, 2000, passim).

³² “Trata-se de um *bosque* de fisionomia muito distinta à do andino baixo, somente com um estrato de árvores pequenas e com alturas entre 3 e 10 m, onde predominam os elementos da família das *Compuestas* [...] Os musgos são abundantes e formam, junto com a *hojarasca*, grossas camadas no solo do bosque, de 20 a 50 cm de espessura, de grande importância no ecossistema e na regulação de água (SALAMANCA, 1984). Encontra-se aproximadamente entre 2.750 – 2.800 até 3.300 – 3.500 manm. Este tipo de *bosque* corresponde, em termos gerais, ao “*bosque úmido e muito úmido montano*” segundo a classificação de Holdridge, com temperaturas médias anuais de 9 a 12º C”. (PERÉZ, 2000, passim.)

³³ “É o *bosque* característico dos atuais vales *aluviales* do *R. Bogotá* e seus tributários, que são especialmente importantes na parte mais baixa do sul da savana, onde se juntam o *R. Bogotá* com vários de seus principais afluentes (*Basillas, Tunjuelo, Soacha e Fucha*) e ali, por este motivo, encontra-se a maioria das zonas úmidas da savana”. (PERÉZ, 2000, passim)

Figura 3 – Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.

Van der Hammen identifica como elementos fundamentais da estrutura ecológica da Savana de Bogotá: 1. os *Cerros Orientales*; 2. os corredores; e 3. o vale aluvial do *R. Bogotá*. Ele propõe a implementação de uma rede verde partindo do sistema hídrico como estratégia de recuperação ambiental da Savana. Fonte: VAN DER HAMMEN, 1998.

Aos aportes de van der Hammen foram agregados outros estudos da Savana de Bogotá, como alguns realizados pela Corporação Autônoma Regional de *Cundinamarca* - *CAR*³⁴ e as entidades universitárias e do *Distrito Capital*. Destes estudos, destacam-se os feitos por Pérez (1975 - 2000), que definiu a EEU como um sistema conformado a partir de quatro elementos: a estrutura *morfopedalógica*³⁵, a biota³⁶, a estrutura hídrica³⁷, e a estrutura antrópica que se traduz no conjunto de atividades e usos desenvolvidos pelo homem no território.

Para responder à problemática de degradação da EEU na Savana, Pérez (2000), propõe uma série de estratégias, procurando recuperar o ecossistema deteriorado, e garantir o equilíbrio entre as atividades humanas, os processos hidrológicos e a conservação dos solos e da biodiversidade. De sua proposta destacam-se a recuperação da cobertura vegetal nos morros, a detenção da construção de assentamentos humanos nos vales aluviais, a criação de corredores de conexão entre os vales aluviais e os morros, a recuperação dos solos erodidos e do sistema de zonas úmidas, a regulação da exploração de águas

³⁴ A divisão político-administrativa da Colômbia está estabelecida por *Departamentos*, equivalentes no Brasil aos Estados. Em nosso caso, Bogotá está localizada no estado de *Cundinamarca*.

³⁵ Constituída por uma área montanhosa e uma área plana, levemente inclinada.

³⁶ Conformada por *bosque andino*, vegetação de *páramo*, vegetação *xerofítica* no sul da savana e vegetação de zona úmida, à base de *juncos*, *cortaderas* e *alisos* nas áreas úmidas.

³⁷ Corresponde à vazão de água da bacia e está conformada por 15 bacias hidrográficas, com suas respectivas microbacias, 27 zonas úmidas naturais e 9 represas de regulação.

subterrâneas, e o planejamento regional dos recursos hidráulicos (PEREZ, 2000, p. 37).

Embora o POT de Bogotá fosse expedido no ano de 2000, (Figura 4), conceitualmente contou com esses aportes que vinham sendo construídos no ambiente acadêmico e institucional, e concebeu o conceito de EEU, espacialmente, como uma rede, conformada, como exposto anteriormente, pelas áreas protegidas, os corredores ecológicos, os parques urbanos e a área de proteção do *R. Bogotá*, e ao mesmo tempo, como um sistema, que na escala distrital está integrado à estrutura socioeconômica espacial e à estrutura funcional e de serviços, e em uma escala maior – integrado por meio dos morros, do *R. Bogotá* e do maciço de *Sumapaz* – à estrutura ecológica regional, sem a qual seria impensável a sustentabilidade de uma cidade como Bogotá, pois essa estrutura fornece serviços ambientais, paisagísticos e culturais³⁸. (Figura 5).

Figura 4 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.

(P1) Para o estado de Cundinamarca e a Savana de Bogotá, a EEU proposta está conformada principalmente pela rede de *parámos* e *bosques* andinos. (P2 Savana do Bogotá). No caso da cidade de Bogotá (P3), agregam-se aos *Cerros Orientales* a rede de corredores ecológicos (Corpos de água) e o vale aluvial do *R. Bogotá*. Fonte: POT *Alcaldia de Bogotá* (Prefeitura de Bogotá).

É necessário salientar que o conceito e ações propostas sobre a EEU e o POT, assim como os estudos feitos anteriormente, têm como principal objetivo ser uma ferramenta que, por meio de um enfoque sistêmico, garanta a sustentabilidade ambiental e a restauração da composição biótica e dos processos ecológicos, estabelecendo um vínculo entre o saber

³⁸ Dos 426.870 ha da Savana de Bogotá, 42.230 ha correspondem a áreas protegidas, 196.000 ha são usados na produção agropecuária e 30.000 ha em áreas urbanas. Contém cinco represas e uma rede de canais de irrigação de 7.500 ha.. *Directrices de la CAR para preservar el medio ambiente y fomentar un desarrollo sostenible en la Sabana de Bogotá*. Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca CAR 2007.

científico, o conhecimento dos ecossistemas e as práticas de ordenamento dos usos e atividades humanas no território.

Figura 5 – O conceito de Estrutura Ecológica no POT.

A EEU está conformada pela rede de (P1) Elementos naturais: 1. *Cerros Orientales*; 2. Corredores ecológicos; e 3. Vale *aluvial* do *R. Bogotá*. Também pela rede (P2) Verde artificial: Parques metropolitanos e Rede viária principal – a sobreposição destas redes configura a (P3) Estrutura Ecológica Urbana da cidade. [Elaborado pelo autor].

Com certeza, para alcançar os objetivos propostos no POT, é preciso conhecer, compreender e atuar na restauração dos processos ecológicos da Savana, nos quais o ciclo de água tem uma importância relevante. Como dito anteriormente – e será tratado mais detalhadamente na seção 2 – o ecossistema original da Savana foi intensamente modificado desde o período colonial até a atualidade: as bacias dos rios foram progressivamente ocupadas por assentamentos humanos, as construções e infraestruturas de serviços, e seus leitos, foram contaminados, desviados e canalizados subterraneamente ou a céu aberto. As zonas úmidas também sofreram uma intensa degradação por obras de urbanização, disposição de águas negras, lixo, colmatagem e gramados, e a vegetação nativa foi trocada por vegetação exótica ou desapareceu. De modo que um dos elementos do ecossistema, como o sistema hídrico, foi modificado drasticamente com a constante impermeabilização da Savana, a construção de redes de esgotos, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, e a contaminação dos corpos de água, principalmente nos últimos cem anos. (Figura 6).

Figura 6 – Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.

(P1) Estrutura Ecológica Original. (P1) A estrutura ecológica estava conformada originalmente por: as manchas de vegetação dos cerros orientais (1), os corredores verdes (2) sobre os corpos de água; e o vale aluvial do *R. Bogotá* (3). (P2). Situação atual (P2). Com o processo acelerado de antropização da Savana a partir do século XX, perderam-se os corredores hídricos (hídricos) que juntavam os cerros orientais com o vale do *R. Bogotá*, motivo pelo qual se perdeu uma parte importante do equilíbrio do ecossistema. (P3) A proposta do POT busca a recuperação da parte do ecossistema perdido. [Planos elaborados pelo autor].

O resultado deste processo não se distingue do que se realiza em outras latitudes do planeta (PELLICER, 1998; HOUGH, 1998). Primeiramente, um aumento substancial dos coeficientes de vazão nas bacias, por meio da

[...] diminuição do tempo de concentração da água e o aumento do nível dos fluxos de vazão hidrogramas de enchente, fenômeno que ademais produz o incremento do nível de inundação da cidade, que está acentuado especialmente em certas áreas, dependendo da morfologia da superfície urbanizada, das características morfológicas do terreno, do tipo de vegetação das sub-bacias que têm sido ocupadas e impermeabilizadas, e da capacidade e distribuição do sistema de esgoto ou drenagem artificial.³⁹

Em segundo lugar, a modificação dos processos relacionados ao sistema hídrico incide na qualidade de água: a precipitação arrasta partículas da atmosfera poluída, a vazão superficial é poluída pela lavagem de ruas, os corpos de água são afetados pelo despejo das

³⁹ A redução do tempo correspondente à metade do que era originalmente, o que repercute negativamente nas bacias naturais nas quais a cidade encontra-se inscrita. (PELLICER, 1998, p. 117)

águas residuais, e os solos contaminados degradam os aquíferos subterrâneos⁴⁰.

Frente a essa situação, necessariamente surge uma pergunta: como se faz efetivo o conceito da EEU, em uma cidade que alterou e eliminou a vegetação original, que impermeabilizou a maioria da superfície ocupada, e que alterou substancialmente seu sistema hídrico?

Para tentar responder a essa pergunta, ao fazer uma leitura do POT, encontramos que as políticas sobre o meio ambiente enunciam, entre outros aspectos:

[...] a otimização [...] no dimensionamento e operação dos sistemas de saneamento básico levando-os a uma condição de economia e eficiência ambiental; a orientação espacial e qualitativa do desenvolvimento das redes e os equipamentos urbanos, sob critérios ambientais [...]; a consolidação funcional e física da Estrutura Ecológica Urbana; e a proteção, conservação, restauração e melhora do potencial ecológico, paisagístico e de lazer oferecido por importantes ecossistemas estratégicos urbanos [...]⁴¹. Frente ao sistema hídrico, enuncia o POT, que as áreas de recarga de aquíferos, os leitos de cheias, nascentes de riachos, várzeas de rios e canais, zonas úmidas, lagos e lagoas devem ser recuperadas e conservadas.⁴²

Instrumentos e conceitos complementares ao POT

Com essa referência, posterior à expedição do POT, o *Distrito Capital* tem desenvolvido ferramentas que pretendem efetivar no território o modelo de ordenamento proposto em 2000, com seus respectivos objetivos, estruturas e subsistemas; nesta linha estão inclusos os Planos *Maestros*⁴³ (Planos diretores) dos quais pode se destacar o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre)⁴⁴, pois tem uma estreita relação com a EEU.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 157. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴² REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 190 de 2004. Artigos 76 e 77. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴³ O artigo 45 do POT define-os: “Os planos *maestros* constituem o instrumento de planejamento fundamental no marco da estratégia de ordenamento da cidade-região; permitem definir as necessidades de geração de solo urbanizado de acordo com as previsões de crescimento populacional e de localização das atividades econômicas, para programar os projetos de investimento setorial a curto, médio e longo prazo”. Assim mesmo no artigo 46, estabelecem-se os Planos *Maestros* Prioritários: de Mobilidade, de Serviços Públicos, de Equipamentos, e de Espaço *Público*. POT Decreto 190. 2004

⁴⁴ O Plano *Maestro* de Espaço *Público* tem como objeto: “[...] Concretizar as políticas, estratégias, programas, projetos e metas relacionadas com o espaço *público* do *Distrito Capital*, e estabelecer as normas gerais que permitam conseguir uma regulação sistemática com relação a sua geração, manutenção, recuperação e aproveitamento econômico, e apropriação social” [e estabelece] “1. Contribuir à consolidação da estrutura urbana através do desenvolvimento de uma rede de espaços públicos, que garanta o equilíbrio entre densidades populacionais, atividades urbanas e condições meio ambientais, de forma que se integrem os elementos do espaço *público* construído com os da EEU”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) apresenta uma proposta que no nível operativo vincula os conceitos de unidade paisagística⁴⁵ e unidade geográfica⁴⁶. A referência destes dois conceitos no documento técnico de suporte do Plano apresenta-se de forma marginal; no caso das unidades paisagísticas limita-se a indicar que

[...] a paisagem visual da cidade está dominada pela silhueta dos morros orientais, e pelos focos visuais criados pelos cursos de água e suas várzeas que relacionam os morros com o *R. Bogotá*⁴⁷; e no caso das unidades geográficas o documento indica que sua disposição espacial corresponde às várzeas de água.⁴⁸

A Figura 7 permite avaliar a distância entre o conceito e a efetivação espacial do mesmo: embora o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre) tenha como propósito a incorporação de um critério ambiental como parâmetro de ordenamento, sem ter em conta as sub-bacias como elementos ordenadores de espaço, enquanto o perímetro das unidades geográficas é determinado como o critério tradicional da divisão administrativa no país, onde o limite entre duas áreas é determinado com o leito dos rios. Em consideração do autor deste trabalho, do ponto de vista ambiental seria mais lógico que o cause dos rios fosse considerado como estrutura espacial central da unidade e não como limite físico da mesma.

Os outros planos maestros do *Distrito Capital* contêm diretrizes relacionadas com a restrição ou proibição da ocupação de áreas que por sua capacidade de prestação de serviços ambientais devem ser protegidas ou que por suas características morfológicas, solos ou possibilidade de enchentes são fatores inapropriados para a construção de assentamentos humanos⁴⁹. Porém, esses planos ainda devem fazer uma contribuição ao desenvolvimento de estratégias para a consolidação de uma rede que articule os parques

Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005.

⁴⁵ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005. Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005. Tomo 2, p. 62. As cinco unidades de paisagem estabelecidas são: 1. De Cordilheira, 2. De borda de Cordilheira, 3. Urbano de traçados contínuos, 4. Urbano descontínuo de periferia, 5. De borda hídrica.

⁴⁶ Unidades geográficas: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusaca. Fonte: *Documento Técnico de Soporte de PMEP*. Parte I numeral 3.2.1. p. 64-69.

⁴⁷ ALCALDÍA, op. cit.

⁴⁸ Denomina-se vazão superficial a água procedente da chuva que circula pela superfície e concentra-se nos cursos. A vazão superficial é função das características topográficas, geológicas, climáticas e de vegetação da bacia e está intimamente ligada à relação entre águas superficiais e subterrâneas da bacia.

⁴⁹ Neste ponto, alguns estudiosos do tema como Camargo (2007) afirmam que em Bogotá DC, apesar dos significativos esforços em matéria ambiental, tem surgido um grande erro de gestão, por terem confundido “proibição de ocupação”, com “proteção do ecossistema”: “Proibir equivale a distanciar todos aqueles usos que teriam que pedir permissão e deixar o espaço livre para aqueles que nunca o pedem. Uma verdadeira conservação implica equipar, promover e administrar uma área de jeito que a sociedade a aproprie com um significado e com usos de acordo com o reconhecimento e conservação do valor ambiental coletivo”. (CAMARGO, 2007)

urbanos (metropolitanos, urbanos e zonais), os corredores ambientais, e a incorporação das sub-bacias como elemento ordenador do território em termos ambientais: Por exemplo, em 2006, quase 50% dos parques metropolitanos e zonais não tinham um plano diretivo ou maestro⁵⁰; esta falência incide diretamente no desconhecimento do compromisso que deveriam ter os investimentos, desenhos e construção, no fortalecimento da EEU; no caso dos corredores ecológicos viários (avenidas arborizadas), naquela época ainda não tinham sido desenvolvidas estratégias específicas de intervenção.

Figura 7 – Unidades geográficas.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) estabelece para a cidade sete unidades geográficas (P1), assim definidas pelo espaço compreendido entre os rios principais: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusacá. Ao colocar o rio como centro das unidades geográficas (P2), seriam as principais bacias hídricas da cidade as que definiriam as unidades geográficas. Dessa forma, o sistema hídrico incrementa seu protagonismo no ordenamento e ecossistema da cidade. 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha 4. Tunjuelito. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

Uma revisão a outros instrumentos de ordenamento e de gestão dos recursos naturais no *Distrito Capital* permite evidenciar que esses têm visado principalmente à proteção dos *Cerros Orientales*⁵¹, das rondas dos rios e canais que fluem a céu aberto⁵², ao

⁵⁰ Segundo um informe sobre o estado dos recursos naturais no *Distrito* expelido pela *Contraloría* em 2006, 47.44% dos parques metropolitanos e zonais estabelecidos no POT nessa época não tinham um Plano Maestro. Informe Contraloría, 2006 p. 152.

⁵¹ Posteriores ao POT estão os seguintes estudos: Plano de ordenamento e manejo dos *Cerros Orientales* - POMCO 2004. Resolução 0463 de 2005. Plano de manejo da reserva florestal e protetora do *Bosque Oriental* de Bogotá, abril de 2006.

⁵² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 456 de 2008. *Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones*. Bogotá, 2008.

tratamento das águas contaminadas do *R. Bogotá*⁵³, e ao melhoramento na eficiência de operação de sistemas de saneamento básico⁵⁴. Porém, ainda falta ser percorrido um longo caminho, pois precisam ser revisadas as estratégias e concretizadas ações que realmente permitam a consolidação de um sistema e uma rede de conexão com os morros, o *R. Bogotá* e a estrutura ecológica regional – por meio dos corredores ecológicos propostos pelo POT – que contribuam positivamente aos processos ecológicos como o ciclo de água por meio de soluções criativas dentro da gestão inovadora das interfaces urbano-naturais⁵⁵, diminuindo a distância entre o conceito de EEU e a cidade construída. (Figura 8).

Figura 8 – A EEU proposta confrontada com a cidade construída.

A EEU da cidade de Bogotá segundo o POT (P1). Estado da rede hídrica principal (P2). O maior desafio que se apresenta para concretizar a ideia de Estrutura Ecológica Urbana é a recuperação dos corredores ecológicos tendo em conta que os rios da mesma, durante o processo de urbanização da Savana, foram canalizados e enterrados. Foto 1: (*R. San Francisco*), em outros casos canalizados com muros de concreto. Foto 2: e/ou controlados com taludes artificiais como no caso do *R. Bogotá*. Foto 3: Fonte: P-1. *Alcaldía de Bogotá POT*, P-2. Autor. Foto 3: *Villegas Ed.* [Fotos 1 e 2 do autor].

Neste sentido, é essencial incluir o conceito de bacia hidrográfica como unidade de análise e instrumento decisivo no ordenamento do território e aprofundar a reflexão e funcionamento da ideia da EEU no *Distrito Capital*. Para conseguir esse objetivo, é preciso

⁵³ POT em seu artigo 66 contempla o empreendimento de programas no marco do “*Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital*”, a saber: Programa de descontaminação do *R. Bogotá*, estudo de modelagem técnico-econômica e guia técnica para o controle ecoeficiente de água em arquitetura e urbanismo, e o programa de uso eficiente de água no setor produtivo. POT. Decreto 190 de 2004. Art. 66. *Plan de ordenamiento y control de la cuenca (POMCA)* del río Bogotá. Resolución CAR 3194 de 2006.

⁵⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2884 de 2007 “*Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA*”. Bogotá, 2007.

⁵⁵ Parafraseando Pellicer (1998). Se você estiver parafraseando um trecho específico, então tem que dar número de página. Se estiver parafraseando a ideia geral, então como está é suficiente.

recuperar a essência dos aportes de autores como van der Hammen e Pérez e ter em conta um par de conceitos que podem ajudar a enriquecer nossa compreensão e gestão sobre a EEU em Bogotá.

Em primeiro lugar, o conceito de paisagem, entendido como expressão sensível [perceptível] da mediação sociedade-natureza⁵⁶, mas também como produto concreto destas relações (BERQUE, 1998)⁵⁷. Esse enfoque implica uma complexa abordagem conceitual enquanto a paisagem é ao mesmo tempo a configuração, ou seja, o processo de construção de uma representação, e também conformação, isto é, processo de construção de sua materialidade (MAGNOLI, 1984)⁵⁸. Os processos da mediação entre a natureza e a sociedade podem ser estudados por intermédio dos padrões culturais⁵⁹ com os quais uma sociedade interpreta, interatua e intervém sobre os elementos naturais ao longo da história; por outro lado, a materialidade da paisagem pode ser estudada por intermédio da identificação dos padrões, a função e as transformações (mudanças) sucessivas na história (FORMAN, 1997)⁶⁰.

Em segundo lugar, o conceito de infraestrutura verde, que se assemelha a EEU em Bogotá, pois compreende “[...] o conjunto de espaços abertos ou áreas verdes que juntam o meio urbano com o campo vizinho” (PELLEGRINO, 2006) e constitui uma alternativa de aplicação dos conceitos da ecologia da paisagem nas áreas intensamente transformadas por processos urbanos. Esse conceito e sua aplicação, como no caso da EEU em Bogotá, oferecem a oportunidade de ir além das práticas do urbanismo convencional, ao incorporar o entendimento de funções relacionadas com a circulação, a acessibilidade, a permanência, a contemplação e a recreação das pessoas nas áreas verdes, assim como as funções de conexão de fragmentos de vegetação, o direcionamento de água com segurança (respeitando o ciclo de água, prevendo assim as enchentes e contaminação do solo e dos

⁵⁶ O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. Meinig (1978) diz que as paisagens mostram-se diferentes em função de quem as observa, dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar. MEINING. In: **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982, p. 107.

⁵⁷ “A expressão sensível de uma *mediância*. Esta, por sua vez, revela o sentido da relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto maneiras de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) os espaços produzidos (isto é, as cidades e os campos historicamente formados)”. (BERQUE apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 488)

⁵⁸ Citado por SANDEVILLE, E. “Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos”. SANDEVILLE, E. In: **Paisagem Ambiente: Ensaio No. 21**, FAUUSP São Paulo, 2006 p. 92.

⁵⁹ Os padrões culturais variam com o tempo, “Considerando um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. SANTOS M. apud NEVES Ezia Socorro Cit. em: **Paisagem Ambiente e sociedade: Ensaio IV**. FAUUSP São Paulo, p. 108. SANTOS, Milton apud NEVES Ezia Socorro. **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, p. 108.

⁶⁰ FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997. (apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002)

corpos de água), o melhoramento de condições microclimáticas, a incorporação de atividades residenciais, educativas, laborais e de lazer, a conservação dos valores e a memória ambiental e estética de uma comunidade⁶¹.

Nesta ordem de ideias, é importante reconhecer a oportunidade que representam os parques urbanos (metropolitanos) - como elementos integrais da rede de EEU, ligados aos corredores ecológicos e às sub-bacias, enquanto contribuem para a consolidação de uma infraestrutura verde na cidade, considerando de maneira integrada os usos urbanos. (Figura 9). Os significados culturais, o melhoramento das condições de microclima, a circulação, a recreação e o equilíbrio com os elementos do ecossistema como o sistema hídrico.

Figura 9 – EEU – Os Parques Urbanos - Metropolitanos.

Todos os parques metropolitanos e a maioria dos parques setoriais estão localizados no centro e sul da cidade, que corresponde à área da população de estratos médio e baixo. O parque Metropolitano *Simón Bolívar* é o maior em extensão (113 ha) e o parque de *La Independencia* é o mais antigo (1910). Fonte: P-1 e Foto 1: autor; Foto 2: Sociedade de *Mejoras* e Ornato, Bogotá 1538-1938. Bogotá, 1938.

1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU

Como foi indicado nas páginas anteriores, os parques urbanos e os corredores ecológicos são considerados elementos que fazem parte da rede da EEU (Figura 10)⁶²: os parques, por serem áreas verdes de uso coletivo que possuem funções sociais, de lazer e de equilíbrio ambiental, e os corredores ecológicos por meio da várzea dos rios e das vias urbanas, cumprem uma função de conexão ecológica no interior do *Distrito Capital* e com a

⁶¹ PELLEGRINO, 2006, p. 59-60.

⁶² De acordo com o POT: “Os Parques *Distritales* correspondem àqueles espaços verdes de uso coletivo que atuam como reguladores do equilíbrio ambiental, são elementos representativos do patrimônio natural e garantem o espaço livre destinado ao entretenimento, contemplação e lazer para todos os habitantes da cidade. Organizam-se hierarquicamente e em forma de rede para garantir a cobertura da cidade toda, e envolvem funcionalmente os principais elementos da estrutura ecológica principal para melhorar as condições ambientais no território urbano todo”. POT Decreto 190 de 2004, Artigo 243.

região⁶³.

Os parques urbanos no Distrito Capital estão classificados seguindo o modelo, sob critérios de tamanho e uso, de forma que podem ser identificadas cinco categorias⁶⁴ vão da escala regional à escala de bairro. Em cada uma destacam-se as funções sociais, culturais, paisagísticas e ecológicas que têm essas porções do território.

De maneira consistente com o modelo planejado, os parques que têm uma importante função ambiental, social e paisagística, como os denominados metropolitanos em teoria⁶⁵, deveriam estar ligados aos corredores ecológicos viários ou das várzeas dos rios, garantindo dessa maneira a continuidade dos processos ecológicos. O Parque Terceiro Milênio pertence, segundo o modelo de ordenamento, à categoria de parques metropolitanos e, por conseguinte, os critérios de sua gestão, concepção e projeto deveriam ter coerência com esse modelo. Porém, sua localização deve ter conduzido os profissionais e gestores que fizeram sua implementação à necessidade de criar uma alternativa entre o modelo e a realidade da cidade construída.

O parque encontra-se localizado no centro da cidade, no ponto intermediário entre os *Cerros Orientales* – reserva ambiental da cidade⁶⁶ –, (Figura 11), e no começo do percurso a céu aberto – canal artificial – do R. *San Francisco* (*Carrera 24*), em uma área caracterizada por uma profunda degradação urbana, paisagística e social, onde confluem as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, que foram enterrados durante os processos de urbanização que datam de quase um século atrás; essas condições, sem dúvida alguma, devem ter imposto um desafio no que se refere à consolidação da EEU no centro da cidade e a concepção e desenho do parque, como peça fundamental desta estrutura.

⁶³ Os Corredores Ecológicos estão definidos assim: “São áreas verdes lineais que seguem as margens urbanas e os principais componentes da rede hídrica e rede viária arterial como parte do controle ambiental das mesmas e para incrementar a conexão ecológica entre os demais elementos da EEU, desde os *Cerros Orientales* até a Área de Controle Especial do rio Bogotá e entre as áreas rurais e as urbanas”. POT Decreto 190 de 2004 Artigo 98.

⁶⁴ Como anteriormente indicado, três destas categorias estão classificadas segundo o POT como parte da EEU, onde predomina nelas uma função ecológica, e as outras duas categorias (parques de vizinhança e de *bolsillo*) estão classificadas como parte do sistema de *espacio público*, já que nestas predominam os usos de recreação passiva ou ativa em nível local.

⁶⁵ Definidos pelo POT, como áreas livres que cobrem uma superfície superior a 10 hectares, destinados ao desenvolvimento de usos recreativos ativos e/ou passivos e à geração de valores paisagísticos e ambientais, cuja área de influência abarca o território da cidade toda. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 243. Numeral 2. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁶⁶ “Os *Cerros*, segundo o POT conjuntamente com o rio Bogotá e os solos rurais do D.C. conformam um contínuo ambiental e protegido ao redor da cidade, cuja finalidade principal é evitar os processos de conurbação com os municípios vizinhos” ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 469 de 2003. Artigo 16. *Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C.* Bogotá, 23 dic. 2003.

Figura 10 – Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.

Os parques urbanos incluem além destas, outras duas categorias de parques de menor escala que não estão incluídas na EEU segundo o POT, mas fazem parte do Sistema de Espaço *Público* (livre). Art. 243 Dec. 190 2004. São eles: os parques de vizinhança – áreas livres, destinadas à recreação, reunião e integração da comunidade, que cobrem as necessidades dos bairros; e os parques *de bolsillo*, áreas livres com uma modalidade de parque de escala de vizinhança, que têm uma área inferior a 1.000 m², destinada fundamentalmente à recreação de crianças e pessoas da terceira idade. O presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Para poder entender o que significou esse desafio, é preciso, antes de tudo, aprofundar-se em uma compreensão da cidade e desta área sob o conceito de paisagem e infraestrutura verde, em perspectiva histórica, tendo em conta principalmente a bacia

hidrográfica como unidade de análise; em segundo lugar, analisar quais foram os critérios ambientais e paisagísticos com os quais foi concebido e desenhado o Parque Terceiro Milênio, a fim de identificar as dificuldades ou desafios que ainda deveriam ser assumidos; em terceiro lugar, fazer um delineamento das ferramentas de reflexão e estratégias que poderiam contribuir para uma maior aplicação do conceito da EEU no Parque Terceiro Milênio. O conteúdo das páginas seguintes procurará cobrir esses temas, com a intenção de oferecer algumas reflexões que poderiam ser úteis na academia e na gestão do modelo de ordenamento territorial do *Distrito Capital*.

Figura 11 – Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.

P-1. Centro de Bogotá: 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *Bolívar* (Centro Histórico). 3. Centro Internacional. 4. Cidade Universitária. 5. *Ciudadela* da saúde. 6. R. *Fucha*. P-2. Setor *San Victorino*. 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *San Victorino*. 3. Parque dos *Mártires*. Fonte: Google Earth.

2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.

“¡Tierra buena!! Tierra buena! / ¡Tierra que pon fin a nuestra pena! /
 ¡Tierra de oro, tierra abastecida, / tierra para hacer perpetua casa, /
 tierra con abundancia de comida / tierra de grandes pueblos, tierra rasa, /
 tierra donde se ve gente vestida, / tierra de bendición, clara y serna, /
 tierra que pone fin a nuestra pena!”
 Juan de Castellanos

A cidade de Bogotá está localizada na Cordilheira Oriental da Colômbia sobre um altiplano que teve como origem um antigo mar “A Savana de Bogotá originou-se a partir de um grande lago conhecido como “*Mar de Humboldt*”⁶⁷, que data de aproximadamente 40.000 anos”. Segundo a mitologia *Muisca*⁶⁸, foi *Bochica*⁶⁹ quem, com uma varinha, drenou o lago no lugar conhecido como “*Salto de Tequendama*”⁷⁰. (Figura 12). Dando origem ao cenário natural atual.

Figura 12 – *Mar de Humboldt* – “*Salto de Tequendama*”.

Quando chegaram os espanhóis, a Savana “era um conjunto de grande lagos e pequenos pântanos que avançavam em direção ao *R. Bogotá* e uma dezena de rios que recolhiam também mais de sessenta pequenos rios e riachos que vinham dos morros da capital”. *Contraloría de Bogotá*, 2001. O *Salto de Tequendama* é uma cachoeira natural (com 157m de altitude) formada pelo *R. Bogotá* na parte baixa da Savana de Bogotá. Foto 1: Fredy Gómez. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

⁶⁷ No começo do período *Cuaternario*, “O rico Planalto de Bogotá estava coberto por águas, que formavam um grande lago, de mais de 25.000 km quadrados de extensão”. (VAN DER HAMMEN & GONZÁLEZ, 1963).

⁶⁸ Assim chamaram os espanhóis aos aborígenes da Savana, ao distorcer a voz indígena “muexca” (homem) por mosca - abundam como moscas - que depois transformou-se em *Muisca*. Estes pertenciam ao grupo linguístico dos *Chibchas*, grupo com influência na área compreendida entre Centro América e o norte do Peru. (IRIARTE, 1988, p. 19)

⁶⁹ *Bochica*, *Nenquetebe* o *Zuhé*, deus da mitologia *Muisca*, encarregado de regular a chuva. Atribui-se a ele a origem do *Salto del Tequendama*.

⁷⁰ A versão do cronista Lucas Fernández é a seguinte: “Do *Bochica* referem em particular muitos benefícios que fez pra eles, como por exemplo, as inundações do rio *Funza* (Bogotá) onde intervir a arte de *Huythaca*, se alagou a Savana ou pampa de Bogotá [...] até que chegou o *Bochica* e com uma bengala ferindo numa serrania, abriu caminho às águas... e se formou o *Salto de Tequendama*”.

FERNANDEZ, Lucas apud RODRIGUES, Camilo et al. *El agua, en la Historia de Bogotá*. Bogotá: EAAB-VILLEGAS Ed., tomo I, 2003, p. 49.

2.1 Cenário natural da cidade

A Savana de Bogotá e seus primeiros moradores

Os conquistadores encontraram um cenário perfeito para se acomodar na Savana de Bogotá: terras planas e cultivadas, água em abundância (rios, lagos e zonas úmidas), riqueza em comida, sal, ouro e esmeraldas, e uma população organizada social e economicamente, em termos sociopolíticos, por meio de aldeias hierarquizadas e centralizadas, em quatro confederações *Bacata* (Bogotá), *Hunza* (Tunja), *Tundama* (Duitama) e *Sugamuxi* (Sogamoso⁷¹). Em termos econômicos, a partir dos povos vinculados ao comércio do sal - *Teusa*, *Nemocón* e *Zipaquirá* - e em termos agrícolas e religiosos, a partir dos corpos de água.

Os povoados *Muisca* estavam localizados perto dos rios e dos lugares alagadiços, com fins de aproveitamento agrícola⁷²; o sucesso das safras foi associado com a ação de água, e em consequência esta adquiriu um caráter sagrado, como provedora de vida e fertilidade. Assim, diversos eventos e rituais da vida dos nativos tinham como elemento central a deusa da água *Sie* ou *Sai*; o nascimento, a puberdade da mulher, a cerimônia de “[...] correr a terra, a consagração do *Jeque*⁷³ e a morte do *Cacique* tinham rituais relacionados com a água”⁷⁴. (Figura 13).

É preciso descrever brevemente dois desses eventos, para ilustrar o significado que tinha a água entre os *Muisca*: o primeiro tinha relação com o nascimento dos filhos; “Quando – as mulheres – vão a parir, fogem se conseguem das pessoas e vão se esconder perto de um rio, para em parindo [sic] entrar nele e se lavar junto com o seu parto”⁷⁵, depois de dar a luz, consagravam o recém-nascido à deusa *Sie* por meio de um ritual. O segundo era feito quando os *Caciques* comemoravam uma festa em homenagem à água: os homens realizavam um percurso, partindo da lagoa de *Ubaque*⁷⁶. Ao finalizar o percurso, todos os

⁷¹ A confederação de Bogotá era a mais poderosa e maior do território *Muisca* à chegada dos espanhóis, mas parece que este domínio se conseguiu poucos anos antes da conquista do *Cacique Suguanmachica* (1470-1490), que começou a expandir seu território por meio de campanhas bélicas contra *Fusagasugá*, *Guatavita*, *Ubaque* e *Tunja*. (ZAMBRANO, 1998)

⁷² Eidt, R. comprovou na Savana a existência de *camellones* que J. J. Parsons encontrou como antigos “*campos de cultivos*” nas serranias aluviais e alagadiças do rio *San Jorge* (Cultura *Sinú*). (GUHL, 1981)

⁷³ A estrutura social dos *Muisca* estava conformada por: os *Zipas* que ocupavam a parte superior da pirâmide social, seguidos pelos *Caciques*, que estavam encarregados de governar as confederações; depois estão os sacerdotes *Jeques* representantes da classe religiosa; depois os guerreiros e por último os artesãos, costureiros, trabalhadores das minas e do campo. Disponível em: <http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm>. Último acesso em: 21 fev. 2009.

⁷⁴ (EAAB, 2003, tomo I, p. 40)

⁷⁵ SIMÓN, Pedro apud PATINO, 1993, passim.

⁷⁶ “Saíam do vale de *Ubaque* e toda aquela terra, com as pessoas da Savana Grande de Bogotá, começavam estação desde a lagoa de *Ubaque*. Os habitantes de *Guatavita* e todos os demais daqueles vales, e os que vinham da jurisdição de *Tunja*,

Caciques, capitães e demais indígenas reuniam-se na lagoa de *Guatavita*⁷⁷ para continuar as festividades durante três dias.

Figura 13 – Território e Lagoas Sagradas da Cultura Muisca.

O território *Muisca* (Linha vermelha) abarcou boa parte do altiplano *Cundi-boyacense* (Cor verde) do qual faz parte a bacia alta do *R. Bogotá* (cor verde escura). Em preto, a área ocupada por Bogotá. No setor leste da Savana (*Cerros Orientales*) destaca-se a constelação de Lagoas Sagradas: 1. *Ubaque*; 2. *El Verjón (Teusacá)*; 3. *Siecha*; 4. *Guasca*; e 5. *Guatavita*. A lagoa de *Iguaque* (6), gênese da vida *Muisca*, está localizada na área central do altiplano. [Plano 1 elaborado pelo autor, baseado em Plano de Botiva Contreras].

Os cinco lugares sagrados onde os *Muisca*s consagravam-se a suas divindades aquáticas são: as lagoas de *Guatavita*, *Guasca*, *Siecha*, *Teusacá* e *Ubaque*⁷⁸. Segundo a mitologia *Muisca*, a criação dos homens estava associada à lagoa de Iguaque. Foi ali onde tinha saído à madre *Bachué* com um menino que, quando adulto, teve com ela centenas de filhos, que povoaram o mundo⁷⁹.

Entre os *Muisca*s, a água não teve somente um valor como recurso indispensável para a agricultura e como deidade vinculada a diversos rituais, mas como elemento com propriedades terapêuticas. As noções *Muisca*s sobre a água como elemento sagrado, e como líquido com propriedades terapêuticas⁸⁰, perderam importância com a chegada dos

vassallos de *Ramiriquí*, a começavam desde a lagoa grande de *Guatavita*". SIMÓN, Pedro apud Triana (EAAB, 2003, tomo I, p. 41)

⁷⁷ Situada a 75 km de Bogotá, numa altitude de 2.688 manm, faz parte do grupo de lagoas *sagradas* "Algumas pequenas lagoas regadas na mesa recordam a existência do antigo mar. Tais são as de *Guatavita* e *Guasca* ou *Siecha*, rodeadas de *derrumbes* quase desprovidos de vegetação. Estas foram antes águas sagradas, e os *Caciques* e os *sacerdotes*, seguidos pela multidão dos adoradores, a passeio nelas em balsas, para honrar os gênios e lhes oferecer presentes." (RECLUS, 1958, passim).

⁷⁸ RESTREPO, Vicente. *Los Chibchas antes de la conquista Española*. Bogotá: Imprenta La Luz, 1895. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 38.

⁷⁹ LONDOÑO, 2008.

⁸⁰ EAAB, 2003, tomo I, p. 52.

espanhóis, que tinham uma relação com a água determinada em boa parte por uma visão utilitária, como poderá ser observado posteriormente.

Sob as características antes descritas e os padrões culturais dos *Muiscas* com relação à água – quando chegaram os espanhóis – a Savana ainda era uma área pantanosa; além dos corredores de vegetação que acompanhavam os leitos dos rios, desenvolviam-se manchas de um bosque leve⁸¹ e manchas de água conformadas por pântanos e extensos lagos, que modificavam seu tamanho segundo a época do ano e período de chuvas: março-abril-maio e setembro-outubro-novembro, e períodos secos: dezembro-janeiro-fevereiro e junho-julho-agosto, e estavam geralmente cobertos por uma abundante vegetação nativa⁸².

A estes corredores e manchas de água e vegetação somavam-se manchas e superfícies, produto da antropização da paisagem⁸³, constituídas pelas confederações de *Sugamuxi*, *Hunza*, e *Bacata* (Bogotá), essa última confederação que possivelmente contaria com aldeias como *Suba*, *Tuna*, *Tibabuyes*, *Usaquén*, *Teusaquillo*, *Cota*, *Engativá*, *Bacata* (*Funza*), *Fontibón*, *Techo*, *Bosa* e *Soacha*⁸⁴, com *Bohíos*⁸⁵ e *Camellones*⁸⁶, de campos de cultivo, e uma população aproximada de 500 mil habitantes⁸⁷. Os corredores de água partiam da mancha verde que ocupava os morros circundantes, onde se desenvolvia um bosque andino, denso, alto vigoroso e concluíam no grande corredor do *R. Bogotá*, que percorria de norte a sul pela linha média da Savana de Bogotá. (Figura 14).

Como foi dito na seção anterior, a Savana de Bogotá tem 15 bacias que drenam seu território; sobre o extremo sudeste da Savana, na porção que ocupa atualmente a cidade de Bogotá, distinguem-se quatro bacias, (Figura 15). A primeira, localizada na zona norte, que corresponde a *Torca*, onde estão os riachos de *Bárbara* o *Trujillo*, *Delicias del Carmen*, *El Cóndor*, *El Cedro*, *San Cristobal*, *La Cita*, *La Floresta* e *Torca*. A segunda, correspondente ao *Salitre*, onde nascem os riachos do *Arzobispo*, *Las Delicias*, *La Vieja*, *Los Rosales*, *Los*

⁸¹ “A Savana mesma era um lago, depois um pântano e não tem sido capaz de sustentar um bosque desenvolvido alto e vigoroso”. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸² Vegetação de: *Sauces*, (*Sambucus nigra* L) *Cortaderas*, (*Gynerium sagittatum*), *Plegadera* (*Lachemilla aphanoides*), *retama*, (*Citissus* Sp) *Espadilla* (*Gladiolus*), *Juncos* (*Schenoplectus Californicus*), *Buchón de agua* (*Eichhornia crassipes*), *Totorá* (*Typha latifolia*), *Cebolleta de pantano* (*Allium neopolitanum*), *Poleo* (*Satureia brownei* Sw) e *Cola de caballo* (*Equisetum bogotense* Kunth).

⁸³ Segundo Ghul, o espaço disponível para assentamentos humanos permanentes teve que ser limitado. “Ainda que os espanhóis (Jenny 1948) encontraram a Savana de Bogotá carente de árvores, há razões fundadas para acreditar que a vegetação de prados é antropogénica e não devida a fatores ecológicos e que a vegetação primitiva e original foi predominantemente *boscosa*”⁸³. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸⁴ Aldeias em sua maioria localizadas sobre a superfície que hoje ocupa Bogotá, e seus municípios anexos como *Soacha*, *Funza*, *Cota* e *Chía*; com os que se dão atualmente fenômenos de conurbação.

⁸⁵ *Bohío*: *Cabana de madeira coberta de canas, ramas ou palha*. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁸⁶ “O vocábulo ‘*camellón*’ deriva de ‘*camello*’, que significa lombo de terra que fica entre sulco e sulco do arado.” (CARRASQUILLA, 1989, p. 206)

⁸⁷ RECHEL-DOLMATOFF, 1984, p 97.

Molinos, La Carrera (R. Negro), Usaquén (Q. La Perdida). A terceira, *Fucha*, correspondente à parte sul dos *Cerros Orientales*, desde o páramo da *Cruz Verde* até *Monserate*, área na qual, entre outros, nascem os rios *San Cristóbal* e *San Francisco*, que recebe os afluentes de riachos como o de *San Bruno, La Cabaña, La Osa, Plazuela, Laureles, San Blas* e *Ramajal* e o *R. San Agustín*, que nasce no morro de *Guadalupe*. A quarta, correspondente a *Tunjuelo*, cuja nascente está na lagoa dos *Tunjos*. Duas bacias unem-se aos anteriores: o sistema conformado pelo *H. La Conejera* situado ao noroeste da cidade, que corresponde à vazão proveniente do *Cerro de Suba*; e o sistema correspondente ao vale do *R. Teusacá* cuja nascente está no *Páramo del Verjón* e dirige-se ao nordeste para o Vale de *Sopó*⁸⁸.

Vegetação potencial da bacia alta do <i>R. Bogotá</i> (Savana de Bogotá)	
<i>Páramo</i>	Limite <i>Bosque Andino</i> e de <i>páramo</i> , Zona Baixa de <i>páramo</i> , <i>Paramerización</i>
<i>Bosque Andino</i> alto	<i>Bosque encenillo</i> (<i>Weinmannia tomentosa</i>).
<i>Bosque Andino</i> baixo	<i>Bosque Corono</i> (<i>xylosma spiculiferum</i>), <i>Espino</i> (<i>Duranta mutisii</i>) e <i>Raque</i> (<i>Vallea stipularis</i>), <i>Bosque</i> da Planície de <i>Palo Blanco</i> (<i>Rosedendrom donell smithii</i>), <i>Raque</i> e <i>Arrayán</i> (<i>Myrcianthes leucoxylla</i>), <i>Bosque</i> de <i>Mano de Oso</i> (<i>Oreopanax floribundum</i>) e <i>Gomo</i> (<i>Cordia</i>), <i>Bosque Roble</i> (<i>Tabebuia rósea</i>).
Vegetação Zonas secas	Moita <i>Tuna</i> (<i>Opuntia ficus</i>) e <i>Hayuelo</i> (<i>Dodonea viscosa</i> , Moita ou <i>Bosque</i> baixo de <i>Espino</i> e <i>Condalia</i> .
<i>Bosque</i> Z. Inundáveis	<i>Bosque</i> Inundável de <i>Aliso</i> (<i>Alnus glutinosa</i>), Moita Inundável de <i>Laurel</i> <i>Laurus nobilis</i>
Vegetação Z. Úmidas	Comunidades de <i>Juncos</i> , <i>Enea</i> etc. Comunidades flutuantes de <i>Buchón</i> (<i>Eichhornia crassipes</i>), Comunidades de vegetação submersas.

Figura 14 – Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.

A mancha verde dos *Cerros Orientales* estava constituída por vegetação de *Paramo*, *Bosque Andino* Alto e Baixo. Os corredores verdes eram constituídos por vegetação de zonas secas, bosques inundáveis e vegetação de zonas úmidas. Infelizmente restaram apenas pequenos redutos da vegetação original. O presente quadro complementa-se com a figura 3.

⁸⁸ A identificação das bacias tem sido realizada a partir dos documentos: “*Cerros de Bogotá*” VILLEGAS Ed. p. 99, e anotações obtidas de cartografia por parte do autor do presente trabalho.

Figura 15 – Bacias hidrográficas de Bogotá.

A cidade tem quatro bacias principais (P-1): 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha e 4. Tunjuelito. Dentro da bacia do Fucha (P-2) situa-se a sub-bacia do R. San Francisco (cor verde escura) 1. R. San Francisco, 2. R. Fucha. Sobre a bacia do R. San Francisco localiza-se a zona histórica da cidade e o Parque Terceiro Milênio-PTM (P-3): 1. Q. San Diego, 2. R. San Francisco, 3. R. San Agustín, 4. R. San Cristóbal. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

Os novos ocupantes da Savana. Fundação e colônia.

Jiménez de Quesada fundou em 1.538 a cidade de *Santafé de Bogotá*, junto aos *Cerros Orientales* e do lado do riacho de *San Bruno* – afluente do R. San Francisco – na área de *Teusaquillo*, lugar de lazer dos *Zipas*⁸⁹, fornecida com abundante água, lenha e terras férteis, conforme as prescrições de fundação de povoados⁹⁰. Os *Cerros Orientales* foram aproveitados como barreira natural de proteção frente aos ventos predominantes, como ponto de vigilância para se prevenir frente aos possíveis ataques dos inimigos⁹¹ e como fonte de extração de madeiras, material indispensável para a construção das edificações e a produção de energia calórica.

⁸⁹ O soberano mais importante foi o *Zipa*, que morava em *Bacatá* (*Funza*); era venerado por seus súditos, possuía grandes riquezas, joias e usufruía de casas de recreio sendo a de *Teusaquillo* a mais importante. (IRIARTE, 1988 p. 31)

⁹⁰ Estas orientações seriam recolhidas e formalizadas pela “*Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias...*”. Apesar de que as *Ordenanzas* de fundação de povoados de Felipe II foram expelidas em 1573, consideram-se também aplicáveis ao caso *bogotano*, pois apesar da diferença de 35 anos entre a fundação de Bogotá (1538) e a expedição das leis, seus lineamentos em matéria de traçado e aproveitamento dos recursos naturais vinham sendo aplicados nas fundações espanholas. (MILAGROS, 1985)

⁹¹ “O que maravilhou aos conquistadores do território *Muisca*, segundo as crônicas a respeito, foi a Savana, não os morros. De fato os primeiros acampamentos espanhóis se levantaram na Savana e somente foi sua preocupante vulnerabilidade o que os levou a trocar de lugar. Assim, a primeira valoração que os espanhóis deram aos *Cerros Orientales* deveu-se à possibilidade de aproveitar suas características topográficas para se proteger.” (VILLEGAS Ed, 2000, p. 125)

Enquanto o assentamento dos povoados indígenas estava localizado nas áreas próximas aos vales de inundação, onde podia ter um aproveitamento agrícola por meio de sistemas de drenagem e camellones, na fundação espanhola escolheu-se um lugar no qual houvesse proximidade aos corpos de água, mas distante das zonas de inundação. O traçado da cidade teve como suporte uma estrutura em xadrez (quadrícula de 100x100 *jardas*⁹²) na qual o espaço central correspondia à Praça Maior, ao redor desta construíam-se as edificações do poder religioso, político e econômico⁹³. O novo assentamento estava localizado entre os rios *San Francisco* e *San Agustín*, que tinham a função de delimitar naturalmente e também de dar água à população recém-assentada.

Como foi mencionado anteriormente, para os espanhóis, os rios tiveram um valor meramente utilitário. As ordenanças de fundação de populações prescreviam o seguinte em relação à proximidade da cidade com os corpos de água: “Procurem ter água por perto, e que possa ser levada ao povo e *heredades*⁹⁴, derivando-a, se for possível, para melhor aproveitamento da mesma”⁹⁵. (Figura 16).

Conforme as ordenanças, as partes altas dos rios foram aproveitadas para a movimentação de moinhos e os primeiros precários aquedutos da cidade: no fim do século XVII, a cidade contava com a água da pila da Praça Maior, que recebia água dos rios *San Agustín* e *Fucha*, “o chafariz de *San Agustín* derivado da *Q. La Peña*, o chafariz de *San Juanito*, alimentado pelo *R. Arzobispo* e também era abastecido por este mesmo rio o chafariz de *Las Nieves*”⁹⁶. Nesta metade do século XVIII, construiu-se o aqueduto que recebeu o nome de Água Nova⁹⁷, que tomou suas águas da sub-bacia alta do *R. San Francisco*.

Nas partes baixas, apesar de acordos da Real Audiência⁹⁸ para evitar o deterioramento da água⁹⁹, os rios foram convertidos em cloacas, depósito de lixo e fezes.

⁹² *Jarda*, medida *anglosajona* equivalente a 0.9 metros. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁹³ “A Praça tem tido na história de Ocidente um claro valor comunitário: tem sido, e ainda é em muitos casos, o lugar para o encontro da comunidade ou de alguns setores especializados dela. [...] A praça é um âmbito público, geralmente descoberto, expressão da escala urbana [...]”. A praça é a herança que deixou na América o traçado da cidade romana: o plano da cidade baseia-se no cruzamento ortogonal de dois eixos: o *Cardo* e o *Decumanu*, em cujo cruzamento define-se um ponto central da cidade. A partir de sua disposição define-se o restante da traça que contém um sistema de espaços públicos, onde os foros conformavam um sistema em que se incorporavam numerosas praças e espaços abertos com prédios monumentais. Em ditos espaços abertos desenvolvia-se a vida pública do cidadão em todas as suas manifestações. (PERGOLIS, 2002, p. 14 e 26)

⁹⁴ *Heredades. Carrasquilla*.

⁹⁵ Livro IV, Título VII, lei primeira. Recompilação de leis dos *Reynos das Índias*. Boix Editor. Madrid, 1841, p. 102. A primeira recompilação das leis foi publicada em 1680. (EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60)

⁹⁶ EAAB, 2003, tomo I, p. 89.

⁹⁷ O aqueduto dos *Laureles* passou a ser chamado de Água Velha.

⁹⁸ A Real Audiência de *Santafé* de Bogotá foi inaugurada no dia 7 de abril de 1550 para concentrar o poder de governar o território e a administração da justiça real no âmbito de sua jurisdição, e substituiu a autoridade do governador pela de um corpo colegiado composto por seus magistrados. A Audiência governou como tal até 1563. (MAYORGA, 2002)

Com o crescimento da cidade, as edificações foram se ajustando e se acomodando ao formato do percurso do rio, sem uma solução diferente à de oferecer a este suas empenas cegas, ficando somente um talude em deficientes condições de higiene como espaço de transição entre a edificação e o leito ou fluxo da água do rio. Por outro lado, as terras próximas aos pântanos e às zonas úmidas não foram ocupadas pelos espanhóis devido ao fato de que, em período de chuvas, inundariam a cidade e também eram consideradas foco de animais venenosos. Sobre este último aspecto, as prescrições de fundação de povoados estipulavam: “Ordenamos que o terreno e cercanias [...] não tenham por perto lagoas nem pântanos onde se criem animais venenosos”¹⁰⁰.

Figura 16 – Relação da cidade com seus corpos de água. Colômbia.

No final do Século XVIII a cidade tinha superado a barreira natural de seus corpos de água (rios *San Francisco* e *San Agustín*) (P-1). Os corpos de água sofrem a ocupação de suas rondas (Imagem 1) e a diminuição do volume de água, produto do alto desmatamento dos *Cerros Orientales* (Imagem 2). Plano 1: “Vista da parte ocidental da cidade de *Santafé*”, de Joseph Aparicio Morata, 1772. Imagem 1: Óleo “Vista do R. *San Francisco*”, de Luis Núñez Borda, 1910. Imagem 2: Pintura “Savana de Bogotá”, de Roberto Pizarro, 1915.

Os espanhóis tinham a mesma percepção negativa sobre os bosques que ocupavam os morros, considerando-os uma fonte de pestilência e doenças¹⁰¹. Este bosque foi desaparecendo progressivamente devido à extração da vegetação, pois a lenha desta

⁹⁹ A primeira norma de proteção dos corpos de água em Bogotá foi o Acordo 8 de março de 1557 no qual se ordenava, entre outras coisas, que “em dito rio [*San Francisco*] não lavem, nem joguem, nem deixem jogar nenhum tipo de imundícias, antes o proibam e mandem as penas que acharem melhor [...]”. (EAAB, 2003, tomo I, p. 65)

¹⁰⁰ Livro IV, Título VII, lei primeira. “*Recopilación de Leyes de los Reynos de las Indias*”. Madrid: Boix Editor, 1841, p. 102. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60.

¹⁰¹ “Juan de Castellanos, em 1520, considerou que o bosque nativo era um criadouro de pestilências e encarregou várias quadrilhas de destruí-lo; em 1575, o governo espanhol empreendeu uma perseguição contra os *Nogales* (*juglandaceae Juglans*), por ser a árvore que os indígenas adoravam”. (MOLINA, 1997, passim)

vegetação era um material indispensável para a construção e a produção de energia calórica. Em meados do século XVI estabeleceu-se um serviço obrigatório de *Mita de Leña*¹⁰², que foi posteriormente abolido e trocado pelo serviço de *leñateros* independentes.

Os padrões culturais de relação utilitária entre os novos povoadores com os corpos de água e o recurso florestal determinaram de maneira significativa as características particulares da paisagem durante os três séculos seguintes.

No fim do século XVIII, embora na paisagem fossem predominantes as manchas da vegetação dos depredados *Cerros Orientales*, os corpos de água e os corredores conformados pelas quatro bacias. As duas várzeas dos rios *San Francisco* e *San Agustín* encontravam-se já flanqueadas por uma mancha urbana medianamente homogênea e compacta¹⁰³ que somente estava interrompida pelo percurso destes rios, expandindo-se e diluindo-se na Savana de Bogotá. A *Q. San Deigo* ou *Burburata* ao norte, e a *Q. San Juanito* ao sul atuaram como novos limites naturais. Além dessa mancha na cidade, que se diluía com seus hortos sobre a Savana, localizavam-se as áreas de caráter rural, primeiro os *Ejidos* e *Dehesas*¹⁰⁴, depois os povos de índios¹⁰⁵ de *Suba*, *Usaquén*, *Tunjuelo*, *Fontibón*, *Soacha*, os quais estavam sob o domínio da Coroa Espanhola.

Na paisagem do fim do século XVIII, sobre a Savana de Bogotá evidenciavam-se alguns corredores de mobilidade sobre o território. Estes melhoraram com a construção de *camellones* destinados a facilitar o transporte de pessoas e mercadorias de e para as cidades e povoados do Novo Reino. Sua execução teve como finalidade mitigar¹⁰⁶ o efeito das inundações durante os períodos de chuva: ao norte, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usaquén-Zipaquirá-Tunja*, que posteriormente complementou-se com o *Camellón del Norte* (hoje, Autopista Norte), traçado com cinco varas de largura (4 m) e em linha reta de *San*

¹⁰² Serviço obrigatório exigido às comunidades indígenas, para aportar à cidade, uma cota determinada em cargas de lenha. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 139-140)

¹⁰³ É importante esclarecer dois fatores que faziam que esta mancha não fosse em termos absolutos compacta e homogênea: Por um lado, a tipologia das moradias coloniais corresponde à de casa de pátio, a qual continha no seu interior pequenos hortos ou jardins de caráter doméstico, e por outro lado, ademais havia numerosos hortos que aumentavam sua frequência, conforme a cidade diluía-se na Savana.

¹⁰⁴ O *Ejido* e a *Dehesa*, “[...] campos sem cultivar adjacentes com os lotes da cidade, utilizados para recreação dos vizinhos e como terra de gramados [...]”. (AGUILERA, 1977, p. 37)

Em sua sessão de 12 de janeiro de 1571, o *cabildo* estipulou os limites para a *dehesa* e o *ejido* de Bogotá. (CARRASQUILLA, 1989, p. 21)

¹⁰⁵ O processo de colonização marcou como estratégia para a ocupação e controle do território a fundação de “povoados de brancos” (espanhóis) e “povoados de índios”. A ordenança 36 das leis *de índias* diz: “E que sejam povoados de índios e naturais a quem se possa pregar o evangelho, pois este é o principal fim para que mandassem fazer os novos descobrimentos e povoados”. (GUZMAN, 1987, p. 24)

¹⁰⁶ Apesar dos esforços técnicos, nos períodos de inverno, o *Camellón* do Norte e o *Camellón* de Ocidente convertiam-se em lodaçais durante o período de chuvas.

Diego (Bogotá) até a Ponte do *Común*¹⁰⁷ (*Chía*); no oeste, consolidou-se o caminho *Bogotá-Fontibón-Honda*¹⁰⁸ (hoje, *Av. Jiménez* ou *Calle 13*); no sul, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usme- Llanos Orientales* (hoje, *Av. Caracas*); no noroeste, os caminhos *Bogotá-Suba* e *Bogotá-Engativá*; finalmente, no sudoeste, o caminho *Bogotá-Soacha – Fusagasugá* (hoje, Autopista Sul).

O *Camellón* do Norte tornou-se a primeira obra de infraestrutura que alterou o sistema hídrico da cidade ao subdividir uma zona úmida e impedir a continuidade dos corpos de água que desciam dos morros. Para sua construção – parcialmente concluída em 1807 – foi necessário elevar o terreno para encher os sulcos deixados pelos corpos de água que atravessavam o caminho¹⁰⁹. Em um plano de 1805, evidencia-se o traçado do *Camellón* do Norte, atravessando sobre 15 corpos de água que compreendiam vários rios, riachos e as zonas úmidas de *Torca* e *Guaymaral*¹¹⁰.

2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural

Os rios são poluídos. Cidade nuclear. Independência e república.

O início do século XIX marcou o fim da colônia; em 1810 deu-se a independência do país, que foi confirmada em 1819. Este fato não marcou nenhuma transformação no que se refere ao tema central deste documento, enquanto a mancha urbana continuou crescendo com a mesma inércia da colônia e a atitude frente ao entorno natural manteve as mesmas práticas negativas que tanto dano causaram ao ecossistema original. (Figura 17).

Como mencionado anteriormente, durante os séculos XVI ao XVIII, executaram-se obras para a construção de caminhos e *camellones*, entre os quais se destacou o *Camellón* do Norte; porém, devido ao fato de que os *camellones* foram construídos sobre áreas de inundação, os povoadores espanhóis e seus descendentes *criollos*¹¹¹ foram obrigados a

¹⁰⁷ Esta foi a única obra de infraestrutura de transporte herdada do período colonial. Atualmente seu traçado corresponde ao da *Carrera 13* e *Autopista Norte*.

¹⁰⁸ Este caminho foi adequado como *camellón* durante o século XVI, cuja construção foi motivada por enchentes do *R. Bogotá*. “Estava o rio tão crescido por esses dias que chegava até *Techo*, junto ao que tem *Juana de Aranda* por estância. Era tão grande a enchente que não havia caminho livre por onde passar, e para ir desta cidade (*Santafé de Bogotá*) a *Techo*, havia tanta água e tantos pântanos [...]”. Era necessário atravessar para o ocidente com ajuda de balsas. (FREILE, 1926, p. 114)

¹⁰⁹ CARRASQUILLA, 1989, p. 206.

¹¹⁰ “Plano em que se manifesta o caminho que passa por *Usaquén* e novamente projetado em *Derechura* (linha reta)”. Arquivo General da Nação. Bogotá: 1805.

¹¹¹ “*Criollo* (do português *crioulo*, e este de criar) é um termo que historicamente foi utilizado no passado colonial sob a metrópole espanhola para designar ao habitante nascido na América de descendência exclusivamente de padres espanhóis ou de origem espanhola. Em meados do século XVIII controlavam boa parte do comércio e da propriedade agrária, pelo que tinham um grande poder econômico e uma grande consideração social, mas estavam deslocados dos principais cargos políticos

enfrentar as impetuosas águas dos rios que inevitavelmente reclamavam seu vale original de inundação durante os períodos de chuvas. Era assim que o *Camellón* do Norte inundava-se nas épocas de inverno, razão pela qual durante a segunda década do século XIX, ele tinha sido abandonado pelas *recuas*¹¹² e os ginetes¹¹³. Por outro lado, as enchentes dos rios produziam grandes estragos, entre os quais se incluíam a morte de alguns animais domésticos, a destruição ou danos ocasionados nas pontes e a inundação das ruas e edificações da cidade¹¹⁴. Vale a pena salientar neste ponto que, para a condução das águas de chuva, criou-se na cidade, em 1890, o Ramo das Águas Sujas e dispuseram-se alguns mandatos com relação ao controle das águas de chuva¹¹⁵.

Figura 17 – Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.

Para a época da Independência (1810), a cidade contava com 21.000 habitantes e ocupava uma área de 241 ha (Densidade 87.1 hab./ha). Seu crescimento era lento e compacto (P-1). A cidade mantém como eixos principais os caminhos coloniais (P-2) 1. Do sal - Tunja, 2. “*Camellón* do Norte”, 3. Suba, 4. Engativá, 5. Fontibón, 6. Soacha, 7. Usme. Destes três destacam-se: o caminho a Tunja, *Calle Real* (1) chegando à Praça Maior e duas alamedas que têm como ponto de convergência a Praça de San Victorino. A alameda velha, “*Camellón* do Norte” (2) e a alameda nova, caminho a Fontibon, (3) plano (P-3). Plano 1: Carlos Francisco Cabrer, 1797. Plano 3: Julio C. Vergara e Vergara, 1921. [Plano 2 feito pelo autor].

a favor dos nascidos na Espanha. Qualificava-se também de *criollo* o indivíduo nascido de *criollos*”. Disponível em: <www.wikipedia.com>. Último acesso em: 17 mar. 2009.

¹¹² Recua, “*Grupo de cabalaria ou gado que vão juntos*”. (EL PEQUEÑO..., 2001)

¹¹³ O Pacificador, Pablo Morillo deixou constância do estado do caminho em 1816-17 “O lodoso do terreno não tem permitido acabar esta obra que está traçada sobre o terreno”. (MARTÍNEZ, 1976, p. 150)

¹¹⁴ Em abril de 1710, o rio *San Agustín* teve uma enchente como produto de uma forte granizada, que inundou as ruas e as edificações e estragou duas pontes (p 92). Em outubro de 1814, uma avenida do rio *San Agustín* inundou várias edificações, destruiu a ponte de Lesmes localizado na XX, com XX e produziu outros estragos (p 127). Em 1870, o rio *San Agustín* teve uma grande enchente que levantou pedras sobre as pontes que o atravessavam (p. 179). Em 1872, produziu-se uma gigantesca enchente de todos os rios que sulcavam a cidade, todas as pontes da cidade foram arrasadas, à exceção da ponte do San Francisco e de San Victorino, e a ocasião serviu para que os cadáveres dos réus, na Colônia, se jogassem em suas águas, já que se consideravam indignos de sepultura eclesiástica. (EAAB, 2003, tomo I, p. 181)

¹¹⁵ *Concejo* (Câmara) Municipal. Acordo 18 e 21 de 1890. (EAAB, 2003, tomo I, p. 245)

Com relação à mancha de vegetação sobre os *Cerros Orientales*, é preciso dizer que, em meados do século XIX, tinha diminuído significativamente a tal ponto que o nível da água dos rios que enchiam os aquedutos da cidade estava notavelmente reduzido. (Figura18). De fato, um artigo da Gazeta Médica de 1865 indicava:

Bogotá se ressentia já pela escassez de águas vivas¹¹⁶ que vêm da cordilheira a formar o que chamamos os rios *San Francisco*, *Manzanares* (*San Agustín*) e *Fucha*, cujos leitos dão a conhecer a quantidade de água que corria neles em outros tempos, e que hoje em dia tem sido reduzida a uma porção insignificante e insuficiente para arrastar os imensos depósitos de infecção coletados em suas margens [...] Esta diminuição da quantidade de água dos córregos e dos rios se relaciona com os desmatamentos praticados para fornecer lenha e carvão, único combustível que se consome entre nós.¹¹⁷

Figura 18 – Cerros Orientales. Desmatamento.

Depois da independência a cidade manteve os mesmos vícios herdados da colônia. Continua com a invasão das rondas dos rios e o secado de suas águas (Foto1). Os morros estavam desmatados e as águas negras eram transportadas por pequenos canais a céu aberto situados na parte central das ruas, como se observa no *Daguerrotipo “La Calle del Observatorio”*, do Barón Jean Baptiste, 1842 (Foto 2) e na foto da “*Calle de San Carlos*” atribuída a Demetrio Paredes, 1985 (Foto 3).

Assim, ao comparar a paisagem de finais do século XVIII com a paisagem de finais do século XIX apresentam-se poucas diferenças no que diz respeito à relação da cidade com o sistema hídrico superficial. Porém, vale a pena salientar algumas diferenças: por um lado a

¹¹⁶ Abundante água que flui de forma natural.

¹¹⁷ ZERDÁ, L. apud EAAB, 2003, tomo I, p. 167.

homogeneização das superfícies relacionadas com as sub-bacias dos riachos de *San Diego* e *San Juanito*, os quais no plano da cidade de 1885¹¹⁸ aparecem praticamente cobertas pela mancha da cidade (especialmente a *Q. San Diego*), a superação dos limites da cidade para o oeste, superando o limite gerado pela confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín* e o surgimento de uma incipiente mancha urbana no setor de *Chapinero*, e seu corredor viário que determinaram o posterior crescimento de Bogotá ao norte.

À diminuição da cobertura vegetal sobre os *Cerros Orientales*, a ocupação da cidade sobre os corpos hídricos e a construção de caminhos e *camellones* somaram-se um par de elementos associados às manchas e corredores vegetais, que modificaram a paisagem no final do século XIX, a plantação de Eucaliptos e a transformação de praças como parques urbanos; os primeiros associados aos limites das propriedades e os segundos associados a um projeto político da República.

Os corpos de água murcham-se. Cidade bipolar. Meados do século XIX.

Mesmo que não tenha se estabelecido com precisão a chegada das primeiras sementes de Eucalipto à cidade, alguns registros mencionam que em 1893 plantaram-se os primeiros Eucaliptos no povoado vizinho de *Soacha*¹¹⁹. Três opções de semear foram utilizadas para a localização dos Eucaliptos nas fazendas: a primeira, conformando os limites das propriedades; a segunda, conformando portões e caminhos de acesso às fazendas simulando alamedas; a terceira, como manchas de bosques de árvores destinados à indústria madeireira. A plantação de Eucalipto marcou o início de uma significativa modificação da paisagem da cidade e a Savana de Bogotá, além de secar os solos sobre os quais foram colocados.

Com relação ao segundo elemento, a partir da segunda metade do século XIX se inicia o processo de transformação das praças coloniais por “Parques-jardim”¹²⁰: (Figura 19), nestes parques semearam-se jardins divididos por caminhos em uma rigorosa distribuição geométrica, cujo centro tinha por remate uma escultura ou elemento emblemático e seus limites configuravam-se a partir de um gradil de ferro. Essa transformação evidenciava uma intenção política do governo de finais do século XIX, que consistia em reforçar o sentido

¹¹⁸ Anônimo. Plano de Bogotá feito em 1885. In: MEJÍA, Germán et al. **Histórico de Bogotá 1791-2007**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá: 2007, p. 38.

¹¹⁹ “Segundo Pérez Arbeláez em 1893, Don Pepe Urdaneta plantou o primeiro Eucalipto da Savana de Bogotá no seu sítio em Soacha; outras fontes (Ernesto Guhl) dizem que o Eucalipto foi importado de Nova York pelo presidente Murillo Toro e plantado pelos habitantes da Savana em seus sítios e nos *Cerros Orientales*. Seja como for, esta não foi uma boa ideia, porque uma variedade de Eucalipto (*Eucaliptus Globulus*) resseca o solo em que habita, e parece ser uma das causas da desertificação paulatina que sofre a Savana”. MOLINA, L.F., op.cit., 1995.

¹²⁰ O projeto “Obras de Ornato para a Praça de Bolívar”, elaborado por Jorge Brunch em 1862, é testemunha desta nova visão sobre os espaços públicos da Bogotá de meados do século XIX. (LEÓN, 2008).

patriótico e o respeito pelas instituições, por meio do qual “os novos parques foram convertidos em instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis”¹²¹.

Figura 19 – As praças tornam-se parques.

As praças coloniais de Bogotá sofreram uma transformação significativa no final do século XIX e começo do século XX, época na qual se incorpora o conceito de parque urbano. A Praça Maior (Praça de *Bolívar*) era um espaço com solo duro e sem árvores (Imagem 1). Em 1861 suprimiu-se o mercado semanal e constrói-se um parque com árvores e zonas verdes (Foto 2). Em 1883 são agregadas quatro fontes (Foto 3). Em 1959 recupera-se sua aparência original, projeto do arquiteto Fernando Martínez Sanabria (Foto 4). Imagem 1. Aquarela Edward Mark (Detalhe), 1846. Foto 2: 1916. Foto 3: Luis Trejos, 1916. [Desenhos e Foto 4 do autor].

As terras pertencentes às fazendas de *El Salitre*, *La Chamicera*, *Chapinero*, e *La Merced* durante o século XIX, as quais estavam destinadas principalmente aos usos de lazer, pecuário e agrícola, com cultivos de “*pan coger*”¹²², contribuíram para que boa parte da savana se mantivesse como uma extensa superfície verde com áreas de pântanos e “*cercas vivas*”¹²³, sem a penetração da mancha urbana. Esta situação pode ser atribuída ao fato de que a propriedade da terra estava concentrada em poucas mãos que as mantinham congeladas¹²⁴.

A exceção a esta condição foi marcada pela vila de *Chapinero*, localizado a 5.8 km de Bogotá, mancha que começou com um incipiente processo de ocupação urbana para a segunda metade do século XIX, devido principalmente à construção de uma capela católica (1875) que atraía peregrinos de Bogotá e à localização de 30 a 40 casas e Vilas de

¹²¹ Estas intenções estiveram enquadradas num projeto político que passou à história do país como o da *Regeneración*. “A *regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do *Estado Nacional*. Ideologicamente ela deu início para que os princípios do *conservatismo* (partido político de direita) fossem impostos desde o poder do estado” (MEJÍA, 1999. p. 208).

¹²² Cultivos em pequena escala, que têm como objetivo suprir o sustento diário de seus cultivadores.

¹²³ Corresponde ao plantio de árvores utilizadas para delimitar as propriedades.

¹²⁴ Carrasquilla (1989) indicou que pelo menos 2.900 *fanegadas* (quadrado de 80 m. de lado, 6.400 m²) de terreno da zona do nordeste (da superfície que hoje ocupa Bogotá) estavam congeladas para efeitos de urbanização.

Recreio¹²⁵, assim como de numerosas habitações *pajizas*¹²⁶. (Figura 20). Uma guia de Bogotá descreveu o assentamento de *Chapinero* como lugar de lazer assim: “A pureza do ar e das águas, a beleza de seus campos, a cercania à cidade e a facilidade dos banhos atraem durante o ano as famílias de todas as classes sociais”¹²⁷.

O crescimento de *Chapinero* foi estimulado pela construção da linha do bonde de mulas em 1885 e posteriormente o bonde elétrico em 1910, que facilitou a comunicação com o centro de Bogotá, além da subdivisão por sucessão dos prédios que faziam parte da fazenda de *Chapinero*, durante a primeira metade do século XX.

Quanto à relação entre os corpos de água e a vila de *Chapinero*, o novo assentamento requeria o abastecimento de fontes de água, o que implicou a construção de um novo aqueduto¹²⁸. No aspecto paisagístico, o crescimento da mancha urbana durante os primeiros anos do século XX gerou processos semelhantes aos que teve Bogotá com relação aos percursos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Figura 20 – Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.

Em 1894 a cidade contava com 95.000 habitantes. Nesta época mantinha a mesma inércia de crescimento herdada da colônia, a novidade mais importante foi o surgimento da aldeia de *Chapinero*, ao norte da cidade sobre o caminho a *Tunja*, que posteriormente tornaria-se o bairro de recreio preferido pelas elites *bogotanas*, (P-2). Assentamento que foi favorecido pela construção do bonde em 1884 (Foto 1), a construção da igreja católica (*Lourdes*) em 1890 e das Vilas de recreio (Foto 2). Plano 1: W. A. e J. M., 1908. Plano 2: (detalhe) da *Oficina de Longitudes*, 1913.

¹²⁵ *Vila de Recreio*.

¹²⁶ Moradia precária construída com materiais vegetais.

¹²⁷ “*Almanaque y guía ilustrada*”. 1881. (MARTÍNEZ, 1976, p. 151)

¹²⁸ Uma reforma do *Ramo de las Águas* de 1886 declarou como propriedade do distrito de Bogotá os riachos de “*La Vieja*” e “*Chapinero*”. O contrato para a construção do aqueduto com canos de ferro para a cidade em 1886 contemplou a construção de redes para esta zona; em 1912 abriu-se um concurso para o esgoto de *Chapinero* e em 1913 incorporou-se a *Q. La Vieja* a este aqueduto.

Na década de 1860, os *Ejidos* da cidade ofereceram-se em um leilão como parte de uma ação política de *desamortización* de bens de mãos mortas, empreendidas pelo general Mosquera¹²⁹. Essa ação abriu o caminho a um processo de subdivisão, venda e sucessão de terras, que concluíram com a urbanização dos lotes correspondentes às antigas fazendas imediatas ao centro urbano. Dessa forma dava-se início a um lento, porém progressivo, processo de ocupação das várzeas dos rios e zonas úmidas da periferia da cidade.

O sistema hídrico, apesar dos corredores de mobilidade que começaram a marcar descontinuidades nos leitos dos rios e a relativa homogeneização de algumas superfícies das sub-bacias – devido à mancha urbana no fim do século XIX e começo do XX – é em parte a razão para que a porção restante da Savana de Bogotá, objeto deste estudo, mantivesse relativamente estável seu sistema hídrico. Porém, as infraestruturas correspondentes ao bonde de mulas, e posteriormente bonde elétrico, e a construção das linhas do Trem do Ocidente¹³⁰ (1889), Trem do Norte¹³¹ (1898) e o Trem do Sul (1903) contribuíram entre outros fatores¹³² para acelerar o processo de expansão da mancha urbana da cidade.

2.3 A cidade enterra seus corpos de água

Canalizam-se e enterram-se os principais rios. Cidade lineal. Início do século XX.

Nos primeiros anos do século XX, ainda quando a população urbana tinha crescido aproximadamente 5 vezes em comparação à população de 1800, a cidade mantinha seu processo de expansão dentro da estrutura herdada da colônia. Porém, devido a seus problemas de salubridade e de mobilidade, foram manifestados os primeiros esforços normativos para regular o desenvolvimento urbano da cidade¹³³.

¹²⁹ Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) foi um militar, político, reformador e diplomata colombiano, e que foi Presidente da Nova Granada (1845-1849) e dos Estados Unidos de Colombia (1861-1864 e 1866-1867). "Por meio do Decreto de *desamortización* de bens de mãos mortas, expropriou os bens que pertenciam a comunidades religiosas que não podiam ser colocados à venda. As comunidades que se opuseram a este decreto foram abolidas [...]. As terras expropriadas passaram às mãos do Estado, que as vendeu ao melhor comprador. Desse modo, a lei não favoreceu aos camponeses sem terras já que os bens expropriados foram adquiridos por ricos comerciantes e latifundiários. Disponível em: <<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>>. Último acesso em: 19 dez. 2008.

¹³⁰ Em 1908 o Trem da Savana (do oeste) conectou a cidade com o porto (fluvial) de Girardot sobre o rio Magdalena. (IRIARTE, 1988, p. 147)

¹³¹ Essas datas correspondem à conexão férrea de Bogotá com outros povoados da Savana: com Facativá em 1889, com Zipaquirá em 1898 e com Sibate em 1903.

¹³² Outro fator de influência neste processo deve ter sido a subdivisão, sucessão e venda das fazendas, assim como a venda da área correspondente aos antigos *Ejidos* da cidade.

¹³³ "A primeira delas foi o Acordo 10 de 1902, que regulamentou as construções, a abertura de ruas e a urbanização de terrenos. Seguiu-lhe o Acordo 6 de 1914, que regulamentou especificamente as urbanizações, ou seja, a adequação de

Em 1912, a “fronteira natural” ao oeste da cidade estava definida pelas zonas úmidas e pelas áreas de inundação da Savana. Essa foi uma das razões pelas quais a cidade manteve seu crescimento na parte baixa da encosta dos *Cerros Orientales* no sentido norte-sul. Nesta época, a mancha urbana tinha incorporado novos rios e riachos: ao norte, Q. *San Diego*, R. *Arzobispo*, Q. *Las Delicias* e Q. *La Vieja*; ao sul, a Q. *San Juanito* e Q. *La Calera*. (Figura 21). Os rios *San Francisco* e *San Agustín* apresentavam um alto grau de deterioramento e contaminação, e por esta razão, iniciaram-se as obras de canalização dos mesmos, aspecto que será tratado mais detalhadamente na seção 4.

Além das manchas verdes, fazendas e parques urbanos comemorativos de finais do século XIX, em 1910, por motivo da celebração do centenário da independência também se planejaram novos espaços verdes para a cidade, como a construção do Parque de *La Independencia*, localizado no leste do Parque do *Centenario*¹³⁴, que foi cenário de exibição de uma exposição cujo propósito era mostrar os novos avanços tecnológicos que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida em Bogotá e também fazer um chamado à industrialização da cidade.

Figura 21 – Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.

Em 1912 a cidade contava com 121.257 habitantes e ocupava uma área de 530 ha (densidade 228.7 hab./ha). Ao consolidar-se *Chapinero* como polo de crescimento, apareceram novos bairros no eixo de conexão com o centro, (P-1), esta configuração de “cidade lineal” afetou os corpos de água que desciam dos Morros. Destacam-se as manchas das zonas úmidas (P-2): 1. *Torca*, 2. *Guaymaral* 3. *La Conejera*, 4. *Juan Amarillo*, 5. *Jaboque*, 6. *Santa María del Lago* 7. *Capellania* 8. *La Vaca*, 9. *El burro* e 10. *Tibanica*, com suas áreas de inundação. As manchas e corredores verdes (P-3) mantêm-se na margem dos rios e zonas úmidas e na cidade como alamedas, os Morros mantêm seu alto nível de desmatamento. Plano 1: Gregorio Hernández, 1913. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

terrenos para a construção. O Acordo 15 de 1917 criou a Junta de Obras Públicas Municipais, encarregada de regular a aplicação das normas”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹³⁴ Para maior informação consultar MARTINEZ; DUENAS et al., 2006, p. 6-29.

Em 1923, a cidade contava com 143.994 habitantes¹³⁵, a mancha urbana homogênea e compacta tinha se estendido para o leste sobre a linha do bonde e da ferrovia, finalizando no setor de *Paiba*, nas imediações da Estação da Savana¹³⁶. A esta mancha somava-se outra no oeste da cidade e sobre o caminho a Fontibón (*Calle 13*) e a *Calle 10*, correspondente ao bairro obreiro *Ricaurte*, que limitava no costado sul com o *R. San Francisco*.

É preciso esclarecer que nesta época a cidade estabeleceu como “unidade” de crescimento o bairro – obreiro ou residencial – que mantinha o traçado em xadrez herdado da cidade colonial, com seu respectivo centro definido por um parque ou praça, elementos que conferiam identidade, e ao redor deste estabeleciam-se equipamentos religiosos, educativos, de saúde e assim por diante.

No sul do centro histórico, segundo um plano de 1932, aparecem novas manchas urbanas, correspondentes aos bairros, *San Javier*, *La María*, *San Cristóbal*, *20 de Julio* e *Sur América*. No sudoeste, atravessando a linha do bonde do leste, observava-se a adesão dos bairros populares, *Restrepo*, *Santander*, *Libertador*, *Bravo Pérez* e *Santa Lucía*. Ao norte, a mancha da cidade estendeu-se muito mais do que no sul, gerando uma configuração lineal, associada às linhas do bonde elétrico e o Trem do Norte, corredores aos quais se aderiram manchas urbanas entre as que se destacaram os bairros *Quesada*, *Sucre* e *Chapinero*. Sobre o corredor viário da *Calle 68* que se projetava para o noroeste da cidade, também se observavam assentamentos projetados, como o bairro *Colombia*, *Gutt*, *Las Granjas*, *La Paz*, *7 de Agosto* e *Uribe Uribe*.

Vale a pena esclarecer neste ponto que as manchas urbanas que apareceram nas primeiras décadas do século XX podem ser atribuídas ao crescimento populacional, os processos de subdivisão e venda das antigas fazendas e vilas de recreio – fator que estimulou os processos de urbanização empreendidos pela empresa privada, que ofertava cômodas moradias para as elites no norte da cidade – à promoção de projetos de residências para obreiros, em primeira instância orientadas pelas organizações de beneficência¹³⁷ e posteriormente como parte das políticas da administração estatal e da cidade¹³⁸, e finalmente às possibilidades que ofereciam os sistemas de transporte público

¹³⁵ Censo da população da República da Colômbia realizado no dia 14 de outubro de 1918.

¹³⁶ Estação de trem, localizada sobre a *Av. Centenario (Calle 13)* com *Carrera 20*, inaugurada em 1917. Construção de estilo neoclássico, desenhada pelo engenheiro William Lidstone. (CORPORACIÓN...; ESCOBAR et. al., 2004, p. 304)

¹³⁷ Projetos de moradia de obreiros promovidos pelas organizações de Beneficência. SALDARRIAGA, A. Inédito

¹³⁸ O primeiro pronunciamento do Estado colombiano com relação ao problema da moradia foi a lei 46 de 1918 pela qual se dá uma medida de salubridade pública e se provê a existência de habitações higiênicas para a classe proletária. SALDARRIAGA, A. *Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX*. In: **Vivienda social**. Bogotá: CEJA, 2003, p. 27.

motorizado, que ingressaram à cidade na década de 1930 e contribuíram durante as seguintes décadas para a expansão tentacular e atomizada da mancha urbana no noroeste e sul da cidade¹³⁹.

Apesar da relação da mancha urbana com os corpos de água, o traçado dos bairros atuais e projetados durante a década de 1920 adotaram os rios como limites, sem dar soluções de transição entre as margens dos cursos de água e as edificações, como se no futuro o destino da malha urbana fosse completar sua homogeneidade do outro lado do percurso, passando indiferente sobre o corpo de água. Assim o evidenciaram os traçados de vários bairros projetados da cidade em 1932: ao norte, o bairro *El Retiro* com a *Q. De La Carrera*, o bairro *Rionegro* com o rio de mesmo nome, os bairros *Quinta Camacho*, *La Concepción*, *Colombia* e *Las granjas* com a *Q. La Vieja*, os bairros *Rosario*, *La Paz* e *San Fernando* com o *R. Salitre*, os bairros *Santa Teresita*, *Palermo* e *La Constructora* com o *R. Arzobispo* e o bairro *Teusaquillo* com a *Q. Tequenusa*; no centro-oeste, o bairro *Puente Aranda* com o *R. San Francisco*; finalmente os bairros projetados ao sul da cidade, *Girardot* com a *Q. San Juanito*, o bairro *Santa Ana* com a *Q. Teñidero* e o bairro *Restrepo* com o *R. San Cristóbal (R.Fucha)*

Certamente – igual ao período colonial e republicano – a mancha da cidade em malha americana continuou desconhecendo os leitos dos corpos de água que depois ficariam cobertos pela mancha urbana (vias e edificações) com o passar do tempo. A única exceção a esta condição foi constituída por alguns parques urbanos que incorporaram a água como objeto de lazer e contemplação, mas que igualmente estavam condenados a desaparecer com o passar dos anos: esse foi o caso dos parques de *San Diego*¹⁴⁰, *Luna Park*¹⁴¹ e *Lago Gaitán*¹⁴². (Figura 22).

¹³⁹ A partir da década de 1930, começaram a se formar cooperativas de transporte público de ônibus. Se bem que nesta época a extensão e cobertura das rotas não superavam a dos bondes. Na década de 1940 a diferença começava a se fazer visível: o crescimento do número de ônibus passou de 200 a 1522 unidades, entre 1931 e 1949, em comparação ao número de bondes, que decresceram de 73 a 65 unidades nas mesmas datas. (MARTINEZ; DUEÑAS, 2006, p. 6-29)

¹⁴⁰ O Parque de *San Diego* (1883) localizado na *Carrera 7a* com *Calle 26*, antes de se converter no emblemático parque do *Centenario* (1886), tinha um pequeno lago associado à várzea da *Q. de la Burburata*, que se perdeu com a realização das obras.

¹⁴¹ “Aproximadamente em 1923, Nicolás Liévano (*Compañía de Desarrollo Urbano*) construiu o parque de atrações *Luna Park*. Represou o rio *Fucha* com uma comporta situada na atual *Carrera 21*, com o que conseguiu um estupendo lago de águas cristalinas que chegava até a atual *Avenida Caracas*”. Foi o principal espaço de recreação para os habitantes do sul da cidade. Infelizmente, “A empresa fechou em 1942 e o lago foi recheado com os escombros dos distúrbios de 9 de abril de 1948”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

¹⁴² O Parque *Gaitán* (1922), localizado na *Calle 77* com *Carrera 15*, continha um pequeno lago e espaços verdes, e por um tempo foi centro de recreação do norte da cidade. Infelizmente, foi fechado e depois urbanizado na década de 1950. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

Na paisagem no oeste da cidade mantinham-se as manchas das zonas úmidas¹⁴³, e as áreas inundáveis nas quais se destacavam as de *Guaymaral, Torca, La Conejera, Capellanía, Santa María del Lago, Jaboque, Juan Amarillo, de Córdoba, Del Burro, De la Vaca, de Techo e Tibanica*. Assim como os lagos *Los lagartos*, ao norte, e *La Florida*, no oeste.

Figura 22 – Parques recreativos para Bogotá.

Em 1920, Bogotá contava com 230.000 habitantes. Surgem novos bairros no noroeste e sul da cidade (P-1). Há assentamentos que não obedecem a um plano urbano, razão pela qual a imagem é de uma “cidade fragmentada”. Como espaços de lazer aparecem: em 1922, o parque Lago *Gaitán* (Foto 1) e, em 1923, o parque *Luna Park* (Foto 2), o primeiro ao norte e o segundo no sul da cidade. Infelizmente esses dois parques foram fechados e urbanizados. Plano 1, Bogotá. 1932. *Secretaria de Obras Públicas*, 1932. Fotos 1 e 2: *Fundación Misión Colombia*.

As manchas verdes dentro do casco urbano estavam constituídas pelos parques antes mencionados e outras manchas menores semelhantes ao tamanho de quarteirões correspondentes aos parques *Lourdes, Ricaurte, Sucre* (*Calle 42 com Carrera 8a*); *Mártires e España*. Igualmente ainda se mantinha a presença de áreas verdes no interior dos quarteirões, correspondentes aos quintais das residências ou prédios institucionais, que desapareceram nas décadas seguintes durante os processos de subdivisão de lotes e de maior densidade populacional dos quarteirões¹⁴⁴.

¹⁴³ “As áreas úmidas são ecossistemas de grande valor natural e cultural, constituídos por um corpo de água permanente ou estacional de pouca profundidade, uma franja ao redor que pode se cobrir por inundações periódicas (*Ronda hidráulica*) e uma franja de terreno não inundável, chamada Zona de Manejo e Preservação Ambiental”. (DEPARTAMENTO....2004.)

¹⁴⁴ “Estes espaços, quintais e lotes onde abundavam as árvores e cultivos que supriam a carência total de parques e jardins públicos na cidade converteram-se logo em espaços construídos”, [mas infelizmente] “Se tornou comum que os donos das grandes casas, os habitantes mais opulentos da capital, dividissem a planta baixa em pequenos locais ou quartos denominados “*lojas*”, que alugavam como habitação às classes mais populares”. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 167-169)

Com uma maior extensão também se destacavam como manchas verdes os parques emblemáticos do *Centenario* e de *La Independencia* no setor de *San Diego*¹⁴⁵. A área restante, no oeste da cidade, correspondia às propriedades que faziam parte de antigas fazendas e os lotes de alguns equipamentos institucionais, entre os quais se destacavam o *Sagrado Corazón*, a Escola Militar em *San Diego* e o Cemitério Central¹⁴⁶.

Além das manchas descritas, ao oeste e ao norte da cidade a Savana dilatava-se até o *R. Bogotá* com as antigas fazendas e cultivos de cereais. O pensador e humanista colombiano Luis López de Mesa¹⁴⁷ registrou os seguintes versos sobre o aspecto da Savana de Bogotá, em uma de suas viagens no Trem da Savana:

En frente de mí se mostraba la llanura de un verde reposante en su amplitud de cuarenta kilómetros, hasta arriscarse en los cerros de Facatativá, de donde salta la vista a vuelo de pájaro a través de la invisible llanura del Magdalena sobre las cumbres más altas de la cordillera central, como el Nevado del Tolima, cuya pirámide esplendente preside el panorama remoto [...] La gran llanura, nuestra amada planicie, dilatada enfrente de nosotros el verde amarillento de sus pastos y el verde oscuro de sus arboledas, hacia el ocaso, por leguas y leguas de distancia, hasta morir, suavemente vagarosa, contra la falda azulina de la lejana cordillera.

Com relação à mancha verde dos Cerros Orientales, é preciso dizer que continuou o processo de desmatamento durante a segunda década do século XX. Frente ao problema da diminuição do caudal das águas do *R. San Francisco*, alguns estudiosos advertiam sobre a importância de evitar a erosão dos solos dos morros (TRIANA, 1914), e recomendavam a utilização de vegetação nas margens dos rios para evitar a dessecação de seus leitos:

De fato, as plantas que cobrem uma superfície úmida não somente a protegem do contato dos ventos diminuindo assim a evaporação, mas também que comunicam pelas raízes as condições porosas de uma esponja, para armazenar água durante o tempo chuvoso com o fim de soltá-la

¹⁴⁵ Este espaço é de singular e significativo interesse para a cidade. Coincidente com sua inauguração realizou-se a “*Exposición agrícola e industrial*” (1910) para a qual se construíram vários quiosques (a música, japonês e a luz) e vários pavilhões (indústria, belas artes, máquinas e egípcio). (MEJÍA, G. 2004, p. 514)

¹⁴⁶ A construção do Cemitério Central (católico) iniciou-se em 1827, em um lote localizado sobre o caminho a *Engativa*, com planos elaborados pelo engenheiro Esquiaqui, e modificado anos depois por Rafael Alvares Bastida. Ao final de 1836 começou a operar. (CORPORACIÓN...; ESCOVAR, 2004, p. 355)

¹⁴⁷ LÓPEZ DE MESA, 1929, p. 237.

devagar durante o tempo seco, por esta razão os córregos formados sob o frescor de uma vegetação exuberante são mais persistentes do que os que correm por terrenos desflorestados.¹⁴⁸

Porém, em 1918¹⁴⁹, empreenderam-se atividades de reflorestamento que pretendiam recuperar a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*; infelizmente esta ação não foi bem sucedida, pois se plantaram espécies exóticas – Pinheiros e Eucaliptos – que causaram um efeito negativo sobre os solos escarpados dos morros¹⁵⁰.

Quanto ao abastecimento de água, os bairros que surgiram na década de 1920 e 30 em vários casos careceram de um planejamento adequado, e foram evidentes as necessidades de abastecimento de água, sistemas de esgoto e impermeabilização das superfícies para garantir a circulação do transporte automotor. Assim, no ano de 1931, a cidade projetava obras de pavimentação “*macadamización*”¹⁵¹, conserto de ruas, e aproximadamente 50.000m de esgotos para aqueles bairros que a *Camara Municipal*¹⁵² denominou “os bairros extremos da cidade”¹⁵³.

Como foi exposto anteriormente, durante as décadas de 1920 e 30, a mancha urbana apresentava uma estrutura tentacular e atomizada estendendo-se ao sul e ao noroeste da cidade, e aumentava a preocupação da administração para planejar o crescimento futuro. Assim, a prefeitura empreendeu iniciativas de planejamento das quais se destacavam as propostas do Plano Bogotá Futuro¹⁵⁴ em 1923, e as iniciativas do arquiteto urbanista Karl Brunner que foi contratado em 1933 para assumir a direção do recém-criado Departamento de Urbanismo de Bogotá¹⁵⁵. (Figura 23).

¹⁴⁸ A propósito destas recomendações, Triana propunha a plantação de espécies nativas como o *Arboloco* (*polymnia pyramidalis*) e outras espécies de tipo arbustivo. (TRIANA, 1914, p. 5-14)

¹⁴⁹ “Em 8 de abril de 1918 começou na fazenda de *San Francisco*, na vazia do *San Cristóbal*, aos trabalhos de arborização [...] como o Aqueduto não tinham viveiros preparados e as únicas árvores que se conseguiam eram Eucaliptos, ao princípio a plantio se fez unicamente com este tipo de árvore, mas em atenção às opiniões emitidas por alguns expertos, entre outros pelo Mr. Daw, no ano passado se tem dado preferência aos Pinhos (*podocarpaceae*)”. (EAAB, 2003, tomo 1, p. 422)

¹⁵⁰ GHUL, E. apud EAAB, 2003, tomo 1, p. 423)

¹⁵¹ Sistema de melhoramento de vias adotado pela cidade, “construção de uma superfície de rodado de um caminho usando 3 camadas de materiais (pedras) de diferentes tamanhos, colocando a mais grossa embaixo e a mais fina por cima, e depois compactando com *rodos* e tráfego [...]”. Segundo Guillermo Noffal. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?macadam>>. Último acesso em: 21 jan. 2009.

¹⁵² *Concejo. Camara Municipal*: órgão legislativo do Município.

¹⁵³ Os Bairros Unidos de *Chapinero: Rosario, La Paz, Uribe-Uribe, La Sallé, Urbanización San Felipe, Gaitán, La Constructora, Quesada. La Perseverancia, Nordeste, La Serpentina* (atualmente bairro *Restrepo*), *Chiquinquirá, Ricaurte e Seminario*. Alcaldía de Bogotá. “*Las necesidades de los barrios extremos*”. In: Registro Municipal. Bogotá, 1931.

¹⁵⁴ Os primeiros planos da cidade (*Bogotá Futuro* e o de Karl Brunner) enquadram-se na linha de planos de *ensanche* do urbanismo europeu do século XIX. “Neles se pretendeu estabelecer, por meio de desenhos da cidade ou de seus fragmentos, os parâmetros ordenadores de uma cidade harmoniosa em cada um de seus componentes”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹⁵⁵ Foi criado como dependência da *Secretaria de Obras Públicas Municipales*, segundo o Acordo 28 de 1933, que em seu artigo 2 prevê: “O *Departamento de Urbanismo* estará encarregado do planejamento da cidade futura, do estudo da legislação que regulamente as urbanizações e facilite a abertura e melhoria das vias urbanas e em geral de todos os problemas de urbanismo relacionados com o desenvolvimento da cidade”. (LEMUS, 2006, p.64)

Figura 23 – Primeiros planos urbanos para Bogotá. Exemplos.

Em 1923 a Oficina de Obras Públicas elabora o plano “Bogotá Futuro” (P-1) sendo este o primeiro esforço de planejamento e regulação da cidade. Porém, foi o urbanista austríaco Karl Brunner que, a partir de 1933, realizou uma série de propostas para a cidade (P-2), projetando novos eixamples (cor vermelha); ampliação da rede viária, incorporando o conceito de avenida parque, *Av. Caracas* (Foto 2) e a construção de parques urbanos como o “Paseio Bolívar”. (Foto 3). Plano 1: Engenheiro Enrique Uribe Ramírez. Plano 2: “Obras em Bogotá” MAMBO 1989. Foto 1, Foto 2: Museu de desenvolvimento urbano.

As ideias urbanas de Brunner

[...] se identificaram com as de seus maestros do urbanismo da primeira modernidade europeia, que conceberam a cidade como uma entidade estética ordenada, ambientalmente agradável e apta para a vida do ser humano, com uma forte participação estatal em sua construção e com um sentido social ao mesmo tempo aristocrático e democrático.¹⁵⁶

Neste sentido, a concepção urbanística de Brunner previa três níveis em relação à adequação de superfícies públicas, destinadas a fazer parte integral da estrutura urbana: as vias arborizadas – bulevares – as praças e os parques florestais, que procuravam a vinculação com os espaços (zonas) verdes já existentes na cidade¹⁵⁷.

Vale a pena citar alguns projetos enquadrados nesta concepção urbanística. No projeto da Avenida *Caracas*, Brunner vinculou os critérios necessários para o manejo de uma via de alta capacidade (40 metros de perfil) com o conceito de bulevar conformado por faixas e um canteiro central gramado e arborizado. A proposta também incluía a integração (por

¹⁵⁶ CORTES, Fernando. Karl Brunner. La construcción de la ciudad como espacio público. In: SALDARRIAGA, 2000 p.100.

¹⁵⁷ HOFFER, 2003, passim.

meio de franjas verdes) da *Av. Caracas* e do corredor do *R. Arzobispo* à altura da *Calle 39*¹⁵⁸. Quanto aos parques florestais, pode se salientar o estímulo que Brunner deu à materialização dos projetos do Parque Nacional¹⁵⁹ e o Passeio *Bolívar*¹⁶⁰, conectados à mancha verde dos *Cerros Orientales*.

Infelizmente, da gestão de Brunner, poucas obras permanecem na cidade atualmente. Porém, Brunner teve um aporte significativo ao abrir um caminho para o reconhecimento da importância da rede verde conformada por manchas e corredores no interior das superfícies urbanizadas, vinculados em alguns casos aos corpos de água, como no caso do *R. Arzobispo* já mencionado, e o *R. San Cristobal* para o qual se propôs uma vinculação ao tecido verde da cidade.

Centro homogêneo. Cidade fragmentada. Meados do século XX.

A paisagem da cidade em 1953 evidenciou o resultado do progressivo avanço da urbanização da Savana de Bogotá durante as primeiras décadas do século XX. A mancha urbana estendeu-se para o oeste de maneira homogênea e compacta – especialmente no norte e centro – e de maneira dispersa, no sul da cidade. Esta configuração dava como resultado um formato de “meia-lua” cujos limites extremos eram, no oeste, a *Av. Cundinamarca (Av. Carrera 30)* e no leste, a mancha verde dos *Cerros Orientales*, que lentamente começava a se recuperar da ação predadora do homem durante os quatro séculos anteriores. Além do limite da *Av. Carrera 30*, estendia-se o corredor da *Av. de las Américas*¹⁶¹ (via parque) que conectava a cidade com o recém-construído Aeroporto de *Techo*¹⁶². Naturalmente, já começavam a aparecer as manchas urbanas associadas ao traçado como o bairro *Puente Aranda*. Além disso, apareceram outras manchas urbanas

¹⁵⁸ HOFFER, 2003, passim.

¹⁵⁹ Projetos como o *Parque Nacional* existiam com anterioridade à chegada de Karl Brunner, porém, o mérito do arquiteto austríaco reside no fato de ter respaldado firmemente sua materialização.

¹⁶⁰ No assentamento subnormal sobre os *Cerros Orientales*, em 1925 inicia-se o estudo para o saneamento do setor. Em 1936 Karl Brunner apresenta a proposta do *Passeio Bolívar*. “Contemplo a conformação de um grande Parque Florestal Urbano, prolongação do Parque Nacional, com instalações adequadas de recreação popular [...] Como elemento articulador propunha a conformação de um Passeio Urbano definido como uma grande *Terraza Mirador* sobre o espetáculo da cidade e a Savana”. CORTES, Fernando. “*Karl Brunner: La construcción de la ciudad como espacio público*”. Catálogo exposición, Museo de Arte Moderno de Bogotá. Bogotá, 1989 p. 8.

¹⁶¹ Construída em 1948 com uma largura média “entre *paramentos* (distância entre fachadas) de 114 m. com comprimento de 6,5 km desde a *Calle 26* com 34 até o aeroporto de *Techo*. O caráter da avenida é “*Park way*” implementando bosques irregulares, e arborização de acordo com princípios de “*Jardim Inglesa*” com árvores e arbustos *sabaneros*”. (RITTER, 1946, p. 30)

¹⁶² “Primeiro aeroporto da cidade de Bogotá construído em 1930, situado no setor de *Techo* [...] Sua ubicação e instalações físicas não eram as mais adequadas, tendo em conta o crescimento do transporte aéreo [...] As inundações frequentes da plataforma constituíram outro grande problema, ademais de que o largo da pista era insuficiente e o edifício Terminal era demasiado estreito para receber a quantidade de passageiros”. Disponível em: <[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)>. Último acesso em: 5 nov. 2008.

sobre o traçado da *Calle 68* no noroeste da cidade, como os bairros *San Fernando* e *Las Férias*, consolidando este eixo como novo polo de crescimento da cidade.

Na década de 1950, o sistema hídrico da cidade estava substancialmente modificado, tinha sido encanado e enterrado e, sobre os mesmos, construíram-se novas avenidas. A saber, no centro, sobre a *Q. San Juanito*, a *Calle 4ª*; sobre o *R. San Agustín*, a *Calle 6ª*; sobre o *R. San Francisco*, a *Av. Jiménez*; e sobre a *Q. San Diego*, a *Calle 26*. Ao norte, sobre a *Q. Las Delicias*, a *Calle 62*, *Q. La vieja*, *calles 68 e 70*. Ao sul, o *R. San Cristóbal (Fucha)* tinha sido incorporado à mancha da cidade. Nesta mesma época canalizaram-se a céu aberto os rios *San Francisco (Calle 6ª)*, a partir da *Av. Caracas* e o *R. Arzobispo (Calle 39)*, a partir da *Carrera 7ª*. Com estas obras hidráulicas, seguramente, iniciou-se o processo de “manejo técnico” dos rios desconhecendo seu papel como elementos importantes do ecossistema do centro da cidade. (Figura 24).

Figura 24 – Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.

Em 1951 a cidade tinha 715.250 habitantes e ocupava uma área de 2.700 ha (densidade 264.9 hab./ha, a maior da cidade). Mantinha-se seu crescimento desordenado e aumentaram-se os desenvolvimentos ilegais (favelas) ao noroeste e sul da cidade (P-1). As zonas úmidas mantêm suas áreas, mas perderam boa parte de suas zonas de inundação (P-2). Na Savana (P-3) diminuem-se os corredores verdes dos rios, riachos e margens das zonas úmidas; os Morros continuam desmatados e na cidade incrementam-se os corredores viários das avenidas arborizadas. Plano 1: “*Bogotá e seus ao redores*”, IGAC, 1954. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Como foi dito anteriormente, o leito do *R. San Francisco* foi encanado e enterrado (1927) até a *Av. Caracas*. A partir deste ponto foi canalizado a céu aberto e também se mudou seu percurso obrigando-o a continuar pela *Calle 6ª* (atualmente *Av. Comuneros*) até o ponto identificado desde a colônia como *Puente Aranda*, até finalmente continuar seu descenso pelo leito natural.

O *R. Arzobispo* estava flanqueado pela traça urbana correndo por um canal a céu aberto até a *Calle 24*, continuava no seu curso natural, conformava pântanos que variavam de extensão, segundo a época do ano, inundando os lotes da Cidade Universitária – que a partir deste ponto recebe o nome de *El Salitre* – cujas águas a jusante estavam margeadas pela mancha urbana associada aos novos bairros (*San Fernando e 12 de Octubre*) que apareceram sobre a *Calle 68*, de tal forma que seu destino seria se ocultar sob a homogeneização das superfícies urbanas. Por sua vez, o *R. San Cristobal (R. Fucha)* no sul da cidade ainda corria pelo percurso natural. Finalmente, as bacias dos rios *Torca, Juan Amarillo e Tunjuelo*, ainda não tinham sido cobertas pela mancha urbana.

Nas manchas verdes da cidade continuou prevalecendo a associação aos *Cerros Orientales* (em processo de recuperação)¹⁶³ com a qual se conectava a cidade, entre outros elementos pontuais, por meio do Parque Nacional, o Passeio *Bolívar*. Também se destacavam na periferia ocidental a *Av. de las Américas*, a Cidade Universitária, a área imediata ao estádio *El Campín*, *El Bosque Popular* (jardim botânico) e o Batalhão *Caldas*; no sul, o Hospital *San Juan de Dios* e a Escola de Polícia; ao norte, o Parque *Gaitán*, a Escola Militar e o *Cantón* Militar Norte. No setor privado, o Hipódromo de *San Isidro* ou *Techo* (1954), a *Quinta Mutis* e o Clube de *Los Lagartos* (1950), este último ao norte da cidade, que dali em diante protegeria o lago de mesmo nome, estava destinado às elites sociais da cidade.

O Clube de *Los Lagartos*¹⁶⁴ evidenciou um padrão que se replicaria durante as décadas seguintes: as áreas de manchas verdes no norte da cidade passavam ao domínio de mãos privadas, tornando-se áreas de acesso restrito, destinadas exclusivamente ao aproveitamento das elites sociais da cidade. Em contraposição, no sul, nas imediações dos rios *Fucha* e *Tunjuelo* em algumas áreas dos *Cerros Orientales* – onde existia exploração de pedreiras – os elementos naturais estiveram associados à marginalidade e à miséria: durante as décadas seguintes do século XX, os camponeses provenientes de outras zonas do país, deslocados pela violência, ocuparam as áreas de risco pelo deslizamento, remoção em massa e inundação, estreitando-se dessa forma, com o passar dos anos, o vínculo entre marginalidade urbana e riscos naturais.

¹⁶³ “A municipalidade de 1916 e 1917 realizou todas as compras [...] e ordenou que todos os terrenos adquiridos foram entregues à Empresa de Aqueduto para que os cuidara, administrara e arborizara [...] cobrindo estes uma extensão aproximada de 7.000 *fanegadas* (4.480 ha), dividiram-se em três porções para seu manejo: a bacia do *San Cristóbal*, a do *San Francisco*, e a do *Arzobispo*”. PORTOCARRERO, Alberto, ata 361 de 28/02/20 EAAB. In: EAAB, 2003, tomo I, p. 421.

¹⁶⁴ “Sob a iniciativa de um grupo de amigos engenheiros, em 1936 se inicia o “Clube *Los Lagartos*”, com a compra de terrenos próximos à cidade de Bogotá, na antiga *heredad* chamada *Muriel*, onde se encontravam as fontes de águas termais, se tornou um lugar de recreio para a elite da cidade, seu desenvolvimento principal se deu entre 1947-1950 com as construções executadas pela firma *Cuellar Serrano Gómez*”. (CUELLAR..., 1948, p. 7)

2.4 Ventos de modernização da cidade

O “*bogotazo*” e os projetos de modernização da cidade. Cidade Imaginada.

No fim da década de 1940, o país e a cidade assistiram ao recrudescimento da onda de violência política motivada pelo radicalismo bipartidário que foi gerada várias décadas antes. Em 9 de abril de 1948, foi assassinado o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitán, e após sua morte desataram-se numerosos feitos violentos que, entre outras coisas, deixaram seu rastro em Bogotá ao ser incendiadas e destruídas várias edificações do centro. Este cenário de destruição resultou favorável para a administração da cidade. De fato, as autoridades municipais aproveitaram a oportunidade para executar um plano urbanístico para o qual contrataram o arquiteto e urbanista Le Corbusier, que elaborou o Plano *Piloto* de Bogotá¹⁶⁵ e os arquitetos e urbanistas Wiener e Sert para a elaboração do Plano *Regulador* de Bogotá¹⁶⁶.

Este trabalho precisa fazer algumas considerações com relação ao Plano *Piloto* de Le Corbusier, pois este apresentou uma interessante proposta sobre o sistema hídrico, que somente seria retomada a partir de outros antecedentes¹⁶⁷ com a formulação do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no POT de Bogotá, no ano 2000. O Plano *Piloto* de Le Corbusier organizava Bogotá a partir dos corpos de água, em três unidades: a primeira, denominada de “cidade sul”, destinada aos bairros obreiros, localizada entre o *R. Tunjuelito* e o *R. Fucha*; a segunda, denominada “cidade centro”, de gestão e negócios entre o *R. Fucha* e o *R. Arzobispo*; a terceira, chamada “cidade norte”, destinada aos bairros das elites econômicas, localizada entre o *R. Arzobispo* e o *R. Negro*.

No sentido leste-oeste, o plano estabeleceu duas zonas: a área urbana entre os *Cerros Orientales* e a *Av. Carrera 30*, e a área rural e núcleo industrial entre a *Av. Carrera 30* e o limite ocidental da cidade. O plano ademais propôs áreas verdes de transição entre a zona urbana e zona rural, e áreas verdes de proteção nos *Cerros Orientales* e no limite ocidental da cidade. E assim também estabeleceu uma área de proteção para o *R. Bogotá*, e com a margem oeste da cidade, propôs uma franja verde de 500 metros de largo paralela à

¹⁶⁵ Plano dado a conhecer por Le Corbusier em 1950 e adotado pela cidade por meio do Decreto 185 de 1951.

¹⁶⁶ O Plano *Regulador*, elaborado pelos arquitetos e urbanistas Wiener e Sert, corresponde a uma segunda fase do Plano para Bogotá. A primeira fase foi o Plano *Piloto* realizado por Le Corbusier. (HERNÁNDEZ, 2004, p.100)

¹⁶⁷ Como se indicou na seção 1, a inclusão do conceito de EEU no POT de Bogotá surgiu a partir das reflexões que tinham sido gestadas com anterioridade no âmbito institucional e acadêmico, destacando-se especialmente os aportes do professor van der Hammen.

Av. Carrera 30, conformando uma rede de espaços verdes que se integram à cidade com o seu entorno natural.

Na proposta do arquiteto franco-suíço destacaram-se os seguintes aspectos: a inclusão de um olhar regional do território, a prioridade de conservar os *Cerros Orientales* e os corpos de água com o propósito de proteger o sistema hídrico da cidade e a Savana de Bogotá; a intenção de aproveitar os corpos de água para a conformação de uma rede verde que integrara o território todo, desde os *Cerros Orientales* até o *R. Bogotá*; e, finalmente, a proposta de franjas verdes no limite urbano e do município, que integrariam transversalmente os corpos de água; para o centro da cidade, a proposta de Le Corbusier aproveitava os rios *Fucha* e *Arzobispo* como elementos ambientais onde se localizariam os equipamentos de educação, saúde e lazer.

Ditadura militar e visão técnica da cidade. Controla-se e altera-se o sistema hídrico original.

Como se indicou antes, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo. A população rural colombiana foi a mais afetada por esta situação, de tal modo que se gerou um processo migratório do campo à cidade, conformado por camponeses que estavam à procura de segurança e novas oportunidades. Frente a essa evidente instabilidade e à perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo general Rojas Pinilla, que exerceu as funções de presidente, sob um regime militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957.

O General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade, promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança na cidade¹⁶⁸. Entre estes projetos, é preciso salientar, primeiramente, a criação de um eixo urbano institucional e de negócios sobre a *Calle 26*, com um comprimento de 12.5 km, finalizando no oeste com o Aeroporto Internacional *El Dorado* e como ponto de articulação com o centro tradicional, o setor de *San Diego*, e agrupou as funções administrativas que anteriormente localizavam-se

¹⁶⁸ SUARES, A. *La ciudad de los elegidos*. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006, passim.

no centro tradicional no CAN¹⁶⁹. Em segundo lugar, a construção do *Paseo Los Libertadores (Autopista Norte)*, eixo e portão norte da cidade, com um comprimento de 22 km, sobre o antigo traçado do *Camellón* do Norte, que teve como ponto de partida o Monumento aos *Héroes* (Av. Caracas com Calle 80) e como ponto final a Ponte do *Común* (ponte colonial) perto do Município de *Chía*. (Figura 25). Em terceiro lugar, a criação do *Distrito Especial de Bogotá*¹⁷⁰, que integrou Bogotá a seis (6) de seus municípios vizinhos¹⁷¹: *Usaquén*, *Suba*, *Engativá*¹⁷², *Fontibón*, *Bosa* e *Usme*¹⁷³ em 1954¹⁷⁴. Por esta mesma época cria-se a Empresa de Aqueduto e *Alcantarillado* (esgoto) de Bogotá¹⁷⁵, que seria a encarregada do manejo do sistema hídrico da cidade e dos municípios recém-anexados.

Figura 25 – A cidade imaginada.

Em 1949, a prefeitura contratou o urbanista Le Corbusier para elaborar um “Plano *Piloto*”, plano que foi aprovado em 1951 (P-1). Destaca-se a criação de uma rede verde aproveitando o sistema hídrico da Savana. Em 1953, anexam-se à cidade os 6 municípios vizinhos: 1. *Usaquén*, 2. *Suba*, 3. *Engativá* 4. *Fontibón*, 5. *Bosa* e 6. *Usme* (P-2). Com esta nova dimensão territorial e frente à pressão de crescimento da cidade, em 1958 elabora-se o “Plano *Distrital*” (P-3), o qual mantém parte da rede verde proposta por Le Corbusier e projeta a criação de “Parques *Distritales*”. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

¹⁶⁹ Obra prioritária do General Rojas Pinilla foi a de trasladar a presidência e os ministérios à periferia oeste da cidade, ao denominado Centro Administrativo Nacional (CAN). No final da ditadura tinha sido construída a estrutura de vários prédios. Na atualidade funcionam vários ministérios e outras dependências do estado.

¹⁷⁰ Decreto da *Concejo* (Câmara) de Bogotá 3640 de 1954. “*Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá*”.

¹⁷¹ Ordenança número 7 de 1954, da *Asamblea de Cundinamarca*. “*Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá*”.

¹⁷² Foi nos terrenos do município de *Engativá* que se construiu o *Aeropuerto El Dorado*.

¹⁷³ A incorporação de *Usme* ao *Distrito Especial* objetivava ter controle sobre a importante reserva ambiental do *Páramo de Sumapaz*, localizado no sul da cidade.

¹⁷⁴ Esta integração teve dois propósitos: de um lado, dotar de solo suficiente à cidade, para satisfazer a demanda de terras urbanizáveis destinadas aos grupos migratórios que ingressavam nesses anos a Bogotá. De outro, gerar as condições jurisdicionais apropriadas, para tomar decisões políticas sobre uma porção maior de território e assim realizar as obras que se esperava deram impulso ao desenvolvimento econômico da capital.

¹⁷⁵ O Acordo 105 de 1955, no artigo primeiro “*Crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB*”.

A administração distrital estabeleceu como prioridade de governo o investimento nas áreas periféricas da cidade, com o que se iniciaram programas de enfoque eminentemente técnico para a higienização e a dotação de infraestrutura na zona rural da Savana de Bogotá, sobre os três eixos fundamentais: a construção de equipamentos básicos, a execução do plano viário que tinha sido estabelecido no Plano *Distrital* de 1958, e a canalização de rios¹⁷⁶. Esta última ação tinha como propósito controlar as inundações nos períodos de chuva, cujas linhas de ação foram estabelecidos no Plano Maestro de Esgoto de 1962.

Este Plano definiu ações técnicas para o manejo das chuvas e as águas negras da cidade, e para o controle do *R. Bogotá*, a fim de evitar enchentes especialmente nas principais vias da cidade. Para tal fim executaram-se duas fases de desenvolvimento: a primeira fase, de desenho, que se estendeu até o ano 1966, e a segunda etapa, de execução de obras, que foi finalizada no ano 1986¹⁷⁷. Esta segunda fase compreendeu 3 etapas: a primeira teve início em 1967 e término em 1969, a segunda teve início neste mesmo ano e término em 1971 e a terceira, que começando neste último ano, terminou em 1986. (Figura 26).

Durante estas três etapas realizaram-se numerosas obras de canais e interceptores na cidade toda e especialmente na bacia do *R. San Francisco*¹⁷⁸. O olhar técnico do manejo de água levou inclusive a considerar a retificação do curso do *R. Bogotá*, procurando reduzir seu comprimento quase à metade. Um estudo de 1966 propôs: “o comprimento do rio se reduzirá de 100 km a 59.5 km entre a Ponte do *Común* e *Alicachín*”¹⁷⁹. Para a sorte da cidade este projeto não foi realizado.

O propósito inicial de canalização, interceptores e saneamento do sistema cumpriu-se, porém sua execução apresentou um par de aspectos negativos no que se refere à relação da cidade com os corpos de água. Por um lado, optou-se por uma solução técnica com um sistema combinado de esgoto (águas de chuva e águas negras). Por outro, a

¹⁷⁶ A partir do Plano Maestro de Esgoto de 1962, elaborado pelas firmas *Camp Dresser e McKee de Boston* e a *Compañía de Ingeniería Sanitaria Btá*, iniciou-se a canalização dos principais corpos de água na parte média das bacias. EAAB; RODRIGUEZ, 2003, tomo II, p. 195.

¹⁷⁷ EAAB, 2003, tomo II, p. 196.

¹⁷⁸ Em sua primeira etapa compreendeu o “Canal do *R. San Francisco* e interceptor esquerdo desde a *Calle 45*, até o interceptor da *Av. Boyacá*; interceptor direito de *Comuneros* em seção retangular até *Puente Aranda*, interceptor de *Boyacá* para águas negras em seção retangular, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*”. Em sua segunda etapa, “compreendeu o Canal de *Boyacá*, e interceptor direito, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*. Canal de *San Francisco*, desde a ferrovia, até o *R. Fucha* e interceptor direito de *San Francisco*, desde a Cidade Universitária até a *Av. Boyacá*: Canal de *Comuneros* e interceptores direito e esquerdo, desde *Puente Aranda* até o *R. San Francisco*. Colector de *las Américas*, desde *Puente Aranda* ao *R. Fucha* e Colector *El Ejido*, desde a *Calle 20* até o *R. San Francisco*.” (EAAB, 2003, tomo II, p. 198-201)

¹⁷⁹ O estudo de 1966 sobre a água de chuva propôs sobre o *R. Bogotá*: “Se deverá endireitar o Rio Bogotá no futuro imediato entre *Alicachín* e o *R. Juan Amarillo*, com base num nível controlado de *Alicachín* a nível 2.568”. (EAAB, 2003, tomo II, p. 205)

dessecação das superfícies que antes se inundavam teve como consequência o estímulo do crescimento da mancha urbana sobre a periferia, ao se incorporar terras no mercado imobiliário, sem prever as graves implicações ambientais no futuro¹⁸⁰, ou seja, a modificação do sistema hídrico e seus consequentes efeitos sobre o ecossistema¹⁸¹. O sistema de drenagem da Savana de Bogotá passou a ser conformado de três bacias naturais a oito bacias criadas artificialmente pelas obras técnicas¹⁸².

Figura 26 – “Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.

Em 1962, a EAAB empreende um ambicioso plano de “modernização” do sistema de aqueduto e esgoto da cidade. Para o aqueduto construíram-se novas represas (P-1) (Chingaza, 1985, Chuza 1985, San Rafael, 1996) e uma rede de distribuição que cobre toda a cidade. Quanto ao esgoto canalizam-se e controlam os rios, alterando-se o todo o sistema hídrico da cidade (P-2). Etapa 1: cor vermelha. Etapa 2: cor ocre. Etapa 3: cor verde escuro. Realiza-se a canalização dos rios *San Francisco* (Foto 1) e *Fucha* (Foto 2) e a construção de “jarillones” no *R. Bogotá*. [Planos: 1 e 2 elaborados pelo autor].

Como complemento a estas atividades, o sistema hídrico também foi afetado pela construção de infraestruturas como a do Aeroporto *El Dorado*, cuja instalação exigia o controle da área de inundação do *R. Bogotá* por meio de taludes artificiais em terra (*jarillones*)¹⁸³. Com as respectivas obras de controle do *R. Bogotá*, abriu-se o caminho para que se executassem nas décadas seguintes obras similares na parte baixa dos rios *Salitre*, *Fucha* e especialmente no *R. Tunjuelito*.

¹⁸⁰ É preciso lembrar que no começo da década de 1960 apenas começava a se gestar no país o pensamento ambiental, que estava dedicado especialmente à proteção dos recursos naturais.

¹⁸¹ Em 1967, o leito do *R. San Francisco* foi canalizado entre a *Av. Caracas* e a *Carrera 37*, e bifurcado na *Carrera 37*: o braço original com rumo norte, se encanou e enterrou, sendo destinado ao transporte de águas negras da zona oeste da cidade; e o novo braço com rumo sul, conectou-se com o *R. Fucha* na *Avenida 68*.

¹⁸² As oito bacias são: antigas (*Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*); novas (*Torca*, *Conejera*, *Jaboque*, *Tintal*, e *Soacha*). (EAAB, 2003, tomo II, p. 210)

¹⁸³ Talude em terra, para a contenção de águas. Dique longitudinal.

Planejamento local: “Plano *Distrital* de 1958”. Cidade horizontal.

Depois dos aportes de Le Corbusier, os esforços de planejamento da cidade concentraram-se no zoneamento, na projeção de vias e na incorporação de terras para a urbanização, e em numerosas oportunidades considerou-se a importância da integração dos corpos de água, as manchas verdes e a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*. Porém, na prática, as operações da administração distrital terminaram ignorando o sistema hídrico.

Com a adesão dos 6 municípios ao Distrito Capital, criaram-se novas determinantes e novos desafios para o crescimento da cidade e, portanto, considerou-se que o Plano *Piloto* de Le Corbusier requeria ser refeito. Por estas razões, em 1958, a administração distrital promoveu um novo Plano cuja proposta manteve parte do traçado viário e o zoneamento do Plano *Piloto* proposto por Le Corbusier, mas com uma ampliação do perímetro urbano, incluindo parte da área dos municípios recém-adicionados. O plano manteve a proposta de proteger os *Cerros Orientales* e os corpos de água, com a criação de uma rede verde formada pela várzea dos rios¹⁸⁴, e propôs a implementação de um programa de Parques *Distritales* na zona norte, centro e sul da cidade.

Com as diretrizes do Plano *Distrital* de 1958, a cidade começou na década seguinte o processo de construção dos Parques *Distritales*, que foram concebidos principalmente com propósitos de lazer e recreação, e ocuparam áreas da cidade que oscilavam entre 50 ha e 60 ha: (Figura 27), no sul, localizaram-se os parques *Timiza* (1968) e *El Tunal* (1970), e no leste, os parques *El Salitre* (1973) e *La Florida* (1974)¹⁸⁵. Posteriormente, nos anos 1980, realizou-se a construção do parque *Simón Bolívar*, que se adicionou como mancha verde ao parque *El Salitre*. Paradoxalmente, com exceção do parque de *La Florida*, nenhum destes parques esteve associado ao sistema hídrico da cidade.

Nesta época, as manchas verdes no norte da cidade correspondiam aos clubes privados das elites sociais – Clube *Los Lagartos*, Clube *Country*, *El Carmel Club* e *Los Arrayanes*, entre outros – e os recentemente construídos Parques Cemitérios como os Jardins: *La Paz*, *La Inmaculada* e do *Recuerdo*.

¹⁸⁴ Com relação ao centro da cidade, vale a pena dizer que, contrário à proposta de Le Corbusier, o plano não conservou o leito do *R. San Agustín*, e o condenou a desaparecer, enterrando-o sob a *Calle 6a*.

¹⁸⁵ O Parque *La Florida* está localizado no costado oeste do Rio Bogotá (Município de *Funza*) e ainda está fora do perímetro da cidade; desde a década de 1970 foi incorporado ao sistema de parques e zonas úmidas do *Distrito*.

Figura 27 – 1970. Parques Distritales.

Para suprir a necessidade de recreação da população, que em apenas 22 anos tinha se multiplicado 4 vezes. Em 1973 ascendia a 2.861.913 habitantes e ocupavam uma área de 22.299 ha (densidade 128.3 hab./ha) (P-1) e atendendo à proposta do “Plano Distrital” de 1958, na década de 1960 a cidade empreende a construção de vários “Parques Distritales”, na zona sul e centro da cidade (P-2): em 1968, o *P. Timiza*, com 29.98 ha, (Foto 1); em 1970, o *P. Tunal*, com 62.66 ha, (Foto 2); em 1973, o *P. El Salitre*, com 46.78 ha, (Foto 3); e em 1974, o *P. La Florida*, com 72.473 há. (Foto 4) Plano 1, IGAC, 1970.

2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade

O fim dos rios e zonas úmidas. Cidade construída. Final do século XX.

Durante as décadas seguintes houve o aumento das migrações do campo e das cidades menores às cidades de maior tamanho e atividade econômica, fenômeno que se estendeu durante os seguintes decênios e que ainda aumentou dramaticamente, a partir da década de 1980¹⁸⁶, devido à depressão da atividade agrícola e ao deslocamento forçado de camponeses que ficaram no meio do fogo cruzado entre o exército nacional e a guerrilha. Bogotá foi uma das cidades do país com maior recepção de população deslocada pela violência, que se localizou, como mencionado anteriormente, nas periferias do sudeste e sudoeste da cidade, sobre zonas de risco por remoção em massa e enchentes. Desse modo aumentou a pressão que a mancha da cidade exercia sobre o sistema hídrico da Savana de Bogotá, mais ainda se for levado em consideração que a cidade em apenas quatro décadas multiplicou 8 vezes sua população, ao passar de 715.362 habitantes em 1951 a 5.484.244

¹⁸⁶ O número de habitantes na cidade passou de 715.250 em 1951 para 4.441.470 em 1985.

habitantes em 1993. Nas décadas de 1980 e 1990, a mancha urbana aparecia de maneira homogênea e compacta estendendo-se praticamente até as imediações do *R. Bogotá*, franja na qual se fragmenta em alguns setores devido à presença de algumas áreas agrícolas e zonas de inundação que ainda não tem cedido perante o implacável crescimento urbano.

O crescimento da mancha urbana nas últimas décadas tem sido determinado em primeira instância pela iniciativa privada que realiza empreendimentos de adensamento de moradias e escritórios na zona centro e norte da cidade; em segundo lugar, pelas entidades oficiais que financiam novos programas de moradia popular; em terceiro lugar, pelos assentamentos subnormais (favelas), promovidos pelo setor informal e ilegal nas zonas periféricas e marginais da cidade¹⁸⁷. (Figura 28).

Figura 28 – A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.

Em 1993, a cidade contava com 5.484.244 habitantes e cobria uma área de 26.654 ha (Densidade 205.8hab./ha), crescia rápida e horizontalmente, urbanizando a maioria do território da Savana (P-1). Modifica-se o sistema hídrico da Savana (P-2) ao canalizarem-se os rios e ao continuar o processo de secado das zonas úmidas colocando em risco sua existência. Em consequência, os corredores verdes dos rios e zonas úmidas perderam presença na cidade e a paisagem é dominada pelas vias arborizadas (P-3), os Morros recuperam parte de sua cobertura vegetal. Plano 1: “*Alcaldías Menores*” IGAC, 1991. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Por sua parte as manchas de água têm sido significativamente reduzidas pelo avanço da mancha urbana: dos 19 mil ha de zonas úmidas que tinha a cidade nos primeiros anos do século XX, atualmente somente sobrevivem 800 ha. No fim da década de 1990, as zonas úmidas tinham perdido grandes porções de seus antigos espelhos de água e avançavam a

¹⁸⁷ É para se destacar nesta dinâmica de assentamento o caso de Cidade Bolívar – no sul da cidade – que em apenas 15 anos contava com aproximadamente um milhão de habitantes morando em condições precárias.

processos de terraplanagem, parcelamento e urbanização¹⁸⁸. Como produto disso tudo, alterou-se o habitat natural de répteis (lagartixas), mamíferos (morcegos) e aves (*garças*), e modificou-se o albergue estacional de aves migratórias¹⁸⁹.

No que se refere ao manejo das águas servidas, como mencionado anteriormente, a cidade desde a década de 1960 manteve um sistema de esgoto combinado em boa parte da cidade, fato que apresenta graves problemas nos períodos de chuva. Por tal motivo nos últimos anos têm se iniciado programas que visam a separar o sistema de esgoto de águas negras do sistema de águas de chuva, especialmente na área de novos desenvolvimentos, no oeste da cidade¹⁹⁰.

Esta visão técnica, orientada por grupos de engenheiros especializados, conseguiu seus objetivos funcionais, mas prejudicou substancialmente o sistema hídrico natural da Savana de Bogotá; fator que somado à perda das zonas úmidas e da ronda dos rios colocou em risco a estabilidade de todo o sistema natural, patrimônio ambiental da cidade e da Savana.

Com relação aos corredores verdes para melhorar o fluxo veicular, infelizmente empreenderam-se obras para a ampliação das avenidas, suprimiram-se os separadores centrais e retirou-se a arborização das calçadas. Exemplo deste padrão foi a construção, no fim dos anos 1980, da *Troncal de la Caracas*¹⁹¹, que ao perder a maioria de suas árvores terminou alterando negativamente a paisagem do centro da cidade.

Crise geral e anos de mudança. Final do século XX.

No fim do século XX a cidade apresentava um sistema hídrico altamente modificado: na parte baixa dos *Cerros Orientales* foi enterrada e encanada a maioria dos rios, razão pela qual a população não reconhece a existência dos mesmos; na parte média da bacia, foram canalizados todos os rios e as áreas úmidas têm diminuído consideravelmente em tamanho; finalmente, na área que corresponde ao vale aluvial do *R. Bogotá* e *Tunjuelito*, o curso dos

¹⁸⁸ Em 1999 as zonas úmidas contavam com as seguintes áreas: *Torca* 24 ha, *Guaymaral* 49 ha, *La conejera* 60 ha, *Juan Amarillo* 220 ha, *Córdoba* 40 ha, *Jaboque* 80 ha, *Santa María del Lago*, *Capellania* 18 ha, *Meandro del Say*, *El Burro* 26 ha, *La Vaca*, *Techo*, *Tibanica* 23 ha. DAMA. “*Historia de los Humedales de Bogotá*”. Alcaldía Mayor de Bogotá, 2000 p. 78-102.

¹⁸⁹ DEPARTAMENTO..., 2000, p. 12.

¹⁹⁰ Em 1952, propõe-se para o projeto de esgoto de Bogotá: “As águas pluviais podem continuar correndo por canais abertos, que são muito mais econômicos, mas construindo de imediato os dispositivos de separação para os líquidos cloacais e as águas pluviais”. (FORERO, 1952, p. 19-20)

¹⁹¹ Frente à crítica situação do transporte público em Bogotá, a administração municipal propõe como solução o modelo de transporte da cidade de Curitiba, Brasil (faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus). Com esta referência bem sucedida, inicia-se a construção de um sistema semelhante sobre a *Av. Caracas*, mas infelizmente este não contou com a mesma sorte que teve em Curitiba e resultou em um dos piores e mais custosos investimentos feitos pela cidade.

rios é controlado com taludes artificiais de terra, “*jarillones*”¹⁹², alterando a dinâmica natural de inundação do vale em época de chuva. Outro fato para se destacar corresponde ao esgotamento do solo urbano da cidade, razão pela qual nos últimos anos teve início um processo de renovação e adensamento nos setores centrais da cidade.

As ações de encanar, canalizar e controlar os corpos de água tiveram como resultado uma paisagem dominada por três franjas. A primeira corresponde à cidade que “enterrou” seus rios, que se estende desde a *Av. Circunvalación (Carrera 1)* até a *Av. Carrera 30*. (Figura 29). Esta franja cresceu de maneira lineal paralela aos *Cerros Orientales*, em um processo que implicou a canalização dos rios e posteriormente a homogeneização das superfícies, produto da construção de vias e edificações, processo que se iniciou nos anos 1920 com o *R. San Francisco* e que foi finalizado na década de 1960¹⁹³. Esta franja interrompeu a continuidade dos corpos de água e os corredores verdes que desciam dos *Cerros Orientales* e dentro da mesma destacam-se: as manchas verdes que correspondem a uns poucos corpos de água, a *Q. de Los Molinos*, *Q. Arzobispo* e o *R. San Cristóbal*; os parques de escala de zonas e de bairro; e a arborização localizada sobre as vias principais, como uma herança das avenidas arborizadas dos anos 40. Corresponde a esta franja a mancha urbana da cidade histórica, a zona financeira e comercial tradicional e os novos desenvolvimentos no norte e sul de Bogotá.

A segunda franja corresponde à área compreendida entre a *Av. Carrera 30* e *Av. Boyacá*: a cidade que canalizou seus rios com muros de concreto, a partir da década de 1950, integrou o traçado viário de maneira paralela aos costados do percurso canalizado, diminuindo a área verde da ronda. Nesta franja prevalecem as manchas verdes dos Parques *Distritales*, a Cidade Universitária, os Quartéis Militares, os Clubes Privados e os Parques Cemitérios. Como corredores verdes viários destacam-se as avenidas construídas a partir da segunda metade do século XX, entre as quais se sobressaem a *Av. de Las Américas*, a *Av. El Dorado*, a *Av. 68* e a *Av. Boyacá*. A mancha urbana está conformada prioritariamente pelos novos bairros residenciais¹⁹⁴ e as zonas industriais.

¹⁹² Em complemento às obras de canalização de rios, dá-se início à construção de “*jarillones*” na parte baixa dos principais rios, principalmente na ronda do Rio Bogotá e *Tunjuelito*.

¹⁹³ Sob o irracional crescimento da cidade ficaram enterrados os corpos de água sob Ruas e Avenidas. Ao norte: a *Q. Tequenusa (Calle 34 e Park Way)*, a *Q. de Chapinero (Calle 62)*, a *Q. de La Vieja (Calle 70 A)*, a *Q. de La Cabrera e El Chicó (Calle 88)*, a *Q. Los Molinos (Calle 106)* a *Q. de Lucé (Diagonal 109)*, *(Calle 116)*, a *Q. de Trujillo (Calle 127)* e a *Q. de Los Cedros (Calle 134)*. No centro: a *Q. San Diego (Calle 26)*, o *R. San Francisco (Av. Jiménez)*, a *Q. San Agustín (Calle 7)*, a *Q. San Juanito (Calle 3)* e a *Q. La Calera ou (Calle 1)*. No sul: a *Q. de Los Molinos (Calle 8 sur)* e a *Q. Del Cable ou Santa Catalina (Calle 11 sur)*.

¹⁹⁴ Ao norte, na bacia do *R. Salitre* os bairros *Niza* e *Córdoba*. No centro, no canal *San Francisco*, o bairro *Modelia* (na década de 1990 *Ciudad Salitre*); no canal do *Fucha*, os bairros *La Guaca*, *Torremolinos*, *Milenta*, *Carvajal* e *Marsella*. Ao sul, no *R. Tunjuelito*, os bairros *Tejar*, *Nuevo Muzú*, *Madelena*, *Villa del Río* e *Timiza*.

Figura 29 – A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.

Pelo manejo que deu a cidade a seu sistema hídrico configuraram-se três zonas (P-1): 1. A cidade que **enterrou** seus rios; 2. A cidade que **canalizou** os rios; e 3. A cidade que **controlou** seus rios. O manejo inadequado de seu recurso hídrico tem gerado à cidade múltiplos problemas (P-2): deslizamentos nos morros e ladeiras (Foto 1: *Soacha*), inundações no centro e periferia da cidade (Foto 2: *Carrera 7-Calle 73*), e a necessidade urgente de construir plantas de tratamento para despoluir os rios (Foto 3: planta *El Salitre*). [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor]

A terceira franja corresponde à cidade que controlou seus rios, com taludes artificiais em terra (jarillones) que visam a evitar enchentes sobre as áreas urbanas, e que modificaram o vale de inundação do *R. Bogotá*, alterando o principal elemento do sistema hídrico. As obras de controle foram promovidas pela necessidade de adequar infraestruturas para a cidade como no caso do Aeroporto *El Dorado*. Esta franja desenvolveu-se a partir da década de 1970, produto dos novos programas de moradia com o ânimo de suprir as necessidades das classes menos favorecidas no sul e para a classe média no centro e norte da cidade¹⁹⁵. Por efeito dos processos de urbanização e de controle sobre o sistema hídrico, as zonas úmidas localizadas dentro desta franja entraram em um acelerado processo de deterioramento, diminuindo consideravelmente seu espelho d'água (800 ha). A mancha verde está dominada pelos Parques de vizinhança, pelas vias arborizadas e pelas poucas superfícies que ainda não foram urbanizadas.

A urbanização e impermeabilização da Savana de Bogotá e a alteração do sistema hídrico provocam atualmente numerosos conflitos ambientais no interior da cidade, pois as rondas dos rios e as zonas úmidas atuavam como zonas de inundação natural, regulando o

¹⁹⁵ Ao norte: no *H. de La Conejera*, os conjuntos residenciais *COMPARTIR* e *Ciudadela CAFAM*; no noroeste. *H. Juan Amarillo* (*R. Salitre*) os conjuntos residenciais *Bachue*, *Bochica*, *Quirigua*, *Bolívia* e *Ciudadela COLSUBSIDIO*. No centro, no *H. Jaboque*, o conjunto residencial *Villas de Granada*; no canal de *San Francisco* o conjunto residencial *Los Hayuelos* e em cercanias ao *Rio Bogotá* as cidadelas habitacionais *El Tintal*, *El Recreo* e *El Porvenir*.

sistema hídrico, e retendo a água em época de chuva. Com a canalização e controle dos corpos de água, rompeu-se esta dinâmica hídrica da Savana. Como resultado desta ação, em época de chuvas intensas, aumenta-se o risco de enchentes por remoção em massa nas áreas de ladeiras devido à acumulação de grandes quantidades de água¹⁹⁶. Ao ser ocupada a zona inundável dos rios Bogotá e *Tunjuelito* pela cidade, projetou-se um sistema de drenagem para a evacuação de águas servidas e de chuva durante o ano todo, mas em época de chuvas intensas cresce o risco de inundação¹⁹⁷. Finalmente, o deficiente manejo das águas servidas que são misturadas com a água de chuva tem feito que o *R. Bogotá* seja um dos mais contaminados do mundo. É por causa desta última razão e dentro da mesma linha de solução eminentemente técnica que o POT inclui como solução a construção de três plantas de purificação na desembocadura dos rios *Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*¹⁹⁸.

Assim, a construção de infraestrutura para dominar e controlar o sistema hídrico torna insustentável o ecossistema da cidade. Perdeu-se, assim, a oportunidade de manter os corredores ecológicos que permitiram a conectividade dos *Cerros Orientales* com a Savana de Bogotá e o *R. Bogotá*.

Porém, frente a estas situações infelizes, sobressai-se, em um sentido positivo, a recuperação de boa parte da cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*, que mudou a cor ocre do desflorestamento pelo verde do reflorestamento. Dessa forma, recuperou-se parte da imagem original desta paisagem, que tanto impressionou aos viajantes e visitantes do passado. Outro fato para se destacar foi a construção, nos anos 1980, do parque *Simón Bolívar*, com o qual a cidade ganhou um de seus maiores pulmões verdes e um espaço de lazer para os *bogotanos*.

Com relação às manchas verdes restantes da cidade, podem se destacar as áreas que ficaram como propriedade das elites sociais, como o Clube de *Los Lagartos* e o *Country Club*, as manchas correspondentes aos Parques *Distritales* cuja construção foi estimulada pela administração *Distrital* durante a década de 1960, e os Parques Cemitérios. Vale destacar que a maioria destas manchas espalha-se em fragmentos dentro da mancha urbana, sem estar associadas a corredores verdes ou corredores hídricos. Neste sentido,

¹⁹⁶ Situação gerada como produto do estreito diâmetro dos canos que substituem os rios.

¹⁹⁷ Em 2 de abril de 2009: a bacia alta do rio *San Cristóbal*, tributário do *R. Fucha*, registra uma precipitação de 73 milímetros e um fluxo de água de 26 metros cúbicos por segundo, inundando os bairros localizados no setor de *Fontibón*. Em 3 de novembro de 2007: Granizada histórica, inundações no centro da cidade. 14 de maio de 1996: inundações no bairro *San Benito* situado sobre o *R. Tunjuelo*. 19 de maio de 1994: avalanches na *Q. Chiguaza*, que arrastaram o material da *Cantera El Zuque*, destruindo várias casas, com um resultado de 6 mortos, 60 casas destruídas e 822 danificados. Novembro de 1979: o Rio Bogotá transborda perto da foz do *R. Fucha*, afetando principalmente o bairro *Patio Bonito*. Disponível em: <<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

¹⁹⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artículo 121. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

estão longe de conformar uma verdadeira rede de espaços verdes tal como o propõe o modelo de ordenamento do POT, descrito na seção 1.

Frente a este panorama, inevitavelmente surge uma pergunta sobre o vínculo a se estabelecer entre um ideário de cidade e a configuração da paisagem atual: como cumprir o ideário representado no conceito de Estrutura Ecológica Urbana em uma cidade que alterou seu sistema hídrico todo – ao encanar, canalizar e controlar seus rios –, que desconheceu suas zonas úmidas ao longo de quatro séculos, e que estimulou o crescimento da mancha urbana, ignorando a importância de manter uma rede de espaços verdes dentro da cidade?

Se a intenção é procurar resposta para esta pergunta, entre outros possíveis elementos¹⁹⁹, os projetos de Parques Urbanos Metropolitanos deveriam aparecer sem dúvida alguma como uma oportunidade para a recuperação de uma rede verde, especialmente nas zonas onde estão cobertos sob o solo urbano os leitos dos rios. Neste sentido, o Parque Terceiro Milênio deveria ter se apresentado como uma excelente oportunidade para fazer realidade o sonho planejado pelo ideário do Plano de Ordenamento Territorial (POT), tendo em conta sua localização estratégica sobre a franja da cidade que enterrou seus rios, que carece de áreas verdes, e sobre a confluência das bacias dos rios *San Agustín* e *San Francisco*, e a possibilidade que oferecia a recuperação de uma zona altamente degradada no centro histórico de Bogotá.

Assim, a seção seguinte (seção 3) procurará se aprofundar na concepção, desenvolvimento e materialização deste projeto para revelar os elementos que primaram no vínculo entre um ideário positivo da cidade e as realidades e padrões culturais com as que se enfrentou o projeto.

¹⁹⁹ Recuperação de Corredores Ecológicos, aumento de áreas permeáveis, Corredores Viários.

3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.

Como mencionado na seção 2, a partir de 1954, a administração *Distrital* concentrou a maioria de seus recursos na construção de infraestrutura na periferia da cidade (vias, equipamentos e serviços públicos), estimulando o crescimento urbano e incrementando desta maneira a pressão da mancha urbana sobre a área rural da cidade (Savana), atitude com a qual se diminuiu o investimento Estatal no centro da cidade deixando nas mãos do setor privado a iniciativa de adiantar projetos de renovação deste importante setor da cidade.

3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro

Plano Zonal do Centro de Bogotá. (PZCB) 1986.

Somente após a década de 1980, a administração *Distrital* voltou o seu olhar ao centro: Em 1986, a Prefeitura de Bogotá, com o apoio do Fundo Nacional de Projetos de Desenvolvimento *FONADE*, contratou uma equipe de profissionais²⁰⁰, para que realizassem um estudo de recuperação do centro, denominado “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. A área de trabalho correspondeu ao setor denominado como Centro Tradicional²⁰¹ com uma área de 1.750 ha (Figura 30).

O diagnóstico da área demonstrou problemas como a exclusão de moradores, a concentração excessiva do setor terciário, a deterioração do meio ambiente urbano, a geração de grandes vazios urbanos, a irracionalidade do sistema de transporte, a ineficiência da administração pública, a deterioração da imagem do centro e a diminuição de investimentos privados. Foram propostas como soluções a este problema: o fortalecimento da atividade residencial, a descentralização de atividades, a conservação do patrimônio, a recuperação do espaço livre, a racionalização dos sistemas de transporte, a reorganização da administração da zona, o fortalecimento da participação e o estímulo do investimento por parte do setor privado. Finalmente foi criada uma política geral de ação constituída pela definição de um plano, seus princípios básicos, estratégias de intervenção, instrumentos de gestão, e a realização do plano, junto com os projetos de intervenção no espaço livre.

²⁰⁰ Constituído pelos arquitetos Liliana Bonilla, Carolina Barco, Fernando Jiménez, Nicolás Rueda e José Salazar.

²⁰¹ Área da cidade consolidada até o ano 1950. Inclui o Centro Histórico. Está delimitada ao Leste pela *Av. Circunvalación (Carrera 1ª)*, ao Oeste pela *Av. Norte Quito Sur (Carrera 30)*, ao Norte pela *Calle 45* e ao Sul pela *Calle 1ª*.

Figura 30 – Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.

O plano (P-1) definiu como **Centro Tradicional** (cor rosa) a área compreendida pela *Av. Circunvalación*, a *Calle 1ª*, a *Av. Carrera 30* (*Av. NQS*) e a *Calle 4ª*, com uma área de 1750 ha. Como **Centro Histórico** (cor azul) a área correspondente à *Carrera 1ª*, *Calle 4ª*, *Carrera 10ª* e *Av. Jiménez* (*Calle 13*) com uma área de 39,5 ha. Na cor verde resalta-se o Parque Terceiro Milênio. O Plano cataloga os usos do setor de *San Victorino* (P-2), predominando a atividade comercial (cor vermelha), institucional (cor azul), hospedagens e semelhantes (cor laranja), escritórios (cor verde) e, em menor escala, moradias (cor amarela). Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 28.

A partir deste estudo foram estabelecidos dois eixos urbanos em formato de cruz, com ponto de intersecção na Praça de *Bolívar* (Praça Maior); estes eixos funcionam como elementos físicos, espaciais e funcionais estruturantes do centro da cidade no sentido norte-sul, o eixo institucional, e no sentido oeste-leste, o eixo tradicional (Figura 31).

Figura 31 – Eixos estruturais do Centro da Cidade.

Definidos pelos caminhos herdados da colônia: em sentido norte-sul, o caminho a *Tunja* (cor vermelha); no sentido leste-oeste o caminho a *Honda* (cor azul). O primeiro deu origem ao Eixo Institucional de 2.9 km e o segundo ao Eixo Tradicional de 2.8 km, planos (P1 a P4). No plano (P5) pode-se ver que o Eixo Institucional integra: (1) o parque de *La Independencia*, (2) o largo de *Las Nieves*, (3) o parque *Santander*, (4) a Praça de *Bolívar*, (5) o largo de *San Agustín*, (6) e a Praça de *Las Cruces*. E o eixo Tradicional integra: (7) a Praça *España*, (8) o parque de *Los Mártires*, (4) a Praça de *Bolívar* e (9) e a Praça do *Egipto*. Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 9 e 54.

Esta estrutura espacial urbana foi retomada literalmente por todas as análises posteriores feitas na área e os projetos de intervenção do centro, omitindo a inclusão de programas de recuperação do sistema natural original, especialmente nos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por considerar que esta era uma causa perdida e sem nenhum valor importante para o Centro Tradicional da cidade. Com este estudo começou um lento, porém firme, processo de recuperação do Espaço livre²⁰², a construção e arborização das calçadas no centro de Bogotá, processo que liderou a Corporação *La Candelaria*²⁰³, e que teve como propósito preservar o patrimônio arquitetônico e urbano do centro histórico e a sua área de influência.

3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.

A análise que se desenvolverá nas páginas seguintes está baseada na revisão de documentos e particularmente do discurso que apresentaram os estudos, planos e projetos associados ao componente ambiental do Parque Terceiro Milênio (PTM), devido ao fato de que estes refletem o ideário e o enfoque que guiou as ações que posteriormente concretizariam-se no Parque.

3.2.1 Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM)

No fim da década de 1990, no marco dos eixos prioritários do Plano de Desenvolvimento²⁰⁴ e especialmente do programa de Renovação Urbana²⁰⁵, a administração *Distrital* interessou-se pela procura de alternativas que lhe deram saída à situação crítica do centro de Bogotá. Além disso, o prefeito Peñalosa (1998-2001), desde o início do seu

²⁰² “[...] constituem o espaço público (livre) da cidade as áreas requeridas para a circulação, tanto para pedestres como veicular, as áreas para a recreação pública ativa ou passiva, para segurança e tranquilidade dos cidadãos, as franjas de retiro das edificações sobre as vias, fontes de água, parques, zonas verdes e semelhantes, as necessárias para a instalação e manutenção dos serviços públicos básicos”. Acordo 6 de 1990, em concordância com o artigo 5º da Lei 9 de 1989 e o artigo 674 do Código Civil.

²⁰³ A Corporação Bairro *La Candelaria* foi criada por meio do Acordo 10 de 1980, como estabelecimento público pertencente à *Alcaldía Mayor*, com *personería jurídica*, autonomia administrativa e patrimônio independente, com o objetivo de promover e financiar as obras de conservação, restauração e construção, compra de imóveis e lugares que sejam de **interesse histórico, arquitetônico** ou **ambiental**. Disponível em: <www.contraloriabogota.gov.co>. Último acesso em: 23 set. 2008.

²⁰⁴ É o Instrumento de planejamento através do qual se organiza, regulariza e orienta o cumprimento do programa de Governo de maneira acordada entre a Comunidade e a Administração local, em concordância com os lineamentos estaduais e nacionais. Constitui-se em uma ferramenta para a ação das instâncias públicas e privadas do município, no qual se estabelece o que a administração quer fazer durante o seu período de governo. *GOBERNACION de Cundinamarca. Guía para la elaboración de un plan de desarrollo municipal. Departamento Administrativo de Planeación*. Bogotá, 2001.

²⁰⁵ No Programa de Governo da Prefeitura 1998-2001, a “Renovação Urbana” foi um tema fundamental do componente “Urbanismo e Serviços”, o qual tinha como propósito o crescimento da cidade harmonizando os processos de urbanização no que se refere à recuperação e adensamento de setores em deterioramento.

período de governo, manifestou a vontade de empreender programas para a geração de espaços verdes para a cidade²⁰⁶, procurando não somente cumprir com as metas traçadas pelo seu programa de governo, mas principalmente deixar a marca da sua gestão na história da cidade.

É assim que em 1998 a administração *Distrital* contratou o consórcio Montenegro & Lizarralde (M&L) para que adiantasse o Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), cujo propósito principal era a renovação da *Pieza Urbana*²⁰⁷, conformada pelo setor comercial de *San Victorino*, e os bairros *San Bernardo* e *Santa Inés*, com uma área de 32.5 ha, que estava em um estado avançado de deterioramento físico, social, ambiental e paisagístico. (Figura 32).

Figura 32 – Plano Maestro Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).

Estabeleceu-se como área de estudo (P-1) a *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a Av. Jiménez, a Carrera 10ª, a Calle 5ª e a Av. Caracas, com uma área de 33,5 ha. Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A *área de influência* (cor rosa) definida pela Calle 17, a Carrera 4ª, a Calle 3ª e a Carrera 19, área 268 ha. A *pieza urbana* (P-2) subdividiu-se em quatro zonas de acordo com sua morfologia, estado das construções e seu uso do solo: (1) B. La Capuchina (*San Victorino* setor comercial) área de conservação parcial e intenso uso comercial, área 7,3 ha, (2) área de renovação e uso comercial e moradia, área 9,5 ha, (3) B. Santa Inés; área de maior deterioramento, uso de comércio e moradia informal 16,7 ha, e (4) B. San Bernardo, área de renovação e uso misturado (comércio e moradia), área 3,7 ha. Fonte: IDU/M&L. [Planos do autor].

²⁰⁶ Alguns dias após sua posse (06 jan. 1998), o prefeito Enrique Peñalosa enviou a todos os chefes de entidades distritais um memorando com o título de "Parques a trabalhar". Nele, o prefeito previu a realização do "Parque Central de Colômbia", localizado na área compreendida pela Av. Jiménez, a Calle 1ª e as Carreras 15 e 9ª. Tratava-se de uma grande extensão de área verde arborizada "como os jardins de Luxemburgo ou Versalhes", com equipamentos de caráter Nacional e *Distrital*, centros comerciais e zonas de moradia.

²⁰⁷ O consórcio Montenegro & Lizarralde utilizou este conceito para definir a área específica de estudo. Posteriormente o POT incluiu este conceito como [...] grandes territórios que integram a área urbana, os quais se diferenciam entre si pela intensidade e distribuição dos usos sobre seu tecido, as formas em que estes manifestam-se e a dinâmica que geram em relação com sua composição geográfica. As *Piezas Urbanas* são: a. O Centro Metropolitano. (O Centro Tradicional, Cidade Central, Eixo Oeste, Nodo de Equipamentos) b. Os Tecidos Residenciais Norte e Sul. c. Cidade Norte e Cidade Sul. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. POT. Decreto 619 de 2000. Artigo 62. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Bogotá, 2000.

San Victorino no marco do PMTM²⁰⁸ ocupa uma área de 7,5 ha, está conformado pelo bairro *La Capuchina* e o setor que recebe propriamente o nome de *San Victorino*²⁰⁹. O bairro *La Capuchina* conta com “comércio de materiais de construção, elétricos, roupa de trabalho, couros e plásticos”, e *San Victorino*, – setor comercial – caracteriza-se por uma intensa atividade de comércio por atacado e varejo de material escolar, material para casa, vestuário e mercadorias variadas de manufatura local ou contrabandeadas. O PMTM tinha previsto para esta área o fortalecimento da atividade comercial não somente para contribuir para a recuperação do setor, mas para garantir a sustentabilidade econômica do projeto.

O Bairro *San Bernardo*, mesmo que na atualidade tenha uma importante atividade comercial, mantém principalmente o uso residencial, e é um dos poucos que conserva boa parte da estrutura, usos e funções do bairro original, contando com equipamentos como uma igreja, uma escola e um pequeno parque. A exceção a esta condição é a franja norte do bairro, próxima à *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, a qual se caracteriza pelo comércio informal, a venda de alucinógenos e a presença de cortiços. O Plano previu para esta área o fortalecimento da atitude residencial.

O Bairro *San Inés*, ao final da década de 1990, enfrentava graves problemas físicos e sociais, entre os quais se destacavam o altíssimo nível de deterioramento físico, invasão do espaço livre, a perda de controle sobre a propriedade, as condições extremas de pobreza e marginalidade social, e o mais alto índice de criminalidade da cidade²¹⁰. No setor situa-se o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e o Colégio *Distrital Santa Inés*. Além disso, é também a localização da emblemática “*Calle del cartucho*” (*Calle 9ª*), centro de operações dos atores mais perigosos da cidade (criminosos, traficantes de droga e armas), presença da população mais vulnerável (catadores de lixo, viciados e indigentes) e lugar de localização do prédio “*El Castillo*” (construção republicana de dois andares) símbolo e centro de ação dos criminosos.

A estas condições somava-se o deterioramento ambiental da zona e, em consideração do autor deste trabalho, a ocupação e urbanização das sub-bacias dos rios

²⁰⁸ IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2.

²⁰⁹ “[...] em 1598 criou-se a paróquia de *San Victorino*, a partir da existência da (Paróquia) *Las Nieves*, que funcionava desde 1585. Dividida pela rua que vai desde a Ponte de *San Francisco* encostada ao convento, o rio abaixo até o campo”. (CORPORACION..., 2004, p. 234) Ao final do século XIX as paróquias transformaram-se em departamentos de polícia e posteriormente em bairros. Atualmente reconhece-se como *San Victorino* ao setor vizinho à praça do mesmo nome. O bairro de *San Victorino* encontra-se no setor noroeste da praça.

²¹⁰ “No caso da zona de influência do Projeto Terceiro Milênio, os índices de criminalidade são os maiores da cidade, 8.72. Taxa de homicídios a cada 1.000 habitantes”, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1. A taxa média para Bogotá é de 0.58. IDU - *Econometría S.A. “Evaluación de impactos socio económicos y ambientales del Parque Tercer Milenio”*. Bogotá, 1999.

San Francisco e San Agustín, dos quais somente ficavam alguns rastros na morfologia urbana, que paradoxalmente correspondia à zona de maior deterioramento físico e social (Figura 33). Visando à recuperação física, social e ambiental desta área, o plano propôs a construção do PTM, com uma extensão de 20 ha.

Figura 33 – Dados simplificados do censo. 1999.

Dados da composição física e social do setor e o grau de vulnerabilidade da população residente. Fonte: “Evaluación de impactos socioeconómicos y ambientales del Proyecto Tercer Milenio”. *Econometría* 1999. Referenciam-se os espaços de maior significado no setor do projeto (P-1). Praças: (1) San Victorino, (2) de Bolívar – Praça maior; (3) Parque de Los Mártires; (4) a “Calle del Cartucho” – calle 9ª. Bairros: Capuchina – zona comercial San Victorino – (cor vermelha), Santa Inés (cor verde) e San Bernardo (cor amarela). [Elaborado pelo autor].

Para cumprir os propósitos do plano, o programa de trabalho incluiu uma fase de diagnóstico, outra de formulação e finalmente um esboço do que poderia ser o desenho do PTM. A seguir, serão mencionadas as considerações mais representativas sobre estas fases, tendo em conta os propósitos deste trabalho.

O diagnóstico compreendeu a realização de uma análise urbana que incluiu: estado dos elementos tipo-morfológicos, a estrutura urbana, o papel do setor no contexto da cidade, as qualidades das edificações existentes e seu potencial para responder às demandas da cidade. Também identificou os elementos que incidiam no estado crítico de degradação do setor:

Alta presença de indigentes e moradores da rua gerando problemas de insegurança, saúde pública, [...] alta invasão do espaço público por comerciantes informais. Ausência de árvores, parques e áreas verdes na zona [...] déficit hídrico na atmosfera e no solo que afeta as plantas proporcionando uma diminuição na cobertura vegetal. Sistema de esgoto combinado

de águas servidas e águas pluviais. [...] Poluição atmosférica presente por fontes fixas de oficinas e queima de lixo; e por fontes móveis de veículos particulares e de serviço público²¹¹ [...] alta contaminação por barulho nas vias de maior afluência como a *Caracas*, a *Av. Jiménez* e a *Carrera 10* como produto do alto trânsito de veículos e por sua forte atividade comercial. [...] Contaminação visual pela alta presença de anúncios publicitários, flâmulas, painéis informativos, pôsteres, cartazes etc. como também pela multiplicidade de cabos de redes de energia e comunicações. [...] Permanente deterioro das construções existentes produto de transformações inadequadas ou improvisadas e por falta de manutenção nas mesmas.²¹²

Este diagnóstico ambiental não se diferencia muito do realizado dez anos antes, no PZCB e nos trabalhos das Agendas Locais de Bogotá²¹³, os quais, apesar de terem identificado elementos importantes, não incluíram uma análise do estado das sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, nem ao menos do equilíbrio hidrológico como processo essencial do ecossistema. O anterior poderia ser explicado pelo fato de que o enfoque do estudo esteve determinado pelo interesse de implementar uma operação de Renovação Urbana, com ênfase principalmente na revitalização dos elementos urbanos construídos, desconhecendo a importância do suporte ecossistêmico.

Na fase de formulação da proposta, uma das metas do plano foi a

Construção de uma imagem espacial pública para a peça comercial de *San Victorino* que, relacionada com a singularidade produzida pelo desenvolvimento histórico, poderia ser reconhecida como um espaço contemporâneo único e competitivo, parte essencial do centro da capital.²¹⁴

Neste sentido, a proposta estaria comprometida com um ideário político, o qual tinha como propósito tornar o centro de Bogotá em destino turístico nacional e internacional e melhorar suas condições de competitividade que estimulariam o investimento privado para o melhoramento do setor.

²¹¹ A poluição por automóveis produz-se por dois fatores, por seu volume de trânsito de veículos na zona e pelo baixo da média de velocidade, o que causa um notável aumento na emissão de gases poluentes. (INSTITUTO..., 1998, p.17)

²¹² INSTITUTO..., 1998, p.18.

²¹³ É um Instrumento de Planejamento Ambiental, com o qual se busca caracterizar a situação ambiental do município para planejar com visão estratégica e acordada com todos os atores o desenvolvimento sustentável local. Em Bogotá as primeiras Agendas Ambientais Locais foram adotadas em 1994, e em abril de 2009 foram atualizadas.

Disponível em: <http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

²¹⁴ INSTITUTO..., 1998, p.31.

Para tornar possível esta meta, o plano fixou como um de seus objetivos organizar e racionalizar o sistema de circulação para pedestres²¹⁵ e veicular do centro, procurando uma maior e melhor mobilidade e conectividade com seus setores vizinhos. Ademais, como indicado anteriormente, seria realizada a construção do PTM e de um Complexo Comercial. A proposta de um parque de 20 ha encontrou sua justificativa no discurso ambiental de moda nestes anos – “mais verde para a cidade” –, e a proposta de uma área (centro) comercial de grande tamanho teve seu suporte no discurso do ideário político que estimulou este tipo de investimentos dentro do lema de “competitividade da cidade”.

O Plano apresentou quatro sistemas para a configuração e consolidação do sistema de espaço livre: o sistema ambiental, o sistema de espaços livres, o sistema de circulação de pedestres e o sistema de circulação veicular. Na apresentação do sistema ambiental, o diagnóstico evidenciou o fato de que *San Victorino* contava com poucas referências naturais próximas, mas que seria possível a conformação do sistema, graças à execução dos projetos *do Av. Jiménez* e o Parque Terceiro Milênio²¹⁶.

O projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²¹⁷ “Propôs reconstruir o tecido ambiental do *R. San Francisco* e potencializar os valores arquitetônicos e urbanos da zona que foram construídos historicamente com essa relação”²¹⁸. Em palavras do arquiteto Rogelio Salmona, autor do projeto, esta intervenção urbana pretendia “recuperar a memória” do curso do *R. San Francisco*. Embora esta proposta parecesse interessante no discurso, o projeto feito não teve nada a ver com o previsto no papel: nunca se definiu o conceito de “tecido ambiental” de modo que a expressão reduziu-se ao retórico e na execução do projeto, em troca de uma restauração ambiental, instalou-se um extenso espelho d’água de 1.600 metros de comprimento ao longo da *Av. Jiménez*, entre a *Carrera 4ª* e a *Carrera 10ª*.

O projeto PMTM apresentou-se no Plano como “uma operação estrutural que procurava substituir a *pieza urbana* mais deteriorada do centro e propor uma recuperação ambiental como digno acompanhamento do centro histórico”²¹⁹.

²¹⁵ Priorizar o uso para pedestres em *San Victorino* fortalecendo o sistema para pedestres no centro da cidade: por meio da relação da área comercial ao Eixo Ambiental *Av. Jiménez* e as zonas para pedestres do eixo governamental. (INSTITUTO..., 1998, p. 31)

²¹⁶ “Devido a *San Victorino* localizar-se no centro da cidade, o sistema ambiental conta com poucas referências naturais vizinhas; porém, a recuperação do centro, com os projetos do espaço público com ênfase na recuperação ambiental, permite uma percepção favorável neste aspecto sistêmico. Sem dúvida os dois grandes elementos do sistema ambiental que o constituem são os projetos em execução do parque do Terceiro Milênio e do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*.” (INSTITUTO..., 1998, p. 43)

²¹⁷ É preciso lembrar que o *R. San Francisco* foi encanado e enterrado sob a *Av. Jiménez*, entre 1927 e 1938.

²¹⁸ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

²¹⁹ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

Sem dúvida, o projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez* contribuiu à recuperação de espaço para pedestres e a revalorização de algumas edificações do centro; porém, a partir de sua execução acunharam-se expressões como “tecido ambiental”, “recuperação da memória”, “recuperação ambiental” que, apesar de seu sugestivo significado, fizeram pouco bem ao ambiente da cidade. Assim, na concepção e formulação da operação urbana e do projeto PTM, o discurso oficial, por exemplo, de termos como “recuperação ambiental”, disfarçou a omissão de uma análise séria dos processos do ecossistema e sua relação com a recuperação das sub-bacias ocupadas pela cidade.

Apesar desta grave falência, não se pode desconhecer que o estudo realizado por M&L aportou elementos importantes na compreensão da problemática urbana do setor e informação privilegiada para que a administração *Distrital* pudesse traçar sua estratégia de gestão do projeto PTM. Além disso, o plano apresentou uma proposta coerente com o ideário político – renovação urbana destinada ao estímulo da competitividade – para a intervenção no espaço livre e de reordenação do espaço privado²²⁰, dimensionou o alcance físico e espacial das operações, simulou cenários de investimento e viabilidade técnica e econômica da operação imobiliária e gerou estratégias para o desenho do plano de investimento social, componente fundamental do projeto, tendo em conta a complexa e vulnerável população instalada na área.

Como terceira fase²²¹ projetou-se um desenho do parque e sua borda, (Figura 34), como primeira aproximação à imagem física e espacial que iria adquirir o setor. Pela envergadura da operação, a proposta considerou quatro zonas de intervenção, cada uma com características urbanas particulares determinadas pelo seu nível de deterioramento físico e ambiental e pelo controle do espaço livre e da propriedade privada. Do mesmo modo traçaram-se estratégias de gestão para cada uma das zonas.

²²⁰ “Para poder concretizar a transcendental operação urbana, traçaram-se duas estratégias: a primeira, a recuperação e controle do espaço urbano, processo que se inicia com a recolocação das vendas populares presentes na Praça San Victorino e a posterior construção da nova Praça; a segunda, uma intervenção direta sobre os bens imóveis, os quais se quantificaram e classificaram em patrimoniais, conserváveis e renováveis. Dessa forma, determinou-se o Plano de Gestão do projeto, estabeleceu-se a responsabilidade pública e privada de investimento no construído e determinou-se a prioridade de compra de prédios requeridos para a operação urbana”. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2. p.17- folio55.

²²¹ Para o desenho preliminar do Parque Terceiro Milênio foram contratados os Arquitetos Edgar Bueno e Fernando Montenegro. Parceria Bueno e Montenegro (B&M).

Figura 34 – Vista aérea do Parque Tercero Milênio. (B&M).

Vista desde o sudoeste, em primeiro plano o Parque com sua extensa fonte no sentido norte sul, ao centro a Praça Cívica enquadrada por prédios comerciais, e ao norte a praça remodelada de *San Victorino*. Em segundo plano o centro da cidade e no fundo os *Cerros Orientales*. Fonte: IDU/B&M.

Zona 1. Esta zona é a de maior atividade econômica, contém imóveis de mediana altitude (3 a 8 andares) – alguns com valor patrimonial –, e faz parte do entorno tradicional e histórico da Praça de *San Victorino*²²²; por esta razão o plano propõe manter as estruturas e morfologias existentes, adiantar um programa de restauração e renovação dos imóveis e uma recuperação do espaço livre. No nível morfológico, propôs-se o recorte de um quarteirão sobre a *Carrera 12*, para permitir o prolongamento da Praça de *San Victorino* e comunicá-la com os prédios comerciais propostos, gerando uma continuidade espacial e de usos entre as duas zonas. (Figura 35).

Zona 2. Esta zona caracterizava-se por uma atividade misturada (comércio e moradia) e por uma morfologia produto do traçado tradicional como tabuleiro de xadrez. Para esta zona propuseram-se vários prédios comerciais e um prédio cultural no centro, assemelhando a tipologia dos centros cívicos preconizados pelo urbanismo moderno: grandes prédios flutuando sobre uma imensa plataforma dura impermeável, modificando de modo abrupto a estrutura do espaço livre tradicional de ruas e praças da cidade; nesta

²²² “A história da praça inicia-se com a invocação a *San Victorino* da igreja que se pensava construir neste lugar, [...] A Praça *San Victorino* era o lugar onde se tomava o caminho de oeste que chegava ao porto fluvial de *Honda*, sobre o rio *Magdalena*, através da qual se chegava ao mar, por conseguinte era a porta de acesso à cidade” CORPORACION LA CANDELARIA. “*Atlas histórico de Bogotá 1538-1910*”. Bogotá, 2004, p. 234. Em 1910 instala-se a estátua do prócer Antonio Nariño e recebe o nome de Praça *Antonio Nariño*. Em 1948 retira-se a escultura, pavimenta-se a superfície toda e a habilitam como estacionamento. Em 1960 é ocupada por vendedores informais. Em 1999 recupera-se e remodela-se este importante espaço da cidade e é identificado de novo como Praça de *San Victorino*.

proposta, o pedestre perde sua escala espacial, pois a área livre é três vezes maior do que a da Plaza de Bolívar, primeiro centro cívico e cultural da cidade e do país.

Figura 35 – Planta geral do projeto. Zoneamento geral.

A intervenção proposta inclui toda a peça urbana (P-1), propõem-se grandes zonas verdes, arborização, uma fonte artificial e o canal alusivo à memória do *R. San Francisco*, este último não se incluiu na planta geral. Estabelece quatro zonas (P-2): ao norte, a zona (1) sobre a Praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe uma grande praça conformada por três grandes prédios comerciais; a zona (3), o parque “*versallesco*” com grandes superfícies duras, e ao sul a zona (4), prédios de moradia em forma de claustro. Fonte: IDU/B&M. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 3. É a zona com maior deterioramento físico, social e ambiental, na qual se localizou o PTM, componente central da operação urbana toda. Como suporte de desenho, optou-se por uma quadrícula ortogonal, semelhante à trama urbana existente de *Calles* e *Carreras*, estabelecendo uma integração e continuidade espacial urbana com o seu entorno. A esta quadrícula foi sobreposta uma gigantesca elipse que abarca a totalidade do Parque, a qual definiria o espaço central monumental, de caráter intimista. Complementário a estas duas geometrias de suporte, incluíram-se dois eixos fundamentais de desenho.

Sobre uma imensa esplanada traçaram-se os caminhos para pedestres em suas diferentes hierarquias, os quais se ressaltam com linhas de árvores de grande porte. Tendo em conta o enfoque do presente trabalho, esta proposta de arborização foi interessante em termos compositivos e de segurança, de maneira semelhante ao caso brasileiro ou europeu: “Os grandes parques se tornam transparentes no Brasil e na França para evitar a

delinquência e outros atos de vandalismo, atividades que apreciam na sombra das árvores e arbustos”²²³.

Porém, a proposta foi simplista e insuficiente em termos ambientais, pelo que evidenciou uma obsessão pela geometria e não propôs, por exemplo, massas de árvores que poderiam configurar espaços com características próprias e independentes dos traçados geométricos e os caminhos. O desenvolvimento de plantas arbustivas agrupadas, ao invés de grama ou esplanadas de concreto com caixas para plantação de árvores, favorece os processos *sucessivos* e a atração da vida silvestre²²⁴. “Uma paisagem multifuncional e auto-sustentável proporciona benefícios sociais, econômicos e meio ambientais e ajuda a rebater a ideia generalizada de monofuncionalidade dos parques”²²⁵.

Além das linhas de árvores, propõe-se paralelo ao eixo norte-sul da elipse um grande corpo longitudinal de água composto por quatro fontes artificiais sucessivas²²⁶ que são complementadas com largos caminhos e com *Palmas de Cera* (*Ceroxylon quindiuense*), árvore nacional da Colômbia. Com estes elementos configurava-se uma perspectiva monumental sobre o espaço central do Parque conformado um grande “passeio senhorial”. Porém, mesmo que a presença do corpo de água teve valor como proposta de desenho, esta opção apresentou uma possível renaturalização dos elementos da sub-bacia.

Zona 4. Com a intenção de construir um marco urbano para o Parque, propõe-se o desenvolvimento dos quarteirões adjacentes, com a presença de prédios de uso misturado com alturas máximas de 10 andares, e comércio no nível do aterro. O uso de moradias nos andares superiores das edificações apresentou-se como estratégia para atrair a população para morar no centro da cidade.

Como o evidenciam as linhas anteriores, em termos ambientais o desenho proposto para o PTM, embora apresentasse aportes para a recuperação física e da paisagem urbana da área a ser intervinda, não apresentou maior aporte para a recuperação ambiental da sub-bacia. (Figura 36). Por outro lado, em termos físicos e sociais, vale a pena notar que a proposta, ao estar apoiada no discurso ambiental corrente nesta década, justificava o fato de

²²³ SERPA, O autor toma a expressão “apreciam a sombra cúmplice das árvores e arbustos” (LEMONIER apud SERPA, 2004, p.141p. 32).

²²⁴ É claro que o desenvolvimento destes grupos de vegetação implica implementar medidas de segurança para evitar situações de roubos ou assaltos aos visitantes, como iluminação durante a noite e desenho que assegure o controle visual dos transeuntes. (HOUGH, 1998, p.112)

²²⁵ (HOUGH, 1998, p. 125)

²²⁶ A primeira circular, a segunda retangular, a terceira em cruz e a última retangular.

subtrair a curto prazo 18 quarteirões em avançado estado de deterioramento físico e o traslado de 6.248 residentes em precárias condições de habitação do bairro *Santa Inês*²²⁷.

Figura 36 – Desenhos de Análise do projeto.

Toma-se como suporte do desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se superpõe uma grande elipse (espaço do Parque) e enfatiza-se o eixo central (norte-sul) com uma longa fonte (1). Na zona central projetam-se quatro grandes prédios comerciais, no costado sudoeste do parque projeta-se uma pequena unidade cultural e de serviços (2). No setor dos prédios comerciais propõe-se uma extensa e árida plataforma dura para pedestres – praça cívica – e no parque uma rede de caminhos (3). O parque configura-se com uma grande esplanada verde (4), com arborização que ressalta o traçado dos caminhos (5), o conjunto do Parque completa-se com uma fonte artificial, que lembra “memória” do *R. San Francisco*. [Desenhos elaborados pelo autor].

Não se pode desconhecer que para cumprir com o objetivo traçado pela construção do PTM, a administração colocaria todo o seu esforço, recursos humanos, técnicos e econômicos, e também se proporia a adiantar um complexo e completo processo de assistência social à população residente e flutuante (arrendatários, inquilinos, habitantes da rua e catadores de lixo etc.), assim como uma operação organizada de compra e controle dos 603 lotes (18 quarteirões). Porém, existe no PMTM uma ambiguidade, pois o discurso ambiental e de recuperação urbanística e paisagística serviu como pretexto para legitimar a ideia de que era necessário adiantar drásticos processos de expulsão de população de escassos recursos situada em lugares estratégicos da cidade, com o fim de recuperar zonas beneficiando a competitividade e a recuperação ambiental.

Esta condição não se distingue muito do que explica Serpa (2004, p. 154): “[...] uma política estranha de requalificação do espaço urbano, porque por um lado cria novos

²²⁷ Incluindo moradores e habitantes de rua. Censo *Econometría*. Em 1999 contratou-se um estudo *econométrico* para identificar e quantificar os efeitos socioeconômicos e ambientais das ações a cargo do projeto, como também o cálculo de sua rentabilidade econômica e social.

parques, que são realmente interessantes em termos de concepção, porém, por outro lado, expulsa os habitantes dos bairros onde esses parques são implantados”²²⁸.

3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)

A elaboração do PMTM permitiu esclarecer os propósitos, as estratégias e a viabilidade da realização do projeto de renovação urbana. Porém, a administração ainda tinha que concretizar os desenhos do PTM e, além disso, achar um mecanismo que permitisse a visibilidade do projeto, de modo que o ideário político fosse incorporado no âmbito profissional e pela opinião pública²²⁹. Assim, em 1999, a prefeitura de Bogotá contratou à Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA) a realização de um Concurso de Ideias para o desenho do PTM, dirigido aos profissionais do país todo²³⁰.

O edital do concurso teve como referência obrigatória as premissas do Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas (1998-2001), do PMTM e sua proposta de desenho do Parque. Igualmente incluiu os lineamentos e conceitos do modelo de ordenamento do POT, o qual naquela época encontrava-se em seu processo de aprovação por parte da entidade ambiental competente²³¹.

O documento apresentou nos dois primeiros capítulos os antecedentes históricos gerais, a descrição atual da área a ser intervinda, algumas referências ao POT e ao PMTM, a apresentação institucional do projeto de renovação da *pieza urbana* e dos instrumentos de gestão que seriam utilizados para sua realização. A partir do terceiro capítulo, apresentaram-se os componentes particulares do concurso arquitetônico – o objeto, o alcance e os elementos fundamentais: urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Depois foram mencionados os critérios do projeto e o resumo das normas urbanísticas gerais.

A apresentação institucional do projeto evidenciou a premissa da proposta do ano 1998, M&L: o *slogan* visava a gerar um grande impacto no centro histórico e tradicional, com a intenção de estimular o investimento público e privado em programas de moradia, comércio e cultura, para fazer de Bogotá uma cidade mais competitiva e atrativa para o

²²⁸ SERPA, 2004, p. 154. O autor retoma a entrevista realizada ao paisagista Gilles Clement, um dos conceptores (sic) do Parque André-Citroën, no contexto de uma investigação de pós-doutorado realizada no laboratório de Espaço e Cultura da Universidade de Paris IV.

²²⁹ “Facilitar a Promoção e Apropriação social do projeto. A espacialidade proposta será o primeiro elemento para que a cidade e os habitantes o incorporem como uma realidade coletiva que interesse a todos os cidadãos. As ideias do concurso devem propor aos cidadãos a imagem deste novo território, permitir sua identificação como símbolo urbano e constituir uma oferta de espaço público com o qual os usuários possam contar”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 2.3.4.1.)

²³⁰ “Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do Parque Terceiro Milênio em *Santafé* de Bogotá”. (SOCIEDADE..., 1999)

²³¹ “De acordo com a Lei 388 de 1997 de Ordenamento Territorial, [...] O processo de elaboração do POT tem três fases ou processos: (1) **Formulação**, (2) **Conciliação Organização** interinstitucional e consulta com os cidadãos e (3) **Aprovação**”.

investimento e o turismo nacional e internacional²³². A conformação de espaços públicos de caráter emblemático apresentou-se como a alternativa que permitira lograr estes propósitos, além de garantir o acesso da população toda em condições de equidade à “recreação, lazer e divertimento”²³³.

As bases do concurso também mencionaram a intenção de melhorar as condições ambientais do setor por meio de “uma área importante verde”²³⁴, mas paradoxalmente em seu edital omitiu todo tipo de compromisso com a recuperação dos elementos naturais do lugar, especialmente dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²³⁵. (Figura 37)

Figura 37 – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).

As propostas de desenho do Parque (P-1) deveriam apresentar uma solução integral à área toda da *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 5ª* e a *Av. Caracas*. Além disso, deveriam resolver a articulação do projeto com o seu entorno imediato (cor rosa). A proposta ganhadora (Pereira & Pabón) subdividiu a *pieza urbana* (P-2) em quatro zonas: (1) área de conservação parcial, onde se mantém a morfologia e uso existente; (2) área de renovação total, com usos de comércio e moradia; (3) área de renovação total, de uso exclusivo para o Parque; e (4) área de renovação total, com uso principal de moradia. [Planos elaborados pelo autor, sobre planos de FONADE “*Preinversión*”, Bogotá, 1988].

Carente de um compromisso de recuperação dos processos essenciais do ecossistema, associados às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, o concurso de

²³² “O projeto deve contribuir a melhorar as condições de competitividade de Bogotá para o terceiro milênio e fazê-la atrativa para novos investimentos e atividades futuras. Se propõe apostar ali por maiores atividades residenciais, lúdicas e culturais, e dotar o centro de espaços públicos ou recreativos, a escala da urbe moderna, para os tempos contemporâneos [...]”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³³ “A construção e dotação de espaços públicos de caráter representativo corresponde à política da Administração de prover à cidade de lugares de encontro e espargimento, onde o cidadão tenha, sem distinção de sua capacidade econômica ou de qualquer outro fator de segregação, igualdade de oportunidades de recreação, descanso e entretenimento”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁴ “Um dos objetivos é o de melhorar as qualidades ambientais desta peça estratégica, propondo uma área importante verde que permita compensar os efeitos e condições de ocupação urbana característica do setor [...] Busca melhorar a qualidade de vida dos habitantes do setor e ao mesmo tempo, como equipamento metropolitano, a de todos os habitantes da urbe”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁵ O documento pedia aos participantes que propusessem soluções em três escalas: “a do Parque e a volumetria de suas margens; a da área de influência e a de articulação do Parque com o setor e o centro com a cidade em geral.”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1) Na definição das escalas de intervenção não apareceu uma referência às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como elementos que ajudaram a definir as escalas e relações que deveria guardar o Parque em termos espaciais.

ideias assinou ao Parque essencialmente um significado e valor emblemático, com a clara intenção de reforçar sua importância e pertinência, fazendo sentir à população que o que estava em jogo com a realização do projeto era a dignidade nacional, e que, portanto, era urgente que todos os cidadãos respaldassem esta nobre e louvável iniciativa:

O centro de Bogotá e do país é tão importante como a bandeira ou o escudo da Colômbia. Por tal motivo, a recuperação deste setor que, pelas atividades e serviços que presta ao restante da cidade e ao país, deve alcançar uma conotação de símbolo nacional [...]” (Bases do concurso, 1999, apresentação)

Este enfoque faz inevitável pensar no papel que cumpriram os parques *bogotanos* em um período da história da Colômbia que passou à memória do povo como a época de “*La Regeneración*”: como se mencionou na seção anterior, no final do século XIX, os projetos dos parques *bogotanos* converteriam-se nas vitrines de um projeto político que pretendia a consolidação e controle do Estado Nacional²³⁶, e que buscava enfrentar a situação de pobreza, violência e crise interna na qual se afundava o país.

É preciso lembrar – guardando a devida distância de tempo, escala e contextos históricos – que na Europa surgiu a ideia do parque público urbano no século XIX, como uma alternativa que reunia um conjunto de qualidades que ajudariam a resolver os males da cidade industrializada, de tal forma que as teorias higienistas legitimariam as funções sanitárias do parque urbano, onde “[...] os benefícios sanitários da natureza se juntaram à virtude pacificadora, associada rapidamente a uma ideia de controle social”²³⁷. No caso *bogotano*, não se trata de um mundo industrializado, mas de uma cidade pré-moderna de apenas 100.000 habitantes, capital de uma República, que tratava de superar a instabilidade política e os fenômenos de violência e pobreza que aconteceram depois da independência em 1810, e que concebeu ao parque urbano a chance de cultivar valores “pacificadores” fundamentais ao orgulho nacional e o culto aos heróis e mártires da independência.

Chama a atenção que no caso *bogotano*, com um século de diferença, propuseram-se soluções com discursos políticos semelhantes, desconhecendo-se que a escala e conflitos da cidade são diferentes e mais complexos. O PTM como projeto político de finais do século XX guarda semelhança com os empreendidos na época de *La Regeneración*, mas

²³⁶ “A *Regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu início a que os princípios do *conservatismo* fossem impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

²³⁷ SERPA, 2004, p. 160.

agora, mediado pelo discurso contemporâneo dos símbolos nacionais, a promoção da competitividade, a procura da igualdade e da sustentabilidade ambiental, foram reforçados com um enfoque quase messiânico: o concurso arquitetônico de ideias tinha o papel da semente no processo de salvação e redenção do centro da cidade e de todos os seus moradores:

Esta é uma ocasião única, e oportuna, para obter na área central da cidade as condições para se inserir ao futuro adequadamente, e para atuar como centro de integração social no mundo contemporâneo. [...]

Não fazê-lo seria condenar a cidade central à decadência, ao anacronismo e ao abandono, ao mesmo tempo em que os equipamentos contemporâneos vão se fazendo na periferia, onde se deslocam os atrativos, ao mesmo tempo em que o centro nem sequer se conserva [...] (Bases do concurso, 1999, numeral 3.1)

Com este ideário, nas bases do concurso pediu-se aos participantes toda sua dedicação e sabedoria para apresentar as mais criativas soluções, que deram resposta a aspectos transcendentais como a “[...] criação de um fato urbano de tal significado e atrativo que se converteria em referente geral da Bogotá metropolitana do século XXI”²³⁸.

Na procura de uma solução integral no setor de *San Victorino* e o centro da cidade, as bases do concurso enfatizaram a necessidade de que as propostas abordassem simultaneamente três aspectos básicos: o urbanístico, o arquitetônico e o paisagístico.

No urbanístico, insistiu-se na importância de conservar a “memória” e ressaltar a importância do lugar na história da cidade²³⁹, assim como na urgência de dispor grandes áreas para o estacionamento de veículos, devido a que toda a operação imobiliária tinha como eixo central a construção de um complexo comercial²⁴⁰ na parte média da *pieza*

²³⁸ Correspondente a este objetivo, o documento do concurso apresentava como objetivos: “Gerar um impacto social cultural e urbano que potencialize a reabilitação da cidade central toda, propor a vocação e o caráter do Parque, assim como sua representação simbólica e cultural para a cidade e o país em geral; definir os usos e possíveis atividades no Parque e na borda de influência imediata [...], que garantam a permanência, o atrativo, o caráter e a sustentabilidade do Parque [...] a utilização dos prédios que seja necessário, ou se proponha conservar; localizar esculturas, símbolos, fontes, sinais, árvores e outros elementos organizadores do espaço cívico proposto; considerar a trama urbana e os espaços públicos pré-existentes ou propostos que articulem o Parque e sua área de influência com o restante da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1)

²³⁹ “O Parque como Marco Urbano: Se deverá incorporar ao desenvolvimento do Parque a memória urbana e o significado histórico que tem tido e tem neste setor para os cidadãos de fora e dentro da cidade. O parque deverá ser um motivo de orgulho e reconhecimento para os cidadãos e lugar obrigado de visita, tanto para os *bogotanos* como para os habitantes de fora da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴⁰ “Deve se considerar que na zona norte da borda do parque se colocará um setor comercial e de serviços de aproximadamente seis hectares, complementares à zona consolidada existente, a qual, segundo os cálculos, deverá prover estacionamentos para 5.000 veículos”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

urbana. Com relação ao aspecto arquitetônico, insistiu-se na necessidade de propor um desenvolvimento imobiliário sobre a *Carrera 10ª* com características semelhantes à solução proposta por B&M, com a intenção de incluir esta zona como parte da estratégia de financiamento do Parque²⁴¹.

Finalmente, apesar de que o concurso do desenho correspondia a um Parque Metropolitano, que por sua natureza deveria fazer parte da Estrutura Ecológica Urbana (EEU) da cidade, o aspecto ambiental e paisagístico foi referido dentro das bases com poucas linhas e de maneira superficial. Aos competidores pediu-se exclusivamente:

Propor a ideia básica do parque com suas áreas, solos, caminhos, fontes, prédios e demais elementos concebidos, assim como as massas, alturas, alamedas ou alinhamentos arborizados, sem necessidade de descrever as espécies, nem fazer um projeto paisagístico detalhado.²⁴²

O tema dos corpos de água – rios *San Francisco* e *San Agustín* – também se tratou de maneira trivial a tal ponto que até o *R. San Agustín* nem sequer foi mencionado dentro das Bases do Concurso. O manejo de água reduziu-se a um artigo de recuperação da “memória urbana” e não se incorporou como um elemento vital do sistema hídrico do centro da cidade. Aos contestantes foi solicitado simplesmente “[...] ter em conta o leito do antigo *R. San Francisco*” sem proporcionar maiores precisões ou parâmetros a respeito.

Os critérios de avaliação e qualificação dos projetos foram consequentes com os objetivos traçados. Neste sentido, não incluíram aspectos ambientais e paisagísticos, e concederam prioridade unicamente à proposta de usos, de articulação urbana e de gestão da proposta. O jurado do concurso outorgou o primeiro prêmio à proposta dos arquitetos Juan Guillermo Pereira e María Camila Pabón (P&P), (Figura 38), a qual compreendia uma operação urbana integral, coincidente com as quatro zonas de intervenção que propuseram B&M:

De acordo com o jurado, o projeto ganhador criava uma nova paisagem através da técnica apropriada na criação de parques, cujo segredo está no trabalho paciente sobre as articulações em diferentes níveis, sobre as massas de árvores, sobre a água, sobre o tecido entre o anterior e o

²⁴¹ “[...] considerar a inclusão de novos prédios representativos de caráter institucional que lhe forneçam sustentabilidade à conservação do patrimônio urbanístico e arquitetônico da borda oriental do Parque”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴² SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2.

construído. O jurado também considerou para selecionar o projeto, a importância que este lhe deu à vinculação direta do parque com os seus limites imediatos.²⁴³

Figura 38 Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitectónico. Arquitetos Pereira & Pabón (P&P). O Parque em primeiro plano com suas praças, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o conjunto de prédios comerciais e de moradia. [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de P&P, sobre a vista aérea de B&M].

Zona 1. A solução propôs manter a estrutura morfológica nos quarteirões existentes em virtude do seu valor patrimonial e sua tradição como setor comercial. Para integrar a Praça *San Victorino* com o Parque, propõe-se subtrair um quarteirão mantendo um prédio patrimonial, que seria reciclado como prédio institucional. (Figura 39).

Zona 2. Para esta zona a proposta incluiu uma renovação total dos quarteirões os quais mantêm a morfologia urbana e recuperam a tipologia de quarteirão com quintal no interior (claustro); estabelecem-se como usos, o comércio no nível da rua e as moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁴. Para dar a continuidade entre a Praça *San Victorino* e o Parque, subtraem-se dois quarteirões e mantêm-se os prédios patrimoniais, os quais são reutilizados como equipamentos institucionais.

Zona 3. Esta área corresponde ao PTM, e tem um tamanho maior ao proposto no projeto de B&M, pois integra ao Parque quatro quarteirões do costado norte. Propõe-se a conservação de todos os prédios patrimoniais, os quais são reciclados como prédios

²⁴³ Carta do jurado qualificador dirigida aos participantes do Concurso de Ideias Parque Terceiro Milênio, novembro de 1999. In: IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1., p. 55-Folho 094.

²⁴⁴ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

institucionais, que prestam serviços complementares ao Parque. Para conservar a estrutura espacial e funcional da *Calle 10ª*, propõe-se a construção de novos prédios com formato de barra, paralelos à *Calle 10ª*, que confinados com os prédios patrimoniais recompõem o espaço cênico da via. A composição geral do Parque apóia-se sobre a quadrícula tradicional, típica da morfologia da cidade colonial, à qual foram sobrepostos eixos diagonais, que respondem – segundo os projetistas – às tensões próprias do lugar²⁴⁵.

Figura 39 – Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.

O projeto que incluiu a *pieza urbana* toda (P1) propõe: manter os prédios patrimoniais, extensas zonas verdes, linhas de arborização e uma longa fonte artificial. Destaca-se a plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* que permite a continuidade espacial entre o parque e o centro histórico. Estabelece quatro zonas (P2): ao norte, zona (1) sobre a praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe-se a uma renovação total e prédios comerciais respeitando a morfologia existente; a zona (3), o parque, uma extensa esplanada com três eixos principais, (a) *Calle 11*, caminho de jardins temáticos, (b) caminho ao museu urbano e (c) alameda *Carrera 12*, e no sul, a zona (4) grandes prédios de moradia com formato de barra. Fonte: Revista Escala no. 186-187. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 4. Propõe-se para esta zona a modificação de todos os quarteirões, a construção de um plano de moradia, com tipologia em barra, com espaços verdes interiores, com comércio no nível do térreo e moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁶. Para integrar o PTM com este novo desenvolvimento de moradia projeta-se um “parque lineal” no costado sul da *Calle 6ª*, parque que na verdade correspondeu a uma calçada arborizada.

Como havia plena liberdade de propor o conteúdo do programa do Parque, o projeto ofereceu uma série de elementos, os quais foram aproveitados como estratégia de composição do mesmo e de sua integração com o setor: especialmente a criação de uma

²⁴⁵ Um eixo que integra a Praça de *San Victorino* com a esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*, e um eixo curvo que associado ao anterior conforma o espaço monumental mais importante do Parque; outro eixo diagonal conecta a esquina da *Av. Caracas* e *Av. Jiménez* com o Parque e o bairro *San Bernardo*; a partir deste eixo, estabelece-se um novo plano visual que integra o Parque com os *Cerros Orientales* da cidade.

²⁴⁶ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

plataforma para pedestres no nível das calçadas sobre a *Carrera 10ª* entre as *Calles 8ª e 11*, conectando espacial e funcionalmente o PTM com o Centro Histórico (Praça de *Bolívar*); o fluxo veicular da *Carrera 10ª* se resolve com uma via subterrânea que passa sob a plataforma para pedestres.

Sobre a *Av. Caracas* propõe-se uma solução menos afortunada, ao resolver a integração a partir do traçado geométrico da arborização proposta, a qual proporciona uma aparente homogeneidade ao espaço, mas na verdade este se fragmenta sob a copa das árvores, sem resolver a conectividade urbana.

Como mencionado anteriormente, a *pieza urbana* compõe-se por quatro zonas claramente estabelecidas. Para conseguir uma integração entre estas, o projeto propõe três elementos estratégicos: o primeiro é um grande espaço verde com formato de banana que conecta a Praça de *San Victorino* com a Praça *Caracas*²⁴⁷. Este espaço de caráter monumental domina toda a composição do Parque e contém duas Praças: Central e de Esculturas, acolhe o passo das *Calles 10ª e 11*, ressalta quatro prédios patrimoniais e um longo corpo de água conformado por quatro fontes artificiais que supostamente lembram o velho leito do *R. San Francisco*. Este espaço enquadra-se com árvores de grande porte, plantados sobre os caminhos dos eixos principais.

Um segundo elemento é o caminho diagonal que comunica o grande espaço verde com formato de banana a três praças triangulares do Parque: a Praça Central, a Praça de Esculturas, e a Praça de Eventos localizada na *Carrera 12* com *Calle 7ª*. O terceiro elemento esta constituído pelo caminho traçado sobre a *Carrera 11*, que comunica a Praça de *San Victorino* com a *Calle 6ª*. Este eixo contém uma biblioteca acondicionada em um prédio patrimonial, três jardins temáticos – flores, verde e árido – o parque infantil com brinquedos mecânicos e a área para esportes com quatro quadras múltiplas. (Figura 40).

Em relação aos elementos naturais, o projeto ganhador propõe como base uma extensa planície verde, que cobriu o espaço todo do Parque, a qual era rebaixada pela quadrícula de caminhos estreitos, pelos eixos diagonais e pelas pequenas praças propostas. Com a intenção de romper com esta paisagem contínua, propôs-se ao costado leste do eixo central que comunica a Praça Central e a Praça de Eventos, um largo talude triangular conformado por três seções trapezoidais, o qual cumpria com várias funções: gerar um lugar calmo e estratégico para o lazer e aproveitamento do Parque, estabelecer um controle espacial entre as áreas leste e oeste do Parque, cumprir a função de corta-ventos e

²⁴⁷ Praça proposta na esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*.

comportar-se como uma sacada urbana, desde onde se teria uma vista panorâmica do Parque, seu entorno e especialmente os *Cerros Orientales* da cidade.

Figura 40 – Desenhos da análise do projeto.

Semelhante à proposta de B&M, estes tomam como suporte de desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se traçam eixos diagonais que relacionam pontos importantes do setor (1). Sobre a Praça de *San Victorino*, subtrai-se um quarteirão para permitir a conexão desta com o Parque, na zona central projetaram-se prédios de comércio em formato de claustro, e no Parque propõem-se pequenas unidades (museus e serviços) sobre os três eixos principais (2). Como sistema para pedestres propõe-se uma rede simples de caminhos, com praças no cruzamento dos caminhos mais importantes (3). O parque beneficia-se com uma importante esplanada verde que inclui um talude central (4). A rede de caminhos destaca-se com as linhas de árvores (5). Para rememorar o leito do *R. San Francisco* projeta-se uma longa fonte de cinco trechos. [Desenhos elaborados pelo autor].

A vegetação dispôs-se basicamente de duas formas: de um lado, fileiras de árvores que acompanhavam os caminhos e enquadravam os espaços, com a clara intenção de ressaltar a trama tradicional urbana de *Calles* e *Carreras* de árvores; de outro, a configuração de massas “quadriculadas” de árvores com a finalidade de criar barreiras naturais que controlaram visual e acusticamente as interferências produzidas pela *Av. Caracas*, uma das vias mais congestionadas da cidade.

Para a recuperação da “memória” do leito do *R. San Francisco* propõe-se, paralelo ao eixo diagonal que comunica a Praça de *San Victorino* e a Praça *Caracas*, um longo corpo de água formado por quatro fontes artificiais de água, as quais fazem parte do espaço verde dominante da composição do Parque.

É claro que o projeto recebeu o primeiro lugar, por sua resposta frente às exigências das bases do concurso, nas quais se insistia em reconhecer as estruturas urbanas existentes, em propiciar a conectividade urbana e em manter o patrimônio arquitetônico. Também é evidente que como as diretrizes das bases do concurso não incluíram referências com relação à recuperação dos elementos naturais do setor, nem do sistema hidrológico, a

proposta ganhadora ignorou os critérios e as estratégias de desenho ambiental. Porém, sob o olhar deste trabalho, observaram-se os seguintes aspectos positivos na proposta ganhadora:

O projeto propunha manter a maior quantidade de espaços livres no Parque e no setor, com uma superfície verde permeável equivalente a 70% da área do Parque e com poucas áreas impermeáveis, conformadas pela rede de caminhos – os quais tinham dimensões semelhantes ou menores ao largo das ruas existentes no setor –, e o conjunto de praças, cujas dimensões eram inferiores às da *Praça de San Victorino*, principal espaço público da *pieza urbana*. O modelado da topografia configurava um talude central o qual operaria como sacada urbana, desde onde se tinha domínio do Parque, do seu entorno e dos *Cerros Orientales*, elemento dominante da paisagem da cidade.

A instalação de uma plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* dava continuidade e conectividade urbana entre o Parque e o centro histórico da cidade, conseguindo com isto que a população usuária do centro participasse e aproveitasse de maneira direta os espaços e as atividades que o Parque poderia lhes oferecer.

O grande espaço verde com formato de “banana” era um elemento de integração de todos os componentes destacados da *pieza urbana*: a Praça de *San Victorino*, a Praça Central, a Praça de *Esculturas*, o Colégio *Santa Inés* e a Praça *Caracas*, os quais se conectariam por dois caminhos para pedestres, que percorreriam o espaço, tendo como elemento de composição central a grande fonte artificial, “[...] figura verde, acompanhada de um plano de água lineal, memória do passo do rio [...]”²⁴⁸.

A partir desta mesma leitura, neste trabalho identificam-se aspectos fracos no projeto ganhador: ao se tomar como base de desenho o traçado tradicional das *Calles* e *Carreras* existentes, o projeto apresenta uma solução espacial que reproduz de maneira simplista o tecido da cidade, onde o construído é trocado pelo vazio. É assim que o projeto é concebido como uma grande operação de subtração dos quarteirões, onde as ruas tornam-se caminhos e os quarteirões espaços verdes. Esta solução aparentemente respeitosa do passado, como o referem os autores, não aportava elementos paisagísticos significativos para o novo Parque, pois esta atitude fazia com que todos os percursos fossem semelhantes, lineais e com as mesmas perspectivas sem nenhum valor cênico.

Chama a atenção que a única parte onde não se manteve o traçado urbano foi na zona correspondente aos quarteirões irregulares, bem no lugar por onde passava o *R. San*

²⁴⁸ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 65.

Francisco. No projeto há uma obsessão marcada por endireitar tudo, por traçar grandes eixos conectores de espaços ou pontos de interesse, como intencionalmente notam os autores:

O urbanismo de *Sixto V*, que estabelece pontos de tensão entre a cidade, e percursos lineais que os comunica, fazem aparecer [no projeto] uma segunda estrutura superposta, rica em diagonais que responde ao fato de que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta [...] ²⁴⁹

É com esta mesma atitude que se traça a rígida fonte de água, com a intenção de recuperar a “memória” do leito do *R. San Francisco*.

Em estreita relação com os conceitos anteriormente expostos, a proposta de arborização reafirmou esta obsessão por ressaltar a traça urbana e os novos eixos diagonais, pois a colocação da vegetação fez-se a partir de uma rígida geometria na qual as linhas de árvores enquadravam os espaços, as fileiras de vegetação acompanhavam os caminhos e nos casos em que se propunham massas de árvores fez-se sob uma severa geometria semelhante à utilizada na plantação mecanizada para a produção agro-florestal.

A proposta, fiel às bases do concurso, não apresentou nenhuma alternativa de recuperação dos elementos naturais perdidos – rios *San Francisco* e *San Agustín* – os quais tiveram grande importância para a cidade. A referência ao *R. San Francisco* fez-se com um longo espelho d’água composto por quatro bacias artificiais, que pouco tinham a ver com o percurso original do rio e muito menos com a função biológica que poderiam cumprir dentro do ecossistema da cidade. Finalmente – semelhante às bases do concurso – não se fez nenhuma referência ou alegoria ao *R. San Agustín*.

Apesar destas falências, o processo do concurso arquitetônico de ideias cumpriu com a estratégia central da administração *Distrital*: dimensionar o custo político e social da obra a empreender – aproveitando a oportunidade como um instrumento de publicidade da operação imobiliária da *Pieza Urbana* Terceiro Milênio – por meio de um evento de caráter nacional, que convocou todos os arquitetos do país aproveitando o ente mais importante do grêmio, a Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA).

A estratégia de utilizar o concurso como um instrumento de publicidade ou promoção evidencia que o PTM, no fundo, foi um projeto político, que em sua concepção retomou a

²⁴⁹ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67..

experiência do modelo francês, usado na construção de parques nos últimos anos do século XX: “Concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque urbano está ligado, sobretudo, a uma vontade política [...] Trata-se principalmente, de uma vontade política de representação no (e através do) tempo”²⁵⁰.

3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.

Com o PMTM, a convocatória do Concurso de Ideias e a eleição de um projeto ganhador, a administração *Distrital* conseguiu concretizar numerosos aspectos relacionados com a materialização deste megaprojeto portador de um ideário político. Porém, ainda era necessário dotar o projeto de um elemento adicional que permitira finalmente a execução amparada em um marco legal e normativo. Foi assim que a Prefeitura contratou o “Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio” (*POUPTM*), cujo documento técnico foi encarregado à União temporal, EHM Arquitectos, conformada por Rafael Esguerra, Carlos Hernández e Giancarlo Mazzanti. (Figura 41). O estudo teve como objetivo “estabelecer um diagnóstico sobre a situação atual, os potenciais, e as restrições do setor utilizando uma base técnica que permitisse analisar as características dos componentes ambientais, paisagísticos, espaciais, funcionais e físicos da área”²⁵¹. Para os propósitos desse trabalho, requer-se aprofundar nos elementos que primaram na concepção do POUPTM, pois esses evidenciam as prioridades e parâmetros que se estabeleceram para a execução do projeto.

O Documento técnico do POUPTM incluiu uma aproximação à escala metropolitana, para “[...] visualizar as transformações ambientais e geográficas, a conectividade e acessibilidade ao setor”, uma aproximação ao centro da cidade e a área de influência do Parque²⁵². O Documento Determinou os usos, densidades e níveis de intervenção e o procedimento para a definição das normas do setor, os instrumentos de gestão urbana e planejamento, e a atuação urbanística de acordo com os lineamentos da Lei 388 de 1997, Lei de Ordenamento Territorial.

Com relação ao tema legal, o Documento Técnico do POUPTM teve em conta as definições e lineamentos do “Decreto 880 de 1988”²⁵³, o qual lhe atribui o tratamento de

²⁵⁰ SERPA, Angelo, 2004, p. 139-140.

²⁵¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6.

²⁵² INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 4.

²⁵³ O estudo de Montenegro & Lizarralde deu origem ao Decreto 880 de 1998. “*Por el cual se adopta el programa de Renovación Urbana para la recuperación del sector comprendido por los barrios San Bernardo y Santa Inés y su área de*

Renovação Urbana²⁵⁴ ao bairro de *San Bernardo* e sua área de influência; do Decreto 334 de 2000, “com o qual se modifica e se complementa o Decreto 880 de 1998 com relação aos conteúdos do Programa de Renovação Urbana para o Setor de *San Bernardo*”²⁵⁵; e o Decreto 619 do Plano de Ordenamento Urbano (POT), cuja aprovação e divulgação realizaram-se no ano 2000. O POUPTM, em relação à escala urbana, incorporou os objetivos estabelecidos pelo POT para o ordenamento da cidade central²⁵⁶.

Figura 41 – Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).

Em primeiro plano o Parque com suas alamedas, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o traçado do novo desenvolvimento urbanístico, conjunto de prédios comerciais (sem construir). [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de EHM, sobre a vista aérea de B&M].

Embora fossem expostos os aspectos relacionados com a norma específica do setor e a operação de renovação urbana²⁵⁷, no que diz respeito à dimensão ambiental, é preciso dizer que em sua introdução, o Documento Técnico do POUPTM deixou em um lugar

influencia y se establecen normas específicas para algunos de los sectores dentro del área de Renovación Urbana". Bogotá, outubro de 1998.

²⁵⁴ O decreto 880/98 definiu a Renovação Urbana como o “processo de intervenção sobre a política de uso do solo, por meio deste procura-se transformar ou adequar um assentamento urbano existente e adaptá-lo a novas necessidades urbanas com o fim de dinamizar zonas deterioradas ou em processo de deterioramento”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe Final)

²⁵⁵ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe final.

²⁵⁶ São objetivos do ordenamento da cidade central (entre outros): “[...] Melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. 5. Proteger e conservar os elementos da Estrutura Ecológica Urbana dando trato especial aos *Cerros Orientales*. 6. Incentivar a conservação das zonas e imóveis patrimoniais [...]”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Plano de Ordenamento Territorial (POT). Decreto 619 de 2000. Art. 121. *Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital, Bogotá, 2000.*

²⁵⁷ O Plano recomendou o seguinte: “A norma específica para o setor de intervenção estará delimitada por meio de três atos administrativos que são: a *Ficha (explica)* regulamentaria: para os setores com tratamento de renovação em sua modalidade de reativação. O Plano Parcial: para os setores com tratamento de renovação na modalidade de re-desenvolvimento e o Plano *Maestro* para Parques e Plano *Maestro* para Equipamentos: na área específica do parque.”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 56, Informe Final)

marginal a dimensão ecossistêmica, apesar da presença do conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no POT. Somente fez uma breve alusão a este conceito, transcrevendo os objetivos do ordenamento da cidade central estipulados pelo POT:

[...] melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. E proteger e conservar os elementos da EEU dando tratamento especial aos *Cerros Orientales*.²⁵⁸

Vale a pena notar também que paradoxalmente nestas poucas linhas não se consideraram as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como parte fundamental da EEU no centro da cidade.

Apesar desta omissão na introdução, a descrição da área de estudo do documento Técnico do POUPTM incluiu alguns enunciados sobre o “Sistema Ambiental Geográfico e de Paisagem”, sem assumir um compromisso tangível com o ideário que deu vida ao conceito de EEU na formulação do POT: (Figura 42), no estudo mencionaram-se alguns antecedentes e o estado da paisagem, dos componentes hidrológicos, topográficos e bióticos, enfatizando na vegetação existente e predominante na área. A descrição de cada um dos componentes retomou os elementos enunciados pelos estudos que lhe antecederam (Plano Zonal do Centro de Bogotá, Agendas Locais Ambientais, Plano *Maestro* Terceiro Milênio e bases do Concurso Arquitetônico de Ideais entre outros). As recomendações para o melhoramento da qualidade ambiental retomaram a retórica das bases do CAI e do PMTM, sem formular uma proposta encaminhada a concretizar ações específicas para a recuperação do sistema hídrico e hidrológico original²⁵⁹.

²⁵⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Documento Técnico de Soporte al POT*. Numeral 5.2.1.2.3. Bogotá, 1999.

²⁵⁹ “A recuperação da memória dos rios executa-se por meio da incorporação do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, que continua até o interior da zona. É um componente essencial para a recuperação do espaço público de *San Victorino* e para o Parque Terceiro Milênio. [...] Do mesmo modo a *Calle Séptima* por onde passava o leito do rio *San Agustín* incorpora-se também como Eixo Ambiental, aportando um melhoramento das condições para a circulação de pedestres e de bicicletas e com um critério claro de arborização para articular a rede verde [...] Como uma solução para compensar a artificialização (enterro) dos rios, é importante considerar a conexão entre os cerros e seus rios por meio da incorporação das principais avenidas por meio de eixos ambientais e suporte da malha verde, de forma que todas estas funcionem dentro de uma rede verde viária [...] se recomenda a penetração da paisagem dos morros na trama urbana por meio de seus principais eixos (antigos leitos) *Av. Jiménez* e *Calle Séptima*, entre os que se recomenda incluir também a *Avenida de Los Comuneros* e a *Avenida 1ª*, de jeito que estes eixos verdes desçam e penetrem na área para chegar ao Parque e continuem pela rede verde viária. Estes corredores poderão atrair novas espécies de fauna associada, buscando melhorar a qualidade sonoro-auditiva, não somente pela absorção, desvio e reflexão do barulho, mas pela substituição por outro som mais prazeroso ou mais tolerável ao ter-se reduzido a energia original”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p.39-40, Informe final) O documento do Plano não fez nenhuma recomendação técnica para conseguir estes louváveis objetivos, já que a atividade pela qual tinha sido contratada a União EHM Arquitectos, consistia somente em efetuar recomendações gerais, de modo que as propostas como, por exemplo, a de um “eixo ambiental” sobre a *Carrera 7ª*, ou sobre a *Avenida 1ª* jamais se realizaram.

Figura 42 – Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto construído. (EHM).

A área de estudo do Plano (P-1) estava definida pela zona (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 1ª* e a *Av. Caracas*, com uma área de 68,3 ha, Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) estava conformada pela *Calle 19*, a *Carrera 4ª*, a *Calle 6ª* sul e a *Carrea 19* área 310 ha. A área do Parque (P-2) subdividiu-se em duas zonas: (1) Cor verde escuro, pertence ao espaço de articulação entre a área comercial de *San Victorino* e o Parque. (2) cor verde claro, corresponde à área do Parque propriamente dito. Fonte: IDU/EHM. [Desenhos elaborados pelo autor].

Na metodologia do POUPTM, incluíram-se três fases: a primeira foi referente a uma “Análise e diagnóstico no nível do setor”, a segunda, a uma “Definição das alternativas de organização”, e a terceira, ao “Desenvolvimento do cenário de organização e desenvolvimento do projeto arquitetônico”²⁶⁰. É nesta última fase que se incluiu o projeto “Estabelecer as diretrizes do desenho do parque e seu desenvolvimento”²⁶¹. Neste cenário foi determinada a função e o conteúdo do programa, e foram elaborados os planos gerais de construção do Parque.

Projeto construído

Para a zona de 18.5 ha²⁶², (Figura 43), correspondente ao PTM, o POUPTM, retomou vários critérios do projeto ganhador do concurso arquitetônico de ideias:

[...] a integração com o seu contexto urbano: relação com o *cardo*²⁶³ Institucional, a relação com (os bairros) *La Candelaria*, *La Capuchina*, *El Voto Nacional* e *La Estanzuela* [...] a construção do Parque por etapas²⁶⁴, a recuperação da ‘memória’ dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por meio da criação de espelhos d’água, a evocação de seus leitos pelo tipo de

²⁶⁰ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6-8, Informe final.

²⁶¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 8, Informe final.

²⁶² A área inicial era de 20 ha, mas ao suprimirem-se dois quarteirões ao norte do Parque a área diminuiu a 18.5 ha.

²⁶³ **Cardo**: rua sentido norte-sul usado no planejamento urbano das cidades do império romano. A rua sentido leste-oeste se denomina *Decumanos*.

²⁶⁴ “O qual se verificou de acordo ao Plano de compra de prédios da Empresa de Renovação Urbana”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60, Informe final)

arborização associada²⁶⁵, a criação de grandes espaços representativos de encontro abertos à paisagem dos morros; o manejo do Parque por meio de sistemas operativos (solos e topografia), de tensões e fluxos (mobilidade), e de acontecimentos (programa de usos) [e finalmente a] evocação da memória de suas ruas e espaços, e identificação de seus espaços com seus antigos nomes” (Toponímia).²⁶⁶

Figura 43 – Planta geral do Projeto Construído.

Diferente dos projetos de B&M e P&P, a proposta somente inclui a área do Parque (P1). Mantêm-se os prédios de Medicina Legal e o Colégio *Santa Inés*, projetam-se sete taludes perimetrais para isolar os espaços interiores com o seu entorno, além de organizar a rede de caminhos inferiores e superiores do mesmo. Como complemento ao Parque (2) a administração *Distrital* elabora os Planos *Maestros* de *Santa Inés*, ao norte (1), e *San Bernardo*, ao sul (3), com os quais se estabelece as normas de ocupação e uso destes dois importantes setores vizinhos do Parque. [Desenhos elaborados pelo autor].

As linhas anteriores evidenciam que com relação ao tema ambiental, persistiu a retórica da “evocação” e “recuperação de memória” dos rios, cujo reflexo no desenho seria o espelho artificial d’água e a arborização associada.

A composição geral apoiou-se sobre a antiga quadrícula tradicional de *Calles* e *Carreras*, sobre a qual se destacaram três eixos. O principal eixo correspondeu à prolongação da *Carrera 12* (Alameda Terceiro Milênio), cumprindo a função urbana de integrar de norte a sul a Praça de *Nariño* com o Parque do Bairro *San Bernardo*. O segundo eixo correspondeu à *calle 9ª* (Alameda *Calle Novena*), a qual teve a função urbana de articular o setor de *San Victorino* com o PTM e a de conectar o Parque com o Centro Histórico da cidade. O terceiro eixo correspondeu à *calle 7ª* – Alameda *Calle Sétima* –, integrando a escultura urbana “*Pórtico*”, do escultor Ramírez Villamizar, localizada sobre a *Av. Caracas*, ao Colégio *Santa Inés*, à Alameda Terceiro Milênio e à zona sul de brinquedos para as crianças. (Figura 44).

²⁶⁵ *Cedros*, (*cedrela montana*) *Sangregaos* (*croton*), *Gaques* (*clusia*) e *Pinos Romerones* (*podocarpus montanus*).

²⁶⁶ (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60-61, Informe final)

Figura 44 – Desenhos de análise do projeto.

O projeto toma como suporte de composição a malha tradicional urbana, semelhante aos projetos anteriores, a qual é modificada com dois eixos diagonais no sul do Parque (1); propõe pequenas unidades culturais e de serviços espalhadas pelo Parque todo (2); o sistema para pedestres está constituído por amplas alamedas perimetrais e interiores, destacando-se a Alameda Terceiro Milênio – eixo central norte-sul – (3); as zonas verdes são sacrificadas pela alta presença de zonas duras – alamedas – (4); análogo às propostas anteriores a arborização dispõe-se em linhas que marcam os caminhos (5); sobre o eixo central e os caminhos diagonais projetam-se cinco fontes e outra maior na zona do “jardim botânico”. [Desenhos elaborados pelo autor].

Com relação aos elementos naturais, no desenho paisagístico, apresentou-se como novidade a utilização de taludes artificiais na periferia do Parque, os quais foram dispostos com a intenção de configurar microespaços, conformar barreiras corta-vento, gerar isolamento visual e acústico como o entorno imediato. Adicionalmente projetaram-se esplanadas verdes acondicionadas com espaços para as crianças brincarem.

Com a intenção de consolidar uma rede de alamedas com chãos duros na periferia e no interior do Parque, sacrificou-se uma parte significativa da superfície permeável, de forma que esta se limitou somente a 36% da área total. Propuseram-se linhas de árvores de grande porte na periferia e nas alamedas principais do Parque, e não se realizou nenhuma proposta de massas de árvores de diferentes espécies nativas que favorecessem os processos *sucessivos* e a atração de fauna.

Manteve-se a atitude de propor pequenas bacias artificiais de água, às quais lhes designaram uma função exclusivamente decorativa, sem incorporar estratégias de manejo das águas pluviais, nem muito menos considerar a possibilidade de recuperação das dinâmicas das sub-bacias.

Incluiu-se um Jardim Botânico, que resultou ser mais uma ilusão alegórica do que deveria corresponder a um elemento desta natureza. Por tal motivo, em consideração do autor deste trabalho, na verdade, todo o Parque deveria ter sido concebido como uma

grande reserva de vegetação nativa, que contribuísse à recuperação de processos ecológicos.

Com relação à proposta de mobilidade para pedestres, projetou-se um anel perimetral de circulação com alamedas nos quatro extremos do Parque: *Carrera 10ª*, *Calle 6ª*, *Av. Caracas* e *Calle 9ª*. No interior do Parque construiu-se uma Alameda Central, (Alameda Terceiro Milênio) de 32 metros de largo e 400 metros de comprimento, a qual, paradoxalmente, não incluiu árvores. Esta alameda foi complementada com outras alamedas menores (*Calle 7ª* e *Calle 8ª*), e uma rede de caminhos estreitos²⁶⁷. O tamanho e quantidade das alamedas e caminhos obrigou a ter uma quantidade significativa de superfícies duras que ocupam 61% do Parque, gerando assim uma imagem de paisagem árida. A esta paisagem opõe-se o valor cênico dos taludes sulcados por caminhos sinuosos localizados nas zonas baixas e superiores dos mesmos. (Figura 45).

Figura 45 – Percurso fotográfico do Parque.

Destacam-se os seguintes elementos: (1) a Alameda Terceiro Milênio com sua exagerada dimensão e sua evidente falta de arborização; (2) os taludes perimetrais, com os caminhos “traçados” pelos usuários em suas crestas; (3) a esplanada verde com brinquedos para crianças, com pouca utilização; (4) as fontes artificiais como “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*; (5) o Jardim Botânico, nome exagerado para este desolado espaço; (6) o módulo cultural e de serviços (*lan house*) com baixa frequência de uso. [Fotos do autor].

A rede de ciclovias instalou-se sobre a rede principal de alamedas, beneficiando-se da arborização e do mobiliário proposto. Finalmente, a *Calle 9ª* e a *Carrera 13* foram mantidas como vias veiculares, mas de trânsito restrito. A função destas duas ruas é manter a conectividade do Parque e do prédio de Medicina Legal com o setor. Para os carros

²⁶⁷ Programa ratificado no Decreto Distrital 346 de 2003: “Por el cual se adopta el Plan Maestro Parque Tercer Milenio”.

projetou-se uma zona de estacionamentos subterrânea para 168 veículos, sob a alameda central, com entrada e saída pela *Calle 6ª (Av. Comuneros)*.

Com relação às edificações, foram mantidas como prédios do Colégio *Santa Inés* devido a seu valor cultural e patrimonial e o prédio de Medicina Legal, em virtude da importância do serviço que presta à cidade. Exclusivamente para o Parque se propuseram pequenas unidades de serviços assim dispostas: sobre a Alameda Terceiro Milênio, dois palcos para a realização de espetáculos culturais e um Centro Cultural (*lan house*). Dois restaurantes, um no Jardim Botânico e outro frente ao Instituto de Medicina Legal, e três unidades de serviços nas Zonas de brinquedos para crianças. O total da área ocupada pelas construções é de 4% do Parque.

Para legalizar o processo todo de construção do parque, a prefeitura contratou o arquiteto Camilo Santamaría para o estudo “Plano Maestro Parque Terceiro Milênio”, com o qual se determinaram os usos e a ocupação do parque e se legalizou ante o *Departamento Administrativo de Planeacion Distrital -DAP*. (Figura 46)

Figura 46 – Plano Maestro Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.

Com este Instrumento Legal determina-se o uso e ocupação do Parque Terceiro Milênio. Estabelece-se o zoneamento, plano P1: (1) Alameda Terceiro Milênio, (2) Esplanada, (3) Brinquedos crianças Norte, (4) Brinquedos crianças Sul, (5), Praça e acesso Norte, (6) Alameda *Calle Sétima*, (8) Zona de esportes, (9) Jardim Botânico. Além disso, determina-se a quantidade e uso dos prédios, plano P-2: (1) dois prédios de Medicina Legal – existente – (2) Colégio *Santa Inés* – existente – (3) uma Cantina para estudantes – sem construir –, (4) um Restaurante Jardim Botânico – fechado – (5) dois Cenários Culturais – palcos –, (6) três Unidades de Serviços (7) Centro Cultural (*lan house*). Fonte: Decreto 346 /2003.

3.3 Análise comparativa dos projetos

A análise das propostas elaboradas para o Parque por Bueno & Montenegro – Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), de Pereira & Pabón – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI) e de Esguerra, Hernández & Mazzanti (Projeto Construído) permite entrever elementos que vale a pena comparar.

Com respeito aos eixos de composição, evidenciou-se que a proposta de B&M teve ênfase na solução simétrica, ao passo que a solução do concurso ganhador constituiu em uma proposta dinâmica produto da superposição de eixos diagonais – que correspondem às tensões e relações do lugar – sobre uma retícula, que representa a referência direta ao traçado urbano do setor. Finalmente, o projeto construído, propõe uma solução híbrida: sobre uma estrutura ortogonal, própria do traçado urbano, superpôs um percurso irregular, localizado na parte interna do Parque.

Em relação à proposta de praças, o projeto B&M optou pela alternativa da praça monumental na que se perde a escala humana. A proposta ganhadora do concurso de ideias apresentou a alternativa de praças triangulares que se geravam a partir do cruzamento dos eixos diagonais com a malha ortogonal. O projeto construído não maneja o conceito de praça, pois trocou o referido conceito pelo de “alameda”²⁶⁸, entendida como a materialização de um eixo de composição por uma extensa superfície pavimentada com caixas para plantio de árvores.

Finalmente, com relação à proposta de áreas edificadas, o projeto de B&M propôs uma edificação comercial no centro do Parque e um conjunto de equipamentos na parte sudeste do mesmo. O projeto ganhador do concurso arquitetônico propôs um conjunto lineal de prédios comerciais e institucionais na zona norte do Parque, a manutenção das edificações com valor patrimonial, e a instalação de uma rede de pequenos equipamentos. O projeto construído dentro do seu processo de desenho reduziu a área de ocupação do Parque de 20 ha a 18.5 ha, manteve os prédios de Medicina Legal e do Colégio *San Inés* e dispôs uma série de pequenos equipamentos distribuídos pelo parque todo, especialmente sobre a Alameda Terceiro Milênio e *Calle Sétima*.

Com relação aos elementos naturais, o projeto de B&M propôs uma esplanada verde, com uma grande fonte de água; o projeto ganhador do concurso, uma planície verde com

²⁶⁸ Nos parâmetros gerais do desenho do Parque incluiu-se o conceito de **praça**; porém, durante o processo de desenho o referido conceito foi trocado pelo de **alameda**, como pode ser constatado no Decreto 246 de 2003.

talude central e uma longa fonte de água; e o projeto construído, taludes perimetrais sobre um plano verde e três conjuntos de pequenos espelhos d'água. As três propostas utilizaram o mesmo conceito de arborização: fileiras de árvores marcando os caminhos e as alamedas.

Infelizmente, embora não se possam ignorar os grandes esforços de gestão adiantados pela administração Distrital e os profissionais contratados para lograr a materialização do projeto do PTM, o elemento natural nas três propostas teve importância devido ao seu valor cênico e decorativo. (Figura 47). Mas não como ferramenta que verdadeiramente contribuísse à conformação de uma EEU. Como colombianos e como *bogotanos* eles não podem contar com uma tradição que outorgue valor aos rios como elementos verdadeiramente importantes dentro da cidade; a evidência desta condição encontra-se precisamente em uma Bogotá que por quase quatro séculos dedicou-se a “enterrar seus rios”.

Figura 47 – Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.

Imagem do estado do setor antes da intervenção urbana (I-1): aprecia-se o alto nível de ocupação do setor. Montagem do Parque no setor (I-2): evidencia-se a magnitude da operação urbana que significou a construção do Parque (P-2). Fonte: (I-1) IDU/SCA “*Bases del Concurso*” anexo 12. (I-2). [Montagem do autor: imagem Google sobre imagem das Bases de Concurso].

Com o anterior, a cidade perdeu uma valiosa oportunidade de tornar realidade o ideário proposto pelo conceito de EEU na franja da cidade que enterrou seus rios e no setor que correspondeu à confluência dos *R. San Francisco* e *San Agustín*. Esta atitude é semelhante à que se apresentou com os outros projetos que se localizaram sobre o antigo leito do *R. San Francisco*: o projeto de recuperação da Praça de *San Victorino* e o projeto do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²⁶⁹ na qual, como se explicou antes, instalou-se um extenso,

²⁶⁹ Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, Extensão 2,8 km “Para sua realização foi necessário recuperar e articular importantes espaços públicos compreendidos entre a estação do *Funicular (Carrera 2ª Este com Calle 21)* e a Estação da Savana (*Calle 13 com*

estreito e superficial espelho d'água de 1.600 metros de comprimento ao longo da Av. Jiménez.

Com estas ações evidencia-se que os projetos de recuperação do sistema hídrico reduzem-se exclusivamente ao plano retórico, sem chegar a uma concretização do ideário da EEU. Esta atitude tem se replicado em outras áreas da cidade onde, por exemplo, a recuperação de zonas úmidas, como a de *Juan Amarillo*, tem se materializado na construção de alamedas perimetrais, que embora sejam uma alternativa para a geração de espaço livre (superfícies impermeáveis com árvores em canteiros não contribuem ao processo de restituição do sistema hídrico da cidade).

Frente à ausência de uma proposta que concretizasse o ideário da EEU, ficava ainda a oportunidade de que o projeto pudesse ser uma alternativa de renovação urbana de uma peça da cidade que se encontrava em avançado estado de deterioramento urbano e “decomposição” social de modo a contribuir à conformação de um “centro de integração social no mundo contemporâneo”²⁷⁰, que atraísse o investimento do setor privado, motivando o retorno da população para que ocupasse de maneira estável a zona centro da cidade, como bem o apregoam as iniciativas empreendidas pela prefeitura atual.

Porém, após quatro anos de sua construção, nas visitas de campo realizadas no desenvolvimento do presente trabalho, ainda não se evidencia uma transformação do entorno construído do Parque, também não se evidencia uma afluência massiva de pessoas ao mesmo e, ao contrário, ainda o setor mantém uma conotação negativa na percepção dos cidadãos. Frente a este panorama, surgem inevitavelmente alguns questionamentos: É possível que o Parque, não esteja contribuindo a um processo de renovação urbana no centro da cidade? Quais deveriam ser os elementos a serem levados em conta para que não se produzisse uma situação com estas características? Seria possível que o projeto na verdade tivesse se convertido em um exercício de limpeza social oficial em uma zona de alta degradação urbana, gerando um vazio dentro da cidade?

A seção 4 procurará responder a estes questionamentos, partindo da premissa de que é preciso revelar quais foram os processos e fenômenos urbanos e paisagísticos que deram lugar ao que atualmente é este setor da cidade, sendo que eles deveriam marcar a

Carrera 18). O conjunto cria um entorno que recupera integralmente parte do *Centro Histórico*, resalta o patrimônio arquitetônico e urbanístico situado ao longo do Eixo e gera as condições necessárias para reanimá-lo em termos ambientais. O Eixo inclui um amplo passeio para pedestres e um corredor para o uso exclusivo do serviço de transporte público *Transmilenio* [...]. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>>. Último acesso em: 07 mar. 2009. O tramo construído mede 1.6 km compreendido entre a *Carrera 2ª* e a *Carrera 10ª*, e teve um custo final de 7.056 milhões de pesos / 2.8 milhões US\$ (custo inicial estimado 6.000 milhões de pesos / 2.4 milhões US\$). Fonte: IDU.

²⁷⁰ SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1.

referência ou o ponto de partida em que se baseiam a tomada de decisões para a recuperação da EEU.

Nota: Para maior informação deste processo, consultar anexo.

4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.

Na seção 1 apresentaram-se alguns aspectos que deram lugar à formação do discurso ambiental no país, explicou-se a origem e inclusão do Conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no modelo do Plano de Ordenamento Territorial (POT) de Bogotá, mencionaram-se alguns elementos ou ferramentas – que na consideração do autor poderiam aportar à materialização efetiva do conceito de EEU em Bogotá – e, finalmente, enfatizou-se a importância de estudar os fenômenos de transformação da paisagem local em perspectiva histórica, a fim de encontrar elementos que permitissem não somente compreender quais os fenômenos que deram lugar às condições ambientais atuais, mas de obter experiências e aproveitar oportunidades que contribuam para a revitalização de valores sociais, urbanos, ecológicos e paisagísticos de um lugar. Na seção 2, realizou-se um recorte histórico que permitiu verificar como o ecossistema original no qual a cidade encontra-se hoje foi intensamente modificado desde o período Colonial até a atualidade, produto do manejo inadequado dos recursos naturais, de modo que o sistema hídrico foi alterado drasticamente com a impermeabilização do solo, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, a contaminação dos corpos de água, a construção de redes combinadas de esgotos como resultado do acelerado crescimento da cidade, especialmente durante a segunda metade do século XX. Na seção 3, evidenciou-se a distância entre o discurso ambiental das propostas e como a concepção do Parque terminou sendo o reflexo de um projeto ou ideário político.

Com estes antecedentes, a presente seção tem o propósito de fazer uma aproximação ao estudo do caso, revelando os elementos sociais, urbanos e ambientais que desde o período Colonial, configuraram a paisagem da área onde hoje está localizado o Parque Terceiro Milênio (PTM), e especialmente, indagar pelo processo de ocupação da sub-bacia do *R. San Francisco* neste setor da cidade. Esta análise visa a aportar um enfoque alternativo, diferente do enfoque que se deu durante a concepção e execução do PTM. Para tal efeito, o autor deste trabalho parte da convicção de que é indispensável estudar qual foi a dinâmica de transformação social, urbana e ambiental da bacia do *R. San Francisco*, que permita ter um novo olhar que deixe ao futuro tomar decisões de acordo com as condições físicas, sociais e ambientais do setor.

Para efeito da respectiva análise toma-se como recorte o espaço conformado pelas bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, espaço que corresponde ao lugar de fundação

e localização do Centro Histórico da cidade, e especialmente do lugar de confluência dos dois rios, setor no qual se construiu entre 2000 e 2005 o PTM. (Figura 48).

Figura 48 – Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.

Toma-se como área de estudo a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín* na zona centro da cidade (P1), delimitada por (1) *Cerros Orientales*, (2) *Calle 16*, (3) *Carrera 18*, (4) *Calle 4ª*, com uma área de 352 ha. San Victorino faz parte do centro tradicional (P2) e consolida-se como bairro em 1840 e é vizinho do Centro Histórico da cidade (P3). P2 Crescimento histórico: azul escuro 1539-1600; azul 1600-1840; lilás 1840-1890; vermelho escuro 1890-1900; vermelho 1900-1920; roxo 1920-1940; amarelo 1940-1950. Centro Histórico. Centro Histórico (P3). [P1- Imagem Google editado pelo autor. P2 e P3 Editados pelo autor/IDEA-UN].

4.1 A bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*

Dimensão espacial e ambiental da bacia

Durante o período colonial, a Paróquia²⁷¹ de *San Victorino*²⁷² – lugar onde na atualidade localiza-se o PTM – estava situada na parte baixa e na periferia da cidade, próxima à confluência dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²⁷³. Estes rios cumpriam o papel de limites naturais da cidade, marcando uma interrupção da traça como tabuleiro de xadrez da cidade colonial.

Como se explicou na seção 2, na fundação e consolidação da cidade colonial primou uma visão utilitária dos corpos de água e do recurso florestal e, além disso, uma percepção negativa das zonas baixas inundáveis as quais eram vistas como foco de animais

²⁷¹ Para efeitos de administração religiosa, *Santafé* dividiu-se em 4 Paróquias desde o século XVI, “as quais foram o único modo para uma organização espacial até o século XVIII”. (MEJÍA, 1999, p. 300)

²⁷² A Paróquia recebeu seu nome em honra a *San Victorino* “*Abogado contra los hielos que suelen hacer daño a los panes recién sembrados*”. (IBÁÑEZ, 1989, tomo I, p. 92)

²⁷³ Estes rios antes da conquista recebiam o nome indígena de *Vicachá* e *Manzanares*. Os nomes dos lugares naturais, designados pelos indígenas, foram trocados pelos espanhóis como ferramenta de dominação do território.

venenosos. Esta condição repercutiu de duas maneiras na Paróquia de *San Victorino*. (Figura 49). Em primeiro lugar, os habitantes da Paróquia não se beneficiaram com as águas dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, devido ao consumo e poluição nas partes altas da cidade que provocaram a diminuição do leito e uma abundante presença de desperdícios no leito dos mesmos. Em segundo lugar, no limite ocidental da Paróquia, na altura do atual bairro *Santa Inés*, (*Carrera 10ª*) havia um barranco profundo, que se formou pelas enchentes do *R. San Francisco*²⁷⁴. Nesse barranco os habitantes da Paróquia descartavam os restos dos animais mortos e o lixo. Estas duas situações determinaram o fato de que o setor de *San Victorino* fosse pouco apetecido para a localização das classes ricas (brancos), de forma que até meados do século XIX, *San Victorino* foi um subúrbio da Paróquia de *La Catedral*²⁷⁵, que acolheu aos indígenas e mestiços que habitavam *Santafé*²⁷⁶. Neste sentido, pode-se dizer que *San Victorino* nasceu sob o símbolo da marginalidade que originou por meio de uma condição ambiental preexistente²⁷⁷: o desprezo por um rio que se desbordava durante certos períodos do ano²⁷⁸, cujo caudal era incapaz de surtir com águas limpas aos habitantes, e de uns solos, submetidos ao risco de possíveis enchentes, e aos imaginários perigos da natureza, representados principalmente por animais venenosos dos quais advertiram as ordenanças de fundação de povoados.

De acordo com a condição de seus habitantes, e o fato de estarem em um vale inundável, as terras da Paróquia caracterizaram-se por conformar uma mancha verde de terras destinadas em sua maioria à atividade agrícola de “*pan coger*”²⁷⁹; esta mancha verde somente era interrompida por algumas edificações e caminhos.

No sul da Paróquia também se situaram algumas propriedades rurais dos espanhóis: a Vila de *Segovia* ou a Horta de *Jaimes*²⁸⁰, – cujas terras começavam frente à Praça do

²⁷⁴ VILLEGAS Ed., 2000, p. 130.

²⁷⁵ ZAMBRANO, Fabio; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. *Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo*. Inédito, 2007. p. 41.

²⁷⁶ Em 1688 havia em *Santafé* 3.000 brancos e 10.000 indígenas [...] os setores mais densamente povoados por indígenas foram *Pueblo Viejo* (leste e sul) *Las Nieves*, *Santa Bárbara* e *San Victorino*. [...] Em 1780 os indígenas puros passavam escassamente 10%, enquanto os mestiços eram 45% da população *santafereña*. Finalizando o século, os indígenas não passavam de 4%. (IRIARTE, 1988, p. 68)

²⁷⁷ Setor de classes pobres da cidade, assentamento de indígenas – *San Victorino*, *Las Nieves*, *Santa Bárbara*, *Pueblo Viejo*. (IRIARTE, 1988, p.68)

²⁷⁸ Bogotá tem dois períodos de chuva no ano, o primeiro em março, abril e maio, e o segundo em setembro, outubro e novembro.

²⁷⁹ Vale a pena esclarecer que também havia comercialização de alguns produtos agrícolas, consistente na venda de legumes na “*Plaza de las Yervas*” (*Parque Santander*). A Praça, que durante o período republicano adquiriu o nome de *Plaza de Santander*, durante o período colonial era a Praça de mercado permanente da cidade. Os legumes que se vendiam na referida praça vinham da *Parroquia de San Victorino* e da de *Las Nieves* localizadas ao norte da cidade, onde também se situou um povoado indígena. (MEJÍA, 1999, passim.)

²⁸⁰ A *Huerta de Jaimes* localizou-se onde hoje se encontra a igreja de *Corazón de Jesús (Voto Nacional)*. *Apostillas*. Eduardo Posada apud CARRASQUILLA, Juan *Quintas y estancias de Santafé y Bogotá* Banco Popular, Bogotá 1989, p. 74.

mesmo nome –, e uma porção da fazenda de *La Estanzuela* que conformava o limite sul da Horta de *Jaimes* e estendia-se ao oeste até a *Calle 6*²⁸¹.

Figura 49 – Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.

No final do século XIX a divisão política da cidade estava determinada pelas Paróquias *Catedral* (vermelho), *San Pablo* (roxo), *San Victorino* (amarelo), *Santa Bárbara* (azul), *Las Cruces* (rosa), *Egipto* (verde), *Las Aguas* (marrom), *Las Nieves* (verde escuro). No início do século XX a divisão política se estabelece por bairros. O bairro de *Santa Inés* (10) encontrava-se rodeado pelos bairros de: (1) *San Victorino* (2) *La Capuchina* (3) *Veracruz* (4) *La Catedral* (5) *Centro Administrativo* (6) *Santa Bárbara* (7) *San Bernardo* (8) *La Estanzuela* (9) *Voto Nacional*. Por tradição, a Praça *Antonio Nariño* ou de *San Victorino* (A) opera como centro do setor, razão pela qual a população identifica a área de confluência de seis bairros (oval vermelho) como *San Victorino*. Fonte: P1. *Atlas Histórico de Bogotá 1538-1910*. A Candelaria, Bogotá 2004, p. 29. P-2.

Elementos urbanos: *San Victorino* conventual e portão da cidade

Do século XVI ao XVIII configuraram-se elementos urbanos significativos que começaram a conferir uma identidade a *San Victorino* em relação às demais paróquias da cidade. O primeiro deles é o fato de que a paróquia comportava-se como portão de entrada à cidade, pois ali terminava o caminho de Oeste, *Calle 13* (*Av. Jiménez*). Este caminho tinha um importante papel na escala regional, já que conectava a cidade com o porto fluvial de *Honda*, localizado sobre o *Río Magdalena*, a 135 km de distância de Bogotá²⁸². O anterior concedeu uma particularidade à Praçinha da Paróquia de *San Victorino*, como porto terrestre de viajantes e como importante ponto de venda de materiais de construção e de mel em atacado²⁸³.

²⁸¹ No leste divisa com o que atualmente é a *Av. Caracas* e no oeste chegava até embaixo da atual *Carrera 20*. (CARRASQUILLA, 1989, p. 63)

²⁸² Bem o descreve o historiador Jorge Orlando Melo: “Durante todo o século [XIX], o eixo do sistema, a peça fundamental esteve constituída pelo rio *Magdalena*. Por onde se introduziam, desde os portos atlânticos de *Cartagena*, *Santa Marta* e posteriormente *Barranquilla* (*Sabanilla*), os bens importados; dele saíam para o mercado mundial os produtos agrícolas de exportação”. (MELO, 1984, p. 153)

²⁸³ Esta importante função manteve-se até finais do século XIX. (MEJÍA, 1999, p. 178)

Outros elementos urbanos destacáveis neste período, por terem configurado a paisagem outorgando identidade ao setor, foram a igreja e convento de *Santa Inés*²⁸⁴ (consagração em 1645)²⁸⁵; a igreja e convento de *La Capuchina* ou de *San José*, (consagração em 1791), que marcou o limite ocidental da cidade na atual Carrera 13 (Av. Jiménez) com Calle 14 (Av. Caracas); a igreja da *Concepción* e de *San Juan de Dios*; e finalmente, a igreja de *San Victorino* (Calle 13 com Carrera 12). Esta última erigiu-se em 1598²⁸⁶, e teve grande significação como símbolo máximo da Paróquia, uma vez que ali se concentrou a missão religiosa da “administração de almas” realizada sob a tutela do catolicismo.

San Victorino assomou-se ao século XIX, contando com cinco prédios religiosos e conventuais, separados apenas por poucas ruas. (Figura 50). Durante o período Colonial, as igrejas constituíram um elemento de relevante importância na paisagem urbana não somente pelo seu significado religioso, mas pelo fato de se destacar no perfil urbano com relação às demais edificações, as quais, salvo casos excepcionais, alcançavam dois andares de altura. Assim, “[...] a urbe aparecia como um espaço sagrado, protegido das influências externas como as geadas, os raios e as secas [...]”²⁸⁷, uma cidade morando tranquilamente sob o amparo das torres das igrejas, dos objetos e iconografia religiosa que albergavam no seu interior.

Neste ponto pode-se afirmar que durante o período colonial a paisagem de *San Victorino* caracterizou-se basicamente por quatro elementos: a conotação marginal derivada da utilização e percepção dos elementos naturais, o caráter rural associado principalmente à agricultura de “*pan coger*”, os elementos próprios de um porto terrestre e portão da cidade, e finalmente a presença protetora das igrejas no perfil da cidade. No que diz respeito à dimensão social, vale a pena ressaltar que em virtude de um inadequado uso e percepção do entorno natural, *San Victorino* nasceu como lugar de assentamento das classes pobres, conformadas por indígenas e mestiços, fato que seguramente é indicativo de um paradoxo na relação entre homem e natureza.

²⁸⁴ Mesmo que a Igreja de *Santa Inés* não pertença à área desta paróquia, menciona-se aqui por sua importância na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino*.

²⁸⁵ Localizado no costado ocidental da *Carrera 10*, entre *Calles 9ª e 10ª*. Em 1638 aprovou-se a criação do convento da *Segunda Orden Dominicana*.

²⁸⁶ A construção original com teto de palha data de 1578; em 1598 colocou-se telhado de barro. (MEJÍA, 1999, p. 159)

²⁸⁷ MEJÍA, 1999, passim.

Figura 50 – Presença de equipamentos religiosos no setor.

Durante muito tempo a paisagem da cidade foi denominada pelas torres da igreja – em um mesmo quarteirão localizavam-se várias igrejas –, o setor de *San Victorino* apresentou esta mesma lógica (P1). Conventos e igrejas (1) *Santa Inés*, 1645 (2) *Nuestra Señora de la Concepción*, 1538 (3) *San Juan de Dios*, 1723 (4) *San Victorino*, 1568 (5) *La Capuchina*, 1778. Foto 1: Igreja de Santa Inés, 1945. Foto 2: Igreja *La Capuchina*, 1910. Fonte: P1 Elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1 e 5: Sociedad de Mejoras y Ornato.

4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor

A Herança da colônia e as inovações tecnológicas na cidade

É preciso destacar três elementos que incidiram na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino* durante o século XIX: o crescimento populacional, a construção da Alameda Nova e as melhorias tecnológicas em matéria de transporte.

Até finais do século XVIII, *San Victorino* era uma Paróquia relativamente despovoada em comparação com a Paróquia de *La Catedral*. Porém, durante o século XIX, deu-se um significativo crescimento populacional que provocou que o setor se consolidasse como núcleo residencial²⁸⁸: o número de habitantes em *San Victorino* passou de aproximadamente 2.000 em 1.793 para 14.000 em 1912, e mesmo mantendo-se como a Paróquia com menor quantidade de população de Bogotá²⁸⁹, sua população praticamente multiplicou-se sete vezes durante o século XIX.

No fim do século XVIII, provavelmente frente à pressão dos ventos libertadores, o Vice-rei Ezpeleta²⁹⁰ empreendeu algumas obras materiais na *Nueva Granada* e *Santafé*, entre as quais, vale a pena destacar para o caso de nosso interesse, a obra das *Alameda*

²⁸⁸ MEJÍA, 1999, p. 300.

²⁸⁹ E Censo da cidade de Bogotá. 1912. *San Victorino* ocupava nesta data somente 17% da superfície total da cidade, com um total de 52 quarteirões. (MARTÍNEZ, 1976, p. 90)

²⁹⁰ Vice-rei que governou *Nueva Granada* entre 1789-1796.

*Nueva e Vieja*²⁹¹. (Figura 51). Estas “alamedas” não possuíam álamos, mas sim vegetação própria do clima do planalto: Sauces (*Salix humboldtiana*) e Alisos (*Alnus jorullensis*), alternados com jardins em alguns trechos. Na opinião do autor do presente trabalho, à primeira vista, a adequação da Alameda, pareceria evidenciar um interesse do governo da cidade, por conceder relevância ao papel dos elementos naturais na paisagem. Porém, paradoxalmente as ações não se concentraram nos corredores naturais da cidade, ou seja, nos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, mas na arborização de uma via da cidade. Por outro lado, com relação à incidência que teve a Alameda na configuração da paisagem de *San Victorino*, não se pode desconhecer que a construção da mesma fortaleceu a Pracinha de *San Victorino*, como ponto vital e estratégico da estrutura urbana herdada do período colonial, reforçando a imagem de portão de ingresso da cidade, de ponto de chegada dos ônibus e carruagens de aluguel e de passeio público para os moradores de Bogotá.

Figura 51 – Alamedas, zona rural.

P1. Em 1900 o setor contava com: (1) A alameda velha (*Carrera 13*), 1791. (2) A alameda nova (*Calle 13*) 1791. No limite ocidental encontravam-se as quintas de: (3) *San Fason*, (4) *La Estanzuela*, (5) *Santa Catalina* e (6) *San José del Fucha*. Foto 1: Imagem da *Av. San Diego*, antiga alameda velha, 1906. Foto 2: Passeio *Av. Colón*, antiga alameda nova, 1930, em primeiro plano as estátuas dos reis da Espanha, ao fundo os morros desflorestandos. Foto 3: Passeio parque do *Centenario*, 1895. P1 elaborado pelo autor; fonte: *Quintas y estancias de Bogotá*. Foto 1 e 2: *Recuerdos de Bogota*. Foto 3: Henri Duperly.

²⁹¹ Para finais do século XVIII construíram-se várias alamedas: “[...] o progressista vice-rei se interessou em adornar a capital, tirando seu aspecto mesquinho. Ele fez plantar árvores frondosas, desde a praça de *San Victorino* até o campo aberto de *San Diego* [...] e que então se chamou **alameda velha**, em contraposição à **alameda nova**, também construída pelo vice-rei, desde o desprendimento da calçada ocidental, para *Puente Aranda* [...] o governo sem atender ao Dicionário chamou alamedas (lugares plantados com álamos) a estes passeios, os quais somente eram adornados por árvores próprias do nosso clima, ou seja, *sauces*, *robles*, *cerezos* e *alisos*.” IBÁÑEZ, 1989, tomo II, p. 111.

Com relação às melhorias tecnológicas em matéria de transporte, destacou-se em primeiro lugar a “*macamadización*” do caminho de ocidente; posteriormente, a construção da ferrovia do Trem do Ocidente cuja estação, chamada “*De La Sabana*”²⁹², localizou-se na *Calle 13* entre *Carreras 17* e *18* (1892); e, por último, o Trem do Norte, com sua estação “*Del Norte*” (1894), na *Carrera 14* com *Calle 19*. Com estas melhorias tecnológicas, aumentou o volume de mercadorias e o movimento de pessoas que entravam e saíam da Pracinha *Plazuela de San Victorino*²⁹³. A condição de *San Victorino* como porto seco incidiu na construção de hotéis e pousadas para viajantes²⁹⁴, locais comerciais para a compra e venda de produtos, e estâncias para cavalos e carruagens. Foi precisamente ao redor destas atividades que o setor se consolidou como um cenário com deferentes atores urbanos. O subúrbio colonial, habitado por poucos moradores indígenas e mestiços, transformou-se em um lugar dinâmico, de população flutuante conformada por viajantes, comerciantes e outras pessoas cujas atividades de subsistência suportavam-se na vocação do setor.

Com a construção da ferrovia e a consolidação de atividades urbanas, *San Victorino* deixou de ser periferia da cidade para se tornar parte importante do casco urbano e centro de intercâmbio cultural, social e econômico²⁹⁵. (Figura 52). A partir das últimas décadas do século XIX a Praça de *San Victorino* e a *Calle 11* começaram a se consolidar na paisagem como um espaço e eixo de caráter comercial: uma guia de Bogotá de 1893 afirmava: “[...] as ruas que atravessam de leste a oeste, desde a *Carrera 5ª* (pela casa da moeda) até as praças de *Los Mártires* (Horto de *Jaimes*) e de *Nariño* (*San Victorino*), [ali] fica compreendido todo o mais importante do comércio e dos industriais em geral”²⁹⁶. A afluência de pessoas e a vocação de porto seco da cidade é uma característica urbana que se mantém ainda hoje nas proximidades da praça, conformando um elemento decisivo na paisagem, apesar de todas as transformações da cidade durante o século XX.

Somando-se às melhorias de transporte já mencionadas, no fim do século XIX, também se iniciou a construção das linhas do bonde de mulas, duas destas relacionadas com o setor de *San Victorino*.

²⁹² Projeto do engenheiro inglês William Lidstone, com a colaboração do arquiteto Colombiano Mario Sanz de Santamaría. Terminou-se de construir em 1917 e foi reformado em 1955. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 304)

²⁹³ Tomado de: MEJÍA, 1999, p. 187.

²⁹⁴ Um guia bastante completo dos hotéis mais destacados da zona encontra-se no guia descritivo que acompanhou o plano topográfico de Pedro Clavijo de 1891, reformado em 1894. *Archivo General de la Nación*.

²⁹⁵ Vale a pena esclarecer neste ponto que as atividades de venda de materiais de construção e de mel que usualmente concentravam-se nesta Praça de *San Victorino* trasladaram-se em 1883 a outra, localizada no oeste da *Plaza de los Mártires*, chamada *Plaza de las Maderas*, hoje *Plaza España* em 1902. (MEJÍA, 1999, p. 187)

²⁹⁶ Como produto desta atividade comercial surgiu a *Pasaje Navas Azuero* em 1891, o *Pasaje Rivas* em 1894, localizado na *Carrera 10ª* com *Calle 11*, o qual, segundo um anúncio publicitário, tinha na primeira planta locais “próprios para armazéns e lojas de licores” e na segunda planta “departamentos para aluguel adequados para estudantes”. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 393)

Figura 52 – Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).

P1. Rotas do bonde (linha verde) (1) *Carrera 7*, (2) *Carrera 13*, (3) *Calle 15*, (4) *Carrera 18*, (5) *Calle 10*, (6) *Carrera 11* e (7) *Carrera 10*. Destaca-se a Praça de Mercado (8), ponto central do circuito onde confluem três trechos do bonde. Perto de *San Victorino* localizaram-se as rotas (linha preta) e as estações do Trem do Norte e da Savana (10). Foto 10: Antiga Estação da Savana, 1895. Foto 10 B: Nova Estação da Savana, 1918. Foto 9: Estação do Trem do norte, 1905. Foto 11: Rota do bonde em San Francisco (*Carrera 7*). P1 elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 9: Bogotá litográfico Arco. 1978 p. 298. Foto 10 A: História de Bogotá. Foto 10 B: Sánchez Santamaría Ignacio Índex, 1929. Foto 11: Sady Gonzales.

Os rios *San Francisco* e *San Agustín*: cicatriz urbana e marginalidade

O processo de adensamento e urbanização de *San Victorino* no século XIX foi indiferente à presença dos rios *San Francisco* e *San Agustín*: a morfologia urbana caracterizada pelo tabuleiro de xadrez e o quarteirão como unidade básica de agrupação de edificações incorporou os leitos dos rios, como uma espécie de cicatriz de aparência amorfa, que ia na contramão da formalidade da traça, sem nenhuma solução de continuidade ou transição. (Figura 53). Assim, atravessavam sobre o *R. San Francisco* 19 pontes e sobre o *R. San Agustín* outras 9 pontes, a fim de facilitar a continuidade das ruas, e as edificações simplesmente limitavam-se a oferecer seus quintais posteriores ao leito, ignorando a presença dos corpos de água, que continuavam sendo um foco de sujeira, uma cloaca urbana. (Figura 54).

Figura 53 – Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.

A cidade ideal das “*Leyes de indias*” – quadrícula perfeita que se distribui de maneira homogênea no território – choca-se com o cenário natural de morros, rios e com as rotas dos caminhos coloniais, o qual alterou substancialmente a morfologia original da cidade. P1: Reconstrução da fundação de Bogotá, 1539, arquiteto Carlos Martínez. P2: Detalhe, Plano Geométrico de Bogotá Capital del Nuevo Reino de Granada, 1816, Domingo Esquiagui.

Figura 54 – As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.

Desde a colônia até o começo do século XX as pontes foram importantes referentes urbanos da cidade chegando a superar a cifra de quarenta (P1). Destacam-se sobre o *R. San Francisco* as pontes: (8) *San Francisco* 1551, sobre o caminho a *Tunja* (9) *Cundinamarca*, 1858, (10) *Nuevo*, (11) *Filadelfia*, (12) *Los Micos*, (13) *San Victorino*, 1791, por onde ingressavam os viajantes e mercadorias à cidade, (14) *Acevedo Gómez*, 1882, (15) *Los Mártires*, 1870, (16) *Núñez*, 1886, (17) *Arrubla* (18) *Caldas* e (19) *Uribe*, 1892, lugar de confluência com o *R. San Agustín*. Foto 8: *P. San Francisco*. Foto 11: *P. Filadelfia*. Foto 16: *P. Núñez*. Foto 19: *P. Uribe*. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 8: *Papel Periódico Ilustrado* 1885. Foto 11: *Historia de Bogotá*. Tomo 5, p. 86. Fotos 16 e 19: *Sociedad de mejoras y ornato*.

San Victorino como espaço inclusivo

Antes se viu como foi possível que uma condição ambiental, manifesta desde o período colonial, se encontrasse na base da segregação espacial e a marginalidade social que caracterizou a paróquia de *San Victorino* em seus inícios; também se tem observado

que durante o século XIX, ocorreu uma situação paradoxal, a qual configurou a paisagem do setor em dois sentidos: de um lado um *San Victorino* “portão da cidade”, consolidado como setor comercial e residencial, e beneficiado pela circulação de duas linhas do bonde e a localização das duas estações do trem; por outro, um *San Victorino* “marginal”, caracterizado pela presença de população de escassos recursos nas margens poluídas do *R. San Francisco*. Neste ponto é preciso explicar que à *San Victorino* “marginal” somou-se um novo elemento urbano no fim do século XIX, o qual terminou por configurar um fenômeno de deterioramento urbano, paisagístico e social da área: em 1864 abre-se a primeira “galeria” da Praça de Mercado da cidade (*La Concepción*), localizada na *Carrera 10* entre *Calles 10 e 11*, no solar do convento de *La Concepción*²⁹⁷. (Figura 55). A construção da Praça teve como propósito trocar as funções que anteriormente realizavam-se no mercado semanal de produtos agropecuários da Praça de *Bolívar* e da Praça de *Las Yervas*²⁹⁸ (Parque *Santander*).

Desse modo, o bairro *Santa Inês* intensificou o uso comercial e constituiu-se em um novo polo de atração para a cidade toda. Porém, a Praça de Mercado de *La Concepción* não foi a exceção a um fenômeno bastante arraigado nos centros de abastecimento das cidades colombianas: a incorporação de numerosa mão-de-obra não qualificada e de escassos recursos econômicos, para assegurar o funcionamento de todas as atividades relacionadas com o mercado: assim, a Praça abriu suas portas à população pobre da cidade, a qual estava conformada por um enorme grupo de comerciantes e ajudantes, entre os quais contavam camelôs, “*lichigueros*”²⁹⁹, “*coterios*”³⁰⁰ *serviçais, cuidadores, faxineiros*, entre outros. A atividade do mercado, além de tudo, incentivou o transporte improvisado de mercadorias em “*zorras*”³⁰¹, a localização de comedores improvisados “*chuzos*”³⁰² em duvidosas condições de higiene, a aparição de cortiços³⁰³ (o que implica adensamento e precárias condições higiênicas) e finalmente, a afluência de “*rebuscadores*”³⁰⁴, que fariam

²⁹⁷ EL COLOMBIANO (jornal). “Praça de mercado”, n. 104, p. 136, janeiro 22 de 1864. “O projeto de colocar o mercado da Praça Principal se havia formulado muitos lustros (5 anos) antes, mas a empresa encarregada de construir o mercado coberto tomou mais tempo do que esperavam tanto os construtores como o escritório de construção municipal. Efetivamente em 1848, a câmara provincial de Bogotá concedeu o privilégio a Juan Manuel Arrubla para construir na cidade um mercado coberto”. (apud MEJÍA, 1999, p. 185)

²⁹⁸ A praça das *Yervas* continuou suas atividades de mercado semanal até 1877, ano em que se transformou a *plazuela* em parque. (VERGARA y VERGARA apud MEJÍA, 1999, p. 186)

²⁹⁹ Vendedor improvisado de frutas e vegetais em varejo.

³⁰⁰ Carregadores de mercadorias.

³⁰¹ Carros precários, compostos por um tabuleiro em madeira, que repousa sobre duas rodas e é puxado por um cavalo, ou pessoa.

³⁰² Anti-higiênico local de venda de comida popular.

³⁰³ Na linguagem coloquial, *inquilinato*: Moradias habitadas por várias famílias ou pessoas, na maioria dos casos alugada.

³⁰⁴ Habitantes pobres que têm que procurar sua comida e pousada diária. Pioneiros dos vendedores ambulantes.

parte fundamental da história e da configuração da paisagem do setor durante as décadas seguintes e até a atualidade.

Figura 55 – Prédios de abastecimento e indústria.

San Victorino foi por muito tempo o setor que concentrou o maior número de prédios de abastecimento da cidade (P1), onde se localizavam: (1) Praça de Mercado, (2) Praça de Carnes, (3) Açougue, (4) Matadouro Municipal. Como também importantes indústrias: (5) Fábrica de Cerveja, (6) Fábrica de Chocolates *Chavez y Equitativa*, (7) Fábrica de Fósforos, (8) Fábrica de Cigarros e (9) Fábrica de Luz Elétrica. Foto 1: Praça de Mercado. Foto 2: Praça de carnes. Foto 3: Matadouro municipal. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1, 2 e 3: *Atlas histórico de Bogotá*.

Permanência, mudanças e referentes urbanos

Até esse ponto pode-se observar que durante o século XIX aconteceram várias modificações na configuração da paisagem de *San Victorino*, caracterizadas por uma mudança do rural ao urbano, processo no qual se trocaram os hortos por zonas urbanizadas e apareceram novos elementos dominantes na paisagem, ou referentes urbanos, entre os quais a Sociedade Filarmônica³⁰⁵, a Praça de Mercado³⁰⁶, as estações do Trem (*Sabana-Norte*) e as linhas do bonde. Porém, além destes elementos de primeira hierarquia, é preciso mencionar outros dois elementos em transformação. O primeiro, a desapareição do centro de “administração das almas” – igreja de *San Victorino* – localizado na Praça do mesmo nome: a igreja paroquial (erigida em 1598) foi destruída por um incêndio em 1827 e o centro paroquial teve que ser trasladado à igreja de *La Capuchina*³⁰⁷, que se localizava no costado ocidental da *Carrera 13* com *Calle 14*.

³⁰⁵ Em 1849 com planos de Tomás Reed começa a construção da sede de *La Sociedad Filarmónica*, em um lote situado no costado norte da praça de *San Victorino*. Infelizmente em 1857 dissolveu-se a sociedade e pararam as obras. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 199)

³⁰⁶ A praça original foi substituída em 1925-1927 pela nova Praça *Central de Mercado*, que funcionou até 1953. Perto desta funcionava a praça de *Las Carnes* e o *Matadero Municipal*. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 371)

³⁰⁷ MEJÍA, 1999, p. 158.

O segundo, relacionado com a Praça Horto de *Jaimes*: neste horto foram fuzilados importantes próceres da independência por ordem do pacificador Pablo Morillo em 1816³⁰⁸, razão pela qual, em honra àqueles que foram assassinados, a Praça recebeu o nome de Praça dos *Mártires* em 1850³⁰⁹. A referida praça foi reformada de modo análogo a outras praças da cidade naquela época, as quais, como se explicou na seção 2, tornaram-se parques emblemáticos, portadores da mensagem do projeto político da *Regeneración*³¹⁰. Sobre o costado ocidental da Praça iniciou-se em 1881 a construção da igreja do *Voto Nacional*, cujas obras culminaram em 1902³¹¹ e na qual até hoje o país consagra-se – a cada ano – ao “Coração de Jesus”. Parque e igreja configuraram um núcleo emblemático, não somente para a cidade, mas para o país, conjugando um significado político e um arraigado sentido religioso representado em uma crença popular do povo católico colombiano³¹².

Últimos anos do século XIX

No fim do século XIX, a paisagem cada vez mais urbanizada começou a eliminar lenta, mas progressivamente, os elementos naturais (rios, hortos e áreas rurais) que em outros tempos foram dominantes no cenário de *San Victorino*. Este processo caracterizou-se pelo começo de impermeabilização de superfícies e as primeiras obras de canalização e enterro dos corpos de água.

Em 1869 com a intenção de evitar as inundações produzidas pelo *R. San Francisco* executou-se o projeto de canalização e desvio de suas águas, na altura da *Calle 2 (Quinta de Bolívar)*, as quais foram transportadas pelo canal da *Calle 22*³¹³; esta obra acelerou o deterioramento ambiental do rio, pois se retirou a água limpa sendo trocada pela função de transporte das águas servidas da cidade. Posteriormente, na década de 1880 iniciou-se a

³⁰⁸ O general chamado também o “pacificador” implantou um período de violência e terror entre 1915-1920.

³⁰⁹ “O lugar ficou famoso pelos fuzilamentos que ali foram realizados, após a entrada de Pablo Morillo à cidade em 1916 [...]”. As obras começaram em 1851 e foi inaugurado em 1880. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 238-239)

³¹⁰ Os novos parques tornaram-se instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis. Estas intenções estavam enquadradas em um projeto político que passou à história do país como o de “*La Regeneración*”. “A regeneração marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu começo aos princípios do *Conservatismo* que foram impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

³¹¹ No mesmo lugar da capela do *Sagrado Corazón de Jesús* (1860), em 1902 coloca-se a primeira pedra da igreja do *Voto Nacional*. Foi construída com capital da Nação. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 79 e 121)

³¹² Vale a pena notar que as igrejas tiveram uma presença significativa no setor de *San Victorino* durante o século XIX; como pode se observar nas figuras 2 e 3. Do lado destes estabelecimentos surgiram, como é natural, atividades relacionadas com a vocação missionária de cada comunidade religiosa: a igreja da *Capuchina* tinha ao lado o *Colegio de la Merced* e no quarteirão da igreja de *San Juan de Dios* encontrava-se o *Hospital de Caridad*.

³¹³ IRIARTE, 1988, passim.

canalização do *R. San Francisco*, primeiro tramo entre as *Carreras 7ª* e *8ª*³¹⁴, a qual continuou durante as décadas seguintes ficando canalizado até seu encontro com o *R. San Agustín*. Desse modo a cidade resolveu o “incômodo problema” de uma cicatriz indesejável, higienizando e homogeneizando a área, com um coletor de águas. O mesmo aconteceu com o *R. San Agustín*.

Como manchas rurais, herdadas do período colonial, conservaram-se no setor de *San Victorino* três *fanegadas* da Horta de *Jaimes*³¹⁵ as quais ficaram em mãos do Instituto Nacional de Agricultura Superior³¹⁶, e uma porção da Fazenda de *La Estanzuela*, a qual, mesmo começando um processo de subdivisão da propriedade durante a primeira metade do século XIX, permaneceu com um aspecto predominantemente rural devido à vontade de um latifundiário³¹⁷. Assim, graças ao empenho estatal de estimular a formação técnica agropecuária e à iniciativa privada de um tropeiro dono de uma significativa porção de terras em Bogotá, *San Victorino* guardou por um longo tempo um resquício da paisagem rural, delimitando a borda ocidental da cidade.

4.3 De rios de água a rios de carros

Surgimento da ilha urbana e do arquipélago social

Durante os primeiros anos do século XX, construíram-se duas edificações que constituíram elementos essenciais na consolidação do bairro como polo de atração de atividades. A primeira edificação construída nesses anos foi a Escola de Medicina da *Universidad Nacional*³¹⁸, construída entre 1916-1931. A segunda construção foi o Colégio *Santa Inés* colocado em serviço em 1938, prédio que junto ao de Medicina Legal³¹⁹ são os únicos que hoje fazem parte do PTM. (Figura 56).

³¹⁴ DEL CASTILLO, 2003, p. 47.

³¹⁵ Fanegada (640m²). A horta, além disso, tinha uma casa de um andar com 27 quartos, jardim e aligibe, segundo Escritura de compra e venda (em leilão público), N° 845 de 10 de julho de 1881. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁶ O qual, em palavras do historiador Carrasquilla, “tratou de ser como a continuação da *Expedición Botánica*, e foi o precursor das instalações de *Tibaitatá*”. O Decreto 514 expedido em 1879 “ordenou o estabelecimento de uma quinta de aclimação e experimentos e o ensino da agricultura na capital ou em suas imediações com as seções de plantas lenhosas, arbustos e árvores frutíferas, botânica agrícola, hortaliças, floricultura, sericultura, viticultura, arvicultura em geral, química agrícola, mecânica aplicada, agronomia, botânica, zoologia, geologia, zootecnia, agricultura, veterinária, engenharia rural, cujas matérias podiam abarcar vários anos de estudos. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁷ Especialmente Seu Pepe Sierra, que se negava à urbanização nas terras de sua propriedade. Foram seus descendentes os encarregados de iniciar o processo de urbanização de suas terras.

³¹⁸ O desenho e construção esteve a cargo do arquiteto francês Gastón Lelarge que, nas palavras da arquiteta Silvia Arango (historiadora e teórica de Arquitetura), foi “sem dúvida nenhuma o arquiteto mais importante da geração dos mil dias”, que esteve encarregado de prédios de grande importância para a cidade, como o prédio da *Gobernación de Cundinamarca*, o *Palacio Liévano*, o *Palacio Echeverry* e concluiu as obras do *Capitolio Nacional*. (ARANGO, 1989, p.135)

³¹⁹ Prédio de Medicina Legal, desenho do arquiteto italiano Bruno Violi, construído entre 1943-48.

A Escola de Medicina, apesar de sua função educativa, teve um final semelhante ao da Praça de Mercado na segunda metade do século XIX, já que se constituiu em um referente para a cidade, mas ao mesmo tempo em um detonador de atividades informais. A Escola de Medicina foi o primeiro centro de formação de médicos em Bogotá, atividade que acompanhava a prestação de serviços de saúde e, em consequência, a localização de outros serviços e práticas não convencionais de saúde em uma área próxima: lojas de *superchería*, *curandeiros*, bruxos, *sacamuelas*, enfermeiros e médicos ilegais instalaram-se em um bairro como alternativa “de saúde” viável para as classes menos favorecidas ou para os incautos ávidos de curas mágicas para uma ou outra doença, que preferiam não fazer uso dos serviços médicos prestados pela instituição.

Figura 56 – Equipamentos de cultura e educação.

No começo do século XX o setor contava com importantes prédios culturais e educativos (P1). Destacam-se: (1) *Colegio Americano para Señoritas*, (2) *Colegio Nuestra Señora del Pilar*, (3) *Sociedad Filarmónica*, (4) *Escuela de veterinaria e Escuela de agricultura*, (5) *Escuela Normal de Institutoras*, (6) *Facultad de Medicina*, da Universidad Nacional, naquela época o prédio mais importante de saúde e educação da cidade, (7) *Colegio del Sagrado Corazón de María*, (8) *Escuela Santa Inés*, (9) *Escuela de Ciencias Naturales – Instituto Nacional de Agronomía*, (10) *Instituto Técnico Central*. Foto 3: *Sociedad Filarmónica*, desde a praça de San Victorino, 1848. Foto 6: *Facultad de Medicina*, fachada principal, 1916. Foto 10: *Instituto Técnico Central* 1921. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3: El neogranadino. Foto 6: Sociedad de Mejoras y Ornato. Foto 9: Díaz N. en *Arquitectura y Estado*, Ed. UN, 1991.

Algumas destas práticas mantiveram-se no setor – até antes da construção do Parque Terceiro Milênio – especialmente as do serviço de curandeiros, os quais incluem em sua oferta de produtos poções elaboradas com gordura humana para as dores musculares. Outra atividade que surgiu de maneira não planejada, perto desse centro de saúde, foram os serviços funerários, a venda de caixões mortuários, arranjos florais, velas e lápides para sepulturas.

Este fenômeno de serviços de saúde “alternativos” e de serviços funerários não conseguiu proporções em *San Victorino*, mas vale a pena notar que se evidenciou com

bastante força em um setor sul do bairro, no eixo conformado pela *Calle 1ª*, onde se localizou o Hospital de *La Hortúa*³²⁰ em 1926.

Consolidação e formação de complexas dinâmicas socioespaciais

Na década de 1930 podemos confirmar por meio de um artigo da época, a continuidade do caráter de *San Victorino* como porto seco da cidade, os comerciantes, os viajantes, os hotéis e lugares associados com a vida do mesmo:

A praça de *San Victorino* é o porto de Bogotá. Ali tudo se disfarça com a atmosfera das coisas portuárias. As pessoas, como de viagem umas, como guardas de aduana outras, têm o ar das pessoas da navegação [...] os caminhões chegam com pencas humanas dos quatro pontos cardeais e são deixados na Praça. As pensões³²¹ de nomes de personalidades abrem suas bocas para tragar-se aquela humanidade forânea os que não entram a pagar o aluguel da cama por vinte *centavos*, entram à grande roda dos tresnoitados.³²²

Esta condição estimulou as atividades da vida noturna, nos cafés, cantinas e salões de dança, situados nas imediações da Pracinha de *San Victorino* e na *Calle 10* onde, segundo um artigo de 1938, residia na zona mais ampla dos notívagos em Bogotá³²³. Esta zona dos notívagos, naturalmente, deu lugar à localização de prostíbulos e de lugares para a compra e consumo de alucinógenos, última situação que já era motivo de preocupação para a cidade na década de 1930³²⁴

³²⁰ O hospital *San Juan de Dios*, (*Calle 11* com *Carrera 9*) funcionou no setor entre 1739-1926. Foi trasladado em 1926 para sua nova sede desenhada pelo arquiteto Pablo de la Cruz nos terrenos do moinho da *Hortua* no sul da cidade. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 267-271)

³²¹ Na linguagem coloquial, "*Hoteluchos*": Hotéis populares de baixa qualidade e péssimo serviço.

³²² BRUJES, 1938, p. 21.

³²³ *Loterios, limpiabotas, matarifes e mozos de cordel, tenderos de mala economía carreteros y negociantes quebrados prenden todas las noches en aquellas tiendas de nombres novelescos [...] Hasta que los primeros camiones cargados de víveres hacen su aparición por el occidente anunciando que llega el nuevo día. La Plaza de mercado que desde cerca preside silenciosa las "tenidas" de la calle 10, da entonces a sus porteros y borrachos los tuños alcohólicos, con el aroma de sus cebollas sus frutas y sus cilantros [...]".* BRUJES, 1938, p. 22.

³²⁴ Um artigo do jornal *El Tiempo* "informou em 1933 que na capital havia aproximadamente 260 viciados em morfina e heroína e referia-se de forma patética àqueles que, tendo sido distinguidos profissionais, funcionários e artesãos, arrastavam sua miséria pelas ruas da cidade". (IRIARTE, 1988, p. 223)

Com o posicionamento da cidade dentro da incipiente rede de centros de produção agrícola e industrial do país³²⁵, o setor de *San Victorino* – por sua estreita relação com a Estação de *La Sabana* – consolidou-se como o centro de recepção da população (hotéis e residências), entreposto de mercadorias variadas (lojas de víveres), de materiais para a construção (depósitos de materiais) e de produção industrial, todos esses usos misturados como o uso residencial³²⁶. Assim originou-se uma zona industrial predominante na cidade, na área adjacente ao caminho a *Fontibón*³²⁷.

San Victorino, durante a primeira metade do século XX, poderia ser observado como um setor que para efeitos administrativos estava conformado pelos bairros *La Capuchina*, *Santa Inés* e *San Bernardo*³²⁸, mas que como território, mantinha uma rica e imbricada rede de relações funcionais e espaciais que incluía aos bairros vizinhos³²⁹, cobrindo uma área na que apareceu uma diversidade de usos e conviviam diferentes grupos sociais.

Construção e ampliação de avenidas: fragmentação e isolamento

Durante a primeira metade do século XX, em *San Victorino* adiantaram-se cinco obras que procuravam facilitar o trânsito dos veículos motorizados, mas que por sua vez geraram um isolamento do setor, modificaram a paisagem, concluíram com a ocupação dos antigos leitos de água e eliminaram alguns referentes urbanos que outorgavam identidade ao setor, de forma que o deixaram reduzido a uma ilha urbana carente de elementos emblemáticos e aberta à segregação social e à marginalidade.

A primeira destas obras foi a canalização do *R. San Francisco*, que tinha sido iniciada anos antes nas partes altas da cidade. (Figura 57). Segundo uma entrevista realizada com Germán Zea, prefeito de Bogotá (1938-1941), durante as duas primeiras décadas do século XX,

³²⁵ Produto da construção das linhas do trem e devido ao benefício econômico gerado pela bonança cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

³²⁶ A segunda planta das edificações estava destinada para o uso residencial, e as primeiras plantas para o comércio, a indústria nos quintais traseiros.

³²⁷ A zona industrial consolidou-se no oeste da cidade, ao aproveitar a infraestrutura de transporte existente: estação do trem e o caminho a *Honda* (Av. *Colon*). (ACEBEDO, 2006, p. 74)

³²⁸ O setor toma seu nome da praça de *San Victorino* apesar de que este bairro – *San Victorino* – não faz parte da *pieza urbana* onde se constrói o *Parque Tercer Milenio*.

³²⁹ O setor de *San Victorino* tinha ascendência sobre os bairros vizinhos de *San Victorino*, *Veracruz*, *Catedral*, *Santa Bárbara*, *Eduardo Santos*, *Estanzuela* e *Voto Nacional*.

“[...] a canalização do *R. San Francisco* já tinha chegado até a *Calle Real* (*Carrera 7ª*), sob a sétima o rio descia descoberto e era atravessado por várias pontes em quase todas as ruas transversais. [...]”

Agora, você pergunta se não se pensou em construir um parque, um passeio ao redor de *San Francisco*, como ocorre em todas as grandes cidades. Em primeiro lugar porque o leito do rio era mínimo, e em segundo lugar porque Bogotá não tinha forma de se locomover. O conjunto da cidade assemelhava-se ao de Roma na Idade Média, um lugar feito para cavalos onde não podia se pensar nem por um momento, em grandes sistemas massivos de locomoção. A Avenida *Jiménez*, solucionou um problema maiúsculo. Hoje em dia a cidade toda passa por aí, como também pela *Caracas*.³³⁰

Figura 57 – Canalização do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade dá início à canalização e enterro de seus rios, alterando seu sistema hídrico (P1). O processo inicia-se com o *R. San Francisco*: (1) durante a colônia desviavam-se suas águas limpas pela *Calle 22*, ficando assim condenado a servir como esgotos do centro da cidade. Os trabalhos foram feitos por trechos dando origem à *Av. Jiménez*: (2) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *San Francisco*), 1911, (3) *Quinta de Bolívar-Carrera 7ª*, 1927 (4) *Carrera 8ª-Praça de San Victorino*, (5) *Praça de San Victorino-Calle 6ª*, (6) *Av. Caracas-Carrera 18* (atual *Av. Comuneros*), 1954. Processo semelhante realizou-se no *R. San Agustín*: (7) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *Ayacucho*), 1911, (8) *Carrera 3ª-Carrera 7ª*, (9) *Carrera 8ª – Av. Caracas* (10) praça do bairro *Egipto-Carrera 3ª*. Fotos 3A, 3B e 4: obras de canalização e enterro do *R. San Francisco*, 1926. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3A: *El agua en la historia de Bogotá 1538-1937*, p. 360-361. Fotos 3 B e 4: José Ortega e Antonio Ferro. *La Gruta Simbólica*, 1952.

A entrevista dada por Germán Zea resulta ilustrativa do arraigado desdém que sentiam os cidadãos e o governo da cidade pelos corpos de água: neste caso, o *R. San Francisco*, o qual para essa época já está bastante contaminado e tinha diminuído seu leito, produto em parte pela presença na parte alta do rio de moinhos e indústrias que se

³³⁰ “Lembro principalmente da ponte de *Filadelfia*. Depois o curso cruzava desde *San Victorino* para o sul”. afirmou o prefeito Germán Zea em entrevista a Juan Mosca (1987, p. 30).

beneficiavam do mesmo desde a época da colônia, e representava um obstáculo para a fluidez do transporte motorizado e a modernização da cidade.

Na década de 1920 continuou-se com a construção do coletor do antigo *R. San Francisco*, chegando até a *Carrera 14 (Av. Caracas)* em 1927-1928³³¹. Esta obra permitiu que entre 1938 e 1942³³², se realizasse a prolongação da *Av. Jiménez*, desde a *Carrera 7ª* até *San Victorino*, para o qual foi necessário comprar e demolir várias propriedades do setor³³³.

Aproveitando os trabalhos anteriores executa-se a segunda obra, a construção da *Av. Jiménez*, entre as *Carreras 2ª e 14 (Av. Caracas)*, que pretendia imitar no seu desenho o conceito do *boulevard parisienne* de Haussman. Esta atitude sem dúvida nenhuma manifesta a penetração e adaptação no âmbito colombiano, dos conceitos do urbanismo europeu. Para ilustrar esta afirmação, vale a pena citar a poética descrição de López de Mesa³³⁴, que em 1929 escreveu suas percepções sobre o avanço das obras da *Av. Jiménez*:

*Me ha sorprendido hoy lo mucho que va cambiando Bogotá [...]. ¿Sabe usted, señor, que me agradó la perspectiva que ofrece la Avenida Colón? Será un buen paseo. La he visto algunas veces en las horas de la tarde, y al contemplar la larga fila central de los faroles de grandes bombas, que, recta y hermosa, avanza hacia el occidente, iluminándose de pronto en la penumbra del crepúsculo me pareció que corrían presurosos, a evitar la muerte del sol con su bella claridad ambarina.*³³⁵

A terceira obra correspondeu à construção da *Av. Caracas*. O arquiteto Austríaco Karl Brunner concebeu este projeto, sob o conceito de par viário – entre as *Calles 8ª e 19* – com o propósito de conservar importantes prédios e espaços urbanos da cidade como a Escola de Medicina e o parque de *Los Mártires*, no setor de *San Victorino*; e de avenida arborizada, entre as *Calles 19 e 46*³³⁶. (Figura 58). Porém, a obra executou-se sob as diretrizes do

³³¹ CORPORACIÓN..., 2006, p. 522.

³³² CORPORACIÓN..., 2006, p. 521.

³³³ Germán Zea também comentou a respeito “Quando eu entrei na prefeitura, a *Avenida Jiménez* ia desde a *Quinta de Bolívar* até a *Calle Real*. Descendo deviam ser compradas várias propriedades, eu consegui fazê-lo. Prolonguei a Avenida entre a *Séptima* e *San Victorino*.”. (MOSCA, 1987, p. 30)

³³⁴ Cientista e humanista colombiano (1884-1967).

³³⁵ LOPEZ de MESA, 1929, p. 241.

³³⁶ A concepção urbanística de Brunner previa três níveis com relação à adequação de superfícies públicas para o lazer e seu papel como elementos do tecido urbano: os parques florestais, os bulevares e as praças. “Com o projeto da *Avenida Caracas* em Bogotá, Brunner vinculou uma linha de conexão de alta capacidade com um bulevar representativo. Ao ser uma das vias de comunicação mais importantes no sentido Norte-Sul da cidade, junto com a *Carrera Séptima*, a *Caracas* impulsionou a construção no norte, como os novos bairros de *Campín* e *Palermo*, e conectou-os com o centro da cidade. Para o traçado da

plano Soto- Bateman³³⁷, o qual deixou atrás a proposta de Brunner e propôs a extensão em linha reta, com calçadas de duplo sentido com um perfil de 40m de largura. No que se refere ao setor de *San Victorino*, esta operação precisou da mutilação do prédio da Escola de Medicina da *Universidad Nacional* em 1947³³⁸, e do recorte do Parque de *Los Mártires*, elemento que junto com a igreja do *Voto Nacional* perdeu definitivamente sua ascendência simbólica e importância como espaço público sobre o território e os moradores de *San Victorino*.

Figura 58 – Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.

Sobre os rios canalizados (P1) construíram-se novas avenidas (cor vermelho), sobre o *R. San Francisco* (1) a *Av. Jiménez*, a *Carrea 13* e a *Av. Comuneros*. Sobre o *R. San Agustín* (2) a *Calle 7a* e a *Calle 6a*. Nesta mesma época ampliam-se novas avenidas (cor laranja) a *Carrera 10* (3) e a *Av. Caracas* (4). Com estas obras o setor de *San Victorino* perde, com a primeira, a igreja de *Santa Inés* (3A) e com a segunda, a *Facultad de Medicina* (3B). Constrói-se a *Av. Colon* (5) sobre a alameda nova. Com estas obras transformou-se sustancialmente a paisagem do centro da cidade. Foto 1: construção da *Av. Jiménez*, 1927. Foto 4A: ampliação da *Calle 14* (*Av. Caracas*), 1947. Foto 4B: demolição da *Facultad de Medicina*, 1948. Foto 5: construção da *Av. Colon*, 1938. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 1: Juan Mosca. Foto 4A: *Museo de Desarrollo Urbano*. Foto 4B: fotografia aérea IGAC. Foto 5: *Sociedad de Mejoras y Ornato*.

A quarta obra foi a ampliação da *Carrera Décima* em 1947. Até esta data, as obras da *Carrera 10* (iniciadas anos antes, na zona norte) detinham-se neste setor do centro da cidade na altura da igreja de *Santa Inés*. Sobre a execução desta obra, é preciso notar –

mesma, o plano de desenvolvimento somente previa uma série de correções locais e de pequenas aberturas para sua prolongação nos bairros obreiros do sul". HOFFER, 2003, *passim*.

³³⁷ O Arquiteto e urbanista austríaco Karl Brunner, contemplou para o traçado da *Av. Caracas* no setor de *San Victorino* a permanência do prédio da *Escuela de Medicina*, e propôs como solução a criação de um binário entre as *Calles 19* e *8*, utilizando a *Carrera 15* no sentido norte-sul e a *Carrera 13* no sentido sul-norte. Infelizmente, o projeto aprovado dos engenheiros Soto-Bateman prolongava em linha reta a atual *Av. Caracas*, que obrigou a demolir parcialmente o prédio da *Escuela de Medicina* e cortar uma parte do parque de *Los Mártires*. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001 *Folio 172*. Plano 1.

³³⁸ *Escuela de Medicina*, arquiteto Gastón Lelarge. Iniciou-se sua construção em 1916 em terrenos da quinta de *Segovia*, na frente do parque de *Los Mártires*. Em meados do século XX, com as obras da *Av. Caracas*, foi mutilado. Na atualidade é ocupado pelos escritórios de recrutamento do *Ejército Nacional*. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 169)

levando em conta os propósitos do presente trabalho – que seu desenvolvimento conduziu à demolição parcial da Praça de Mercado (1953) e total da Igreja de *Santa Inés* em 1957³³⁹:

[...] a praça de mercado de *Santa Inés (Concepción)* se trasladou à Praça *España* e ao Colégio Agustín Nieto Caballero; o vazio deixado por sua demolição não foi renovado e sim gerou um maior deterioramento, embora a intensa atividade persistisse e até aumentasse.³⁴⁰

Com relação à igreja de *Santa Inés*, o historiador Alfredo Iriarte (1932-2002) mencionou: “[...] a bela igreja de *Santa Inés* foi arrasada para que por cima dos escombros passasse a *carrera décima* [...]”³⁴¹. Esta frase evidencia não somente a lembrança de um prédio simbólico vítima do extermínio, mas a perda de um referente urbano de relevante significado para a cidade desde o período colonial.

A este resultado, em termos paisagísticos, somou-se outro em termos sociais: o projeto da *Carrera 10* não somente tinha como propósito facilitar a circulação veicular da cidade no sentido norte-sul / sul-norte, mas como mantém Niño (1999): “Sanear a zona e deslocar a zona de prostituição, de bandidagem e de sujeira que caracterizavam o lugar”³⁴². Este fato oferece dois elementos importantes de reflexão. O primeiro, a confirmação do estado de deterioramento social presente na área de *San Victorino*, desde as primeiras décadas do século XX, “[...] o submundo que começa às onze da noite detrás do ultimo casal de cineastas, e acaba às cinco da manhã, quando as primeiras beatas transpassam o umbral das igrejas [...]”³⁴³. O segundo, a evidência de que a administração da cidade havia empreendido programas de desmarginalização e higienização do setor, tomando como pretexto a execução de obras físicas, neste caso, a construção de uma avenida de primeira categoria para a cidade. O anterior permite apreciar um enfoque particular de administração da cidade durante esses anos, a qual costumava pensar que os problemas de marginalidade seriam resolvidos com ações de renovação urbana baseadas na construção de infraestrutura, deixando em segundo plano ações de incorporação, compreensão e trabalho

³³⁹ Fontes confirmam a existência da igreja na década de 1950. Fotografia aérea: Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Colômbia. 1952.

³⁴⁰ *Sociedad Colombiana de Arquitectos*. Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do *Parque Tercer Milenio* em *Santafé de Bogotá*. (SOCIEDADE..., 1999)

³⁴¹ IRIARTE, 1988, p. 47.

³⁴² SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1.

³⁴³ BRUJES, 1938, p. 22.

social com as comunidades que habitavam os setores objeto da renovação³⁴⁴. Esta ação conseguiu parcialmente seu objetivo, porque ainda que se tenham recuperado alguns setores, persistiram a prostituição e malandragem.

A quinta obra no setor de *San Victorino* consistiu na canalização do *R. San Agustín* e a construção da *Avenida 6ª* na década de 1950, a qual surgiu como uma alternativa de comunicação entre o centro histórico e os bairros recém-construídos no setor sudoeste da cidade. A várzea do *R. San Agustín* era estreita, na altura do setor de *San Victorino*, razão pela qual se descartou a construção de uma grande avenida semelhante à *Av. Jiménez*. A solução que se adotou foi a construção de um binário aproveitando as ruas existentes (*Calles 6ª e 7ª*). Esta obra facilitou a conexão entre o setor de *San Victorino*, de intensa atividade comercial com o bairro de *San Bernardo* caracterizado por uma vida residencial tranquila. As novas vias e o serviço de transporte público incidiram em uma mudança do uso do solo deste último bairro: uma zona que era de um uso predominantemente residencial começou a incorporar atividades comerciais progressivamente.

Em termos ambientais, com a canalização e a construção das Avenidas *Jiménez* e *Sexta*, não somente o setor residencial começou a transformar seus usos, mas além de tudo, a cidade enterrou no seu centro histórico os últimos elementos de sua estrutura ecológica original: os rios *San Francisco* e *San Agustín* ficaram no esquecimento e deixaram de ter relevância na paisagem permanecendo somente a marca do seu antigo leito na configuração morfológica do setor, onde os corpos de água e as superfícies permeáveis foram trocadas pelas calçadas e o asfalto das calçadas. Em termos paisagísticos é preciso dizer que com estas duas obras de canalização e quatro obras viárias antes mencionadas, *San Victorino* ficou conectado à cidade, mas ao mesmo tempo fragmentado e isolado pelas amplas avenidas e seu intenso fluxo veicular: ao norte a *Av. Jiménez*, no leste a *Carrera 10*, no oeste a *Av. Caracas* e no sul a *Av. Sexta*. Com a construção destas vias arborizadas, (Figura 59) desarticulou-se a rede de relações funcionais e espaciais do território de *San Victorino* (Desse modo, iniciou-se um processo de constrangimento e isolamento espacial do setor, o qual gerou com o tempo a configuração de um “arquipélago urbano” no qual *San Victorino* operava como uma ilha urbana, em pleno centro da cidade.

³⁴⁴ Na seção 2 mencionou-se como a administração da cidade empreendeu durante os anos 20 e 30 do século XX ações de desmarginalização, higienização e homogeneização de setores deteriorados da cidade, com a execução de projetos de “saneamento” como no *Paseo Bolívar* para o qual se procedeu à construção de um novo bairro (*Centenario*) para reacomodar seus moradores.

Figura 59 – Construção de Avenidas arborizadas.

Com o surgimento do carro como meio de transporte as velhas ruas coloniais tornam-se insuficientes. Por esta razão a cidade inicia nos anos 1930 um programa de ampliação de vias, para o qual se constroem avenidas arborizadas (P1), tomando como referência a experiência europeia e norte-americana. No setor de *San Victorino* constrói-se: (1) a *Carrera 10*, (2) a *Av. Caracas*, (3) a *Av. Colon* e anos depois (4) a *Av. Los Comuneros*. Foto 1: *Carrera 10*, 1955. Foto 2: *Av. Caracas*, 1938. Foto 4: *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, 1964. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 4: Saúl Orduz MDU. Foto 2: Fernando Garabito.

Com relação à dimensão social, *San Victorino*, como se mencionou anteriormente, começou a se assemelhar a uma ilha urbana conformada por residentes, comerciantes e moradores de rua. Sempre sob o estigma de espaço segregado, fragmentado e os grupos sociais altamente marginalizados, que paradoxalmente situaram-se sobre a marca deixada pelo *R. San Francisco*: especialmente na franja onde hoje se encontra o Parque Terceiro Milênio, lugar onde se manifestou o maior deterioramento físico, social e ambiental da cidade. Ali se estabeleceu um lugar central de encontro dos moradores de rua, na famosa “*Calle del Cartucho*”³⁴⁵, a qual teve como prédio simbólico “*El Castillo*”³⁴⁶, lugar do qual se “administrava” o submundo do setor. A marginalidade, presente desde o período colonial, manifestou-se com uma faceta distinta, de acordo com o vertiginoso e conflituoso desenvolvimento da área nos últimos cinquenta anos.

4.4 Perda de equipamentos e liderança

Conformação de um arquipélago urbano

Como se explicou na seção 2, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo, que se manifestou especialmente no campo; por este

³⁴⁵ “*El cartucho*” nome que recebeu a *Carrera 12 A* entre *Calles 9ª* e *10*, por ser lugar de venda da flor de cartucho. A partir dos anos 1970 apresentou um deterioramento físico e social contínuo até se tornar o lugar mais perigoso do setor de *San Victorino* e da cidade. Curiosamente sob esta rua passa o *R. San Francisco*.

³⁴⁶ “*El Castillo*” prédio localizado na *Carrera 13* com *Calle 9ª*. Nos anos 1980 foi invadido e tornou-se o centro de operações da delinquência que controlava o setor de *San Victorino*, convertendo-se em símbolo de poder.

motivo, produziu-se uma migração massiva de camponeses à cidade, os quais chegaram a esta procurando por segurança e por novas oportunidades de trabalho. (Figura 60).

Figura 60 – O “Bogotazo”: construções e infraestrutura afetada.

Com os atos violentos de 9 de abril de 1948 o setor de *San Victorino* foi seriamente afetado (P1). Isto acelerou o processo de fechamento e traslado da *Plaza de Mercado* (laranja), a demolição da igreja de *Santa Inés* (azul) para dar lugar à nova *Carrera 10* (1) e o desmonte (retiro) da rede do Bonde (linha verde) símbolo do transporte público da cidade. Com estas nefastas decisões o setor de *San Victorino* perde liderança? e visibilidade na cidade. Foto 1: Praça de Mercado Central, 1929. Foto 2: Ataque ao bonde, 1948. Foto 3: estragos na *Carrera 7ª*, 1948. Foto 4: o Bonde em chamas, 1948. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Ministerio de Obras Publicas, 1949*. Foto 1: Ignacio Sánchez Santamaría. Fotos 2 e 4: José Vicente Ricaurte. Foto 3: Luis Gaitán.

Frente à evidente instabilidade e perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo General Rojas Pinilla, que terminou exercendo as funções de presidente sob a figura de ditadura militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957. Como se mencionou na seção 2, o General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança à cidade. Entre estes projetos é necessário destacar alguns que incidiram no processo de deterioramento de *San Victorino*.

Porém, antes de explicar estes projetos e sua relação com o setor, é necessário mencionar que devido aos danos causados ao sistema de bonde em 9 de abril de 1948 e a deficiências na administração e no manejo dos recursos econômicos, a empresa do *Tranvía* (bonde) *Municipal* deixou de prestar o serviço de bonde em 1952, substituindo o referido serviço pelo de ônibus e *trolly bus*. Com esta decisão, desapareceu o circuito conformado pelo bonde no setor de *San Victorino*, que percorria a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª* e 11, o qual não somente fornecia vitalidade à zona, mas permitia a conexão desta zona com a

cidade. Uma vez desaparecido o circuito, também desapareceu a importância que tinham a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª e 11*, em termos paisagísticos e urbanos; desprovidas de sua importância, acelera-se seu processo de deterioramento físico e social.

Retomando os projetos executados durante a ditadura do General Rojas, que incidiram no deterioramento do setor, é preciso destacar os seguintes: com a construção da *Calle 26* (*Av. El dorado*), o Passeio de *Los Libertadores* e a adição dos Municípios vizinhos de Bogotá, iniciou-se um acelerado processo de crescimento não planejado sobre a Savana, caracterizado por uma intensa ocupação da área rural, a qual se estendeu principalmente ao oeste da cidade nos primeiros anos, e posteriormente, ao norte da mesma³⁴⁷. (Figura 61).

Figura 61 – Urbanizações Ilegais e obras de infraestrutura.

Com a construção de infraestrutura – equipamentos e avenidas – no ocidente de Bogotá, incorporaram-se áreas rurais no processo de urbanização da cidade dando origem, em muitos casos, à proliferação de assentamentos ilegais na periferia da cidade. P1: *Croquis* sobre parcelamentos Clandestinos, 1950. Foto1: Aeroporto *El Dorado*, 1956, Arquitetos Cuellar Serrano Gómez. Foto 2: perspectiva do *Ministério de Obras Públicas* (CAN) Arquitetos Skidmore Owens & Merrill. Fonte: P1 Joaquín Martínez – Registro Municipal, Tomo XX, 1950. Foto 1: Germán Téllez. Foto 2: *Revista Proa*, 1955.

Durante este período de investimento na periferia, sobre a Autopista Norte e a *Calle 26*, o setor imobiliário (empresa privada) e a administração *Distrital* esqueceram-se do centro tradicional da cidade de modo que durante as décadas seguintes acelerou-se o deterioramento físico e social desta porção da cidade. *San Victorino* não foi a exceção nesse processo de deterioramento, o qual esteve acompanhado de alguns fatos que agravaram as condições de marginalidade social e geração de uma ilha urbana: a publicação de um decreto para que os vendedores ambulantes localizados nas ruas e calçadas de *San*

³⁴⁷ A localização do *Centro Administrativo Nacional* e o Aeroporto Internacional *EL Dorado* sobre o eixo leste-oeste (*Calle 26*) “abrieron la compuerta a la expansión de la ciudad en esta dirección, algo que se evitaba en el Plan Regulador por considerar estas áreas poco aptas para desarrollos urbanísticos. La Autopista Norte abrió otro frente urbanizador importante, que tardaría varias décadas en poblarse.”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 114)

Victorino se concentrassem no largo do mesmo nome³⁴⁸; o traslado de comerciantes de atacado de víveres à Central de Atacados de *Corabastos* (1972); finalmente, o traslado de prestadores do serviço de transporte terrestre intermunicipal e nacional ao Terminal de Transportes (rodoviário) localizado no oeste da cidade (1984).

O decreto que o prefeito Jorge Gaitán Cortes expediu em 1864, visava à recuperação da imagem e o espaço livre do centro; porém, contrário a seus nobres propósitos, terminou por legitimar que a praça, as calçadas e as ruas, se tornassem objeto de aproveitamento econômico, sob práticas “irregulares” que se consolidaram no transcurso das décadas seguintes³⁴⁹: vendedores ambulantes³⁵⁰ (Figura 62), que tomaram posse e defenderam como próprias porções de uma rua, uma calçada ou da praça; vendedores de atacado proprietários ou inquilinos de locais comerciais e bodegas nos prédios da zona, que contrataram numerosas pessoas para ofertar os produtos nas ruas; máfias e *jibaros*³⁵¹ que se dedicaram ao comércio de alucinógenos encobertos pelos vendedores ambulantes aproveitando o aumento do consumo, produto da bonança trazida pelo tráfico de maconha dos anos 1970; catadores de papel e papelão que desenvolveram centros improvisados de coleta na área vizinha à praça; e habitantes da rua que tornaram esta zona sua residência permanente³⁵². Assim, contrário ao previsto pelo Prefeito, a cidade ao invés de ganhar, perdeu espaço livre, e a Praça de *San Victorino*, em vez de conservar suas características, dilapidou sua importância como referente urbano rico em significados desde os tempos da colônia.

Outro fenômeno que se apresentou na área e que gerou condições de marginalidade foi o correspondente às condições sociais que ficaram como produto do abandono de infraestrutura e o traslado das atividades do comércio em atacado e do serviço de transporte intermunicipal a outros setores da cidade.

Nos anos 1970, numerosos comerciantes de atacado de víveres que se concentravam no setor de *San Victorino*, se trasladaram à Central Atacadista de *Corabastos*³⁵³, em 1972; o referido traslado provavelmente esteve motivado pelas condições

³⁴⁸ Decreto 227 de 1964 “pelo qual se regulamenta a profissão de vendedores ambulantes de que trata o capítulo 12 do título 9 do livro 2 do *Código de Policía del Distrito Especial de Bogotá*”.

³⁴⁹ Este espaço público somente seria recuperado 38 anos depois, com o traslado dos vendedores e a execução de obras de reforma da Praça de *San Victorino*. Com esta obra começa o processo de recuperação do espaço público do setor.

³⁵⁰ Sem dúvida nenhuma, o fenômeno de vendedores ambulantes é uma manifestação de um problema social cuja origem tem raiz nas condições de desemprego, da desigualdade na distribuição da riqueza e no acesso a bens e serviços básicos. Porém, não é pretensão deste documento demonizar a existência dos vendedores ambulantes, mas chamar a atenção sobre os impactos negativos resultantes da legitimação do aproveitamento econômico do espaço público.

³⁵¹ “*Jibaro*”: administrador das vendas de narcóticos. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.187)

³⁵² Palavras de Niño: “a partir de entonces, se formó un improvisado centro de recolección de papeles y cartones, de recogedores de toda la ciudad, a la vez que se convirtió en refugio de indigentes, de miseria y drogadicción”. (SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1)

³⁵³ SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.2.

favoráveis de trabalho – segurança, acessibilidade, asseio e outras – que lhes ofereciam as novas instalações da Central de Abastecimento, mas ao mesmo tempo provocou que *San Victorino* perdesse identidade como o centro de comércio em atacado de víveres da cidade, e que ficasse somente com os resíduos do que uma vez foi. Assim, o cenário do setor começou a se caracterizar por prédios abandonados (antes utilizados para as atividades comerciais) e pessoas sem emprego (que antes se dedicavam a trabalhos associados com o comércio de víveres).

Figura 62 – Evolução e ocupação da Praça de *San Victorino*.

Semelhante a outras praças da cidade, a praça de *San Victorino* sofreu importantes modificações: (1) Espaço colonial original com chafariz, portão de chegada à cidade. O *R. San Francisco* passa por sua margem. (2) Em 1910 aumenta-se o espaço, enterra-se o *R. San Francisco* e constrói-se um parque. Toma o nome de Praça *Antonio Nariño*. (3) Em 1948 pavimenta-se o parque e habilita-se o espaço como estacionamento para carros. (4) Em 1964 o prefeito Gaitán Cortes autoriza a ocupação da praça pelos vendedores informais, perdendo-se assim um dos espaços tradicionais e representativos da cidade. Foto 1: *San Victorino*, praça com chafariz, 1900. Foto 2: *San Victorino*, praça/parque, 1920. Foto 3: vista aérea, Plaza *Antonio Nariño* (estacionamento), 1947. Foto 4: vista aérea, *San Victorino*, espaço invadido pelos vendedores informais, 1998. Desenhos elaborados pelo autor. Fonte: Foto 1: Henry Duperly. Foto 2: *Sociedad de Mejoras y Ornato*. Foto 3: em Montenegro & Liarralde. Foto 4: *El Tiempo*. 1998.

Por outro lado, no começo dos anos 1980 habilitou-se o primeiro terminal “moderno”³⁵⁴ de transporte que teve Bogotá; esse terminal foi inaugurado em 1894, no setor que hoje em dia se conhece como Cidade *Salitre*. Várias empresas de transporte que prestavam o serviço nas proximidades a *San Victorino* trasladaram-se ao novo terminal. Sem dúvida alguma, a cidade beneficiou-se significativamente com a construção desta moderna

³⁵⁴ Naquela época, o transporte intermunicipal de passageiros estava organizado de forma precária sobre “portos secos”, onde o serviço de chegada e saída dos passageiros dava-se em locais improvisados.

Rodoviária, pois esta obra permitiu superar a informalidade³⁵⁵ e racionalizar a prestação do serviço de transporte de passageiros. Porém, os bairros *San Victorino* e *La Estanzuela*, perderam seu caráter como porto seco, e adicionalmente sua capacidade de ofertar fontes de trabalho às pessoas que prestavam a assistência técnica e logística ao serviço de transporte de passageiros e que em sua maioria moravam no bairro *Santa Inés*. De certo modo, pode-se afirmar que com a migração das atividades e as pessoas associadas ao serviço de transporte incrementou-se o desemprego e aumentou-se a insegurança no setor.

San Victorino: ilha e marginalidade urbana

Frente ao novo panorama, a administração *Distrital* não tomou nenhuma medida de prevenção ao deterioramento, nem considerou programas de inclusão social para aquelas pessoas que perderam sua fonte de ocupação e subsistência.

A construção destas importantes obras de infraestrutura – *Corabastos* e Terminal de transporte – não incluiu planos de redensolvimento dos espaços vazios deixados na cidade e, muito menos, a implementação de programas para reincorporar ao mercado, gerar trabalho à população de escassos recursos – mão-de-obra não qualificada que dependia para o seu sustento da presença destes serviços no centro da cidade. Esse fato trouxe nefastas consequências para o setor de *San Victorino*, as quais se manifestaram, em muitos casos, na troca de usos e no aumento da população de escassos recursos ou em condição de indigência: depois da emigração dos comerciantes de atacado, as bodegas desocupadas foram destinadas principalmente para o armazenamento de materiais recicláveis como papel, metais e desperdícios de construções. As pessoas que perderam sua antiga ocupação e, em geral, a população de escassos recursos da cidade, ocupou-se do recolhimento, transporte e venda destes materiais. Desse modo, o espaço urbano e seus atores passaram de uma condição de “formalidade” (mercado em atacado de víveres) para uma de “informalidade” (reciclagem de materiais).

Neste cenário de informalidade, acelerou-se o processo de deterioramento do espaço livre: as ruas e as calçadas foram invadidas pelo crescente número de “carros de *balineras*” (*zorras*) e de materiais que não faziam parte da lista dos “*negociables*”, de modo que o espaço livre tornou-se uma zona de acumulação de desperdícios. Nas calçadas começaram a proliferar improvisados pontos de venda de comidas preparadas em churrasqueiras com

³⁵⁵ A cidade passa do sistema arcaico de agências de transporte de passageiros – “rua e bodega” dispersas pelo centro da cidade – ao moderno e funcional sistema de terminal de transporte.

carvão, cuja fumaça e cinzas multiplicaram-se ano após ano. Assim, progressivamente foi-se poluindo o ar das ruas e modificou-se negativamente a paisagem do bairro.

Por outro lado, também estes fatos marcaram o início de uma nova dinâmica com relação à propriedade privada: (Figura 63), no setor, começou a se apresentar uma maior concentração da população marginal que subsistia do “rebusque” ou do recolhimento de materiais, a qual não contava com ingressos suficientes para pagar um espaço para dormir. Os arrendatários de propriedades, ao ver uma oportunidade de negócio, incrementaram a prática de especulação com os imóveis por meio da sublocação de quartos, nos quais se alojavam famílias inteiras. Desse modo, o bairro de arrendatários passou a ser um bairro de cortiço, aumentou o índice de ocupação, com grupos de famílias morando em condições de adensamento precário.

Figura 63 – Transformação da moradia e controle da propriedade.

A maioria dos prédios do setor apresenta a mesma evolução: (1) Moradia original em formato de claustro com quintal anterior e posterior. Ocupado por uma família, proprietária. (2) Subdivide-se a moradia em duas propriedades. Mantém-se o quintal anterior e posterior, ocupado por duas ou mais famílias, proprietárias ou arrendatárias. (3) Subdividem-se os locais, constroem-se mais quartos, perde-se o quintal posterior. Cada quarto ocupado por uma família, torna-se cortiço (invasores). Perde-se o controle sobre a propriedade. (4) Acondicionam-se mais quartos, perde-se o quintal anterior. Os quartos são ocupados por várias pessoas, não necessariamente conhecidas entre si (cobra-se por noite). Gera-se uma situação de condições precárias e promiscuidade absoluta. Comércio (vermelho) moradia e outros (amarelo) serviços (azul). [Desenhos elaborados pelo autor].

Os “arrendatários”³⁵⁶ com a finalidade de obter um maior aproveitamento econômico das edificações colocaram ano após ano mais famílias nas habitações das deterioradas residências, com o qual se incrementaram as condições precárias dos moradores e ao mesmo tempo aprofundaram-se as fraturas de convivência típicas deste modo de habitar, surgindo fenômenos de violência no interior do grupo de residentes, descompromimento no

³⁵⁶ “Arrendatarios”, neste caso, refere-se aos novos possuidores – não proprietários – dos imóveis.

pagamento e agressões por parte dos arrendatários que finalmente foram expulsos pelo grupo de inquilinos³⁵⁷.

Assim ocorre um fenômeno que pode ser denominado como perda do controle da propriedade privada, o que gerou uma atmosfera propícia para a deteriorização física das edificações, e a decomposição social caracterizada pelas relações de conflito na convivência e os fenômenos de violência.

Nos anos 1970, surgiu um fenômeno que foi determinante no posterior deterioramento social e físico de *San Victorino*. Durante essa década apresentou-se o auge do comércio de drogas no país todo³⁵⁸ e *San Victorino*, como os demais setores do centro da cidade, foram esquecidos pela administração *Distrital*. Estes dois fatos – unidos à vulnerabilidade da população que habitava o bairro – constituíram um campo de ação propício para os comerciantes de alucinógenos, que paradoxalmente começaram a exercer suas atividades ilícitas a somente dois quarteirões do Palácio Presidencial, a Prefeitura Maior (*Alcaldía Mayor*), e a Praça de *Bolívar*, primeiro centro cívico da cidade e do país.

A ausência do Estado, o aumento da venda de alucinógenos e dos fenômenos de violência no meio da população vulnerável foi decisivo no processo de decomposição física e social do setor. Além disso, marcaram a configuração de um imaginário negativo na população *bogotana*: *San Victorino* passou de sinônimo de porto urbano e atraente de atividades para sinônimo de degradação social, drogas e crime em todas as suas manifestações.

4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental

Consolidação da Barreira urbana. Tempo de crise.

Sob essas condições, *San Victorino* começou a se configurar na paisagem como uma espécie de “barreira urbana”, um reino do “*basuco*”³⁵⁹, do saqueio e do vandalismo, ao que a cidade e as instituições do Estado viraram-se de costas. (Figura 64). A “*Calle del Cartucho*” terminou por se constituir no centro simbólico e espacial desta barreira, com o avançado

³⁵⁷ María Paula Navas descreve esta dramática situação muito bem: “*Hay jefes, líderes o administradores por donde usted mire, y cuando dejan de mandar llega otro inmediatamente a ocupar el puesto. El más hábil. Así hubo no sé cuantos propietarios que perdieron definitivamente la posesión de sus predios. Hubo tantos dueños que los pobres ricos no pudieron regresar al punto en que abandonaron sus casas*”. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.51)

³⁵⁸ Nos anos 1970 intensificou-se no país a produção e tráfico de maconha, fato conhecido como “*Bonanza marimbera*”. Este evento permeou a maioria das estruturas sociais e econômicas do país, e no caso de *San Victorino* transformou-o no centro de venda e consumo de alucinógenos, afetando sua população e entorno físico significativamente.

³⁵⁹ *Basuco*: resíduos da base de coca muito popular pelo intenso efeito e baixo custo, NAVAS-ALARCON, M., op., cit. p.185.

estado de decomposição social, o dramático deterioramento do espaço livre, a perda total do controle sobre a propriedade privada e a destruição física das edificações: as paredes das casas começaram a ser derruídas por seus habitantes para utilizar o material na preparação de “*crack*”³⁶⁰: “Começam a levar partes das casas [...] se levam as cornijas, as molduras e até a tapeçaria das paredes”. A polícia negou-se a intervir para evitar o saqueio que acontecia a três quarteirões de sua estação. “Em um mês a casa da família Liévano desapareceu. Levaram a fachada, as portas e as grades [...] ficou somente o lote”. O lote e o testemunho de como Bogotá – igual a outras cidades do país – abandonou seu centro e, com ele, parte de sua memória³⁶¹.

Figura 64 – A “Calle del Cartucho” e prédio “El Castillo”.

Sobre as ruas ondulantes que lembram o velho curso do R. San Francisco (P1), gera-se o maior deterioramento físico e social do setor. É neste lugar onde se consolidam dois dos símbolos dos moradores informais da área: (1) “Calle del Cartucho”, (2) “El Castillo”, em cinza área de influência direta. Foto 1: “Calle del Cartucho”, rua invadida. Foto 1: “Calle del Cartucho” moradores de rua. Foto 2: demolição de prédios. Foto 2: demolição do “El Castillo” prédio simbólico dos invasores, centro de delinquência. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano.

Pode-se dizer que nessa época a única presença do Estado na zona manifestou-se por meio do Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e a Estação de Polícia³⁶² localizada na Av. Caracas com Calle 6ª, e o Centro de Recrutamento do Exército instalado no que restou do prédio da antiga Escola de Medicina. O primeiro estabelecimento, que seguramente foi significativo para a cidade, pois presta um importante serviço de recepção de cadáveres, mas negativo para San Victorino, já que no setor próximo do mesmo estabeleceram-se as mais miseráveis condições de vida e morte: um lugar onde a vida não

³⁶⁰ “Crak”: Base de coca misturada com pó de cimento ou tijolo.

³⁶¹ LEÓN, F. *El tiempo*, (jornal) 28-03-1999 p. 2E.

³⁶² É a Estação de Polícia mais importante do centro da cidade. Foi construída nos anos 1960.

tem o menor significado para seus moradores e onde os funcionários do Instituto, e dolentes dos mortos valentemente enfrentam-se todos os dias neste aterrador panorama. Com relação aos dois últimos, chama a atenção que, sendo parte do aparato de segurança da cidade e do país, foram incapazes de manter o controle do Estado sobre a zona em uma atitude passiva e de suspeitosa complacência com todos os atos delitivos que aconteciam em *San Victorino* e que sem dúvida afetaram a credibilidade da população nas forças de segurança e convivência de sociedade *bogotana*.

Intentos falidos de recuperação

Como se indicou na seção 3, em 1986, frente ao processo de abandono e deterioração que sofreu o centro da cidade, e a situação de conflito na qual se viu *San Victorino*, especialmente na zona chamada “*El Cartucho*”, a administração *Distrital* voltou seu olhar ao centro por intermédio da contratação de um estudo técnico que se denominou “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. Com este plano, a administração *Distrital* assumiu como prioridade os programas de recuperação do espaço livre e a racionalização do transporte de passageiros no Centro Tradicional. Infelizmente, apesar destas nobres intenções, o referido plano jamais se materializou.

Com essa mesma preocupação na década de 1980, traçaram-se novos desenhos e realizaram-se as obras de um projeto destinado a melhorar as condições de mobilidade sobre a *Av. Caracas*. (Figura 65). O projeto denominado “*Troncal de la Caracas*” consistiu na destinação de faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus, com áreas delimitadas para o carregamento e descarregamento de passageiros, imitando o modelo de Curitiba em Brasil. Como esta iniciativa implicava suprimir o separador central e o retiro das árvores, em sua maioria *Urapanes* (*Fraxinus chinensis*)³⁶³, razão pela qual o centro da cidade e especialmente o setor de *San Victorino* perdeu o único corredor viário verde ao modificar negativamente a principal avenida arborizada, herdada dos planos de modernização empreendidos pela cidade em meados do século XX.

Posteriormente propuseram-se projetos específicos de recuperação do setor, como o proposto pelo prefeito Jaime Castro com o “Plano de recuperação dos bairros de *San*

³⁶³ Em 1945 executa-se em Bogotá um ambicioso programa de arborização, liderado pelo japonês Hochino, que propôs como espécie única para plantar a árvore de origem *Urapan*, (*fraxinus chinensis*). Esta espécie adaptou-se às condições do clima da cidade e pelo grande aporte, folhagem e rápido crescimento foi por muito tempo o preferido pelos *bogotanos* até que perderam sua importância devido aos danos causados pelas raízes às vias e construções. No final dos anos 1980 uma praga os atacou obrigando a retirada da maioria destes.

Victorino e Santa Inés 1992-1995”, que consistia basicamente em resolver a mobilidade no deflagrado e deteriorado setor da “*Calle del Cartucho*” e a dificuldade de acesso às instalações de Medicina Legal para o qual se propunha ampliar o perfil de todas as vias do setor, a construção de novas vias, um novo parque e a troca de usos (comércio e institucional) em vários quarteirões. Igual aos projetos anteriores, este também não foi executado.

Figura 65 – Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.

No final dos anos 1980 a prefeitura de Bogotá, tomando como referência o sistema de transporte de Curitiba no Brasil, começa a construção da “*Troncal de la Caracas*” (P2). Infelizmente esta obra afetou a paisagem do centro da cidade ao tirar a maioria das árvores do canteiro central e calçadas (P1) para dar lugar às novas faixas de circulação veicular. Desse modo perdem as “*Avenidas arborizadas*”, que por muito tempo foram orgulho da cidade. Preocupados pelo alto nível de deterioração física e social no setor de *San Victorino*, a prefeitura em 1993 apresenta uma proposta de intervenção (P3), a qual incluiu a abertura de novas vias no setor da “*Calle del Cartucho*”, *Carrera 12A*, *Calle 7A* e a construção de um pequeno parque. Esta proposta não foi realizada. [Desenhos elaborados pelo autor].

Dinâmica de ocupação do setor. Perda de equipamentos e superposição de atores.

No final do século XX a paisagem do setor de *San Victorino* estava substancialmente alterada devido à perda do comércio em atacado, da indústria e de seus principais equipamentos como a Faculdade de Medicina, a Praça de Mercado, as igrejas de *San Victorino* e *Santa Inés*. A esta situação somou-se o espaço livre afetado pela mutilação da Praça de *Los Mártires*, a invasão da praça de *San Victorino* por vendedores informais, a supressão das rotas do transporte público do bonde (*Calle 10ª*, *Carreras 10ª* e *Carrera 11*) e a ampliação das principais vias, operação pela qual se retiraram as árvores que estavam sobre os corredores viários. (Figura 66).

Figura 66 – Perda de equipamentos no setor de *San Victorino*.

Em meados do século XX *San Victorino* contava com importantes equipamentos urbanos e transporte (P1). Pela ampliação de avenidas e traslado de equipamentos que nunca foram substituídos, no final do século XX o setor perdeu presença e liderança na cidade (P2). Abastecimento (laranja), igrejas (vermelho), educação (azul), culturais (azul claro), indústria (roxo), segurança-militar (verde escuro), praças e parques (verde). Rota do bonde (Linha verde). [Planos P1 e P2 elaborados pelo autor].

Outro elemento que incidiu na transformação da paisagem foi a constante e sistemática mudança de uso da propriedade privada: o uso comercial foi trocado pelo uso residencial, com o qual os habitantes habituais do setor tiveram de se trasladar obrigatoriamente para novas urbanizações localizadas na periferia da cidade. Dessa forma, o caráter que se dava a *San Victorino*, a moradia tradicional foi se transformando pela presença de perigosos cortiços, ocupados sob práticas “primitivas”: em um quarto dormem no chão³⁶⁴ várias pessoas em condições precárias de higiene e moradia.

Apesar de suas condições precárias de moradia, como se mencionou anteriormente, a população vulnerável que ocupava *San Victorino* aportava ao setor uma intensa dinâmica durante as 24 horas do dia e durante os 365 dias do ano. Com a construção do Parque Terceiro Milênio, como se indicou na seção 3, trocou-se o uso de moradia pela recreação, e expulsou-se esta população vulnerável. Esta ação, na opinião do autor deste trabalho, definitivamente foi contra dos interesses de manter e atrair população que habitasse o centro da cidade (Figura 67).

Os atores presentes no setor e no entorno adjacente a *San Victorino* estão conformados principalmente por dois grupos plenamente diferenciados: o primeiro grupo que pode se denominar “formal ou autônomo”, conformado pelos empregados das entidades públicas de nível nacional e distrital (Presidência, Congresso, Ministérios, Banco Central, Prefeitura maior, Secretarias, Corporações Culturais e sociais), os empregados de entidades

³⁶⁴ As pessoas dormem, (de dia ou à noite), não moram nestes espaços. Paga-se para dormir quatro reais. NAVAS-ALARCON, op. cit., p.102

culturais (Bibliotecas, Museus e outros), os integrantes das instituições religiosas (Arcebispo, Catedral principal, Igrejas paroquiais) e, por último, os proprietários e empregados do setor privado da área financeira (bancos e corporações), do setor de gestão e serviços (profissionais de todas as áreas, especialmente de justiça), do setor comercial (lojas de atacado e varejo, livrarias, restaurantes e cafeterias).

Figura 67 – Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Tercero Milênio.

No final da década de 1980, o setor de *San Victorino* apresenta uma alta mistura de usos, destacando a presença de comércio no costado norte e moradia no costado sul (P1). Para a construção do parque suprime-se a área de moradia, a qual é substituída por recreação. Assim, o setor fica sem moradores que aproveitem os espaços novos que o parque oferece. Planos P1 FONADE “*Preinversión*”, Bogotá 1988, p. 28. [P2 elaborados pelo autor; fonte: *Bases del Concurso*].

O segundo grupo, que pode ser denominado “informal ou dependente”, está conformado por vendedores ambulantes (roupa, cachivaches – bujigangas –, confeitaria, comida, bebidas e livros “piratas”), catadores de lixo (papel, vidro, metal, plástico) e rebuscadores (ajudantes, *mandaderos*).

Por sua natureza, estes dois grupos de habitantes apresentam diferentes formas de utilização e ocupação do setor, gerando ritmos ambivalentes: o setor formal, trabalha e beneficia-se do centro da cidade durante o período diurno, e o abandona à noite para se refugiar nos setores residenciais da periferia; porém, o informal vive e aproveita o centro durante as 24 horas do dia em jornadas de trabalho e períodos de descanso sem horário fixo (esmola-se por comida e dorme-se em qualquer horário). Dessa forma gera-se uma presença constante do “mundo da informalidade”, que é o mundo que realmente “habita” e dá dinamismo ao centro da cidade. (Figura 68).

Figura 68 – Dinâmicas de ocupação do setor de *San Victorino*.

Antes da construção do parque reconheciam-se na área dois ritmos de ocupação (P1). Por um lado, o setor formal ou autônomo (vermelho) que utilizava o centro como espaço de trabalho durante o dia e que o abandonava à noite. Por outro, o setor informal ou dependente (azul) que habita no setor com a mesma intensidade de dia e à noite, mantendo uma estreita relação com seu entorno. Com a construção do Parque Terceiro Milênio (P2) perde-se a presença do setor informal e como o setor formal não reconhece como próprio o antigo setor de *San Victorino*, é em parte razão pela qual o parque (3) apresenta uma baixa frequência de uso, criando-se desse modo um vazio urbano. Foto 1: Praça de *San Victorino*. Foto 2: atividade cotidiana do setor-setor informal. Desenhos elaborados pelo autor. Foto 1: autor. Foto 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano

Estas características replicaram-se no interior da peça urbana de *San Victorino*. Em 1999 *San Victorino* contava com 22.138 habitantes³⁶⁵, e suas características configuravam como um “arquipélago urbano” e “barreira urbana”. No interior deste arquipélago conviviam a cidade formal e a cidade informal; o setor norte e sua periferia alojaram o setor formal, e o núcleo de *San Victorino* – conformado pelo bairro *Santa Inés* – acolheu ao setor informal pertencente à população mais vulnerável, com as correspondentes condições de avançado deterioramento físico e social.

Com a construção do PTM, alterou-se a superposição e convivência do setor formal e informal, ao estimular a permanência da população do setor formal e expulsar a população pertencente ao setor informal; assim modificaram-se os ritmos de funcionamento do setor de *San Victorino*. Como se indicou antes, a relação que guarda a população formal com *San Victorino* é de caráter exclusivamente laboral, de tal sorte que não se desenvolveram vínculos afetivos, simbólicos ou um sentido de pertencimento ao lugar. Como o Projeto Parque Terceiro Milênio expulsou a população que realmente guardava um vínculo ou um

³⁶⁵ . IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.8. p. 12-folio 622.

sentido de pertencimento com o lugar e não atraiu nova população residente, a área do Projeto terminou se tornando um “vazio urbano”. Este fato se evidencia na baixa frequência de uso do Parque e nas poucas ou inexistentes alterações ou melhoras nas construções e lotes que configuram seu entorno.

4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio

As páginas anteriores procuraram mostrar a evolução histórica de *San Victorino* com o fim de determinar e explicar a origem dos elementos que configuraram suas atuais condições ambientais, urbanas, sociais e paisagísticas. Em consideração do autor, a compreensão destes elementos históricos e a consequente situação atual do setor criavam importantes retos às operações de renovação urbana empreendidas pelo *Distrito* a partir de 1999: *San Victorino*, e especificamente o bairro *Santa Inés*, configuraram-se como uma “barreira” urbana, na qual sobre uma cidade formal dão-se as dinâmicas de uma cidade informal, a qual reforça as condições de isolamento, amparadas nas redes do comércio ilegal de alucinógenos e a complacência da força pública. Esta população da cidade formal não tem desenvolvido um sentido de apego com o setor, pois sua relação com o mesmo é exclusivamente de caráter de trabalho, e as atividades da vida familiar, lazer e de descanso acontecem em outros lugares da cidade.

De outro lado está a população informal, a mais vulnerável devido a sua principal atividade que corresponde à luta diária para conseguir o sustento, ou seja, o que popularmente se conhece como “*rebusque*”. Dentro desta população configuram-se grupos característicos, de acordo com o tipo de atividade que realizam: recicladores (de papel, metal, vidro, madeira, entre outros), compradores de materiais recicláveis, consumidores de alucinógenos, dispensadores de alucinógenos (*jíbaros*), vendedores de comida, administradores de cortiços. As atividades desta população mantêm-se vivas durante o dia todo, não somente pela reciclagem de materiais, mas pelo comércio de alucinógenos, que fornece inclusive aos consumidores pertencentes às classes acomodadas da cidade.

Com relação à imagem do setor frente à cidade, o comércio de alucinógenos, a perda de controle sobre a propriedade, a alienação do espaço livre, as condições precárias de moradia e os consequentes fenômenos de violência são os elementos que terminam por configurar uma realidade com a qual *San Victorino* torna-se símbolo da miséria, do indesejável.

Este panorama, paradoxalmente produz-se somente a dois quarteirões dos símbolos políticos, sociais e religiosos do país: a Praça de *Bolívar*, o Palácio presidencial, o Capitólio Nacional e a Catedral de Bogotá. Além disso, nas proximidades do antigo leito do *R. San Francisco*, de forma que no espaço urbano sobrevive a antiga aliança entre marginalidade e água, agora, sob condições distintas às da colônia: encanou-se o rio, impermeabilizaram-se e homogeneizaram-se as superfícies, desapareceram os símbolos religiosos e emblemáticos, antigos residentes e comerciantes migraram e o setor ficou sitiado pelas grandes avenidas da cidade. Sob estas condições, conformou-se uma “barreira” urbana caracterizada pela alienação do espaço livre, a intensa presença de agentes delitivos e a perda total do controle da propriedade privada.

O discurso e conceito da EEU do POT de Bogotá, assim como os objetivos de equidade (ver seções 1 e 2), tiveram que significar uma oportunidade com a qual, pela via de três ações – recuperação da Estrutura Ecológica Urbana, geração de novos marcos na paisagem e criação de alternativas para reter população e atrair habitantes – conseguiu-se superar os desafios que exigia esta “barreira” urbana.

Com a construção do projeto Parque Terceiro Milênio, sem dúvida, recuperou-se o espaço livre e a propriedade privada por meio de uma complexa gestão imobiliária. Porém, apesar destes significativos resultados, é necessário dizer que o projeto não contribuiu para um processo de renovação no centro da cidade: com relação à dimensão social, não se criaram alternativas de moradia e equipamentos para estimular a atração de habitantes e provocou-se a expulsão e dispersão da população mais vulnerável do setor. No que se refere à dimensão paisagística, as decisões de desenho aumentaram o isolamento gerado pelas amplas avenidas, pois não se propuseram elementos que contribuíssem à conectividade urbana para pedestres (moradores e visitantes do setor), e também não se propuseram novos equipamentos que revitalizassem o setor e que devolvessem ao bairro os referentes, o significado e a importância que teve para a cidade durante muitos séculos. Esta característica evidencia-se no fato de que hoje em dia o parque tem pouca frequência de uso, não apresenta modificações importantes no seu entorno e requer constantes medidas de segurança e vigilância para sua utilização. (Figura 69) – Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio (Folha anexa).

Finalmente, o projeto não contribuiu à recuperação dos leitos dos corpos de água, nem aportou elementos importantes para a recuperação dos elementos naturais que ajudariam a configurar a Estrutura Ecológica Urbana. O parque desconheceu a função

hidrológica da bacia e impermeabilizou a maior parte do solo recuperado, perdendo-se a oportunidade de melhorar as condições ambientais para o setor e a cidade, por não contribuir à continuidade do corredor ecológico do *R. San Francisco* que, como já foi mencionado, é fundamental para a conectividade dos três componentes mais importantes da EEU de Bogotá (*Cerros Orientales- Savana - R. Bogotá*).

Todos esses elementos permitem concluir que o parque foi na verdade um exercício de limpeza social, em uma zona de alta degradação social e paisagística com a qual a ilha “barreira” urbana tornou-se um “vazio urbano”, no qual a população que poderia aproveitá-lo – setor formal – não aproveita e a população que quer utilizá-lo – setor informal – não pode, porque as autoridades temem que o parque seja invadido.

Fonte Fotos Figura 13.

1. L. Ubaque (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
2. El Verjon (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
3. L. Siecha (<http://www.montecilloenguatavita.com/turismo>)
4. L. Guasca (http://farm4.static.flickr.com/3077/2288841621_d604f30f39.jpg?v=0)
5. L. Guatavita (<http://img151.imageshack.us/img151/8389/guatavita019eu.jpg>)
6. L. Iguaque <http://www.parquesnacionales.gov.co>

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu evidenciar a importância e o papel que tem cumprido o conceito de EEU no ordenamento espacial do território, e também permitiu concluir que é decisivo revisar o conteúdo, processos e programas dos projetos vinculados à EEU.

A seção 2 permitiu verificar como o crescimento acelerado e descontrolado da cidade nos últimos cinquenta anos colocou em risco a estabilidade ambiental do território, pois afetou substancialmente os processos do ecossistema, por meio da alteração do sistema hídrico, da fragmentação da rede de corredores ecológicos e da impermeabilização da savana. Neste sentido, atualmente o conceito de EEU não somente é de inquestionável pertinência – como alternativa à restauração do equilíbrio ambiental – mas os projetos específicos (por exemplo, os parques metropolitanos), têm um indiscutível compromisso, o qual está associado à recuperação do sistema hídrico e aos corredores ecológicos, assim como à geração de superfícies permeáveis e de excelentes condições paisagísticas no meio urbano.

Neste contexto, surge o projeto Parque Terceiro Milênio, o qual, além de ser peça central de um ambicioso programa de renovação urbana – formulado para a recuperação integral do setor de *San Victorino* no centro de Bogotá –, era uma oportunidade para melhorar as condições ambientais e paisagísticas do centro da cidade. Porém, por meio deste trabalho de investigação, foi possível estabelecer que embora o projeto Parque Terceiro Milênio permitisse resgatar o espaço público, a recuperação da propriedade privada, a recolocação da população e a reabilitação parcial dos residentes ilegais, o projeto não aportou elementos importantes para a restauração ecológica do sistema hídrico, a conformação de corredores ecológicos, a recuperação integral urbana e para o melhoramento ambiental, paisagístico e social do setor.

Este trabalho permitiu concluir que existe uma contradição entre o discurso ambiental e os projetos pertencentes à EEU. Vejamos por quê:

A EEU e a cidade construída

O suporte principal para restabelecer a estrutura ecológica original e atual da cidade requer a recuperação do seu sistema hídrico, conformado pelos principais rios, canais, zonas úmidas, áreas de recarga de aquíferos e vale aluvial do rio Bogotá. A análise sobre como a

cidade tem ocupado a savana permite estabelecer que o sistema hídrico da cidade está profundamente alterado, o que exige estratégias inovadoras para cumprir com os objetivos e metas associadas ao conceito de EEU. É precisamente neste ponto que o trabalho de investigação permitir estabelecer a atual presença de deficiências, indicando a existência da distância entre o conceito e a sua materialização na cidade.

O sistema hídrico tem como eixos principais os rios *Torca*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, rios que têm sofrido um progressivo e constante deterioramento de seus leitos e bacias. Na parte baixa foram “controlados” com taludes naturais, na parte média foram canalizados e, em alguns casos, seu percurso foi modificado. A situação mais crítica apresenta-se na parte alta, onde foram encanados e enterrados sob as novas ruas e avenidas, afetando toda a rede de rios e riachos afluentes de suas bacias. É precisamente nesta última zona onde a EEU formulada no POT apresenta maior debilidade, pois não incluiu políticas e ações claras para a recuperação e renaturalização desta zona. Neste sentido, o propósito de restabelecer a unidade biológica (postulado por van der Hammen, e integrado ao POT), é impossível de realizar.

Outra dificuldade de materialização que apresenta a EEU é a de limitar a dimensão do sistema hídrico às linhas (percursos) dos rios, ignorando a noção de bacia hidrográfica na área urbana da cidade. O anterior deve-se em parte à ausência do conceito de “ciclo da água” que é superficialmente mencionado; inquestionavelmente este conceito precisa de uma maior discussão e incorporação às metodologias e aos instrumentos de planejamento da cidade, uma vez que não somente permite uma aproximação e ações adequadas sobre o sistema hídrico, mas também permite materializar o conceito de corredor ecológico.

Por outro lado, em relação aos parques metropolitanos, é muito visível que nenhum está integrado ao sistema hídrico da cidade; pelo contrário, tais parques operam como entes autônomos sem articulação como os demais componentes da EEU.

Finalmente, o POT estabelece como conector transversal do sistema todo da EEU a rede de corredores viários, mas como se observou na análise, entre a *Carrera 30* e os *Cerros Orientales*, onde se localiza grande parte da população e serviços da cidade, as avenidas arborizadas têm sucumbido ante a satisfação da mobilidade veicular que cada dia demanda mais espaço. Foi assim que se asfaltaram os canteiros centrais, suprimiram-se os jardins laterais e retiraram-se as árvores, de modo que o corredor viário foi despojado do seu papel como conector transversal da EEU.

É lógico que para materializar o conceito de estrutura ecológica é necessário que todos os projetos associados a esta tenham como referência obrigatória as bacias hidrográficas e incorporem o conceito de infraestrutura verde, de forma que o ecossistema e o ciclo da água sejam base fundamental na concepção e realização dos mesmos. Além disso, é decisivo revisar a concepção das unidades geográficas e incluir o conceito de unidades de paisagem para que, com um olhar mais ambiental que administrativo, sejam parte ativa do planejamento do território.

A EEU no centro da cidade

A observação do centro tradicional de Bogotá permite-nos identificar que dentro desta zona – cujo limite norte é o *R. Arzobispo* e o limite sul é o *R. San Cristobal* – os corpos de água foram sepultados sob prédios e novas ruas e avenidas. Além disso, os projetos de intervenção neste setor da cidade não incluíram estratégias ou ações para a recuperação e para a renaturalização do sistema hídrico: este é o caso dos projetos Eixo Ambiental da *Av. Jiménez*, o Parque de *San Victorino* e o PTM, os quais apesar de se localizarem sobre o percurso do rio *San Francisco*, não tiveram em conta um compromisso com o sistema hídrico.

É preciso mencionar que não se trata simplesmente de reclamar pela renaturalização dos corpos de água, mas de chamar a atenção sobre o fato de que os projetos mencionados não apresentam nenhum compromisso ou proposta concreta frente ao sistema hídrico – drenagem – do centro da cidade.

O Parque Terceiro Milênio

A análise que foi realizada neste trabalho de pesquisa evidencia a contradição que se apresenta entre o discurso ambiental e as práticas ambientais da cidade; pelo anterior, não é de estranhar que o projeto do PTM não tenha proposto alternativas concretas para resolver a descontinuidade dos rios, nem programas para um manejo sustentável de seus escassos recursos hídricos, nem estratégias para restaurar a fragmentada rede de corredores ecológicos, reduzindo o problema a soluções técnicas simplistas no desenho e construção do mesmo.

Propuseram-se espelhos de água artificiais com a intenção de recuperar a “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, em lugar de apresentar alternativas para naturalizar os rios. Também se desconheceu a possibilidade de incluir estratégias que permitissem o uso sustentável dos recursos hídricos superficiais da bacia. Deu-se preferência à criação do solo impermeável, e o plano de arborização privilegiou a plantação de linhas de árvores, desconhecendo a importância de gerar massas de árvores, ainda mais quando o centro da cidade carece destas.

Dessa forma, como o parque não aportou elementos significativos para a restauração ambiental do setor, nem para uma integração com o seu entorno natural, é de se esperar que houvesse um aporte à relação com o seu entorno urbano e social. Porém, depois de quatro anos de sua inauguração, é evidente a baixa frequência de uso do parque, apesar dos esforços por parte da administração para que a população utilize suas instalações. O anterior evidencia-se na desolação das áreas de brinquedos para crianças, dos equipamentos e demais serviços, como por exemplo, os estacionamentos subterrâneos. Este nível de abandono é contraditório em um setor da cidade que diariamente está ocupada por mais de um milhão e meio de habitantes e onde a demanda de estacionamentos de veículos é a maior da cidade.

Esta situação contraditória pode ser explicada pelo fato de que os estudos de formulação e desenho do parque careceram de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

Como se indicou na seção 4, nos últimos cinquenta anos, o setor apresentou uma transformação, produto do abandono a que foi submetido pela administração Distrital. Com a construção da *Av. Caracas* e a ampliação da *Carerra 10ª*, o setor perdeu seus equipamentos mais importantes – a igreja de *Santa Inés*, a *Escuela de Medicina*, Praça de Mercado –, os quais deram identidade e reconhecimento ao setor na cidade durante mais de cem anos. Com a perda das rotas do bonde, o setor ficou fora dos circuitos do transporte público, deixando de ser um passo obrigatório dos habitantes da cidade. A partir do “*Bogotazo*” (1948) geraram-se várias migrações, pelas quais se transformou pouco a pouco o controle da propriedade privada, e o setor passou de um bairro de proprietários a um de arrendatários, tornando-se depois um bairro de invasores. Finalmente, com a autorização do prefeito Gaitán Cortés para que a praça de *San Victorino* fosse ocupada por vendedores ambulantes, estimulou-se e “legalizou-se” a invasão do espaço público do setor.

Produtos destes eventos, em termos sociais consolidaram-se dois grupos de habitantes – os do “setor formal” e os do “setor informal” – cada um dos quais operando com ritmos e hábitos diferentes de ocupação do território: os integrantes do primeiro, na sua maioria, trabalham no centro e moram na periferia; os integrantes do segundo, bastante numerosos e com uma significativa presença no setor, se “*rebuscan* e moram” no centro. Como os primeiros não utilizam o centro como espaço de recreação e lazer, e os segundos, com a realização do projeto, foram expulsos, o Parque não tem atualmente uma população que demande seu uso.

Sem dúvida nenhuma, a carência de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*, e o desconhecimento da importância que tinham os habitantes do “setor informal” em *San Victorino*, contribuíram para que o parque se tornasse um vazio urbano sem maior importância e significado para os usuários e moradores do centro da cidade.

Comentários Finais

Uma das premissas utilizadas pela administração distrital para a promoção do projeto era que com a construção do parque melhorariam as condições físicas, ambientais e sociais do setor, com o qual se iniciaria um processo de renovação urbana que transformaria o entorno imediato do Parque, ao se incentivar a realização de projetos imobiliários, financiados pelo setor privado.

A realidade mostra o contrário. Até hoje não tem se iniciado nenhum processo de investimento público ou privado no entorno do Parque, e o que se percebe é um perfil urbano com condições precárias, distante do prometido no discurso que sustentou a concepção e promoção do projeto.

A ideia de reabilitação de população vulnerável não cumpriu com as metas traçadas: o resultado foi uma atomização ou dispersão desta população pela cidade, criando novos focos de conflito urbano. O paradoxo radica-se no fato de que a cidade suprimiu um cenário de conflito social, mas terminou criando outros.

Sem dúvida nenhuma, com projetos como Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, a Praça de *San Victorino* e o Parque Terceiro Milênio, a cidade desperdiçou a oportunidade de contribuir efetivamente para o melhoramento das condições de seu ecossistema, a recuperação do sistema hídrico natural e a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos de seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEBEDO, Luis. **Las industrias en el proceso de expansión de Bogotá hacia occidente**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 150p.

AGUILERA, Javier. Teoría Urbanística en la Colonización Española de América. Las ordenanzas de Nueva Población. In: **Ciudad y Territorio** – Revista de Ciencia Urbana. Madrid: n. 1, p. 9-24, 1977.

ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. **Decreto 3640 del Consejo de Bogotá, de 17 de diciembre de 1954**. Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá. Diario Oficial. Bogotá, 21 de enero de 1955.

_____. **Acuerdo 105, de diciembre de 1955**. Por el cual se crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB. Bogotá, 1955.

_____. **Agendas locales ambientales**. Localidad 17. La Candelaria. Localidad 3 Santafé. Bogotá, 1994.

_____. **Decreto 619, de 28 de julio de 2000**. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Registro Distrital 2197. Bogotá, 28 jul. 2000.

_____. **Construcción del espacio público - tres parques de Bogotá: Nacional, El Tunal, Simón Bolívar**. Mapas. Bogotá: Instituto Distrital de Cultura y Turismo, Instituto Distrital para la Recreación y el deporte, 2003. 193 p.

_____. **Decreto Distrital 469, de 23 de diciembre de 2003**. Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C. Registro Distrital 3013. Bogotá, 23 dic. 2003.

_____. **Decreto Distrital 190, 22 de junio de 2004**. Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003. Registro Distrital 3122. Bogotá D.C., 22 jun. 2004.

_____. **Panorama Turístico de 12 Localidades**. Bogotá, 2004.

_____. **Decreto 215, de 7 de julio de 2005**. Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones. Registro Distrital 3356. Bogotá, 07 jul. 2005.

_____. **Decreto No. 456, de 23 de diciembre de 2008**. Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones. Bogotá, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 285p.

ALIATA, Fernando; SILVESTRE Graciela. **El paisaje como cifra de armonía**: relaciones entre cultura y naturaleza a través de la mirada paisajística. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001. 205p.

ANGEL SAMPER, Marcela. Red de Alamedas de Bogotá, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 12-32, 2004.

ARANGO, Silvia. **Historia de la arquitectura en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1989. 291p.

ARANTES NETO, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder) 190p.

ARANTES, Otilia. **A cidade de pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 192p.

BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. In: **Revista POS-USP**. São Paulo, n. 70, p. 88-97, 2006.

BRUJÉS, Antonio. Bogotá de noche. In: **Revista Estampa**. Bogotá, 31 dic., p. 21-23, 1938.

CAMARGO, Germán. **Estado y perspectivas de los ecosistemas urbanos de Bogotá-Prioridades**. 2008-2011. Bogotá: DAMA, ca. 2006.

CARRASQUILLA, Juan. **Quintas y estancias de Santafé y Bogotá**. Bogotá: Banco Popular, 1989. 227p.

CASAGRANDE DE PAULA, Zuleide. **A cidade e os jardins - Jardim América**, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Ed. Unesp, 2008. 266p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 196 p.

CENTRO DE ESTUDIOS HISTORICOS DE OBRAS PÚBLICAS Y URBANISMO . **La ciudad hispanoamericana – El sueño de un orden**. Madrid : CEHOPU,1989. 302p.

CHIESA, Paulo. A arte de bem viver a paisagem em seu tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o Ensino de Arquitetura no Brasil. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 121-134, 2006.

COMIN V., Heliana; RIBEIRO, Helena (org.). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CONGRESO DE LA REPUBLICA DE COLOMBIA. **Constitución Política de Colombia de 1991**. Bogotá, 6 de julio de 1991.

_____. **Ley 99, 22 de diciembre de 1993**. Por la cual se crea Ministerio del Medio Ambiente, se reordena el Sector Público encargado de la gestión y conservación del medio ambiente y los recursos naturales renovables, se organiza el Sistema Nacional Ambiental, SINA, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial N. 41146. Bogotá, 22 dic. 1993.

CORPORACIÓN LA CANDELARIA; ESCOVAR, Alberto. MARIÑO, Margarita; **histórico de Bogotá 1538-1910**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2004. 565p.

_____; ESCOVAR, Alberto et. al. **Atlas histórico de Bogotá 1910-1948**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2006. 596p.

_____; MEJIA, Germán; CUELLAR, Marcela. **Atlas histórico de Bogotá - Cartografía 1791-2007**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2007.158p.

CORTES, Fernando. **Karl Brunner**: La construcción de la ciudad como espacio público. Bogotá: Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1989. 36p. Catálogo exposición.

CORTES, Marco. **La anexión de los municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 224p.

COTRIM, Marcio. Inclusión. Espacios de Uso Público: Parque de la Juventud-Carandiru, São Paulo, SP – Brasil. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 208, año 42, p. 34-41, 2007.

CUELLAR SERRANO GOMEZ. Club los Lagartos, Bogotá. In: **Revista PROA**. Bogotá, n. 12, p. 7-16, 1948.

CULLEN, G. **Paisaje urbano**. Traducción: Jose María Aymamí. Madrid: H. Blume, 1978. 200p.

DA SILVA, Maria. Conceitos e Desenho no Planejamento da Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n. 5, p. 81-90, 1994.

DE OLIVEIRA, Sergio. Paisagismo e as Centralidades Urbanas. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 20, p. 61-83, 2005.

DEL CASTILLO, Juan Carlos. **Bogotá: el tránsito a la ciudad moderna 1920-1950**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2003. 120p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE MEDIO AMBIENTE – DAMA. **Plan Maestro de Gestión Ambiental para Bogotá D.C. 2001-2009**. Bogotá: DAPD, 2001.

_____. MARTÍNEZ Juber; VILLARRAGA, Edelmira; REY, Luz Stella; RIVEROS, Fredy. **Historia de los Humedales de Bogotá**. Bogotá: DAMA, 2000. 107p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEACIÓN DISTRITAL - DAPD. **Documento Técnico de Soporte al POT**. Bogotá: DAPD 1999, 462 p.

_____. **Guía para la elaboración del plan de desarrollo municipal**. Bogotá: DAPD, 2001. 13p.

_____. **Documento técnico, Plan Maestro de Espacio Público**. PMEP/DAPD. Bogotá: D.C. DAPD 2004. 219 p.

DOS SANTOS, Emmanuel. Planejamento e paisagem. In: **Revista eletrônica da área paisagem e ambiente**. São Paulo: FAU-USP, set. 2004.

EL PEQUEÑO LAROUSSE ILUSTRADO 2002. Barcelona: Spes Editorial S.L., 2001.

EMPRESA DE ACUEDUCTO Y ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ-EAAB - **Experiencia de recuperación integral del sistema hídrico en la ciudad de Bogotá. DC**. Bogotá: 2002

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1538-1937**. Tomo I. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 540p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1938-1985**. Tomo II. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 269p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1985-2003**. Tomo III. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 316p.

_____. Alamedas y Parques Lineales: Recuperación Integral del Sistema Hídrico: Zonas de manejo y Preservación Ambiental, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 33-51, 2004.

ESGUERRA, Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI, Giancarlo et. al. Parque Tercer Milenio. In: **Revista Escala**. Bogotá, n. 208, p. 27-33, 2007.

FARIELLO, Francisco. **La Arquitectura de los Jardines: De la Antigüedad al Siglo XX**. Tradução: Jorge Sainz. Madrid, España: Librería Mairera y Celeste Ediciones, 2000. 374p.

FELIPPE, Ana Paula. Análise da paisagem como premissa para a elaboração de plano diretor. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 16, p. 135-161, 2002.

FONADE. **Preinversión**. Plan zonal del centro de Bogotá. Bogotá: Fonade, 1988.

FORERO, Jorge. El proyecto de alcantarillado para Bogotá. In: **Anales de Ingeniería**. Bogotá: vol. II, n. 634, Segundo semestre de 1952.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção. **Planejamento ambiental**. Para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, Edifurb, 2001. 296p.

_____. **Desenho ambiental**. uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006. 224p.

FREILE, Juan Rodríguez. **El Carnero**. Bogotá: Ed. Colombia, 1926. 362p.

GOBERNACION DE CUNDINAMARCA. Ordenanza número 7 de 1954, Consejo Administrativo de Cundinamarca. **Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá**.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suelly Rolnik. 3a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. 56p.

GUHL, Ernesto. **La Sabana de Bogotá sus alrededores y vegetación**. Bogotá: CAR, 1981. 123 p.

GUZMAN, Ángela. **Poblamiento y urbanismo colonial en Santander**. Bogotá: U. Nacional, 1987. 236p.

HERNÁNDEZ, Carlos. **Las ideas modernas del Plan para Bogotá en 1950**. Bogotá: Ed. Alcaldía Mayor de Bogotá – IDCT, 2004. 210p.

HOFER, Andrés. **Karl Brunner y el Urbanismo Europeo en América Latina**. Tradução: Luisa Ungar; Olga Martín. Bogotá: Ed. Ancora, 2003. 235p.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**. Tradução: Susana Rodríguez Alemparte. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1998. 315p.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec Ltda, 1996. 211p.

IBAÑEZ, Pedro M. **Crónicas de Bogotá**. Tomo I. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 475p.

_____. **Crónicas de Bogotá**. Tomo II. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 498p.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO – IDU - **Proyecto Parque Tercer Milenio Documento Final**. Bogotá: jun. 2001.

_____; Montenegro & Lizarralde. **Plan Maestro Tercer Milenio**. Bogotá: 1998. 219p.

_____; Sociedad Colombiana de Arquitectos. **Concurso de arquitectura en la modalidad de ideas para la elaboración del proyecto arquitectónico y diseño paisajístico del Parque Tercer Milenio**. Santa Fe de Bogotá: 21 sept. 1999. 26p.

_____; Econometría S.A. **Evaluación de impactos socio-económicos y Ambientales del Parque Tercer Milenio**. Bogotá: 1999.

_____; EHM. ESGUERRA Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI Giancarlo. **Plan de Ordenamiento Urbano Parque Tercer Milenio**. POUPTM. Cuarto informe, Bogotá: 2000. 65p.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMBIENTALES - IDEA. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; GUZMÁN, Jimmy. Universidad Nacional de Colombia. **Cartografía básica de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; AGUILAR, Pilar. Universidad Nacional de Colombia. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 3 Santafé**. Bogotá: jul. 1993. 63p.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 14 Los Mártires**. Bogotá: jul. 1993. 66p.

_____. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005.

IRIARTE, Alfredo. **Breve historia de Bogotá**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1988. 263p.

JARDÍN BOTÁNICO. **Arborización urbana: Manual verde**. Especies seleccionadas para la arborización de Santa Fe de Bogotá. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2000.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: Ed. RIMA, 2004. 159p.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 132p.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 159p.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2000. 150p.

LEITE, Maria Angela. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. IV, p. 45-66, 1992.

_____. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 18, p. 59-703, 2004.

LEMUS, Víctor. **Planificación y control urbanístico en Bogotá: desarrollo histórico y jurídico**. Bogotá: U. del Rosario, . 2006.

LEÓN, Juanita. El Cartucho: De la Opulencia a la Indigencia. In. **El Tiempo**. Bogotá, 28 mar. 1999.
LEÓN, Natalia. Bogotá: de paso por la capital. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 224, 2008.

LONDOÑO, Eduardo. **Los Muiscas**. Una reseña etnohistórica, con base en las primeras descripciones. Museo del Oro. Bogotá: Disponível em: <<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>>. Último acesso em: 25 nov. 2008.

LOPEZ de MESA, Luis. Bogotá contemporánea. In: **Universidad Segunda época**. Bogotá: 2 mar. 1929.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2007. 191p.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la Ciudad**. Tradução: Enrique Luis Revol. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1966. 207p.

_____. **La Administración del paisaje**. Tradução: Rodrigo Cortés. Bogotá: Ed. Norma, 1992. 229p.

MACEDO, Silvio. Paisagismo e Paisagem – Introduzindo Questões. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 5, p. 41-57, 1994.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/QUAPA, 1999. 144p.

_____. Produção da paisagem urbana contemporânea brasileira no final do século 20. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 14, p. 143-170, 2001.

_____. SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2002. 208p.

MAGNOLI, Miranda. Ambiente, espaço, paisagem. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 237-244, 2006.

_____. Em busca de “Outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 141-174, 2006.

_____. Espaço livre-objeto de trabalho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 175-198, 2006.

_____. O jardim na cidade e um fragmento do sonho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 215-222, 2006.

_____. O Parque no desenho urbano. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 199-214, 2006.

MALDONADO, María Mercedes. La Estructura Ecológica Principal: del Plan de Ordenamiento al Plan de Desarrollo del Distrito Capital. In: **Foro Nacional Ambiental Fundación Alejandro Ángel Escobar**. FESCOL. Bogotá: ago. 2001. 55p.

MARIANO, Cássia. **Preservação e Paisagismo em São Paulo**: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196p.

MARTINEZ, Beatriz; DUEÑAS, Nelson, et. al. La movilidad y el transporte en la construcción de imagen de ciudad: el sector de San Diego en Bogotá. In: **Revista ARTEFACTO**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 11, p. 6-29, 2006.

MARTÍNEZ, Carlos. **Bogotá sinopsis sobre su evolución urbana**. Bogotá: Ed. Escala, 1976. 165p.

MARTINEZ, Maria Eugenia (ed.). **El centro historico**: objeto de estudio e intervención. Bogotá: Editorial Pontificia Universida Javeriana, 2004. 204p.

MAYORGA, Fernando. La Real Audiencia. Órgano colegiado de justicia en el período hispánico. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 148, , 2002.

MEJÍA, Germán. **Los años del cambio**. Historia urbana de Bogotá. 1810-1920. Bogotá: Ed. Ceja, 1999. 498p.

MELO, Orlando. La evolución económica de Colombia, 1830-1900. In: **Nueva Historia de Colombia**. Bogotá: Ed. Procultura S. A., tomo II, p. 133-207, 1984.

MILAGROS, María. **Las Ordenanzas de 1573, sus antecedentes y consecuencias**. Madrid: Ed. Universidad Complutense de Madrid, 1985.

MINISTERIO DE OBRAS PÚBLICAS Y TRANSPORTE. Facultad de Artes. Universidad Nacional de Colombia. **Plan Maestro Parque Simón Bolívar**. Dir. Arturo Robledo. Bogotá: ESCALA 1981. p.135

MOLINA, Gonzalo. **Guía de árboles**. Bogotá: DAMA, 1997.

MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I). La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: Edición Centro de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. 223p.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana**. Tradução: Reinald Bernet. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1984. 477p.

MOSCA, Juan. **Bogotá ayer, hoy y mañana**. Bogotá: Ed. Villegas, 1987. 154p.

MURILO, Marx. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 151p.

NAVAS-ALARCON, Maria Paula. **El banquete de las moscas**: historias de gente como uno atrapada en El Cartucho. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006. 190p.

ONO, Haroyoshi. Recuperação e revitalização do Parque Flamengo. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 15, p. 127-141, 2002.

OSEKI, J.; PELLEGRINO, P. R. Paisagem, sociedade e ambiente. In: **Curso de gestão ambiental**. PHILIPPI JR, Arlindo, et AL (Ed). São Paulo: Coleção Ambiental, 2002, p. 485-523.

_____. ESTEVAM, Adriano. A fluvialidade em rios paulistas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, 2006, p. 77-94.

PATÍÑO, Víctor Manuel. **Historia de la cultura material en la América Equinoccial**. Tomo VII. Vida Erótica y Costumbres Higiénicas. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 372p.

PELLEGRINO, Paulo. A paisagem possível. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p. 71-78, 1989.

_____.; MACEDO, Silvio. Ética e estética: O destino do Litoral. **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p.117-124, 1989.

_____. Pode-se planejar a paisagem? In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 13, p. 159-179, 2000.

_____. GUEDES, Paula; PIRILLO, Fernanda; FERNANDES, Sávio. A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, p. 57-76, 2006.

PELLICER, F. El ciclo del agua e a reconversión del paisaje periurbana en las ciudades de la rede C-6. In: MONCLUS, F. (Ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I)**. A ciudad dispersa. Sub-urbanización y nuevas periferias. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998. 223p.

PEREIRA, Juan Camilo; PABON, Maria Camila. Concurso de ideas: Parque Tercer Milenio, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 186-187, p. 65-68, 2000.

PEREZ, Alfonso. **Estructura Ecológica Urbana de la Sabana de Bogotá**. Sociedad Geográfica de Colombia. Academia de Ciencias Geográficas CAR. Bogotá: 2000, 37p. Disponível em: www.sogeocol.edu.co. Acesso em: Modelo de data: 15 mar. 2008.

PERGOLIS, Juan Carlos. **La Plaza: el centro de la Ciudad**. Bogotá: Universidad Católica de Colombia; Universidad Nacional de Colombia; Ed. Stoa Libris Ediciones, 2002. 223p.

PLATA, Eduardo. **Flora de los Andes. Cien especies del Altiplano Cundi-Boyacense**. CAR. Bogotá: Ed. Villegas Ed., 1984. 247p.

PRECIADO, Jair; LEAL, Robert; ALMANZA, Cecilia. **Historia ambiental de Bogotá siglo XXI**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2005. 368p.

RAPOSO MAGALHÃES, Manuela. **A arquitectura paisagista**. Morfologia e complexidade. Lisboa: Ed. Estampa, 2001. 525p.

RECHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Colombia indígena-periodo prehispánico. In: **Manual de historia de Colombia**. Bogotá: Procultura, tomo I, p. 31-115, 1984.

RECLUS, Eliseo. **Geografía de Colombia Bogotá**. Bogotá: Ed. ABC, 1958. 146p.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110, de 22 de octubre de 1954. **Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca**. Bogotá, 1954.

_____. Ley 3, de 19 de enero de 1961. **Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la Sabana de Bogotá y de dos valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR**. Bogotá, 1961.

_____. Ley 23, de 19 de diciembre de 1973. **Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones**. Bogotá, 1973.

_____. Decreto 2811, de 18 de diciembre de 1974. **Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente**. Bogotá, 1974.

_____. Ley 388, de 18 de julio de 1997. **Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones.** Diario Oficial N. 43091. Bogotá, 1997.

_____. Ley 790, de 27 de diciembre de 2002. **Facultades extraordinarias al Presidente de la República.** Bogotá, 2002. Diario Oficial Año CXXXVIII. N. 45.046. Bogotá, 27 dic. 2002

_____. Decreto 2884, 31 de julio de 2007. **Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA.** Diario Oficial N. 46706. Bogotá, 2007.

RITTER, Herbert. La Avenida Las Américas. In: **Revista PROA.** Bogotá, n. 1, 1946.

RODRÍGUEZ G., Gabriel Felipe. La exposición nacional del IV centenario de Bogotá: El mapa de la modernidad. In: **TEXTOS 12**, publicación de la Maestría e Historia del Arte y la Arquitectura, Escuela Interdisciplinar de Postgrados, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: CIDAR, Facultad de Artes, p. 12-75, 2005.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 120p.

SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá siglo XX.** Urbanismo, arquitectura y vida urbana. Bogotá, Colombia: Departamento Administrativo de Planeación Distrital, 2000. 359p.

_____. Alberto. Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX. In: **Vivienda social.** Bogotá: CEJA, 2003.

SALMONA, Rogelio; KOPEC, Luis; DEVALDENEBRO, Francisco. Movilidad Urbana. Eje Ambiental Avenida Jiménez, Colombia. In: **ESCALA.** Bogotá, Colombia, n. 176, año 30, p. 49-52, 1997

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

_____. Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos. In: _____. São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 81-99, 2006.

SANTANA, Ethel; TANGARI, Vera Regina. Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro, Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem e Ambiente: Ensaíos.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 384p.

SASSI, Maria Teresa; NASELLI, Cesar A. El paisaje hacia el tercer Milenio. In: **Colección Cuadernos Escala.** Bogotá, Colombia: n. 19, dic. 1991. 39p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público - Jardins no Brasil.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1997.

_____. **Prelúdio da metrópole:** arquitetura e urbanismo em São Paulo na Passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 184p.

SERPA, Ângelo. Paisagem em movimento: o parque Andre-Citröen em Paris. **Paisagem e Ambiente: Ensaíos.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 19, p. 137-162, 2004.

SILVA, Armando. **Bogotá imaginada**. Bogotá, Colombia: Distribuidora y Editora Aguilar; Altea; Taurus; Alfaguara S.A., 2004. 344p.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Série Espaços de Arte Brasileira). 128 p.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS, SCA; NIÑO, Carlos. **Bases del Concurso Arquitectónico de Ideas**. Bogota: SCA/IDU 21 sept. 1999.

SUARES, Adriana. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006. 229p.

TANGARINI, Vera Regina; SCHLEE, Monica Bahia (org). **Águas urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2007. (Coleção PROARQ). 368p.

TRIANA, Miguel. **La arborización y las aguas**. Bogotá: Ed. El Liberal, ago. 1914.

VAN DER HAMMEN, Thomas. **Plan ambiental de la Cuenca Alta del río Bogotá**: análisis y orientaciones para el ordenamiento territorial. Santafe Bogotá: Ed. CAR, 1998. 142 p

_____. **Estructura Ecológica Regional**. CAR-Gobernación de Cundinamarca – Bogotá: U. Externado de Colombia e SOS, 2000.

_____. **Estructura ecológica principal de Colombia**: primera aproximación. Bogotá: Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales, 2003.

VARGAS Heliana Comin; RIBEIRO Helena (org.) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp (2001), 2004. 153p.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Fapesp, 2001. 373p.

VILLEGAS EDITORES. **Cerros de Bogotá**. Bogotá: Villegas Editores, 2000. 285p.

ZAMBRANO, Fabio. (Ed.) CINEP. **Colombia. País de regiones**. Tomo 2. Colciencias. Bogotá: 1998.

_____.; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. **Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo**. 2007. Inédito.

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>

http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm

<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>

<http://www.contraloriabogota.gov.co>

[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)

<http://www.etimologias.dechile.net/?macadam>

<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>

<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>

<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>

http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616

<http://www.wikipedia.com>

DEPOIMENTOS ORAIS (entrevistas não transcritas)

Arquiteta, Verónica Perfetti: consultora Plano *Maestro* Terceiro Milênio.

Arquiteto, Camilo Santamaría: consultor de Plano *Maestro* Parque Terceiro Milênio.

Engenheiro, Álvaro Jiménez: coordenador pelo IDU na construção do projeto.

Arquiteto, José Luis Clavijo: *Residente de obra*.

Arquiteto, Leopoldo Ramirez: *Oficina de Renovación Urbana*.

Seguranza do parque.

Visitantes do parque.

ANEXO

NOTA: La construcción del proyecto *Parque Tercer Milenio* implicó la creación de una compleja estrategia denominada plan de “*Gestión Social del Proyecto*” la cual incluyo varias acciones: la coordinación institucional y el desarrollo de dos actividades fundamentales: el primero, comprendió el proceso de compra y englobe de predios; y el segundo, la asistencia a la población asentada en el área. Además en 1999 fue creada de la Empresa de Renovación Urbana adscrita al Instituto de Desarrollo Urbano – IDU; Empresa que terminaría coordinando todo el proceso de construcción del Parque.

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC - Colômbia.**

**Nelson Domingo Dueñas - Pinto
Dissertação de mestrado
FAU-USP
São Paulo – 2009**

Apresentação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

Autor

Nelson Domingo Dueñas - Pinto

NUSP 5739393

Título

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC- Colômbia.**

Área de Concentração

Paisagem e Ambiente

São Paulo, agosto de 2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E MAIL: nelsonduenas@usp.br
ndduenasp@unal.edu.co

D852i Dueñas-Pinto, Nelson Domingo
Itinerário de uma transformação paisagística urbana. O Parque
Terceiro Milênio e a estrutura ecológica urbana na cidade de
Bogotá DC - Colômbia / Nelson Domingo Dueñas-Pinto. --São
Paulo, 2009.
230 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e
Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Paulo Renato Mesquita Pellegrino

1.Meio Ambiente Urbano – Bogotá DC 2.Ecossistemas urbanos
3.Paisagem urbana 4.Renovação urbana 5.Parque Terceiro Milênio –
Bogotá I.Título

CDU 504(862.35-21)

Dedico

A minha mãe (*in memoriam*) e São Judas, por serem a minha companhia espiritual
Delmita, por ser a irmã e mãe adotiva cheia de carinho
A mim pai, de quem eu herdei parte do seu incrível talento
A minha tribo: Nancy, David, Daniel e Valentina, a razão de tudo

AGRADECIMENTOS

No Brasil

A Universidade de São Paulo, pela grande oportunidade de realizar os estudos
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação, pela compreensão
Comissão de Cooperação Internacional-Reitoria, por abrir as portas do conhecimento

Prof. Dr. Paulo Pellegrino, quem sempre acredito em mim,
e por mudar minha visão do paisagismo
Prof. Dr. Jorge Oseki (in memorian), por defender o espaço do cidadão
Prof. Dr. Vladimir Bartolini, pelo olhar abrangente da paisagem
Prof. Dra. Maria de Assunção Franco, pelo convite ao estudo ambiental
Dr. Deisemara Nascimento da Silva, por seu incondicional apoio
Cristina Lafasse e Ivani Sokoloff, por sua compreensão e ajuda

Vera e filhas, por acolher minha família como a dela
Marta, Edivaldo Zago e família, pela educação de meus filhos
Cassia Saluotto, Celso e filhos, por serem a segunda família de meus filhos
Adriano Bueno e família, por seu apoio nos momentos difíceis
Estevam Otero, pela amizade e ajuda
Beatriz, Chucho e filhos, por sua companhia e amizade

Na Colômbia

Universidad Nacional de Colombia, pelo apoio em minha formação profissional
Facultad de Artes, por ser meu mundo acadêmico
Instituto de Estudios Ambientales- IDEA, pela iniciação na pesquisa ambiental

Fernando Montenegro, Vicerrector (pro-reitor) da sede Bogotá, por acreditar em mim
Jaime Franky, Decano Faculdade de Artes, pelo respaldo incondicional
Luis Alfonso Pérez, Director Escuela de Arquitectura y Urbanismo, pelo apoio

Misael e Carmenza, porque são os melhores avôs do mundo
Orlando, por ser o irmão e parceiro que todos querem ter
Katherine, pelo carinho e compreensão
Rafael e Silvia, por ser impossível avançar na vida sem vocês
John Barreto, por sua oportuna e incondicional ajuda

Beatriz Martinez, por ser a melhor amiga e companheira incondicional
Pilar Aguilar, por seu apoio incondicional e sabedoria na pesquisa ambiental
Oscar Salamanca, por seus oportunos conselhos
Manuel Martinez, por sua invaluable ajuda
José Muñoz, pela amizade e conselhos
Jimmy Guzmán, por sua paciência e amizade
José Luis Clavijo, por sua valiosa informação

Dr. Carlos Barrios, por cuidar sempre da saúde de minha família
Dr. Orlando Ramos, pela cirurgia bem sucedida
Dra. Bertha Camero e Dra. Yolanda Lugo, pelos cuidados na minha recuperação

Epígrafe

*“[...] no hay batalla entre la civilización y la barbarie,
sino una falsa erudición y la naturaleza”.*

José Martí, 1891

RESUMO

A partir do ano 2000 cunhou-se no discurso do Ordenamento Territorial de Bogotá D.C. o conceito de “Estrutura Ecológica”, o qual foi interpretado como uma categoria fundamental no ordenamento espacial do território, com uma função específica: manter e conduzir a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais do território. Os “parques urbanos” de grande escala – que até antes desse ano eram visualizados como peças isoladas na superfície urbana, destinadas à recreação dos cidadãos – incorporaram-se como um sistema essencial no ordenamento do território por meio deste conceito de Estrutura Ecológica; em consequência, a noção de “parque urbano” de grande escala ou metropolitano adquiriu um compromisso ambiental, que até os dias de hoje não tinha sido plenamente reconhecido.

Neste contexto enquadra-se o Parque Metropolitano Terceiro Milênio, o qual foi concebido como uma obra de renovação urbana no setor de maior deterioramento físico, social e ambiental do centro da cidade, e foi estabelecido sobre o curso e ponto de confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, corpos de água de grande importância desde a fundação da cidade.

Devido ao propósito com o qual foi concebido o projeto e a sua estratégica localização como parte integrante da Estrutura Ecológica de Bogotá, o Parque Terceiro Milênio foi uma grande oportunidade de contribuir para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, a recuperação do sistema hídrico natural, a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos e a transformação da paisagem do centro de Bogotá. A simultaneidade de propósitos que convergiram na concepção, formulação e materialização deste Parque é exatamente o ponto de partida que motivou a pesquisa presente nesta dissertação.

O Parque Terceiro Milênio reúne condições que o tornam uma oportunidade para a reflexão sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental – representado no conceito de Estrutura Ecológica – e a formulação e materialização de um projeto concreto.

É assim que a metodologia privilegia: uma análise do ideário presente nos documentos de formulação do projeto, para o qual se desenvolve uma leitura crítica do conceito de Estrutura Ecológica; uma avaliação em perspectiva histórica e em diferentes escalas, da forma como a cidade ocupou seu território; um exame dos estudos e desenhos dos três projetos que configuraram o ideário do Parque e sua relação com a Estrutura Ecológica; e uma análise integral da relação entre o parque e sua bacia hidrográfica.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu estabelecer, entre outros aspectos, a existência de uma fratura entre o discurso ambiental e o projeto executado, sendo pertinente à academia e à administração distrital lançarem um olhar mais amplo – qualitativa e quantitativa – sobre o sistema hídrico da cidade e, finalmente, sendo necessário implementar novas metodologias e elementos de análise que ressarçam as deficiências que se apresentaram na formulação e construção de projetos urbanos pertencentes à estrutura ecológica, como foi o caso do Parque Terceiro Milênio.

PALAVRAS - CHAVE:

Parque Terceiro Milênio, Estrutura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor Ecológico, Ecossistema, Sistema Hídrico, Paisagem, Renovação Urbana, Bogotá D.C.

ABSTRACT

Since 2000 the concept of “Ecologic Structure” has been incorporated as part of the territorial reorganization of Bogota D.C., and is being interpreted as a fundamental category in the spatial reorganization of the territory, with a specific function: sustain and drive the biodiversity and the territory’s essential ecological processes. The large scale urban parks – which until that year were visualized as separated pieces in the urban landscape providing recreation to inhabitants- were incorporated as an essential system in the territory’s order thru the concept of Ecological Structure; as such, the metropolitan urban park or large scale park acquired an environmental compromise that until then was not recognized.

Under this context, the Third Millennium Metropolitan Park (2000-2005) was conceived as a piece of urban renovation in the area of the city presenting the most physical, social and environmental detriment in the downtown core and it was located where the rivers *San Francisco* and *San Agustín* meet. It should be noted that these two Rivers have been water bodies of great importance since the foundation of the city.

Given the purpose of the project and its strategic location as an integral part of the Ecological Structure of Bogota, the Third Millennium Park was visualized as a great opportunity to contribute to the improvement of the city’s ecosystem, the recovery of the natural hydrological system, the re-naturalization of the network of ecological corridors and the transformation of the downtown’s landscape. The way of these diverse purposes came together during the conception, proposal and implementation of this park is precisely the starting point for this investigation.

The Third Millennium Park meets the conditions that turn it into an opportunity to reflect about the linkages and potential contradictions that exist between the environmental speech – represented by the concept of ecological structure- and the proposal and implementation of a concrete project.

This is how the methodology benefits an analysis of the thoughts and ideas contained in the proposal documents of the project. For this reason the following actions are being conducted: a critical analysis of the Ecological Structure concept; an evaluation of how the city occupied its territory from a historical and scale perspective; research of the designs and studies of the three projects that conformed the conceptualization of the park and its relationship with the Ecological Structure; and a thorough analysis of the relationship between the park and the watershed.

This research established among other aspects that there is a disconnect between the environmental speech and the implemented project, that it is pertinent that the scholars and the municipal administration perform a more comprehensive analysis –quantitative and qualitative- about the hydrological system of the city, and lastly, that it is necessary implementing new methodologies and analysis elements to correct the deficiencies that were found in the proposal and construction of urban projects belonging to the ecological structure, as it was the case with the Third Millennium Park.

KEYWORDS:

Third Millennium Park, Urban Ecological Structure, Urban Park, Ecologic Corridor Ecosystem, Hydrological System, Landscape, Urban Renovation, Bogotá, D.C.

RESUMEN

A partir del año 2000 se acuñó en el discurso del Ordenamiento territorial de Bogotá D.C. el concepto de “Estructura Ecológica”, el cual se interpretó como una categoría fundamental en el ordenamiento espacial del territorio, con una función específica: sostener y conducir la biodiversidad y los procesos ecológicos esenciales del territorio. Los “parques urbanos” de gran escala, -que hasta antes de ese año, se visualizaban como piezas aisladas en la superficie urbana, destinadas a la recreación de los ciudadanos- se incorporaron como un sistema esencial en el ordenamiento del territorio a través de este concepto de Estructura Ecológica; en consecuencia, la noción de “parque urbano” de gran escala o metropolitano, adquirió un compromiso ambiental, que hasta el momento no había sido plenamente reconocido.

En este contexto se enmarca el Parque Metropolitano Tercer Milenio (2000-2005), el cual fue concebido como una obra de renovación urbana en el sector de mayor deterioro físico, social y ambiental del centro de la ciudad y se localizó sobre el cauce y punto de confluencia de los ríos *San Francisco* y *San Agustín*, cuerpos de agua de gran importancia desde la fundación de la ciudad.

Debido al propósito con el cual fue concebido el proyecto y a su estratégica localización como parte integrante de la Estructura Ecológica de Bogotá, el Parque Tercer Milenio era una gran oportunidad para contribuir al mejoramiento de las condiciones del ecosistema de la ciudad, la recuperación del sistema hídrico natural, la re-naturalización de la red de Corredores Ecológicos y la transformación del paisaje del centro de Bogotá. La simultaneidad de propósitos que se dieron cita en la concepción, formulación y materialización de este Parque, es precisamente el punto de partida que motiva la presente investigación.

El Parque Tercer Milenio reúne condiciones que lo convierten en una oportunidad para la reflexión sobre los vínculos y las posibles contradicciones que existen entre el discurso ambiental –representado en el concepto de Estructura ecológica- y la formulación y materialización de un proyecto concreto.

Es así como la metodología privilegia un análisis del ideario presente en los documentos de formulación del proyecto, para lo cual se adelanta una lectura crítica del concepto de Estructura Ecológica; una evaluación en perspectiva histórica y en diferentes escalas, de la manera como la ciudad ocupó su territorio; un examen de los estudios y diseños de los tres proyectos que configuraron el ideario del Parque y su relación con la Estructura Ecológica; y un análisis integral de la relación entre el parque y su cuenca hidrográfica.

El desarrollo de la investigación permitió establecer entre otros aspectos, que existe una fractura entre el discurso ambiental y el proyecto ejecutado, que es pertinente que la academia y la administración distrital realicen una mirada más amplia -cualitativa y cuantitativa- sobre el sistema hídrico de la ciudad, y por último, que es necesario implementar nuevas metodologías y elementos de análisis que subsanen las deficiencias que se presentaron en la formulación y construcción de proyectos urbanos pertenecientes a la estructura ecológica, como lo fue el caso del Parque Tercer Milenio.

PALABRAS CLAVES:

Parque Tercer Milenio, Estructura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor ecológico, Ecosistema, Sistema hídrico, Paisaje, Renovación urbana, Bogotá, D.C.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.	30
Figura 2.	Estrutura Ecológica Urbana (EEU).	32
Figura 3.	Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.	34
Figura 4.	Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.	35
Figura 5.	O conceito de Estrutura Ecológica no POT.	36
Figura 6.	Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.	37
Figura 7.	Unidades geográficas.	40
Figura 8.	A EEU proposta confrontada com a cidade construída.	41
Figura 9.	EEU – Os Parques Urbanos.	43
Figura 10.	Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.	45
Figura 11.	Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.	46
Figura 12.	Mar de Humboldt – “ <i>Salto de Tequendama</i> ”.	47
Figura 13.	Território e Lagoas Sagradas da Cultura <i>Muisca</i> .	49
Figura 14.	Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.	51
Figura 15.	Bacias hidrográficas de Bogotá.	52
Figura 16.	Relação da cidade com seus corpos de água. Colônia.	54
Figura 17.	Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.	57
Figura 18.	<i>Cerros Orientales</i> . Desmatamento.	58
Figura 19.	As praças tornam-se parques.	60
Figura 20.	Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.	61
Figura 21.	Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.	63
Figura 22.	Parques recreativos para Bogotá.	66
Figura 23.	Primeiros planos urbanos para Bogotá. <i>Eixamples</i> .	69
Figura 24.	Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.	71
Figura 25.	A cidade imaginada.	75
Figura 26.	“Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.	77
Figura 27.	1970. Parques <i>Distritales</i> .	79
Figura 28.	A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.	80
Figura 29.	A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.	83
Figura 30.	Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.	88

Figura 31.	Eixos estruturais do Centro da Cidade.	88
Figura 32.	Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).	90
Figura 33.	Dados simplificados do censo. 1999.	92
Figura 34.	Vista aérea do Parque Terceiro Milênio. (B&M).	96
Figura 35.	Planta geral do projeto. Zoneamento geral.	97
Figura 36.	Desenhos de Análise do projeto.	99
Figura 37.	Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).	101
Figura 38.	Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira e Pabón (P&P).	105
Figura 39.	Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.	106
Figura 40.	Desenhos da análise do projeto.	108
Figura 41.	Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto Construído. (EHM).	112
Figura 42.	Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).	114
Figura 43.	Planta geral do Projeto Construído.	115
Figura 44.	Desenhos de análise do projeto.	116
Figura 45.	Percurso fotográfico do Parque.	117
Figura 46.	Plano <i>Maestro</i> Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.	118
Figura 47.	Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.	120
Figura 48.	Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.	124
Figura 49.	Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.	126
Figura 50.	Presença de equipamentos religiosos no setor.	128
Figura 51.	Alamedas, zona rural.	129
Figura 52.	Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).	131
Figura 53.	Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.	132
Figura 54.	As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.	132
Figura 55.	Prédios de abastecimento e indústria.	134
Figura 56.	Equipamentos de cultura e educação.	137
Figura 57.	Canalização do rio <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i> .	140
Figura 58.	Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.	142
Figura 59.	Construção de Avenidas arborizadas.	145
Figura 60.	O “ <i>Bogotazo</i> ” construções e infraestrutura afetada.	146
Figura 61.	Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.	147

Figura 62.	Evolução e ocupação da Praça de <i>San Victorino</i> .	149
Figura 63.	Transformação da moradia e controle da propriedade.	151
Figura 64.	A “ <i>Calle del Cartucho</i> ” e prédio “ <i>El Castillo</i> ”.	153
Figura 65.	Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.	155
Figura 66.	Perda de equipamentos no setor de <i>San Victorino</i> .	156
Figura 67.	Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.	157
Figura 68.	Dinâmicas de ocupação do setor de <i>San Victorino</i> .	158
Figura 69.	Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio.	Folha anexa

ABREVIATURAS

Av.: Avenida
 B.: Bairro
 B&M: Bueno e Montenegro
 C.: Canal
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAN: *Centro Administrativo Nacional*
 CAR: *Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca*
 DAMA: *Departamento Administrativo del Medio Ambiente*
 DAPD: *Departamento Administrativo de Planeación Distrital*
 DC: *Distrito Capital*
 DTS: *Documento Técnico Soporte*
 EAAB: *Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá*
 EEP: Estrutura Ecológica Urbana
 EHM: Esquerre, Hernández e Mazzanti
 ERU: *Empresa de Renovación Urbana*
 FONADE: *Fondo Financiero de Proyectos de Desarrollo*
 I.: Igreja
 IDU: *Instituto de Desarrollo Urbano*
 M&L: Montenegro e Lizarralde
 P&P: Pereira e Pabón
 PMEP: Plano *Maestro* de Espaço Público
 PMTM: Plano *Maestro* Terceiro Milênio
 POT: *Plano de Ordenamiento Territorial*
 POUPTM: Plano de Ordenamiento Urbano do Parque Terceiro Milênio
 PTM: Parque Terceiro Milênio
 PZCB: Plano Zonal do Centro de Bogotá
 Q.: *Quebrada*. Riacho.
 R. : Rio
 SCA: *Sociedad Colombiana de Arquitectos*

GLOSSARIO

Calle: Rua (nome genérico, as ruas)
Calle: Rua sentido leste – oeste
Carrera: Rua sentido norte – sul
Cerros Orientales/Morros Orientais
Espacio Público /Espaço Livre
Estructura Ecológica Principal/ Estrutura Ecológica Urbana
Plan Maestro /Plano Diretor
 San/ São

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCER MILENIO.	27
1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)	29
1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU	43
2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.	47
2.1 Cenário natural da cidade	48
2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural	56
2.3 A cidade enterra seus corpos de água	62
2.4 Ventos de modernização da cidade	73
2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade	79
3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.	87
3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro	87
3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.	89
3.2.1 Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio (PMTM)	89
3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)	100
3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.	111
3.3 Análise comparativa dos projetos	119
4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.	123
4.1 A bacia dos rios <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i>	124
4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor	128
4.3 De rios de água a rios de carros	136
4.4 Perda de equipamentos e liderança	145
4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental	152
4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio	159
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Vista do Parque Terceiro Milênio – Foto: pelo autor.

Nos últimos dez anos, Bogotá D.C., capital da República da Colômbia, apresentou significativas transformações sociais, físicas e espaciais, as quais receberam vários reconhecimentos internacionais. Entre eles, está o prêmio Leão de Ouro, outorgado à cidade em 2006 na X Bienal de Arquitetura de Veneza. Os organizadores deste evento reconheceram Bogotá por seus visíveis avanços sociais, culturais e tecnológicos, que a consolidaram como uma das metrópoles com maior projeção no mundo.

Além da importância deste prêmio, talvez o maior reconhecimento que a cidade já recebeu, está radcada no fato de se tornar em um referente obrigatório para outras cidades do Terceiro Mundo; o anterior, devido a sua capacidade de gerar programas inovadores, que não somente ajudaram a resolver problemas de infraestrutura urbana, serviços e espaço livre, mas a transformar positivamente a paisagem da cidade. Além dos resultados visíveis, o mérito destes programas centra-se essencialmente em sua capacidade de enfrentar complexas situações sociais, físicas e econômicas, típicas das cidades sul-americanas em desenvolvimento.

O Parque Terceiro Milênio (2000-2005) fez parte do conjunto de programas, planos e obras que se realizaram durante este período de transformação da cidade, e seu desenho mereceu um reconhecimento nacional na *XX Bienal de Arquitectura Colombiana* de 2006: os desenhistas do parque receberam o Prêmio Karl Brunner na categoria de Desenho Urbano e Paisagismo, pois o parque foi o segundo indicado na menção, “[...] uma iniciativa que visava à recuperação integral urbana, paisagística, ambiental e social de um setor estrategicamente situado na cidade de Bogotá”.¹

Precisamente esta afirmação, que se reiterou continuamente durante a concepção, desenho e materialização do Parque Terceiro Milênio, constitui um dos pontos de partida da reflexão que propõe o presente trabalho de pesquisa. Outro ponto de partida foi a filiação do projeto Parque Terceiro Milênio ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana que, como será visto no desenvolvimento deste documento, foi um conceito ambiental que se cunhou no discurso de planejamento da cidade, a partir da formulação do Plano de Ordenamento Territorial adotado em 2000.

Assim, o Parque Terceiro Milênio reúne condições que o transformam em uma boa oportunidade para refletir sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental e a formulação e materialização de um projeto concreto; a estas condições agrega-se a vigência atual do projeto, pois é objeto de inquestionável reconhecimento profissional tanto local como nacionalmente, e pertence ao grupo de significativas transformações físicas e sociais que teve a cidade durante os últimos anos.

Com estas premissas, a pesquisa concretiza-se em quatro diretrizes, cada qual com um propósito próprio: o primeiro, determinar os elementos de reflexão e juízo sobre o Projeto, a partir da revisão do discurso ambiental que constituiu a base teórica do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no Plano de Ordenamento Territorial de Bogotá; o segundo, realizar uma leitura em perspectiva histórica da ocupação espacial urbana da savana e suas implicações no meio natural; o terceiro, verificar a coerência entre o discurso ambiental da cidade e a concepção, formulação e materialização do Parque Terceiro Milênio; e o quarto, realizar um resumo histórico da relação entre o setor de *San Victorino*, o Parque e a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, visando a revelar os possíveis elementos que

¹ Protocolo do jurado, onde também se menciona que, “[...] para o jurado, este tipo de projetos é uma nova manifestação da produção profissional; a intervenção do Distrito, por meio do investimento no espaço público de escala metropolitana, complementada com a infraestrutura viária e de transporte, assim como de um programa de recuperação do espaço público, o primeiro passo para que o espaço privado entre em um processo de transformação e revitalização urbana integral, equilibrada e com participação do setor público, o setor privado e as comunidades.” SCA-Acta do jurado qualificador. Bogotá, 5 de maio de 2006

poderiam enriquecer a reflexão ambiental e propor alternativas que poderiam dar maior alcance ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana na materialização de projetos urbanos e paisagísticos, como no caso dos parques metropolitanos; sem dúvida nenhuma, estes projetos poderiam contribuir positivamente para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, para a recuperação do sistema hídrico natural e para a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos do centro da cidade.

Para a análise do ideário, concepção e formulação do projeto, realizou-se uma leitura crítica dos estudos prévios a sua construção, que incluíam o Plano Zonal do Centro de Bogotá (1986), o Plano Maestro Terceiro Milênio (1998), as Bases do Concurso Arquitetônico de Ideias (1999), a Memória do projeto ganhador, e do Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (2000), que teve, entre suas principais tarefas, o desenho arquitetônico e paisagístico do parque.

Para a análise espacial, estabeleceu-se como estratégia metodológica uma leitura dialética que vai do geral ao particular e vice-versa, por meio de três escalas de análise: a savana-cidade, o centro tradicional e o setor de *San Victorino*, lugar onde está situado o Parque Terceiro Milênio. Em cada uma destas escalas tomou-se como unidade básica de análise a bacia ou sub-bacia hidrográfica. No nível da savana, a bacia do *R. Bogotá*, no nível da cidade, as bacias dos rios *Torça*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, e no nível do centro tradicional, a bacia média dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Com esses objetivos e estratégias metodológicas de pesquisa, o trabalho que se apresenta a seguir divide-se em quatro capítulos. **O primeiro** aborda a construção do conceito de Estrutura Ecológica e sua incorporação como parte fundamental do Plano de Ordenamento Territorial da cidade (Bogotá 2000-2010) e, além disso, indica a maneira como o projeto Parque Terceiro Milênio vincula-se a esta Estrutura como parque metropolitano, essencial na conformação de corredores biológicos prestadores de bens e serviços ambientais. **O segundo** capítulo visa a ilustrar como foi o processo de ocupação da savana da cidade de Bogotá, desde a conquista até os dias de hoje; com este propósito, foram registradas cronologicamente as transformações das manchas, os corredores verdes e de água que fazem parte do sistema natural da cidade, e foram comentadas as implicações que este processo tem no equilíbrio ambiental da cidade.

O terceiro capítulo tem como prioridade estabelecer a relação entre o conceito de Estrutura Ecológica Urbana e os conteúdos dos estudos elaborados dentro do processo de formulação, desenho e construção do Parque Terceiro Milênio. Para tal fim, realiza-se a

análise dos documentos e planos dos três projetos que foram elaborados antes da construção final do Parque e mostram-se os resultados da verificação *in situ* do projeto construído, realizadas pelo autor, durante os últimos três anos. Finalmente, **o quarto** capítulo procura dar uma visão integral da bacia onde se localiza o Parque Terceiro Milênio, com ênfase no processo de ocupação da mesma e a relação entre a área de *San Victorino* e seu entorno; este olhar aborda as transformações físicas, sociais e ambientais mais significativas do setor nos últimos dois séculos.

Pela natureza desta pesquisa e por tratar um projeto localizado em uma cidade que é em alguns aspectos semelhante, mas em outros distante da gênese e realidade das cidades brasileiras, o documento inclui material importante de referência – especialmente em notas de rodapé, fotografias e mapas – com o propósito de aproximar o leitor do contexto histórico e atual da cidade de Bogotá. No mesmo sentido, como a maioria dos textos que se relacionam com o tema tratado estão escritos em castelhano, o autor tomou a liberdade de traduzir a maior parte dos textos citados para o português, com a intenção de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo do presente trabalho.

Assim, este trabalho aspira não somente a ser uma contribuição para refletir sobre o tema ambiental de inquestionável importância, mas também ser uma oportunidade por meio da qual possa se estabelecer uma ponte de comunicação e aprendizagem compartilhada entre os cenários acadêmicos brasileiro e colombiano.

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO.

Antecedentes

Antes de começar com a matéria enunciada no título desta seção, é necessário esclarecer ao leitor o âmbito normativo, institucional e conceitual que permitiu que na atualidade fosse possível afirmar que em Bogotá existe um parque urbano, integrado ao modelo de ordenamento territorial da cidade, por meio do que tem sido denominado Estrutura Ecológica Urbana.

No final da década de 1950², a Colômbia começou um processo de incorporação do tema ambiental no âmbito normativo e institucional, com a criação, nos próprios anos 1950, da primeira Corporação Autônoma Regional³, a conformação do Instituto Nacional dos Recursos Naturais - *INDERENA*⁴ em 1968, e a publicação do Código Nacional de Recursos Naturais Renováveis de Proteção ao Meio Ambiente⁵, influenciado principalmente pelas iniciativas gestadas no âmbito internacional, como o informe encomendado pelo Clube de Roma ao MIT em 1968⁶, e a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em 1972⁷.

Devido a estas ações, o governo do país deu prioridade à institucionalização e regulação do tema ambiental. Porém, durante os anos seguintes, apresentaram-se várias deficiências com relação à gestão dos recursos naturais⁸, que somente seriam superadas na década de 1990⁹, quando se consolidaram algumas iniciativas promovidas pelo Estado, que

² Antes da década de 1950, existiram disposições legais relativas à proteção de água, das florestas e das terras. Por exemplo, a Lei 119 de 1919 tratava da conservação das águas aproveitáveis e os blocos próximos a seus leitos. Porém, somente na década de 1970 o tema institucionalizou-se e adquiriu conceitualização no nível normativo.

³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110 de 1954. “*Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca*”. Bogotá, 1954.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 3ª. de 1961. “*Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la sabana de Bogotá y de los valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR*”. Bogotá, 1961.

⁴ Esse Instituto foi liquidado pela Lei 99 de 1993, e suas funções foram transferidas às Corporações Autônomas Regionais que são entes corporativos de caráter público, integrados por várias entidades territoriais [*Departamentos* (estados), *distritos*, *municipios* e *territórios indígenas*] que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica. Disponível em: <<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

⁵ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2811 de 1974. “*Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente*”. Bogotá, 1974. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 23 de 1973: “*Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones*”.

⁶ Massachusetts Institute of Technology (MIT). *The Limits to Growth*. 1972

⁷ Declaração de Estocolmo de 1972.

⁸ As competências em matéria de gestão do meio ambiente estavam dispersas em várias instituições, dando lugar à duplicidade de funções entre entidades. As ações do Instituto Nacional de Recursos Naturais, *INDERENA*, eram de caráter policial, de controle e vigilância, mas não de planejamento ou ordenamento; e ainda não era suficientemente explícita, no nível normativo, a associação entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

⁹ Nessa época, vale a pena assinalar que no âmbito internacional tinham sido produzidos eventos relevantes com relação ao tema ambiental, como o informe da Comissão Brundtland, “Nosso futuro comum”, que enfatizou a relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, adotando-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

visavam a reforçar a regulação normativa do tema ambiental, efetuar uma reorganização institucional, e oferecer diretrizes ambientais para o planejamento e o ordenamento territorial tanto Nacional como *Distrital*¹⁰.

A primeira das iniciativas foi a publicação da nova Carta Política da Colômbia em 1991, na qual o tema ambiental foi incluído em um capítulo independente, relacionado aos direitos coletivos do povo colombiano; a Constituição consagrou o direito de todas as pessoas de aproveitar um ambiente saudável, e a obrigação do Estado – entre outros –, de proteger a diversidade e integridade do ambiente, conservar as áreas de especial importância ecológica, e prevenir e controlar os fatores de deterioramento ambiental¹¹.

Com o anterior, a Nação abriu um caminho¹² no qual foram de grande importância a reorganização e redefinição das competências das entidades relacionadas com a gestão ambiental, que hoje em dia conformam o Sistema Nacional Ambiental Colombiano – SINA, liderado pelo Ministério do Meio Ambiente, entidade encarregada de promover e facilitar o desenvolvimento sustentável do território e a criação de políticas, planos, programas e projetos sobre o uso sustentável dos recursos naturais renováveis, como a água, o solo e a paisagem¹³.

A Constituição de 1991 também facilitou a expedição de uma lei de Ordenamento Territorial¹⁴ que tinha como propósito o estabelecimento dos mecanismos que permitiram aos municípios promover o ordenamento do seu território, o uso equitativo e racional do solo, e a preservação e defesa do patrimônio ecológico e cultural localizado no âmbito territorial do mesmo¹⁵.

A efetivação desta lei foi feita por meio da implementação de Esquemas¹⁶ e Planos de Ordenamento Territorial nos municípios, que compreendem:

¹⁰ A Constituição Política de 1991 muda o *status* de Bogotá de *Distrito Especial* para *Distrito Capital*. “*Santa Fe de Bogotá* capital da república e do estado de *Cundinamarca*, organiza-se como *Distrito Capital*”. (Artigo 322 da Constituição Política).

¹¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “*De los Derechos Colectivos y del Ambiente*”. Colômbia: 1991.

¹² Neste caminho, o país foi permeável ao cenário internacional, acolhendo os resultados da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992) e respectivos protocolos como o da Agenda 21 e da Declaração do Rio sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

¹³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 99 de 1993. Artigos 1, 2 Título 1. “*Por la cual es creado el Ministerio del Medio Ambiente*”. Bogotá, 1993. No ano de 2002 ao Ministério foram concedidas novas funções e também se modificou seu nome: “*Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial*”. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 790 de 2002. “*Facultades extraordinárias al Presidente de la República*”. Bogotá, 2002.

¹⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. “*Por la cual se modifica la 9ª de 1989 y la ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, 1997.

¹⁵ A Lei 388 de 1997, de Ordenamento Territorial, utilizou duas noções relacionadas com o conceito e recuperação da estrutura ecológica: a primeira referente às áreas de reserva para a proteção do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais e proteção da paisagem; a segunda, relacionada com o solo de proteção, que tem restrição de urbanização, pois pode oferecer serviços ambientais, ou constitui uma área de ameaça ou risco para a construção de assentamentos humanos, ou tem características e valores geográficos, ambientais ou paisagísticos importante para o território.

¹⁶ A Lei 388 estabelece fazer o ordenamento territorial de acordo com o tamanho das cidades assim: **Esquema** para cidades com menos de 100 mil habitantes. **Plano** para cidades com mais de 100 mil habitantes.

[...] o conjunto de ações político-administrativas e de planejamento físico acordadas, que visam a regularizar a utilização, transformação e ocupação do espaço, de acordo como as estratégias de desenvolvimento socioeconômico, em equilíbrio com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais.¹⁷

1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)

Dimensão ambiental no ordenamento territorial da cidade

O Plano de Ordenamento Territorial (POT) do *Distrito Capital*¹⁸ expedido em 2000 procurou manter a coerência com os princípios ambientais constitucionais¹⁹, as recomendações do Ministério do Meio Ambiente e as políticas e diretrizes da lei de Ordenamento Territorial. Motivo pelo qual os estudos técnicos, a conceitualização e a formulação do Plano tinham como eixo central a construção de um modelo, cuja gestão, em teoria, permitiria superar os problemas relacionados à dinâmica de assentamentos humanos e o desequilíbrio entre o suporte natural e as atividades humanas, assim como oferecer as ferramentas para conseguir a equidade, competitividade e sustentabilidade do *Distrito Capital*²⁰.

O modelo mencionado está conformado por três estruturas inter-relacionadas, contidas no que poderia ser denominado um enfoque sistêmico, no qual o componente ambiental ocupa um lugar relevante. Sendo assim, o modelo está constituído pela Estrutura Socioeconômica Espacial, a Estrutura Funcional e de Serviços, e a Estrutura Ecológica Urbana, essa última dando suporte fundamental para as duas primeiras (Figura 1).

¹⁷ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. Artigo 5. “Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones”. Bogotá, 1997.

Nota: A fim de evitar a repetição excessiva do termo “Tradução nossa”, fica o leitor alertado de que todas as traduções nesse trabalho são do autor da dissertação, excetuando-se: a) as citações de obras traduzidas para o português; e b) os próprios textos originalmente publicados nessa língua.

¹⁸ O Plano de Ordenamento Territorial POT define-se como o conjunto de objetivos, diretrizes, políticas, estratégias, metas, programas, atuações e normas adotadas para orientar e administrar o desenvolvimento físico do território e o uso do solo. Artigo 9º. Lei 388 de 1997 pela qual se modificou a Lei 9ª de 1989 e a Lei 3ª de 1991 e são dadas outras disposições. No caso de Bogotá, o POT foi adotado mediante Decreto *Distrital* 619 de 2000, revisado mediante o Decreto *Distrital* 469 de 2003. O Decreto *Distrital* 190 de 2004 compilou os dois anteriores.

¹⁹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “De los Derechos Colectivos y del Ambiente.” Bogotá, 1991.

²⁰ POT, Documento Técnico Suporte, DAPD. página 9. Vale a pena salientar neste ponto que o discurso político das administrações distritais e as premissas que justificam as ações de ordenamento territorial na cidade nos últimos anos têm se justificado invariavelmente em discursos que incluem as premissas “sustentabilidade, equidade, competitividade”; de tal forma que a pertinência e legitimidade de uma decisão política e a avaliação dos resultados deve estar baseada na utilização de um vocabulário consequente com essas três premissas.

A Estrutura Socioeconômica e Espacial compreende:

[...] o centro e a rede de centralidade que concentram atividades econômicas e de serviços, e que estão dispostas sobre o território do *Distrito Capital* para garantir o equilíbrio urbano e rural na prestação de serviços, a coesão social, a integração da cidade em diferentes escalas, e o desenvolvimento econômico.²¹

A Estrutura Funcional e de Serviços:

[...] está conformada pelos sistemas gerais de serviços públicos, de mobilidade e de equipamentos, cuja finalidade é garantir que o centro e as centralidades – que conformam a Estrutura Socioeconômica Espacial – e as áreas residenciais realizem adequadamente suas respectivas funções.²²

Figura 1 – Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

O modelo proposto no POT para a cidade de Bogotá está sustentado por três estruturas básicas: (P1) a E. Socioeconômica e Espacial, (P2) a E. Funcional e de Serviços, e (P3) a Estrutura Ecológica Urbana. Fonte: POT Bogotá Decreto 619 de 2000. (P4) Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) define-se como:

²¹ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 3.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

[...] a rede de espaços e corredores que sustentam e conduzem a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais pelo território, em suas diferentes formas e intensidades de ocupação, dotando ao mesmo de serviços ambientais para o seu desenvolvimento sustentável.²³

A EEU está constituída por uma

[...] rede de corredores ambientais integrados à estrutura ecológica regional, cujos componentes básicos são: o sistema de áreas protegidas, os parques urbanos, os corredores ecológicos e a área de controle especial do rio Bogotá²⁴ (Figura 2).

A referida estrutura é de fundamental importância no modelo de ordenamento devido a seus valores paisagísticos, ecológicos e culturais, e comporta-se como fornecedor de bens e serviços ambientais, constituindo o substrato básico do ordenamento dos usos, das atividades e dos serviços urbanos.

O uso do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no país, como elemento fundamental do modelo de ordenamento do território, remonta a tempos atrás, quando alguns acadêmicos, pesquisadores e profissionais que fazem parte de entidades ambientais começaram a construir o conceito que se apresentou como uma oportunidade de estabelecer uma conexão entre o conhecimento científico dos processos do ecossistema e as práticas de ordenamento territorial²⁵, que permitiram visualizar alternativas de equilíbrio entre as atividades humanas e o suporte natural do território.

²³ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁴ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 1.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁵ Neste sentido, o conceito encontra-se no que tem se denominado urbanismo ecológico, que “controverte as ferramentas convencionais do urbanismo, incorporando noções de capacidade de carga e de suporte de um território, risco, limite ecológico, interações, processos etc.”. Cf. MALDONADO, 2001, p. 6. Com relação ao uso do termo “ecológico” vale a pena citar a explicação dos professores Oseki e Pellegrino: “[...] distinção importante entre dois níveis: o da ecologia e o do ecologismo (ou entre o ecólogo e o ecologista). No primeiro caso, trata-se de uma postura científica, quer se trate de ecologia natural, quer social, e no segundo, de uma prática, de um projeto político de transformação cultural, social e econômica da sociedade moderna [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496)

Figura 2 – Estrutura Ecológica Urbana (EEU).

Da proposta da EEU formulada no POT, o presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Neste sentido destacaram-se os aportes do professor van der Hammen (1975 - 2000), que definiu a estrutura ecológica como um sistema com base na “[...] ecologia, geomorfologia, hidrografia e vegetação original ou o que ainda resta dela numa região”²⁶, e conformado pelo “[...] *geosistema* (que compreende o subsolo e os processos ecológicos), o *pedosistema*, (que faz referência à relação entre o solo e clima, e o *biosistema* (que inclui a totalidade da flora e fauna e dos processos biológicos)”²⁷. (Figura 3).

O professor van der Hammen realizou inúmeras investigações sobre a evolução e

²⁶ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

²⁷ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

vegetação na Savana de Bogotá. A partir deste enfoque sistêmico²⁸, van der Hammen propôs neste trabalho uma estratégia para a recuperação ambiental e florestal desta área, que tinha sofrido um processo de degradação²⁹ desde o período colonial, caracterizado pela modificação da vegetação nativa, do solo e do ciclo hidrológico dos ecossistemas de *páramo*³⁰, *subpáramo*³¹, *bosque alto andino* ou *bosque de encenillo*³² e *bosques de áreas inundáveis*³³. Este processo de degradação, em particular, relacionado como o aspecto hídrico, será tratado mais detalhadamente na seção 2.

A proposta de van der Hammen consistia na recuperação de largas franjas de vegetação nas margens dos rios, os riachos e as zonas úmidas (segundo o Convênio Internacional de *Ramsar*) e a localização de cercas vivas com espécies nativas que fariam uma conexão entre os morros e o *R. Bogotá*, de modo que, formando um tipo de rede vegetal nativa sobre o território – que teria um crescimento natural sem a intervenção do homem – asseguraria-se a recuperação ambiental da Savana e a bacia do *R. Bogotá*.

Os processos ecológicos e as realidades ambientais excedem os limites territoriais estabelecidos administrativa ou politicamente e, por sua natureza, o conceito de EEU desenvolvido por van der Hammen supera a área da Savana de Bogotá, compreendendo também uma proposta de ordenamento que inclui o estado todo de Cundinamarca.

²⁸ A noção de sistema resulta muito mais inclusiva do que a noção de estrutura, pois contribui a entender desde a complexidade, a relação entre os fenômenos naturais e a sociedade. Neste sentido Bertalanffy (1950) é um referencial indispensável sobre o tema de análise sistêmica.

²⁹ Esse fenômeno local, estudado e trabalhado por van der Hammen e Ernesto Ghul, que é reflexo de um desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, não se distingue muito da situação planetária de hoje em dia: “No momento, presenciam-se fenômenos globais inquietantes de desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, tais como: Rupturas de processos bioquímicos e ecológicos antigos, por causa do desmatamento (agrícola e industrial) e de outras práticas rurais e urbanas predadoras de recursos naturais limitados. [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496).

³⁰ “O *páramo* é uma formação vegetal predominantemente *herbácea*, conformada por *grámíneas macollosas* e permeada por *arbustillos* anões individuais e em grupos e por plantas *arrosetadas e caulirrósulas*. A mais característica delas é o *Fraillejón (Espeletia)*. A faixa dos *páramos* encontra-se aproximadamente entre 3.300 – 3.500 manm até 4000 – 4200 m de altitude, máxima altura na região de Bogotá (*Cerro Nevado del Páramo de Sumapaz*), com temperaturas médias entre 4º e 9º e precipitações entre 700 e 2.000 mm.” : (PERÉZ, 2000, passim)

³¹ “O *subpáramo* é uma franja estreita e irregular localizada entre o *bosque alto andino* e o *páramo propriamente dito*, entre 3.300 e 3.600 manm, aproximadamente. Caracteriza-se por *matorrales arbustivos* mais ou menos abertos e está permeada por pequenas árvores do *bosque alto andino inferior*. Trata-se, de fato, de uma franja de transição entre o *bosque* e o *páramo*. Tem sido, porém, classificado como *subpiso*, pois apresenta alguns elementos característicos faltantes na flora do *bosque andino*.”. (PERÉZ, 2000, passim).

³² “Trata-se de um *bosque* de fisionomia muito distinta à do andino baixo, somente com um estrato de árvores pequenas e com alturas entre 3 e 10 m, onde predominam os elementos da família das *Compuestas* [...] Os musgos são abundantes e formam, junto com a *hojarasca*, grossas camadas no solo do bosque, de 20 a 50 cm de espessura, de grande importância no ecossistema e na regulação de água (SALAMANCA, 1984). Encontra-se aproximadamente entre 2.750 – 2.800 até 3.300 – 3.500 manm. Este tipo de *bosque* corresponde, em termos gerais, ao “*bosque úmido e muito úmido montano*” segundo a classificação de Holdridge, com temperaturas médias anuais de 9 a 12º C”. (PERÉZ, 2000, passim.)

³³ “É o *bosque* característico dos atuais vales *aluviales* do *R. Bogotá* e seus tributários, que são especialmente importantes na parte mais baixa do sul da savana, onde se juntam o *R. Bogotá* com vários de seus principais afluentes (*Basillas, Tunjuelo, Soacha e Fucha*) e ali, por este motivo, encontra-se a maioria das zonas úmidas da savana”. (PERÉZ, 2000, passim)

Figura 3 – Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.

Van der Hammen identifica como elementos fundamentais da estrutura ecológica da Savana de Bogotá: 1. os *Cerros Orientales*; 2. os corredores; e 3. o vale aluvial do *R. Bogotá*. Ele propõe a implementação de uma rede verde partindo do sistema hídrico como estratégia de recuperação ambiental da Savana. Fonte: VAN DER HAMMEN, 1998.

Aos aportes de van der Hammen foram agregados outros estudos da Savana de Bogotá, como alguns realizados pela Corporação Autônoma Regional de *Cundinamarca* - *CAR*³⁴ e as entidades universitárias e do *Distrito Capital*. Destes estudos, destacam-se os feitos por Pérez (1975 - 2000), que definiu a EEU como um sistema conformado a partir de quatro elementos: a estrutura *morfopedalógica*³⁵, a biota³⁶, a estrutura hídrica³⁷, e a estrutura antrópica que se traduz no conjunto de atividades e usos desenvolvidos pelo homem no território.

Para responder à problemática de degradação da EEU na Savana, Pérez (2000), propõe uma série de estratégias, procurando recuperar o ecossistema deteriorado, e garantir o equilíbrio entre as atividades humanas, os processos hidrológicos e a conservação dos solos e da biodiversidade. De sua proposta destacam-se a recuperação da cobertura vegetal nos morros, a detenção da construção de assentamentos humanos nos vales aluviais, a criação de corredores de conexão entre os vales aluviais e os morros, a recuperação dos solos erodidos e do sistema de zonas úmidas, a regulação da exploração de águas

³⁴ A divisão político-administrativa da Colômbia está estabelecida por *Departamentos*, equivalentes no Brasil aos Estados. Em nosso caso, Bogotá está localizada no estado de *Cundinamarca*.

³⁵ Constituída por uma área montanhosa e uma área plana, levemente inclinada.

³⁶ Conformada por *bosque andino*, vegetação de *páramo*, vegetação *xerofítica* no sul da savana e vegetação de zona úmida, à base de *juncos*, *cortaderas* e *alisos* nas áreas úmidas.

³⁷ Corresponde à vazão de água da bacia e está conformada por 15 bacias hidrográficas, com suas respectivas microbacias, 27 zonas úmidas naturais e 9 represas de regulação.

subterrâneas, e o planejamento regional dos recursos hidráulicos (PEREZ, 2000, p. 37).

Embora o POT de Bogotá fosse expedido no ano de 2000, (Figura 4), conceitualmente contou com esses aportes que vinham sendo construídos no ambiente acadêmico e institucional, e concebeu o conceito de EEU, espacialmente, como uma rede, conformada, como exposto anteriormente, pelas áreas protegidas, os corredores ecológicos, os parques urbanos e a área de proteção do *R. Bogotá*, e ao mesmo tempo, como um sistema, que na escala distrital está integrado à estrutura socioeconômica espacial e à estrutura funcional e de serviços, e em uma escala maior – integrado por meio dos morros, do *R. Bogotá* e do maciço de *Sumapaz* – à estrutura ecológica regional, sem a qual seria impensável a sustentabilidade de uma cidade como Bogotá, pois essa estrutura fornece serviços ambientais, paisagísticos e culturais³⁸. (Figura 5).

Figura 4 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.

(P1) Para o estado de Cundinamarca e a Savana de Bogotá, a EEU proposta está conformada principalmente pela rede de *parámos* e *bosques* andinos. (P2 Savana do Bogotá). No caso da cidade de Bogotá (P3), agregam-se aos *Cerros Orientales* a rede de corredores ecológicos (Corpos de água) e o vale aluvial do *R. Bogotá*. Fonte: POT *Alcaldia de Bogotá* (Prefeitura de Bogotá).

É necessário salientar que o conceito e ações propostas sobre a EEU e o POT, assim como os estudos feitos anteriormente, têm como principal objetivo ser uma ferramenta que, por meio de um enfoque sistêmico, garanta a sustentabilidade ambiental e a restauração da composição biótica e dos processos ecológicos, estabelecendo um vínculo entre o saber

³⁸ Dos 426.870 ha da Savana de Bogotá, 42.230 ha correspondem a áreas protegidas, 196.000 ha são usados na produção agropecuária e 30.000 ha em áreas urbanas. Contém cinco represas e uma rede de canais de irrigação de 7.500 ha.. *Directrices de la CAR para preservar el medio ambiente y fomentar un desarrollo sostenible en la Sabana de Bogotá*. Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca CAR 2007.

científico, o conhecimento dos ecossistemas e as práticas de ordenamento dos usos e atividades humanas no território.

Figura 5 – O conceito de Estrutura Ecológica no POT.

A EEU está conformada pela rede de (P1) Elementos naturais: 1. *Cerros Orientales*; 2. Corredores ecológicos; e 3. Vale *aluvial* do *R. Bogotá*. Também pela rede (P2) Verde artificial: Parques metropolitanos e Rede viária principal – a sobreposição destas redes configura a (P3) Estrutura Ecológica Urbana da cidade. [Elaborado pelo autor].

Com certeza, para alcançar os objetivos propostos no POT, é preciso conhecer, compreender e atuar na restauração dos processos ecológicos da Savana, nos quais o ciclo de água tem uma importância relevante. Como dito anteriormente – e será tratado mais detalhadamente na seção 2 – o ecossistema original da Savana foi intensamente modificado desde o período colonial até a atualidade: as bacias dos rios foram progressivamente ocupadas por assentamentos humanos, as construções e infraestruturas de serviços, e seus leitos, foram contaminados, desviados e canalizados subterraneamente ou a céu aberto. As zonas úmidas também sofreram uma intensa degradação por obras de urbanização, disposição de águas negras, lixo, colmatagem e gramados, e a vegetação nativa foi trocada por vegetação exótica ou desapareceu. De modo que um dos elementos do ecossistema, como o sistema hídrico, foi modificado drasticamente com a constante impermeabilização da Savana, a construção de redes de esgotos, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, e a contaminação dos corpos de água, principalmente nos últimos cem anos. (Figura 6).

Figura 6 – Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.

(P1) Estrutura Ecológica Original. (P1) A estrutura ecológica estava conformada originalmente por: as manchas de vegetação dos cerros orientais (1), os corredores verdes (2) sobre os corpos de água; e o vale aluvial do *R. Bogotá* (3). (P2). Situação atual (P2). Com o processo acelerado de antropização da Savana a partir do século XX, perderam-se os corredores hídricos (hídricos) que juntavam os cerros orientais com o vale do *R. Bogotá*, motivo pelo qual se perdeu uma parte importante do equilíbrio do ecossistema. (P3) A proposta do POT busca a recuperação da parte do ecossistema perdido. [Planos elaborados pelo autor].

O resultado deste processo não se distingue do que se realiza em outras latitudes do planeta (PELLICER, 1998; HOUGH, 1998). Primeiramente, um aumento substancial dos coeficientes de vazão nas bacias, por meio da

[...] diminuição do tempo de concentração da água e o aumento do nível dos fluxos de vazão hidrogramas de enchente, fenômeno que ademais produz o incremento do nível de inundação da cidade, que está acentuado especialmente em certas áreas, dependendo da morfologia da superfície urbanizada, das características morfológicas do terreno, do tipo de vegetação das sub-bacias que têm sido ocupadas e impermeabilizadas, e da capacidade e distribuição do sistema de esgoto ou drenagem artificial.³⁹

Em segundo lugar, a modificação dos processos relacionados ao sistema hídrico incide na qualidade de água: a precipitação arrasta partículas da atmosfera poluída, a vazão superficial é poluída pela lavagem de ruas, os corpos de água são afetados pelo despejo das

³⁹ A redução do tempo correspondente à metade do que era originalmente, o que repercute negativamente nas bacias naturais nas quais a cidade encontra-se inscrita. (PELLICER, 1998, p. 117)

águas residuais, e os solos contaminados degradam os aquíferos subterrâneos⁴⁰.

Frente a essa situação, necessariamente surge uma pergunta: como se faz efetivo o conceito da EEU, em uma cidade que alterou e eliminou a vegetação original, que impermeabilizou a maioria da superfície ocupada, e que alterou substancialmente seu sistema hídrico?

Para tentar responder a essa pergunta, ao fazer uma leitura do POT, encontramos que as políticas sobre o meio ambiente enunciam, entre outros aspectos:

[...] a otimização [...] no dimensionamento e operação dos sistemas de saneamento básico levando-os a uma condição de economia e eficiência ambiental; a orientação espacial e qualitativa do desenvolvimento das redes e os equipamentos urbanos, sob critérios ambientais [...]; a consolidação funcional e física da Estrutura Ecológica Urbana; e a proteção, conservação, restauração e melhora do potencial ecológico, paisagístico e de lazer oferecido por importantes ecossistemas estratégicos urbanos [...]⁴¹. Frente ao sistema hídrico, enuncia o POT, que as áreas de recarga de aquíferos, os leitos de cheias, nascentes de riachos, várzeas de rios e canais, zonas úmidas, lagos e lagoas devem ser recuperadas e conservadas.⁴²

Instrumentos e conceitos complementares ao POT

Com essa referência, posterior à expedição do POT, o *Distrito Capital* tem desenvolvido ferramentas que pretendem efetivar no território o modelo de ordenamento proposto em 2000, com seus respectivos objetivos, estruturas e subsistemas; nesta linha estão inclusos os Planos *Maestros*⁴³ (Planos diretores) dos quais pode se destacar o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre)⁴⁴, pois tem uma estreita relação com a EEU.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 157. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴² REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 190 de 2004. Artigos 76 e 77. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴³ O artigo 45 do POT define-os: “Os planos *maestros* constituem o instrumento de planejamento fundamental no marco da estratégia de ordenamento da cidade-região; permitem definir as necessidades de geração de solo urbanizado de acordo com as previsões de crescimento populacional e de localização das atividades econômicas, para programar os projetos de investimento setorial a curto, médio e longo prazo”. Assim mesmo no artigo 46, estabelecem-se os Planos *Maestros* Prioritários: de Mobilidade, de Serviços Públicos, de Equipamentos, e de Espaço *Público*. POT Decreto 190. 2004

⁴⁴ O Plano *Maestro* de Espaço *Público* tem como objeto: “[...] Concretizar as políticas, estratégias, programas, projetos e metas relacionadas com o espaço *público* do *Distrito Capital*, e estabelecer as normas gerais que permitam conseguir uma regulação sistemática com relação a sua geração, manutenção, recuperação e aproveitamento econômico, e apropriação social” [e estabelece] “1. Contribuir à consolidação da estrutura urbana através do desenvolvimento de uma rede de espaços públicos, que garanta o equilíbrio entre densidades populacionais, atividades urbanas e condições meio ambientais, de forma que se integrem os elementos do espaço *público* construído com os da EEU”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) apresenta uma proposta que no nível operativo vincula os conceitos de unidade paisagística⁴⁵ e unidade geográfica⁴⁶. A referência destes dois conceitos no documento técnico de suporte do Plano apresenta-se de forma marginal; no caso das unidades paisagísticas limita-se a indicar que

[...] a paisagem visual da cidade está dominada pela silhueta dos morros orientais, e pelos focos visuais criados pelos cursos de água e suas várzeas que relacionam os morros com o *R. Bogotá*⁴⁷; e no caso das unidades geográficas o documento indica que sua disposição espacial corresponde às várzeas de água.⁴⁸

A Figura 7 permite avaliar a distância entre o conceito e a efetivação espacial do mesmo: embora o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre) tenha como propósito a incorporação de um critério ambiental como parâmetro de ordenamento, sem ter em conta as sub-bacias como elementos ordenadores de espaço, enquanto o perímetro das unidades geográficas é determinado como o critério tradicional da divisão administrativa no país, onde o limite entre duas áreas é determinado com o leito dos rios. Em consideração do autor deste trabalho, do ponto de vista ambiental seria mais lógico que o cause dos rios fosse considerado como estrutura espacial central da unidade e não como limite físico da mesma.

Os outros planos maestros do *Distrito Capital* contêm diretrizes relacionadas com a restrição ou proibição da ocupação de áreas que por sua capacidade de prestação de serviços ambientais devem ser protegidas ou que por suas características morfológicas, solos ou possibilidade de enchentes são fatores inapropriados para a construção de assentamentos humanos⁴⁹. Porém, esses planos ainda devem fazer uma contribuição ao desenvolvimento de estratégias para a consolidação de uma rede que articule os parques

Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005.

⁴⁵ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005. Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005. Tomo 2, p. 62. As cinco unidades de paisagem estabelecidas são: 1. De Cordilheira, 2. De borda de Cordilheira, 3. Urbano de traçados contínuos, 4. Urbano descontínuo de periferia, 5. De borda hídrica.

⁴⁶ Unidades geográficas: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusaca. Fonte: *Documento Técnico de Soporte de PMEP*. Parte I numeral 3.2.1. p. 64-69.

⁴⁷ ALCALDÍA, op. cit.

⁴⁸ Denomina-se vazão superficial a água procedente da chuva que circula pela superfície e concentra-se nos cursos. A vazão superficial é função das características topográficas, geológicas, climáticas e de vegetação da bacia e está intimamente ligada à relação entre águas superficiais e subterrâneas da bacia.

⁴⁹ Neste ponto, alguns estudiosos do tema como Camargo (2007) afirmam que em Bogotá DC, apesar dos significativos esforços em matéria ambiental, tem surgido um grande erro de gestão, por terem confundido “proibição de ocupação”, com “proteção do ecossistema”: “Proibir equivale a distanciar todos aqueles usos que teriam que pedir permissão e deixar o espaço livre para aqueles que nunca o pedem. Uma verdadeira conservação implica equipar, promover e administrar uma área de jeito que a sociedade a aproprie com um significado e com usos de acordo com o reconhecimento e conservação do valor ambiental coletivo”. (CAMARGO, 2007)

urbanos (metropolitanos, urbanos e zonais), os corredores ambientais, e a incorporação das sub-bacias como elemento ordenador do território em termos ambientais: Por exemplo, em 2006, quase 50% dos parques metropolitanos e zonais não tinham um plano diretivo ou maestro⁵⁰; esta falência incide diretamente no desconhecimento do compromisso que deveriam ter os investimentos, desenhos e construção, no fortalecimento da EEU; no caso dos corredores ecológicos viários (avenidas arborizadas), naquela época ainda não tinham sido desenvolvidas estratégias específicas de intervenção.

Figura 7 – Unidades geográficas.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) estabelece para a cidade sete unidades geográficas (P1), assim definidas pelo espaço compreendido entre os rios principais: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusacá. Ao colocar o rio como centro das unidades geográficas (P2), seriam as principais bacias hídricas da cidade as que definiriam as unidades geográficas. Dessa forma, o sistema hídrico incrementa seu protagonismo no ordenamento e ecossistema da cidade. 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha 4. Tunjuelito. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

Uma revisão a outros instrumentos de ordenamento e de gestão dos recursos naturais no *Distrito Capital* permite evidenciar que esses têm visado principalmente à proteção dos *Cerros Orientales*⁵¹, das rondas dos rios e canais que fluem a céu aberto⁵², ao

⁵⁰ Segundo um informe sobre o estado dos recursos naturais no *Distrito* expelido pela *Contraloría* em 2006, 47.44% dos parques metropolitanos e zonais estabelecidos no POT nessa época não tinham um Plano Maestro. Informe Contraloría, 2006 p. 152.

⁵¹ Posteriores ao POT estão os seguintes estudos: Plano de ordenamento e manejo dos *Cerros Orientales* - POMCO 2004. Resolução 0463 de 2005. Plano de manejo da reserva florestal e protetora do *Bosque Oriental* de Bogotá, abril de 2006.

⁵² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 456 de 2008. *Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones*. Bogotá, 2008.

tratamento das águas contaminadas do *R. Bogotá*⁵³, e ao melhoramento na eficiência de operação de sistemas de saneamento básico⁵⁴. Porém, ainda falta ser percorrido um longo caminho, pois precisam ser revisadas as estratégias e concretizadas ações que realmente permitam a consolidação de um sistema e uma rede de conexão com os morros, o *R. Bogotá* e a estrutura ecológica regional – por meio dos corredores ecológicos propostos pelo POT – que contribuam positivamente aos processos ecológicos como o ciclo de água por meio de soluções criativas dentro da gestão inovadora das interfaces urbano-naturais⁵⁵, diminuindo a distância entre o conceito de EEU e a cidade construída. (Figura 8).

Figura 8 – A EEU proposta confrontada com a cidade construída.

A EEU da cidade de Bogotá segundo o POT (P1). Estado da rede hídrica principal (P2). O maior desafio que se apresenta para concretizar a ideia de Estrutura Ecológica Urbana é a recuperação dos corredores ecológicos tendo em conta que os rios da mesma, durante o processo de urbanização da Savana, foram canalizados e enterrados. Foto 1: (*R. San Francisco*), em outros casos canalizados com muros de concreto. Foto 2: e/ou controlados com taludes artificiais como no caso do *R. Bogotá*. Foto 3: Fonte: P-1. *Alcaldía de Bogotá POT*, P-2. Autor. Foto 3: *Villegas Ed.* [Fotos 1 e 2 do autor].

Neste sentido, é essencial incluir o conceito de bacia hidrográfica como unidade de análise e instrumento decisivo no ordenamento do território e aprofundar a reflexão e funcionamento da ideia da EEU no *Distrito Capital*. Para conseguir esse objetivo, é preciso

⁵³ POT em seu artigo 66 contempla o empreendimento de programas no marco do “*Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital*”, a saber: Programa de descontaminação do *R. Bogotá*, estudo de modelagem técnico-econômica e guia técnica para o controle ecoeficiente de água em arquitetura e urbanismo, e o programa de uso eficiente de água no setor produtivo. POT. Decreto 190 de 2004. Art. 66. *Plan de ordenamiento y control de la cuenca (POMCA)* del río Bogotá. Resolución CAR 3194 de 2006.

⁵⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2884 de 2007 “*Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA*”. Bogotá, 2007.

⁵⁵ Parafraseando Pellicer (1998). Se você estiver parafraseando um trecho específico, então tem que dar número de página. Se estiver parafraseando a ideia geral, então como está é suficiente.

recuperar a essência dos aportes de autores como van der Hammen e Pérez e ter em conta um par de conceitos que podem ajudar a enriquecer nossa compreensão e gestão sobre a EEU em Bogotá.

Em primeiro lugar, o conceito de paisagem, entendido como expressão sensível [perceptível] da mediação sociedade-natureza⁵⁶, mas também como produto concreto destas relações (BERQUE, 1998)⁵⁷. Esse enfoque implica uma complexa abordagem conceitual enquanto a paisagem é ao mesmo tempo a configuração, ou seja, o processo de construção de uma representação, e também conformação, isto é, processo de construção de sua materialidade (MAGNOLI, 1984)⁵⁸. Os processos da mediação entre a natureza e a sociedade podem ser estudados por intermédio dos padrões culturais⁵⁹ com os quais uma sociedade interpreta, interatua e intervém sobre os elementos naturais ao longo da história; por outro lado, a materialidade da paisagem pode ser estudada por intermédio da identificação dos padrões, a função e as transformações (mudanças) sucessivas na história (FORMAN, 1997)⁶⁰.

Em segundo lugar, o conceito de infraestrutura verde, que se assemelha a EEU em Bogotá, pois compreende “[...] o conjunto de espaços abertos ou áreas verdes que juntam o meio urbano com o campo vizinho” (PELLEGRINO, 2006) e constitui uma alternativa de aplicação dos conceitos da ecologia da paisagem nas áreas intensamente transformadas por processos urbanos. Esse conceito e sua aplicação, como no caso da EEU em Bogotá, oferecem a oportunidade de ir além das práticas do urbanismo convencional, ao incorporar o entendimento de funções relacionadas com a circulação, a acessibilidade, a permanência, a contemplação e a recreação das pessoas nas áreas verdes, assim como as funções de conexão de fragmentos de vegetação, o direcionamento de água com segurança (respeitando o ciclo de água, prevendo assim as enchentes e contaminação do solo e dos

⁵⁶ O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. Meinig (1978) diz que as paisagens mostram-se diferentes em função de quem as observa, dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar. MEINIG. In: **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982, p. 107.

⁵⁷ “A expressão sensível de uma *mediância*. Esta, por sua vez, revela o sentido da relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto maneiras de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) os espaços produzidos (isto é, as cidades e os campos historicamente formados)”. (BERQUE apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 488)

⁵⁸ Citado por SANDEVILLE, E. “Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos”. SANDEVILLE, E. In: **Paisagem Ambiente: Ensaio No. 21**, FAUUSP São Paulo, 2006 p. 92.

⁵⁹ Os padrões culturais variam com o tempo, “Considerando um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. SANTOS M. apud NEVES Ezia Socorro Cit. em: **Paisagem Ambiente e sociedade: Ensaio IV**. FAUUSP São Paulo, p. 108. SANTOS, Milton apud NEVES Ezia Socorro. **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, p. 108.

⁶⁰ FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997. (apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002)

corpos de água), o melhoramento de condições microclimáticas, a incorporação de atividades residenciais, educativas, laborais e de lazer, a conservação dos valores e a memória ambiental e estética de uma comunidade⁶¹.

Nesta ordem de ideias, é importante reconhecer a oportunidade que representam os parques urbanos (metropolitanos) - como elementos integrais da rede de EEU, ligados aos corredores ecológicos e às sub-bacias, enquanto contribuem para a consolidação de uma infraestrutura verde na cidade, considerando de maneira integrada os usos urbanos. (Figura 9). Os significados culturais, o melhoramento das condições de microclima, a circulação, a recreação e o equilíbrio com os elementos do ecossistema como o sistema hídrico.

Figura 9 – EEU – Os Parques Urbanos - Metropolitanos.

Todos os parques metropolitanos e a maioria dos parques setoriais estão localizados no centro e sul da cidade, que corresponde à área da população de estratos médio e baixo. O parque Metropolitano *Simón Bolívar* é o maior em extensão (113 ha) e o parque de *La Independencia* é o mais antigo (1910). Fonte: P-1 e Foto 1: autor; Foto 2: Sociedade de *Mejoras* e Ornato, Bogotá 1538-1938. Bogotá, 1938.

1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU

Como foi indicado nas páginas anteriores, os parques urbanos e os corredores ecológicos são considerados elementos que fazem parte da rede da EEU (Figura 10)⁶²: os parques, por serem áreas verdes de uso coletivo que possuem funções sociais, de lazer e de equilíbrio ambiental, e os corredores ecológicos por meio da várzea dos rios e das vias urbanas, cumprem uma função de conexão ecológica no interior do *Distrito Capital* e com a

⁶¹ PELLEGRINO, 2006, p. 59-60.

⁶² De acordo com o POT: “Os Parques *Distritales* correspondem àqueles espaços verdes de uso coletivo que atuam como reguladores do equilíbrio ambiental, são elementos representativos do patrimônio natural e garantem o espaço livre destinado ao entretenimento, contemplação e lazer para todos os habitantes da cidade. Organizam-se hierarquicamente e em forma de rede para garantir a cobertura da cidade toda, e envolvem funcionalmente os principais elementos da estrutura ecológica principal para melhorar as condições ambientais no território urbano todo”. POT Decreto 190 de 2004, Artigo 243.

região⁶³.

Os parques urbanos no Distrito Capital estão classificados seguindo o modelo, sob critérios de tamanho e uso, de forma que podem ser identificadas cinco categorias⁶⁴ vão da escala regional à escala de bairro. Em cada uma destacam-se as funções sociais, culturais, paisagísticas e ecológicas que têm essas porções do território.

De maneira consistente com o modelo planejado, os parques que têm uma importante função ambiental, social e paisagística, como os denominados metropolitanos em teoria⁶⁵, deveriam estar ligados aos corredores ecológicos viários ou das várzeas dos rios, garantindo dessa maneira a continuidade dos processos ecológicos. O Parque Terceiro Milênio pertence, segundo o modelo de ordenamento, à categoria de parques metropolitanos e, por conseguinte, os critérios de sua gestão, concepção e projeto deveriam ter coerência com esse modelo. Porém, sua localização deve ter conduzido os profissionais e gestores que fizeram sua implementação à necessidade de criar uma alternativa entre o modelo e a realidade da cidade construída.

O parque encontra-se localizado no centro da cidade, no ponto intermediário entre os *Cerros Orientales* – reserva ambiental da cidade⁶⁶ –, (Figura 11), e no começo do percurso a céu aberto – canal artificial – do R. *San Francisco* (*Carrera 24*), em uma área caracterizada por uma profunda degradação urbana, paisagística e social, onde confluem as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, que foram enterrados durante os processos de urbanização que datam de quase um século atrás; essas condições, sem dúvida alguma, devem ter imposto um desafio no que se refere à consolidação da EEU no centro da cidade e a concepção e desenho do parque, como peça fundamental desta estrutura.

⁶³ Os Corredores Ecológicos estão definidos assim: “São áreas verdes lineais que seguem as margens urbanas e os principais componentes da rede hídrica e rede viária arterial como parte do controle ambiental das mesmas e para incrementar a conexão ecológica entre os demais elementos da EEU, desde os *Cerros Orientales* até a Área de Controle Especial do rio Bogotá e entre as áreas rurais e as urbanas”. POT Decreto 190 de 2004 Artigo 98.

⁶⁴ Como anteriormente indicado, três destas categorias estão classificadas segundo o POT como parte da EEU, onde predomina nelas uma função ecológica, e as outras duas categorias (parques de vizinhança e de *bolsillo*) estão classificadas como parte do sistema de *espacio público*, já que nestas predominam os usos de recreação passiva ou ativa em nível local.

⁶⁵ Definidos pelo POT, como áreas livres que cobrem uma superfície superior a 10 hectares, destinados ao desenvolvimento de usos recreativos ativos e/ou passivos e à geração de valores paisagísticos e ambientais, cuja área de influência abarca o território da cidade toda. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 243. Numeral 2. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁶⁶ “Os *Cerros*, segundo o POT conjuntamente com o rio Bogotá e os solos rurais do D.C. conformam um contínuo ambiental e protegido ao redor da cidade, cuja finalidade principal é evitar os processos de conurbação com os municípios vizinhos” ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 469 de 2003. Artigo 16. *Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C.* Bogotá, 23 dic. 2003.

Figura 10 – Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.

Os parques urbanos incluem além destas, outras duas categorias de parques de menor escala que não estão incluídas na EEU segundo o POT, mas fazem parte do Sistema de Espaço Público (livre). Art. 243 Dec. 190 2004. São eles: os parques de vizinhança – áreas livres, destinadas à recreação, reunião e integração da comunidade, que cobrem as necessidades dos bairros; e os parques *de bolsillo*, áreas livres com uma modalidade de parque de escala de vizinhança, que têm uma área inferior a 1.000 m², destinada fundamentalmente à recreação de crianças e pessoas da terceira idade. O presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Para poder entender o que significou esse desafio, é preciso, antes de tudo, aprofundar-se em uma compreensão da cidade e desta área sob o conceito de paisagem e infraestrutura verde, em perspectiva histórica, tendo em conta principalmente a bacia

hidrográfica como unidade de análise; em segundo lugar, analisar quais foram os critérios ambientais e paisagísticos com os quais foi concebido e desenhado o Parque Terceiro Milênio, a fim de identificar as dificuldades ou desafios que ainda deveriam ser assumidos; em terceiro lugar, fazer um delineamento das ferramentas de reflexão e estratégias que poderiam contribuir para uma maior aplicação do conceito da EEU no Parque Terceiro Milênio. O conteúdo das páginas seguintes procurará cobrir esses temas, com a intenção de oferecer algumas reflexões que poderiam ser úteis na academia e na gestão do modelo de ordenamento territorial do *Distrito Capital*.

Figura 11 – Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.

P-1. Centro de Bogotá: 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *Bolívar* (Centro Histórico). 3. Centro Internacional. 4. Cidade Universitária. 5. *Ciudadela* da saúde. 6. R. *Fucha*. P-2. Setor *San Victorino*. 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *San Victorino*. 3. Parque dos *Mártires*. Fonte: Google Earth.

2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.

“¡Tierra buena!! Tierra buena! / ¡Tierra que pon fin a nuestra pena! /
 ¡Tierra de oro, tierra abastecida, / tierra para hacer perpetua casa, /
 tierra con abundancia de comida / tierra de grandes pueblos, tierra rasa, /
 tierra donde se ve gente vestida, / tierra de bendición, clara y serna, /
 tierra que pone fin a nuestra pena!”
 Juan de Castellanos

A cidade de Bogotá está localizada na Cordilheira Oriental da Colômbia sobre um altiplano que teve como origem um antigo mar “A Savana de Bogotá originou-se a partir de um grande lago conhecido como “*Mar de Humboldt*”⁶⁷, que data de aproximadamente 40.000 anos”. Segundo a mitologia *Muisca*⁶⁸, foi *Bochica*⁶⁹ quem, com uma varinha, drenou o lago no lugar conhecido como “*Salto de Tequendama*”⁷⁰. (Figura 12). Dando origem ao cenário natural atual.

Figura 12 – *Mar de Humboldt* – “*Salto de Tequendama*”.

Quando chegaram os espanhóis, a Savana “era um conjunto de grande lagos e pequenos pântanos que avançavam em direção ao *R. Bogotá* e uma dezena de rios que recolhiam também mais de sessenta pequenos rios e riachos que vinham dos morros da capital”. *Contraloría de Bogotá*, 2001. O *Salto de Tequendama* é uma cachoeira natural (com 157m de altitude) formada pelo *R. Bogotá* na parte baixa da Savana de Bogotá. Foto 1: Fredy Gómez. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

⁶⁷ No começo do período *Cuaternario*, “O rico Planalto de Bogotá estava coberto por águas, que formavam um grande lago, de mais de 25.000 km quadrados de extensão”. (VAN DER HAMMEN & GONZÁLEZ, 1963).

⁶⁸ Assim chamaram os espanhóis aos aborígenes da Savana, ao distorcer a voz indígena “muexca” (homem) por mosca - abundam como moscas - que depois transformou-se em *Muisca*. Estes pertenciam ao grupo linguístico dos *Chibchas*, grupo com influência na área compreendida entre Centro América e o norte do Peru. (IRIARTE, 1988, p. 19)

⁶⁹ *Bochica*, *Nenquetebe* o *Zuhé*, deus da mitologia *Muisca*, encarregado de regular a chuva. Atribui-se a ele a origem do *Salto del Tequendama*.

⁷⁰ A versão do cronista Lucas Fernández é a seguinte: “Do *Bochica* referem em particular muitos benefícios que fez pra eles, como por exemplo, as inundações do rio *Funza* (Bogotá) onde intervir a arte de *Huythaca*, se alagou a Savana ou pampa de Bogotá [...] até que chegou o *Bochica* e com uma bengala ferindo numa serrania, abriu caminho às águas... e se formou o *Salto de Tequendama*”.

FERNANDEZ, Lucas apud RODRIGUES, Camilo et al. *El agua, en la Historia de Bogotá*. Bogotá: EAAB-VILLEGAS Ed., tomo I, 2003, p. 49.

2.1 Cenário natural da cidade

A Savana de Bogotá e seus primeiros moradores

Os conquistadores encontraram um cenário perfeito para se acomodar na Savana de Bogotá: terras planas e cultivadas, água em abundância (rios, lagos e zonas úmidas), riqueza em comida, sal, ouro e esmeraldas, e uma população organizada social e economicamente, em termos sociopolíticos, por meio de aldeias hierarquizadas e centralizadas, em quatro confederações *Bacata* (Bogotá), *Hunza* (Tunja), *Tundama* (Duitama) e *Sugamuxi* (Sogamoso⁷¹). Em termos econômicos, a partir dos povos vinculados ao comércio do sal - *Teusa*, *Nemocón* e *Zipaquirá* - e em termos agrícolas e religiosos, a partir dos corpos de água.

Os povoados *Muisca* estavam localizados perto dos rios e dos lugares alagadiços, com fins de aproveitamento agrícola⁷²; o sucesso das safras foi associado com a ação de água, e em consequência esta adquiriu um caráter sagrado, como provedora de vida e fertilidade. Assim, diversos eventos e rituais da vida dos nativos tinham como elemento central a deusa da água *Sie* ou *Sai*; o nascimento, a puberdade da mulher, a cerimônia de “[...] correr a terra, a consagração do *Jeque*⁷³ e a morte do *Cacique* tinham rituais relacionados com a água”⁷⁴. (Figura 13).

É preciso descrever brevemente dois desses eventos, para ilustrar o significado que tinha a água entre os *Muisca*: o primeiro tinha relação com o nascimento dos filhos; “Quando – as mulheres – vão a parir, fogem se conseguem das pessoas e vão se esconder perto de um rio, para em parindo [sic] entrar nele e se lavar junto com o seu parto”⁷⁵, depois de dar a luz, consagravam o recém-nascido à deusa *Sie* por meio de um ritual. O segundo era feito quando os *Caciques* comemoravam uma festa em homenagem à água: os homens realizavam um percurso, partindo da lagoa de *Ubaque*⁷⁶. Ao finalizar o percurso, todos os

⁷¹ A confederação de Bogotá era a mais poderosa e maior do território *Muisca* à chegada dos espanhóis, mas parece que este domínio se conseguiu poucos anos antes da conquista do *Cacique Suguanmachica* (1470-1490), que começou a expandir seu território por meio de campanhas bélicas contra *Fusagasugá*, *Guatavita*, *Ubaque* e *Tunja*. (ZAMBRANO, 1998)

⁷² Eidt, R. comprovou na Savana a existência de *camellones* que J. J. Parsons encontrou como antigos “*campos de cultivos*” nas serranias aluviais e alagadiças do rio *San Jorge* (Cultura *Sinú*). (GUHL, 1981)

⁷³ A estrutura social dos *Muisca* estava conformada por: os *Zipas* que ocupavam a parte superior da pirâmide social, seguidos pelos *Caciques*, que estavam encarregados de governar as confederações; depois estão os sacerdotes *Jeques* representantes da classe religiosa; depois os guerreiros e por último os artesãos, costureiros, trabalhadores das minas e do campo. Disponível em: <http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm>. Último acesso em: 21 fev. 2009.

⁷⁴ (EAAB, 2003, tomo I, p. 40)

⁷⁵ SIMÓN, Pedro apud PATINO, 1993, passim.

⁷⁶ “Saíam do vale de *Ubaque* e toda aquela terra, com as pessoas da Savana Grande de Bogotá, começavam estação desde a lagoa de *Ubaque*. Os habitantes de *Guatavita* e todos os demais daqueles vales, e os que vinham da jurisdição de *Tunja*,

Caciques, capitães e demais indígenas reuniam-se na lagoa de *Guatavita*⁷⁷ para continuar as festividades durante três dias.

Figura 13 – Território e Lagoas Sagradas da Cultura Muisca.

O território *Muisca* (Linha vermelha) abarcou boa parte do altiplano *Cundi-boyacense* (Cor verde) do qual faz parte a bacia alta do *R. Bogotá* (cor verde escura). Em preto, a área ocupada por Bogotá. No setor leste da Savana (*Cerros Orientales*) destaca-se a constelação de Lagoas Sagradas: 1. *Ubaque*; 2. *El Verjón (Teusacá)*; 3. *Siecha*; 4. *Guasca*; e 5. *Guatavita*. A lagoa de *Iguaque* (6), gênese da vida *Muisca*, está localizada na área central do altiplano. [Plano 1 elaborado pelo autor, baseado em Plano de Botiva Contreras].

Os cinco lugares sagrados onde os *Muisca*s consagravam-se a suas divindades aquáticas são: as lagoas de *Guatavita*, *Guasca*, *Siecha*, *Teusacá* e *Ubaque*⁷⁸. Segundo a mitologia *Muisca*, a criação dos homens estava associada à lagoa de Iguaque. Foi ali onde tinha saído à madre *Bachué* com um menino que, quando adulto, teve com ela centenas de filhos, que povoaram o mundo⁷⁹.

Entre os *Muisca*s, a água não teve somente um valor como recurso indispensável para a agricultura e como deidade vinculada a diversos rituais, mas como elemento com propriedades terapêuticas. As noções *Muisca*s sobre a água como elemento sagrado, e como líquido com propriedades terapêuticas⁸⁰, perderam importância com a chegada dos

vassallos de *Ramiriquí*, a começavam desde a lagoa grande de *Guatavita*". SIMÓN, Pedro apud Triana (EAAB, 2003, tomo I, p. 41)

⁷⁷ Situada a 75 km de Bogotá, numa altitude de 2.688 manm, faz parte do grupo de lagoas *sagradas* "Algumas pequenas lagoas regadas na mesa recordam a existência do antigo mar. Tais são as de *Guatavita* e *Guasca* ou *Siecha*, rodeadas de *derrumbes* quase desprovidos de vegetação. Estas foram antes águas sagradas, e os *Caciques* e os *sacerdotes*, seguidos pela multidão dos adoradores, a passeio nelas em balsas, para honrar os gênios e lhes oferecer presentes." (RECLUS, 1958, passim).

⁷⁸ RESTREPO, Vicente. *Los Chibchas antes de la conquista Española*. Bogotá: Imprenta La Luz, 1895. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 38.

⁷⁹ LONDOÑO, 2008.

⁸⁰ EAAB, 2003, tomo I, p. 52.

espanhóis, que tinham uma relação com a água determinada em boa parte por uma visão utilitária, como poderá ser observado posteriormente.

Sob as características antes descritas e os padrões culturais dos *Muiscas* com relação à água – quando chegaram os espanhóis – a Savana ainda era uma área pantanosa; além dos corredores de vegetação que acompanhavam os leitos dos rios, desenvolviam-se manchas de um bosque leve⁸¹ e manchas de água conformadas por pântanos e extensos lagos, que modificavam seu tamanho segundo a época do ano e período de chuvas: março-abril-maio e setembro-outubro-novembro, e períodos secos: dezembro-janeiro-fevereiro e junho-julho-agosto, e estavam geralmente cobertos por uma abundante vegetação nativa⁸².

A estes corredores e manchas de água e vegetação somavam-se manchas e superfícies, produto da antropização da paisagem⁸³, constituídas pelas confederações de *Sugamuxi*, *Hunza*, e *Bacata* (Bogotá), essa última confederação que possivelmente contaria com aldeias como *Suba*, *Tuna*, *Tibabuyes*, *Usaquén*, *Teusaquillo*, *Cota*, *Engativá*, *Bacata* (*Funza*), *Fontibón*, *Techo*, *Bosa* e *Soacha*⁸⁴, com *Bohíos*⁸⁵ e *Camellones*⁸⁶, de campos de cultivo, e uma população aproximada de 500 mil habitantes⁸⁷. Os corredores de água partiam da mancha verde que ocupava os morros circundantes, onde se desenvolvia um bosque andino, denso, alto vigoroso e concluíam no grande corredor do *R. Bogotá*, que percorria de norte a sul pela linha média da Savana de Bogotá. (Figura 14).

Como foi dito na seção anterior, a Savana de Bogotá tem 15 bacias que drenam seu território; sobre o extremo sudeste da Savana, na porção que ocupa atualmente a cidade de Bogotá, distinguem-se quatro bacias, (Figura 15). A primeira, localizada na zona norte, que corresponde a *Torca*, onde estão os riachos de *Bárbara* o *Trujillo*, *Delicias del Carmen*, *El Cóndor*, *El Cedro*, *San Cristobal*, *La Cita*, *La Floresta* e *Torca*. A segunda, correspondente ao *Salitre*, onde nascem os riachos do *Arzobispo*, *Las Delicias*, *La Vieja*, *Los Rosales*, *Los*

⁸¹ “A Savana mesma era um lago, depois um pântano e não tem sido capaz de sustentar um bosque desenvolvido alto e vigoroso”. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸² Vegetação de: *Sauces*, (*Sambucus nigra* L) *Cortaderas*, (*Gynerium sagittatum*), *Plegadera* (*Lachemilla aphanoides*), *retama*, (*Citissus* Sp) *Espadilla* (*Gladiolus*), *Juncos* (*Schenoplectus Californicus*), *Buchón de agua* (*Eichhornia crassipes*), *Totorá* (*Typha latifolia*), *Cebolleta de pantano* (*Allium neopolitanum*), *Poleo* (*Satureia brownei* Sw) e *Cola de caballo* (*Equisetum bogotense* Kunth).

⁸³ Segundo Ghul, o espaço disponível para assentamentos humanos permanentes teve que ser limitado. “Ainda que os espanhóis (Jenny 1948) encontraram a Savana de Bogotá carente de árvores, há razões fundadas para acreditar que a vegetação de prados é antropogénica e não devida a fatores ecológicos e que a vegetação primitiva e original foi predominantemente *boscosa*”⁸³. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸⁴ Aldeias em sua maioria localizadas sobre a superfície que hoje ocupa Bogotá, e seus municípios anexos como *Soacha*, *Funza*, *Cota* e *Chía*; com os que se dão atualmente fenômenos de conurbação.

⁸⁵ *Bohío*: *Cabana de madeira coberta de canas, ramas ou palha*. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁸⁶ “O vocábulo ‘*camellón*’ deriva de ‘*camello*’, que significa lombo de terra que fica entre sulco e sulco do arado.” (CARRASQUILLA, 1989, p. 206)

⁸⁷ RECHEL-DOLMATOFF, 1984, p 97.

Molinos, La Carrera (R. Negro), Usaquén (Q. La Perdida). A terceira, *Fucha*, correspondente à parte sul dos *Cerros Orientales*, desde o páramo da *Cruz Verde* até *Monserate*, área na qual, entre outros, nascem os rios *San Cristóbal* e *San Francisco*, que recebe os afluentes de riachos como o de *San Bruno, La Cabaña, La Osa, Plazuela, Laureles, San Blas* e *Ramajal* e o *R. San Agustín*, que nasce no morro de *Guadalupe*. A quarta, correspondente a *Tunjuelo*, cuja nascente está na lagoa dos *Tunjos*. Duas bacias unem-se aos anteriores: o sistema conformado pelo *H. La Conejera* situado ao noroeste da cidade, que corresponde à vazão proveniente do *Cerro de Suba*; e o sistema correspondente ao vale do *R. Teusacá* cuja nascente está no *Páramo del Verjón* e dirige-se ao nordeste para o Vale de *Sopó*⁸⁸.

Vegetação potencial da bacia alta do <i>R. Bogotá</i> (Savana de Bogotá)	
<i>Páramo</i>	Limite <i>Bosque Andino</i> e de páramo, Zona Baixa de páramo, <i>Paramerización</i>
<i>Bosque Andino</i> alto	<i>Bosque encenillo</i> (<i>Weinmannia tomentosa</i>).
<i>Bosque Andino</i> baixo	<i>Bosque Corono</i> (<i>xylosma spiculiferum</i>), <i>Espino</i> (<i>Duranta mutisii</i>) e <i>Raque</i> (<i>Vallea stipularis</i>), <i>Bosque</i> da Planície de <i>Palo Blanco</i> (<i>Rosedendrom donell smithii</i>), <i>Raque</i> e <i>Arrayán</i> (<i>Myrcianthes leucoxylla</i>), <i>Bosque</i> de <i>Mano de Oso</i> (<i>Oreopanax floribundum</i>) e <i>Gomo</i> (<i>Cordia</i>), <i>Bosque Roble</i> (<i>Tabebuia rósea</i>).
Vegetação Zonas secas	Moita <i>Tuna</i> (<i>Opuntia ficus</i>) e <i>Hayuelo</i> (<i>Dodonea viscosa</i> , Moita ou <i>Bosque</i> baixo de <i>Espino</i> e <i>Condalia</i> .
<i>Bosque</i> Z. Inundáveis	<i>Bosque</i> Inundável de <i>Aliso</i> (<i>Alnus glutinosa</i>), Moita Inundável de <i>Laurel</i> <i>Laurus nobilis</i>
Vegetação Z. Úmidas	Comunidades de <i>Juncos</i> , <i>Enea</i> etc. Comunidades flutuantes de <i>Buchón</i> (<i>Eichhornia crassipes</i>), Comunidades de vegetação submersas.

Figura 14 – Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.

A mancha verde dos *Cerros Orientales* estava constituída por vegetação de *Paramo*, *Bosque Andino* Alto e Baixo. Os corredores verdes eram constituídos por vegetação de zonas secas, bosques inundáveis e vegetação de zonas úmidas. Infelizmente restaram apenas pequenos redutos da vegetação original. O presente quadro complementa-se com a figura 3.

⁸⁸ A identificação das bacias tem sido realizada a partir dos documentos: “*Cerros de Bogotá*” VILLEGAS Ed. p. 99, e anotações obtidas de cartografia por parte do autor do presente trabalho.

Figura 15 – Bacias hidrográficas de Bogotá.

A cidade tem quatro bacias principais (P-1): 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha e 4. Tunjuelito. Dentro da bacia do Fucha (P-2) situa-se a sub-bacia do R. San Francisco (cor verde escura) 1. R. San Francisco, 2. R. Fucha. Sobre a bacia do R. San Francisco localiza-se a zona histórica da cidade e o Parque Terceiro Milênio-PTM (P-3): 1. Q. San Diego, 2. R. San Francisco, 3. R. San Agustín, 4. R. San Cristóbal. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

Os novos ocupantes da Savana. Fundação e colônia.

Jiménez de Quesada fundou em 1.538 a cidade de *Santafé de Bogotá*, junto aos *Cerros Orientales* e do lado do riacho de *San Bruno* – afluente do R. San Francisco – na área de *Teusaquillo*, lugar de lazer dos *Zipas*⁸⁹, fornecida com abundante água, lenha e terras férteis, conforme as prescrições de fundação de povoados⁹⁰. Os *Cerros Orientales* foram aproveitados como barreira natural de proteção frente aos ventos predominantes, como ponto de vigilância para se prevenir frente aos possíveis ataques dos inimigos⁹¹ e como fonte de extração de madeiras, material indispensável para a construção das edificações e a produção de energia calórica.

⁸⁹ O soberano mais importante foi o *Zipa*, que morava em *Bacatá* (*Funza*); era venerado por seus súditos, possuía grandes riquezas, joias e usufruía de casas de recreio sendo a de *Teusaquillo* a mais importante. (IRIARTE, 1988 p. 31)

⁹⁰ Estas orientações seriam recolhidas e formalizadas pela “*Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias...*”. Apesar de que as *Ordenanzas* de fundação de povoados de Felipe II foram expelidas em 1573, consideram-se também aplicáveis ao caso *bogotano*, pois apesar da diferença de 35 anos entre a fundação de Bogotá (1538) e a expedição das leis, seus lineamentos em matéria de traçado e aproveitamento dos recursos naturais vinham sendo aplicados nas fundações espanholas. (MILAGROS, 1985)

⁹¹ “O que maravilhou aos conquistadores do território *Muisca*, segundo as crônicas a respeito, foi a Savana, não os morros. De fato os primeiros acampamentos espanhóis se levantaram na Savana e somente foi sua preocupante vulnerabilidade o que os levou a trocar de lugar. Assim, a primeira valoração que os espanhóis deram aos *Cerros Orientales* deveu-se à possibilidade de aproveitar suas características topográficas para se proteger.” (VILLEGAS Ed, 2000, p. 125)

Enquanto o assentamento dos povoados indígenas estava localizado nas áreas próximas aos vales de inundação, onde podia ter um aproveitamento agrícola por meio de sistemas de drenagem e camellones, na fundação espanhola escolheu-se um lugar no qual houvesse proximidade aos corpos de água, mas distante das zonas de inundação. O traçado da cidade teve como suporte uma estrutura em xadrez (quadrícula de 100x100 *jardas*⁹²) na qual o espaço central correspondia à Praça Maior, ao redor desta construíam-se as edificações do poder religioso, político e econômico⁹³. O novo assentamento estava localizado entre os rios *San Francisco* e *San Agustín*, que tinham a função de delimitar naturalmente e também de dar água à população recém-assentada.

Como foi mencionado anteriormente, para os espanhóis, os rios tiveram um valor meramente utilitário. As ordenanças de fundação de populações prescreviam o seguinte em relação à proximidade da cidade com os corpos de água: “Procurem ter água por perto, e que possa ser levada ao povo e *heredades*⁹⁴, derivando-a, se for possível, para melhor aproveitamento da mesma”⁹⁵. (Figura 16).

Conforme as ordenanças, as partes altas dos rios foram aproveitadas para a movimentação de moinhos e os primeiros precários aquedutos da cidade: no fim do século XVII, a cidade contava com a água da pila da Praça Maior, que recebia água dos rios *San Agustín* e *Fucha*, “o chafariz de *San Agustín* derivado da *Q. La Peña*, o chafariz de *San Juanito*, alimentado pelo *R. Arzobispo* e também era abastecido por este mesmo rio o chafariz de *Las Nieves*”⁹⁶. Nesta metade do século XVIII, construiu-se o aqueduto que recebeu o nome de Água Nova⁹⁷, que tomou suas águas da sub-bacia alta do *R. San Francisco*.

Nas partes baixas, apesar de acordos da Real Audiência⁹⁸ para evitar o deterioramento da água⁹⁹, os rios foram convertidos em cloacas, depósito de lixo e fezes.

⁹² *Jarda*, medida *anglosajona* equivalente a 0.9 metros. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁹³ “A Praça tem tido na história de Ocidente um claro valor comunitário: tem sido, e ainda é em muitos casos, o lugar para o encontro da comunidade ou de alguns setores especializados dela. [...] A praça é um âmbito público, geralmente descoberto, expressão da escala urbana [...]”. A praça é a herança que deixou na América o traçado da cidade romana: o plano da cidade baseia-se no cruzamento ortogonal de dois eixos: o *Cardo* e o *Decumanu*, em cujo cruzamento define-se um ponto central da cidade. A partir de sua disposição define-se o restante da traça que contém um sistema de espaços públicos, onde os foros conformavam um sistema em que se incorporavam numerosas praças e espaços abertos com prédios monumentais. Em ditos espaços abertos desenvolvia-se a vida pública do cidadão em todas as suas manifestações. (PERGOLIS, 2002, p. 14 e 26)

⁹⁴ *Heredades. Carrasquilla*.

⁹⁵ Livro IV, Título VII, lei primeira. Recompilação de leis dos *Reynos das Índias*. Boix Editor. Madrid, 1841, p. 102. A primeira recompilação das leis foi publicada em 1680. (EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60)

⁹⁶ EAAB, 2003, tomo I, p. 89.

⁹⁷ O aqueduto dos *Laureles* passou a ser chamado de Água Velha.

⁹⁸ A Real Audiência de *Santafé* de Bogotá foi inaugurada no dia 7 de abril de 1550 para concentrar o poder de governar o território e a administração da justiça real no âmbito de sua jurisdição, e substituiu a autoridade do governador pela de um corpo colegiado composto por seus magistrados. A Audiência governou como tal até 1563. (MAYORGA, 2002)

Com o crescimento da cidade, as edificações foram se ajustando e se acomodando ao formato do percurso do rio, sem uma solução diferente à de oferecer a este suas empenas cegas, ficando somente um talude em deficientes condições de higiene como espaço de transição entre a edificação e o leito ou fluxo da água do rio. Por outro lado, as terras próximas aos pântanos e às zonas úmidas não foram ocupadas pelos espanhóis devido ao fato de que, em período de chuvas, inundariam a cidade e também eram consideradas foco de animais venenosos. Sobre este último aspecto, as prescrições de fundação de povoados estipulavam: “Ordenamos que o terreno e cercanias [...] não tenham por perto lagoas nem pântanos onde se criem animais venenosos”¹⁰⁰.

Figura 16 – Relação da cidade com seus corpos de água. Colômbia.

No final do Século XVIII a cidade tinha superado a barreira natural de seus corpos de água (rios *San Francisco* e *San Agustín*) (P-1). Os corpos de água sofrem a ocupação de suas rondas (Imagem 1) e a diminuição do volume de água, produto do alto desmatamento dos *Cerros Orientales* (Imagem 2). Plano 1: “Vista da parte ocidental da cidade de *Santafé*”, de Joseph Aparicio Morata, 1772. Imagem 1: Óleo “Vista do R. *San Francisco*”, de Luis Núñez Borda, 1910. Imagem 2: Pintura “Savana de Bogotá”, de Roberto Pizarro, 1915.

Os espanhóis tinham a mesma percepção negativa sobre os bosques que ocupavam os morros, considerando-os uma fonte de pestilência e doenças¹⁰¹. Este bosque foi desaparecendo progressivamente devido à extração da vegetação, pois a lenha desta

⁹⁹ A primeira norma de proteção dos corpos de água em Bogotá foi o Acordo 8 de março de 1557 no qual se ordenava, entre outras coisas, que “em dito rio [*San Francisco*] não lavem, nem joguem, nem deixem jogar nenhum tipo de imundícias, antes o proibam e mandem as penas que acharem melhor [...]”. (EAAB, 2003, tomo I, p. 65)

¹⁰⁰ Livro IV, Título VII, lei primeira. “*Recopilación de Leyes de los Reynos de las Indias*”. Madrid: Boix Editor, 1841, p. 102. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60.

¹⁰¹ “Juan de Castellanos, em 1520, considerou que o bosque nativo era um criadouro de pestilências e encarregou várias quadrilhas de destruí-lo; em 1575, o governo espanhol empreendeu uma perseguição contra os *Nogales* (*juglandaceae Juglans*), por ser a árvore que os indígenas adoravam”. (MOLINA, 1997, passim)

vegetação era um material indispensável para a construção e a produção de energia calórica. Em meados do século XVI estabeleceu-se um serviço obrigatório de *Mita de Leña*¹⁰², que foi posteriormente abolido e trocado pelo serviço de *leñateros* independentes.

Os padrões culturais de relação utilitária entre os novos povoadores com os corpos de água e o recurso florestal determinaram de maneira significativa as características particulares da paisagem durante os três séculos seguintes.

No fim do século XVIII, embora na paisagem fossem predominantes as manchas da vegetação dos depredados *Cerros Orientales*, os corpos de água e os corredores conformados pelas quatro bacias. As duas várzeas dos rios *San Francisco* e *San Agustín* encontravam-se já flanqueadas por uma mancha urbana medianamente homogênea e compacta¹⁰³ que somente estava interrompida pelo percurso destes rios, expandindo-se e diluindo-se na Savana de Bogotá. A *Q. San Deigo* ou *Burburata* ao norte, e a *Q. San Juanito* ao sul atuaram como novos limites naturais. Além dessa mancha na cidade, que se diluía com seus hortos sobre a Savana, localizavam-se as áreas de caráter rural, primeiro os *Ejidos* e *Dehesas*¹⁰⁴, depois os povos de índios¹⁰⁵ de *Suba*, *Usaquén*, *Tunjuelo*, *Fontibón*, *Soacha*, os quais estavam sob o domínio da Coroa Espanhola.

Na paisagem do fim do século XVIII, sobre a Savana de Bogotá evidenciavam-se alguns corredores de mobilidade sobre o território. Estes melhoraram com a construção de *camellones* destinados a facilitar o transporte de pessoas e mercadorias de e para as cidades e povoados do Novo Reino. Sua execução teve como finalidade mitigar¹⁰⁶ o efeito das inundações durante os períodos de chuva: ao norte, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usaquén-Zipaquirá-Tunja*, que posteriormente complementou-se com o *Camellón del Norte* (hoje, Autopista Norte), traçado com cinco varas de largura (4 m) e em linha reta de *San*

¹⁰² Serviço obrigatório exigido às comunidades indígenas, para aportar à cidade, uma cota determinada em cargas de lenha. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 139-140)

¹⁰³ É importante esclarecer dois fatores que faziam que esta mancha não fosse em termos absolutos compacta e homogênea: Por um lado, a tipologia das moradias coloniais corresponde à de casa de pátio, a qual continha no seu interior pequenos hortos ou jardins de caráter doméstico, e por outro lado, ademais havia numerosos hortos que aumentavam sua frequência, conforme a cidade diluía-se na Savana.

¹⁰⁴ O *Ejido* e a *Dehesa*, “[...] campos sem cultivar adjacentes com os lotes da cidade, utilizados para recreação dos vizinhos e como terra de gramados [...]”. (AGUILERA, 1977, p. 37)

Em sua sessão de 12 de janeiro de 1571, o *cabildo* estipulou os limites para a *dehesa* e o *ejido* de Bogotá. (CARRASQUILLA, 1989, p. 21)

¹⁰⁵ O processo de colonização marcou como estratégia para a ocupação e controle do território a fundação de “povoados de brancos” (espanhóis) e “povoados de índios”. A ordenança 36 das leis *de índias* diz: “E que sejam povoados de índios e naturais a quem se possa pregar o evangelho, pois este é o principal fim para que mandassem fazer os novos descobrimentos e povoados”. (GUZMAN, 1987, p. 24)

¹⁰⁶ Apesar dos esforços técnicos, nos períodos de inverno, o *Camellón* do Norte e o *Camellón* de Ocidente convertiam-se em lodaçais durante o período de chuvas.

Diego (Bogotá) até a Ponte do *Común*¹⁰⁷ (*Chía*); no oeste, consolidou-se o caminho *Bogotá-Fontibón-Honda*¹⁰⁸ (hoje, *Av. Jiménez* ou *Calle 13*); no sul, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usme- Llanos Orientales* (hoje, *Av. Caracas*); no noroeste, os caminhos *Bogotá-Suba* e *Bogotá-Engativá*; finalmente, no sudoeste, o caminho *Bogotá-Soacha – Fusagasugá* (hoje, Autopista Sul).

O *Camellón* do Norte tornou-se a primeira obra de infraestrutura que alterou o sistema hídrico da cidade ao subdividir uma zona úmida e impedir a continuidade dos corpos de água que desciam dos morros. Para sua construção – parcialmente concluída em 1807 – foi necessário elevar o terreno para encher os sulcos deixados pelos corpos de água que atravessavam o caminho¹⁰⁹. Em um plano de 1805, evidencia-se o traçado do *Camellón* do Norte, atravessando sobre 15 corpos de água que compreendiam vários rios, riachos e as zonas úmidas de *Torca* e *Guaymaral*¹¹⁰.

2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural

Os rios são poluídos. Cidade nuclear. Independência e república.

O início do século XIX marcou o fim da colônia; em 1810 deu-se a independência do país, que foi confirmada em 1819. Este fato não marcou nenhuma transformação no que se refere ao tema central deste documento, enquanto a mancha urbana continuou crescendo com a mesma inércia da colônia e a atitude frente ao entorno natural manteve as mesmas práticas negativas que tanto dano causaram ao ecossistema original. (Figura 17).

Como mencionado anteriormente, durante os séculos XVI ao XVIII, executaram-se obras para a construção de caminhos e *camellones*, entre os quais se destacou o *Camellón* do Norte; porém, devido ao fato de que os *camellones* foram construídos sobre áreas de inundação, os povoadores espanhóis e seus descendentes *criollos*¹¹¹ foram obrigados a

¹⁰⁷ Esta foi a única obra de infraestrutura de transporte herdada do período colonial. Atualmente seu traçado corresponde ao da *Carrera 13* e *Autopista Norte*.

¹⁰⁸ Este caminho foi adequado como *camellón* durante o século XVI, cuja construção foi motivada por enchentes do *R. Bogotá*. “Estava o rio tão crescido por esses dias que chegava até *Techo*, junto ao que tem *Juana de Aranda* por estância. Era tão grande a enchente que não havia caminho livre por onde passar, e para ir desta cidade (*Santafé de Bogotá*) a *Techo*, havia tanta água e tantos pântanos [...]”. Era necessário atravessar para o ocidente com ajuda de balsas. (FREILE, 1926, p. 114)

¹⁰⁹ CARRASQUILLA, 1989, p. 206.

¹¹⁰ “Plano em que se manifesta o caminho que passa por *Usaquén* e novamente projetado em *Derechura* (linha reta)”. Arquivo General da Nação. Bogotá: 1805.

¹¹¹ “*Criollo* (do português *crioulo*, e este de criar) é um termo que historicamente foi utilizado no passado colonial sob a metrópole espanhola para designar ao habitante nascido na América de descendência exclusivamente de padres espanhóis ou de origem espanhola. Em meados do século XVIII controlavam boa parte do comércio e da propriedade agrária, pelo que tinham um grande poder econômico e uma grande consideração social, mas estavam deslocados dos principais cargos políticos

enfrentar as impetuosas águas dos rios que inevitavelmente reclamavam seu vale original de inundação durante os períodos de chuvas. Era assim que o *Camellón* do Norte inundava-se nas épocas de inverno, razão pela qual durante a segunda década do século XIX, ele tinha sido abandonado pelas *recuas*¹¹² e os ginetes¹¹³. Por outro lado, as enchentes dos rios produziam grandes estragos, entre os quais se incluíam a morte de alguns animais domésticos, a destruição ou danos ocasionados nas pontes e a inundação das ruas e edificações da cidade¹¹⁴. Vale a pena salientar neste ponto que, para a condução das águas de chuva, criou-se na cidade, em 1890, o Ramo das Águas Sujas e dispuseram-se alguns mandatos com relação ao controle das águas de chuva¹¹⁵.

Figura 17 – Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.

Para a época da Independência (1810), a cidade contava com 21.000 habitantes e ocupava uma área de 241 ha (Densidade 87.1 hab./ha). Seu crescimento era lento e compacto (P-1). A cidade mantém como eixos principais os caminhos coloniais (P-2) 1. Do sal - Tunja, 2. “*Camellón* do Norte”, 3. Suba, 4. Engativá, 5. Fontibón, 6. Soacha, 7. Usme. Destes três destacam-se: o caminho a Tunja, *Calle Real* (1) chegando à Praça Maior e duas alamedas que têm como ponto de convergência a Praça de San Victorino. A alameda velha, “*Camellón* do Norte” (2) e a alameda nova, caminho a Fontibon, (3) plano (P-3). Plano 1: Carlos Francisco Cabrer, 1797. Plano 3: Julio C. Vergara e Vergara, 1921. [Plano 2 feito pelo autor].

a favor dos nascidos na Espanha. Qualificava-se também de *criollo* o indivíduo nascido de *criollos*”. Disponível em: <www.wikipedia.com>. Último acesso em: 17 mar. 2009.

¹¹² Recua, “*Grupo de cabalaria ou gado que vão juntos*”. (EL PEQUEÑO..., 2001)

¹¹³ O Pacificador, Pablo Morillo deixou constância do estado do caminho em 1816-17 “O lodoso do terreno não tem permitido acabar esta obra que está traçada sobre o terreno”. (MARTÍNEZ, 1976, p. 150)

¹¹⁴ Em abril de 1710, o rio *San Agustín* teve uma enchente como produto de uma forte granizada, que inundou as ruas e as edificações e estragou duas pontes (p 92). Em outubro de 1814, uma avenida do rio *San Agustín* inundou várias edificações, destruiu a ponte de *Lesmes* localizado na XX, com XX e produziu outros estragos (p 127). Em 1870, o rio *San Agustín* teve uma grande enchente que levantou pedras sobre as pontes que o atravessavam (p. 179). Em 1872, produziu-se uma gigantesca enchente de todos os rios que sulcavam a cidade, todas as pontes da cidade foram arrasadas, à exceção da ponte do *San Francisco* e de *San Victorino*, e a ocasião serviu para que os cadáveres dos réus, na Colônia, se jogassem em suas águas, já que se consideravam indignos de sepultura eclesiástica. (EAAB, 2003, tomo I, p. 181)

¹¹⁵ *Concejo* (Câmara) Municipal. Acordo 18 e 21 de 1890. (EAAB, 2003, tomo I, p. 245)

Com relação à mancha de vegetação sobre os *Cerros Orientales*, é preciso dizer que, em meados do século XIX, tinha diminuído significativamente a tal ponto que o nível da água dos rios que enchiam os aquedutos da cidade estava notavelmente reduzido. (Figura18). De fato, um artigo da Gazeta Médica de 1865 indicava:

Bogotá se ressentia já pela escassez de águas vivas¹¹⁶ que vêm da cordilheira a formar o que chamamos os rios *San Francisco*, *Manzanares* (*San Agustín*) e *Fucha*, cujos leitos dão a conhecer a quantidade de água que corria neles em outros tempos, e que hoje em dia tem sido reduzida a uma porção insignificante e insuficiente para arrastar os imensos depósitos de infecção coletados em suas margens [...] Esta diminuição da quantidade de água dos córregos e dos rios se relaciona com os desmatamentos praticados para fornecer lenha e carvão, único combustível que se consome entre nós.¹¹⁷

Figura 18 – Cerros Orientales. Desmatamento.

Depois da independência a cidade manteve os mesmos vícios herdados da colônia. Continua com a invasão das rondas dos rios e o secado de suas águas (Foto1). Os morros estavam desmatados e as águas negras eram transportadas por pequenos canais a céu aberto situados na parte central das ruas, como se observa no *Daguerrotipo “La Calle del Observatorio”*, do Barón Jean Baptiste, 1842 (Foto 2) e na foto da “*Calle de San Carlos*” atribuída a Demetrio Paredes, 1985 (Foto 3).

Assim, ao comparar a paisagem de finais do século XVIII com a paisagem de finais do século XIX apresentam-se poucas diferenças no que diz respeito à relação da cidade com o sistema hídrico superficial. Porém, vale a pena salientar algumas diferenças: por um lado a

¹¹⁶ Abundante água que flui de forma natural.

¹¹⁷ ZERDÁ, L. apud EAAB, 2003, tomo I, p. 167.

homogeneização das superfícies relacionadas com as sub-bacias dos riachos de *San Diego* e *San Juanito*, os quais no plano da cidade de 1885¹¹⁸ aparecem praticamente cobertas pela mancha da cidade (especialmente a *Q. San Diego*), a superação dos limites da cidade para o oeste, superando o limite gerado pela confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín* e o surgimento de uma incipiente mancha urbana no setor de *Chapinero*, e seu corredor viário que determinaram o posterior crescimento de Bogotá ao norte.

À diminuição da cobertura vegetal sobre os *Cerros Orientales*, a ocupação da cidade sobre os corpos hídricos e a construção de caminhos e *camellones* somaram-se um par de elementos associados às manchas e corredores vegetais, que modificaram a paisagem no final do século XIX, a plantação de Eucaliptos e a transformação de praças como parques urbanos; os primeiros associados aos limites das propriedades e os segundos associados a um projeto político da República.

Os corpos de água murcham-se. Cidade bipolar. Meados do século XIX.

Mesmo que não tenha se estabelecido com precisão a chegada das primeiras sementes de Eucalipto à cidade, alguns registros mencionam que em 1893 plantaram-se os primeiros Eucaliptos no povoado vizinho de *Soacha*¹¹⁹. Três opções de semear foram utilizadas para a localização dos Eucaliptos nas fazendas: a primeira, conformando os limites das propriedades; a segunda, conformando portões e caminhos de acesso às fazendas simulando alamedas; a terceira, como manchas de bosques de árvores destinados à indústria madeireira. A plantação de Eucalipto marcou o início de uma significativa modificação da paisagem da cidade e a Savana de Bogotá, além de secar os solos sobre os quais foram colocados.

Com relação ao segundo elemento, a partir da segunda metade do século XIX se inicia o processo de transformação das praças coloniais por “Parques-jardim”¹²⁰: (Figura 19), nestes parques semearam-se jardins divididos por caminhos em uma rigorosa distribuição geométrica, cujo centro tinha por remate uma escultura ou elemento emblemático e seus limites configuravam-se a partir de um gradil de ferro. Essa transformação evidenciava uma intenção política do governo de finais do século XIX, que consistia em reforçar o sentido

¹¹⁸ Anônimo. Plano de Bogotá feito em 1885. In: MEJÍA, Germán et al. **Histórico de Bogotá 1791-2007**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá: 2007, p. 38.

¹¹⁹ “Segundo Pérez Arbeláez em 1893, Don Pepe Urdaneta plantou o primeiro Eucalipto da Savana de Bogotá no seu sítio em Soacha; outras fontes (Ernesto Guhl) dizem que o Eucalipto foi importado de Nova York pelo presidente Murillo Toro e plantado pelos habitantes da Savana em seus sítios e nos *Cerros Orientales*. Seja como for, esta não foi uma boa ideia, porque uma variedade de Eucalipto (*Eucaliptus Globulus*) resseca o solo em que habita, e parece ser uma das causas da desertificação paulatina que sofre a Savana”. MOLINA, L.F., op.cit., 1995.

¹²⁰ O projeto “Obras de Ornato para a Praça de Bolívar”, elaborado por Jorge Brunch em 1862, é testemunha desta nova visão sobre os espaços públicos da Bogotá de meados do século XIX. (LEÓN, 2008).

patriótico e o respeito pelas instituições, por meio do qual “os novos parques foram convertidos em instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis”¹²¹.

Figura 19 – As praças tornam-se parques.

As praças coloniais de Bogotá sofreram uma transformação significativa no final do século XIX e começo do século XX, época na qual se incorpora o conceito de parque urbano. A Praça Maior (Praça de *Bolívar*) era um espaço com solo duro e sem árvores (Imagem 1). Em 1861 suprimiu-se o mercado semanal e constrói-se um parque com árvores e zonas verdes (Foto 2). Em 1883 são agregadas quatro fontes (Foto 3). Em 1959 recupera-se sua aparência original, projeto do arquiteto Fernando Martínez Sanabria (Foto 4). Imagem 1. Aquarela Edward Mark (Detalhe), 1846. Foto 2: 1916. Foto 3: Luis Trejos, 1916. [Desenhos e Foto 4 do autor].

As terras pertencentes às fazendas de *El Salitre*, *La Chamicera*, *Chapinero*, e *La Merced* durante o século XIX, as quais estavam destinadas principalmente aos usos de lazer, pecuário e agrícola, com cultivos de “*pan coger*”¹²², contribuíram para que boa parte da savana se mantivesse como uma extensa superfície verde com áreas de pântanos e “*cercas vivas*”¹²³, sem a penetração da mancha urbana. Esta situação pode ser atribuída ao fato de que a propriedade da terra estava concentrada em poucas mãos que as mantinham congeladas¹²⁴.

A exceção a esta condição foi marcada pela vila de *Chapinero*, localizado a 5.8 km de Bogotá, mancha que começou com um incipiente processo de ocupação urbana para a segunda metade do século XIX, devido principalmente à construção de uma capela católica (1875) que atraía peregrinos de Bogotá e à localização de 30 a 40 casas e Vilas de

¹²¹ Estas intenções estiveram enquadradas num projeto político que passou à história do país como o da *Regeneración*. “A *regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do *Estado Nacional*. Ideologicamente ela deu início para que os princípios do *conservatismo* (partido político de direita) fossem impostos desde o poder do estado” (MEJÍA, 1999. p. 208).

¹²² Cultivos em pequena escala, que têm como objetivo suprir o sustento diário de seus cultivadores.

¹²³ Corresponde ao plantio de árvores utilizadas para delimitar as propriedades.

¹²⁴ Carrasquilla (1989) indicou que pelo menos 2.900 *fanegadas* (quadrado de 80 m. de lado, 6.400 m²) de terreno da zona do nordeste (da superfície que hoje ocupa Bogotá) estavam congeladas para efeitos de urbanização.

Recreio¹²⁵, assim como de numerosas habitações *pajizas*¹²⁶. (Figura 20). Uma guia de Bogotá descreveu o assentamento de *Chapinero* como lugar de lazer assim: “A pureza do ar e das águas, a beleza de seus campos, a cercania à cidade e a facilidade dos banhos atraem durante o ano as famílias de todas as classes sociais”¹²⁷.

O crescimento de *Chapinero* foi estimulado pela construção da linha do bonde de mulas em 1885 e posteriormente o bonde elétrico em 1910, que facilitou a comunicação com o centro de Bogotá, além da subdivisão por sucessão dos prédios que faziam parte da fazenda de *Chapinero*, durante a primeira metade do século XX.

Quanto à relação entre os corpos de água e a vila de *Chapinero*, o novo assentamento requeria o abastecimento de fontes de água, o que implicou a construção de um novo aqueduto¹²⁸. No aspecto paisagístico, o crescimento da mancha urbana durante os primeiros anos do século XX gerou processos semelhantes aos que teve Bogotá com relação aos percursos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Figura 20 – Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.

Em 1894 a cidade contava com 95.000 habitantes. Nesta época mantinha a mesma inércia de crescimento herdada da colônia, a novidade mais importante foi o surgimento da aldeia de *Chapinero*, ao norte da cidade sobre o caminho a *Tunja*, que posteriormente tornaria-se o bairro de recreio preferido pelas elites *bogotanas*, (P-2). Assentamento que foi favorecido pela construção do bonde em 1884 (Foto 1), a construção da igreja católica (*Lourdes*) em 1890 e das Vilas de recreio (Foto 2). Plano 1: W. A. e J. M., 1908. Plano 2: (detalhe) da *Oficina de Longitudes*, 1913.

¹²⁵ *Vila de Recreio*.

¹²⁶ Moradia precária construída com materiais vegetais.

¹²⁷ “*Almanaque y guía ilustrada*”. 1881. (MARTÍNEZ, 1976, p. 151)

¹²⁸ Uma reforma do *Ramo de las Águas* de 1886 declarou como propriedade do distrito de Bogotá os riachos de “*La Vieja*” e “*Chapinero*”. O contrato para a construção do aqueduto com canos de ferro para a cidade em 1886 contemplou a construção de redes para esta zona; em 1912 abriu-se um concurso para o esgoto de *Chapinero* e em 1913 incorporou-se a Q. *La Vieja* a este aqueduto.

Na década de 1860, os *Ejidos* da cidade ofereceram-se em um leilão como parte de uma ação política de *desamortización* de bens de mãos mortas, empreendidas pelo general Mosquera¹²⁹. Essa ação abriu o caminho a um processo de subdivisão, venda e sucessão de terras, que concluíram com a urbanização dos lotes correspondentes às antigas fazendas imediatas ao centro urbano. Dessa forma dava-se início a um lento, porém progressivo, processo de ocupação das várzeas dos rios e zonas úmidas da periferia da cidade.

O sistema hídrico, apesar dos corredores de mobilidade que começaram a marcar descontinuidades nos leitos dos rios e a relativa homogeneização de algumas superfícies das sub-bacias – devido à mancha urbana no fim do século XIX e começo do XX – é em parte a razão para que a porção restante da Savana de Bogotá, objeto deste estudo, mantivesse relativamente estável seu sistema hídrico. Porém, as infraestruturas correspondentes ao bonde de mulas, e posteriormente bonde elétrico, e a construção das linhas do Trem do Ocidente¹³⁰ (1889), Trem do Norte¹³¹ (1898) e o Trem do Sul (1903) contribuíram entre outros fatores¹³² para acelerar o processo de expansão da mancha urbana da cidade.

2.3 A cidade enterra seus corpos de água

Canalizam-se e enterram-se os principais rios. Cidade lineal. Início do século XX.

Nos primeiros anos do século XX, ainda quando a população urbana tinha crescido aproximadamente 5 vezes em comparação à população de 1800, a cidade mantinha seu processo de expansão dentro da estrutura herdada da colônia. Porém, devido a seus problemas de salubridade e de mobilidade, foram manifestados os primeiros esforços normativos para regular o desenvolvimento urbano da cidade¹³³.

¹²⁹ Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) foi um militar, político, reformador e diplomata colombiano, e que foi Presidente da Nova Granada (1845-1849) e dos Estados Unidos de Colombia (1861-1864 e 1866-1867). “Por meio do Decreto de *desamortización* de bens de mãos mortas, expropriou os bens que pertenciam a comunidades religiosas que não podiam ser colocados à venda. As comunidades que se opuseram a este decreto foram abolidas [...]. As terras expropriadas passaram às mãos do Estado, que as vendeu ao melhor comprador. Desse modo, a lei não favoreceu aos camponeses sem terras já que os bens expropriados foram adquiridos por ricos comerciantes e latifundiários. Disponível em: <<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>>. Último acesso em: 19 dez. 2008.

¹³⁰ Em 1908 o Trem da Savana (do oeste) conectou a cidade com o porto (fluvial) de Girardot sobre o rio Magdalena. (IRIARTE, 1988, p. 147)

¹³¹ Essas datas correspondem à conexão férrea de Bogotá com outros povoados da Savana: com Facativá em 1889, com Zipaquirá em 1898 e com Sibate em 1903.

¹³² Outro fator de influência neste processo deve ter sido a subdivisão, sucessão e venda das fazendas, assim como a venda da área correspondente aos antigos *Ejidos* da cidade.

¹³³ “A primeira delas foi o Acordo 10 de 1902, que regulamentou as construções, a abertura de ruas e a urbanização de terrenos. Seguiu-lhe o Acordo 6 de 1914, que regulamentou especificamente as urbanizações, ou seja, a adequação de

Em 1912, a “fronteira natural” ao oeste da cidade estava definida pelas zonas úmidas e pelas áreas de inundação da Savana. Essa foi uma das razões pelas quais a cidade manteve seu crescimento na parte baixa da encosta dos *Cerros Orientales* no sentido norte-sul. Nesta época, a mancha urbana tinha incorporado novos rios e riachos: ao norte, Q. *San Diego*, R. *Arzobispo*, Q. *Las Delicias* e Q. *La Vieja*; ao sul, a Q. *San Juanito* e Q. *La Calera*. (Figura 21). Os rios *San Francisco* e *San Agustín* apresentavam um alto grau de deterioramento e contaminação, e por esta razão, iniciaram-se as obras de canalização dos mesmos, aspecto que será tratado mais detalhadamente na seção 4.

Além das manchas verdes, fazendas e parques urbanos comemorativos de finais do século XIX, em 1910, por motivo da celebração do centenário da independência também se planejaram novos espaços verdes para a cidade, como a construção do Parque de *La Independencia*, localizado no leste do Parque do *Centenario*¹³⁴, que foi cenário de exibição de uma exposição cujo propósito era mostrar os novos avanços tecnológicos que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida em Bogotá e também fazer um chamado à industrialização da cidade.

Figura 21 – Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.

Em 1912 a cidade contava com 121.257 habitantes e ocupava uma área de 530 ha (densidade 228.7 hab./ha). Ao consolidar-se *Chapinero* como polo de crescimento, apareceram novos bairros no eixo de conexão com o centro, (P-1), esta configuração de “cidade lineal” afetou os corpos de água que desciam dos Morros. Destacam-se as manchas das zonas úmidas (P-2): 1. *Torca*, 2. *Guaymaral* 3. *La Conejera*, 4. *Juan Amarillo*, 5. *Jaboque*, 6. *Santa María del Lago* 7. *Capellánía* 8. *La Vaca*, 9. *El burro* e 10. *Tibanica*, com suas áreas de inundação. As manchas e corredores verdes (P-3) mantêm-se na margem dos rios e zonas úmidas e na cidade como alamedas, os Morros mantêm seu alto nível de desmatamento. Plano 1: Gregorio Hernández, 1913. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

terrenos para a construção. O Acordo 15 de 1917 criou a Junta de Obras Públicas Municipais, encarregada de regular a aplicação das normas”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹³⁴ Para maior informação consultar MARTINEZ; DUENAS et al., 2006, p. 6-29.

Em 1923, a cidade contava com 143.994 habitantes¹³⁵, a mancha urbana homogênea e compacta tinha se estendido para o leste sobre a linha do bonde e da ferrovia, finalizando no setor de *Paiba*, nas imediações da Estação da Savana¹³⁶. A esta mancha somava-se outra no oeste da cidade e sobre o caminho a Fontibón (*Calle 13*) e a *Calle 10*, correspondente ao bairro obreiro *Ricaurte*, que limitava no costado sul com o *R. San Francisco*.

É preciso esclarecer que nesta época a cidade estabeleceu como “unidade” de crescimento o bairro – obreiro ou residencial – que mantinha o traçado em xadrez herdado da cidade colonial, com seu respectivo centro definido por um parque ou praça, elementos que conferiam identidade, e ao redor deste estabeleciam-se equipamentos religiosos, educativos, de saúde e assim por diante.

No sul do centro histórico, segundo um plano de 1932, aparecem novas manchas urbanas, correspondentes aos bairros, *San Javier*, *La María*, *San Cristóbal*, *20 de Julio* e *Sur América*. No sudoeste, atravessando a linha do bonde do leste, observava-se a adesão dos bairros populares, *Restrepo*, *Santander*, *Libertador*, *Bravo Pérez* e *Santa Lucía*. Ao norte, a mancha da cidade estendeu-se muito mais do que no sul, gerando uma configuração lineal, associada às linhas do bonde elétrico e o Trem do Norte, corredores aos quais se aderiram manchas urbanas entre as que se destacaram os bairros *Quesada*, *Sucre* e *Chapinero*. Sobre o corredor viário da *Calle 68* que se projetava para o noroeste da cidade, também se observavam assentamentos projetados, como o bairro *Colombia*, *Gutt*, *Las Granjas*, *La Paz*, *7 de Agosto* e *Uribe Uribe*.

Vale a pena esclarecer neste ponto que as manchas urbanas que apareceram nas primeiras décadas do século XX podem ser atribuídas ao crescimento populacional, os processos de subdivisão e venda das antigas fazendas e vilas de recreio – fator que estimulou os processos de urbanização empreendidos pela empresa privada, que ofertava cômodas moradias para as elites no norte da cidade – à promoção de projetos de residências para obreiros, em primeira instância orientadas pelas organizações de beneficência¹³⁷ e posteriormente como parte das políticas da administração estatal e da cidade¹³⁸, e finalmente às possibilidades que ofereciam os sistemas de transporte público

¹³⁵ Censo da população da República da Colômbia realizado no dia 14 de outubro de 1918.

¹³⁶ Estação de trem, localizada sobre a *Av. Centenario (Calle 13)* com *Carrera 20*, inaugurada em 1917. Construção de estilo neoclássico, desenhada pelo engenheiro William Lidstone. (CORPORACIÓN...; ESCOBAR et. al., 2004, p. 304)

¹³⁷ Projetos de moradia de obreiros promovidos pelas organizações de Beneficência. SALDARRIAGA, A. Inédito

¹³⁸ O primeiro pronunciamento do Estado colombiano com relação ao problema da moradia foi a lei 46 de 1918 pela qual se dá uma medida de salubridade pública e se provê a existência de habitações higiênicas para a classe proletária. SALDARRIAGA, A. *Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX*. In: **Vivienda social**. Bogotá: CEJA, 2003, p. 27.

motorizado, que ingressaram à cidade na década de 1930 e contribuíram durante as seguintes décadas para a expansão tentacular e atomizada da mancha urbana no noroeste e sul da cidade¹³⁹.

Apesar da relação da mancha urbana com os corpos de água, o traçado dos bairros atuais e projetados durante a década de 1920 adotaram os rios como limites, sem dar soluções de transição entre as margens dos cursos de água e as edificações, como se no futuro o destino da malha urbana fosse completar sua homogeneidade do outro lado do percurso, passando indiferente sobre o corpo de água. Assim o evidenciaram os traçados de vários bairros projetados da cidade em 1932: ao norte, o bairro *El Retiro* com a *Q. De La Carrera*, o bairro *Rionegro* com o rio de mesmo nome, os bairros *Quinta Camacho*, *La Concepción*, *Colombia* e *Las granjas* com a *Q. La Vieja*, os bairros *Rosario*, *La Paz* e *San Fernando* com o *R. Salitre*, os bairros *Santa Teresita*, *Palermo* e *La Constructora* com o *R. Arzobispo* e o bairro *Teusaquillo* com a *Q. Tequenusa*; no centro-oeste, o bairro *Puente Aranda* com o *R. San Francisco*; finalmente os bairros projetados ao sul da cidade, *Girardot* com a *Q. San Juanito*, o bairro *Santa Ana* com a *Q. Teñidero* e o bairro *Restrepo* com o *R. San Cristóbal (R.Fucha)*

Certamente – igual ao período colonial e republicano – a mancha da cidade em malha americana continuou desconhecendo os leitos dos corpos de água que depois ficariam cobertos pela mancha urbana (vias e edificações) com o passar do tempo. A única exceção a esta condição foi constituída por alguns parques urbanos que incorporaram a água como objeto de lazer e contemplação, mas que igualmente estavam condenados a desaparecer com o passar dos anos: esse foi o caso dos parques de *San Diego*¹⁴⁰, *Luna Park*¹⁴¹ e *Lago Gaitán*¹⁴². (Figura 22).

¹³⁹ A partir da década de 1930, começaram a se formar cooperativas de transporte público de ônibus. Se bem que nesta época a extensão e cobertura das rotas não superavam a dos bondes. Na década de 1940 a diferença começava a se fazer visível: o crescimento do número de ônibus passou de 200 a 1522 unidades, entre 1931 e 1949, em comparação ao número de bondes, que decresceram de 73 a 65 unidades nas mesmas datas. (MARTINEZ; DUEÑAS, 2006, p. 6-29)

¹⁴⁰ O Parque de *San Diego* (1883) localizado na *Carrera 7a* com *Calle 26*, antes de se converter no emblemático parque do *Centenario* (1886), tinha um pequeno lago associado à várzea da *Q. de la Burburata*, que se perdeu com a realização das obras.

¹⁴¹ “Aproximadamente em 1923, Nicolás Liévano (*Compañía de Desarrollo Urbano*) construiu o parque de atrações *Luna Park*. Represou o rio *Fucha* com uma comporta situada na atual *Carrera 21*, com o que conseguiu um estupendo lago de águas cristalinas que chegava até a atual *Avenida Caracas*”. Foi o principal espaço de recreação para os habitantes do sul da cidade. Infelizmente, “A empresa fechou em 1942 e o lago foi recheado com os escombros dos distúrbios de 9 de abril de 1948”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

¹⁴² O Parque *Gaitán* (1922), localizado na *Calle 77* com *Carrera 15*, continha um pequeno lago e espaços verdes, e por um tempo foi centro de recreação do norte da cidade. Infelizmente, foi fechado e depois urbanizado na década de 1950. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

Na paisagem no oeste da cidade mantinham-se as manchas das zonas úmidas¹⁴³, e as áreas inundáveis nas quais se destacavam as de *Guaymaral, Torca, La Conejera, Capellanía, Santa María del Lago, Jaboque, Juan Amarillo, de Córdoba, Del Burro, De la Vaca, de Techo e Tibanica*. Assim como os lagos *Los lagartos*, ao norte, e *La Florida*, no oeste.

Figura 22 – Parques recreativos para Bogotá.

Em 1920, Bogotá contava com 230.000 habitantes. Surgem novos bairros no noroeste e sul da cidade (P-1). Há assentamentos que não obedecem a um plano urbano, razão pela qual a imagem é de uma “cidade fragmentada”. Como espaços de lazer aparecem: em 1922, o parque Lago *Gaitán* (Foto 1) e, em 1923, o parque *Luna Park* (Foto 2), o primeiro ao norte e o segundo no sul da cidade. Infelizmente esses dois parques foram fechados e urbanizados. Plano 1, Bogotá. 1932. *Secretaria de Obras Públicas*, 1932. Fotos 1 e 2: *Fundación Misión Colombia*.

As manchas verdes dentro do casco urbano estavam constituídas pelos parques antes mencionados e outras manchas menores semelhantes ao tamanho de quarteirões correspondentes aos parques *Lourdes, Ricaurte, Sucre (Calle 42 com Carrera 8a); Mártires e España*. Igualmente ainda se mantinha a presença de áreas verdes no interior dos quarteirões, correspondentes aos quintais das residências ou prédios institucionais, que desapareceram nas décadas seguintes durante os processos de subdivisão de lotes e de maior densidade populacional dos quarteirões¹⁴⁴.

¹⁴³ “As áreas úmidas são ecossistemas de grande valor natural e cultural, constituídos por um corpo de água permanente ou estacional de pouca profundidade, uma franja ao redor que pode se cobrir por inundações periódicas (*Ronda hidráulica*) e uma franja de terreno não inundável, chamada Zona de Manejo e Preservação Ambiental”. (DEPARTAMENTO....2004.)

¹⁴⁴ “Estes espaços, quintais e lotes onde abundavam as árvores e cultivos que supriam a carência total de parques e jardins públicos na cidade converteram-se logo em espaços construídos”, [mas infelizmente] “Se tornou comum que os donos das grandes casas, os habitantes mais opulentos da capital, dividissem a planta baixa em pequenos locais ou quartos denominados “*lojas*”, que alugavam como habitação às classes mais populares”. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 167-169)

Com uma maior extensão também se destacavam como manchas verdes os parques emblemáticos do *Centenario* e de *La Independencia* no setor de *San Diego*¹⁴⁵. A área restante, no oeste da cidade, correspondia às propriedades que faziam parte de antigas fazendas e os lotes de alguns equipamentos institucionais, entre os quais se destacavam o *Sagrado Corazón*, a Escola Militar em *San Diego* e o Cemitério Central¹⁴⁶.

Além das manchas descritas, ao oeste e ao norte da cidade a Savana dilatava-se até o *R. Bogotá* com as antigas fazendas e cultivos de cereais. O pensador e humanista colombiano Luis López de Mesa¹⁴⁷ registrou os seguintes versos sobre o aspecto da Savana de Bogotá, em uma de suas viagens no Trem da Savana:

En frente de mí se mostraba la llanura de un verde reposante en su amplitud de cuarenta kilómetros, hasta arriscarse en los cerros de Facatativá, de donde salta la vista a vuelo de pájaro a través de la invisible llanura del Magdalena sobre las cumbres más altas de la cordillera central, como el Nevado del Tolima, cuya pirámide esplendente preside el panorama remoto [...] La gran llanura, nuestra amada planicie, dilatava enfrente de nosotros el verde amarillento de sus pastos y el verde oscuro de sus arboledas, hacia el ocaso, por leguas y leguas de distancia, hasta morir, suavemente vagarosa, contra la falda azulina de la lejana cordillera.

Com relação à mancha verde dos Cerros Orientales, é preciso dizer que continuou o processo de desmatamento durante a segunda década do século XX. Frente ao problema da diminuição do caudal das águas do *R. San Francisco*, alguns estudiosos advertiam sobre a importância de evitar a erosão dos solos dos morros (TRIANA, 1914), e recomendavam a utilização de vegetação nas margens dos rios para evitar a dessecação de seus leitos:

De fato, as plantas que cobrem uma superfície úmida não somente a protegem do contato dos ventos diminuindo assim a evaporação, mas também que comunicam pelas raízes as condições porosas de uma esponja, para armazenar água durante o tempo chuvoso com o fim de soltá-la

¹⁴⁵ Este espaço é de singular e significativo interesse para a cidade. Coincidente com sua inauguração realizou-se a “*Exposición agrícola e industrial*” (1910) para a qual se construíram vários quiosques (a música, japonês e a luz) e vários pavilhões (indústria, belas artes, máquinas e egípcio). (MEJÍA, G. 2004, p. 514)

¹⁴⁶ A construção do Cemitério Central (católico) iniciou-se em 1827, em um lote localizado sobre o caminho a *Engativa*, com planos elaborados pelo engenheiro Esquiaqui, e modificado anos depois por Rafael Alvares Bastida. Ao final de 1836 começou a operar. (CORPORACIÓN...; ESCOVAR, 2004, p. 355)

¹⁴⁷ LÓPEZ DE MESA, 1929, p. 237.

devagar durante o tempo seco, por esta razão os córregos formados sob o frescor de uma vegetação exuberante são mais persistentes do que os que correm por terrenos desflorestados.¹⁴⁸

Porém, em 1918¹⁴⁹, empreenderam-se atividades de reflorestamento que pretendiam recuperar a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*; infelizmente esta ação não foi bem sucedida, pois se plantaram espécies exóticas – Pinheiros e Eucaliptos – que causaram um efeito negativo sobre os solos escarpados dos morros¹⁵⁰.

Quanto ao abastecimento de água, os bairros que surgiram na década de 1920 e 30 em vários casos careceram de um planejamento adequado, e foram evidentes as necessidades de abastecimento de água, sistemas de esgoto e impermeabilização das superfícies para garantir a circulação do transporte automotor. Assim, no ano de 1931, a cidade projetava obras de pavimentação “*macadamización*”¹⁵¹, conserto de ruas, e aproximadamente 50.000m de esgotos para aqueles bairros que a *Camara Municipal*¹⁵² denominou “os bairros extremos da cidade”¹⁵³.

Como foi exposto anteriormente, durante as décadas de 1920 e 30, a mancha urbana apresentava uma estrutura tentacular e atomizada estendendo-se ao sul e ao noroeste da cidade, e aumentava a preocupação da administração para planejar o crescimento futuro. Assim, a prefeitura empreendeu iniciativas de planejamento das quais se destacavam as propostas do Plano Bogotá Futuro¹⁵⁴ em 1923, e as iniciativas do arquiteto urbanista Karl Brunner que foi contratado em 1933 para assumir a direção do recém-criado Departamento de Urbanismo de Bogotá¹⁵⁵. (Figura 23).

¹⁴⁸ A propósito destas recomendações, Triana propunha a plantação de espécies nativas como o *Arboloco* (*polymnia pyramidalis*) e outras espécies de tipo arbustivo. (TRIANA, 1914, p. 5-14)

¹⁴⁹ “Em 8 de abril de 1918 começou na fazenda de *San Francisco*, na vazia do *San Cristóbal*, aos trabalhos de arborização [...] como o Aqueduto não tinham viveiros preparados e as únicas árvores que se conseguiam eram Eucaliptos, ao princípio a plantio se fez unicamente com este tipo de árvore, mas em atenção às opiniões emitidas por alguns expertos, entre outros pelo Mr. Daw, no ano passado se tem dado preferência aos Pinhos (*podocarpaceae*)”. (EAAB, 2003, tomo 1, p. 422)

¹⁵⁰ GHUL, E. apud EAAB, 2003, tomo 1, p. 423)

¹⁵¹ Sistema de melhoramento de vias adotado pela cidade, “construção de uma superfície de rodado de um caminho usando 3 camadas de materiais (pedras) de diferentes tamanhos, colocando a mais grossa embaixo e a mais fina por cima, e depois compactando com *rodos* e tráfego [...]”. Segundo Guillermo Noffal. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?macadam>>. Último acesso em: 21 jan. 2009.

¹⁵² *Concejo. Camara Municipal*: órgão legislativo do Município.

¹⁵³ Os Bairros Unidos de *Chapinero: Rosario, La Paz, Uribe-Uribe, La Sallé, Urbanización San Felipe, Gaitán, La Constructora, Quesada. La Perseverancia, Nordeste, La Serpentina* (atualmente bairro *Restrepo*), *Chiquinquirá, Ricaurte e Seminario*. Alcaldía de Bogotá. “*Las necesidades de los barrios extremos*”. In: Registro Municipal. Bogotá, 1931.

¹⁵⁴ Os primeiros planos da cidade (*Bogotá Futuro* e o de Karl Brunner) enquadram-se na linha de planos de *ensanche* do urbanismo europeu do século XIX. “Neles se pretendeu estabelecer, por meio de desenhos da cidade ou de seus fragmentos, os parâmetros ordenadores de uma cidade harmoniosa em cada um de seus componentes”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹⁵⁵ Foi criado como dependência da *Secretaria de Obras Públicas Municipales*, segundo o Acordo 28 de 1933, que em seu artigo 2 prevê: “O *Departamento de Urbanismo* estará encarregado do planejamento da cidade futura, do estudo da legislação que regulamente as urbanizações e facilite a abertura e melhoria das vias urbanas e em geral de todos os problemas de urbanismo relacionados com o desenvolvimento da cidade”. (LEMUS, 2006, p.64)

Figura 23 – Primeiros planos urbanos para Bogotá. Exemplos.

Em 1923 a Oficina de Obras Públicas elabora o plano “Bogotá Futuro” (P-1) sendo este o primeiro esforço de planejamento e regulação da cidade. Porém, foi o urbanista austríaco Karl Brunner que, a partir de 1933, realizou uma série de propostas para a cidade (P-2), projetando novos eixamples (cor vermelha); ampliação da rede viária, incorporando o conceito de avenida parque, *Av. Caracas* (Foto 2) e a construção de parques urbanos como o “Paseio Bolívar”. (Foto 3). Plano 1: Engenheiro Enrique Uribe Ramírez. Plano 2: “Obras em Bogotá” MAMBO 1989. Foto 1, Foto 2: Museu de desenvolvimento urbano.

As ideias urbanas de Brunner

[...] se identificaram com as de seus maestros do urbanismo da primeira modernidade europeia, que conceberam a cidade como uma entidade estética ordenada, ambientalmente agradável e apta para a vida do ser humano, com uma forte participação estatal em sua construção e com um sentido social ao mesmo tempo aristocrático e democrático.¹⁵⁶

Neste sentido, a concepção urbanística de Brunner previa três níveis em relação à adequação de superfícies públicas, destinadas a fazer parte integral da estrutura urbana: as vias arborizadas – bulevares – as praças e os parques florestais, que procuravam a vinculação com os espaços (zonas) verdes já existentes na cidade¹⁵⁷.

Vale a pena citar alguns projetos enquadrados nesta concepção urbanística. No projeto da Avenida *Caracas*, Brunner vinculou os critérios necessários para o manejo de uma via de alta capacidade (40 metros de perfil) com o conceito de bulevar conformado por faixas e um canteiro central gramado e arborizado. A proposta também incluía a integração (por

¹⁵⁶ CORTES, Fernando. Karl Brunner. La construcción de la ciudad como espacio público. In: SALDARRIAGA, 2000 p.100.

¹⁵⁷ HOFFER, 2003, passim.

meio de franjas verdes) da *Av. Caracas* e do corredor do *R. Arzobispo* à altura da *Calle 39*¹⁵⁸. Quanto aos parques florestais, pode se salientar o estímulo que Brunner deu à materialização dos projetos do Parque Nacional¹⁵⁹ e o Passeio *Bolívar*¹⁶⁰, conectados à mancha verde dos *Cerros Orientales*.

Infelizmente, da gestão de Brunner, poucas obras permanecem na cidade atualmente. Porém, Brunner teve um aporte significativo ao abrir um caminho para o reconhecimento da importância da rede verde conformada por manchas e corredores no interior das superfícies urbanizadas, vinculados em alguns casos aos corpos de água, como no caso do *R. Arzobispo* já mencionado, e o *R. San Cristobal* para o qual se propôs uma vinculação ao tecido verde da cidade.

Centro homogêneo. Cidade fragmentada. Meados do século XX.

A paisagem da cidade em 1953 evidenciou o resultado do progressivo avanço da urbanização da Savana de Bogotá durante as primeiras décadas do século XX. A mancha urbana estendeu-se para o oeste de maneira homogênea e compacta – especialmente no norte e centro – e de maneira dispersa, no sul da cidade. Esta configuração dava como resultado um formato de “meia-lua” cujos limites extremos eram, no oeste, a *Av. Cundinamarca (Av. Carrera 30)* e no leste, a mancha verde dos *Cerros Orientales*, que lentamente começava a se recuperar da ação predadora do homem durante os quatro séculos anteriores. Além do limite da *Av. Carrera 30*, estendia-se o corredor da *Av. de las Américas*¹⁶¹ (via parque) que conectava a cidade com o recém-construído Aeroporto de *Techo*¹⁶². Naturalmente, já começavam a aparecer as manchas urbanas associadas ao traçado como o bairro *Puente Aranda*. Além disso, apareceram outras manchas urbanas

¹⁵⁸ HOFFER, 2003, passim.

¹⁵⁹ Projetos como o *Parque Nacional* existiam com anterioridade à chegada de Karl Brunner, porém, o mérito do arquiteto austríaco reside no fato de ter respaldado firmemente sua materialização.

¹⁶⁰ No assentamento subnormal sobre os *Cerros Orientales*, em 1925 inicia-se o estudo para o saneamento do setor. Em 1936 Karl Brunner apresenta a proposta do *Passeio Bolívar*. “Contemplo a conformação de um grande Parque Florestal Urbano, prolongação do Parque Nacional, com instalações adequadas de recreação popular [...] Como elemento articulador propunha a conformação de um Passeio Urbano definido como uma grande *Terraza Mirador* sobre o espetáculo da cidade e a Savana”. CORTES, Fernando. “*Karl Brunner: La construcción de la ciudad como espacio público*”. Catálogo exposición, Museo de Arte Moderno de Bogotá. Bogotá, 1989 p. 8.

¹⁶¹ Construída em 1948 com uma largura média “entre *paramentos* (distância entre fachadas) de 114 m. com comprimento de 6,5 km desde a *Calle 26* com 34 até o aeroporto de *Techo*. O caráter da avenida é “*Park way*” implementando bosques irregulares, e arborização de acordo com princípios de “*Jardim Inglesa*” com árvores e arbustos *sabaneros*”. (RITTER, 1946, p. 30)

¹⁶² “Primeiro aeroporto da cidade de Bogotá construído em 1930, situado no setor de *Techo* [...] Sua ubicação e instalações físicas não eram as mais adequadas, tendo em conta o crescimento do transporte aéreo [...] As inundações frequentes da plataforma constituíram outro grande problema, ademais de que o largo da pista era insuficiente e o edifício Terminal era demasiado estreito para receber a quantidade de passageiros”. Disponível em: <[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)>. Último acesso em: 5 nov. 2008.

sobre o traçado da *Calle 68* no noroeste da cidade, como os bairros *San Fernando* e *Las Férias*, consolidando este eixo como novo polo de crescimento da cidade.

Na década de 1950, o sistema hídrico da cidade estava substancialmente modificado, tinha sido encanado e enterrado e, sobre os mesmos, construíram-se novas avenidas. A saber, no centro, sobre a *Q. San Juanito*, a *Calle 4ª*; sobre o *R. San Agustín*, a *Calle 6ª*; sobre o *R. San Francisco*, a *Av. Jiménez*; e sobre a *Q. San Diego*, a *Calle 26*. Ao norte, sobre a *Q. Las Delicias*, a *Calle 62*, *Q. La vieja*, *calles 68 e 70*. Ao sul, o *R. San Cristóbal (Fucha)* tinha sido incorporado à mancha da cidade. Nesta mesma época canalizaram-se a céu aberto os rios *San Francisco (Calle 6ª)*, a partir da *Av. Caracas* e o *R. Arzobispo (Calle 39)*, a partir da *Carrera 7ª*. Com estas obras hidráulicas, seguramente, iniciou-se o processo de “manejo técnico” dos rios desconhecendo seu papel como elementos importantes do ecossistema do centro da cidade. (Figura 24).

Figura 24 – Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.

Em 1951 a cidade tinha 715.250 habitantes e ocupava uma área de 2.700 ha (densidade 264.9 hab./ha, a maior da cidade). Mantinha-se seu crescimento desordenado e aumentaram-se os desenvolvimentos ilegais (favelas) ao noroeste e sul da cidade (P-1). As zonas úmidas mantêm suas áreas, mas perderam boa parte de suas zonas de inundação (P-2). Na Savana (P-3) diminuem-se os corredores verdes dos rios, riachos e margens das zonas úmidas; os Morros continuam desmatados e na cidade incrementam-se os corredores viários das avenidas arborizadas. Plano 1: “*Bogotá e seus ao redores*”, IGAC, 1954. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Como foi dito anteriormente, o leito do *R. San Francisco* foi encanado e enterrado (1927) até a *Av. Caracas*. A partir deste ponto foi canalizado a céu aberto e também se mudou seu percurso obrigando-o a continuar pela *Calle 6ª* (atualmente *Av. Comuneros*) até o ponto identificado desde a colônia como *Puente Aranda*, até finalmente continuar seu descenso pelo leito natural.

O *R. Arzobispo* estava flanqueado pela traça urbana correndo por um canal a céu aberto até a *Calle 24*, continuava no seu curso natural, conformava pântanos que variavam de extensão, segundo a época do ano, inundando os lotes da Cidade Universitária – que a partir deste ponto recebe o nome de *El Salitre* – cujas águas a jusante estavam margeadas pela mancha urbana associada aos novos bairros (*San Fernando e 12 de Octubre*) que apareceram sobre a *Calle 68*, de tal forma que seu destino seria se ocultar sob a homogeneização das superfícies urbanas. Por sua vez, o *R. San Cristobal (R. Fucha)* no sul da cidade ainda corria pelo percurso natural. Finalmente, as bacias dos rios *Torca, Juan Amarillo e Tunjuelo*, ainda não tinham sido cobertas pela mancha urbana.

Nas manchas verdes da cidade continuou prevalecendo a associação aos *Cerros Orientales* (em processo de recuperação)¹⁶³ com a qual se conectava a cidade, entre outros elementos pontuais, por meio do Parque Nacional, o Passeio *Bolívar*. Também se destacavam na periferia ocidental a *Av. de las Américas*, a Cidade Universitária, a área imediata ao estádio *El Campín*, *El Bosque Popular* (jardim botânico) e o Batalhão *Caldas*; no sul, o Hospital *San Juan de Dios* e a Escola de Polícia; ao norte, o Parque *Gaitán*, a Escola Militar e o *Cantón* Militar Norte. No setor privado, o Hipódromo de *San Isidro* ou *Techo* (1954), a *Quinta Mutis* e o Clube de *Los Lagartos* (1950), este último ao norte da cidade, que dali em diante protegeria o lago de mesmo nome, estava destinado às elites sociais da cidade.

O Clube de *Los Lagartos*¹⁶⁴ evidenciou um padrão que se replicaria durante as décadas seguintes: as áreas de manchas verdes no norte da cidade passavam ao domínio de mãos privadas, tornando-se áreas de acesso restrito, destinadas exclusivamente ao aproveitamento das elites sociais da cidade. Em contraposição, no sul, nas imediações dos rios *Fucha* e *Tunjuelo* em algumas áreas dos *Cerros Orientales* – onde existia exploração de pedreiras – os elementos naturais estiveram associados à marginalidade e à miséria: durante as décadas seguintes do século XX, os camponeses provenientes de outras zonas do país, deslocados pela violência, ocuparam as áreas de risco pelo deslizamento, remoção em massa e inundação, estreitando-se dessa forma, com o passar dos anos, o vínculo entre marginalidade urbana e riscos naturais.

¹⁶³ “A municipalidade de 1916 e 1917 realizou todas as compras [...] e ordenou que todos os terrenos adquiridos foram entregues à Empresa de Aqueduto para que os cuidara, administrara e arborizara [...] cobrindo estes uma extensão aproximada de 7.000 *fanegadas* (4.480 ha), dividiram-se em três porções para seu manejo: a bacia do *San Cristóbal*, a do *San Francisco*, e a do *Arzobispo*”. PORTOCARRERO, Alberto, ata 361 de 28/02/20 EAAB. In: EAAB, 2003, tomo I, p. 421.

¹⁶⁴ “Sob a iniciativa de um grupo de amigos engenheiros, em 1936 se inicia o “Clube *Los Lagartos*”, com a compra de terrenos próximos à cidade de Bogotá, na antiga *heredad* chamada *Muriel*, onde se encontravam as fontes de águas termais, se tornou um lugar de recreio para a elite da cidade, seu desenvolvimento principal se deu entre 1947-1950 com as construções executadas pela firma *Cuellar Serrano Gómez*”. (CUELLAR..., 1948, p. 7)

2.4 Ventos de modernização da cidade

O “*bogotazo*” e os projetos de modernização da cidade. Cidade Imaginada.

No fim da década de 1940, o país e a cidade assistiram ao recrudescimento da onda de violência política motivada pelo radicalismo bipartidário que foi gerada várias décadas antes. Em 9 de abril de 1948, foi assassinado o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitán, e após sua morte desataram-se numerosos feitos violentos que, entre outras coisas, deixaram seu rastro em Bogotá ao ser incendiadas e destruídas várias edificações do centro. Este cenário de destruição resultou favorável para a administração da cidade. De fato, as autoridades municipais aproveitaram a oportunidade para executar um plano urbanístico para o qual contrataram o arquiteto e urbanista Le Corbusier, que elaborou o Plano *Piloto* de Bogotá¹⁶⁵ e os arquitetos e urbanistas Wiener e Sert para a elaboração do Plano *Regulador* de Bogotá¹⁶⁶.

Este trabalho precisa fazer algumas considerações com relação ao Plano *Piloto* de Le Corbusier, pois este apresentou uma interessante proposta sobre o sistema hídrico, que somente seria retomada a partir de outros antecedentes¹⁶⁷ com a formulação do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no POT de Bogotá, no ano 2000. O Plano *Piloto* de Le Corbusier organizava Bogotá a partir dos corpos de água, em três unidades: a primeira, denominada de “cidade sul”, destinada aos bairros obreiros, localizada entre o *R. Tunjuelito* e o *R. Fucha*; a segunda, denominada “cidade centro”, de gestão e negócios entre o *R. Fucha* e o *R. Arzobispo*; a terceira, chamada “cidade norte”, destinada aos bairros das elites econômicas, localizada entre o *R. Arzobispo* e o *R. Negro*.

No sentido leste-oeste, o plano estabeleceu duas zonas: a área urbana entre os *Cerros Orientales* e a *Av. Carrera 30*, e a área rural e núcleo industrial entre a *Av. Carrera 30* e o limite ocidental da cidade. O plano ademais propôs áreas verdes de transição entre a zona urbana e zona rural, e áreas verdes de proteção nos *Cerros Orientales* e no limite ocidental da cidade. E assim também estabeleceu uma área de proteção para o *R. Bogotá*, e com a margem oeste da cidade, propôs uma franja verde de 500 metros de largo paralela à

¹⁶⁵ Plano dado a conhecer por Le Corbusier em 1950 e adotado pela cidade por meio do Decreto 185 de 1951.

¹⁶⁶ O Plano *Regulador*, elaborado pelos arquitetos e urbanistas Wiener e Sert, corresponde a uma segunda fase do Plano para Bogotá. A primeira fase foi o Plano *Piloto* realizado por Le Corbusier. (HERNÁNDEZ, 2004, p.100)

¹⁶⁷ Como se indicou na seção 1, a inclusão do conceito de EEU no POT de Bogotá surgiu a partir das reflexões que tinham sido gestadas com anterioridade no âmbito institucional e acadêmico, destacando-se especialmente os aportes do professor van der Hammen.

Av. Carrera 30, conformando uma rede de espaços verdes que se integram à cidade com o seu entorno natural.

Na proposta do arquiteto franco-suíço destacaram-se os seguintes aspectos: a inclusão de um olhar regional do território, a prioridade de conservar os *Cerros Orientales* e os corpos de água com o propósito de proteger o sistema hídrico da cidade e a Savana de Bogotá; a intenção de aproveitar os corpos de água para a conformação de uma rede verde que integrara o território todo, desde os *Cerros Orientales* até o *R. Bogotá*; e, finalmente, a proposta de franjas verdes no limite urbano e do município, que integrariam transversalmente os corpos de água; para o centro da cidade, a proposta de Le Corbusier aproveitava os rios *Fucha* e *Arzobispo* como elementos ambientais onde se localizariam os equipamentos de educação, saúde e lazer.

Ditadura militar e visão técnica da cidade. Controla-se e altera-se o sistema hídrico original.

Como se indicou antes, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo. A população rural colombiana foi a mais afetada por esta situação, de tal modo que se gerou um processo migratório do campo à cidade, conformado por camponeses que estavam à procura de segurança e novas oportunidades. Frente a essa evidente instabilidade e à perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo general Rojas Pinilla, que exerceu as funções de presidente, sob um regime militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957.

O General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade, promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança na cidade¹⁶⁸. Entre estes projetos, é preciso salientar, primeiramente, a criação de um eixo urbano institucional e de negócios sobre a *Calle 26*, com um comprimento de 12.5 km, finalizando no oeste com o Aeroporto Internacional *El Dorado* e como ponto de articulação com o centro tradicional, o setor de *San Diego*, e agrupou as funções administrativas que anteriormente localizavam-se

¹⁶⁸ SUARES, A. *La ciudad de los elegidos*. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006, passim.

no centro tradicional no CAN¹⁶⁹. Em segundo lugar, a construção do *Paseo Los Libertadores (Autopista Norte)*, eixo e portão norte da cidade, com um comprimento de 22 km, sobre o antigo traçado do *Camellón* do Norte, que teve como ponto de partida o Monumento aos *Héroes* (*Av. Caracas* com *Calle 80*) e como ponto final a Ponte do *Común* (ponte colonial) perto do Município de *Chía*. (Figura 25). Em terceiro lugar, a criação do *Distrito Especial de Bogotá*¹⁷⁰, que integrou Bogotá a seis (6) de seus municípios vizinhos¹⁷¹: *Usaquén*, *Suba*, *Engativá*¹⁷², *Fontibón*, *Bosa* e *Usme*¹⁷³ em 1954¹⁷⁴. Por esta mesma época cria-se a Empresa de Aqueduto e *Alcantarillado* (esgoto) de Bogotá¹⁷⁵, que seria a encarregada do manejo do sistema hídrico da cidade e dos municípios recém-anexados.

Figura 25 – A cidade imaginada.

Em 1949, a prefeitura contratou o urbanista Le Corbusier para elaborar um “Plano *Piloto*”, plano que foi aprovado em 1951 (P-1). Destaca-se a criação de uma rede verde aproveitando o sistema hídrico da Savana. Em 1953, anexam-se à cidade os 6 municípios vizinhos: 1. *Usaquén*, 2. *Suba*, 3. *Engativa* 4. *Fontibón*, 5. *Bosa* e 6. *Usme* (P-2). Com esta nova dimensão territorial e frente à pressão de crescimento da cidade, em 1958 elabora-se o “Plano *Distrital*” (P-3), o qual mantém parte da rede verde proposta por Le Corbusier e projeta a criação de “Parques *Distritales*”. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

¹⁶⁹ Obra prioritária do General Rojas Pinilla foi a de trasladar a presidência e os ministérios à periferia oeste da cidade, ao denominado Centro Administrativo Nacional (CAN). No final da ditadura tinha sido construída a estrutura de vários prédios. Na atualidade funcionam vários ministérios e outras dependências do estado.

¹⁷⁰ Decreto da *Concejo* (Câmara) de Bogotá 3640 de 1954. “*Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá*”.

¹⁷¹ Ordenança número 7 de 1954, da *Asamblea de Cundinamarca*. “*Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá*”.

¹⁷² Foi nos terrenos do município de *Engativá* que se construiu o *Aeropuerto El Dorado*.

¹⁷³ A incorporação de *Usme* ao *Distrito Especial* objetivava ter controle sobre a importante reserva ambiental do *Páramo de Sumapaz*, localizado no sul da cidade.

¹⁷⁴ Esta integração teve dois propósitos: de um lado, dotar de solo suficiente à cidade, para satisfazer a demanda de terras urbanizáveis destinadas aos grupos migratórios que ingressavam nesses anos a Bogotá. De outro, gerar as condições jurisdicionais apropriadas, para tomar decisões políticas sobre uma porção maior de território e assim realizar as obras que se esperava deram impulso ao desenvolvimento econômico da capital.

¹⁷⁵ O Acordo 105 de 1955, no artigo primeiro “*Crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB*”.

A administração distrital estabeleceu como prioridade de governo o investimento nas áreas periféricas da cidade, com o que se iniciaram programas de enfoque eminentemente técnico para a higienização e a dotação de infraestrutura na zona rural da Savana de Bogotá, sobre os três eixos fundamentais: a construção de equipamentos básicos, a execução do plano viário que tinha sido estabelecido no Plano *Distrital* de 1958, e a canalização de rios¹⁷⁶. Esta última ação tinha como propósito controlar as inundações nos períodos de chuva, cujas linhas de ação foram estabelecidos no Plano Maestro de Esgoto de 1962.

Este Plano definiu ações técnicas para o manejo das chuvas e as águas negras da cidade, e para o controle do *R. Bogotá*, a fim de evitar enchentes especialmente nas principais vias da cidade. Para tal fim executaram-se duas fases de desenvolvimento: a primeira fase, de desenho, que se estendeu até o ano 1966, e a segunda etapa, de execução de obras, que foi finalizada no ano 1986¹⁷⁷. Esta segunda fase compreendeu 3 etapas: a primeira teve início em 1967 e término em 1969, a segunda teve início neste mesmo ano e término em 1971 e a terceira, que começando neste último ano, terminou em 1986. (Figura 26).

Durante estas três etapas realizaram-se numerosas obras de canais e interceptores na cidade toda e especialmente na bacia do *R. San Francisco*¹⁷⁸. O olhar técnico do manejo de água levou inclusive a considerar a retificação do curso do *R. Bogotá*, procurando reduzir seu comprimento quase à metade. Um estudo de 1966 propôs: “o comprimento do rio se reduzirá de 100 km a 59.5 km entre a Ponte do *Común* e *Alicachín*”¹⁷⁹. Para a sorte da cidade este projeto não foi realizado.

O propósito inicial de canalização, interceptores e saneamento do sistema cumpriu-se, porém sua execução apresentou um par de aspectos negativos no que se refere à relação da cidade com os corpos de água. Por um lado, optou-se por uma solução técnica com um sistema combinado de esgoto (águas de chuva e águas negras). Por outro, a

¹⁷⁶ A partir do Plano Maestro de Esgoto de 1962, elaborado pelas firmas *Camp Dresser e McKee de Boston* e a *Compañía de Ingeniería Sanitaria Btá*, iniciou-se a canalização dos principais corpos de água na parte média das bacias. EAAB; RODRIGUEZ, 2003, tomo II, p. 195.

¹⁷⁷ EAAB, 2003, tomo II, p. 196.

¹⁷⁸ Em sua primeira etapa compreendeu o “Canal do *R. San Francisco* e interceptor esquerdo desde a *Calle 45*, até o interceptor da *Av. Boyacá*; interceptor direito de *Comuneros* em seção retangular até *Puente Aranda*, interceptor de *Boyacá* para águas negras em seção retangular, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*”. Em sua segunda etapa, “compreendeu o Canal de *Boyacá*, e interceptor direito, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*. Canal de *San Francisco*, desde a ferrovia, até o *R. Fucha* e interceptor direito de *San Francisco*, desde a Cidade Universitária até a *Av. Boyacá*: Canal de *Comuneros* e interceptores direito e esquerdo, desde *Puente Aranda* até o *R. San Francisco*. Colector de las Américas, desde *Puente Aranda* ao *R. Fucha* e Colector *El Ejido*, desde a *Calle 20* até o *R. San Francisco*.” (EAAB, 2003, tomo II, p. 198-201)

¹⁷⁹ O estudo de 1966 sobre a água de chuva propôs sobre o *R. Bogotá*: “Se deverá endireitar o Rio Bogotá no futuro imediato entre *Alicachín* e o *R. Juan Amarillo*, com base num nível controlado de *Alicachín* a nível 2.568”. (EAAB, 2003, tomo II, p. 205)

dessecação das superfícies que antes se inundavam teve como consequência o estímulo do crescimento da mancha urbana sobre a periferia, ao se incorporar terras no mercado imobiliário, sem prever as graves implicações ambientais no futuro¹⁸⁰, ou seja, a modificação do sistema hídrico e seus consequentes efeitos sobre o ecossistema¹⁸¹. O sistema de drenagem da Savana de Bogotá passou a ser conformado de três bacias naturais a oito bacias criadas artificialmente pelas obras técnicas¹⁸².

Figura 26 – “Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.

Em 1962, a EAAB empreende um ambicioso plano de “modernização” do sistema de aqueduto e esgoto da cidade. Para o aqueduto construíram-se novas represas (P-1) (Chingaza, 1985, Chuza 1985, San Rafael, 1996) e uma rede de distribuição que cobre toda a cidade. Quanto ao esgoto canalizam-se e controlam os rios, alterando-se o todo o sistema hídrico da cidade (P-2). Etapa 1: cor vermelha. Etapa 2: cor ocre. Etapa 3: cor verde escuro. Realiza-se a canalização dos rios *San Francisco* (Foto 1) e *Fucha* (Foto 2) e a construção de “jarillones” no *R. Bogotá*. [Planos: 1 e 2 elaborados pelo autor].

Como complemento a estas atividades, o sistema hídrico também foi afetado pela construção de infraestruturas como a do Aeroporto *El Dorado*, cuja instalação exigia o controle da área de inundação do *R. Bogotá* por meio de taludes artificiais em terra (*jarillones*)¹⁸³. Com as respectivas obras de controle do *R. Bogotá*, abriu-se o caminho para que se executassem nas décadas seguintes obras similares na parte baixa dos rios *Salitre*, *Fucha* e especialmente no *R. Tunjuelito*.

¹⁸⁰ É preciso lembrar que no começo da década de 1960 apenas começava a se gestar no país o pensamento ambiental, que estava dedicado especialmente à proteção dos recursos naturais.

¹⁸¹ Em 1967, o leito do *R. San Francisco* foi canalizado entre a *Av. Caracas* e a *Carrera 37*, e bifurcado na *Carrera 37*: o braço original com rumo norte, se encanou e enterrou, sendo destinado ao transporte de águas negras da zona oeste da cidade; e o novo braço com rumo sul, conectou-se com o *R. Fucha* na *Avenida 68*.

¹⁸² As oito bacias são: antigas (*Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*); novas (*Torca*, *Conejera*, *Jaboque*, *Tintal*, e *Soacha*). (EAAB, 2003, tomo II, p. 210)

¹⁸³ Talude em terra, para a contenção de águas. Dique longitudinal.

Planejamento local: “Plano *Distrital* de 1958”. Cidade horizontal.

Depois dos aportes de Le Corbusier, os esforços de planejamento da cidade concentraram-se no zoneamento, na projeção de vias e na incorporação de terras para a urbanização, e em numerosas oportunidades considerou-se a importância da integração dos corpos de água, as manchas verdes e a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*. Porém, na prática, as operações da administração distrital terminaram ignorando o sistema hídrico.

Com a adesão dos 6 municípios ao Distrito Capital, criaram-se novas determinantes e novos desafios para o crescimento da cidade e, portanto, considerou-se que o Plano *Piloto* de Le Corbusier requeria ser refeito. Por estas razões, em 1958, a administração distrital promoveu um novo Plano cuja proposta manteve parte do traçado viário e o zoneamento do Plano *Piloto* proposto por Le Corbusier, mas com uma ampliação do perímetro urbano, incluindo parte da área dos municípios recém-adicionados. O plano manteve a proposta de proteger os *Cerros Orientales* e os corpos de água, com a criação de uma rede verde formada pela várzea dos rios¹⁸⁴, e propôs a implementação de um programa de Parques *Distritales* na zona norte, centro e sul da cidade.

Com as diretrizes do Plano *Distrital* de 1958, a cidade começou na década seguinte o processo de construção dos Parques *Distritales*, que foram concebidos principalmente com propósitos de lazer e recreação, e ocuparam áreas da cidade que oscilavam entre 50 ha e 60 ha: (Figura 27), no sul, localizaram-se os parques *Timiza* (1968) e *El Tunal* (1970), e no leste, os parques *El Salitre* (1973) e *La Florida* (1974)¹⁸⁵. Posteriormente, nos anos 1980, realizou-se a construção do parque *Simón Bolívar*, que se adicionou como mancha verde ao parque *El Salitre*. Paradoxalmente, com exceção do parque de *La Florida*, nenhum destes parques esteve associado ao sistema hídrico da cidade.

Nesta época, as manchas verdes no norte da cidade correspondiam aos clubes privados das elites sociais – Clube *Los Lagartos*, Clube *Country*, *El Carmel Club* e *Los Arrayanes*, entre outros – e os recentemente construídos Parques Cemitérios como os Jardins: *La Paz*, *La Inmaculada* e do *Recuerdo*.

¹⁸⁴ Com relação ao centro da cidade, vale a pena dizer que, contrário à proposta de Le Corbusier, o plano não conservou o leito do *R. San Agustín*, e o condenou a desaparecer, enterrando-o sob a *Calle 6a*.

¹⁸⁵ O Parque *La Florida* está localizado no costado oeste do Rio Bogotá (Município de *Funza*) e ainda está fora do perímetro da cidade; desde a década de 1970 foi incorporado ao sistema de parques e zonas úmidas do *Distrito*.

Figura 27 – 1970. Parques Distritales.

Para suprir a necessidade de recreação da população, que em apenas 22 anos tinha se multiplicado 4 vezes. Em 1973 ascendia a 2.861.913 habitantes e ocupavam uma área de 22.299 ha (densidade 128.3 hab./ha) (P-1) e atendendo à proposta do “Plano Distrital” de 1958, na década de 1960 a cidade empreende a construção de vários “Parques Distritales”, na zona sul e centro da cidade (P-2): em 1968, o *P. Timiza*, com 29.98 ha, (Foto 1); em 1970, o *P. Tunal*, com 62.66 ha, (Foto 2); em 1973, o *P. El Salitre*, com 46.78 ha, (Foto 3); e em 1974, o *P. La Florida*, com 72.473 há. (Foto 4) Plano 1, IGAC, 1970.

2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade

O fim dos rios e zonas úmidas. Cidade construída. Final do século XX.

Durante as décadas seguintes houve o aumento das migrações do campo e das cidades menores às cidades de maior tamanho e atividade econômica, fenômeno que se estendeu durante os seguintes decênios e que ainda aumentou dramaticamente, a partir da década de 1980¹⁸⁶, devido à depressão da atividade agrícola e ao deslocamento forçado de camponeses que ficaram no meio do fogo cruzado entre o exército nacional e a guerrilha. Bogotá foi uma das cidades do país com maior recepção de população deslocada pela violência, que se localizou, como mencionado anteriormente, nas periferias do sudeste e sudoeste da cidade, sobre zonas de risco por remoção em massa e enchentes. Desse modo aumentou a pressão que a mancha da cidade exercia sobre o sistema hídrico da Savana de Bogotá, mais ainda se for levado em consideração que a cidade em apenas quatro décadas multiplicou 8 vezes sua população, ao passar de 715.362 habitantes em 1951 a 5.484.244

¹⁸⁶ O número de habitantes na cidade passou de 715.250 em 1951 para 4.441.470 em 1985.

habitantes em 1993. Nas décadas de 1980 e 1990, a mancha urbana aparecia de maneira homogênea e compacta estendendo-se praticamente até as imediações do *R. Bogotá*, franja na qual se fragmenta em alguns setores devido à presença de algumas áreas agrícolas e zonas de inundação que ainda não tem cedido perante o implacável crescimento urbano.

O crescimento da mancha urbana nas últimas décadas tem sido determinado em primeira instância pela iniciativa privada que realiza empreendimentos de adensamento de moradias e escritórios na zona centro e norte da cidade; em segundo lugar, pelas entidades oficiais que financiam novos programas de moradia popular; em terceiro lugar, pelos assentamentos subnormais (favelas), promovidos pelo setor informal e ilegal nas zonas periféricas e marginais da cidade¹⁸⁷. (Figura 28).

Figura 28 – A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.

Em 1993, a cidade contava com 5.484.244 habitantes e cobria uma área de 26.654 ha (Densidade 205.8hab./ha), crescia rápida e horizontalmente, urbanizando a maioria do território da Savana (P-1). Modifica-se o sistema hídrico da Savana (P-2) ao canalizarem-se os rios e ao continuar o processo de secado das zonas úmidas colocando em risco sua existência. Em consequência, os corredores verdes dos rios e zonas úmidas perderam presença na cidade e a paisagem é dominada pelas vias arborizadas (P-3), os Morros recuperam parte de sua cobertura vegetal. Plano 1: “*Alcaldías Menores*” IGAC, 1991. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Por sua parte as manchas de água têm sido significativamente reduzidas pelo avanço da mancha urbana: dos 19 mil ha de zonas úmidas que tinha a cidade nos primeiros anos do século XX, atualmente somente sobrevivem 800 ha. No fim da década de 1990, as zonas úmidas tinham perdido grandes porções de seus antigos espelhos de água e avançavam a

¹⁸⁷ É para se destacar nesta dinâmica de assentamento o caso de Cidade Bolívar – no sul da cidade – que em apenas 15 anos contava com aproximadamente um milhão de habitantes morando em condições precárias.

processos de terraplanagem, parcelamento e urbanização¹⁸⁸. Como produto disso tudo, alterou-se o habitat natural de répteis (lagartixas), mamíferos (morcegos) e aves (*garças*), e modificou-se o albergue estacional de aves migratórias¹⁸⁹.

No que se refere ao manejo das águas servidas, como mencionado anteriormente, a cidade desde a década de 1960 manteve um sistema de esgoto combinado em boa parte da cidade, fato que apresenta graves problemas nos períodos de chuva. Por tal motivo nos últimos anos têm se iniciado programas que visam a separar o sistema de esgoto de águas negras do sistema de águas de chuva, especialmente na área de novos desenvolvimentos, no oeste da cidade¹⁹⁰.

Esta visão técnica, orientada por grupos de engenheiros especializados, conseguiu seus objetivos funcionais, mas prejudicou substancialmente o sistema hídrico natural da Savana de Bogotá; fator que somado à perda das zonas úmidas e da ronda dos rios colocou em risco a estabilidade de todo o sistema natural, patrimônio ambiental da cidade e da Savana.

Com relação aos corredores verdes para melhorar o fluxo veicular, infelizmente empreenderam-se obras para a ampliação das avenidas, suprimiram-se os separadores centrais e retirou-se a arborização das calçadas. Exemplo deste padrão foi a construção, no fim dos anos 1980, da *Troncal de la Caracas*¹⁹¹, que ao perder a maioria de suas árvores terminou alterando negativamente a paisagem do centro da cidade.

Crise geral e anos de mudança. Final do século XX.

No fim do século XX a cidade apresentava um sistema hídrico altamente modificado: na parte baixa dos *Cerros Orientales* foi enterrada e encanada a maioria dos rios, razão pela qual a população não reconhece a existência dos mesmos; na parte média da bacia, foram canalizados todos os rios e as áreas úmidas têm diminuído consideravelmente em tamanho; finalmente, na área que corresponde ao vale aluvial do *R. Bogotá* e *Tunjuelito*, o curso dos

¹⁸⁸ Em 1999 as zonas úmidas contavam com as seguintes áreas: *Torca* 24 ha, *Guaymaral* 49 ha, *La conejera* 60 ha, *Juan Amarillo* 220 ha, *Córdoba* 40 ha, *Jaboque* 80 ha, *Santa María del Lago*, *Capellania* 18 ha, *Meandro del Say*, *El Burro* 26 ha, *La Vaca*, *Techo*, *Tibanica* 23 ha. DAMA. “*Historia de los Humedales de Bogotá*”. Alcaldía Mayor de Bogotá, 2000 p. 78-102.

¹⁸⁹ DEPARTAMENTO..., 2000, p. 12.

¹⁹⁰ Em 1952, propõe-se para o projeto de esgoto de Bogotá: “As águas pluviais podem continuar correndo por canais abertos, que são muito mais econômicos, mas construindo de imediato os dispositivos de separação para os líquidos cloacais e as águas pluviais”. (FORERO, 1952, p. 19-20)

¹⁹¹ Frente à crítica situação do transporte público em Bogotá, a administração municipal propõe como solução o modelo de transporte da cidade de Curitiba, Brasil (faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus). Com esta referência bem sucedida, inicia-se a construção de um sistema semelhante sobre a *Av. Caracas*, mas infelizmente este não contou com a mesma sorte que teve em Curitiba e resultou em um dos piores e mais custosos investimentos feitos pela cidade.

rios é controlado com taludes artificiais de terra, “*jarillones*”¹⁹², alterando a dinâmica natural de inundação do vale em época de chuva. Outro fato para se destacar corresponde ao esgotamento do solo urbano da cidade, razão pela qual nos últimos anos teve início um processo de renovação e adensamento nos setores centrais da cidade.

As ações de encanar, canalizar e controlar os corpos de água tiveram como resultado uma paisagem dominada por três franjas. A primeira corresponde à cidade que “enterrou” seus rios, que se estende desde a *Av. Circunvalación (Carrera 1)* até a *Av. Carrera 30*. (Figura 29). Esta franja cresceu de maneira lineal paralela aos *Cerros Orientales*, em um processo que implicou a canalização dos rios e posteriormente a homogeneização das superfícies, produto da construção de vias e edificações, processo que se iniciou nos anos 1920 com o *R. San Francisco* e que foi finalizado na década de 1960¹⁹³. Esta franja interrompeu a continuidade dos corpos de água e os corredores verdes que desciam dos *Cerros Orientales* e dentro da mesma destacam-se: as manchas verdes que correspondem a uns poucos corpos de água, a *Q. de Los Molinos*, *Q. Arzobispo* e o *R. San Cristóbal*; os parques de escala de zonas e de bairro; e a arborização localizada sobre as vias principais, como uma herança das avenidas arborizadas dos anos 40. Corresponde a esta franja a mancha urbana da cidade histórica, a zona financeira e comercial tradicional e os novos desenvolvimentos no norte e sul de Bogotá.

A segunda franja corresponde à área compreendida entre a *Av. Carrera 30* e *Av. Boyacá*: a cidade que canalizou seus rios com muros de concreto, a partir da década de 1950, integrou o traçado viário de maneira paralela aos costados do percurso canalizado, diminuindo a área verde da ronda. Nesta franja prevalecem as manchas verdes dos Parques *Distritales*, a Cidade Universitária, os Quartéis Militares, os Clubes Privados e os Parques Cemitérios. Como corredores verdes viários destacam-se as avenidas construídas a partir da segunda metade do século XX, entre as quais se sobressaem a *Av. de Las Américas*, a *Av. El Dorado*, a *Av. 68* e a *Av. Boyacá*. A mancha urbana está conformada prioritariamente pelos novos bairros residenciais¹⁹⁴ e as zonas industriais.

¹⁹² Em complemento às obras de canalização de rios, dá-se início à construção de “*jarillones*” na parte baixa dos principais rios, principalmente na ronda do Rio Bogotá e *Tunjuelito*.

¹⁹³ Sob o irracional crescimento da cidade ficaram enterrados os corpos de água sob Ruas e Avenidas. Ao norte: a *Q. Tequenusa (Calle 34 e Park Way)*, a *Q. de Chapinero (Calle 62)*, a *Q. de La Vieja (Calle 70 A)*, a *Q. de La Cabrera e El Chicó (Calle 88)*, a *Q. Los Molinos (Calle 106)* a *Q. de Lucé (Diagonal 109)*, *(Calle 116)*, a *Q. de Trujillo (Calle 127)* e a *Q. de Los Cedros (Calle 134)*. No centro: a *Q. San Diego (Calle 26)*, o *R. San Francisco (Av. Jiménez)*, a *Q. San Agustín (Calle 7)*, a *Q. San Juanito (Calle 3)* e a *Q. La Calera ou (Calle 1)*. No sul: a *Q. de Los Molinos (Calle 8 sur)* e a *Q. Del Cable ou Santa Catalina (Calle 11 sur)*.

¹⁹⁴ Ao norte, na bacia do *R. Salitre* os bairros *Niza* e *Córdoba*. No centro, no canal *San Francisco*, o bairro *Modelia* (na década de 1990 *Ciudad Salitre*); no canal do *Fucha*, os bairros *La Guaca*, *Torremolinos*, *Milenta*, *Carvajal* e *Marsella*. Ao sul, no *R. Tunjuelito*, os bairros *Tejar*, *Nuevo Muzú*, *Madelena*, *Villa del Río* e *Timiza*.

Figura 29 – A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.

Pelo manejo que deu a cidade a seu sistema hídrico configuraram-se três zonas (P-1): 1. A cidade que **enterrou** seus rios; 2. A cidade que **canalizou** os rios; e 3. A cidade que **controlou** seus rios. O manejo inadequado de seu recurso hídrico tem gerado à cidade múltiplos problemas (P-2): deslizamentos nos morros e ladeiras (Foto 1: *Soacha*), inundações no centro e periferia da cidade (Foto 2: *Carrera 7-Calle 73*), e a necessidade urgente de construir plantas de tratamento para despoluir os rios (Foto 3: planta *El Salitre*). [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor]

A terceira franja corresponde à cidade que controlou seus rios, com taludes artificiais em terra (jarillones) que visam a evitar enchentes sobre as áreas urbanas, e que modificaram o vale de inundação do *R. Bogotá*, alterando o principal elemento do sistema hídrico. As obras de controle foram promovidas pela necessidade de adequar infraestruturas para a cidade como no caso do Aeroporto *El Dorado*. Esta franja desenvolveu-se a partir da década de 1970, produto dos novos programas de moradia com o ânimo de suprir as necessidades das classes menos favorecidas no sul e para a classe média no centro e norte da cidade¹⁹⁵. Por efeito dos processos de urbanização e de controle sobre o sistema hídrico, as zonas úmidas localizadas dentro desta franja entraram em um acelerado processo de deterioramento, diminuindo consideravelmente seu espelho d'água (800 ha). A mancha verde está dominada pelos Parques de vizinhança, pelas vias arborizadas e pelas poucas superfícies que ainda não foram urbanizadas.

A urbanização e impermeabilização da Savana de Bogotá e a alteração do sistema hídrico provocam atualmente numerosos conflitos ambientais no interior da cidade, pois as rondas dos rios e as zonas úmidas atuavam como zonas de inundação natural, regulando o

¹⁹⁵ Ao norte: no *H. de La Conejera*, os conjuntos residenciais *COMPARTIR* e *Ciudadela CAFAM*; no noroeste. *H. Juan Amarillo* (*R. Salitre*) os conjuntos residenciais *Bachue*, *Bochica*, *Quirigua*, *Bolívia* e *Ciudadela COLSUBSIDIO*. No centro, no *H. Jaboque*, o conjunto residencial *Villas de Granada*; no canal de *San Francisco* o conjunto residencial *Los Hayuelos* e em cercanias ao *Rio Bogotá* as cidadelas habitacionais *El Tintal*, *El Recreo* e *El Porvenir*.

sistema hídrico, e retendo a água em época de chuva. Com a canalização e controle dos corpos de água, rompeu-se esta dinâmica hídrica da Savana. Como resultado desta ação, em época de chuvas intensas, aumenta-se o risco de enchentes por remoção em massa nas áreas de ladeiras devido à acumulação de grandes quantidades de água¹⁹⁶. Ao ser ocupada a zona inundável dos rios Bogotá e *Tunjuelito* pela cidade, projetou-se um sistema de drenagem para a evacuação de águas servidas e de chuva durante o ano todo, mas em época de chuvas intensas cresce o risco de inundação¹⁹⁷. Finalmente, o deficiente manejo das águas servidas que são misturadas com a água de chuva tem feito que o *R. Bogotá* seja um dos mais contaminados do mundo. É por causa desta última razão e dentro da mesma linha de solução eminentemente técnica que o POT inclui como solução a construção de três plantas de purificação na desembocadura dos rios *Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*¹⁹⁸.

Assim, a construção de infraestrutura para dominar e controlar o sistema hídrico torna insustentável o ecossistema da cidade. Perdeu-se, assim, a oportunidade de manter os corredores ecológicos que permitiram a conectividade dos *Cerros Orientales* com a Savana de Bogotá e o *R. Bogotá*.

Porém, frente a estas situações infelizes, sobressai-se, em um sentido positivo, a recuperação de boa parte da cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*, que mudou a cor ocre do desflorestamento pelo verde do reflorestamento. Dessa forma, recuperou-se parte da imagem original desta paisagem, que tanto impressionou aos viajantes e visitantes do passado. Outro fato para se destacar foi a construção, nos anos 1980, do parque *Simón Bolívar*, com o qual a cidade ganhou um de seus maiores pulmões verdes e um espaço de lazer para os *bogotanos*.

Com relação às manchas verdes restantes da cidade, podem se destacar as áreas que ficaram como propriedade das elites sociais, como o Clube de *Los Lagartos* e o *Country Club*, as manchas correspondentes aos Parques *Distritales* cuja construção foi estimulada pela administração *Distrital* durante a década de 1960, e os Parques Cemitérios. Vale destacar que a maioria destas manchas espalha-se em fragmentos dentro da mancha urbana, sem estar associadas a corredores verdes ou corredores hídricos. Neste sentido,

¹⁹⁶ Situação gerada como produto do estreito diâmetro dos canos que substituem os rios.

¹⁹⁷ Em 2 de abril de 2009: a bacia alta do rio *San Cristóbal*, tributário do *R. Fucha*, registra uma precipitação de 73 milímetros e um fluxo de água de 26 metros cúbicos por segundo, inundando os bairros localizados no setor de *Fontibón*. Em 3 de novembro de 2007: Granizada histórica, inundações no centro da cidade. 14 de maio de 1996: inundações no bairro *San Benito* situado sobre o *R. Tunjuelo*. 19 de maio de 1994: avalanches na *Q. Chiguaza*, que arrastaram o material da *Cantera El Zuque*, destruindo várias casas, com um resultado de 6 mortos, 60 casas destruídas e 822 danificados. Novembro de 1979: o Rio Bogotá transborda perto da foz do *R. Fucha*, afetando principalmente o bairro *Patio Bonito*. Disponível em: <<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

¹⁹⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artículo 121. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

estão longe de conformar uma verdadeira rede de espaços verdes tal como o propõe o modelo de ordenamento do POT, descrito na seção 1.

Frente a este panorama, inevitavelmente surge uma pergunta sobre o vínculo a se estabelecer entre um ideário de cidade e a configuração da paisagem atual: como cumprir o ideário representado no conceito de Estrutura Ecológica Urbana em uma cidade que alterou seu sistema hídrico todo – ao encanar, canalizar e controlar seus rios –, que desconheceu suas zonas úmidas ao longo de quatro séculos, e que estimulou o crescimento da mancha urbana, ignorando a importância de manter uma rede de espaços verdes dentro da cidade?

Se a intenção é procurar resposta para esta pergunta, entre outros possíveis elementos¹⁹⁹, os projetos de Parques Urbanos Metropolitanos deveriam aparecer sem dúvida alguma como uma oportunidade para a recuperação de uma rede verde, especialmente nas zonas onde estão cobertos sob o solo urbano os leitos dos rios. Neste sentido, o Parque Terceiro Milênio deveria ter se apresentado como uma excelente oportunidade para fazer realidade o sonho planejado pelo ideário do Plano de Ordenamento Territorial (POT), tendo em conta sua localização estratégica sobre a franja da cidade que enterrou seus rios, que carece de áreas verdes, e sobre a confluência das bacias dos rios *San Agustín* e *San Francisco*, e a possibilidade que oferecia a recuperação de uma zona altamente degradada no centro histórico de Bogotá.

Assim, a seção seguinte (seção 3) procurará se aprofundar na concepção, desenvolvimento e materialização deste projeto para revelar os elementos que primaram no vínculo entre um ideário positivo da cidade e as realidades e padrões culturais com as que se enfrentou o projeto.

¹⁹⁹ Recuperação de Corredores Ecológicos, aumento de áreas permeáveis, Corredores Viários.

3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.

Como mencionado na seção 2, a partir de 1954, a administração *Distrital* concentrou a maioria de seus recursos na construção de infraestrutura na periferia da cidade (vias, equipamentos e serviços públicos), estimulando o crescimento urbano e incrementando desta maneira a pressão da mancha urbana sobre a área rural da cidade (Savana), atitude com a qual se diminuiu o investimento Estatal no centro da cidade deixando nas mãos do setor privado a iniciativa de adiantar projetos de renovação deste importante setor da cidade.

3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro

Plano Zonal do Centro de Bogotá. (PZCB) 1986.

Somente após a década de 1980, a administração *Distrital* voltou o seu olhar ao centro: Em 1986, a Prefeitura de Bogotá, com o apoio do Fundo Nacional de Projetos de Desenvolvimento *FONADE*, contratou uma equipe de profissionais²⁰⁰, para que realizassem um estudo de recuperação do centro, denominado “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. A área de trabalho correspondeu ao setor denominado como Centro Tradicional²⁰¹ com uma área de 1.750 ha (Figura 30).

O diagnóstico da área demonstrou problemas como a exclusão de moradores, a concentração excessiva do setor terciário, a deterioração do meio ambiente urbano, a geração de grandes vazios urbanos, a irracionalidade do sistema de transporte, a ineficiência da administração pública, a deterioração da imagem do centro e a diminuição de investimentos privados. Foram propostas como soluções a este problema: o fortalecimento da atividade residencial, a descentralização de atividades, a conservação do patrimônio, a recuperação do espaço livre, a racionalização dos sistemas de transporte, a reorganização da administração da zona, o fortalecimento da participação e o estímulo do investimento por parte do setor privado. Finalmente foi criada uma política geral de ação constituída pela definição de um plano, seus princípios básicos, estratégias de intervenção, instrumentos de gestão, e a realização do plano, junto com os projetos de intervenção no espaço livre.

²⁰⁰ Constituído pelos arquitetos Liliana Bonilla, Carolina Barco, Fernando Jiménez, Nicolás Rueda e José Salazar.

²⁰¹ Área da cidade consolidada até o ano 1950. Inclui o Centro Histórico. Está delimitada ao Leste pela *Av. Circunvalación (Carrera 1ª)*, ao Oeste pela *Av. Norte Quito Sur (Carrera 30)*, ao Norte pela *Calle 45* e ao Sul pela *Calle 1ª*.

Figura 30 – Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.

O plano (P-1) definiu como **Centro Tradicional** (cor rosa) a área compreendida pela *Av. Circunvalación*, a *Calle 1ª*, a *Av. Carrera 30* (*Av. NQS*) e a *Calle 4ª*, com uma área de 1750 ha. Como **Centro Histórico** (cor azul) a área correspondente à *Carrera 1ª*, *Calle 4ª*, *Carrera 10ª* e *Av. Jiménez* (*Calle 13*) com uma área de 39,5 ha. Na cor verde resalta-se o Parque Tercero Milênio. O Plano cataloga os usos do setor de *San Victorino* (P-2), predominando a atividade comercial (cor vermelha), institucional (cor azul), hospedagens e semelhantes (cor laranja), escritórios (cor verde) e, em menor escala, moradias (cor amarela). Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 28.

A partir deste estudo foram estabelecidos dois eixos urbanos em formato de cruz, com ponto de intersecção na Praça de *Bolívar* (Praça Maior); estes eixos funcionam como elementos físicos, espaciais e funcionais estruturantes do centro da cidade no sentido norte-sul, o eixo institucional, e no sentido oeste-leste, o eixo tradicional (Figura 31).

Figura 31 – Eixos estruturais do Centro da Cidade.

Definidos pelos caminhos herdados da colônia: em sentido norte-sul, o caminho a *Tunja* (cor vermelha); no sentido leste-oeste o caminho a *Honda* (cor azul). O primeiro deu origem ao Eixo Institucional de 2.9 km e o segundo ao Eixo Tradicional de 2.8 km, planos (P1 a P4). No plano (P5) pode-se ver que o Eixo Institucional integra: (1) o parque de *La Independencia*, (2) o largo de *Las Nieves*, (3) o parque *Santander*, (4) a Praça de *Bolívar*, (5) o largo de *San Agustín*, (6) e a Praça de *Las Cruces*. E o eixo Tradicional integra: (7) a Praça *España*, (8) o parque de *Los Mártires*, (4) a Praça de *Bolívar* e (9) e a Praça do *Egipto*. Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 9 e 54.

Esta estrutura espacial urbana foi retomada literalmente por todas as análises posteriores feitas na área e os projetos de intervenção do centro, omitindo a inclusão de programas de recuperação do sistema natural original, especialmente nos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por considerar que esta era uma causa perdida e sem nenhum valor importante para o Centro Tradicional da cidade. Com este estudo começou um lento, porém firme, processo de recuperação do Espaço livre²⁰², a construção e arborização das calçadas no centro de Bogotá, processo que liderou a Corporação *La Candelaria*²⁰³, e que teve como propósito preservar o patrimônio arquitetônico e urbano do centro histórico e a sua área de influência.

3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.

A análise que se desenvolverá nas páginas seguintes está baseada na revisão de documentos e particularmente do discurso que apresentaram os estudos, planos e projetos associados ao componente ambiental do Parque Terceiro Milênio (PTM), devido ao fato de que estes refletem o ideário e o enfoque que guiou as ações que posteriormente concretizariam-se no Parque.

3.2.1 Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM)

No fim da década de 1990, no marco dos eixos prioritários do Plano de Desenvolvimento²⁰⁴ e especialmente do programa de Renovação Urbana²⁰⁵, a administração *Distrital* interessou-se pela procura de alternativas que lhe deram saída à situação crítica do centro de Bogotá. Além disso, o prefeito Peñalosa (1998-2001), desde o início do seu

²⁰² “[...] constituem o espaço público (livre) da cidade as áreas requeridas para a circulação, tanto para pedestres como veicular, as áreas para a recreação pública ativa ou passiva, para segurança e tranquilidade dos cidadãos, as franjas de retiro das edificações sobre as vias, fontes de água, parques, zonas verdes e semelhantes, as necessárias para a instalação e manutenção dos serviços públicos básicos”. Acordo 6 de 1990, em concordância com o artigo 5º da Lei 9 de 1989 e o artigo 674 do Código Civil.

²⁰³ A Corporação Bairro *La Candelaria* foi criada por meio do Acordo 10 de 1980, como estabelecimento público pertencente à *Alcaldía Mayor*, com *personería jurídica*, autonomia administrativa e patrimônio independente, com o objetivo de promover e financiar as obras de conservação, restauração e construção, compra de imóveis e lugares que sejam de **interesse histórico, arquitetônico** ou **ambiental**. Disponível em: <www.contraloriabogota.gov.co>. Último acesso em: 23 set. 2008.

²⁰⁴ É o Instrumento de planejamento através do qual se organiza, regulariza e orienta o cumprimento do programa de Governo de maneira acordada entre a Comunidade e a Administração local, em concordância com os lineamentos estaduais e nacionais. Constitui-se em uma ferramenta para a ação das instâncias públicas e privadas do município, no qual se estabelece o que a administração quer fazer durante o seu período de governo. *GOBERNACION de Cundinamarca. Guía para la elaboración de un plan de desarrollo municipal. Departamento Administrativo de Planeación*. Bogotá, 2001.

²⁰⁵ No Programa de Governo da Prefeitura 1998-2001, a “Renovação Urbana” foi um tema fundamental do componente “Urbanismo e Serviços”, o qual tinha como propósito o crescimento da cidade harmonizando os processos de urbanização no que se refere à recuperação e adensamento de setores em deterioramento.

período de governo, manifestou a vontade de empreender programas para a geração de espaços verdes para a cidade²⁰⁶, procurando não somente cumprir com as metas traçadas pelo seu programa de governo, mas principalmente deixar a marca da sua gestão na história da cidade.

É assim que em 1998 a administração *Distrital* contratou o consórcio Montenegro & Lizarralde (M&L) para que adiantasse o Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), cujo propósito principal era a renovação da *Pieza Urbana*²⁰⁷, conformada pelo setor comercial de *San Victorino*, e os bairros *San Bernardo* e *Santa Inés*, com uma área de 32.5 ha, que estava em um estado avançado de deterioramento físico, social, ambiental e paisagístico. (Figura 32).

Figura 32 – Plano Maestro Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).

Estabeleceu-se como área de estudo (P-1) a *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a Av. Jiménez, a Carrera 10ª, a Calle 5ª e a Av. Caracas, com uma área de 33,5 ha. Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A *área de influência* (cor rosa) definida pela Calle 17, a Carrera 4ª, a Calle 3ª e a Carrera 19, área 268 ha. A *pieza urbana* (P-2) subdividiu-se em quatro zonas de acordo com sua morfologia, estado das construções e seu uso do solo: (1) B. La Capuchina (*San Victorino* setor comercial) área de conservação parcial e intenso uso comercial, área 7,3 ha, (2) área de renovação e uso comercial e moradia, área 9,5 ha, (3) B. Santa Inés; área de maior deterioramento, uso de comércio e moradia informal 16,7 ha, e (4) B. San Bernardo, área de renovação e uso misturado (comércio e moradia), área 3,7 ha. Fonte: IDU/M&L. [Planos do autor].

²⁰⁶ Alguns dias após sua posse (06 jan. 1998), o prefeito Enrique Peñalosa enviou a todos os chefes de entidades distritais um memorando com o título de "Parques a trabalhar". Nele, o prefeito previu a realização do "Parque Central de Colômbia", localizado na área compreendida pela Av. Jiménez, a Calle 1ª e as Carreras 15 e 9ª. Tratava-se de uma grande extensão de área verde arborizada "como os jardins de Luxemburgo ou Versalhes", com equipamentos de caráter Nacional e *Distrital*, centros comerciais e zonas de moradia.

²⁰⁷ O consórcio Montenegro & Lizarralde utilizou este conceito para definir a área específica de estudo. Posteriormente o POT incluiu este conceito como [...] grandes territórios que integram a área urbana, os quais se diferenciam entre si pela intensidade e distribuição dos usos sobre seu tecido, as formas em que estes manifestam-se e a dinâmica que geram em relação com sua composição geográfica. As *Piezas Urbanas* são: a. O Centro Metropolitano. (O Centro Tradicional, Cidade Central, Eixo Oeste, Nodo de Equipamentos) b. Os Tecidos Residenciais Norte e Sul. c. Cidade Norte e Cidade Sul. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. POT. Decreto 619 de 2000. Artigo 62. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Bogotá, 2000.

San Victorino no marco do PMTM²⁰⁸ ocupa uma área de 7,5 ha, está conformado pelo bairro *La Capuchina* e o setor que recebe propriamente o nome de *San Victorino*²⁰⁹. O bairro *La Capuchina* conta com “comércio de materiais de construção, elétricos, roupa de trabalho, couros e plásticos”, e *San Victorino*, – setor comercial – caracteriza-se por uma intensa atividade de comércio por atacado e varejo de material escolar, material para casa, vestuário e mercadorias variadas de manufatura local ou contrabandeadas. O PMTM tinha previsto para esta área o fortalecimento da atividade comercial não somente para contribuir para a recuperação do setor, mas para garantir a sustentabilidade econômica do projeto.

O Bairro *San Bernardo*, mesmo que na atualidade tenha uma importante atividade comercial, mantém principalmente o uso residencial, e é um dos poucos que conserva boa parte da estrutura, usos e funções do bairro original, contando com equipamentos como uma igreja, uma escola e um pequeno parque. A exceção a esta condição é a franja norte do bairro, próxima à *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, a qual se caracteriza pelo comércio informal, a venda de alucinógenos e a presença de cortiços. O Plano previu para esta área o fortalecimento da atitude residencial.

O Bairro *San Inés*, ao final da década de 1990, enfrentava graves problemas físicos e sociais, entre os quais se destacavam o altíssimo nível de deterioramento físico, invasão do espaço livre, a perda de controle sobre a propriedade, as condições extremas de pobreza e marginalidade social, e o mais alto índice de criminalidade da cidade²¹⁰. No setor situa-se o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e o Colégio *Distrital Santa Inés*. Além disso, é também a localização da emblemática “*Calle del cartucho*” (*Calle 9ª*), centro de operações dos atores mais perigosos da cidade (criminosos, traficantes de droga e armas), presença da população mais vulnerável (catadores de lixo, viciados e indigentes) e lugar de localização do prédio “*El Castillo*” (construção republicana de dois andares) símbolo e centro de ação dos criminosos.

A estas condições somava-se o deterioramento ambiental da zona e, em consideração do autor deste trabalho, a ocupação e urbanização das sub-bacias dos rios

²⁰⁸ IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2.

²⁰⁹ “[...] em 1598 criou-se a paróquia de *San Victorino*, a partir da existência da (Paróquia) *Las Nieves*, que funcionava desde 1585. Dividida pela rua que vai desde a Ponte de *San Francisco* encostada ao convento, o rio abaixo até o campo”. (CORPORACION..., 2004, p. 234) Ao final do século XIX as paróquias transformaram-se em departamentos de polícia e posteriormente em bairros. Atualmente reconhece-se como *San Victorino* ao setor vizinho à praça do mesmo nome. O bairro de *San Victorino* encontra-se no setor noroeste da praça.

²¹⁰ “No caso da zona de influência do Projeto Terceiro Milênio, os índices de criminalidade são os maiores da cidade, 8.72. Taxa de homicídios a cada 1.000 habitantes”, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1. A taxa média para Bogotá é de 0.58. IDU - *Econometría S.A. “Evaluación de impactos socio económicos y ambientales del Parque Tercer Milenio”*. Bogotá, 1999.

San Francisco e San Agustín, dos quais somente ficavam alguns rastros na morfologia urbana, que paradoxalmente correspondia à zona de maior deterioramento físico e social (Figura 33). Visando à recuperação física, social e ambiental desta área, o plano propôs a construção do PTM, com uma extensão de 20 ha.

Figura 33 – Dados simplificados do censo. 1999.

Dados da composição física e social do setor e o grau de vulnerabilidade da população residente. Fonte: “Evaluación de impactos socioeconómicos y ambientales del Proyecto Tercer Milenio”. *Econometría* 1999. Referenciam-se os espaços de maior significado no setor do projeto (P-1). Praças: (1) San Victorino, (2) de Bolívar – Praça maior; (3) Parque de Los Mártires; (4) a “Calle del Cartucho” – calle 9ª. Bairros: Capuchina – zona comercial San Victorino – (cor vermelha), Santa Inés (cor verde) e San Bernardo (cor amarela). [Elaborado pelo autor].

Para cumprir os propósitos do plano, o programa de trabalho incluiu uma fase de diagnóstico, outra de formulação e finalmente um esboço do que poderia ser o desenho do PTM. A seguir, serão mencionadas as considerações mais representativas sobre estas fases, tendo em conta os propósitos deste trabalho.

O diagnóstico compreendeu a realização de uma análise urbana que incluiu: estado dos elementos tipo-morfológicos, a estrutura urbana, o papel do setor no contexto da cidade, as qualidades das edificações existentes e seu potencial para responder às demandas da cidade. Também identificou os elementos que incidiam no estado crítico de degradação do setor:

Alta presença de indigentes e moradores da rua gerando problemas de insegurança, saúde pública, [...] alta invasão do espaço público por comerciantes informais. Ausência de árvores, parques e áreas verdes na zona [...] déficit hídrico na atmosfera e no solo que afeta as plantas proporcionando uma diminuição na cobertura vegetal. Sistema de esgoto combinado

de águas servidas e águas pluviais. [...] Poluição atmosférica presente por fontes fixas de oficinas e queima de lixo; e por fontes móveis de veículos particulares e de serviço público²¹¹ [...] alta contaminação por barulho nas vias de maior afluência como a *Caracas*, a *Av. Jiménez* e a *Carrera 10* como produto do alto trânsito de veículos e por sua forte atividade comercial. [...] Contaminação visual pela alta presença de anúncios publicitários, flâmulas, painéis informativos, pôsteres, cartazes etc. como também pela multiplicidade de cabos de redes de energia e comunicações. [...] Permanente deterioro das construções existentes produto de transformações inadequadas ou improvisadas e por falta de manutenção nas mesmas.²¹²

Este diagnóstico ambiental não se diferencia muito do realizado dez anos antes, no PZCB e nos trabalhos das Agendas Locais de Bogotá²¹³, os quais, apesar de terem identificado elementos importantes, não incluíram uma análise do estado das sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, nem ao menos do equilíbrio hidrológico como processo essencial do ecossistema. O anterior poderia ser explicado pelo fato de que o enfoque do estudo esteve determinado pelo interesse de implementar uma operação de Renovação Urbana, com ênfase principalmente na revitalização dos elementos urbanos construídos, desconhecendo a importância do suporte ecossistêmico.

Na fase de formulação da proposta, uma das metas do plano foi a

Construção de uma imagem espacial pública para a peça comercial de *San Victorino* que, relacionada com a singularidade produzida pelo desenvolvimento histórico, poderia ser reconhecida como um espaço contemporâneo único e competitivo, parte essencial do centro da capital.²¹⁴

Neste sentido, a proposta estaria comprometida com um ideário político, o qual tinha como propósito tornar o centro de Bogotá em destino turístico nacional e internacional e melhorar suas condições de competitividade que estimulariam o investimento privado para o melhoramento do setor.

²¹¹ A poluição por automóveis produz-se por dois fatores, por seu volume de trânsito de veículos na zona e pelo baixo da média de velocidade, o que causa um notável aumento na emissão de gases poluentes. (INSTITUTO..., 1998, p.17)

²¹² INSTITUTO..., 1998, p.18.

²¹³ É um Instrumento de Planejamento Ambiental, com o qual se busca caracterizar a situação ambiental do município para planejar com visão estratégica e acordada com todos os atores o desenvolvimento sustentável local. Em Bogotá as primeiras Agendas Ambientais Locais foram adotadas em 1994, e em abril de 2009 foram atualizadas.

Disponível em: <http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

²¹⁴ INSTITUTO..., 1998, p.31.

Para tornar possível esta meta, o plano fixou como um de seus objetivos organizar e racionalizar o sistema de circulação para pedestres²¹⁵ e veicular do centro, procurando uma maior e melhor mobilidade e conectividade com seus setores vizinhos. Ademais, como indicado anteriormente, seria realizada a construção do PTM e de um Complexo Comercial. A proposta de um parque de 20 ha encontrou sua justificativa no discurso ambiental de moda nestes anos – “mais verde para a cidade” –, e a proposta de uma área (centro) comercial de grande tamanho teve seu suporte no discurso do ideário político que estimulou este tipo de investimentos dentro do lema de “competitividade da cidade”.

O Plano apresentou quatro sistemas para a configuração e consolidação do sistema de espaço livre: o sistema ambiental, o sistema de espaços livres, o sistema de circulação de pedestres e o sistema de circulação veicular. Na apresentação do sistema ambiental, o diagnóstico evidenciou o fato de que *San Victorino* contava com poucas referências naturais próximas, mas que seria possível a conformação do sistema, graças à execução dos projetos *do Av. Jiménez* e o Parque Terceiro Milênio²¹⁶.

O projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²¹⁷ “Propôs reconstruir o tecido ambiental do *R. San Francisco* e potencializar os valores arquitetônicos e urbanos da zona que foram construídos historicamente com essa relação”²¹⁸. Em palavras do arquiteto Rogelio Salmona, autor do projeto, esta intervenção urbana pretendia “recuperar a memória” do curso do *R. San Francisco*. Embora esta proposta parecesse interessante no discurso, o projeto feito não teve nada a ver com o previsto no papel: nunca se definiu o conceito de “tecido ambiental” de modo que a expressão reduziu-se ao retórico e na execução do projeto, em troca de uma restauração ambiental, instalou-se um extenso espelho d’água de 1.600 metros de comprimento ao longo da *Av. Jiménez*, entre a *Carrera 4ª* e a *Carrera 10ª*.

O projeto PMTM apresentou-se no Plano como “uma operação estrutural que procurava substituir a *pieza urbana* mais deteriorada do centro e propor uma recuperação ambiental como digno acompanhamento do centro histórico”²¹⁹.

²¹⁵ Priorizar o uso para pedestres em *San Victorino* fortalecendo o sistema para pedestres no centro da cidade: por meio da relação da área comercial ao Eixo Ambiental *Av. Jiménez* e as zonas para pedestres do eixo governamental. (INSTITUTO..., 1998, p. 31)

²¹⁶ “Devido a *San Victorino* localizar-se no centro da cidade, o sistema ambiental conta com poucas referências naturais vizinhas; porém, a recuperação do centro, com os projetos do espaço público com ênfase na recuperação ambiental, permite uma percepção favorável neste aspecto sistêmico. Sem dúvida os dois grandes elementos do sistema ambiental que o constituem são os projetos em execução do parque do Terceiro Milênio e do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*.” (INSTITUTO..., 1998, p. 43)

²¹⁷ É preciso lembrar que o *R. San Francisco* foi encanado e enterrado sob a *Av. Jiménez*, entre 1927 e 1938.

²¹⁸ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

²¹⁹ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

Sem dúvida, o projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez* contribuiu à recuperação de espaço para pedestres e a revalorização de algumas edificações do centro; porém, a partir de sua execução acunharam-se expressões como “tecido ambiental”, “recuperação da memória”, “recuperação ambiental” que, apesar de seu sugestivo significado, fizeram pouco bem ao ambiente da cidade. Assim, na concepção e formulação da operação urbana e do projeto PTM, o discurso oficial, por exemplo, de termos como “recuperação ambiental”, disfarçou a omissão de uma análise séria dos processos do ecossistema e sua relação com a recuperação das sub-bacias ocupadas pela cidade.

Apesar desta grave falência, não se pode desconhecer que o estudo realizado por M&L aportou elementos importantes na compreensão da problemática urbana do setor e informação privilegiada para que a administração *Distrital* pudesse traçar sua estratégia de gestão do projeto PTM. Além disso, o plano apresentou uma proposta coerente com o ideário político – renovação urbana destinada ao estímulo da competitividade – para a intervenção no espaço livre e de reordenação do espaço privado²²⁰, dimensionou o alcance físico e espacial das operações, simulou cenários de investimento e viabilidade técnica e econômica da operação imobiliária e gerou estratégias para o desenho do plano de investimento social, componente fundamental do projeto, tendo em conta a complexa e vulnerável população instalada na área.

Como terceira fase²²¹ projetou-se um desenho do parque e sua borda, (Figura 34), como primeira aproximação à imagem física e espacial que iria adquirir o setor. Pela envergadura da operação, a proposta considerou quatro zonas de intervenção, cada uma com características urbanas particulares determinadas pelo seu nível de deterioramento físico e ambiental e pelo controle do espaço livre e da propriedade privada. Do mesmo modo traçaram-se estratégias de gestão para cada uma das zonas.

²²⁰ “Para poder concretizar a transcendental operação urbana, traçaram-se duas estratégias: a primeira, a recuperação e controle do espaço urbano, processo que se inicia com a recolocação das vendas populares presentes na Praça San Victorino e a posterior construção da nova Praça; a segunda, uma intervenção direta sobre os bens imóveis, os quais se quantificaram e classificaram em patrimoniais, conserváveis e renováveis. Dessa forma, determinou-se o Plano de Gestão do projeto, estabeleceu-se a responsabilidade pública e privada de investimento no construído e determinou-se a prioridade de compra de prédios requeridos para a operação urbana”. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2. p.17- folio55.

²²¹ Para o desenho preliminar do Parque Terceiro Milênio foram contratados os Arquitetos Edgar Bueno e Fernando Montenegro. Parceria Bueno e Montenegro (B&M).

Figura 34 – Vista aérea do Parque Tercero Milênio. (B&M).

Vista desde o sudoeste, em primeiro plano o Parque com sua extensa fonte no sentido norte sul, ao centro a Praça Cívica enquadrada por prédios comerciais, e ao norte a praça remodelada de *San Victorino*. Em segundo plano o centro da cidade e no fundo os *Cerros Orientales*. Fonte: IDU/B&M.

Zona 1. Esta zona é a de maior atividade econômica, contém imóveis de mediana altitude (3 a 8 andares) – alguns com valor patrimonial –, e faz parte do entorno tradicional e histórico da Praça de *San Victorino*²²²; por esta razão o plano propõe manter as estruturas e morfologias existentes, adiantar um programa de restauração e renovação dos imóveis e uma recuperação do espaço livre. No nível morfológico, propôs-se o recorte de um quarteirão sobre a *Carrera 12*, para permitir o prolongamento da Praça de *San Victorino* e comunicá-la com os prédios comerciais propostos, gerando uma continuidade espacial e de usos entre as duas zonas. (Figura 35).

Zona 2. Esta zona caracterizava-se por uma atividade misturada (comércio e moradia) e por uma morfologia produto do traçado tradicional como tabuleiro de xadrez. Para esta zona propuseram-se vários prédios comerciais e um prédio cultural no centro, assemelhando a tipologia dos centros cívicos preconizados pelo urbanismo moderno: grandes prédios flutuando sobre uma imensa plataforma dura impermeável, modificando de modo abrupto a estrutura do espaço livre tradicional de ruas e praças da cidade; nesta

²²² “A história da praça inicia-se com a invocação a *San Victorino* da igreja que se pensava construir neste lugar, [...] A Praça *San Victorino* era o lugar onde se tomava o caminho de oeste que chegava ao porto fluvial de *Honda*, sobre o rio *Magdalena*, através da qual se chegava ao mar, por conseguinte era a porta de acesso à cidade” CORPORACION LA CANDELARIA. “*Atlas histórico de Bogotá 1538-1910*”. Bogotá, 2004, p. 234. Em 1910 instala-se a estátua do prócer Antonio Nariño e recebe o nome de Praça *Antonio Nariño*. Em 1948 retira-se a escultura, pavimenta-se a superfície toda e a habilitam como estacionamento. Em 1960 é ocupada por vendedores informais. Em 1999 recupera-se e remodela-se este importante espaço da cidade e é identificado de novo como Praça de *San Victorino*.

proposta, o pedestre perde sua escala espacial, pois a área livre é três vezes maior do que a da Plaza de Bolívar, primeiro centro cívico e cultural da cidade e do país.

Figura 35 – Planta geral do projeto. Zoneamento geral.

A intervenção proposta inclui toda a peça urbana (P-1), propõem-se grandes zonas verdes, arborização, uma fonte artificial e o canal alusivo à memória do *R. San Francisco*, este último não se incluiu na planta geral. Estabelece quatro zonas (P-2): ao norte, a zona (1) sobre a Praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe uma grande praça conformada por três grandes prédios comerciais; a zona (3), o parque “*versallesco*” com grandes superfícies duras, e ao sul a zona (4), prédios de moradia em forma de claustro. Fonte: IDU/B&M. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 3. É a zona com maior deterioramento físico, social e ambiental, na qual se localizou o PTM, componente central da operação urbana toda. Como suporte de desenho, optou-se por uma quadrícula ortogonal, semelhante à trama urbana existente de *Calles* e *Carreras*, estabelecendo uma integração e continuidade espacial urbana com o seu entorno. A esta quadrícula foi sobreposta uma gigantesca elipse que abarca a totalidade do Parque, a qual definiria o espaço central monumental, de caráter intimista. Complementário a estas duas geometrias de suporte, incluíram-se dois eixos fundamentais de desenho.

Sobre uma imensa esplanada traçaram-se os caminhos para pedestres em suas diferentes hierarquias, os quais se ressaltam com linhas de árvores de grande porte. Tendo em conta o enfoque do presente trabalho, esta proposta de arborização foi interessante em termos compositivos e de segurança, de maneira semelhante ao caso brasileiro ou europeu: “Os grandes parques se tornam transparentes no Brasil e na França para evitar a

delinquência e outros atos de vandalismo, atividades que apreciam na sombra das árvores e arbustos”²²³.

Porém, a proposta foi simplista e insuficiente em termos ambientais, pelo que evidenciou uma obsessão pela geometria e não propôs, por exemplo, massas de árvores que poderiam configurar espaços com características próprias e independentes dos traçados geométricos e os caminhos. O desenvolvimento de plantas arbustivas agrupadas, ao invés de grama ou esplanadas de concreto com caixas para plantação de árvores, favorece os processos *sucessivos* e a atração da vida silvestre²²⁴. “Uma paisagem multifuncional e auto-sustentável proporciona benefícios sociais, econômicos e meio ambientais e ajuda a rebater a ideia generalizada de monofuncionalidade dos parques”²²⁵.

Além das linhas de árvores, propõe-se paralelo ao eixo norte-sul da elipse um grande corpo longitudinal de água composto por quatro fontes artificiais sucessivas²²⁶ que são complementadas com largos caminhos e com *Palmas de Cera* (*Ceroxylon quindiuense*), árvore nacional da Colômbia. Com estes elementos configurava-se uma perspectiva monumental sobre o espaço central do Parque conformado um grande “passeio senhorial”. Porém, mesmo que a presença do corpo de água teve valor como proposta de desenho, esta opção apresentou uma possível renaturalização dos elementos da sub-bacia.

Zona 4. Com a intenção de construir um marco urbano para o Parque, propõe-se o desenvolvimento dos quarteirões adjacentes, com a presença de prédios de uso misturado com alturas máximas de 10 andares, e comércio no nível do aterro. O uso de moradias nos andares superiores das edificações apresentou-se como estratégia para atrair a população para morar no centro da cidade.

Como o evidenciam as linhas anteriores, em termos ambientais o desenho proposto para o PTM, embora apresentasse aportes para a recuperação física e da paisagem urbana da área a ser intervinda, não apresentou maior aporte para a recuperação ambiental da sub-bacia. (Figura 36). Por outro lado, em termos físicos e sociais, vale a pena notar que a proposta, ao estar apoiada no discurso ambiental corrente nesta década, justificava o fato de

²²³ SERPA, O autor toma a expressão “apreciam a sombra cúmplice das árvores e arbustos” (LEMONIER apud SERPA, 2004, p.141p. 32).

²²⁴ É claro que o desenvolvimento destes grupos de vegetação implica implementar medidas de segurança para evitar situações de roubos ou assaltos aos visitantes, como iluminação durante a noite e desenho que assegure o controle visual dos transeuntes. (HOUGH, 1998, p.112)

²²⁵ (HOUGH, 1998, p. 125)

²²⁶ A primeira circular, a segunda retangular, a terceira em cruz e a última retangular.

subtrair a curto prazo 18 quarteirões em avançado estado de deterioramento físico e o traslado de 6.248 residentes em precárias condições de habitação do bairro *Santa Inês*²²⁷.

Figura 36 – Desenhos de Análise do projeto.

Toma-se como suporte do desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se superpõe uma grande elipse (espaço do Parque) e enfatiza-se o eixo central (norte-sul) com uma longa fonte (1). Na zona central projetam-se quatro grandes prédios comerciais, no costado sudoeste do parque projeta-se uma pequena unidade cultural e de serviços (2). No setor dos prédios comerciais propõe-se uma extensa e árida plataforma dura para pedestres – praça cívica – e no parque uma rede de caminhos (3). O parque configura-se com uma grande esplanada verde (4), com arborização que ressalta o traçado dos caminhos (5), o conjunto do Parque completa-se com uma fonte artificial, que lembra “memória” do *R. San Francisco*. [Desenhos elaborados pelo autor].

Não se pode desconhecer que para cumprir com o objetivo traçado pela construção do PTM, a administração colocaria todo o seu esforço, recursos humanos, técnicos e econômicos, e também se proporia a adiantar um complexo e completo processo de assistência social à população residente e flutuante (arrendatários, inquilinos, habitantes da rua e catadores de lixo etc.), assim como uma operação organizada de compra e controle dos 603 lotes (18 quarteirões). Porém, existe no PMTM uma ambiguidade, pois o discurso ambiental e de recuperação urbanística e paisagística serviu como pretexto para legitimar a ideia de que era necessário adiantar drásticos processos de expulsão de população de escassos recursos situada em lugares estratégicos da cidade, com o fim de recuperar zonas beneficiando a competitividade e a recuperação ambiental.

Esta condição não se distingue muito do que explica Serpa (2004, p. 154): “[...] uma política estranha de requalificação do espaço urbano, porque por um lado cria novos

²²⁷ Incluindo moradores e habitantes de rua. Censo *Econometría*. Em 1999 contratou-se um estudo *econométrico* para identificar e quantificar os efeitos socioeconômicos e ambientais das ações a cargo do projeto, como também o cálculo de sua rentabilidade econômica e social.

parques, que são realmente interessantes em termos de concepção, porém, por outro lado, expulsa os habitantes dos bairros onde esses parques são implantados”²²⁸.

3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)

A elaboração do PMTM permitiu esclarecer os propósitos, as estratégias e a viabilidade da realização do projeto de renovação urbana. Porém, a administração ainda tinha que concretizar os desenhos do PTM e, além disso, achar um mecanismo que permitisse a visibilidade do projeto, de modo que o ideário político fosse incorporado no âmbito profissional e pela opinião pública²²⁹. Assim, em 1999, a prefeitura de Bogotá contratou à Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA) a realização de um Concurso de Ideias para o desenho do PTM, dirigido aos profissionais do país todo²³⁰.

O edital do concurso teve como referência obrigatória as premissas do Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas (1998-2001), do PMTM e sua proposta de desenho do Parque. Igualmente incluiu os lineamentos e conceitos do modelo de ordenamento do POT, o qual naquela época encontrava-se em seu processo de aprovação por parte da entidade ambiental competente²³¹.

O documento apresentou nos dois primeiros capítulos os antecedentes históricos gerais, a descrição atual da área a ser intervinda, algumas referências ao POT e ao PMTM, a apresentação institucional do projeto de renovação da *pieza urbana* e dos instrumentos de gestão que seriam utilizados para sua realização. A partir do terceiro capítulo, apresentaram-se os componentes particulares do concurso arquitetônico – o objeto, o alcance e os elementos fundamentais: urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Depois foram mencionados os critérios do projeto e o resumo das normas urbanísticas gerais.

A apresentação institucional do projeto evidenciou a premissa da proposta do ano 1998, M&L: o *slogan* visava a gerar um grande impacto no centro histórico e tradicional, com a intenção de estimular o investimento público e privado em programas de moradia, comércio e cultura, para fazer de Bogotá uma cidade mais competitiva e atrativa para o

²²⁸ SERPA, 2004, p. 154. O autor retoma a entrevista realizada ao paisagista Gilles Clement, um dos conceptores (sic) do Parque André-Citroën, no contexto de uma investigação de pós-doutorado realizada no laboratório de Espaço e Cultura da Universidade de Paris IV.

²²⁹ “Facilitar a Promoção e Apropriação social do projeto. A espacialidade proposta será o primeiro elemento para que a cidade e os habitantes o incorporem como uma realidade coletiva que interesse a todos os cidadãos. As ideias do concurso devem propor aos cidadãos a imagem deste novo território, permitir sua identificação como símbolo urbano e constituir uma oferta de espaço público com o qual os usuários possam contar”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 2.3.4.1.)

²³⁰ “Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do Parque Terceiro Milênio em *Santafé* de Bogotá”. (SOCIEDADE..., 1999)

²³¹ “De acordo com a Lei 388 de 1997 de Ordenamento Territorial, [...] O processo de elaboração do POT tem três fases ou processos: (1) **Formulação**, (2) **Conciliação Organização** interinstitucional e consulta com os cidadãos e (3) **Aprovação**”.

investimento e o turismo nacional e internacional²³². A conformação de espaços públicos de caráter emblemático apresentou-se como a alternativa que permitira lograr estes propósitos, além de garantir o acesso da população toda em condições de equidade à “recreação, lazer e divertimento”²³³.

As bases do concurso também mencionaram a intenção de melhorar as condições ambientais do setor por meio de “uma área importante verde”²³⁴, mas paradoxalmente em seu edital omitiu todo tipo de compromisso com a recuperação dos elementos naturais do lugar, especialmente dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²³⁵. (Figura 37)

Figura 37 – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).

As propostas de desenho do Parque (P-1) deveriam apresentar uma solução integral à área toda da *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 5ª* e a *Av. Caracas*. Além disso, deveriam resolver a articulação do projeto com o seu entorno imediato (cor rosa). A proposta ganhadora (Pereira & Pabón) subdividiu a *pieza urbana* (P-2) em quatro zonas: (1) área de conservação parcial, onde se mantém a morfologia e uso existente; (2) área de renovação total, com usos de comércio e moradia; (3) área de renovação total, de uso exclusivo para o Parque; e (4) área de renovação total, com uso principal de moradia. [Planos elaborados pelo autor, sobre planos de FONADE “*Preinversión*”, Bogotá, 1988].

Carente de um compromisso de recuperação dos processos essenciais do ecossistema, associados às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, o concurso de

²³² “O projeto deve contribuir a melhorar as condições de competitividade de Bogotá para o terceiro milênio e fazê-la atrativa para novos investimentos e atividades futuras. Se propõe apostar ali por maiores atividades residenciais, lúdicas e culturais, e dotar o centro de espaços públicos ou recreativos, a escala da urbe moderna, para os tempos contemporâneos [...]”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³³ “A construção e dotação de espaços públicos de caráter representativo corresponde à política da Administração de prover à cidade de lugares de encontro e espargimento, onde o cidadão tenha, sem distinção de sua capacidade econômica ou de qualquer outro fator de segregação, igualdade de oportunidades de recreação, descanso e entretenimento”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁴ “Um dos objetivos é o de melhorar as qualidades ambientais desta peça estratégica, propondo uma área importante verde que permita compensar os efeitos e condições de ocupação urbana característica do setor [...] Busca melhorar a qualidade de vida dos habitantes do setor e ao mesmo tempo, como equipamento metropolitano, a de todos os habitantes da urbe”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁵ O documento pedia aos participantes que propusessem soluções em três escalas: “a do Parque e a volumetria de suas margens; a da área de influência e a de articulação do Parque com o setor e o centro com a cidade em geral.”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1) Na definição das escalas de intervenção não apareceu uma referência às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como elementos que ajudaram a definir as escalas e relações que deveria guardar o Parque em termos espaciais.

ideias assinou ao Parque essencialmente um significado e valor emblemático, com a clara intenção de reforçar sua importância e pertinência, fazendo sentir à população que o que estava em jogo com a realização do projeto era a dignidade nacional, e que, portanto, era urgente que todos os cidadãos respaldassem esta nobre e louvável iniciativa:

O centro de Bogotá e do país é tão importante como a bandeira ou o escudo da Colômbia. Por tal motivo, a recuperação deste setor que, pelas atividades e serviços que presta ao restante da cidade e ao país, deve alcançar uma conotação de símbolo nacional [...]” (Bases do concurso, 1999, apresentação)

Este enfoque faz inevitável pensar no papel que cumpriram os parques *bogotanos* em um período da história da Colômbia que passou à memória do povo como a época de “*La Regeneración*”: como se mencionou na seção anterior, no final do século XIX, os projetos dos parques *bogotanos* converteriam-se nas vitrines de um projeto político que pretendia a consolidação e controle do Estado Nacional²³⁶, e que buscava enfrentar a situação de pobreza, violência e crise interna na qual se afundava o país.

É preciso lembrar – guardando a devida distância de tempo, escala e contextos históricos – que na Europa surgiu a ideia do parque público urbano no século XIX, como uma alternativa que reunia um conjunto de qualidades que ajudariam a resolver os males da cidade industrializada, de tal forma que as teorias higienistas legitimariam as funções sanitárias do parque urbano, onde “[...] os benefícios sanitários da natureza se juntaram à virtude pacificadora, associada rapidamente a uma ideia de controle social”²³⁷. No caso *bogotano*, não se trata de um mundo industrializado, mas de uma cidade pré-moderna de apenas 100.000 habitantes, capital de uma República, que tratava de superar a instabilidade política e os fenômenos de violência e pobreza que aconteceram depois da independência em 1810, e que concebeu ao parque urbano a chance de cultivar valores “pacificadores” fundamentais ao orgulho nacional e o culto aos heróis e mártires da independência.

Chama a atenção que no caso *bogotano*, com um século de diferença, propuseram-se soluções com discursos políticos semelhantes, desconhecendo-se que a escala e conflitos da cidade são diferentes e mais complexos. O PTM como projeto político de finais do século XX guarda semelhança com os empreendidos na época de *La Regeneración*, mas

²³⁶ “A *Regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu início a que os princípios do *conservatismo* fossem impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

²³⁷ SERPA, 2004, p. 160.

agora, mediado pelo discurso contemporâneo dos símbolos nacionais, a promoção da competitividade, a procura da igualdade e da sustentabilidade ambiental, foram reforçados com um enfoque quase messiânico: o concurso arquitetônico de ideias tinha o papel da semente no processo de salvação e redenção do centro da cidade e de todos os seus moradores:

Esta é uma ocasião única, e oportuna, para obter na área central da cidade as condições para se inserir ao futuro adequadamente, e para atuar como centro de integração social no mundo contemporâneo. [...]

Não fazê-lo seria condenar a cidade central à decadência, ao anacronismo e ao abandono, ao mesmo tempo em que os equipamentos contemporâneos vão se fazendo na periferia, onde se deslocam os atrativos, ao mesmo tempo em que o centro nem sequer se conserva [...] (Bases do concurso, 1999, numeral 3.1)

Com este ideário, nas bases do concurso pediu-se aos participantes toda sua dedicação e sabedoria para apresentar as mais criativas soluções, que deram resposta a aspectos transcendentais como a “[...] criação de um fato urbano de tal significado e atrativo que se converteria em referente geral da Bogotá metropolitana do século XXI”²³⁸.

Na procura de uma solução integral no setor de *San Victorino* e o centro da cidade, as bases do concurso enfatizaram a necessidade de que as propostas abordassem simultaneamente três aspectos básicos: o urbanístico, o arquitetônico e o paisagístico.

No urbanístico, insistiu-se na importância de conservar a “memória” e ressaltar a importância do lugar na história da cidade²³⁹, assim como na urgência de dispor grandes áreas para o estacionamento de veículos, devido a que toda a operação imobiliária tinha como eixo central a construção de um complexo comercial²⁴⁰ na parte média da *pieza*

²³⁸ Correspondente a este objetivo, o documento do concurso apresentava como objetivos: “Gerar um impacto social cultural e urbano que potencialize a reabilitação da cidade central toda, propor a vocação e o caráter do Parque, assim como sua representação simbólica e cultural para a cidade e o país em geral; definir os usos e possíveis atividades no Parque e na borda de influência imediata [...], que garantam a permanência, o atrativo, o caráter e a sustentabilidade do Parque [...] a utilização dos prédios que seja necessário, ou se proponha conservar; localizar esculturas, símbolos, fontes, sinais, árvores e outros elementos organizadores do espaço cívico proposto; considerar a trama urbana e os espaços públicos pré-existentes ou propostos que articulem o Parque e sua área de influência com o restante da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1)

²³⁹ “O Parque como Marco Urbano: Se deverá incorporar ao desenvolvimento do Parque a memória urbana e o significado histórico que tem tido e tem neste setor para os cidadãos de fora e dentro da cidade. O parque deverá ser um motivo de orgulho e reconhecimento para os cidadãos e lugar obrigado de visita, tanto para os *bogotanos* como para os habitantes de fora da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴⁰ “Deve se considerar que na zona norte da borda do parque se colocará um setor comercial e de serviços de aproximadamente seis hectares, complementares à zona consolidada existente, a qual, segundo os cálculos, deverá prover estacionamentos para 5.000 veículos”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

urbana. Com relação ao aspecto arquitetônico, insistiu-se na necessidade de propor um desenvolvimento imobiliário sobre a *Carrera 10ª* com características semelhantes à solução proposta por B&M, com a intenção de incluir esta zona como parte da estratégia de financiamento do Parque²⁴¹.

Finalmente, apesar de que o concurso do desenho correspondia a um Parque Metropolitano, que por sua natureza deveria fazer parte da Estrutura Ecológica Urbana (EEU) da cidade, o aspecto ambiental e paisagístico foi referido dentro das bases com poucas linhas e de maneira superficial. Aos competidores pediu-se exclusivamente:

Propor a ideia básica do parque com suas áreas, solos, caminhos, fontes, prédios e demais elementos concebidos, assim como as massas, alturas, alamedas ou alinhamentos arborizados, sem necessidade de descrever as espécies, nem fazer um projeto paisagístico detalhado.²⁴²

O tema dos corpos de água – rios *San Francisco* e *San Agustín* – também se tratou de maneira trivial a tal ponto que até o *R. San Agustín* nem sequer foi mencionado dentro das Bases do Concurso. O manejo de água reduziu-se a um artigo de recuperação da “memória urbana” e não se incorporou como um elemento vital do sistema hídrico do centro da cidade. Aos contestantes foi solicitado simplesmente “[...] ter em conta o leito do antigo *R. San Francisco*” sem proporcionar maiores precisões ou parâmetros a respeito.

Os critérios de avaliação e qualificação dos projetos foram consequentes com os objetivos traçados. Neste sentido, não incluíram aspectos ambientais e paisagísticos, e concederam prioridade unicamente à proposta de usos, de articulação urbana e de gestão da proposta. O jurado do concurso outorgou o primeiro prêmio à proposta dos arquitetos Juan Guillermo Pereira e María Camila Pabón (P&P), (Figura 38), a qual compreendia uma operação urbana integral, coincidente com as quatro zonas de intervenção que propuseram B&M:

De acordo com o jurado, o projeto ganhador criava uma nova paisagem através da técnica apropriada na criação de parques, cujo segredo está no trabalho paciente sobre as articulações em diferentes níveis, sobre as massas de árvores, sobre a água, sobre o tecido entre o anterior e o

²⁴¹ “[...] considerar a inclusão de novos prédios representativos de caráter institucional que lhe forneçam sustentabilidade à conservação do patrimônio urbanístico e arquitetônico da borda oriental do Parque”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴² SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2.

construído. O jurado também considerou para selecionar o projeto, a importância que este lhe deu à vinculação direta do parque com os seus limites imediatos.²⁴³

Figura 38 Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitectónico. Arquitetos Pereira & Pabón (P&P). O Parque em primeiro plano com suas praças, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o conjunto de prédios comerciais e de moradia. [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de P&P, sobre a vista aérea de B&M].

Zona 1. A solução propôs manter a estrutura morfológica nos quarteirões existentes em virtude do seu valor patrimonial e sua tradição como setor comercial. Para integrar a Praça *San Victorino* com o Parque, propõe-se subtrair um quarteirão mantendo um prédio patrimonial, que seria reciclado como prédio institucional. (Figura 39).

Zona 2. Para esta zona a proposta incluiu uma renovação total dos quarteirões os quais mantêm a morfologia urbana e recuperam a tipologia de quarteirão com quintal no interior (claustro); estabelecem-se como usos, o comércio no nível da rua e as moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁴. Para dar a continuidade entre a Praça *San Victorino* e o Parque, subtraem-se dois quarteirões e mantêm-se os prédios patrimoniais, os quais são reutilizados como equipamentos institucionais.

Zona 3. Esta área corresponde ao PTM, e tem um tamanho maior ao proposto no projeto de B&M, pois integra ao Parque quatro quarteirões do costado norte. Propõe-se a conservação de todos os prédios patrimoniais, os quais são reciclados como prédios

²⁴³ Carta do jurado qualificador dirigida aos participantes do Concurso de Ideias Parque Terceiro Milênio, novembro de 1999. In: IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1., p. 55-Folho 094.

²⁴⁴ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

institucionais, que prestam serviços complementares ao Parque. Para conservar a estrutura espacial e funcional da *Calle 10ª*, propõe-se a construção de novos prédios com formato de barra, paralelos à *Calle 10ª*, que confinados com os prédios patrimoniais recompõem o espaço cênico da via. A composição geral do Parque apóia-se sobre a quadrícula tradicional, típica da morfologia da cidade colonial, à qual foram sobrepostos eixos diagonais, que respondem – segundo os projetistas – às tensões próprias do lugar²⁴⁵.

Figura 39 – Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.

O projeto que incluiu a *pieza urbana* toda (P1) propõe: manter os prédios patrimoniais, extensas zonas verdes, linhas de arborização e uma longa fonte artificial. Destaca-se a plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* que permite a continuidade espacial entre o parque e o centro histórico. Estabelece quatro zonas (P2): ao norte, zona (1) sobre a praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe-se a uma renovação total e prédios comerciais respeitando a morfologia existente; a zona (3), o parque, uma extensa esplanada com três eixos principais, (a) *Calle 11*, caminho de jardins temáticos, (b) caminho ao museu urbano e (c) alameda *Carrera 12*, e no sul, a zona (4) grandes prédios de moradia com formato de barra. Fonte: Revista Escala no. 186-187. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 4. Propõe-se para esta zona a modificação de todos os quarteirões, a construção de um plano de moradia, com tipologia em barra, com espaços verdes interiores, com comércio no nível do térreo e moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁶. Para integrar o PTM com este novo desenvolvimento de moradia projeta-se um “parque lineal” no costado sul da *Calle 6ª*, parque que na verdade correspondeu a uma calçada arborizada.

Como havia plena liberdade de propor o conteúdo do programa do Parque, o projeto ofereceu uma série de elementos, os quais foram aproveitados como estratégia de composição do mesmo e de sua integração com o setor: especialmente a criação de uma

²⁴⁵ Um eixo que integra a Praça de *San Victorino* com a esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*, e um eixo curvo que associado ao anterior conforma o espaço monumental mais importante do Parque; outro eixo diagonal conecta a esquina da *Av. Caracas* e *Av. Jiménez* com o Parque e o bairro *San Bernardo*; a partir deste eixo, estabelece-se um novo plano visual que integra o Parque com os *Cerros Orientales* da cidade.

²⁴⁶ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

plataforma para pedestres no nível das calçadas sobre a *Carrera 10ª* entre as *Calles 8ª e 11*, conectando espacial e funcionalmente o PTM com o Centro Histórico (Praça de *Bolívar*); o fluxo veicular da *Carrera 10ª* se resolve com uma via subterrânea que passa sob a plataforma para pedestres.

Sobre a *Av. Caracas* propõe-se uma solução menos afortunada, ao resolver a integração a partir do traçado geométrico da arborização proposta, a qual proporciona uma aparente homogeneidade ao espaço, mas na verdade este se fragmenta sob a copa das árvores, sem resolver a conectividade urbana.

Como mencionado anteriormente, a *pieza urbana* compõe-se por quatro zonas claramente estabelecidas. Para conseguir uma integração entre estas, o projeto propõe três elementos estratégicos: o primeiro é um grande espaço verde com formato de banana que conecta a Praça de *San Victorino* com a Praça *Caracas*²⁴⁷. Este espaço de caráter monumental domina toda a composição do Parque e contém duas Praças: Central e de Esculturas, acolhe o passo das *Calles 10ª e 11*, ressalta quatro prédios patrimoniais e um longo corpo de água conformado por quatro fontes artificiais que supostamente lembram o velho leito do *R. San Francisco*. Este espaço enquadra-se com árvores de grande porte, plantados sobre os caminhos dos eixos principais.

Um segundo elemento é o caminho diagonal que comunica o grande espaço verde com formato de banana a três praças triangulares do Parque: a Praça Central, a Praça de Esculturas, e a Praça de Eventos localizada na *Carrera 12* com *Calle 7ª*. O terceiro elemento esta constituído pelo caminho traçado sobre a *Carrera 11*, que comunica a Praça de *San Victorino* com a *Calle 6ª*. Este eixo contém uma biblioteca acondicionada em um prédio patrimonial, três jardins temáticos – flores, verde e árido – o parque infantil com brinquedos mecânicos e a área para esportes com quatro quadras múltiplas. (Figura 40).

Em relação aos elementos naturais, o projeto ganhador propõe como base uma extensa planície verde, que cobriu o espaço todo do Parque, a qual era rebaixada pela quadrícula de caminhos estreitos, pelos eixos diagonais e pelas pequenas praças propostas. Com a intenção de romper com esta paisagem contínua, propôs-se ao costado leste do eixo central que comunica a Praça Central e a Praça de Eventos, um largo talude triangular conformado por três seções trapezoidais, o qual cumpria com várias funções: gerar um lugar calmo e estratégico para o lazer e aproveitamento do Parque, estabelecer um controle espacial entre as áreas leste e oeste do Parque, cumprir a função de corta-ventos e

²⁴⁷ Praça proposta na esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*.

comportar-se como uma sacada urbana, desde onde se teria uma vista panorâmica do Parque, seu entorno e especialmente os *Cerros Orientales* da cidade.

Figura 40 – Desenhos da análise do projeto.

Semelhante à proposta de B&M, estes tomam como suporte de desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se traçam eixos diagonais que relacionam pontos importantes do setor (1). Sobre a Praça de *San Victorino*, subtrai-se um quarteirão para permitir a conexão desta com o Parque, na zona central projetaram-se prédios de comércio em formato de claustro, e no Parque propõem-se pequenas unidades (museus e serviços) sobre os três eixos principais (2). Como sistema para pedestres propõe-se uma rede simples de caminhos, com praças no cruzamento dos caminhos mais importantes (3). O parque beneficia-se com uma importante esplanada verde que inclui um talude central (4). A rede de caminhos destaca-se com as linhas de árvores (5). Para rememorar o leito do *R. San Francisco* projeta-se uma longa fonte de cinco trechos. [Desenhos elaborados pelo autor].

A vegetação dispôs-se basicamente de duas formas: de um lado, fileiras de árvores que acompanhavam os caminhos e enquadravam os espaços, com a clara intenção de ressaltar a trama tradicional urbana de *Calles* e *Carreras* de árvores; de outro, a configuração de massas “quadriculadas” de árvores com a finalidade de criar barreiras naturais que controlaram visual e acusticamente as interferências produzidas pela *Av. Caracas*, uma das vias mais congestionadas da cidade.

Para a recuperação da “memória” do leito do *R. San Francisco* propõe-se, paralelo ao eixo diagonal que comunica a Praça de *San Victorino* e a Praça *Caracas*, um longo corpo de água formado por quatro fontes artificiais de água, as quais fazem parte do espaço verde dominante da composição do Parque.

É claro que o projeto recebeu o primeiro lugar, por sua resposta frente às exigências das bases do concurso, nas quais se insistia em reconhecer as estruturas urbanas existentes, em propiciar a conectividade urbana e em manter o patrimônio arquitetônico. Também é evidente que como as diretrizes das bases do concurso não incluíram referências com relação à recuperação dos elementos naturais do setor, nem do sistema hidrológico, a

proposta ganhadora ignorou os critérios e as estratégias de desenho ambiental. Porém, sob o olhar deste trabalho, observaram-se os seguintes aspectos positivos na proposta ganhadora:

O projeto propunha manter a maior quantidade de espaços livres no Parque e no setor, com uma superfície verde permeável equivalente a 70% da área do Parque e com poucas áreas impermeáveis, conformadas pela rede de caminhos – os quais tinham dimensões semelhantes ou menores ao largo das ruas existentes no setor –, e o conjunto de praças, cujas dimensões eram inferiores às da *Praça de San Victorino*, principal espaço público da *pieza urbana*. O modelado da topografia configurava um talude central o qual operaria como sacada urbana, desde onde se tinha domínio do Parque, do seu entorno e dos *Cerros Orientales*, elemento dominante da paisagem da cidade.

A instalação de uma plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* dava continuidade e conectividade urbana entre o Parque e o centro histórico da cidade, conseguindo com isto que a população usuária do centro participasse e aproveitasse de maneira direta os espaços e as atividades que o Parque poderia lhes oferecer.

O grande espaço verde com formato de “banana” era um elemento de integração de todos os componentes destacados da *pieza urbana*: a Praça de *San Victorino*, a Praça Central, a Praça de *Esculturas*, o Colégio *Santa Inés* e a Praça *Caracas*, os quais se conectariam por dois caminhos para pedestres, que percorreriam o espaço, tendo como elemento de composição central a grande fonte artificial, “[...] figura verde, acompanhada de um plano de água lineal, memória do passo do rio [...]”²⁴⁸.

A partir desta mesma leitura, neste trabalho identificam-se aspectos fracos no projeto ganhador: ao se tomar como base de desenho o traçado tradicional das *Calles* e *Carreras* existentes, o projeto apresenta uma solução espacial que reproduz de maneira simplista o tecido da cidade, onde o construído é trocado pelo vazio. É assim que o projeto é concebido como uma grande operação de subtração dos quarteirões, onde as ruas tornam-se caminhos e os quarteirões espaços verdes. Esta solução aparentemente respeitosa do passado, como o referem os autores, não aportava elementos paisagísticos significativos para o novo Parque, pois esta atitude fazia com que todos os percursos fossem semelhantes, lineais e com as mesmas perspectivas sem nenhum valor cênico.

Chama a atenção que a única parte onde não se manteve o traçado urbano foi na zona correspondente aos quarteirões irregulares, bem no lugar por onde passava o *R. San*

²⁴⁸ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 65.

Francisco. No projeto há uma obsessão marcada por endireitar tudo, por traçar grandes eixos conectores de espaços ou pontos de interesse, como intencionalmente notam os autores:

O urbanismo de *Sixto V*, que estabelece pontos de tensão entre a cidade, e percursos lineais que os comunica, fazem aparecer [no projeto] uma segunda estrutura superposta, rica em diagonais que responde ao fato de que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta [...] ²⁴⁹

É com esta mesma atitude que se traça a rígida fonte de água, com a intenção de recuperar a “memória” do leito do *R. San Francisco*.

Em estreita relação com os conceitos anteriormente expostos, a proposta de arborização reafirmou esta obsessão por ressaltar a traça urbana e os novos eixos diagonais, pois a colocação da vegetação fez-se a partir de uma rígida geometria na qual as linhas de árvores enquadravam os espaços, as fileiras de vegetação acompanhavam os caminhos e nos casos em que se propunham massas de árvores fez-se sob uma severa geometria semelhante à utilizada na plantação mecanizada para a produção agro-florestal.

A proposta, fiel às bases do concurso, não apresentou nenhuma alternativa de recuperação dos elementos naturais perdidos – rios *San Francisco* e *San Agustín* – os quais tiveram grande importância para a cidade. A referência ao *R. San Francisco* fez-se com um longo espelho d’água composto por quatro bacias artificiais, que pouco tinham a ver com o percurso original do rio e muito menos com a função biológica que poderiam cumprir dentro do ecossistema da cidade. Finalmente – semelhante às bases do concurso – não se fez nenhuma referência ou alegoria ao *R. San Agustín*.

Apesar destas falências, o processo do concurso arquitetônico de ideias cumpriu com a estratégia central da administração *Distrital*: dimensionar o custo político e social da obra a empreender – aproveitando a oportunidade como um instrumento de publicidade da operação imobiliária da *Pieza Urbana* Terceiro Milênio – por meio de um evento de caráter nacional, que convocou todos os arquitetos do país aproveitando o ente mais importante do grêmio, a Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA).

A estratégia de utilizar o concurso como um instrumento de publicidade ou promoção evidencia que o PTM, no fundo, foi um projeto político, que em sua concepção retomou a

²⁴⁹ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67..

experiência do modelo francês, usado na construção de parques nos últimos anos do século XX: “Concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque urbano está ligado, sobretudo, a uma vontade política [...] Trata-se principalmente, de uma vontade política de representação no (e através do) tempo”²⁵⁰.

3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.

Com o PMTM, a convocatória do Concurso de Ideias e a eleição de um projeto ganhador, a administração *Distrital* conseguiu concretizar numerosos aspectos relacionados com a materialização deste megaprojeto portador de um ideário político. Porém, ainda era necessário dotar o projeto de um elemento adicional que permitira finalmente a execução amparada em um marco legal e normativo. Foi assim que a Prefeitura contratou o “Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio” (*POUPTM*), cujo documento técnico foi encarregado à União temporal, EHM Arquitectos, conformada por Rafael Esguerra, Carlos Hernández e Giancarlo Mazzanti. (Figura 41). O estudo teve como objetivo “estabelecer um diagnóstico sobre a situação atual, os potenciais, e as restrições do setor utilizando uma base técnica que permitisse analisar as características dos componentes ambientais, paisagísticos, espaciais, funcionais e físicos da área”²⁵¹. Para os propósitos desse trabalho, requer-se aprofundar nos elementos que primaram na concepção do POUPTM, pois esses evidenciam as prioridades e parâmetros que se estabeleceram para a execução do projeto.

O Documento técnico do POUPTM incluiu uma aproximação à escala metropolitana, para “[...] visualizar as transformações ambientais e geográficas, a conectividade e acessibilidade ao setor”, uma aproximação ao centro da cidade e a área de influência do Parque²⁵². O Documento Determinou os usos, densidades e níveis de intervenção e o procedimento para a definição das normas do setor, os instrumentos de gestão urbana e planejamento, e a atuação urbanística de acordo com os lineamentos da Lei 388 de 1997, Lei de Ordenamento Territorial.

Com relação ao tema legal, o Documento Técnico do POUPTM teve em conta as definições e lineamentos do “Decreto 880 de 1988”²⁵³, o qual lhe atribui o tratamento de

²⁵⁰ SERPA, Angelo, 2004, p. 139-140.

²⁵¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6.

²⁵² INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 4.

²⁵³ O estudo de Montenegro & Lizarralde deu origem ao Decreto 880 de 1998. “*Por el cual se adopta el programa de Renovación Urbana para la recuperación del sector comprendido por los barrios San Bernardo y Santa Inés y su área de*

Renovação Urbana²⁵⁴ ao bairro de *San Bernardo* e sua área de influência; do Decreto 334 de 2000, “com o qual se modifica e se complementa o Decreto 880 de 1998 com relação aos conteúdos do Programa de Renovação Urbana para o Setor de *San Bernardo*”²⁵⁵; e o Decreto 619 do Plano de Ordenamento Urbano (POT), cuja aprovação e divulgação realizaram-se no ano 2000. O POUPTM, em relação à escala urbana, incorporou os objetivos estabelecidos pelo POT para o ordenamento da cidade central²⁵⁶.

Figura 41 – Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).

Em primeiro plano o Parque com suas alamedas, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o traçado do novo desenvolvimento urbanístico, conjunto de prédios comerciais (sem construir). [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de EHM, sobre a vista aérea de B&M].

Embora fossem expostos os aspectos relacionados com a norma específica do setor e a operação de renovação urbana²⁵⁷, no que diz respeito à dimensão ambiental, é preciso dizer que em sua introdução, o Documento Técnico do POUPTM deixou em um lugar

influencia y se establecen normas específicas para algunos de los sectores dentro del área de Renovación Urbana". Bogotá, outubro de 1998.

²⁵⁴ O decreto 880/98 definiu a Renovação Urbana como o “processo de intervenção sobre a política de uso do solo, por meio deste procura-se transformar ou adequar um assentamento urbano existente e adaptá-lo a novas necessidades urbanas com o fim de dinamizar zonas deterioradas ou em processo de deterioramento”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe Final)

²⁵⁵ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe final.

²⁵⁶ São objetivos do ordenamento da cidade central (entre outros): “[...] Melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. 5. Proteger e conservar os elementos da Estrutura Ecológica Urbana dando trato especial aos *Cerros Orientales*. 6. Incentivar a conservação das zonas e imóveis patrimoniais [...]”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Plano de Ordenamento Territorial (POT). Decreto 619 de 2000. Art. 121. *Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital, Bogotá, 2000.*

²⁵⁷ O Plano recomendou o seguinte: “A norma específica para o setor de intervenção estará delimitada por meio de três atos administrativos que são: a *Ficha (explica)* regulamentaria: para os setores com tratamento de renovação em sua modalidade de reativação. O Plano Parcial: para os setores com tratamento de renovação na modalidade de re-desenvolvimento e o Plano *Maestro* para Parques e Plano *Maestro* para Equipamentos: na área específica do parque.”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 56, Informe Final)

marginal a dimensão ecossistêmica, apesar da presença do conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no POT. Somente fez uma breve alusão a este conceito, transcrevendo os objetivos do ordenamento da cidade central estipulados pelo POT:

[...] melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. E proteger e conservar os elementos da EEU dando tratamento especial aos *Cerros Orientales*.²⁵⁸

Vale a pena notar também que paradoxalmente nestas poucas linhas não se consideraram as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como parte fundamental da EEU no centro da cidade.

Apesar desta omissão na introdução, a descrição da área de estudo do documento Técnico do POUPM incluiu alguns enunciados sobre o “Sistema Ambiental Geográfico e de Paisagem”, sem assumir um compromisso tangível com o ideário que deu vida ao conceito de EEU na formulação do POT: (Figura 42), no estudo mencionaram-se alguns antecedentes e o estado da paisagem, dos componentes hidrológicos, topográficos e bióticos, enfatizando na vegetação existente e predominante na área. A descrição de cada um dos componentes retomou os elementos enunciados pelos estudos que lhe antecederam (Plano Zonal do Centro de Bogotá, Agendas Locais Ambientais, Plano *Maestro* Terceiro Milênio e bases do Concurso Arquitetônico de Ideais entre outros). As recomendações para o melhoramento da qualidade ambiental retomaram a retórica das bases do CAI e do PMTM, sem formular uma proposta encaminhada a concretizar ações específicas para a recuperação do sistema hídrico e hidrológico original²⁵⁹.

²⁵⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Documento Técnico de Soporte al POT*. Numeral 5.2.1.2.3. Bogotá, 1999.

²⁵⁹ “A recuperação da memória dos rios executa-se por meio da incorporação do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, que continua até o interior da zona. É um componente essencial para a recuperação do espaço público de *San Victorino* e para o Parque Terceiro Milênio. [...] Do mesmo modo a *Calle Séptima* por onde passava o leito do rio *San Agustín* incorpora-se também como Eixo Ambiental, aportando um melhoramento das condições para a circulação de pedestres e de bicicletas e com um critério claro de arborização para articular a rede verde [...] Como uma solução para compensar a artificialização (enterro) dos rios, é importante considerar a conexão entre os cerros e seus rios por meio da incorporação das principais avenidas por meio de eixos ambientais e suporte da malha verde, de forma que todas estas funcionem dentro de uma rede verde viária [...] se recomenda a penetração da paisagem dos morros na trama urbana por meio de seus principais eixos (antigos leitos) *Av. Jiménez* e *Calle Séptima*, entre os que se recomenda incluir também a *Avenida de Los Comuneros* e a *Avenida 1ª*, de jeito que estes eixos verdes desçam e penetrem na área para chegar ao Parque e continuem pela rede verde viária. Estes corredores poderão atrair novas espécies de fauna associada, buscando melhorar a qualidade sonoro-auditiva, não somente pela absorção, desvio e reflexão do barulho, mas pela substituição por outro som mais prazeroso ou mais tolerável ao ter-se reduzido a energia original”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p.39-40, Informe final) O documento do Plano não fez nenhuma recomendação técnica para conseguir estes louváveis objetivos, já que a atividade pela qual tinha sido contratada a União EHM Arquitectos, consistia somente em efetuar recomendações gerais, de modo que as propostas como, por exemplo, a de um “eixo ambiental” sobre a *Carrera 7ª*, ou sobre a *Avenida 1ª* jamais se realizaram.

Figura 42 – Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto construído. (EHM).

A área de estudo do Plano (P-1) estava definida pela zona (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 1ª* e a *Av. Caracas*, com uma área de 68,3 ha, Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) estava conformada pela *Calle 19*, a *Carrera 4ª*, a *Calle 6ª* sul e a *Carrea 19* área 310 ha. A área do Parque (P-2) subdividiu-se em duas zonas: (1) Cor verde escuro, pertence ao espaço de articulação entre a área comercial de *San Victorino* e o Parque. (2) cor verde claro, corresponde à área do Parque propriamente dito. Fonte: IDU/EHM. [Desenhos elaborados pelo autor].

Na metodologia do POUPTM, incluíram-se três fases: a primeira foi referente a uma “Análise e diagnóstico no nível do setor”, a segunda, a uma “Definição das alternativas de organização”, e a terceira, ao “Desenvolvimento do cenário de organização e desenvolvimento do projeto arquitetônico”²⁶⁰. É nesta última fase que se incluiu o projeto “Estabelecer as diretrizes do desenho do parque e seu desenvolvimento”²⁶¹. Neste cenário foi determinada a função e o conteúdo do programa, e foram elaborados os planos gerais de construção do Parque.

Projeto construído

Para a zona de 18.5 ha²⁶², (Figura 43), correspondente ao PTM, o POUPTM, retomou vários critérios do projeto ganhador do concurso arquitetônico de ideias:

[...] a integração com o seu contexto urbano: relação com o *cardo*²⁶³ Institucional, a relação com (os bairros) *La Candelaria*, *La Capuchina*, *El Voto Nacional* e *La Estanzuela* [...] a construção do Parque por etapas²⁶⁴, a recuperação da ‘memória’ dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por meio da criação de espelhos d’água, a evocação de seus leitos pelo tipo de

²⁶⁰ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6-8, Informe final.

²⁶¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 8, Informe final.

²⁶² A área inicial era de 20 ha, mas ao suprimirem-se dois quarteirões ao norte do Parque a área diminuiu a 18.5 ha.

²⁶³ **Cardo**: rua sentido norte-sul usado no planejamento urbano das cidades do império romano. A rua sentido leste-oeste se denomina *Decumanos*.

²⁶⁴ “O qual se verificou de acordo ao Plano de compra de prédios da Empresa de Renovação Urbana”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60, Informe final)

arborização associada²⁶⁵, a criação de grandes espaços representativos de encontro abertos à paisagem dos morros; o manejo do Parque por meio de sistemas operativos (solos e topografia), de tensões e fluxos (mobilidade), e de acontecimentos (programa de usos) [e finalmente a] evocação da memória de suas ruas e espaços, e identificação de seus espaços com seus antigos nomes” (Toponímia).²⁶⁶

Figura 43 – Planta geral do Projeto Construído.

Diferente dos projetos de B&M e P&P, a proposta somente inclui a área do Parque (P1). Mantêm-se os prédios de Medicina Legal e o Colégio *Santa Inés*, projetam-se sete taludes perimetrais para isolar os espaços interiores com o seu entorno, além de organizar a rede de caminhos inferiores e superiores do mesmo. Como complemento ao Parque (2) a administração *Distrital* elabora os Planos *Maestros* de *Santa Inés*, ao norte (1), e *San Bernardo*, ao sul (3), com os quais se estabelece as normas de ocupação e uso destes dois importantes setores vizinhos do Parque. [Desenhos elaborados pelo autor].

As linhas anteriores evidenciam que com relação ao tema ambiental, persistiu a retórica da “evocação” e “recuperação de memória” dos rios, cujo reflexo no desenho seria o espelho artificial d’água e a arborização associada.

A composição geral apoiou-se sobre a antiga quadrícula tradicional de *Calles* e *Carreras*, sobre a qual se destacaram três eixos. O principal eixo correspondeu à prolongação da *Carrera 12* (Alameda Terceiro Milênio), cumprindo a função urbana de integrar de norte a sul a Praça de *Nariño* com o Parque do Bairro *San Bernardo*. O segundo eixo correspondeu à *calle 9ª* (Alameda *Calle Novena*), a qual teve a função urbana de articular o setor de *San Victorino* com o PTM e a de conectar o Parque com o Centro Histórico da cidade. O terceiro eixo correspondeu à *calle 7ª* – Alameda *Calle Sétima* –, integrando a escultura urbana “*Pórtico*”, do escultor Ramírez Villamizar, localizada sobre a *Av. Caracas*, ao Colégio *Santa Inés*, à Alameda Terceiro Milênio e à zona sul de brinquedos para as crianças. (Figura 44).

²⁶⁵ *Cedros*, (*cedrela montana*) *Sangregaos* (*croton*), *Gaques* (*clusia*) e *Pinos Romerones* (*podocarpus montanus*).

²⁶⁶ (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60-61, Informe final)

Figura 44 – Desenhos de análise do projeto.

O projeto toma como suporte de composição a malha tradicional urbana, semelhante aos projetos anteriores, a qual é modificada com dois eixos diagonais no sul do Parque (1); propõe pequenas unidades culturais e de serviços espalhadas pelo Parque todo (2); o sistema para pedestres está constituído por amplas alamedas perimetrais e interiores, destacando-se a Alameda Terceiro Milênio – eixo central norte-sul – (3); as zonas verdes são sacrificadas pela alta presença de zonas duras – alamedas – (4); análogo às propostas anteriores a arborização dispõe-se em linhas que marcam os caminhos (5); sobre o eixo central e os caminhos diagonais projetam-se cinco fontes e outra maior na zona do “jardim botânico”. [Desenhos elaborados pelo autor].

Com relação aos elementos naturais, no desenho paisagístico, apresentou-se como novidade a utilização de taludes artificiais na periferia do Parque, os quais foram dispostos com a intenção de configurar microespaços, conformar barreiras corta-vento, gerar isolamento visual e acústico como o entorno imediato. Adicionalmente projetaram-se esplanadas verdes acondicionadas com espaços para as crianças brincarem.

Com a intenção de consolidar uma rede de alamedas com chãos duros na periferia e no interior do Parque, sacrificou-se uma parte significativa da superfície permeável, de forma que esta se limitou somente a 36% da área total. Propuseram-se linhas de árvores de grande porte na periferia e nas alamedas principais do Parque, e não se realizou nenhuma proposta de massas de árvores de diferentes espécies nativas que favorecessem os processos *sucessivos* e a atração de fauna.

Manteve-se a atitude de propor pequenas bacias artificiais de água, às quais lhes designaram uma função exclusivamente decorativa, sem incorporar estratégias de manejo das águas pluviais, nem muito menos considerar a possibilidade de recuperação das dinâmicas das sub-bacias.

Incluiu-se um Jardim Botânico, que resultou ser mais uma ilusão alegórica do que deveria corresponder a um elemento desta natureza. Por tal motivo, em consideração do autor deste trabalho, na verdade, todo o Parque deveria ter sido concebido como uma

grande reserva de vegetação nativa, que contribuísse à recuperação de processos ecológicos.

Com relação à proposta de mobilidade para pedestres, projetou-se um anel perimetral de circulação com alamedas nos quatro extremos do Parque: *Carrera 10ª*, *Calle 6ª*, *Av. Caracas* e *Calle 9ª*. No interior do Parque construiu-se uma Alameda Central, (Alameda Terceiro Milênio) de 32 metros de largo e 400 metros de comprimento, a qual, paradoxalmente, não incluiu árvores. Esta alameda foi complementada com outras alamedas menores (*Calle 7ª* e *Calle 8ª*), e uma rede de caminhos estreitos²⁶⁷. O tamanho e quantidade das alamedas e caminhos obrigou a ter uma quantidade significativa de superfícies duras que ocupam 61% do Parque, gerando assim uma imagem de paisagem árida. A esta paisagem opõe-se o valor cênico dos taludes sulcados por caminhos sinuosos localizados nas zonas baixas e superiores dos mesmos. (Figura 45).

Figura 45 – Percurso fotográfico do Parque.

Destacam-se os seguintes elementos: (1) a Alameda Terceiro Milênio com sua exagerada dimensão e sua evidente falta de arborização; (2) os taludes perimetrais, com os caminhos “traçados” pelos usuários em suas crestas; (3) a esplanada verde com brinquedos para crianças, com pouca utilização; (4) as fontes artificiais como “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*; (5) o Jardim Botânico, nome exagerado para este desolado espaço; (6) o módulo cultural e de serviços (*lan house*) com baixa frequência de uso. [Fotos do autor].

A rede de ciclovias instalou-se sobre a rede principal de alamedas, beneficiando-se da arborização e do mobiliário proposto. Finalmente, a *Calle 9ª* e a *Carrera 13* foram mantidas como vias veiculares, mas de trânsito restrito. A função destas duas ruas é manter a conectividade do Parque e do prédio de Medicina Legal com o setor. Para os carros

²⁶⁷ Programa ratificado no Decreto Distrital 346 de 2003: “Por el cual se adopta el Plan Maestro Parque Tercer Milenio”.

projetou-se uma zona de estacionamentos subterrânea para 168 veículos, sob a alameda central, com entrada e saída pela *Calle 6ª* (*Av. Comuneros*).

Com relação às edificações, foram mantidas como prédios do Colégio *Santa Inés* devido a seu valor cultural e patrimonial e o prédio de Medicina Legal, em virtude da importância do serviço que presta à cidade. Exclusivamente para o Parque se propuseram pequenas unidades de serviços assim dispostas: sobre a Alameda Terceiro Milênio, dois palcos para a realização de espetáculos culturais e um Centro Cultural (*lan house*). Dois restaurantes, um no Jardim Botânico e outro frente ao Instituto de Medicina Legal, e três unidades de serviços nas Zonas de brinquedos para crianças. O total da área ocupada pelas construções é de 4% do Parque.

Para legalizar o processo todo de construção do parque, a prefeitura contratou o arquiteto Camilo Santamaría para o estudo “Plano Maestro Parque Terceiro Milênio”, com o qual se determinaram os usos e a ocupação do parque e se legalizou ante o *Departamento Administrativo de Planeacion Distrital -DAP*. (Figura 46)

Figura 46 – Plano Maestro Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.

Com este Instrumento Legal determina-se o uso e ocupação do Parque Terceiro Milênio. Estabelece-se o zoneamento, plano P1: (1) Alameda Terceiro Milênio, (2) Esplanada, (3) Brinquedos crianças Norte, (4) Brinquedos crianças Sul, (5), Praça e acesso Norte, (6) Alameda *Calle Sétima*, (8) Zona de esportes, (9) Jardim Botânico. Além disso, determina-se a quantidade e uso dos prédios, plano P-2: (1) dois prédios de Medicina Legal – existente – (2) Colégio *Santa Inés* – existente – (3) uma Cantina para estudantes – sem construir –, (4) um Restaurante Jardim Botânico – fechado – (5) dois Cenários Culturais – palcos –, (6) três Unidades de Serviços (7) Centro Cultural (*lan house*). Fonte: Decreto 346 /2003.

3.3 Análise comparativa dos projetos

A análise das propostas elaboradas para o Parque por Bueno & Montenegro – Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), de Pereira & Pabón – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI) e de Esguerra, Hernández & Mazzanti (Projeto Construído) permite entrever elementos que vale a pena comparar.

Com respeito aos eixos de composição, evidenciou-se que a proposta de B&M teve ênfase na solução simétrica, ao passo que a solução do concurso ganhador constituiu em uma proposta dinâmica produto da superposição de eixos diagonais – que correspondem às tensões e relações do lugar – sobre uma retícula, que representa a referência direta ao traçado urbano do setor. Finalmente, o projeto construído, propõe uma solução híbrida: sobre uma estrutura ortogonal, própria do traçado urbano, superpôs um percurso irregular, localizado na parte interna do Parque.

Em relação à proposta de praças, o projeto B&M optou pela alternativa da praça monumental na que se perde a escala humana. A proposta ganhadora do concurso de ideias apresentou a alternativa de praças triangulares que se geravam a partir do cruzamento dos eixos diagonais com a malha ortogonal. O projeto construído não maneja o conceito de praça, pois trocou o referido conceito pelo de “alameda”²⁶⁸, entendida como a materialização de um eixo de composição por uma extensa superfície pavimentada com caixas para plantio de árvores.

Finalmente, com relação à proposta de áreas edificadas, o projeto de B&M propôs uma edificação comercial no centro do Parque e um conjunto de equipamentos na parte sudeste do mesmo. O projeto ganhador do concurso arquitetônico propôs um conjunto lineal de prédios comerciais e institucionais na zona norte do Parque, a manutenção das edificações com valor patrimonial, e a instalação de uma rede de pequenos equipamentos. O projeto construído dentro do seu processo de desenho reduziu a área de ocupação do Parque de 20 ha a 18.5 ha, manteve os prédios de Medicina Legal e do Colégio *San Inés* e dispôs uma série de pequenos equipamentos distribuídos pelo parque todo, especialmente sobre a Alameda Terceiro Milênio e *Calle Sétima*.

Com relação aos elementos naturais, o projeto de B&M propôs uma esplanada verde, com uma grande fonte de água; o projeto ganhador do concurso, uma planície verde com

²⁶⁸ Nos parâmetros gerais do desenho do Parque incluiu-se o conceito de **praça**; porém, durante o processo de desenho o referido conceito foi trocado pelo de **alameda**, como pode ser constatado no Decreto 246 de 2003.

talude central e uma longa fonte de água; e o projeto construído, taludes perimetrais sobre um plano verde e três conjuntos de pequenos espelhos d'água. As três propostas utilizaram o mesmo conceito de arborização: fileiras de árvores marcando os caminhos e as alamedas.

Infelizmente, embora não se possam ignorar os grandes esforços de gestão adiantados pela administração Distrital e os profissionais contratados para lograr a materialização do projeto do PTM, o elemento natural nas três propostas teve importância devido ao seu valor cênico e decorativo. (Figura 47). Mas não como ferramenta que verdadeiramente contribuísse à conformação de uma EEU. Como colombianos e como *bogotanos* eles não podem contar com uma tradição que outorgue valor aos rios como elementos verdadeiramente importantes dentro da cidade; a evidência desta condição encontra-se precisamente em uma Bogotá que por quase quatro séculos dedicou-se a “enterrar seus rios”.

Figura 47 – Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.

Imagem do estado do setor antes da intervenção urbana (I-1): aprecia-se o alto nível de ocupação do setor. Montagem do Parque no setor (I-2): evidencia-se a magnitude da operação urbana que significou a construção do Parque (P-2). Fonte: (I-1) IDU/SCA “*Bases del Concurso*” anexo 12. (I-2). [Montagem do autor: imagem Google sobre imagem das Bases de Concurso].

Com o anterior, a cidade perdeu uma valiosa oportunidade de tornar realidade o ideário proposto pelo conceito de EEU na franja da cidade que enterrou seus rios e no setor que correspondeu à confluência dos *R. San Francisco* e *San Agustín*. Esta atitude é semelhante à que se apresentou com os outros projetos que se localizaram sobre o antigo leito do *R. San Francisco*: o projeto de recuperação da Praça de *San Victorino* e o projeto do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²⁶⁹ na qual, como se explicou antes, instalou-se um extenso,

²⁶⁹ Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, Extensão 2,8 km “Para sua realização foi necessário recuperar e articular importantes espaços públicos compreendidos entre a estação do *Funicular (Carrera 2ª Este com Calle 21)* e a Estação da Savana (*Calle 13 com*

estreito e superficial espelho d'água de 1.600 metros de comprimento ao longo da Av. Jiménez.

Com estas ações evidencia-se que os projetos de recuperação do sistema hídrico reduzem-se exclusivamente ao plano retórico, sem chegar a uma concretização do ideário da EEU. Esta atitude tem se replicado em outras áreas da cidade onde, por exemplo, a recuperação de zonas úmidas, como a de *Juan Amarillo*, tem se materializado na construção de alamedas perimetrais, que embora sejam uma alternativa para a geração de espaço livre (superfícies impermeáveis com árvores em canteiros não contribuem ao processo de restituição do sistema hídrico da cidade).

Frente à ausência de uma proposta que concretizasse o ideário da EEU, ficava ainda a oportunidade de que o projeto pudesse ser uma alternativa de renovação urbana de uma peça da cidade que se encontrava em avançado estado de deterioramento urbano e “decomposição” social de modo a contribuir à conformação de um “centro de integração social no mundo contemporâneo”²⁷⁰, que atraísse o investimento do setor privado, motivando o retorno da população para que ocupasse de maneira estável a zona centro da cidade, como bem o apregoam as iniciativas empreendidas pela prefeitura atual.

Porém, após quatro anos de sua construção, nas visitas de campo realizadas no desenvolvimento do presente trabalho, ainda não se evidencia uma transformação do entorno construído do Parque, também não se evidencia uma afluência massiva de pessoas ao mesmo e, ao contrário, ainda o setor mantém uma conotação negativa na percepção dos cidadãos. Frente a este panorama, surgem inevitavelmente alguns questionamentos: É possível que o Parque, não esteja contribuindo a um processo de renovação urbana no centro da cidade? Quais deveriam ser os elementos a serem levados em conta para que não se produzisse uma situação com estas características? Seria possível que o projeto na verdade tivesse se convertido em um exercício de limpeza social oficial em uma zona de alta degradação urbana, gerando um vazio dentro da cidade?

A seção 4 procurará responder a estes questionamentos, partindo da premissa de que é preciso revelar quais foram os processos e fenômenos urbanos e paisagísticos que deram lugar ao que atualmente é este setor da cidade, sendo que eles deveriam marcar a

Carrera 18). O conjunto cria um entorno que recupera integralmente parte do *Centro Histórico*, resalta o patrimônio arquitetônico e urbanístico situado ao longo do Eixo e gera as condições necessárias para reanimá-lo em termos ambientais. O Eixo inclui um amplo passeio para pedestres e um corredor para o uso exclusivo do serviço de transporte público *Transmilenio* [...]. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>>. Último acesso em: 07 mar. 2009. O tramo construído mede 1.6 km compreendido entre a *Carrera 2ª* e a *Carrera 10ª*, e teve um custo final de 7.056 milhões de pesos / 2.8 milhões US\$ (custo inicial estimado 6.000 milhões de pesos / 2.4 milhões US\$). Fonte: IDU.

²⁷⁰ SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1.

referência ou o ponto de partida em que se baseiam a tomada de decisões para a recuperação da EEU.

Nota: Para maior informação deste processo, consultar anexo.

4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.

Na seção 1 apresentaram-se alguns aspectos que deram lugar à formação do discurso ambiental no país, explicou-se a origem e inclusão do Conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no modelo do Plano de Ordenamento Territorial (POT) de Bogotá, mencionaram-se alguns elementos ou ferramentas – que na consideração do autor poderiam aportar à materialização efetiva do conceito de EEU em Bogotá – e, finalmente, enfatizou-se a importância de estudar os fenômenos de transformação da paisagem local em perspectiva histórica, a fim de encontrar elementos que permitissem não somente compreender quais os fenômenos que deram lugar às condições ambientais atuais, mas de obter experiências e aproveitar oportunidades que contribuam para a revitalização de valores sociais, urbanos, ecológicos e paisagísticos de um lugar. Na seção 2, realizou-se um recorte histórico que permitiu verificar como o ecossistema original no qual a cidade encontra-se hoje foi intensamente modificado desde o período Colonial até a atualidade, produto do manejo inadequado dos recursos naturais, de modo que o sistema hídrico foi alterado drasticamente com a impermeabilização do solo, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, a contaminação dos corpos de água, a construção de redes combinadas de esgotos como resultado do acelerado crescimento da cidade, especialmente durante a segunda metade do século XX. Na seção 3, evidenciou-se a distância entre o discurso ambiental das propostas e como a concepção do Parque terminou sendo o reflexo de um projeto ou ideário político.

Com estes antecedentes, a presente seção tem o propósito de fazer uma aproximação ao estudo do caso, revelando os elementos sociais, urbanos e ambientais que desde o período Colonial, configuraram a paisagem da área onde hoje está localizado o Parque Terceiro Milênio (PTM), e especialmente, indagar pelo processo de ocupação da sub-bacia do *R. San Francisco* neste setor da cidade. Esta análise visa a aportar um enfoque alternativo, diferente do enfoque que se deu durante a concepção e execução do PTM. Para tal efeito, o autor deste trabalho parte da convicção de que é indispensável estudar qual foi a dinâmica de transformação social, urbana e ambiental da bacia do *R. San Francisco*, que permita ter um novo olhar que deixe ao futuro tomar decisões de acordo com as condições físicas, sociais e ambientais do setor.

Para efeito da respectiva análise toma-se como recorte o espaço conformado pelas bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, espaço que corresponde ao lugar de fundação

e localização do Centro Histórico da cidade, e especialmente do lugar de confluência dos dois rios, setor no qual se construiu entre 2000 e 2005 o PTM. (Figura 48).

Figura 48 – Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.

Toma-se como área de estudo a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín* na zona centro da cidade (P1), delimitada por (1) *Cerros Orientales*, (2) *Calle 16*, (3) *Carrera 18*, (4) *Calle 4ª*, com uma área de 352 ha. San Victorino faz parte do centro tradicional (P2) e consolida-se como bairro em 1840 e é vizinho do Centro Histórico da cidade (P3). P2 Crescimento histórico: azul escuro 1539-1600; azul 1600-1840; lilás 1840-1890; vermelho escuro 1890-1900; vermelho 1900-1920; roxo 1920-1940; amarelo 1940-1950. Centro Histórico. Centro Histórico (P3). [P1- Imagem Google editado pelo autor. P2 e P3 Editados pelo autor/IDEA-UN].

4.1 A bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*

Dimensão espacial e ambiental da bacia

Durante o período colonial, a Paróquia²⁷¹ de *San Victorino*²⁷² – lugar onde na atualidade localiza-se o PTM – estava situada na parte baixa e na periferia da cidade, próxima à confluência dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²⁷³. Estes rios cumpriam o papel de limites naturais da cidade, marcando uma interrupção da traça como tabuleiro de xadrez da cidade colonial.

Como se explicou na seção 2, na fundação e consolidação da cidade colonial primou uma visão utilitária dos corpos de água e do recurso florestal e, além disso, uma percepção negativa das zonas baixas inundáveis as quais eram vistas como foco de animais

²⁷¹ Para efeitos de administração religiosa, *Santafé* dividiu-se em 4 Paróquias desde o século XVI, “as quais foram o único modo para uma organização espacial até o século XVIII”. (MEJÍA, 1999, p. 300)

²⁷² A Paróquia recebeu seu nome em honra a *San Victorino* “*Abogado contra los hielos que suelen hacer daño a los panes recién sembrados*”. (IBÁÑEZ, 1989, tomo I, p. 92)

²⁷³ Estes rios antes da conquista recebiam o nome indígena de *Vicachá* e *Manzanares*. Os nomes dos lugares naturais, designados pelos indígenas, foram trocados pelos espanhóis como ferramenta de dominação do território.

venenosos. Esta condição repercutiu de duas maneiras na Paróquia de *San Victorino*. (Figura 49). Em primeiro lugar, os habitantes da Paróquia não se beneficiaram com as águas dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, devido ao consumo e poluição nas partes altas da cidade que provocaram a diminuição do leito e uma abundante presença de desperdícios no leito dos mesmos. Em segundo lugar, no limite ocidental da Paróquia, na altura do atual bairro *Santa Inés*, (*Carrera 10ª*) havia um barranco profundo, que se formou pelas enchentes do *R. San Francisco*²⁷⁴. Nesse barranco os habitantes da Paróquia descartavam os restos dos animais mortos e o lixo. Estas duas situações determinaram o fato de que o setor de *San Victorino* fosse pouco apetecido para a localização das classes ricas (brancos), de forma que até meados do século XIX, *San Victorino* foi um subúrbio da Paróquia de *La Catedral*²⁷⁵, que acolheu aos indígenas e mestiços que habitavam *Santafé*²⁷⁶. Neste sentido, pode-se dizer que *San Victorino* nasceu sob o símbolo da marginalidade que originou por meio de uma condição ambiental preexistente²⁷⁷: o desprezo por um rio que se desbordava durante certos períodos do ano²⁷⁸, cujo caudal era incapaz de surtir com águas limpas aos habitantes, e de uns solos, submetidos ao risco de possíveis enchentes, e aos imaginários perigos da natureza, representados principalmente por animais venenosos dos quais advertiram as ordenanças de fundação de povoados.

De acordo com a condição de seus habitantes, e o fato de estarem em um vale inundável, as terras da Paróquia caracterizaram-se por conformar uma mancha verde de terras destinadas em sua maioria à atividade agrícola de “*pan coger*”²⁷⁹; esta mancha verde somente era interrompida por algumas edificações e caminhos.

No sul da Paróquia também se situaram algumas propriedades rurais dos espanhóis: a Vila de *Segovia* ou a Horta de *Jaimes*²⁸⁰, – cujas terras começavam frente à Praça do

²⁷⁴ VILLEGAS Ed., 2000, p. 130.

²⁷⁵ ZAMBRANO, Fabio; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. *Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo*. Inédito, 2007. p. 41.

²⁷⁶ Em 1688 havia em *Santafé* 3.000 brancos e 10.000 indígenas [...] os setores mais densamente povoados por indígenas foram *Pueblo Viejo* (leste e sul) *Las Nieves*, *Santa Bárbara* e *San Victorino*. [...] Em 1780 os indígenas puros passavam escassamente 10%, enquanto os mestiços eram 45% da população *santafereña*. Finalizando o século, os indígenas não passavam de 4%. (IRIARTE, 1988, p. 68)

²⁷⁷ Setor de classes pobres da cidade, assentamento de indígenas – *San Victorino*, *Las Nieves*, *Santa Bárbara*, *Pueblo Viejo*. (IRIARTE, 1988, p.68)

²⁷⁸ Bogotá tem dois períodos de chuva no ano, o primeiro em março, abril e maio, e o segundo em setembro, outubro e novembro.

²⁷⁹ Vale a pena esclarecer que também havia comercialização de alguns produtos agrícolas, consistente na venda de legumes na “*Plaza de las Yervas*” (*Parque Santander*). A Praça, que durante o período republicano adquiriu o nome de *Plaza de Santander*, durante o período colonial era a Praça de mercado permanente da cidade. Os legumes que se vendiam na referida praça vinham da *Parroquia de San Victorino* e da de *Las Nieves* localizadas ao norte da cidade, onde também se situou um povoado indígena. (MEJÍA, 1999, passim.)

²⁸⁰ A *Huerta de Jaimes* localizou-se onde hoje se encontra a igreja de *Corazón de Jesús (Voto Nacional)*. *Apostillas*. Eduardo Posada apud CARRASQUILLA, Juan *Quintas y estancias de Santafé y Bogotá* Banco Popular, Bogotá 1989, p. 74.

mesmo nome –, e uma porção da fazenda de *La Estanzuela* que conformava o limite sul da Horta de *Jaimes* e estendia-se ao oeste até a *Calle 6*²⁸¹.

Figura 49 – Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.

No final do século XIX a divisão política da cidade estava determinada pelas Paróquias *Catedral* (vermelho), *San Pablo* (roxo), *San Victorino* (amarelo), *Santa Bárbara* (azul), *Las Cruces* (rosa), *Egipto* (verde), *Las Aguas* (marrom), *Las Nieves* (verde escuro). No início do século XX a divisão política se estabelece por bairros. O bairro de *Santa Inés* (10) encontrava-se rodeado pelos bairros de: (1) *San Victorino* (2) *La Capuchina* (3) *Veracruz* (4) *La Catedral* (5) *Centro Administrativo* (6) *Santa Bárbara* (7) *San Bernardo* (8) *La Estanzuela* (9) *Voto Nacional*. Por tradição, a Praça *Antonio Nariño* ou de *San Victorino* (A) opera como centro do setor, razão pela qual a população identifica a área de confluência de seis bairros (oval vermelho) como *San Victorino*. Fonte: P1. *Atlas Histórico de Bogotá 1538-1910*. A Candelaria, Bogotá 2004, p. 29. P-2.

Elementos urbanos: *San Victorino* conventual e portão da cidade

Do século XVI ao XVIII configuraram-se elementos urbanos significativos que começaram a conferir uma identidade a *San Victorino* em relação às demais paróquias da cidade. O primeiro deles é o fato de que a paróquia comportava-se como portão de entrada à cidade, pois ali terminava o caminho de Oeste, *Calle 13* (*Av. Jiménez*). Este caminho tinha um importante papel na escala regional, já que conectava a cidade com o porto fluvial de *Honda*, localizado sobre o *Río Magdalena*, a 135 km de distância de Bogotá²⁸². O anterior concedeu uma particularidade à Praçinha da Paróquia de *San Victorino*, como porto terrestre de viajantes e como importante ponto de venda de materiais de construção e de mel em atacado²⁸³.

²⁸¹ No leste divisa com o que atualmente é a *Av. Caracas* e no oeste chegava até embaixo da atual *Carrera 20*. (CARRASQUILLA, 1989, p. 63)

²⁸² Bem o descreve o historiador Jorge Orlando Melo: “Durante todo o século [XIX], o eixo do sistema, a peça fundamental esteve constituída pelo rio *Magdalena*. Por onde se introduziam, desde os portos atlânticos de *Cartagena*, *Santa Marta* e posteriormente *Barranquilla* (*Sabanilla*), os bens importados; dele saíam para o mercado mundial os produtos agrícolas de exportação”. (MELO, 1984, p. 153)

²⁸³ Esta importante função manteve-se até finais do século XIX. (MEJÍA, 1999, p. 178)

Outros elementos urbanos destacáveis neste período, por terem configurado a paisagem outorgando identidade ao setor, foram a igreja e convento de *Santa Inés*²⁸⁴ (consagração em 1645)²⁸⁵; a igreja e convento de *La Capuchina* ou de *San José*, (consagração em 1791), que marcou o limite ocidental da cidade na atual Carrera 13 (Av. Jiménez) com Calle 14 (Av. Caracas); a igreja da *Concepción* e de *San Juan de Dios*; e finalmente, a igreja de *San Victorino* (Calle 13 com Carrera 12). Esta última erigiu-se em 1598²⁸⁶, e teve grande significação como símbolo máximo da Paróquia, uma vez que ali se concentrou a missão religiosa da “administração de almas” realizada sob a tutela do catolicismo.

San Victorino assomou-se ao século XIX, contando com cinco prédios religiosos e conventuais, separados apenas por poucas ruas. (Figura 50). Durante o período Colonial, as igrejas constituíram um elemento de relevante importância na paisagem urbana não somente pelo seu significado religioso, mas pelo fato de se destacar no perfil urbano com relação às demais edificações, as quais, salvo casos excepcionais, alcançavam dois andares de altura. Assim, “[...] a urbe aparecia como um espaço sagrado, protegido das influências externas como as geadas, os raios e as secas [...]”²⁸⁷, uma cidade morando tranquilamente sob o amparo das torres das igrejas, dos objetos e iconografia religiosa que albergavam no seu interior.

Neste ponto pode-se afirmar que durante o período colonial a paisagem de *San Victorino* caracterizou-se basicamente por quatro elementos: a conotação marginal derivada da utilização e percepção dos elementos naturais, o caráter rural associado principalmente à agricultura de “*pan coger*”, os elementos próprios de um porto terrestre e portão da cidade, e finalmente a presença protetora das igrejas no perfil da cidade. No que diz respeito à dimensão social, vale a pena ressaltar que em virtude de um inadequado uso e percepção do entorno natural, *San Victorino* nasceu como lugar de assentamento das classes pobres, conformadas por indígenas e mestiços, fato que seguramente é indicativo de um paradoxo na relação entre homem e natureza.

²⁸⁴ Mesmo que a Igreja de *Santa Inés* não pertença à área desta paróquia, menciona-se aqui por sua importância na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino*.

²⁸⁵ Localizado no costado ocidental da Carrera 10, entre Calles 9ª e 10ª. Em 1638 aprovou-se a criação do convento da *Segunda Orden Dominicana*.

²⁸⁶ A construção original com teto de palha data de 1578; em 1598 colocou-se telhado de barro. (MEJÍA, 1999, p. 159)

²⁸⁷ MEJÍA, 1999, passim.

Figura 50 – Presença de equipamentos religiosos no setor.

Durante muito tempo a paisagem da cidade foi denominada pelas torres da igreja – em um mesmo quarteirão localizavam-se várias igrejas –, o setor de *San Victorino* apresentou esta mesma lógica (P1). Conventos e igrejas (1) *Santa Inés*, 1645 (2) *Nuestra Señora de la Concepción*, 1538 (3) *San Juan de Dios*, 1723 (4) *San Victorino*, 1568 (5) *La Capuchina*, 1778. Foto 1: Igreja de Santa Inés, 1945. Foto 2: Igreja *La Capuchina*, 1910. Fonte: P1 Elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1 e 5: Sociedad de Mejoras y Ornato.

4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor

A Herança da colônia e as inovações tecnológicas na cidade

É preciso destacar três elementos que incidiram na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino* durante o século XIX: o crescimento populacional, a construção da Alameda Nova e as melhorias tecnológicas em matéria de transporte.

Até finais do século XVIII, *San Victorino* era uma Paróquia relativamente despovoada em comparação com a Paróquia de *La Catedral*. Porém, durante o século XIX, deu-se um significativo crescimento populacional que provocou que o setor se consolidasse como núcleo residencial²⁸⁸: o número de habitantes em *San Victorino* passou de aproximadamente 2.000 em 1.793 para 14.000 em 1912, e mesmo mantendo-se como a Paróquia com menor quantidade de população de Bogotá²⁸⁹, sua população praticamente multiplicou-se sete vezes durante o século XIX.

No fim do século XVIII, provavelmente frente à pressão dos ventos libertadores, o Vice-rei Ezpeleta²⁹⁰ empreendeu algumas obras materiais na *Nueva Granada* e *Santafé*, entre as quais, vale a pena destacar para o caso de nosso interesse, a obra das *Alameda*

²⁸⁸ MEJÍA, 1999, p. 300.

²⁸⁹ E Censo da cidade de Bogotá. 1912. *San Victorino* ocupava nesta data somente 17% da superfície total da cidade, com um total de 52 quarteirões. (MARTÍNEZ, 1976, p. 90)

²⁹⁰ Vice-rei que governou *Nueva Granada* entre 1789-1796.

*Nueva e Vieja*²⁹¹. (Figura 51). Estas “alamedas” não possuíam álamos, mas sim vegetação própria do clima do planalto: Sauces (*Salix humboldtiana*) e Alisos (*Alnus jorullensis*), alternados com jardins em alguns trechos. Na opinião do autor do presente trabalho, à primeira vista, a adequação da Alameda, pareceria evidenciar um interesse do governo da cidade, por conceder relevância ao papel dos elementos naturais na paisagem. Porém, paradoxalmente as ações não se concentraram nos corredores naturais da cidade, ou seja, nos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, mas na arborização de uma via da cidade. Por outro lado, com relação à incidência que teve a Alameda na configuração da paisagem de *San Victorino*, não se pode desconhecer que a construção da mesma fortaleceu a Pracinha de *San Victorino*, como ponto vital e estratégico da estrutura urbana herdada do período colonial, reforçando a imagem de portão de ingresso da cidade, de ponto de chegada dos ônibus e carruagens de aluguel e de passeio público para os moradores de Bogotá.

Figura 51 – Alamedas, zona rural.

P1. Em 1900 o setor contava com: (1) A alameda velha (*Carrera 13*), 1791. (2) A alameda nova (*Calle 13*) 1791. No limite ocidental encontravam-se as quintas de: (3) *San Fason*, (4) *La Estanzuela*, (5) *Santa Catalina* e (6) *San José del Fucha*. Foto 1: Imagem da *Av. San Diego*, antiga alameda velha, 1906. Foto 2: Passeio *Av. Colón*, antiga alameda nova, 1930, em primeiro plano as estátuas dos reis da Espanha, ao fundo os morros desflorestados. Foto 3: Passeio parque do *Centenario*, 1895. P1 elaborado pelo autor; fonte: *Quintas y estancias de Bogotá*. Foto 1 e 2: *Recuerdos de Bogota*. Foto 3: Henri Duperly.

²⁹¹ Para finais do século XVIII construíram-se várias alamedas: “[...] o progressista vice-rei se interessou em adornar a capital, tirando seu aspecto mesquinho. Ele fez plantar árvores frondosas, desde a praça de *San Victorino* até o campo aberto de *San Diego* [...] e que então se chamou **alameda velha**, em contraposição à **alameda nova**, também construída pelo vice-rei, desde o desprendimento da calçada ocidental, para *Puente Aranda* [...] o governo sem atender ao Dicionário chamou alamedas (lugares plantados com álamos) a estes passeios, os quais somente eram adornados por árvores próprias do nosso clima, ou seja, *sauces*, *robles*, *cerezos* e *alisos*.” IBÁÑEZ, 1989, tomo II, p. 111.

Com relação às melhorias tecnológicas em matéria de transporte, destacou-se em primeiro lugar a “*macamadización*” do caminho de ocidente; posteriormente, a construção da ferrovia do Trem do Ocidente cuja estação, chamada “*De La Sabana*”²⁹², localizou-se na *Calle 13* entre *Carreras 17* e *18* (1892); e, por último, o Trem do Norte, com sua estação “*Del Norte*” (1894), na *Carrera 14* com *Calle 19*. Com estas melhorias tecnológicas, aumentou o volume de mercadorias e o movimento de pessoas que entravam e saíam da Pracinha *Plazuela de San Victorino*²⁹³. A condição de *San Victorino* como porto seco incidiu na construção de hotéis e pousadas para viajantes²⁹⁴, locais comerciais para a compra e venda de produtos, e estâncias para cavalos e carruagens. Foi precisamente ao redor destas atividades que o setor se consolidou como um cenário com deferentes atores urbanos. O subúrbio colonial, habitado por poucos moradores indígenas e mestiços, transformou-se em um lugar dinâmico, de população flutuante conformada por viajantes, comerciantes e outras pessoas cujas atividades de subsistência suportavam-se na vocação do setor.

Com a construção da ferrovia e a consolidação de atividades urbanas, *San Victorino* deixou de ser periferia da cidade para se tornar parte importante do casco urbano e centro de intercâmbio cultural, social e econômico²⁹⁵. (Figura 52). A partir das últimas décadas do século XIX a Praça de *San Victorino* e a *Calle 11* começaram a se consolidar na paisagem como um espaço e eixo de caráter comercial: uma guia de Bogotá de 1893 afirmava: “[...] as ruas que atravessam de leste a oeste, desde a *Carrera 5ª* (pela casa da moeda) até as praças de *Los Mártires* (Horto de *Jaimes*) e de *Nariño* (*San Victorino*), [ali] fica compreendido todo o mais importante do comércio e dos industriais em geral”²⁹⁶. A afluência de pessoas e a vocação de porto seco da cidade é uma característica urbana que se mantém ainda hoje nas proximidades da praça, conformando um elemento decisivo na paisagem, apesar de todas as transformações da cidade durante o século XX.

Somando-se às melhorias de transporte já mencionadas, no fim do século XIX, também se iniciou a construção das linhas do bonde de mulas, duas destas relacionadas com o setor de *San Victorino*.

²⁹² Projeto do engenheiro inglês William Lidstone, com a colaboração do arquiteto Colombiano Mario Sanz de Santamaría. Terminou-se de construir em 1917 e foi reformado em 1955. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 304)

²⁹³ Tomado de: MEJÍA, 1999, p. 187.

²⁹⁴ Um guia bastante completo dos hotéis mais destacados da zona encontra-se no guia descritivo que acompanhou o plano topográfico de Pedro Clavijo de 1891, reformado em 1894. *Archivo General de la Nación*.

²⁹⁵ Vale a pena esclarecer neste ponto que as atividades de venda de materiais de construção e de mel que usualmente concentravam-se nesta Praça de *San Victorino* trasladaram-se em 1883 a outra, localizada no oeste da *Plaza de los Mártires*, chamada *Plaza de las Maderas*, hoje *Plaza España* em 1902. (MEJÍA, 1999, p. 187)

²⁹⁶ Como produto desta atividade comercial surgiu a *Pasaje Navas Azuero* em 1891, o *Pasaje Rivas* em 1894, localizado na *Carrera 10ª* com *Calle 11*, o qual, segundo um anúncio publicitário, tinha na primeira planta locais “próprios para armazéns e lojas de licores” e na segunda planta “departamentos para aluguel adequados para estudantes”. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 393)

Figura 52 – Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).

P1. Rotas do bonde (linha verde) (1) *Carrera 7*, (2) *Carrera 13*, (3) *Calle 15*, (4) *Carrera 18*, (5) *Calle 10*, (6) *Carrera 11* e (7) *Carrera 10*. Destaca-se a Praça de Mercado (8), ponto central do circuito onde confluem três trechos do bonde. Perto de *San Victorino* localizaram-se as rotas (linha preta) e as estações do Trem do Norte e da Savana (10). Foto 10: Antiga Estação da Savana, 1895. Foto 10 B: Nova Estação da Savana, 1918. Foto 9: Estação do Trem do norte, 1905. Foto 11: Rota do bonde em San Francisco (*Carrera 7*). P1 elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 9: Bogotá litográfico Arco. 1978 p. 298. Foto 10 A: História de Bogotá. Foto 10 B: Sánchez Santamaría Ignacio Índex, 1929. Foto 11: Sady Gonzales.

Os rios *San Francisco* e *San Agustín*: cicatriz urbana e marginalidade

O processo de adensamento e urbanização de *San Victorino* no século XIX foi indiferente à presença dos rios *San Francisco* e *San Agustín*: a morfologia urbana caracterizada pelo tabuleiro de xadrez e o quarteirão como unidade básica de agrupação de edificações incorporou os leitos dos rios, como uma espécie de cicatriz de aparência amorfa, que ia na contramão da formalidade da traça, sem nenhuma solução de continuidade ou transição. (Figura 53). Assim, atravessavam sobre o *R. San Francisco* 19 pontes e sobre o *R. San Agustín* outras 9 pontes, a fim de facilitar a continuidade das ruas, e as edificações simplesmente limitavam-se a oferecer seus quintais posteriores ao leito, ignorando a presença dos corpos de água, que continuavam sendo um foco de sujeira, uma cloaca urbana. (Figura 54).

Figura 53 – Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.

A cidade ideal das “*Leyes de indias*” – quadrícula perfeita que se distribui de maneira homogênea no território – choca-se com o cenário natural de morros, rios e com as rotas dos caminhos coloniais, o qual alterou substancialmente a morfologia original da cidade. P1: Reconstrução da fundação de Bogotá, 1539, arquiteto Carlos Martínez. P2: Detalhe, Plano Geométrico de Bogotá Capital del Nuevo Reino de Granada, 1816, Domingo Esquiagui.

Figura 54 – As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.

Desde a colônia até o começo do século XX as pontes foram importantes referentes urbanos da cidade chegando a superar a cifra de quarenta (P1). Destacam-se sobre o *R. San Francisco* as pontes: (8) *San Francisco* 1551, sobre o caminho a *Tunja* (9) *Cundinamarca*, 1858, (10) *Nuevo*, (11) *Filadelfia*, (12) *Los Micos*, (13) *San Victorino*, 1791, por onde ingressavam os viajantes e mercadorias à cidade, (14) *Acevedo Gómez*, 1882, (15) *Los Mártires*, 1870, (16) *Núñez*, 1886, (17) *Arrubla* (18) *Caldas* e (19) *Uribe*, 1892, lugar de confluência com o *R. San Agustín*. Foto 8: *P. San Francisco*. Foto 11: *P. Filadelfia*. Foto 16: *P. Núñez*. Foto 19: *P. Uribe*. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 8: *Papel Periódico Ilustrado* 1885. Foto 11: *Historia de Bogotá*. Tomo 5, p. 86. Fotos 16 e 19: *Sociedad de mejoras y ornato*.

San Victorino como espaço inclusivo

Antes se viu como foi possível que uma condição ambiental, manifesta desde o período colonial, se encontrasse na base da segregação espacial e a marginalidade social que caracterizou a paróquia de *San Victorino* em seus inícios; também se tem observado

que durante o século XIX, ocorreu uma situação paradoxal, a qual configurou a paisagem do setor em dois sentidos: de um lado um *San Victorino* “portão da cidade”, consolidado como setor comercial e residencial, e beneficiado pela circulação de duas linhas do bonde e a localização das duas estações do trem; por outro, um *San Victorino* “marginal”, caracterizado pela presença de população de escassos recursos nas margens poluídas do *R. San Francisco*. Neste ponto é preciso explicar que à *San Victorino* “marginal” somou-se um novo elemento urbano no fim do século XIX, o qual terminou por configurar um fenômeno de deterioramento urbano, paisagístico e social da área: em 1864 abre-se a primeira “galeria” da Praça de Mercado da cidade (*La Concepción*), localizada na *Carrera 10* entre *Calles 10 e 11*, no solar do convento de *La Concepción*²⁹⁷. (Figura 55). A construção da Praça teve como propósito trocar as funções que anteriormente realizavam-se no mercado semanal de produtos agropecuários da Praça de *Bolívar* e da Praça de *Las Yervas*²⁹⁸ (Parque *Santander*).

Desse modo, o bairro *Santa Inês* intensificou o uso comercial e constituiu-se em um novo polo de atração para a cidade toda. Porém, a Praça de Mercado de *La Concepción* não foi a exceção a um fenômeno bastante arraigado nos centros de abastecimento das cidades colombianas: a incorporação de numerosa mão-de-obra não qualificada e de escassos recursos econômicos, para assegurar o funcionamento de todas as atividades relacionadas com o mercado: assim, a Praça abriu suas portas à população pobre da cidade, a qual estava conformada por um enorme grupo de comerciantes e ajudantes, entre os quais contavam camelôs, “*lichigueros*”²⁹⁹, “*coterios*”³⁰⁰ *serviçais, cuidadores, faxineiros*, entre outros. A atividade do mercado, além de tudo, incentivou o transporte improvisado de mercadorias em “*zorras*”³⁰¹, a localização de comedores improvisados “*chuzos*”³⁰² em duvidosas condições de higiene, a aparição de cortiços³⁰³ (o que implica adensamento e precárias condições higiênicas) e finalmente, a afluência de “*rebuscadores*”³⁰⁴, que fariam

²⁹⁷ EL COLOMBIANO (jornal). “Praça de mercado”, n. 104, p. 136, janeiro 22 de 1864. “O projeto de colocar o mercado da Praça Principal se havia formulado muitos lustros (5 anos) antes, mas a empresa encarregada de construir o mercado coberto tomou mais tempo do que esperavam tanto os construtores como o escritório de construção municipal. Efetivamente em 1848, a câmara provincial de Bogotá concedeu o privilégio a Juan Manuel Arrubla para construir na cidade um mercado coberto”. (apud MEJÍA, 1999, p. 185)

²⁹⁸ A praça das *Yervas* continuou suas atividades de mercado semanal até 1877, ano em que se transformou a *plazuela* em parque. (VERGARA y VERGARA apud MEJÍA, 1999, p. 186)

²⁹⁹ Vendedor improvisado de frutas e vegetais em varejo.

³⁰⁰ Carregadores de mercadorias.

³⁰¹ Carros precários, compostos por um tabuleiro em madeira, que repousa sobre duas rodas e é puxado por um cavalo, ou pessoa.

³⁰² Anti-higiênico local de venda de comida popular.

³⁰³ Na linguagem coloquial, *inquilinato*: Moradias habitadas por várias famílias ou pessoas, na maioria dos casos alugada.

³⁰⁴ Habitantes pobres que têm que procurar sua comida e pousada diária. Pioneiros dos vendedores ambulantes.

parte fundamental da história e da configuração da paisagem do setor durante as décadas seguintes e até a atualidade.

Figura 55 – Prédios de abastecimento e indústria.

San Victorino foi por muito tempo o setor que concentrou o maior número de prédios de abastecimento da cidade (P1), onde se localizavam: (1) Praça de Mercado, (2) Praça de Carnes, (3) Açougue, (4) Matadouro Municipal. Como também importantes indústrias: (5) Fábrica de Cerveja, (6) Fábrica de Chocolates *Chavez y Equitativa*, (7) Fábrica de Fósforos, (8) Fábrica de Cigarros e (9) Fábrica de Luz Elétrica. Foto 1: Praça de Mercado. Foto 2: Praça de carnes. Foto 3: Matadouro municipal. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1, 2 e 3: *Atlas histórico de Bogotá*.

Permanência, mudanças e referentes urbanos

Até esse ponto pode-se observar que durante o século XIX aconteceram várias modificações na configuração da paisagem de *San Victorino*, caracterizadas por uma mudança do rural ao urbano, processo no qual se trocaram os hortos por zonas urbanizadas e apareceram novos elementos dominantes na paisagem, ou referentes urbanos, entre os quais a Sociedade Filarmônica³⁰⁵, a Praça de Mercado³⁰⁶, as estações do Trem (*Sabana-Norte*) e as linhas do bonde. Porém, além destes elementos de primeira hierarquia, é preciso mencionar outros dois elementos em transformação. O primeiro, a desapareição do centro de “administração das almas” – igreja de *San Victorino* – localizado na Praça do mesmo nome: a igreja paroquial (erigida em 1598) foi destruída por um incêndio em 1827 e o centro paroquial teve que ser trasladado à igreja de *La Capuchina*³⁰⁷, que se localizava no costado ocidental da *Carrera 13* com *Calle 14*.

³⁰⁵ Em 1849 com planos de Tomás Reed começa a construção da sede de *La Sociedad Filarmónica*, em um lote situado no costado norte da praça de *San Victorino*. Infelizmente em 1857 dissolveu-se a sociedade e pararam as obras. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 199)

³⁰⁶ A praça original foi substituída em 1925-1927 pela nova Praça *Central de Mercado*, que funcionou até 1953. Perto desta funcionava a praça de *Las Carnes* e o *Matadero Municipal*. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 371)

³⁰⁷ MEJÍA, 1999, p. 158.

O segundo, relacionado com a Praça Horto de *Jaimes*: neste horto foram fuzilados importantes próceres da independência por ordem do pacificador Pablo Morillo em 1816³⁰⁸, razão pela qual, em honra àqueles que foram assassinados, a Praça recebeu o nome de Praça dos *Mártires* em 1850³⁰⁹. A referida praça foi reformada de modo análogo a outras praças da cidade naquela época, as quais, como se explicou na seção 2, tornaram-se parques emblemáticos, portadores da mensagem do projeto político da *Regeneración*³¹⁰. Sobre o costado ocidental da Praça iniciou-se em 1881 a construção da igreja do *Voto Nacional*, cujas obras culminaram em 1902³¹¹ e na qual até hoje o país consagra-se – a cada ano – ao “Coração de Jesus”. Parque e igreja configuraram um núcleo emblemático, não somente para a cidade, mas para o país, conjugando um significado político e um arraigado sentido religioso representado em uma crença popular do povo católico colombiano³¹².

Últimos anos do século XIX

No fim do século XIX, a paisagem cada vez mais urbanizada começou a eliminar lenta, mas progressivamente, os elementos naturais (rios, hortos e áreas rurais) que em outros tempos foram dominantes no cenário de *San Victorino*. Este processo caracterizou-se pelo começo de impermeabilização de superfícies e as primeiras obras de canalização e enterro dos corpos de água.

Em 1869 com a intenção de evitar as inundações produzidas pelo *R. San Francisco* executou-se o projeto de canalização e desvio de suas águas, na altura da *Calle 2 (Quinta de Bolívar)*, as quais foram transportadas pelo canal da *Calle 22*³¹³; esta obra acelerou o deterioramento ambiental do rio, pois se retirou a água limpa sendo trocada pela função de transporte das águas servidas da cidade. Posteriormente, na década de 1880 iniciou-se a

³⁰⁸ O general chamado também o “pacificador” implantou um período de violência e terror entre 1915-1920.

³⁰⁹ “O lugar ficou famoso pelos fuzilamentos que ali foram realizados, após a entrada de Pablo Morillo à cidade em 1916 [...]”. As obras começaram em 1851 e foi inaugurado em 1880. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 238-239)

³¹⁰ Os novos parques tornaram-se instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis. Estas intenções estavam enquadradas em um projeto político que passou à história do país como o de “*La Regeneración*”. “A regeneração marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu começo aos princípios do *Conservatismo* que foram impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

³¹¹ No mesmo lugar da capela do *Sagrado Corazón de Jesús* (1860), em 1902 coloca-se a primeira pedra da igreja do *Voto Nacional*. Foi construída com capital da Nação. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 79 e 121)

³¹² Vale a pena notar que as igrejas tiveram uma presença significativa no setor de *San Victorino* durante o século XIX; como pode se observar nas figuras 2 e 3. Do lado destes estabelecimentos surgiram, como é natural, atividades relacionadas com a vocação missionária de cada comunidade religiosa: a igreja da *Capuchina* tinha ao lado o *Colegio de la Merced* e no quarteirão da igreja de *San Juan de Dios* encontrava-se o *Hospital de Caridad*.

³¹³ IRIARTE, 1988, passim.

canalização do *R. San Francisco*, primeiro tramo entre as *Carreras 7ª* e *8ª*³¹⁴, a qual continuou durante as décadas seguintes ficando canalizado até seu encontro com o *R. San Agustín*. Desse modo a cidade resolveu o “incômodo problema” de uma cicatriz indesejável, higienizando e homogeneizando a área, com um coletor de águas. O mesmo aconteceu com o *R. San Agustín*.

Como manchas rurais, herdadas do período colonial, conservaram-se no setor de *San Victorino* três *fanegadas* da Horta de *Jaimes*³¹⁵ as quais ficaram em mãos do Instituto Nacional de Agricultura Superior³¹⁶, e uma porção da Fazenda de *La Estanzuela*, a qual, mesmo começando um processo de subdivisão da propriedade durante a primeira metade do século XIX, permaneceu com um aspecto predominantemente rural devido à vontade de um latifundiário³¹⁷. Assim, graças ao empenho estatal de estimular a formação técnica agropecuária e à iniciativa privada de um tropeiro dono de uma significativa porção de terras em Bogotá, *San Victorino* guardou por um longo tempo um resquício da paisagem rural, delimitando a borda ocidental da cidade.

4.3 De rios de água a rios de carros

Surgimento da ilha urbana e do arquipélago social

Durante os primeiros anos do século XX, construíram-se duas edificações que constituíram elementos essenciais na consolidação do bairro como polo de atração de atividades. A primeira edificação construída nesses anos foi a Escola de Medicina da *Universidad Nacional*³¹⁸, construída entre 1916-1931. A segunda construção foi o Colégio *Santa Inés* colocado em serviço em 1938, prédio que junto ao de Medicina Legal³¹⁹ são os únicos que hoje fazem parte do PTM. (Figura 56).

³¹⁴ DEL CASTILLO, 2003, p. 47.

³¹⁵ Fanegada (640m²). A horta, além disso, tinha uma casa de um andar com 27 quartos, jardim e algebe, segundo Escritura de compra e venda (em leilão público), N° 845 de 10 de julho de 1881. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁶ O qual, em palavras do historiador Carrasquilla, “tratou de ser como a continuação da *Expedición Botánica*, e foi o precursor das instalações de *Tibaitatá*”. O Decreto 514 expedido em 1879 “ordenou o estabelecimento de uma quinta de aclimação e experimentos e o ensino da agricultura na capital ou em suas imediações com as seções de plantas lenhosas, arbustos e árvores frutíferas, botânica agrícola, hortaliças, floricultura, sericultura, viticultura, arvicultura em geral, química agrícola, mecânica aplicada, agronomia, botânica, zoologia, geologia, zootecnia, agricultura, veterinária, engenharia rural, cujas matérias podiam abarcar vários anos de estudos. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁷ Especialmente Seu Pepe Sierra, que se negava à urbanização nas terras de sua propriedade. Foram seus descendentes os encarregados de iniciar o processo de urbanização de suas terras.

³¹⁸ O desenho e construção esteve a cargo do arquiteto francês Gastón Lelarge que, nas palavras da arquiteta Silvia Arango (historiadora e teórica de Arquitetura), foi “sem dúvida nenhuma o arquiteto mais importante da geração dos mil dias”, que esteve encarregado de prédios de grande importância para a cidade, como o prédio da *Gobernación de Cundinamarca*, o *Palacio Liévano*, o *Palacio Echeverry* e concluiu as obras do *Capitolio Nacional*. (ARANGO, 1989, p.135)

³¹⁹ Prédio de Medicina Legal, desenho do arquiteto italiano Bruno Violi, construído entre 1943-48.

A Escola de Medicina, apesar de sua função educativa, teve um final semelhante ao da Praça de Mercado na segunda metade do século XIX, já que se constituiu em um referente para a cidade, mas ao mesmo tempo em um detonador de atividades informais. A Escola de Medicina foi o primeiro centro de formação de médicos em Bogotá, atividade que acompanhava a prestação de serviços de saúde e, em consequência, a localização de outros serviços e práticas não convencionais de saúde em uma área próxima: lojas de *superchería*, *curandeiros*, bruxos, *sacamuelas*, enfermeiros e médicos ilegais instalaram-se em um bairro como alternativa “de saúde” viável para as classes menos favorecidas ou para os incautos ávidos de curas mágicas para uma ou outra doença, que preferiam não fazer uso dos serviços médicos prestados pela instituição.

Figura 56 – Equipamentos de cultura e educação.

No começo do século XX o setor contava com importantes prédios culturais e educativos (P1). Destacam-se: (1) *Colegio Americano para Señoritas*, (2) *Colegio Nuestra Señora del Pilar*, (3) *Sociedad Filarmónica*, (4) *Escuela de veterinaria e Escuela de agricultura*, (5) *Escuela Normal de Institutoras*, (6) *Facultad de Medicina*, da Universidad Nacional, naquela época o prédio mais importante de saúde e educação da cidade, (7) *Colegio del Sagrado Corazón de María*, (8) *Escuela Santa Inés*, (9) *Escuela de Ciencias Naturales – Instituto Nacional de Agronomía*, (10) *Instituto Técnico Central*. Foto 3: *Sociedad Filarmónica*, desde a praça de San Victorino, 1848. Foto 6: *Facultad de Medicina*, fachada principal, 1916. Foto 10: *Instituto Técnico Central* 1921. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3: El neogranadino. Foto 6: Sociedad de Mejoras y Ornato. Foto 9: Díaz N. en *Arquitectura y Estado*, Ed. UN, 1991.

Algumas destas práticas mantiveram-se no setor – até antes da construção do Parque Terceiro Milênio – especialmente as do serviço de curandeiros, os quais incluem em sua oferta de produtos poções elaboradas com gordura humana para as dores musculares. Outra atividade que surgiu de maneira não planejada, perto desse centro de saúde, foram os serviços funerários, a venda de caixões mortuários, arranjos florais, velas e lápides para sepulturas.

Este fenômeno de serviços de saúde “alternativos” e de serviços funerários não conseguiu proporções em *San Victorino*, mas vale a pena notar que se evidenciou com

bastante força em um setor sul do bairro, no eixo conformado pela *Calle 1ª*, onde se localizou o Hospital de *La Hortúa*³²⁰ em 1926.

Consolidação e formação de complexas dinâmicas socioespaciais

Na década de 1930 podemos confirmar por meio de um artigo da época, a continuidade do caráter de *San Victorino* como porto seco da cidade, os comerciantes, os viajantes, os hotéis e lugares associados com a vida do mesmo:

A praça de *San Victorino* é o porto de Bogotá. Ali tudo se disfarça com a atmosfera das coisas portuárias. As pessoas, como de viagem umas, como guardas de aduana outras, têm o ar das pessoas da navegação [...] os caminhões chegam com pencas humanas dos quatro pontos cardeais e são deixados na Praça. As pensões³²¹ de nomes de personalidades abrem suas bocas para tragar-se aquela humanidade forânea os que não entram a pagar o aluguel da cama por vinte *centavos*, entram à grande roda dos tresnoitados.³²²

Esta condição estimulou as atividades da vida noturna, nos cafés, cantinas e salões de dança, situados nas imediações da Pracinha de *San Victorino* e na *Calle 10* onde, segundo um artigo de 1938, residia na zona mais ampla dos notívagos em Bogotá³²³. Esta zona dos notívagos, naturalmente, deu lugar à localização de prostíbulos e de lugares para a compra e consumo de alucinógenos, última situação que já era motivo de preocupação para a cidade na década de 1930³²⁴

³²⁰ O hospital *San Juan de Dios*, (*Calle 11* com *Carrera 9*) funcionou no setor entre 1739-1926. Foi trasladado em 1926 para sua nova sede desenhada pelo arquiteto Pablo de la Cruz nos terrenos do moinho da *Hortúa* no sul da cidade. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 267-271)

³²¹ Na linguagem coloquial, "*Hoteluchos*": Hotéis populares de baixa qualidade e péssimo serviço.

³²² BRUJES, 1938, p. 21.

³²³ *Loterios, limpiabotas, matarifes e mozos de cordel, tenderos de mala economía carreteros y negociantes quebrados prenden todas las noches en aquellas tiendas de nombres novelescos [...] Hasta que los primeros camiones cargados de víveres hacen su aparición por el occidente anunciando que llega el nuevo día. La Plaza de mercado que desde cerca preside silenciosa las "tenidas" de la calle 10, da entonces a sus porteros y borrachos los tuños alcohólicos, con el aroma de sus cebollas sus frutas y sus cilantros [...]".* BRUJES, 1938, p. 22.

³²⁴ Um artigo do jornal *El Tiempo* "informou em 1933 que na capital havia aproximadamente 260 viciados em morfina e heroína e referia-se de forma patética àqueles que, tendo sido distinguidos profissionais, funcionários e artesãos, arrastavam sua miséria pelas ruas da cidade". (IRIARTE, 1988, p. 223)

Com o posicionamento da cidade dentro da incipiente rede de centros de produção agrícola e industrial do país³²⁵, o setor de *San Victorino* – por sua estreita relação com a Estação de *La Sabana* – consolidou-se como o centro de recepção da população (hotéis e residências), entreposto de mercadorias variadas (lojas de víveres), de materiais para a construção (depósitos de materiais) e de produção industrial, todos esses usos misturados como o uso residencial³²⁶. Assim originou-se uma zona industrial predominante na cidade, na área adjacente ao caminho a *Fontibón*³²⁷.

San Victorino, durante a primeira metade do século XX, poderia ser observado como um setor que para efeitos administrativos estava conformado pelos bairros *La Capuchina*, *Santa Inés* e *San Bernardo*³²⁸, mas que como território, mantinha uma rica e imbricada rede de relações funcionais e espaciais que incluía aos bairros vizinhos³²⁹, cobrindo uma área na que apareceu uma diversidade de usos e conviviam diferentes grupos sociais.

Construção e ampliação de avenidas: fragmentação e isolamento

Durante a primeira metade do século XX, em *San Victorino* adiantaram-se cinco obras que procuravam facilitar o trânsito dos veículos motorizados, mas que por sua vez geraram um isolamento do setor, modificaram a paisagem, concluíram com a ocupação dos antigos leitos de água e eliminaram alguns referentes urbanos que outorgavam identidade ao setor, de forma que o deixaram reduzido a uma ilha urbana carente de elementos emblemáticos e aberta à segregação social e à marginalidade.

A primeira destas obras foi a canalização do *R. San Francisco*, que tinha sido iniciada anos antes nas partes altas da cidade. (Figura 57). Segundo uma entrevista realizada com Germán Zea, prefeito de Bogotá (1938-1941), durante as duas primeiras décadas do século XX,

³²⁵ Produto da construção das linhas do trem e devido ao benefício econômico gerado pela bonança cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

³²⁶ A segunda planta das edificações estava destinada para o uso residencial, e as primeiras plantas para o comércio, a indústria nos quintais traseiros.

³²⁷ A zona industrial consolida-se no oeste da cidade, ao aproveitar a infraestrutura de transporte existente: estação do trem e o caminho a *Honda* (Av. *Colon*). (ACEBEDO, 2006, p. 74)

³²⁸ O setor toma seu nome da praça de *San Victorino* apesar de que este bairro – *San Victorino* – não faz parte da *pieza urbana* onde se constrói o *Parque Tercer Milenio*.

³²⁹ O setor de *San Victorino* tinha ascendência sobre os bairros vizinhos de *San Victorino*, *Veracruz*, *Catedral*, *Santa Bárbara*, *Eduardo Santos*, *Estanzuela* e *Voto Nacional*.

“[...] a canalização do *R. San Francisco* já tinha chegado até a *Calle Real* (*Carrera 7ª*), sob a sétima o rio descia descoberto e era atravessado por várias pontes em quase todas as ruas transversais. [...]”

Agora, você pergunta se não se pensou em construir um parque, um passeio ao redor de *San Francisco*, como ocorre em todas as grandes cidades. Em primeiro lugar porque o leito do rio era mínimo, e em segundo lugar porque Bogotá não tinha forma de se locomover. O conjunto da cidade assemelhava-se ao de Roma na Idade Média, um lugar feito para cavalos onde não podia se pensar nem por um momento, em grandes sistemas massivos de locomoção. A Avenida *Jiménez*, solucionou um problema maiúsculo. Hoje em dia a cidade toda passa por aí, como também pela *Caracas*.³³⁰

Figura 57 – Canalização do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade dá início à canalização e enterro de seus rios, alterando seu sistema hídrico (P1). O processo inicia-se com o *R. San Francisco*: (1) durante a colônia desviavam-se suas águas limpas pela *Calle 22*, ficando assim condenado a servir como esgotos do centro da cidade. Os trabalhos foram feitos por trechos dando origem à *Av. Jiménez*: (2) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *San Francisco*), 1911, (3) *Quinta de Bolívar-Carrera 7ª*, 1927 (4) *Carrera 8ª-Praça de San Victorino*, (5) *Praça de San Victorino-Calle 6ª*, (6) *Av. Caracas-Carrera 18* (atual *Av. Comuneros*), 1954. Processo semelhante realizou-se no *R. San Agustín*: (7) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *Ayacucho*), 1911, (8) *Carrera 3ª-Carrera 7ª*, (9) *Carrera 8ª – Av. Caracas* (10) praça do bairro *Egipto-Carrera 3ª*. Fotos 3A, 3B e 4: obras de canalização e enterro do *R. San Francisco*, 1926. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3A: *El agua en la historia de Bogotá 1538-1937*, p. 360-361. Fotos 3 B e 4: José Ortega e Antonio Ferro. *La Gruta Simbólica*, 1952.

A entrevista dada por Germán Zea resulta ilustrativa do arraigado desdém que sentiam os cidadãos e o governo da cidade pelos corpos de água: neste caso, o *R. San Francisco*, o qual para essa época já está bastante contaminado e tinha diminuído seu leito, produto em parte pela presença na parte alta do rio de moinhos e indústrias que se

³³⁰ “Lembro principalmente da ponte de *Filadelfia*. Depois o curso cruzava desde *San Victorino* para o sul”. afirmou o prefeito Germán Zea em entrevista a Juan Mosca (1987, p. 30).

beneficiavam do mesmo desde a época da colônia, e representava um obstáculo para a fluidez do transporte motorizado e a modernização da cidade.

Na década de 1920 continuou-se com a construção do coletor do antigo *R. San Francisco*, chegando até a *Carrera 14 (Av. Caracas)* em 1927-1928³³¹. Esta obra permitiu que entre 1938 e 1942³³², se realizasse a prolongação da *Av. Jiménez*, desde a *Carrera 7ª* até *San Victorino*, para o qual foi necessário comprar e demolir várias propriedades do setor³³³.

Aproveitando os trabalhos anteriores executa-se a segunda obra, a construção da *Av. Jiménez*, entre as *Carreras 2ª e 14 (Av. Caracas)*, que pretendia imitar no seu desenho o conceito do *boulevard parisienne* de Haussman. Esta atitude sem dúvida nenhuma manifesta a penetração e adaptação no âmbito colombiano, dos conceitos do urbanismo europeu. Para ilustrar esta afirmação, vale a pena citar a poética descrição de López de Mesa³³⁴, que em 1929 escreveu suas percepções sobre o avanço das obras da *Av. Jiménez*:

*Me ha sorprendido hoy lo mucho que va cambiando Bogotá [...]. ¿Sabe usted, señor, que me agradó la perspectiva que ofrece la Avenida Colón? Será un buen paseo. La he visto algunas veces en las horas de la tarde, y al contemplar la larga fila central de los faroles de grandes bombas, que, recta y hermosa, avanza hacia el occidente, iluminándose de pronto en la penumbra del crepúsculo me pareció que corrían presurosos, a evitar la muerte del sol con su bella claridad ambarina.*³³⁵

A terceira obra correspondeu à construção da *Av. Caracas*. O arquiteto Austríaco Karl Brunner concebeu este projeto, sob o conceito de par viário – entre as *Calles 8ª e 19* – com o propósito de conservar importantes prédios e espaços urbanos da cidade como a Escola de Medicina e o parque de *Los Mártires*, no setor de *San Victorino*; e de avenida arborizada, entre as *Calles 19 e 46*³³⁶. (Figura 58). Porém, a obra executou-se sob as diretrizes do

³³¹ CORPORACIÓN..., 2006, p. 522.

³³² CORPORACIÓN..., 2006, p. 521.

³³³ Germán Zea também comentou a respeito “Quando eu entrei na prefeitura, a *Avenida Jiménez* ia desde a *Quinta de Bolívar* até a *Calle Real*. Descendo deviam ser compradas várias propriedades, eu consegui fazê-lo. Prolonguei a Avenida entre a *Séptima* e *San Victorino*.”. (MOSCA, 1987, p. 30)

³³⁴ Cientista e humanista colombiano (1884-1967).

³³⁵ LOPEZ de MESA, 1929, p. 241.

³³⁶ A concepção urbanística de Brunner previa três níveis com relação à adequação de superfícies públicas para o lazer e seu papel como elementos do tecido urbano: os parques florestais, os bulevares e as praças. “Com o projeto da *Avenida Caracas* em Bogotá, Brunner vinculou uma linha de conexão de alta capacidade com um bulevar representativo. Ao ser uma das vias de comunicação mais importantes no sentido Norte-Sul da cidade, junto com a *Carrera Séptima*, a *Caracas* impulsionou a construção no norte, como os novos bairros de *Campín* e *Palermo*, e conectou-os com o centro da cidade. Para o traçado da

plano Soto- Bateman³³⁷, o qual deixou atrás a proposta de Brunner e propôs a extensão em linha reta, com calçadas de duplo sentido com um perfil de 40m de largura. No que se refere ao setor de *San Victorino*, esta operação precisou da mutilação do prédio da Escola de Medicina da *Universidad Nacional* em 1947³³⁸, e do recorte do Parque de *Los Mártires*, elemento que junto com a igreja do *Voto Nacional* perdeu definitivamente sua ascendência simbólica e importância como espaço público sobre o território e os moradores de *San Victorino*.

Figura 58 – Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.

Sobre os rios canalizados (P1) construíram-se novas avenidas (cor vermelho), sobre o *R. San Francisco* (1) a *Av. Jiménez*, a *Carrea 13* e a *Av. Comuneros*. Sobre o *R. San Agustín* (2) a *Calle 7a* e a *Calle 6a*. Nesta mesma época ampliam-se novas avenidas (cor laranja) a *Carrera 10* (3) e a *Av. Caracas* (4). Com estas obras o setor de *San Victorino* perde, com a primeira, a igreja de *Santa Inés* (3A) e com a segunda, a *Facultad de Medicina* (3B). Constrói-se a *Av. Colon* (5) sobre a alameda nova. Com estas obras transformou-se sustancialmente a paisagem do centro da cidade. Foto 1: construção da *Av. Jiménez*, 1927. Foto 4A: ampliação da *Calle 14* (*Av. Caracas*), 1947. Foto 4B: demolição da *Facultad de Medicina*, 1948. Foto 5: construção da *Av. Colon*, 1938. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 1: Juan Mosca. Foto 4A: *Museo de Desarrollo Urbano*. Foto 4B: fotografia aérea IGAC. Foto 5: *Sociedad de Mejoras y Ornato*.

A quarta obra foi a ampliação da *Carrera Décima* em 1947. Até esta data, as obras da *Carrera 10* (iniciadas anos antes, na zona norte) detinham-se neste setor do centro da cidade na altura da igreja de *Santa Inés*. Sobre a execução desta obra, é preciso notar –

mesma, o plano de desenvolvimento somente previa uma série de correções locais e de pequenas aberturas para sua prolongação nos bairros obreiros do sul". HOFFER, 2003, passim.

³³⁷ O Arquiteto e urbanista austríaco Karl Brunner, contemplou para o traçado da *Av. Caracas* no setor de *San Victorino* a permanência do prédio da *Escuela de Medicina*, e propôs como solução a criação de um binário entre as *Calles 19* e *8*, utilizando a *Carrera 15* no sentido norte-sul e a *Carrera 13* no sentido sul-norte. Infelizmente, o projeto aprovado dos engenheiros Soto-Bateman prolongava em linha reta a atual *Av. Caracas*, que obrigou a demolir parcialmente o prédio da *Escuela de Medicina* e cortar uma parte do parque de *Los Mártires*. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001 *Folio 172*. Plano 1.

³³⁸ *Escuela de Medicina*, arquiteto Gastón Lelarge. Iniciou-se sua construção em 1916 em terrenos da quinta de *Segovia*, na frente do parque de *Los Mártires*. Em meados do século XX, com as obras da *Av. Caracas*, foi mutilado. Na atualidade é ocupado pelos escritórios de recrutamento do *Ejército Nacional*. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 169)

levando em conta os propósitos do presente trabalho – que seu desenvolvimento conduziu à demolição parcial da Praça de Mercado (1953) e total da Igreja de *Santa Inés* em 1957³³⁹:

[...] a praça de mercado de *Santa Inés (Concepción)* se trasladou à Praça *España* e ao Colégio Agustín Nieto Caballero; o vazio deixado por sua demolição não foi renovado e sim gerou um maior deterioramento, embora a intensa atividade persistisse e até aumentasse.³⁴⁰

Com relação à igreja de *Santa Inés*, o historiador Alfredo Iriarte (1932-2002) mencionou: “[...] a bela igreja de *Santa Inés* foi arrasada para que por cima dos escombros passasse a *carrera décima* [...]”³⁴¹. Esta frase evidencia não somente a lembrança de um prédio simbólico vítima do extermínio, mas a perda de um referente urbano de relevante significado para a cidade desde o período colonial.

A este resultado, em termos paisagísticos, somou-se outro em termos sociais: o projeto da *Carrera 10* não somente tinha como propósito facilitar a circulação veicular da cidade no sentido norte-sul / sul-norte, mas como mantém Niño (1999): “Sanear a zona e deslocar a zona de prostituição, de bandidagem e de sujeira que caracterizavam o lugar”³⁴². Este fato oferece dois elementos importantes de reflexão. O primeiro, a confirmação do estado de deterioramento social presente na área de *San Victorino*, desde as primeiras décadas do século XX, “[...] o submundo que começa às onze da noite detrás do ultimo casal de cineastas, e acaba às cinco da manhã, quando as primeiras beatas transpassam o umbral das igrejas [...]”³⁴³. O segundo, a evidência de que a administração da cidade havia empreendido programas de desmarginalização e higienização do setor, tomando como pretexto a execução de obras físicas, neste caso, a construção de uma avenida de primeira categoria para a cidade. O anterior permite apreciar um enfoque particular de administração da cidade durante esses anos, a qual costumava pensar que os problemas de marginalidade seriam resolvidos com ações de renovação urbana baseadas na construção de infraestrutura, deixando em segundo plano ações de incorporação, compreensão e trabalho

³³⁹ Fontes confirmam a existência da igreja na década de 1950. Fotografia aérea: Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Colômbia. 1952.

³⁴⁰ *Sociedad Colombiana de Arquitectos*. Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do *Parque Tercer Milenio* em *Santafé de Bogotá*. (SOCIEDADE..., 1999)

³⁴¹ IRIARTE, 1988, p. 47.

³⁴² SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1.

³⁴³ BRUJES, 1938, p. 22.

social com as comunidades que habitavam os setores objeto da renovação³⁴⁴. Esta ação conseguiu parcialmente seu objetivo, porque ainda que se tenham recuperado alguns setores, persistiram a prostituição e malandragem.

A quinta obra no setor de *San Victorino* consistiu na canalização do *R. San Agustín* e a construção da *Avenida 6ª* na década de 1950, a qual surgiu como uma alternativa de comunicação entre o centro histórico e os bairros recém-construídos no setor sudoeste da cidade. A várzea do *R. San Agustín* era estreita, na altura do setor de *San Victorino*, razão pela qual se descartou a construção de uma grande avenida semelhante à *Av. Jiménez*. A solução que se adotou foi a construção de um binário aproveitando as ruas existentes (*Calles 6ª e 7ª*). Esta obra facilitou a conexão entre o setor de *San Victorino*, de intensa atividade comercial com o bairro de *San Bernardo* caracterizado por uma vida residencial tranquila. As novas vias e o serviço de transporte público incidiram em uma mudança do uso do solo deste último bairro: uma zona que era de um uso predominantemente residencial começou a incorporar atividades comerciais progressivamente.

Em termos ambientais, com a canalização e a construção das Avenidas *Jiménez* e *Sexta*, não somente o setor residencial começou a transformar seus usos, mas além de tudo, a cidade enterrou no seu centro histórico os últimos elementos de sua estrutura ecológica original: os rios *San Francisco* e *San Agustín* ficaram no esquecimento e deixaram de ter relevância na paisagem permanecendo somente a marca do seu antigo leito na configuração morfológica do setor, onde os corpos de água e as superfícies permeáveis foram trocadas pelas calçadas e o asfalto das calçadas. Em termos paisagísticos é preciso dizer que com estas duas obras de canalização e quatro obras viárias antes mencionadas, *San Victorino* ficou conectado à cidade, mas ao mesmo tempo fragmentado e isolado pelas amplas avenidas e seu intenso fluxo veicular: ao norte a *Av. Jiménez*, no leste a *Carrera 10*, no oeste a *Av. Caracas* e no sul a *Av. Sexta*. Com a construção destas vias arborizadas, (Figura 59) desarticulou-se a rede de relações funcionais e espaciais do território de *San Victorino* (Desse modo, iniciou-se um processo de constrangimento e isolamento espacial do setor, o qual gerou com o tempo a configuração de um “arquipélago urbano” no qual *San Victorino* operava como uma ilha urbana, em pleno centro da cidade.

³⁴⁴ Na seção 2 mencionou-se como a administração da cidade empreendeu durante os anos 20 e 30 do século XX ações de desmarginalização, higienização e homogeneização de setores deteriorados da cidade, com a execução de projetos de “saneamento” como no *Paseo Bolívar* para o qual se procedeu à construção de um novo bairro (*Centenario*) para reacomodar seus moradores.

Figura 59 – Construção de Avenidas arborizadas.

Com o surgimento do carro como meio de transporte as velhas ruas coloniais tornam-se insuficientes. Por esta razão a cidade inicia nos anos 1930 um programa de ampliação de vias, para o qual se constroem avenidas arborizadas (P1), tomando como referência a experiência europeia e norte-americana. No setor de *San Victorino* constrói-se: (1) a *Carrera 10*, (2) a *Av. Caracas*, (3) a *Av. Colon* e anos depois (4) a *Av. Los Comuneros*. Foto 1: *Carrera 10*, 1955. Foto 2: *Av. Caracas*, 1938. Foto 4: *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, 1964. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 4: Saúl Orduz MDU. Foto 2: Fernando Garabito.

Com relação à dimensão social, *San Victorino*, como se mencionou anteriormente, começou a se assemelhar a uma ilha urbana conformada por residentes, comerciantes e moradores de rua. Sempre sob o estigma de espaço segregado, fragmentado e os grupos sociais altamente marginalizados, que paradoxalmente situaram-se sobre a marca deixada pelo *R. San Francisco*: especialmente na franja onde hoje se encontra o Parque Terceiro Milênio, lugar onde se manifestou o maior deterioramento físico, social e ambiental da cidade. Ali se estabeleceu um lugar central de encontro dos moradores de rua, na famosa “*Calle del Cartucho*”³⁴⁵, a qual teve como prédio simbólico “*El Castillo*”³⁴⁶, lugar do qual se “administrava” o submundo do setor. A marginalidade, presente desde o período colonial, manifestou-se com uma faceta distinta, de acordo com o vertiginoso e conflituoso desenvolvimento da área nos últimos cinquenta anos.

4.4 Perda de equipamentos e liderança

Conformação de um arquipélago urbano

Como se explicou na seção 2, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo, que se manifestou especialmente no campo; por este

³⁴⁵ “*El cartucho*” nome que recebeu a *Carrera 12 A* entre *Calles 9ª* e *10*, por ser lugar de venda da flor de cartucho. A partir dos anos 1970 apresentou um deterioramento físico e social contínuo até se tornar o lugar mais perigoso do setor de *San Victorino* e da cidade. Curiosamente sob esta rua passa o *R. San Francisco*.

³⁴⁶ “*El Castillo*” prédio localizado na *Carrera 13* com *Calle 9ª*. Nos anos 1980 foi invadido e tornou-se o centro de operações da delinquência que controlava o setor de *San Victorino*, convertendo-se em símbolo de poder.

motivo, produziu-se uma migração massiva de camponeses à cidade, os quais chegaram a esta procurando por segurança e por novas oportunidades de trabalho. (Figura 60).

Figura 60 – O “Bogotazo”: construções e infraestrutura afetada.

Com os atos violentos de 9 de abril de 1948 o setor de *San Victorino* foi seriamente afetado (P1). Isto acelerou o processo de fechamento e traslado da *Plaza de Mercado* (laranja), a demolição da igreja de *Santa Inés* (azul) para dar lugar à nova *Carrera 10* (1) e o desmonte (retiro) da rede do Bonde (linha verde) símbolo do transporte público da cidade. Com estas nefastas decisões o setor de *San Victorino* perde liderança? e visibilidade na cidade. Foto 1: Praça de Mercado Central, 1929. Foto 2: Ataque ao bonde, 1948. Foto 3: estragos na *Carrera 7ª*, 1948. Foto 4: o Bonde em chamas, 1948. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Ministerio de Obras Publicas, 1949*. Foto 1: Ignacio Sánchez Santamaría. Fotos 2 e 4: José Vicente Ricaurte. Foto 3: Luis Gaitán.

Frente à evidente instabilidade e perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo General Rojas Pinilla, que terminou exercendo as funções de presidente sob a figura de ditadura militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957. Como se mencionou na seção 2, o General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança à cidade. Entre estes projetos é necessário destacar alguns que incidiram no processo de deterioramento de *San Victorino*.

Porém, antes de explicar estes projetos e sua relação com o setor, é necessário mencionar que devido aos danos causados ao sistema de bonde em 9 de abril de 1948 e a deficiências na administração e no manejo dos recursos econômicos, a empresa do *Tranvía* (bonde) *Municipal* deixou de prestar o serviço de bonde em 1952, substituindo o referido serviço pelo de ônibus e *trolly bus*. Com esta decisão, desapareceu o circuito conformado pelo bonde no setor de *San Victorino*, que percorria a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª* e 11, o qual não somente fornecia vitalidade à zona, mas permitia a conexão desta zona com a

cidade. Uma vez desaparecido o circuito, também desapareceu a importância que tinham a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª e 11*, em termos paisagísticos e urbanos; desprovidas de sua importância, acelera-se seu processo de deterioramento físico e social.

Retomando os projetos executados durante a ditadura do General Rojas, que incidiram no deterioramento do setor, é preciso destacar os seguintes: com a construção da *Calle 26* (*Av. El dorado*), o Passeio de *Los Libertadores* e a adição dos Municípios vizinhos de Bogotá, iniciou-se um acelerado processo de crescimento não planejado sobre a Savana, caracterizado por uma intensa ocupação da área rural, a qual se estendeu principalmente ao oeste da cidade nos primeiros anos, e posteriormente, ao norte da mesma³⁴⁷. (Figura 61).

Figura 61 – Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.

Com a construção de infraestrutura – equipamentos e avenidas – no ocidente de Bogotá, incorporaram-se áreas rurais no processo de urbanização da cidade dando origem, em muitos casos, à proliferação de assentamentos ilegais na periferia da cidade. P1: *Croquis* sobre parcelamentos Clandestinos, 1950. Foto1: Aeroporto *El Dorado*, 1956, Arquitetos Cuellar Serrano Gómez. Foto 2: perspectiva do *Ministério de Obras Públicas* (CAN) Arquitetos Skidmore Owens & Merrill. Fonte: P1 Joaquín Martínez – Registro Municipal, Tomo XX, 1950. Foto 1: Germán Téllez. Foto 2: *Revista Proa*, 1955.

Durante este período de investimento na periferia, sobre a Autopista Norte e a *Calle 26*, o setor imobiliário (empresa privada) e a administração *Distrital* esqueceram-se do centro tradicional da cidade de modo que durante as décadas seguintes acelerou-se o deterioramento físico e social desta porção da cidade. *San Victorino* não foi a exceção nesse processo de deterioramento, o qual esteve acompanhado de alguns fatos que agravaram as condições de marginalidade social e geração de uma ilha urbana: a publicação de um decreto para que os vendedores ambulantes localizados nas ruas e calçadas de *San*

³⁴⁷ A localização do *Centro Administrativo Nacional* e o Aeroporto Internacional *EL Dorado* sobre o eixo leste-oeste (*Calle 26*) “abrieron la compuerta a la expansión de la ciudad en esta dirección, algo que se evitaba en el Plan Regulador por considerar estas áreas poco aptas para desarrollos urbanísticos. La Autopista Norte abrió otro frente urbanizador importante, que tardaría varias décadas en poblarse.”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 114)

Victorino se concentrassem no largo do mesmo nome³⁴⁸; o traslado de comerciantes de atacado de víveres à Central de Atacados de *Corabastos* (1972); finalmente, o traslado de prestadores do serviço de transporte terrestre intermunicipal e nacional ao Terminal de Transportes (rodoviário) localizado no oeste da cidade (1984).

O decreto que o prefeito Jorge Gaitán Cortes expediu em 1864, visava à recuperação da imagem e o espaço livre do centro; porém, contrário a seus nobres propósitos, terminou por legitimar que a praça, as calçadas e as ruas, se tornassem objeto de aproveitamento econômico, sob práticas “irregulares” que se consolidaram no transcurso das décadas seguintes³⁴⁹: vendedores ambulantes³⁵⁰ (Figura 62), que tomaram posse e defenderam como próprias porções de uma rua, uma calçada ou da praça; vendedores de atacado proprietários ou inquilinos de locais comerciais e bodegas nos prédios da zona, que contrataram numerosas pessoas para ofertar os produtos nas ruas; máfias e *jibaros*³⁵¹ que se dedicaram ao comércio de alucinógenos encobertos pelos vendedores ambulantes aproveitando o aumento do consumo, produto da bonança trazida pelo tráfico de maconha dos anos 1970; catadores de papel e papelão que desenvolveram centros improvisados de coleta na área vizinha à praça; e habitantes da rua que tornaram esta zona sua residência permanente³⁵². Assim, contrário ao previsto pelo Prefeito, a cidade ao invés de ganhar, perdeu espaço livre, e a Praça de *San Victorino*, em vez de conservar suas características, dilapidou sua importância como referente urbano rico em significados desde os tempos da colônia.

Outro fenômeno que se apresentou na área e que gerou condições de marginalidade foi o correspondente às condições sociais que ficaram como produto do abandono de infraestrutura e o traslado das atividades do comércio em atacado e do serviço de transporte intermunicipal a outros setores da cidade.

Nos anos 1970, numerosos comerciantes de atacado de víveres que se concentravam no setor de *San Victorino*, se trasladaram à Central Atacadista de *Corabastos*³⁵³, em 1972; o referido traslado provavelmente esteve motivado pelas condições

³⁴⁸ Decreto 227 de 1964 “pelo qual se regulamenta a profissão de vendedores ambulantes de que trata o capítulo 12 do título 9 do livro 2 do *Código de Policía del Distrito Especial de Bogotá*”.

³⁴⁹ Este espaço público somente seria recuperado 38 anos depois, com o traslado dos vendedores e a execução de obras de reforma da Praça de *San Victorino*. Com esta obra começa o processo de recuperação do espaço público do setor.

³⁵⁰ Sem dúvida nenhuma, o fenômeno de vendedores ambulantes é uma manifestação de um problema social cuja origem tem raiz nas condições de desemprego, da desigualdade na distribuição da riqueza e no acesso a bens e serviços básicos. Porém, não é pretensão deste documento demonizar a existência dos vendedores ambulantes, mas chamar a atenção sobre os impactos negativos resultantes da legitimação do aproveitamento econômico do espaço público.

³⁵¹ “*Jibaro*”: administrador das vendas de narcóticos. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.187)

³⁵² Palavras de Niño: “a partir de entonces, se formó un improvisado centro de recolección de papeles y cartones, de recogedores de toda la ciudad, a la vez que se convirtió en refugio de indigentes, de miseria y drogadicción”. (SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1)

³⁵³ SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.2.

favoráveis de trabalho – segurança, acessibilidade, asseio e outras – que lhes ofereciam as novas instalações da Central de Abastecimento, mas ao mesmo tempo provocou que *San Victorino* perdesse identidade como o centro de comércio em atacado de víveres da cidade, e que ficasse somente com os resíduos do que uma vez foi. Assim, o cenário do setor começou a se caracterizar por prédios abandonados (antes utilizados para as atividades comerciais) e pessoas sem emprego (que antes se dedicavam a trabalhos associados com o comércio de víveres).

Figura 62 – Evolução e ocupação da Praça de *San Victorino*.

Semelhante a outras praças da cidade, a praça de *San Victorino* sofreu importantes modificações: (1) Espaço colonial original com chafariz, portão de chegada à cidade. O *R. San Francisco* passa por sua margem. (2) Em 1910 aumenta-se o espaço, enterra-se o *R. San Francisco* e constrói-se um parque. Toma o nome de Praça *Antonio Nariño*. (3) Em 1948 pavimenta-se o parque e habilita-se o espaço como estacionamento para carros. (4) Em 1964 o prefeito Gaitán Cortes autoriza a ocupação da praça pelos vendedores informais, perdendo-se assim um dos espaços tradicionais e representativos da cidade. Foto 1: *San Victorino*, praça com chafariz, 1900. Foto 2: *San Victorino*, praça/parque, 1920. Foto 3: vista aérea, Plaza *Antonio Nariño* (estacionamento), 1947. Foto 4: vista aérea, *San Victorino*, espaço invadido pelos vendedores informais, 1998. Desenhos elaborados pelo autor. Fonte: Foto 1: Henry Duperly. Foto 2: *Sociedad de Mejoras y Ornato*. Foto 3: em Montenegro & Liarralde. Foto 4: *El Tiempo*. 1998.

Por outro lado, no começo dos anos 1980 habilitou-se o primeiro terminal “moderno”³⁵⁴ de transporte que teve Bogotá; esse terminal foi inaugurado em 1894, no setor que hoje em dia se conhece como Cidade *Salitre*. Várias empresas de transporte que prestavam o serviço nas proximidades a *San Victorino* trasladaram-se ao novo terminal. Sem dúvida alguma, a cidade beneficiou-se significativamente com a construção desta moderna

³⁵⁴ Naquela época, o transporte intermunicipal de passageiros estava organizado de forma precária sobre “portos secos”, onde o serviço de chegada e saída dos passageiros dava-se em locais improvisados.

Rodoviária, pois esta obra permitiu superar a informalidade³⁵⁵ e racionalizar a prestação do serviço de transporte de passageiros. Porém, os bairros *San Victorino* e *La Estanzuela*, perderam seu caráter como porto seco, e adicionalmente sua capacidade de ofertar fontes de trabalho às pessoas que prestavam a assistência técnica e logística ao serviço de transporte de passageiros e que em sua maioria moravam no bairro *Santa Inés*. De certo modo, pode-se afirmar que com a migração das atividades e as pessoas associadas ao serviço de transporte incrementou-se o desemprego e aumentou-se a insegurança no setor.

San Victorino: ilha e marginalidade urbana

Frente ao novo panorama, a administração *Distrital* não tomou nenhuma medida de prevenção ao deterioramento, nem considerou programas de inclusão social para aquelas pessoas que perderam sua fonte de ocupação e subsistência.

A construção destas importantes obras de infraestrutura – *Corabastos* e Terminal de transporte – não incluiu planos de redensolvimento dos espaços vazios deixados na cidade e, muito menos, a implementação de programas para reincorporar ao mercado, gerar trabalho à população de escassos recursos – mão-de-obra não qualificada que dependia para o seu sustento da presença destes serviços no centro da cidade. Esse fato trouxe nefastas consequências para o setor de *San Victorino*, as quais se manifestaram, em muitos casos, na troca de usos e no aumento da população de escassos recursos ou em condição de indigência: depois da emigração dos comerciantes de atacado, as bodegas desocupadas foram destinadas principalmente para o armazenamento de materiais recicláveis como papel, metais e desperdícios de construções. As pessoas que perderam sua antiga ocupação e, em geral, a população de escassos recursos da cidade, ocupou-se do recolhimento, transporte e venda destes materiais. Desse modo, o espaço urbano e seus atores passaram de uma condição de “formalidade” (mercado em atacado de víveres) para uma de “informalidade” (reciclagem de materiais).

Neste cenário de informalidade, acelerou-se o processo de deterioramento do espaço livre: as ruas e as calçadas foram invadidas pelo crescente número de “carros de *balineras*” (*zorras*) e de materiais que não faziam parte da lista dos “*negociables*”, de modo que o espaço livre tornou-se uma zona de acumulação de desperdícios. Nas calçadas começaram a proliferar improvisados pontos de venda de comidas preparadas em churrasqueiras com

³⁵⁵ A cidade passa do sistema arcaico de agências de transporte de passageiros – “rua e bodega” dispersas pelo centro da cidade – ao moderno e funcional sistema de terminal de transporte.

carvão, cuja fumaça e cinzas multiplicaram-se ano após ano. Assim, progressivamente foi-se poluindo o ar das ruas e modificou-se negativamente a paisagem do bairro.

Por outro lado, também estes fatos marcaram o início de uma nova dinâmica com relação à propriedade privada: (Figura 63), no setor, começou a se apresentar uma maior concentração da população marginal que subsistia do “rebusque” ou do recolhimento de materiais, a qual não contava com ingressos suficientes para pagar um espaço para dormir. Os arrendatários de propriedades, ao ver uma oportunidade de negócio, incrementaram a prática de especulação com os imóveis por meio da sublocação de quartos, nos quais se alojavam famílias inteiras. Desse modo, o bairro de arrendatários passou a ser um bairro de cortiço, aumentou o índice de ocupação, com grupos de famílias morando em condições de adensamento precário.

Figura 63 – Transformação da moradia e controle da propriedade.

A maioria dos prédios do setor apresenta a mesma evolução: (1) Moradia original em formato de claustro com quintal anterior e posterior. Ocupado por uma família, proprietária. (2) Subdivide-se a moradia em duas propriedades. Mantém-se o quintal anterior e posterior, ocupado por duas ou mais famílias, proprietárias ou arrendatárias. (3) Subdividem-se os locais, constroem-se mais quartos, perde-se o quintal posterior. Cada quarto ocupado por uma família, torna-se cortiço (invasores). Perde-se o controle sobre a propriedade. (4) Acondicionam-se mais quartos, perde-se o quintal anterior. Os quartos são ocupados por várias pessoas, não necessariamente conhecidas entre si (cobra-se por noite). Gera-se uma situação de condições precárias e promiscuidade absoluta. Comércio (vermelho) moradia e outros (amarelo) serviços (azul). [Desenhos elaborados pelo autor].

Os “arrendatários”³⁵⁶ com a finalidade de obter um maior aproveitamento econômico das edificações colocaram ano após ano mais famílias nas habitações das deterioradas residências, com o qual se incrementaram as condições precárias dos moradores e ao mesmo tempo aprofundaram-se as fraturas de convivência típicas deste modo de habitar, surgindo fenômenos de violência no interior do grupo de residentes, descompromimento no

³⁵⁶ “Arrendatarios”, neste caso, refere-se aos novos possuidores – não proprietários – dos imóveis.

pagamento e agressões por parte dos arrendatários que finalmente foram expulsos pelo grupo de inquilinos³⁵⁷.

Assim ocorre um fenômeno que pode ser denominado como perda do controle da propriedade privada, o que gerou uma atmosfera propícia para a deteriorização física das edificações, e a decomposição social caracterizada pelas relações de conflito na convivência e os fenômenos de violência.

Nos anos 1970, surgiu um fenômeno que foi determinante no posterior deterioramento social e físico de *San Victorino*. Durante essa década apresentou-se o auge do comércio de drogas no país todo³⁵⁸ e *San Victorino*, como os demais setores do centro da cidade, foram esquecidos pela administração *Distrital*. Estes dois fatos – unidos à vulnerabilidade da população que habitava o bairro – constituíram um campo de ação propício para os comerciantes de alucinógenos, que paradoxalmente começaram a exercer suas atividades ilícitas a somente dois quarteirões do Palácio Presidencial, a Prefeitura Maior (*Alcaldía Mayor*), e a Praça de *Bolívar*, primeiro centro cívico da cidade e do país.

A ausência do Estado, o aumento da venda de alucinógenos e dos fenômenos de violência no meio da população vulnerável foi decisivo no processo de decomposição física e social do setor. Além disso, marcaram a configuração de um imaginário negativo na população *bogotana*: *San Victorino* passou de sinônimo de porto urbano e atraente de atividades para sinônimo de degradação social, drogas e crime em todas as suas manifestações.

4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental

Consolidação da Barreira urbana. Tempo de crise.

Sob essas condições, *San Victorino* começou a se configurar na paisagem como uma espécie de “barreira urbana”, um reino do “*basuco*”³⁵⁹, do saqueio e do vandalismo, ao que a cidade e as instituições do Estado viraram-se de costas. (Figura 64). A “*Calle del Cartucho*” terminou por se constituir no centro simbólico e espacial desta barreira, com o avançado

³⁵⁷ María Paula Navas descreve esta dramática situação muito bem: “*Hay jefes, líderes o administradores por donde usted mire, y cuando dejan de mandar llega otro inmediatamente a ocupar el puesto. El más hábil. Así hubo no sé cuantos propietarios que perdieron definitivamente la posesión de sus predios. Hubo tantos dueños que los pobres ricos no pudieron regresar al punto en que abandonaron sus casas*”. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.51)

³⁵⁸ Nos anos 1970 intensificou-se no país a produção e tráfico de maconha, fato conhecido como “*Bonanza marimbera*”. Este evento permeou a maioria das estruturas sociais e econômicas do país, e no caso de *San Victorino* transformou-o no centro de venda e consumo de alucinógenos, afetando sua população e entorno físico significativamente.

³⁵⁹ *Basuco*: resíduos da base de coca muito popular pelo intenso efeito e baixo custo, NAVAS-ALARCON, M., op., cit. p.185.

estado de decomposição social, o dramático deterioramento do espaço livre, a perda total do controle sobre a propriedade privada e a destruição física das edificações: as paredes das casas começaram a ser derruídas por seus habitantes para utilizar o material na preparação de “*crack*”³⁶⁰: “Começam a levar partes das casas [...] se levam as cornijas, as molduras e até a tapeçaria das paredes”. A polícia negou-se a intervir para evitar o saqueio que acontecia a três quarteirões de sua estação. “Em um mês a casa da família Liévano desapareceu. Levaram a fachada, as portas e as grades [...] ficou somente o lote”. O lote e o testemunho de como Bogotá – igual a outras cidades do país – abandonou seu centro e, com ele, parte de sua memória³⁶¹.

Figura 64 – A “Calle del Cartucho” e prédio “El Castillo”.

Sobre as ruas ondulantes que lembram o velho curso do R. San Francisco (P1), gera-se o maior deterioramento físico e social do setor. É neste lugar onde se consolidam dois dos símbolos dos moradores informais da área: (1) “Calle del Cartucho”, (2) “El Castillo”, em cinza área de influência direta. Foto 1: “Calle del Cartucho”, rua invadida. Foto 1: “Calle del Cartucho” moradores de rua. Foto 2: demolição de prédios. Foto 2: demolição do “El Castillo” prédio simbólico dos invasores, centro de delinquência. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano.

Pode-se dizer que nessa época a única presença do Estado na zona manifestou-se por meio do Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e a Estação de Polícia³⁶² localizada na Av. Caracas com Calle 6ª, e o Centro de Recrutamento do Exército instalado no que restou do prédio da antiga Escola de Medicina. O primeiro estabelecimento, que seguramente foi significativo para a cidade, pois presta um importante serviço de recepção de cadáveres, mas negativo para San Victorino, já que no setor próximo do mesmo estabeleceram-se as mais miseráveis condições de vida e morte: um lugar onde a vida não

³⁶⁰ “Crak”: Base de coca misturada com pó de cimento ou tijolo.

³⁶¹ LEÓN, F. *El tiempo*, (jornal) 28-03-1999 p. 2E.

³⁶² É a Estação de Polícia mais importante do centro da cidade. Foi construída nos anos 1960.

tem o menor significado para seus moradores e onde os funcionários do Instituto, e dolentes dos mortos valentemente enfrentam-se todos os dias neste aterrador panorama. Com relação aos dois últimos, chama a atenção que, sendo parte do aparato de segurança da cidade e do país, foram incapazes de manter o controle do Estado sobre a zona em uma atitude passiva e de suspeitosa complacência com todos os atos delitivos que aconteciam em *San Victorino* e que sem dúvida afetaram a credibilidade da população nas forças de segurança e convivência de sociedade *bogotana*.

Intentos falidos de recuperação

Como se indicou na seção 3, em 1986, frente ao processo de abandono e deterioração que sofreu o centro da cidade, e a situação de conflito na qual se viu *San Victorino*, especialmente na zona chamada “*El Cartucho*”, a administração *Distrital* voltou seu olhar ao centro por intermédio da contratação de um estudo técnico que se denominou “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. Com este plano, a administração *Distrital* assumiu como prioridade os programas de recuperação do espaço livre e a racionalização do transporte de passageiros no Centro Tradicional. Infelizmente, apesar destas nobres intenções, o referido plano jamais se materializou.

Com essa mesma preocupação na década de 1980, traçaram-se novos desenhos e realizaram-se as obras de um projeto destinado a melhorar as condições de mobilidade sobre a *Av. Caracas*. (Figura 65). O projeto denominado “*Troncal de la Caracas*” consistiu na destinação de faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus, com áreas delimitadas para o carregamento e descarregamento de passageiros, imitando o modelo de Curitiba em Brasil. Como esta iniciativa implicava suprimir o separador central e o retiro das árvores, em sua maioria *Urapanes* (*Fraxinus chinensis*)³⁶³, razão pela qual o centro da cidade e especialmente o setor de *San Victorino* perdeu o único corredor viário verde ao modificar negativamente a principal avenida arborizada, herdada dos planos de modernização empreendidos pela cidade em meados do século XX.

Posteriormente propuseram-se projetos específicos de recuperação do setor, como o proposto pelo prefeito Jaime Castro com o “Plano de recuperação dos bairros de *San*

³⁶³ Em 1945 executa-se em Bogotá um ambicioso programa de arborização, liderado pelo japonês Hochino, que propôs como espécie única para plantar a árvore de origem *Urapan*, (*fraxinus chinensis*). Esta espécie adaptou-se às condições do clima da cidade e pelo grande aporte, folhagem e rápido crescimento foi por muito tempo o preferido pelos *bogotanos* até que perderam sua importância devido aos danos causados pelas raízes às vias e construções. No final dos anos 1980 uma praga os atacou obrigando a retirada da maioria destes.

Victorino e Santa Inés 1992-1995”, que consistia basicamente em resolver a mobilidade no deflagrado e deteriorado setor da “*Calle del Cartucho*” e a dificuldade de acesso às instalações de Medicina Legal para o qual se propunha ampliar o perfil de todas as vias do setor, a construção de novas vias, um novo parque e a troca de usos (comércio e institucional) em vários quarteirões. Igual aos projetos anteriores, este também não foi executado.

Figura 65 – Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.

No final dos anos 1980 a prefeitura de Bogotá, tomando como referência o sistema de transporte de Curitiba no Brasil, começa a construção da “*Troncal de la Caracas*” (P2). Infelizmente esta obra afetou a paisagem do centro da cidade ao tirar a maioria das árvores do canteiro central e calçadas (P1) para dar lugar às novas faixas de circulação veicular. Desse modo perdem as “*Avenidas arborizadas*”, que por muito tempo foram orgulho da cidade. Preocupados pelo alto nível de deterioração física e social no setor de *San Victorino*, a prefeitura em 1993 apresenta uma proposta de intervenção (P3), a qual incluiu a abertura de novas vias no setor da “*Calle del Cartucho*”, *Carrera 12A*, *Calle 7A* e a construção de um pequeno parque. Esta proposta não foi realizada. [Desenhos elaborados pelo autor].

Dinâmica de ocupação do setor. Perda de equipamentos e superposição de atores.

No final do século XX a paisagem do setor de *San Victorino* estava substancialmente alterada devido à perda do comércio em atacado, da indústria e de seus principais equipamentos como a Faculdade de Medicina, a Praça de Mercado, as igrejas de *San Victorino* e *Santa Inés*. A esta situação somou-se o espaço livre afetado pela mutilação da Praça de *Los Mártires*, a invasão da praça de *San Victorino* por vendedores informais, a supressão das rotas do transporte público do bonde (*Calle 10ª*, *Carreras 10ª* e *Carrera 11*) e a ampliação das principais vias, operação pela qual se retiraram as árvores que estavam sobre os corredores viários. (Figura 66).

Figura 66 – Perda de equipamentos no setor de *San Victorino*.

Em meados do século XX *San Victorino* contava com importantes equipamentos urbanos e transporte (P1). Pela ampliação de avenidas e traslado de equipamentos que nunca foram substituídos, no final do século XX o setor perdeu presença e liderança na cidade (P2). Abastecimento (laranja), igrejas (vermelho), educação (azul), culturais (azul claro), indústria (roxo), segurança-militar (verde escuro), praças e parques (verde). Rota do bonde (Linha verde). [Planos P1 e P2 elaborados pelo autor].

Outro elemento que incidiu na transformação da paisagem foi a constante e sistemática mudança de uso da propriedade privada: o uso comercial foi trocado pelo uso residencial, com o qual os habitantes habituais do setor tiveram de se trasladar obrigatoriamente para novas urbanizações localizadas na periferia da cidade. Dessa forma, o caráter que se dava a *San Victorino*, a moradia tradicional foi se transformando pela presença de perigosos cortiços, ocupados sob práticas “primitivas”: em um quarto dormem no chão³⁶⁴ várias pessoas em condições precárias de higiene e moradia.

Apesar de suas condições precárias de moradia, como se mencionou anteriormente, a população vulnerável que ocupava *San Victorino* aportava ao setor uma intensa dinâmica durante as 24 horas do dia e durante os 365 dias do ano. Com a construção do Parque Terceiro Milênio, como se indicou na seção 3, trocou-se o uso de moradia pela recreação, e expulsou-se esta população vulnerável. Esta ação, na opinião do autor deste trabalho, definitivamente foi contra dos interesses de manter e atrair população que habitasse o centro da cidade (Figura 67).

Os atores presentes no setor e no entorno adjacente a *San Victorino* estão conformados principalmente por dois grupos plenamente diferenciados: o primeiro grupo que pode se denominar “formal ou autônomo”, conformado pelos empregados das entidades públicas de nível nacional e distrital (Presidência, Congresso, Ministérios, Banco Central, Prefeitura maior, Secretarias, Corporações Culturais e sociais), os empregados de entidades

³⁶⁴ As pessoas dormem, (de dia ou à noite), não moram nestes espaços. Paga-se para dormir quatro reais. NAVAS-ALARCON, op. cit., p.102

culturais (Bibliotecas, Museus e outros), os integrantes das instituições religiosas (Arcebispo, Catedral principal, Igrejas paroquiais) e, por último, os proprietários e empregados do setor privado da área financeira (bancos e corporações), do setor de gestão e serviços (profissionais de todas as áreas, especialmente de justiça), do setor comercial (lojas de atacado e varejo, livrarias, restaurantes e cafeterias).

Figura 67 – Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.

No final da década de 1980, o setor de *San Victorino* apresenta uma alta mistura de usos, destacando a presença de comércio no costado norte e moradia no costado sul (P1). Para a construção do parque suprimiu-se a área de moradia, a qual é substituída por recreação. Assim, o setor fica sem moradores que aproveitem os espaços novos que o parque oferece. Planos P1 FONADE “*Preinversión*”, Bogotá 1988, p. 28. [P2 elaborados pelo autor; fonte: *Bases del Concurso*].

O segundo grupo, que pode ser denominado “informal ou dependente”, está conformado por vendedores ambulantes (roupa, cachivaches – bujigangas –, confeitaria, comida, bebidas e livros “piratas”), catadores de lixo (papel, vidro, metal, plástico) e rebuscadores (ajudantes, *mandaderos*).

Por sua natureza, estes dois grupos de habitantes apresentam diferentes formas de utilização e ocupação do setor, gerando ritmos ambivalentes: o setor formal, trabalha e beneficia-se do centro da cidade durante o período diurno, e o abandona à noite para se refugiar nos setores residenciais da periferia; porém, o informal vive e aproveita o centro durante as 24 horas do dia em jornadas de trabalho e períodos de descanso sem horário fixo (esmola-se por comida e dorme-se em qualquer horário). Dessa forma gera-se uma presença constante do “mundo da informalidade”, que é o mundo que realmente “habita” e dá dinamismo ao centro da cidade. (Figura 68).

Figura 68 – Dinâmicas de ocupação do setor de *San Victorino*.

Antes da construção do parque reconheciam-se na área dois ritmos de ocupação (P1). Por um lado, o setor formal ou autônomo (vermelho) que utilizava o centro como espaço de trabalho durante o dia e que o abandonava à noite. Por outro, o setor informal ou dependente (azul) que habita no setor com a mesma intensidade de dia e à noite, mantendo uma estreita relação com seu entorno. Com a construção do Parque Terceiro Milênio (P2) perde-se a presença do setor informal e como o setor formal não reconhece como próprio o antigo setor de *San Victorino*, é em parte razão pela qual o parque (3) apresenta uma baixa frequência de uso, criando-se desse modo um vazio urbano. Foto 1: Praça de *San Victorino*. Foto 2: atividade cotidiana do setor-setor informal. Desenhos elaborados pelo autor. Foto 1: autor. Foto 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano

Estas características replicaram-se no interior da peça urbana de *San Victorino*. Em 1999 *San Victorino* contava com 22.138 habitantes³⁶⁵, e suas características configuravam como um “arquipélago urbano” e “barreira urbana”. No interior deste arquipélago conviviam a cidade formal e a cidade informal; o setor norte e sua periferia alojaram o setor formal, e o núcleo de *San Victorino* – conformado pelo bairro *Santa Inés* – acolheu ao setor informal pertencente à população mais vulnerável, com as correspondentes condições de avançado deterioramento físico e social.

Com a construção do PTM, alterou-se a superposição e convivência do setor formal e informal, ao estimular a permanência da população do setor formal e expulsar a população pertencente ao setor informal; assim modificaram-se os ritmos de funcionamento do setor de *San Victorino*. Como se indicou antes, a relação que guarda a população formal com *San Victorino* é de caráter exclusivamente laboral, de tal sorte que não se desenvolveram vínculos afetivos, simbólicos ou um sentido de pertencimento ao lugar. Como o Projeto Parque Terceiro Milênio expulsou a população que realmente guardava um vínculo ou um

³⁶⁵ . IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.8. p. 12-folio 622.

sentido de pertencimento com o lugar e não atraiu nova população residente, a área do Projeto terminou se tornando um “vazio urbano”. Este fato se evidencia na baixa frequência de uso do Parque e nas poucas ou inexistentes alterações ou melhoras nas construções e lotes que configuram seu entorno.

4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio

As páginas anteriores procuraram mostrar a evolução histórica de *San Victorino* com o fim de determinar e explicar a origem dos elementos que configuraram suas atuais condições ambientais, urbanas, sociais e paisagísticas. Em consideração do autor, a compreensão destes elementos históricos e a consequente situação atual do setor criavam importantes retos às operações de renovação urbana empreendidas pelo *Distrito* a partir de 1999: *San Victorino*, e especificamente o bairro *Santa Inés*, configuraram-se como uma “barreira” urbana, na qual sobre uma cidade formal dão-se as dinâmicas de uma cidade informal, a qual reforça as condições de isolamento, amparadas nas redes do comércio ilegal de alucinógenos e a complacência da força pública. Esta população da cidade formal não tem desenvolvido um sentido de apego com o setor, pois sua relação com o mesmo é exclusivamente de caráter de trabalho, e as atividades da vida familiar, lazer e de descanso acontecem em outros lugares da cidade.

De outro lado está a população informal, a mais vulnerável devido a sua principal atividade que corresponde à luta diária para conseguir o sustento, ou seja, o que popularmente se conhece como “*rebusque*”. Dentro desta população configuram-se grupos característicos, de acordo com o tipo de atividade que realizam: recicladores (de papel, metal, vidro, madeira, entre outros), compradores de materiais recicláveis, consumidores de alucinógenos, dispensadores de alucinógenos (*jíbaros*), vendedores de comida, administradores de cortiços. As atividades desta população mantêm-se vivas durante o dia todo, não somente pela reciclagem de materiais, mas pelo comércio de alucinógenos, que fornece inclusive aos consumidores pertencentes às classes acomodadas da cidade.

Com relação à imagem do setor frente à cidade, o comércio de alucinógenos, a perda de controle sobre a propriedade, a alienação do espaço livre, as condições precárias de moradia e os consequentes fenômenos de violência são os elementos que terminam por configurar uma realidade com a qual *San Victorino* torna-se símbolo da miséria, do indesejável.

Este panorama, paradoxalmente produz-se somente a dois quarteirões dos símbolos políticos, sociais e religiosos do país: a Praça de *Bolívar*, o Palácio presidencial, o Capitólio Nacional e a Catedral de Bogotá. Além disso, nas proximidades do antigo leito do *R. San Francisco*, de forma que no espaço urbano sobrevive a antiga aliança entre marginalidade e água, agora, sob condições distintas às da colônia: encanou-se o rio, impermeabilizaram-se e homogeneizaram-se as superfícies, desapareceram os símbolos religiosos e emblemáticos, antigos residentes e comerciantes migraram e o setor ficou sitiado pelas grandes avenidas da cidade. Sob estas condições, conformou-se uma “barreira” urbana caracterizada pela alienação do espaço livre, a intensa presença de agentes delitivos e a perda total do controle da propriedade privada.

O discurso e conceito da EEU do POT de Bogotá, assim como os objetivos de equidade (ver seções 1 e 2), tiveram que significar uma oportunidade com a qual, pela via de três ações – recuperação da Estrutura Ecológica Urbana, geração de novos marcos na paisagem e criação de alternativas para reter população e atrair habitantes – conseguiu-se superar os desafios que exigia esta “barreira” urbana.

Com a construção do projeto Parque Terceiro Milênio, sem dúvida, recuperou-se o espaço livre e a propriedade privada por meio de uma complexa gestão imobiliária. Porém, apesar destes significativos resultados, é necessário dizer que o projeto não contribuiu para um processo de renovação no centro da cidade: com relação à dimensão social, não se criaram alternativas de moradia e equipamentos para estimular a atração de habitantes e provocou-se a expulsão e dispersão da população mais vulnerável do setor. No que se refere à dimensão paisagística, as decisões de desenho aumentaram o isolamento gerado pelas amplas avenidas, pois não se propuseram elementos que contribuíssem à conectividade urbana para pedestres (moradores e visitantes do setor), e também não se propuseram novos equipamentos que revitalizassem o setor e que devolvessem ao bairro os referentes, o significado e a importância que teve para a cidade durante muitos séculos. Esta característica evidencia-se no fato de que hoje em dia o parque tem pouca frequência de uso, não apresenta modificações importantes no seu entorno e requer constantes medidas de segurança e vigilância para sua utilização. (Figura 69) – Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio (Folha anexa).

Finalmente, o projeto não contribuiu à recuperação dos leitos dos corpos de água, nem aportou elementos importantes para a recuperação dos elementos naturais que ajudariam a configurar a Estrutura Ecológica Urbana. O parque desconheceu a função

hidrológica da bacia e impermeabilizou a maior parte do solo recuperado, perdendo-se a oportunidade de melhorar as condições ambientais para o setor e a cidade, por não contribuir à continuidade do corredor ecológico do *R. San Francisco* que, como já foi mencionado, é fundamental para a conectividade dos três componentes mais importantes da EEU de Bogotá (*Cerros Orientales- Savana - R. Bogotá*).

Todos esses elementos permitem concluir que o parque foi na verdade um exercício de limpeza social, em uma zona de alta degradação social e paisagística com a qual a ilha “barreira” urbana tornou-se um “vazio urbano”, no qual a população que poderia aproveitá-lo – setor formal – não aproveita e a população que quer utilizá-lo – setor informal – não pode, porque as autoridades temem que o parque seja invadido.

Fonte Fotos Figura 13.

1. L. Ubaque (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
2. El Verjon (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
3. L. Siecha (<http://www.montecilloenguatavita.com/turismo>)
4. L. Guasca (http://farm4.static.flickr.com/3077/2288841621_d604f30f39.jpg?v=0)
5. L. Guatavita (<http://img151.imageshack.us/img151/8389/guatavita019eu.jpg>)
6. L. Iguaque <http://www.parquesnacionales.gov.co>

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu evidenciar a importância e o papel que tem cumprido o conceito de EEU no ordenamento espacial do território, e também permitiu concluir que é decisivo revisar o conteúdo, processos e programas dos projetos vinculados à EEU.

A seção 2 permitiu verificar como o crescimento acelerado e descontrolado da cidade nos últimos cinquenta anos colocou em risco a estabilidade ambiental do território, pois afetou substancialmente os processos do ecossistema, por meio da alteração do sistema hídrico, da fragmentação da rede de corredores ecológicos e da impermeabilização da savana. Neste sentido, atualmente o conceito de EEU não somente é de inquestionável pertinência – como alternativa à restauração do equilíbrio ambiental – mas os projetos específicos (por exemplo, os parques metropolitanos), têm um indiscutível compromisso, o qual está associado à recuperação do sistema hídrico e aos corredores ecológicos, assim como à geração de superfícies permeáveis e de excelentes condições paisagísticas no meio urbano.

Neste contexto, surge o projeto Parque Terceiro Milênio, o qual, além de ser peça central de um ambicioso programa de renovação urbana – formulado para a recuperação integral do setor de *San Victorino* no centro de Bogotá –, era uma oportunidade para melhorar as condições ambientais e paisagísticas do centro da cidade. Porém, por meio deste trabalho de investigação, foi possível estabelecer que embora o projeto Parque Terceiro Milênio permitisse resgatar o espaço público, a recuperação da propriedade privada, a recolocação da população e a reabilitação parcial dos residentes ilegais, o projeto não aportou elementos importantes para a restauração ecológica do sistema hídrico, a conformação de corredores ecológicos, a recuperação integral urbana e para o melhoramento ambiental, paisagístico e social do setor.

Este trabalho permitiu concluir que existe uma contradição entre o discurso ambiental e os projetos pertencentes à EEU. Vejamos por quê:

A EEU e a cidade construída

O suporte principal para restabelecer a estrutura ecológica original e atual da cidade requer a recuperação do seu sistema hídrico, conformado pelos principais rios, canais, zonas úmidas, áreas de recarga de aquíferos e vale aluvial do rio Bogotá. A análise sobre como a

cidade tem ocupado a savana permite estabelecer que o sistema hídrico da cidade está profundamente alterado, o que exige estratégias inovadoras para cumprir com os objetivos e metas associadas ao conceito de EEU. É precisamente neste ponto que o trabalho de investigação permitir estabelecer a atual presença de deficiências, indicando a existência da distância entre o conceito e a sua materialização na cidade.

O sistema hídrico tem como eixos principais os rios *Torca*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, rios que têm sofrido um progressivo e constante deterioramento de seus leitos e bacias. Na parte baixa foram “controlados” com taludes naturais, na parte média foram canalizados e, em alguns casos, seu percurso foi modificado. A situação mais crítica apresenta-se na parte alta, onde foram encanados e enterrados sob as novas ruas e avenidas, afetando toda a rede de rios e riachos afluentes de suas bacias. É precisamente nesta última zona onde a EEU formulada no POT apresenta maior debilidade, pois não incluiu políticas e ações claras para a recuperação e renaturalização desta zona. Neste sentido, o propósito de restabelecer a unidade biológica (postulado por van der Hammen, e integrado ao POT), é impossível de realizar.

Outra dificuldade de materialização que apresenta a EEU é a de limitar a dimensão do sistema hídrico às linhas (percursos) dos rios, ignorando a noção de bacia hidrográfica na área urbana da cidade. O anterior deve-se em parte à ausência do conceito de “ciclo da água” que é superficialmente mencionado; inquestionavelmente este conceito precisa de uma maior discussão e incorporação às metodologias e aos instrumentos de planejamento da cidade, uma vez que não somente permite uma aproximação e ações adequadas sobre o sistema hídrico, mas também permite materializar o conceito de corredor ecológico.

Por outro lado, em relação aos parques metropolitanos, é muito visível que nenhum está integrado ao sistema hídrico da cidade; pelo contrário, tais parques operam como entes autônomos sem articulação como os demais componentes da EEU.

Finalmente, o POT estabelece como conector transversal do sistema todo da EEU a rede de corredores viários, mas como se observou na análise, entre a *Carrera 30* e os *Cerros Orientales*, onde se localiza grande parte da população e serviços da cidade, as avenidas arborizadas têm sucumbido ante a satisfação da mobilidade veicular que cada dia demanda mais espaço. Foi assim que se asfaltaram os canteiros centrais, suprimiram-se os jardins laterais e retiraram-se as árvores, de modo que o corredor viário foi despojado do seu papel como conector transversal da EEU.

É lógico que para materializar o conceito de estrutura ecológica é necessário que todos os projetos associados a esta tenham como referência obrigatória as bacias hidrográficas e incorporem o conceito de infraestrutura verde, de forma que o ecossistema e o ciclo da água sejam base fundamental na concepção e realização dos mesmos. Além disso, é decisivo revisar a concepção das unidades geográficas e incluir o conceito de unidades de paisagem para que, com um olhar mais ambiental que administrativo, sejam parte ativa do planejamento do território.

A EEU no centro da cidade

A observação do centro tradicional de Bogotá permite-nos identificar que dentro desta zona – cujo limite norte é o *R. Arzobispo* e o limite sul é o *R. San Cristobal* – os corpos de água foram sepultados sob prédios e novas ruas e avenidas. Além disso, os projetos de intervenção neste setor da cidade não incluíram estratégias ou ações para a recuperação e para a renaturalização do sistema hídrico: este é o caso dos projetos Eixo Ambiental da *Av. Jiménez*, o Parque de *San Victorino* e o PTM, os quais apesar de se localizarem sobre o percurso do rio *San Francisco*, não tiveram em conta um compromisso com o sistema hídrico.

É preciso mencionar que não se trata simplesmente de reclamar pela renaturalização dos corpos de água, mas de chamar a atenção sobre o fato de que os projetos mencionados não apresentam nenhum compromisso ou proposta concreta frente ao sistema hídrico – drenagem – do centro da cidade.

O Parque Terceiro Milênio

A análise que foi realizada neste trabalho de pesquisa evidencia a contradição que se apresenta entre o discurso ambiental e as práticas ambientais da cidade; pelo anterior, não é de estranhar que o projeto do PTM não tenha proposto alternativas concretas para resolver a descontinuidade dos rios, nem programas para um manejo sustentável de seus escassos recursos hídricos, nem estratégias para restaurar a fragmentada rede de corredores ecológicos, reduzindo o problema a soluções técnicas simplistas no desenho e construção do mesmo.

Propuseram-se espelhos de água artificiais com a intenção de recuperar a “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, em lugar de apresentar alternativas para naturalizar os rios. Também se desconheceu a possibilidade de incluir estratégias que permitissem o uso sustentável dos recursos hídricos superficiais da bacia. Deu-se preferência à criação do solo impermeável, e o plano de arborização privilegiou a plantação de linhas de árvores, desconhecendo a importância de gerar massas de árvores, ainda mais quando o centro da cidade carece destas.

Dessa forma, como o parque não aportou elementos significativos para a restauração ambiental do setor, nem para uma integração com o seu entorno natural, é de se esperar que houvesse um aporte à relação com o seu entorno urbano e social. Porém, depois de quatro anos de sua inauguração, é evidente a baixa frequência de uso do parque, apesar dos esforços por parte da administração para que a população utilize suas instalações. O anterior evidencia-se na desolação das áreas de brinquedos para crianças, dos equipamentos e demais serviços, como por exemplo, os estacionamentos subterrâneos. Este nível de abandono é contraditório em um setor da cidade que diariamente está ocupada por mais de um milhão e meio de habitantes e onde a demanda de estacionamentos de veículos é a maior da cidade.

Esta situação contraditória pode ser explicada pelo fato de que os estudos de formulação e desenho do parque careceram de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

Como se indicou na seção 4, nos últimos cinquenta anos, o setor apresentou uma transformação, produto do abandono a que foi submetido pela administração Distrital. Com a construção da *Av. Caracas* e a ampliação da *Carrera 10ª*, o setor perdeu seus equipamentos mais importantes – a igreja de *Santa Inés*, a *Escuela de Medicina*, Praça de Mercado –, os quais deram identidade e reconhecimento ao setor na cidade durante mais de cem anos. Com a perda das rotas do bonde, o setor ficou fora dos circuitos do transporte público, deixando de ser um passo obrigatório dos habitantes da cidade. A partir do “*Bogotazo*” (1948) geraram-se várias migrações, pelas quais se transformou pouco a pouco o controle da propriedade privada, e o setor passou de um bairro de proprietários a um de arrendatários, tornando-se depois um bairro de invasores. Finalmente, com a autorização do prefeito Gaitán Cortés para que a praça de *San Victorino* fosse ocupada por vendedores ambulantes, estimulou-se e “legalizou-se” a invasão do espaço público do setor.

Produtos destes eventos, em termos sociais consolidaram-se dois grupos de habitantes – os do “setor formal” e os do “setor informal” – cada um dos quais operando com ritmos e hábitos diferentes de ocupação do território: os integrantes do primeiro, na sua maioria, trabalham no centro e moram na periferia; os integrantes do segundo, bastante numerosos e com uma significativa presença no setor, se “*rebuscan* e moram” no centro. Como os primeiros não utilizam o centro como espaço de recreação e lazer, e os segundos, com a realização do projeto, foram expulsos, o Parque não tem atualmente uma população que demande seu uso.

Sem dúvida nenhuma, a carência de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*, e o desconhecimento da importância que tinham os habitantes do “setor informal” em *San Victorino*, contribuíram para que o parque se tornasse um vazio urbano sem maior importância e significado para os usuários e moradores do centro da cidade.

Comentários Finais

Uma das premissas utilizadas pela administração distrital para a promoção do projeto era que com a construção do parque melhorariam as condições físicas, ambientais e sociais do setor, com o qual se iniciaria um processo de renovação urbana que transformaria o entorno imediato do Parque, ao se incentivar a realização de projetos imobiliários, financiados pelo setor privado.

A realidade mostra o contrário. Até hoje não tem se iniciado nenhum processo de investimento público ou privado no entorno do Parque, e o que se percebe é um perfil urbano com condições precárias, distante do prometido no discurso que sustentou a concepção e promoção do projeto.

A ideia de reabilitação de população vulnerável não cumpriu com as metas traçadas: o resultado foi uma atomização ou dispersão desta população pela cidade, criando novos focos de conflito urbano. O paradoxo radica-se no fato de que a cidade suprimiu um cenário de conflito social, mas terminou criando outros.

Sem dúvida nenhuma, com projetos como Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, a Praça de *San Victorino* e o Parque Terceiro Milênio, a cidade desperdiçou a oportunidade de contribuir efetivamente para o melhoramento das condições de seu ecossistema, a recuperação do sistema hídrico natural e a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos de seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEBEDO, Luis. **Las industrias en el proceso de expansión de Bogotá hacia occidente**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 150p.

AGUILERA, Javier. Teoría Urbanística en la Colonización Española de América. Las ordenanzas de Nueva Población. In: **Ciudad y Territorio** – Revista de Ciencia Urbana. Madrid: n. 1, p. 9-24, 1977.

ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. **Decreto 3640 del Consejo de Bogotá, de 17 de diciembre de 1954**. Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá. Diario Oficial. Bogotá, 21 de enero de 1955.

_____. **Acuerdo 105, de diciembre de 1955**. Por el cual se crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB. Bogotá, 1955.

_____. **Agendas locales ambientales**. Localidad 17. La Candelaria. Localidad 3 Santafé. Bogotá, 1994.

_____. **Decreto 619, de 28 de julio de 2000**. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Registro Distrital 2197. Bogotá, 28 jul. 2000.

_____. **Construcción del espacio público - tres parques de Bogotá: Nacional, El Tunal, Simón Bolívar**. Mapas. Bogotá: Instituto Distrital de Cultura y Turismo, Instituto Distrital para la Recreación y el deporte, 2003. 193 p.

_____. **Decreto Distrital 469, de 23 de diciembre de 2003**. Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C. Registro Distrital 3013. Bogotá, 23 dic. 2003.

_____. **Decreto Distrital 190, 22 de junio de 2004**. Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003. Registro Distrital 3122. Bogotá D.C., 22 jun. 2004.

_____. **Panorama Turístico de 12 Localidades**. Bogotá, 2004.

_____. **Decreto 215, de 7 de julio de 2005**. Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones. Registro Distrital 3356. Bogotá, 07 jul. 2005.

_____. **Decreto No. 456, de 23 de diciembre de 2008**. Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones. Bogotá, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 285p.

ALIATA, Fernando; SILVESTRE Graciela. **El paisaje como cifra de armonía**: relaciones entre cultura y naturaleza a través de la mirada paisajística. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001. 205p.

ANGEL SAMPER, Marcela. Red de Alamedas de Bogotá, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 12-32, 2004.

ARANGO, Silvia. **Historia de la arquitectura en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1989. 291p.

ARANTES NETO, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder) 190p.

ARANTES, Otilia. **A cidade de pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 192p.

BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. In: **Revista POS-USP**. São Paulo, n. 70, p. 88-97, 2006.

BRUJÉS, Antonio. Bogotá de noche. In: **Revista Estampa**. Bogotá, 31 dic., p. 21-23, 1938.

CAMARGO, Germán. **Estado y perspectivas de los ecosistemas urbanos de Bogotá-Prioridades**. 2008-2011. Bogotá: DAMA, ca. 2006.

CARRASQUILLA, Juan. **Quintas y estancias de Santafé y Bogotá**. Bogotá: Banco Popular, 1989. 227p.

CASAGRANDE DE PAULA, Zuleide. **A cidade e os jardins - Jardim América**, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Ed. Unesp, 2008. 266p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 196 p.

CENTRO DE ESTUDIOS HISTORICOS DE OBRAS PÚBLICAS Y URBANISMO . **La ciudad hispanoamericana – El sueño de un orden**. Madrid : CEHOPU,1989. 302p.

CHIESA, Paulo. A arte de bem viver a paisagem em seu tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o Ensino de Arquitetura no Brasil. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 121-134, 2006.

COMIN V., Heliana; RIBEIRO, Helena (org.). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CONGRESO DE LA REPUBLICA DE COLOMBIA. **Constitución Política de Colombia de 1991**. Bogotá, 6 de julio de 1991.

_____. **Ley 99, 22 de diciembre de 1993**. Por la cual se crea Ministerio del Medio Ambiente, se reordena el Sector Público encargado de la gestión y conservación del medio ambiente y los recursos naturales renovables, se organiza el Sistema Nacional Ambiental, SINA, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial N. 41146. Bogotá, 22 dic. 1993.

CORPORACIÓN LA CANDELARIA; ESCOVAR, Alberto. MARIÑO, Margarita; **histórico de Bogotá 1538-1910**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2004. 565p.

_____; ESCOVAR, Alberto et. al. **Atlas histórico de Bogotá 1910-1948**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2006. 596p.

_____; MEJIA, Germán; CUELLAR, Marcela. **Atlas histórico de Bogotá - Cartografía 1791-2007**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2007.158p.

CORTES, Fernando. **Karl Brunner**: La construcción de la ciudad como espacio público. Bogotá: Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1989. 36p. Catálogo exposición.

CORTES, Marco. **La anexión de los municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 224p.

COTRIM, Marcio. Inclusión. Espacios de Uso Público: Parque de la Juventud-Carandiru, São Paulo, SP – Brasil. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 208, año 42, p. 34-41, 2007.

CUELLAR SERRANO GOMEZ. Club los Lagartos, Bogotá. In: **Revista PROA**. Bogotá, n. 12, p. 7-16, 1948.

CULLEN, G. **Paisaje urbano**. Traducción: Jose María Aymamí. Madrid: H. Blume, 1978. 200p.

DA SILVA, Maria. Conceitos e Desenho no Planejamento da Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n. 5, p. 81-90, 1994.

DE OLIVEIRA, Sergio. Paisagismo e as Centralidades Urbanas. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 20, p. 61-83, 2005.

DEL CASTILLO, Juan Carlos. **Bogotá: el tránsito a la ciudad moderna 1920-1950**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2003. 120p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE MEDIO AMBIENTE – DAMA. **Plan Maestro de Gestión Ambiental para Bogotá D.C. 2001-2009**. Bogotá: DAPD, 2001.

_____. MARTÍNEZ Juber; VILLARRAGA, Edelmira; REY, Luz Stella; RIVEROS, Fredy. **Historia de los Humedales de Bogotá**. Bogotá: DAMA, 2000. 107p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEACIÓN DISTRITAL - DAPD. **Documento Técnico de Soporte al POT**. Bogotá: DAPD 1999, 462 p.

_____. **Guía para la elaboración del plan de desarrollo municipal**. Bogotá: DAPD, 2001. 13p.

_____. **Documento técnico, Plan Maestro de Espacio Público**. PMEP/DAPD. Bogotá: D.C. DAPD 2004. 219 p.

DOS SANTOS, Emmanuel. Planejamento e paisagem. In: **Revista eletrônica da área paisagem e ambiente**. São Paulo: FAU-USP, set. 2004.

EL PEQUEÑO LAROUSSE ILUSTRADO 2002. Barcelona: Spes Editorial S.L., 2001.

EMPRESA DE ACUEDUCTO Y ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ-EAAB - **Experiencia de recuperación integral del sistema hídrico en la ciudad de Bogotá. DC**. Bogotá: 2002

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1538-1937**. Tomo I. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 540p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1938-1985**. Tomo II. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 269p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1985-2003**. Tomo III. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 316p.

_____. Alamedas y Parques Lineales: Recuperación Integral del Sistema Hídrico: Zonas de manejo y Preservación Ambiental, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 33-51, 2004.

ESGUERRA, Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI, Giancarlo et. al. Parque Tercer Milenio. In: **Revista Escala**. Bogotá, n. 208, p. 27-33, 2007.

FARIELLO, Francisco. **La Arquitectura de los Jardines: De la Antigüedad al Siglo XX**. Tradução: Jorge Sainz. Madrid, España: Librería Mairera y Celeste Ediciones, 2000. 374p.

FELIPPE, Ana Paula. Análise da paisagem como premissa para a elaboração de plano diretor. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 16, p. 135-161, 2002.

FONADE. **Preinversión**. Plan zonal del centro de Bogotá. Bogotá: Fonade, 1988.

FORERO, Jorge. El proyecto de alcantarillado para Bogotá. In: **Anales de Ingeniería**. Bogotá: vol. II, n. 634, Segundo semestre de 1952.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção. **Planejamento ambiental**. Para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, Edifurb, 2001. 296p.

_____. **Desenho ambiental**. uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006. 224p.

FREILE, Juan Rodríguez. **El Carnero**. Bogotá: Ed. Colombia, 1926. 362p.

GOBERNACION DE CUNDINAMARCA. Ordenanza número 7 de 1954, Consejo Administrativo de Cundinamarca. **Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá**.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suelly Rolnik. 3a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. 56p.

GUHL, Ernesto. **La Sabana de Bogotá sus alrededores y vegetación**. Bogotá: CAR, 1981. 123 p.

GUZMAN, Ángela. **Poblamiento y urbanismo colonial en Santander**. Bogotá: U. Nacional, 1987. 236p.

HERNÁNDEZ, Carlos. **Las ideas modernas del Plan para Bogotá en 1950**. Bogotá: Ed. Alcaldía Mayor de Bogotá – IDCT, 2004. 210p.

HOFER, Andrés. **Karl Brunner y el Urbanismo Europeo en América Latina**. Tradução: Luisa Ungar; Olga Martín. Bogotá: Ed. Ancora, 2003. 235p.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**. Tradução: Susana Rodríguez Alemparte. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1998. 315p.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec Ltda, 1996. 211p.

IBAÑEZ, Pedro M. **Crónicas de Bogotá**. Tomo I. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 475p.

_____. **Crónicas de Bogotá**. Tomo II. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 498p.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO – IDU - **Proyecto Parque Tercer Milenio Documento Final**. Bogotá: jun. 2001.

_____; Montenegro & Lizarralde. **Plan Maestro Tercer Milenio**. Bogotá: 1998. 219p.

_____; Sociedad Colombiana de Arquitectos. **Concurso de arquitectura en la modalidad de ideas para la elaboración del proyecto arquitectónico y diseño paisajístico del Parque Tercer Milenio**. Santa Fe de Bogotá: 21 sept. 1999. 26p.

_____; Econometría S.A. **Evaluación de impactos socio-económicos y Ambientales del Parque Tercer Milenio**. Bogotá: 1999.

_____; EHM. ESGUERRA Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI Giancarlo. **Plan de Ordenamiento Urbano Parque Tercer Milenio**. POUPTM. Cuarto informe, Bogotá: 2000. 65p.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMBIENTALES - IDEA. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; GUZMÁN, Jimmy. Universidad Nacional de Colombia. **Cartografía básica de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; AGUILAR, Pilar. Universidad Nacional de Colombia. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 3 Santafé**. Bogotá: jul. 1993. 63p.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 14 Los Mártires**. Bogotá: jul. 1993. 66p.

_____. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005.

IRIARTE, Alfredo. **Breve historia de Bogotá**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1988. 263p.

JARDÍN BOTÁNICO. **Arborización urbana: Manual verde**. Especies seleccionadas para la arborización de Santa Fe de Bogotá. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2000.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: Ed. RIMA, 2004. 159p.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 132p.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 159p.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2000. 150p.

LEITE, Maria Angela. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. IV, p. 45-66, 1992.

_____. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 18, p. 59-703, 2004.

LEMUS, Víctor. **Planificación y control urbanístico en Bogotá: desarrollo histórico y jurídico**. Bogotá: U. del Rosario, . 2006.

LEÓN, Juanita. El Cartucho: De la Opulencia a la Indigencia. In. **El Tiempo**. Bogotá, 28 mar. 1999.
LEÓN, Natalia. Bogotá: de paso por la capital. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 224, 2008.

LONDOÑO, Eduardo. **Los Muiscas**. Una reseña etnohistórica, con base en las primeras descripciones. Museo del Oro. Bogotá: Disponível em: <<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>>. Último acesso em: 25 nov. 2008.

LOPEZ de MESA, Luis. Bogotá contemporánea. In: **Universidad Segunda época**. Bogotá: 2 mar. 1929.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2007. 191p.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la Ciudad**. Tradução: Enrique Luis Revol. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1966. 207p.

_____. **La Administración del paisaje**. Tradução: Rodrigo Cortés. Bogotá: Ed. Norma, 1992. 229p.

MACEDO, Silvio. Paisagismo e Paisagem – Introduzindo Questões. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 5, p. 41-57, 1994.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/QUAPA, 1999. 144p.

_____. Produção da paisagem urbana contemporânea brasileira no final do século 20. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 14, p. 143-170, 2001.

_____. SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2002. 208p.

MAGNOLI, Miranda. Ambiente, espaço, paisagem. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 237-244, 2006.

_____. Em busca de “Outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 141-174, 2006.

_____. Espaço livre-objeto de trabalho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 175-198, 2006.

_____. O jardim na cidade e um fragmento do sonho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 215-222, 2006.

_____. O Parque no desenho urbano. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 199-214, 2006.

MALDONADO, María Mercedes. La Estructura Ecológica Principal: del Plan de Ordenamiento al Plan de Desarrollo del Distrito Capital. In: **Foro Nacional Ambiental Fundación Alejandro Ángel Escobar**. FESCOL. Bogotá: ago. 2001. 55p.

MARIANO, Cássia. **Preservação e Paisagismo em São Paulo**: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196p.

MARTINEZ, Beatriz; DUEÑAS, Nelson, et. al. La movilidad y el transporte en la construcción de imagen de ciudad: el sector de San Diego en Bogotá. In: **Revista ARTEFACTO**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 11, p. 6-29, 2006.

MARTÍNEZ, Carlos. **Bogotá sinopsis sobre su evolución urbana**. Bogotá: Ed. Escala, 1976. 165p.

MARTINEZ, Maria Eugenia (ed.). **El centro historico**: objeto de estudio e intervención. Bogotá: Editorial Pontificia Universida Javeriana, 2004. 204p.

MAYORGA, Fernando. La Real Audiencia. Órgano colegiado de justicia en el período hispánico. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 148, , 2002.

MEJÍA, Germán. **Los años del cambio**. Historia urbana de Bogotá. 1810-1920. Bogotá: Ed. Ceja, 1999. 498p.

MELO, Orlando. La evolución económica de Colombia, 1830-1900. In: **Nueva Historia de Colombia**. Bogotá: Ed. Procultura S. A., tomo II, p. 133-207, 1984.

MILAGROS, María. **Las Ordenanzas de 1573, sus antecedentes y consecuencias**. Madrid: Ed. Universidad Complutense de Madrid, 1985.

MINISTERIO DE OBRAS PÚBLICAS Y TRANSPORTE. Facultad de Artes. Universidad Nacional de Colombia. **Plan Maestro Parque Simón Bolívar**. Dir. Arturo Robledo. Bogotá: ESCALA 1981. p.135

MOLINA, Gonzalo. **Guía de árboles**. Bogotá: DAMA, 1997.

MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I). La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: Edición Centro de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. 223p.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana**. Tradução: Reinald Bernet. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1984. 477p.

MOSCA, Juan. **Bogotá ayer, hoy y mañana**. Bogotá: Ed. Villegas, 1987. 154p.

MURILO, Marx. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 151p.

NAVAS-ALARCON, Maria Paula. **El banquete de las moscas**: historias de gente como uno atrapada en El Cartucho. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006. 190p.

ONO, Haroyoshi. Recuperação e revitalização do Parque Flamengo. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 15, p. 127-141, 2002.

OSEKI, J.; PELLEGRINO, P. R. Paisagem, sociedade e ambiente. In: **Curso de gestão ambiental**. PHILIPPI JR, Arlindo, et AL (Ed). São Paulo: Coleção Ambiental, 2002, p. 485-523.

_____. ESTEVAM, Adriano. A fluvialidade em rios paulistas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, 2006, p. 77-94.

PATÍÑO, Víctor Manuel. **Historia de la cultura material en la América Equinoccial**. Tomo VII. Vida Erótica y Costumbres Higiénicas. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 372p.

PELLEGRINO, Paulo. A paisagem possível. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p. 71-78, 1989.

_____.; MACEDO, Silvio. Ética e estética: O destino do Litoral. **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p.117-124, 1989.

_____. Pode-se planejar a paisagem? In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 13, p. 159-179, 2000.

_____. GUEDES, Paula; PIRILLO, Fernanda; FERNANDES, Sávio. A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, p. 57-76, 2006.

PELLICER, F. El ciclo del agua e a reconversión del paisaje periurbana en las ciudades de la rede C-6. In: MONCLUS, F. (Ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I)**. A ciudad dispersa. Sub-urbanización y nuevas periferias. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998. 223p.

PEREIRA, Juan Camilo; PABON, Maria Camila. Concurso de ideas: Parque Tercer Milenio, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 186-187, p. 65-68, 2000.

PEREZ, Alfonso. **Estructura Ecológica Urbana de la Sabana de Bogotá**. Sociedad Geográfica de Colombia. Academia de Ciencias Geográficas CAR. Bogotá: 2000, 37p. Disponível em: www.sogeocol.edu.co. Acesso em: Modelo de data: 15 mar. 2008.

PERGOLIS, Juan Carlos. **La Plaza: el centro de la Ciudad**. Bogotá: Universidad Católica de Colombia; Universidad Nacional de Colombia; Ed. Stoa Libris Ediciones, 2002. 223p.

PLATA, Eduardo. **Flora de los Andes. Cien especies del Altiplano Cundi-Boyacense**. CAR. Bogotá: Ed. Villegas Ed., 1984. 247p.

PRECIADO, Jair; LEAL, Robert; ALMANZA, Cecilia. **Historia ambiental de Bogotá siglo XXI**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2005. 368p.

RAPOSO MAGALHÃES, Manuela. **A arquitectura paisagista**. Morfologia e complexidade. Lisboa: Ed. Estampa, 2001. 525p.

RECHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Colombia indígena-periodo prehispánico. In: **Manual de historia de Colombia**. Bogotá: Procultura, tomo I, p. 31-115, 1984.

RECLUS, Eliseo. **Geografía de Colombia Bogotá**. Bogotá: Ed. ABC, 1958. 146p.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110, de 22 de octubre de 1954. **Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca**. Bogotá, 1954.

_____. Ley 3, de 19 de enero de 1961. **Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la Sabana de Bogotá y de dos valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR**. Bogotá, 1961.

_____. Ley 23, de 19 de diciembre de 1973. **Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones**. Bogotá, 1973.

_____. Decreto 2811, de 18 de diciembre de 1974. **Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente**. Bogotá, 1974.

_____. Ley 388, de 18 de julio de 1997. **Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones.** Diario Oficial N. 43091. Bogotá, 1997.

_____. Ley 790, de 27 de diciembre de 2002. **Facultades extraordinarias al Presidente de la República.** Bogotá, 2002. Diario Oficial Año CXXXVIII. N. 45.046. Bogotá, 27 dic. 2002

_____. Decreto 2884, 31 de julio de 2007. **Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA.** Diario Oficial N. 46706. Bogotá, 2007.

RITTER, Herbert. La Avenida Las Américas. In: **Revista PROA.** Bogotá, n. 1, 1946.

RODRÍGUEZ G., Gabriel Felipe. La exposición nacional del IV centenario de Bogotá: El mapa de la modernidad. In: **TEXTOS 12**, publicación de la Maestría e Historia del Arte y la Arquitectura, Escuela Interdisciplinar de Postgrados, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: CIDAR, Facultad de Artes, p. 12-75, 2005.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 120p.

SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá siglo XX.** Urbanismo, arquitectura y vida urbana. Bogotá, Colombia: Departamento Administrativo de Planeación Distrital, 2000. 359p.

_____. Alberto. Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX. In: **Vivienda social.** Bogotá: CEJA, 2003.

SALMONA, Rogelio; KOPEC, Luis; DEVALDENEBRO, Francisco. Movilidad Urbana. Eje Ambiental Avenida Jiménez, Colombia. In: **ESCALA.** Bogotá, Colombia, n. 176, año 30, p. 49-52, 1997

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

_____. Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos. In: _____. São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 81-99, 2006.

SANTANA, Ethel; TANGARI, Vera Regina. Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro, Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 384p.

SASSI, Maria Teresa; NASELLI, Cesar A. El paisaje hacia el tercer Milenio. In: **Colección Cuadernos Escala.** Bogotá, Colombia: n. 19, dic. 1991. 39p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público - Jardins no Brasil.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1997.

_____. **Prelúdio da metrópole:** arquitetura e urbanismo em São Paulo na Passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 184p.

SERPA, Ângelo. Paisagem em movimento: o parque Andre-Citröen em Paris. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 19, p. 137-162, 2004.

SILVA, Armando. **Bogotá imaginada**. Bogotá, Colombia: Distribuidora y Editora Aguilar; Altea; Taurus; Alfaguara S.A., 2004. 344p.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Série Espaços de Arte Brasileira). 128 p.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS, SCA; NIÑO, Carlos. **Bases del Concurso Arquitectónico de Ideas**. Bogota: SCA/IDU 21 sept. 1999.

SUARES, Adriana. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006. 229p.

TANGARINI, Vera Regina; SCHLEE, Monica Bahia (org). **Águas urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2007. (Coleção PROARQ). 368p.

TRIANA, Miguel. **La arborización y las aguas**. Bogotá: Ed. El Liberal, ago. 1914.

VAN DER HAMMEN, Thomas. **Plan ambiental de la Cuenca Alta del río Bogotá**: análisis y orientaciones para el ordenamiento territorial. Santafe Bogotá: Ed. CAR, 1998. 142 p

_____. **Estructura Ecológica Regional**. CAR-Gobernación de Cundinamarca – Bogotá: U. Externado de Colombia e SOS, 2000.

_____. **Estructura ecológica principal de Colombia**: primera aproximación. Bogotá: Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales, 2003.

VARGAS Heliana Comin; RIBEIRO Helena (org.) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp (2001), 2004. 153p.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Fapesp, 2001. 373p.

VILLEGAS EDITORES. **Cerros de Bogotá**. Bogotá: Villegas Editores, 2000. 285p.

ZAMBRANO, Fabio. (Ed.) CINEP. **Colombia. País de regiones**. Tomo 2. Colciencias. Bogotá: 1998.

_____.; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. **Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo**. 2007. Inédito.

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>

http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm

<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>

<http://www.contraloriabogota.gov.co>

[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)

<http://www.etimologias.dechile.net/?macadam>

<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>

<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>

<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>

http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616

<http://www.wikipedia.com>

DEPOIMENTOS ORAIS (entrevistas não transcritas)

Arquiteta, Verónica Perfetti: consultora Plano *Maestro* Terceiro Milênio.

Arquiteto, Camilo Santamaría: consultor de Plano *Maestro* Parque Terceiro Milênio.

Engenheiro, Álvaro Jiménez: coordenador pelo IDU na construção do projeto.

Arquiteto, José Luis Clavijo: *Residente de obra*.

Arquiteto, Leopoldo Ramirez: *Oficina de Renovación Urbana*.

Seguranza do parque.

Visitantes do parque.

ANEXO

NOTA: La construcción del proyecto *Parque Tercer Milenio* implicó la creación de una compleja estrategia denominada plan de “*Gestión Social del Proyecto*” la cual incluyo varias acciones: la coordinación institucional y el desarrollo de dos actividades fundamentales: el primero, comprendió el proceso de compra y englobe de predios; y el segundo, la asistencia a la población asentada en el área. Además en 1999 fue creada de la Empresa de Renovación Urbana adscrita al Instituto de Desarrollo Urbano – IDU; Empresa que terminaría coordinando todo el proceso de construcción del Parque.

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC - Colômbia.**

**Nelson Domingo Dueñas - Pinto
Dissertação de mestrado
FAU-USP
São Paulo – 2009**

Apresentação

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

Autor

Nelson Domingo Dueñas - Pinto

NUSP 5739393

Título

**Itinerário de uma transformação paisagística urbana.
O Parque Terceiro Milênio e a Estrutura Ecológica
Urbana na cidade de Bogotá DC- Colômbia.**

Área de Concentração

Paisagem e Ambiente

São Paulo, agosto de 2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E MAIL: nelsonduenas@usp.br
ndduenasp@unal.edu.co

D852i Dueñas-Pinto, Nelson Domingo
Itinerário de uma transformação paisagística urbana. O Parque
Terceiro Milênio e a estrutura ecológica urbana na cidade de
Bogotá DC - Colômbia / Nelson Domingo Dueñas-Pinto. --São
Paulo, 2009.
230 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Paisagem e
Ambiente) - FAUUSP.
Orientador: Paulo Renato Mesquita Pellegrino

1.Meio Ambiente Urbano – Bogotá DC 2.Ecossistemas urbanos
3.Paisagem urbana 4.Renovação urbana 5.Parque Terceiro Milênio –
Bogotá I.Título

CDU 504(862.35-21)

Dedico

A minha mãe (*in memoriam*) e São Judas, por serem a minha companhia espiritual
Delmita, por ser a irmã e mãe adotiva cheia de carinho
A mim pai, de quem eu herdei parte do seu incrível talento
A minha tribo: Nancy, David, Daniel e Valentina, a razão de tudo

AGRADECIMENTOS

No Brasil

A Universidade de São Paulo, pela grande oportunidade de realizar os estudos
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação, pela compreensão
Comissão de Cooperação Internacional-Reitoria, por abrir as portas do conhecimento

Prof. Dr. Paulo Pellegrino, quem sempre acredito em mim,
e por mudar minha visão do paisagismo
Prof. Dr. Jorge Oseki (in memorian), por defender o espaço do cidadão
Prof. Dr. Vladimir Bartolini, pelo olhar abrangente da paisagem
Prof. Dra. Maria de Assunção Franco, pelo convite ao estudo ambiental
Dr. Deisemara Nascimento da Silva, por seu incondicional apoio
Cristina Lafasse e Ivani Sokoloff, por sua compreensão e ajuda

Vera e filhas, por acolher minha família como a dela
Marta, Edivaldo Zago e família, pela educação de meus filhos
Cassia Saluotto, Celso e filhos, por serem a segunda família de meus filhos
Adriano Bueno e família, por seu apoio nos momentos difíceis
Estevam Otero, pela amizade e ajuda
Beatriz, Chucho e filhos, por sua companhia e amizade

Na Colômbia

Universidad Nacional de Colombia, pelo apoio em minha formação profissional
Facultad de Artes, por ser meu mundo acadêmico
Instituto de Estudios Ambientales- IDEA, pela iniciação na pesquisa ambiental

Fernando Montenegro, Vicerrector (pro-reitor) da sede Bogotá, por acreditar em mim
Jaime Franky, Decano Faculdade de Artes, pelo respaldo incondicional
Luis Alfonso Pérez, Director Escuela de Arquitectura y Urbanismo, pelo apoio

Misael e Carmenza, porque são os melhores avôs do mundo
Orlando, por ser o irmão e parceiro que todos querem ter
Katherine, pelo carinho e compreensão
Rafael e Silvia, por ser impossível avançar na vida sem vocês
John Barreto, por sua oportuna e incondicional ajuda

Beatriz Martinez, por ser a melhor amiga e companheira incondicional
Pilar Aguilar, por seu apoio incondicional e sabedoria na pesquisa ambiental
Oscar Salamanca, por seus oportunos conselhos
Manuel Martinez, por sua invaluable ajuda
José Muñoz, pela amizade e conselhos
Jimmy Guzmán, por sua paciência e amizade
José Luis Clavijo, por sua valiosa informação

Dr. Carlos Barrios, por cuidar sempre da saúde de minha família
Dr. Orlando Ramos, pela cirurgia bem sucedida
Dra. Bertha Camero e Dra. Yolanda Lugo, pelos cuidados na minha recuperação

Epígrafe

*“[...] no hay batalla entre la civilización y la barbarie,
sino una falsa erudición y la naturaleza”.*

José Martí, 1891

RESUMO

A partir do ano 2000 cunhou-se no discurso do Ordenamento Territorial de Bogotá D.C. o conceito de “Estrutura Ecológica”, o qual foi interpretado como uma categoria fundamental no ordenamento espacial do território, com uma função específica: manter e conduzir a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais do território. Os “parques urbanos” de grande escala – que até antes desse ano eram visualizados como peças isoladas na superfície urbana, destinadas à recreação dos cidadãos – incorporaram-se como um sistema essencial no ordenamento do território por meio deste conceito de Estrutura Ecológica; em consequência, a noção de “parque urbano” de grande escala ou metropolitano adquiriu um compromisso ambiental, que até os dias de hoje não tinha sido plenamente reconhecido.

Neste contexto enquadra-se o Parque Metropolitano Terceiro Milênio, o qual foi concebido como uma obra de renovação urbana no setor de maior deterioramento físico, social e ambiental do centro da cidade, e foi estabelecido sobre o curso e ponto de confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, corpos de água de grande importância desde a fundação da cidade.

Devido ao propósito com o qual foi concebido o projeto e a sua estratégica localização como parte integrante da Estrutura Ecológica de Bogotá, o Parque Terceiro Milênio foi uma grande oportunidade de contribuir para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, a recuperação do sistema hídrico natural, a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos e a transformação da paisagem do centro de Bogotá. A simultaneidade de propósitos que convergiram na concepção, formulação e materialização deste Parque é exatamente o ponto de partida que motivou a pesquisa presente nesta dissertação.

O Parque Terceiro Milênio reúne condições que o tornam uma oportunidade para a reflexão sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental – representado no conceito de Estrutura Ecológica – e a formulação e materialização de um projeto concreto.

É assim que a metodologia privilegia: uma análise do ideário presente nos documentos de formulação do projeto, para o qual se desenvolve uma leitura crítica do conceito de Estrutura Ecológica; uma avaliação em perspectiva histórica e em diferentes escalas, da forma como a cidade ocupou seu território; um exame dos estudos e desenhos dos três projetos que configuraram o ideário do Parque e sua relação com a Estrutura Ecológica; e uma análise integral da relação entre o parque e sua bacia hidrográfica.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu estabelecer, entre outros aspectos, a existência de uma fratura entre o discurso ambiental e o projeto executado, sendo pertinente à academia e à administração distrital lançarem um olhar mais amplo – qualitativa e quantitativa – sobre o sistema hídrico da cidade e, finalmente, sendo necessário implementar novas metodologias e elementos de análise que ressarçam as deficiências que se apresentaram na formulação e construção de projetos urbanos pertencentes à estrutura ecológica, como foi o caso do Parque Terceiro Milênio.

PALAVRAS - CHAVE:

Parque Terceiro Milênio, Estrutura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor Ecológico, Ecossistema, Sistema Hídrico, Paisagem, Renovação Urbana, Bogotá D.C.

ABSTRACT

Since 2000 the concept of “Ecologic Structure” has been incorporated as part of the territorial reorganization of Bogota D.C., and is being interpreted as a fundamental category in the spatial reorganization of the territory, with a specific function: sustain and drive the biodiversity and the territory’s essential ecological processes. The large scale urban parks – which until that year were visualized as separated pieces in the urban landscape providing recreation to inhabitants- were incorporated as an essential system in the territory’s order thru the concept of Ecological Structure; as such, the metropolitan urban park or large scale park acquired an environmental compromise that until then was not recognized.

Under this context, the Third Millennium Metropolitan Park (2000-2005) was conceived as a piece of urban renovation in the area of the city presenting the most physical, social and environmental detriment in the downtown core and it was located where the rivers *San Francisco* and *San Agustín* meet. It should be noted that these two Rivers have been water bodies of great importance since the foundation of the city.

Given the purpose of the project and its strategic location as an integral part of the Ecological Structure of Bogota, the Third Millennium Park was visualized as a great opportunity to contribute to the improvement of the city’s ecosystem, the recovery of the natural hydrological system, the re-naturalization of the network of ecological corridors and the transformation of the downtown’s landscape. The way of these diverse purposes came together during the conception, proposal and implementation of this park is precisely the starting point for this investigation.

The Third Millennium Park meets the conditions that turn it into an opportunity to reflect about the linkages and potential contradictions that exist between the environmental speech – represented by the concept of ecological structure- and the proposal and implementation of a concrete project.

This is how the methodology benefits an analysis of the thoughts and ideas contained in the proposal documents of the project. For this reason the following actions are being conducted: a critical analysis of the Ecological Structure concept; an evaluation of how the city occupied its territory from a historical and scale perspective; research of the designs and studies of the three projects that conformed the conceptualization of the park and its relationship with the Ecological Structure; and a thorough analysis of the relationship between the park and the watershed.

This research established among other aspects that there is a disconnect between the environmental speech and the implemented project, that it is pertinent that the scholars and the municipal administration perform a more comprehensive analysis –quantitative and qualitative- about the hydrological system of the city, and lastly, that it is necessary implementing new methodologies and analysis elements to correct the deficiencies that were found in the proposal and construction of urban projects belonging to the ecological structure, as it was the case with the Third Millennium Park.

KEYWORDS:

Third Millennium Park, Urban Ecological Structure, Urban Park, Ecologic Corridor Ecosystem, Hydrological System, Landscape, Urban Renovation, Bogotá, D.C.

RESUMEN

A partir del año 2000 se acuñó en el discurso del Ordenamiento territorial de Bogotá D.C. el concepto de “Estructura Ecológica”, el cual se interpretó como una categoría fundamental en el ordenamiento espacial del territorio, con una función específica: sostener y conducir la biodiversidad y los procesos ecológicos esenciales del territorio. Los “parques urbanos” de gran escala, -que hasta antes de ese año, se visualizaban como piezas aisladas en la superficie urbana, destinadas a la recreación de los ciudadanos- se incorporaron como un sistema esencial en el ordenamiento del territorio a través de este concepto de Estructura Ecológica; en consecuencia, la noción de “parque urbano” de gran escala o metropolitano, adquirió un compromiso ambiental, que hasta el momento no había sido plenamente reconocido.

En este contexto se enmarca el Parque Metropolitano Tercer Milenio (2000-2005), el cual fue concebido como una obra de renovación urbana en el sector de mayor deterioro físico, social y ambiental del centro de la ciudad y se localizó sobre el cauce y punto de confluencia de los ríos *San Francisco* y *San Agustín*, cuerpos de agua de gran importancia desde la fundación de la ciudad.

Debido al propósito con el cual fue concebido el proyecto y a su estratégica localización como parte integrante de la Estructura Ecológica de Bogotá, el Parque Tercer Milenio era una gran oportunidad para contribuir al mejoramiento de las condiciones del ecosistema de la ciudad, la recuperación del sistema hídrico natural, la re-naturalización de la red de Corredores Ecológicos y la transformación del paisaje del centro de Bogotá. La simultaneidad de propósitos que se dieron cita en la concepción, formulación y materialización de este Parque, es precisamente el punto de partida que motiva la presente investigación.

El Parque Tercer Milenio reúne condiciones que lo convierten en una oportunidad para la reflexión sobre los vínculos y las posibles contradicciones que existen entre el discurso ambiental –representado en el concepto de Estructura ecológica- y la formulación y materialización de un proyecto concreto.

Es así como la metodología privilegia un análisis del ideario presente en los documentos de formulación del proyecto, para lo cual se adelanta una lectura crítica del concepto de Estructura Ecológica; una evaluación en perspectiva histórica y en diferentes escalas, de la manera como la ciudad ocupó su territorio; un examen de los estudios y diseños de los tres proyectos que configuraron el ideario del Parque y su relación con la Estructura Ecológica; y un análisis integral de la relación entre el parque y su cuenca hidrográfica.

El desarrollo de la investigación permitió establecer entre otros aspectos, que existe una fractura entre el discurso ambiental y el proyecto ejecutado, que es pertinente que la academia y la administración distrital realicen una mirada más amplia -cualitativa y cuantitativa- sobre el sistema hídrico de la ciudad, y por último, que es necesario implementar nuevas metodologías y elementos de análisis que subsanen las deficiencias que se presentaron en la formulación y construcción de proyectos urbanos pertenecientes a la estructura ecológica, como lo fue el caso del Parque Tercer Milenio.

PALABRAS CLAVES:

Parque Tercer Milenio, Estructura Ecológica Urbana, Parque Urbano, Corredor ecológico, Ecosistema, Sistema hídrico, Paisaje, Renovación urbana, Bogotá, D.C.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.	30
Figura 2.	Estrutura Ecológica Urbana (EEU).	32
Figura 3.	Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.	34
Figura 4.	Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.	35
Figura 5.	O conceito de Estrutura Ecológica no POT.	36
Figura 6.	Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.	37
Figura 7.	Unidades geográficas.	40
Figura 8.	A EEU proposta confrontada com a cidade construída.	41
Figura 9.	EEU – Os Parques Urbanos.	43
Figura 10.	Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.	45
Figura 11.	Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.	46
Figura 12.	Mar de Humboldt – “ <i>Salto de Tequendama</i> ”.	47
Figura 13.	Território e Lagoas Sagradas da Cultura <i>Muisca</i> .	49
Figura 14.	Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.	51
Figura 15.	Bacias hidrográficas de Bogotá.	52
Figura 16.	Relação da cidade com seus corpos de água. Colônia.	54
Figura 17.	Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.	57
Figura 18.	<i>Cerros Orientales</i> . Desmatamento.	58
Figura 19.	As praças tornam-se parques.	60
Figura 20.	Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.	61
Figura 21.	Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.	63
Figura 22.	Parques recreativos para Bogotá.	66
Figura 23.	Primeiros planos urbanos para Bogotá. <i>Eixamples</i> .	69
Figura 24.	Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.	71
Figura 25.	A cidade imaginada.	75
Figura 26.	“Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.	77
Figura 27.	1970. Parques <i>Distritales</i> .	79
Figura 28.	A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.	80
Figura 29.	A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.	83
Figura 30.	Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.	88

Figura 31.	Eixos estruturais do Centro da Cidade.	88
Figura 32.	Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).	90
Figura 33.	Dados simplificados do censo. 1999.	92
Figura 34.	Vista aérea do Parque Terceiro Milênio. (B&M).	96
Figura 35.	Planta geral do projeto. Zoneamento geral.	97
Figura 36.	Desenhos de Análise do projeto.	99
Figura 37.	Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).	101
Figura 38.	Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira e Pabón (P&P).	105
Figura 39.	Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.	106
Figura 40.	Desenhos da análise do projeto.	108
Figura 41.	Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto Construído. (EHM).	112
Figura 42.	Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).	114
Figura 43.	Planta geral do Projeto Construído.	115
Figura 44.	Desenhos de análise do projeto.	116
Figura 45.	Percurso fotográfico do Parque.	117
Figura 46.	Plano <i>Maestro</i> Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.	118
Figura 47.	Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.	120
Figura 48.	Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.	124
Figura 49.	Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.	126
Figura 50.	Presença de equipamentos religiosos no setor.	128
Figura 51.	Alamedas, zona rural.	129
Figura 52.	Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).	131
Figura 53.	Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.	132
Figura 54.	As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.	132
Figura 55.	Prédios de abastecimento e indústria.	134
Figura 56.	Equipamentos de cultura e educação.	137
Figura 57.	Canalização do rio <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i> .	140
Figura 58.	Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.	142
Figura 59.	Construção de Avenidas arborizadas.	145
Figura 60.	O “ <i>Bogotazo</i> ” construções e infraestrutura afetada.	146
Figura 61.	Urbanizações ilegais e obras de infraestrutura.	147

Figura 62.	Evolução e ocupação da Praça de <i>San Victorino</i> .	149
Figura 63.	Transformação da moradia e controle da propriedade.	151
Figura 64.	A “ <i>Calle del Cartucho</i> ” e prédio “ <i>El Castillo</i> ”.	153
Figura 65.	Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.	155
Figura 66.	Perda de equipamentos no setor de <i>San Victorino</i> .	156
Figura 67.	Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.	157
Figura 68.	Dinâmicas de ocupação do setor de <i>San Victorino</i> .	158
Figura 69.	Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio.	Folha anexa

ABREVIATURAS

Av.: Avenida
 B.: Bairro
 B&M: Bueno e Montenegro
 C.: Canal
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAI: Concurso Arquitectónico de Ideas
 CAN: *Centro Administrativo Nacional*
 CAR: *Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca*
 DAMA: *Departamento Administrativo del Medio Ambiente*
 DAPD: *Departamento Administrativo de Planeación Distrital*
 DC: *Distrito Capital*
 DTS: *Documento Técnico Soporte*
 EAAB: *Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá*
 EEP: Estrutura Ecológica Urbana
 EHM: Esquerre, Hernández e Mazzanti
 ERU: *Empresa de Renovación Urbana*
 FONADE: *Fondo Financiero de Proyectos de Desarrollo*
 I.: Igreja
 IDU: *Instituto de Desarrollo Urbano*
 M&L: Montenegro e Lizarralde
 P&P: Pereira e Pabón
 PMEP: Plano *Maestro* de Espaço Público
 PMTM: Plano *Maestro* Terceiro Milênio
 POT: *Plano de Ordenamento Territorial*
 POUPTM: Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio
 PTM: Parque Terceiro Milênio
 PZCB: Plano Zonal do Centro de Bogotá
 Q.: *Quebrada*. Riacho.
 R. : Rio
 SCA: *Sociedad Colombiana de Arquitectos*

GLOSSARIO

Calle: Rua (nome genérico, as ruas)
Calle: Rua sentido leste – oeste
Carrera: Rua sentido norte – sul
Cerros Orientales/Morros Orientais
Espacio Público /Espaço Livre
Estructura Ecológica Principal/ Estrutura Ecológica Urbana
Plan Maestro /Plano Diretor
 San/ São

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCER MILENIO.	27
1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)	29
1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU	43
2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.	47
2.1 Cenário natural da cidade	48
2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural	56
2.3 A cidade enterra seus corpos de água	62
2.4 Ventos de modernização da cidade	73
2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade	79
3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.	87
3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro	87
3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.	89
3.2.1 Plano <i>Maestro</i> Terceiro Milênio (PMTM)	89
3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)	100
3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.	111
3.3 Análise comparativa dos projetos	119
4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.	123
4.1 A bacia dos rios <i>San Francisco</i> e <i>San Agustín</i>	124
4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor	128
4.3 De rios de água a rios de carros	136
4.4 Perda de equipamentos e liderança	145
4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental	152
4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio	159
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Vista do Parque Terceiro Milênio – Foto: pelo autor.

Nos últimos dez anos, Bogotá D.C., capital da República da Colômbia, apresentou significativas transformações sociais, físicas e espaciais, as quais receberam vários reconhecimentos internacionais. Entre eles, está o prêmio Leão de Ouro, outorgado à cidade em 2006 na X Bienal de Arquitetura de Veneza. Os organizadores deste evento reconheceram Bogotá por seus visíveis avanços sociais, culturais e tecnológicos, que a consolidaram como uma das metrópoles com maior projeção no mundo.

Além da importância deste prêmio, talvez o maior reconhecimento que a cidade já recebeu, está radcada no fato de se tornar em um referente obrigatório para outras cidades do Terceiro Mundo; o anterior, devido a sua capacidade de gerar programas inovadores, que não somente ajudaram a resolver problemas de infraestrutura urbana, serviços e espaço livre, mas a transformar positivamente a paisagem da cidade. Além dos resultados visíveis, o mérito destes programas centra-se essencialmente em sua capacidade de enfrentar complexas situações sociais, físicas e econômicas, típicas das cidades sul-americanas em desenvolvimento.

O Parque Terceiro Milênio (2000-2005) fez parte do conjunto de programas, planos e obras que se realizaram durante este período de transformação da cidade, e seu desenho mereceu um reconhecimento nacional na *XX Bienal de Arquitectura Colombiana* de 2006: os desenhistas do parque receberam o Prêmio Karl Brunner na categoria de Desenho Urbano e Paisagismo, pois o parque foi o segundo indicado na menção, “[...] uma iniciativa que visava à recuperação integral urbana, paisagística, ambiental e social de um setor estrategicamente situado na cidade de Bogotá”.¹

Precisamente esta afirmação, que se reiterou continuamente durante a concepção, desenho e materialização do Parque Terceiro Milênio, constitui um dos pontos de partida da reflexão que propõe o presente trabalho de pesquisa. Outro ponto de partida foi a filiação do projeto Parque Terceiro Milênio ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana que, como será visto no desenvolvimento deste documento, foi um conceito ambiental que se cunhou no discurso de planejamento da cidade, a partir da formulação do Plano de Ordenamento Territorial adotado em 2000.

Assim, o Parque Terceiro Milênio reúne condições que o transformam em uma boa oportunidade para refletir sobre os vínculos e as possíveis contradições que existem entre o discurso ambiental e a formulação e materialização de um projeto concreto; a estas condições agrega-se a vigência atual do projeto, pois é objeto de inquestionável reconhecimento profissional tanto local como nacionalmente, e pertence ao grupo de significativas transformações físicas e sociais que teve a cidade durante os últimos anos.

Com estas premissas, a pesquisa concretiza-se em quatro diretrizes, cada qual com um propósito próprio: o primeiro, determinar os elementos de reflexão e juízo sobre o Projeto, a partir da revisão do discurso ambiental que constituiu a base teórica do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no Plano de Ordenamento Territorial de Bogotá; o segundo, realizar uma leitura em perspectiva histórica da ocupação espacial urbana da savana e suas implicações no meio natural; o terceiro, verificar a coerência entre o discurso ambiental da cidade e a concepção, formulação e materialização do Parque Terceiro Milênio; e o quarto, realizar um resumo histórico da relação entre o setor de *San Victorino*, o Parque e a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, visando a revelar os possíveis elementos que

¹ Protocolo do jurado, onde também se menciona que, “[...] para o jurado, este tipo de projetos é uma nova manifestação da produção profissional; a intervenção do Distrito, por meio do investimento no espaço público de escala metropolitana, complementada com a infraestrutura viária e de transporte, assim como de um programa de recuperação do espaço público, o primeiro passo para que o espaço privado entre em um processo de transformação e revitalização urbana integral, equilibrada e com participação do setor público, o setor privado e as comunidades.” SCA-Acta do jurado qualificador. Bogotá, 5 de maio de 2006

poderiam enriquecer a reflexão ambiental e propor alternativas que poderiam dar maior alcance ao conceito de Estrutura Ecológica Urbana na materialização de projetos urbanos e paisagísticos, como no caso dos parques metropolitanos; sem dúvida nenhuma, estes projetos poderiam contribuir positivamente para o melhoramento das condições do ecossistema da cidade, para a recuperação do sistema hídrico natural e para a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos do centro da cidade.

Para a análise do ideário, concepção e formulação do projeto, realizou-se uma leitura crítica dos estudos prévios a sua construção, que incluíam o Plano Zonal do Centro de Bogotá (1986), o Plano Maestro Terceiro Milênio (1998), as Bases do Concurso Arquitetônico de Ideias (1999), a Memória do projeto ganhador, e do Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (2000), que teve, entre suas principais tarefas, o desenho arquitetônico e paisagístico do parque.

Para a análise espacial, estabeleceu-se como estratégia metodológica uma leitura dialética que vai do geral ao particular e vice-versa, por meio de três escalas de análise: a savana-cidade, o centro tradicional e o setor de *San Victorino*, lugar onde está situado o Parque Terceiro Milênio. Em cada uma destas escalas tomou-se como unidade básica de análise a bacia ou sub-bacia hidrográfica. No nível da savana, a bacia do *R. Bogotá*, no nível da cidade, as bacias dos rios *Torça*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, e no nível do centro tradicional, a bacia média dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Com esses objetivos e estratégias metodológicas de pesquisa, o trabalho que se apresenta a seguir divide-se em quatro capítulos. **O primeiro** aborda a construção do conceito de Estrutura Ecológica e sua incorporação como parte fundamental do Plano de Ordenamento Territorial da cidade (Bogotá 2000-2010) e, além disso, indica a maneira como o projeto Parque Terceiro Milênio vincula-se a esta Estrutura como parque metropolitano, essencial na conformação de corredores biológicos prestadores de bens e serviços ambientais. **O segundo** capítulo visa a ilustrar como foi o processo de ocupação da savana da cidade de Bogotá, desde a conquista até os dias de hoje; com este propósito, foram registradas cronologicamente as transformações das manchas, os corredores verdes e de água que fazem parte do sistema natural da cidade, e foram comentadas as implicações que este processo tem no equilíbrio ambiental da cidade.

O terceiro capítulo tem como prioridade estabelecer a relação entre o conceito de Estrutura Ecológica Urbana e os conteúdos dos estudos elaborados dentro do processo de formulação, desenho e construção do Parque Terceiro Milênio. Para tal fim, realiza-se a

análise dos documentos e planos dos três projetos que foram elaborados antes da construção final do Parque e mostram-se os resultados da verificação *in situ* do projeto construído, realizadas pelo autor, durante os últimos três anos. Finalmente, **o quarto** capítulo procura dar uma visão integral da bacia onde se localiza o Parque Terceiro Milênio, com ênfase no processo de ocupação da mesma e a relação entre a área de *San Victorino* e seu entorno; este olhar aborda as transformações físicas, sociais e ambientais mais significativas do setor nos últimos dois séculos.

Pela natureza desta pesquisa e por tratar um projeto localizado em uma cidade que é em alguns aspectos semelhante, mas em outros distante da gênese e realidade das cidades brasileiras, o documento inclui material importante de referência – especialmente em notas de rodapé, fotografias e mapas – com o propósito de aproximar o leitor do contexto histórico e atual da cidade de Bogotá. No mesmo sentido, como a maioria dos textos que se relacionam com o tema tratado estão escritos em castelhano, o autor tomou a liberdade de traduzir a maior parte dos textos citados para o português, com a intenção de facilitar ao leitor a compreensão do conteúdo do presente trabalho.

Assim, este trabalho aspira não somente a ser uma contribuição para refletir sobre o tema ambiental de inquestionável importância, mas também ser uma oportunidade por meio da qual possa se estabelecer uma ponte de comunicação e aprendizagem compartilhada entre os cenários acadêmicos brasileiro e colombiano.

1 A ESTRUTURA ECOLÓGICA DE BOGOTÁ E O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO.

Antecedentes

Antes de começar com a matéria enunciada no título desta seção, é necessário esclarecer ao leitor o âmbito normativo, institucional e conceitual que permitiu que na atualidade fosse possível afirmar que em Bogotá existe um parque urbano, integrado ao modelo de ordenamento territorial da cidade, por meio do que tem sido denominado Estrutura Ecológica Urbana.

No final da década de 1950², a Colômbia começou um processo de incorporação do tema ambiental no âmbito normativo e institucional, com a criação, nos próprios anos 1950, da primeira Corporação Autônoma Regional³, a conformação do Instituto Nacional dos Recursos Naturais - *INDERENA*⁴ em 1968, e a publicação do Código Nacional de Recursos Naturais Renováveis de Proteção ao Meio Ambiente⁵, influenciado principalmente pelas iniciativas gestadas no âmbito internacional, como o informe encomendado pelo Clube de Roma ao MIT em 1968⁶, e a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em 1972⁷.

Devido a estas ações, o governo do país deu prioridade à institucionalização e regulação do tema ambiental. Porém, durante os anos seguintes, apresentaram-se várias deficiências com relação à gestão dos recursos naturais⁸, que somente seriam superadas na década de 1990⁹, quando se consolidaram algumas iniciativas promovidas pelo Estado, que

² Antes da década de 1950, existiram disposições legais relativas à proteção de água, das florestas e das terras. Por exemplo, a Lei 119 de 1919 tratava da conservação das águas aproveitáveis e os blocos próximos a seus leitos. Porém, somente na década de 1970 o tema institucionalizou-se e adquiriu conceitualização no nível normativo.

³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110 de 1954. “*Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca*”. Bogotá, 1954.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 3ª. de 1961. “*Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la sabana de Bogotá y de los valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR*”. Bogotá, 1961.

⁴ Esse Instituto foi liquidado pela Lei 99 de 1993, e suas funções foram transferidas às Corporações Autônomas Regionais que são entes corporativos de caráter público, integrados por várias entidades territoriais [*Departamentos* (estados), *distritos*, *municipios* e *territórios indígenas*] que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica. Disponível em: <<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

⁵ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2811 de 1974. “*Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente*”. Bogotá, 1974. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 23 de 1973: “*Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones*”.

⁶ Massachusetts Institute of Technology (MIT). *The Limits to Growth*. 1972

⁷ Declaração de Estocolmo de 1972.

⁸ As competências em matéria de gestão do meio ambiente estavam dispersas em várias instituições, dando lugar à duplicidade de funções entre entidades. As ações do Instituto Nacional de Recursos Naturais, *INDERENA*, eram de caráter policial, de controle e vigilância, mas não de planejamento ou ordenamento; e ainda não era suficientemente explícita, no nível normativo, a associação entre meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

⁹ Nessa época, vale a pena assinalar que no âmbito internacional tinham sido produzidos eventos relevantes com relação ao tema ambiental, como o informe da Comissão Brundtland, “Nosso futuro comum”, que enfatizou a relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, adotando-se o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

visavam a reforçar a regulação normativa do tema ambiental, efetuar uma reorganização institucional, e oferecer diretrizes ambientais para o planejamento e o ordenamento territorial tanto Nacional como *Distrital*¹⁰.

A primeira das iniciativas foi a publicação da nova Carta Política da Colômbia em 1991, na qual o tema ambiental foi incluído em um capítulo independente, relacionado aos direitos coletivos do povo colombiano; a Constituição consagrou o direito de todas as pessoas de aproveitar um ambiente saudável, e a obrigação do Estado – entre outros –, de proteger a diversidade e integridade do ambiente, conservar as áreas de especial importância ecológica, e prevenir e controlar os fatores de deterioramento ambiental¹¹.

Com o anterior, a Nação abriu um caminho¹² no qual foram de grande importância a reorganização e redefinição das competências das entidades relacionadas com a gestão ambiental, que hoje em dia conformam o Sistema Nacional Ambiental Colombiano – SINA, liderado pelo Ministério do Meio Ambiente, entidade encarregada de promover e facilitar o desenvolvimento sustentável do território e a criação de políticas, planos, programas e projetos sobre o uso sustentável dos recursos naturais renováveis, como a água, o solo e a paisagem¹³.

A Constituição de 1991 também facilitou a expedição de uma lei de Ordenamento Territorial¹⁴ que tinha como propósito o estabelecimento dos mecanismos que permitiram aos municípios promover o ordenamento do seu território, o uso equitativo e racional do solo, e a preservação e defesa do patrimônio ecológico e cultural localizado no âmbito territorial do mesmo¹⁵.

A efetivação desta lei foi feita por meio da implementação de Esquemas¹⁶ e Planos de Ordenamento Territorial nos municípios, que compreendem:

¹⁰ A Constituição Política de 1991 muda o *status* de Bogotá de *Distrito Especial* para *Distrito Capital*. “*Santa Fe de Bogotá* capital da república e do estado de *Cundinamarca*, organiza-se como *Distrito Capital*”. (Artigo 322 da Constituição Política).

¹¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “*De los Derechos Colectivos y del Ambiente*”. Colômbia: 1991.

¹² Neste caminho, o país foi permeável ao cenário internacional, acolhendo os resultados da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992) e respectivos protocolos como o da Agenda 21 e da Declaração do Rio sobre o meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

¹³ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 99 de 1993. Artigos 1, 2 Título 1. “*Por la cual es creado el Ministerio del Medio Ambiente*”. Bogotá, 1993. No ano de 2002 ao Ministério foram concedidas novas funções e também se modificou seu nome: “*Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial*”. REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 790 de 2002. “*Facultades extraordinárias al Presidente de la República*”. Bogotá, 2002.

¹⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. “*Por la cual se modifica la 9ª de 1989 y la ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, 1997.

¹⁵ A Lei 388 de 1997, de Ordenamento Territorial, utilizou duas noções relacionadas com o conceito e recuperação da estrutura ecológica: a primeira referente às áreas de reserva para a proteção do meio ambiente, a conservação dos recursos naturais e proteção da paisagem; a segunda, relacionada com o solo de proteção, que tem restrição de urbanização, pois pode oferecer serviços ambientais, ou constitui uma área de ameaça ou risco para a construção de assentamentos humanos, ou tem características e valores geográficos, ambientais ou paisagísticos importante para o território.

¹⁶ A Lei 388 estabelece fazer o ordenamento territorial de acordo com o tamanho das cidades assim: **Esquema** para cidades com menos de 100 mil habitantes. **Plano** para cidades com mais de 100 mil habitantes.

[...] o conjunto de ações político-administrativas e de planejamento físico acordadas, que visam a regularizar a utilização, transformação e ocupação do espaço, de acordo como as estratégias de desenvolvimento socioeconômico, em equilíbrio com o meio ambiente e as tradições históricas e culturais.¹⁷

1.1 A Estrutura Ecológica Urbana (EEU)

Dimensão ambiental no ordenamento territorial da cidade

O Plano de Ordenamento Territorial (POT) do *Distrito Capital*¹⁸ expedido em 2000 procurou manter a coerência com os princípios ambientais constitucionais¹⁹, as recomendações do Ministério do Meio Ambiente e as políticas e diretrizes da lei de Ordenamento Territorial. Motivo pelo qual os estudos técnicos, a conceitualização e a formulação do Plano tinham como eixo central a construção de um modelo, cuja gestão, em teoria, permitiria superar os problemas relacionados à dinâmica de assentamentos humanos e o desequilíbrio entre o suporte natural e as atividades humanas, assim como oferecer as ferramentas para conseguir a equidade, competitividade e sustentabilidade do *Distrito Capital*²⁰.

O modelo mencionado está conformado por três estruturas inter-relacionadas, contidas no que poderia ser denominado um enfoque sistêmico, no qual o componente ambiental ocupa um lugar relevante. Sendo assim, o modelo está constituído pela Estrutura Socioeconômica Espacial, a Estrutura Funcional e de Serviços, e a Estrutura Ecológica Urbana, essa última dando suporte fundamental para as duas primeiras (Figura 1).

¹⁷ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Ley 388 de 1997. Artigo 5. “Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones”. Bogotá, 1997.

Nota: A fim de evitar a repetição excessiva do termo “Tradução nossa”, fica o leitor alertado de que todas as traduções nesse trabalho são do autor da dissertação, excetuando-se: a) as citações de obras traduzidas para o português; e b) os próprios textos originalmente publicados nessa língua.

¹⁸ O Plano de Ordenamento Territorial POT define-se como o conjunto de objetivos, diretrizes, políticas, estratégias, metas, programas, atuações e normas adotadas para orientar e administrar o desenvolvimento físico do território e o uso do solo. Artigo 9º. Lei 388 de 1997 pela qual se modificou a Lei 9ª de 1989 e a Lei 3ª de 1991 e são dadas outras disposições. No caso de Bogotá, o POT foi adotado mediante Decreto *Distrital* 619 de 2000, revisado mediante o Decreto *Distrital* 469 de 2003. O Decreto *Distrital* 190 de 2004 compilou os dois anteriores.

¹⁹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Constituição Política. Artigos 79, 80 Capítulo III. “De los Derechos Colectivos y del Ambiente.” Bogotá, 1991.

²⁰ POT, Documento Técnico Suporte, DAPD. página 9. Vale a pena salientar neste ponto que o discurso político das administrações distritais e as premissas que justificam as ações de ordenamento territorial na cidade nos últimos anos têm se justificado invariavelmente em discursos que incluem as premissas “sustentabilidade, equidade, competitividade”; de tal forma que a pertinência e legitimidade de uma decisão política e a avaliação dos resultados deve estar baseada na utilização de um vocabulário consequente com essas três premissas.

A Estrutura Socioeconômica e Espacial compreende:

[...] o centro e a rede de centralidade que concentram atividades econômicas e de serviços, e que estão dispostas sobre o território do *Distrito Capital* para garantir o equilíbrio urbano e rural na prestação de serviços, a coesão social, a integração da cidade em diferentes escalas, e o desenvolvimento econômico.²¹

A Estrutura Funcional e de Serviços:

[...] está conformada pelos sistemas gerais de serviços públicos, de mobilidade e de equipamentos, cuja finalidade é garantir que o centro e as centralidades – que conformam a Estrutura Socioeconômica Espacial – e as áreas residenciais realizem adequadamente suas respectivas funções.²²

Figura 1 – Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

O modelo proposto no POT para a cidade de Bogotá está sustentado por três estruturas básicas: (P1) a E. Socioeconômica e Espacial, (P2) a E. Funcional e de Serviços, e (P3) a Estrutura Ecológica Urbana. Fonte: POT Bogotá Decreto 619 de 2000. (P4) Modelo de ordenamento da Cidade de Bogotá.

A Estrutura Ecológica Urbana (EEU) define-se como:

²¹ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 3.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

[...] a rede de espaços e corredores que sustentam e conduzem a biodiversidade e os processos ecológicos essenciais pelo território, em suas diferentes formas e intensidades de ocupação, dotando ao mesmo de serviços ambientais para o seu desenvolvimento sustentável.²³

A EEU está constituída por uma

[...] rede de corredores ambientais integrados à estrutura ecológica regional, cujos componentes básicos são: o sistema de áreas protegidas, os parques urbanos, os corredores ecológicos e a área de controle especial do rio Bogotá²⁴ (Figura 2).

A referida estrutura é de fundamental importância no modelo de ordenamento devido a seus valores paisagísticos, ecológicos e culturais, e comporta-se como fornecedor de bens e serviços ambientais, constituindo o substrato básico do ordenamento dos usos, das atividades e dos serviços urbanos.

O uso do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no país, como elemento fundamental do modelo de ordenamento do território, remonta a tempos atrás, quando alguns acadêmicos, pesquisadores e profissionais que fazem parte de entidades ambientais começaram a construir o conceito que se apresentou como uma oportunidade de estabelecer uma conexão entre o conhecimento científico dos processos do ecossistema e as práticas de ordenamento territorial²⁵, que permitiram visualizar alternativas de equilíbrio entre as atividades humanas e o suporte natural do território.

²³ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 2.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁴ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 16. Principios básicos. **Numeral 1.** POT. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003.* Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

²⁵ Neste sentido, o conceito encontra-se no que tem se denominado urbanismo ecológico, que “controverte as ferramentas convencionais do urbanismo, incorporando noções de capacidade de carga e de suporte de um território, risco, limite ecológico, interações, processos etc.”. Cf. MALDONADO, 2001, p. 6. Com relação ao uso do termo “ecológico” vale a pena citar a explicação dos professores Oseki e Pellegrino: “[...] distinção importante entre dois níveis: o da ecologia e o do ecologismo (ou entre o ecólogo e o ecologista). No primeiro caso, trata-se de uma postura científica, quer se trate de ecologia natural, quer social, e no segundo, de uma prática, de um projeto político de transformação cultural, social e econômica da sociedade moderna [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496)

Figura 2 – Estrutura Ecológica Urbana (EEU).

Da proposta da EEU formulada no POT, o presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Neste sentido destacaram-se os aportes do professor van der Hammen (1975 - 2000), que definiu a estrutura ecológica como um sistema com base na “[...] ecologia, geomorfologia, hidrografia e vegetação original ou o que ainda resta dela numa região”²⁶, e conformado pelo “[...] *geosistema* (que compreende o subsolo e os processos ecológicos), o *pedosistema*, (que faz referência à relação entre o solo e clima, e o *biosistema* (que inclui a totalidade da flora e fauna e dos processos biológicos)”²⁷. (Figura 3).

O professor van der Hammen realizou inúmeras investigações sobre a evolução e

²⁶ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

²⁷ VAN DER HAMMEN, 2000, passim.

vegetação na Savana de Bogotá. A partir deste enfoque sistêmico²⁸, van der Hammen propôs neste trabalho uma estratégia para a recuperação ambiental e florestal desta área, que tinha sofrido um processo de degradação²⁹ desde o período colonial, caracterizado pela modificação da vegetação nativa, do solo e do ciclo hidrológico dos ecossistemas de *páramo*³⁰, *subpáramo*³¹, *bosque alto andino* ou *bosque de encenillo*³² e *bosques de áreas inundáveis*³³. Este processo de degradação, em particular, relacionado como o aspecto hídrico, será tratado mais detalhadamente na seção 2.

A proposta de van der Hammen consistia na recuperação de largas franjas de vegetação nas margens dos rios, os riachos e as zonas úmidas (segundo o Convênio Internacional de *Ramsar*) e a localização de cercas vivas com espécies nativas que fariam uma conexão entre os morros e o *R. Bogotá*, de modo que, formando um tipo de rede vegetal nativa sobre o território – que teria um crescimento natural sem a intervenção do homem – asseguraria-se a recuperação ambiental da Savana e a bacia do *R. Bogotá*.

Os processos ecológicos e as realidades ambientais excedem os limites territoriais estabelecidos administrativa ou politicamente e, por sua natureza, o conceito de EEU desenvolvido por van der Hammen supera a área da Savana de Bogotá, compreendendo também uma proposta de ordenamento que inclui o estado todo de Cundinamarca.

²⁸ A noção de sistema resulta muito mais inclusiva do que a noção de estrutura, pois contribui a entender desde a complexidade, a relação entre os fenômenos naturais e a sociedade. Neste sentido Bertalanffy (1950) é um referencial indispensável sobre o tema de análise sistêmica.

²⁹ Esse fenômeno local, estudado e trabalhado por van der Hammen e Ernesto Ghul, que é reflexo de um desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, não se distingue muito da situação planetária de hoje em dia: “No momento, presenciam-se fenômenos globais inquietantes de desequilíbrio entre sociedades e meio ambiente, tais como: Rupturas de processos bioquímicos e ecológicos antigos, por causa do desmatamento (agrícola e industrial) e de outras práticas rurais e urbanas predadoras de recursos naturais limitados. [...]”. (OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 496).

³⁰ “O *páramo* é uma formação vegetal predominantemente *herbácea*, conformada por *grámíneas macollosas* e permeada por *arbustillos* anões individuais e em grupos e por plantas *arrosetadas e caulirrósulas*. A mais característica delas é o *Fraillejón (Espeletia)*. A faixa dos *páramos* encontra-se aproximadamente entre 3.300 – 3.500 manm até 4000 – 4200 m de altitude, máxima altura na região de Bogotá (*Cerro Nevado del Páramo de Sumapaz*), com temperaturas médias entre 4º e 9º e precipitações entre 700 e 2.000 mm.” : (PERÉZ, 2000, passim)

³¹ “O *subpáramo* é uma franja estreita e irregular localizada entre o *bosque alto andino* e o *páramo propriamente dito*, entre 3.300 e 3.600 manm, aproximadamente. Caracteriza-se por *matorrales arbustivos* mais ou menos abertos e está permeada por pequenas árvores do *bosque alto andino inferior*. Trata-se, de fato, de uma franja de transição entre o *bosque* e o *páramo*. Tem sido, porém, classificado como *subpiso*, pois apresenta alguns elementos característicos faltantes na flora do *bosque andino*.”. (PERÉZ, 2000, passim).

³² “Trata-se de um *bosque* de fisionomia muito distinta à do andino baixo, somente com um estrato de árvores pequenas e com alturas entre 3 e 10 m, onde predominam os elementos da família das *Compuestas* [...] Os musgos são abundantes e formam, junto com a *hojarasca*, grossas camadas no solo do bosque, de 20 a 50 cm de espessura, de grande importância no ecossistema e na regulação de água (SALAMANCA, 1984). Encontra-se aproximadamente entre 2.750 – 2.800 até 3.300 – 3.500 manm. Este tipo de *bosque* corresponde, em termos gerais, ao “*bosque úmido e muito úmido montano*” segundo a classificação de Holdridge, com temperaturas médias anuais de 9 a 12º C”. (PERÉZ, 2000, passim.)

³³ “É o *bosque* característico dos atuais vales *aluviales* do *R. Bogotá* e seus tributários, que são especialmente importantes na parte mais baixa do sul da savana, onde se juntam o *R. Bogotá* com vários de seus principais afluentes (*Basillas, Tunjuelo, Soacha e Fucha*) e ali, por este motivo, encontra-se a maioria das zonas úmidas da savana”. (PERÉZ, 2000, passim)

Figura 3 – Estrutura Ecológica original da Savana de Bogotá.

Van der Hammen identifica como elementos fundamentais da estrutura ecológica da Savana de Bogotá: 1. os *Cerros Orientales*; 2. os corredores; e 3. o vale aluvial do *R. Bogotá*. Ele propõe a implementação de uma rede verde partindo do sistema hídrico como estratégia de recuperação ambiental da Savana. Fonte: VAN DER HAMMEN, 1998.

Aos aportes de van der Hammen foram agregados outros estudos da Savana de Bogotá, como alguns realizados pela Corporação Autônoma Regional de *Cundinamarca* - *CAR*³⁴ e as entidades universitárias e do *Distrito Capital*. Destes estudos, destacam-se os feitos por Pérez (1975 - 2000), que definiu a EEU como um sistema conformado a partir de quatro elementos: a estrutura *morfopedalógica*³⁵, a biota³⁶, a estrutura hídrica³⁷, e a estrutura antrópica que se traduz no conjunto de atividades e usos desenvolvidos pelo homem no território.

Para responder à problemática de degradação da EEU na Savana, Pérez (2000), propõe uma série de estratégias, procurando recuperar o ecossistema deteriorado, e garantir o equilíbrio entre as atividades humanas, os processos hidrológicos e a conservação dos solos e da biodiversidade. De sua proposta destacam-se a recuperação da cobertura vegetal nos morros, a detenção da construção de assentamentos humanos nos vales aluviais, a criação de corredores de conexão entre os vales aluviais e os morros, a recuperação dos solos erodidos e do sistema de zonas úmidas, a regulação da exploração de águas

³⁴ A divisão político-administrativa da Colômbia está estabelecida por *Departamentos*, equivalentes no Brasil aos Estados. Em nosso caso, Bogotá está localizada no estado de *Cundinamarca*.

³⁵ Constituída por uma área montanhosa e uma área plana, levemente inclinada.

³⁶ Conformada por *bosque andino*, vegetação de *páramo*, vegetação *xerofítica* no sul da savana e vegetação de zona úmida, à base de *juncos*, *cortaderas* e *alisos* nas áreas úmidas.

³⁷ Corresponde à vazão de água da bacia e está conformada por 15 bacias hidrográficas, com suas respectivas microbacias, 27 zonas úmidas naturais e 9 represas de regulação.

subterrâneas, e o planejamento regional dos recursos hidráulicos (PEREZ, 2000, p. 37).

Embora o POT de Bogotá fosse expedido no ano de 2000, (Figura 4), conceitualmente contou com esses aportes que vinham sendo construídos no ambiente acadêmico e institucional, e concebeu o conceito de EEU, espacialmente, como uma rede, conformada, como exposto anteriormente, pelas áreas protegidas, os corredores ecológicos, os parques urbanos e a área de proteção do *R. Bogotá*, e ao mesmo tempo, como um sistema, que na escala distrital está integrado à estrutura socioeconômica espacial e à estrutura funcional e de serviços, e em uma escala maior – integrado por meio dos morros, do *R. Bogotá* e do maciço de *Sumapaz* – à estrutura ecológica regional, sem a qual seria impensável a sustentabilidade de uma cidade como Bogotá, pois essa estrutura fornece serviços ambientais, paisagísticos e culturais³⁸. (Figura 5).

Figura 4 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana da região e da cidade.

(P1) Para o estado de Cundinamarca e a Savana de Bogotá, a EEU proposta está conformada principalmente pela rede de *parámos* e *bosques* andinos. (P2 Savana do Bogotá). No caso da cidade de Bogotá (P3), agregam-se aos *Cerros Orientales* a rede de corredores ecológicos (Corpos de água) e o vale aluvial do *R. Bogotá*. Fonte: POT *Alcaldia de Bogotá* (Prefeitura de Bogotá).

É necessário salientar que o conceito e ações propostas sobre a EEU e o POT, assim como os estudos feitos anteriormente, têm como principal objetivo ser uma ferramenta que, por meio de um enfoque sistêmico, garanta a sustentabilidade ambiental e a restauração da composição biótica e dos processos ecológicos, estabelecendo um vínculo entre o saber

³⁸ Dos 426.870 ha da Savana de Bogotá, 42.230 ha correspondem a áreas protegidas, 196.000 ha são usados na produção agropecuária e 30.000 ha em áreas urbanas. Contém cinco represas e uma rede de canais de irrigação de 7.500 ha.. *Directrices de la CAR para preservar el medio ambiente y fomentar un desarrollo sostenible en la Sabana de Bogotá*. Corporación Autónoma Regional de Cundinamarca CAR 2007.

científico, o conhecimento dos ecossistemas e as práticas de ordenamento dos usos e atividades humanas no território.

Figura 5 – O conceito de Estrutura Ecológica no POT.

A EEU está conformada pela rede de (P1) Elementos naturais: 1. *Cerros Orientales*; 2. Corredores ecológicos; e 3. Vale *aluvial* do *R. Bogotá*. Também pela rede (P2) Verde artificial: Parques metropolitanos e Rede viária principal – a sobreposição destas redes configura a (P3) Estrutura Ecológica Urbana da cidade. [Elaborado pelo autor].

Com certeza, para alcançar os objetivos propostos no POT, é preciso conhecer, compreender e atuar na restauração dos processos ecológicos da Savana, nos quais o ciclo de água tem uma importância relevante. Como dito anteriormente – e será tratado mais detalhadamente na seção 2 – o ecossistema original da Savana foi intensamente modificado desde o período colonial até a atualidade: as bacias dos rios foram progressivamente ocupadas por assentamentos humanos, as construções e infraestruturas de serviços, e seus leitos, foram contaminados, desviados e canalizados subterraneamente ou a céu aberto. As zonas úmidas também sofreram uma intensa degradação por obras de urbanização, disposição de águas negras, lixo, colmatagem e gramados, e a vegetação nativa foi trocada por vegetação exótica ou desapareceu. De modo que um dos elementos do ecossistema, como o sistema hídrico, foi modificado drasticamente com a constante impermeabilização da Savana, a construção de redes de esgotos, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, e a contaminação dos corpos de água, principalmente nos últimos cem anos. (Figura 6).

Figura 6 – Alteração da Estrutura Ecológica de Bogotá.

(P1) Estrutura Ecológica Original. (P1) A estrutura ecológica estava conformada originalmente por: as manchas de vegetação dos cerros orientais (1), os corredores verdes (2) sobre os corpos de água; e o vale aluvial do *R. Bogotá* (3). (P2). Situação atual (P2). Com o processo acelerado de antropização da Savana a partir do século XX, perderam-se os corredores hídricos (hídricos) que juntavam os cerros orientais com o vale do *R. Bogotá*, motivo pelo qual se perdeu uma parte importante do equilíbrio do ecossistema. (P3) A proposta do POT busca a recuperação da parte do ecossistema perdido. [Planos elaborados pelo autor].

O resultado deste processo não se distingue do que se realiza em outras latitudes do planeta (PELLICER, 1998; HOUGH, 1998). Primeiramente, um aumento substancial dos coeficientes de vazão nas bacias, por meio da

[...] diminuição do tempo de concentração da água e o aumento do nível dos fluxos de vazão hidrogramas de enchente, fenômeno que ademais produz o incremento do nível de inundação da cidade, que está acentuado especialmente em certas áreas, dependendo da morfologia da superfície urbanizada, das características morfológicas do terreno, do tipo de vegetação das sub-bacias que têm sido ocupadas e impermeabilizadas, e da capacidade e distribuição do sistema de esgoto ou drenagem artificial.³⁹

Em segundo lugar, a modificação dos processos relacionados ao sistema hídrico incide na qualidade de água: a precipitação arrasta partículas da atmosfera poluída, a vazão superficial é poluída pela lavagem de ruas, os corpos de água são afetados pelo despejo das

³⁹ A redução do tempo correspondente à metade do que era originalmente, o que repercute negativamente nas bacias naturais nas quais a cidade encontra-se inscrita. (PELLICER, 1998, p. 117)

águas residuais, e os solos contaminados degradam os aquíferos subterrâneos⁴⁰.

Frente a essa situação, necessariamente surge uma pergunta: como se faz efetivo o conceito da EEU, em uma cidade que alterou e eliminou a vegetação original, que impermeabilizou a maioria da superfície ocupada, e que alterou substancialmente seu sistema hídrico?

Para tentar responder a essa pergunta, ao fazer uma leitura do POT, encontramos que as políticas sobre o meio ambiente enunciam, entre outros aspectos:

[...] a otimização [...] no dimensionamento e operação dos sistemas de saneamento básico levando-os a uma condição de economia e eficiência ambiental; a orientação espacial e qualitativa do desenvolvimento das redes e os equipamentos urbanos, sob critérios ambientais [...]; a consolidação funcional e física da Estrutura Ecológica Urbana; e a proteção, conservação, restauração e melhora do potencial ecológico, paisagístico e de lazer oferecido por importantes ecossistemas estratégicos urbanos [...]⁴¹. Frente ao sistema hídrico, enuncia o POT, que as áreas de recarga de aquíferos, os leitos de cheias, nascentes de riachos, várzeas de rios e canais, zonas úmidas, lagos e lagoas devem ser recuperadas e conservadas.⁴²

Instrumentos e conceitos complementares ao POT

Com essa referência, posterior à expedição do POT, o *Distrito Capital* tem desenvolvido ferramentas que pretendem efetivar no território o modelo de ordenamento proposto em 2000, com seus respectivos objetivos, estruturas e subsistemas; nesta linha estão inclusos os Planos *Maestros*⁴³ (Planos diretores) dos quais pode se destacar o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre)⁴⁴, pois tem uma estreita relação com a EEU.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 157. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴² REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 190 de 2004. Artigos 76 e 77. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁴³ O artigo 45 do POT define-os: “Os planos *maestros* constituem o instrumento de planejamento fundamental no marco da estratégia de ordenamento da cidade-região; permitem definir as necessidades de geração de solo urbanizado de acordo com as previsões de crescimento populacional e de localização das atividades econômicas, para programar os projetos de investimento setorial a curto, médio e longo prazo”. Assim mesmo no artigo 46, estabelecem-se os Planos *Maestros* Prioritários: de Mobilidade, de Serviços Públicos, de Equipamentos, e de Espaço *Público*. POT Decreto 190. 2004

⁴⁴ O Plano *Maestro* de Espaço *Público* tem como objeto: “[...] Concretizar as políticas, estratégias, programas, projetos e metas relacionadas com o espaço *público* do *Distrito Capital*, e estabelecer as normas gerais que permitam conseguir uma regulação sistemática com relação a sua geração, manutenção, recuperação e aproveitamento econômico, e apropriação social” [e estabelece] “1. Contribuir à consolidação da estrutura urbana através do desenvolvimento de uma rede de espaços públicos, que garanta o equilíbrio entre densidades populacionais, atividades urbanas e condições meio ambientais, de forma que se integrem os elementos do espaço *público* construído com os da EEU”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) apresenta uma proposta que no nível operativo vincula os conceitos de unidade paisagística⁴⁵ e unidade geográfica⁴⁶. A referência destes dois conceitos no documento técnico de suporte do Plano apresenta-se de forma marginal; no caso das unidades paisagísticas limita-se a indicar que

[...] a paisagem visual da cidade está dominada pela silhueta dos morros orientais, e pelos focos visuais criados pelos cursos de água e suas várzeas que relacionam os morros com o *R. Bogotá*⁴⁷; e no caso das unidades geográficas o documento indica que sua disposição espacial corresponde às várzeas de água.⁴⁸

A Figura 7 permite avaliar a distância entre o conceito e a efetivação espacial do mesmo: embora o Plano Maestro de Espaço *Público* (livre) tenha como propósito a incorporação de um critério ambiental como parâmetro de ordenamento, sem ter em conta as sub-bacias como elementos ordenadores de espaço, enquanto o perímetro das unidades geográficas é determinado como o critério tradicional da divisão administrativa no país, onde o limite entre duas áreas é determinado com o leito dos rios. Em consideração do autor deste trabalho, do ponto de vista ambiental seria mais lógico que o cause dos rios fosse considerado como estrutura espacial central da unidade e não como limite físico da mesma.

Os outros planos maestros do *Distrito Capital* contêm diretrizes relacionadas com a restrição ou proibição da ocupação de áreas que por sua capacidade de prestação de serviços ambientais devem ser protegidas ou que por suas características morfológicas, solos ou possibilidade de enchentes são fatores inapropriados para a construção de assentamentos humanos⁴⁹. Porém, esses planos ainda devem fazer uma contribuição ao desenvolvimento de estratégias para a consolidação de uma rede que articule os parques

Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005.

⁴⁵ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 215 de 2005. Artigo 5. “*Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones*”. Bogotá, jul. 2005. Tomo 2, p. 62. As cinco unidades de paisagem estabelecidas são: 1. De Cordilheira, 2. De borda de Cordilheira, 3. Urbano de traçados contínuos, 4. Urbano descontínuo de periferia, 5. De borda hídrica.

⁴⁶ Unidades geográficas: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusaca. Fonte: *Documento Técnico de Soporte de PMP*. Parte I numeral 3.2.1. p. 64-69.

⁴⁷ ALCALDÍA, op. cit.

⁴⁸ Denomina-se vazão superficial a água procedente da chuva que circula pela superfície e concentra-se nos cursos. A vazão superficial é função das características topográficas, geológicas, climáticas e de vegetação da bacia e está intimamente ligada à relação entre águas superficiais e subterrâneas da bacia.

⁴⁹ Neste ponto, alguns estudiosos do tema como Camargo (2007) afirmam que em Bogotá DC, apesar dos significativos esforços em matéria ambiental, tem surgido um grande erro de gestão, por terem confundido “proibição de ocupação”, com “proteção do ecossistema”: “Proibir equivale a distanciar todos aqueles usos que teriam que pedir permissão e deixar o espaço livre para aqueles que nunca o pedem. Uma verdadeira conservação implica equipar, promover e administrar uma área de jeito que a sociedade a aproprie com um significado e com usos de acordo com o reconhecimento e conservação do valor ambiental coletivo”. (CAMARGO, 2007)

urbanos (metropolitanos, urbanos e zonais), os corredores ambientais, e a incorporação das sub-bacias como elemento ordenador do território em termos ambientais: Por exemplo, em 2006, quase 50% dos parques metropolitanos e zonais não tinham um plano diretivo ou maestro⁵⁰; esta falência incide diretamente no desconhecimento do compromisso que deveriam ter os investimentos, desenhos e construção, no fortalecimento da EEU; no caso dos corredores ecológicos viários (avenidas arborizadas), naquela época ainda não tinham sido desenvolvidas estratégias específicas de intervenção.

Figura 7 – Unidades geográficas.

O Plano Maestro de Espaço Público (livre) estabelece para a cidade sete unidades geográficas (P1), assim definidas pelo espaço compreendido entre os rios principais: 1. Torca – Conejera, 2. Torca – Molinos, 3. Conejera – Juan Amarillo, 4. Molinos – Arzobispo, 5. Juan Amarillo – Fucha, 6. Fucha – Tunjuelo, 7. Tunjuelo – Sur, 8. Cerros Orientales – Teusacá. Ao colocar o rio como centro das unidades geográficas (P2), seriam as principais bacias hídricas da cidade as que definiriam as unidades geográficas. Dessa forma, o sistema hídrico incrementa seu protagonismo no ordenamento e ecossistema da cidade. 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha 4. Tunjuelito. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

Uma revisão a outros instrumentos de ordenamento e de gestão dos recursos naturais no *Distrito Capital* permite evidenciar que esses têm visado principalmente à proteção dos *Cerros Orientales*⁵¹, das rondas dos rios e canais que fluem a céu aberto⁵², ao

⁵⁰ Segundo um informe sobre o estado dos recursos naturais no *Distrito* expelido pela *Contraloría* em 2006, 47.44% dos parques metropolitanos e zonais estabelecidos no POT nessa época não tinham um Plano Maestro. Informe Contraloría, 2006 p. 152.

⁵¹ Posteriores ao POT estão os seguintes estudos: Plano de ordenamento e manejo dos *Cerros Orientales* - POMCO 2004. Resolução 0463 de 2005. Plano de manejo da reserva florestal e protetora do *Bosque Oriental* de Bogotá, abril de 2006.

⁵² ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto 456 de 2008. *Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones*. Bogotá, 2008.

tratamento das águas contaminadas do *R. Bogotá*⁵³, e ao melhoramento na eficiência de operação de sistemas de saneamento básico⁵⁴. Porém, ainda falta ser percorrido um longo caminho, pois precisam ser revisadas as estratégias e concretizadas ações que realmente permitam a consolidação de um sistema e uma rede de conexão com os morros, o *R. Bogotá* e a estrutura ecológica regional – por meio dos corredores ecológicos propostos pelo POT – que contribuam positivamente aos processos ecológicos como o ciclo de água por meio de soluções criativas dentro da gestão inovadora das interfaces urbano-naturais⁵⁵, diminuindo a distância entre o conceito de EEU e a cidade construída. (Figura 8).

Figura 8 – A EEU proposta confrontada com a cidade construída.

A EEU da cidade de Bogotá segundo o POT (P1). Estado da rede hídrica principal (P2). O maior desafio que se apresenta para concretizar a ideia de Estrutura Ecológica Urbana é a recuperação dos corredores ecológicos tendo em conta que os rios da mesma, durante o processo de urbanização da Savana, foram canalizados e enterrados. Foto 1: (*R. San Francisco*), em outros casos canalizados com muros de concreto. Foto 2: e/ou controlados com taludes artificiais como no caso do *R. Bogotá*. Foto 3: Fonte: P-1. *Alcaldía de Bogotá POT*, P-2. Autor. Foto 3: *Villegas Ed.* [Fotos 1 e 2 do autor].

Neste sentido, é essencial incluir o conceito de bacia hidrográfica como unidade de análise e instrumento decisivo no ordenamento do território e aprofundar a reflexão e funcionamento da ideia da EEU no *Distrito Capital*. Para conseguir esse objetivo, é preciso

⁵³ POT em seu artigo 66 contempla o empreendimento de programas no marco do “*Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital*”, a saber: Programa de descontaminação do *R. Bogotá*, estudo de modelagem técnico-econômica e guia técnica para o controle ecoeficiente de água em arquitetura e urbanismo, e o programa de uso eficiente de água no setor produtivo. POT. Decreto 190 de 2004. Art. 66. *Plan de ordenamiento y control de la cuenca (POMCA)* del río Bogotá. Resolución CAR 3194 de 2006.

⁵⁴ REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 2884 de 2007 “*Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA*”. Bogotá, 2007.

⁵⁵ Parafraseando Pellicer (1998). Se você estiver parafraseando um trecho específico, então tem que dar número de página. Se estiver parafraseando a ideia geral, então como está é suficiente.

recuperar a essência dos aportes de autores como van der Hammen e Pérez e ter em conta um par de conceitos que podem ajudar a enriquecer nossa compreensão e gestão sobre a EEU em Bogotá.

Em primeiro lugar, o conceito de paisagem, entendido como expressão sensível [perceptível] da mediação sociedade-natureza⁵⁶, mas também como produto concreto destas relações (BERQUE, 1998)⁵⁷. Esse enfoque implica uma complexa abordagem conceitual enquanto a paisagem é ao mesmo tempo a configuração, ou seja, o processo de construção de uma representação, e também conformação, isto é, processo de construção de sua materialidade (MAGNOLI, 1984)⁵⁸. Os processos da mediação entre a natureza e a sociedade podem ser estudados por intermédio dos padrões culturais⁵⁹ com os quais uma sociedade interpreta, interatua e intervém sobre os elementos naturais ao longo da história; por outro lado, a materialidade da paisagem pode ser estudada por intermédio da identificação dos padrões, a função e as transformações (mudanças) sucessivas na história (FORMAN, 1997)⁶⁰.

Em segundo lugar, o conceito de infraestrutura verde, que se assemelha a EEU em Bogotá, pois compreende “[...] o conjunto de espaços abertos ou áreas verdes que juntam o meio urbano com o campo vizinho” (PELLEGRINO, 2006) e constitui uma alternativa de aplicação dos conceitos da ecologia da paisagem nas áreas intensamente transformadas por processos urbanos. Esse conceito e sua aplicação, como no caso da EEU em Bogotá, oferecem a oportunidade de ir além das práticas do urbanismo convencional, ao incorporar o entendimento de funções relacionadas com a circulação, a acessibilidade, a permanência, a contemplação e a recreação das pessoas nas áreas verdes, assim como as funções de conexão de fragmentos de vegetação, o direcionamento de água com segurança (respeitando o ciclo de água, prevendo assim as enchentes e contaminação do solo e dos

⁵⁶ O conceito de paisagem envolve o conceito de imagem. Meinig (1978) diz que as paisagens mostram-se diferentes em função de quem as observa, dada a carga cultural, maneira e frequência da observação. Qualquer paisagem é composta não apenas pelo que se entende defronte dos olhos, mas pelo que se encontra dentro das mentes, ou seja, somos capazes de ver aquilo que conseguimos interpretar. MEINING. In: **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, 1982, p. 107.

⁵⁷ “A expressão sensível de uma *mediância*. Esta, por sua vez, revela o sentido da relação de uma sociedade com o seu meio ambiente. As paisagens são tanto maneiras de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) os espaços produzidos (isto é, as cidades e os campos historicamente formados)”. (BERQUE apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002, p. 488)

⁵⁸ Citado por SANDEVILLE, E. “Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos”. SANDEVILLE, E. In: **Paisagem Ambiente: Ensaio No. 21**, FAUUSP São Paulo, 2006 p. 92.

⁵⁹ Os padrões culturais variam com o tempo, “Considerando um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos de desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. SANTOS M. apud NEVES Ezia Socorro Cit. em: **Paisagem Ambiente e sociedade: Ensaio IV**. FAUUSP São Paulo, p. 108. SANTOS, Milton apud NEVES Ezia Socorro. **Paisagem Ambiente e Sociedade: Ensaio IV**. São Paulo: FAUUSP, p. 108.

⁶⁰ FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997. (apud OSEKI; PELLEGRINO, 2002)

corpos de água), o melhoramento de condições microclimáticas, a incorporação de atividades residenciais, educativas, laborais e de lazer, a conservação dos valores e a memória ambiental e estética de uma comunidade⁶¹.

Nesta ordem de ideias, é importante reconhecer a oportunidade que representam os parques urbanos (metropolitanos) - como elementos integrais da rede de EEU, ligados aos corredores ecológicos e às sub-bacias, enquanto contribuem para a consolidação de uma infraestrutura verde na cidade, considerando de maneira integrada os usos urbanos. (Figura 9). Os significados culturais, o melhoramento das condições de microclima, a circulação, a recreação e o equilíbrio com os elementos do ecossistema como o sistema hídrico.

Figura 9 – EEU – Os Parques Urbanos - Metropolitanos.

Todos os parques metropolitanos e a maioria dos parques setoriais estão localizados no centro e sul da cidade, que corresponde à área da população de estratos médio e baixo. O parque Metropolitano *Simón Bolívar* é o maior em extensão (113 ha) e o parque de *La Independencia* é o mais antigo (1910). Fonte: P-1 e Foto 1: autor; Foto 2: Sociedade de *Mejoras* e Ornato, Bogotá 1538-1938. Bogotá, 1938.

1.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM) na EEU

Como foi indicado nas páginas anteriores, os parques urbanos e os corredores ecológicos são considerados elementos que fazem parte da rede da EEU (Figura 10)⁶²: os parques, por serem áreas verdes de uso coletivo que possuem funções sociais, de lazer e de equilíbrio ambiental, e os corredores ecológicos por meio da várzea dos rios e das vias urbanas, cumprem uma função de conexão ecológica no interior do *Distrito Capital* e com a

⁶¹ PELLEGRINO, 2006, p. 59-60.

⁶² De acordo com o POT: “Os Parques *Distritales* correspondem àqueles espaços verdes de uso coletivo que atuam como reguladores do equilíbrio ambiental, são elementos representativos do patrimônio natural e garantem o espaço livre destinado ao entretenimento, contemplação e lazer para todos os habitantes da cidade. Organizam-se hierarquicamente e em forma de rede para garantir a cobertura da cidade toda, e envolvem funcionalmente os principais elementos da estrutura ecológica principal para melhorar as condições ambientais no território urbano todo”. POT Decreto 190 de 2004, Artigo 243.

região⁶³.

Os parques urbanos no Distrito Capital estão classificados seguindo o modelo, sob critérios de tamanho e uso, de forma que podem ser identificadas cinco categorias⁶⁴ vão da escala regional à escala de bairro. Em cada uma destacam-se as funções sociais, culturais, paisagísticas e ecológicas que têm essas porções do território.

De maneira consistente com o modelo planejado, os parques que têm uma importante função ambiental, social e paisagística, como os denominados metropolitanos em teoria⁶⁵, deveriam estar ligados aos corredores ecológicos viários ou das várzeas dos rios, garantindo dessa maneira a continuidade dos processos ecológicos. O Parque Terceiro Milênio pertence, segundo o modelo de ordenamento, à categoria de parques metropolitanos e, por conseguinte, os critérios de sua gestão, concepção e projeto deveriam ter coerência com esse modelo. Porém, sua localização deve ter conduzido os profissionais e gestores que fizeram sua implementação à necessidade de criar uma alternativa entre o modelo e a realidade da cidade construída.

O parque encontra-se localizado no centro da cidade, no ponto intermediário entre os *Cerros Orientales* – reserva ambiental da cidade⁶⁶ –, (Figura 11), e no começo do percurso a céu aberto – canal artificial – do R. *San Francisco* (*Carrera 24*), em uma área caracterizada por uma profunda degradação urbana, paisagística e social, onde confluem as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, que foram enterrados durante os processos de urbanização que datam de quase um século atrás; essas condições, sem dúvida alguma, devem ter imposto um desafio no que se refere à consolidação da EEU no centro da cidade e a concepção e desenho do parque, como peça fundamental desta estrutura.

⁶³ Os Corredores Ecológicos estão definidos assim: “São áreas verdes lineais que seguem as margens urbanas e os principais componentes da rede hídrica e rede viária arterial como parte do controle ambiental das mesmas e para incrementar a conexão ecológica entre os demais elementos da EEU, desde os *Cerros Orientales* até a Área de Controle Especial do rio Bogotá e entre as áreas rurais e as urbanas”. POT Decreto 190 de 2004 Artigo 98.

⁶⁴ Como anteriormente indicado, três destas categorias estão classificadas segundo o POT como parte da EEU, onde predomina nelas uma função ecológica, e as outras duas categorias (parques de vizinhança e de *bolsillo*) estão classificadas como parte do sistema de *espacio público*, já que nestas predominam os usos de recreação passiva ou ativa em nível local.

⁶⁵ Definidos pelo POT, como áreas livres que cobrem uma superfície superior a 10 hectares, destinados ao desenvolvimento de usos recreativos ativos e/ou passivos e à geração de valores paisagísticos e ambientais, cuja área de influência abarca o território da cidade toda. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artigo 243. Numeral 2. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

⁶⁶ “Os *Cerros*, segundo o POT conjuntamente com o rio Bogotá e os solos rurais do D.C. conformam um contínuo ambiental e protegido ao redor da cidade, cuja finalidade principal é evitar os processos de conurbação com os municípios vizinhos” ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 469 de 2003. Artigo 16. *Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C.* Bogotá, 23 dic. 2003.

Figura 10 – Parques e corredores na Estrutura Ecológica Urbana.

Os parques urbanos incluem além destas, outras duas categorias de parques de menor escala que não estão incluídas na EEU segundo o POT, mas fazem parte do Sistema de Espaço *Público* (livre). Art. 243 Dec. 190 2004. São eles: os parques de vizinhança – áreas livres, destinadas à recreação, reunião e integração da comunidade, que cobrem as necessidades dos bairros; e os parques *de bolsillo*, áreas livres com uma modalidade de parque de escala de vizinhança, que têm uma área inferior a 1.000 m², destinada fundamentalmente à recreação de crianças e pessoas da terceira idade. O presente estudo estará centrado nos temas identificados na cor verde. Os temas na cor amarela serão vistos de forma marginal. [Elaborado pelo autor].

Para poder entender o que significou esse desafio, é preciso, antes de tudo, aprofundar-se em uma compreensão da cidade e desta área sob o conceito de paisagem e infraestrutura verde, em perspectiva histórica, tendo em conta principalmente a bacia

hidrográfica como unidade de análise; em segundo lugar, analisar quais foram os critérios ambientais e paisagísticos com os quais foi concebido e desenhado o Parque Terceiro Milênio, a fim de identificar as dificuldades ou desafios que ainda deveriam ser assumidos; em terceiro lugar, fazer um delineamento das ferramentas de reflexão e estratégias que poderiam contribuir para uma maior aplicação do conceito da EEU no Parque Terceiro Milênio. O conteúdo das páginas seguintes procurará cobrir esses temas, com a intenção de oferecer algumas reflexões que poderiam ser úteis na academia e na gestão do modelo de ordenamento territorial do *Distrito Capital*.

Figura 11 – Localização do Parque Terceiro Milênio no centro de Bogotá.

P-1. Centro de Bogotá: 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *Bolívar* (Centro Histórico). 3. Centro Internacional. 4. Cidade Universitária. 5. *Ciudadela* da saúde. 6. R. *Fucha*. P-2. Setor *San Victorino*. 1. Parque Terceiro Milênio. 2. Praça de *San Victorino*. 3. Parque dos *Mártires*. Fonte: Google Earth.

2 A CIDADE QUE ESQUECEU SEUS CORPOS DE ÁGUA. O FIM DOS RIOS.

“¡Tierra buena!! Tierra buena! / ¡Tierra que pon fin a nuestra pena! /
 ¡Tierra de oro, tierra abastecida, / tierra para hacer perpetua casa, /
 tierra con abundancia de comida / tierra de grandes pueblos, tierra rasa, /
 tierra donde se ve gente vestida, / tierra de bendición, clara y serna, /
 tierra que pone fin a nuestra pena!”
 Juan de Castellanos

A cidade de Bogotá está localizada na Cordilheira Oriental da Colômbia sobre um altiplano que teve como origem um antigo mar “A Savana de Bogotá originou-se a partir de um grande lago conhecido como “*Mar de Humboldt*”⁶⁷, que data de aproximadamente 40.000 anos”. Segundo a mitologia *Muisca*⁶⁸, foi *Bochica*⁶⁹ quem, com uma varinha, drenou o lago no lugar conhecido como “*Salto de Tequendama*”⁷⁰. (Figura 12). Dando origem ao cenário natural atual.

Figura 12 – *Mar de Humboldt* – “*Salto de Tequendama*”.

Quando chegaram os espanhóis, a Savana “era um conjunto de grande lagos e pequenos pântanos que avançavam em direção ao *R. Bogotá* e uma dezena de rios que recolhiam também mais de sessenta pequenos rios e riachos que vinham dos morros da capital”. *Contraloría de Bogotá*, 2001. O *Salto de Tequendama* é uma cachoeira natural (com 157m de altitude) formada pelo *R. Bogotá* na parte baixa da Savana de Bogotá. Foto 1: Fredy Gómez. [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor].

⁶⁷ No começo do período *Cuaternario*, “O rico Planalto de Bogotá estava coberto por águas, que formavam um grande lago, de mais de 25.000 km quadrados de extensão”. (VAN DER HAMMEN & GONZÁLEZ, 1963).

⁶⁸ Assim chamaram os espanhóis aos aborígenes da Savana, ao distorcer a voz indígena “muexca” (homem) por mosca - abundam como moscas - que depois transformou-se em *Muisca*. Estes pertenciam ao grupo linguístico dos *Chibchas*, grupo com influência na área compreendida entre Centro América e o norte do Peru. (IRIARTE, 1988, p. 19)

⁶⁹ *Bochica*, *Nenquetebe* o *Zuhé*, deus da mitologia *Muisca*, encarregado de regular a chuva. Atribui-se a ele a origem do *Salto del Tequendama*.

⁷⁰ A versão do cronista Lucas Fernández é a seguinte: “Do *Bochica* referem em particular muitos benefícios que fez pra eles, como por exemplo, as inundações do rio *Funza* (Bogotá) onde intervir a arte de *Huythaca*, se alagou a Savana ou pampa de Bogotá [...] até que chegou o *Bochica* e com uma bengala ferindo numa serrania, abriu caminho às águas... e se formou o *Salto de Tequendama*”.

FERNANDEZ, Lucas apud RODRIGUES, Camilo et al. *El agua, en la Historia de Bogotá*. Bogotá: EAAB-VILLEGAS Ed., tomo I, 2003, p. 49.

2.1 Cenário natural da cidade

A Savana de Bogotá e seus primeiros moradores

Os conquistadores encontraram um cenário perfeito para se acomodar na Savana de Bogotá: terras planas e cultivadas, água em abundância (rios, lagos e zonas úmidas), riqueza em comida, sal, ouro e esmeraldas, e uma população organizada social e economicamente, em termos sociopolíticos, por meio de aldeias hierarquizadas e centralizadas, em quatro confederações *Bacata* (Bogotá), *Hunza* (Tunja), *Tundama* (Duitama) e *Sugamuxi* (Sogamoso⁷¹). Em termos econômicos, a partir dos povos vinculados ao comércio do sal - *Teusa*, *Nemocón* e *Zipaquirá* - e em termos agrícolas e religiosos, a partir dos corpos de água.

Os povoados *Muisca* estavam localizados perto dos rios e dos lugares alagadiços, com fins de aproveitamento agrícola⁷²; o sucesso das safras foi associado com a ação de água, e em consequência esta adquiriu um caráter sagrado, como provedora de vida e fertilidade. Assim, diversos eventos e rituais da vida dos nativos tinham como elemento central a deusa da água *Sie* ou *Sai*; o nascimento, a puberdade da mulher, a cerimônia de “[...] correr a terra, a consagração do *Jeque*⁷³ e a morte do *Cacique* tinham rituais relacionados com a água”⁷⁴. (Figura 13).

É preciso descrever brevemente dois desses eventos, para ilustrar o significado que tinha a água entre os *Muisca*: o primeiro tinha relação com o nascimento dos filhos; “Quando – as mulheres – vão a parir, fogem se conseguem das pessoas e vão se esconder perto de um rio, para em parindo [sic] entrar nele e se lavar junto com o seu parto”⁷⁵, depois de dar a luz, consagravam o recém-nascido à deusa *Sie* por meio de um ritual. O segundo era feito quando os *Caciques* comemoravam uma festa em homenagem à água: os homens realizavam um percurso, partindo da lagoa de *Ubaque*⁷⁶. Ao finalizar o percurso, todos os

⁷¹ A confederação de Bogotá era a mais poderosa e maior do território *Muisca* à chegada dos espanhóis, mas parece que este domínio se conseguiu poucos anos antes da conquista do *Cacique Suguanmachica* (1470-1490), que começou a expandir seu território por meio de campanhas bélicas contra *Fusagasugá*, *Guatavita*, *Ubaque* e *Tunja*. (ZAMBRANO, 1998)

⁷² Eidt, R. comprovou na Savana a existência de *camellones* que J. J. Parsons encontrou como antigos “*campos de cultivos*” nas serranias aluviais e alagadiças do rio *San Jorge* (Cultura *Sinú*). (GUHL, 1981)

⁷³ A estrutura social dos *Muisca* estava conformada por: os *Zipas* que ocupavam a parte superior da pirâmide social, seguidos pelos *Caciques*, que estavam encarregados de governar as confederações; depois estão os sacerdotes *Jeques* representantes da classe religiosa; depois os guerreiros e por último os artesãos, costureiros, trabalhadores das minas e do campo. Disponível em: <http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm>. Último acesso em: 21 fev. 2009.

⁷⁴ (EAAB, 2003, tomo I, p. 40)

⁷⁵ SIMÓN, Pedro apud PATINO, 1993, passim.

⁷⁶ “Saíam do vale de *Ubaque* e toda aquela terra, com as pessoas da Savana Grande de Bogotá, começavam estação desde a lagoa de *Ubaque*. Os habitantes de *Guatavita* e todos os demais daqueles vales, e os que vinham da jurisdição de *Tunja*,

Caciques, capitães e demais indígenas reuniam-se na lagoa de *Guatavita*⁷⁷ para continuar as festividades durante três dias.

Figura 13 – Território e Lagoas Sagradas da Cultura Muisca.

O território *Muisca* (Linha vermelha) abarcou boa parte do altiplano *Cundi-boyacense* (Cor verde) do qual faz parte a bacia alta do *R. Bogotá* (cor verde escura). Em preto, a área ocupada por Bogotá. No setor leste da Savana (*Cerros Orientales*) destaca-se a constelação de Lagoas Sagradas: 1. *Ubaque*; 2. *El Verjón* (*Teusacá*); 3. *Siecha*; 4. *Guasca*; e 5. *Guatavita*. A lagoa de *Iguaque* (6), gênese da vida *Muisca*, está localizada na área central do altiplano. [Plano 1 elaborado pelo autor, baseado em Plano de Botiva Contreras].

Os cinco lugares sagrados onde os *Muisca*s consagravam-se a suas divindades aquáticas são: as lagoas de *Guatavita*, *Guasca*, *Siecha*, *Teusacá* e *Ubaque*⁷⁸. Segundo a mitologia *Muisca*, a criação dos homens estava associada à lagoa de Iguaque. Foi ali onde tinha saído à madre *Bachué* com um menino que, quando adulto, teve com ela centenas de filhos, que povoaram o mundo⁷⁹.

Entre os *Muisca*s, a água não teve somente um valor como recurso indispensável para a agricultura e como deidade vinculada a diversos rituais, mas como elemento com propriedades terapêuticas. As noções *Muisca*s sobre a água como elemento sagrado, e como líquido com propriedades terapêuticas⁸⁰, perderam importância com a chegada dos

vassallos de *Ramiriquí*, a começavam desde a lagoa grande de *Guatavita*". SIMÓN, Pedro apud Triana (EAAB, 2003, tomo I, p. 41)

⁷⁷ Situada a 75 km de Bogotá, numa altitude de 2.688 msnm, faz parte do grupo de lagoas *sagradas* "Algumas pequenas lagoas regadas na mesa recordam a existência do antigo mar. Tais são as de *Guatavita* e *Guasca* ou *Siecha*, rodeadas de *derrumbes* quase desprovidos de vegetação. Estas foram antes águas sagradas, e os *Caciques* e os *sacerdotes*, seguidos pela multidão dos adoradores, a passeio nelas em balsas, para honrar os gênios e lhes oferecer presentes." (RECLUS, 1958, passim).

⁷⁸ RESTREPO, Vicente. *Los Chibchas antes de la conquista Española*. Bogotá: Imprenta La Luz, 1895. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 38.

⁷⁹ LONDOÑO, 2008.

⁸⁰ EAAB, 2003, tomo I, p. 52.

espanhóis, que tinham uma relação com a água determinada em boa parte por uma visão utilitária, como poderá ser observado posteriormente.

Sob as características antes descritas e os padrões culturais dos *Muiscas* com relação à água – quando chegaram os espanhóis – a Savana ainda era uma área pantanosa; além dos corredores de vegetação que acompanhavam os leitos dos rios, desenvolviam-se manchas de um bosque leve⁸¹ e manchas de água conformadas por pântanos e extensos lagos, que modificavam seu tamanho segundo a época do ano e período de chuvas: março-abril-maio e setembro-outubro-novembro, e períodos secos: dezembro-janeiro-fevereiro e junho-julho-agosto, e estavam geralmente cobertos por uma abundante vegetação nativa⁸².

A estes corredores e manchas de água e vegetação somavam-se manchas e superfícies, produto da antropização da paisagem⁸³, constituídas pelas confederações de *Sugamuxi*, *Hunza*, e *Bacata* (Bogotá), essa última confederação que possivelmente contaria com aldeias como *Suba*, *Tuna*, *Tibabuyes*, *Usaquén*, *Teusaquillo*, *Cota*, *Engativá*, *Bacata* (*Funza*), *Fontibón*, *Techo*, *Bosa* e *Soacha*⁸⁴, com *Bohíos*⁸⁵ e *Camellones*⁸⁶, de campos de cultivo, e uma população aproximada de 500 mil habitantes⁸⁷. Os corredores de água partiam da mancha verde que ocupava os morros circundantes, onde se desenvolvia um bosque andino, denso, alto vigoroso e concluíam no grande corredor do *R. Bogotá*, que percorria de norte a sul pela linha média da Savana de Bogotá. (Figura 14).

Como foi dito na seção anterior, a Savana de Bogotá tem 15 bacias que drenam seu território; sobre o extremo sudeste da Savana, na porção que ocupa atualmente a cidade de Bogotá, distinguem-se quatro bacias, (Figura 15). A primeira, localizada na zona norte, que corresponde a *Torca*, onde estão os riachos de *Bárbara* o *Trujillo*, *Delicias del Carmen*, *El Cóndor*, *El Cedro*, *San Cristobal*, *La Cita*, *La Floresta* e *Torca*. A segunda, correspondente ao *Salitre*, onde nascem os riachos do *Arzobispo*, *Las Delicias*, *La Vieja*, *Los Rosales*, *Los*

⁸¹ “A Savana mesma era um lago, depois um pântano e não tem sido capaz de sustentar um bosque desenvolvido alto e vigoroso”. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸² Vegetação de: *Sauces*, (*Sambucus nigra* L) *Cortaderas*, (*Gynerium sagittatum*), *Plegadera* (*Lachemilla aphanoides*), *retama*, (*Citissus* Sp) *Espadilla* (*Gladiolus*), *Juncos* (*Schenoplectus Californicus*), *Buchón de agua* (*Eichhornia crassipes*), *Totora* (*Typha latifolia*), *Cebolleta de pantano* (*Allium neopolitanum*), *Poleo* (*Satureia brownei* Sw) e *Cola de caballo* (*Equisetum bogotense* Kunth).

⁸³ Segundo Ghul, o espaço disponível para assentamentos humanos permanentes teve que ser limitado. “Ainda que os espanhóis (Jenny 1948) encontraram a Savana de Bogotá carente de árvores, há razões fundadas para acreditar que a vegetação de prados é antropogénica e não devida a fatores ecológicos e que a vegetação primitiva e original foi predominantemente *boscosa*”⁸³. (GUHL, 1981, p. 34)

⁸⁴ Aldeias em sua maioria localizadas sobre a superfície que hoje ocupa Bogotá, e seus municípios anexos como *Soacha*, *Funza*, *Cota* e *Chía*; com os que se dão atualmente fenômenos de conurbação.

⁸⁵ *Bohío*: *Cabana de madeira coberta de canas, ramas ou palha*. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁸⁶ “O vocábulo ‘*camellón*’ deriva de ‘*camello*’, que significa lombo de terra que fica entre sulco e sulco do arado.” (CARRASQUILLA, 1989, p. 206)

⁸⁷ RECHEL-DOLMATOFF, 1984, p 97.

Molinos, La Carrera (R. Negro), Usaquén (Q. La Perdida). A terceira, *Fucha*, correspondente à parte sul dos *Cerros Orientales*, desde o páramo da *Cruz Verde* até *Monserate*, área na qual, entre outros, nascem os rios *San Cristóbal* e *San Francisco*, que recebe os afluentes de riachos como o de *San Bruno, La Cabaña, La Osa, Plazuela, Laureles, San Blas* e *Ramajal* e o *R. San Agustín*, que nasce no morro de *Guadalupe*. A quarta, correspondente a *Tunjuelo*, cuja nascente está na lagoa dos *Tunjos*. Duas bacias unem-se aos anteriores: o sistema conformado pelo *H. La Conejera* situado ao noroeste da cidade, que corresponde à vazão proveniente do *Cerro de Suba*; e o sistema correspondente ao vale do *R. Teusacá* cuja nascente está no *Páramo del Verjón* e dirige-se ao nordeste para o Vale de *Sopó*⁸⁸.

Vegetação potencial da bacia alta do <i>R. Bogotá</i> (Savana de Bogotá)	
<i>Páramo</i>	Limite <i>Bosque Andino</i> e de páramo, Zona Baixa de páramo, <i>Paramerización</i>
<i>Bosque Andino</i> alto	<i>Bosque encenillo</i> (<i>Weinmannia tomentosa</i>).
<i>Bosque Andino</i> baixo	<i>Bosque Corono</i> (<i>xylosma spiculiferum</i>), <i>Espino</i> (<i>Duranta mutisii</i>) e <i>Raque</i> (<i>Vallea stipularis</i>), <i>Bosque</i> da Planície de <i>Palo Blanco</i> (<i>Rosedendrom donell smithii</i>), <i>Raque</i> e <i>Arrayán</i> (<i>Myrcianthes leucoxyla</i>), <i>Bosque</i> de <i>Mano de Oso</i> (<i>Oreopanax floribundum</i>) e <i>Gomo</i> (<i>Cordia</i>), <i>Bosque Roble</i> (<i>Tabebuia rósea</i>).
Vegetação Zonas secas	Moita <i>Tuna</i> (<i>Opuntia ficus</i>) e <i>Hayuelo</i> (<i>Dodonea viscosa</i> , Moita ou <i>Bosque</i> baixo de <i>Espino</i> e <i>Condalia</i> .
<i>Bosque</i> Z. Inundáveis	<i>Bosque</i> Inundável de <i>Aliso</i> (<i>Alnus glutinosa</i>), Moita Inundável de <i>Laurel</i> <i>Laurus nobilis</i>
Vegetação Z. Úmidas	Comunidades de <i>Juncos</i> , <i>Enea</i> etc. Comunidades flutuantes de <i>Buchón</i> (<i>Eichhornia crassipes</i>), Comunidades de vegetação submersas.

Figura 14 – Quadro da vegetação potencial da Savana. Segundo Thomas van der Hammen.

A mancha verde dos *Cerros Orientales* estava constituída por vegetação de *Paramo*, *Bosque Andino* Alto e Baixo. Os corredores verdes eram constituídos por vegetação de zonas secas, bosques inundáveis e vegetação de zonas úmidas. Infelizmente restaram apenas pequenos redutos da vegetação original. O presente quadro complementa-se com a figura 3.

⁸⁸ A identificação das bacias tem sido realizada a partir dos documentos: “*Cerros de Bogotá*” VILLEGAS Ed. p. 99, e anotações obtidas de cartografia por parte do autor do presente trabalho.

Figura 15 – Bacias hidrográficas de Bogotá.

A cidade tem quatro bacias principais (P-1): 1. Torca 2. Juan Amarillo 3. Fucha e 4. Tunjuelito. Dentro da bacia do Fucha (P-2) situa-se a sub-bacia do R. San Francisco (cor verde escura) 1. R. San Francisco, 2. R. Fucha. Sobre a bacia do R. San Francisco localiza-se a zona histórica da cidade e o Parque Terceiro Milênio-PTM (P-3): 1. Q. San Diego, 2. R. San Francisco, 3. R. San Agustín, 4. R. San Cristóbal. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

Os novos ocupantes da Savana. Fundação e colônia.

Jiménez de Quesada fundou em 1.538 a cidade de *Santafé de Bogotá*, junto aos *Cerros Orientales* e do lado do riacho de *San Bruno* – afluente do R. San Francisco – na área de *Teusaquillo*, lugar de lazer dos *Zipas*⁸⁹, fornecida com abundante água, lenha e terras férteis, conforme as prescrições de fundação de povoados⁹⁰. Os *Cerros Orientales* foram aproveitados como barreira natural de proteção frente aos ventos predominantes, como ponto de vigilância para se prevenir frente aos possíveis ataques dos inimigos⁹¹ e como fonte de extração de madeiras, material indispensável para a construção das edificações e a produção de energia calórica.

⁸⁹ O soberano mais importante foi o *Zipa*, que morava em *Bacatá* (*Funza*); era venerado por seus súditos, possuía grandes riquezas, joias e usufruía de casas de recreio sendo a de *Teusaquillo* a mais importante. (IRIARTE, 1988 p. 31)

⁹⁰ Estas orientações seriam recolhidas e formalizadas pela “*Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias...*”. Apesar de que as *Ordenanzas* de fundação de povoados de Felipe II foram expelidas em 1573, consideram-se também aplicáveis ao caso *bogotano*, pois apesar da diferença de 35 anos entre a fundação de Bogotá (1538) e a expedição das leis, seus lineamentos em matéria de traçado e aproveitamento dos recursos naturais vinham sendo aplicados nas fundações espanholas. (MILAGROS, 1985)

⁹¹ “O que maravilhou aos conquistadores do território *Muisca*, segundo as crônicas a respeito, foi a Savana, não os morros. De fato os primeiros acampamentos espanhóis se levantaram na Savana e somente foi sua preocupante vulnerabilidade o que os levou a trocar de lugar. Assim, a primeira valoração que os espanhóis deram aos *Cerros Orientales* deveu-se à possibilidade de aproveitar suas características topográficas para se proteger.” (VILLEGAS Ed, 2000, p. 125)

Enquanto o assentamento dos povoados indígenas estava localizado nas áreas próximas aos vales de inundação, onde podia ter um aproveitamento agrícola por meio de sistemas de drenagem e camellones, na fundação espanhola escolheu-se um lugar no qual houvesse proximidade aos corpos de água, mas distante das zonas de inundação. O traçado da cidade teve como suporte uma estrutura em xadrez (quadrícula de 100x100 *jardas*⁹²) na qual o espaço central correspondia à Praça Maior, ao redor desta construíam-se as edificações do poder religioso, político e econômico⁹³. O novo assentamento estava localizado entre os rios *San Francisco* e *San Agustín*, que tinham a função de delimitar naturalmente e também de dar água à população recém-assentada.

Como foi mencionado anteriormente, para os espanhóis, os rios tiveram um valor meramente utilitário. As ordenanças de fundação de populações prescreviam o seguinte em relação à proximidade da cidade com os corpos de água: “Procurem ter água por perto, e que possa ser levada ao povo e *heredades*⁹⁴, derivando-a, se for possível, para melhor aproveitamento da mesma”⁹⁵. (Figura 16).

Conforme as ordenanças, as partes altas dos rios foram aproveitadas para a movimentação de moinhos e os primeiros precários aquedutos da cidade: no fim do século XVII, a cidade contava com a água da pila da Praça Maior, que recebia água dos rios *San Agustín* e *Fucha*, “o chafariz de *San Agustín* derivado da *Q. La Peña*, o chafariz de *San Juanito*, alimentado pelo *R. Arzobispo* e também era abastecido por este mesmo rio o chafariz de *Las Nieves*”⁹⁶. Nesta metade do século XVIII, construiu-se o aqueduto que recebeu o nome de Água Nova⁹⁷, que tomou suas águas da sub-bacia alta do *R. San Francisco*.

Nas partes baixas, apesar de acordos da Real Audiência⁹⁸ para evitar o deterioramento da água⁹⁹, os rios foram convertidos em cloacas, depósito de lixo e fezes.

⁹² *Jarda*, medida *anglosajona* equivalente a 0.9 metros. (EL PEQUEÑO..., 2001)

⁹³ “A Praça tem tido na história de Ocidente um claro valor comunitário: tem sido, e ainda é em muitos casos, o lugar para o encontro da comunidade ou de alguns setores especializados dela. [...] A praça é um âmbito público, geralmente descoberto, expressão da escala urbana [...]”. A praça é a herança que deixou na América o traçado da cidade romana: o plano da cidade baseia-se no cruzamento ortogonal de dois eixos: o *Cardo* e o *Decumanu*, em cujo cruzamento define-se um ponto central da cidade. A partir de sua disposição define-se o restante da traça que contém um sistema de espaços públicos, onde os foros conformavam um sistema em que se incorporavam numerosas praças e espaços abertos com prédios monumentais. Em ditos espaços abertos desenvolvia-se a vida pública do cidadão em todas as suas manifestações. (PERGOLIS, 2002, p. 14 e 26)

⁹⁴ *Heredades. Carrasquilla*.

⁹⁵ Livro IV, Título VII, lei primeira. Recompilação de leis dos *Reynos das Índias*. Boix Editor. Madrid, 1841, p. 102. A primeira recompilação das leis foi publicada em 1680. (EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60)

⁹⁶ EAAB, 2003, tomo I, p. 89.

⁹⁷ O aqueduto dos *Laureles* passou a ser chamado de Água Velha.

⁹⁸ A Real Audiência de *Santafé* de Bogotá foi inaugurada no dia 7 de abril de 1550 para concentrar o poder de governar o território e a administração da justiça real no âmbito de sua jurisdição, e substituiu a autoridade do governador pela de um corpo colegiado composto por seus magistrados. A Audiência governou como tal até 1563. (MAYORGA, 2002)

Com o crescimento da cidade, as edificações foram se ajustando e se acomodando ao formato do percurso do rio, sem uma solução diferente à de oferecer a este suas empenas cegas, ficando somente um talude em deficientes condições de higiene como espaço de transição entre a edificação e o leito ou fluxo da água do rio. Por outro lado, as terras próximas aos pântanos e às zonas úmidas não foram ocupadas pelos espanhóis devido ao fato de que, em período de chuvas, inundariam a cidade e também eram consideradas foco de animais venenosos. Sobre este último aspecto, as prescrições de fundação de povoados estipulavam: “Ordenamos que o terreno e cercanias [...] não tenham por perto lagoas nem pântanos onde se criem animais venenosos”¹⁰⁰.

Figura 16 – Relação da cidade com seus corpos de água. Colômbia.

No final do Século XVIII a cidade tinha superado a barreira natural de seus corpos de água (rios *San Francisco* e *San Agustín*) (P-1). Os corpos de água sofrem a ocupação de suas rondas (Imagem 1) e a diminuição do volume de água, produto do alto desmatamento dos *Cerros Orientales* (Imagem 2). Plano 1: “Vista da parte ocidental da cidade de *Santafé*”, de Joseph Aparicio Morata, 1772. Imagem 1: Óleo “Vista do R. *San Francisco*”, de Luis Núñez Borda, 1910. Imagem 2: Pintura “Savana de Bogotá”, de Roberto Pizarro, 1915.

Os espanhóis tinham a mesma percepção negativa sobre os bosques que ocupavam os morros, considerando-os uma fonte de pestilência e doenças¹⁰¹. Este bosque foi desaparecendo progressivamente devido à extração da vegetação, pois a lenha desta

⁹⁹ A primeira norma de proteção dos corpos de água em Bogotá foi o Acordo 8 de março de 1557 no qual se ordenava, entre outras coisas, que “em dito rio [*San Francisco*] não lavem, nem joguem, nem deixem jogar nenhum tipo de imundícias, antes o proibam e mandem as penas que acharem melhor [...]”. (EAAB, 2003, tomo I, p. 65)

¹⁰⁰ Livro IV, Título VII, lei primeira. “*Recopilación de Leyes de los Reynos de las Indias*”. Madrid: Boix Editor, 1841, p. 102. Citado em: EAAB, 2003, tomo I, p. 59-60.

¹⁰¹ “Juan de Castellanos, em 1520, considerou que o bosque nativo era um criadouro de pestilências e encarregou várias quadrilhas de destruí-lo; em 1575, o governo espanhol empreendeu uma perseguição contra os *Nogales* (*juglandaceae Juglans*), por ser a árvore que os indígenas adoravam”. (MOLINA, 1997, passim)

vegetação era um material indispensável para a construção e a produção de energia calórica. Em meados do século XVI estabeleceu-se um serviço obrigatório de *Mita de Leña*¹⁰², que foi posteriormente abolido e trocado pelo serviço de *leñateros* independentes.

Os padrões culturais de relação utilitária entre os novos povoadores com os corpos de água e o recurso florestal determinaram de maneira significativa as características particulares da paisagem durante os três séculos seguintes.

No fim do século XVIII, embora na paisagem fossem predominantes as manchas da vegetação dos depredados *Cerros Orientales*, os corpos de água e os corredores conformados pelas quatro bacias. As duas várzeas dos rios *San Francisco* e *San Agustín* encontravam-se já flanqueadas por uma mancha urbana medianamente homogênea e compacta¹⁰³ que somente estava interrompida pelo percurso destes rios, expandindo-se e diluindo-se na Savana de Bogotá. A *Q. San Deigo* ou *Burburata* ao norte, e a *Q. San Juanito* ao sul atuaram como novos limites naturais. Além dessa mancha na cidade, que se diluía com seus hortos sobre a Savana, localizavam-se as áreas de caráter rural, primeiro os *Ejidos* e *Dehesas*¹⁰⁴, depois os povos de índios¹⁰⁵ de *Suba*, *Usaquén*, *Tunjuelo*, *Fontibón*, *Soacha*, os quais estavam sob o domínio da Coroa Espanhola.

Na paisagem do fim do século XVIII, sobre a Savana de Bogotá evidenciavam-se alguns corredores de mobilidade sobre o território. Estes melhoraram com a construção de *camellones* destinados a facilitar o transporte de pessoas e mercadorias de e para as cidades e povoados do Novo Reino. Sua execução teve como finalidade mitigar¹⁰⁶ o efeito das inundações durante os períodos de chuva: ao norte, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usaquén-Zipaquirá-Tunja*, que posteriormente complementou-se com o *Camellón del Norte* (hoje, Autopista Norte), traçado com cinco varas de largura (4 m) e em linha reta de *San*

¹⁰² Serviço obrigatório exigido às comunidades indígenas, para aportar à cidade, uma cota determinada em cargas de lenha. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 139-140)

¹⁰³ É importante esclarecer dois fatores que faziam que esta mancha não fosse em termos absolutos compacta e homogênea: Por um lado, a tipologia das moradias coloniais corresponde à de casa de pátio, a qual continha no seu interior pequenos hortos ou jardins de caráter doméstico, e por outro lado, ademais havia numerosos hortos que aumentavam sua frequência, conforme a cidade diluía-se na Savana.

¹⁰⁴ O *Ejido* e a *Dehesa*, “[...] campos sem cultivar adjacentes com os lotes da cidade, utilizados para recreação dos vizinhos e como terra de gramados [...]”. (AGUILERA, 1977, p. 37)

Em sua sessão de 12 de janeiro de 1571, o *cabildo* estipulou os limites para a *dehesa* e o *ejido* de Bogotá. (CARRASQUILLA, 1989, p. 21)

¹⁰⁵ O processo de colonização marcou como estratégia para a ocupação e controle do território a fundação de “povoados de brancos” (espanhóis) e “povoados de índios”. A ordenança 36 das leis *de índias* diz: “E que sejam povoados de índios e naturais a quem se possa pregar o evangelho, pois este é o principal fim para que mandassem fazer os novos descobrimentos e povoados”. (GUZMAN, 1987, p. 24)

¹⁰⁶ Apesar dos esforços técnicos, nos períodos de inverno, o *Camellón* do Norte e o *Camellón* de Ocidente convertiam-se em lodaçais durante o período de chuvas.

Diego (Bogotá) até a Ponte do *Común*¹⁰⁷ (*Chía*); no oeste, consolidou-se o caminho *Bogotá-Fontibón-Honda*¹⁰⁸ (hoje, *Av. Jiménez* ou *Calle 13*); no sul, consolidou-se o caminho *Bogotá-Usme- Llanos Orientales* (hoje, *Av. Caracas*); no noroeste, os caminhos *Bogotá-Suba* e *Bogotá-Engativá*; finalmente, no sudoeste, o caminho *Bogotá-Soacha – Fusagasugá* (hoje, Autopista Sul).

O *Camellón* do Norte tornou-se a primeira obra de infraestrutura que alterou o sistema hídrico da cidade ao subdividir uma zona úmida e impedir a continuidade dos corpos de água que desciam dos morros. Para sua construção – parcialmente concluída em 1807 – foi necessário elevar o terreno para encher os sulcos deixados pelos corpos de água que atravessavam o caminho¹⁰⁹. Em um plano de 1805, evidencia-se o traçado do *Camellón* do Norte, atravessando sobre 15 corpos de água que compreendiam vários rios, riachos e as zonas úmidas de *Torca* e *Guaymaral*¹¹⁰.

2.2 Abusos e deterioramento do entorno natural

Os rios são poluídos. Cidade nuclear. Independência e república.

O início do século XIX marcou o fim da colônia; em 1810 deu-se a independência do país, que foi confirmada em 1819. Este fato não marcou nenhuma transformação no que se refere ao tema central deste documento, enquanto a mancha urbana continuou crescendo com a mesma inércia da colônia e a atitude frente ao entorno natural manteve as mesmas práticas negativas que tanto dano causaram ao ecossistema original. (Figura 17).

Como mencionado anteriormente, durante os séculos XVI ao XVIII, executaram-se obras para a construção de caminhos e *camellones*, entre os quais se destacou o *Camellón* do Norte; porém, devido ao fato de que os *camellones* foram construídos sobre áreas de inundação, os povoadores espanhóis e seus descendentes *criollos*¹¹¹ foram obrigados a

¹⁰⁷ Esta foi a única obra de infraestrutura de transporte herdada do período colonial. Atualmente seu traçado corresponde ao da *Carrera 13* e *Autopista Norte*.

¹⁰⁸ Este caminho foi adequado como *camellón* durante o século XVI, cuja construção foi motivada por enchentes do *R. Bogotá*. “Estava o rio tão crescido por esses dias que chegava até *Techo*, junto ao que tem *Juana de Aranda* por estância. Era tão grande a enchente que não havia caminho livre por onde passar, e para ir desta cidade (*Santafé de Bogotá*) a *Techo*, havia tanta água e tantos pântanos [...]”. Era necessário atravessar para o ocidente com ajuda de balsas. (FREILE, 1926, p. 114)

¹⁰⁹ CARRASQUILLA, 1989, p. 206.

¹¹⁰ “Plano em que se manifesta o caminho que passa por *Usaquén* e novamente projetado em *Derechura* (linha reta)”. Arquivo General da Nação. Bogotá: 1805.

¹¹¹ “*Criollo* (do português *crioulo*, e este de criar) é um termo que historicamente foi utilizado no passado colonial sob a metrópole espanhola para designar ao habitante nascido na América de descendência exclusivamente de padres espanhóis ou de origem espanhola. Em meados do século XVIII controlavam boa parte do comércio e da propriedade agrária, pelo que tinham um grande poder econômico e uma grande consideração social, mas estavam deslocados dos principais cargos políticos

enfrentar as impetuosas águas dos rios que inevitavelmente reclamavam seu vale original de inundação durante os períodos de chuvas. Era assim que o *Camellón* do Norte inundava-se nas épocas de inverno, razão pela qual durante a segunda década do século XIX, ele tinha sido abandonado pelas *recuas*¹¹² e os ginetes¹¹³. Por outro lado, as enchentes dos rios produziam grandes estragos, entre os quais se incluíam a morte de alguns animais domésticos, a destruição ou danos ocasionados nas pontes e a inundação das ruas e edificações da cidade¹¹⁴. Vale a pena salientar neste ponto que, para a condução das águas de chuva, criou-se na cidade, em 1890, o Ramo das Águas Sujas e dispuseram-se alguns mandatos com relação ao controle das águas de chuva¹¹⁵.

Figura 17 – Bogotá no começo do século XIX. Cidade nuclear.

Para a época da Independência (1810), a cidade contava com 21.000 habitantes e ocupava uma área de 241 ha (Densidade 87.1 hab./ha). Seu crescimento era lento e compacto (P-1). A cidade mantém como eixos principais os caminhos coloniais (P-2) 1. Do sal - Tunja, 2. “*Camellón* do Norte”, 3. Suba, 4. Engativá, 5. Fontibón, 6. Soacha, 7. Usme. Destes três destacam-se: o caminho a Tunja, *Calle Real* (1) chegando à Praça Maior e duas alamedas que têm como ponto de convergência a Praça de San Victorino. A alameda velha, “*Camellón* do Norte” (2) e a alameda nova, caminho a Fontibon, (3) plano (P-3). Plano 1: Carlos Francisco Cabrer, 1797. Plano 3: Julio C. Vergara e Vergara, 1921. [Plano 2 feito pelo autor].

a favor dos nascidos na Espanha. Qualificava-se também de *criollo* o indivíduo nascido de *criollos*”. Disponível em: <www.wikipedia.com>. Último acesso em: 17 mar. 2009.

¹¹² Recua, “*Grupo de cabalaria ou gado que vão juntos*”. (EL PEQUEÑO..., 2001)

¹¹³ O Pacificador, Pablo Morillo deixou constância do estado do caminho em 1816-17 “O lodoso do terreno não tem permitido acabar esta obra que está traçada sobre o terreno”. (MARTÍNEZ, 1976, p. 150)

¹¹⁴ Em abril de 1710, o rio *San Agustín* teve uma enchente como produto de uma forte granizada, que inundou as ruas e as edificações e estragou duas pontes (p 92). Em outubro de 1814, uma avenida do rio *San Agustín* inundou várias edificações, destruiu a ponte de Lesmes localizado na XX, com XX e produziu outros estragos (p 127). Em 1870, o rio *San Agustín* teve uma grande enchente que levantou pedras sobre as pontes que o atravessavam (p. 179). Em 1872, produziu-se uma gigantesca enchente de todos os rios que sulcavam a cidade, todas as pontes da cidade foram arrasadas, à exceção da ponte do San Francisco e de San Victorino, e a ocasião serviu para que os cadáveres dos réus, na Colônia, se jogassem em suas águas, já que se consideravam indignos de sepultura eclesiástica. (EAAB, 2003, tomo I, p. 181)

¹¹⁵ *Concejo* (Câmara) Municipal. Acordo 18 e 21 de 1890. (EAAB, 2003, tomo I, p. 245)

Com relação à mancha de vegetação sobre os *Cerros Orientales*, é preciso dizer que, em meados do século XIX, tinha diminuído significativamente a tal ponto que o nível da água dos rios que enchiam os aquedutos da cidade estava notavelmente reduzido. (Figura18). De fato, um artigo da Gazeta Médica de 1865 indicava:

Bogotá se ressentia já pela escassez de águas vivas¹¹⁶ que vêm da cordilheira a formar o que chamamos os rios *San Francisco*, *Manzanares* (*San Agustín*) e *Fucha*, cujos leitos dão a conhecer a quantidade de água que corria neles em outros tempos, e que hoje em dia tem sido reduzida a uma porção insignificante e insuficiente para arrastar os imensos depósitos de infecção coletados em suas margens [...] Esta diminuição da quantidade de água dos córregos e dos rios se relaciona com os desmatamentos praticados para fornecer lenha e carvão, único combustível que se consome entre nós.¹¹⁷

Figura 18 – Cerros Orientales. Desmatamento.

Depois da independência a cidade manteve os mesmos vícios herdados da colônia. Continua com a invasão das rondas dos rios e o secado de suas águas (Foto1). Os morros estavam desmatados e as águas negras eram transportadas por pequenos canais a céu aberto situados na parte central das ruas, como se observa no *Daguerrotipo “La Calle del Observatorio”*, do Barón Jean Baptiste, 1842 (Foto 2) e na foto da “*Calle de San Carlos*” atribuída a Demetrio Paredes, 1985 (Foto 3).

Assim, ao comparar a paisagem de finais do século XVIII com a paisagem de finais do século XIX apresentam-se poucas diferenças no que diz respeito à relação da cidade com o sistema hídrico superficial. Porém, vale a pena salientar algumas diferenças: por um lado a

¹¹⁶ Abundante água que flui de forma natural.

¹¹⁷ ZERDÁ, L. apud EAAB, 2003, tomo I, p. 167.

homogeneização das superfícies relacionadas com as sub-bacias dos riachos de *San Diego* e *San Juanito*, os quais no plano da cidade de 1885¹¹⁸ aparecem praticamente cobertas pela mancha da cidade (especialmente a *Q. San Diego*), a superação dos limites da cidade para o oeste, superando o limite gerado pela confluência dos rios *San Francisco* e *San Agustín* e o surgimento de uma incipiente mancha urbana no setor de *Chapinero*, e seu corredor viário que determinaram o posterior crescimento de Bogotá ao norte.

À diminuição da cobertura vegetal sobre os *Cerros Orientales*, a ocupação da cidade sobre os corpos hídricos e a construção de caminhos e *camellones* somaram-se um par de elementos associados às manchas e corredores vegetais, que modificaram a paisagem no final do século XIX, a plantação de Eucaliptos e a transformação de praças como parques urbanos; os primeiros associados aos limites das propriedades e os segundos associados a um projeto político da República.

Os corpos de água murcham-se. Cidade bipolar. Meados do século XIX.

Mesmo que não tenha se estabelecido com precisão a chegada das primeiras sementes de Eucalipto à cidade, alguns registros mencionam que em 1893 plantaram-se os primeiros Eucaliptos no povoado vizinho de *Soacha*¹¹⁹. Três opções de semear foram utilizadas para a localização dos Eucaliptos nas fazendas: a primeira, conformando os limites das propriedades; a segunda, conformando portões e caminhos de acesso às fazendas simulando alamedas; a terceira, como manchas de bosques de árvores destinados à indústria madeireira. A plantação de Eucalipto marcou o início de uma significativa modificação da paisagem da cidade e a Savana de Bogotá, além de secar os solos sobre os quais foram colocados.

Com relação ao segundo elemento, a partir da segunda metade do século XIX se inicia o processo de transformação das praças coloniais por “Parques-jardim”¹²⁰: (Figura 19), nestes parques semearam-se jardins divididos por caminhos em uma rigorosa distribuição geométrica, cujo centro tinha por remate uma escultura ou elemento emblemático e seus limites configuravam-se a partir de um gradil de ferro. Essa transformação evidenciava uma intenção política do governo de finais do século XIX, que consistia em reforçar o sentido

¹¹⁸ Anônimo. Plano de Bogotá feito em 1885. In: MEJÍA, Germán et al. **Histórico de Bogotá 1791-2007**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá: 2007, p. 38.

¹¹⁹ “Segundo Pérez Arbeláez em 1893, Don Pepe Urdaneta plantou o primeiro Eucalipto da Savana de Bogotá no seu sítio em Soacha; outras fontes (Ernesto Guhl) dizem que o Eucalipto foi importado de Nova York pelo presidente Murillo Toro e plantado pelos habitantes da Savana em seus sítios e nos *Cerros Orientales*. Seja como for, esta não foi uma boa ideia, porque uma variedade de Eucalipto (*Eucaliptus Globulus*) resseca o solo em que habita, e parece ser uma das causas da desertificação paulatina que sofre a Savana”. MOLINA, L.F., op.cit., 1995.

¹²⁰ O projeto “Obras de Ornato para a Praça de Bolívar”, elaborado por Jorge Brunch em 1862, é testemunha desta nova visão sobre os espaços públicos da Bogotá de meados do século XIX. (LEÓN, 2008).

patriótico e o respeito pelas instituições, por meio do qual “os novos parques foram convertidos em instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis”¹²¹.

Figura 19 – As praças tornam-se parques.

As praças coloniais de Bogotá sofreram uma transformação significativa no final do século XIX e começo do século XX, época na qual se incorpora o conceito de parque urbano. A Praça Maior (Praça de *Bolívar*) era um espaço com solo duro e sem árvores (Imagem 1). Em 1861 suprimiu-se o mercado semanal e constrói-se um parque com árvores e zonas verdes (Foto 2). Em 1883 são agregadas quatro fontes (Foto 3). Em 1959 recupera-se sua aparência original, projeto do arquiteto Fernando Martínez Sanabria (Foto 4). Imagem 1. Aquarela Edward Mark (Detalhe), 1846. Foto 2: 1916. Foto 3: Luis Trejos, 1916. [Desenhos e Foto 4 do autor].

As terras pertencentes às fazendas de *El Salitre*, *La Chamicera*, *Chapinero*, e *La Merced* durante o século XIX, as quais estavam destinadas principalmente aos usos de lazer, pecuário e agrícola, com cultivos de “*pan coger*”¹²², contribuíram para que boa parte da savana se mantivesse como uma extensa superfície verde com áreas de pântanos e “*cercas vivas*”¹²³, sem a penetração da mancha urbana. Esta situação pode ser atribuída ao fato de que a propriedade da terra estava concentrada em poucas mãos que as mantinham congeladas¹²⁴.

A exceção a esta condição foi marcada pela vila de *Chapinero*, localizado a 5.8 km de Bogotá, mancha que começou com um incipiente processo de ocupação urbana para a segunda metade do século XIX, devido principalmente à construção de uma capela católica (1875) que atraía peregrinos de Bogotá e à localização de 30 a 40 casas e Vilas de

¹²¹ Estas intenções estiveram enquadradas num projeto político que passou à história do país como o da *Regeneración*. “A *regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do *Estado Nacional*. Ideologicamente ela deu início para que os princípios do *conservatismo* (partido político de direita) fossem impostos desde o poder do estado” (MEJÍA, 1999. p. 208).

¹²² Cultivos em pequena escala, que têm como objetivo suprir o sustento diário de seus cultivadores.

¹²³ Corresponde ao plantio de árvores utilizadas para delimitar as propriedades.

¹²⁴ Carrasquilla (1989) indicou que pelo menos 2.900 *fanegadas* (quadrado de 80 m. de lado, 6.400 m²) de terreno da zona do nordeste (da superfície que hoje ocupa Bogotá) estavam congeladas para efeitos de urbanização.

Recreio¹²⁵, assim como de numerosas habitações *pajizas*¹²⁶. (Figura 20). Uma guia de Bogotá descreveu o assentamento de *Chapinero* como lugar de lazer assim: “A pureza do ar e das águas, a beleza de seus campos, a cercania à cidade e a facilidade dos banhos atraem durante o ano as famílias de todas as classes sociais”¹²⁷.

O crescimento de *Chapinero* foi estimulado pela construção da linha do bonde de mulas em 1885 e posteriormente o bonde elétrico em 1910, que facilitou a comunicação com o centro de Bogotá, além da subdivisão por sucessão dos prédios que faziam parte da fazenda de *Chapinero*, durante a primeira metade do século XX.

Quanto à relação entre os corpos de água e a vila de *Chapinero*, o novo assentamento requeria o abastecimento de fontes de água, o que implicou a construção de um novo aqueduto¹²⁸. No aspecto paisagístico, o crescimento da mancha urbana durante os primeiros anos do século XX gerou processos semelhantes aos que teve Bogotá com relação aos percursos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*.

Figura 20 – Bogotá no final do século XIX. Cidade bipolar.

Em 1894 a cidade contava com 95.000 habitantes. Nesta época mantinha a mesma inércia de crescimento herdada da colônia, a novidade mais importante foi o surgimento da aldeia de *Chapinero*, ao norte da cidade sobre o caminho a *Tunja*, que posteriormente tornaria-se o bairro de recreio preferido pelas elites *bogotanas*, (P-2). Assentamento que foi favorecido pela construção do bonde em 1884 (Foto 1), a construção da igreja católica (*Lourdes*) em 1890 e das Vilas de recreio (Foto 2). Plano 1: W. A. e J. M., 1908. Plano 2: (detalhe) da *Oficina de Longitudes*, 1913.

¹²⁵ *Vila de Recreio*.

¹²⁶ Moradia precária construída com materiais vegetais.

¹²⁷ “*Almanaque y guía ilustrada*”. 1881. (MARTÍNEZ, 1976, p. 151)

¹²⁸ Uma reforma do *Ramo de las Águas* de 1886 declarou como propriedade do distrito de Bogotá os riachos de “*La Vieja*” e “*Chapinero*”. O contrato para a construção do aqueduto com canos de ferro para a cidade em 1886 contemplou a construção de redes para esta zona; em 1912 abriu-se um concurso para o esgoto de *Chapinero* e em 1913 incorporou-se a Q. *La Vieja* a este aqueduto.

Na década de 1860, os *Ejidos* da cidade ofereceram-se em um leilão como parte de uma ação política de *desamortización* de bens de mãos mortas, empreendidas pelo general Mosquera¹²⁹. Essa ação abriu o caminho a um processo de subdivisão, venda e sucessão de terras, que concluíram com a urbanização dos lotes correspondentes às antigas fazendas imediatas ao centro urbano. Dessa forma dava-se início a um lento, porém progressivo, processo de ocupação das várzeas dos rios e zonas úmidas da periferia da cidade.

O sistema hídrico, apesar dos corredores de mobilidade que começaram a marcar descontinuidades nos leitos dos rios e a relativa homogeneização de algumas superfícies das sub-bacias – devido à mancha urbana no fim do século XIX e começo do XX – é em parte a razão para que a porção restante da Savana de Bogotá, objeto deste estudo, mantivesse relativamente estável seu sistema hídrico. Porém, as infraestruturas correspondentes ao bonde de mulas, e posteriormente bonde elétrico, e a construção das linhas do Trem do Ocidente¹³⁰ (1889), Trem do Norte¹³¹ (1898) e o Trem do Sul (1903) contribuíram entre outros fatores¹³² para acelerar o processo de expansão da mancha urbana da cidade.

2.3 A cidade enterra seus corpos de água

Canalizam-se e enterram-se os principais rios. Cidade lineal. Início do século XX.

Nos primeiros anos do século XX, ainda quando a população urbana tinha crescido aproximadamente 5 vezes em comparação à população de 1800, a cidade mantinha seu processo de expansão dentro da estrutura herdada da colônia. Porém, devido a seus problemas de salubridade e de mobilidade, foram manifestados os primeiros esforços normativos para regular o desenvolvimento urbano da cidade¹³³.

¹²⁹ Tomás Cipriano de Mosquera (1798-1878) foi um militar, político, reformador e diplomata colombiano, e que foi Presidente da Nova Granada (1845-1849) e dos Estados Unidos de Colombia (1861-1864 e 1866-1867). “Por meio do Decreto de *desamortización* de bens de mãos mortas, expropriou os bens que pertenciam a comunidades religiosas que não podiam ser colocados à venda. As comunidades que se opuseram a este decreto foram abolidas [...]. As terras expropriadas passaram às mãos do Estado, que as vendeu ao melhor comprador. Desse modo, a lei não favoreceu aos camponeses sem terras já que os bens expropriados foram adquiridos por ricos comerciantes e latifundiários. Disponível em: <<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>>. Último acesso em: 19 dez. 2008.

¹³⁰ Em 1908 o Trem da Savana (do oeste) conectou a cidade com o porto (fluvial) de Girardot sobre o rio Magdalena. (IRIARTE, 1988, p. 147)

¹³¹ Essas datas correspondem à conexão férrea de Bogotá com outros povoados da Savana: com Facativá em 1889, com Zipaquirá em 1898 e com Sibate em 1903.

¹³² Outro fator de influência neste processo deve ter sido a subdivisão, sucessão e venda das fazendas, assim como a venda da área correspondente aos antigos *Ejidos* da cidade.

¹³³ “A primeira delas foi o Acordo 10 de 1902, que regulamentou as construções, a abertura de ruas e a urbanização de terrenos. Seguiu-lhe o Acordo 6 de 1914, que regulamentou especificamente as urbanizações, ou seja, a adequação de

Em 1912, a “fronteira natural” ao oeste da cidade estava definida pelas zonas úmidas e pelas áreas de inundação da Savana. Essa foi uma das razões pelas quais a cidade manteve seu crescimento na parte baixa da encosta dos *Cerros Orientales* no sentido norte-sul. Nesta época, a mancha urbana tinha incorporado novos rios e riachos: ao norte, Q. *San Diego*, R. *Arzobispo*, Q. *Las Delicias* e Q. *La Vieja*; ao sul, a Q. *San Juanito* e Q. *La Calera*. (Figura 21). Os rios *San Francisco* e *San Agustín* apresentavam um alto grau de deterioramento e contaminação, e por esta razão, iniciaram-se as obras de canalização dos mesmos, aspecto que será tratado mais detalhadamente na seção 4.

Além das manchas verdes, fazendas e parques urbanos comemorativos de finais do século XIX, em 1910, por motivo da celebração do centenário da independência também se planejaram novos espaços verdes para a cidade, como a construção do Parque de *La Independencia*, localizado no leste do Parque do *Centenario*¹³⁴, que foi cenário de exibição de uma exposição cujo propósito era mostrar os novos avanços tecnológicos que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida em Bogotá e também fazer um chamado à industrialização da cidade.

Figura 21 – Bogotá no começo do século XX. Cidade lineal.

Em 1912 a cidade contava com 121.257 habitantes e ocupava uma área de 530 ha (densidade 228.7 hab./ha). Ao consolidar-se *Chapinero* como polo de crescimento, apareceram novos bairros no eixo de conexão com o centro, (P-1), esta configuração de “cidade lineal” afetou os corpos de água que desciam dos Morros. Destacam-se as manchas das zonas úmidas (P-2): 1. *Torca*, 2. *Guaymaral* 3. *La Conejera*, 4. *Juan Amarillo*, 5. *Jaboque*, 6. *Santa María del Lago* 7. *Capellánía* 8. *La Vaca*, 9. *El burro* e 10. *Tibanica*, com suas áreas de inundação. As manchas e corredores verdes (P-3) mantêm-se na margem dos rios e zonas úmidas e na cidade como alamedas, os Morros mantêm seu alto nível de desmatamento. Plano 1: Gregorio Hernández, 1913. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

terrenos para a construção. O Acordo 15 de 1917 criou a Junta de Obras Públicas Municipais, encarregada de regular a aplicação das normas”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹³⁴ Para maior informação consultar MARTINEZ; DUENAS et al., 2006, p. 6-29.

Em 1923, a cidade contava com 143.994 habitantes¹³⁵, a mancha urbana homogênea e compacta tinha se estendido para o leste sobre a linha do bonde e da ferrovia, finalizando no setor de *Paiba*, nas imediações da Estação da Savana¹³⁶. A esta mancha somava-se outra no oeste da cidade e sobre o caminho a Fontibón (*Calle 13*) e a *Calle 10*, correspondente ao bairro obreiro *Ricaurte*, que limitava no costado sul com o *R. San Francisco*.

É preciso esclarecer que nesta época a cidade estabeleceu como “unidade” de crescimento o bairro – obreiro ou residencial – que mantinha o traçado em xadrez herdado da cidade colonial, com seu respectivo centro definido por um parque ou praça, elementos que conferiam identidade, e ao redor deste estabeleciam-se equipamentos religiosos, educativos, de saúde e assim por diante.

No sul do centro histórico, segundo um plano de 1932, aparecem novas manchas urbanas, correspondentes aos bairros, *San Javier*, *La María*, *San Cristóbal*, *20 de Julio* e *Sur América*. No sudoeste, atravessando a linha do bonde do leste, observava-se a adesão dos bairros populares, *Restrepo*, *Santander*, *Libertador*, *Bravo Pérez* e *Santa Lucía*. Ao norte, a mancha da cidade estendeu-se muito mais do que no sul, gerando uma configuração lineal, associada às linhas do bonde elétrico e o Trem do Norte, corredores aos quais se aderiram manchas urbanas entre as que se destacaram os bairros *Quesada*, *Sucre* e *Chapinero*. Sobre o corredor viário da *Calle 68* que se projetava para o noroeste da cidade, também se observavam assentamentos projetados, como o bairro *Colombia*, *Gutt*, *Las Granjas*, *La Paz*, *7 de Agosto* e *Uribe Uribe*.

Vale a pena esclarecer neste ponto que as manchas urbanas que apareceram nas primeiras décadas do século XX podem ser atribuídas ao crescimento populacional, os processos de subdivisão e venda das antigas fazendas e vilas de recreio – fator que estimulou os processos de urbanização empreendidos pela empresa privada, que ofertava cômodas moradias para as elites no norte da cidade – à promoção de projetos de residências para obreiros, em primeira instância orientadas pelas organizações de beneficência¹³⁷ e posteriormente como parte das políticas da administração estatal e da cidade¹³⁸, e finalmente às possibilidades que ofereciam os sistemas de transporte público

¹³⁵ Censo da população da República da Colômbia realizado no dia 14 de outubro de 1918.

¹³⁶ Estação de trem, localizada sobre a *Av. Centenario (Calle 13)* com *Carrera 20*, inaugurada em 1917. Construção de estilo neoclássico, desenhada pelo engenheiro William Lidstone. (CORPORACIÓN...; ESCOBAR et. al., 2004, p. 304)

¹³⁷ Projetos de moradia de obreiros promovidos pelas organizações de Beneficência. SALDARRIAGA, A. Inédito

¹³⁸ O primeiro pronunciamento do Estado colombiano com relação ao problema da moradia foi a lei 46 de 1918 pela qual se dá uma medida de salubridade pública e se provê a existência de habitações higiênicas para a classe proletária. SALDARRIAGA, A. *Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX*. In: **Vivienda social**. Bogotá: CEJA, 2003, p. 27.

motorizado, que ingressaram à cidade na década de 1930 e contribuíram durante as seguintes décadas para a expansão tentacular e atomizada da mancha urbana no noroeste e sul da cidade¹³⁹.

Apesar da relação da mancha urbana com os corpos de água, o traçado dos bairros atuais e projetados durante a década de 1920 adotaram os rios como limites, sem dar soluções de transição entre as margens dos cursos de água e as edificações, como se no futuro o destino da malha urbana fosse completar sua homogeneidade do outro lado do percurso, passando indiferente sobre o corpo de água. Assim o evidenciaram os traçados de vários bairros projetados da cidade em 1932: ao norte, o bairro *El Retiro* com a *Q. De La Carrera*, o bairro *Rionegro* com o rio de mesmo nome, os bairros *Quinta Camacho*, *La Concepción*, *Colombia* e *Las granjas* com a *Q. La Vieja*, os bairros *Rosario*, *La Paz* e *San Fernando* com o *R. Salitre*, os bairros *Santa Teresita*, *Palermo* e *La Constructora* com o *R. Arzobispo* e o bairro *Teusaquillo* com a *Q. Tequenusa*; no centro-oeste, o bairro *Puente Aranda* com o *R. San Francisco*; finalmente os bairros projetados ao sul da cidade, *Girardot* com a *Q. San Juanito*, o bairro *Santa Ana* com a *Q. Teñidero* e o bairro *Restrepo* com o *R. San Cristóbal (R.Fucha)*

Certamente – igual ao período colonial e republicano – a mancha da cidade em malha americana continuou desconhecendo os leitos dos corpos de água que depois ficariam cobertos pela mancha urbana (vias e edificações) com o passar do tempo. A única exceção a esta condição foi constituída por alguns parques urbanos que incorporaram a água como objeto de lazer e contemplação, mas que igualmente estavam condenados a desaparecer com o passar dos anos: esse foi o caso dos parques de *San Diego*¹⁴⁰, *Luna Park*¹⁴¹ e *Lago Gaitán*¹⁴². (Figura 22).

¹³⁹ A partir da década de 1930, começaram a se formar cooperativas de transporte público de ônibus. Se bem que nesta época a extensão e cobertura das rotas não superavam a dos bondes. Na década de 1940 a diferença começava a se fazer visível: o crescimento do número de ônibus passou de 200 a 1522 unidades, entre 1931 e 1949, em comparação ao número de bondes, que decresceram de 73 a 65 unidades nas mesmas datas. (MARTINEZ; DUEÑAS, 2006, p. 6-29)

¹⁴⁰ O Parque de *San Diego* (1883) localizado na *Carrera 7a* com *Calle 26*, antes de se converter no emblemático parque do *Centenario* (1886), tinha um pequeno lago associado à várzea da *Q. de la Burburata*, que se perdeu com a realização das obras.

¹⁴¹ “Aproximadamente em 1923, Nicolás Liévano (*Compañía de Desarrollo Urbano*) construiu o parque de atrações *Luna Park*. Represou o rio *Fucha* com uma comporta situada na atual *Carrera 21*, com o que conseguiu um estupendo lago de águas cristalinas que chegava até a atual *Avenida Caracas*”. Foi o principal espaço de recreação para os habitantes do sul da cidade. Infelizmente, “A empresa fechou em 1942 e o lago foi recheado com os escombros dos distúrbios de 9 de abril de 1948”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

¹⁴² O Parque *Gaitán* (1922), localizado na *Calle 77* com *Carrera 15*, continha um pequeno lago e espaços verdes, e por um tempo foi centro de recreação do norte da cidade. Infelizmente, foi fechado e depois urbanizado na década de 1950. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Panorama Turístico de 12 Localidades. Bogotá, 2004.

Na paisagem no oeste da cidade mantinham-se as manchas das zonas úmidas¹⁴³, e as áreas inundáveis nas quais se destacavam as de *Guaymaral, Torca, La Conejera, Capellanía, Santa María del Lago, Jaboque, Juan Amarillo, de Córdoba, Del Burro, De la Vaca, de Techo e Tibanica*. Assim como os lagos *Los lagartos*, ao norte, e *La Florida*, no oeste.

Figura 22 – Parques recreativos para Bogotá.

Em 1920, Bogotá contava com 230.000 habitantes. Surgem novos bairros no noroeste e sul da cidade (P-1). Há assentamentos que não obedecem a um plano urbano, razão pela qual a imagem é de uma “cidade fragmentada”. Como espaços de lazer aparecem: em 1922, o parque Lago *Gaitán* (Foto 1) e, em 1923, o parque *Luna Park* (Foto 2), o primeiro ao norte e o segundo no sul da cidade. Infelizmente esses dois parques foram fechados e urbanizados. Plano 1, Bogotá. 1932. *Secretaria de Obras Públicas*, 1932. Fotos 1 e 2: *Fundación Misión Colombia*.

As manchas verdes dentro do casco urbano estavam constituídas pelos parques antes mencionados e outras manchas menores semelhantes ao tamanho de quarteirões correspondentes aos parques *Lourdes, Ricaurte, Sucre (Calle 42 com Carrera 8a); Mártires e España*. Igualmente ainda se mantinha a presença de áreas verdes no interior dos quarteirões, correspondentes aos quintais das residências ou prédios institucionais, que desapareceram nas décadas seguintes durante os processos de subdivisão de lotes e de maior densidade populacional dos quarteirões¹⁴⁴.

¹⁴³ “As áreas úmidas são ecossistemas de grande valor natural e cultural, constituídos por um corpo de água permanente ou estacional de pouca profundidade, uma franja ao redor que pode se cobrir por inundações periódicas (*Ronda hidráulica*) e uma franja de terreno não inundável, chamada Zona de Manejo e Preservação Ambiental”. (DEPARTAMENTO....2004.)

¹⁴⁴ “Estes espaços, quintais e lotes onde abundavam as árvores e cultivos que supriam a carência total de parques e jardins públicos na cidade converteram-se logo em espaços construídos”, [mas infelizmente] “Se tornou comum que os donos das grandes casas, os habitantes mais opulentos da capital, dividissem a planta baixa em pequenos locais ou quartos denominados “*lojas*”, que alugavam como habitação às classes mais populares”. (VILLEGAS Ed., 2000, p. 167-169)

Com uma maior extensão também se destacavam como manchas verdes os parques emblemáticos do *Centenario* e de *La Independencia* no setor de *San Diego*¹⁴⁵. A área restante, no oeste da cidade, correspondia às propriedades que faziam parte de antigas fazendas e os lotes de alguns equipamentos institucionais, entre os quais se destacavam o *Sagrado Corazón*, a Escola Militar em *San Diego* e o Cemitério Central¹⁴⁶.

Além das manchas descritas, ao oeste e ao norte da cidade a Savana dilatava-se até o *R. Bogotá* com as antigas fazendas e cultivos de cereais. O pensador e humanista colombiano Luis López de Mesa¹⁴⁷ registrou os seguintes versos sobre o aspecto da Savana de Bogotá, em uma de suas viagens no Trem da Savana:

En frente de mí se mostraba la llanura de un verde reposante en su amplitud de cuarenta kilómetros, hasta arriscarse en los cerros de Facatativá, de donde salta la vista a vuelo de pájaro a través de la invisible llanura del Magdalena sobre las cumbres más altas de la cordillera central, como el Nevado del Tolima, cuya pirámide esplendente preside el panorama remoto [...] La gran llanura, nuestra amada planicie, dilatava enfrente de nosotros el verde amarillento de sus pastos y el verde oscuro de sus arboledas, hacia el ocaso, por leguas y leguas de distancia, hasta morir, suavemente vagarosa, contra la falda azulina de la lejana cordillera.

Com relação à mancha verde dos Cerros Orientales, é preciso dizer que continuou o processo de desmatamento durante a segunda década do século XX. Frente ao problema da diminuição do caudal das águas do *R. San Francisco*, alguns estudiosos advertiam sobre a importância de evitar a erosão dos solos dos morros (TRIANA, 1914), e recomendavam a utilização de vegetação nas margens dos rios para evitar a dessecação de seus leitos:

De fato, as plantas que cobrem uma superfície úmida não somente a protegem do contato dos ventos diminuindo assim a evaporação, mas também que comunicam pelas raízes as condições porosas de uma esponja, para armazenar água durante o tempo chuvoso com o fim de soltá-la

¹⁴⁵ Este espaço é de singular e significativo interesse para a cidade. Coincidente com sua inauguração realizou-se a “*Exposición agrícola e industrial*” (1910) para a qual se construíram vários quiosques (a música, japonês e a luz) e vários pavilhões (indústria, belas artes, máquinas e egípcio). (MEJÍA, G. 2004, p. 514)

¹⁴⁶ A construção do Cemitério Central (católico) iniciou-se em 1827, em um lote localizado sobre o caminho a *Engativa*, com planos elaborados pelo engenheiro Esquiaqui, e modificado anos depois por Rafael Alvares Bastida. Ao final de 1836 começou a operar. (CORPORACIÓN...; ESCOVAR, 2004, p. 355)

¹⁴⁷ LÓPEZ DE MESA, 1929, p. 237.

devagar durante o tempo seco, por esta razão os córregos formados sob o frescor de uma vegetação exuberante são mais persistentes do que os que correm por terrenos desflorestados.¹⁴⁸

Porém, em 1918¹⁴⁹, empreenderam-se atividades de reflorestamento que pretendiam recuperar a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*; infelizmente esta ação não foi bem sucedida, pois se plantaram espécies exóticas – Pinheiros e Eucaliptos – que causaram um efeito negativo sobre os solos escarpados dos morros¹⁵⁰.

Quanto ao abastecimento de água, os bairros que surgiram na década de 1920 e 30 em vários casos careceram de um planejamento adequado, e foram evidentes as necessidades de abastecimento de água, sistemas de esgoto e impermeabilização das superfícies para garantir a circulação do transporte automotor. Assim, no ano de 1931, a cidade projetava obras de pavimentação “*macadamización*”¹⁵¹, conserto de ruas, e aproximadamente 50.000m de esgotos para aqueles bairros que a *Camara Municipal*¹⁵² denominou “os bairros extremos da cidade”¹⁵³.

Como foi exposto anteriormente, durante as décadas de 1920 e 30, a mancha urbana apresentava uma estrutura tentacular e atomizada estendendo-se ao sul e ao noroeste da cidade, e aumentava a preocupação da administração para planejar o crescimento futuro. Assim, a prefeitura empreendeu iniciativas de planejamento das quais se destacavam as propostas do Plano Bogotá Futuro¹⁵⁴ em 1923, e as iniciativas do arquiteto urbanista Karl Brunner que foi contratado em 1933 para assumir a direção do recém-criado Departamento de Urbanismo de Bogotá¹⁵⁵. (Figura 23).

¹⁴⁸ A propósito destas recomendações, Triana propunha a plantação de espécies nativas como o *Arboloco* (*polymnia pyramidalis*) e outras espécies de tipo arbustivo. (TRIANA, 1914, p. 5-14)

¹⁴⁹ “Em 8 de abril de 1918 começou na fazenda de *San Francisco*, na vazia do *San Cristóbal*, aos trabalhos de arborização [...] como o Aqueduto não tinham viveiros preparados e as únicas árvores que se conseguiam eram Eucaliptos, ao princípio a plantio se fez unicamente com este tipo de árvore, mas em atenção às opiniões emitidas por alguns expertos, entre outros pelo Mr. Daw, no ano passado se tem dado preferência aos Pinhos (*podocarpaceae*)”. (EAAB, 2003, tomo 1, p. 422)

¹⁵⁰ GHUL, E. apud EAAB, 2003, tomo 1, p. 423)

¹⁵¹ Sistema de melhoramento de vias adotado pela cidade, “construção de uma superfície de rodado de um caminho usando 3 camadas de materiais (pedras) de diferentes tamanhos, colocando a mais grossa embaixo e a mais fina por cima, e depois compactando com *rodos* e tráfego [...]”. Segundo Guillermo Noffal. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?macadam>>. Último acesso em: 21 jan. 2009.

¹⁵² *Concejo. Camara Municipal*: órgão legislativo do Município.

¹⁵³ Os Bairros Unidos de *Chapinero: Rosario, La Paz, Uribe-Uribe, La Sallé, Urbanización San Felipe, Gaitán, La Constructora, Quesada. La Perseverancia, Nordeste, La Serpentina* (atualmente bairro *Restrepo*), *Chiquinquirá, Ricaurte e Seminario*. Alcaldía de Bogotá. “*Las necesidades de los barrios extremos*”. In: Registro Municipal. Bogotá, 1931.

¹⁵⁴ Os primeiros planos da cidade (*Bogotá Futuro* e o de Karl Brunner) enquadram-se na linha de planos de *ensanche* do urbanismo europeu do século XIX. “Neles se pretendeu estabelecer, por meio de desenhos da cidade ou de seus fragmentos, os parâmetros ordenadores de uma cidade harmoniosa em cada um de seus componentes”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 88)

¹⁵⁵ Foi criado como dependência da *Secretaria de Obras Públicas Municipales*, segundo o Acordo 28 de 1933, que em seu artigo 2 prevê: “O *Departamento de Urbanismo* estará encarregado do planejamento da cidade futura, do estudo da legislação que regulamente as urbanizações e facilite a abertura e melhoria das vias urbanas e em geral de todos os problemas de urbanismo relacionados com o desenvolvimento da cidade”. (LEMUS, 2006, p.64)

Figura 23 – Primeiros planos urbanos para Bogotá. Exíamples.

Em 1923 a Oficina de Obras Públicas elabora o plano “Bogotá Futuro” (P-1) sendo este o primeiro esforço de planejamento e regulação da cidade. Porém, foi o urbanista austríaco Karl Brunner que, a partir de 1933, realizou uma série de propostas para a cidade (P-2), projetando novos eixamples (cor vermelha); ampliação da rede viária, incorporando o conceito de avenida parque, *Av. Caracas* (Foto 2) e a construção de parques urbanos como o “Paseio Bolívar”. (Foto 3). Plano 1: Engenheiro Enrique Uribe Ramírez. Plano 2: “Obras em Bogotá” MAMBO 1989. Foto 1, Foto 2: Museu de desenvolvimento urbano.

As ideias urbanas de Brunner

[...] se identificaram com as de seus maestros do urbanismo da primeira modernidade europeia, que conceberam a cidade como uma entidade estética ordenada, ambientalmente agradável e apta para a vida do ser humano, com uma forte participação estatal em sua construção e com um sentido social ao mesmo tempo aristocrático e democrático.¹⁵⁶

Neste sentido, a concepção urbanística de Brunner previa três níveis em relação à adequação de superfícies públicas, destinadas a fazer parte integral da estrutura urbana: as vias arborizadas – bulevares – as praças e os parques florestais, que procuravam a vinculação com os espaços (zonas) verdes já existentes na cidade¹⁵⁷.

Vale a pena citar alguns projetos enquadrados nesta concepção urbanística. No projeto da Avenida *Caracas*, Brunner vinculou os critérios necessários para o manejo de uma via de alta capacidade (40 metros de perfil) com o conceito de bulevar conformado por faixas e um canteiro central gramado e arborizado. A proposta também incluía a integração (por

¹⁵⁶ CORTES, Fernando. Karl Brunner. La construcción de la ciudad como espacio público. In: SALDARRIAGA, 2000 p.100.

¹⁵⁷ HOFFER, 2003, passim.

meio de franjas verdes) da *Av. Caracas* e do corredor do *R. Arzobispo* à altura da *Calle 39*¹⁵⁸. Quanto aos parques florestais, pode se salientar o estímulo que Brunner deu à materialização dos projetos do Parque Nacional¹⁵⁹ e o Passeio *Bolívar*¹⁶⁰, conectados à mancha verde dos *Cerros Orientales*.

Infelizmente, da gestão de Brunner, poucas obras permanecem na cidade atualmente. Porém, Brunner teve um aporte significativo ao abrir um caminho para o reconhecimento da importância da rede verde conformada por manchas e corredores no interior das superfícies urbanizadas, vinculados em alguns casos aos corpos de água, como no caso do *R. Arzobispo* já mencionado, e o *R. San Cristobal* para o qual se propôs uma vinculação ao tecido verde da cidade.

Centro homogêneo. Cidade fragmentada. Meados do século XX.

A paisagem da cidade em 1953 evidenciou o resultado do progressivo avanço da urbanização da Savana de Bogotá durante as primeiras décadas do século XX. A mancha urbana estendeu-se para o oeste de maneira homogênea e compacta – especialmente no norte e centro – e de maneira dispersa, no sul da cidade. Esta configuração dava como resultado um formato de “meia-lua” cujos limites extremos eram, no oeste, a *Av. Cundinamarca (Av. Carrera 30)* e no leste, a mancha verde dos *Cerros Orientales*, que lentamente começava a se recuperar da ação predadora do homem durante os quatro séculos anteriores. Além do limite da *Av. Carrera 30*, estendia-se o corredor da *Av. de las Américas*¹⁶¹ (via parque) que conectava a cidade com o recém-construído Aeroporto de *Techo*¹⁶². Naturalmente, já começavam a aparecer as manchas urbanas associadas ao traçado como o bairro *Puente Aranda*. Além disso, apareceram outras manchas urbanas

¹⁵⁸ HOFFER, 2003, passim.

¹⁵⁹ Projetos como o *Parque Nacional* existiam com anterioridade à chegada de Karl Brunner, porém, o mérito do arquiteto austríaco reside no fato de ter respaldado firmemente sua materialização.

¹⁶⁰ No assentamento subnormal sobre os *Cerros Orientales*, em 1925 inicia-se o estudo para o saneamento do setor. Em 1936 Karl Brunner apresenta a proposta do *Passeio Bolívar*. “Contemplo a conformação de um grande Parque Florestal Urbano, prolongação do Parque Nacional, com instalações adequadas de recreação popular [...] Como elemento articulador propunha a conformação de um Passeio Urbano definido como uma grande *Terraza Mirador* sobre o espetáculo da cidade e a Savana”. CORTES, Fernando. “*Karl Brunner: La construcción de la ciudad como espacio público*”. Catálogo exposición, Museo de Arte Moderno de Bogotá. Bogotá, 1989 p. 8.

¹⁶¹ Construída em 1948 com uma largura média “entre *paramentos* (distância entre fachadas) de 114 m. com comprimento de 6,5 km desde a *Calle 26* com 34 até o aeroporto de *Techo*. O caráter da avenida é “*Park way*” implementando bosques irregulares, e arborização de acordo com princípios de “*Jardim Inglesa*” com árvores e arbustos *sabaneros*”. (RITTER, 1946, p. 30)

¹⁶² “Primeiro aeroporto da cidade de Bogotá construído em 1930, situado no setor de *Techo* [...] Sua ubicação e instalações físicas não eram as mais adequadas, tendo em conta o crescimento do transporte aéreo [...] As inundações frequentes da plataforma constituíram outro grande problema, ademais de que o largo da pista era insuficiente e o edifício Terminal era demasiado estreito para receber a quantidade de passageiros”. Disponível em: <[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)>. Último acesso em: 5 nov. 2008.

sobre o traçado da *Calle 68* no noroeste da cidade, como os bairros *San Fernando* e *Las Férias*, consolidando este eixo como novo polo de crescimento da cidade.

Na década de 1950, o sistema hídrico da cidade estava substancialmente modificado, tinha sido encanado e enterrado e, sobre os mesmos, construíram-se novas avenidas. A saber, no centro, sobre a *Q. San Juanito*, a *Calle 4ª*; sobre o *R. San Agustín*, a *Calle 6ª*; sobre o *R. San Francisco*, a *Av. Jiménez*; e sobre a *Q. San Diego*, a *Calle 26*. Ao norte, sobre a *Q. Las Delicias*, a *Calle 62*, *Q. La vieja*, *calles 68 e 70*. Ao sul, o *R. San Cristóbal (Fucha)* tinha sido incorporado à mancha da cidade. Nesta mesma época canalizaram-se a céu aberto os rios *San Francisco (Calle 6ª)*, a partir da *Av. Caracas* e o *R. Arzobispo (Calle 39)*, a partir da *Carrera 7ª*. Com estas obras hidráulicas, seguramente, iniciou-se o processo de “manejo técnico” dos rios desconhecendo seu papel como elementos importantes do ecossistema do centro da cidade. (Figura 24).

Figura 24 – Bogotá em meados do século XX. A cidade que Le Corbusier viu.

Em 1951 a cidade tinha 715.250 habitantes e ocupava uma área de 2.700 ha (densidade 264.9 hab./ha, a maior da cidade). Mantinha-se seu crescimento desordenado e aumentaram-se os desenvolvimentos ilegais (favelas) ao noroeste e sul da cidade (P-1). As zonas úmidas mantêm suas áreas, mas perderam boa parte de suas zonas de inundação (P-2). Na Savana (P-3) diminuem-se os corredores verdes dos rios, riachos e margens das zonas úmidas; os Morros continuam desmatados e na cidade incrementam-se os corredores viários das avenidas arborizadas. Plano 1: “*Bogotá e seus ao redores*”, IGAC, 1954. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Como foi dito anteriormente, o leito do *R. San Francisco* foi encanado e enterrado (1927) até a *Av. Caracas*. A partir deste ponto foi canalizado a céu aberto e também se mudou seu percurso obrigando-o a continuar pela *Calle 6ª* (atualmente *Av. Comuneros*) até o ponto identificado desde a colônia como *Puente Aranda*, até finalmente continuar seu descenso pelo leito natural.

O *R. Arzobispo* estava flanqueado pela traça urbana correndo por um canal a céu aberto até a *Calle 24*, continuava no seu curso natural, conformava pântanos que variavam de extensão, segundo a época do ano, inundando os lotes da Cidade Universitária – que a partir deste ponto recebe o nome de *El Salitre* – cujas águas a jusante estavam margeadas pela mancha urbana associada aos novos bairros (*San Fernando e 12 de Octubre*) que apareceram sobre a *Calle 68*, de tal forma que seu destino seria se ocultar sob a homogeneização das superfícies urbanas. Por sua vez, o *R. San Cristobal (R. Fucha)* no sul da cidade ainda corria pelo percurso natural. Finalmente, as bacias dos rios *Torca, Juan Amarillo e Tunjuelo*, ainda não tinham sido cobertas pela mancha urbana.

Nas manchas verdes da cidade continuou prevalecendo a associação aos *Cerros Orientales* (em processo de recuperação)¹⁶³ com a qual se conectava a cidade, entre outros elementos pontuais, por meio do Parque Nacional, o Passeio *Bolívar*. Também se destacavam na periferia ocidental a *Av. de las Américas*, a Cidade Universitária, a área imediata ao estádio *El Campín*, *El Bosque Popular* (jardim botânico) e o Batalhão *Caldas*; no sul, o Hospital *San Juan de Dios* e a Escola de Polícia; ao norte, o Parque *Gaitán*, a Escola Militar e o *Cantón* Militar Norte. No setor privado, o Hipódromo de *San Isidro* ou *Techo* (1954), a *Quinta Mutis* e o Clube de *Los Lagartos* (1950), este último ao norte da cidade, que dali em diante protegeria o lago de mesmo nome, estava destinado às elites sociais da cidade.

O Clube de *Los Lagartos*¹⁶⁴ evidenciou um padrão que se replicaria durante as décadas seguintes: as áreas de manchas verdes no norte da cidade passavam ao domínio de mãos privadas, tornando-se áreas de acesso restrito, destinadas exclusivamente ao aproveitamento das elites sociais da cidade. Em contraposição, no sul, nas imediações dos rios *Fucha* e *Tunjuelo* em algumas áreas dos *Cerros Orientales* – onde existia exploração de pedreiras – os elementos naturais estiveram associados à marginalidade e à miséria: durante as décadas seguintes do século XX, os camponeses provenientes de outras zonas do país, deslocados pela violência, ocuparam as áreas de risco pelo deslizamento, remoção em massa e inundação, estreitando-se dessa forma, com o passar dos anos, o vínculo entre marginalidade urbana e riscos naturais.

¹⁶³ “A municipalidade de 1916 e 1917 realizou todas as compras [...] e ordenou que todos os terrenos adquiridos foram entregues à Empresa de Aqueduto para que os cuidara, administrara e arborizara [...] cobrindo estes uma extensão aproximada de 7.000 *fanegadas* (4.480 ha), dividiram-se em três porções para seu manejo: a bacia do *San Cristóbal*, a do *San Francisco*, e a do *Arzobispo*”. PORTOCARRERO, Alberto, ata 361 de 28/02/20 EAAB. In: EAAB, 2003, tomo I, p. 421.

¹⁶⁴ “Sob a iniciativa de um grupo de amigos engenheiros, em 1936 se inicia o “Clube *Los Lagartos*”, com a compra de terrenos próximos à cidade de Bogotá, na antiga *heredad* chamada *Muriel*, onde se encontravam as fontes de águas termais, se tornou um lugar de recreio para a elite da cidade, seu desenvolvimento principal se deu entre 1947-1950 com as construções executadas pela firma *Cuellar Serrano Gómez*”. (CUELLAR..., 1948, p. 7)

2.4 Ventos de modernização da cidade

O “*bogotazo*” e os projetos de modernização da cidade. Cidade Imaginada.

No fim da década de 1940, o país e a cidade assistiram ao recrudescimento da onda de violência política motivada pelo radicalismo bipartidário que foi gerada várias décadas antes. Em 9 de abril de 1948, foi assassinado o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitán, e após sua morte desataram-se numerosos feitos violentos que, entre outras coisas, deixaram seu rastro em Bogotá ao ser incendiadas e destruídas várias edificações do centro. Este cenário de destruição resultou favorável para a administração da cidade. De fato, as autoridades municipais aproveitaram a oportunidade para executar um plano urbanístico para o qual contrataram o arquiteto e urbanista Le Corbusier, que elaborou o Plano *Piloto* de Bogotá¹⁶⁵ e os arquitetos e urbanistas Wiener e Sert para a elaboração do Plano *Regulador* de Bogotá¹⁶⁶.

Este trabalho precisa fazer algumas considerações com relação ao Plano *Piloto* de Le Corbusier, pois este apresentou uma interessante proposta sobre o sistema hídrico, que somente seria retomada a partir de outros antecedentes¹⁶⁷ com a formulação do conceito de Estrutura Ecológica Urbana no POT de Bogotá, no ano 2000. O Plano *Piloto* de Le Corbusier organizava Bogotá a partir dos corpos de água, em três unidades: a primeira, denominada de “cidade sul”, destinada aos bairros obreiros, localizada entre o *R. Tunjuelito* e o *R. Fucha*; a segunda, denominada “cidade centro”, de gestão e negócios entre o *R. Fucha* e o *R. Arzobispo*; a terceira, chamada “cidade norte”, destinada aos bairros das elites econômicas, localizada entre o *R. Arzobispo* e o *R. Negro*.

No sentido leste-oeste, o plano estabeleceu duas zonas: a área urbana entre os *Cerros Orientales* e a *Av. Carrera 30*, e a área rural e núcleo industrial entre a *Av. Carrera 30* e o limite ocidental da cidade. O plano ademais propôs áreas verdes de transição entre a zona urbana e zona rural, e áreas verdes de proteção nos *Cerros Orientales* e no limite ocidental da cidade. E assim também estabeleceu uma área de proteção para o *R. Bogotá*, e com a margem oeste da cidade, propôs uma franja verde de 500 metros de largo paralela à

¹⁶⁵ Plano dado a conhecer por Le Corbusier em 1950 e adotado pela cidade por meio do Decreto 185 de 1951.

¹⁶⁶ O Plano *Regulador*, elaborado pelos arquitetos e urbanistas Wiener e Sert, corresponde a uma segunda fase do Plano para Bogotá. A primeira fase foi o Plano *Piloto* realizado por Le Corbusier. (HERNÁNDEZ, 2004, p.100)

¹⁶⁷ Como se indicou na seção 1, a inclusão do conceito de EEU no POT de Bogotá surgiu a partir das reflexões que tinham sido gestadas com anterioridade no âmbito institucional e acadêmico, destacando-se especialmente os aportes do professor van der Hammen.

Av. Carrera 30, conformando uma rede de espaços verdes que se integram à cidade com o seu entorno natural.

Na proposta do arquiteto franco-suíço destacaram-se os seguintes aspectos: a inclusão de um olhar regional do território, a prioridade de conservar os *Cerros Orientales* e os corpos de água com o propósito de proteger o sistema hídrico da cidade e a Savana de Bogotá; a intenção de aproveitar os corpos de água para a conformação de uma rede verde que integrara o território todo, desde os *Cerros Orientales* até o *R. Bogotá*; e, finalmente, a proposta de franjas verdes no limite urbano e do município, que integrariam transversalmente os corpos de água; para o centro da cidade, a proposta de Le Corbusier aproveitava os rios *Fucha* e *Arzobispo* como elementos ambientais onde se localizariam os equipamentos de educação, saúde e lazer.

Ditadura militar e visão técnica da cidade. Controla-se e altera-se o sistema hídrico original.

Como se indicou antes, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo. A população rural colombiana foi a mais afetada por esta situação, de tal modo que se gerou um processo migratório do campo à cidade, conformado por camponeses que estavam à procura de segurança e novas oportunidades. Frente a essa evidente instabilidade e à perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo general Rojas Pinilla, que exerceu as funções de presidente, sob um regime militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957.

O General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade, promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança na cidade¹⁶⁸. Entre estes projetos, é preciso salientar, primeiramente, a criação de um eixo urbano institucional e de negócios sobre a *Calle 26*, com um comprimento de 12.5 km, finalizando no oeste com o Aeroporto Internacional *El Dorado* e como ponto de articulação com o centro tradicional, o setor de *San Diego*, e agrupou as funções administrativas que anteriormente localizavam-se

¹⁶⁸ SUARES, A. *La ciudad de los elegidos*. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006, passim.

no centro tradicional no CAN¹⁶⁹. Em segundo lugar, a construção do *Paseo Los Libertadores (Autopista Norte)*, eixo e portão norte da cidade, com um comprimento de 22 km, sobre o antigo traçado do *Camellón* do Norte, que teve como ponto de partida o Monumento aos *Héroes* (*Av. Caracas* com *Calle 80*) e como ponto final a Ponte do *Común* (ponte colonial) perto do Município de *Chía*. (Figura 25). Em terceiro lugar, a criação do *Distrito Especial de Bogotá*¹⁷⁰, que integrou Bogotá a seis (6) de seus municípios vizinhos¹⁷¹: *Usaquén*, *Suba*, *Engativá*¹⁷², *Fontibón*, *Bosa* e *Usme*¹⁷³ em 1954¹⁷⁴. Por esta mesma época cria-se a Empresa de Aqueduto e *Alcantarillado* (esgoto) de Bogotá¹⁷⁵, que seria a encarregada do manejo do sistema hídrico da cidade e dos municípios recém-anexados.

Figura 25 – A cidade imaginada.

Em 1949, a prefeitura contratou o urbanista Le Corbusier para elaborar um “Plano *Piloto*”, plano que foi aprovado em 1951 (P-1). Destaca-se a criação de uma rede verde aproveitando o sistema hídrico da Savana. Em 1953, anexam-se à cidade os 6 municípios vizinhos: 1. *Usaquén*, 2. *Suba*, 3. *Engativá* 4. *Fontibón*, 5. *Bosa* e 6. *Usme* (P-2). Com esta nova dimensão territorial e frente à pressão de crescimento da cidade, em 1958 elabora-se o “Plano *Distrital*” (P-3), o qual mantém parte da rede verde proposta por Le Corbusier e projeta a criação de “Parques *Distritales*”. [Planos 1, 2 e 3 elaborados pelo autor].

¹⁶⁹ Obra prioritária do General Rojas Pinilla foi a de trasladar a presidência e os ministérios à periferia oeste da cidade, ao denominado Centro Administrativo Nacional (CAN). No final da ditadura tinha sido construída a estrutura de vários prédios. Na atualidade funcionam vários ministérios e outras dependências do estado.

¹⁷⁰ Decreto da *Concejo* (Câmara) de Bogotá 3640 de 1954. “*Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá*”.

¹⁷¹ Ordenança número 7 de 1954, da *Asamblea de Cundinamarca*. “*Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá*”.

¹⁷² Foi nos terrenos do município de *Engativá* que se construiu o *Aeropuerto El Dorado*.

¹⁷³ A incorporação de *Usme* ao *Distrito Especial* objetivava ter controle sobre a importante reserva ambiental do *Páramo de Sumapaz*, localizado no sul da cidade.

¹⁷⁴ Esta integração teve dois propósitos: de um lado, dotar de solo suficiente à cidade, para satisfazer a demanda de terras urbanizáveis destinadas aos grupos migratórios que ingressavam nesses anos a Bogotá. De outro, gerar as condições jurisdicionais apropriadas, para tomar decisões políticas sobre uma porção maior de território e assim realizar as obras que se esperava deram impulso ao desenvolvimento econômico da capital.

¹⁷⁵ O Acordo 105 de 1955, no artigo primeiro “*Crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB*”.

A administração distrital estabeleceu como prioridade de governo o investimento nas áreas periféricas da cidade, com o que se iniciaram programas de enfoque eminentemente técnico para a higienização e a dotação de infraestrutura na zona rural da Savana de Bogotá, sobre os três eixos fundamentais: a construção de equipamentos básicos, a execução do plano viário que tinha sido estabelecido no Plano *Distrital* de 1958, e a canalização de rios¹⁷⁶. Esta última ação tinha como propósito controlar as inundações nos períodos de chuva, cujas linhas de ação foram estabelecidos no Plano Maestro de Esgoto de 1962.

Este Plano definiu ações técnicas para o manejo das chuvas e as águas negras da cidade, e para o controle do *R. Bogotá*, a fim de evitar enchentes especialmente nas principais vias da cidade. Para tal fim executaram-se duas fases de desenvolvimento: a primeira fase, de desenho, que se estendeu até o ano 1966, e a segunda etapa, de execução de obras, que foi finalizada no ano 1986¹⁷⁷. Esta segunda fase compreendeu 3 etapas: a primeira teve início em 1967 e término em 1969, a segunda teve início neste mesmo ano e término em 1971 e a terceira, que começando neste último ano, terminou em 1986. (Figura 26).

Durante estas três etapas realizaram-se numerosas obras de canais e interceptores na cidade toda e especialmente na bacia do *R. San Francisco*¹⁷⁸. O olhar técnico do manejo de água levou inclusive a considerar a retificação do curso do *R. Bogotá*, procurando reduzir seu comprimento quase à metade. Um estudo de 1966 propôs: “o comprimento do rio se reduzirá de 100 km a 59.5 km entre a Ponte do *Común* e *Alicachín*”¹⁷⁹. Para a sorte da cidade este projeto não foi realizado.

O propósito inicial de canalização, interceptores e saneamento do sistema cumpriu-se, porém sua execução apresentou um par de aspectos negativos no que se refere à relação da cidade com os corpos de água. Por um lado, optou-se por uma solução técnica com um sistema combinado de esgoto (águas de chuva e águas negras). Por outro, a

¹⁷⁶ A partir do *Plano Maestro de Esgoto de 1962*, elaborado pelas firmas *Camp Dresser e McKee de Boston* e a *Compañía de Ingeniería Sanitaria Btá*, iniciou-se a canalização dos principais corpos de água na parte média das bacias. EAAB; RODRIGUEZ, 2003, tomo II, p. 195.

¹⁷⁷ EAAB, 2003, tomo II, p. 196.

¹⁷⁸ Em sua primeira etapa compreendeu o “Canal do *R. San Francisco* e interceptor esquerdo desde a *Calle 45*, até o interceptor da *Av. Boyacá*; interceptor direito de *Comuneros* em seção retangular até *Puente Aranda*, interceptor de *Boyacá* para águas negras em seção retangular, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*”. Em sua segunda etapa, “compreendeu o Canal de *Boyacá*, e interceptor direito, desde a *Av. El Dorado* até o *R. San Francisco*. Canal de *San Francisco*, desde a ferrovia, até o *R. Fucha* e interceptor direito de *San Francisco*, desde a Cidade Universitária até a *Av. Boyacá*: Canal de *Comuneros* e interceptores direito e esquerdo, desde *Puente Aranda* até o *R. San Francisco*. Colector de *las Américas*, desde *Puente Aranda* ao *R. Fucha* e Colector *El Ejido*, desde a *Calle 20* até o *R. San Francisco*.” (EAAB, 2003, tomo II, p. 198-201)

¹⁷⁹ O estudo de 1966 sobre a água de chuva propôs sobre o *R. Bogotá*: “Se deverá endireitar o Rio Bogotá no futuro imediato entre *Alicachín* e o *R. Juan Amarillo*, com base num nível controlado de *Alicachín* a nível 2.568”. (EAAB, 2003, tomo II, p. 205)

dessecação das superfícies que antes se inundavam teve como consequência o estímulo do crescimento da mancha urbana sobre a periferia, ao se incorporar terras no mercado imobiliário, sem prever as graves implicações ambientais no futuro¹⁸⁰, ou seja, a modificação do sistema hídrico e seus consequentes efeitos sobre o ecossistema¹⁸¹. O sistema de drenagem da Savana de Bogotá passou a ser conformado de três bacias naturais a oito bacias criadas artificialmente pelas obras técnicas¹⁸².

Figura 26 – “Modernização” do sistema hídrico de Bogotá: Plano maestro de 1962.

Em 1962, a EAAB empreende um ambicioso plano de “modernização” do sistema de aqueduto e esgoto da cidade. Para o aqueduto construíram-se novas represas (P-1) (Chingaza, 1985, Chuza 1985, San Rafael, 1996) e uma rede de distribuição que cobre toda a cidade. Quanto ao esgoto canalizam-se e controlam os rios, alterando-se o todo o sistema hídrico da cidade (P-2). Etapa 1: cor vermelha. Etapa 2: cor ocre. Etapa 3: cor verde escuro. Realiza-se a canalização dos rios *San Francisco* (Foto 1) e *Fucha* (Foto 2) e a construção de “jarillones” no *R. Bogotá*. [Planos: 1 e 2 elaborados pelo autor].

Como complemento a estas atividades, o sistema hídrico também foi afetado pela construção de infraestruturas como a do Aeroporto *El Dorado*, cuja instalação exigia o controle da área de inundação do *R. Bogotá* por meio de taludes artificiais em terra (*jarillones*)¹⁸³. Com as respectivas obras de controle do *R. Bogotá*, abriu-se o caminho para que se executassem nas décadas seguintes obras similares na parte baixa dos rios *Salitre*, *Fucha* e especialmente no *R. Tunjuelito*.

¹⁸⁰ É preciso lembrar que no começo da década de 1960 apenas começava a se gestar no país o pensamento ambiental, que estava dedicado especialmente à proteção dos recursos naturais.

¹⁸¹ Em 1967, o leito do *R. San Francisco* foi canalizado entre a *Av. Caracas* e a *Carrera 37*, e bifurcado na *Carrera 37*: o braço original com rumo norte, se encanou e enterrou, sendo destinado ao transporte de águas negras da zona oeste da cidade; e o novo braço com rumo sul, conectou-se com o *R. Fucha* na *Avenida 68*.

¹⁸² As oito bacias são: antigas (*Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*); novas (*Torca*, *Conejera*, *Jaboque*, *Tintal*, e *Soacha*). (EAAB, 2003, tomo II, p. 210)

¹⁸³ Talude em terra, para a contenção de águas. Dique longitudinal.

Planejamento local: “Plano *Distrital* de 1958”. Cidade horizontal.

Depois dos aportes de Le Corbusier, os esforços de planejamento da cidade concentraram-se no zoneamento, na projeção de vias e na incorporação de terras para a urbanização, e em numerosas oportunidades considerou-se a importância da integração dos corpos de água, as manchas verdes e a cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*. Porém, na prática, as operações da administração distrital terminaram ignorando o sistema hídrico.

Com a adesão dos 6 municípios ao Distrito Capital, criaram-se novas determinantes e novos desafios para o crescimento da cidade e, portanto, considerou-se que o Plano *Piloto* de Le Corbusier requeria ser refeito. Por estas razões, em 1958, a administração distrital promoveu um novo Plano cuja proposta manteve parte do traçado viário e o zoneamento do Plano *Piloto* proposto por Le Corbusier, mas com uma ampliação do perímetro urbano, incluindo parte da área dos municípios recém-adicionados. O plano manteve a proposta de proteger os *Cerros Orientales* e os corpos de água, com a criação de uma rede verde formada pela várzea dos rios¹⁸⁴, e propôs a implementação de um programa de Parques *Distritales* na zona norte, centro e sul da cidade.

Com as diretrizes do Plano *Distrital* de 1958, a cidade começou na década seguinte o processo de construção dos Parques *Distritales*, que foram concebidos principalmente com propósitos de lazer e recreação, e ocuparam áreas da cidade que oscilavam entre 50 ha e 60 ha: (Figura 27), no sul, localizaram-se os parques *Timiza* (1968) e *El Tunal* (1970), e no leste, os parques *El Salitre* (1973) e *La Florida* (1974)¹⁸⁵. Posteriormente, nos anos 1980, realizou-se a construção do parque *Simón Bolívar*, que se adicionou como mancha verde ao parque *El Salitre*. Paradoxalmente, com exceção do parque de *La Florida*, nenhum destes parques esteve associado ao sistema hídrico da cidade.

Nesta época, as manchas verdes no norte da cidade correspondiam aos clubes privados das elites sociais – Clube *Los Lagartos*, Clube *Country*, *El Carmel Club* e *Los Arrayanes*, entre outros – e os recentemente construídos Parques Cemitérios como os Jardins: *La Paz*, *La Inmaculada* e do *Recuerdo*.

¹⁸⁴ Com relação ao centro da cidade, vale a pena dizer que, contrário à proposta de Le Corbusier, o plano não conservou o leito do *R. San Agustín*, e o condenou a desaparecer, enterrando-o sob a *Calle 6a*.

¹⁸⁵ O Parque *La Florida* está localizado no costado oeste do Rio Bogotá (Município de *Funza*) e ainda está fora do perímetro da cidade; desde a década de 1970 foi incorporado ao sistema de parques e zonas úmidas do *Distrito*.

Figura 27 – 1970. Parques Distritales.

Para suprir a necessidade de recreação da população, que em apenas 22 anos tinha se multiplicado 4 vezes. Em 1973 ascendia a 2.861.913 habitantes e ocupavam uma área de 22.299 ha (densidade 128.3 hab./ha) (P-1) e atendendo à proposta do “Plano Distrital” de 1958, na década de 1960 a cidade empreende a construção de vários “Parques Distritales”, na zona sul e centro da cidade (P-2): em 1968, o *P. Timiza*, com 29.98 ha, (Foto 1); em 1970, o *P. Tunal*, com 62.66 ha, (Foto 2); em 1973, o *P. El Salitre*, com 46.78 ha, (Foto 3); e em 1974, o *P. La Florida*, com 72.473 há. (Foto 4) Plano 1, IGAC, 1970.

2.5 Desequilíbrio ambiental da cidade

O fim dos rios e zonas úmidas. Cidade construída. Final do século XX.

Durante as décadas seguintes houve o aumento das migrações do campo e das cidades menores às cidades de maior tamanho e atividade econômica, fenômeno que se estendeu durante os seguintes decênios e que ainda aumentou dramaticamente, a partir da década de 1980¹⁸⁶, devido à depressão da atividade agrícola e ao deslocamento forçado de camponeses que ficaram no meio do fogo cruzado entre o exército nacional e a guerrilha. Bogotá foi uma das cidades do país com maior recepção de população deslocada pela violência, que se localizou, como mencionado anteriormente, nas periferias do sudeste e sudoeste da cidade, sobre zonas de risco por remoção em massa e enchentes. Desse modo aumentou a pressão que a mancha da cidade exercia sobre o sistema hídrico da Savana de Bogotá, mais ainda se for levado em consideração que a cidade em apenas quatro décadas multiplicou 8 vezes sua população, ao passar de 715.362 habitantes em 1951 a 5.484.244

¹⁸⁶ O número de habitantes na cidade passou de 715.250 em 1951 para 4.441.470 em 1985.

habitantes em 1993. Nas décadas de 1980 e 1990, a mancha urbana aparecia de maneira homogênea e compacta estendendo-se praticamente até as imediações do *R. Bogotá*, franja na qual se fragmenta em alguns setores devido à presença de algumas áreas agrícolas e zonas de inundação que ainda não tem cedido perante o implacável crescimento urbano.

O crescimento da mancha urbana nas últimas décadas tem sido determinado em primeira instância pela iniciativa privada que realiza empreendimentos de adensamento de moradias e escritórios na zona centro e norte da cidade; em segundo lugar, pelas entidades oficiais que financiam novos programas de moradia popular; em terceiro lugar, pelos assentamentos subnormais (favelas), promovidos pelo setor informal e ilegal nas zonas periféricas e marginais da cidade¹⁸⁷. (Figura 28).

Figura 28 – A cidade construída. Cidade compacta e horizontal.

Em 1993, a cidade contava com 5.484.244 habitantes e cobria uma área de 26.654 ha (Densidade 205.8hab./ha), crescia rápida e horizontalmente, urbanizando a maioria do território da Savana (P-1). Modifica-se o sistema hídrico da Savana (P-2) ao canalizarem-se os rios e ao continuar o processo de secado das zonas úmidas colocando em risco sua existência. Em consequência, os corredores verdes dos rios e zonas úmidas perderam presença na cidade e a paisagem é dominada pelas vias arborizadas (P-3), os Morros recuperam parte de sua cobertura vegetal. Plano 1: “*Alcaldías Menores*” IGAC, 1991. [Planos 2 e 3 elaborados pelo autor].

Por sua parte as manchas de água têm sido significativamente reduzidas pelo avanço da mancha urbana: dos 19 mil ha de zonas úmidas que tinha a cidade nos primeiros anos do século XX, atualmente somente sobrevivem 800 ha. No fim da década de 1990, as zonas úmidas tinham perdido grandes porções de seus antigos espelhos de água e avançavam a

¹⁸⁷ É para se destacar nesta dinâmica de assentamento o caso de Cidade Bolívar – no sul da cidade – que em apenas 15 anos contava com aproximadamente um milhão de habitantes morando em condições precárias.

processos de terraplanagem, parcelamento e urbanização¹⁸⁸. Como produto disso tudo, alterou-se o habitat natural de répteis (lagartixas), mamíferos (morcegos) e aves (*garças*), e modificou-se o albergue estacional de aves migratórias¹⁸⁹.

No que se refere ao manejo das águas servidas, como mencionado anteriormente, a cidade desde a década de 1960 manteve um sistema de esgoto combinado em boa parte da cidade, fato que apresenta graves problemas nos períodos de chuva. Por tal motivo nos últimos anos têm se iniciado programas que visam a separar o sistema de esgoto de águas negras do sistema de águas de chuva, especialmente na área de novos desenvolvimentos, no oeste da cidade¹⁹⁰.

Esta visão técnica, orientada por grupos de engenheiros especializados, conseguiu seus objetivos funcionais, mas prejudicou substancialmente o sistema hídrico natural da Savana de Bogotá; fator que somado à perda das zonas úmidas e da ronda dos rios colocou em risco a estabilidade de todo o sistema natural, patrimônio ambiental da cidade e da Savana.

Com relação aos corredores verdes para melhorar o fluxo veicular, infelizmente empreenderam-se obras para a ampliação das avenidas, suprimiram-se os separadores centrais e retirou-se a arborização das calçadas. Exemplo deste padrão foi a construção, no fim dos anos 1980, da *Troncal de la Caracas*¹⁹¹, que ao perder a maioria de suas árvores terminou alterando negativamente a paisagem do centro da cidade.

Crise geral e anos de mudança. Final do século XX.

No fim do século XX a cidade apresentava um sistema hídrico altamente modificado: na parte baixa dos *Cerros Orientales* foi enterrada e encanada a maioria dos rios, razão pela qual a população não reconhece a existência dos mesmos; na parte média da bacia, foram canalizados todos os rios e as áreas úmidas têm diminuído consideravelmente em tamanho; finalmente, na área que corresponde ao vale aluvial do *R. Bogotá* e *Tunjuelito*, o curso dos

¹⁸⁸ Em 1999 as zonas úmidas contavam com as seguintes áreas: *Torca* 24 ha, *Guaymaral* 49 ha, *La conejera* 60 ha, *Juan Amarillo* 220 ha, *Córdoba* 40 ha, *Jaboque* 80 ha, *Santa María del Lago*, *Capellania* 18 ha, *Meandro del Say*, *El Burro* 26 ha, *La Vaca*, *Techo*, *Tibanica* 23 ha. DAMA. “*Historia de los Humedales de Bogotá*”. Alcaldía Mayor de Bogotá, 2000 p. 78-102.

¹⁸⁹ DEPARTAMENTO..., 2000, p. 12.

¹⁹⁰ Em 1952, propõe-se para o projeto de esgoto de Bogotá: “As águas pluviais podem continuar correndo por canais abertos, que são muito mais econômicos, mas construindo de imediato os dispositivos de separação para os líquidos cloacais e as águas pluviais”. (FORERO, 1952, p. 19-20)

¹⁹¹ Frente à crítica situação do transporte público em Bogotá, a administração municipal propõe como solução o modelo de transporte da cidade de Curitiba, Brasil (faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus). Com esta referência bem sucedida, inicia-se a construção de um sistema semelhante sobre a *Av. Caracas*, mas infelizmente este não contou com a mesma sorte que teve em Curitiba e resultou em um dos piores e mais custosos investimentos feitos pela cidade.

rios é controlado com taludes artificiais de terra, “*jarillones*”¹⁹², alterando a dinâmica natural de inundação do vale em época de chuva. Outro fato para se destacar corresponde ao esgotamento do solo urbano da cidade, razão pela qual nos últimos anos teve início um processo de renovação e adensamento nos setores centrais da cidade.

As ações de encanar, canalizar e controlar os corpos de água tiveram como resultado uma paisagem dominada por três franjas. A primeira corresponde à cidade que “enterrou” seus rios, que se estende desde a *Av. Circunvalación (Carrera 1)* até a *Av. Carrera 30*. (Figura 29). Esta franja cresceu de maneira lineal paralela aos *Cerros Orientales*, em um processo que implicou a canalização dos rios e posteriormente a homogeneização das superfícies, produto da construção de vias e edificações, processo que se iniciou nos anos 1920 com o *R. San Francisco* e que foi finalizado na década de 1960¹⁹³. Esta franja interrompeu a continuidade dos corpos de água e os corredores verdes que desciam dos *Cerros Orientales* e dentro da mesma destacam-se: as manchas verdes que correspondem a uns poucos corpos de água, a *Q. de Los Molinos*, *Q. Arzobispo* e o *R. San Cristóbal*; os parques de escala de zonas e de bairro; e a arborização localizada sobre as vias principais, como uma herança das avenidas arborizadas dos anos 40. Corresponde a esta franja a mancha urbana da cidade histórica, a zona financeira e comercial tradicional e os novos desenvolvimentos no norte e sul de Bogotá.

A segunda franja corresponde à área compreendida entre a *Av. Carrera 30* e *Av. Boyacá*: a cidade que canalizou seus rios com muros de concreto, a partir da década de 1950, integrou o traçado viário de maneira paralela aos costados do percurso canalizado, diminuindo a área verde da ronda. Nesta franja prevalecem as manchas verdes dos Parques *Distritales*, a Cidade Universitária, os Quartéis Militares, os Clubes Privados e os Parques Cemitérios. Como corredores verdes viários destacam-se as avenidas construídas a partir da segunda metade do século XX, entre as quais se sobressaem a *Av. de Las Américas*, a *Av. El Dorado*, a *Av. 68* e a *Av. Boyacá*. A mancha urbana está conformada prioritariamente pelos novos bairros residenciais¹⁹⁴ e as zonas industriais.

¹⁹² Em complemento às obras de canalização de rios, dá-se início à construção de “*jarillones*” na parte baixa dos principais rios, principalmente na ronda do Rio Bogotá e *Tunjuelito*.

¹⁹³ Sob o irracional crescimento da cidade ficaram enterrados os corpos de água sob Ruas e Avenidas. Ao norte: a *Q. Tequenusa (Calle 34 e Park Way)*, a *Q. de Chapinero (Calle 62)*, a *Q. de La Vieja (Calle 70 A)*, a *Q. de La Cabrera e El Chicó (Calle 88)*, a *Q. Los Molinos (Calle 106)* a *Q. de Lucé (Diagonal 109)*, *(Calle 116)*, a *Q. de Trujillo (Calle 127)* e a *Q. de Los Cedros (Calle 134)*. No centro: a *Q. San Diego (Calle 26)*, o *R. San Francisco (Av. Jiménez)*, a *Q. San Agustín (Calle 7)*, a *Q. San Juanito (Calle 3)* e a *Q. La Calera ou (Calle 1)*. No sul: a *Q. de Los Molinos (Calle 8 sur)* e a *Q. Del Cable ou Santa Catalina (Calle 11 sur)*.

¹⁹⁴ Ao norte, na bacia do *R. Salitre* os bairros *Niza* e *Córdoba*. No centro, no canal *San Francisco*, o bairro *Modelia* (na década de 1990 *Ciudad Salitre*); no canal do *Fucha*, os bairros *La Guaca*, *Torremolinos*, *Milenta*, *Carvajal* e *Marsella*. Ao sul, no *R. Tunjuelito*, os bairros *Tejar*, *Nuevo Muzú*, *Madelena*, *Villa del Río* e *Timiza*.

Figura 29 – A cidade no final do século XX. Síntese e conflitos.

Pelo manejo que deu a cidade a seu sistema hídrico configuraram-se três zonas (P-1): 1. A cidade que **enterrou** seus rios; 2. A cidade que **canalizou** os rios; e 3. A cidade que **controlou** seus rios. O manejo inadequado de seu recurso hídrico tem gerado à cidade múltiplos problemas (P-2): deslizamentos nos morros e ladeiras (Foto 1: *Soacha*), inundações no centro e periferia da cidade (Foto 2: *Carrera 7-Calle 73*), e a necessidade urgente de construir plantas de tratamento para despoluir os rios (Foto 3: planta *El Salitre*). [Planos 1 e 2 elaborados pelo autor]

A terceira franja corresponde à cidade que controlou seus rios, com taludes artificiais em terra (jarillones) que visam a evitar enchentes sobre as áreas urbanas, e que modificaram o vale de inundação do *R. Bogotá*, alterando o principal elemento do sistema hídrico. As obras de controle foram promovidas pela necessidade de adequar infraestruturas para a cidade como no caso do Aeroporto *El Dorado*. Esta franja desenvolveu-se a partir da década de 1970, produto dos novos programas de moradia com o ânimo de suprir as necessidades das classes menos favorecidas no sul e para a classe média no centro e norte da cidade¹⁹⁵. Por efeito dos processos de urbanização e de controle sobre o sistema hídrico, as zonas úmidas localizadas dentro desta franja entraram em um acelerado processo de deterioramento, diminuindo consideravelmente seu espelho d'água (800 ha). A mancha verde está dominada pelos Parques de vizinhança, pelas vias arborizadas e pelas poucas superfícies que ainda não foram urbanizadas.

A urbanização e impermeabilização da Savana de Bogotá e a alteração do sistema hídrico provocam atualmente numerosos conflitos ambientais no interior da cidade, pois as rondas dos rios e as zonas úmidas atuavam como zonas de inundação natural, regulando o

¹⁹⁵ Ao norte: no *H. de La Conejera*, os conjuntos residenciais *COMPARTIR* e *Ciudadela CAFAM*; no noroeste. *H. Juan Amarillo* (*R. Salitre*) os conjuntos residenciais *Bachue*, *Bochica*, *Quirigua*, *Bolívia* e *Ciudadela COLSUBSIDIO*. No centro, no *H. Jaboque*, o conjunto residencial *Villas de Granada*; no canal de *San Francisco* o conjunto residencial *Los Hayuelos* e em cercanias ao *Rio Bogotá* as cidadelas habitacionais *El Tintal*, *El Recreo* e *El Porvenir*.

sistema hídrico, e retendo a água em época de chuva. Com a canalização e controle dos corpos de água, rompeu-se esta dinâmica hídrica da Savana. Como resultado desta ação, em época de chuvas intensas, aumenta-se o risco de enchentes por remoção em massa nas áreas de ladeiras devido à acumulação de grandes quantidades de água¹⁹⁶. Ao ser ocupada a zona inundável dos rios Bogotá e *Tunjuelito* pela cidade, projetou-se um sistema de drenagem para a evacuação de águas servidas e de chuva durante o ano todo, mas em época de chuvas intensas cresce o risco de inundação¹⁹⁷. Finalmente, o deficiente manejo das águas servidas que são misturadas com a água de chuva tem feito que o *R. Bogotá* seja um dos mais contaminados do mundo. É por causa desta última razão e dentro da mesma linha de solução eminentemente técnica que o POT inclui como solução a construção de três plantas de purificação na desembocadura dos rios *Salitre*, *Fucha* e *Tunjuelito*¹⁹⁸.

Assim, a construção de infraestrutura para dominar e controlar o sistema hídrico torna insustentável o ecossistema da cidade. Perdeu-se, assim, a oportunidade de manter os corredores ecológicos que permitiram a conectividade dos *Cerros Orientales* com a Savana de Bogotá e o *R. Bogotá*.

Porém, frente a estas situações infelizes, sobressai-se, em um sentido positivo, a recuperação de boa parte da cobertura vegetal dos *Cerros Orientales*, que mudou a cor ocre do desflorestamento pelo verde do reflorestamento. Dessa forma, recuperou-se parte da imagem original desta paisagem, que tanto impressionou aos viajantes e visitantes do passado. Outro fato para se destacar foi a construção, nos anos 1980, do parque *Simón Bolívar*, com o qual a cidade ganhou um de seus maiores pulmões verdes e um espaço de lazer para os *bogotanos*.

Com relação às manchas verdes restantes da cidade, podem se destacar as áreas que ficaram como propriedade das elites sociais, como o Clube de *Los Lagartos* e o *Country Club*, as manchas correspondentes aos Parques *Distritales* cuja construção foi estimulada pela administração *Distrital* durante a década de 1960, e os Parques Cemitérios. Vale destacar que a maioria destas manchas espalha-se em fragmentos dentro da mancha urbana, sem estar associadas a corredores verdes ou corredores hídricos. Neste sentido,

¹⁹⁶ Situação gerada como produto do estreito diâmetro dos canos que substituem os rios.

¹⁹⁷ Em 2 de abril de 2009: a bacia alta do rio *San Cristóbal*, tributário do *R. Fucha*, registra uma precipitação de 73 milímetros e um fluxo de água de 26 metros cúbicos por segundo, inundando os bairros localizados no setor de *Fontibón*. Em 3 de novembro de 2007: Granizada histórica, inundações no centro da cidade. 14 de maio de 1996: inundações no bairro *San Benito* situado sobre o *R. Tunjuelo*. 19 de maio de 1994: avalanches na *Q. Chiguaza*, que arrastaram o material da *Cantera El Zuque*, destruindo várias casas, com um resultado de 6 mortos, 60 casas destruídas e 822 danificados. Novembro de 1979: o Rio Bogotá transborda perto da foz do *R. Fucha*, afetando principalmente o bairro *Patio Bonito*. Disponível em: <<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

¹⁹⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Decreto Distrital 190 de 2004. Artículo 121. *Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003*. Bogotá D.C.: 22 jun. 2004.

estão longe de conformar uma verdadeira rede de espaços verdes tal como o propõe o modelo de ordenamento do POT, descrito na seção 1.

Frente a este panorama, inevitavelmente surge uma pergunta sobre o vínculo a se estabelecer entre um ideário de cidade e a configuração da paisagem atual: como cumprir o ideário representado no conceito de Estrutura Ecológica Urbana em uma cidade que alterou seu sistema hídrico todo – ao encanar, canalizar e controlar seus rios –, que desconheceu suas zonas úmidas ao longo de quatro séculos, e que estimulou o crescimento da mancha urbana, ignorando a importância de manter uma rede de espaços verdes dentro da cidade?

Se a intenção é procurar resposta para esta pergunta, entre outros possíveis elementos¹⁹⁹, os projetos de Parques Urbanos Metropolitanos deveriam aparecer sem dúvida alguma como uma oportunidade para a recuperação de uma rede verde, especialmente nas zonas onde estão cobertos sob o solo urbano os leitos dos rios. Neste sentido, o Parque Terceiro Milênio deveria ter se apresentado como uma excelente oportunidade para fazer realidade o sonho planejado pelo ideário do Plano de Ordenamento Territorial (POT), tendo em conta sua localização estratégica sobre a franja da cidade que enterrou seus rios, que carece de áreas verdes, e sobre a confluência das bacias dos rios *San Agustín* e *San Francisco*, e a possibilidade que oferecia a recuperação de uma zona altamente degradada no centro histórico de Bogotá.

Assim, a seção seguinte (seção 3) procurará se aprofundar na concepção, desenvolvimento e materialização deste projeto para revelar os elementos que primaram no vínculo entre um ideário positivo da cidade e as realidades e padrões culturais com as que se enfrentou o projeto.

¹⁹⁹ Recuperação de Corredores Ecológicos, aumento de áreas permeáveis, Corredores Viários.

3 O PLANO E O PROJETO. ITINERÁRIO DE UMA TRANSFORMAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA.

Como mencionado na seção 2, a partir de 1954, a administração *Distrital* concentrou a maioria de seus recursos na construção de infraestrutura na periferia da cidade (vias, equipamentos e serviços públicos), estimulando o crescimento urbano e incrementando desta maneira a pressão da mancha urbana sobre a área rural da cidade (Savana), atitude com a qual se diminuiu o investimento Estatal no centro da cidade deixando nas mãos do setor privado a iniciativa de adiantar projetos de renovação deste importante setor da cidade.

3.1 A cidade dirige seu olhar ao centro

Plano Zonal do Centro de Bogotá. (PZCB) 1986.

Somente após a década de 1980, a administração *Distrital* voltou o seu olhar ao centro: Em 1986, a Prefeitura de Bogotá, com o apoio do Fundo Nacional de Projetos de Desenvolvimento *FONADE*, contratou uma equipe de profissionais²⁰⁰, para que realizassem um estudo de recuperação do centro, denominado “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. A área de trabalho correspondeu ao setor denominado como Centro Tradicional²⁰¹ com uma área de 1.750 ha (Figura 30).

O diagnóstico da área demonstrou problemas como a exclusão de moradores, a concentração excessiva do setor terciário, a deterioração do meio ambiente urbano, a geração de grandes vazios urbanos, a irracionalidade do sistema de transporte, a ineficiência da administração pública, a deterioração da imagem do centro e a diminuição de investimentos privados. Foram propostas como soluções a este problema: o fortalecimento da atividade residencial, a descentralização de atividades, a conservação do patrimônio, a recuperação do espaço livre, a racionalização dos sistemas de transporte, a reorganização da administração da zona, o fortalecimento da participação e o estímulo do investimento por parte do setor privado. Finalmente foi criada uma política geral de ação constituída pela definição de um plano, seus princípios básicos, estratégias de intervenção, instrumentos de gestão, e a realização do plano, junto com os projetos de intervenção no espaço livre.

²⁰⁰ Constituído pelos arquitetos Liliana Bonilla, Carolina Barco, Fernando Jiménez, Nicolás Rueda e José Salazar.

²⁰¹ Área da cidade consolidada até o ano 1950. Inclui o Centro Histórico. Está delimitada ao Leste pela *Av. Circunvalación (Carrera 1ª)*, ao Oeste pela *Av. Norte Quito Sur (Carrera 30)*, ao Norte pela *Calle 45* e ao Sul pela *Calle 1ª*.

Figura 30 – Plano Zonal do Centro de Bogotá. 1986. Plano de usos do setor.

O plano (P-1) definiu como **Centro Tradicional** (cor rosa) a área compreendida pela *Av. Circunvalación*, a *Calle 1ª*, a *Av. Carrera 30* (*Av. NQS*) e a *Calle 4ª*, com uma área de 1750 ha. Como **Centro Histórico** (cor azul) a área correspondente à *Carrera 1ª*, *Calle 4ª*, *Carrera 10ª* e *Av. Jiménez* (*Calle 13*) com uma área de 39,5 ha. Na cor verde resalta-se o Parque Tercero Milênio. O Plano cataloga os usos do setor de *San Victorino* (P-2), predominando a atividade comercial (cor vermelha), institucional (cor azul), hospedagens e semelhantes (cor laranja), escritórios (cor verde) e, em menor escala, moradias (cor amarela). Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 28.

A partir deste estudo foram estabelecidos dois eixos urbanos em formato de cruz, com ponto de intersecção na Praça de *Bolívar* (Praça Maior); estes eixos funcionam como elementos físicos, espaciais e funcionais estruturantes do centro da cidade no sentido norte-sul, o eixo institucional, e no sentido oeste-leste, o eixo tradicional (Figura 31).

Figura 31 – Eixos estruturais do Centro da Cidade.

Definidos pelos caminhos herdados da colônia: em sentido norte-sul, o caminho a *Tunja* (cor vermelha); no sentido leste-oeste o caminho a *Honda* (cor azul). O primeiro deu origem ao Eixo Institucional de 2.9 km e o segundo ao Eixo Tradicional de 2.8 km, planos (P1 a P4). No plano (P5) pode-se ver que o Eixo Institucional integra: (1) o parque de *La Independencia*, (2) o largo de *Las Nieves*, (3) o parque *Santander*, (4) a Praça de *Bolívar*, (5) o largo de *San Agustín*, (6) e a Praça de *Las Cruces*. E o eixo Tradicional integra: (7) a Praça *España*, (8) o parque de *Los Mártires*, (4) a Praça de *Bolívar* e (9) e a Praça do *Egipto*. Fonte: FONADE “Preinversión”, Bogotá 1988, p. 9 e 54.

Esta estrutura espacial urbana foi retomada literalmente por todas as análises posteriores feitas na área e os projetos de intervenção do centro, omitindo a inclusão de programas de recuperação do sistema natural original, especialmente nos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por considerar que esta era uma causa perdida e sem nenhum valor importante para o Centro Tradicional da cidade. Com este estudo começou um lento, porém firme, processo de recuperação do Espaço livre²⁰², a construção e arborização das calçadas no centro de Bogotá, processo que liderou a Corporação *La Candelaria*²⁰³, e que teve como propósito preservar o patrimônio arquitetônico e urbano do centro histórico e a sua área de influência.

3.2 O Parque Terceiro Milênio (PTM). Ideário, proposta e condição atual.

A análise que se desenvolverá nas páginas seguintes está baseada na revisão de documentos e particularmente do discurso que apresentaram os estudos, planos e projetos associados ao componente ambiental do Parque Terceiro Milênio (PTM), devido ao fato de que estes refletem o ideário e o enfoque que guiou as ações que posteriormente concretizariam-se no Parque.

3.2.1 Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM)

No fim da década de 1990, no marco dos eixos prioritários do Plano de Desenvolvimento²⁰⁴ e especialmente do programa de Renovação Urbana²⁰⁵, a administração *Distrital* interessou-se pela procura de alternativas que lhe deram saída à situação crítica do centro de Bogotá. Além disso, o prefeito Peñalosa (1998-2001), desde o início do seu

²⁰² “[...] constituem o espaço público (livre) da cidade as áreas requeridas para a circulação, tanto para pedestres como veicular, as áreas para a recreação pública ativa ou passiva, para segurança e tranquilidade dos cidadãos, as franjas de retiro das edificações sobre as vias, fontes de água, parques, zonas verdes e semelhantes, as necessárias para a instalação e manutenção dos serviços públicos básicos”. Acordo 6 de 1990, em concordância com o artigo 5º da Lei 9 de 1989 e o artigo 674 do Código Civil.

²⁰³ A Corporação Bairro *La Candelaria* foi criada por meio do Acordo 10 de 1980, como estabelecimento público pertencente à *Alcaldía Mayor*, com *personería jurídica*, autonomia administrativa e patrimônio independente, com o objetivo de promover e financiar as obras de conservação, restauração e construção, compra de imóveis e lugares que sejam de **interesse histórico, arquitetônico** ou **ambiental**. Disponível em: <www.contraloriabogota.gov.co>. Último acesso em: 23 set. 2008.

²⁰⁴ É o Instrumento de planejamento através do qual se organiza, regulariza e orienta o cumprimento do programa de Governo de maneira acordada entre a Comunidade e a Administração local, em concordância com os lineamentos estaduais e nacionais. Constitui-se em uma ferramenta para a ação das instâncias públicas e privadas do município, no qual se estabelece o que a administração quer fazer durante o seu período de governo. *GOBERNACION de Cundinamarca. Guía para la elaboración de un plan de desarrollo municipal. Departamento Administrativo de Planeación*. Bogotá, 2001.

²⁰⁵ No Programa de Governo da Prefeitura 1998-2001, a “Renovação Urbana” foi um tema fundamental do componente “Urbanismo e Serviços”, o qual tinha como propósito o crescimento da cidade harmonizando os processos de urbanização no que se refere à recuperação e adensamento de setores em deterioramento.

período de governo, manifestou a vontade de empreender programas para a geração de espaços verdes para a cidade²⁰⁶, procurando não somente cumprir com as metas traçadas pelo seu programa de governo, mas principalmente deixar a marca da sua gestão na história da cidade.

É assim que em 1998 a administração *Distrital* contratou o consórcio Montenegro & Lizarralde (M&L) para que adiantasse o Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), cujo propósito principal era a renovação da *Pieza Urbana*²⁰⁷, conformada pelo setor comercial de *San Victorino*, e os bairros *San Bernardo* e *Santa Inés*, com uma área de 32.5 ha, que estava em um estado avançado de deterioramento físico, social, ambiental e paisagístico. (Figura 32).

Figura 32 – Plano Maestro Terceiro Milênio. Área de estudo. (M&L).

Estabeleceu-se como área de estudo (P-1) a *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a Av. Jiménez, a Carrera 10ª, a Calle 5ª e a Av. Caracas, com uma área de 33,5 ha. Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A *área de influência* (cor rosa) definida pela Calle 17, a Carrera 4ª, a Calle 3ª e a Carrera 19, área 268 ha. A *pieza urbana* (P-2) subdividiu-se em quatro zonas de acordo com sua morfologia, estado das construções e seu uso do solo: (1) B. La Capuchina (*San Victorino* setor comercial) área de conservação parcial e intenso uso comercial, área 7,3 ha, (2) área de renovação e uso comercial e moradia, área 9,5 ha, (3) B. Santa Inés; área de maior deterioramento, uso de comércio e moradia informal 16,7 ha, e (4) B. San Bernardo, área de renovação e uso misturado (comércio e moradia), área 3,7 ha. Fonte: IDU/M&L. [Planos do autor].

²⁰⁶ Alguns dias após sua posse (06 jan. 1998), o prefeito Enrique Peñalosa enviou a todos os chefes de entidades distritais um memorando com o título de "Parques a trabalhar". Nele, o prefeito previu a realização do "Parque Central de Colômbia", localizado na área compreendida pela Av. Jiménez, a Calle 1ª e as Carreras 15 e 9ª. Tratava-se de uma grande extensão de área verde arborizada "como os jardins de Luxemburgo ou Versalhes", com equipamentos de caráter Nacional e *Distrital*, centros comerciais e zonas de moradia.

²⁰⁷ O consórcio Montenegro & Lizarralde utilizou este conceito para definir a área específica de estudo. Posteriormente o POT incluiu este conceito como [...] grandes territórios que integram a área urbana, os quais se diferenciam entre si pela intensidade e distribuição dos usos sobre seu tecido, as formas em que estes manifestam-se e a dinâmica que geram em relação com sua composição geográfica. As *Piezas Urbanas* são: a. O Centro Metropolitano. (O Centro Tradicional, Cidade Central, Eixo Oeste, Nodo de Equipamentos) b. Os Tecidos Residenciais Norte e Sul. c. Cidade Norte e Cidade Sul. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. POT. Decreto 619 de 2000. Artigo 62. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Bogotá, 2000.

San Victorino no marco do PMTM²⁰⁸ ocupa uma área de 7,5 ha, está conformado pelo bairro *La Capuchina* e o setor que recebe propriamente o nome de *San Victorino*²⁰⁹. O bairro *La Capuchina* conta com “comércio de materiais de construção, elétricos, roupa de trabalho, couros e plásticos”, e *San Victorino*, – setor comercial – caracteriza-se por uma intensa atividade de comércio por atacado e varejo de material escolar, material para casa, vestuário e mercadorias variadas de manufatura local ou contrabandeadas. O PMTM tinha previsto para esta área o fortalecimento da atividade comercial não somente para contribuir para a recuperação do setor, mas para garantir a sustentabilidade econômica do projeto.

O Bairro *San Bernardo*, mesmo que na atualidade tenha uma importante atividade comercial, mantém principalmente o uso residencial, e é um dos poucos que conserva boa parte da estrutura, usos e funções do bairro original, contando com equipamentos como uma igreja, uma escola e um pequeno parque. A exceção a esta condição é a franja norte do bairro, próxima à *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, a qual se caracteriza pelo comércio informal, a venda de alucinógenos e a presença de cortiços. O Plano previu para esta área o fortalecimento da atitude residencial.

O Bairro *San Inés*, ao final da década de 1990, enfrentava graves problemas físicos e sociais, entre os quais se destacavam o altíssimo nível de deterioramento físico, invasão do espaço livre, a perda de controle sobre a propriedade, as condições extremas de pobreza e marginalidade social, e o mais alto índice de criminalidade da cidade²¹⁰. No setor situa-se o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e o Colégio *Distrital Santa Inés*. Além disso, é também a localização da emblemática “*Calle del cartucho*” (*Calle 9ª*), centro de operações dos atores mais perigosos da cidade (criminosos, traficantes de droga e armas), presença da população mais vulnerável (catadores de lixo, viciados e indigentes) e lugar de localização do prédio “*El Castillo*” (construção republicana de dois andares) símbolo e centro de ação dos criminosos.

A estas condições somava-se o deterioramento ambiental da zona e, em consideração do autor deste trabalho, a ocupação e urbanização das sub-bacias dos rios

²⁰⁸ IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2.

²⁰⁹ “[...] em 1598 criou-se a paróquia de *San Victorino*, a partir da existência da (Paróquia) *Las Nieves*, que funcionava desde 1585. Dividida pela rua que vai desde a Ponte de *San Francisco* encostada ao convento, o rio abaixo até o campo”. (CORPORACION..., 2004, p. 234) Ao final do século XIX as paróquias transformaram-se em departamentos de polícia e posteriormente em bairros. Atualmente reconhece-se como *San Victorino* ao setor vizinho à praça do mesmo nome. O bairro de *San Victorino* encontra-se no setor noroeste da praça.

²¹⁰ “No caso da zona de influência do Projeto Terceiro Milênio, os índices de criminalidade são os maiores da cidade, 8.72. Taxa de homicídios a cada 1.000 habitantes”, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1. A taxa média para Bogotá é de 0.58. IDU - *Econometría S.A.* “*Evaluación de impactos socio económicos y ambientales del Parque Tercer Milenio*”. Bogotá, 1999.

San Francisco e San Agustín, dos quais somente ficavam alguns rastros na morfologia urbana, que paradoxalmente correspondia à zona de maior deterioramento físico e social (Figura 33). Visando à recuperação física, social e ambiental desta área, o plano propôs a construção do PTM, com uma extensão de 20 ha.

Figura 33 – Dados simplificados do censo. 1999.

Dados da composição física e social do setor e o grau de vulnerabilidade da população residente. Fonte: “Evaluación de impactos socioeconómicos y ambientales del Proyecto Tercer Milenio”. *Econometría* 1999. Referenciam-se os espaços de maior significado no setor do projeto (P-1). Praças: (1) San Victorino, (2) de Bolívar – Praça maior; (3) Parque de Los Mártires; (4) a “Calle del Cartucho” – calle 9ª. Bairros: Capuchina – zona comercial San Victorino – (cor vermelha), Santa Inés (cor verde) e San Bernardo (cor amarela). [Elaborado pelo autor].

Para cumprir os propósitos do plano, o programa de trabalho incluiu uma fase de diagnóstico, outra de formulação e finalmente um esboço do que poderia ser o desenho do PTM. A seguir, serão mencionadas as considerações mais representativas sobre estas fases, tendo em conta os propósitos deste trabalho.

O diagnóstico compreendeu a realização de uma análise urbana que incluiu: estado dos elementos tipo-morfológicos, a estrutura urbana, o papel do setor no contexto da cidade, as qualidades das edificações existentes e seu potencial para responder às demandas da cidade. Também identificou os elementos que incidiam no estado crítico de degradação do setor:

Alta presença de indigentes e moradores da rua gerando problemas de insegurança, saúde pública, [...] alta invasão do espaço público por comerciantes informais. Ausência de árvores, parques e áreas verdes na zona [...] déficit hídrico na atmosfera e no solo que afeta as plantas proporcionando uma diminuição na cobertura vegetal. Sistema de esgoto combinado

de águas servidas e águas pluviais. [...] Poluição atmosférica presente por fontes fixas de oficinas e queima de lixo; e por fontes móveis de veículos particulares e de serviço público²¹¹ [...] alta contaminação por barulho nas vias de maior afluência como a *Caracas*, a *Av. Jiménez* e a *Carrera 10* como produto do alto trânsito de veículos e por sua forte atividade comercial. [...] Contaminação visual pela alta presença de anúncios publicitários, flâmulas, painéis informativos, pôsteres, cartazes etc. como também pela multiplicidade de cabos de redes de energia e comunicações. [...] Permanente deterioro das construções existentes produto de transformações inadequadas ou improvisadas e por falta de manutenção nas mesmas.²¹²

Este diagnóstico ambiental não se diferencia muito do realizado dez anos antes, no PZCB e nos trabalhos das Agendas Locais de Bogotá²¹³, os quais, apesar de terem identificado elementos importantes, não incluíram uma análise do estado das sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, nem ao menos do equilíbrio hidrológico como processo essencial do ecossistema. O anterior poderia ser explicado pelo fato de que o enfoque do estudo esteve determinado pelo interesse de implementar uma operação de Renovação Urbana, com ênfase principalmente na revitalização dos elementos urbanos construídos, desconhecendo a importância do suporte ecossistêmico.

Na fase de formulação da proposta, uma das metas do plano foi a

Construção de uma imagem espacial pública para a peça comercial de *San Victorino* que, relacionada com a singularidade produzida pelo desenvolvimento histórico, poderia ser reconhecida como um espaço contemporâneo único e competitivo, parte essencial do centro da capital.²¹⁴

Neste sentido, a proposta estaria comprometida com um ideário político, o qual tinha como propósito tornar o centro de Bogotá em destino turístico nacional e internacional e melhorar suas condições de competitividade que estimulariam o investimento privado para o melhoramento do setor.

²¹¹ A poluição por automóveis produz-se por dois fatores, por seu volume de trânsito de veículos na zona e pelo baixo da média de velocidade, o que causa um notável aumento na emissão de gases poluentes. (INSTITUTO..., 1998, p.17)

²¹² INSTITUTO..., 1998, p.18.

²¹³ É um Instrumento de Planejamento Ambiental, com o qual se busca caracterizar a situação ambiental do município para planejar com visão estratégica e acordada com todos os atores o desenvolvimento sustentável local. Em Bogotá as primeiras Agendas Ambientais Locais foram adotadas em 1994, e em abril de 2009 foram atualizadas.

Disponível em: <http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616>. Último acesso em: 12 abr. 2009.

²¹⁴ INSTITUTO..., 1998, p.31.

Para tornar possível esta meta, o plano fixou como um de seus objetivos organizar e racionalizar o sistema de circulação para pedestres²¹⁵ e veicular do centro, procurando uma maior e melhor mobilidade e conectividade com seus setores vizinhos. Ademais, como indicado anteriormente, seria realizada a construção do PTM e de um Complexo Comercial. A proposta de um parque de 20 ha encontrou sua justificativa no discurso ambiental de moda nestes anos – “mais verde para a cidade” –, e a proposta de uma área (centro) comercial de grande tamanho teve seu suporte no discurso do ideário político que estimulou este tipo de investimentos dentro do lema de “competitividade da cidade”.

O Plano apresentou quatro sistemas para a configuração e consolidação do sistema de espaço livre: o sistema ambiental, o sistema de espaços livres, o sistema de circulação de pedestres e o sistema de circulação veicular. Na apresentação do sistema ambiental, o diagnóstico evidenciou o fato de que *San Victorino* contava com poucas referências naturais próximas, mas que seria possível a conformação do sistema, graças à execução dos projetos *do Av. Jiménez* e o Parque Terceiro Milênio²¹⁶.

O projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²¹⁷ “Propôs reconstruir o tecido ambiental do *R. San Francisco* e potencializar os valores arquitetônicos e urbanos da zona que foram construídos historicamente com essa relação”²¹⁸. Em palavras do arquiteto Rogelio Salmona, autor do projeto, esta intervenção urbana pretendia “recuperar a memória” do curso do *R. San Francisco*. Embora esta proposta parecesse interessante no discurso, o projeto feito não teve nada a ver com o previsto no papel: nunca se definiu o conceito de “tecido ambiental” de modo que a expressão reduziu-se ao retórico e na execução do projeto, em troca de uma restauração ambiental, instalou-se um extenso espelho d’água de 1.600 metros de comprimento ao longo da *Av. Jiménez*, entre a *Carrera 4ª* e a *Carrera 10ª*.

O projeto PMTM apresentou-se no Plano como “uma operação estrutural que procurava substituir a *pieza urbana* mais deteriorada do centro e propor uma recuperação ambiental como digno acompanhamento do centro histórico”²¹⁹.

²¹⁵ Priorizar o uso para pedestres em *San Victorino* fortalecendo o sistema para pedestres no centro da cidade: por meio da relação da área comercial ao Eixo Ambiental *Av. Jiménez* e as zonas para pedestres do eixo governamental. (INSTITUTO..., 1998, p. 31)

²¹⁶ “Devido a *San Victorino* localizar-se no centro da cidade, o sistema ambiental conta com poucas referências naturais vizinhas; porém, a recuperação do centro, com os projetos do espaço público com ênfase na recuperação ambiental, permite uma percepção favorável neste aspecto sistêmico. Sem dúvida os dois grandes elementos do sistema ambiental que o constituem são os projetos em execução do parque do Terceiro Milênio e do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*.” (INSTITUTO..., 1998, p. 43)

²¹⁷ É preciso lembrar que o *R. San Francisco* foi encanado e enterrado sob a *Av. Jiménez*, entre 1927 e 1938.

²¹⁸ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

²¹⁹ INSTITUTO..., 1998, p. 44.

Sem dúvida, o projeto Eixo Ambiental *Av. Jiménez* contribuiu à recuperação de espaço para pedestres e a revalorização de algumas edificações do centro; porém, a partir de sua execução acunharam-se expressões como “tecido ambiental”, “recuperação da memória”, “recuperação ambiental” que, apesar de seu sugestivo significado, fizeram pouco bem ao ambiente da cidade. Assim, na concepção e formulação da operação urbana e do projeto PTM, o discurso oficial, por exemplo, de termos como “recuperação ambiental”, disfarçou a omissão de uma análise séria dos processos do ecossistema e sua relação com a recuperação das sub-bacias ocupadas pela cidade.

Apesar desta grave falência, não se pode desconhecer que o estudo realizado por M&L aportou elementos importantes na compreensão da problemática urbana do setor e informação privilegiada para que a administração *Distrital* pudesse traçar sua estratégia de gestão do projeto PTM. Além disso, o plano apresentou uma proposta coerente com o ideário político – renovação urbana destinada ao estímulo da competitividade – para a intervenção no espaço livre e de reordenação do espaço privado²²⁰, dimensionou o alcance físico e espacial das operações, simulou cenários de investimento e viabilidade técnica e econômica da operação imobiliária e gerou estratégias para o desenho do plano de investimento social, componente fundamental do projeto, tendo em conta a complexa e vulnerável população instalada na área.

Como terceira fase²²¹ projetou-se um desenho do parque e sua borda, (Figura 34), como primeira aproximação à imagem física e espacial que iria adquirir o setor. Pela envergadura da operação, a proposta considerou quatro zonas de intervenção, cada uma com características urbanas particulares determinadas pelo seu nível de deterioramento físico e ambiental e pelo controle do espaço livre e da propriedade privada. Do mesmo modo traçaram-se estratégias de gestão para cada uma das zonas.

²²⁰ “Para poder concretizar a transcendental operação urbana, traçaram-se duas estratégias: a primeira, a recuperação e controle do espaço urbano, processo que se inicia com a recolocação das vendas populares presentes na Praça San Victorino e a posterior construção da nova Praça; a segunda, uma intervenção direta sobre os bens imóveis, os quais se quantificaram e classificaram em patrimoniais, conserváveis e renováveis. Dessa forma, determinou-se o Plano de Gestão do projeto, estabeleceu-se a responsabilidade pública e privada de investimento no construído e determinou-se a prioridade de compra de prédios requeridos para a operação urbana”. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.2. p.17- folio55.

²²¹ Para o desenho preliminar do Parque Terceiro Milênio foram contratados os Arquitetos Edgar Bueno e Fernando Montenegro. Parceria Bueno e Montenegro (B&M).

Figura 34 – Vista aérea do Parque Tercero Milênio. (B&M).

Vista desde o sudoeste, em primeiro plano o Parque com sua extensa fonte no sentido norte sul, ao centro a Praça Cívica enquadrada por prédios comerciais, e ao norte a praça remodelada de *San Victorino*. Em segundo plano o centro da cidade e no fundo os *Cerros Orientales*. Fonte: IDU/B&M.

Zona 1. Esta zona é a de maior atividade econômica, contém imóveis de mediana altitude (3 a 8 andares) – alguns com valor patrimonial –, e faz parte do entorno tradicional e histórico da Praça de *San Victorino*²²²; por esta razão o plano propõe manter as estruturas e morfologias existentes, adiantar um programa de restauração e renovação dos imóveis e uma recuperação do espaço livre. No nível morfológico, propôs-se o recorte de um quarteirão sobre a *Carrera 12*, para permitir o prolongamento da Praça de *San Victorino* e comunicá-la com os prédios comerciais propostos, gerando uma continuidade espacial e de usos entre as duas zonas. (Figura 35).

Zona 2. Esta zona caracterizava-se por uma atividade misturada (comércio e moradia) e por uma morfologia produto do traçado tradicional como tabuleiro de xadrez. Para esta zona propuseram-se vários prédios comerciais e um prédio cultural no centro, assemelhando a tipologia dos centros cívicos preconizados pelo urbanismo moderno: grandes prédios flutuando sobre uma imensa plataforma dura impermeável, modificando de modo abrupto a estrutura do espaço livre tradicional de ruas e praças da cidade; nesta

²²² “A história da praça inicia-se com a invocação a *San Victorino* da igreja que se pensava construir neste lugar, [...] A Praça *San Victorino* era o lugar onde se tomava o caminho de oeste que chegava ao porto fluvial de *Honda*, sobre o rio *Magdalena*, através da qual se chegava ao mar, por conseguinte era a porta de acesso à cidade” CORPORACION LA CANDELARIA. “*Atlas histórico de Bogotá 1538-1910*”. Bogotá, 2004, p. 234. Em 1910 instala-se a estátua do prócer Antonio Nariño e recebe o nome de Praça *Antonio Nariño*. Em 1948 retira-se a escultura, pavimenta-se a superfície toda e a habilitam como estacionamento. Em 1960 é ocupada por vendedores informais. Em 1999 recupera-se e remodela-se este importante espaço da cidade e é identificado de novo como Praça de *San Victorino*.

proposta, o pedestre perde sua escala espacial, pois a área livre é três vezes maior do que a da Plaza de Bolívar, primeiro centro cívico e cultural da cidade e do país.

Figura 35 – Planta geral do projeto. Zoneamento geral.

A intervenção proposta inclui toda a peça urbana (P-1), propõem-se grandes zonas verdes, arborização, uma fonte artificial e o canal alusivo à memória do *R. San Francisco*, este último não se incluiu na planta geral. Estabelece quatro zonas (P-2): ao norte, a zona (1) sobre a Praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe uma grande praça conformada por três grandes prédios comerciais; a zona (3), o parque “*versallesco*” com grandes superfícies duras, e ao sul a zona (4), prédios de moradia em forma de claustro. Fonte: IDU/B&M. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 3. É a zona com maior deterioramento físico, social e ambiental, na qual se localizou o PTM, componente central da operação urbana toda. Como suporte de desenho, optou-se por uma quadrícula ortogonal, semelhante à trama urbana existente de *Calles* e *Carreras*, estabelecendo uma integração e continuidade espacial urbana com o seu entorno. A esta quadrícula foi sobreposta uma gigantesca elipse que abarca a totalidade do Parque, a qual definiria o espaço central monumental, de caráter intimista. Complementário a estas duas geometrias de suporte, incluíram-se dois eixos fundamentais de desenho.

Sobre uma imensa esplanada traçaram-se os caminhos para pedestres em suas diferentes hierarquias, os quais se ressaltam com linhas de árvores de grande porte. Tendo em conta o enfoque do presente trabalho, esta proposta de arborização foi interessante em termos compositivos e de segurança, de maneira semelhante ao caso brasileiro ou europeu: “Os grandes parques se tornam transparentes no Brasil e na França para evitar a

delinquência e outros atos de vandalismo, atividades que apreciam na sombra das árvores e arbustos”²²³.

Porém, a proposta foi simplista e insuficiente em termos ambientais, pelo que evidenciou uma obsessão pela geometria e não propôs, por exemplo, massas de árvores que poderiam configurar espaços com características próprias e independentes dos traçados geométricos e os caminhos. O desenvolvimento de plantas arbustivas agrupadas, ao invés de grama ou esplanadas de concreto com caixas para plantação de árvores, favorece os processos *sucessivos* e a atração da vida silvestre²²⁴. “Uma paisagem multifuncional e auto-sustentável proporciona benefícios sociais, econômicos e meio ambientais e ajuda a rebater a ideia generalizada de monofuncionalidade dos parques”²²⁵.

Além das linhas de árvores, propõe-se paralelo ao eixo norte-sul da elipse um grande corpo longitudinal de água composto por quatro fontes artificiais sucessivas²²⁶ que são complementadas com largos caminhos e com *Palmas de Cera* (*Ceroxylon quindiuense*), árvore nacional da Colômbia. Com estes elementos configurava-se uma perspectiva monumental sobre o espaço central do Parque conformado um grande “passeio senhorial”. Porém, mesmo que a presença do corpo de água teve valor como proposta de desenho, esta opção apresentou uma possível renaturalização dos elementos da sub-bacia.

Zona 4. Com a intenção de construir um marco urbano para o Parque, propõe-se o desenvolvimento dos quarteirões adjacentes, com a presença de prédios de uso misturado com alturas máximas de 10 andares, e comércio no nível do aterro. O uso de moradias nos andares superiores das edificações apresentou-se como estratégia para atrair a população para morar no centro da cidade.

Como o evidenciam as linhas anteriores, em termos ambientais o desenho proposto para o PTM, embora apresentasse aportes para a recuperação física e da paisagem urbana da área a ser intervinda, não apresentou maior aporte para a recuperação ambiental da sub-bacia. (Figura 36). Por outro lado, em termos físicos e sociais, vale a pena notar que a proposta, ao estar apoiada no discurso ambiental corrente nesta década, justificava o fato de

²²³ SERPA, O autor toma a expressão “apreciam a sombra cúmplice das árvores e arbustos” (LEMONIER apud SERPA, 2004, p.141p. 32).

²²⁴ É claro que o desenvolvimento destes grupos de vegetação implica implementar medidas de segurança para evitar situações de roubos ou assaltos aos visitantes, como iluminação durante a noite e desenho que assegure o controle visual dos transeuntes. (HOUGH, 1998, p.112)

²²⁵ (HOUGH, 1998, p. 125)

²²⁶ A primeira circular, a segunda retangular, a terceira em cruz e a última retangular.

subtrair a curto prazo 18 quarteirões em avançado estado de deterioramento físico e o traslado de 6.248 residentes em precárias condições de habitação do bairro *Santa Inês*²²⁷.

Figura 36 – Desenhos de Análise do projeto.

Toma-se como suporte do desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se superpõe uma grande elipse (espaço do Parque) e enfatiza-se o eixo central (norte-sul) com uma longa fonte (1). Na zona central projetam-se quatro grandes prédios comerciais, no costado sudoeste do parque projeta-se uma pequena unidade cultural e de serviços (2). No setor dos prédios comerciais propõe-se uma extensa e árida plataforma dura para pedestres – praça cívica – e no parque uma rede de caminhos (3). O parque configura-se com uma grande esplanada verde (4), com arborização que ressalta o traçado dos caminhos (5), o conjunto do Parque completa-se com uma fonte artificial, que lembra “memória” do *R. San Francisco*. [Desenhos elaborados pelo autor].

Não se pode desconhecer que para cumprir com o objetivo traçado pela construção do PTM, a administração colocaria todo o seu esforço, recursos humanos, técnicos e econômicos, e também se proporia a adiantar um complexo e completo processo de assistência social à população residente e flutuante (arrendatários, inquilinos, habitantes da rua e catadores de lixo etc.), assim como uma operação organizada de compra e controle dos 603 lotes (18 quarteirões). Porém, existe no PMTM uma ambiguidade, pois o discurso ambiental e de recuperação urbanística e paisagística serviu como pretexto para legitimar a ideia de que era necessário adiantar drásticos processos de expulsão de população de escassos recursos situada em lugares estratégicos da cidade, com o fim de recuperar zonas beneficiando a competitividade e a recuperação ambiental.

Esta condição não se distingue muito do que explica Serpa (2004, p. 154): “[...] uma política estranha de requalificação do espaço urbano, porque por um lado cria novos

²²⁷ Incluindo moradores e habitantes de rua. Censo *Econometría*. Em 1999 contratou-se um estudo *econométrico* para identificar e quantificar os efeitos socioeconômicos e ambientais das ações a cargo do projeto, como também o cálculo de sua rentabilidade econômica e social.

parques, que são realmente interessantes em termos de concepção, porém, por outro lado, expulsa os habitantes dos bairros onde esses parques são implantados”²²⁸.

3.2.2 Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI)

A elaboração do PMTM permitiu esclarecer os propósitos, as estratégias e a viabilidade da realização do projeto de renovação urbana. Porém, a administração ainda tinha que concretizar os desenhos do PTM e, além disso, achar um mecanismo que permitisse a visibilidade do projeto, de modo que o ideário político fosse incorporado no âmbito profissional e pela opinião pública²²⁹. Assim, em 1999, a prefeitura de Bogotá contratou à Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA) a realização de um Concurso de Ideias para o desenho do PTM, dirigido aos profissionais do país todo²³⁰.

O edital do concurso teve como referência obrigatória as premissas do Plano de Desenvolvimento Econômico, Social e de Obras Públicas (1998-2001), do PMTM e sua proposta de desenho do Parque. Igualmente incluiu os lineamentos e conceitos do modelo de ordenamento do POT, o qual naquela época encontrava-se em seu processo de aprovação por parte da entidade ambiental competente²³¹.

O documento apresentou nos dois primeiros capítulos os antecedentes históricos gerais, a descrição atual da área a ser intervinda, algumas referências ao POT e ao PMTM, a apresentação institucional do projeto de renovação da *pieza urbana* e dos instrumentos de gestão que seriam utilizados para sua realização. A partir do terceiro capítulo, apresentaram-se os componentes particulares do concurso arquitetônico – o objeto, o alcance e os elementos fundamentais: urbanístico, paisagístico e arquitetônico. Depois foram mencionados os critérios do projeto e o resumo das normas urbanísticas gerais.

A apresentação institucional do projeto evidenciou a premissa da proposta do ano 1998, M&L: o *slogan* visava a gerar um grande impacto no centro histórico e tradicional, com a intenção de estimular o investimento público e privado em programas de moradia, comércio e cultura, para fazer de Bogotá uma cidade mais competitiva e atrativa para o

²²⁸ SERPA, 2004, p. 154. O autor retoma a entrevista realizada ao paisagista Gilles Clement, um dos conceptores (sic) do Parque André-Citroën, no contexto de uma investigação de pós-doutorado realizada no laboratório de Espaço e Cultura da Universidade de Paris IV.

²²⁹ “Facilitar a Promoção e Apropriação social do projeto. A espacialidade proposta será o primeiro elemento para que a cidade e os habitantes o incorporem como uma realidade coletiva que interesse a todos os cidadãos. As ideias do concurso devem propor aos cidadãos a imagem deste novo território, permitir sua identificação como símbolo urbano e constituir uma oferta de espaço público com o qual os usuários possam contar”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 2.3.4.1.)

²³⁰ “Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do Parque Terceiro Milênio em *Santafé* de Bogotá”. (SOCIEDADE..., 1999)

²³¹ “De acordo com a Lei 388 de 1997 de Ordenamento Territorial, [...] O processo de elaboração do POT tem três fases ou processos: (1) **Formulação**, (2) **Conciliação Organização** interinstitucional e consulta com os cidadãos e (3) **Aprovação**”.

investimento e o turismo nacional e internacional²³². A conformação de espaços públicos de caráter emblemático apresentou-se como a alternativa que permitira lograr estes propósitos, além de garantir o acesso da população toda em condições de equidade à “recreação, lazer e divertimento”²³³.

As bases do concurso também mencionaram a intenção de melhorar as condições ambientais do setor por meio de “uma área importante verde”²³⁴, mas paradoxalmente em seu edital omitiu todo tipo de compromisso com a recuperação dos elementos naturais do lugar, especialmente dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²³⁵. (Figura 37)

Figura 37 – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI).

As propostas de desenho do Parque (P-1) deveriam apresentar uma solução integral à área toda da *Pieza Urbana* (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 5ª* e a *Av. Caracas*. Além disso, deveriam resolver a articulação do projeto com o seu entorno imediato (cor rosa). A proposta ganhadora (Pereira & Pabón) subdividiu a *pieza urbana* (P-2) em quatro zonas: (1) área de conservação parcial, onde se mantém a morfologia e uso existente; (2) área de renovação total, com usos de comércio e moradia; (3) área de renovação total, de uso exclusivo para o Parque; e (4) área de renovação total, com uso principal de moradia. [Planos elaborados pelo autor, sobre planos de FONADE “*Preinversión*”, Bogotá, 1988].

Carente de um compromisso de recuperação dos processos essenciais do ecossistema, associados às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, o concurso de

²³² “O projeto deve contribuir a melhorar as condições de competitividade de Bogotá para o terceiro milênio e fazê-la atrativa para novos investimentos e atividades futuras. Se propõe apostar ali por maiores atividades residenciais, lúdicas e culturais, e dotar o centro de espaços públicos ou recreativos, a escala da urbe moderna, para os tempos contemporâneos [...]”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³³ “A construção e dotação de espaços públicos de caráter representativo corresponde à política da Administração de prover à cidade de lugares de encontro e espargimento, onde o cidadão tenha, sem distinção de sua capacidade econômica ou de qualquer outro fator de segregação, igualdade de oportunidades de recreação, descanso e entretenimento”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁴ “Um dos objetivos é o de melhorar as qualidades ambientais desta peça estratégica, propondo uma área importante verde que permita compensar os efeitos e condições de ocupação urbana característica do setor [...] Busca melhorar a qualidade de vida dos habitantes do setor e ao mesmo tempo, como equipamento metropolitano, a de todos os habitantes da urbe”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.3)

²³⁵ O documento pedia aos participantes que propusessem soluções em três escalas: “a do Parque e a volumetria de suas margens; a da área de influência e a de articulação do Parque com o setor e o centro com a cidade em geral.”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1) Na definição das escalas de intervenção não apareceu uma referência às sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como elementos que ajudaram a definir as escalas e relações que deveria guardar o Parque em termos espaciais.

ideias assinou ao Parque essencialmente um significado e valor emblemático, com a clara intenção de reforçar sua importância e pertinência, fazendo sentir à população que o que estava em jogo com a realização do projeto era a dignidade nacional, e que, portanto, era urgente que todos os cidadãos respaldassem esta nobre e louvável iniciativa:

O centro de Bogotá e do país é tão importante como a bandeira ou o escudo da Colômbia. Por tal motivo, a recuperação deste setor que, pelas atividades e serviços que presta ao restante da cidade e ao país, deve alcançar uma conotação de símbolo nacional [...]” (Bases do concurso, 1999, apresentação)

Este enfoque faz inevitável pensar no papel que cumpriram os parques *bogotanos* em um período da história da Colômbia que passou à memória do povo como a época de “*La Regeneración*”: como se mencionou na seção anterior, no final do século XIX, os projetos dos parques *bogotanos* converteriam-se nas vitrines de um projeto político que pretendia a consolidação e controle do Estado Nacional²³⁶, e que buscava enfrentar a situação de pobreza, violência e crise interna na qual se afundava o país.

É preciso lembrar – guardando a devida distância de tempo, escala e contextos históricos – que na Europa surgiu a ideia do parque público urbano no século XIX, como uma alternativa que reunia um conjunto de qualidades que ajudariam a resolver os males da cidade industrializada, de tal forma que as teorias higienistas legitimariam as funções sanitárias do parque urbano, onde “[...] os benefícios sanitários da natureza se juntaram à virtude pacificadora, associada rapidamente a uma ideia de controle social”²³⁷. No caso *bogotano*, não se trata de um mundo industrializado, mas de uma cidade pré-moderna de apenas 100.000 habitantes, capital de uma República, que tratava de superar a instabilidade política e os fenômenos de violência e pobreza que aconteceram depois da independência em 1810, e que concebeu ao parque urbano a chance de cultivar valores “pacificadores” fundamentais ao orgulho nacional e o culto aos heróis e mártires da independência.

Chama a atenção que no caso *bogotano*, com um século de diferença, propuseram-se soluções com discursos políticos semelhantes, desconhecendo-se que a escala e conflitos da cidade são diferentes e mais complexos. O PTM como projeto político de finais do século XX guarda semelhança com os empreendidos na época de *La Regeneración*, mas

²³⁶ “A *Regeneración* marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu início a que os princípios do *conservatismo* fossem impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

²³⁷ SERPA, 2004, p. 160.

agora, mediado pelo discurso contemporâneo dos símbolos nacionais, a promoção da competitividade, a procura da igualdade e da sustentabilidade ambiental, foram reforçados com um enfoque quase messiânico: o concurso arquitetônico de ideias tinha o papel da semente no processo de salvação e redenção do centro da cidade e de todos os seus moradores:

Esta é uma ocasião única, e oportuna, para obter na área central da cidade as condições para se inserir ao futuro adequadamente, e para atuar como centro de integração social no mundo contemporâneo. [...]

Não fazê-lo seria condenar a cidade central à decadência, ao anacronismo e ao abandono, ao mesmo tempo em que os equipamentos contemporâneos vão se fazendo na periferia, onde se deslocam os atrativos, ao mesmo tempo em que o centro nem sequer se conserva [...] (Bases do concurso, 1999, numeral 3.1)

Com este ideário, nas bases do concurso pediu-se aos participantes toda sua dedicação e sabedoria para apresentar as mais criativas soluções, que deram resposta a aspectos transcendentais como a “[...] criação de um fato urbano de tal significado e atrativo que se converteria em referente geral da Bogotá metropolitana do século XXI”²³⁸.

Na procura de uma solução integral no setor de *San Victorino* e o centro da cidade, as bases do concurso enfatizaram a necessidade de que as propostas abordassem simultaneamente três aspectos básicos: o urbanístico, o arquitetônico e o paisagístico.

No urbanístico, insistiu-se na importância de conservar a “memória” e ressaltar a importância do lugar na história da cidade²³⁹, assim como na urgência de dispor grandes áreas para o estacionamento de veículos, devido a que toda a operação imobiliária tinha como eixo central a construção de um complexo comercial²⁴⁰ na parte média da *pieza*

²³⁸ Correspondente a este objetivo, o documento do concurso apresentava como objetivos: “Gerar um impacto social cultural e urbano que potencialize a reabilitação da cidade central toda, propor a vocação e o caráter do Parque, assim como sua representação simbólica e cultural para a cidade e o país em geral; definir os usos e possíveis atividades no Parque e na borda de influência imediata [...], que garantam a permanência, o atrativo, o caráter e a sustentabilidade do Parque [...] a utilização dos prédios que seja necessário, ou se proponha conservar; localizar esculturas, símbolos, fontes, sinais, árvores e outros elementos organizadores do espaço cívico proposto; considerar a trama urbana e os espaços públicos pré-existentes ou propostos que articulem o Parque e sua área de influência com o restante da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1)

²³⁹ “O Parque como Marco Urbano: Se deverá incorporar ao desenvolvimento do Parque a memória urbana e o significado histórico que tem tido e tem neste setor para os cidadãos de fora e dentro da cidade. O parque deverá ser um motivo de orgulho e reconhecimento para os cidadãos e lugar obrigado de visita, tanto para os *bogotanos* como para os habitantes de fora da cidade”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴⁰ “Deve se considerar que na zona norte da borda do parque se colocará um setor comercial e de serviços de aproximadamente seis hectares, complementares à zona consolidada existente, a qual, segundo os cálculos, deverá prover estacionamentos para 5.000 veículos”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

urbana. Com relação ao aspecto arquitetônico, insistiu-se na necessidade de propor um desenvolvimento imobiliário sobre a *Carrera 10ª* com características semelhantes à solução proposta por B&M, com a intenção de incluir esta zona como parte da estratégia de financiamento do Parque²⁴¹.

Finalmente, apesar de que o concurso do desenho correspondia a um Parque Metropolitano, que por sua natureza deveria fazer parte da Estrutura Ecológica Urbana (EEU) da cidade, o aspecto ambiental e paisagístico foi referido dentro das bases com poucas linhas e de maneira superficial. Aos competidores pediu-se exclusivamente:

Propor a ideia básica do parque com suas áreas, solos, caminhos, fontes, prédios e demais elementos concebidos, assim como as massas, alturas, alamedas ou alinhamentos arborizados, sem necessidade de descrever as espécies, nem fazer um projeto paisagístico detalhado.²⁴²

O tema dos corpos de água – rios *San Francisco* e *San Agustín* – também se tratou de maneira trivial a tal ponto que até o *R. San Agustín* nem sequer foi mencionado dentro das Bases do Concurso. O manejo de água reduziu-se a um artigo de recuperação da “memória urbana” e não se incorporou como um elemento vital do sistema hídrico do centro da cidade. Aos contestantes foi solicitado simplesmente “[...] ter em conta o leito do antigo *R. San Francisco*” sem proporcionar maiores precisões ou parâmetros a respeito.

Os critérios de avaliação e qualificação dos projetos foram consequentes com os objetivos traçados. Neste sentido, não incluíram aspectos ambientais e paisagísticos, e concederam prioridade unicamente à proposta de usos, de articulação urbana e de gestão da proposta. O jurado do concurso outorgou o primeiro prêmio à proposta dos arquitetos Juan Guillermo Pereira e María Camila Pabón (P&P), (Figura 38), a qual compreendia uma operação urbana integral, coincidente com as quatro zonas de intervenção que propuseram B&M:

De acordo com o jurado, o projeto ganhador criava uma nova paisagem através da técnica apropriada na criação de parques, cujo segredo está no trabalho paciente sobre as articulações em diferentes níveis, sobre as massas de árvores, sobre a água, sobre o tecido entre o anterior e o

²⁴¹ “[...] considerar a inclusão de novos prédios representativos de caráter institucional que lhe forneçam sustentabilidade à conservação do patrimônio urbanístico e arquitetônico da borda oriental do Parque”. (SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2)

²⁴² SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.2.

construído. O jurado também considerou para selecionar o projeto, a importância que este lhe deu à vinculação direta do parque com os seus limites imediatos.²⁴³

Figura 38 Vista aérea do projeto ganhador do Concurso Arquitetônico. Arquitetos Pereira & Pabón (P&P). O Parque em primeiro plano com suas praças, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o conjunto de prédios comerciais e de moradia. [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de P&P, sobre a vista aérea de B&M].

Zona 1. A solução propôs manter a estrutura morfológica nos quarteirões existentes em virtude do seu valor patrimonial e sua tradição como setor comercial. Para integrar a Praça *San Victorino* com o Parque, propõe-se subtrair um quarteirão mantendo um prédio patrimonial, que seria reciclado como prédio institucional. (Figura 39).

Zona 2. Para esta zona a proposta incluiu uma renovação total dos quarteirões os quais mantêm a morfologia urbana e recuperam a tipologia de quarteirão com quintal no interior (claustro); estabelecem-se como usos, o comércio no nível da rua e as moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁴. Para dar a continuidade entre a Praça *San Victorino* e o Parque, subtraem-se dois quarteirões e mantêm-se os prédios patrimoniais, os quais são reutilizados como equipamentos institucionais.

Zona 3. Esta área corresponde ao PTM, e tem um tamanho maior ao proposto no projeto de B&M, pois integra ao Parque quatro quarteirões do costado norte. Propõe-se a conservação de todos os prédios patrimoniais, os quais são reciclados como prédios

²⁴³ Carta do jurado qualificador dirigida aos participantes do Concurso de Ideias Parque Terceiro Milênio, novembro de 1999. In: IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.1., p. 55-Folho 094.

²⁴⁴ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

institucionais, que prestam serviços complementares ao Parque. Para conservar a estrutura espacial e funcional da *Calle 10ª*, propõe-se a construção de novos prédios com formato de barra, paralelos à *Calle 10ª*, que confinados com os prédios patrimoniais recompõem o espaço cênico da via. A composição geral do Parque apóia-se sobre a quadrícula tradicional, típica da morfologia da cidade colonial, à qual foram sobrepostos eixos diagonais, que respondem – segundo os projetistas – às tensões próprias do lugar²⁴⁵.

Figura 39 – Planta geral do Projeto Ganhador. Saneamento geral.

O projeto que incluiu a *pieza urbana* toda (P1) propõe: manter os prédios patrimoniais, extensas zonas verdes, linhas de arborização e uma longa fonte artificial. Destaca-se a plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* que permite a continuidade espacial entre o parque e o centro histórico. Estabelece quatro zonas (P2): ao norte, zona (1) sobre a praça de *San Victorino* mantém a morfologia e uso existente; a zona (2) propõe-se a uma renovação total e prédios comerciais respeitando a morfologia existente; a zona (3), o parque, uma extensa esplanada com três eixos principais, (a) *Calle 11*, caminho de jardins temáticos, (b) caminho ao museu urbano e (c) alameda *Carrera 12*, e no sul, a zona (4) grandes prédios de moradia com formato de barra. Fonte: Revista Escala no. 186-187. [Planos elaborados pelo autor].

Zona 4. Propõe-se para esta zona a modificação de todos os quarteirões, a construção de um plano de moradia, com tipologia em barra, com espaços verdes interiores, com comércio no nível do térreo e moradias nos andares superiores “[...] para garantir a sustentabilidade noturna do setor”²⁴⁶. Para integrar o PTM com este novo desenvolvimento de moradia projeta-se um “parque lineal” no costado sul da *Calle 6ª*, parque que na verdade correspondeu a uma calçada arborizada.

Como havia plena liberdade de propor o conteúdo do programa do Parque, o projeto ofereceu uma série de elementos, os quais foram aproveitados como estratégia de composição do mesmo e de sua integração com o setor: especialmente a criação de uma

²⁴⁵ Um eixo que integra a Praça de *San Victorino* com a esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*, e um eixo curvo que associado ao anterior conforma o espaço monumental mais importante do Parque; outro eixo diagonal conecta a esquina da *Av. Caracas* e *Av. Jiménez* com o Parque e o bairro *San Bernardo*; a partir deste eixo, estabelece-se um novo plano visual que integra o Parque com os *Cerros Orientales* da cidade.

²⁴⁶ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67.

plataforma para pedestres no nível das calçadas sobre a *Carrera 10ª* entre as *Calles 8ª e 11*, conectando espacial e funcionalmente o PTM com o Centro Histórico (Praça de *Bolívar*); o fluxo veicular da *Carrera 10ª* se resolve com uma via subterrânea que passa sob a plataforma para pedestres.

Sobre a *Av. Caracas* propõe-se uma solução menos afortunada, ao resolver a integração a partir do traçado geométrico da arborização proposta, a qual proporciona uma aparente homogeneidade ao espaço, mas na verdade este se fragmenta sob a copa das árvores, sem resolver a conectividade urbana.

Como mencionado anteriormente, a *pieza urbana* compõe-se por quatro zonas claramente estabelecidas. Para conseguir uma integração entre estas, o projeto propõe três elementos estratégicos: o primeiro é um grande espaço verde com formato de banana que conecta a Praça de *San Victorino* com a Praça *Caracas*²⁴⁷. Este espaço de caráter monumental domina toda a composição do Parque e contém duas Praças: Central e de Esculturas, acolhe o passo das *Calles 10ª e 11*, ressalta quatro prédios patrimoniais e um longo corpo de água conformado por quatro fontes artificiais que supostamente lembram o velho leito do *R. San Francisco*. Este espaço enquadra-se com árvores de grande porte, plantados sobre os caminhos dos eixos principais.

Um segundo elemento é o caminho diagonal que comunica o grande espaço verde com formato de banana a três praças triangulares do Parque: a Praça Central, a Praça de Esculturas, e a Praça de Eventos localizada na *Carrera 12* com *Calle 7ª*. O terceiro elemento esta constituído pelo caminho traçado sobre a *Carrera 11*, que comunica a Praça de *San Victorino* com a *Calle 6ª*. Este eixo contém uma biblioteca acondicionada em um prédio patrimonial, três jardins temáticos – flores, verde e árido – o parque infantil com brinquedos mecânicos e a área para esportes com quatro quadras múltiplas. (Figura 40).

Em relação aos elementos naturais, o projeto ganhador propõe como base uma extensa planície verde, que cobriu o espaço todo do Parque, a qual era rebaixada pela quadrícula de caminhos estreitos, pelos eixos diagonais e pelas pequenas praças propostas. Com a intenção de romper com esta paisagem contínua, propôs-se ao costado leste do eixo central que comunica a Praça Central e a Praça de Eventos, um largo talude triangular conformado por três seções trapezoidais, o qual cumpria com várias funções: gerar um lugar calmo e estratégico para o lazer e aproveitamento do Parque, estabelecer um controle espacial entre as áreas leste e oeste do Parque, cumprir a função de corta-ventos e

²⁴⁷ Praça proposta na esquina da *Av. Caracas* com *Calle 6ª*.

comportar-se como uma sacada urbana, desde onde se teria uma vista panorâmica do Parque, seu entorno e especialmente os *Cerros Orientales* da cidade.

Figura 40 – Desenhos da análise do projeto.

Semelhante à proposta de B&M, estes tomam como suporte de desenho a malha tradicional urbana, sobre a qual se traçam eixos diagonais que relacionam pontos importantes do setor (1). Sobre a Praça de *San Victorino*, subtrai-se um quarteirão para permitir a conexão desta com o Parque, na zona central projetaram-se prédios de comércio em formato de claustro, e no Parque propõem-se pequenas unidades (museus e serviços) sobre os três eixos principais (2). Como sistema para pedestres propõe-se uma rede simples de caminhos, com praças no cruzamento dos caminhos mais importantes (3). O parque beneficia-se com uma importante esplanada verde que inclui um talude central (4). A rede de caminhos destaca-se com as linhas de árvores (5). Para rememorar o leito do *R. San Francisco* projeta-se uma longa fonte de cinco trechos. [Desenhos elaborados pelo autor].

A vegetação dispôs-se basicamente de duas formas: de um lado, fileiras de árvores que acompanhavam os caminhos e enquadravam os espaços, com a clara intenção de ressaltar a trama tradicional urbana de *Calles* e *Carreras* de árvores; de outro, a configuração de massas “quadriculadas” de árvores com a finalidade de criar barreiras naturais que controlaram visual e acusticamente as interferências produzidas pela *Av. Caracas*, uma das vias mais congestionadas da cidade.

Para a recuperação da “memória” do leito do *R. San Francisco* propõe-se, paralelo ao eixo diagonal que comunica a Praça de *San Victorino* e a Praça *Caracas*, um longo corpo de água formado por quatro fontes artificiais de água, as quais fazem parte do espaço verde dominante da composição do Parque.

É claro que o projeto recebeu o primeiro lugar, por sua resposta frente às exigências das bases do concurso, nas quais se insistia em reconhecer as estruturas urbanas existentes, em propiciar a conectividade urbana e em manter o patrimônio arquitetônico. Também é evidente que como as diretrizes das bases do concurso não incluíram referências com relação à recuperação dos elementos naturais do setor, nem do sistema hidrológico, a

proposta ganhadora ignorou os critérios e as estratégias de desenho ambiental. Porém, sob o olhar deste trabalho, observaram-se os seguintes aspectos positivos na proposta ganhadora:

O projeto propunha manter a maior quantidade de espaços livres no Parque e no setor, com uma superfície verde permeável equivalente a 70% da área do Parque e com poucas áreas impermeáveis, conformadas pela rede de caminhos – os quais tinham dimensões semelhantes ou menores ao largo das ruas existentes no setor –, e o conjunto de praças, cujas dimensões eram inferiores às da *Praça de San Victorino*, principal espaço público da *pieza urbana*. O modelado da topografia configurava um talude central o qual operaria como sacada urbana, desde onde se tinha domínio do Parque, do seu entorno e dos *Cerros Orientales*, elemento dominante da paisagem da cidade.

A instalação de uma plataforma para pedestres sobre a *Carrera 10ª* dava continuidade e conectividade urbana entre o Parque e o centro histórico da cidade, conseguindo com isto que a população usuária do centro participasse e aproveitasse de maneira direta os espaços e as atividades que o Parque poderia lhes oferecer.

O grande espaço verde com formato de “banana” era um elemento de integração de todos os componentes destacados da *pieza urbana*: a Praça de *San Victorino*, a Praça Central, a Praça de *Esculturas*, o Colégio *Santa Inés* e a Praça *Caracas*, os quais se conectariam por dois caminhos para pedestres, que percorreriam o espaço, tendo como elemento de composição central a grande fonte artificial, “[...] figura verde, acompanhada de um plano de água lineal, memória do passo do rio [...]”²⁴⁸.

A partir desta mesma leitura, neste trabalho identificam-se aspectos fracos no projeto ganhador: ao se tomar como base de desenho o traçado tradicional das *Calles* e *Carreras* existentes, o projeto apresenta uma solução espacial que reproduz de maneira simplista o tecido da cidade, onde o construído é trocado pelo vazio. É assim que o projeto é concebido como uma grande operação de subtração dos quarteirões, onde as ruas tornam-se caminhos e os quarteirões espaços verdes. Esta solução aparentemente respeitosa do passado, como o referem os autores, não aportava elementos paisagísticos significativos para o novo Parque, pois esta atitude fazia com que todos os percursos fossem semelhantes, lineais e com as mesmas perspectivas sem nenhum valor cênico.

Chama a atenção que a única parte onde não se manteve o traçado urbano foi na zona correspondente aos quarteirões irregulares, bem no lugar por onde passava o *R. San*

²⁴⁸ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 65.

Francisco. No projeto há uma obsessão marcada por endireitar tudo, por traçar grandes eixos conectores de espaços ou pontos de interesse, como intencionalmente notam os autores:

O urbanismo de *Sixto V*, que estabelece pontos de tensão entre a cidade, e percursos lineais que os comunica, fazem aparecer [no projeto] uma segunda estrutura superposta, rica em diagonais que responde ao fato de que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta [...] ²⁴⁹

É com esta mesma atitude que se traça a rígida fonte de água, com a intenção de recuperar a “memória” do leito do *R. San Francisco*.

Em estreita relação com os conceitos anteriormente expostos, a proposta de arborização reafirmou esta obsessão por ressaltar a traça urbana e os novos eixos diagonais, pois a colocação da vegetação fez-se a partir de uma rígida geometria na qual as linhas de árvores enquadravam os espaços, as fileiras de vegetação acompanhavam os caminhos e nos casos em que se propunham massas de árvores fez-se sob uma severa geometria semelhante à utilizada na plantação mecanizada para a produção agro-florestal.

A proposta, fiel às bases do concurso, não apresentou nenhuma alternativa de recuperação dos elementos naturais perdidos – rios *San Francisco* e *San Agustín* – os quais tiveram grande importância para a cidade. A referência ao *R. San Francisco* fez-se com um longo espelho d’água composto por quatro bacias artificiais, que pouco tinham a ver com o percurso original do rio e muito menos com a função biológica que poderiam cumprir dentro do ecossistema da cidade. Finalmente – semelhante às bases do concurso – não se fez nenhuma referência ou alegoria ao *R. San Agustín*.

Apesar destas falências, o processo do concurso arquitetônico de ideias cumpriu com a estratégia central da administração *Distrital*: dimensionar o custo político e social da obra a empreender – aproveitando a oportunidade como um instrumento de publicidade da operação imobiliária da *Pieza Urbana* Terceiro Milênio – por meio de um evento de caráter nacional, que convocou todos os arquitetos do país aproveitando o ente mais importante do grêmio, a Sociedade Colombiana de Arquitetos (SCA).

A estratégia de utilizar o concurso como um instrumento de publicidade ou promoção evidencia que o PTM, no fundo, foi um projeto político, que em sua concepção retomou a

²⁴⁹ PEREIRA; PABÓN, 2000, p. 67..

experiência do modelo francês, usado na construção de parques nos últimos anos do século XX: “Concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque urbano está ligado, sobretudo, a uma vontade política [...] Trata-se principalmente, de uma vontade política de representação no (e através do) tempo”²⁵⁰.

3.2.3 Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio (POUPTM). Projeto construído.

Com o PMTM, a convocatória do Concurso de Ideias e a eleição de um projeto ganhador, a administração *Distrital* conseguiu concretizar numerosos aspectos relacionados com a materialização deste megaprojeto portador de um ideário político. Porém, ainda era necessário dotar o projeto de um elemento adicional que permitira finalmente a execução amparada em um marco legal e normativo. Foi assim que a Prefeitura contratou o “Plano de Ordenamento Urbano do Parque Terceiro Milênio” (*POUPTM*), cujo documento técnico foi encarregado à União temporal, EHM Arquitectos, conformada por Rafael Esguerra, Carlos Hernández e Giancarlo Mazzanti. (Figura 41). O estudo teve como objetivo “estabelecer um diagnóstico sobre a situação atual, os potenciais, e as restrições do setor utilizando uma base técnica que permitisse analisar as características dos componentes ambientais, paisagísticos, espaciais, funcionais e físicos da área”²⁵¹. Para os propósitos desse trabalho, requer-se aprofundar nos elementos que primaram na concepção do POUPTM, pois esses evidenciam as prioridades e parâmetros que se estabeleceram para a execução do projeto.

O Documento técnico do POUPTM incluiu uma aproximação à escala metropolitana, para “[...] visualizar as transformações ambientais e geográficas, a conectividade e acessibilidade ao setor”, uma aproximação ao centro da cidade e a área de influência do Parque²⁵². O Documento Determinou os usos, densidades e níveis de intervenção e o procedimento para a definição das normas do setor, os instrumentos de gestão urbana e planejamento, e a atuação urbanística de acordo com os lineamentos da Lei 388 de 1997, Lei de Ordenamento Territorial.

Com relação ao tema legal, o Documento Técnico do POUPTM teve em conta as definições e lineamentos do “Decreto 880 de 1988”²⁵³, o qual lhe atribui o tratamento de

²⁵⁰ SERPA, Angelo, 2004, p. 139-140.

²⁵¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6.

²⁵² INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 4.

²⁵³ O estudo de Montenegro & Lizarralde deu origem ao Decreto 880 de 1998. “*Por el cual se adopta el programa de Renovación Urbana para la recuperación del sector comprendido por los barrios San Bernardo y Santa Inés y su área de*

Renovação Urbana²⁵⁴ ao bairro de *San Bernardo* e sua área de influência; do Decreto 334 de 2000, “com o qual se modifica e se complementa o Decreto 880 de 1998 com relação aos conteúdos do Programa de Renovação Urbana para o Setor de *San Bernardo*”²⁵⁵; e o Decreto 619 do Plano de Ordenamento Urbano (POT), cuja aprovação e divulgação realizaram-se no ano 2000. O POUPTM, em relação à escala urbana, incorporou os objetivos estabelecidos pelo POT para o ordenamento da cidade central²⁵⁶.

Figura 41 – Vista aérea do Projeto Construído. (EHM).

Em primeiro plano o Parque com suas alamedas, caminhos, zonas verdes e fontes, ao norte o traçado do novo desenvolvimento urbanístico, conjunto de prédios comerciais (sem construir). [Fotomontagem elaborada pelo autor, com planos de EHM, sobre a vista aérea de B&M].

Embora fossem expostos os aspectos relacionados com a norma específica do setor e a operação de renovação urbana²⁵⁷, no que diz respeito à dimensão ambiental, é preciso dizer que em sua introdução, o Documento Técnico do POUPTM deixou em um lugar

influencia y se establecen normas específicas para algunos de los sectores dentro del área de Renovación Urbana". Bogotá, outubro de 1998.

²⁵⁴ O decreto 880/98 definiu a Renovação Urbana como o “processo de intervenção sobre a política de uso do solo, por meio deste procura-se transformar ou adequar um assentamento urbano existente e adaptá-lo a novas necessidades urbanas com o fim de dinamizar zonas deterioradas ou em processo de deterioramento”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe Final)

²⁵⁵ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 5, Informe final.

²⁵⁶ São objetivos do ordenamento da cidade central (entre outros): “[...] Melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. 5. Proteger e conservar os elementos da Estrutura Ecológica Urbana dando trato especial aos *Cerros Orientales*. 6. Incentivar a conservação das zonas e imóveis patrimoniais [...]”. ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. Plano de Ordenamento Territorial (POT). Decreto 619 de 2000. Art. 121. *Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital, Bogotá, 2000.*

²⁵⁷ O Plano recomendou o seguinte: “A norma específica para o setor de intervenção estará delimitada por meio de três atos administrativos que são: a *Ficha (explica)* regulamentaria: para os setores com tratamento de renovação em sua modalidade de reativação. O Plano Parcial: para os setores com tratamento de renovação na modalidade de re-desenvolvimento e o Plano *Maestro* para Parques e Plano *Maestro* para Equipamentos: na área específica do parque.”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 56, Informe Final)

marginal a dimensão ecossistêmica, apesar da presença do conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no POT. Somente fez uma breve alusão a este conceito, transcrevendo os objetivos do ordenamento da cidade central estipulados pelo POT:

[...] melhorar a qualidade ambiental da área e destacar seus elementos naturais como componentes fundamentais de sua paisagem urbana por meio do melhoramento do espaço público e o aumento e recuperação do espaço livre. E proteger e conservar os elementos da EEU dando tratamento especial aos *Cerros Orientales*.²⁵⁸

Vale a pena notar também que paradoxalmente nestas poucas linhas não se consideraram as sub-bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín* como parte fundamental da EEU no centro da cidade.

Apesar desta omissão na introdução, a descrição da área de estudo do documento Técnico do POUPM incluiu alguns enunciados sobre o “Sistema Ambiental Geográfico e de Paisagem”, sem assumir um compromisso tangível com o ideário que deu vida ao conceito de EEU na formulação do POT: (Figura 42), no estudo mencionaram-se alguns antecedentes e o estado da paisagem, dos componentes hidrológicos, topográficos e bióticos, enfatizando na vegetação existente e predominante na área. A descrição de cada um dos componentes retomou os elementos enunciados pelos estudos que lhe antecederam (Plano Zonal do Centro de Bogotá, Agendas Locais Ambientais, Plano *Maestro* Terceiro Milênio e bases do Concurso Arquitetônico de Ideais entre outros). As recomendações para o melhoramento da qualidade ambiental retomaram a retórica das bases do CAI e do PMTM, sem formular uma proposta encaminhada a concretizar ações específicas para a recuperação do sistema hídrico e hidrológico original²⁵⁹.

²⁵⁸ ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. *Documento Técnico de Soporte al POT*. Numeral 5.2.1.2.3. Bogotá, 1999.

²⁵⁹ “A recuperação da memória dos rios executa-se por meio da incorporação do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, que continua até o interior da zona. É um componente essencial para a recuperação do espaço público de *San Victorino* e para o Parque Terceiro Milênio. [...] Do mesmo modo a *Calle Séptima* por onde passava o leito do rio *San Agustín* incorpora-se também como Eixo Ambiental, aportando um melhoramento das condições para a circulação de pedestres e de bicicletas e com um critério claro de arborização para articular a rede verde [...] Como uma solução para compensar a artificialização (enterro) dos rios, é importante considerar a conexão entre os cerros e seus rios por meio da incorporação das principais avenidas por meio de eixos ambientais e suporte da malha verde, de forma que todas estas funcionem dentro de uma rede verde viária [...] se recomenda a penetração da paisagem dos morros na trama urbana por meio de seus principais eixos (antigos leitos) *Av. Jiménez* e *Calle Séptima*, entre os que se recomenda incluir também a *Avenida de Los Comuneros* e a *Avenida 1ª*, de jeito que estes eixos verdes desçam e penetrem na área para chegar ao Parque e continuem pela rede verde viária. Estes corredores poderão atrair novas espécies de fauna associada, buscando melhorar a qualidade sonoro-auditiva, não somente pela absorção, desvio e reflexão do barulho, mas pela substituição por outro som mais prazeroso ou mais tolerável ao ter-se reduzido a energia original”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p.39-40, Informe final) O documento do Plano não fez nenhuma recomendação técnica para conseguir estes louváveis objetivos, já que a atividade pela qual tinha sido contratada a União EHM Arquitectos, consistia somente em efetuar recomendações gerais, de modo que as propostas como, por exemplo, a de um “eixo ambiental” sobre a *Carrera 7ª*, ou sobre a *Avenida 1ª* jamais se realizaram.

Figura 42 – Plano de Ordenamento Urbanístico Parque Terceiro Milênio. Projeto construído. (EHM).

A área de estudo do Plano (P-1) estava definida pela zona (cor verde) delimitada por: a *Av. Jiménez*, a *Carrera 10ª*, a *Calle 1ª* e a *Av. Caracas*, com uma área de 68,3 ha, Dentro da qual se incluiu o Parque Terceiro Milênio (cor verde escuro). A área de influência (cor rosa) estava conformada pela *Calle 19*, a *Carrera 4ª*, a *Calle 6ª* sul e a *Carrea 19* área 310 ha. A área do Parque (P-2) subdividiu-se em duas zonas: (1) Cor verde escuro, pertence ao espaço de articulação entre a área comercial de *San Victorino* e o Parque. (2) cor verde claro, corresponde à área do Parque propriamente dito. Fonte: IDU/EHM. [Desenhos elaborados pelo autor].

Na metodologia do POUPTM, incluíram-se três fases: a primeira foi referente a uma “Análise e diagnóstico no nível do setor”, a segunda, a uma “Definição das alternativas de organização”, e a terceira, ao “Desenvolvimento do cenário de organização e desenvolvimento do projeto arquitetônico”²⁶⁰. É nesta última fase que se incluiu o projeto “Estabelecer as diretrizes do desenho do parque e seu desenvolvimento”²⁶¹. Neste cenário foi determinada a função e o conteúdo do programa, e foram elaborados os planos gerais de construção do Parque.

Projeto construído

Para a zona de 18.5 ha²⁶², (Figura 43), correspondente ao PTM, o POUPTM, retomou vários critérios do projeto ganhador do concurso arquitetônico de ideias:

[...] a integração com o seu contexto urbano: relação com o *cardo*²⁶³ Institucional, a relação com (os bairros) *La Candelaria*, *La Capuchina*, *El Voto Nacional* e *La Estanzuela* [...] a construção do Parque por etapas²⁶⁴, a recuperação da ‘memória’ dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, por meio da criação de espelhos d’água, a evocação de seus leitos pelo tipo de

²⁶⁰ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 6-8, Informe final.

²⁶¹ INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 8, Informe final.

²⁶² A área inicial era de 20 ha, mas ao suprimirem-se dois quarteirões ao norte do Parque a área diminuiu a 18.5 ha.

²⁶³ **Cardo**: rua sentido norte-sul usado no planejamento urbano das cidades do império romano. A rua sentido leste-oeste se denomina *Decumanos*.

²⁶⁴ “O qual se verificou de acordo ao Plano de compra de prédios da Empresa de Renovação Urbana”. (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60, Informe final)

arborização associada²⁶⁵, a criação de grandes espaços representativos de encontro abertos à paisagem dos morros; o manejo do Parque por meio de sistemas operativos (solos e topografia), de tensões e fluxos (mobilidade), e de acontecimentos (programa de usos) [e finalmente a] evocação da memória de suas ruas e espaços, e identificação de seus espaços com seus antigos nomes” (Toponímia).²⁶⁶

Figura 43 – Planta geral do Projeto Construído.

Diferente dos projetos de B&M e P&P, a proposta somente inclui a área do Parque (P1). Mantêm-se os prédios de Medicina Legal e o Colégio *Santa Inés*, projetam-se sete taludes perimetrais para isolar os espaços interiores com o seu entorno, além de organizar a rede de caminhos inferiores e superiores do mesmo. Como complemento ao Parque (2) a administração *Distrital* elabora os Planos *Maestros* de *Santa Inés*, ao norte (1), e *San Bernardo*, ao sul (3), com os quais se estabelece as normas de ocupação e uso destes dois importantes setores vizinhos do Parque. [Desenhos elaborados pelo autor].

As linhas anteriores evidenciam que com relação ao tema ambiental, persistiu a retórica da “evocação” e “recuperação de memória” dos rios, cujo reflexo no desenho seria o espelho artificial d’água e a arborização associada.

A composição geral apoiou-se sobre a antiga quadrícula tradicional de *Calles* e *Carreras*, sobre a qual se destacaram três eixos. O principal eixo correspondeu à prolongação da *Carrera 12* (Alameda Terceiro Milênio), cumprindo a função urbana de integrar de norte a sul a Praça de *Nariño* com o Parque do Bairro *San Bernardo*. O segundo eixo correspondeu à *calle 9ª* (Alameda *Calle Novena*), a qual teve a função urbana de articular o setor de *San Victorino* com o PTM e a de conectar o Parque com o Centro Histórico da cidade. O terceiro eixo correspondeu à *calle 7ª* – Alameda *Calle Sétima* –, integrando a escultura urbana “*Pórtico*”, do escultor Ramírez Villamizar, localizada sobre a *Av. Caracas*, ao Colégio *Santa Inés*, à Alameda Terceiro Milênio e à zona sul de brinquedos para as crianças. (Figura 44).

²⁶⁵ *Cedros*, (*cedrela montana*) *Sangregaos* (*croton*), *Gaques* (*clusia*) e *Pinos Romerones* (*podocarpus montanus*).

²⁶⁶ (INSTITUTO...; EHM, 2000, p. 60-61, Informe final)

Figura 44 – Desenhos de análise do projeto.

O projeto toma como suporte de composição a malha tradicional urbana, semelhante aos projetos anteriores, a qual é modificada com dois eixos diagonais no sul do Parque (1); propõe pequenas unidades culturais e de serviços espalhadas pelo Parque todo (2); o sistema para pedestres está constituído por amplas alamedas perimetrais e interiores, destacando-se a Alameda Terceiro Milênio – eixo central norte-sul – (3); as zonas verdes são sacrificadas pela alta presença de zonas duras – alamedas – (4); análogo às propostas anteriores a arborização dispõe-se em linhas que marcam os caminhos (5); sobre o eixo central e os caminhos diagonais projetam-se cinco fontes e outra maior na zona do “jardim botânico”. [Desenhos elaborados pelo autor].

Com relação aos elementos naturais, no desenho paisagístico, apresentou-se como novidade a utilização de taludes artificiais na periferia do Parque, os quais foram dispostos com a intenção de configurar microespaços, conformar barreiras corta-vento, gerar isolamento visual e acústico como o entorno imediato. Adicionalmente projetaram-se esplanadas verdes acondicionadas com espaços para as crianças brincarem.

Com a intenção de consolidar uma rede de alamedas com chãos duros na periferia e no interior do Parque, sacrificou-se uma parte significativa da superfície permeável, de forma que esta se limitou somente a 36% da área total. Propuseram-se linhas de árvores de grande porte na periferia e nas alamedas principais do Parque, e não se realizou nenhuma proposta de massas de árvores de diferentes espécies nativas que favorecessem os processos *sucessivos* e a atração de fauna.

Manteve-se a atitude de propor pequenas bacias artificiais de água, às quais lhes designaram uma função exclusivamente decorativa, sem incorporar estratégias de manejo das águas pluviais, nem muito menos considerar a possibilidade de recuperação das dinâmicas das sub-bacias.

Incluiu-se um Jardim Botânico, que resultou ser mais uma ilusão alegórica do que deveria corresponder a um elemento desta natureza. Por tal motivo, em consideração do autor deste trabalho, na verdade, todo o Parque deveria ter sido concebido como uma

grande reserva de vegetação nativa, que contribuísse à recuperação de processos ecológicos.

Com relação à proposta de mobilidade para pedestres, projetou-se um anel perimetral de circulação com alamedas nos quatro extremos do Parque: *Carrera 10ª*, *Calle 6ª*, *Av. Caracas* e *Calle 9ª*. No interior do Parque construiu-se uma Alameda Central, (Alameda Terceiro Milênio) de 32 metros de largo e 400 metros de comprimento, a qual, paradoxalmente, não incluiu árvores. Esta alameda foi complementada com outras alamedas menores (*Calle 7ª* e *Calle 8ª*), e uma rede de caminhos estreitos²⁶⁷. O tamanho e quantidade das alamedas e caminhos obrigou a ter uma quantidade significativa de superfícies duras que ocupam 61% do Parque, gerando assim uma imagem de paisagem árida. A esta paisagem opõe-se o valor cênico dos taludes sulcados por caminhos sinuosos localizados nas zonas baixas e superiores dos mesmos. (Figura 45).

Figura 45 – Percurso fotográfico do Parque.

Destacam-se os seguintes elementos: (1) a Alameda Terceiro Milênio com sua exagerada dimensão e sua evidente falta de arborização; (2) os taludes perimetrais, com os caminhos “traçados” pelos usuários em suas crestas; (3) a esplanada verde com brinquedos para crianças, com pouca utilização; (4) as fontes artificiais como “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*; (5) o Jardim Botânico, nome exagerado para este desolado espaço; (6) o módulo cultural e de serviços (*lan house*) com baixa frequência de uso. [Fotos do autor].

A rede de ciclovias instalou-se sobre a rede principal de alamedas, beneficiando-se da arborização e do mobiliário proposto. Finalmente, a *Calle 9ª* e a *Carrera 13* foram mantidas como vias veiculares, mas de trânsito restrito. A função destas duas ruas é manter a conectividade do Parque e do prédio de Medicina Legal com o setor. Para os carros

²⁶⁷ Programa ratificado no Decreto *Distrital* 346 de 2003: “*Por el cual se adopta el Plan Maestro Parque Tercer Milenio*”.

projetou-se uma zona de estacionamentos subterrânea para 168 veículos, sob a alameda central, com entrada e saída pela *Calle 6ª (Av. Comuneros)*.

Com relação às edificações, foram mantidas como prédios do Colégio *Santa Inés* devido a seu valor cultural e patrimonial e o prédio de Medicina Legal, em virtude da importância do serviço que presta à cidade. Exclusivamente para o Parque se propuseram pequenas unidades de serviços assim dispostas: sobre a Alameda Terceiro Milênio, dois palcos para a realização de espetáculos culturais e um Centro Cultural (*lan house*). Dois restaurantes, um no Jardim Botânico e outro frente ao Instituto de Medicina Legal, e três unidades de serviços nas Zonas de brinquedos para crianças. O total da área ocupada pelas construções é de 4% do Parque.

Para legalizar o processo todo de construção do parque, a prefeitura contratou o arquiteto Camilo Santamaría para o estudo “Plano Maestro Parque Terceiro Milênio”, com o qual se determinaram os usos e a ocupação do parque e se legalizou ante o *Departamento Administrativo de Planeacion Distrital -DAP*. (Figura 46)

Figura 46 – Plano Maestro Parque Terceiro Milênio. Arquiteto Camilo Santamaría.

Com este Instrumento Legal determina-se o uso e ocupação do Parque Terceiro Milênio. Estabelece-se o zoneamento, plano P1: (1) Alameda Terceiro Milênio, (2) Esplanada, (3) Brinquedos crianças Norte, (4) Brinquedos crianças Sul, (5), Praça e acesso Norte, (6) Alameda *Calle Sétima*, (8) Zona de esportes, (9) Jardim Botânico. Além disso, determina-se a quantidade e uso dos prédios, plano P-2: (1) dois prédios de Medicina Legal – existente – (2) Colégio *Santa Inés* – existente – (3) uma Cantina para estudantes – sem construir –, (4) um Restaurante Jardim Botânico – fechado – (5) dois Cenários Culturais – palcos –, (6) três Unidades de Serviços (7) Centro Cultural (*lan house*). Fonte: Decreto 346 /2003.

3.3 Análise comparativa dos projetos

A análise das propostas elaboradas para o Parque por Bueno & Montenegro – Plano *Maestro* Terceiro Milênio (PMTM), de Pereira & Pabón – Concurso Arquitetônico de Ideias (CAI) e de Esguerra, Hernández & Mazzanti (Projeto Construído) permite entrever elementos que vale a pena comparar.

Com respeito aos eixos de composição, evidenciou-se que a proposta de B&M teve ênfase na solução simétrica, ao passo que a solução do concurso ganhador constituiu em uma proposta dinâmica produto da superposição de eixos diagonais – que correspondem às tensões e relações do lugar – sobre uma retícula, que representa a referência direta ao traçado urbano do setor. Finalmente, o projeto construído, propõe uma solução híbrida: sobre uma estrutura ortogonal, própria do traçado urbano, superpôs um percurso irregular, localizado na parte interna do Parque.

Em relação à proposta de praças, o projeto B&M optou pela alternativa da praça monumental na que se perde a escala humana. A proposta ganhadora do concurso de ideias apresentou a alternativa de praças triangulares que se geravam a partir do cruzamento dos eixos diagonais com a malha ortogonal. O projeto construído não maneja o conceito de praça, pois trocou o referido conceito pelo de “alameda”²⁶⁸, entendida como a materialização de um eixo de composição por uma extensa superfície pavimentada com caixas para plantio de árvores.

Finalmente, com relação à proposta de áreas edificadas, o projeto de B&M propôs uma edificação comercial no centro do Parque e um conjunto de equipamentos na parte sudeste do mesmo. O projeto ganhador do concurso arquitetônico propôs um conjunto lineal de prédios comerciais e institucionais na zona norte do Parque, a manutenção das edificações com valor patrimonial, e a instalação de uma rede de pequenos equipamentos. O projeto construído dentro do seu processo de desenho reduziu a área de ocupação do Parque de 20 ha a 18.5 ha, manteve os prédios de Medicina Legal e do Colégio *San Inés* e dispôs uma série de pequenos equipamentos distribuídos pelo parque todo, especialmente sobre a Alameda Terceiro Milênio e *Calle Sétima*.

Com relação aos elementos naturais, o projeto de B&M propôs uma esplanada verde, com uma grande fonte de água; o projeto ganhador do concurso, uma planície verde com

²⁶⁸ Nos parâmetros gerais do desenho do Parque incluiu-se o conceito de **praça**; porém, durante o processo de desenho o referido conceito foi trocado pelo de **alameda**, como pode ser constatado no Decreto 246 de 2003.

talude central e uma longa fonte de água; e o projeto construído, taludes perimetrais sobre um plano verde e três conjuntos de pequenos espelhos d'água. As três propostas utilizaram o mesmo conceito de arborização: fileiras de árvores marcando os caminhos e as alamedas.

Infelizmente, embora não se possam ignorar os grandes esforços de gestão adiantados pela administração Distrital e os profissionais contratados para lograr a materialização do projeto do PTM, o elemento natural nas três propostas teve importância devido ao seu valor cênico e decorativo. (Figura 47). Mas não como ferramenta que verdadeiramente contribuísse à conformação de uma EEU. Como colombianos e como *bogotanos* eles não podem contar com uma tradição que outorgue valor aos rios como elementos verdadeiramente importantes dentro da cidade; a evidência desta condição encontra-se precisamente em uma Bogotá que por quase quatro séculos dedicou-se a “enterrar seus rios”.

Figura 47 – Vista aérea do estado inicial do setor e depois com o projeto construído.

Imagem do estado do setor antes da intervenção urbana (I-1): aprecia-se o alto nível de ocupação do setor. Montagem do Parque no setor (I-2): evidencia-se a magnitude da operação urbana que significou a construção do Parque (P-2). Fonte: (I-1) IDU/SCA “*Bases del Concurso*” anexo 12. (I-2). [Montagem do autor: imagem Google sobre imagem das Bases de Concurso].

Com o anterior, a cidade perdeu uma valiosa oportunidade de tornar realidade o ideário proposto pelo conceito de EEU na franja da cidade que enterrou seus rios e no setor que correspondeu à confluência dos *R. San Francisco* e *San Agustín*. Esta atitude é semelhante à que se apresentou com os outros projetos que se localizaram sobre o antigo leito do *R. San Francisco*: o projeto de recuperação da Praça de *San Victorino* e o projeto do Eixo Ambiental *Av. Jiménez*²⁶⁹ na qual, como se explicou antes, instalou-se um extenso,

²⁶⁹ Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, Extensão 2,8 km “Para sua realização foi necessário recuperar e articular importantes espaços públicos compreendidos entre a estação do *Funicular (Carrera 2ª Este com Calle 21)* e a Estação da Savana (*Calle 13 com*

estreito e superficial espelho d'água de 1.600 metros de comprimento ao longo da Av. Jiménez.

Com estas ações evidencia-se que os projetos de recuperação do sistema hídrico reduzem-se exclusivamente ao plano retórico, sem chegar a uma concretização do ideário da EEU. Esta atitude tem se replicado em outras áreas da cidade onde, por exemplo, a recuperação de zonas úmidas, como a de *Juan Amarillo*, tem se materializado na construção de alamedas perimetrais, que embora sejam uma alternativa para a geração de espaço livre (superfícies impermeáveis com árvores em canteiros não contribuem ao processo de restituição do sistema hídrico da cidade).

Frente à ausência de uma proposta que concretizasse o ideário da EEU, ficava ainda a oportunidade de que o projeto pudesse ser uma alternativa de renovação urbana de uma peça da cidade que se encontrava em avançado estado de deterioramento urbano e “decomposição” social de modo a contribuir à conformação de um “centro de integração social no mundo contemporâneo”²⁷⁰, que atraísse o investimento do setor privado, motivando o retorno da população para que ocupasse de maneira estável a zona centro da cidade, como bem o apregoam as iniciativas empreendidas pela prefeitura atual.

Porém, após quatro anos de sua construção, nas visitas de campo realizadas no desenvolvimento do presente trabalho, ainda não se evidencia uma transformação do entorno construído do Parque, também não se evidencia uma afluência massiva de pessoas ao mesmo e, ao contrário, ainda o setor mantém uma conotação negativa na percepção dos cidadãos. Frente a este panorama, surgem inevitavelmente alguns questionamentos: É possível que o Parque, não esteja contribuindo a um processo de renovação urbana no centro da cidade? Quais deveriam ser os elementos a serem levados em conta para que não se produzisse uma situação com estas características? Seria possível que o projeto na verdade tivesse se convertido em um exercício de limpeza social oficial em uma zona de alta degradação urbana, gerando um vazio dentro da cidade?

A seção 4 procurará responder a estes questionamentos, partindo da premissa de que é preciso revelar quais foram os processos e fenômenos urbanos e paisagísticos que deram lugar ao que atualmente é este setor da cidade, sendo que eles deveriam marcar a

Carrera 18). O conjunto cria um entorno que recupera integralmente parte do *Centro Histórico*, resalta o patrimônio arquitetônico e urbanístico situado ao longo do Eixo e gera as condições necessárias para reanimá-lo em termos ambientais. O Eixo inclui um amplo passeio para pedestres e um corredor para o uso exclusivo do serviço de transporte público *Transmilenio* [...]. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>>. Último acesso em: 07 mar. 2009. O tramo construído mede 1.6 km compreendido entre a *Carrera 2ª* e a *Carrera 10ª*, e teve um custo final de 7.056 milhões de pesos / 2.8 milhões US\$ (custo inicial estimado 6.000 milhões de pesos / 2.4 milhões US\$). Fonte: IDU.

²⁷⁰ SOCIEDADE..., 1999, Numeral 3.1.

referência ou o ponto de partida em que se baseiam a tomada de decisões para a recuperação da EEU.

Nota: Para maior informação deste processo, consultar anexo.

4 O PARQUE TERCEIRO MILÊNIO E SUA BACIA. PERIFERIA, CENTRO, ILHA E VAZIO URBANO.

Na seção 1 apresentaram-se alguns aspectos que deram lugar à formação do discurso ambiental no país, explicou-se a origem e inclusão do Conceito de Estrutura Ecológica Urbana (EEU) no modelo do Plano de Ordenamento Territorial (POT) de Bogotá, mencionaram-se alguns elementos ou ferramentas – que na consideração do autor poderiam aportar à materialização efetiva do conceito de EEU em Bogotá – e, finalmente, enfatizou-se a importância de estudar os fenômenos de transformação da paisagem local em perspectiva histórica, a fim de encontrar elementos que permitissem não somente compreender quais os fenômenos que deram lugar às condições ambientais atuais, mas de obter experiências e aproveitar oportunidades que contribuam para a revitalização de valores sociais, urbanos, ecológicos e paisagísticos de um lugar. Na seção 2, realizou-se um recorte histórico que permitiu verificar como o ecossistema original no qual a cidade encontra-se hoje foi intensamente modificado desde o período Colonial até a atualidade, produto do manejo inadequado dos recursos naturais, de modo que o sistema hídrico foi alterado drasticamente com a impermeabilização do solo, a canalização dos rios, a dissecação das zonas úmidas, a contaminação dos corpos de água, a construção de redes combinadas de esgotos como resultado do acelerado crescimento da cidade, especialmente durante a segunda metade do século XX. Na seção 3, evidenciou-se a distância entre o discurso ambiental das propostas e como a concepção do Parque terminou sendo o reflexo de um projeto ou ideário político.

Com estes antecedentes, a presente seção tem o propósito de fazer uma aproximação ao estudo do caso, revelando os elementos sociais, urbanos e ambientais que desde o período Colonial, configuraram a paisagem da área onde hoje está localizado o Parque Terceiro Milênio (PTM), e especialmente, indagar pelo processo de ocupação da sub-bacia do *R. San Francisco* neste setor da cidade. Esta análise visa a aportar um enfoque alternativo, diferente do enfoque que se deu durante a concepção e execução do PTM. Para tal efeito, o autor deste trabalho parte da convicção de que é indispensável estudar qual foi a dinâmica de transformação social, urbana e ambiental da bacia do *R. San Francisco*, que permita ter um novo olhar que deixe ao futuro tomar decisões de acordo com as condições físicas, sociais e ambientais do setor.

Para efeito da respectiva análise toma-se como recorte o espaço conformado pelas bacias dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, espaço que corresponde ao lugar de fundação

e localização do Centro Histórico da cidade, e especialmente do lugar de confluência dos dois rios, setor no qual se construiu entre 2000 e 2005 o PTM. (Figura 48).

Figura 48 – Recorte da bacia e crescimento histórico do centro de Bogotá.

Toma-se como área de estudo a bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín* na zona centro da cidade (P1), delimitada por (1) *Cerros Orientales*, (2) *Calle 16*, (3) *Carrera 18*, (4) *Calle 4ª*, com uma área de 352 ha. San Victorino faz parte do centro tradicional (P2) e consolida-se como bairro em 1840 e é vizinho do Centro Histórico da cidade (P3). P2 Crescimento histórico: azul escuro 1539-1600; azul 1600-1840; lilás 1840-1890; vermelho escuro 1890-1900; vermelho 1900-1920; roxo 1920-1940; amarelo 1940-1950. Centro Histórico. Centro Histórico (P3). [P1- Imagem Google editado pelo autor. P2 e P3 Editados pelo autor/IDEA-UN].

4.1 A bacia dos rios *San Francisco* e *San Agustín*

Dimensão espacial e ambiental da bacia

Durante o período colonial, a Paróquia²⁷¹ de *San Victorino*²⁷² – lugar onde na atualidade localiza-se o PTM – estava situada na parte baixa e na periferia da cidade, próxima à confluência dos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*²⁷³. Estes rios cumpriam o papel de limites naturais da cidade, marcando uma interrupção da traça como tabuleiro de xadrez da cidade colonial.

Como se explicou na seção 2, na fundação e consolidação da cidade colonial primou uma visão utilitária dos corpos de água e do recurso florestal e, além disso, uma percepção negativa das zonas baixas inundáveis as quais eram vistas como foco de animais

²⁷¹ Para efeitos de administração religiosa, *Santafé* dividiu-se em 4 Paróquias desde o século XVI, “as quais foram o único modo para uma organização espacial até o século XVIII”. (MEJÍA, 1999, p. 300)

²⁷² A Paróquia recebeu seu nome em honra a *San Victorino* “*Abogado contra los hielos que suelen hacer daño a los panes recién sembrados*”. (IBÁÑEZ, 1989, tomo I, p. 92)

²⁷³ Estes rios antes da conquista recebiam o nome indígena de *Vicachá* e *Manzanares*. Os nomes dos lugares naturais, designados pelos indígenas, foram trocados pelos espanhóis como ferramenta de dominação do território.

venenosos. Esta condição repercutiu de duas maneiras na Paróquia de *San Victorino*. (Figura 49). Em primeiro lugar, os habitantes da Paróquia não se beneficiaram com as águas dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, devido ao consumo e poluição nas partes altas da cidade que provocaram a diminuição do leito e uma abundante presença de desperdícios no leito dos mesmos. Em segundo lugar, no limite ocidental da Paróquia, na altura do atual bairro *Santa Inés*, (*Carrera 10ª*) havia um barranco profundo, que se formou pelas enchentes do *R. San Francisco*²⁷⁴. Nesse barranco os habitantes da Paróquia descartavam os restos dos animais mortos e o lixo. Estas duas situações determinaram o fato de que o setor de *San Victorino* fosse pouco apetecido para a localização das classes ricas (brancos), de forma que até meados do século XIX, *San Victorino* foi um subúrbio da Paróquia de *La Catedral*²⁷⁵, que acolheu aos indígenas e mestiços que habitavam *Santafé*²⁷⁶. Neste sentido, pode-se dizer que *San Victorino* nasceu sob o símbolo da marginalidade que originou por meio de uma condição ambiental preexistente²⁷⁷: o desprezo por um rio que se desbordava durante certos períodos do ano²⁷⁸, cujo caudal era incapaz de surtir com águas limpas aos habitantes, e de uns solos, submetidos ao risco de possíveis enchentes, e aos imaginários perigos da natureza, representados principalmente por animais venenosos dos quais advertiram as ordenanças de fundação de povoados.

De acordo com a condição de seus habitantes, e o fato de estarem em um vale inundável, as terras da Paróquia caracterizaram-se por conformar uma mancha verde de terras destinadas em sua maioria à atividade agrícola de “*pan coger*”²⁷⁹; esta mancha verde somente era interrompida por algumas edificações e caminhos.

No sul da Paróquia também se situaram algumas propriedades rurais dos espanhóis: a Vila de *Segovia* ou a Horta de *Jaimes*²⁸⁰, – cujas terras começavam frente à Praça do

²⁷⁴ VILLEGAS Ed., 2000, p. 130.

²⁷⁵ ZAMBRANO, Fabio; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. *Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo*. Inédito, 2007. p. 41.

²⁷⁶ Em 1688 havia em *Santafé* 3.000 brancos e 10.000 indígenas [...] os setores mais densamente povoados por indígenas foram *Pueblo Viejo* (leste e sul) *Las Nieves*, *Santa Bárbara* e *San Victorino*. [...] Em 1780 os indígenas puros passavam escassamente 10%, enquanto os mestiços eram 45% da população *santafereña*. Finalizando o século, os indígenas não passavam de 4%. (IRIARTE, 1988, p. 68)

²⁷⁷ Setor de classes pobres da cidade, assentamento de indígenas – *San Victorino*, *Las Nieves*, *Santa Bárbara*, *Pueblo Viejo*. (IRIARTE, 1988, p.68)

²⁷⁸ Bogotá tem dois períodos de chuva no ano, o primeiro em março, abril e maio, e o segundo em setembro, outubro e novembro.

²⁷⁹ Vale a pena esclarecer que também havia comercialização de alguns produtos agrícolas, consistente na venda de legumes na “*Plaza de las Yervas*” (*Parque Santander*). A Praça, que durante o período republicano adquiriu o nome de *Plaza de Santander*, durante o período colonial era a Praça de mercado permanente da cidade. Os legumes que se vendiam na referida praça vinham da *Parroquia de San Victorino* e da de *Las Nieves* localizadas ao norte da cidade, onde também se situou um povoado indígena. (MEJÍA, 1999, passim.)

²⁸⁰ A *Huerta de Jaimes* localizou-se onde hoje se encontra a igreja de *Corazón de Jesús (Voto Nacional)*. *Apostillas*. Eduardo Posada apud CARRASQUILLA, Juan *Quintas y estancias de Santafé y Bogotá* Banco Popular, Bogotá 1989, p. 74.

mesmo nome –, e uma porção da fazenda de *La Estanzuela* que conformava o limite sul da Horta de *Jaimes* e estendia-se ao oeste até a *Calle 6*²⁸¹.

Figura 49 – Organização Política do Centro da Cidade: paróquias e bairros.

No final do século XIX a divisão política da cidade estava determinada pelas Paróquias *Catedral* (vermelho), *San Pablo* (roxo), *San Victorino* (amarelo), *Santa Bárbara* (azul), *Las Cruces* (rosa), *Egipto* (verde), *Las Aguas* (marrom), *Las Nieves* (verde escuro). No início do século XX a divisão política se estabelece por bairros. O bairro de *Santa Inés* (10) encontrava-se rodeado pelos bairros de: (1) *San Victorino* (2) *La Capuchina* (3) *Veracruz* (4) *La Catedral* (5) *Centro Administrativo* (6) *Santa Bárbara* (7) *San Bernardo* (8) *La Estanzuela* (9) *Voto Nacional*. Por tradição, a Praça *Antonio Nariño* ou de *San Victorino* (A) opera como centro do setor, razão pela qual a população identifica a área de confluência de seis bairros (oval vermelho) como *San Victorino*. Fonte: P1. *Atlas Histórico de Bogotá 1538-1910*. A Candelaria, Bogotá 2004, p. 29. P-2.

Elementos urbanos: *San Victorino* conventual e portão da cidade

Do século XVI ao XVIII configuraram-se elementos urbanos significativos que começaram a conferir uma identidade a *San Victorino* em relação às demais paróquias da cidade. O primeiro deles é o fato de que a paróquia comportava-se como portão de entrada à cidade, pois ali terminava o caminho de Oeste, *Calle 13* (*Av. Jiménez*). Este caminho tinha um importante papel na escala regional, já que conectava a cidade com o porto fluvial de *Honda*, localizado sobre o *Río Magdalena*, a 135 km de distância de Bogotá²⁸². O anterior concedeu uma particularidade à Praçinha da Paróquia de *San Victorino*, como porto terrestre de viajantes e como importante ponto de venda de materiais de construção e de mel em atacado²⁸³.

²⁸¹ No leste divisa com o que atualmente é a *Av. Caracas* e no oeste chegava até embaixo da atual *Carrera 20*. (CARRASQUILLA, 1989, p. 63)

²⁸² Bem o descreve o historiador Jorge Orlando Melo: "Durante todo o século [XIX], o eixo do sistema, a peça fundamental esteve constituída pelo rio *Magdalena*. Por onde se introduziam, desde os portos atlânticos de *Cartagena*, *Santa Marta* e posteriormente *Barranquilla* (*Sabanilla*), os bens importados; dele saíam para o mercado mundial os produtos agrícolas de exportação". (MELO, 1984, p. 153)

²⁸³ Esta importante função manteve-se até finais do século XIX. (MEJÍA, 1999, p. 178)

Outros elementos urbanos destacáveis neste período, por terem configurado a paisagem outorgando identidade ao setor, foram a igreja e convento de *Santa Inés*²⁸⁴ (consagração em 1645)²⁸⁵; a igreja e convento de *La Capuchina* ou de *San José*, (consagração em 1791), que marcou o limite ocidental da cidade na atual Carrera 13 (Av. Jiménez) com Calle 14 (Av. Caracas); a igreja da *Concepción* e de *San Juan de Dios*; e finalmente, a igreja de *San Victorino* (Calle 13 com Carrera 12). Esta última erigiu-se em 1598²⁸⁶, e teve grande significação como símbolo máximo da Paróquia, uma vez que ali se concentrou a missão religiosa da “administração de almas” realizada sob a tutela do catolicismo.

San Victorino assomou-se ao século XIX, contando com cinco prédios religiosos e conventuais, separados apenas por poucas ruas. (Figura 50). Durante o período Colonial, as igrejas constituíram um elemento de relevante importância na paisagem urbana não somente pelo seu significado religioso, mas pelo fato de se destacar no perfil urbano com relação às demais edificações, as quais, salvo casos excepcionais, alcançavam dois andares de altura. Assim, “[...] a urbe aparecia como um espaço sagrado, protegido das influências externas como as geadas, os raios e as secas [...]”²⁸⁷, uma cidade morando tranquilamente sob o amparo das torres das igrejas, dos objetos e iconografia religiosa que albergavam no seu interior.

Neste ponto pode-se afirmar que durante o período colonial a paisagem de *San Victorino* caracterizou-se basicamente por quatro elementos: a conotação marginal derivada da utilização e percepção dos elementos naturais, o caráter rural associado principalmente à agricultura de “*pan coger*”, os elementos próprios de um porto terrestre e portão da cidade, e finalmente a presença protetora das igrejas no perfil da cidade. No que diz respeito à dimensão social, vale a pena ressaltar que em virtude de um inadequado uso e percepção do entorno natural, *San Victorino* nasceu como lugar de assentamento das classes pobres, conformadas por indígenas e mestiços, fato que seguramente é indicativo de um paradoxo na relação entre homem e natureza.

²⁸⁴ Mesmo que a Igreja de *Santa Inés* não pertença à área desta paróquia, menciona-se aqui por sua importância na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino*.

²⁸⁵ Localizado no costado ocidental da Carrera 10, entre Calles 9ª e 10ª. Em 1638 aprovou-se a criação do convento da *Segunda Orden Dominicana*.

²⁸⁶ A construção original com teto de palha data de 1578; em 1598 colocou-se telhado de barro. (MEJÍA, 1999, p. 159)

²⁸⁷ MEJÍA, 1999, passim.

Figura 50 – Presença de equipamentos religiosos no setor.

Durante muito tempo a paisagem da cidade foi denominada pelas torres da igreja – em um mesmo quarteirão localizavam-se várias igrejas –, o setor de *San Victorino* apresentou esta mesma lógica (P1). Conventos e igrejas (1) *Santa Inés*, 1645 (2) *Nuestra Señora de la Concepción*, 1538 (3) *San Juan de Dios*, 1723 (4) *San Victorino*, 1568 (5) *La Capuchina*, 1778. Foto 1: Igreja de Santa Inés, 1945. Foto 2: Igreja *La Capuchina*, 1910. Fonte: P1 Elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1 e 5: Sociedad de Mejoras y Ornato.

4.2 Consolidação da paisagem urbana do setor

A Herança da colônia e as inovações tecnológicas na cidade

É preciso destacar três elementos que incidiram na consolidação da paisagem urbana de *San Victorino* durante o século XIX: o crescimento populacional, a construção da Alameda Nova e as melhorias tecnológicas em matéria de transporte.

Até finais do século XVIII, *San Victorino* era uma Paróquia relativamente despovoada em comparação com a Paróquia de *La Catedral*. Porém, durante o século XIX, deu-se um significativo crescimento populacional que provocou que o setor se consolidasse como núcleo residencial²⁸⁸: o número de habitantes em *San Victorino* passou de aproximadamente 2.000 em 1.793 para 14.000 em 1912, e mesmo mantendo-se como a Paróquia com menor quantidade de população de Bogotá²⁸⁹, sua população praticamente multiplicou-se sete vezes durante o século XIX.

No fim do século XVIII, provavelmente frente à pressão dos ventos libertadores, o Vice-rei Ezpeleta²⁹⁰ empreendeu algumas obras materiais na *Nueva Granada* e *Santafé*, entre as quais, vale a pena destacar para o caso de nosso interesse, a obra das *Alameda*

²⁸⁸ MEJÍA, 1999, p. 300.

²⁸⁹ E Censo da cidade de Bogotá. 1912. *San Victorino* ocupava nesta data somente 17% da superfície total da cidade, com um total de 52 quarteirões. (MARTÍNEZ, 1976, p. 90)

²⁹⁰ Vice-rei que governou *Nueva Granada* entre 1789-1796.

*Nueva e Vieja*²⁹¹. (Figura 51). Estas “alamedas” não possuíam álamos, mas sim vegetação própria do clima do planalto: Sauces (*Salix humboldtiana*) e Alisos (*Alnus jorullensis*), alternados com jardins em alguns trechos. Na opinião do autor do presente trabalho, à primeira vista, a adequação da Alameda, pareceria evidenciar um interesse do governo da cidade, por conceder relevância ao papel dos elementos naturais na paisagem. Porém, paradoxalmente as ações não se concentraram nos corredores naturais da cidade, ou seja, nos leitos dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, mas na arborização de uma via da cidade. Por outro lado, com relação à incidência que teve a Alameda na configuração da paisagem de *San Victorino*, não se pode desconhecer que a construção da mesma fortaleceu a Pracinha de *San Victorino*, como ponto vital e estratégico da estrutura urbana herdada do período colonial, reforçando a imagem de portão de ingresso da cidade, de ponto de chegada dos ônibus e carruagens de aluguel e de passeio público para os moradores de Bogotá.

Figura 51 – Alamedas, zona rural.

P1. Em 1900 o setor contava com: (1) A alameda velha (*Carrera 13*), 1791. (2) A alameda nova (*Calle 13*) 1791. No limite ocidental encontravam-se as quintas de: (3) *San Fason*, (4) *La Estanduela*, (5) *Santa Catalina* e (6) *San José del Fucha*. Foto 1: Imagem da *Av. San Diego*, antiga alameda velha, 1906. Foto 2: Passeio *Av. Colón*, antiga alameda nova, 1930, em primeiro plano as estátuas dos reis da Espanha, ao fundo os morros desflorestados. Foto 3: Passeio parque do *Centenario*, 1895. P1 elaborado pelo autor; fonte: *Quintas y estancias de Bogotá*. Foto 1 e 2: *Recuerdos de Bogota*. Foto 3: Henri Duperly.

²⁹¹ Para finais do século XVIII construíram-se várias alamedas: “[...] o progressista vice-rei se interessou em adornar a capital, tirando seu aspecto mesquinho. Ele fez plantar árvores frondosas, desde a praça de *San Victorino* até o campo aberto de *San Diego* [...] e que então se chamou **alameda velha**, em contraposição à **alameda nova**, também construída pelo vice-rei, desde o desprendimento da calçada ocidental, para *Puente Aranda* [...] o governo sem atender ao Dicionário chamou alamedas (lugares plantados com álamos) a estes passeios, os quais somente eram adornados por árvores próprias do nosso clima, ou seja, *sauces*, *robles*, *cerezos* e *alisos*.” IBÁÑEZ, 1989, tomo II, p. 111.

Com relação às melhorias tecnológicas em matéria de transporte, destacou-se em primeiro lugar a “*macamadización*” do caminho de ocidente; posteriormente, a construção da ferrovia do Trem do Ocidente cuja estação, chamada “*De La Sabana*”²⁹², localizou-se na *Calle 13* entre *Carreras 17* e *18* (1892); e, por último, o Trem do Norte, com sua estação “*Del Norte*” (1894), na *Carrera 14* com *Calle 19*. Com estas melhorias tecnológicas, aumentou o volume de mercadorias e o movimento de pessoas que entravam e saíam da Pracinha *Plazuela de San Victorino*²⁹³. A condição de *San Victorino* como porto seco incidiu na construção de hotéis e pousadas para viajantes²⁹⁴, locais comerciais para a compra e venda de produtos, e estâncias para cavalos e carruagens. Foi precisamente ao redor destas atividades que o setor se consolidou como um cenário com deferentes atores urbanos. O subúrbio colonial, habitado por poucos moradores indígenas e mestiços, transformou-se em um lugar dinâmico, de população flutuante conformada por viajantes, comerciantes e outras pessoas cujas atividades de subsistência suportavam-se na vocação do setor.

Com a construção da ferrovia e a consolidação de atividades urbanas, *San Victorino* deixou de ser periferia da cidade para se tornar parte importante do casco urbano e centro de intercâmbio cultural, social e econômico²⁹⁵. (Figura 52). A partir das últimas décadas do século XIX a Praça de *San Victorino* e a *Calle 11* começaram a se consolidar na paisagem como um espaço e eixo de caráter comercial: uma guia de Bogotá de 1893 afirmava: “[...] as ruas que atravessam de leste a oeste, desde a *Carrera 5ª* (pela casa da moeda) até as praças de *Los Mártires* (Horto de *Jaimes*) e de *Nariño* (*San Victorino*), [ali] fica compreendido todo o mais importante do comércio e dos industriais em geral”²⁹⁶. A afluência de pessoas e a vocação de porto seco da cidade é uma característica urbana que se mantém ainda hoje nas proximidades da praça, conformando um elemento decisivo na paisagem, apesar de todas as transformações da cidade durante o século XX.

Somando-se às melhorias de transporte já mencionadas, no fim do século XIX, também se iniciou a construção das linhas do bonde de mulas, duas destas relacionadas com o setor de *San Victorino*.

²⁹² Projeto do engenheiro inglês William Lidstone, com a colaboração do arquiteto Colombiano Mario Sanz de Santamaría. Terminou-se de construir em 1917 e foi reformado em 1955. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 304)

²⁹³ Tomado de: MEJÍA, 1999, p. 187.

²⁹⁴ Um guia bastante completo dos hotéis mais destacados da zona encontra-se no guia descritivo que acompanhou o plano topográfico de Pedro Clavijo de 1891, reformado em 1894. *Archivo General de la Nación*.

²⁹⁵ Vale a pena esclarecer neste ponto que as atividades de venda de materiais de construção e de mel que usualmente concentravam-se nesta Praça de *San Victorino* trasladaram-se em 1883 a outra, localizada no oeste da *Plaza de los Mártires*, chamada *Plaza de las Maderas*, hoje *Plaza España* em 1902. (MEJÍA, 1999, p. 187)

²⁹⁶ Como produto desta atividade comercial surgiu a *Pasaje Navas Azuero* em 1891, o *Pasaje Rivas* em 1894, localizado na *Carrera 10ª* com *Calle 11*, o qual, segundo um anúncio publicitário, tinha na primeira planta locais “próprios para armazéns e lojas de licores” e na segunda planta “departamentos para aluguel adequados para estudantes”. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 393)

Figura 52 – Inovações tecnológicas de mobilidade (bondes e estações de trem).

P1. Rotas do bonde (linha verde) (1) *Carrera 7*, (2) *Carrera 13*, (3) *Calle 15*, (4) *Carrera 18*, (5) *Calle 10*, (6) *Carrera 11* e (7) *Carrera 10*. Destaca-se a Praça de Mercado (8), ponto central do circuito onde confluem três trechos do bonde. Perto de *San Victorino* localizaram-se as rotas (linha preta) e as estações do Trem do Norte e da Savana (10). Foto 10: Antiga Estação da Savana, 1895. Foto 10 B: Nova Estação da Savana, 1918. Foto 9: Estação do Trem do norte, 1905. Foto 11: Rota do bonde em San Francisco (*Carrera 7*). P1 elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 9: Bogotá litográfico Arco. 1978 p. 298. Foto 10 A: História de Bogotá. Foto 10 B: Sánchez Santamaría Ignacio Índex, 1929. Foto 11: Sady Gonzales.

Os rios *San Francisco* e *San Agustín*: cicatriz urbana e marginalidade

O processo de adensamento e urbanização de *San Victorino* no século XIX foi indiferente à presença dos rios *San Francisco* e *San Agustín*: a morfologia urbana caracterizada pelo tabuleiro de xadrez e o quarteirão como unidade básica de agrupação de edificações incorporou os leitos dos rios, como uma espécie de cicatriz de aparência amorfa, que ia na contramão da formalidade da traça, sem nenhuma solução de continuidade ou transição. (Figura 53). Assim, atravessavam sobre o *R. San Francisco* 19 pontes e sobre o *R. San Agustín* outras 9 pontes, a fim de facilitar a continuidade das ruas, e as edificações simplesmente limitavam-se a oferecer seus quintais posteriores ao leito, ignorando a presença dos corpos de água, que continuavam sendo um foco de sujeira, uma cloaca urbana. (Figura 54).

Figura 53 – Cidade ideal VS. Cidade construída. Os rios deixam sua marca.

A cidade ideal das “*Leyes de indias*” – quadrícula perfeita que se distribui de maneira homogênea no território – choca-se com o cenário natural de morros, rios e com as rotas dos caminhos coloniais, o qual alterou substancialmente a morfologia original da cidade. P1: Reconstrução da fundação de Bogotá, 1539, arquiteto Carlos Martínez. P2: Detalhe, Plano Geométrico de Bogotá Capital del Nuevo Reino de Granada, 1816, Domingo Esquiagui.

Figura 54 – As pontes como elementos importantes da paisagem do centro da cidade.

Desde a colônia até o começo do século XX as pontes foram importantes referentes urbanos da cidade chegando a superar a cifra de quarenta (P1). Destacam-se sobre o *R. San Francisco* as pontes: (8) *San Francisco* 1551, sobre o caminho a *Tunja* (9) *Cundinamarca*, 1858, (10) *Nuevo*, (11) *Filadelfia*, (12) *Los Micos*, (13) *San Victorino*, 1791, por onde ingressavam os viajantes e mercadorias à cidade, (14) *Acevedo Gómez*, 1882, (15) *Los Mártires*, 1870, (16) *Núñez*, 1886, (17) *Arrubla* (18) *Caldas* e (19) *Uribe*, 1892, lugar de confluência com o *R. San Agustín*. Foto 8: *P. San Francisco*. Foto 11: *P. Filadelfia*. Foto 16: *P. Núñez*. Foto 19: *P. Uribe*. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 8: *Papel Periódico Ilustrado* 1885. Foto 11: *Historia de Bogotá*. Tomo 5, p. 86. Fotos 16 e 19: *Sociedad de mejoras y ornato*.

San Victorino como espaço inclusivo

Antes se viu como foi possível que uma condição ambiental, manifesta desde o período colonial, se encontrasse na base da segregação espacial e a marginalidade social que caracterizou a paróquia de *San Victorino* em seus inícios; também se tem observado

que durante o século XIX, ocorreu uma situação paradoxal, a qual configurou a paisagem do setor em dois sentidos: de um lado um *San Victorino* “portão da cidade”, consolidado como setor comercial e residencial, e beneficiado pela circulação de duas linhas do bonde e a localização das duas estações do trem; por outro, um *San Victorino* “marginal”, caracterizado pela presença de população de escassos recursos nas margens poluídas do *R. San Francisco*. Neste ponto é preciso explicar que à *San Victorino* “marginal” somou-se um novo elemento urbano no fim do século XIX, o qual terminou por configurar um fenômeno de deterioramento urbano, paisagístico e social da área: em 1864 abre-se a primeira “galeria” da Praça de Mercado da cidade (*La Concepción*), localizada na *Carrera 10* entre *Calles 10 e 11*, no solar do convento de *La Concepción*²⁹⁷. (Figura 55). A construção da Praça teve como propósito trocar as funções que anteriormente realizavam-se no mercado semanal de produtos agropecuários da Praça de *Bolívar* e da Praça de *Las Yervas*²⁹⁸ (Parque *Santander*).

Desse modo, o bairro *Santa Inês* intensificou o uso comercial e constituiu-se em um novo polo de atração para a cidade toda. Porém, a Praça de Mercado de *La Concepción* não foi a exceção a um fenômeno bastante arraigado nos centros de abastecimento das cidades colombianas: a incorporação de numerosa mão-de-obra não qualificada e de escassos recursos econômicos, para assegurar o funcionamento de todas as atividades relacionadas com o mercado: assim, a Praça abriu suas portas à população pobre da cidade, a qual estava conformada por um enorme grupo de comerciantes e ajudantes, entre os quais contavam camelôs, “*lichigueros*”²⁹⁹, “*coterios*”³⁰⁰ *serviçais, cuidadores, faxineiros*, entre outros. A atividade do mercado, além de tudo, incentivou o transporte improvisado de mercadorias em “*zorras*”³⁰¹, a localização de comedores improvisados “*chuzos*”³⁰² em duvidosas condições de higiene, a aparição de cortiços³⁰³ (o que implica adensamento e precárias condições higiênicas) e finalmente, a afluência de “*rebuscadores*”³⁰⁴, que fariam

²⁹⁷ EL COLOMBIANO (jornal). “Praça de mercado”, n. 104, p. 136, janeiro 22 de 1864. “O projeto de colocar o mercado da Praça Principal se havia formulado muitos lustros (5 anos) antes, mas a empresa encarregada de construir o mercado coberto tomou mais tempo do que esperavam tanto os construtores como o escritório de construção municipal. Efetivamente em 1848, a câmara provincial de Bogotá concedeu o privilégio a Juan Manuel Arrubla para construir na cidade um mercado coberto”. (apud MEJÍA, 1999, p. 185)

²⁹⁸ A praça das *Yervas* continuou suas atividades de mercado semanal até 1877, ano em que se transformou a *plazuela* em parque. (VERGARA y VERGARA apud MEJÍA, 1999, p. 186)

²⁹⁹ Vendedor improvisado de frutas e vegetais em varejo.

³⁰⁰ Carregadores de mercadorias.

³⁰¹ Carros precários, compostos por um tabuleiro em madeira, que repousa sobre duas rodas e é puxado por um cavalo, ou pessoa.

³⁰² Anti-higiênico local de venda de comida popular.

³⁰³ Na linguagem coloquial, *inquilinato*: Moradias habitadas por várias famílias ou pessoas, na maioria dos casos alugada.

³⁰⁴ Habitantes pobres que têm que procurar sua comida e pousada diária. Pioneiros dos vendedores ambulantes.

parte fundamental da história e da configuração da paisagem do setor durante as décadas seguintes e até a atualidade.

Figura 55 – Prédios de abastecimento e indústria.

San Victorino foi por muito tempo o setor que concentrou o maior número de prédios de abastecimento da cidade (P1), onde se localizavam: (1) Praça de Mercado, (2) Praça de Carnes, (3) Açougue, (4) Matadouro Municipal. Como também importantes indústrias: (5) Fábrica de Cerveja, (6) Fábrica de Chocolates *Chavez y Equitativa*, (7) Fábrica de Fósforos, (8) Fábrica de Cigarros e (9) Fábrica de Luz Elétrica. Foto 1: Praça de Mercado. Foto 2: Praça de carnes. Foto 3: Matadouro municipal. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Fotos 1, 2 e 3: *Atlas histórico de Bogotá*.

Permanência, mudanças e referentes urbanos

Até esse ponto pode-se observar que durante o século XIX aconteceram várias modificações na configuração da paisagem de *San Victorino*, caracterizadas por uma mudança do rural ao urbano, processo no qual se trocaram os hortos por zonas urbanizadas e apareceram novos elementos dominantes na paisagem, ou referentes urbanos, entre os quais a Sociedade Filarmônica³⁰⁵, a Praça de Mercado³⁰⁶, as estações do Trem (*Sabana-Norte*) e as linhas do bonde. Porém, além destes elementos de primeira hierarquia, é preciso mencionar outros dois elementos em transformação. O primeiro, a desapareição do centro de “administração das almas” – igreja de *San Victorino* – localizado na Praça do mesmo nome: a igreja paroquial (erigida em 1598) foi destruída por um incêndio em 1827 e o centro paroquial teve que ser trasladado à igreja de *La Capuchina*³⁰⁷, que se localizava no costado ocidental da *Carrera 13* com *Calle 14*.

³⁰⁵ Em 1849 com planos de Tomás Reed começa a construção da sede de *La Sociedad Filarmónica*, em um lote situado no costado norte da praça de *San Victorino*. Infelizmente em 1857 dissolveu-se a sociedade e pararam as obras. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 199)

³⁰⁶ A praça original foi substituída em 1925-1927 pela nova Praça *Central de Mercado*, que funcionou até 1953. Perto desta funcionava a praça de *Las Carnes* e o *Matadero Municipal*. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 371)

³⁰⁷ MEJÍA, 1999, p. 158.

O segundo, relacionado com a Praça Horto de *Jaimes*: neste horto foram fuzilados importantes próceres da independência por ordem do pacificador Pablo Morillo em 1816³⁰⁸, razão pela qual, em honra àqueles que foram assassinados, a Praça recebeu o nome de Praça dos *Mártires* em 1850³⁰⁹. A referida praça foi reformada de modo análogo a outras praças da cidade naquela época, as quais, como se explicou na seção 2, tornaram-se parques emblemáticos, portadores da mensagem do projeto político da *Regeneración*³¹⁰. Sobre o costado ocidental da Praça iniciou-se em 1881 a construção da igreja do *Voto Nacional*, cujas obras culminaram em 1902³¹¹ e na qual até hoje o país consagra-se – a cada ano – ao “Coração de Jesus”. Parque e igreja configuraram um núcleo emblemático, não somente para a cidade, mas para o país, conjugando um significado político e um arraigado sentido religioso representado em uma crença popular do povo católico colombiano³¹².

Últimos anos do século XIX

No fim do século XIX, a paisagem cada vez mais urbanizada começou a eliminar lenta, mas progressivamente, os elementos naturais (rios, hortos e áreas rurais) que em outros tempos foram dominantes no cenário de *San Victorino*. Este processo caracterizou-se pelo começo de impermeabilização de superfícies e as primeiras obras de canalização e enterro dos corpos de água.

Em 1869 com a intenção de evitar as inundações produzidas pelo *R. San Francisco* executou-se o projeto de canalização e desvio de suas águas, na altura da *Calle 2 (Quinta de Bolívar)*, as quais foram transportadas pelo canal da *Calle 22*³¹³; esta obra acelerou o deterioramento ambiental do rio, pois se retirou a água limpa sendo trocada pela função de transporte das águas servidas da cidade. Posteriormente, na década de 1880 iniciou-se a

³⁰⁸ O general chamado também o “pacificador” implantou um período de violência e terror entre 1915-1920.

³⁰⁹ “O lugar ficou famoso pelos fuzilamentos que ali foram realizados, após a entrada de Pablo Morillo à cidade em 1916 [...]”. As obras começaram em 1851 e foi inaugurado em 1880. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 238-239)

³¹⁰ Os novos parques tornaram-se instrumentos do novo culto à pátria e às instituições civis. Estas intenções estavam enquadradas em um projeto político que passou à história do país como o de “*La Regeneración*”. “A regeneração marcou um ponto culminante nos processos de consolidação do Estado Nacional. Ideologicamente esta deu começo aos princípios do *Conservatismo* que foram impostos desde o poder do estado”. (MEJÍA, 1999, p. 204)

³¹¹ No mesmo lugar da capela do *Sagrado Corazón de Jesús* (1860), em 1902 coloca-se a primeira pedra da igreja do *Voto Nacional*. Foi construída com capital da Nação. (CORPORACIÓN..., 2004, p. 79 e 121)

³¹² Vale a pena notar que as igrejas tiveram uma presença significativa no setor de *San Victorino* durante o século XIX; como pode se observar nas figuras 2 e 3. Do lado destes estabelecimentos surgiram, como é natural, atividades relacionadas com a vocação missionária de cada comunidade religiosa: a igreja da *Capuchina* tinha ao lado o *Colegio de la Merced* e no quarteirão da igreja de *San Juan de Dios* encontrava-se o *Hospital de Caridad*.

³¹³ IRIARTE, 1988, passim.

canalização do *R. San Francisco*, primeiro tramo entre as *Carreras 7ª* e *8ª*³¹⁴, a qual continuou durante as décadas seguintes ficando canalizado até seu encontro com o *R. San Agustín*. Desse modo a cidade resolveu o “incômodo problema” de uma cicatriz indesejável, higienizando e homogeneizando a área, com um coletor de águas. O mesmo aconteceu com o *R. San Agustín*.

Como manchas rurais, herdadas do período colonial, conservaram-se no setor de *San Victorino* três *fanegadas* da Horta de *Jaimes*³¹⁵ as quais ficaram em mãos do Instituto Nacional de Agricultura Superior³¹⁶, e uma porção da Fazenda de *La Estanzuela*, a qual, mesmo começando um processo de subdivisão da propriedade durante a primeira metade do século XIX, permaneceu com um aspecto predominantemente rural devido à vontade de um latifundiário³¹⁷. Assim, graças ao empenho estatal de estimular a formação técnica agropecuária e à iniciativa privada de um tropeiro dono de uma significativa porção de terras em Bogotá, *San Victorino* guardou por um longo tempo um resquício da paisagem rural, delimitando a borda ocidental da cidade.

4.3 De rios de água a rios de carros

Surgimento da ilha urbana e do arquipélago social

Durante os primeiros anos do século XX, construíram-se duas edificações que constituíram elementos essenciais na consolidação do bairro como polo de atração de atividades. A primeira edificação construída nesses anos foi a Escola de Medicina da *Universidad Nacional*³¹⁸, construída entre 1916-1931. A segunda construção foi o Colégio *Santa Inés* colocado em serviço em 1938, prédio que junto ao de Medicina Legal³¹⁹ são os únicos que hoje fazem parte do PTM. (Figura 56).

³¹⁴ DEL CASTILLO, 2003, p. 47.

³¹⁵ Fanegada (640m²). A horta, além disso, tinha uma casa de um andar com 27 quartos, jardim e algebe, segundo Escritura de compra e venda (em leilão público), N° 845 de 10 de julho de 1881. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁶ O qual, em palavras do historiador Carrasquilla, “tratou de ser como a continuação da *Expedición Botánica*, e foi o precursor das instalações de *Tibaitatá*”. O Decreto 514 expedido em 1879 “ordenou o estabelecimento de uma quinta de aclimação e experimentos e o ensino da agricultura na capital ou em suas imediações com as seções de plantas lenhosas, arbustos e árvores frutíferas, botânica agrícola, hortaliças, floricultura, sericultura, viticultura, arvicultura em geral, química agrícola, mecânica aplicada, agronomia, botânica, zoologia, geologia, zootecnia, agricultura, veterinária, engenharia rural, cujas matérias podiam abarcar vários anos de estudos. (CARRASQUILLA, 1989, p. 77)

³¹⁷ Especialmente Seu Pepe Sierra, que se negava à urbanização nas terras de sua propriedade. Foram seus descendentes os encarregados de iniciar o processo de urbanização de suas terras.

³¹⁸ O desenho e construção esteve a cargo do arquiteto francês Gastón Lelarge que, nas palavras da arquiteta Silvia Arango (historiadora e teórica de Arquitetura), foi “sem dúvida nenhuma o arquiteto mais importante da geração dos mil dias”, que esteve encarregado de prédios de grande importância para a cidade, como o prédio da *Gobernación de Cundinamarca*, o *Palacio Liévano*, o *Palacio Echeverry* e concluiu as obras do *Capitolio Nacional*. (ARANGO, 1989, p.135)

³¹⁹ Prédio de Medicina Legal, desenho do arquiteto italiano Bruno Violi, construído entre 1943-48.

A Escola de Medicina, apesar de sua função educativa, teve um final semelhante ao da Praça de Mercado na segunda metade do século XIX, já que se constituiu em um referente para a cidade, mas ao mesmo tempo em um detonador de atividades informais. A Escola de Medicina foi o primeiro centro de formação de médicos em Bogotá, atividade que acompanhava a prestação de serviços de saúde e, em consequência, a localização de outros serviços e práticas não convencionais de saúde em uma área próxima: lojas de *superchería*, *curandeiros*, bruxos, *sacamuelas*, enfermeiros e médicos ilegais instalaram-se em um bairro como alternativa “de saúde” viável para as classes menos favorecidas ou para os incautos ávidos de curas mágicas para uma ou outra doença, que preferiam não fazer uso dos serviços médicos prestados pela instituição.

Figura 56 – Equipamentos de cultura e educação.

No começo do século XX o setor contava com importantes prédios culturais e educativos (P1). Destacam-se: (1) *Colegio Americano para Señoritas*, (2) *Colegio Nuestra Señora del Pilar*, (3) *Sociedad Filarmónica*, (4) *Escuela de veterinaria e Escuela de agricultura*, (5) *Escuela Normal de Institutoras*, (6) *Facultad de Medicina*, da Universidad Nacional, naquela época o prédio mais importante de saúde e educação da cidade, (7) *Colegio del Sagrado Corazón de María*, (8) *Escuela Santa Inés*, (9) *Escuela de Ciencias Naturales – Instituto Nacional de Agronomía*, (10) *Instituto Técnico Central*. Foto 3: *Sociedad Filarmónica*, desde a praça de San Victorino, 1848. Foto 6: *Facultad de Medicina*, fachada principal, 1916. Foto 10: *Instituto Técnico Central* 1921. Plano elaborado pelo autor; fonte *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3: El neogranadino. Foto 6: Sociedad de Mejoras y Ornato. Foto 9: Díaz N. en *Arquitectura y Estado*, Ed. UN, 1991.

Algumas destas práticas mantiveram-se no setor – até antes da construção do Parque Terceiro Milênio – especialmente as do serviço de curandeiros, os quais incluem em sua oferta de produtos poções elaboradas com gordura humana para as dores musculares. Outra atividade que surgiu de maneira não planejada, perto desse centro de saúde, foram os serviços funerários, a venda de caixões mortuários, arranjos florais, velas e lápides para sepulturas.

Este fenômeno de serviços de saúde “alternativos” e de serviços funerários não conseguiu proporções em *San Victorino*, mas vale a pena notar que se evidenciou com

bastante força em um setor sul do bairro, no eixo conformado pela *Calle 1ª*, onde se localizou o Hospital de *La Hortúa*³²⁰ em 1926.

Consolidação e formação de complexas dinâmicas socioespaciais

Na década de 1930 podemos confirmar por meio de um artigo da época, a continuidade do caráter de *San Victorino* como porto seco da cidade, os comerciantes, os viajantes, os hotéis e lugares associados com a vida do mesmo:

A praça de *San Victorino* é o porto de Bogotá. Ali tudo se disfarça com a atmosfera das coisas portuárias. As pessoas, como de viagem umas, como guardas de aduana outras, têm o ar das pessoas da navegação [...] os caminhões chegam com pencas humanas dos quatro pontos cardeais e são deixados na Praça. As pensões³²¹ de nomes de personalidades abrem suas bocas para tragar-se aquela humanidade forânea os que não entram a pagar o aluguel da cama por vinte *centavos*, entram à grande roda dos tresnoitados.³²²

Esta condição estimulou as atividades da vida noturna, nos cafés, cantinas e salões de dança, situados nas imediações da Pracinha de *San Victorino* e na *Calle 10* onde, segundo um artigo de 1938, residia na zona mais ampla dos notívagos em Bogotá³²³. Esta zona dos notívagos, naturalmente, deu lugar à localização de prostíbulos e de lugares para a compra e consumo de alucinógenos, última situação que já era motivo de preocupação para a cidade na década de 1930³²⁴

³²⁰ O hospital *San Juan de Dios*, (*Calle 11* com *Carrera 9*) funcionou no setor entre 1739-1926. Foi trasladado em 1926 para sua nova sede desenhada pelo arquiteto Pablo de la Cruz nos terrenos do moinho da *Hortua* no sul da cidade. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 267-271)

³²¹ Na linguagem coloquial, "*Hoteluchos*": Hotéis populares de baixa qualidade e péssimo serviço.

³²² BRUJES, 1938, p. 21.

³²³ *Loterios, limpiabotas, matarifes e mozos de cordel, tenderos de mala economía carreteros y negociantes quebrados prenden todas las noches en aquellas tiendas de nombres novelescos [...] Hasta que los primeros camiones cargados de víveres hacen su aparición por el occidente anunciando que llega el nuevo día. La Plaza de mercado que desde cerca preside silenciosa las "tenidas" de la calle 10, da entonces a sus porteros y borrachos los tuños alcohólicos, con el aroma de sus cebollas sus frutas y sus cilantros [...]".* BRUJES, 1938, p. 22.

³²⁴ Um artigo do jornal *El Tiempo* "informou em 1933 que na capital havia aproximadamente 260 viciados em morfina e heroína e referia-se de forma patética àqueles que, tendo sido distinguidos profissionais, funcionários e artesãos, arrastavam sua miséria pelas ruas da cidade". (IRIARTE, 1988, p. 223)

Com o posicionamento da cidade dentro da incipiente rede de centros de produção agrícola e industrial do país³²⁵, o setor de *San Victorino* – por sua estreita relação com a Estação de *La Sabana* – consolidou-se como o centro de recepção da população (hotéis e residências), entreposto de mercadorias variadas (lojas de víveres), de materiais para a construção (depósitos de materiais) e de produção industrial, todos esses usos misturados como o uso residencial³²⁶. Assim originou-se uma zona industrial predominante na cidade, na área adjacente ao caminho a *Fontibón*³²⁷.

San Victorino, durante a primeira metade do século XX, poderia ser observado como um setor que para efeitos administrativos estava conformado pelos bairros *La Capuchina*, *Santa Inés* e *San Bernardo*³²⁸, mas que como território, mantinha uma rica e imbricada rede de relações funcionais e espaciais que incluía aos bairros vizinhos³²⁹, cobrindo uma área na que apareceu uma diversidade de usos e conviviam diferentes grupos sociais.

Construção e ampliação de avenidas: fragmentação e isolamento

Durante a primeira metade do século XX, em *San Victorino* adiantaram-se cinco obras que procuravam facilitar o trânsito dos veículos motorizados, mas que por sua vez geraram um isolamento do setor, modificaram a paisagem, concluíram com a ocupação dos antigos leitos de água e eliminaram alguns referentes urbanos que outorgavam identidade ao setor, de forma que o deixaram reduzido a uma ilha urbana carente de elementos emblemáticos e aberta à segregação social e à marginalidade.

A primeira destas obras foi a canalização do *R. San Francisco*, que tinha sido iniciada anos antes nas partes altas da cidade. (Figura 57). Segundo uma entrevista realizada com Germán Zea, prefeito de Bogotá (1938-1941), durante as duas primeiras décadas do século XX,

³²⁵ Produto da construção das linhas do trem e devido ao benefício econômico gerado pela bonança cafeeira nas primeiras décadas do século XX.

³²⁶ A segunda planta das edificações estava destinada para o uso residencial, e as primeiras plantas para o comércio, a indústria nos quintais traseiros.

³²⁷ A zona industrial consolidou-se no oeste da cidade, ao aproveitar a infraestrutura de transporte existente: estação do trem e o caminho a *Honda* (Av. *Colon*). (ACEBEDO, 2006, p. 74)

³²⁸ O setor toma seu nome da praça de *San Victorino* apesar de que este bairro – *San Victorino* – não faz parte da *pieza urbana* onde se constrói o *Parque Tercer Milenio*.

³²⁹ O setor de *San Victorino* tinha ascendência sobre os bairros vizinhos de *San Victorino*, *Veracruz*, *Catedral*, *Santa Bárbara*, *Eduardo Santos*, *Estanzuela* e *Voto Nacional*.

“[...] a canalização do *R. San Francisco* já tinha chegado até a *Calle Real* (*Carrera 7ª*), sob a sétima o rio descia descoberto e era atravessado por várias pontes em quase todas as ruas transversais. [...]”

Agora, você pergunta se não se pensou em construir um parque, um passeio ao redor de *San Francisco*, como ocorre em todas as grandes cidades. Em primeiro lugar porque o leito do rio era mínimo, e em segundo lugar porque Bogotá não tinha forma de se locomover. O conjunto da cidade assemelhava-se ao de Roma na Idade Média, um lugar feito para cavalos onde não podia se pensar nem por um momento, em grandes sistemas massivos de locomoção. A Avenida *Jiménez*, solucionou um problema maiúsculo. Hoje em dia a cidade toda passa por aí, como também pela *Caracas*.³³⁰

Figura 57 – Canalização do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade dá início à canalização e enterro de seus rios, alterando seu sistema hídrico (P1). O processo inicia-se com o *R. San Francisco*: (1) durante a colônia desviavam-se suas águas limpas pela *Calle 22*, ficando assim condenado a servir como esgotos do centro da cidade. Os trabalhos foram feitos por trechos dando origem à *Av. Jiménez*: (2) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *San Francisco*), 1911, (3) *Quinta de Bolívar-Carrera 7ª*, 1927 (4) *Carrera 8ª-Praça de San Victorino*, (5) *Praça de San Victorino-Calle 6ª*, (6) *Av. Caracas-Carrera 18* (atual *Av. Comuneros*), 1954. Processo semelhante realizou-se no *R. San Agustín*: (7) *Carrera 7ª-Carrera 8ª* (praça de *Ayacucho*), 1911, (8) *Carrera 3ª-Carrera 7ª*, (9) *Carrera 8ª – Av. Caracas* (10) praça do bairro *Egipto-Carrera 3ª*. Fotos 3A, 3B e 4: obras de canalização e enterro do *R. San Francisco*, 1926. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas histórico de Bogotá*. Foto 3A: *El agua en la historia de Bogotá 1538-1937*, p. 360-361. Fotos 3 B e 4: José Ortega e Antonio Ferro. *La Gruta Simbólica*, 1952.

A entrevista dada por Germán Zea resulta ilustrativa do arraigado desdém que sentiam os cidadãos e o governo da cidade pelos corpos de água: neste caso, o *R. San Francisco*, o qual para essa época já está bastante contaminado e tinha diminuído seu leito, produto em parte pela presença na parte alta do rio de moinhos e indústrias que se

³³⁰ “Lembro principalmente da ponte de *Filadelfia*. Depois o curso cruzava desde *San Victorino* para o sul”. afirmou o prefeito Germán Zea em entrevista a Juan Mosca (1987, p. 30).

beneficiavam do mesmo desde a época da colônia, e representava um obstáculo para a fluidez do transporte motorizado e a modernização da cidade.

Na década de 1920 continuou-se com a construção do coletor do antigo *R. San Francisco*, chegando até a *Carrera 14 (Av. Caracas)* em 1927-1928³³¹. Esta obra permitiu que entre 1938 e 1942³³², se realizasse a prolongação da *Av. Jiménez*, desde a *Carrera 7ª* até *San Victorino*, para o qual foi necessário comprar e demolir várias propriedades do setor³³³.

Aproveitando os trabalhos anteriores executa-se a segunda obra, a construção da *Av. Jiménez*, entre as *Carreras 2ª e 14 (Av. Caracas)*, que pretendia imitar no seu desenho o conceito do *boulevard parisienne* de Haussman. Esta atitude sem dúvida nenhuma manifesta a penetração e adaptação no âmbito colombiano, dos conceitos do urbanismo europeu. Para ilustrar esta afirmação, vale a pena citar a poética descrição de López de Mesa³³⁴, que em 1929 escreveu suas percepções sobre o avanço das obras da *Av. Jiménez*:

*Me ha sorprendido hoy lo mucho que va cambiando Bogotá [...]. ¿Sabe usted, señor, que me agradó la perspectiva que ofrece la Avenida Colón? Será un buen paseo. La he visto algunas veces en las horas de la tarde, y al contemplar la larga fila central de los faroles de grandes bombas, que, recta y hermosa, avanza hacia el occidente, iluminándose de pronto en la penumbra del crepúsculo me pareció que corrían presurosos, a evitar la muerte del sol con su bella claridad ambarina.*³³⁵

A terceira obra correspondeu à construção da *Av. Caracas*. O arquiteto Austríaco Karl Brunner concebeu este projeto, sob o conceito de par viário – entre as *Calles 8ª e 19* – com o propósito de conservar importantes prédios e espaços urbanos da cidade como a Escola de Medicina e o parque de *Los Mártires*, no setor de *San Victorino*; e de avenida arborizada, entre as *Calles 19 e 46*³³⁶. (Figura 58). Porém, a obra executou-se sob as diretrizes do

³³¹ CORPORACIÓN..., 2006, p. 522.

³³² CORPORACIÓN..., 2006, p. 521.

³³³ Germán Zea também comentou a respeito “Quando eu entrei na prefeitura, a *Avenida Jiménez* ia desde a *Quinta de Bolívar* até a *Calle Real*. Descendo deviam ser compradas várias propriedades, eu consegui fazê-lo. Prolonguei a Avenida entre a *Séptima* e *San Victorino*.”. (MOSCA, 1987, p. 30)

³³⁴ Cientista e humanista colombiano (1884-1967).

³³⁵ LOPEZ de MESA, 1929, p. 241.

³³⁶ A concepção urbanística de Brunner previa três níveis com relação à adequação de superfícies públicas para o lazer e seu papel como elementos do tecido urbano: os parques florestais, os bulevares e as praças. “Com o projeto da *Avenida Caracas* em Bogotá, Brunner vinculou uma linha de conexão de alta capacidade com um bulevar representativo. Ao ser uma das vias de comunicação mais importantes no sentido Norte-Sul da cidade, junto com a *Carrera Séptima*, a *Caracas* impulsionou a construção no norte, como os novos bairros de *Campín* e *Palermo*, e conectou-os com o centro da cidade. Para o traçado da

plano Soto- Bateman³³⁷, o qual deixou atrás a proposta de Brunner e propôs a extensão em linha reta, com calçadas de duplo sentido com um perfil de 40m de largura. No que se refere ao setor de *San Victorino*, esta operação precisou da mutilação do prédio da Escola de Medicina da *Universidad Nacional* em 1947³³⁸, e do recorte do Parque de *Los Mártires*, elemento que junto com a igreja do *Voto Nacional* perdeu definitivamente sua ascendência simbólica e importância como espaço público sobre o território e os moradores de *San Victorino*.

Figura 58 – Avenidas sobre rios Canalizados e ampliação de avenidas.

Sobre os rios canalizados (P1) construíram-se novas avenidas (cor vermelho), sobre o *R. San Francisco* (1) a *Av. Jiménez*, a *Carrea 13* e a *Av. Comuneros*. Sobre o *R. San Agustín* (2) a *Calle 7a* e a *Calle 6a*. Nesta mesma época ampliam-se novas avenidas (cor laranja) a *Carrera 10* (3) e a *Av. Caracas* (4). Com estas obras o setor de *San Victorino* perde, com a primeira, a igreja de *Santa Inés* (3A) e com a segunda, a *Facultad de Medicina* (3B). Constrói-se a *Av. Colon* (5) sobre a alameda nova. Com estas obras transformou-se sustancialmente a paisagem do centro da cidade. Foto 1: construção da *Av. Jiménez*, 1927. Foto 4A: ampliação da *Calle 14* (*Av. Caracas*), 1947. Foto 4B: demolição da *Facultad de Medicina*, 1948. Foto 5: construção da *Av. Colon*, 1938. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Atlas Histórico de Bogotá*. Foto 1: Juan Mosca. Foto 4A: *Museo de Desarrollo Urbano*. Foto 4B: fotografia aérea IGAC. Foto 5: *Sociedad de Mejoras y Ornato*.

A quarta obra foi a ampliação da *Carrera Décima* em 1947. Até esta data, as obras da *Carrera 10* (iniciadas anos antes, na zona norte) detinham-se neste setor do centro da cidade na altura da igreja de *Santa Inés*. Sobre a execução desta obra, é preciso notar –

mesma, o plano de desenvolvimento somente previa uma série de correções locais e de pequenas aberturas para sua prolongação nos bairros obreiros do sul". HOFFER, 2003, passim.

³³⁷ O Arquiteto e urbanista austríaco Karl Brunner, contemplou para o traçado da *Av. Caracas* no setor de *San Victorino* a permanência do prédio da *Escuela de Medicina*, e propôs como solução a criação de um binário entre as *Calles 19* e *8*, utilizando a *Carrera 15* no sentido norte-sul e a *Carrera 13* no sentido sul-norte. Infelizmente, o projeto aprovado dos engenheiros Soto-Bateman prolongava em linha reta a atual *Av. Caracas*, que obrigou a demolir parcialmente o prédio da *Escuela de Medicina* e cortar uma parte do parque de *Los Mártires*. IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001 *Folio 172*. Plano 1.

³³⁸ *Escuela de Medicina*, arquiteto Gastón Lelarge. Iniciou-se sua construção em 1916 em terrenos da quinta de *Segovia*, na frente do parque de *Los Mártires*. Em meados do século XX, com as obras da *Av. Caracas*, foi mutilado. Na atualidade é ocupado pelos escritórios de recrutamento do *Ejército Nacional*. (CORPORACIÓN..., 2006, p. 169)

levando em conta os propósitos do presente trabalho – que seu desenvolvimento conduziu à demolição parcial da Praça de Mercado (1953) e total da Igreja de *Santa Inés* em 1957³³⁹:

[...] a praça de mercado de *Santa Inés (Concepción)* se trasladou à Praça *España* e ao Colégio Agustín Nieto Caballero; o vazio deixado por sua demolição não foi renovado e sim gerou um maior deterioramento, embora a intensa atividade persistisse e até aumentasse.³⁴⁰

Com relação à igreja de *Santa Inés*, o historiador Alfredo Iriarte (1932-2002) mencionou: “[...] a bela igreja de *Santa Inés* foi arrasada para que por cima dos escombros passasse a *carrera décima* [...]”³⁴¹. Esta frase evidencia não somente a lembrança de um prédio simbólico vítima do extermínio, mas a perda de um referente urbano de relevante significado para a cidade desde o período colonial.

A este resultado, em termos paisagísticos, somou-se outro em termos sociais: o projeto da *Carrera 10* não somente tinha como propósito facilitar a circulação veicular da cidade no sentido norte-sul / sul-norte, mas como mantém Niño (1999): “Sanear a zona e deslocar a zona de prostituição, de bandidagem e de sujeira que caracterizavam o lugar”³⁴². Este fato oferece dois elementos importantes de reflexão. O primeiro, a confirmação do estado de deterioramento social presente na área de *San Victorino*, desde as primeiras décadas do século XX, “[...] o submundo que começa às onze da noite detrás do ultimo casal de cineastas, e acaba às cinco da manhã, quando as primeiras beatas transpassam o umbral das igrejas [...]”³⁴³. O segundo, a evidência de que a administração da cidade havia empreendido programas de desmarginalização e higienização do setor, tomando como pretexto a execução de obras físicas, neste caso, a construção de uma avenida de primeira categoria para a cidade. O anterior permite apreciar um enfoque particular de administração da cidade durante esses anos, a qual costumava pensar que os problemas de marginalidade seriam resolvidos com ações de renovação urbana baseadas na construção de infraestrutura, deixando em segundo plano ações de incorporação, compreensão e trabalho

³³⁹ Fontes confirmam a existência da igreja na década de 1950. Fotografia aérea: Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Colômbia. 1952.

³⁴⁰ *Sociedad Colombiana de Arquitectos*. Concurso de arquitetura na modalidade de ideias para a elaboração do projeto arquitetônico e desenho paisagístico do *Parque Tercer Milenio* em *Santafé de Bogotá*. (SOCIEDADE..., 1999)

³⁴¹ IRIARTE, 1988, p. 47.

³⁴² SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1.

³⁴³ BRUJES, 1938, p. 22.

social com as comunidades que habitavam os setores objeto da renovação³⁴⁴. Esta ação conseguiu parcialmente seu objetivo, porque ainda que se tenham recuperado alguns setores, persistiram a prostituição e malandragem.

A quinta obra no setor de *San Victorino* consistiu na canalização do *R. San Agustín* e a construção da *Avenida 6ª* na década de 1950, a qual surgiu como uma alternativa de comunicação entre o centro histórico e os bairros recém-construídos no setor sudoeste da cidade. A várzea do *R. San Agustín* era estreita, na altura do setor de *San Victorino*, razão pela qual se descartou a construção de uma grande avenida semelhante à *Av. Jiménez*. A solução que se adotou foi a construção de um binário aproveitando as ruas existentes (*Calles 6ª e 7ª*). Esta obra facilitou a conexão entre o setor de *San Victorino*, de intensa atividade comercial com o bairro de *San Bernardo* caracterizado por uma vida residencial tranquila. As novas vias e o serviço de transporte público incidiram em uma mudança do uso do solo deste último bairro: uma zona que era de um uso predominantemente residencial começou a incorporar atividades comerciais progressivamente.

Em termos ambientais, com a canalização e a construção das Avenidas *Jiménez* e *Sexta*, não somente o setor residencial começou a transformar seus usos, mas além de tudo, a cidade enterrou no seu centro histórico os últimos elementos de sua estrutura ecológica original: os rios *San Francisco* e *San Agustín* ficaram no esquecimento e deixaram de ter relevância na paisagem permanecendo somente a marca do seu antigo leito na configuração morfológica do setor, onde os corpos de água e as superfícies permeáveis foram trocadas pelas calçadas e o asfalto das calçadas. Em termos paisagísticos é preciso dizer que com estas duas obras de canalização e quatro obras viárias antes mencionadas, *San Victorino* ficou conectado à cidade, mas ao mesmo tempo fragmentado e isolado pelas amplas avenidas e seu intenso fluxo veicular: ao norte a *Av. Jiménez*, no leste a *Carrera 10*, no oeste a *Av. Caracas* e no sul a *Av. Sexta*. Com a construção destas vias arborizadas, (Figura 59) desarticulou-se a rede de relações funcionais e espaciais do território de *San Victorino* (Desse modo, iniciou-se um processo de constrangimento e isolamento espacial do setor, o qual gerou com o tempo a configuração de um “arquipélago urbano” no qual *San Victorino* operava como uma ilha urbana, em pleno centro da cidade.

³⁴⁴ Na seção 2 mencionou-se como a administração da cidade empreendeu durante os anos 20 e 30 do século XX ações de desmarginalização, higienização e homogeneização de setores deteriorados da cidade, com a execução de projetos de “saneamento” como no *Paseo Bolívar* para o qual se procedeu à construção de um novo bairro (*Centenario*) para reacomodar seus moradores.

Figura 59 – Construção de Avenidas arborizadas.

Com o surgimento do carro como meio de transporte as velhas ruas coloniais tornam-se insuficientes. Por esta razão a cidade inicia nos anos 1930 um programa de ampliação de vias, para o qual se constroem avenidas arborizadas (P1), tomando como referência a experiência europeia e norte-americana. No setor de *San Victorino* constrói-se: (1) a *Carrera 10*, (2) a *Av. Caracas*, (3) a *Av. Colon* e anos depois (4) a *Av. Los Comuneros*. Foto 1: *Carrera 10*, 1955. Foto 2: *Av. Caracas*, 1938. Foto 4: *Av. Comuneros (Calle 6ª)*, 1964. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 4: Saúl Orduz MDU. Foto 2: Fernando Garabito.

Com relação à dimensão social, *San Victorino*, como se mencionou anteriormente, começou a se assemelhar a uma ilha urbana conformada por residentes, comerciantes e moradores de rua. Sempre sob o estigma de espaço segregado, fragmentado e os grupos sociais altamente marginalizados, que paradoxalmente situaram-se sobre a marca deixada pelo *R. San Francisco*: especialmente na franja onde hoje se encontra o Parque Terceiro Milênio, lugar onde se manifestou o maior deterioramento físico, social e ambiental da cidade. Ali se estabeleceu um lugar central de encontro dos moradores de rua, na famosa “*Calle del Cartucho*”³⁴⁵, a qual teve como prédio simbólico “*El Castillo*”³⁴⁶, lugar do qual se “administrava” o submundo do setor. A marginalidade, presente desde o período colonial, manifestou-se com uma faceta distinta, de acordo com o vertiginoso e conflituoso desenvolvimento da área nos últimos cinquenta anos.

4.4 Perda de equipamentos e liderança

Conformação de um arquipélago urbano

Como se explicou na seção 2, com os graves fatos de 9 de abril, desatou-se uma onda de violência no território nacional todo, que se manifestou especialmente no campo; por este

³⁴⁵ “*El cartucho*” nome que recebeu a *Carrera 12 A* entre *Calles 9ª* e *10*, por ser lugar de venda da flor de cartucho. A partir dos anos 1970 apresentou um deterioramento físico e social contínuo até se tornar o lugar mais perigoso do setor de *San Victorino* e da cidade. Curiosamente sob esta rua passa o *R. San Francisco*.

³⁴⁶ “*El Castillo*” prédio localizado na *Carrera 13* com *Calle 9ª*. Nos anos 1980 foi invadido e tornou-se o centro de operações da delinquência que controlava o setor de *San Victorino*, convertendo-se em símbolo de poder.

motivo, produziu-se uma migração massiva de camponeses à cidade, os quais chegaram a esta procurando por segurança e por novas oportunidades de trabalho. (Figura 60).

Figura 60 – O “Bogotazo”: construções e infraestrutura afetada.

Com os atos violentos de 9 de abril de 1948 o setor de *San Victorino* foi seriamente afetado (P1). Isto acelerou o processo de fechamento e traslado da *Plaza de Mercado* (laranja), a demolição da igreja de *Santa Inés* (azul) para dar lugar à nova *Carrera 10* (1) e o desmonte (retiro) da rede do Bonde (linha verde) símbolo do transporte público da cidade. Com estas nefastas decisões o setor de *San Victorino* perde liderança? e visibilidade na cidade. Foto 1: Praça de Mercado Central, 1929. Foto 2: Ataque ao bonde, 1948. Foto 3: estragos na *Carrera 7ª*, 1948. Foto 4: o Bonde em chamas, 1948. Plano elaborado pelo autor; fonte: *Ministerio de Obras Publicas, 1949*. Foto 1: Ignacio Sánchez Santamaría. Fotos 2 e 4: José Vicente Ricaurte. Foto 3: Luis Gaitán.

Frente à evidente instabilidade e perda de controle do país por parte do presidente conservador Dr. Mariano Ospina Pérez, em 1953 assumiu o poder uma junta militar liderada pelo General Rojas Pinilla, que terminou exercendo as funções de presidente sob a figura de ditadura militar, durante o período compreendido entre 1953 e 1957. Como se mencionou na seção 2, o General Rojas, como parte de uma estratégia militar e aproveitando os ventos de “modernização” da cidade promovidos desde a década de 1940, empreendeu importantes projetos de infraestrutura para imprimir modernização e segurança à cidade. Entre estes projetos é necessário destacar alguns que incidiram no processo de deterioramento de *San Victorino*.

Porém, antes de explicar estes projetos e sua relação com o setor, é necessário mencionar que devido aos danos causados ao sistema de bonde em 9 de abril de 1948 e a deficiências na administração e no manejo dos recursos econômicos, a empresa do *Tranvía* (bonde) *Municipal* deixou de prestar o serviço de bonde em 1952, substituindo o referido serviço pelo de ônibus e *trolly bus*. Com esta decisão, desapareceu o circuito conformado pelo bonde no setor de *San Victorino*, que percorria a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª* e 11, o qual não somente fornecia vitalidade à zona, mas permitia a conexão desta zona com a

cidade. Uma vez desaparecido o circuito, também desapareceu a importância que tinham a *Calle 10ª* e as *Carreras 10ª e 11*, em termos paisagísticos e urbanos; desprovidas de sua importância, acelera-se seu processo de deterioramento físico e social.

Retomando os projetos executados durante a ditadura do General Rojas, que incidiram no deterioramento do setor, é preciso destacar os seguintes: com a construção da *Calle 26* (*Av. El dorado*), o Passeio de *Los Libertadores* e a adição dos Municípios vizinhos de Bogotá, iniciou-se um acelerado processo de crescimento não planejado sobre a Savana, caracterizado por uma intensa ocupação da área rural, a qual se estendeu principalmente ao oeste da cidade nos primeiros anos, e posteriormente, ao norte da mesma³⁴⁷. (Figura 61).

Figura 61 – Urbanizações Ilegais e obras de infraestrutura.

Com a construção de infraestrutura – equipamentos e avenidas – no ocidente de Bogotá, incorporaram-se áreas rurais no processo de urbanização da cidade dando origem, em muitos casos, à proliferação de assentamentos ilegais na periferia da cidade. P1: *Croquis* sobre parcelamentos Clandestinos, 1950. Foto1: Aeroporto *El Dorado*, 1956, Arquitetos Cuellar Serrano Gómez. Foto 2: perspectiva do *Ministério de Obras Públicas* (CAN) Arquitetos Skidmore Owens & Merrill. Fonte: P1 Joaquín Martínez – Registro Municipal, Tomo XX, 1950. Foto 1: Germán Téllez. Foto 2: *Revista Proa*, 1955.

Durante este período de investimento na periferia, sobre a Autopista Norte e a *Calle 26*, o setor imobiliário (empresa privada) e a administração *Distrital* esqueceram-se do centro tradicional da cidade de modo que durante as décadas seguintes acelerou-se o deterioramento físico e social desta porção da cidade. *San Victorino* não foi a exceção nesse processo de deterioramento, o qual esteve acompanhado de alguns fatos que agravaram as condições de marginalidade social e geração de uma ilha urbana: a publicação de um decreto para que os vendedores ambulantes localizados nas ruas e calçadas de *San*

³⁴⁷ A localização do *Centro Administrativo Nacional* e o Aeroporto Internacional *EL Dorado* sobre o eixo leste-oeste (*Calle 26*) “abrieron la compuerta a la expansión de la ciudad en esta dirección, algo que se evitaba en el Plan Regulador por considerar estas áreas poco aptas para desarrollos urbanísticos. La Autopista Norte abrió otro frente urbanizador importante, que tardaría varias décadas en poblarse.”. (SALDARRIAGA, 2000, p. 114)

Victorino se concentrassem no largo do mesmo nome³⁴⁸; o traslado de comerciantes de atacado de víveres à Central de Atacados de *Corabastos* (1972); finalmente, o traslado de prestadores do serviço de transporte terrestre intermunicipal e nacional ao Terminal de Transportes (rodoviário) localizado no oeste da cidade (1984).

O decreto que o prefeito Jorge Gaitán Cortes expediu em 1864, visava à recuperação da imagem e o espaço livre do centro; porém, contrário a seus nobres propósitos, terminou por legitimar que a praça, as calçadas e as ruas, se tornassem objeto de aproveitamento econômico, sob práticas “irregulares” que se consolidaram no transcurso das décadas seguintes³⁴⁹: vendedores ambulantes³⁵⁰ (Figura 62), que tomaram posse e defenderam como próprias porções de uma rua, uma calçada ou da praça; vendedores de atacado proprietários ou inquilinos de locais comerciais e bodegas nos prédios da zona, que contrataram numerosas pessoas para ofertar os produtos nas ruas; máfias e *jibaros*³⁵¹ que se dedicaram ao comércio de alucinógenos encobertos pelos vendedores ambulantes aproveitando o aumento do consumo, produto da bonança trazida pelo tráfico de maconha dos anos 1970; catadores de papel e papelão que desenvolveram centros improvisados de coleta na área vizinha à praça; e habitantes da rua que tornaram esta zona sua residência permanente³⁵². Assim, contrário ao previsto pelo Prefeito, a cidade ao invés de ganhar, perdeu espaço livre, e a Praça de *San Victorino*, em vez de conservar suas características, dilapidou sua importância como referente urbano rico em significados desde os tempos da colônia.

Outro fenômeno que se apresentou na área e que gerou condições de marginalidade foi o correspondente às condições sociais que ficaram como produto do abandono de infraestrutura e o traslado das atividades do comércio em atacado e do serviço de transporte intermunicipal a outros setores da cidade.

Nos anos 1970, numerosos comerciantes de atacado de víveres que se concentravam no setor de *San Victorino*, se trasladaram à Central Atacadista de *Corabastos*³⁵³, em 1972; o referido traslado provavelmente esteve motivado pelas condições

³⁴⁸ Decreto 227 de 1964 “pelo qual se regula a profissão de vendedores ambulantes de que trata o capítulo 12 do título 9 do livro 2 do *Código de Policía del Distrito Especial de Bogotá*”.

³⁴⁹ Este espaço público somente seria recuperado 38 anos depois, com o traslado dos vendedores e a execução de obras de reforma da Praça de *San Victorino*. Com esta obra começa o processo de recuperação do espaço público do setor.

³⁵⁰ Sem dúvida nenhuma, o fenômeno de vendedores ambulantes é uma manifestação de um problema social cuja origem tem raiz nas condições de desemprego, da desigualdade na distribuição da riqueza e no acesso a bens e serviços básicos. Porém, não é pretensão deste documento demonizar a existência dos vendedores ambulantes, mas chamar a atenção sobre os impactos negativos resultantes da legitimação do aproveitamento econômico do espaço público.

³⁵¹ “*Jibaro*”: administrador das vendas de narcóticos. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.187)

³⁵² Palavras de Niño: “a partir de entonces, se formó un improvisado centro de recolección de papeles y cartones, de recogedores de toda la ciudad, a la vez que se convirtió en refugio de indigentes, de miseria y drogadicción”. (SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.1)

³⁵³ SOCIEDADE...; NIÑO, 1999, Numeral 1.2.

favoráveis de trabalho – segurança, acessibilidade, asseio e outras – que lhes ofereciam as novas instalações da Central de Abastecimento, mas ao mesmo tempo provocou que *San Victorino* perdesse identidade como o centro de comércio em atacado de víveres da cidade, e que ficasse somente com os resíduos do que uma vez foi. Assim, o cenário do setor começou a se caracterizar por prédios abandonados (antes utilizados para as atividades comerciais) e pessoas sem emprego (que antes se dedicavam a trabalhos associados com o comércio de víveres).

Figura 62 – Evolução e ocupação da Praça de *San Victorino*.

Semelhante a outras praças da cidade, a praça de *San Victorino* sofreu importantes modificações: (1) Espaço colonial original com chafariz, portão de chegada à cidade. O *R. San Francisco* passa por sua margem. (2) Em 1910 aumenta-se o espaço, enterra-se o *R. San Francisco* e constrói-se um parque. Toma o nome de Praça *Antonio Nariño*. (3) Em 1948 pavimenta-se o parque e habilita-se o espaço como estacionamento para carros. (4) Em 1964 o prefeito Gaitán Cortes autoriza a ocupação da praça pelos vendedores informais, perdendo-se assim um dos espaços tradicionais e representativos da cidade. Foto 1: *San Victorino*, praça com chafariz, 1900. Foto 2: *San Victorino*, praça/parque, 1920. Foto 3: vista aérea, Plaza *Antonio Nariño* (estacionamento), 1947. Foto 4: vista aérea, *San Victorino*, espaço invadido pelos vendedores informais, 1998. Desenhos elaborados pelo autor. Fonte: Foto 1: Henry Duperly. Foto 2: *Sociedad de Mejoras y Ornato*. Foto 3: em Montenegro & Liarralde. Foto 4: *El Tiempo*. 1998.

Por outro lado, no começo dos anos 1980 habilitou-se o primeiro terminal “moderno”³⁵⁴ de transporte que teve Bogotá; esse terminal foi inaugurado em 1894, no setor que hoje em dia se conhece como Cidade *Salitre*. Várias empresas de transporte que prestavam o serviço nas proximidades a *San Victorino* trasladaram-se ao novo terminal. Sem dúvida alguma, a cidade beneficiou-se significativamente com a construção desta moderna

³⁵⁴ Naquela época, o transporte intermunicipal de passageiros estava organizado de forma precária sobre “portos secos”, onde o serviço de chegada e saída dos passageiros dava-se em locais improvisados.

Rodoviária, pois esta obra permitiu superar a informalidade³⁵⁵ e racionalizar a prestação do serviço de transporte de passageiros. Porém, os bairros *San Victorino* e *La Estanzuela*, perderam seu caráter como porto seco, e adicionalmente sua capacidade de ofertar fontes de trabalho às pessoas que prestavam a assistência técnica e logística ao serviço de transporte de passageiros e que em sua maioria moravam no bairro *Santa Inés*. De certo modo, pode-se afirmar que com a migração das atividades e as pessoas associadas ao serviço de transporte incrementou-se o desemprego e aumentou-se a insegurança no setor.

San Victorino: ilha e marginalidade urbana

Frente ao novo panorama, a administração *Distrital* não tomou nenhuma medida de prevenção ao deterioramento, nem considerou programas de inclusão social para aquelas pessoas que perderam sua fonte de ocupação e subsistência.

A construção destas importantes obras de infraestrutura – *Corabastos* e Terminal de transporte – não incluiu planos de redensolvimento dos espaços vazios deixados na cidade e, muito menos, a implementação de programas para reincorporar ao mercado, gerar trabalho à população de escassos recursos – mão-de-obra não qualificada que dependia para o seu sustento da presença destes serviços no centro da cidade. Esse fato trouxe nefastas consequências para o setor de *San Victorino*, as quais se manifestaram, em muitos casos, na troca de usos e no aumento da população de escassos recursos ou em condição de indigência: depois da emigração dos comerciantes de atacado, as bodegas desocupadas foram destinadas principalmente para o armazenamento de materiais recicláveis como papel, metais e desperdícios de construções. As pessoas que perderam sua antiga ocupação e, em geral, a população de escassos recursos da cidade, ocupou-se do recolhimento, transporte e venda destes materiais. Desse modo, o espaço urbano e seus atores passaram de uma condição de “formalidade” (mercado em atacado de víveres) para uma de “informalidade” (reciclagem de materiais).

Neste cenário de informalidade, acelerou-se o processo de deterioramento do espaço livre: as ruas e as calçadas foram invadidas pelo crescente número de “carros de *balineras*” (*zorras*) e de materiais que não faziam parte da lista dos “*negociables*”, de modo que o espaço livre tornou-se uma zona de acumulação de desperdícios. Nas calçadas começaram a proliferar improvisados pontos de venda de comidas preparadas em churrasqueiras com

³⁵⁵ A cidade passa do sistema arcaico de agências de transporte de passageiros – “rua e bodega” dispersas pelo centro da cidade – ao moderno e funcional sistema de terminal de transporte.

carvão, cuja fumaça e cinzas multiplicaram-se ano após ano. Assim, progressivamente foi-se poluindo o ar das ruas e modificou-se negativamente a paisagem do bairro.

Por outro lado, também estes fatos marcaram o início de uma nova dinâmica com relação à propriedade privada: (Figura 63), no setor, começou a se apresentar uma maior concentração da população marginal que subsistia do “rebusque” ou do recolhimento de materiais, a qual não contava com ingressos suficientes para pagar um espaço para dormir. Os arrendatários de propriedades, ao ver uma oportunidade de negócio, incrementaram a prática de especulação com os imóveis por meio da sublocação de quartos, nos quais se alojavam famílias inteiras. Desse modo, o bairro de arrendatários passou a ser um bairro de cortiço, aumentou o índice de ocupação, com grupos de famílias morando em condições de adensamento precário.

Figura 63 – Transformação da moradia e controle da propriedade.

A maioria dos prédios do setor apresenta a mesma evolução: (1) Moradia original em formato de claustro com quintal anterior e posterior. Ocupado por uma família, proprietária. (2) Subdivide-se a moradia em duas propriedades. Mantém-se o quintal anterior e posterior, ocupado por duas ou mais famílias, proprietárias ou arrendatárias. (3) Subdividem-se os locais, constroem-se mais quartos, perde-se o quintal posterior. Cada quarto ocupado por uma família, torna-se cortiço (invasores). Perde-se o controle sobre a propriedade. (4) Acondicionam-se mais quartos, perde-se o quintal anterior. Os quartos são ocupados por várias pessoas, não necessariamente conhecidas entre si (cobra-se por noite). Gera-se uma situação de condições precárias e promiscuidade absoluta. Comércio (vermelho) moradia e outros (amarelo) serviços (azul). [Desenhos elaborados pelo autor].

Os “arrendatários”³⁵⁶ com a finalidade de obter um maior aproveitamento econômico das edificações colocaram ano após ano mais famílias nas habitações das deterioradas residências, com o qual se incrementaram as condições precárias dos moradores e ao mesmo tempo aprofundaram-se as fraturas de convivência típicas deste modo de habitar, surgindo fenômenos de violência no interior do grupo de residentes, descompromimento no

³⁵⁶ “Arrendatarios”, neste caso, refere-se aos novos possuidores – não proprietários – dos imóveis.

pagamento e agressões por parte dos arrendatários que finalmente foram expulsos pelo grupo de inquilinos³⁵⁷.

Assim ocorre um fenômeno que pode ser denominado como perda do controle da propriedade privada, o que gerou uma atmosfera propícia para a deteriorização física das edificações, e a decomposição social caracterizada pelas relações de conflito na convivência e os fenômenos de violência.

Nos anos 1970, surgiu um fenômeno que foi determinante no posterior deterioramento social e físico de *San Victorino*. Durante essa década apresentou-se o auge do comércio de drogas no país todo³⁵⁸ e *San Victorino*, como os demais setores do centro da cidade, foram esquecidos pela administração *Distrital*. Estes dois fatos – unidos à vulnerabilidade da população que habitava o bairro – constituíram um campo de ação propício para os comerciantes de alucinógenos, que paradoxalmente começaram a exercer suas atividades ilícitas a somente dois quarteirões do Palácio Presidencial, a Prefeitura Maior (*Alcaldía Mayor*), e a Praça de *Bolívar*, primeiro centro cívico da cidade e do país.

A ausência do Estado, o aumento da venda de alucinógenos e dos fenômenos de violência no meio da população vulnerável foi decisivo no processo de decomposição física e social do setor. Além disso, marcaram a configuração de um imaginário negativo na população *bogotana*: *San Victorino* passou de sinônimo de porto urbano e atraente de atividades para sinônimo de degradação social, drogas e crime em todas as suas manifestações.

4.5 Perda de identidade e deterioramento físico e ambiental

Consolidação da Barreira urbana. Tempo de crise.

Sob essas condições, *San Victorino* começou a se configurar na paisagem como uma espécie de “barreira urbana”, um reino do “*basuco*”³⁵⁹, do saqueio e do vandalismo, ao que a cidade e as instituições do Estado viraram-se de costas. (Figura 64). A “*Calle del Cartucho*” terminou por se constituir no centro simbólico e espacial desta barreira, com o avançado

³⁵⁷ María Paula Navas descreve esta dramática situação muito bem: “*Hay jefes, líderes o administradores por donde usted mire, y cuando dejan de mandar llega otro inmediatamente a ocupar el puesto. El más hábil. Así hubo no sé cuantos propietarios que perdieron definitivamente la posesión de sus predios. Hubo tantos dueños que los pobres ricos no pudieron regresar al punto en que abandonaron sus casas*”. (NAVAS-ALARCON, 2006, p.51)

³⁵⁸ Nos anos 1970 intensificou-se no país a produção e tráfico de maconha, fato conhecido como “*Bonanza marimbera*”. Este evento permeou a maioria das estruturas sociais e econômicas do país, e no caso de *San Victorino* transformou-o no centro de venda e consumo de alucinógenos, afetando sua população e entorno físico significativamente.

³⁵⁹ *Basuco*: resíduos da base de coca muito popular pelo intenso efeito e baixo custo, NAVAS-ALARCON, M., op., cit. p.185.

estado de decomposição social, o dramático deterioramento do espaço livre, a perda total do controle sobre a propriedade privada e a destruição física das edificações: as paredes das casas começaram a ser derruídas por seus habitantes para utilizar o material na preparação de “*crack*”³⁶⁰: “Começam a levar partes das casas [...] se levam as cornijas, as molduras e até a tapeçaria das paredes”. A polícia negou-se a intervir para evitar o saqueio que acontecia a três quarteirões de sua estação. “Em um mês a casa da família Liévano desapareceu. Levaram a fachada, as portas e as grades [...] ficou somente o lote”. O lote e o testemunho de como Bogotá – igual a outras cidades do país – abandonou seu centro e, com ele, parte de sua memória³⁶¹.

Figura 64 – A “Calle del Cartucho” e prédio “El Castillo”.

Sobre as ruas ondulantes que lembram o velho curso do R. San Francisco (P1), gera-se o maior deterioramento físico e social do setor. É neste lugar onde se consolidam dois dos símbolos dos moradores informais da área: (1) “Calle del Cartucho”, (2) “El Castillo”, em cinza área de influência direta. Foto 1: “Calle del Cartucho”, rua invadida. Foto 1: “Calle del Cartucho” moradores de rua. Foto 2: demolição de prédios. Foto 2: demolição do “El Castillo” prédio simbólico dos invasores, centro de delinquência. Plano elaborado pelo autor. Fotos 1 e 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano.

Pode-se dizer que nessa época a única presença do Estado na zona manifestou-se por meio do Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses e a Estação de Polícia³⁶² localizada na Av. Caracas com Calle 6ª, e o Centro de Recrutamento do Exército instalado no que restou do prédio da antiga Escola de Medicina. O primeiro estabelecimento, que seguramente foi significativo para a cidade, pois presta um importante serviço de recepção de cadáveres, mas negativo para San Victorino, já que no setor próximo do mesmo estabeleceram-se as mais miseráveis condições de vida e morte: um lugar onde a vida não

³⁶⁰ “Crak”: Base de coca misturada com pó de cimento ou tijolo.

³⁶¹ LEÓN, F. *El tiempo*, (jornal) 28-03-1999 p. 2E.

³⁶² É a Estação de Polícia mais importante do centro da cidade. Foi construída nos anos 1960.

tem o menor significado para seus moradores e onde os funcionários do Instituto, e dolentes dos mortos valentemente enfrentam-se todos os dias neste aterrador panorama. Com relação aos dois últimos, chama a atenção que, sendo parte do aparato de segurança da cidade e do país, foram incapazes de manter o controle do Estado sobre a zona em uma atitude passiva e de suspeitosa complacência com todos os atos delitivos que aconteciam em *San Victorino* e que sem dúvida afetaram a credibilidade da população nas forças de segurança e convivência de sociedade *bogotana*.

Intentos falidos de recuperação

Como se indicou na seção 3, em 1986, frente ao processo de abandono e deterioração que sofreu o centro da cidade, e a situação de conflito na qual se viu *San Victorino*, especialmente na zona chamada “*El Cartucho*”, a administração *Distrital* voltou seu olhar ao centro por intermédio da contratação de um estudo técnico que se denominou “Plano Zonal do Centro de Bogotá”. Com este plano, a administração *Distrital* assumiu como prioridade os programas de recuperação do espaço livre e a racionalização do transporte de passageiros no Centro Tradicional. Infelizmente, apesar destas nobres intenções, o referido plano jamais se materializou.

Com essa mesma preocupação na década de 1980, traçaram-se novos desenhos e realizaram-se as obras de um projeto destinado a melhorar as condições de mobilidade sobre a *Av. Caracas*. (Figura 65). O projeto denominado “*Troncal de la Caracas*” consistiu na destinação de faixas exclusivas para o trânsito dos ônibus, com áreas delimitadas para o carregamento e descarregamento de passageiros, imitando o modelo de Curitiba em Brasil. Como esta iniciativa implicava suprimir o separador central e o retiro das árvores, em sua maioria *Urapanes* (*Fraxinus chinensis*)³⁶³, razão pela qual o centro da cidade e especialmente o setor de *San Victorino* perdeu o único corredor viário verde ao modificar negativamente a principal avenida arborizada, herdada dos planos de modernização empreendidos pela cidade em meados do século XX.

Posteriormente propuseram-se projetos específicos de recuperação do setor, como o proposto pelo prefeito Jaime Castro com o “Plano de recuperação dos bairros de *San*

³⁶³ Em 1945 executa-se em Bogotá um ambicioso programa de arborização, liderado pelo japonês Hochino, que propôs como espécie única para plantar a árvore de origem *Urapan*, (*fraxinus chinensis*). Esta espécie adaptou-se às condições do clima da cidade e pelo grande aporte, folhagem e rápido crescimento foi por muito tempo o preferido pelos *bogotanos* até que perderam sua importância devido aos danos causados pelas raízes às vias e construções. No final dos anos 1980 uma praga os atacou obrigando a retirada da maioria destes.

Victorino e Santa Inés 1992-1995”, que consistia basicamente em resolver a mobilidade no deflagrado e deteriorado setor da “*Calle del Cartucho*” e a dificuldade de acesso às instalações de Medicina Legal para o qual se propunha ampliar o perfil de todas as vias do setor, a construção de novas vias, um novo parque e a troca de usos (comércio e institucional) em vários quarteirões. Igual aos projetos anteriores, este também não foi executado.

Figura 65 – Projetos prévios à construção do Parque Terceiro Milênio.

No final dos anos 1980 a prefeitura de Bogotá, tomando como referência o sistema de transporte de Curitiba no Brasil, começa a construção da “*Troncal de la Caracas*” (P2). Infelizmente esta obra afetou a paisagem do centro da cidade ao tirar a maioria das árvores do canteiro central e calçadas (P1) para dar lugar às novas faixas de circulação veicular. Desse modo perdem as “*Avenidas arborizadas*”, que por muito tempo foram orgulho da cidade. Preocupados pelo alto nível de deterioração física e social no setor de *San Victorino*, a prefeitura em 1993 apresenta uma proposta de intervenção (P3), a qual incluiu a abertura de novas vias no setor da “*Calle del Cartucho*”, *Carrera 12A*, *Calle 7A* e a construção de um pequeno parque. Esta proposta não foi realizada. [Desenhos elaborados pelo autor].

Dinâmica de ocupação do setor. Perda de equipamentos e superposição de atores.

No final do século XX a paisagem do setor de *San Victorino* estava substancialmente alterada devido à perda do comércio em atacado, da indústria e de seus principais equipamentos como a Faculdade de Medicina, a Praça de Mercado, as igrejas de *San Victorino* e *Santa Inés*. A esta situação somou-se o espaço livre afetado pela mutilação da Praça de *Los Mártires*, a invasão da praça de *San Victorino* por vendedores informais, a supressão das rotas do transporte público do bonde (*Calle 10ª*, *Carreras 10ª* e *Carrera 11*) e a ampliação das principais vias, operação pela qual se retiraram as árvores que estavam sobre os corredores viários. (Figura 66).

Figura 66 – Perda de equipamentos no setor de *San Victorino*.

Em meados do século XX *San Victorino* contava com importantes equipamentos urbanos e transporte (P1). Pela ampliação de avenidas e traslado de equipamentos que nunca foram substituídos, no final do século XX o setor perdeu presença e liderança na cidade (P2). Abastecimento (laranja), igrejas (vermelho), educação (azul), culturais (azul claro), indústria (roxo), segurança-militar (verde escuro), praças e parques (verde). Rota do bonde (Linha verde). [Planos P1 e P2 elaborados pelo autor].

Outro elemento que incidiu na transformação da paisagem foi a constante e sistemática mudança de uso da propriedade privada: o uso comercial foi trocado pelo uso residencial, com o qual os habitantes habituais do setor tiveram de se trasladar obrigatoriamente para novas urbanizações localizadas na periferia da cidade. Dessa forma, o caráter que se dava a *San Victorino*, a moradia tradicional foi se transformando pela presença de perigosos cortiços, ocupados sob práticas “primitivas”: em um quarto dormem no chão³⁶⁴ várias pessoas em condições precárias de higiene e moradia.

Apesar de suas condições precárias de moradia, como se mencionou anteriormente, a população vulnerável que ocupava *San Victorino* aportava ao setor uma intensa dinâmica durante as 24 horas do dia e durante os 365 dias do ano. Com a construção do Parque Terceiro Milênio, como se indicou na seção 3, trocou-se o uso de moradia pela recreação, e expulsou-se esta população vulnerável. Esta ação, na opinião do autor deste trabalho, definitivamente foi contra dos interesses de manter e atrair população que habitasse o centro da cidade (Figura 67).

Os atores presentes no setor e no entorno adjacente a *San Victorino* estão conformados principalmente por dois grupos plenamente diferenciados: o primeiro grupo que pode se denominar “formal ou autônomo”, conformado pelos empregados das entidades públicas de nível nacional e distrital (Presidência, Congresso, Ministérios, Banco Central, Prefeitura maior, Secretarias, Corporações Culturais e sociais), os empregados de entidades

³⁶⁴ As pessoas dormem, (de dia ou à noite), não moram nestes espaços. Paga-se para dormir quatro reais. NAVAS-ALARCON, op. cit., p.102

culturais (Bibliotecas, Museus e outros), os integrantes das instituições religiosas (Arcebispo, Catedral principal, Igrejas paroquiais) e, por último, os proprietários e empregados do setor privado da área financeira (bancos e corporações), do setor de gestão e serviços (profissionais de todas as áreas, especialmente de justiça), do setor comercial (lojas de atacado e varejo, livrarias, restaurantes e cafeterias).

Figura 67 – Usos principais do setor antes e depois da construção do Parque Terceiro Milênio.

No final da década de 1980, o setor de *San Victorino* apresenta uma alta mistura de usos, destacando a presença de comércio no costado norte e moradia no costado sul (P1). Para a construção do parque suprimiu-se a área de moradia, a qual é substituída por recreação. Assim, o setor fica sem moradores que aproveitem os espaços novos que o parque oferece. Planos P1 FONADE “*Preinversión*”, Bogotá 1988, p. 28. [P2 elaborados pelo autor; fonte: *Bases del Concurso*].

O segundo grupo, que pode ser denominado “informal ou dependente”, está conformado por vendedores ambulantes (roupa, cachivaches – bujigangas –, confeitaria, comida, bebidas e livros “piratas”), catadores de lixo (papel, vidro, metal, plástico) e rebuscadores (ajudantes, *mandaderos*).

Por sua natureza, estes dois grupos de habitantes apresentam diferentes formas de utilização e ocupação do setor, gerando ritmos ambivalentes: o setor formal, trabalha e beneficia-se do centro da cidade durante o período diurno, e o abandona à noite para se refugiar nos setores residenciais da periferia; porém, o informal vive e aproveita o centro durante as 24 horas do dia em jornadas de trabalho e períodos de descanso sem horário fixo (esmola-se por comida e dorme-se em qualquer horário). Dessa forma gera-se uma presença constante do “mundo da informalidade”, que é o mundo que realmente “habita” e dá dinamismo ao centro da cidade. (Figura 68).

Figura 68 – Dinâmicas de ocupação do setor de *San Victorino*.

Antes da construção do parque reconheciam-se na área dois ritmos de ocupação (P1). Por um lado, o setor formal ou autônomo (vermelho) que utilizava o centro como espaço de trabalho durante o dia e que o abandonava à noite. Por outro, o setor informal ou dependente (azul) que habita no setor com a mesma intensidade de dia e à noite, mantendo uma estreita relação com seu entorno. Com a construção do Parque Terceiro Milênio (P2) perde-se a presença do setor informal e como o setor formal não reconhece como próprio o antigo setor de *San Victorino*, é em parte razão pela qual o parque (3) apresenta uma baixa frequência de uso, criando-se desse modo um vazio urbano. Foto 1: Praça de *San Victorino*. Foto 2: atividade cotidiana do setor-setor informal. Desenhos elaborados pelo autor. Foto 1: autor. Foto 2: Archivo Instituto de Desarrollo Urbano

Estas características replicaram-se no interior da peça urbana de *San Victorino*. Em 1999 *San Victorino* contava com 22.138 habitantes³⁶⁵, e suas características configuravam como um “arquipélago urbano” e “barreira urbana”. No interior deste arquipélago conviviam a cidade formal e a cidade informal; o setor norte e sua periferia alojaram o setor formal, e o núcleo de *San Victorino* – conformado pelo bairro *Santa Inés* – acolheu ao setor informal pertencente à população mais vulnerável, com as correspondentes condições de avançado deterioramento físico e social.

Com a construção do PTM, alterou-se a superposição e convivência do setor formal e informal, ao estimular a permanência da população do setor formal e expulsar a população pertencente ao setor informal; assim modificaram-se os ritmos de funcionamento do setor de *San Victorino*. Como se indicou antes, a relação que guarda a população formal com *San Victorino* é de caráter exclusivamente laboral, de tal sorte que não se desenvolveram vínculos afetivos, simbólicos ou um sentido de pertencimento ao lugar. Como o Projeto Parque Terceiro Milênio expulsou a população que realmente guardava um vínculo ou um

³⁶⁵ . IDU/ERU, ÁNGEL, Marcela e ARIAS, Fernando et. al. Documento final, 2001, anexo 1.8. p. 12-folio 622.

sentido de pertencimento com o lugar e não atraiu nova população residente, a área do Projeto terminou se tornando um “vazio urbano”. Este fato se evidencia na baixa frequência de uso do Parque e nas poucas ou inexistentes alterações ou melhoras nas construções e lotes que configuram seu entorno.

4.6 Os desafios que exigia o projeto Parque Tercer Milenio

As páginas anteriores procuraram mostrar a evolução histórica de *San Victorino* com o fim de determinar e explicar a origem dos elementos que configuraram suas atuais condições ambientais, urbanas, sociais e paisagísticas. Em consideração do autor, a compreensão destes elementos históricos e a consequente situação atual do setor criavam importantes retos às operações de renovação urbana empreendidas pelo *Distrito* a partir de 1999: *San Victorino*, e especificamente o bairro *Santa Inés*, configuraram-se como uma “barreira” urbana, na qual sobre uma cidade formal dão-se as dinâmicas de uma cidade informal, a qual reforça as condições de isolamento, amparadas nas redes do comércio ilegal de alucinógenos e a complacência da força pública. Esta população da cidade formal não tem desenvolvido um sentido de apego com o setor, pois sua relação com o mesmo é exclusivamente de caráter de trabalho, e as atividades da vida familiar, lazer e de descanso acontecem em outros lugares da cidade.

De outro lado está a população informal, a mais vulnerável devido a sua principal atividade que corresponde à luta diária para conseguir o sustento, ou seja, o que popularmente se conhece como “*rebusque*”. Dentro desta população configuram-se grupos característicos, de acordo com o tipo de atividade que realizam: recicladores (de papel, metal, vidro, madeira, entre outros), compradores de materiais recicláveis, consumidores de alucinógenos, dispensadores de alucinógenos (*jíbaros*), vendedores de comida, administradores de cortiços. As atividades desta população mantêm-se vivas durante o dia todo, não somente pela reciclagem de materiais, mas pelo comércio de alucinógenos, que fornece inclusive aos consumidores pertencentes às classes acomodadas da cidade.

Com relação à imagem do setor frente à cidade, o comércio de alucinógenos, a perda de controle sobre a propriedade, a alienação do espaço livre, as condições precárias de moradia e os consequentes fenômenos de violência são os elementos que terminam por configurar uma realidade com a qual *San Victorino* torna-se símbolo da miséria, do indesejável.

Este panorama, paradoxalmente produz-se somente a dois quarteirões dos símbolos políticos, sociais e religiosos do país: a Praça de *Bolívar*, o Palácio presidencial, o Capitólio Nacional e a Catedral de Bogotá. Além disso, nas proximidades do antigo leito do *R. San Francisco*, de forma que no espaço urbano sobrevive a antiga aliança entre marginalidade e água, agora, sob condições distintas às da colônia: encanou-se o rio, impermeabilizaram-se e homogeneizaram-se as superfícies, desapareceram os símbolos religiosos e emblemáticos, antigos residentes e comerciantes migraram e o setor ficou sitiado pelas grandes avenidas da cidade. Sob estas condições, conformou-se uma “barreira” urbana caracterizada pela alienação do espaço livre, a intensa presença de agentes delitivos e a perda total do controle da propriedade privada.

O discurso e conceito da EEU do POT de Bogotá, assim como os objetivos de equidade (ver seções 1 e 2), tiveram que significar uma oportunidade com a qual, pela via de três ações – recuperação da Estrutura Ecológica Urbana, geração de novos marcos na paisagem e criação de alternativas para reter população e atrair habitantes – conseguiu-se superar os desafios que exigia esta “barreira” urbana.

Com a construção do projeto Parque Terceiro Milênio, sem dúvida, recuperou-se o espaço livre e a propriedade privada por meio de uma complexa gestão imobiliária. Porém, apesar destes significativos resultados, é necessário dizer que o projeto não contribuiu para um processo de renovação no centro da cidade: com relação à dimensão social, não se criaram alternativas de moradia e equipamentos para estimular a atração de habitantes e provocou-se a expulsão e dispersão da população mais vulnerável do setor. No que se refere à dimensão paisagística, as decisões de desenho aumentaram o isolamento gerado pelas amplas avenidas, pois não se propuseram elementos que contribuíssem à conectividade urbana para pedestres (moradores e visitantes do setor), e também não se propuseram novos equipamentos que revitalizassem o setor e que devolvessem ao bairro os referentes, o significado e a importância que teve para a cidade durante muitos séculos. Esta característica evidencia-se no fato de que hoje em dia o parque tem pouca frequência de uso, não apresenta modificações importantes no seu entorno e requer constantes medidas de segurança e vigilância para sua utilização. (Figura 69) – Estado atual do entorno do Parque Terceiro Milênio (Folha anexa).

Finalmente, o projeto não contribuiu à recuperação dos leitos dos corpos de água, nem aportou elementos importantes para a recuperação dos elementos naturais que ajudariam a configurar a Estrutura Ecológica Urbana. O parque desconheceu a função

hidrológica da bacia e impermeabilizou a maior parte do solo recuperado, perdendo-se a oportunidade de melhorar as condições ambientais para o setor e a cidade, por não contribuir à continuidade do corredor ecológico do *R. San Francisco* que, como já foi mencionado, é fundamental para a conectividade dos três componentes mais importantes da EEU de Bogotá (*Cerros Orientales- Savana - R. Bogotá*).

Todos esses elementos permitem concluir que o parque foi na verdade um exercício de limpeza social, em uma zona de alta degradação social e paisagística com a qual a ilha “barreira” urbana tornou-se um “vazio urbano”, no qual a população que poderia aproveitá-lo – setor formal – não aproveita e a população que quer utilizá-lo – setor informal – não pode, porque as autoridades temem que o parque seja invadido.

Fonte Fotos Figura 13.

1. L. Ubaque (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
2. El Verjon (<http://www.rupestreweb.info/cornerlatierra.html>)
3. L. Siecha (<http://www.montecilloenguatavita.com/turismo>)
4. L. Guasca (http://farm4.static.flickr.com/3077/2288841621_d604f30f39.jpg?v=0)
5. L. Guatavita (<http://img151.imageshack.us/img151/8389/guatavita019eu.jpg>)
6. L. Iguaque <http://www.parquesnacionales.gov.co>

CONCLUSÃO

Este trabalho permitiu evidenciar a importância e o papel que tem cumprido o conceito de EEU no ordenamento espacial do território, e também permitiu concluir que é decisivo revisar o conteúdo, processos e programas dos projetos vinculados à EEU.

A seção 2 permitiu verificar como o crescimento acelerado e descontrolado da cidade nos últimos cinquenta anos colocou em risco a estabilidade ambiental do território, pois afetou substancialmente os processos do ecossistema, por meio da alteração do sistema hídrico, da fragmentação da rede de corredores ecológicos e da impermeabilização da savana. Neste sentido, atualmente o conceito de EEU não somente é de inquestionável pertinência – como alternativa à restauração do equilíbrio ambiental – mas os projetos específicos (por exemplo, os parques metropolitanos), têm um indiscutível compromisso, o qual está associado à recuperação do sistema hídrico e aos corredores ecológicos, assim como à geração de superfícies permeáveis e de excelentes condições paisagísticas no meio urbano.

Neste contexto, surge o projeto Parque Terceiro Milênio, o qual, além de ser peça central de um ambicioso programa de renovação urbana – formulado para a recuperação integral do setor de *San Victorino* no centro de Bogotá –, era uma oportunidade para melhorar as condições ambientais e paisagísticas do centro da cidade. Porém, por meio deste trabalho de investigação, foi possível estabelecer que embora o projeto Parque Terceiro Milênio permitisse resgatar o espaço público, a recuperação da propriedade privada, a recolocação da população e a reabilitação parcial dos residentes ilegais, o projeto não aportou elementos importantes para a restauração ecológica do sistema hídrico, a conformação de corredores ecológicos, a recuperação integral urbana e para o melhoramento ambiental, paisagístico e social do setor.

Este trabalho permitiu concluir que existe uma contradição entre o discurso ambiental e os projetos pertencentes à EEU. Vejamos por quê:

A EEU e a cidade construída

O suporte principal para restabelecer a estrutura ecológica original e atual da cidade requer a recuperação do seu sistema hídrico, conformado pelos principais rios, canais, zonas úmidas, áreas de recarga de aquíferos e vale aluvial do rio Bogotá. A análise sobre como a

cidade tem ocupado a savana permite estabelecer que o sistema hídrico da cidade está profundamente alterado, o que exige estratégias inovadoras para cumprir com os objetivos e metas associadas ao conceito de EEU. É precisamente neste ponto que o trabalho de investigação permitir estabelecer a atual presença de deficiências, indicando a existência da distância entre o conceito e a sua materialização na cidade.

O sistema hídrico tem como eixos principais os rios *Torca*, *Juan Amarillo (Salitre)*, *Fucha* e *Tunjuelito*, rios que têm sofrido um progressivo e constante deterioramento de seus leitos e bacias. Na parte baixa foram “controlados” com taludes naturais, na parte média foram canalizados e, em alguns casos, seu percurso foi modificado. A situação mais crítica apresenta-se na parte alta, onde foram encanados e enterrados sob as novas ruas e avenidas, afetando toda a rede de rios e riachos afluentes de suas bacias. É precisamente nesta última zona onde a EEU formulada no POT apresenta maior debilidade, pois não incluiu políticas e ações claras para a recuperação e renaturalização desta zona. Neste sentido, o propósito de restabelecer a unidade biológica (postulado por van der Hammen, e integrado ao POT), é impossível de realizar.

Outra dificuldade de materialização que apresenta a EEU é a de limitar a dimensão do sistema hídrico às linhas (percursos) dos rios, ignorando a noção de bacia hidrográfica na área urbana da cidade. O anterior deve-se em parte à ausência do conceito de “ciclo da água” que é superficialmente mencionado; inquestionavelmente este conceito precisa de uma maior discussão e incorporação às metodologias e aos instrumentos de planejamento da cidade, uma vez que não somente permite uma aproximação e ações adequadas sobre o sistema hídrico, mas também permite materializar o conceito de corredor ecológico.

Por outro lado, em relação aos parques metropolitanos, é muito visível que nenhum está integrado ao sistema hídrico da cidade; pelo contrário, tais parques operam como entes autônomos sem articulação como os demais componentes da EEU.

Finalmente, o POT estabelece como conector transversal do sistema todo da EEU a rede de corredores viários, mas como se observou na análise, entre a *Carrera 30* e os *Cerros Orientales*, onde se localiza grande parte da população e serviços da cidade, as avenidas arborizadas têm sucumbido ante a satisfação da mobilidade veicular que cada dia demanda mais espaço. Foi assim que se asfaltaram os canteiros centrais, suprimiram-se os jardins laterais e retiraram-se as árvores, de modo que o corredor viário foi despojado do seu papel como conector transversal da EEU.

É lógico que para materializar o conceito de estrutura ecológica é necessário que todos os projetos associados a esta tenham como referência obrigatória as bacias hidrográficas e incorporem o conceito de infraestrutura verde, de forma que o ecossistema e o ciclo da água sejam base fundamental na concepção e realização dos mesmos. Além disso, é decisivo revisar a concepção das unidades geográficas e incluir o conceito de unidades de paisagem para que, com um olhar mais ambiental que administrativo, sejam parte ativa do planejamento do território.

A EEU no centro da cidade

A observação do centro tradicional de Bogotá permite-nos identificar que dentro desta zona – cujo limite norte é o *R. Arzobispo* e o limite sul é o *R. San Cristobal* – os corpos de água foram sepultados sob prédios e novas ruas e avenidas. Além disso, os projetos de intervenção neste setor da cidade não incluíram estratégias ou ações para a recuperação e para a renaturalização do sistema hídrico: este é o caso dos projetos Eixo Ambiental da *Av. Jiménez*, o Parque de *San Victorino* e o PTM, os quais apesar de se localizarem sobre o percurso do rio *San Francisco*, não tiveram em conta um compromisso com o sistema hídrico.

É preciso mencionar que não se trata simplesmente de reclamar pela renaturalização dos corpos de água, mas de chamar a atenção sobre o fato de que os projetos mencionados não apresentam nenhum compromisso ou proposta concreta frente ao sistema hídrico – drenagem – do centro da cidade.

O Parque Terceiro Milênio

A análise que foi realizada neste trabalho de pesquisa evidencia a contradição que se apresenta entre o discurso ambiental e as práticas ambientais da cidade; pelo anterior, não é de estranhar que o projeto do PTM não tenha proposto alternativas concretas para resolver a descontinuidade dos rios, nem programas para um manejo sustentável de seus escassos recursos hídricos, nem estratégias para restaurar a fragmentada rede de corredores ecológicos, reduzindo o problema a soluções técnicas simplistas no desenho e construção do mesmo.

Propuseram-se espelhos de água artificiais com a intenção de recuperar a “memória” dos rios *San Francisco* e *San Agustín*, em lugar de apresentar alternativas para naturalizar os rios. Também se desconheceu a possibilidade de incluir estratégias que permitissem o uso sustentável dos recursos hídricos superficiais da bacia. Deu-se preferência à criação do solo impermeável, e o plano de arborização privilegiou a plantação de linhas de árvores, desconhecendo a importância de gerar massas de árvores, ainda mais quando o centro da cidade carece destas.

Dessa forma, como o parque não aportou elementos significativos para a restauração ambiental do setor, nem para uma integração com o seu entorno natural, é de se esperar que houvesse um aporte à relação com o seu entorno urbano e social. Porém, depois de quatro anos de sua inauguração, é evidente a baixa frequência de uso do parque, apesar dos esforços por parte da administração para que a população utilize suas instalações. O anterior evidencia-se na desolação das áreas de brinquedos para crianças, dos equipamentos e demais serviços, como por exemplo, os estacionamentos subterrâneos. Este nível de abandono é contraditório em um setor da cidade que diariamente está ocupada por mais de um milhão e meio de habitantes e onde a demanda de estacionamentos de veículos é a maior da cidade.

Esta situação contraditória pode ser explicada pelo fato de que os estudos de formulação e desenho do parque careceram de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*.

Como se indicou na seção 4, nos últimos cinquenta anos, o setor apresentou uma transformação, produto do abandono a que foi submetido pela administração Distrital. Com a construção da *Av. Caracas* e a ampliação da *Carerra 10ª*, o setor perdeu seus equipamentos mais importantes – a igreja de *Santa Inés*, a *Escuela de Medicina*, Praça de Mercado –, os quais deram identidade e reconhecimento ao setor na cidade durante mais de cem anos. Com a perda das rotas do bonde, o setor ficou fora dos circuitos do transporte público, deixando de ser um passo obrigatório dos habitantes da cidade. A partir do “*Bogotazo*” (1948) geraram-se várias migrações, pelas quais se transformou pouco a pouco o controle da propriedade privada, e o setor passou de um bairro de proprietários a um de arrendatários, tornando-se depois um bairro de invasores. Finalmente, com a autorização do prefeito Gaitán Cortés para que a praça de *San Victorino* fosse ocupada por vendedores ambulantes, estimulou-se e “legalizou-se” a invasão do espaço público do setor.

Produtos destes eventos, em termos sociais consolidaram-se dois grupos de habitantes – os do “setor formal” e os do “setor informal” – cada um dos quais operando com ritmos e hábitos diferentes de ocupação do território: os integrantes do primeiro, na sua maioria, trabalham no centro e moram na periferia; os integrantes do segundo, bastante numerosos e com uma significativa presença no setor, se “*rebuscan* e moram” no centro. Como os primeiros não utilizam o centro como espaço de recreação e lazer, e os segundos, com a realização do projeto, foram expulsos, o Parque não tem atualmente uma população que demande seu uso.

Sem dúvida nenhuma, a carência de uma análise das dinâmicas históricas de ocupação da bacia do rio *San Francisco* e *San Agustín*, e o desconhecimento da importância que tinham os habitantes do “setor informal” em *San Victorino*, contribuíram para que o parque se tornasse um vazio urbano sem maior importância e significado para os usuários e moradores do centro da cidade.

Comentários Finais

Uma das premissas utilizadas pela administração distrital para a promoção do projeto era que com a construção do parque melhorariam as condições físicas, ambientais e sociais do setor, com o qual se iniciaria um processo de renovação urbana que transformaria o entorno imediato do Parque, ao se incentivar a realização de projetos imobiliários, financiados pelo setor privado.

A realidade mostra o contrário. Até hoje não tem se iniciado nenhum processo de investimento público ou privado no entorno do Parque, e o que se percebe é um perfil urbano com condições precárias, distante do prometido no discurso que sustentou a concepção e promoção do projeto.

A ideia de reabilitação de população vulnerável não cumpriu com as metas traçadas: o resultado foi uma atomização ou dispersão desta população pela cidade, criando novos focos de conflito urbano. O paradoxo radica-se no fato de que a cidade suprimiu um cenário de conflito social, mas terminou criando outros.

Sem dúvida nenhuma, com projetos como Eixo Ambiental *Av. Jiménez*, a Praça de *San Victorino* e o Parque Terceiro Milênio, a cidade desperdiçou a oportunidade de contribuir efetivamente para o melhoramento das condições de seu ecossistema, a recuperação do sistema hídrico natural e a renaturalização da rede de Corredores Ecológicos de seu centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEBEDO, Luis. **Las industrias en el proceso de expansión de Bogotá hacia occidente**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 150p.

AGUILERA, Javier. Teoría Urbanística en la Colonización Española de América. Las ordenanzas de Nueva Población. In: **Ciudad y Territorio** – Revista de Ciencia Urbana. Madrid: n. 1, p. 9-24, 1977.

ALCALDÍA MAYOR DE BOGOTÁ. **Decreto 3640 del Consejo de Bogotá, de 17 de diciembre de 1954**. Por el cual se organiza el Distrito Especial de Bogotá. Diario Oficial. Bogotá, 21 de enero de 1955.

_____. **Acuerdo 105, de diciembre de 1955**. Por el cual se crea la Empresa de Acueducto y Alcantarillado de Bogotá-EAAB. Bogotá, 1955.

_____. **Agendas locales ambientales**. Localidad 17. La Candelaria. Localidad 3 Santafé. Bogotá, 1994.

_____. **Decreto 619, de 28 de julio de 2000**. Por el cual se adopta el Plan de Ordenamiento Territorial para Santa Fe de Bogotá, Distrito Capital. Registro Distrital 2197. Bogotá, 28 jul. 2000.

_____. **Construcción del espacio público - tres parques de Bogotá: Nacional, El Tunal, Simón Bolívar**. Mapas. Bogotá: Instituto Distrital de Cultura y Turismo, Instituto Distrital para la Recreación y el deporte, 2003. 193 p.

_____. **Decreto Distrital 469, de 23 de diciembre de 2003**. Por el cual se revisa el Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D.C. Registro Distrital 3013. Bogotá, 23 dic. 2003.

_____. **Decreto Distrital 190, 22 de junio de 2004**. Por medio del cual se compilan las disposiciones contenidas en los Decretos Distritales 619 de 2000 y 469 de 2003. Registro Distrital 3122. Bogotá D.C., 22 jun. 2004.

_____. **Panorama Turístico de 12 Localidades**. Bogotá, 2004.

_____. **Decreto 215, de 7 de julio de 2005**. Por el cual se adopta el Plan Maestro de Espacio Público para Bogotá Distrito Capital, y se dictan otras disposiciones. Registro Distrital 3356. Bogotá, 07 jul. 2005.

_____. **Decreto No. 456, de 23 de diciembre de 2008**. Por el cual se reforma el Plan de Gestión Ambiental del Distrito Capital y se dictan otras disposiciones. Bogotá, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 285p.

ALIATA, Fernando; SILVESTRE Graciela. **El paisaje como cifra de armonía**: relaciones entre cultura y naturaleza a través de la mirada paisajística. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001. 205p.

ANGEL SAMPER, Marcela. Red de Alamedas de Bogotá, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 12-32, 2004.

ARANGO, Silvia. **Historia de la arquitectura en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1989. 291p.

ARANTES NETO, Antonio. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Espaço e Poder) 190p.

ARANTES, Otilia. **A cidade de pensamento único**. Desmanchando consensos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. 192p.

BARTALINI, Vladimir. A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. In: **Revista POS-USP**. São Paulo, n. 70, p. 88-97, 2006.

BRUJÉS, Antonio. Bogotá de noche. In: **Revista Estampa**. Bogotá, 31 dic., p. 21-23, 1938.

CAMARGO, Germán. **Estado y perspectivas de los ecosistemas urbanos de Bogotá-Prioridades**. 2008-2011. Bogotá: DAMA, ca. 2006.

CARRASQUILLA, Juan. **Quintas y estancias de Santafé y Bogotá**. Bogotá: Banco Popular, 1989. 227p.

CASAGRANDE DE PAULA, Zuleide. **A cidade e os jardins - Jardim América**, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986). São Paulo: Ed. Unesp, 2008. 266p.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 196 p.

CENTRO DE ESTUDIOS HISTORICOS DE OBRAS PÚBLICAS Y URBANISMO . **La ciudad hispanoamericana – El sueño de un orden**. Madrid : CEHOPU,1989. 302p.

CHIESA, Paulo. A arte de bem viver a paisagem em seu tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o Ensino de Arquitetura no Brasil. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 121-134, 2006.

COMIN V., Heliana; RIBEIRO, Helena (org.). **Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana**. 1a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CONGRESO DE LA REPUBLICA DE COLOMBIA. **Constitución Política de Colombia de 1991**. Bogotá, 6 de julio de 1991.

_____. **Ley 99, 22 de diciembre de 1993**. Por la cual se crea Ministerio del Medio Ambiente, se reordena el Sector Público encargado de la gestión y conservación del medio ambiente y los recursos naturales renovables, se organiza el Sistema Nacional Ambiental, SINA, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial N. 41146. Bogotá, 22 dic. 1993.

CORPORACIÓN LA CANDELARIA; ESCOVAR, Alberto. MARIÑO, Margarita; **histórico de Bogotá 1538-1910**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2004. 565p.

_____; ESCOVAR, Alberto et. al. **Atlas histórico de Bogotá 1910-1948**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2006. 596p.

_____; MEJIA, Germán; CUELLAR, Marcela. **Atlas histórico de Bogotá - Cartografía 1791-2007**. Alcaldía Mayor de Bogotá. Bogotá: PLANETA, 2007.158p.

CORTES, Fernando. **Karl Brunner**: La construcción de la ciudad como espacio público. Bogotá: Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1989. 36p. Catálogo exposición.

CORTES, Marco. **La anexión de los municipios vecinos a Bogotá en 1954**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006. 224p.

COTRIM, Marcio. Inclusión. Espacios de Uso Público: Parque de la Juventud-Carandiru, São Paulo, SP – Brasil. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 208, año 42, p. 34-41, 2007.

CUELLAR SERRANO GOMEZ. Club los Lagartos, Bogotá. In: **Revista PROA**. Bogotá, n. 12, p. 7-16, 1948.

CULLEN, G. **Paisaje urbano**. Traducción: Jose María Aymamí. Madrid: H. Blume, 1978. 200p.

DA SILVA, Maria. Conceitos e Desenho no Planejamento da Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. n. 5, p. 81-90, 1994.

DE OLIVEIRA, Sergio. Paisagismo e as Centralidades Urbanas. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaíos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 20, p. 61-83, 2005.

DEL CASTILLO, Juan Carlos. **Bogotá: el tránsito a la ciudad moderna 1920-1950**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2003. 120p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE MEDIO AMBIENTE – DAMA. **Plan Maestro de Gestión Ambiental para Bogotá D.C. 2001-2009**. Bogotá: DAPD, 2001.

_____. MARTÍNEZ Juber; VILLARRAGA, Edelmira; REY, Luz Stella; RIVEROS, Fredy. **Historia de los Humedales de Bogotá**. Bogotá: DAMA, 2000. 107p.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEACIÓN DISTRITAL - DAPD. **Documento Técnico de Soporte al POT**. Bogotá: DAPD 1999, 462 p.

_____. **Guía para la elaboración del plan de desarrollo municipal**. Bogotá: DAPD, 2001. 13p.

_____. **Documento técnico, Plan Maestro de Espacio Público**. PMEP/DAPD. Bogotá: D.C. DAPD 2004. 219 p.

DOS SANTOS, Emmanuel. Planejamento e paisagem. In: **Revista eletrônica da área paisagem e ambiente**. São Paulo: FAU-USP, set. 2004.

EL PEQUEÑO LAROUSSE ILUSTRADO 2002. Barcelona: Spes Editorial S.L., 2001.

EMPRESA DE ACUEDUCTO Y ALCANTARILLADO DE BOGOTÁ-EAAB - **Experiencia de recuperación integral del sistema hídrico en la ciudad de Bogotá. DC**. Bogotá: 2002

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1538-1937**. Tomo I. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 540p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1938-1985**. Tomo II. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 269p.

_____. RODRIGUEZ, Camilo et. al. **El agua, en la historia de Bogotá, 1985-2003**. Tomo III. Bogotá: VILLEGAS Ed., 2003. 316p.

_____. Alamedas y Parques Lineales: Recuperación Integral del Sistema Hídrico: Zonas de manejo y Preservación Ambiental, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 199, año 40, p. 33-51, 2004.

ESGUERRA, Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI, Giancarlo et. al. Parque Tercer Milenio. In: **Revista Escala**. Bogotá, n. 208, p. 27-33, 2007.

FARIELLO, Francisco. **La Arquitectura de los Jardines: De la Antigüedad al Siglo XX**. Tradução: Jorge Sainz. Madrid, España: Librería Mairera y Celeste Ediciones, 2000. 374p.

FELIPPE, Ana Paula. Análise da paisagem como premissa para a elaboração de plano diretor. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 16, p. 135-161, 2002.

FONADE. **Preinversión**. Plan zonal del centro de Bogotá. Bogotá: Fonade, 1988.

FORERO, Jorge. El proyecto de alcantarillado para Bogotá. In: **Anales de Ingeniería**. Bogotá: vol. II, n. 634, Segundo semestre de 1952.

FORMAN, Richard T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. Cambridge, UK; New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1997.

FRANCO, Maria de Assunção. **Planejamento ambiental**. Para a cidade sustentável. São Paulo: Annablume, Edifurb, 2001. 296p.

_____. **Desenho ambiental**. uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2006. 224p.

FREILE, Juan Rodríguez. **El Carnero**. Bogotá: Ed. Colombia, 1926. 362p.

GOBERNACION DE CUNDINAMARCA. Ordenanza número 7 de 1954, Consejo Administrativo de Cundinamarca. **Por la cual se incorporan seis municipios al municipio de Bogotá**.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suelly Rolnik. 3a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. 56p.

GUHL, Ernesto. **La Sabana de Bogotá sus alrededores y vegetación**. Bogotá: CAR, 1981. 123 p.

GUZMAN, Ángela. **Poblamiento y urbanismo colonial en Santander**. Bogotá: U. Nacional, 1987. 236p.

HERNÁNDEZ, Carlos. **Las ideas modernas del Plan para Bogotá en 1950**. Bogotá: Ed. Alcaldía Mayor de Bogotá – IDCT, 2004. 210p.

HOFER, Andrés. **Karl Brunner y el Urbanismo Europeo en América Latina**. Tradução: Luisa Ungar; Olga Martín. Bogotá: Ed. Ancora, 2003. 235p.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y Ciudad**. Tradução: Susana Rodríguez Alemparte. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, S.A., 1998. 315p.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec Ltda, 1996. 211p.

IBAÑEZ, Pedro M. **Crónicas de Bogotá**. Tomo I. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 475p.

_____. **Crónicas de Bogotá**. Tomo II. Bogotá: Ed. Tercer Mundo, 1989. 498p.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO – IDU - **Proyecto Parque Tercer Milenio Documento Final**. Bogotá: jun. 2001.

_____; Montenegro & Lizarralde. **Plan Maestro Tercer Milenio**. Bogotá: 1998. 219p.

_____; Sociedad Colombiana de Arquitectos. **Concurso de arquitectura en la modalidad de ideas para la elaboración del proyecto arquitectónico y diseño paisajístico del Parque Tercer Milenio**. Santa Fe de Bogotá: 21 sept. 1999. 26p.

_____; Econometría S.A. **Evaluación de impactos socio-económicos y Ambientales del Parque Tercer Milenio**. Bogotá: 1999.

_____; EHM. ESGUERRA Rafael; HERNÁNDEZ, Carlos; MAZANTTI Giancarlo. **Plan de Ordenamiento Urbano Parque Tercer Milenio**. POUPTM. Cuarto informe, Bogotá: 2000. 65p.

INSTITUTO DE ESTUDIOS AMBIENTALES - IDEA. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; GUZMÁN, Jimmy. Universidad Nacional de Colombia. **Cartografía básica de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. MARTÍNEZ Beatriz; DUEÑAS, Nelson; AGUILAR, Pilar. Universidad Nacional de Colombia. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005. Inédito.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 3 Santafé**. Bogotá: jul. 1993. 63p.

_____. **Agenda Ambiental Localidad 14 Los Mártires**. Bogotá: jul. 1993. 66p.

_____. **Fichas básicas: historia ambiental de Bogotá**. Bogotá, Colombia: 2005.

IRIARTE, Alfredo. **Breve historia de Bogotá**. Bogotá: Ed. Oveja Negra, 1988. 263p.

JARDÍN BOTÁNICO. **Arborización urbana: Manual verde**. Especies seleccionadas para la arborización de Santa Fe de Bogotá. Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá, 2000.

KAHTOUNI, Saide. **Cidade das águas**. São Paulo: Ed. RIMA, 2004. 159p.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. 132p.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 159p.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva, 2000. 150p.

LEITE, Maria Angela. A Paisagem, a Natureza e a Natureza das Atitudes do Homem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. IV, p. 45-66, 1992.

_____. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 18, p. 59-703, 2004.

LEMUS, Víctor. **Planificación y control urbanístico en Bogotá: desarrollo histórico y jurídico**. Bogotá: U. del Rosario, . 2006.

LEÓN, Juanita. El Cartucho: De la Opulencia a la Indigencia. In. **El Tiempo**. Bogotá, 28 mar. 1999.
LEÓN, Natalia. Bogotá: de paso por la capital. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 224, 2008.

LONDOÑO, Eduardo. **Los Muiscas**. Una reseña etnohistórica, con base en las primeras descripciones. Museo del Oro. Bogotá: Disponível em: <<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>>. Último acesso em: 25 nov. 2008.

LOPEZ de MESA, Luis. Bogotá contemporánea. In: **Universidad Segunda época**. Bogotá: 2 mar. 1929.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2007. 191p.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la Ciudad**. Tradução: Enrique Luis Revol. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1966. 207p.

_____. **La Administración del paisaje**. Tradução: Rodrigo Cortés. Bogotá: Ed. Norma, 1992. 229p.

MACEDO, Silvio. Paisagismo e Paisagem – Introduzindo Questões. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 5, p. 41-57, 1994.

_____. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAU/QUAPA, 1999. 144p.

_____. Produção da paisagem urbana contemporânea brasileira no final do século 20. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 14, p. 143-170, 2001.

_____. SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2002. 208p.

MAGNOLI, Miranda. Ambiente, espaço, paisagem. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 237-244, 2006.

_____. Em busca de “Outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 141-174, 2006.

_____. Espaço livre-objeto de trabalho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 175-198, 2006.

_____. O jardim na cidade e um fragmento do sonho. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 215-222, 2006.

_____. O Parque no desenho urbano. In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, p. 199-214, 2006.

MALDONADO, María Mercedes. La Estructura Ecológica Principal: del Plan de Ordenamiento al Plan de Desarrollo del Distrito Capital. In: **Foro Nacional Ambiental Fundación Alejandro Ángel Escobar**. FESCOL. Bogotá: ago. 2001. 55p.

MARIANO, Cássia. **Preservação e Paisagismo em São Paulo**: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005. 196p.

MARTINEZ, Beatriz; DUEÑAS, Nelson, et. al. La movilidad y el transporte en la construcción de imagen de ciudad: el sector de San Diego en Bogotá. In: **Revista ARTEFACTO**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, n. 11, p. 6-29, 2006.

MARTÍNEZ, Carlos. **Bogotá sinopsis sobre su evolución urbana**. Bogotá: Ed. Escala, 1976. 165p.

MARTINEZ, Maria Eugenia (ed.). **El centro historico**: objeto de estudio e intervención. Bogotá: Editorial Pontificia Universida Javeriana, 2004. 204p.

MAYORGA, Fernando. La Real Audiencia. Órgano colegiado de justicia en el período hispánico. In: **Revista Credencial Historia**. Bogotá, n. 148, , 2002.

MEJÍA, Germán. **Los años del cambio**. Historia urbana de Bogotá. 1810-1920. Bogotá: Ed. Ceja, 1999. 498p.

MELO, Orlando. La evolución económica de Colombia, 1830-1900. In: **Nueva Historia de Colombia**. Bogotá: Ed. Procultura S. A., tomo II, p. 133-207, 1984.

MILAGROS, María. **Las Ordenanzas de 1573, sus antecedentes y consecuencias**. Madrid: Ed. Universidad Complutense de Madrid, 1985.

MINISTERIO DE OBRAS PÚBLICAS Y TRANSPORTE. Facultad de Artes. Universidad Nacional de Colombia. **Plan Maestro Parque Simón Bolívar**. Dir. Arturo Robledo. Bogotá: ESCALA 1981. p.135

MOLINA, Gonzalo. **Guía de árboles**. Bogotá: DAMA, 1997.

MONCLÚS, Francisco Javier (ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I). La ciudad dispersa. Suburbanización y nuevas periferias**. Barcelona: Edición Centro de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. 223p.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana**. Tradução: Reinald Bernet. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1984. 477p.

MOSCA, Juan. **Bogotá ayer, hoy y mañana**. Bogotá: Ed. Villegas, 1987. 154p.

MURILO, Marx. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. 151p.

NAVAS-ALARCON, Maria Paula. **El banquete de las moscas**: historias de gente como uno atrapada en El Cartucho. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006. 190p.

ONO, Haroyoshi. Recuperação e revitalização do Parque Flamengo. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 15, p. 127-141, 2002.

OSEKI, J.; PELLEGRINO, P. R. Paisagem, sociedade e ambiente. In: **Curso de gestão ambiental**. PHILIPPI JR, Arlindo, et AL (Ed). São Paulo: Coleção Ambiental, 2002, p. 485-523.

_____. ESTEVAM, Adriano. A fluvialidade em rios paulistas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, 2006, p. 77-94.

PATÍÑO, Víctor Manuel. **Historia de la cultura material en la América Equinoccial**. Tomo VII. Vida Erótica y Costumbres Higiénicas. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993. 372p.

PELLEGRINO, Paulo. A paisagem possível. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio**s. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p. 71-78, 1989.

_____.; MACEDO, Silvio. Ética e estética: O destino do Litoral. **Paisagem e Ambiente: Ensaio**s. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 3, p.117-124, 1989.

_____. Pode-se planejar a paisagem? In: _____. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 13, p. 159-179, 2000.

_____. GUEDES, Paula; PIRILLO, Fernanda; FERNANDES, Sávio. A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In: **Rios e paisagens urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, p. 57-76, 2006.

PELLICER, F. El ciclo del agua e a reconversión del paisaje periurbana en las ciudades de la rede C-6. In: MONCLUS, F. (Ed.). **Urbanismo, ciudad, historia (I)**. A ciudad dispersa. Sub-urbanización y nuevas periferias. Barcelona: Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona, 1998. 223p.

PEREIRA, Juan Camilo; PABON, Maria Camila. Concurso de ideas: Parque Tercer Milenio, Bogotá, Colombia. In: **Revista Escala**. Bogotá, Colombia, n. 186-187, p. 65-68, 2000.

PEREZ, Alfonso. **Estructura Ecológica Urbana de la Sabana de Bogotá**. Sociedad Geográfica de Colombia. Academia de Ciencias Geográficas CAR. Bogotá: 2000, 37p. Disponível em: www.sogeocol.edu.co. Acesso em: Modelo de data: 15 mar. 2008.

PERGOLIS, Juan Carlos. **La Plaza: el centro de la Ciudad**. Bogotá: Universidad Católica de Colombia; Universidad Nacional de Colombia; Ed. Stoa Libris Ediciones, 2002. 223p.

PLATA, Eduardo. **Flora de los Andes. Cien especies del Altiplano Cundi-Boyacense**. CAR. Bogotá: Ed. Villegas Ed., 1984. 247p.

PRECIADO, Jair; LEAL, Robert; ALMANZA, Cecilia. **Historia ambiental de Bogotá siglo XXI**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2005. 368p.

RAPOSO MAGALHÃES, Manuela. **A arquitectura paisagista**. Morfologia e complexidade. Lisboa: Ed. Estampa, 2001. 525p.

RECHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Colombia indígena-periodo prehispánico. In: **Manual de historia de Colombia**. Bogotá: Procultura, tomo I, p. 31-115, 1984.

RECLUS, Eliseo. **Geografía de Colombia Bogotá**. Bogotá: Ed. ABC, 1958. 146p.

REPÚBLICA DE COLOMBIA. Decreto 3110, de 22 de octubre de 1954. **Por el cual se crea la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca**. Bogotá, 1954.

_____. Ley 3, de 19 de enero de 1961. **Por la cual surge la Corporación Autónoma Regional de la Sabana de Bogotá y de dos valles de Ubaté y Chiquinquirá, CAR**. Bogotá, 1961.

_____. Ley 23, de 19 de diciembre de 1973. **Por la cual se conceden facultades extraordinarias al presidente de la república para expedir el Código de Recursos Naturales y de Protección al Medio Ambiente y se dictan otras disposiciones**. Bogotá, 1973.

_____. Decreto 2811, de 18 de diciembre de 1974. **Por el cual se Dicta el Código Nacional de Recursos Naturales Renovables y de Protección al Medio Ambiente**. Bogotá, 1974.

_____. Ley 388, de 18 de julio de 1997. **Por la cual se modifica la ley de 9ª de 1989, y la Ley 3ª de 1991 y se dictan otras disposiciones.** Diario Oficial N. 43091. Bogotá, 1997.

_____. Ley 790, de 27 de diciembre de 2002. **Facultades extraordinarias al Presidente de la República.** Bogotá, 2002. Diario Oficial Año CXXXVIII. N. 45.046. Bogotá, 27 dic. 2002

_____. Decreto 2884, 31 de julio de 2007. **Por el cual se modifica la Planta de Personal de la Comisión de Regulación de Agua Potable y Saneamiento Básico, CRA.** Diario Oficial N. 46706. Bogotá, 2007.

RITTER, Herbert. La Avenida Las Américas. In: **Revista PROA.** Bogotá, n. 1, 1946.

RODRÍGUEZ G., Gabriel Felipe. La exposición nacional del IV centenario de Bogotá: El mapa de la modernidad. In: **TEXTOS 12**, publicación de la Maestría e Historia del Arte y la Arquitectura, Escuela Interdisciplinar de Postgrados, Facultad de Artes, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: CIDAR, Facultad de Artes, p. 12-75, 2005.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 120p.

SALDARRIAGA, Alberto. **Bogotá siglo XX.** Urbanismo, arquitectura y vida urbana. Bogotá, Colombia: Departamento Administrativo de Planeación Distrital, 2000. 359p.

_____. Alberto. Percepciones sobre el problema de la vivienda en Colombia en el siglo XX. In: **Vivienda social.** Bogotá: CEJA, 2003.

SALMONA, Rogelio; KOPEC, Luis; DEVALDENEBRO, Francisco. Movilidad Urbana. Eje Ambiental Avenida Jiménez, Colombia. In: **ESCALA.** Bogotá, Colombia, n. 176, año 30, p. 49-52, 1997

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. In: **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAUUSP, n. 20, p. 47-60, 2005.

_____. Miranda Martinelli Magnoli: Contribuição Fundamental para uma teoria e ação do arquiteto na paisagem brasileira. Uma aproximação de seus escritos. In: _____. São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 81-99, 2006.

SANTANA, Ethel; TANGARI, Vera Regina. Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro, Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 384p.

SASSI, Maria Teresa; NASELLI, Cesar A. El paisaje hacia el tercer Milenio. In: **Colección Cuadernos Escala.** Bogotá, Colombia: n. 19, dic. 1991. 39p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público - Jardins no Brasil.** São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1997.

_____. **Prelúdio da metrópole:** arquitetura e urbanismo em São Paulo na Passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 184p.

SERPA, Ângelo. Paisagem em movimento: o parque Andre-Citröen em Paris. **Paisagem e Ambiente: Ensaio.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 19, p. 137-162, 2004.

SILVA, Armando. **Bogotá imaginada**. Bogotá, Colombia: Distribuidora y Editora Aguilar; Altea; Taurus; Alfaguara S.A., 2004. 344p.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Série Espaços de Arte Brasileira). 128 p.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS, SCA; NIÑO, Carlos. **Bases del Concurso Arquitectónico de Ideas**. Bogota: SCA/IDU 21 sept. 1999.

SUARES, Adriana. **La ciudad de los elegidos**. Bogotá: Ed. Guadalupe, 2006. 229p.

TANGARINI, Vera Regina; SCHLEE, Monica Bahia (org). **Águas urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado**. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2007. (Coleção PROARQ). 368p.

TRIANA, Miguel. **La arborización y las aguas**. Bogotá: Ed. El Liberal, ago. 1914.

VAN DER HAMMEN, Thomas. **Plan ambiental de la Cuenca Alta del río Bogotá**: análisis y orientaciones para el ordenamiento territorial. Santafe Bogotá: Ed. CAR, 1998. 142 p

_____. **Estructura Ecológica Regional**. CAR-Gobernación de Cundinamarca – Bogotá: U. Externado de Colombia e SOS, 2000.

_____. **Estructura ecológica principal de Colombia**: primera aproximación. Bogotá: Ministerio de Ambiente, Vivienda y Desarrollo Territorial. Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales, 2003.

VARGAS Heliana Comin; RIBEIRO Helena (org.) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp (2001), 2004. 153p.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Ed. Fapesp, 2001. 373p.

VILLEGAS EDITORES. **Cerros de Bogotá**. Bogotá: Villegas Editores, 2000. 285p.

ZAMBRANO, Fabio. (Ed.) CINEP. **Colombia. País de regiones**. Tomo 2. Colciencias. Bogotá: 1998.

_____.; CARREIRA, Ana; RIVERA, Mauricio. **Historia Urbana de la Localidad de Teusaquillo**. 2007. Inédito.

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://www.banrep.gov.co/museo/esp/boletin/articulos/religim.htm>

http://www.banrep.gov.co/museo/esp/s_muisca02.htm

<http://www.bogotaturismo.gov.co/ciudad/sectores/centro.php#eje>

<http://www.contraloriabogota.gov.co>

[http://www.elnuevodorado.com/Services-\(3\)/Web-development-\(1\).aspx](http://www.elnuevodorado.com/Services-(3)/Web-development-(1).aspx)

<http://www.etimologias.dechile.net/?macadam>

<http://www.fopae.gov.co/portal/page/portal/fopae/inundaciones/general>

<http://www.humboldt.org.co/sina/corporaciones.htm>

<http://www.memo.com.co/fenonino/aprenda/historia/constitucion.html>

http://www.universia.net.co/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=17616

<http://www.wikipedia.com>

DEPOIMENTOS ORAIS (entrevistas não transcritas)

Arquiteta, Verónica Perfetti: consultora Plano *Maestro* Terceiro Milênio.

Arquiteto, Camilo Santamaría: consultor de Plano *Maestro* Parque Terceiro Milênio.

Engenheiro, Álvaro Jiménez: coordenador pelo IDU na construção do projeto.

Arquiteto, José Luis Clavijo: *Residente de obra*.

Arquiteto, Leopoldo Ramirez: *Oficina de Renovación Urbana*.

Seguranza do parque.

Visitantes do parque.

ANEXO

NOTA: La construcción del proyecto *Parque Tercer Milenio* implicó la creación de una compleja estrategia denominada plan de “*Gestión Social del Proyecto*” la cual incluyo varias acciones: la coordinación institucional y el desarrollo de dos actividades fundamentales: el primero, comprendió el proceso de compra y englobe de predios; y el segundo, la asistencia a la población asentada en el área. Además en 1999 fue creada de la Empresa de Renovación Urbana adscrita al Instituto de Desarrollo Urbano – IDU; Empresa que terminaría coordinando todo el proceso de construcción del Parque.